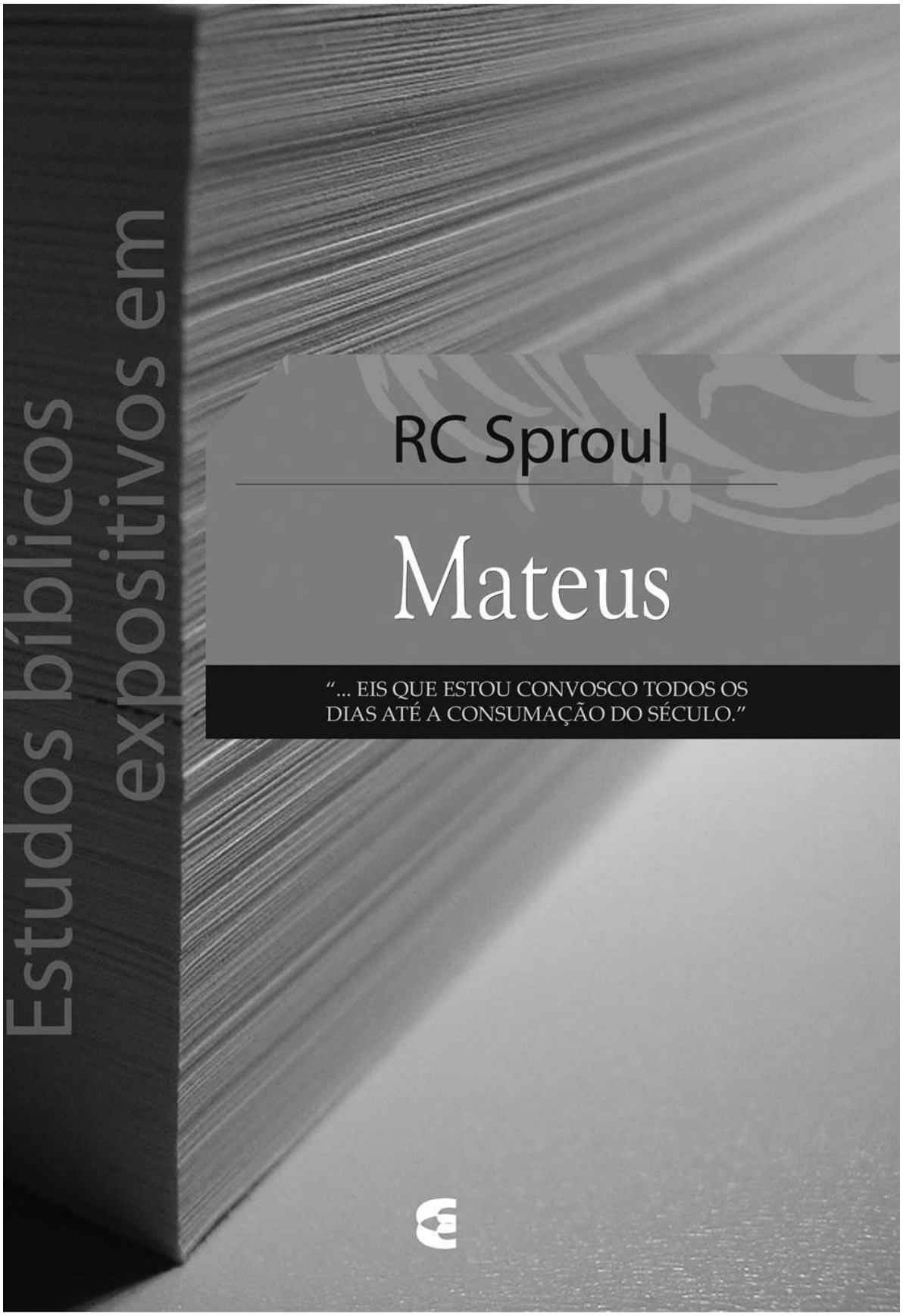
Estudos bíblicos expositivos em

RC Sproul

Mateus

"... EIS QUE ESTOU CONVOSCO TODOS OS DIAS ATÉ A CONSUMAÇÃO DO SÉCULO."


Estudos bíblicos expositivos em
RC Sproul
Mateus
"... EIS QUE ESTOU CONVOSCO TODOS OS DIAS ATÉ A CONSUMAÇÃO DO SÉCULO."

Estudos bíblicos expositivos em Mateus, de RC Sproul © 2017 Editora Cultura Cristã. Título em inglês *Matthew: St Andrew's Expositional Commentary* de RC Sproul. Copyright © 2013 by R.C. Sproul. Publicado por Crossway, ministério de publicações da Good News Publishers – Wheaton, Illinois 60187, USA. Esta edição foi publicada mediante acordo com a Crossway. Todos os direitos são reservados.

Conselho Editorial
Antônio Coine
Carlos Henrique Machado
Cláudio Marra (*Presidente*)
Filipe Fontes
Heber Carlos de Campos Jr.
Marcos André Marques
Misael Batista do Nascimento
Tarcízio José de Freitas Carvalho

Produção Editorial
Tradução
Giuliana Niedhardt Santos
Revisão
Filipe Delage
Sebastiana Gomes de Paula
Mariana Ferreira Toledo
Editoração e e-book
Felipe Marques
Capa
Magno Paganelli

S771e Sproul, RC

Estudos bíblicos expositivos em Mateus / R.C. Sproul ; Traduzido por Giuliana Niedhardt Santos. _ São Paulo: Cultura Cristã, 2017

Recurso eletrônico (ePub)

ISBN 978-85-7622-843-1

Tradução Matthew

1. Estudo bíblico 2. Exposição bíblica 3. Vida cristã I.Título

CDU 2-187

A posição doutrinária da Igreja Presbiteriana do Brasil é expressa em seus "símbolos de fé", que apresentam o modo Reformado e Presbiteriano de compreender a Escritura. São esses símbolos a *Confissão de Fé de Westminster* e seus catecismos, o *Maior* e o *Breve*. Como Editora oficial de uma denominação confessional, cuidamos para que as obras publicadas espelhem sempre essa posição. Existe a possibilidade, porém, de autores, às vezes, mencionarem ou mesmo defenderem aspectos que refletem a sua própria opinião, sem que o fato de sua publicação por esta Editora represente endosso integral, pela denominação e pela Editora, de todos os pontos de vista apresentados. A posição da denominação sobre pontos específicos porventura em debate poderá ser encontrada nos mencionados símbolos de fé.

abdr

EDITORA CULTURA CRISTÃ

Rua Miguel Teles Júnior, 394 – CEP 01540-040 – São Paulo – SP
Fones 0800-0141963 / (11) 3207-7099
www.editoraculturacrista.com.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor: Cláudio Antônio Batista Marra

SUMÁRIO

1. Uma perspectiva judaica de Jesus
2. O nascimento de Jesus
3. A visita dos magos
4. O massacre dos inocentes
5. João Batista
6. O batismo de Jesus
7. A tentação de Jesus, parte 1
8. A tentação de Jesus, parte 2
9. Jesus vai à Galileia
10. Discípulos e ministérios de Jesus
11. As bem-aventuranças, parte 1
12. As bem-aventuranças, parte 2
13. As bem-aventuranças, parte 3
14. As bem-aventuranças, parte 4
15. Sermão do monte
16. Cristo e a lei
17. A palavra de Jesus sobre homicídio
18. A palavra de Jesus sobre adultério
19. Juramentos e votos
20. Amar os inimigos
21. Piedade em secreto
22. Oração sincera
23. A casa de nosso pai
24. Santificado seja o teu nome
25. Venha o teu reino
26. Pão de cada dia
27. Perdoa-nos as nossas dívidas
28. Não nos deixes cair em tentação
29. Teu é o reino
30. Tesouros no céu

31. Não andeis ansiosos
32. Não julgueis
33. Pedi, e dar-se-vos-á
34. A porta estreita
35. “Senhor, Senhor!”
36. Um firme fundamento
37. A purificação do leproso
38. O criado do centurião e a sogra de Pedro
39. O médico que havia de vir
40. O custo do discipulado
41. A bonança do mar
42. Antes do tempo
43. Jesus perdoa o pecado
44. O chamado de Mateus
45. A presença do noivo
46. Duas filhas curadas
47. A compaixão de Jesus
48. Campos prontos para a colheita
49. O comissionamento dos apóstolos
50. O envio dos doze
51. Perseguições
52. Temor de Deus
53. Jesus e as divisões
54. A indagação de João Batista
55. A grandeza de João Batista
56. Ais das cidades
57. O jugo de Cristo
58. O senhor do sábado
59. O servo do senhor
60. Guerra entre os reinos
61. O pecado imperdoável
62. A árvore e seus frutos
63. Pede-se um sinal
64. Quem são meus irmãos?
65. A parábola do semeador, parte 1
66. A parábola do semeador, parte 2

67. A parábola do semeador, parte 3
68. A parábola do joio
69. O grão de mostarda e o fermento
70. Três parábolas
71. A morte de joão batista
72. Alimento para 5.000 pessoas
73. Jesus caminha sobre a água
74. Contaminação interior
75. Uma mulher gentia
76. O fermento dos fariseus
77. A grande confissão
78. A sombra da cruz
79. A transfiguração
80. A vinda de elias
81. Geração incrédula
82. Pagamento de impostos
83. O maior no reino dos céus
84. Lidando com a tentação
85. A parábola da ovelha perdida
86. Disciplina
87. O servo não perdoador
88. Casamento e divórcio
89. Jesus e as crianças
90. O jovem rico
91. Tudo é possível
92. A parábola dos trabalhadores
93. Servir
94. A entrada triunfal
95. A purificação do templo
96. A maldição da figueira
97. A autoridade de Jesus
98. A parábola da vinha
99. A parábola das bodas
100. Dai a césar
101. A ressurreição
102. O primeiro mandamento

103. Filho e senhor de Davi
104. Ais dos fariseus, parte 1
105. Ais dos fariseus, parte 2
106. Ais dos fariseus, parte 3
107. Ais dos fariseus, parte 4
108. A destruição do templo
109. Os sinais do fim
110. A grande tribulação
111. A vinda do filho do homem
112. O dia e a hora
113. Servos fiéis e maus
114. A parábola das virgens prudentes e néscias
115. A parábola dos talentos
116. O juízo de Cristo
117. A unção em Betânia
118. A traição de Judas
119. A ceia do Senhor
120. O jardim do Getsêmani
121. A prisão de Jesus
122. Jesus perante Caifás
123. A negação de Pedro
124. O remorso de judas
125. Jesus perante Pilatos
126. A crucificação
127. A morte e o sepultamento de Jesus
128. A ressurreição
129. A grande comissão

1

UMA PERSPECTIVA JUDAICA DE JESUS

Mateus 1.1-17



Livro da genealogia de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão. Abraão gerou a Isaque; Isaque, a Jacó; Jacó, a Judá e a seus irmãos; Judá gerou de Tamar a Perez e a Zera; Perez gerou a Esrom; Esrom, a Arão; Arão gerou a Aminadabe; Aminadabe, a Naassom; Naassom, a Salmom; Salmom gerou de Raabe a Boaz; este, de Rute, gerou a Obede; e Obede, a Jessé; Jessé gerou ao rei Davi; e o rei Davi, a Salomão, da que fora mulher de Urias; Salomão gerou a Roboão; Roboão, a Abias; Abias, a Asa; Asa gerou a Josafá; Josafá, a Jorão; Jorão, a Uzias; Uzias gerou a Jotão; Jotão, a Acaz; Acaz, a Ezequias; Ezequias gerou a Manassés; Manassés, a Amom; Amom, a Josias; Josias gerou a Jeconias e a seus irmãos, no tempo do exílio na Babilônia. Depois do exílio na Babilônia, Jeconias gerou a Salatiel; e Salatiel, a Zorobabel; Zorobabel gerou a Abiúde; Abiúde, a Eliaquim; Eliaquim, a Azor; Azor gerou a Sadoque; Sadoque, a Aquim; Aquim, a Eliúde; Eliúde gerou a Eleazar; Eleazar, a Matã; Matã, a Jacó. E Jacó gerou a José, marido de Maria, da qual nasceu Jesus, que se chama o Cristo. De sorte que todas as gerações, desde Abraão até Davi, são catorze; desde Davi até ao exílio na Babilônia, catorze; e desde o exílio na Babilônia até Cristo, catorze.

Não sabemos ao certo quem escreveu o Evangelho de Mateus, mas, de acordo com o testemunho universal da Igreja primitiva, ele foi redigido por Mateus, um dos doze discípulos. Mateus foi chamado quando trabalhava como coletor de impostos, uma das profissões mais desprezadas que um judeu poderia ter. Contudo, por causa de sua experiência na função, ele estava familiarizado com listas e

genealogias do registro público, as quais utilizava para conhecer o histórico familiar das pessoas tributadas. Ele também era, sem dúvidas, culto e provavelmente falava duas ou três línguas. Portanto, o trabalho como coletor de impostos – sob a providência de Deus – foi uma preparação do Senhor para o início da tarefa mais célebre e importante de Mateus. Este livro tem sido considerado, até mesmo por críticos do cristianismo histórico, como o melhor livro já escrito.

A genealogia

Mateus começa seu Evangelho com estas palavras: **Livro da genealogia de Jesus Cristo** (v. 1). Aqui vemos um judeu escrevendo principalmente para judeus, e a primeira afirmação é que ele está falando a respeito de Jesus, o Messias. *Cristo* não é o nome de Jesus. Seu nome é Jesus bar José ou Jesus de Nazaré. O termo *Cristo* é um título que significa "Jesus, o Ungido" ou "Jesus, o Messias prometido". Mateus menciona outro título importante que repercutiria entre os leitores judeus: **filho de Davi** (v. 1). Este título de Jesus – filho de Davi – é empregado mais por Mateus do que por qualquer outro evangelista, pois o Messias viria dos lombos do maior rei do Antigo Testamento: seria fruto da semente e da linhagem de Davi. Assim, já desde o início de seu Evangelho, Mateus chama Jesus de "Cristo, filho de Davi".

Em seguida, o evangelista acrescenta o título **filho de Abraão** (v. 1). Uma das grandes dificuldades de harmonização na Escritura é a relação entre a genealogia apresentada por Mateus e a genealogia apresentada por Lucas em seu Evangelho. Há muitos pontos em que estas duas genealogias não estão de acordo. A primeira diferença é que Lucas traça a genealogia de Cristo até Adão, indicando que aquele Cristo não é simplesmente o Salvador dos judeus, mas que o âmbito da atividade redentora de Jesus é universal. Ele é o novo Adão, que recupera a promessa divina feita originalmente a Adão e Eva no jardim. Mateus,

por outro lado, apresenta a genealogia apenas até Abraão, pois está escrevendo a leitores judeus, a indivíduos que gostariam de conhecer tanto a ascendência de Jesus quanto a do próprio Mateus. É importante que a ascendência de Cristo possa ser traçada até Abraão.

A linhagem era tão importante para os judeus quanto para pessoas de todas as culturas ao longo da história. Provavelmente, a cultura que menos valoriza as próprias origens é a nossa, sendo este o motivo por que muitas vezes não conseguimos compreender a importância de listas como essas.

Quando me matriculei na Universidade Livre de Amsterdã, tive de preencher um formulário com informações pessoais. Uma das perguntas era: "Qual posição social seu pai ocupa?" A universidade queria conhecer minha situação cultural na classe. Isto também era importante para o povo judeu, e é por este motivo que Mateus começa seu texto fornecendo a ascendência de Jesus. Além disso, a linhagem era importante para demonstrar que o Evangelho de Mateus não dizia respeito a um personagem mítico ou a um herói. Para os judeus, a linhagem testificava uma realidade histórica.

Há vários anos, uma amiga minha, missionária do grupo Wycliffe Bible Translators, ministrou entre um povo que nunca tinha ouvido o evangelho na própria língua. As pessoas não sabiam ler nem escrever, e, portanto, toda a comunicação era oral. A primeira tarefa da missionária foi aprender a língua da tribo. Em seguida, ela teve de transformar a linguagem oral em forma escrita e ensinar as pessoas a ler e escrever. Foi uma tarefa complicada que durou muitos anos. Só depois de tudo isso é que ela pôde dar início à incumbência de traduzir a Bíblia para aquela língua. Ela começou pelo Evangelho de Mateus e, para agilizar o projeto, pulou a genealogia e foi direto ao miolo da história de Cristo. Então, a missionária enviou seu trabalho de tradução para ser impresso por uma editora em uma cidade distante. Ela esperou meses até que os primeiros

exemplares de Mateus chegassem ao complexo, e, quando os caminhões trouxeram as Bíblias – no caso, os volumes com o Evangelho de Mateus – as pessoas ficaram muito mais interessadas nos caminhões do que na tradução. Após dez anos de dedicação ao projeto, a missionária ficou desolada ao ver que ninguém havia se importado. Mesmo assim, perseverou em sua missão: na segunda edição de Mateus, ela incluiu a genealogia. Quando esta nova tiragem chegou, a missionária explicou a genealogia ao líder da tribo, e ele indagou:

— Você está me dizendo que este Jesus sobre o qual tem nos falado durante dez anos foi uma pessoa de verdade?

Ela respondeu:

— Sim, claro.

Ele, então, admitiu:

— Eu achei que você estivesse apenas nos contando a história de um personagem fictício!

Quando compreendeu que aquele Cristo era real no tempo e no espaço, o líder teve um encontro com Jesus, e, logo em seguida, toda a tribo também.

Há três partes na genealogia, e Mateus divide estas três partes em três grupos com 14 nomes cada. O significado disto tem intrigado os estudiosos do Novo Testamento. A língua hebraica utiliza uma *gematria*, espécie de simbolismo numerológico. Encontramos um exemplo disso no livro de Apocalipse, onde está escrito que o número da besta é 666 (Ap 13.18). Este número pode ser aplicado a pessoas reais para identificar a besta. Se observarmos o mesmo tipo de estrutura na relação genealógica, veremos que o número 14 é o número de Davi. Davi é o personagem central da linhagem, e Mateus esforça-se ao máximo para mostrar que Jesus é da linha de Davi e que veio para restaurar o tabernáculo caído do grande rei do Antigo Testamento.

Outra diferença entre a genealogia de Mateus e a genealogia de Lucas é que Mateus apresenta o pai de José como Jacó, e, no Evangelho de Lucas, ele é listado como Eli. No entanto, Lucas não usa o termo *gerou*; ele usa simplesmente a palavra *de* [ARC] alguém. Se analisarmos as genealogias em sua totalidade, veremos que as duas listas são seletivas, e que Mateus e Lucas não selecionam as mesmas pessoas. A diferença mais notável é que, em Mateus, a lista segue de Davi até Salomão; em Lucas, ela segue de Davi até Natã. Salomão e Natã eram ambos os filhos de Davi, e, na verdade, o filho mais velho era Natã, não Salomão. Não obstante, a realeza passou de Davi para Salomão, em vez de Natã. Isto nos dá uma pista do motivo pelo qual estas genealogias são diferentes.

Os estudiosos tendem a concordar que a genealogia de Mateus é a linhagem real dos reis de Davi. Quando Mateus chega aos filhos de Jacó, ele não lista o primogênito, Rúben, mas Judá. À tribo de Judá foi dado o reino: "O cetro não se arredará de Judá [...] até que venha Siló" (Gn 49.10). Na genealogia de Mateus, os herdeiros ao trono de Davi terminam com o pai de José, cujo nome é Jacó. No Evangelho de Lucas, a genealogia não passa pelas linhagens reais, mas segue a partir do do filho de Natã.

As genealogias diferem depois de Davi, e não sabemos o motivo. Ao longo da história da igreja, uma sugestão frequente é a de que Mateus nos dá a genealogia de José e que Lucas nos dá a genealogia de Maria. Esta sugestão é muito controversa, mas estou inclinado a considerá-la a solução correta. Temos todos os motivos para acreditar que Maria também era descendente de Davi; e Jesus, naturalmente, não recebeu a natureza humana de José, mas de Maria. Todavia, na sociedade judaica, a paternidade de José – embora ele tenha sido apenas padrasto de Jesus, por assim dizer – é importante para as considerações genealógicas legais.

Então, por que Lucas nos diz que José era de Eli [ARC], ao passo que Mateus nos diz que Jacó gerou José? É evidente que José não tinha dois

pais. Acredito que Mateus esteja nos informando os descendentes físicos de Jacó a José. No Evangelho de Lucas, José não é chamado "filho de Eli", mas "de Eli" [ARC]. Em outras palavras, José é "de Eli" no sentido de que era genro de Eli. É notável, na genealogia de Lucas, a ausência de qualquer referência ao rei Jeconias, mencionado duas vezes na lista de Mateus. Jeconias recebeu a maldição divina, a qual impediu sua descendência de subir ao trono de Davi. Isto significa que, se Lucas tivesse traçado a genealogia de Jesus por meio de José, ele não poderia ter sido rei; mas, uma vez que Jeconias não aparece na lista de Lucas, a probabilidade é que sua genealogia tenha seguido a linha de Maria.

Há algo significativo nas genealogias: a referência a quatro mulheres. Embora não fosse regra, a inclusão de mulheres nas genealogias judaicas também não era algo inédito. Das quatro mulheres mencionadas, nenhuma era judia. Talvez a mais importante seja a moabita Rute, avó de Davi. Vemos aqui a promessa feita a Abraão, que, por meio de sua semente, todas as nações do mundo seriam abençoadas, incluindo gentios como Raabe e Rute.

No estudo de Martinho Lutero sobre as genealogias, ele vê Jesus, por um lado, como filho de Davi que restaura o reino de Israel e, por outro lado, como filho de Abraão que traz o reino de Deus ao mundo inteiro. Tudo isto nos é indicado pelo que parece ser, a princípio, nada mais do que uma lista de nomes.

2

O NASCIMENTO DE JESUS

Mateus 1.18-25



Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: estando Maria, sua mãe, desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo. Mas José, seu esposo, sendo justo e não a querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente. Enquanto ponderava nestas coisas, eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi, não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles. Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco). Despertado José do sono, fez como lhe ordenara o anjo do Senhor e recebeu sua mulher. Contudo, não a conheceu, enquanto ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus.

Quando celebramos o nascimento de Jesus no Natal, nossa atenção é quase sempre voltada para o relato de Lucas, pois ele nos fornece muitas informações. Tal narração nos fala sobre o anúncio do anjo Gabriel à camponesa Maria. Além disso, inclui a história dos pastores e os hinos entoados por Zacarias e outros naquela época. A versão de Mateus é muito mais resumida.

Percebemos, no início, que Mateus faz seu relato do ponto de vista de José, ao passo que Lucas o faz do ponto de vista de Maria. Lucas assegura-nos de que aquilo que escreveu em seu Evangelho foi bem analisado junto a testemunhas oculares, e a tradição alega que ele recebeu grande parte das informações da própria Maria. Evidentemente,

quando Mateus redigiu seu Evangelho, ele não teve oportunidade de inquirir José.

Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim (v. 18). Esta afirmação inicial é rica em conteúdo, por mais breve que seja. A palavra usada aqui para o nascimento de Jesus é *gennēsis*. Nossa palavra *gênese* vem do grego *ginomai*, que significa "ser, tornar-se ou acontecer". Mateus está afirmando que foi assim que Jesus veio a ser, o que, conforme observamos no capítulo anterior, coloca seu nascimento no âmbito da história, e não da mitologia.

O noivado de Maria e José

[...] estando Maria, sua mãe, desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo (v. 18). Isto aconteceu depois do noivado e antes do casamento. Em nossa sociedade, o noivado é considerado um compromisso entre duas pessoas que pretendem se casar em determinada data, mas há inúmeros casos em que os laços são rompidos e o casamento nunca se concretiza. Para os judeus da época de Jesus, entretanto, o noivado era algo muito mais sério. Tratava-se de uma promessa inviolável, geralmente feita um ano antes das bodas, com peso quase igual ao do casamento propriamente dito. Os dois eventos eram tão próximos, que, para romper um noivado, era necessário praticamente um pedido de divórcio.

Após o noivado, a noiva permanecia sob o teto dos pais. Ela não se mudava para a casa do futuro marido até o dia do casamento. Portanto, era grave quando se descobria a gravidez de uma moça noiva; as implicações disto eram imensas na sociedade judaica e poderiam, com efeito, resultar na execução da mulher que violara o noivado desta forma. Contudo, é-nos dito aqui em Mateus que, antes de Maria coabitar com José, "achou-se grávida pelo Espírito Santo". O pai da criança no ventre de Maria não era um amante ilícito, tampouco José; a paternidade

fora concretizada pela atividade sobrenatural do Espírito Santo. No Credo Apostólico, recitamos: "Jesus Cristo [...] foi concebido pelo Espírito Santo, nasceu da virgem Maria [...]." Esses dois aspectos milagrosos, sua concepção e seu nascimento, eram parte integrante da fé da Igreja cristã nos primeiros séculos. A concepção de Jesus foi extraordinária – não natural, mas sobrenatural – e realizada pela obra divina do Espírito, cujo resultado foi um bebê nascido de uma virgem.

Muito provavelmente, nenhuma afirmação do cristianismo bíblico sofreu mais ataque por parte do liberalismo do século 19 do que o nascimento virginal. Por algum motivo, este fato recebeu mais atenção do que a ressurreição. Uma vez que o relato é claramente sobrenatural, ele se tornou um obstáculo para aqueles que tentam reduzir a essência da fé cristã àquilo que pode ser alcançado pela humanidade natural.

Quando a gravidez de Maria foi descoberta, José, um homem justo – e que também era manso e atentou cuidadosamente para a observância da lei de Deus – **não a querendo infamar, resolveu deixá-la secretamente** (v. 19). Ele não queria que a ira do tribunal caísse sobre sua noiva, e decidiu lidar com a situação em espírito de compaixão. Depois de pensar intensa e cuidadosamente a respeito, José decidiu separar-se dela ou abandoná-la de forma privada, a fim de poupá-la de uma humilhação pública completa.

Enquanto ponderava nestas coisas, eis que lhe apareceu, em sonho, um anjo do Senhor, dizendo: José, filho de Davi (v. 20). O Novo Testamento dá tanta importância ao fato de que Jesus é filho de Davi, que é quase espantoso ver José recebendo o mesmo título. No entanto, isso também é importante para a linhagem de Jesus. Para que ele fosse filho de Davi na ordem judaica, seu pai também devia ser legalmente filho de Davi. É por isso que o anjo conferiu tal título honorífico a José quando se dirigiu a ele, dizendo: **não temas receber Maria, tua mulher, porque o que nela foi gerado é do Espírito Santo** (v. 20). Esta é a segunda vez, na breve

narrativa, que a concepção de Cristo no ventre de Maria é atribuída à obra do Espírito Santo.

Na versão de Lucas, quando o anjo Gabriel contou a Maria que ela havia concebido e teria um filho, a jovem ficou estupefata e perguntou: "Como será isto, pois não tenho relação com homem algum?" (Lc 1.34). O anjo respondeu: "para Deus não haverá impossíveis" (v. 37).

Em seguida, Gabriel explicou a Maria como seria o nascimento. O Espírito Santo a envolveria com sua sombra, e a criança nasceria como resultado desta obra sobrenatural. Lucas utiliza a mesma linguagem empregada no início da criação: "No princípio, criou Deus os céus e a terra. A terra, porém, estava sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas" (Gn 1.1-2). Neste mesmo relato, é-nos dito que o Espírito Santo desceu e pairou sobre as águas, e Deus disse: "Haja luz" (v. 3). No ato da criação, o Espírito se movia sobre a face do abismo, e, da inexistência daquela escuridão, Deus trouxe à existência toda a criação pelo poder do seu Espírito.

Na perspectiva bíblica, a gênese da vida deu-se, em primeiro lugar, pelo poder do Espírito da vida, o Espírito de Deus. Gabriel estava declarando a Maria o mesmo poder com o qual o universo fora feito; o mesmo poder que havia criado vida em meio à escuridão era o poder que envolveria seu ventre com sombra e geraria um filho. Deus não precisa de um pai humano para que isso aconteça.

A autoridade do nome

Ela dará à luz um filho e lhe porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos pecados deles (v. 21). Era um privilégio para os judeus escolher o nome dos filhos. A primeira incumbência atribuída à humanidade no jardim foi o trabalho científico da taxonomia, ou seja, a tarefa de dar nome aos animais – e, no ato de nomear, é o superior que

dá nome ao subordinado. Deus concedeu a Adão e Eva a responsabilidade e a autoridade de nomear todos os seres do reino animal. No Antigo Testamento, entretanto, quando uma criança nascia para propósitos históricos e redentores específicos, Deus tirava esse privilégio dos pais e nomeava a criança pessoalmente, indicando que ela lhe pertencia.

Foi isso o que aconteceu com Zacarias no nascimento de João Batista. Deus lhe disse qual seria o nome do filho (Lc 1.13). A mesma coisa acontece aqui em Mateus. O Senhor está dizendo a José: "Você não escolherá o nome deste menino. Em vez disso, colocará nele o nome que eu mandar, porque, em última análise, ele é meu filho. Você o chamará Jesus." A etimologia por trás desse nome é "Jeová salva". O menino deveria se chamar Jesus, "porque ele salvará o seu povo dos pecados deles".

A ideia geral de salvação na Bíblia diz respeito ao resgate de uma ameaça causada por alguma destruição ou catástrofe, e o sentido mais elevado e último de salvação é o resgate da pior catástrofe de todas. A pior calamidade que poderia sobrevir aos seres humanos é o juízo de Deus em decorrência do pecado. Esta é a calamidade que aguarda todo aquele que não correu para os braços de Cristo em busca da salvação. O bebê, entretanto, é chamado de "Jesus" porque é um salvador, e salvará seu povo das consequências do pecado.

O nascimento virginal

Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de Emanuel (que quer dizer: Deus conosco) (v. 22-23). Este versículo, em que Mateus cita Isaías, foi intensamente debatido pelos críticos do século 19. Na língua hebraica, há duas palavras que podem ser usadas para descrever uma virgem.

A palavra mais precisa e técnica não é a que Isaías escolheu. Em vez disso, o profeta escolheu a outra palavra, que pode ser traduzida como "jovem mulher" ou, mais apropriadamente, "donzela" – termo que presume a virgindade, mas não requer esta condição. Os críticos apontam para este fato e afirmam que Isaías não falava de uma virgem, mas apenas profetizava que uma mulher jovem, uma donzela, conceberia. Assim sendo, alegam os críticos, a Bíblia não prega o nascimento virginal. A isto chamamos exegese do desespero, pois basta uma rápida olhada no contexto para que não restem dúvidas do seguinte fato: Mateus ensina que Jesus nasceu do ventre de uma mulher que nunca havia estado com um homem – uma virgem.

Isaías disse: "[...] eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e lhe chamará Emanuel" (Is 7.14). Aqui em Mateus, entretanto, o anjo diz que seu nome será "Jesus". Esses nomes não são os mesmos e tampouco querem dizer a mesma coisa. Isaías não nos explica por que ele seria chamado "Emanuel". O termo *Emanuel* descreve o que Cristo faz. Descreve o ato da encarnação. Ele será chamado Emanuel porque será a presença encarnada de Deus conosco, mas seu nome próprio hebraico será Jesus, porque "salvará o seu povo dos pecados deles".

Despertado José do sono, fez como lhe ordenara o anjo do Senhor e recebeu sua mulher. Contudo, não a conheceu, enquanto ela não deu à luz um filho, a quem pôs o nome de Jesus (v. 24-25). Isto reflete não só a obediência e a submissão de José diante de tudo o que o anjo lhe havia ordenado, como também o fato de que ele aceitava completamente Jesus como filho e satisfazia os requisitos legais da genealogia que examinamos no capítulo anterior. José fez isso muito embora o nome da criança não tivesse sido escolhido por ele, mas pelo anjo. No sentido máximo, Jesus recebeu seu nome de Deus, que é o pai supremo. No sentido imediato, Jesus recebeu seu nome de José, a quem foi concedido o indizível privilégio de ser pai terreno do Senhor Jesus Cristo.

3

A VISITA DOS MAGOS

Mateus 2.1-12



Tendo Jesus nascido em Belém da Judeia, em dias do rei Herodes, eis que vieram uns magos do Oriente a Jerusalém. E perguntavam: Onde está o recém-nascido Rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo. Tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes, e, com ele, toda a Jerusalém; então, convocando todos os principais sacerdotes e escribas do povo, indagava deles onde o Cristo deveria nascer. Em Belém da Judeia, responderam eles, porque assim está escrito por intermédio do profeta: E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as principais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar a meu povo, Israel. Com isto, Herodes, tendo chamado secretamente os magos, inquiriu deles com precisão quanto ao tempo em que a estrela aparecera. E, enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide informar-vos cuidadosamente a respeito do menino; e, quando o tiverdes encontrado, avisai-me, para eu também ir adorá-lo. Depois de ouvirem o rei, partiram; e eis que a estrela que viram no Oriente os precedia, até que, chegando, parou sobre onde estava o menino. E, vendo eles a estrela, alegraram-se com grande e intenso júbilo. Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra. Sendo por divina advertência prevenidos em sonho para não voltarem à presença de Herodes, regressaram por outro caminho a sua terra.

A canção "Três reis do oriente" tem sido entoada ao longo da história da igreja, mas a única precisão histórica do hino é que os homens que foram a Jesus eram provenientes do leste, ou oriente. Nada nas Escrituras nos ensina que eles eram reis ou que estavam em três. Essas pressuposições foram feitas principalmente com base no fato de que três presentes foram oferecidos a Jesus, e estes

presentes indicavam grande riqueza, geralmente encontrada apenas entre a realeza naquela época. A maior parte do hino é baseada em especulações e suposições; contudo, deduções desenfreadas já levaram muitos à ruína. Quando especulamos, é preciso ressaltar que as inferências são apenas hipotéticas.

As pessoas que foram visitar Jesus com tesouros generosos são identificadas por Mateus como *magos*, que é a origem da palavra *mágica*. O título era normalmente reservado àqueles que consultavam as estrelas para conhecer o futuro, uma prática comum nos tempos antigos. Em certo sentido, eles eram identificados como mágicos; não necessariamente praticantes de magia negra, mas conselheiros da sorte que provavelmente serviam aos reis.

Eles chegaram quando havia **Jesus nascido em Belém da Judeia, em dias do rei Herodes** (v. 1). Sabemos que Herodes morreu em 4 a.C., e os historiadores estimam que Jesus nasceu no ano 6 ou 7 a.C.. Além disso, pressupomos que a visita dos magos aconteceu algum tempo depois do nascimento de Jesus. A maioria das ilustrações retrata os magos e os pastores reunidos em torno do menino Jesus deitado em uma manjedoura, mas o texto bíblico nos diz que, quando os magos chegaram, Maria, José e o bebê estavam em uma casa.

A viagem do oriente teria levado algum tempo. Assim sendo, os magos provavelmente chegaram um ano ou dois após o nascimento de Jesus. A razão para considerar dois anos como o intervalo máximo é porque Herodes ordenaria o extermínio de todos os meninos com até dois anos de idade (v. 16).

A estrela

Os magos não foram diretamente para Belém, mas para Jerusalém, e chegaram ali com uma dúvida: **Onde está o recém-nascido Rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela no Oriente e viemos para adorá-lo** (v. 2). Talvez

nenhum outro texto tenha recebido mais especulações do que a descrição da estrela que guiou esses homens do oriente. Alguns estudiosos indicam que foi provavelmente a cauda de um cometa que orientou a jornada daquelas pessoas. Johannes Kepler, por exemplo, alega que houve uma rara conjunção de dois planetas na constelação de Peixes no ano 7 a.C., a qual teria liberado um grande brilho. Outros afirmam que aqueles homens, talvez astrólogos, detectaram o aparecimento de algumas estrelas em seu mapa astral as quais anunciavam o nascimento de um grande rei. A outra possibilidade é que a estrela que conduziu os homens a Jerusalém e, em seguida, a Belém, foi uma criação específica de Deus para aquele evento específico – algo como a nuvem de glória que guiou o povo de Israel durante a peregrinação pelo deserto.

Se eu tivesse de escolher entre uma dessas opções, escolheria a última. Acredito que seria muito difícil acompanhar a cauda de um cometa ou mesmo o brilho desordenado de uma conjunção de dois planetas até Jerusalém e, depois, até Belém. Desconfio que isto seja um relato de mais uma obra milagrosa de Deus para guiar homens a determinado local.

Ignoramos como os magos sabiam que estavam à procura do Rei dos judeus; Mateus não nos dá essa informação. No entanto, o evangelista nos diz que eles tinham visto a estrela no oriente e foram adorá-lo, isto é, reverenciá-lo. A implicação aqui é que os homens foram até lá não apenas para homenagear um rei, mas para adorar uma divindade.

Dilema de Herodes

Tendo ouvido isso, alarmou-se o rei Herodes, e, com ele, toda a Jerusalém (v. 3). Herodes ficou alarmado porque o nascimento de um rei profetizado representava uma ameaça clara e presente à sua posição. Naturalmente, se ele soubesse a hora da própria morte, não teria se preocupado com a possibilidade de aquela criança crescer e substituí-lo. Não somente Herodes estava alarmado, como também toda a cidade de

Jerusalém. Nossa inclinação é pensar que Jerusalém se encheria de entusiasmo, e não de preocupação, com a notícia de que o Rei dos judeus havia nascido. Talvez a chegada de uma comitiva (fosse ela composta por três ou trezentos homens) levando presentes tenha simplesmente causado grande agitação na cidade.

Herodes, **então, convocando todos os principais sacerdotes e escribas do povo, indagava deles onde o Cristo deveria nascer** (v. 4). Eles responderam ao rei conforme o conhecimento que tinham do Antigo Testamento, dizendo: **Em Belém da Judeia, responderam eles, porque assim está escrito por intermédio do profeta: E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a menor entre as principais de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar a meu povo, Israel** (v. 5-6). Aqueles homens relataram a Herodes que o profeta Miqueias havia predito a cidade exata em que o Messias haveria de nascer, a saber, Belém. Vemos, na profecia de Miqueias, a ligação incomum entre os cargos de rei e pastor e, novamente, o vínculo com Davi no Antigo Testamento, o qual havia sido o grande rei pastor. Assim, Jesus vem não apenas como Rei para seu povo, mas também – conforme ele mesmo havia descrito – como o bom pastor que apascenta e cuida de suas ovelhas (Jo 10.11).

Com isto, Herodes, tendo chamado secretamente os magos, inquiriu deles com precisão quanto ao tempo em que a estrela aparecera. E, enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide informar-vos cuidadosamente a respeito do menino; e, quando o tiverdes encontrado, avisai-me, para eu também ir adorá-lo (v. 7-8). Esta traição mostra como o coração humano é mau. Herodes disse que queria ir adorar o Menino Rei, mas, na verdade, desejava matá-lo.

O menino adorado

Depois de ouvirem o rei, partiram; e eis que a estrela que viram no Oriente os precedia, até que, chegando, parou sobre onde estava o menino.

E, vendo eles a estrela, alegraram-se com grande e intenso júbilo. Entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Prostrando-se, o adoraram (v. 9-11). A jornada desde o oriente fora longa e perigosa. Muito provavelmente, os magos haviam partido da Pérsia antiga, que agora é o Irã, ou da parte da Babilônia que talvez corresponda ao Iraque. Em qualquer um dos casos, foi uma viagem significativa. Quando a estrela-guia levou-os até Maria, José e o Menino, eles estavam repletos de alegria e logo passaram a adorá-lo. Podemos apenas imaginar o que se passou na mente de Maria e José quando a comitiva chegou com tesouros e ajoelhou-se para adorar seu Filho.

[...] e, abrindo os seus tesouros, entregaram-lhe suas ofertas: ouro, incenso e mirra (v. 11). Os estudiosos da Bíblia enxergam certo simbolismo nos presentes oferecidos. O primeiro presente foi ouro, que era única opção adequada para presentear um rei no mundo antigo. O ouro era o metal da realeza, e o fato de ele ter sido espalhado em abundância aos pés dos pais de Jesus, e do próprio Jesus, é mais um indício de que os homens o estavam reverenciando como rei.

A razão de o incenso ter sido escolhido como segundo presente é mais difícil de identificar. No mundo antigo, o incenso era usado principalmente pelos sacerdotes no culto. O altar do incenso era um elemento central na adoração judaica celebrada no tabernáculo e, depois, no templo, e era administrado pelos sacerdotes. Ele simbolizava o aroma e a fragrância suave das orações do povo de Deus. Mateus, em seu Evangelho, dá bastante destaque ao fato de Jesus ser tanto rei quanto sacerdote.

O terceiro presente, a mirra, é o mais inusitado dos três. O principal emprego da mirra entre os povos antigos era a unção dos mortos durante o sepultamento. Quando Jesus morreu e foi colocado no sepulcro, as mulheres levaram, cedo de manhã, especiarias preciosas para ungir o corpo, sendo a mirra o que teria sido usado na ocasião.

Muitos especulam que, considerados no conjunto, havia: um presente para um rei, um presente para um sacerdote e um presente para simbolizar a morte. Isso não deveria nos surpreender, uma vez que Maria e José receberam o seguinte anúncio quando levaram o Menino ao templo: "Eis que este menino está destinado tanto para ruína como para levantamento de muitos em Israel e para ser alvo de contradição (também uma espada traspassará a tua própria alma), para que se manifestem os pensamentos de muitos corações" (Lc 2.34-35).

Invista no Reino de Deus

Ouvi a respeito de um sermão pregado por Billy Graham em 1957 sobre o dízimo. Na pregação, ele fazia referência à ordem de Paulo: "Aquele que furtava não furte mais" (Ef 4.28). Podemos fazer uma aplicação semelhante desse texto ao Evangelho de Mateus. Se você não for dizimista, está roubando de Deus. Os magos levaram presentes generosos a Cristo porque acreditavam que ele era digno de sacrifício e honra.

É difícil separar as pessoas de seu dinheiro. Fui dizimista por toda a minha vida cristã, mesmo quando era difícil sê-lo, e não me arrependo em nada. Meu dízimo sai do salário bruto; ou seja, e eu pago a Deus antes de pagar o governo. Além disso, tenho praticado, há muitos anos, o princípio da gratificação adiada: procuro aplicar a mesma quantia que dei de dízimo em investimentos, o que resulta em 20% a menos de tudo o que recebo. Sob a providência de Deus, fui abençoado com investimentos lucrativos, mas também fiz algumas escolhas ruins. Quando optamos por um investimento, não sabemos o que acontecerá. Conforme os especialistas financeiros dizem, mesmo no meio de um mercado de touros, existe um urso solto na floresta buscando alguém para devorar. O maior investimento que se pode fazer é no reino de Deus, e não há mercado de ursos no céu. Cada investimento feito no reino de Deus é multiplicado por 30, 60 ou 100.

Eu não incentivo as pessoas a dizimar para que enriqueçam; tampouco porque é uma obrigação. Eu as incentivo a dizimar pela alegria que isso traz. O dízimo traz alegria porque o Senhor ama quem dá com alegria. Deus não se agrada quando seguramos nosso dinheiro com força, relutando em entregá-lo. Considere os magos: eles viajaram uma grande distância e derramaram sua riqueza para honrar Jesus. Alguém me disse certa vez que, para descobrirmos quão profunda nossa vida espiritual realmente é, basta olharmos para nosso talão de cheques. Ele revela, com mais objetividade do que qualquer outra coisa, onde nosso coração está. Os magos ofereceram os presentes sem saber da cruz ou da ressurreição. Nós sabemos o que Jesus fez, e a aplicação é clara, embora custosa: dê seu melhor para o Mestre e nunca roube de Deus.

O MASSACRE DOS INOCENTES

Mateus 2.13-23



> Tendo eles partido, eis que apareceu um anjo do Senhor a José, em sonho, e disse: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito e permanece lá até que eu te avise; porque Herodes há de procurar o menino para o matar. Dispondo-se ele, tomou de noite o menino e sua mãe e partiu para o Egito; e lá ficou até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor, por intermédio do profeta: Do Egito chamei o meu Filho. Vendo-se iludido pelos magos, enfureceu-se Herodes grandemente e mandou matar todos os meninos de Belém e de todos os seus arredores, de dois anos para baixo, conforme o tempo do qual com precisão se informara dos magos. Então, se cumpriu o que fora dito por intermédio do profeta Jeremias: Ouviu-se um clamor em Ramá, pranto, [choro] e grande lamento; era Raquel chorando por seus filhos e inconsolável porque não mais existem. Tendo Herodes morrido, eis que um anjo do Senhor apareceu em sonho a José, no Egito, e disse-lhe: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel; porque já morreram os que atentavam contra a vida do menino. Dispôs-se ele, tomou o menino e sua mãe e regressou para a terra de Israel. Tendo, porém, ouvido que Arquelau reinava na Judeia em lugar de seu pai Herodes, temeu ir para lá; e, por divina advertência prevenido em sonho, retirou-se para as regiões da Galileia. E foi habitar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fora dito por intermédio dos profetas: Ele será chamado Nazareno.

Tendo eles partido, eis que apareceu um anjo do Senhor a José, em sonho, e disse: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito (v. 13). Os magos, após presentearem o menino Jesus e serem alertados a não retornar a Herodes, deixaram a região. Imediatamente depois, lemos que um anjo apareceu a José em sonho.

Na história de Lucas sobre o nascimento e a infância de Jesus, vemos várias visitas do arcanjo Gabriel, o qual se apresenta em pessoa e fala

audivelmente a Zacarias e Maria. Já na versão de Mateus, a visita angelical normalmente acontece em sonhos. Os dois relatos não são, de forma alguma, incompatíveis. O que observamos é que os primeiros dias de Jesus (e, com efeito, toda a sua vida) foram envoltos pelo sobrenatural e por narrativas angelicais.

Protegido

Por causa das muitas referências a anjos no Novo Testamento, os céticos modernos continuam a negar qualquer realidade histórica dos acontecimentos. Eles procuram reconstruir a fé cristã e o conteúdo do Novo Testamento sem quaisquer referências a anjos. Isso é perigoso, pois, no Novo Testamento, há muito mais referências a anjos do que ao pecado. Além disso, a palavra *angelos*, que significa "anjo" ou "mensageiro", aparece no Novo Testamento com mais frequência do que a palavra *agapē*, que significa "amor". É impressionante observar que, em termos de frequência numérica, o Novo Testamento fala muito mais sobre anjos do que sobre amor. Não podemos formar um retrato bíblico de Cristo sem levar em conta a realidade dos seres angelicais que estiveram presentes em sua vida. Foi a visita angelical em um sonho no meio da noite que advertiu José a fugir para o Egito e, depois, o instruiu a voltar para Israel.

Mais tarde, Satanás tentou Jesus sugerindo-lhe que pulasse do pináculo do templo para comprovar uma passagem bíblica, a qual afirma que seus anjos tinham ordem de guardá-lo. Cristo, entretanto, respondeu com a Palavra de Deus (Mt 4.5-7). A realidade é que, em cada momento da vida de Jesus, ele estava sob proteção de uma hoste de anjos. Até mesmo na hora da cruz, à qual ele voluntariamente se submeteu, Cristo declarou que, se quisesse, poderia invocar legiões de anjos do céu para lutar em seu favor (Mt 26.53). Certamente havia um exército celestial oculto à vista humana que observava a cruz e estava preparado para, a qualquer momento, entrar em ação a mando de Cristo. Isto é parte da

verdade bíblica: Deus designou, desde os primórdios da terra, que seu exército – o exército celeste – vigiaria e protegeria a vida daquele bebê. Vemos a tentativa homicida de Herodes, mas os versículos nos dizem o que acontecia por trás de toda aquela situação. Na providência e soberania de Deus, o bebê não corria perigo, e Herodes era impotente para realizar seus planos.

O anjo orientou José a pegar o menino e a mãe e fugir para o Egito. Aqui, o ser celestial colocou ênfase na criança, não na mãe. Nesse momento da história judaica, o Egito era um refúgio comum para os judeus que fugiam do opressivo império romano, especialmente do rei Herodes. Quando José, Maria e o menino Jesus desceram ao Egito, havia um milhão de habitantes só na cidade de Alexandria. Se considerarmos toda a terra do Egito, havia certamente muito mais do que um milhão de judeus. Isso significa que, quando José fugiu da ira de Herodes, ele partiu para um lugar seguro onde estaria cercado não por estrangeiros, mas por seu próprio povo que vivia exilado ali.

Missão de Herodes

[...] Herodes há de procurar o menino para o matar (v. 13). Aqueles que servem no exército podem receber missões de "procurar e destruir". Tais missões não envolvem simplesmente a preparação para uma batalha defensiva em caso de ataque. Pelo contrário, os militares tomam a iniciativa de ir em busca dos inimigos para destruí-los. No caso, Herodes estava em uma missão de busca e destruição e reuniu todos os seus recursos para levá-la a cabo. Ele, entretanto, não estava procurando combatentes ou unidades militares inimigas. Ele estava atrás de um bebê com menos de dois anos de idade, e seu objetivo era destruir esta criança.

A história extrabíblica fornece muita informação sobre Herodes, mas nada diz sobre o episódio a que chamamos "massacre dos inocentes". Já que a história secular não o menciona, alguns especulam que o relato foi

fruto da imaginação de Mateus. No entanto, se olharmos para o escopo dessa missão específica – e, com efeito, para o escopo da vida de Herodes – veremos que ela não justificaria qualquer tipo de menção. Nosso melhor palpite a respeito de quantos meninos havia na região de Belém na época é entre 12 e 15, e, levando em conta o histórico de crueldade de Herodes, um massacre de 12 a 15 jovens dificilmente mereceria menção diante da amplitude de suas extravagâncias.

Marco Antônio, parte do Segundo Triunvirato em Roma, e Otaviano, que mais tarde se tornaria César Augusto, designaram um governante sobre o povo judeu em 40. a.C. – um homem que, além de não ser judeu, havia sido um líder implacável e ficara conhecido por sua força e crueldade. Marco Antônio e Otaviano nomearam Herodes como rei dos judeus. Este foi o homem que engendrou o massacre dos inocentes, provavelmente 35 anos após o início de seu reinado.

O rei Herodes gozava de poderes administrativos impressionantes, os quais eram usados para apaziguar os judeus que lhe eram hostis por não ser um conterrâneo. Ele se encarregou da edificação do novo templo, o qual excedeu o templo de Salomão em grandeza e se tornou conhecido como uma das maravilhas do mundo antigo. Os blocos utilizados na construção do templo eram colossais, e habilidades extraordinárias de engenharia foram necessárias para projetar esse monumento. Além disso, Herodes construiu seu palácio de inverno no elevado pico de Massada. O palácio tinha, entre outras amenidades, uma sauna – considerada uma maravilha em si. Herodes desfrutava de uma extensa reputação por suas habilidades administrativas e seus projetos de construção.

A fama de edificador, entretanto, era muito menor do que a fama de homem cruel. O rei tinha dez esposas, duas das quais ele mesmo assassinou – sendo uma delas supostamente a esposa favorita. Ele também assassinou a sangue frio três filhos, além de vários outros membros da família. Herodes era tão cruel, que, nos últimos meses de

vida, sabendo da iminência de seu fim, emitiu um decreto para que os líderes de toda a nação judaica fossem executados no dia de sua morte.[1] Ele fez isso para que houvesse luto em todo lugar. Como se constatou, seus homens não obedeceram ao decreto; a ordem, contudo, é verídica e consta no registro histórico. Tudo isso nos dá uma pista sobre o caráter do homem que tentou matar Jesus.

Após a morte de Herodes, o reino foi dividido em quartos, ou *tetrarquias*, e transferido aos filhos. O filho que recebeu a região de Jerusalém foi Arquelau, mencionado aqui no texto (v. 22). Ele não era melhor do que o pai; pelo contrário, tinha capacidades administrativas muito inferiores e foi removido por Roma pouco tempo após se tornar tetrarca.

Dispondo-se ele, tomou de noite o menino e sua mãe e partiu para o Egito; e lá ficou até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor, por intermédio do profeta: Do Egito chamei o meu Filho (v. 14-15). Foi Oseias quem proferiu essas palavras originalmente. Quando profetizou a respeito do Filho sendo chamado do Egito por Deus, ele se referia ao êxodo, ocasião em que Deus tirou seu povo da escravidão e colocou-o em liberdade. No entanto, Mateus nos diz que essa profecia não se cumpriu totalmente no êxodo, mas no retorno de Jesus a Israel.

Isso é importante porque, no Antigo Testamento, toda a nação de Israel era chamada metaforicamente de o "filho de Deus". Agora, porém, o título "Filho de Deus" é reduzido a uma única pessoa. O texto ensina que o pleno cumprimento da profecia se deu quando o Filho unigênito foi chamado do Egito. Isto também acrescenta credibilidade ao fato de que o Antigo Testamento emprega tipos e figuras para indicar um cumprimento mais profundo em épocas futuras. Em certo sentido, vemos que a vida de Jesus foi uma recapitulação da história de Israel. Ele é o tabernáculo. Ele é a Páscoa. Vemos, repetidas vezes, que os pontos de

interesse e de significado no Antigo Testamento apresentam notável cumprimento na pessoa e obra de Jesus. É preciso tomar cuidado, entretanto, para não procurarmos uma figura ou um tipo por atrás de cada palavra do Antigo Testamento, como alguns costumam fazer.

Vendo-se iludido pelos magos, enfureceu-se Herodes grandemente e mandou matar todos os meninos de Belém e de todos os seus arredores, de dois anos para baixo, conforme o tempo do qual com precisão se informara dos magos (v. 16). O grego indica que a ira de Herodes era intensa. Não se tratava de um leve aborrecimento. Herodes ficou furioso quando descobriu que os magos seguiram seu caminho sem voltar para dar o relato.

Então, se cumpriu o que fora dito por intermédio do profeta Jeremias: Ouviu-se um clamor em Ramá, pranto, [choro] e grande lamento; era Raquel chorando por seus filhos e inconsolável porque não mais existem (v. 17-18). Quando Jeremias falou sobre o pranto e lamento de Raquel, ele se referia ao pranto de Raquel pelos filhos que haviam sido exilados. Naturalmente, ela havia morrido há muito tempo quando isso aconteceu, mas o povo de Israel era considerado filho dela, a esposa favorita de Jacó.

Não consigo ler este texto sem pensar em uma aplicação mais recente, encontrada na história da literatura norte-americana. Meu romance favorito é *Moby Dick*, de Herman Melville, uma literatura com simbolismo teológico. Por todo o livro, há uma grande quantidade de alusões a personagens e eventos bíblicos; até mesmo o infame capitão do *Pequod* recebeu seu nome em homenagem a Acabe (Ahab, em inglês), um rei mau de Israel. Enquanto estava em uma busca obcecada pela baleia albina, Ahab se deparou com um navio que precisava de socorro. De acordo com as regras marítimas da época, o navio que se aproximasse de uma embarcação em apuros deveria oferecer ajuda. Quando o capitão necessitado avistou o *Pequod*, chamou Ahab e implorou-lhe que ajudasse

a encontrar um tripulante que caíra ao mar. Ahab estava tão obcecado com o próprio desejo, que quebrou todas as convenções marítimas e tapou os ouvidos aos apelos do capitão. Ele estava muito ocupado com sua missão e seguiu adiante. O nome do navio era *Raquel*, e, com isso, Melville citou a referência do Antigo Testamento ao lamento de Raquel pelos filhos perdidos (Gn 30). A história nos mostra como a Bíblia conseguiu entrar na literatura do mundo ocidental.

Seguro nos cuidados de Deus

Tendo Herodes morrido, eis que um anjo do Senhor apareceu em sonho a José, no Egito, e disse-lhe: Dispõe-te, toma o menino e sua mãe e vai para a terra de Israel; porque já morreram os que atentavam contra a vida do menino (v. 19-20). Em seguida, lemos que José seguiu as instruções e voltou, não a Jerusalém, à Judeia ou a Belém, mas a Nazaré, na Galileia, região que se tornaria central no ministério público de Jesus posteriormente.

O que a história indica é que o Filho de Deus esteve nas mãos do Pai desde sua concepção: no nascimento, ao longo da infância, durante a tentação no deserto, no ministério público, no momento da traição, na morte, na ressurreição e na ascensão. Nós nos esquecemos do poder da divina providência.

Sou criticado por me preocupar. A bem da verdade, sou conhecido por ser pessimista, o que é incompatível com minha teologia. Todos nós temos a tendência de ficar ansiosos quando não conseguimos prever as consequências de acontecimentos futuros. É verdade, Deus pode nos levar para o vale da sombra da morte. Ele pode, sim, nos colocar em um lugar de tribulação. Porém, uma coisa da qual podemos ter certeza como cristãos é esta: Deus nunca nos abandonará, e seu cuidado providencial está sobre nossa vida. Ele sabe exatamente quantos fios de cabelo há em

nossa cabeça. Além disso, se seus olhos estão sobre os pardais, quanto mais não estarão sobre nós?

Quando pensarmos no cuidado extraordinário que Deus Pai dispensou à preservação da vida de seu Filho designando uma hoste angelical para cercá-lo, lembremo-nos de que o mesmo Deus e a mesma hoste de anjos estão incumbidos de cuidar de todos aqueles que depositam a confiança em Cristo, pois nós também somos agora filhos de Deus pela graça.

[1] JOSEFO. *Antiguidades judaicas*, 17.173.

5

JOÃO BATISTA

Mateus 3.1-12



Naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judeia e dizia: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus. Porque este é o referido por intermédio do profeta Isaías: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas. Usava João vestes de pelos de camelo e um cinto de couro; a sua alimentação eram gafanhotos e mel silvestre. Então, saíam a ter com ele Jerusalém, toda a Judeia e toda a circunvizinhança do Jordão; e eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados. Vendo ele, porém, que muitos fariseus e saduceus vinham ao batismo, disse-lhes: Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura? Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento; e não comeceis a dizer entre vós mesmos: Temos por pai a Abraão; porque eu vos afirmo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão. Já está posto o machado à raiz das árvores; toda árvore, pois, que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. A sua pá, ele a tem na mão e limpará completamente a sua eira; recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará a palha em fogo inextinguível.

Após dois mil anos de história redentora registrada para nós nas profecias do Antigo Testamento, a voz de Deus silenciou-se, e não houve uma única palavra profética durante um período de quatrocentos anos. A última profecia no Antigo Testamento encontra-se no livro de Malaquias: "Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR; ele converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais, para que eu não venha e

fira a terra com maldição" (Ml 4.5-6). Aqui no final do Antigo Testamento, Deus diz que, em vez de trazer uma maldição sobre o mundo, ele traria de volta a voz de Elias, o profeta. Quatrocentos anos depois, essa profecia foi cumprida – de acordo com Jesus, na pessoa de João Batista. Nosso Senhor declarou que João veio no espírito e poder de Elias (Lc 1.17).

Mensagem de João

Ao voltar nossa atenção para o relato de Mateus, lemos: **Naqueles dias, apareceu João Batista pregando no deserto da Judeia** (v. 1). O homem ungido por Deus para restaurar a voz profética na terra agiu pela vocação da pregação. Isso nos lembra que foi por meio da pregação que Deus escolheu salvar o mundo. O Senhor costumava se reunir com os profetas no deserto, local afastado da atividade frenética da cidade, onde podia sussurrar com voz mansa e suave àqueles a quem havia ungido como agentes da revelação. Assim como os profetas do Antigo Testamento, este novo profeta vem do deserto, e sua mensagem é simples: **Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus** (v. 2).

Os outros Evangelhos registram o conteúdo da fala de João assim: "Arrependei-vos, porque está próximo o reino de Deus." Alguns consideram a diferença entre a linguagem de Mateus e a dos outros evangelistas como um indicador da existência de dois reinos diferentes sob o domínio de Deus: um reino celestial e um reino terreno. Isso, porém, está incorreto. É preciso lembrar que Mateus era um judeu escrevendo a conterrâneos por meio da forma literária habitual da perífrase. Os judeus, que se negavam a pronunciar o nome de Deus, buscavam expressões que o substituíssem. Portanto, em vez de dizer "reino de Deus", Mateus diz "reino dos céus".

João foi enviado a Israel e clamou ao povo para que se arrependesse e fosse batizado. A mensagem escandalizou os judeus, pois os únicos

batizados até então eram os indivíduos convertidos do paganismo ao judaísmo. Estes convertidos – os gentios – eram considerados impuros e, por este motivo, eram obrigados a participar de uma purificação simbólica para se tornarem dignos de se juntar à comunidade de Israel. O convertido se batizava sozinho, como se tomasse um banho antes de se unir à comunidade israelita.

Nesse contexto, João vem do deserto com roupas e modos parecidos com os de Elias e diz aos judeus que eles precisam ser batizados. Sua mensagem era clara: os judeus também eram impuros. O próprio povo de Deus não estava preparado para sua vinda e precisava se arrepender. A força do verbo, *arrependei-vos*, não se resume a uma gratidão pela santidade de Deus e um mero reconhecimento do próprio pecado. O chamado aqui é à conversão radical: a abandonar o pecado e a intoxicação com este mundo e a direcionar a alma e o coração às coisas de Deus. Ninguém pode entrar no reino de Deus sem fazer isso. Esta afirmação é tão verdadeira hoje quanto na época do anúncio feito no Jordão. João falou com um senso de urgência. Algo novo e radical está prestes a acontecer, e a vinda do reino de Deus está próxima.

O papel de João

Porque este é o referido por intermédio do profeta Isaías: Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas (v. 3). A linguagem de proclamação é utilizada quando o Novo Testamento fala sobre a vinda de Cristo, incluindo o arrebatamento. Essa introdução solene acontecia na Idade Média quando o rei entrava em uma aldeia. Os proclamadores tocavam trombetas para indicar que o rei estava prestes a aparecer. Este era o papel de João Batista. Toda a função de João, o objetivo para o qual ele nascera e fora criado, era anunciar o reino de Deus – pois o reino de Deus foi manifestado com a chegada do Rei. Assim como os proclamadores tocavam trombetas para

anunciar a visita do rei, o objetivo de João Batista era clamar no deserto para preparar o caminho do Senhor.

Usava João vestes de pelos de camelo e um cinto de couro; a sua alimentação eram gafanhotos e mel silvestre (v. 4). Os pelos de camelo que João usava não eram do tipo que encontramos hoje em roupas caras. Tratava-se de uma das formas mais brutas, grosseiras e baratas de vestimenta existentes no mundo antigo. João não se ornava com couro, mas com pele rústica de camelo. O mel que ele comia para sobreviver não era do tipo cultivado por apicultores; era o mel silvestre obtido somente sob o risco de receber milhares de picadas.

Então, saíam a ter com ele Jerusalém, toda a Judeia e toda a circunvizinhança do Jordão; e eram por ele batizados no rio Jordão, confessando os seus pecados (v. 5-6). Os judeus se referiam às pessoas comuns como '*am hā'āretz*. Os gregos usavam a expressão *hoi polloi*. Estes eram os indivíduos sem títulos de nobreza. O *'am hā'āretz* – o povo comum – ouvia João de bom grado e obedecia à sua palavra. Já os membros do clero – os indivíduos com cargo religioso – estavam absolutamente indignados com aquele homem estranho, que saíra do deserto e lhes dizia que eram impuros e que não estavam preparados para o reino vindouro. Como nós teríamos respondido a João? Será que teríamos ido ao rio Jordão para sermos purificados ou teríamos nos recusado a participar do humilhante ritual?

Vendo ele, porém, que muitos fariseus e saduceus vinham ao batismo, disse-lhes: Raça de víboras, quem vos induziu a fugir da ira vindoura? (v. 7). Os fariseus e os saduceus não vinham para ser batizados, mas para investigar o que João estava fazendo e relatar às autoridades de Jerusalém. João sabia o que se passava na mente deles, e foi por isso que os repreendeu com tamanha rispidez. Vemos aqui uma parte importante da mensagem de João: o juízo iminente.

A palavra grega traduzida por "juízo" é *krisis*, de onde veio nossa palavra *crise.* João está dizendo que o batismo não é um ritual sem sentido, mas um momento crítico supremo, pois o reino de Deus está próximo. Aqueles que o recebem experimentarão o céu, mas os que não o fazem provarão a ira.

Produzi, pois, frutos dignos de arrependimento; e não comeceis a dizer entre vós mesmos: Temos por pai a Abraão; porque eu vos afirmo que destas pedras Deus pode suscitar filhos a Abraão (v. 8-9). Os fariseus e os saduceus não deveriam pensar que a circuncisão ou sua estirpe como descendentes de Abraão os salvaria. Deus pode transformar indivíduos que não são filhos de Abraão em filhos de Abraão. Deus pode transformar pessoas que não passam de pecadores recalcitrantes em pedras vivas. Eu sou filho de Abraão e já tive um coração de pedra. Antes, eu tinha tanta vida espiritual em mim quanto as pedras no rio Jordão. Deus, porém, transformou meu coração de pedra em um coração de carne, e ele faz isto com todo aquele que está em Cristo.

Já está posto o machado à raiz das árvores (v. 10). Você consegue ver a urgência? O reino de Deus não virá em algum momento longínquo. O lenhador atingiu a parte mais essencial – a raiz – de modo que mais uma machadada é o suficiente para derrubar a árvore. De acordo com João, esta é a proximidade dos acontecimentos.

[...] toda árvore, pois, que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo (v. 10). Nosso Senhor utilizou a mesma metáfora: "Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora, à semelhança do ramo, e secará; e o apanham, lançam no fogo e o queimam" (Jo 15.6). Se você professa ser cristão e não dá o fruto do arrependimento, será como os ramos que são arrancados e lançados ao fogo. Você já pensou nisso? Vivemos em uma cultura onde ninguém teme o juízo de Deus. No entanto, o retrato bíblico é de um Deus que julgará a terra, um Deus que chamará todas as

criaturas vivas para prestar contas. Se não produzirmos frutos dignos de arrependimento, seremos lançados ao fogo – onde pertencemos.

Eu vos batizo com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, cujas sandálias não sou digno de levar. Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo (v. 11). Todo cristão está unido com Cristo no sofrimento, na humilhação, na morte e na ressurreição, e nós fomos batizados pelo seu Espírito Santo em um batismo de fogo. Este fogo nos limpa, nos purifica e produz o mesmo que o crisol: o ouro puro da santificação. Não pense que você tem um Salvador que o deixará fora do fogo. Ele o manterá fora do fogo eterno, mas, até lá, você permanecerá na fornalha como Sadraque, Mesaque e Abede-nego.

A sua pá, ele a tem na mão e limpará completamente a sua eira; recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará a palha em fogo inextinguível (v. 12). A pá que João menciona aqui é a joeira que os agricultores judeus utilizavam para separar o trigo do joio. Com esse instrumento, os lavradores jogavam o trigo ao ar; o joio é tão leve, que até mesmo a mais fraca corrente de vento o levava embora, mas o trigo de boa qualidade caía ao chão. Esta é a metáfora que João está usando aqui. A joeira já está nas mãos do agricultor. O tempo de separação, de divisão entre o trigo e o joio, é agora.

Você consegue ver como o momento é crítico? A igreja visível é composta por trigo e joio. No último dia, Jesus separará os membros verdadeiros dos falsos. Ele reunirá o trigo na casa de seu Pai, e o resto será queimado com fogo inextinguível.

A qual grupo você pertence? Esta é a pergunta que todos nós temos de responder em algum momento. Eu faço parte do trigo ou do joio? Meu destino é a casa de meu Pai ou a ira de meu Pai? Minha oração é que nada tenhamos a temer em relação ao futuro juízo de Deus. Contudo, se eu acreditasse nessa condição para cada um de nós, estaria sendo

completamente tolo. Estatisticamente, deve haver alguns entre nós que não estão em Cristo, os quais nada receberão no futuro além do castigo de Deus. Se você for uma dessas pessoas, precisa correr ao Salvador e à cruz para que ele o purifique, o transforme e o tome para si.

6

O BATISMO DE JESUS

Mateus 3.13-17



> Por esse tempo, dirigiu-se Jesus da Galileia para o Jordão, a fim de que João o batizasse. Ele, porém, o dissuadia, dizendo: Eu é que preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim? Mas Jesus lhe respondeu: Deixa por enquanto, porque, assim, nos convém cumprir toda a justiça. Então, ele o admitiu. Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele. E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.

Por esse tempo, dirigiu-se Jesus da Galileia para o Jordão, a fim de que João o batizasse (v. 13). Não podemos negligenciar a importância da oração adverbial deste versículo. Ela nos diz que Jesus viajou com uma finalidade específica desde a Galileia até onde João batizava no Jordão. Ele não foi até lá para observar o que João estava fazendo, tampouco para criticar, como os fariseus e os saduceus haviam feito. Enquanto os saduceus, que representavam a classe sacerdotal dos judeus, se sentiram ofendidos pelo ministério de João Batista e procuraram repudiá-lo, o grande Sumo Sacerdote foi até ele para ser batizado. É irônico que Aquele a quem o Pai havia designado para ser nosso grande Sumo Sacerdote tenha mostrado uma visão completamente diferente dos saduceus a respeito da questão.

O Cordeiro imaculado

Ele, porém, o dissuadia, dizendo: Eu é que preciso ser batizado por ti, e tu vens a mim? (v. 14). Podemos preencher as lacunas aqui com o que nos é dito no relato do Evangelho de João. Com base neste texto, sabemos que, quando Jesus se aproximou do Jordão, João o viu e declarou o *Agnus Dei*: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" (Jo 1.29). A referência de João ao Cordeiro de Deus parte do sistema sacrificial do Antigo Testamento. O cordeiro que era imolado no dia da expiação tinha de ser imaculado; um animal defeituoso não servia como expiação dos pecados. João reconheceu Jesus como o cumprimento desta prática. O Cordeiro sem mácula, sem pecado, fora até lá para ser batizado por ele. João não entendeu isso e tentou evitar a situação.

Por eu pregar com frequência sobre a santidade de Deus, as pessoas concluem que eu devo ser um homem muito santo. Elas não entendem que estou preocupado com a santidade de Deus porque ele é radicalmente diferente de mim. Preciso manter os olhos na santidade de Deus o tempo todo, pois ela me revela de modo muito claro a necessidade desesperadora que tenho do Salvador. Nunca pense que os pastores pregam apenas sobre as questões que dominam. O primeiro ouvinte de cada sermão deve ser – e muitas vezes é – o próprio pregador. É isso que vemos aqui no texto. João reconhece que tem a necessidade de ser batizado por Jesus, e este veio para supri-la, não o contrário.

Mas Jesus lhe respondeu: Deixa por enquanto, porque, assim, nos convém cumprir toda a justiça. Então, ele o admitiu (v. 15). É como se Jesus não quisesse perder tempo dando uma longa explicação teológica. Em vez disso, ele simplesmente mandou João fazer o que lhe fora dito, pois era necessário. Por que Jesus achou necessário ser batizado? Alguns críticos consideram isso como uma prova de que ele não se via como alguém sem pecados.

Para o judeu, cumprir toda a justiça significava que cada i e til [Cf. Mt 5.18] da lei de Deus devia ser seguido. O padrão divino é a perfeição, e

nós devemos ser santos como Deus é santo. Para que Jesus fosse o Cordeiro que tira o pecado do mundo, ele tinha de obedecer cada i e til da lei. Alguns comentaristas objetam a isso, alegando que não há qualquer lei no Antigo Testamento que exigia o batismo de Jesus. Estes estudiosos, entretanto, negligenciam algo de extrema importância. Quando João Batista veio, Deus estava criando uma nova exigência na lei que ia além daquelas feitas por intermédio de Moisés e dos profetas no Antigo Testamento. A nova exigência, imposta a todo o Israel, era o batismo como preparação à vinda do reino de Deus.

Um aspecto decisivo do ministério de Jesus foi sua vinda como o novo Adão. Ele veio como a materialização e personificação de Israel. A fim de cumprir sua missão, ele tinha de obedecer a todos os requisitos que Deus havia imposto a Israel e aos homens. Jesus não tinha pecado do qual se arrepender; todo o seu ministério foi vicário. Ele foi um substituto. Ele foi morto na cruz não por causa de seus pecados, mas por causa dos pecados de seu povo. Foi isso o que ele quis dizer quando afirmou: "nos convém cumprir toda a justiça". Muito embora não tivesse a necessidade de ser batizado, Jesus submeteu-se a este ritual como solidariedade ao seu povo. João, por fim, consentiu e batizou-o.

O véu removido

Batizado Jesus, saiu logo da água, e eis que se lhe abriram os céus, e viu o Espírito de Deus descendo como pomba, vindo sobre ele (v. 16). O significado óbvio é que o véu que cobria os olhos dos seres humanos impedindo-os de ver o interior das câmaras celestiais foi removido, da mesma maneira que o véu dos olhos do servo de Eliseu foi retirado, possibilitando-o ver a hoste de anjos que antes lhe era invisível. A mesma coisa aconteceu com Estêvão durante sua execução. Enquanto a corte terrena o assassinava, ele contemplou o santuário interno do céu e viu o Filho do homem em pé à direita de Deus. Houve alguns poucos

momentos na história nos quais o véu que oculta a glória celeste da vista humana foi removido. Foi o que aconteceu aqui, quando Jesus saiu da água. Enquanto estava sendo iniciado em seu ministério terreno, ele olhou para cima e viu o próprio céu.

Conforme os céus se abriram, ele viu uma pomba descendo em direção à sua cabeça, indicando a unção do Senhor sobre o seu ministério. Foi por ocasião de seu batismo que Jesus foi ungido e capacitado pelo Pai para seu ministério terreno, em cumprimento das palavras de Isaías: "O Espírito do SENHOR Deus está sobre mim" (Is 61.1).

É importante notar que, nessa circunstância, todos os três membros da Trindade estiveram presentes e envolvidos. O Pai falou ao Filho, o Espírito Santo ungiu o Filho, e o Filho foi ungido e iniciado no ministério. Assim como os três membros da Trindade haviam estado na criação, todos eles também estiveram presentes nesse momento inicial da redenção.

E eis uma voz dos céus, que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo (v. 17). Essas palavras também serão relevantes quando analisarmos a tentação do Senhor. Jesus ouviu a voz de Deus literalmente, o que é uma ocorrência rara na Bíblia. Apenas três vezes no Novo Testamento a voz de Deus é ouvida, e, em cada uma delas, a voz testifica de Cristo. As pessoas alegam já ter ouvido a voz de Deus mandando-lhes fazer todo o tipo de coisa, mas ele não fala audivelmente hoje em dia. Além do mais, isso era algo tão raro no Novo Testamento, que tais declarações audíveis foram reservadas para ocasiões como essa.

Jesus ouviu a voz do Pai: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo". No Salmo 2, lemos que o mundo inteiro conspira contra o Senhor e contra o seu Ungido, dizendo: "Rompamos os seus laços" (v. 3). Todavia, na porção final do salmo, o salmista instrui: "Beijai o Filho para que se não irrite, e não pereçais no caminho" (v. 12). No início da última parte do livro de Isaías, encontramos este anúncio de Deus: "Eis

aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se compraz" (Is 42.1). Cristo é o seu amado? Deus transborda de afeição por seu Filho unigênito. Você tem afeição por Cristo em seu coração? Se não houver afeição por ele em seu coração, você não pertence a ele. Você tem prazer em Cristo? Você se compraz nele? No sistema de valores divino, o amor de Deus é derramado pelo Filho. O prazer que Deus tem no Filho é revelado. Em outra ocasião na qual falou audivelmente, ele disse: "Este é o meu Filho amado; a ele ouvi" (Mc 9.7). Se você ama Cristo, então você o ouve. Se você não dá ouvidos a Ele, esta é a mais clara indicação de que não há amor pelo Filho de Deus em sua alma.

7

A TENTAÇÃO DE JESUS, PARTE 1

Mateus 4.1-11



A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome. Então, o tentador, aproximando-se, lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães. Jesus, porém, respondeu: Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus. Então, o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o sobre o pináculo do templo e lhe disse: Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem; e: Eles te susterão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra. Respondeu-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus. Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares. Então, Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto. Com isto, o deixou o diabo, e eis que vieram anjos e o serviram.

[...]**foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo** (v. 1). Os relatos dos outros Evangelhos estão em conformidade com esta versão, embora uma ou duas palavras sejam diferentes. Imediatamente após o Espírito Santo descer sobre Jesus no batismo, lemos que o Espírito de Deus o conduziu ao deserto. O Espírito, entretanto, não apenas o conduziu, mas o impeliu àquele lugar. Ele compeliu Jesus a ir para o deserto com a finalidade específica de ser tentado.

As Escrituras nos dizem claramente, na epístola de Tiago, que as tentações surgem de dentro, das inclinações malignas do coração, e que

nós cedemos a elas como resultado de nosso espírito corrompido (Tg 1.14-15). Tiago escreve: “Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta” (v. 13). Por esse motivo, sabemos que Deus não está tentando Jesus aqui em Mateus. A palavra que Mateus emprega pode significar “tentar” ou “testar”. Deus enviou Seu Filho ao deserto a fim de que fosse tentado por Satanás, e o propósito da tentação era testá-lo.

Impecabilidade de Jesus

Em nossa última lição, foi considerado que, quando Jesus se submeteu ao batismo de João, ele o fez em parte para se identificar com seu povo, demonstrando a solidariedade entre ele mesmo e povo da aliança de Deus. Jesus não precisava ser batizado como forma de demonstrar arrependimento pelos pecados, pois ele não tinha pecado algum. Os céticos atacam a veracidade do nascimento virginal e da ressurreição de Jesus porque estes dois acontecimentos são manifestamente milagrosos. No entanto, existe algo na Escritura a respeito de Jesus que é ainda mais surpreendente do que sua ressurreição dentre os mortos: sua impecabilidade.

As pessoas mais íntegras que conhecemos não ficaram sem pecar desde que se levantaram da cama esta manhã. Nenhum de nós jamais amou o Senhor nosso Deus com todo o coração, com toda a mente e com todas as forças. É quase impossível imaginar um ser humano, não importa o quão santificado, vivendo uma vida de plena retidão sem a menor mácula moral. Devemos lembrar que um dos papéis de Jesus era servir como o novo Adão, o segundo Adão. Ele foi chamado para fazer por nós aquilo que o primeiro Adão não conseguiu alcançar. Este contraste entre o Adão original e o novo Adão é apresentado com frequência no Novo Testamento para mostrar que, por causa da desobediência do primeiro Adão, o mundo está afundado em ruínas. Graças à obediência do segundo Adão, entretanto, seus seguidores são

redimidos. Ambos foram submetidos a um teste para ver se alcançariam obediência e retidão. Para que Cristo nos redimisse como segundo Adão, ele precisou ser colocado à prova. Assim como o primeiro Adão, ele foi testado e não podia falhar.

A redenção que Cristo realizou por nós não foi conquistada somente com sua morte. Ele não apenas teve de receber nosso castigo pelo pecado, como também precisou alcançar justiça por nós. Assim sendo, sua obediência perfeita foi tão necessária para nossa salvação quanto sua morte na cruz. Aqui, na experiência no deserto, a justiça e a obediência estavam em jogo.

O primeiro teste

O teste do primeiro Adão aconteceu no jardim do Éden, um lugar incontaminado e repleto dos saborosos frutos que Deus havia concedido às suas criaturas, dizendo-lhes: "De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás" (Gn 2.16-17). O cenário do teste de Adão e Eva era um banquete no jardim imaculado do Éden. O cenário do teste do segundo Adão era o deserto da Judeia, o qual, longe de ser um jardim exuberante, era um dos lugares mais desolados da terra. Seus únicos habitantes eram aranhas, escorpiões e algumas variedades de aves. O Espírito levou Jesus para ser tentado em um lugar sombrio e amedrontador.

A circunstância do teste foi um estômago vazio decorrente de um jejum de quarenta dias, semelhante ao período de quarenta dias e quarenta noites que Moisés passou em jejum no Antigo Testamento antes de Deus lhe dar a lei. A serpente foi até Adão e Eva estando estes com o estômago cheio, mas foi até o novo Adão estando este com fome extrema. Além disso, a prova de Adão e Eva não foi aplicada em uma situação de solidão ou isolamento, mas com a presença de uma companhia. Eles enfrentaram o teste com apoio e encorajamento mútuo, ao passo que Cristo enfrentou o diabo sozinho. Além do mais,

diferentemente de Adão e Eva, Jesus enfrentou o diabo em um momento em que o mundo estava acostumado com o pecado. É possível perceber o nítido contraste entre os dois testes.

Por outro lado, existe um ponto de semelhança que não podemos negligenciar: a mesma questão estava em jogo nos dois casos. No jardim do Éden, a serpente se aproximou de Adão e Eva com uma pergunta: "É assim que Deus disse: Não comereis de toda árvore do jardim?" (Gn 3.1). É claro que Deus não tinha dito isso; ele dissera que os dois poderiam comer livremente, havendo apenas um único lugar do jardim fora dos limites. Eva respondeu a Satanás, dizendo: "Do fruto das árvores do jardim podemos comer, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, disse Deus: Dele não comereis, nem tocareis nele, para que não morrais." Então, Satanás lhe disse: "É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal" (v. 2-5). Assim, vendo que o fruto parecia bom, eles o comeram e afundaram o mundo em ruínas.

Quando o Espírito levou Jesus ao deserto, Satanás também se aproximou com uma pergunta: **Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães** (v. 3). As últimas palavras que ecoavam nos ouvidos de Jesus tinham vindo do próprio céu, proferidas audivelmente por Deus: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo." O alvo do diabo foi o mesmo em ambos os casos: a credibilidade da palavra de Deus. Adão e Eva não acreditaram em Deus, mas Jesus, sim.

A dúvida a respeito da possibilidade de Jesus cometer pecado é suscitada em todas as gerações. Muitos teólogos afirmam que isso seria impossível, e eles baseiam este argumento nos decretos eternos de Deus. Se Deus decidiu que Cristo viria a este mundo para ser nosso Remidor, e se a Cristo realmente foi ordenado nos redimir, então certamente, à luz

desta divina preordenação, seria impossível que ele pecasse. Há certo peso nesse argumento, pois, se Deus ordenou desde a eternidade que algo acontecerá, isto certamente vai acontecer.

Há uma minúscula, porém importante distinção teológica entre a necessidade da consequência e a necessidade do consequente. Da perspectiva eterna, não há qualquer possibilidade de Jesus ter pecado, assim como seria impossível a Adão, Eva ou Judas não terem pecado. No entanto, em termos do consequente, os decretos eternos de Deus são levados a cabo pelos meios que ele designou, e o meio designado para a queda da raça humana foi a decisão de Adão e Eva, tomada sem coerção. De modo semelhante, nosso Senhor foi obediente sem qualquer poder coercivo de Deus e, nesse sentido, considerando sua natureza humana, ele poderia ter pecado.

Mais importante ainda é a questão cristológica. Ao longo da história da igreja, os teólogos argumentaram que seria impossível a Jesus pecar porque ele é Deus encarnado, e Deus não pode pecar. No entanto, o Deus encarnado tem duas naturezas – a natureza divina e a natureza humana – e, embora não possamos separá-las, devemos fazer distinção entre elas. Durante a vida, Jesus teve fome, transpirou e morreu. Estas foram manifestações da natureza humana, não da natureza divina. Deus não transpira. Aqueles que pensam que a natureza divina de Jesus ofuscou a natureza humana a ponto de impossibilitar a prática do pecado caíram no monofisismo, uma heresia antiga e fatal segundo a qual os atributos divinos são imputados à natureza humana. A natureza humana de Jesus era uma verdadeira natureza humana, com todas as limitações que lhe são peculiares. Jesus tinha a capacidade de pecar, caso contrário não teria sido verdadeiramente humano. Além do mais, se ele fosse incapaz de pecar, a tentação no deserto não teria passado de uma farsa.

8

A TENTAÇÃO DE JESUS, PARTE 2

Mateus 4.1-11



A seguir, foi Jesus levado pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo. E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome. Então, o tentador, aproximando-se, lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães. Jesus, porém, respondeu: Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus. Então, o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o sobre o pináculo do templo e lhe disse: Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem; e: Eles te susterão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra. Respondeu-lhe Jesus: Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus. Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares. Então, Jesus lhe ordenou: Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto. Com isto, o deixou o diabo, e eis que vieram anjos e o serviram.

E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve fome. Então, o tentador, aproximando-se, lhe disse: Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães (v. 2-3). Quem está sendo tentado aqui é o Deus-Homem, o qual possui tanto uma natureza divina perfeita quanto uma natureza humana perfeita. Ele é, conforme declarado pelo Concílio de Calcedônia, *vera homo*, *vera Deus*; ou seja, verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus. O texto nos diz que, após o jejum de quarenta dias, Jesus teve fome, o que manifesta a humanidade de nosso Senhor. Ele sentia dores intensas por falta de

alimento, como qualquer um sentiria se passasse quarenta dias e quarenta noites sem comer.

Durante esse momento de vulnerabilidade, Satanás foi tentar Jesus – não para cometer algum mal descarado, mas simplesmente para satisfazer uma inclinação e um desejo natural. Satanás aproximou-se, dizendo: "Se és Filho de Deus [...]". Ele estava lançando a sugestão de que, se Jesus era realmente Filho de Deus, não precisaria suportar tamanha fome; bastava usar sua autoridade divina para tirar alimento das pedras.

Toda palavra

Jesus respondeu a Satanás: **Está escrito: Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus** (v. 4). Ele não estava fazendo referência a um livro da biblioteca de Alexandria nem aos manuscritos dos antigos gregos ou romanos. "Está escrito" era uma expressão que todo judeu entendia: Jesus estava se referindo à Escritura sagrada. Ele respondeu à tentação citando a Bíblia.

Jesus não despreza nossa necessidade humana por comida. Na oração do Pai nosso, ele nos instruiu a orar pelo pão de cada dia. Nós precisamos dos nutrientes que o alimento oferece para o sustento da vida. O que ele está dizendo aqui é que a vida exige mais do que nutrientes físicos. Não podemos viver só de pão; precisamos de pão e algo mais. Observe que Jesus não disse que o homem precisa de pão e *também* de palavra de Deus. Ele disse: "toda palavra". Nós não vivemos dessa forma, e isto é algo que nos distancia imediatamente de Jesus. Tratamos a Bíblia como um bufê, escolhendo um pouco de Mateus e Lucas, uma porção de Romanos e passando reto por Levítico.

Séculos antes, Deus havia conduzido seu povo à Terra Prometida e ordenado que ele expulsasse os cananeus da terra, a fim de que não houvesse contaminação pela mistura com pessoas de religiões pagãs. No

entanto, isso não ocorreu, e o Antigo Testamento mostra nos mínimos detalhes as consequências do que acontece quando o povo de Deus não dá ouvidos a toda palavra que sai de sua boca. É por isso que, quando a Escritura nos parece difícil, basta intensificarmos nossa atenção e compreendermos que ela é a Palavra de Deus. A Palavra de Deus em Juízes não é mais nem menos verdadeira do que a Palavra de Deus no livro de Romanos. A comida e a bebida de Jesus era fazer a vontade do Pai. Ele tinha um zelo que o consumia. Ele compreendeu que Deus nunca pronunciou uma palavra sem propósito. Nunca saiu uma declaração insignificante da boca de Deus, e Jesus entendeu isso. João Calvino chamava a Bíblia de *vox Dei* – a voz de Deus – e disse que nós devemos receber esta palavra como se a estivéssemos ouvindo diretamente dos lábios do próprio Deus.

Quando Satanás se aproximou para destruir Jesus, a defesa do Salvador foi a Palavra de Deus. Neste ponto da tentação, Satanás percebeu que havia perdido. Jesus podia até ter autoridade para transformar pedras em pães, mas estava comprometido a jejuar em obediência à vontade de seu Pai. A palavra dele era mais importante do que o pão.

O emprego da Escritura por Jesus

Então, o diabo o levou à Cidade Santa, colocou-o sobre o pináculo do templo e lhe disse: Se és Filho de Deus, atira-te abaixo (v. 5-6). Visto que Jesus havia citado a Palavra de Deus, Satanás decidiu fazer o mesmo e disse: **Porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem; e: Eles te susterão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra** (v. 6). Em outras palavras: "Essa não é a palavra de Deus, Jesus? Não é isso o que a Bíblia diz? Bem, vamos ver se a Bíblia é verdadeira. Pule e veremos se os anjos vão te segurar."

Jesus respondeu novamente com a Palavra de Deus: **Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus** (v. 7). A hermenêutica de Satanás estava errada. A hermenêutica deve estar relacionada com as leis que regem a interpretação da Escritura. As pessoas dizem que a Bíblia é a Palavra de Deus, mas distorcem-na para que seja a favor daquilo que desejam fazer, e isto viola os princípios da interpretação das Escrituras. O primeiro princípio de interpretação é chamado de "analogia da fé", o que significa que a Escritura é sua própria intérprete; em outras palavras, devemos interpretar a Escritura com a Escritura. Deus nunca fala uma mentira, e sua palavra é coerente e unificada. Deus nunca se contradiz. Portanto, aquilo que ele diz no livro dos Juízes nunca poderá contradizer o que ele diz em Efésios. Se colocarmos uma porção da Escritura contra outra, violamos o princípio mais fundamental da interpretação bíblica, e foi exatamente isso o que Satanás fez.

Jesus disse a Satanás que, se pulasse do templo para provar que a Escritura é verdadeira, ele violaria a própria Escritura que o proíbe de fazer isso. Além disso, Jesus sabia quem era. Ele não precisava saltar de uma grande altura para saber que os anjos tinham recebido ordem a seu respeito nem se preocupar em bater o pé contra uma pedra, pois sabia que os anjos o estavam protegendo.

Levou-o ainda o diabo a um monte muito alto, mostrou-lhe todos os reinos do mundo e a glória deles e lhe disse: Tudo isto te darei se, prostrado, me adorares (v. 8-9). Adolf Hitler disse a seus partidários: "Podemos mentir para o povo agora porque, depois que alcançarmos a vitória, ninguém se lembrará mais." Ele quis dizer que ninguém se importaria com suas mentiras, uma vez que seria o responsável por trazer glória à Alemanha – um novo reino que incluiria a Tchecoslováquia, os Sudetos, a Polônia, os Países Baixos, a Bélgica, a Holanda, a França, a Inglaterra, e, por fim, o mundo inteiro. Hitler fez a seguinte anotação em seu diário:

“Hoje eu fiz um pacto com Satanás em troca de todos os reinos do mundo e toda a sua glória.”

Você já considerou alguma vez qual seria seu ponto de vulnerabilidade pessoal caso Satanás viesse testá-lo? O que ele colocaria na sua frente: glória, reinos, riquezas, poder? Ele ofereceu todas estas coisas a Jesus em troca de uma coisa – adoração. A oferta que Satanás fez a Jesus, entretanto, não era algo que ele podia dar. Satanás não tem glória alguma para dar.

Talvez você já tenha ouvido a história de um congressista do Tennessee que, após cumprir o primeiro mandato em Washington, quis ser reeleito. Ele voltou ao seu estado natal à procura de apoio e, em um de seus esforços, foi à casa de um rico fazendeiro que havia sido um importante partidário na primeira eleição. O congressista disse ao agricultor:

— Estou concorrendo ao segundo mandato. O senhor poderia me apoiar novamente?

O fazendeiro meneou a cabeça e disse:

— Não, me desculpe, Sr. Crockett. Não vou apoiá-lo de novo.

Ele prosseguiu:

— Lembra-se do que aconteceu no ano passado, quando houve um incêndio em Washington que deixou várias pessoas desabrigadas? O senhor votou a favor da doação de dinheiro para que elas reconstruíssem suas casas. Porém, o dinheiro não foi tirado do seu bolso; o senhor votou para que ele fosse tirado do meu.

Em outras palavras, o dinheiro distribuído pelo congressista não era dele.

O Pai concedeu ao Filho todos os reinos do mundo e prometeu-lhe a glória que era sua desde o princípio. Jesus não precisava obter essas coisas de Satanás. O que estava em jogo ali era o custo para obtê-las,

pois o preço de toda essa herança seria o calvário. Satanás estava oferecendo glória sem a necessidade de sofrimento e humilhação.

Como você responde às tentações de Satanás quando está sozinho e sem ninguém observando? Foi assim que Jesus respondeu: **Retira-te, Satanás, porque está escrito: Ao Senhor, teu Deus, adorarás, e só a ele darás culto** (v. 10). Jesus recusou-se a esboçar o mínimo gesto de reverência diante de Satanás, pois o único ser digno disso é o Pai. Nós devemos servir ao Pai, e somente a ele. Tropeçamos mais nesta palavra, *somente*, do que em qualquer outra palavra presente na Escritura, mas foi assim que Jesus silenciou o diabo.

Com isto, o deixou o diabo, e eis que vieram anjos e o serviram (v. 11). As narrativas dos outros Evangelhos fornecem-nos um pouco mais de informação, dizendo que o diabo o deixou *por um tempo*. Este não foi o final da batalha. Satanás observava o ministério de Jesus todos os dias, sempre à procura de uma oportunidade de enlaçá-lo.

O momento mais glorioso do ministério terreno de Jesus aconteceu no monte da transfiguração. Logo após perguntar aos discípulos: "Quem diz o povo ser o Filho do Homem?", Simão fez a grande declaração: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16.13,16). Pedro não disse "*Se* tu fores o Filho", mas "Tu és o Filho". Naquele momento, Jesus olhou para Simão e disse: "Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (v. 17-18). Pouquíssimo tempo depois, Jesus profetizou que seria entregue aos inimigos. Tomado por sua ousadia, Pedro disse: "[...] isso de modo algum te acontecerá", ao que Jesus respondeu: "Arreda, Satanás!" (v. 22-23). Imediatamente antes de Jesus ir a Jerusalém, Satanás se revelou nos lábios de seu discípulo mais confiável. Quase sempre são os amigos mais

próximos e os familiares que nos procuram dissuadir dos deveres sofridos.

O teste de Jesus no deserto terminou com uma ironia extraordinária. Assim que Satanás foi embora, os anjos apareceram e o serviram. Eles haviam estado lá o tempo todo. O jejum tinha acabado. A Bíblia não diz, mas eu acredito que os anjos serviram a Jesus o café da manhã mais fantástico que um ser humano já provou. Foi um banquete. Os anjos que não estavam presentes, os que haviam permanecido no céu, certamente notaram a honra daqueles que *estavam* ali para ministrar-lhe, pois se tratava do Filho de Deus, aquele em quem Deus se compraz.

9

JESUS VAI À GALILEIA

Mateus 4.12-17



> Ouvindo, porém, Jesus que João fora preso, retirou-se para a Galileia; e, deixando Nazaré, foi morar em Cafarnaum, situada à beira-mar, nos confins de Zebulom e Naftali; para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: Terra de Zebulom, terra de Naftali, caminho do mar, além do Jordão, Galileia dos gentios! O povo que jazia em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região e sombra da morte resplandeceu-lhes a luz. Daí por diante, passou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus.

Imediatamente após Mateus narrar o teste de Jesus no deserto da Judeia, ele relata o ministério terreno de nosso Senhor. **Ouvindo, porém, Jesus que João fora preso, retirou-se para a Galileia** (v. 12). Não sabemos quanto tempo se passou desde o batismo e a tentação de Jesus até a chegada dessa notícia, mas presumimos que tenha sido apenas um curto intervalo. É possível que Jesus tenha ido para o norte, e não para o sul, a fim de fugir da vingança do rei; no entanto, o reino abrangia ambas as regiões. Por este motivo, tenho de concluir que havia outra razão para Jesus ir à Galileia.

Galileia dos gentios

[...] e, deixando Nazaré, foi morar em Cafarnaum, situada à beira-mar, nos confins de Zebulom e Naftali (v. 13). Vemos que Jesus se mudou de Nazaré e residiu, durante a maior parte de seu ministério terreno, em

Cafarnaum, localizada no extremo norte da margem ocidental do mar da Galileia. Na maioria dos registros, observa-se o local do ministério terreno de Jesus como sendo os vilarejos ao redor dessa área.

Isaías chamou a Galileia de "Galileia dos gentios", pois havia uma população muito numerosa de gentios no norte, a qual não deveria estar ali. O livro de Juízes informa-nos que Deus estava bravo porque o povo não tinha expulsado os pagãos da terra. Por isso, ele profetizou que os pagãos e suas divindades seriam um laço para o povo, conforme toda a história do Antigo Testamento demonstra. Duas das tribos que deixaram de cumprir essa ordem divina foram Zebulom e Naftali. Jesus foi justo para essa região, que, naquela altura, era chamada simplesmente de "Galileia dos gentios". O local era densamente povoado. Praticamente em todos os vilarejos, havia, pelo menos, 15.000 habitantes. Tratava-se de um centro de comércio e negócios com outras nações. No passado, antes de Herodes se tornar rei, Aristóbulo tinha invadido a Galileia e obrigado os habitantes a serem circuncidados. Os corações, entretanto, não foram circuncidados. Eles ainda desprezavam as coisas do Deus de Israel, e as pessoas continuavam realizando práticas pagãs. Porém, vemos aqui que Jesus foi até essa região, situada no mar da Galileia e em seu entorno.

Luz nas trevas

Deus raramente faz o que nós esperamos que ele faça. Ele nunca esteve preso às expectativas dos homens. Deus exerce sua missão – a graça redentora – quando, onde e como se agrada em sua soberania. Assim sendo, Jesus não foi a Jerusalém, mas às regiões de Zebulom e Naftali. Mateus, como em toda a sua obra, tem interesse em indicar o cumprimento de profecias do Antigo Testamento. Então, escreve que Jesus foi às regiões de Zebulom e Naftali **para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: Terra de Zebulom, terra de Naftali,**

caminho do mar, além do Jordão, Galileia dos gentios! O povo que jazia em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região e sombra da morte resplandeceu-lhes a luz (v. 14-16).

Esta última parte da citação de Mateus é recitada todo ano na época do Advento porque podemos ver o cumprimento final, Cristo entrando no mundo, como a luz entrando nas trevas. No entanto, a primeira referência não era ao mundo inteiro; mas àquela região da Palestina ocupada, em grande parte, por pagãos. O surgimento de Jesus na Galileia era o surgimento de luz nas trevas. Na metáfora de Isaías, vemos a imagem da escuridão e a imagem da morte. Ela descreve os habitantes como gentios que estão em trevas e obscurecidos pela morte.

Nós, de modo geral, estamos familiarizados com as seguintes palavras do Evangelho de João: "(...) Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porquanto Deus enviou o seu Filho ao mundo, não para que julgasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele" (Jo 3.16-17). Essa passagem é muito bem conhecida porque anuncia o evangelho. O amor de Deus pelo mundo caído é tão grande, que ele enviou seu Filho unigênito para que todos os que creem nele não pereçam, mas vivam para sempre. Estamos muito menos familiarizados com o que João escreveu imediatamente depois: "O julgamento é este: [...] os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más" (v. 19).

A metáfora da luz e das trevas é empregada abundantemente no Novo Testamento. Ela fornece um nítido contraste entre a justiça e o mal, entre a vida e a morte. A Bíblia ensina-nos que, por natureza, somos filhos das trevas. A escuridão que envolvia os gentios na Galileia não se limitava às fronteiras da cidade. As trevas obscurecem todo o planeta, e cada um de nós nasceu nessa condição. Cada um de nós é, por natureza, filho das trevas. Cada um de nós, por natureza, prefere as trevas à luz, pois, à luz

do dia, nossos pecados são manifestos. Uma das coisas que mais tememos é a exposição.

Quando a profecia fala que as pessoas em trevas viram uma grande luz, não significa que todas elas aceitaram a luz. Jesus foi morto porque era a luz do mundo e porque os homens preferem as trevas à luz. Se não fosse assim, a luz não teria sido apagada. No início de seu Evangelho, João escreveu: "No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez. A vida estava nele e a vida era a luz dos homens. A luz resplandece nas trevas, e as trevas não prevaleceram contra ela" (Jo 1.1-5).

Outra forma de traduzir esse texto é: "as trevas não conseguiram superá-la". Sempre que há um confronto entre trevas e luz, o resultado é certo. Se você estiver em um quarto escuro à noite com as luzes apagadas e sem o brilho da lua entrando pela janela, basta ligar o interruptor para que a luz inunde o local no mesmo segundo. A escuridão não é páreo para a luz. Apesar disso, quando a Luz – que é a vida do mundo – veio, as trevas não a compreenderam. João continua:

> Houve um homem enviado por Deus cujo nome era João. Este veio como testemunha para que testificasse a respeito da luz, a fim de todos virem a crer por intermédio dele. Ele não era a luz, mas veio para que testificasse da luz, a saber, a verdadeira luz, que, vinda ao mundo, ilumina a todo homem. O Verbo estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. (v. 6-11).

Às vezes, quando alguém se converte a Cristo, as pessoas sarcásticas dizem: "Ele viu a luz". Mesmo se tratando de escárnio, esta é uma declaração profundamente verdadeira. Por natureza, nossa alma está envolta em trevas, e, até que aceite Cristo, as trevas continuam dominando-a. Quando o Espírito Santo remove as escamas dos olhos de

uma pessoa e muda a disposição de seu coração, a luz de Cristo irrompe em sua alma de tal forma que não pode ser contida.

Se você é convertido, sabe exatamente o que quero dizer; se não é, não faz ideia do que estou falando. Se pudesse usar um instrumento para perscrutar sua alma, o que você veria? Veria uma alma ainda envolta em trevas? Ou será que o instrumento explodiria diante de tanta luz? A Galileia não era o único lugar onde as pessoas estavam em trevas sob a sombra da morte. Essa sombra cobria todo o mundo, e a chegada de Jesus foi uma questão de vida ou morte.

Com um cálculo aproximado, cheguei à conclusão de que, na época do Natal, deve haver um bilhão de luzes enfeitando os jardins e as lojas dos bairros na região metropolitana de Orlando. Porém, pensando melhor, acho que subestimei demais esse número; é mais provável que haja vários bilhões de luzinhas. Pergunto-me se os indivíduos que as penduram sabem o que elas representam. No próximo Natal, cada vez que você passar por uma casa adornada com luzes, pare e lembre-se de que elas simbolizam a chegada da Luz ao mundo. Em seguida, pergunte a si mesmo se elas lhe trazem alegria ou se você é uma daquelas pessoas que mal podem esperar até o fim de dezembro para que todas elas sejam retiradas e a escuridão volte a imperar. O último lugar em que queremos estar é nas trevas, mas as Escrituras indicam que, se rejeitarmos aquele que nelas adentrou, nosso destino será na escuridão externa, onde a luz da graça de Deus nunca brilhará.

Aquele foi um momento crítico para os habitantes da Galileia. A luz estava no meio deles. Se preferissem fechar os olhos, permaneceriam assim para sempre, conforme alertara o profeta Amós: "Não será, pois, o Dia do SENHOR trevas e não luz? Não será completa escuridão, sem nenhuma claridade?" (Am 5.20). Não há pior sorte do que estar destinado à escuridão total por toda a eternidade – e que tolice seria isso, sendo que a luz está bem aqui.

10

DISCÍPULOS E MINISTÉRIOS DE JESUS

Mateus 4.18-25



> Caminhando junto ao mar da Galileia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, que lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores. E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. Então, eles deixaram imediatamente as redes e o seguiram. Passando adiante, viu outros dois irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco em companhia de seu pai, consertando as redes; e chamou-os. Então, eles, no mesmo instante, deixando o barco e seu pai, o seguiram. Percorria Jesus toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo. E a sua fama correu por toda a Síria; trouxeram-lhe, então, todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos: endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E ele os curou. E da Galileia, Decápolis, Jerusalém, Judeia e dalém do Jordão numerosas multidões o seguiam.

Mateus não relata o chamado de todos os 12 discípulos de Jesus, mas apenas de quatro, identificados como: Pedro e André, que eram irmãos, e Tiago e João, também irmãos. É importante observar, desde o início, que os termos bíblicos *discípulo* e *apóstolo* não devem ser usados indistintamente. O discípulo era, antes de tudo, um aluno. A palavra grega para *discípulo* significa "aquele que é aprendiz". O termo *apóstolo* refere-se a alguém encarregado de falar no lugar de uma figura de autoridade de modo que suas palavras transmitam o peso da própria autoridade. Os termos são confundidos porque aqueles a quem Cristo escolheu como apóstolos foram, antes disso, discípulos. Ele não lhes conferiu a posição de apóstolos até que

tivessem sido treinados.

Jesus era um rabino itinerante, isto é, locomovia-se enquanto ensinava. Ele não tinha uma escola particular para ministrar aulas. Seus discípulos andavam literalmente atrás dele para ouvir seus ensinamentos e os memorizavam. O que vemos aqui é Jesus recrutando alunos para sua escola rabínica.

Prontos para seguir

Caminhando junto ao mar da Galileia, viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e André, que lançavam as redes ao mar, porque eram pescadores (v. 18). Poderíamos pensar que esta foi a primeira vez que Simão Pedro e seu irmão André encontraram Jesus e que, possivelmente, ainda nem tivessem ouvido falar dele. No entanto, com base no Evangelho de João, sabemos que este não foi o caso. André fora discípulo de João Batista. O Evangelho de João menciona somente Simão e mantém o outro discípulo no anonimato, mas os estudiosos acreditam que este tenha sido o próprio João, o qual tinha a característica de não se chamar pelo nome no Evangelho. Após ouvirem a mensagem de João Batista a respeito de Cristo, eles o deixaram para seguir Jesus. Lemos, no Evangelho de João, que André foi até seu irmão Simão e disse: "Achamos o Messias" (Jo 1.41). Provavelmente o outro discípulo, João, também transmitiu esta mesma mensagem ao próprio irmão.

Aqui, Jesus foi até esses irmãos – dois que haviam estado presentes quando João anunciou-o como Messias, e dois que, evidentemente, haviam ouvido falar de Jesus por intermédio daqueles. Em quase todas as aparições de André no Novo Testamento, ele está trazendo alguém a Jesus. André não é, nem de perto, mencionado tanto quanto Pedro, o qual surge nas páginas do Novo Testamento como o líder dos doze e o discípulo chamado de "pedra" por Jesus.

Estes quatro homens foram chamados ao discipulado enquanto trilhavam diferentes carreiras e impactaram o reino em diferentes níveis. Tiago foi o primeiro dos discípulos a ser martirizado por causa do reino. Dos quatro mencionados nesse texto, três foram mortos por lealdade a Jesus. Simão Pedro foi crucificado de cabeça para baixo. André foi crucificado em uma cruz em forma de X depois de afirmar que não podia pregar a respeito da cruz sem aceitar a oportunidade de ser morto em uma. Quem viveu mais foi João, provavelmente o único a não ser martirizado. Ele viveu tempo suficiente para escrever o Evangelho de João, as Epístolas de João e o livro de Apocalipse enquanto estava exilado na ilha de Patmos. Deus usa as pessoas de formas diferentes em épocas diferentes.

Minha esposa, Vesta, e eu, nos envolvemos no acidente ferroviário da Amtrak em 1993, no Alabama, em que muitas pessoas morreram. Não soubemos responder à mídia quando nos perguntaram por que nossa vida fora poupada e a de outras pessoas, não. Quando meu grande amigo e colega de ministério James Boice faleceu em 2000, eu me perguntava por que Deus o havia tirado da batalha quando precisávamos tanto dele. Sempre achei que eu morreria antes de Jim, pois ele mantinha uma excelente forma física ao passo que eu negligenciava a minha. Nossa vida está nas mãos do Pai, e ele nos levará para o lar quando lhe aprouver. Podemos confiar no controle soberano de Deus não apenas em relação à nossa vida, mas também em relação à nossa morte, como podemos observar na vida desses quatro homens.

E disse-lhes: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens (v. 19). Eles já eram discípulos, mas estavam sendo chamados para um discipulado em tempo integral. Eles haviam se comprometido com Jesus, mas ainda não tinham entregado toda a vida à sua liderança.

No início de minha vida cristã, um dos meus hinos favoritos era *Aonde me conduzir, eu o seguirei*:

Posso ouvir meu Salvador chamando,
Posso ouvir meu Salvador chamando,
Posso ouvir meu Salvador chamando,
"Toma tua cruz e segue-me".

Esse hino arrebatou meu coração e se tornou uma oração para mim: "Senhor, aonde quiseres que eu vá, irei". Essa antiga canção é ótima, pois expressa o que significa ser cristão. Cristão é alguém que segue a Jesus.

Treze vezes no Evangelho de Mateus vemos Jesus dizer às pessoas: "Segue-me". Embora os discípulos fossem chamados a seguir Jesus literalmente, no sentido andarem atrás dele, o chamado significava muito mais do que isso. Significava colocar-se em submissão à autoridade de Cristo e viver em obediência a ele como Mestre. Significava ser como bois em parelha trabalhando a seu serviço. Muito embora não sejamos parte dos 12, todas as obrigações que Jesus impôs aos discípulos na época são agora impostas a nós. Se quiser ser um discípulo de Jesus, se quiser segui-lo, você deve submeter-se à sua autoridade. Você deve considerá-lo o Mestre de sua vida, deve estar disposto a segui-lo aonde quer que o conduza e deve estar disposto a confiar nele com sua vida.

Então, eles deixaram imediatamente as redes e o seguiram (v. 20). Em outro lugar, Jesus disse: "Ninguém que, tendo posto a mão no arado, olha para trás é apto para o reino de Deus" (Lc 9.62). Àquele que pediu "Permite-me ir primeiro sepultar meu pai", Jesus respondeu: "Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos" (v. 59-60). Naquela época, as pessoas não brincavam de ser cristãs. Elas estavam dispostas a deixar tudo e seguir a Cristo, pois haviam encontrado uma pérola de imenso valor. Não era um sacrifício abandonar os negócios e dedicar-se a outra vocação, porque aquilo que haviam encontrado era muito mais maravilhoso. Elas largavam as redes e o seguiam imediatamente.

Convocação imperativa

Passando adiante, viu outros dois irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco em companhia de seu pai, consertando as redes; e chamou-os. Então, eles, no mesmo instante, deixando o barco e seu pai, o seguiram (v. 21-22). Evidentemente eles estavam envolvidos nos negócios de pesca do pai – que, pelo jeito, eram bastante lucrativos. Porém, os irmãos não estavam pescando no momento; estavam sentados consertando as redes.

Quando eu e Vesta morávamos na região de North Shore em Boston, íamos de carro até Gloucester e almoçávamos no cais. Gloucester é famosa pela grande frota pesqueira, composta principalmente por pescadores gregos. Esses homens iam para o mar e trabalhavam por horas a fio. Contudo, quando retornavam e esvaziavam as redes, o serviço não estava concluído. Eu e Vesta ficávamos sentados no cais contemplando os veteranos grisalhos do mar costurarem meticulosamente suas redes. Esta tarefa era tão importante para os negócios quanto sair de fato para o mar, pois, se a rede estivesse furada, tornava-se inútil. O pescador diligente, além de aprender a pescar, presta muita atenção ao equipamento que utiliza. Igualmente, se quisermos ser pescadores de homens, devemos sempre reparar as redes. Devemos sempre nos fortalecer alimentando-nos da Palavra de Deus, para, assim, termos o que usar quando estivermos pescando pessoas.

O grande pregador batista Charles Spurgeon, ao considerar esse texto, enxergou algumas dimensões do chamado ao discipulado que, por vezes, negligenciamos. Ele disse que o chamado de Jesus é uma convocação imperativa. Ser chamado por Jesus não é como receber uma multa do guarda, muitas vezes jogada fora pelos infratores. Trata-se de uma convocação do Rei, e uma convocação desta natureza não pode ser ignorada. André, Pedro, Tiago e João já sabiam quem Jesus era antes de ele se aproximar. Portanto, não houve hesitação quando o Rei os

chamou para abandonar a segurança terrena. Eles entendiam a autoridade que Jesus tinha para fazer essa exigência em suas vidas.

Charles Spurgeon também observou que a obediência a essa convocação imperativa é adequada. Como Rei dos reis, Jesus tinha não apenas a autoridade, mas também o direito de exigir que as pessoas deixassem o que estavam fazendo, seguissem-no e entregassem-lhe a vida. Nada há de inadequado no fato de Jesus fazer esse tipo de reivindicação. É inadequado, entretanto, ignorar seu chamado. Você consegue imaginar algo mais inadequado do que dizer não a uma convocação de Jesus? Ignorá-lo não é somente tolice; é pecado. É por isso que me sinto desconfortável quando alguém é "convidado" a ir a Cristo. Quando Paulo anunciou o evangelho aos atenienses na colina de Marte, ele disse: "Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam" (At 17.30). O problema em se fazer um "convite" é que isso sugere a possibilidade de recusa. Podemos nos escusar, dizendo: "Desculpe, não posso ir." Deus nunca convida pessoas a irem a Cristo; ele ordena.

Por fim, Spurgeon disse que esse chamado é não somente imperativo e adequado, mas também eficaz. Todos nós devemos saber o que a *doutrina do chamado eficaz* significa. Ela diz respeito a um tipo especial de chamado que vem de Deus em oposição a um chamado externo. Muitos ouvem a mensagem do evangelho sem que ela os impacte. Estes receberam apenas um chamado externo, superficial. Chamado eficaz é algo que Deus faz na alma do ser humano. Quando Deus nos chama externamente, podemos não responder; porém, quando o Espírito Santo nos chama internamente, ele muda a disposição de nosso coração, tornando-nos dispostos e ávidos para ir ao seu encontro. O chamado eficaz de Deus produz um efeito transformador no coração daqueles que o ouvem.

Nem todos os homens chamados para ser discípulos de Jesus no Novo Testamento receberam o chamado eficaz. Judas certamente não recebeu. Muito embora Deus o tenha chamado para seus propósitos, Jesus disse que ele era um diabo desde o início e que fora designado para entregá-lo à morte. Os demais receberam o chamado eficaz. Quando Cristo chamou esses homens, a mensagem não apenas alcançou seus ouvidos, mas traspassou a alma e penetrou no coração, de forma que, quando deixaram as redes, eles estavam transformados.

Você pode até ter ouvido o chamado externo, mas será que já ouviu o chamado interno? O chamado de Jesus já ecoou em sua alma? Espero que você não recoste a cabeça no travesseiro hoje à noite até estar certo, em seu espírito, de que ouviu Cristo chamando sua alma a seguir seus passos.

11

AS BEM-AVENTURANÇAS, PARTE 1

Mateus 5.1-4



> Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; e ele passou a ensiná-los, dizendo: Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.

Começaremos agora um estudo sobre o sermão do monte, e há muitas dimensões nele repletas de controvérsia. A primeira delas diz respeito ao local em que o sermão foi proferido. O monte não é identificado. A versão de Lucas retrata Jesus ensinando seus discípulos em uma planície, uma "planura" (Lc 6.17). Os críticos usam este fato para alegar que a Bíblia é contraditória; no entanto, os mestres ensinam questões importantes em mais de uma ocasião e em mais de um lugar, de modo que não devemos ficar preocupados com o fato de que o registro bíblico mostre Jesus pregando sobre uma montanha em um evangelho e sobre uma planície em outro.

Três erros

O mais importante é a interpretação do sermão do monte. Há três erros graves amplamente cometidos pela igreja no processo de compreensão do sermão. O primeiro erro ensina que nenhum mandamento ético nele aplica-se a nós hoje. Assim, o sermão é visto como uma referência à ética do reino de Deus, e, uma vez que o reino de Deus ainda não veio, o sermão é irrelevante para nós agora. Esta é uma

séria distorção que parte de um equívoco igualmente grave acerca do conceito do reino de Deus no Novo Testamento.

Jesus subiu ao céu para assumir a função de Rei dos reis; portanto, embora a consumação do seu reino esteja no futuro, pensar que ele está completamente no porvir é uma atitude que negligencia um dos principais pontos do Novo Testamento. Creio que o conteúdo do sermão do monte é muito relevante para nós hoje, bem como para os cristãos de todas as gerações. Com efeito, as virtudes nele expressas também são apresentadas nos ensinamentos dos apóstolos.

O segundo erro é considerar o sermão do monte apenas como uma nova declaração de lei na qual uma ética impossível é apresentada diante de nós a fim de revelar a necessidade do evangelho. Isso é, de fato, uma das coisas que a lei faz – expor a necessidade desesperadora que temos do evangelho – mas acredito que esta seja uma interpretação errônea da essência básica do sermão.

A pior distorção possivelmente surgiu em meio ao liberalismo do século 19. De acordo com ela, o sermão do monte trata do evangelho social. Logo, a ética de Jesus não diz respeito à redenção pessoal, mas tem apenas o objetivo de ensinar comportamento ético à igreja para que a missão dela seja servir como agente de um mero humanitarismo. Isso, naturalmente, suprime não apenas a relevância do sermão do monte, mas de todo o Novo Testamento.

Se atentarmos para o conteúdo do sermão do monte, veremos que, nele, Jesus designa nossa resposta a ele como o teste derradeiro pelo qual todos nós seremos julgados eternamente. Portanto, cuidemos para não sermos pegos na armadilha de tais concepções falsas. O sermão é a Palavra de Deus para nós hoje e para os cristãos de todos os tempos.

Abençoados

O início do sermão do monte é repleto de bem-aventuranças. Elas também são chamadas de "beatitudes" porque, na versão latina do Novo

Testamento, a palavra *beati* – traduzida como "abençoado" – significa simplesmente um pronunciamento de bem-aventurança àqueles que estão inclusos nas categorias citadas. Vemos esta expressão, "Bem-aventurados [...]", sendo empregada várias vezes por Jesus nas beatitudes e no sermão do monte. Algumas traduções modernas usam a expressão "Felizes [...]", a qual é uma escolha insatisfatória, porque não abrange a intensa profundidade espiritual – ou seja, este é um aspecto ausente na palavra *feliz*. A felicidade certamente é um elemento da bem-aventurança, mas não um elemento exaustivo.

Os profetas do Antigo Testamento e Jesus, o profeta do Novo Testamento, utilizam uma forma literária específica de discurso. Quando faziam um anúncio, ele era considerado "a palavra do Senhor", porque Deus havia colocado suas palavras na boca desses homens. Os profetas anunciavam desgraça e prosperidade, ou o que chamamos de "oráculos de julgamento" e "oráculos de salvação". Estes oráculos eram pronunciamentos divinos, semelhantes aos que os gregos acreditavam receber do oráculo de Delfos. Os profetas hebreus utilizavam o oráculo para anunciar a palavra de Deus. O oráculo de julgamento era introduzido pela palavra *ai*. Jesus faz uso da mesma forma literária ao advertir os fariseus sobre o juízo iminente: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas" (Mt 23.13). Em seguida, ele os castiga por sua pecaminosidade. No livro de Apocalipse, quando a grande hora do juízo chega, um anjo aparece voando e diz: "Ai! Ai! Ai [...]" (Ap 8.13). Quando Deus anuncia julgamento, não é possível imaginar pior calamidade. As bem-aventuranças, por outro lado, são oráculos de salvação, não de julgamento, e a forma literária empregada pelos profetas para descrever este favorecimento divino era a expressão "bem-aventurado".

Essa expressão aparece em toda a Escritura Sagrada. O livro de Salmos começa com uma bem-aventurança: "Bem-aventurado o homem que não anda no conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos

pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite" (Sl 1.1-2). A consequência da bem-aventurança não é algo que se ganhe ou conquiste; ela flui da devoção à Palavra de Deus.

Quando Gabriel foi até Maria e anunciou que ela seria mãe do Filho de Deus, ele disse: "Alegra-te, muito favorecida! O Senhor é contigo" (Lc 1.28). Quando Maria visitou Isabel, a criança que esta levava no ventre – João Batista – pulou de alegria com a proximidade de Jesus. Isabel disse a Maria: "Bendita és tu entre as mulheres" (Lc 1.42). Uma parte do terço católico romano diz assim: "Ave Maria, cheia de graça, bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre, Jesus". *Ave Maria* é uma simples saudação, uma saudação feita por Gabriel a Maria para comunicar-lhe que ela era bendita entre as mulheres. Embora os protestantes não adotem a teologia que apoia a veneração de Maria na Igreja Católica Romana, nós certamente concordamos com o fato de que a mulher mais bendita na história foi a mãe de Jesus. O Novo Testamento está correto ao registrar Isabel dizendo: "Bendita és tu". Ser "bendita entre as mulheres" significa receber um favor singular da graça de Deus, e todos aqueles que recebem a visita do Espírito Santo experimentam esse estado de bem-aventurança.

A bênção hebraica clássica, expressa em uma forma poética chamada *paralelismo*, faz uma descrição da bem-aventurança bíblica. Ela é composta por três versículos, sendo que cada um deles repete a afirmação do primeiro com palavras diferentes. Esta benção é uma bem-aventurança:

> O SENHOR te abençoe e te guarde;
> o SENHOR faça resplandecer o rosto sobre ti
> e tenha misericórdia de ti;
> o SENHOR sobre ti levante o rosto
> e te dê a paz (Nm 6.24-26).

A bênção suprema prometida a nós no Novo Testamento é que, no céu, veremos Deus face a face. A isso chamamos "visão beatífica", uma visão que inundará nossa alma com o mais elevado grau de bem-aventurança imaginável. É por tudo isso que não me satisfaço com a palavra *feliz* como tradução para os pronunciamentos de Jesus no sermão do monte. Ser abençoado por Deus é receber benefícios espirituais que duram para sempre, e é isto o que Jesus anuncia aos diversos grupos mencionados no sermão.

Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; e ele passou a ensiná-los, dizendo: [...] (v. 1-2). Conforme observamos anteriormente, os rabinos daquela época não ficavam em pé para pregar ou ensinar. Eles permaneciam assentados, e os discípulos se sentavam no chão, literalmente aos pés do mestre. Mateus descreve aqui uma assembleia dirigida pelo rabino, mostrando o momento em que ele reúne os discípulos e se prepara para ensiná-los. Parece desnecessário acrescentar que ele os ensinaria "dizendo", mas esta era uma forma de sinalizar que um professor, rabino ou profeta estava prestes a declarar a palavra de Deus.

Os humildes

Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus (v. 3). Mateus qualifica esta primeira bem-aventurança, mas Lucas não o faz. Ele simplesmente diz: "Bem-aventurados vós, os pobres" (Lc 6.20). Com base nessa ideia, algumas pessoas concluem que o reino de Deus pertence essencialmente aos pobres; logo, tudo o que se tem de fazer para entrar no reino de Deus é ser pobre no sentido material. Na Idade Média, surgiu um pensamento chamado "misticismo da pobreza", no qual o estado de pobreza era elevado a um nível de virtude, conferindo dignidade a quem se encontrasse nele. Essa ideia negligencia o ensinamento mais abrangente da Bíblia acerca dos pobres.

O Antigo Testamento faz distinção entre quatro tipos diferentes de

pobres. Os primeiros são aqueles que se encontram nesse estado como resultado da indolência. Eles são pobres porque têm muita preguiça de semear ou de se envolver em uma atividade produtiva e significativa, e este grupo é alvo do juízo severo de Deus. Isso indica que, biblicamente, não há qualquer virtude na pobreza.

O segundo grupo inclui aqueles que são pobres como resultado de uma catástrofe da qual não tiveram culpa. Eles não são pobres por preguiça. São agricultores, por exemplo, que enfrentaram uma seca ou uma tempestade que destruiu as safras; ou, então, indivíduos que sofreram um grave acidente e ficaram aleijados e incapazes de exercer um trabalho produtivo. Não há juízo para este grupo. Pelo contrário, há uma ordem para que o povo de Deus se certifique de que esta classe de pobres está recebendo ajuda.

O terceiro grupo é formado por aqueles que são pobres como resultado da exploração dos ricos e poderosos. Nos termos bíblicos, esta exploração raramente era feita por homens de negócios abastados, mas por governantes que sugavam toda a riqueza do povo. Vemos um exemplo disso na pessoa de Acabe, que confiscou injustamente a vinha de Nabote.

A quarta categoria é composta por aqueles que são pobres por causa da justiça, isto é, aqueles que voluntariamente escolhem uma vocação que os empobrece. As pessoas desta categoria estão preocupadas com coisas diferentes das que o mercado produz. A elas, é prometida a bondade de Deus, o qual observa esse sacrifício pessoal.

É importante compreendermos, a partir da perspectiva bíblica, que nem toda pobreza decorre da indolência. Por outro lado, nem toda pobreza é digna. Não há qualquer mérito inerente à pobreza, e não há qualquer pecado inerente ao fato de alguém ser pobre. A mesma distinção pode ser feita em relação aos ricos. Aqueles que acumulam riqueza por meios ilegítimos recebem o juízo de Deus, mas, por outro

lado, as Escrituras reconhecem a possibilidade de alguém ser rico e íntegro.

Portanto, aqueles a quem Jesus se dirige aqui não são necessariamente pobres, embora pudesse haver alguns nesse estado. O que está em vista é a pobreza de espírito, mas não no sentido de falta de coragem ou diligência. Mateus também não está falando dos mal-intencionados. Ser humilde de espírito, nos termos bíblicos, significa ser pobre de arrogância. Tais pessoas são o oposto dos escribas e fariseus, que se gloriavam de suas riquezas em virtude, de sua justiça pessoal. Eles não entram no reino de Deus.

Até mesmo em nossa cultura, persiste o mito de que as pessoas podem ir para o céu por meio de boas obras, por meio da retidão que alcançam com virtudes pessoais. Se confiarmos em nossa própria justiça para entrar no reino de Deus, passaremos longe dele. Para entrar no reino de Deus, devemos compreender que, à luz da perfeição divina, nossa virtude é um fracasso. Não temos mérito algum para oferecer a Deus, salvo aquele obtido por nós por nosso Salvador. Jesus esclarece aqui uma condição necessária para entrar em seu reino: devemos ter o orgulho quebrantado. O salmista escreve: "coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus" (Sl 51.17). Pouco antes disso, ele diz: "Pois não te comprazes em sacrifícios; do contrário, eu tos daria; [...] Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado" (v. 16-19).

Uma amiga minha deixou a Igreja Católica Romana e tornou-se crente. Ela estava empolgada com a fé recém-descoberta e sentia-se liberta do constante clima de censura presente na antiga religião. Ela me disse: "Quando descobri que a justificação era pela fé e não pelas obras, eu achava que já estava tudo resolvido – até ler seu livro *The Holiness of God* [A Santidade de Deus]. O livro me deixou preocupada porque, nele, o senhor reitera que sou pecadora. Eu não queria ouvir isso, mas, quando comecei a refletir sobre a natureza de Deus, entendi que não há

retidão em mim fora de Cristo". A experiência dela foi de empobrecimento do espírito.

Não devemos pensar que os pobres de espírito entram no reino por causa desta característica e que os demais entram por outros meios – sendo pacificadores ou passando fome e sede, como vemos nas outras bem-aventuranças. Todos precisamos ser humildes de espírito para receber a bênção suprema do reino de Deus.

12

AS BEM-AVENTURANÇAS, PARTE 2

Mateus 5.4-9



Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.
Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra.
Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos.
Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.
Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.
Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.

Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados (v. 4). A maioria dos comentaristas considera este um tipo especial de choro – um choro tão específico, que não abrange a ideia ampla da palavra. A primeira bem-aventurança qualifica o humilde como humilde *de espírito*. Por isso, os estudiosos concluem que Jesus está falando daqueles que choram pelos pecados em arrependimento. Creio que este elemento está presente – e logo nós o analisaremos de forma sucinta – mas a aplicação é mais ampla do que simplesmente a contrição pelo pecado.

Choro

Os que choram, mas que permanecem afastados de Deus, nunca receberão o consolo prometido aqui. A promessa de consolo para os que choram não é universal. Todavia, o choro era algo distinto em relação à vida do povo judeu no Antigo Testamento. A sorte dessas pessoas foi muitas vezes difícil, pois elas sofreram opressão de muitas nações e tinham abundância de pobreza e doenças. O choro era parte tão

integrante da vida delas, que as Escrituras fazem a seguinte observação: "O coração dos sábios está na casa do luto, mas o dos insensatos, na casa da alegria" (Ec 7.4). Herman Melville, certa vez, observou: "Até entendermos que um sofrimento tem mais valor do que mil alegrias, jamais poderemos compreender o que o cristianismo está tentando fazer conosco."[1] Nosso Senhor era conhecido como um homem de dores e estava familiarizado com o sofrimento. Há um choro, sem ser o choro pelo pecado, que faz parte da vida do crente até o dia de hoje.

Quando José e Maria levaram Jesus ao templo para apresentá-lo, Simeão viu o menino e disse: "Agora, Senhor, podes despedir em paz o teu servo, segundo a tua palavra; porque os meus olhos já viram a tua salvação" (Lc 2.29-30). Esse foi um momento maravilhoso na história da redenção. Pouco antes desse relato, lemos que Simeão era um homem justo e piedoso que esperava a consolação de Israel (v. 25). Se você abrir sua Bíblia neste versículo, verá que "Consolação" está escrito com letra maiúscula [ARA]. O termo era um título judaico para o Messias vindouro, uma vez que o povo o considerava seu remidor e sua consolação.

O Novo Testamento fala várias vezes sobre o ministério do Espírito Santo, aquele que traz a consolação e enxuga as lágrimas do povo de Deus. Quando perdemos um ente querido, choramos; mas choramos sabendo que as lágrimas se transformarão em alegria e consolo no dia da ressurreição. Portanto, se quisermos qualificar esta bem-aventurança, temos de fazê-lo assim: "Bem-aventurados os justos que choram, porque serão consolados", em referência a toda a dor que vierem a sofrer no mundo.

Receber consolo no nível humano é uma experiência destituída de Cristo. Lembro que, quando criança, eu às vezes me machucava brincando na rua ou recebia provocações. Quando isso acontecia, eu voltava para casa chorando. Minha mãe, que costumava estar ocupada

na cozinha, usava a borda do avental para enxugar minhas lágrimas. Penso nisso sempre que leio a promessa no livro do Apocalipse, a qual diz que, no céu, o Senhor enxugará todas as nossas lágrimas de uma vez por todas (Ap 21.4). Por mais consolador que fosse sentir a barra do avental da minha mãe no rosto, eu voltava a chorar depois. Contudo, quando o consolo prometido aqui em Mateus for totalmente consumado, ele será eterno e porá fim a toda lágrima.

Também há o choro decorrente do pecado. Na teologia, fazemos uma importante distinção entre dois tipos de arrependimento. Um deles é chamado de "atrição", o qual pode ser definido como o arrependimento motivado pelo medo do castigo. É o tipo de arrependimento expresso pelos filhos quando, ao serem pegos com a mão no pote de biscoitos, dizem: "Por favor, não me castigue. Não vou fazer de novo." Isso é diferente do autêntico arrependimento, definido pelo que chamamos de "contrição". O arrependimento verdadeiro é gerado por uma profunda dor na alma ao ficarmos genuinamente tristes pelos pecados cometidos. Quando Cristo vê o justo quebrantado pela convicção do Espírito Santo – o qual revela nossos pecados e faz-nos encharcar o travesseiro com lágrimas – conhecemos a verdadeira contrição à qual Deus promete consolo. Aqueles que reconhecem os pecados de modo superficial refletem o tipo de arrependimento expresso por Esaú – o falso arrependimento. Uma pessoa verdadeiramente piedosa chora não somente pela perda de entes queridos ou pela própria saúde, mas também por seus pecados diante de Deus.

Portanto, quando nosso Senhor diz "Bem-aventurados os que choram", a bênção não está no choro, mas no consolo. O consolo que o povo de Deus pode esperar – em parte agora e, de modo completo, no dia final – é aquele mencionado pelo profeta: "Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus. Falai ao coração de Jerusalém, bradai-lhe que já é findo o tempo da sua milícia, que a sua iniquidade está perdoada e que

já recebeu em dobro das mãos do SENHOR por todos os seus pecados" (Is 40.1-2).

Os mansos

A outra bem-aventurança é esta: **Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra** (v. 5). Com frequência, há grandes mal-entendidos a respeito do que está em vista aqui. Temos a tendência de considerar mansidão como sinônimo de fraqueza. Imaginamos os mansos como uma personificação de Casper Milquetoast.* Esta característica parece descrever alguém desprovido de determinação ou coragem, mas este não é, de modo algum, o significado do conceito bíblico. Mansidão é uma qualidade quase sempre manifesta por pessoas extremamente fortes que, a despeito disso, não empregam força ou poder para oprimir os outros ou destruí-los.

O modelo supremo de mansidão na época do Antigo Testamento foi Moisés, e sabemos que ele foi um dos homens mais poderosos da história humana. Ele utilizou com benignidade sua força e o poder concedido por Deus. Houve também um homem no Novo Testamento muito mais forte do que Moisés: nosso próprio Senhor. Contudo, está escrito que Jesus não esmagaria uma cana quebrada (Is 42.3). Podemos observar como Jesus lidava com os fariseus e os escribas. Ele respondia à altura quando era abordado com dureza, mas, quando se deparava com pessoas humildes, quebrantadas pelo pecado, ele ministrava com bondade. O próprio Senhor foi um modelo de mansidão, mas ninguém jamais achou que Jesus era um indivíduo fraco ou sem personalidade.

A promessa feita aos mansos é a herança da terra. Quando alguém morre e o testamento é lido, os herdeiros são informados a respeito dos bens deixados. Eles ficam animados ao descobrir que a casa ou a fazenda da família lhes será transmitida. No entanto, levando em conta a

vastidão do mundo, essas porções de terra são pequenas. A herança da bem-aventurança, por sua vez, é a terra toda.

Está escrito que nós somos herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo. Todas as coisas deste mundo foram dadas a Jesus, e a redenção realizada por ele não é apenas para os pecados do povo, mas para todo o planeta caído. No momento, toda a criação geme enquanto aguarda a redenção dos filhos de Deus, mas, na consumação do seu reino, o Senhor inaugurará um novo céu e uma nova terra, a ser dominada pelos mansos.

Você consegue enxergar um padrão aqui? O fato não é que alguns cristãos são chamados para ser humildes de espírito, que outros são chamados para chorar e que outros, ainda, são chamados para ser mansos. Todos esses atributos ou qualidades devem ser manifestos na vida de todo cristão. Todos nós somos chamados para ser humildes de espírito em vez de confiar na própria justiça, todos nós somos chamados para chorar por causa de nosso estado caído e todos nós somos chamados para demonstrar mansidão, porque, a nós, foi dada a terra como herança, o consolo futuro e a posse do reino de Deus.

Justiça verdadeira

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos (v. 6). Os comentaristas afirmam que, aqui, Jesus tinha em mente os crentes que buscam de todo o coração a imputação da justiça de Cristo, por meio da qual recebem sua posição diante de Deus. Segundo eles, não temos justiça suficiente para entrar no céu, e somente aqueles que estão vestidos com a justiça de Cristo entrarão em seu reino. Sem dúvida, isso é verdade. Porém, duvido que isso era o que Jesus tinha em mente aqui; afinal, apesar de sermos justificados pela fé, e não por obras, somos justificados para as obras. Fomos eleitos por Deus e recebemos sua graça para a justiça. Muito embora nossa justiça jamais possa nos justificar, o fruto da justificação é o crescimento na verdadeira retidão. Conforme Martinho Lutero afirmou, nós estávamos mortos em nossos pecados,

mas Deus nos ressuscitou dentre os mortos e nos declarou justos quando ainda estávamos em pecado. É isso o que significa justificação pela fé. Ele não somente fez essa declaração, como também nos deu o remédio para sermos realmente conformados à imagem de Jesus, e todo cristão é chamado a crescer a fim de alcançar maturidade e justiça.

Em outra parte do Evangelho de Mateus, estudaremos a busca pela justiça. Nós temos uma espécie de alergia a ela, pois costumamos associá-la à justiça própria, aquela demonstrada pelos fariseus em lugar da justiça verdadeira. A retidão genuína resume-se a fazer o que é certo. Isso deve ser uma preocupação para nós, e não apenas uma preocupação passageira. As imagens empregadas no texto bíblico são de fome e sede. A mensagem foi transmitida a pessoas que, em sua maioria, viviam no deserto e sabiam o que significa ter a boca tão seca e uma sede tão intensa, a ponto de um único copo de água fresca ser capaz de melhorar dramaticamente esta condição. Elas também sabiam o que significa sofrer inanição ou passar fome por longos períodos. Para um indivíduo que está em tal estado, como quem cruza o deserto e, ao ficar sem água, ora a cada segundo pedindo um oásis, a busca por este oásis é a única coisa que o faz prosseguir. A intensidade desse tipo de fome e sede é o que deve marcar nossa vida, segundo Jesus.

Em sua juventude, Jonathan Edwards escreveu resoluções para as virtudes que buscava alcançar em vida, e com a graça de Deus, esse homem tornou-se um modelo de justiça. Mais ou menos na mesma época, houve um homem nos Estados Unidos colonial que também buscou obter justiça, mas sem a ajuda de Deus. Seu nome era Benjamin Franklin. Franklin fez uma lista de virtudes que desejava ter e, todos os dias, realizava uma autoanálise para ver se tinha realizado determinada justiça durante as últimas vinte e quatro horas. Ele confessou que, após anotar humildemente seu sucesso em vários dias consecutivos, começou a ficar orgulhoso de sua humildade. Até mesmo os não regenerados

entendem, em certa medida, seu fracasso quando procuram alcançar a verdadeira justiça.

Seria maravilhoso se, em nossa lápide, escrevessem que fomos justos durante a vida. Não devemos desprezar a justiça como se ela fosse algo exclusivo daqueles que a buscam com as próprias mãos. Devemos amar a retidão o suficiente para buscá-la com a mesma intensidade dos que têm fome e sede, pois Deus promete que, se tivermos fome de justiça, não ficaremos de mãos vazias. Nós receberemos o pão da vida que nos alimentará por toda a eternidade. Se tivermos sede de justiça, o Filho da justiça fará com que águas vivas brotem em nossa alma por toda a vida eterna. Ficaremos saciados e satisfeitos com essa busca.

[1] MELVILLE, Herman. *Redburn: His First Voyage.* Garden City, NY: Doubleday, 1957.

[*] Personagem de quadrinhos com personalidade extremamente serena e passiva (N.do E.).

13

AS BEM-AVENTURANÇAS, PARTE 3

Mateus 5.7-9



Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.
Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.
Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia (v. 7). Esta bem-aventurança contém uma promessa gloriosa, mas existe algo alarmante a seu respeito. A promessa de bênção divina, neste caso, é reservada aos misericordiosos. Como já vimos em nosso estudo das bem-aventuranças, Jesus não está escolhendo diferentes grupos de pessoas para oferecer recompensas específicas àqueles que manifestarem determinadas virtudes. Cada um de nós deve receber e manifestar todas as virtudes contidas nas bem-aventuranças.

Espírito de misericórdia

O caráter do cristão deve manifestar um espírito de misericórdia, mas, para grande vergonha nossa, isso nem sempre acontece. Somos incapazes de tomar um fôlego sequer, salvo pela misericórdia de Deus. Nós devemos manifestar um espírito de misericórdia porque vivemos cada dia graças a ela. Além disso, herdamos a vida eterna estritamente com base na misericórdia, e não na justiça. Este tema ecoa até na oração do Pai nosso, a qual analisaremos em mais detalhes posteriormente: "[...] perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores" (Mt 6.12). O aspecto alarmante dessa bem-

aventurança é que, se o perdão de Deus dispensado a nós refletir, de alguma forma, nosso próprio espírito de perdão demonstrado aos outros, estamos em apuros. Uma vez que a concessão de perdão é, de certa forma, uma concessão de misericórdia, aqueles que vivem pela misericórdia devem estar dispostos a ser misericordiosos com o próximo.

Esse conceito é tão importante no ensinamento de Jesus, que nós o encontramos novamente na parábola do servo impiedoso no Evangelho de Mateus. Havia um homem incapaz de pagar a própria dívida, e, ao implorar por misericórdia, seu mestre a perdoou. Mais tarde, entretanto, o servo recusou-se a perdoar a dívida de um colega. O mestre que havia anulado a dívida daquele homem desfez o ato misericordioso e lançou-o na prisão. Jesus conclui a parábola com estas palavras: "Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão" (Mt 18.35).

Devemos dar ouvidos ao alerta. Se nos recusarmos a mostrar misericórdia àqueles que nos pedirem, como esperaremos receber misericórdia das mãos de Deus? Este é o lado negativo da bênção. Se a expressássemos de forma negativa, o oráculo seria de maldição: "Amaldiçoados sois vós desprovidos de misericórdia, pois não a recebereis de Deus." Jesus estrutura a informação de forma positiva, prometendo a bênção do Pai aos misericordiosos – ou seja, quem agir com misericórdia receberá misericórdia.

A misericórdia que já recebemos das mãos de Deus é tamanha, que, mesmo se ele nunca mais o fizesse, nós nada teríamos do que reclamar. A boa notícia é que a quantidade recebida não é tudo o que haveremos de receber: tal misericórdia se estenderá por toda a eternidade.

Pureza e visão clara

Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus (v. 8). Observamos, em nosso estudo sobre as bem-aventuranças até aqui, um

padrão de coerência entre o que é recebido como bênção de Cristo e a recompensa desta bênção. Agora, vemos que a promessa da visão beatífica é concedida aos limpos de coração. Uma das coisas mais difíceis no cristianismo é servir a um Deus invisível.

"Longe dos olhos, longe do coração", dizemos, e, contudo, Deus está sempre fora do campo de visão do seu povo. Nós nunca o vemos. Desde que Adão e Eva foram expulsos do jardim do Éden, a visão de Deus foi proibida, e somos informados de que a alma que o vir morrerá. Nem mesmo Moisés, que contemplara aspectos divinos maravilhosos e jamais vistos por qualquer outro homem, recebeu permissão para ter um simples vislumbre da face de Deus. Deus disse a ele:

Não me poderás ver a face, porquanto homem nenhum verá a minha face e viverá. Disse mais o SENHOR: Eis aqui um lugar junto a mim; e tu estarás sobre a penha. Quando passar a minha glória, eu te porei numa fenda da penha e com a mão te cobrirei, até que eu tenha passado. Depois, em tirando eu a mão, tu me verás pelas costas; mas a minha face não se verá (Êx 33.20-23). Nem Moisés pôde receber a bênção suprema de ver a face de Deus.

Por que não podemos ver Deus? Alguns dizem que se trata basicamente de um problema ontológico, isto é, causado pelo fato de que Deus é espírito. Ele não tem massa ou qualquer outra forma a ser contemplada, e nós, como criaturas, não temos força de visão para ver o ser divino invisível. No entanto, o que é descrito a nós na Escritura não é um problema com nossos nervos óticos. Nossa incapacidade de ver Deus não é uma deficiência nos olhos, mas uma deficiência no coração: ele não permite que pessoas impuras o vejam.

Esta não é apenas uma questão específica de impureza presente em nossas mãos ou em nossos lábios, mas no âmago do nosso ser. Se houver uma única impureza ali, a visão direta de Deus nos é negada. Nas Escrituras, vemos diversas ocasiões em que Deus se manifestou por meio

daquilo que chamamos de "teofania" – a aparição visível do Deus invisível – como no caso da sarça ardente no deserto midianita, presenciada por Moisés, ou a manifestação da glória de Deus na nuvem *shekinah*. Na encarnação, a glória divina brilhou nos campos de Belém, e os pastores sentiram profundo temor. Essa glória, entretanto, foi apenas uma manifestação exterior do ser divino; não foi a essência de Deus. Se os homens já tremem diante de teofanias, não podemos sequer imaginar como seria aterrorizante ver Deus como ele realmente é.

Essa promessa específica é ampliada no Novo Testamento, dando esperança aos cristãos em relação ao que chamamos de "visão beatífica". Chamamos a visão de "beatífica" porque ela é a que mais inundará a alma humana de extrema bem-aventurança. "Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus" (1Jo 3.1). João exprime um sentimento de perplexidade apostólica diante da possibilidade de sermos considerados filhos de Deus. As pessoas têm dúvidas sobre o céu, mas a maioria delas não pode ser respondida porque diz respeito a coisas que Deus não revelou. João discorre sobre nossa incapacidade de compreender o céu: "[...] ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é" (v. 2). Esta é a promessa para todos os cristãos: nós o veremos como ele é. A expressão em latim é *eum sicuti est* e significa que nós o veremos "como ele é". Não será uma mera percepção externa; nós seremos capazes de penetrar na realidade do próprio ser divino. Edwards faz um comentário bem detalhado sobre a experiência de ver não apenas a aparência externa, mas a essência de alguma coisa. Este tipo de visão inclui uma apreensão direta e imediata independente de sensações físicas, e é isso o que podemos esperar no céu quando virmos Deus como ele é.

João continua: "E a si mesmo se purifica todo o que nele tem esta esperança, assim como ele é puro" (v. 3). Uma das razões pelas quais nós

não podemos ver Deus agora é que não somos puros de coração. No entanto, quando tivermos o coração purificado, nossos olhos serão abertos para esse conhecimento imediato de Deus. Em outras palavras, quando chegarmos ao céu e formos completamente santificados – quando todo resquício de pecado for removido de nós – então seremos capazes de ver o Senhor face a face, tal como ele é. Outros dizem que a pureza de coração será resultado da contemplação de Deus em sua pureza, pois não podemos olhar para o rosto de Deus sem que tal purificação completa aconteça em nossa alma. Acredito na primeira opção, e não nesta última. Contudo, as duas coisas podem acontecer simultaneamente, havendo uma interconexão entre a visão divina e a nossa glorificação. Porém, independentemente da ordem, a promessa se mantém firme: o Deus a quem adoramos sem ver é aquele a quem contemplaremos face a face.

Pacificadores

Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus (v. 9). Creio que esta seja uma das bem-aventuranças mais difíceis de se compreender. A bênção não é pronunciada sobre os pacificadores, mas para os pacificadores: aqueles que se esforçam para apaziguar conflitos. Algumas pessoas são capazes de detectar conflitos ou inimizades e ajudar na reconciliação. Neste sentido, todos nós somos chamados a ser pacificadores. No entanto, ser pacificador no sentido bíblico significa mais do que isso.

Há muitos anos, fiz parte de um grupo formado para resolver uma contenda na igreja, incluindo o pastor, os anciãos e a congregação. Após procurar conhecer as queixas de todos os lados, o líder do grupo determinou que era preciso encontrar uma maneira de apaziguar todos os envolvidos no conflito. Eu fui contra. Nossa tarefa era administrar justiça, não satisfazer ambas as partes do problema. Nossa tarefa não era

realizar um acordo na carne e clamar: “Paz, paz; quando não há paz” (Jr 6.14). Podemos achar, erroneamente, que paz é mais importante do que verdade e justiça.

Quando os pastores são ordenados, eles são conclamados a manter a paz, a unidade e a pureza da igreja. Se alguém aparece ensinando graves heresias, o pastor deve se opor. Ele será criticado por perturbar a paz e a unidade da igreja, mas sacrificar a pureza em prol da paz nada mais é do que buscar uma paz carnal. Trata-se de uma falsa paz.

Os pacificadores que Jesus tem em vista aqui em Mateus são aqueles que trazem a verdadeira paz sem abrir mão da integridade, da verdade ou da justiça. A paz que passa por cima da justiça já arruinou a igreja muitas vezes na história. Por outro lado, não devemos ser contenciosos. Nossa tarefa é ser agentes de reconciliação e trazer a paz como representantes do Príncipe da Paz, mesmo que isso seja complicado e difícil. Que Deus nos torne conhecidos como indivíduos misericordiosos que buscam ser puros de coração e agentes da paz.

14

AS BEM-AVENTURANÇAS, PARTE 4

Mateus 5.10-12



> Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós.

Estas duas últimas bem-aventuranças do sermão do monte têm um tema em comum no que diz respeito à perseguição. Elas são consideradas as bem-aventuranças mais inesperadas de todas, pois quem sofre tais perseguições não costuma considerá-las ocasiões de bênção.

Perseguidos por causa da justiça

Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus (v. 10). Observe que esta bem-aventurança não afirma que a perseguição é abençoada independentemente do motivo. Pessoas do mundo inteiro enfrentam toda sorte de perseguição, mas nem sempre pelo bem da justiça. Pedro escreve: "se for da vontade de Deus, é melhor que sofrais por praticardes o que é bom do que praticando o mal" (1Pe 3.17). Em outras palavras, uma coisa é sofrer por praticar o mal, e outra coisa bem diferente é sofrer por fazer o que é certo. Neste aspecto, estamos apenas tentando ser imitadores de Jesus, o qual provavelmente sofreu mais hostilidade, aversão e perseguição de qualquer indivíduo na história mundial – e cada pingo de seu sofrimento foi em prol da justiça.

A conduta íntegra gera perseguições porque os iníquos não suportam contemplar a justiça. Aqueles que odiavam Jesus com mais intensidade eram os fariseus, pois nutriam uma falsa aparência de justiça. O pecado deles consistia principalmente de hipocrisia, porque, embora simulassem retidão, eram iníquos. Sob esse disfarce de justiça, eles crucificaram o Filho da glória. Nada expõe a farsa com mais rapidez do que a realidade. Quando a verdadeira justiça apareceu na pessoa de Jesus, a falsa justiça dos fariseus foi exposta, e eles odiaram isso.

Certa vez, tive uma aluna com média 4,0, o que, na época, era a nota mais alta possível. Ela era brilhante, e sua média excedeu todas as outras. Quando isso aconteceu, reparei que os outros alunos não a parabenizaram. Pelo contrário, eles não gostaram e demonstraram uma tendência a desdenhá-la. No segundo semestre do último ano letivo, eu apliquei uma prova, e essa aluna foi reprovada. Eu achava que ela havia feito aquilo de propósito, e quando conversei a respeito, ela começou a chorar. A jovem admitiu que fizera aquilo porque todos os rapazes a consideravam inteligente demais e, por isso, não queriam namorá-la. Ela simulou um fracasso para ser aceita. Esta moça, a seu modo, sofreu por fazer o que era certo.

A mesma coisa acontece quando os cristãos se abstêm de participar de atividades mundanas. Mesmo se não dissermos nada diretamente contra a atividade em questão, as pessoas que participam dela olharão para nós com desconfiança e nos chamarão de hipócritas. Esse tipo de perseguição está longe de ser semelhante aos tipos sofridos por todo o mundo em favor de Cristo. A mera declaração pública de lealdade a Jesus basta para que pessoas percam o emprego e a própria vida. Há diferentes níveis de perseguição, mas nenhum cristão pode passar pela vida sem enfrentar alguma forma deste sofrimento. Jesus entra em mais detalhes na bem-aventurança seguinte.

Injuriados por causa de Cristo

Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós (v. 11). Nosso Senhor tem em vista aqui o tipo de perseguição que inclui calúnia. As pessoas perseguidas desta forma são injuriadas, falsamente acusadas e têm a reputação manchada. Mais uma vez, a bênção não é prometida só porque falam mal de nós; a bênção é prometida quando essas coisas acontecem por causa de Jesus.

Você já foi caluniado ou falsamente acusado por causa de Jesus? Alguém já fez acusações mentirosas a seu respeito por causa dele? Em caso afirmativo, você sabe como isso pode ser doloroso. Nossa reputação é preciosa para nós, e é difícil sermos acusados de coisas que não fizemos ou dissemos. Como, então, isso poderia ser ocasião de bem-aventurança? Jesus nos diz: **Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus** (v. 12).

Quando ainda era aluno, fui selecionado pelo seminário para pregar na capela em uma ocasião especial. Tratava-se de um evento anual em que todo o presbitério se reunia. Havia pastores de aproximadamente 200 igrejas, além do corpo discente do seminário e da faculdade. Era uma grande honra ser selecionado para pregar. Escolhi falar sobre a doutrina do pecado e expliquei o que havia aprendido no seminário sobre o assunto: que o pecado é uma falha existencial na obtenção da existência genuína. Eu havia aprendido que o pecado, em última análise, é apenas uma questão de finitude, um componente essencial à natureza da criatura e uma doença psicológica. Em seguida, eu disse aos ouvintes que, embora concordasse com o fato de que enfrentamos todos esses aspectos, nenhum deles se aproxima da visão bíblica acerca da natureza do pecado. Segundo as Escrituras, o pecado é uma violação da santidade de Deus. O pecado é uma transgressão de sua lei, e tal transgressão não pode ser minimizada a categorias psicológicas de neurose ou a categorias existenciais de inautenticidade, nem mesmo reduzida à finitude.

Quando o sermão terminou, desci do púlpito, e um grande afluxo de alunos veio em minha direção. Os jovens, em sua maioria pensadores liberais, foram até mim comovidos e empolgados com a pregação. Fiquei perplexo. Eu achava que eles me condenariam. No entanto, nem todos estavam felizes. Enquanto eu caminhava para o fundo da capela, o decano aproximou-se, furioso. Seu rosto estava contorcido de raiva. Ele começou a gritar comigo na frente da multidão e me empurrou contra a parede, dizendo: "Você distorceu todas as verdades do protestantismo no sermão desta manhã." Fiquei arrasado, e saí da capela me perguntando se eu realmente havia feito aquelas distorções todas.

Fui, então, conversar com meu mentor, John Gerstner. Quando lhe contei o ocorrido, ele sorriu e exclamou:

— Você deve estar extremamente feliz.

Eu respondi que não era bem assim que me sentia, e ele disse:

— Todos os calvinistas, desde João Calvino até B. B. Warfield, estão se regozijando no céu esta manhã por causa do que ouviram naquele púlpito. Você é bem-aventurado porque acabou de ser injuriado por causa de Cristo.

Eu certamente não me sentia bem-aventurado, mas, de uma forma mínima, pude provar a ira dos homens por causa da verdade divina.

Galardões

Com frequência, temos dificuldades com o conceito de galardão. Colocamos tanta ênfase na justificação pela fé e não pelas obras, que, às vezes, desprezamos as obras que poderíamos realizar. Como é possível conciliar a verdade de que Cristo é o nosso único mérito com o futuro recebimento de galardões no céu? Há, pelo menos, 25 textos no Novo Testamento ensinando que galardões serão distribuídos por Cristo no céu de acordo com nossas obras. Entramos no céu somente pela fé, mas os galardões que receberemos ali serão consequência das obras que realizarmos neste mundo. Portanto, aqueles que foram justificados são

chamados a levar uma vida piedosa, abundante em frutos e que produza boas obras para que, por elas, recebam um galardão celestial.

Agostinho disse que, quando Deus nos recompensa por nossas obras, elas estão tão contaminadas pelo pecado, que representam – na melhor das hipóteses – vícios esplêndidos. A melhor obra que conseguirmos realizar não merecerá um galardão no céu. Não obstante, mesmo que não o mereçamos, nós o receberemos. Quando Deus distribuir os galardões no céu, ele estará coroando seus próprios dons; ou seja, Deus é aquele que nos dotou para a realização de sua obra. É somente pela graça que somos capazes de fazê-lo.

O galardão prometido é um galardão futuro. Contudo, se atentarmos para a última frase desta bem-aventurança, veremos que há uma recompensa presente: [...] **pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós** (v. 12). Se você foi caluniado neste mundo por causa de Cristo, por causa da justiça, certamente receberá um grande galardão quando chegar ao céu. No entanto, já nesse exato momento você será contado entre os profetas do Antigo Testamento. Nesse exato momento, aos olhos de Deus, você está incluído no seleto grupo daqueles que já se foram e enfrentaram a mesma calúnia. Caso tenha passado por essa situação, você está na companhia de Isaías, Jeremias e todos os profetas que viveram antes de nós. Este é um grupo esplêndido para se fazer parte. A recompensa não é apenas futura, mas também presente se compreendermos o modo bendito como o Senhor nos enxerga. Ele nos vê. Ele nos observa. Ele nos encoraja.

15

SERMÃO DO MONTE

Mateus 5.13-16



> Vós sois o sal da terra; ora, se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa. Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus.

Há uma mudança sutil no sermão do monte. O início apresenta uma lista de bem-aventuranças, nas quais Jesus pronuncia sua bênção ou graça àqueles que passam por determinadas situações. Agora, ele deixa de pronunciar bênçãos e passa a comunicar responsabilidades.

Ele dirige estas palavras aos discípulos: **Vós sois o sal da terra** (v. 13). Quando querem elogiar alguém, certas pessoas dizem: "Ele é o sal da terra." Jesus, entretanto, não proferiu essas palavras em vão. Ele usou esse título honroso por um motivo diferente. Cristo tinha a intenção de explicar o que e quem eram os discípulos e, com base nisso, definir o que deveriam fazer. Por isso, quando lemos a metáfora do sal, devemos considerar sua função principal no mundo antigo. Esse elemento era usado para dar gosto ou sabor aos alimentos, tal como hoje. Contudo, a função mais importante era de conservação. As pessoas de antigamente não tinham geladeira e, se quisessem evitar que a comida estragasse,

tinham de envolvê-la em sal. Além disso, o sal era utilizado para provocar sede.

Sabor do sal

Nosso Senhor aplica essa metáfora aos discípulos – e, por conseguinte, a nós – para mostrar que eles eram pessoas que acrescentam sabor ao mundo. Nós devemos ser o tempero que torna a vida mais saborosa. Os cristãos não são chamados a retirar-se do mundo. Não somos sal apenas da terra, mas *para* a terra, a fim de que possamos acrescentar este tempero saboroso à vida. Alguns cristãos são considerados rabugentos. Eles são sisudos e parecem não acrescentar qualquer alegria ou sabor a nada. Porém, de todas as pessoas, nós deveríamos ser os mais cheios de amor pela vida e contagiar os demais com esta alegria.

Algumas décadas atrás, Rebecca Manley Pippert escreveu um best-seller chamado *Out of the Saltshaker* [Fora do saleiro].[1] Achei o título um pouco provocativo, pois ele capta a ideia de que o sal dentro do saleiro não consegue dar gosto a nada. O sal deve sair do saleiro. Jesus está dizendo que devemos ser o sal que sai do saleiro. Para que o sal seja útil, ele deve ser utilizado.

Uma empresa norte-americana fabricante de sal, a Morton Salt, tem um slogan mais ou menos assim: "Funciona até debaixo d'água." A frase é memorável não apenas pela afirmação que faz em relação ao produto, mas também por sua inverdade. Sabemos o que acontece quando tentamos usar o saleiro em um ambiente muito úmido. Nem o sal Morton consegue sair da embalagem sendo apenas agitado.

Função do sal

Mais importante ainda do que a ideia do sabor é o principal argumento de Jesus, relativo à função do sal como conservante. Uma das tarefas da igreja é impedir que o mundo se autodestrua. O cristianismo histórico é muitas vezes criticado por ter provocado guerras e dores

intensas no mundo. De fato, cristãos zelosos já causaram divisões, mas as críticas feitas são uma grave distorção do registro histórico. Se considerarmos a história da civilização ocidental, veremos que, quando Cristo veio, a idade de ouro da Grécia já havia enferrujado e a cultura de Atenas havia se degenerado, transformado-se em barbárie. Esse império abriu espaço para Roma, a qual se afundou nas mesmas profundezas de corrupção pagã.

Diz-se que a história intelectual do ocidente foi salva pela contribuição do apóstolo Paulo, em particular, e do cristianismo, no geral. Também já foi afirmado que o advento do cristianismo foi o que salvou a cultura ocidental da completa barbárie. Se examinarmos a influência da igreja cristã, especialmente no ocidente desde o primeiro século até os dias atuais, veremos que ela foi, mais do que qualquer outra instituição, a responsável pela inauguração do ensino superior. O sistema universitário foi uma invenção da igreja cristã. Foi a igreja cristã que introduziu as artes – música, pintura e literatura. Muitos dos maiores artistas mundiais foram cristãos, e o mesmo se aplica na esfera musical, com Bach, Mendelssohn, Händel e Vivaldi. Além disso, a igreja cristã iniciou o movimento beneficente no mundo ocidental. Foi ela, em cumprimento à ordem de Jesus para cuidar dos órfãos, que introduziu os orfanatos. Embora o Novo Testamento tenha sido escrito em uma época na qual a escravidão ainda estava em voga, John Murray observou que todas as sementes para a abolição haviam sido semeadas nas páginas do Novo Testamento. Logo, em um sentido muito real, a igreja de Cristo tem sido o conservante utilizado por Deus para evitar que a civilização ocidental venha a implodir em sua corrupção interna.

Alguns historiadores dizem que vivemos na era pós-cristã. Outros descrevem nossa cultura como neopagã. Outros, ainda, vão mais longe e descrevem-na como neobárbara. Parece-me que só bárbaros seriam capazes de matar os próprios filhos, ainda nascituros, à taxa de um

milhão e meio por ano. Uma nação que tolera esse tipo de corrupção não tem como perdurar. Enquanto a igreja tenta ser o sal para ajudar na preservação da cultura, a cultura faz tudo o que está ao seu alcance para remover a influência da igreja da corrente predominante da vida norte-americana. No momento, ainda dispomos de certa proteção contra a perseguição. Somos livres para nos reunir em culto público. Contudo, nossa liberdade é limitada por aqueles que dizem que os cristãos serão tolerados apenas se permanecerem fora da praça pública. No instante em que introduzimos a mensagem de Cristo na cultura propriamente dita, defrontamo-nos com a resistência de seu paganismo.

Quando os colonizadores chegaram aos Estados Unidos e foram recebidos pelos nativos, houve guerra. Os índios foram subjugados. Eles foram autorizados a continuar vivendo ali, mas com restrições; além disso, foram relegados às reservas, as quais os isolaram das principais correntes da vida cultural. Temo que isso se assemelhe à sorte da igreja cristã atualmente: estamos autorizados a existir contanto que permaneçamos dentro de nossa reserva. Se nós fôssemos sal como os discípulos, se nos arriscássemos com tanta ousadia nos lugares públicos como Paulo na época da igreja primitiva, seríamos presos, açoitados e perseguidos. No entanto, fomos ensinados a manter o sal dentro do saleiro, onde ele não pode causar qualquer mal.

Apesar da resistência, esta cultura decadente é poupada da autodestruição pela influência de Cristo e seu povo. Não somos chamados para cruzar os braços e reclamar sobre como as coisas estão piorando, mas para preservar aquilo que vale a pena ser preservado no mundo ao nosso redor.

Estímulo do sal

Por fim, o sal provoca sede. Devemos provocar sede naqueles que nos observam a fim de que eles também queiram beber das águas que

bebemos. Jesus disse: **se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor?** (v. 13). Essa é uma pergunta retórica, naturalmente. Alguns críticos podem apontar para o fato de que o cloreto de sódio, aquilo a que chamamos de "sal", não perde a salinidade. Por que, então, Jesus falaria sobre o sal desta forma? A resposta é que ele se dirigia ao contexto da Palestina no 1º século, em que principal fonte de sal era o mar Morto. O sal do mar Morto era misturado com outros minerais, muitos dos quais contaminavam a pureza do elemento e absorviam sua salinidade. Jesus está dizendo ao seu povo que ele é o sal da terra e que, portanto, não deve permitir que a salinidade seja retirada. O sal não deve ser destruído por minerais contaminantes. Se não somos o sal da terra, é provavelmente porque permitimos que o mundo nos contamine.

Algumas pesquisas mostram que as taxas de divórcio e aborto entre cristãos são as mesmas de não cristãos. Essas iniciativas tentam demonstrar que não há qualquer diferença discernível entre o comportamento de pagãos e cristãos nascidos de novo. Tais estatísticas podem se aplicar àqueles que meramente alegam ser cristãos, mas a diferença entre um verdadeiro cristão e uma pessoa não convertida é profunda – não apenas no que acreditam, mas em como vivem. Caso sua vida não seja diferente da vida de seus amigos seculares, você precisa reavaliar se é realmente um cristão ou se o cristianismo que pensava ter dentro de si foi removido e presta apenas para ser pisado pelos homens.

Luz refletida

Vós sois a luz do mundo (v. 14). Isso soa estranho, pois Jesus disse que ele é a luz do mundo (Jo 8.12). Foi Jesus quem veio para as trevas, e as trevas não prevaleceram. Aqui ele toma esse título, "luz do mundo", e o transfere aos discípulos. Evidentemente, a luz que Cristo traz ao mundo origina-se nele mesmo, ao passo que a luz que temos é recebida. Nossa

luz é um reflexo da luz dele. Porém, se tivermos sua luz em nós, ela não pode ser escondida. Será manifesta.

Meu melhor amigo na faculdade e no seminário foi um jovem que nasceu e cresceu nos campos missionários do Sudão e da Etiópia. Seu pai havia sido um missionário pioneiro durante 50 anos entre tribos primitivas, muitas das quais nunca haviam visto um homem branco antes. Um dia, ele me mostrou a foto de um grupo de nativos de uma tribo hostil ao qual havia ministrado. "Há 12 nativos nesta foto que são cristãos. Tente identificá-los", disse ele. Não havia nada de peculiar naqueles homens. Todos eram parecidos e se vestiam da mesma maneira. No entanto, encontrar os 12 foi fácil: eles eram os únicos que estavam radiantes. A alegria e a vida de Cristo estavam claramente estampadas no semblante deles. Por terem saído da escuridão absoluta, eles refletiam a luz de Cristo.

Enquanto o sal impede a deterioração, a luz traz a verdade à tona e resgata pessoas das trevas. Durante a Idade Média, as trevas deste mundo lançaram uma sombra enorme sobre a igreja e quase turvaram o evangelho. Quando ele foi recuperado, a luz voltou a irromper. Cristo veio a um mundo completamente envolto em escuridão e disse ao seu povo: **Não se pode esconder a cidade edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos os que se encontram na casa** (v. 14-15). Ninguém na antiguidade era tolo a ponto de acender a lamparina ou a vela e colocar um alqueire por cima, pois uma vela coberta por um cesto não tem utilidade alguma. Isso pode até causar um incêndio, mas certamente não produz luz. As velas eram colocadas em um pedestal para que a casa ficasse bem iluminada, e nós devemos deixar nossa luz brilhar desta mesma forma em vez de ocultá-la.

Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos céus (v. 16). Neste

mesmo sermão, Jesus criticou severamente os fariseus, os quais ostentavam sua piedade diante de todos, oravam nas ruas em vez de fazê-lo em secreto e não ungiam a cabeça quando jejuavam, demonstrando sua contradição. Jesus critica fortemente a hipocrisia presente na aparência de piedade. A luz que ele coloca em seu povo, entretanto, é projetada para ser vista por todos. Quando ela brilha através de nós, as pessoas enxergam nossa contribuição a este mundo agonizante. Elas veem nossa compaixão pelas viúvas, pelos órfãos, pelos encarcerados, pelos doentes e por aqueles que estão no leito de morte – não para que recebamos o aplauso dos homens, mas para que Deus seja glorificado.

A razão da vida cristã é glorificar a Deus. Qual é a principal finalidade do homem? A principal finalidade do homem é glorificar a Deus e deleitar-se nele para sempre. Johann Sebastian Bach compreendia isso, e foi por esse motivo que escreveu "Soli Deo Gloria" no final de todas as suas composições. Ele ofereceu suas obras musicais como louvor à glória de Deus. Da mesma forma, tudo o que fizermos, tudo o que conquistarmos, deve ser para que a glória dele manifeste sua luz. Devemos ser o sal da terra e a luz do mundo.

[1] PIPPERT, Rebecca Manley. *Out of the Saltshaker and into the World: Evangelism as a Way of Life.* Downers Grove, IL: InterVarsity, 1979.

16

CRISTO E A LEI

Mateus 5.17-20



> Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra. Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus. Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus.

No sermão do monte, encontramos a exposição mais detalhada da lei de Deus em todo o Novo Testamento. Neste ponto, Jesus começa a apresentar sua interpretação em contraste com a interpretação dos escribas e fariseus. Em nossa análise, veremos como os melhores estudiosos judeus estavam completamente errados em seu entendimento da Lei e dos Profetas. Os escribas e fariseus eram altamente instruídos e profundamente dedicados à compreensão e à observância da lei. Isso serve como alerta para nós. A Bíblia é clara o suficiente para que qualquer cristão compreenda seu significado básico. Mesmo assim, ela é distorcida e mal interpretada em todas as gerações. Essas distorções acontecem não porque há algo de errado com a clareza da Palavra de Deus, mas porque há algo de errado conosco. Nós nos achegamos à Bíblia com a mente obscurecida pelo pecado. Devemos resistir à tentação de ler algo que não está nela ou de tentar usá-la, conforme Lutero disse, como um nariz de cera que moldamos para defender nossas inclinações e tendências. Aqui nosso Senhor faz um

alerta importante sobre como devemos entender a lei de Deus.

Lei e evangelho

Vivemos em uma era de antinomianismo sem precedentes. *Antinomianismo* significa "antilei". Trata-se da crença de que a lei do Antigo Testamento não tem poder sobre o cristão do Novo Testamento porque foi suplantada pela grandeza do Evangelho.

Há vários anos, fui convidado para falar em uma conferência em Nova York sobre a santidade de Deus. Após o primeiro culto do evento, os membros da equipe pediram que eu me juntasse a eles em oração. Fui para a casa de um deles acompanhado por quase 20 pessoas, e ali nos reunimos para orar. Alguém desligou as luzes e, em seguida, todos se ajoelharam e começaram a orar para familiares mortos, invocando-os. Quando questionei o que estava acontecendo, eles explicaram que estavam "no Espírito". Então eu disse:

— Vocês sabiam que receberiam pena de morte no Antigo Testamento por causa do que estão fazendo? Deus disse que esse tipo de coisa é tão ofensiva a ele, que toda a nação seria punida se isso fosse permitido.

Eles responderam:

— Sim, sabemos, mas não estamos no Antigo Testamento. Estamos liberados dele agora.

Repliquei:

— Vocês acham que aconteceu algo na história da redenção para que algo tão repugnante aos olhos de Deus passasse a ser agradável agora?

Essa crença é a essência do antinomianismo.

Uma das principais críticas históricas ao dispensacionalismo é sua tendência ao antinomianismo. Certa vez, fiz uma crítica dessa natureza e recebi uma carta de um erudito dispensacionalista. Ele estava descontente por eu ter ludibriado as pessoas associando o dispensacionalismo ao antinomianismo. Ele me disse que os dispensacionalistas acreditam nos mandamentos de Jesus contidos no

Novo Testamento embora rejeitem a aplicação da lei do Antigo Testamento na vida atual. Respondi-lhe dizendo que eu não poderia encontrar melhor definição para antinomianismo do que a descrição feita por ele em sua carta.

Temos dificuldade para compreender a relação entre lei e evangelho. Sabemos que uma das funções da lei de Deus é expor nosso pecado e mostrar-nos a necessidade que temos de Cristo, mas, depois de nos achegarmos a ele, acreditamos que ela deixa de exercer qualquer influência sobre nós. Cantamos: "Livre da lei, ó bendita condição; posso pecar o quanto quiser e ainda ter remissão".* Contudo, esquecemos que, quando Paulo fala sobre nossa salvação pela graça, ele diz: "Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum!" (Rm 6.1-2).

Além da função de expor nosso pecado e conduzir-nos à cruz, a lei também nos revela aquilo que é agradável a Deus. O salmista escreveu: "Quanto amo a tua lei!" (Sl 119.97). Se amamos a Deus, devemos amar sua lei. Nosso Senhor disse: "Se me amais, guardareis os meus mandamentos" (Jo 14.15). Com todas essas controvérsias em nosso mundo hoje, precisamos prestar atenção ao que Jesus diz.

Lei cumprida

Jesus começa com um alerta: **Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir** (v. 17). Há algo aqui no grego que simplesmente não pode ser traduzido para a nossa língua. A palavra grega para "lei" é *nomos*, da qual se origina o termo *antinomianismo*. No entanto, a palavra que Jesus emprega no início do versículo 17 é parte do verbo *nomizō*, que significa "pensar ou conjeturar". Ela tem um significado mais forte que a simples tradução "Não penseis". Certa vez, enquanto procurava uma vaga para estacionar, deparei-me com uma placa que dizia: "Nem pense em

estacionar aqui." Ela transmitia bem o recado. Tal é a força do que Jesus está dizendo aqui: "Não permitam que este tipo de pensamento entre em sua mente. Não pensem que vim destruir a lei." O verbo ali, *kataluō*, vem da raiz *lyō*, que significa "soltar, desprender, destruir". Esta era a palavra utilizada na cultura grega quando uma construção era demolida. Jesus estava dizendo: "Não pensem, nem mesmo por um minuto, que eu vim destruir a lei."

Cristo está afirmando muitas coisas nas duas frases do versículo 17. Ele nos lembra de que já veio. Em outros lugares, ele nos diz de onde veio. Aquele que ascendeu ao céu no final da vida é o mesmo que primeiro desceu do céu. Jesus também diz aqui que uma das razões pelas quais ele veio foi o cumprimento da lei de Deus. Certamente ele cumpriu a função da lei obedecendo-a em cada ponto. Ele também atendeu ao ensino dos profetas personificando todas as profecias feitas por eles. Sabemos que tanto a lei quanto os profetas apontam para a vinda de Jesus, e, quando ele veio, esta expressão reveladora foi cumprida. Muitos dizem: "Jesus não veio para destruir, mas para cumprir; logo, uma vez cumprida, a lei foi destruída." Isso está errado. O contexto deixa claro que, quando Jesus fala sobre o cumprimento da lei, ele não apenas cumpre todos os seus aspectos em perfeita obediência, como o faz sem destruí-la, conforme veremos na exposição dos mandamentos.

"A Lei e os Profetas" no versículo 17 abrange todo o Antigo Testamento. Na Lei – o Pentateuco ou o Torá – os fariseus dispunham de 613 leis específicas, as quais eles procuravam explicar e obedecer. Com toda certeza, a medida completa delas nunca foi cumprida por um único fariseu sequer, mas a plenitude de suas exigências foi obedecida perfeitamente por Jesus.

Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra (v. 18). Muitas vezes, no Novo Testamento, vemos Jesus dizer: "Em verdade vos digo [...]." Em

alguns casos, encontramos a expressão: “Em verdade, em verdade vos digo [...].” A tradução vem da palavra hebraica “verdade” que, em aramaico, é traduzida com o termo *amēn*. Quando o povo de Deus fala “amém” depois de uma pregação ou oração, o significado é: “É verdade” ou “Que assim seja”. Jesus, entretanto, começa seus pronunciamentos com a palavra “amém”. Ao fazê-lo, ele está dizendo: “Esta verdade que estou prestes a dizer a vocês é absolutamente certa.” Cristo introduz este segmento do sermão com uma linguagem de tamanho peso.

Nos últimos tempos, houve uma nova tentativa de questionar a total inerrância das Escrituras Sagradas. Alguns docentes de seminários propuseram uma perspectiva chamada “inerrância limitada”, segundo a qual apenas parte da Bíblia é inspirada por Deus. A visão clássica da inspiração é a inspiração verbal plenária, em que não apenas os conceitos gerais da Bíblia são inspirados por Deus, mas cada palavra nela contida. Em muitas ocasiões, Jesus causou polêmica por causa de uma única palavra. Ele não ensinava apenas a inspiração verbal, mas a inspiração do i ou til, considerando até a menor letra. Aqui, ele diz que toda a criação pode ser removida, mas nenhum i ou til da lei será removido até que tudo seja cumprido.

Toda a lei

Agora Jesus chega à sua conclusão: **Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, posto que dos menores, e assim ensinar aos homens, será considerado mínimo no reino dos céus; aquele, porém, que os observar e ensinar, esse será considerado grande no reino dos céus** (v. 19). Se você quebrar ou desprezar o menor item da lei ou instruir pessoas a fazê-lo, será o menor no reino de Deus.

Recentemente enquanto dirigia, entrei em uma rua sem dar seta. Minha esposa, sentada ao lado, pontuou que eu havia descumprido a lei. Eu argumentei que se tratava de uma infração banal, mas ela replicou –

com razão – que não. Somos muito rápidos em desprezar aquilo que consideramos irrelevante. Nosso Senhor disse que, se não pudermos ser fiéis no pouco, ele não nos poderá confiar coisas grandes (Lc 16.11). Do mesmo modo, ele afirmou que quem cumprir os mandamentos será considerado grande no reino dos céus.

O erro oposto do antinomianismo é o legalismo. Aqueles que acham que podem entrar no céu obedecendo a lei estão enganados. Tais pessoas acabam ficando preocupadas com a lei, como os fariseus. A solução, entretanto, não é rejeitá-la de todo. Jesus faz uma declaração importante e aterradora: **Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus** (v. 20). Pode parecer que, uma vez que os fariseus eram tão corruptos, superar sua justiça seria fácil. No entanto, Jesus disse: "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da Lei" (Mt 23.23). Se os fariseus encontrassem um pedaço de hortelã no chão, eles separavam o equivalente em dízimo. Se encontrassem uma moeda na rua, certificavam-se de adicionar uma fração de seu valor ao prato de coleta.

Você dá o dízimo? "Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito; e, uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós!" (Mt 23.15). Você rodearia o mar e a terra pela conversão de uma alma? "Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna" (Jo 5.39). Os fariseus e os escribas eram estudantes diligentes da Escritura Sagrada. Eles faziam tudo isso e, contudo, não entraram no reino.

Jesus está dizendo que precisamos fazer tudo aquilo que os fariseus faziam e ainda mais. Como pode ser isso, uma vez que possuímos a justiça de Cristo imputada em nós? Sem ela, pereceríamos, e talvez seja isso o que Jesus está dizendo aqui. Precisamos alcançar justiça maior do que a dos escribas e fariseus, caso contrário não entraremos no céu.

Contudo, não acho que é isso o que Jesus quis dizer aqui. O que ele está afirmando é que quem recebe sua justiça deve ir além dos escribas e dos fariseus. Estes eram tão meticulosos na observância das palavras da lei, que negligenciaram o espírito. A forma antinomiana é tentar manter o espírito da lei e não se importar com as palavras. E o que fazemos? Bem, aquilo com que Deus realmente se importa é o espírito da lei, não as palavras. O que ele deseja, entretanto, é que as pessoas sigam tanto o espírito quanto as palavras da lei.

Muitos dizem que não somos obrigados a praticar os formalismos do Antigo Testamento, e, em certo sentido, isso é verdade. Porém, embora não pratiquemos as cerimônias da lei, seus princípios ainda são centrais no culto dos cristãos. Algumas pessoas não querem ser incomodadas pelo Antigo Testamento, mas ele é a autobiografia de Deus. Ele é a revelação divina de quem Deus é, do que planeja e do que ordena ao seu povo. Aprendemos, no Antigo Testamento, o que lhe agrada. É por isso que nunca devemos descartar seus textos como se não tivessem importância hoje em dia.

[*] Trata-se de uma paródia do hino " Salvação Perfeita", número 150 do *Novo Cântico*, da Cultura Cristã (N. do E.).

17

A PALAVRA DE JESUS SOBRE HOMICÍDIO

Mateus 5.21-26



> Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento; e quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo. Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta. Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz, ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão. Em verdade te digo que não sairás dali, enquanto não pagares o último centavo.

Aqui encontramos o início da exposição que Jesus faz de algumas leis dos Dez Mandamentos. Há uma considerável dissensão acerca deste preceito, pois muitos acreditam que Cristo está contradizendo a lei do Antigo Testamento. Porém, conforme foi considerado no último capítulo, ele disse que não veio para destruir a lei, mas para cumpri-la; logo, está alertando contra este equívoco em especial. Jesus não está criticando a lei de Deus, mas uma interpretação errada que havia surgido entre os escribas e os fariseus.

Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; e: Quem matar estará sujeito a julgamento. Eu, porém, vos digo que todo aquele que [sem motivo] se irar contra seu irmão estará sujeito a julgamento (v. 21-22). Todos os judeus entendiam esta expressão: "Ouvistes que foi dito." Ao utilizá-la,

Jesus estava fazendo referência à *halachá* – tradição oral dos rabinos transmitida de geração a geração – e é esta a compreensão superficial da lei divina que Jesus está criticando. Nesta seção, ele contrapõe o entendimento equivocado com o entendimento correto: "Ouvistes que foi dito aos antigos: [...] Eu, porém, vos digo [...]." Veremos a diferença entre a forma errônea como os rabinos entendiam a lei e a correção que Jesus faz destas más interpretações.

Santidade de vida

Os rabinos acreditavam que o mandamento para não matar era cumprido quando não se cometia assassinato em primeiro grau, mas Jesus mostra que este mandamento é muito mais profundo do que o ato externo de homicídio. Cristo indica que a lei foi dada por intermédio de Moisés de forma elíptica – isto é, nem todo o conteúdo inerente ao mandamento foi expresso em palavras. Sempre que nos deparamos com três ou quatro pontos no meio de uma frase ou um parágrafo, isto indica que determinado conteúdo foi deliberadamente deixado de fora. Estes pontos são chamados de "elipses". Quando há elipses na lei, isto significa que, além da proibição específica, a lei também proíbe o contexto mais amplo relacionado ao ato em questão. Assim, quando Deus diz que não devemos matar, isto consequentemente significa que nós não devemos fazer qualquer coisa que prejudique a vida do próximo. O homicídio começa com raiva e ódio sem motivo, incluindo ofensas, calúnias e desavenças entre pessoas. É por isso que Jesus disse que ninguém escapa do peso da lei simplesmente abstendo-se do assassinato em si.

Consequentemente, para cumprir o mandamento, é preciso não causar qualquer tipo de mal. O outro aspecto da elipse é este: mesmo sem afirmá-lo, a lei ordena o contrário daquilo que proíbe e proíbe o contrário daquilo que ordena. Portanto, Jesus está dizendo aqui que, além de não devermos jamais matar o próximo por causa da importância

da vida humana, também devemos promover a segurança, o bem-estar e a santidade de vida.

Larry King disse certa vez: "Até que a comunidade cristã se manifeste contra a pena de morte, não levarei a sério seus protestos contra o aborto." O que King não entendia é que o mesmo princípio rege ambas as questões. Tanto a posição contra o aborto quanto a posição a favor da pena de morte são baseadas no princípio bíblico da santidade de vida. Deus instituiu a pena capital porque a vida do ser humano é sagrada. Se alguém mata uma pessoa de forma deliberada, maliciosa e premeditada, está assassinando uma criatura feita à imagem de Deus.

Jesus está dizendo que a lei proíbe o homicídio efetivo, mas também o homicídio em potencial. Em outras palavras, o que é proibido não é apenas a morte literal de um ser humano, mas tudo aquilo que representa sua possível destruição. No caso do aborto, segundo algumas pessoas, não há destruição de vida humana propriamente dita, mas apenas de vida humana em potencial. Eu creio que se trata de uma destruição real de uma vida real. No mínimo, um embrião em crescimento está passando do estado de potencialidade para o estado de realidade, e destruí-lo é destruir uma vida em potencial. Se Jesus diz que podemos ir para o inferno por causa da destruição em potencial de uma vida real, é muito mais grave estarmos envolvidos na destruição real de uma vida em potencial.

Há vários anos, li um artigo de um acadêmico expressando ceticismo quanto aos ensinamentos éticos de Jesus. Ele não conseguia entender como o ódio ou a calúnia contra um irmão pode ser tão grave quanto o assassinato, nem como a cobiça pode ser tão errada quanto o adultério. O que ele não compreendia é que Jesus não disse que ficar bravo com o próximo e assassiná-lo são atitudes igualmente ruins. Cristo nunca anulou a diferença entre os pecados no que diz respeito aos graus de gravidade. O que ele quis dizer é que, só porque não chegamos ao ponto

de assassinar alguém, não significa que estamos livres de todo o espectro de responsabilidade da lei.

Tolo!

[...] quem proferir um insulto a seu irmão estará sujeito a julgamento do tribunal; e quem lhe chamar: Tolo, estará sujeito ao inferno de fogo. (v. 22). Não sabemos exatamente o que "raca" [ARC] significa, mas a maioria dos comentaristas indica que esta palavra equivale a chamar alguém de estúpido. Há uma diferença entre ser tolo e ser estúpido. A estupidez está relacionada à falta de capacidades intelectuais; então, chamar alguém de estúpido é ofensivo, mas justificável. Contudo, Jesus diz que o problema não está só em dizer "raca". Até mesmo chamar alguém de tolo é espiritualmente perigoso.

Chamar alguém de estúpido é um julgamento intelectual, mas, no hebraico, rotular alguém de tolo é um julgamento moral. No Antigo Testamento, a tolice é contrastada com a sabedoria, e somos informados de que o princípio da sabedoria é o temor do Senhor (Pv 1.7; 9.10). A condição necessária para se obter sabedoria é uma atitude de reverência e temor para com Deus. O salmista escreveu: "Diz o insensato no seu coração: Não há Deus" (Sl 14.1). Paulo desenvolve o assunto ao falar sobre a rejeição humana da clara autorrevelação de Deus: "[...] tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato" (Rm 1.21).

O tolo, segundo o critério bíblico, pode ter um Q.I. alto. Ele pode ser um acadêmico brilhante, mas ainda ser cético em relação a Deus. O tolo permanece rebelde e cínico diante da doçura e excelência de Deus, o qual se revelou de maneira tão clara. As pessoas que não suportam a ideia da existência de Deus rejeitam-no – não por falta de evidência, mas por

causa da dureza do coração. A incredulidade é um pecado, não um erro. Ela é proposital, e temos de guardar nosso coração de praticá-la.

Homicidas salvos

Se, pois, ao trazeres ao altar a tua oferta, ali te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa perante o altar a tua oferta, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão; e, então, voltando, faze a tua oferta. Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho, para que o adversário não te entregue ao juiz, o juiz, ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão (v. 23-25). Se você estiver indisposto com um irmão por causa de raiva sem motivo, calúnias ou qualquer outra razão, é preciso reconciliar-se com ele antes de ir à igreja e colocar sua oferta no gazofilácio. Isto significa estabelecer um relacionamento de amor com seu irmão e seu próximo. Precisamos resolver essas coisas antes que sejamos convocados a comparecer perante o tribunal de justiça de Deus – quando será tarde demais. Nós não amamos o próximo como a nós mesmos. Nós não cumprimos todas as implicações nem mesmo deste único mandamento desde que nos levantamos da cama esta manhã. Todos nós guardamos um nível injustificável de raiva. Somos culpados de difamar nosso próximo e nosso irmão. Em suma, não amamos nosso próximo a ponto de fazermos o máximo para esmerar sua vida.

Se Cristo não tivesse sido assassinado, nós iríamos para um lugar do qual nunca seríamos libertos. Contudo, nosso Senhor foi assassinado por nós porque somos assassinos. Nós cometemos homicídio no coração. Nós cometemos homicídio contra ele, mas é deste homicídio que vem nossa salvação.

A PALAVRA DE JESUS SOBRE ADULTÉRIO

Mateus 5.27-30



> Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela. Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno.

Jesus observou um contraste entre a tradição dos rabinos e seu próprio entendimento da lei a respeito do homicídio, e podemos constatar a mesma abordagem elíptica aqui no mandamento que proíbe o adultério. A proibição abrange todos os aspectos que fazem parte do contexto mais amplo deste pecado específico. Mais uma vez, Jesus inicia contrapondo os pontos de vista da tradição e sua própria visão: **Ouvistes que foi dito: Não adulterarás** (v. 27).

Antes de analisarmos especificamente o que Jesus disse, observemos a autoridade com que ele o faz. Em outro texto, nosso Senhor declara: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra" (Mt 28.18) e "Porque eu não tenho falado por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, esse me tem prescrito o que dizer e o que anunciar" (Jo 12.49). Portanto, o pronunciamento que Jesus faz aqui em Mateus 5 é nada menos do que um pronunciamento do próprio Deus.

Época promíscua

Estamos vivendo em uma época na qual o pensamento de Deus é considerado apenas isto: uma opinião única facilmente anulada pela voz da maioria, que contradiz o parecer dele. Nossa cultura passou por uma revolução moral que se originou com a revolução sexual da década de 1960. Muitos fatores estiveram envolvidos nessa revolução cultural. Gael Greene, em seu livro *Sex and the College Girl*, afirmou ter constatado uma mudança radical nos costumes, ou no padrão comportamental, das alunas. Suas descobertas indicavam uma alteração na consciência das universitárias. Na década de 1950, observou Greene, as garotas tinham a reputação destruída se fosse descoberto que eram sexualmente ativas. Quando a revolução sexual da década de 1960 aconteceu, tudo foi invertido, de modo que as mulheres temiam ter a reputação destruída por não serem sexualmente ativas. A virgindade tornou-se uma grande vergonha para as jovens solteiras.

Antes, quando eu explicava o texto de 1Coríntios para universitários, eu trazia à memória deles os fundamentos transmitidos pelos pais a respeito de ética sexual, isto é, que eles deviam ser castos para evitar doenças venéreas, gravidez indesejada e desonra cultural. Porém, em pouco tempo, tudo mudou. A medicina moderna é capaz de tratar doenças sexualmente transmissíveis com eficácia, e há uma variedade de métodos de controle da natalidade para evitar gravidez indesejada. Caso estes métodos falhem, o aborto está prontamente disponível como solução. Além disso, o medo da desonra cultural já não é um fator a ser considerado. Diante disso, eu lhes perguntei o que restava para impedi-los de praticar sexo antes do casamento. A única coisa é que esta prática é uma ofensa à santidade de Deus e que ele, dono de autoridade eterna para exigir nossa obediência, proíbe tal comportamento. A discussão caiu como um raio na sala de aula. O volume de aconselhamento aos alunos multiplicou-se significativamente depois disso.

Como em nenhum outro momento na história da cultura ocidental, as pessoas hoje são bombardeadas por estímulos eróticos. Aonde podemos ir sem que sejamos expostos a literatura e imagens eróticas, sexualmente sugestivas? Certamente não aos filmes de Hollywood, à televisão, aos romances modernos ou à internet. A igreja hoje precisa lidar com o problema generalizado do vício em pornografia. O problema é predominante não apenas na cultura secular, mas também dentro da Igreja. Paulo ensinou que os desejos biológicos são fortes e intensos. As paixões naturais com as quais fomos criados podem ser tão intensas, que nos sentimos como se estivéssemos em chamas. Se o estímulo sexual estava inflamado no primeiro século, como estará ele agora que as influências incendiárias de nossa cultura o intensificaram?

Como pastor, tenho de me equilibrar com cuidado entre duas coisas. Por um lado, é meu dever deixar claro para todos em meu rebanho aquilo que Deus ordena quanto a relacionamentos sexuais pré-conjugais e extraconjugais. Por outro lado, preciso estar bem consciente da fragilidade e dificuldade das pessoas em sua luta pela castidade – uma batalha que, aparentemente, os cristãos estão mais perdendo do que ganhando. Devemos exigir o padrão bíblico e, ao mesmo tempo, administrar a misericórdia de Deus aos que caem.

Certa vez, uma aluna do último ano da faculdade que estava noiva veio falar comigo. Ela me disse que se sentia tomada de culpa por se envolver sexualmente com o noivo antes do casamento. A jovem chegou a falar com o capelão da faculdade a respeito, mas ele lhe disse que a culpa a dominava porque ela tentava viver segundo uma ética obsoleta e puritana. O capelão disse ainda que ela se libertaria da culpa se aceitasse que sua atividade sexual era simplesmente uma expressão de sua maturidade. A despeito do que ele dissera, a moça continuou se sentindo culpada e, por este motivo, veio conversar comigo. Eu falei: “É possível, como o capelão explicou, ter uma falsa sensação de culpa. Porém, o

motivo pelo qual você se sente culpada é que você é, de fato, culpada." A solução para a culpa não é negá-la ou justificá-la. A única solução para a culpa verdadeira é o perdão verdadeiro, e a condição necessária para um perdão verdadeiro é um arrependimento verdadeiro. A jovem precisava se arrepender e buscar o perdão de Deus.

Compromisso radical

Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela (v. 28). Jesus não está dizendo que cobiçar e cometer adultério são atitudes igualmente ruins; mas que, mesmo se nos abstivermos de adulterar, não necessariamente estaremos cumprindo toda a abrangência da lei de Deus.

É neste ponto que Jesus radicaliza: **Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno** (v. 29). Aqui Jesus volta a atenção para o olho transgressor, pois sabe como o adultério começa. Este pecado geralmente tem início com uma olhadela, uma espiada. O rei Davi, um homem segundo o coração do próprio Deus, estava por acaso andando em seu terraço quando viu Bate-Seba nua no terraço adjacente. Daquele olhar, veio a cobiça; e, da cobiça, o adultério. O aspecto visual do estímulo erótico não deve ser minimizado.

Todo profissional de marketing sabe que sexo vende, e é por isso que mulheres sedutoras são usadas como suporte para a venda de toda espécie de produtos, desde automóveis até picolés. É por isso que há tanto foco em imagens eróticas na televisão e no cinema, e em nenhum outro lugar elas são mais predominantes do que na internet. Jesus diz que temos um problema aqui – um problema radical que exige uma solução radical: "Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o". Há poucos, entretanto, tão comprometidos com a castidade a ponto de se cegarem para garanti-la. Jesus está falando de modo hiperbólico. Ele não está

dizendo que devemos operar a vista se tivermos um olhar cobiçoso. Ele está afirmando que preservar a castidade é tão importante, que devemos fazer o que for necessário para isso.

Odisseu, enquanto voltava de Troia para casa em seu navio, foi amarrado ao mastro para evitar a tentação do canto das sereias. Ele estava ciente da facilidade com que poderia se desviar e levar o barco à ruína. Às vezes, esse tipo de ação radical é necessário.

Se você é viciado em pornografia, encontre uma forma de impedi-la de entrar em seu computador. Se não conseguir, jogue o computador no lixo. Não pense que é impossível viver no século 21 sem computador. Às vezes, os benefícios da tecnologia podem oferecer tanto perigo quanto bênção. Jesus está dizendo que devemos fazer uma autoavaliação para descobrir o que é mais importante: nossa alma ou o computador, nossa santidade ou a pornografia. Não podemos ter tudo. Nós estamos saturados. Nossa consciência está cauterizada. Passamos pelo que Jeremias disse ao povo de Israel: "Serão envergonhados, porque cometem abominação sem sentir por isso vergonha; nem sabem que coisa é envergonhar-se" (Jr 6.15; 8.12).

Lutero, um homem como todos os outros, admitiu que lutava contra a luxúria, mas afirmou que lidava com isso da seguinte maneira: "Não posso evitar que pássaros sobrevoem minha cabeça, mas posso impedi-los de fazer ninho em meu cabelo." Do mesmo modo, Jesus diz que devemos aproveitar todas as oportunidades para manter a castidade antes e depois do casamento. **E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o teu corpo para o inferno** (v. 30). É melhor viver aleijado a ter a alma lançada no inferno. Um teólogo disse que é melhor entrar mancando no céu do que ir saltando para o inferno. Um dos maiores atrativos ao pecado sexual é o argumento de que todo mundo faz. Outra tentação é a aceitação cultural. É preciso coragem moral para remar

contra a maré, mas Jesus é quem nos chama a isso, e ele nunca revogou esse chamado.

No 2º século, o apologista Justino Mártir defendeu o cristianismo diante do imperador Antonino Pio, dizendo: "Se o senhor quiser uma prova visível da verdade do cristianismo, basta observar nossa castidade." Ele apontou para a ética cristã da castidade como prova do poder do evangelho. Nenhum apologista hoje em dia poderia pedir aos críticos do cristianismo que observem nosso comportamento sexual como prova do evangelho.

Se a Palavra de Deus revela que você pecou, busque a purificação. Moças, se vocês não são casadas e perderam a virgindade, podem voltar a ser virgens aos olhos de Deus, pois quando ele perdoa os nossos pecados, ele nos torna puros.

JURAMENTOS E VOTOS

Mateus 5.33-37



> Também ouvistes que foi dito aos antigos: Não jurarás falso, mas cumprirás rigorosamente para com o Senhor os teus juramentos. Eu, porém, vos digo: de modo algum jureis; nem pelo céu, por ser o trono de Deus; nem pela terra, por ser estrado de seus pés; nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei; nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto. Seja, porém, a tua palavra: Sim, sim; não, não. O que disto passar vem do maligno.

Em muitas traduções do texto bíblico, os tradutores nos ajudaram dividindo as porções da Escritura em várias seções e colocando um subtítulo em cada uma delas. É importante ter em mente que esses cabeçalhos não fazem parte do texto original. O subtítulo fornecido para esta passagem na tradução *New King James* é: "Jesus proíbe juramentos". No entanto, esta é uma interpretação errada do que Cristo ensinou.

Juramentos divinos

Toda a fé cristã está enraizada e fundamentada no princípio bíblico da aliança, e as alianças não poderiam ser realizadas sem um elemento essencial: o juramento. Meredith Kline, um falecido estudioso do Antigo Testamento, juntamente com George Mendenhall, da Universidade de Michigan, analisaram a estrutura de alianças antigas de várias nações e descobriram que, em todas elas, havia juramentos. Eles eram feitos não apenas pelas partes subordinadas da aliança, mas também pelas partes superiores. Nossa fé repousa no fato de que o Senhor Deus onipotente,

ao iniciar uma aliança com seu povo, fez um juramento para selá-la. Conforme o autor de Hebreus nos diz, "visto que não tinha ninguém superior por quem jurar, jurou por si mesmo" (Hb 6.13). Ele colocou sua própria pessoa em jogo para enfatizar a credibilidade das promessas que fez ao povo.

Em todo o Novo Testamento, vemos que os líderes espirituais faziam juramentos. O apóstolo Paulo, por exemplo, quando escreve aos romanos e declara o desejo ardente que seu coração tinha de ver a redenção de Israel, faz um juramento para se certificar de que as pessoas entendiam a sinceridade de sua afirmação. O próprio Senhor Jesus, quando foi julgado no final da vida, testemunhou perante as autoridades sob juramento. Assim, independentemente do modo como entendemos este texto, devemos fazê-lo à luz não somente do contexto imediato, mas também de todo o contexto da Escritura Sagrada. Não podemos tomar uma simples declaração de Jesus e chegar a uma conclusão sem considerar tudo o que ele ensina sobre o assunto.

Em outra ocasião, Jesus disse: "[...] se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai, que está nos céus" (Mt 18.19). Isso não significa que, por desejarmos o fim das guerras ou a cura do câncer, podemos simplesmente concordar a respeito disso e pedir a Deus que aconteça. Esse é um entendimento equivocado do que Jesus disse. Devemos entender a afirmação à luz de todas as outras coisas que ele ensinou sobre a oração verdadeira e eficaz, a qual ele restringe àquilo que está em consonância com a vontade do Pai. Semelhantemente, portanto, quando Jesus diz que não devemos jurar, temos de entender isso à luz de todas as outras coisas que ele e as Escrituras ensinam sobre juramento.

Jesus apresenta seu ensinamento aqui em contraste com as tradições rabínicas. Os rabinos haviam escrito livros sobre os diversos tipos de juramentos e votos que o povo judeu podia fazer, sendo alguns deles

obrigatórios e outros, não. Esta coletânea de juramentos e votos do povo judeu transformou-se em uma espécie de casuística legal, de modo que o espírito original foi obscurecido. Cristo estava tentando corrigir os equívocos que predominavam em meio ao seu povo no 1º século.

Nos dois últimos estudos, nós analisamos a exposição que Jesus faz da lei que proíbe o homicídio e o adultério. Poderíamos esperar que ele continuasse seguindo o restante dos Dez Mandamentos e apresentasse a explicação dos outros oito, mas ele não o faz. Por que Jesus não falou sobre a cobiça ou a observância do sábado? O motivo é que a exposição da lei aqui não era exaustiva, mas ilustrativa. Com esses dois exemplos – o homicídio e o adultério – Cristo nos ensina as implicações mais profundas da lei. Devemos aplicar essa dimensão mais profunda à obediência de todas as leis de Deus.

A Santidade dos juramentos

Há pelo menos cinco passagens no Antigo Testamento que ensinam a respeito da santidade dos juramentos e votos. Elas se encontram em Levítico, Números e Deuteronômio – três dos cinco livros do Torá. Nós também as encontramos em Salmos e no ensinamento do profeta Zacarias, onde a ênfase está em não se fazer votos falsos. Quando fazemos um juramento ou um voto, Deus é testemunha e espera que o cumpramos. Contudo, a Bíblia nos diz que somos todos mentirosos. Cada um de nós, em um momento ou outro, já quebrou a palavra. Nem sempre mantemos nossas promessas.

Há vários anos, a revista *Family Life* publicou um artigo sobre a família Sproul. Ela enviou repórteres à nossa casa, e eles entrevistaram não apenas eu e Vesta, mas também nossos filhos, os quais chamaram de lado para fazer perguntas polêmicas. Um dos repórteres perguntou à minha filha:

— Seu pai já te decepcionou?

Ela respondeu que sim, eu já a havia decepcionado. Certa vez, o

aniversário dela coincidiu com uma conferência à qual eu comparecia todos os anos, e, por isso, eu não estava em casa para comemorar. Minha filha disse ao repórter:

— Todo ano ele promete que vai estar em casa, mas não cumpre a promessa.

Pensei: "O que haveria de tão importante para ser dito em uma conferência a ponto de me fazer quebrar uma promessa feita à minha filha?". Quando li a resposta dela publicada, me senti horrível. É verdade que os filhos distorcem nossas palavras às vezes. Se eles pedem para ir ao parque de diversões no fim de semana e nós dizemos "vamos ver", quando a semana termina e vemos que não será possível, eles reclamam: "Mas você prometeu!". Nós não prometemos. No entanto, há ocasiões em que realmente prometemos algo e criamos expectativas. Quando a promessa não é cumprida, o resultado é decepção, mágoa, raiva ou distanciamento.

Um simples sim ou um simples não é insuficiente em determinadas circunstâncias. O casamento, na maioria das igrejas, exige a troca de votos. Sabemos que uma promessa feita por um homem a uma mulher no banco de trás do carro não é a mesma coisa que uma promessa feita na frente de testemunhas – pais, parentes, amigos, o Estado, a igreja e, o mais importante, o próprio Deus. Quando celebro um casamento entre duas pessoas, eu as lembro de que, mesmo se elas, os amigos ou a família não levarem a sério aqueles votos, Deus leva. O alerta é feito a nós na Palavra de Deus: "Melhor é que não votes do que votes e não cumpras" (Ec 5.5).

Israel banalizava os votos e juramentos. Os votos eram usados em excesso e em todo o tipo de circunstância, sem necessidade. Isso aconteceu porque as pessoas perceberam que, por causa de nossa humanidade, o compromisso verbal nem sempre é garantido. Certa vez, fui persuadido a exercer o cargo de professor em uma escola. O diretor

prometeu muitas vantagens se eu aceitasse, então me mudei com minha família para ocupar a posição. Nem todas as promessas foram cumpridas, e eu me senti desiludido. Quando tentei conversar a respeito, ele questionou: "Essas promessas foram feitas por escrito?". Respondi: "Não, senhor, mas eu confiei em sua palavra."

Em um aspecto, Jesus está dizendo que, por causa da integridade dos cristãos, não deveria ser necessário fazer votos. Nós nunca deveríamos precisar de juramento, nem mesmo sob exigência do Estado. Nós juramos no tribunal para não cometer perjúrio, mas devemos ser conhecidos como pessoas em cuja palavra se pode confiar.

Tiago faz muitas admoestações relacionadas ao viver santo e, por fim, conclui: "Acima de tudo, porém, meus irmãos, não jureis nem pelo céu, nem pela terra, nem por qualquer outro voto; antes, seja o vosso sim sim, e o vosso não não, para não cairdes em juízo" (Tg 5.12). Quando o irmão de Jesus diz "acima de tudo", devemos dar ouvidos. Se você disser que fará algo, faça. Se não quiser fazê-lo, diga que não está disposto a se comprometer. Somos muito desprendidos com nossos compromissos hoje em dia.

Visão geral

Nesta passagem do sermão do monte, há pelo menos dois mandamentos em uma perspectiva mais ampla. Jesus diz: **Eu, porém, vos digo: de modo algum jureis; nem pelo céu, por ser o trono de Deus; nem pela terra, por ser estrado de seus pés; nem por Jerusalém, por ser cidade do grande Rei; nem jures pela tua cabeça, porque não podes tornar um cabelo branco ou preto** (v. 34-36). No Antigo Testamento, os juramentos deviam ser feitos em nome de Deus. Os fariseus alteraram isso para que, em promessas menores, não precisassem jurar pelo seu nome. Em vez disso, juravam pelo templo, pela terra, pela cidade de Jerusalém e por todas as coisas sagradas.

Na infância, aprendemos a fazer votos sagrados: “Juro de pé junto!”. Quando queríamos subir um nível, dizíamos algo assim: “Juro pelo túmulo da minha mãe.” Não nos dávamos conta de que uma declaração como essas viola, pelo menos, dois dos Dez Mandamentos. O segundo mandamento proíbe a idolatria, e o terceiro proíbe o uso em vão do nome de Deus. Se eu juro pelo túmulo de minha mãe, estou dizendo que, caso eu não cumpra minha promessa, ele servirá de testemunha contra mim. Todavia, não há nada no túmulo nem em minha mãe falecida capaz de ver o que eu faço. Mesmo se minha mãe pudesse ver o que faço com minhas promessas, ela seria totalmente impotente para zelar pela integridade delas. Quando juramos pelo céu, pelo túmulo de nossa mãe ou por qualquer outra coisa, estamos atribuindo a coisas criadas o poder e a autoridade que pertencem somente a Deus. Atribuir onipotência e onisciência ao túmulo de minha mãe é transformá-lo em um ídolo, o que desonra a Deus.

Existem ocasiões corretas para se fazer votos e juramentos. O que Jesus está querendo dizer é que, além de circunstâncias muito especiais, devemos ser conhecidos por nossa palavra, pois somos cristãos. Nossa palavra não deveria exigir sequer um aperto de mão. Seja qual for a promessa, devemos cumpri-la. Não somos obrigados a fazer promessas, entretanto, e devemos estar cientes disso. Se alguém nos pedir, podemos dizer que faremos o melhor para ajudar, mas que não podemos prometer; afinal, com a promessa vem o peso da responsabilidade para cumpri-la, mesmo que não seja algo apropriado. Portanto, sejamos pessoas da Palavra, as quais, por causa da Palavra de Deus e de sua fidelidade a ela, podem refletir esse tipo de integridade que possibilita aos outros confiarem naquilo que dizemos.

20

AMAR OS INIMIGOS

Mateus 5.38-48



> Ouvistes que foi dito: Olho por olho, dente por dente. Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra; e, ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas. Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes. Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos. Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo? Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste.

De todos os ensinamentos de Jesus no sermão do monte, o texto que está diante de nós é o mais desafiador. Mais uma vez, Cristo indica um contraste entre seu próprio ensinamento e aquilo com o que o povo estava acostumado a aprender na tradição oral dos rabinos. Aqui, ele se concentra no princípio chamado *lex talionis* – "lei de talião" ou "garra" – encontrado em certo grau no Antigo Testamento e amplamente presente entre antigos povos semitas, até, por exemplo, no Código de Hamurabi.

A vingança pertence a Deus

Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo (v. 43). Já ouvi críticos se queixarem de que o sistema penal do Antigo Testamento era severo e cruel. Eles apontam para a lei do olho por olho e

dente por dente como um exemplo de tal crueldade. Porém, não consigo imaginar um sistema mais justo do que aquele cujas penas estão de acordo com a gravidade do crime. Se alguém arrancasse o olho do próximo, o ato de arrancar ambos os olhos do agressor é injusto; neste caso, sim, a pena seria mais severa do que o crime.

No entanto, Jesus não está estabelecendo um novo sistema penal para o governo ou para aqueles que ocupam posições de autoridade; ele está falando especificamente à esfera da ética pessoal, à maneira como devemos nos comportar como cristãos. O mais importante neste ensinamento é o fato de Jesus falar contra as buscas individuais por vingança e retaliação.

Eu, porém, vos digo: não resistais ao perverso; mas, a qualquer que te ferir na face direita, volta-lhe também a outra (v. 39). Em outras palavras, nós não devemos retaliar – isto é, tapa por tapa. Como cristãos, somos chamados a oferecer a outra face. Acho curioso Jesus falar sobre ferir alguém na face direita, já que a maioria das pessoas é destra. Como podemos ferir um indivíduo na face direita se ele estiver na nossa frente?

Alguém me propôs esse enigma quando conduzi um estudo bíblico ao time de futebol americano Pittsburgh Steelers. Havia 28 membros da equipe que professavam a fé e compareceram ao estudo. A reunião aconteceu na casa de Terry Bradshaw. Eu estava tentando explicar a dificuldade do texto, e, para isso, chamei o ponta defensivo L. C. Greenwood para me ajudar a ilustrá-lo. Quando ele se levantou, ficou mais alto do que eu. Então, subi em uma cadeira dobrável para conseguir olhá-lo nos olhos. Após prometer não machucá-lo, passei o braço em torno do seu pescoço e tentei acertá-lo na face direita. Quase não alcancei; consegui apenas dar um tapinha. Eu estava tentando mostrar que a ação descrita no texto é ferir a face direita de alguém com o dorso da mão, um antigo gesto de insulto.

Jesus está falando aqui sobre insultos e calúnias. Se alguém o caluniar, permaneça vulnerável para novas calúnias. Se alguém o insultar, não reaja insultando de volta; permaneça vulnerável para ser insultado de novo. Isso tem uma grande aplicação para nós no século 21, uma época em que a internet funciona como meio para qualquer forma impune de insulto ou calúnia. Teólogos conhecidos são atacados o tempo todo. Conheci um site cujo propósito era atacar-me – não em questões teológicas, mas pessoais. Quando isso aconteceu, eu não reagi.

Somos orientados a não procurar vingança ou retaliação pelas ofensas que sofremos nas mãos dos outros. Paulo escreveu: "não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor" (Rm 12.19). A vingança não é minha ou sua, mas de Deus. O próprio Jesus disse: "Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los?" (Lc 18.7). Nós devemos deixar a vingança nas mãos daquele que, diferentemente de nós, é perfeito em vingar-se. Não queremos ficar quites; queremos ficar por cima. Deus sabe disso, e é por esse motivo que instrui seu povo a deixá-lo lidar com a vingança.

[...] e, ao que quer demandar contigo e tirar-te a túnica, deixa-lhe também a capa. Se alguém te obrigar a andar uma milha, vai com ele duas (v. 40-41). Segundo a lei romana, as autoridades tinham o direito de obrigar as pessoas a transportar bens até uma milha sem pagar-lhes nada por isso. Foi por causa dessa lei que Simão Cireneu foi obrigado a carregar o instrumento de execução de Jesus. Cristo diz aqui que quem fosse afligido por tal opressão injusta deveria caminhar uma milha a mais. Não foi isso o que o próprio Jesus fez? "Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca" (Is 53.7).

Caridade

Dá a quem te pede e não voltes as costas ao que deseja que lhe emprestes (v. 42). Jesus está propondo um espírito de caridade, um espírito de disposição para ajudar os necessitados e aqueles que pedem assistência. Isso não significa, evidentemente, que é desnecessário ter discernimento. Se fôssemos atender a todos os que nos pedem qualquer tipo de coisa, ficaríamos completamente sem recursos ao final de uma semana. O que Jesus instrui é a disposição para dar e ajudar.

Em um texto cristão primitivo chamado *Didaquê*, ou *Ensino dos doze apóstolos*, há este aforismo: "Que a sua esmola fique suando nas suas mãos." O princípio apresentado é que devemos ser sábios em nossas doações. Não devemos doar a qualquer fim; devemos nos certificar de que estamos ajudando causas dignas. Estas qualificações são provenientes do ensinamento geral das Escrituras sobre a caridade.

Amor pelos inimigos

Agora, chegamos ao ponto principal: **Ouvistes que foi dito: Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos** (v. 43-44). Segundo Jesus, devemos amar aqueles que nos ferem e nos difamam. Cristo não estava falando de sentimentos calorosos e tenros de afeto. "Amor" aqui é um verbo. Portanto, ele não está defendendo sentimentos de amor para com nossos inimigos, mas atitudes de amor. Devemos tratá-los com atitudes amorosas. Jesus, entretanto, não nos transmite a ideia apenas em forma abstrata, mas fornece uma lista de exemplos para ilustrar seu argumento: **[...] amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem; para que vos torneis filhos do vosso Pai celeste, porque ele faz nascer o seu sol sobre maus e bons e vir chuvas sobre justos e injustos** (v. 44-45). Isso vai contra toda a nossa constituição natural. Contudo, Jesus quer que imitemos nosso Pai que está nos céus, o qual trata os ímpios com amor.

As pessoas alegam que Deus ama todos os homens incondicionalmente, mas a Bíblia é clara ao definir o amor dele pelas pessoas. Podemos distinguir três tipos de amor divino. O primeiro é o *amor benevolente* de Deus – sua boa vontade. Deus tem uma atitude bondosa para com todas as suas criaturas, mesmo aquelas em condição caída. Acrescido ao amor benevolente de Deus, está seu amor *beneficente*. Neste tipo de amor, ele tem não somente boa vontade para com suas criaturas, mas também faz coisas boas por elas, como Jesus ilustra aqui. Deus é beneficente com pessoas más ao permitir que elas desfrutem do sol. Ele permite que a luz do sol brilhe sobre os maus e os bons. Ele deixa a chuva cair sobre justos e injustos, de modo que o agricultor injusto recebe o benefício da chuva para suas plantações, proveniente da bondade divina. As pessoas amaldiçoam Deus e usam seu nome em vão todos os dias. Elas blasfemam contra ele. Mesmo assim, enquanto nós o amaldiçoamos, ele nos abençoa. Enquanto fazemos o mal, ele faz o bem. Deus não faz retaliação contra aqueles que se opõem a ele. Todos os ímpios desfrutam do amor de Deus, ao menos dos dois primeiros tipos de amor: o amor benevolente e o amor beneficente.

O terceiro tipo de amor, o amor *complacente*, refere-se ao deleite e ao afeto que Deus tem especialmente por seu Filho unigênito. É o Filho a quem o Pai chama de "amado". O Pai tem um amor especial por Cristo, o qual não tem por nenhuma criatura, mas este amor complacente não é limitado a Jesus. Ele é estendido a todos aqueles que estão em Cristo Jesus. Nenhum de nós merece o amor complacente de Deus, mas todos os cristãos gozam dele – um amor do qual os ímpios não desfrutam.

Padrão de Deus

Porque, se amardes os que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem os publicanos também o mesmo? E, se saudardes somente os vossos irmãos, que fazeis de mais? Não fazem os gentios também o mesmo?

Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste (v. 46-48). Muitos argumentam: "Jesus não quis dizer que somos chamados a ser perfeitos, pois ele sabe que ninguém é perfeito. Todos carecem da glória de Deus, então ele devia ter outra coisa em mente." No entanto, ele quis dizer exatamente o que disse: nós somos chamados a ser perfeitos, assim como Deus, no Antigo Testamento, disse ao seu povo: "sereis santos, porque eu sou santo" (Lv 11.44).

Não podemos ser santos como Deus é santo, nem podemos atingir a perfeição antes de chegarmos ao céu. Jesus sabe disso, e sabe também que esta é uma questão difícil. Além do mais, ele está ciente de que nós ajustamos nossos padrões pessoais ao nível de desempenho que conseguimos atingir. Todos nós fazemos isso. Em vez de elevar nosso desempenho, nós abaixamos o padrão. Jesus está explicando que o padrão de Deus não muda, e o padrão de Deus é a perfeição.

Quando alguém me diz que não precisa de Jesus, eu pergunto: "Você é perfeito?". A maioria das pessoas admite que não. "Errar é humano", dizem, e eu respondo: "Se você não é perfeito, precisa de Jesus para sobreviver ao juízo de Deus." O único lugar onde se pode obter perfeição é em Cristo, o qual manteve o padrão perfeitamente.

É disso que trata o evangelho, e é por isso que a lei sempre nos conduz a ele. Quando leio as palavras de Jesus, eu escuto a lei. Escuto o que devo fazer, e isso me leva a orar assim: "Senhor, eu não consigo fazer essas coisas. Ajude-me!". Ele me concede alguém que foi capaz de realizar todas essas coisas e me veste com a justiça de Cristo. Isso é graça. Graça não é a anulação ou a transigência do padrão. Graça é o que Deus nos dá como dom. Ele nos deu um Salvador não apenas adequado, mas perfeito. É isso o que a graça tem de maravilhoso.

PIEDADE EM SECRETO

Mateus 6.1-4



> Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste. Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita; para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará.

Chegamos a uma parte do sermão do monte que apresenta um alerta sobre a prática da piedade em três áreas: (1) a caridade, ou esmola; (2) o jejum; e (3) a oração. Neste estudo, restringiremos o foco ao primeiro item, a caridade.

Caridade piedosa

Guardai-vos de exercer a vossa justiça diante dos homens, com o fim de serdes vistos por eles; doutra sorte, não tereis galardão junto de vosso Pai celeste (v. 1). À primeira vista, parece que estas palavras de Jesus vão contra aquilo que ele ensinou anteriormente no sermão – que os cristãos devem deixar sua luz brilhar diante dos homens para que suas boas obras sejam vistas pelo mundo e, assim, honrem a Deus. Aqui, Jesus fala a respeito de certa prática espiritual que não deve ser realizada sob o olhar do mundo, mas em secreto. Anteriormente, ele descreveu boas obras e manifestações de justiça que devem ser praticadas à vista do mundo, tais como ter misericórdia e falar a verdade, as quais têm como finalidade

fazer os observadores notarem a integridade de nosso caráter. Neste texto, entretanto, Jesus não está falando acerca da justiça no que tange às boas obras, mas à prática da piedade pessoal. Tais coisas, segundo ele, não devem ser feitas diante dos homens.

Quando, pois, deres esmola, não toques trombeta diante de ti, como fazem os hipócritas, nas sinagogas e nas ruas, para serem glorificados pelos homens (v. 2). A ação de caridade mais comum entre os judeus na antiguidade era dar esmola aos pobres, e isto podia ser feito de mais de uma maneira. Eles podiam fazer uma doação na sinagoga que, depois, era repassada aos pobres; ou, se vissem um mendigo na rua, podiam dar-lhe esmolas diretamente. Neste último caso, obviamente, quem recebia a esmola via o doador, e a oferta não era feita em secreto. Contudo, Jesus está falando da intenção por trás da doação. Não devemos fazer caridade para receber aplausos e a glória dos homens. Em outras palavras, não devemos ostentar nossa piedade ao mundo, pois, segundo Cristo, é exatamente isso que os hipócritas da época faziam. A ênfase principal aqui reside no fato de que as doações devem ser feitas para a glória de Deus. Jesus está ensinando que a caridade é um ato de adoração.

Dois filhos de Adão e Eva levaram sacrifícios ao altar. Abel levou um sacrifício de animal, e Caim levou um sacrifício de grãos, ou de produção agrícola. É-nos dito que Deus amou um deles e desprezou o outro (Gn 4.4-5). Muitos dizem que a razão pela qual Deus recebeu a oferta e Abel e rejeitou a de Caim foi o fato de que a de Abel era um sacrifício de sangue. Em certo sentido, a oferta de Abel prefigurava o sacrifício supremo de sangue a ser feito por Jesus em nosso benefício, mas é errado considerar este o motivo de Deus ter aceito seu sacrifício. As ordenanças divinas deixavam absolutamente claro que as ofertas de manjares eram perfeitamente aceitáveis; ou seja, as ofertas aceitáveis não se restringiam apenas às ofertas de sangue. Esperava-se que o pastor tomasse um

animal de seu rebanho e oferecesse-o como sacrifício e que o agricultor tomasse sua produção e oferecesse-a para a glória de Deus.

No Novo Testamento, aprendemos por que a oferta de Abel foi aceitável a Deus: "Pela fé, Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício do que Caim" (Hb 11.4). A adoração no Antigo Testamento tinha os sacrifícios como forma de expressão, os quais deveriam ser sacrifícios de louvor, não sacrifícios para inflar o ego do doador ou enobrecer a oferta. O sacrifício que não era feito de coração não era oferecido na fé. Quaisquer recompensas que Deus pudesse oferecer pelo sacrifício seriam negadas se a oferta não partisse do coração. Os sacrifícios oferecidos para causas egoístas configuravam atitudes hipócritas. Assim como o autor de Hebreus faz distinção entre os sacrifícios que são feitos na fé e os que não são, aqui Jesus também faz distinção entre as doações feitas com sinceridade e aquelas feitas com hipocrisia.

Hipocrisia

O termo *hypokritēs*, que recebe grande parte da atenção de Jesus no Evangelho de Mateus – especialmente na crítica aos fariseus – origina-se do antigo teatro. O *hipócrita* era um ator. Quando os atores desempenham um papel, eles fingem ser alguém que não são. Toda a ideia de representação e fingimento veio do teatro e acabou se tornando uma expressão pejorativa para descrever as pessoas que fingem e desempenham um papel.

Talvez você já tenha notado que, quando os ganhadores do Óscar concedem entrevistas improvisadas na televisão, eles tropeçam nas palavras. Os atores são incapazes de construir uma frase inteligível sem a ajuda de um roteiro – texto que outras pessoas redigem para eles. Os roteiros são tão bem memorizados, que os atores conseguem assumir a identidade do personagem sendo representado na tela. Isso é bom no cinema, mas, se procuramos exibir na igreja uma aura de piedade maior do que a que realmente possuímos, esta é uma atitude terrível.

Uma das dez desculpas que as pessoas mais dão para não se tornarem cristãs é que a Igreja está cheia de hipócritas. D. James Kennedy costumava responder: "Sem problemas. Sempre há espaço para mais um." Ele acrescentava: "Se você alguma vez encontrar uma igreja perfeita, não se junte a ela. Você vai estragá-la." A premissa dele era de que a igreja está cheia de pecadores. De fato, ela é a única organização que conheço que exige o reconhecimento do pecado para fazer parte. Se as pessoas de fora da igreja nos veem pecar, elas realmente não deveriam ficar surpresas. O que elas não conseguem entender é que o cristão só é hipócrita se disser que não peca. Hipocrisia é quando fingimos ser algo que não somos ou quando tentamos fazer os outros acreditarem que não praticamos algo que, na verdade, praticamos.

Todavia, o pecado da hipocrisia propriamente dito existe na igreja. Às vezes, a culpa é do pastor. Os pastores constantemente exortam e admoestam as pessoas a elevar o nível de obediência na fé. Coloca-se tanta pressão no crescimento espiritual, que, por vezes, os cristãos temem ser rejeitados caso os outros percebam que eles não são tão íntegros como deveriam ser.

As pessoas da igreja não iniciaram a vida cristã no mesmo lugar, tampouco se encontram exatamente no mesmo ponto da peregrinação espiritual e do crescimento rumo à conformidade com a justiça de Cristo. É por isso que a Bíblia nos manda ter um amor que encobre a multidão de pecados. Não devemos nos comportar como vigilantes espirituais, julgando a todos e observando a congregação com arrogância. "É pela graça de Deus que eu caminho", diz um antigo ditado. Winston Churchill, certa vez, brincou com esse ditado ao citar uma pessoa arrogante, dizendo: "É pela graça de Deus que Deus caminha." Que ninguém tenha motivos para dizer isso a nosso respeito.

Eu sou calvinista, o que significa que a doutrina da *sola gratia* está em meus ossos e corre em meu sangue. Sei que somente pela graça de Deus

eu poderia entrar em seu reino. Espero que todos compreendam a primazia da graça na vida cristã. Graça não é uma licença para continuar pecando e tirar proveito da graça de Deus. "Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante?", pergunta Paulo e, em seguida, responde: "De modo nenhum!" (Rm 6.1-2). Ao mesmo tempo, temos de cuidar para não haver hipocrisia em relação às fraquezas e aos pecados que ainda nos afligem.

É por isso que Jesus nos exorta a não fazer caridade com o intuito de sermos vistos pelos homens. Sem dúvida, há momentos em que é impossível ocultar uma oferta. **Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua mão esquerda o que faz a tua mão direita; para que a tua esmola fique em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará** (v. 3-4).

Ao ser inquirido e criticado por alguns semelhantes judeus, Paulo fartou-se e respondeu:

> E, posto que muitos se gloriam segundo a carne, também eu me gloriarei. Porque, sendo vós sensatos, de boa mente tolerais os insensatos. Tolerais quem vos escravize, quem vos devore, quem vos detenha, quem se exalte, quem vos esbofeteie no rosto. Ingloriamente o confesso, como se fôramos fracos. Mas, naquilo em que qualquer tem ousadia (com insensatez o afirmo), também eu a tenho. São hebreus? Também eu. São israelitas? Também eu. São da descendência de Abraão? Também eu. São ministros de Cristo? (Falo como fora de mim.) Eu ainda mais (2Co 11.18-23).

O intuito da resposta que Paulo proferiu quando chegou ao limite de sua paciência era mostrar que, se as pessoas fossem lhe direcionar acusações, veriam que ele realizava mais obras, demonstrava mais amor e contribuía mais do que elas. Ele estava respondendo ao tolo segundo a sua estultícia. Se quisermos falar sobre contribuições, devemos adotar o princípio do sacrifício de louvor.

O diretor de um grande ministério disse-me, certa vez, que sempre que a organização pedia doações às pessoas, chegavam cartas de protesto. Quando alguém se queixava, ele consultava imediatamente o registro de

doadores. “Em noventa e nove de cem casos”, disse ele, “a pessoa que reclamava do pedido de doações não era doadora.” Nós não gostamos que nos peçam para doar se não vamos fazê-lo; no entanto, quando contribuímos de coração, tais pedidos não nos incomodam, pois sabemos que isto é o que Deus espera de seu povo: fazer o que é agradável a ele, não ao homem.

Recompensados

Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa (v. 5). A recompensa do hipócrita não é muita. Aqueles que ostentam suas doações, aqueles que exibem a esmola que dão, aqueles que colocam o próprio nome em evidência para que todo mundo veja o sacrifício que fizeram – todos eles já receberam sua recompensa. Contudo, ela não vem de Deus. Eles recebem a recompensa que estão procurando, que é inútil do ponto de vista da eternidade: o louvor dos homens. Eles são como Caim, o qual não ofertou na fé ou para manifestar a glória de Deus e servi-lo, mas para a própria glorificação. Era mais importante a Caim ser conhecido como um homem que ofertava do que ofertar, de fato. Se você fizer uma contribuição sem que ninguém saiba, você não será o único a saber. Deus também saberá, e isso é tudo o que importa.

Teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. Ele mesmo o fará, diretamente. Ele não delegará esta ação a outra pessoa. Se você der em secreto, sua recompensa será pública. Se você der publicamente, não espere aclamação. O aspecto mais maravilhoso da caridade é que é impossível dar mais do que o Senhor.

ORAÇÃO SINCERA

Mateus 6.5-9



> E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens. Em verdade vos digo que eles já receberam a recompensa. Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos. Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais. Portanto, vós orareis assim:
>
> Pai nosso, que estás nos céus,
> santificado seja o teu nome [...].

Há poucas áreas da vida espiritual em que precisamos de mais instrução e encorajamento do que a oração. Nesta breve passagem, Jesus nos diz como não devemos orar e, depois, profere algumas palavras que nos ensinam a, de fato, orar. Anteriormente, ele havia afirmado que nossas contribuições devem ser feitas em secreto a fim de honrar a Deus, e não em público para recebermos o louvor dos homens. Agora, ele expande o tema, explicando que não devemos ostentar nossa piedade diante dos olhos do mundo.

Quando eu frequentava o seminário, a instituição em que eu estudava estava em processo de fusão com outro estabelecimento. O novo seminário, fruto desta união, estipulou metas grandiosas de excelência acadêmica e passou a exigir de nós, alunos, trabalhos semestrais com mais de 200 páginas. Nossas listas de leitura eram tão extensas, que

conseguíamos ler apenas a primeira linha de cada parágrafo dos livros indicados a fim de atender às exigências impostas. Certa vez, em uma aula de sociologia da religião, solicitaram que fizéssemos um trabalho de 20 páginas analisando a imagem do pastor na cultura contemporânea. Fomos orientados a folhear revistas e jornais e observar como os pastores eram retratados nas tirinhas. Na época, achamos que a tarefa era uma perda de tempo; porém, quando concluí o estudo, fiz uma descoberta que permaneceu comigo desde então: os pastores são retratados como religiosos rabugentos e covardes de cara fechada. Hoje esta imagem foi ampliada e faz referência aos cristãos em geral. Receio que a caricatura tenha se originado da postura que Jesus nos ensina a nunca adotar – uma postura que nos faz parecer mais santos do que todos os que nos cercam e nos recobre com uma fachada de hipocrisia.

Piedade em secreto

Conforme já vimos, a hipocrisia tem um impacto devastador na vida da igreja e na representação do cristianismo a um mundo que perece. Por este motivo, o Senhor nos adverte a não ostentarmos nossa piedade ao mundo. **"E, quando orardes, não sereis como os hipócritas; porque gostam de orar em pé nas sinagogas e nos cantos das praças, para serem vistos dos homens"** (v. 5).

A solução não é deixar de orar. Em vez disso, **"[...] quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai, que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará. E, orando, não useis de vãs repetições, como os gentios; porque presumem que pelo seu muito falar serão ouvidos** (v. 6-7). Os pagãos são historicamente conhecidos por entoar mantras, e as pessoas de hoje em dia também repetem sílabas sem sentido a fim de atingir uma transcendência mística. As orações são usadas como fórmulas mágicas para tentar alterar o ambiente ou as circunstâncias. Esta é a abordagem do movimento Nova Era, o qual

acredita que é possível fazer as coisas acontecerem com o poder da mente.

Portanto, vós orareis assim [...] (v. 9). Jesus não ensinou que devemos empregar essas mesmas palavras. Na oração do Pai nosso, ele forneceu um esboço, ou modelo, que nos sugere o tipo de coisas que devemos incluir em nossas orações. Certamente não é errado orar ou entoar a oração do Pai nosso; ela tem uma rica história na igreja. Sempre que a ouvimos ou proferimos, somos lembrados das prioridades que Jesus nos apresenta para a oração. No entanto, fazer a oração do Pai nosso pode se transformar em uma prática automática e vã, à semelhança dos encantamentos mágicos e mantras utilizados pelos pagãos. Assim, quando fizermos a oração do Pai nosso, devemos fazê-lo com ponderação, atentando para o conteúdo. Eu gostaria de considerar os elementos encontrados na oração do Pai nosso para que possamos entender por que Jesus os menciona em seu ensinamento sobre a oração.

Onisciência de Deus

Não vos assemelheis, pois, a eles; porque Deus, o vosso Pai, sabe o de que tendes necessidade, antes que lho peçais (v. 8). O salmista disse: "Ainda a palavra me não chegou à língua, e tu, SENHOR, já a conheces toda [...]. Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também" (Sl 139.4,7-8). Jesus está simplesmente reforçando essa afirmação quando diz que o Senhor sabe do que precisamos antes de pedirmos e também o que diremos antes de abrirmos a boca. Sempre me perguntam se eu acho que a oração muda a mente de Deus. Como a oração poderia fazer isso? Não podemos dar-lhe informações novas. Não podemos corrigir seus conselhos, mostrando que aquilo que ele decidiu está errado. Deus não tem um plano B para ser colocado em prática conforme a nossa vontade.

“Se for assim”, questionam as pessoas, “por que devemos orar?”. Oramos porque a oração nos transforma. Oramos também porque Deus usa a oração como meio para alcançar os fins que ele decretou desde toda a eternidade. Deus nos manda orar com fervor, mas não com a finalidade de instruí-lo ou aconselhá-lo.

Como abordar Deus

Há duas coisas que sempre devemos lembrar quando orarmos. A primeira coisa que temos de lembrar é com quem estamos falando. Temos de lembrar quem Deus é. Ele não é um criado cósmico a postos para providenciar todos os nossos desejos. A segunda coisa que temos de lembrar é quem nós somos. Com muita frequência, as orações do povo de Deus são irreverentes. Falta-lhes um senso de adoração e temor. Às vezes, falamos com Deus como se ele fosse nosso colega; contudo, se ele aparecesse diante de nós, tal familiaridade desapareceria de nossa alma, e nós nos prostraríamos com o rosto em terra diante de sua majestade. Esta deve ser a nossa postura quando nos colocamos diante dele. Somos convidados a nos apresentar com ousadia, mas nunca com arrogância.

Anos atrás, havia um barbeiro chamado Peter que ganhava a vida cortando cabelo e fazendo barba. Um dia, enquanto cortava o cabelo de um cliente, ele olhou para a frente e viu um homem entrando no salão. De imediato, reconheceu-o: tratava-se de um criminoso por cuja vida se oferecia uma grande recompensa. Quando o delinquente se sentou na cadeira do barbeiro, Peter cobriu-o com o avental e, em seguida, tomando a faca mais afiada que tinha, aplicou espuma no queixo e no pescoço do homem e pressionou a lâmina em sua veia jugular. Apenas um pouco mais de pressão, e a recompensa seria sua. No entanto, o barbeiro não tinha intenção de sequer arranhar o pescoço daquele cliente, pois tinha profundo respeito por ele. O criminoso era Martinho Lutero, e o barbeiro considerava-o não como um fora da lei, mas como um mentor. Certo dia, enquanto Peter barbeava Martinho Lutero, ele fez

um pedido: “Sr. Lutero, o senhor poderia me ensinar a orar?” Lutero respondeu: “Claro, mestre Peter. Será um prazer.” Após ser barbeado, Martinho Lutero voltou para sua cela e escreveu um livro especialmente para o barbeiro, intitulado *Como orar*.

Todos deveriam ler esse livro. É o melhor livro que eu já li sobre oração. A sugestão simples de Lutero era orar com as palavras dos Dez Mandamentos, do Credo Apostólico e da oração do Pai nosso. Ele não quis dizer que devemos nos ajoelhar e recitar a lei, o credo e a oração do Pai nosso; Lutero quis dizer que, se realmente quisermos aprender a orar, devemos nos concentrar naquilo que Deus revela na lei, no credo e na oração do Pai nosso. Ele faria uma oração assim: “Tu, Senhor, és aquele que tirou o povo da terra da escravidão. Tu és um Deus que se ofende tanto com todas as formas de idolatria, que nos proibiu de ter quaisquer outros deuses diante de ti. Que nunca toleremos, em nosso coração, a presença de um ídolo que manche a glória que te pertence.” Lutero tomaria o Credo dos Apóstolos e oraria assim: “Ó, Senhor, sou tão grato porque posso chamar-te de ‘Pai’ e porque tu não és um Pai impotente ou um Pai abusivo, mas um Pai todo-poderoso. Não há poder ou força neste universo capaz de resistir ao poder da tua palavra. É pela tua palavra, ó Deus, que os céus e a terra foram feitos; é por ela que disseste: ‘Haja luz’, e houve luz. Minha alma fica perplexa quando considero a obra das tuas mãos, o sol, a lua e tudo o que determinaste, e sou obrigado a perguntar: Que é o homem, que dele te lembres? E o filho do homem, que o visites?”

É isso o que Lutero quis dizer quando nos instruiu a fazer a oração do Pai nosso. Em vez de orar “Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome”, ele diria: “Ó, Deus, não considerei santo o teu nome, pois não te considerei santo. Vivo em meio a um povo que não se importa em usar teu nome com irreverência. Deus, sei que o teu reino e a tua vontade não serão concretizados nesta terra como o são no céu até que, ou a menos que, comecemos a exaltar a majestade do teu nome.”

A primeira instrução de Jesus aos discípulos a respeito da oração foi para que o nome de seu Pai fosse considerado santo e sagrado e que nunca fosse blasfemado, tomado em vão ou usado para amaldiçoar. Você sabia que nada revela o estado da alma mais claramente do que as palavras que saem de nossa boca? Sei que os cristãos são capazes de todos os tipos de pecado, mas não consigo entender como uma pessoa regenerada poderia usar o nome de Jesus em blasfêmias. Como podemos adorar alguém a quem temos o hábito de blasfemar? Não vejo como isso é possível.

O que a sua boca diz sobre o estado de sua alma? Jesus colocou isso no topo da lista. "Se desejam orar por algo", diz ele, "orem para que meu Pai, o qual me enviou para redimir vocês, seja considerado santo e mostrem reverência e adoração por ele e pelo seu nome da mesma forma que os anjos do céu, os quais circundam seu trono diariamente, cantando: 'Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória.'"

Devemos aprender a orar e deixar para trás a forma não apenas infantil, como também imatura, de pedir: "Querido Deus, por favor, abençoe a mamãe e o papai e a Sarah e a Jane e o tio Sam e a tia Gertrudes". Devemos concentrar nossas súplicas na obra do reino e em favor dele.

A CASA DE NOSSO PAI

Mateus 6.9



> Portanto, vós orareis assim: Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o teu nome.

Pai nosso, que estás nos céus. Com frequência, eu me pergunto por que Jesus ensinou seus discípulos a reconhecer, na oração, o lugar da habitação de Deus. O céu, não a terra, é a residência primeira de nosso Deus. Ele habita e vive na eternidade, e não há casa neste planeta que possa conter sua presença. Sabemos que ele é essencialmente infinito, ubíquo e onipresente e que não pode ser contido em lugar algum. Ainda assim, Jesus disse que, quando o buscarmos em oração, devemos ter em mente que ele está no céu.

Quando o primeiro cosmonauta russo, Yuri Gagarin, retornou de sua viagem ao espaço, ele fez uma observação sarcástica: por mais que tivesse procurado durante sua permanência ali, ele não vira qualquer evidência da presença de Deus. O que ele não entendeu é que ninguém precisa ir ao espaço sideral para ver as múltiplas evidências da existência do Criador, uma vez que toda a terra está repleta de sua glória.

Onde Deus habita

Temos a tendência de pensar no céu em termos, de certa forma, geográficos. A palavra empregada no Novo Testamento grego para "paraíso" é a mesma usada para "céu". Assim, estamos acostumados a pensar no paraíso como um lugar acima de nós, lá no alto do céu, além

do espaço sideral, onde nem mesmo as lentes precisas do telescópio Hubble poderiam captar a residência de Deus. No entanto, não devemos pensar no paraíso tanto em termos geográficos, e, de forma alguma, em termos de altitude. Em vez disso, devemos pensar a seu respeito mais à maneira como a Bíblia o expressa. Para este fim, algumas analogias podem nos auxiliar.

No início dos anos 40, um homem chamado Guido Gallerdini veio da Itália, fixou residência em minha cidade e abriu uma barbearia. Guido foi o primeiro barbeiro a cortar meu cabelo, e eu nutria muito afeto por sua pessoa. Ele quase não falava inglês, mas adorava cantar ópera enquanto trabalhava. Sua barbearia tinha espelhos de um lado, que ficavam na minha frente enquanto eu era atendido, e mais um conjunto de espelhos do outro lado, atrás de mim. Eles refletiam minha imagem, tanto para mim quanto para os espelhos do lado oposto, dando a impressão de que havia um número infinito de imagens refletidas no vidro até o ponto em que elas simplesmente despareciam. Ao observar aquele ponto distante no espelho, eu me perguntava se as imagens acabavam ali ou se continuavam para além do que eu conseguia enxergar. A ideia das imagens espelhadas me fazia refletir.

No espelho, vemos a realidade de um objeto tridimensional como se ele fosse reconstruído diante dos nossos olhos em duas dimensões. É isso o que acontece quando vemos um reflexo. Os reflexos nos mostram que há, pelo menos, três dimensões – e nós vivemos, movemo-nos e existimos em três dimensões. Todavia, eu não acredito que este seja o fim da realidade. Há, como se costuma dizer, muito mais do que os olhos conseguem ver. Creio que a fronteira entre o céu e a terra, entre a natureza e a sobrenatureza, não é geográfica, mas dimensional; e, portanto, o céu não está lá em cima, mas bem aqui. Ele não se encontra em nossa realidade tridimensional, mas está perto de nós mesmo assim, e há um véu que encobre essa realidade presente bem ao nosso lado. O céu

adentra na terceira dimensão pela realidade da presença de Deus. Nós não precisamos de uma escada, de um avião ou de um elevador para aproximar-nos do céu. Ele está bem aqui, na dimensão seguinte.

Nossa natureza é constituída por corpo e alma. Há um aspecto físico em nossa vida, mas há também um aspecto não físico. Um dos enigmas filosóficos mais antigos é como se dá a relação entre a mente e o corpo; em outras palavras, entre a atividade física e os pensamentos. A extensão de nossos pensamentos não pode ser medida. Eles pertencem ao âmbito não físico, mas nossa vida é movida por eles a todo momento. Algumas pessoas alegam que até os pensamentos são respostas puramente físicas. Contudo, se este fosse o caso, por que motivo argumentamos? Se isso fosse verdade, nenhum de nós poderia escolher no que pensar.

Homens como René Descartes, Baruch Spinoza e Gottfried Leibniz trabalharam durante anos tentando descobrir como os pensamentos produzem ações. Ninguém consegue descobrir como um pensamento interage com uma ação física e como uma ação física interage com um pensamento. Vivemos todos os dias nessa tensão de dimensões, porque o pensamento pertence a uma dimensão, e o corpo pertence a outra.

Platão, Agostinho e Edwards entendiam que, quanto mais sondamos as coisas de Deus com a mente e quanto mais profundamente refletimos sobre ele, mais perto ficamos da plenitude de sua realidade. É por isso que Deus nos deu sua Palavra, e a Palavra propõe-se a ser inteligível e compreensível à mente.

Santidade sagrada

Santificado seja o teu nome. Toda a Escritura sagrada deixa claro que Deus é totalmente santo. A coisa mais importante pela qual Jesus disse que devemos orar é para que o nome de seu Pai seja considerado santo. Nós vivemos em uma cultura que profana o seu nome. Quando

profanamos o nome de Deus, revelamos nossa profunda falta de respeito e reverência por ele, o dono do nome.

Durante a construção da igreja St. Andrew's, nós tentamos edificar um local apropriado para que Deus e seu povo se reunissem. Nós a chamamos de "casa de Deus", mas a palavra "casa" tem mais de uma função. Ela também transmite algo a respeito do seu propósito. Quando Deus mandou os israelitas construírem uma tenda, um tabernáculo – uma casa – ele tinha em mente um lugar para se reunir com seu povo e revelar sua glória:

> Então, a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do SENHOR encheu o tabernáculo. Moisés não podia entrar na tenda da congregação, porque a nuvem permanecia sobre ela, e a glória do SENHOR enchia o tabernáculo. Quando a nuvem se levantava de sobre o tabernáculo, os filhos de Israel caminhavam avante, em todas as suas jornadas; se a nuvem, porém, não se levantava, não caminhavam, até ao dia em que ela se levantava. De dia, a nuvem do SENHOR repousava sobre o tabernáculo, e, de noite, havia fogo nela, à vista de toda a casa de Israel, em todas as suas jornadas (Êx 40.34-38).

Ao longo de 15 capítulos em Êxodo e mais alguns em Levítico, o próprio Deus forneceu instruções minuciosas sobre como a construção deveria ser executada. Mais tinta foi utilizada no detalhamento da construção do tabernáculo do que em todo o livro de Romanos, a principal obra teológica de Paulo. Deus foi explícito a este grau por duas razões: glória e beleza. Ele não exigiu tantos detalhes para o mero conforto das criaturas. Ele queria que o tabernáculo fosse construído para sua glória e honra e para a beleza de sua santidade.

Nós estamos longe disso hoje. Além de não honrarmos Deus com os lábios, transformamos seu nome em coisas ofensivas e profanas. Deus é a fonte não apenas de tudo o que é bom e verdadeiro, como também de tudo o que é belo. Nós construímos a St. Andrew's não para trazer Deus do céu à terra, mas para refletir sua glória e a beleza de sua santidade. Eu ainda fico sem ar quando entro em nossa igreja. Há algo de especial nela

– os arcos, o teto abobadado – tudo aponta para aquela outra dimensão, a qual podemos contemplar apenas em símbolos.

No rodapé do boletim semanal da St Andrew's, há estas palavras: "Cruzamos o limiar do secular ao sagrado, do comum ao incomum, do profano ao santo." Esperamos que quem entre ali perceba que está cruzando uma fronteira e deixando para trás a dimensão do lugar-comum. Esperamos que, ao entrar em nosso prédio, as pessoas deixem o secular e atravessem o limite para o sagrado.

A construção do tabernáculo foi dividida em três etapas: o átrio exterior, o santuário, e, por fim, o *sanctum sanctorum* – o Santo dos Santos, onde foi consagrado o trono de Deus. Deus foi o arquiteto; ele projetou o local onde se reuniria com o seu povo. Ali era a interseção em que o povo podia se aproximar dele e experimentar um pouco do céu.

É isso o que queremos cada vez que nos reunimos para adorar: provar um pouco do céu.

SANTIFICADO SEJA O TEU NOME

Mateus 6.9-10



Portanto, vós orareis assim:
Pai nosso, que estás nos céus,
santificado seja o teu nome;
venha o teu reino;
faça-se a tua vontade,
assim na terra como no céu.

Muitas pessoas hoje em dia afirmam, com segurança, que o universo em que vivemos passou a existir a partir do nada. Esta afirmação não se baseia em fatos científicos. Quando sentimos dor de estômago e vamos ao médico, ele faz perguntas e realiza exames para tentar descobrir o motivo da indisposição. Ele considera todas as possibilidades antes de sugerir um diagnóstico. Quando consideramos as possibilidades de alguma coisa, primeiro devemos eliminar as impossibilidades. Uma vez que tenhamos feito isso, podemos analisar as possibilidades para determinar qual delas apresenta mais evidências.

Quando nos perguntamos por que estamos aqui e por que o mundo existe, podemos eliminar a possibilidade de que as coisas vêm do nada. O princípio mais fundamental da ciência é: *ex nihilo nihil fit*, isto é, nada vem do nada. É impossível que algo venha do nada. Nem mesmo Deus pode vir do nada. Por isso, qualquer coisa ou pessoa existente hoje veio de algo que sempre existiu. Se alguma vez tivesse havido uma época sem qualquer tipo de existência – sem Deus, sem matéria, sem energia – então

nada poderia existir agora. O fato de que existe algo hoje é prova indiscutível de que algo sempre existiu.

Os naturalistas afirmam que tal raciocínio é filosófico ou teológico, mas não científico. Contudo, as provas formais sempre prevalecem sobre as provas materiais. Se você quiser que eu prove que uso óculos, posso mostrá-los a você. Ao serem vistos, eles terão prova material. Por outro lado, provas formais são provas racionais. Elas são lógicas e matemáticas: 2 + 2 = 4. Então, qual delas é superior? A prova formal sempre triunfa sobre a prova material. A lógica sempre ganha da evidência física. Quando a lógica de uma questão está clara – no caso, que nada pode vir do nada – toda a suposta montanha de evidências produzida contra a lógica é sempre vencida pelo princípio formal.

De importância primordial

Menciono tudo isso porque existe certa lógica da oração do Pai nosso. Há uma interligação entre todos os elementos pelos quais Jesus nos ensinou a orar aqui. A primeira petição é: **Santificado seja o teu nome** (v. 9). Quando os discípulos perguntaram como deviam orar, Jesus lhes disse para pedir, em primeiro lugar, que o nome de Deus fosse considerado santo, porque Deus é santo. Isto significa que Deus é outro e diferente de qualquer coisa que possamos experimentar ou encontrar no universo material. Deus, o Criador, difere de todas as criaturas; e Deus difere de todas as criaturas no sentido de que ele é incriado e eterno. Cada um de nós foi criado, e temos uma idade mensurável. Nós não somos eternos; somos temporais. O Criador está separado da criatura pelo elemento elevado, transcendente, do próprio ser divino. Ele é tão majestoso, que é digno da adoração de todas as criaturas.

Jesus está dizendo que, no início de sua oração, você deve distinguir aquele a quem está se dirigindo. As duas coisas das quais sempre devemos nos lembrar quando oramos é de quem Deus é e quem nós

somos. Isto define a estrutura e a atmosfera da conversa. Por isso, Jesus diz que, na oração, a primeira coisa que devemos fazer é identificar aquele com quem estamos falando. A forma de abordagem ensinada por Jesus nesta oração é: **Pai nosso, que estás nos céus** (v. 9).

Com a ascensão do liberalismo continental europeu no século 19, o esforço, especialmente na Alemanha, foi no sentido de reduzir o cristianismo e todas as religiões mundiais a um núcleo básico. Junto com isso, houve um esforço para reduzir a essência do cristianismo ao seu ponto central. Pessoas como Adolf von Harnack diziam que a mensagem essencial do cristianismo é a paternidade universal de Deus e a fraternidade universal do homem. Tal conceito é absolutamente alheio ao cristianismo bíblico, pois a Bíblia não ensina a paternidade universal de Deus. O que a Bíblia ensina é que Deus é o Criador universal. Ela também ensina a fraternidade universal do homem, ou seja, que todos somos semelhantes e fomos feitos pelo mesmo Criador. A linguagem familiar, entretanto, tem um significado restrito e especial nas Escrituras.

Pai nosso

Um estudioso alemão do Novo Testamento, Joachim Jeremias, escreveu um livro há muitos anos e fez nele uma afirmação surpreendente: em nenhum momento da história judaica e em nenhuma literatura judaica até o 10º século na Itália é possível encontrar um judeu dirigindo-se a Deus como Pai. As notáveis exceções, disse ele, são as orações de Jesus no Novo Testamento. Em todas as suas orações, exceto uma, Jesus dirigiu-se a Deus diretamente como Pai e, em todas as vezes, seus contemporâneos pegaram pedras para assassiná-lo, acusando-o de blasfemo. O que quero dizer com isso é que nós usamos a declaração inicial desta oração de forma tão rotineira, que perdemos totalmente de vista seu significado fundamental. Na estrutura bíblica, Deus tem um filho, um Filho unigênito. Portanto, a única pessoa em toda a história

que tem o direito legítimo de chamar Deus de "Pai" é Jesus. Não obstante, Jesus, ao ensinar os discípulos a orar, instruiu-os a se dirigirem a Deus como "Pai nosso".

Como podemos nos dirigir a Deus legitimamente como Pai sendo que, por natureza, somos filhos de Satanás? Segundo as Escrituras, somos filhos da ira, e Deus não é nosso Pai. Podemos chamá-lo de Pai nosso apenas porque ele nos adotou. As Escrituras nos dizem que é somente pelo Espírito Santo, o qual nos uniu a Cristo e promoveu nossa adoção à família de Deus, que agora podemos dizer: "Aba, Pai". Sempre que fizermos a oração do Pai nosso, devemos nos lembrar de que estamos orando como filhos adotivos de Deus e que nosso irmão mais velho, Jesus, é o único filho natural dele.

Há outro sentido no qual o Antigo Testamento fala a respeito do filho de Deus. Metaforicamente, a nação de Israel era referida como filha de Deus. Mais no início do Evangelho de Mateus, lemos que José foi alertado em sonho para fugir da ira do rei Herodes. Está escrito: "Dispondo-se ele, tomou de noite o menino e sua mãe e partiu para o Egito; e lá ficou até à morte de Herodes, para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor, por intermédio do profeta: Do Egito chamei o meu Filho" (Mt 2.14-15). Isto se refere ao êxodo, quando a nação de Israel – na posição de filha de Deus – foi mantida em cativeiro no Egito até receber a libertação divina.

A ceia do Senhor, cujas raízes estão no Antigo Testamento, foi instituída por Jesus em sua celebração da Páscoa na noite anterior à sua morte. Durante a Páscoa, o anjo da morte veio a mando de Deus para trazer a pior de todas as pragas contra Faraó e o Egito: matar o primogênito de todas as famílias egípcias, incluindo a do próprio Faraó. O que Deus estava dizendo ao governante mais poderoso do planeta era isto: "Faraó, já que você não respeitará o meu filho, eu matarei o seu filho." Os reis deste mundo não têm respeito pelo filho de Deus – seja seu

filho metafórico, Israel; seu filho perfeito, Jesus Cristo; ou seus filhos adotivos, nós.

Faça-se a vontade de Deus

Venha o teu reino; faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu (v. 10). No meio secular em que estamos inseridos, as pessoas fazem tudo o que podem para apagar qualquer ideia de que o mundo em que vivemos vem das mãos de Deus, o Pai todo-poderoso, Criador do céu e da terra. Se elas tão somente conseguirem se livrar da criação, poderão se livrar de Deus; e, se tão somente conseguirem se livrar de Deus, poderão se livrar da lei. Se puderem eliminar o Criador, não terão necessidade de um remidor, e não restará nada que seja sagrado. Antes que o reino de Deus venha e a vontade divina seja feita na terra como no céu, o nome dele precisa ser santificado. Não há blasfêmia no céu. Não há qualquer coisa profana no céu. Ninguém no céu – serafins, querubins, espíritos humanos levados à congregar nas alturas – faz qualquer coisa fora da vontade de Deus, e ali tudo é feito com júbilo, alegria e para a glória dele.

Jesus está dizendo aos discípulos que o Pai, o qual habita no céu, enviou-o à terra. O mundo está cego para ele e para o céu, mas a nossa herança está ali. Não podemos ser cristãos e, ao mesmo tempo, acreditar que este mundo é tudo o que existe; afinal, a declaração fundamental de Jesus é que ele vem da presença de nosso Pai, que está nos céus. Embora habite no céu, ele não se ausenta da terra.

VENHA O TEU REINO

Mateus 6.9b-11



Pai nosso, que estás nos céus,
santificado seja o teu nome;
venha o teu reino;
faça-se a tua vontade,
assim na terra como no céu;
o pão nosso de cada dia dá-nos hoje.

Havia apenas poucos meses desde que eu me tornara cristão quando fui convidado para uma festa de Natal na casa do pastor e sua esposa. Ele não acreditava nos milagres de Jesus nem na ressurreição de Cristo, e estava um pouco irritado com a minha nova paixão pelo cristianismo bíblico. No meio da festa, ele me chamou de lado e perguntou: "RC, o que é o reino de Deus?" Eu não sabia como responder. Como você responderia a essa pergunta? A resposta simples é que o reino de qualquer rei estende-se até o limite de seu domínio. Já que entendemos que Deus é o criador de todas as coisas e que ele reina onipotente sobre tudo, a extensão de seu domínio deve ser o mundo inteiro. Logo, a resposta simples é que o reino de Deus é onde quer que ele reine; e, visto que ele reina em todos os lugares, o reino de Deus abrange todos os lugares.

No entanto, eu acho que meu pastor estava se referindo a outra coisa, e certamente o Novo Testamento também quer dizer outra coisa quando menciona João Batista iniciando seu ministério com este anúncio coberto de urgência: "Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus"

(Mt 3.2). Jesus iniciou seu ministério terreno com a mesma declaração: "Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus" (Mt 4.17). Se o reino de Deus equivale simplesmente a todo o universo sobre o qual ele domina, por que João e Jesus teriam anunciado que o reino dos céus, ou de Deus, estava próximo ou prestes a se concretizar? Eles claramente queriam dizer algo além do que pensaríamos nestes termos gerais. Na verdade, se há algum tema que liga o Antigo Testamento ao Novo Testamento, este tema é o reino de Deus.

Venha o reino de Deus

No cerne deste tema, encontra-se o reino messiânico de Deus – um reino que será conduzido pelo Messias de Deus, designado para ser não apenas o Remidor de seu povo, como também o Rei. Portanto, quando João entra em cena e fala da extrema proximidade do reino, ele está falando do reino do Messias.

Quando Jesus estava sobre o monte da ascensão prestes a deixar a terra, seus discípulos lhe perguntaram: "Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?" (At 1.6). Imagino que, mesmo em seu estado ressurreto, Jesus tenha ficado um pouco frustrado com a pergunta. Mesmo assim, deu uma resposta paciente e branda: "Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade; mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra" (v. 7-8).

No julgamento perante Pilatos, Jesus foi questionado quanto à veracidade daquilo que as pessoas estavam dizendo a seu respeito – isto é, que ele era rei. Jesus respondeu: "O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui" (Jo 18.36). O Antigo Testamento estava chamando a atenção não para um reino que estaria presente apenas no coração das

pessoas, mas para um reino que irromperia neste mundo sob o primado do Messias ungido de Deus. Durante o ministério terreno, Jesus disse: "Se, porém, eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente, é chegado o reino de Deus sobre vós" (Lc 11.20). Em outra ocasião, ele disse: "A vós outros está próximo o reino de Deus" (Lc 10.9,11). O reino de Deus estava no meio deles porque o Rei estava ali.

Jesus inaugurou o reino de Deus quando veio. Ele não o consumou: ele o iniciou e prometeu uma época em que o reino alcançaria seu penúltimo auge, no qual ele subiria ao céu e se assentaria entronizado à direita de Deus. Jesus não ascendeu apenas para ser nosso Sumo Sacerdote. Ele subiu para sua coroação como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Sua realeza não é um estado futuro; Cristo é Rei neste exato momento. Ele ocupa o assento da autoridade cósmica mais elevada de todas. Toda a autoridade no céu e na terra foi dada ao Filho ungido de Deus.

Venha o teu reino (v. 10). Há vários anos, aceitei um convite para proferir uma série de palestras na Europa Oriental. A terceira etapa da viagem seria na Romênia, e, enquanto nós nos preparávamos para sair de Budapeste, fomos alertados de que os guardas da fronteira na Romênia eram hostis a norte-americanos. Embarcamos no trem e viajamos por toda a Hungria, até a fronteira com a Romênia. Éramos quatro. Em uma parada, dois guardas subiram no trem. Eles não falavam inglês, mas indicaram asperamente que queriam ver nosso passaporte e nossa bagagem. De repente, entrou também um guarda corpulento que falava um pouco de inglês. Ele nos inspecionou por cima e notou que uma de minhas companheiras de viagem carregava um saco de papel no colo. O guarda abriu o saco e tirou uma Bíblia de dentro. Então, começou a folhear o livro. Ele parou, olhou para o nosso grupo e disse: "Vocês não são americanos." O guarda apontou para uma passagem que dizia: "somos cidadãos do céu" [NTLH]. Ele era cristão.

Dali, dirigiu-se ao subordinado e ordenou-lhe que não nos incomodasse. Com muito alívio, percebi que aquele guarda entendia algo sobre o reino de Deus: que nossa cidadania principal é justamente o reino de Deus.

Há muitos anos, um evangelista chamado John Guest veio da Inglaterra para a Filadélfia. Ele me contou que havia passado seus primeiros dias nos Estados Unidos visitando lojas de antiguidades no bairro alemão da cidade, especialmente as especializadas em artigos da Guerra Revolucionária. Ele se deparou com um cartaz do século 18 que dizia: "Aqui não servimos a nenhum soberano." John compartilhou comigo o dilema que isso apresentava: "Como posso pregar o evangelho do reino de Deus a pessoas que não querem ser dominadas por um soberano?"

Enfrentei uma crise nesta mesma questão quando eu era pastor seminarista de uma pequena igreja de refugiados húngaros em uma cidade siderúrgica da Pensilvânia ocidental. Alguém doou uma bandeira dos Estados Unidos à igreja, e eu a coloquei do outro lado do presbitério, longe da bandeira cristã. Na semana seguinte, um dos anciãos, veterano de guerra, disse-me que sempre que uma bandeira é hasteada ao lado da bandeira dos Estados Unidos, ela deve ser colocada em posição subordinada. Pensei: *Como a bandeira cristã poderia estar subordinada a qualquer bandeira nacional?* O reino de Deus triunfa sobre todos os reinos terrenos. Eu não quis violar as leis norte-americanas, então resolvi o dilema removendo as bandeiras. Eu amo os Estados Unidos e honro suas tradições, mas sou cristão em primeiro lugar e norte-americano em segundo. Devo lealdade à bandeira norte-americana, mas devo mais lealdade ainda a Cristo, pois ele é o meu Rei.

Conforme mencionei anteriormente, há uma lógica que perpassa toda a oração do Pai nosso. Cada petição está ligada às demais. A primeira petição que Jesus nos ensina a fazer na oração é esta: "santificado seja o teu nome". Oramos para que o nome de Deus seja considerado santo,

pois, até que, ou a menos que, o nome de Deus seja considerado santo, o reino dele não poderá vir a este mundo.

Em outro lugar, o Senhor diz que haverá um dia em que o reino será consumado, e todos os joelhos de todas as tribos e todos os povos se dobrarão perante Jesus (Rm 14.11). Se lermos o texto com atenção, veremos que alguns ficarão de joelhos em amor e adoração jubilosa, mas outros serão forçados a se curvar, pois não o aceitarão como Rei. Há multidões hoje em dia que não se submetem ao seu reino, mas Deus nos diz que, no último dia, todos os joelhos se dobrarão – alguns de bom grado, e outros com relutância. Eles não terão outra escolha senão a de se prostrar, pois Deus quebrará seus joelhos com vara de ferro e se certificará de que todos honrem ao seu Filho.

João Calvino disse que é tarefa da igreja dar visibilidade ao reino invisível. Porém, como podemos testificar da realidade de um reino que já existe? Vivemos de modo a testemunhar a realeza de Cristo no local de trabalho, na família, na escola e no talão de cheques, pois Deus em Cristo é Rei sobre cada uma destas esferas de nossa vida. A única maneira pela qual o reino de Deus pode ser manifesto neste mundo antes da vinda de Cristo é se nós o manifestarmos em nossa vida.

A vontade de Deus

Logo depois, Jesus diz que devemos orar assim: **"faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu"** (v. 10). Se nos voltarmos para o Novo Testamento e analisarmos o conceito da vontade de Deus, veremos que as palavras traduzidas como *vontade* são múltiplas e têm uma variedade de significados. Há seis ou sete significados diferentes relativos à vontade de Deus na Bíblia. Contudo, os dois mais numerosos e básicos são os que encontramos aqui.

O primeiro deles refere-se àquilo que chamamos de "vontade soberana, eficaz de Deus" – a vontade divina que se realiza segundo o seu

decreto. Quando Deus criou os céus e a terra, ele não pediu permissão. Quando Deus disse "Haja luz", não houve discussão alguma; as luzes foram feitas. Isto é uma manifestação da vontade soberana de Deus. Tudo quanto Deus desejar deve necessariamente acontecer. Esta é a vontade soberana não somente pela qual os mundos foram feitos, mas também pela qual Deus redimiu nossa alma. É a vontade pela qual ele soberanamente concedeu sua graça a nós e nos trouxe para si. Por vezes, ela é chamada de vontade oculta de Deus, em oposição à sua vontade revelada.

Quando as pessoas me perguntam como podem conhecer a vontade de Deus para sua vida, elas estão geralmente se referindo à vontade oculta. Tento ser gentil em minha resposta. Nós não podemos conhecer a vontade oculta de Deus porque ela não é da nossa conta. É exatamente por isso que ela se chama vontade oculta de Deus. Precisamos gastar bem menos tempo preocupando-nos com a vontade oculta de Deus e mais tempo concentrando-nos na vontade revelada de Deus. As Escrituras dizem: "Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação" (1Ts 4.3). Portanto, seu emprego, a cidade em que você mora, a pessoa com quem você vai se casar e os nomes que você dará aos seus filhos são de importância secundária diante da vontade principal de Deus para a sua vida – a santificação.

Isso imediatamente vincula o conceito da vontade de Deus ao seu segundo significado mais importante na Escritura: a vontade normativa, revelada em seus preceitos e mandamentos. Quando Jesus nos instruiu a orar "faça-se a tua vontade, assim na terra como no céu", ele não estava falando da vontade soberana de Deus, pois nós não precisamos orar por ela. Ela já é feita na terra como no céu. Jesus estava falando claramente sobre a vontade normativa de Deus, a qual deve ser obedecida aqui da mesma forma como é obedecida por todos, em todos os momentos, no

céu. Este é apenas um reflexo daquilo que Jesus disse em outro lugar: “Se me amais, guardareis os meus mandamentos” (Jo 14.15).

Somos terrivelmente hipócritas se oramos pedindo que o nome de Deus seja santificado, que seu reino venha e que sua vontade seja feita na terra como no céu se aquilo em que realmente pensamos for: “mas não na minha vida”. Cada vez que fazemos a oração do Pai nosso, estamos pedindo para que Deus opere em nós e nos faça obedecer à sua vontade na terra da mesma maneira como ela é obedecida no céu. Não devemos esperar até que Jesus volte para manifestar seu reino e sua vontade.

PÃO DE CADA DIA

Mateus 6.11



O pão nosso de cada dia dá-nos hoje.

Alguns cristãos costumam usar o acróstico ACGS para direcionar suas orações. As letras representam os quatro elementos da oração: adoração, confissão, gratidão e súplica. Temos a tendência, entretanto, de começar pelo "S". Mal esperamos para entrar na presença de Deus com nossa lista de desejos e súplicas. Eu gosto desse acróstico porque ele equilibra os elementos.

O início deve ser a adoração, pois é assim que a oração do Pai nosso começa: "Santificado seja o teu nome". À medida que crescemos na disciplina da oração e passamos a nos deleitar mais nela, destinamos mais tempo a este primeiro elemento, a adoração. Os salmos, exemplos inspirados de oração piedosa, são intensamente carregados de adoração. Além disso, devemos confessar nossos pecados todas as vezes – o "C" do acróstico – lembrando de quem somos ao entrar na presença de Deus. O apóstolo Paulo nos diz também que devemos orar sempre com ação de graças (1Ts 5.18). Estes são elementos importantes a todas as orações. Por fim, chegamos ao final do acróstico: "S" de súplica. Neste ponto, pedimos a Deus que atenda as nossas necessidades.

O hino *Sopra em mim, sopro de Deus* tem um verso do qual não gosto: "Ensina-nos a ter paciência com as orações não atendidas." Não existem orações não atendidas. Deus responde todas as nossas orações. O que acontece é que, quando a resposta é "não", nós presumimos que ele não

a ouviu ou não respondeu. “Não” é uma resposta, e nós temos de estar prontos para ouvi-la, da mesma maneira que nosso Senhor esteve disposto a ouvi-la na agonia do Getsêmani.

Súplica

O padrão da oração do Pai nosso começa com a forma de abordagem e, em seguida, passa às petições, de modo que o foco das partes iniciais está sobre a glória de Deus e o seu reino. Nossas orações devem estar focadas no reino, mesmo que, neste ponto, haja uma mudança de perspectiva e passemos a pedir que Deus faça algo por nós: **“o pão nosso de cada dia dá-nos hoje”**.

Há muitas informações contidas nesse simples pedido. O texto não diz “o pão nosso de cada dia vende-nos hoje”, nem há qualquer tentativa de suborno a Deus. Estamos pedindo que ele nos dê um presente. Devemos pedir que ele nos dê o pão de cada dia, pois tal atitude revela nossa constante dependência dos dons divinos. Toda boa dádiva e todo dom perfeito que recebemos provém das mãos dele (Tg 1.17). Ele é um Deus doador. Ele é um Deus de providência, e este é um pedido para que ela nos seja concedida. “Ó, Deus, em tua providência soberana ao se relacionar conosco e cuidar de nós, por favor, satisfaze as necessidades de nossa vida neste mundo.” Nossas necessidades resumem-se basicamente ao conceito do pão de cada dia.

Depois de Deus prometer a Abraão que ele seria pai de uma grande nação e que seus descendentes seriam como os grãos de areia no mar e as estrelas do céu, muitos anos se passaram até Sara finalmente gerar um filho de nome Isaque. Não houve pais mais felizes em toda a história do que aqueles dois no dia em que a promessa foi cumprida. Mais tarde, entretanto, Deus apareceu a Abraão e disse: “Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que eu te mostrarei” (Gn 22.2). Em

outras palavras: “Eu te dei o presente e agora quero que você o devolva.” Enquanto pai e filho faziam a jornada de três dias nesse comovente episódio, Isaque olhou para a lenha que o jumento carregava e, confuso, perguntou ao pai: “onde está o cordeiro para o holocausto?” (v. 7). Abraão respondeu: “Deus mesmo há de prover o cordeiro para o holocausto, meu filho” (v. 8).

Pão de cada dia

Essa é a primeira vez na Bíblia que a ideia da providência divina é mencionada. Ela diz respeito à provisão divina, e os elementos integrantes desta provisão não se limitam apenas àquilo que precisamos para a salvação, mas incluem também alimentos, água, vestimentas e abrigo. Pela providência de Deus, as plantações brotam. Ele nos dá aquilo de que necessitamos para a vida diária, e este dom da providência resume-se no elemento do pão.

É importante observar que há uma relação sinérgica entre a providência divina e o nosso trabalho. Deus ordena e exige que sejamos produtivos em nosso trabalho. No que tange a provisão de nossas necessidades diárias, o apóstolo Paulo diz que quem não sustenta o próprio lar é pior do que o incrédulo (1Tm 5.8). Assim, por um lado, temos de confiar na ajuda da providência benevolente de Deus para recebermos o pão nosso de cada dia; por outro lado, devemos ser diligentes e fazer tudo o que pudermos para sustentar nossa família. Nós dizemos que o assalariado do lar tem seu “ganha-pão”. Até nas gírias daqui, a palavra *pão é* sinônimo de dinheiro. Existe uma ligação entre a provisão de bem-estar da família e o fato de a base rudimentar desta provisão ser o pão, o qual tem sido considerado historicamente um alimento essencial.

Devemos pedir que Deus nos dê o pão de cada dia. Há certa discussão acerca do significado exato da expressão “cada dia” aqui. Seguindo a lógica, se a oração for feita de manhã, estaremos pedindo o pão daquele

dia e, se orarmos à noite, estaremos pedindo o pão do dia seguinte. Há basicamente três motivos para a ênfase no pão de "cada dia". Uma razão é que nós precisamos ficar de joelhos e reconhecer nossa dependência da boa providência divina para o sustento diário. O segundo motivo provém do fato de que a maioria dos assalariados na época do texto bíblico era remunerada diariamente. Eles recebiam uma pequena soma todos os dias como salário e, por isso, tinham de se esforçar dia após dia.

Quando moramos na Holanda, em um vilarejo onde quase ninguém falava inglês, Sherrie, nossa filha, tinha cerca de três anos. A primeira palavra que ela aprendeu em holandês foi *snopje*, que significa "docinho". Uma batida na porta era ouvida todas as manhãs quando o padeiro chegava, e a tarefa de Sherry era recebê-lo. Ela olhava para o padeiro e dizia, em holandês: "Bom dia, senhor padeiro. Metade de um pão de forma, por favor." Essa foi a primeira frase básica que Sherrie aprendeu a falar, e ela a dominou por proferi-la todos os dias. O motivo de o pão ser entregue todos os dias era que ele ficava praticamente intragável no dia seguinte à sua fabricação. Não se utilizava qualquer conservante, nem eram retirados seus nutrientes.

No entanto, esta petição vai muito além da necessidade de um simples pão. Ela representa o pedido para que Deus nos dê aquilo que devemos comer. Talvez haja circunstâncias em que se precise subsistir com pão e água, como no caso de prisioneiros de guerra e pessoas em situação de escassez.

Lembro-me da comovente história narrada por uma enfermeira que trabalhou em um orfanato após a Guerra da Coreia. Algumas crianças que haviam passado fome extrema antes de serem acolhidas no orfanato não conseguiam pegar no sono. A dificuldade para dormir era causada pelo medo de precisarem enfrentar necessidades de novo. A enfermeira, então, teve uma ideia: todas as noites, ao colocar as crianças na cama, ela dava um pedaço de pão para cada uma. Isso ajudava a eliminar a

ansiedade delas, e, todas as noites, iam dormir agarradas ao pão sabendo que não passariam fome no dia seguinte.

Duvido que qualquer um de nós tenha experimentado fome de verdade. Temos comida e água em abundância em nosso país, enquanto literalmente milhões de pessoas ao redor do mundo, especialmente na África, vão para a cama todas as noites sem saber se morrerão de fome ou de sede. É Deus quem supre essas necessidades; por isso, devemos orar não somente pelo pão nosso de cada dia, mas também pelo pão de cada dia das outras pessoas. Devemos orar para que elas tenham água potável não apenas para si, mas também para seus animais. Ainda hoje, há muitos indivíduos que ficam desnutridos e morrem porque seus animais estão subnutridos. Este é o mundo em que vivemos, o mundo a que Cristo veio. É o mundo de nosso Pai, e ele nos convidou para irmos até sua presença e pedirmos o pão e a água de cada dia.

PERDOA-NOS AS NOSSAS DÍVIDAS

Mateus 6.12



> E perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores.

Nós já consideramos o acróstico ACGS, em que o "C" representa confissão. A confissão dos pecados deve ser uma parte regular de nossas orações, tanto particulares quanto coletivas. Aqui nosso Senhor está ensinando que a oração de confissão e o pedido de perdão são partes integrantes do modelo de oração. Por isso, ele diz que devemos orar da seguinte maneira: **"perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores"** (v. 12).

Outra tradução desta petição é: "Perdoa as nossas ofensas como também nós perdoamos as pessoas que nos ofenderam" [NTLH]. Qualquer uma delas está correta. Ambas comunicam com precisão o sentido do texto aqui em Mateus, bem como sua construção no Evangelho de Lucas. Lucas usa a palavra "pecados", e Mateus usa a palavra "dívidas". Ao considerarmos a natureza do pecado para o qual precisamos de perdão, analisaremos três diferentes dimensões, ou aspectos, dele. O Novo Testamento descreve o pecado de três formas principais: (1) como uma dívida; (2) como um crime ou uma transgressão contra a lei de Deus; e (3) como um ato de inimizade ou hostilidade que nos afasta de nosso Criador. Quando pedimos perdão pelo pecado, estamos pedindo perdão por todos esses três elementos.

Pecado é dívida

Em primeiro lugar, portanto, o pecado é uma dívida. Dívidas são obrigações que temos para com outros. Normalmente consideramos a dívida em termos monetários, mas há dívidas pecuniárias – que são monetárias – e dívidas morais. Imagine um garoto entrando em uma sorveteria e pedindo uma casquinha com duas bolas. Ao entregar o sorvete à criança, a atendente diz: "São dois dólares." Os lábios do menino começam a estremecer, e, desamparado, ele olha parra a garçonete e diz: "Minha mãe só me deu um dólar." O que você faria se fosse uma testemunha? O mesmo que qualquer um faria: pegaria um dólar do bolso, o entregaria à atendente e diria: "Deixe-me acertar a dívida do jovem." O dinheiro pago seria legal. A vendedora teria de aceitá-lo como pagamento, e o garotinho poderia, então, desfrutar de sua casquinha.

Agora imaginemos a cena um pouco diferente. O menino faz o pedido e, assim que a atendente entrega a casquinha, ele sai correndo da loja sem pagar. Para seu azar, ele dá de cara com um policial em ronda enquanto a vendedora grita: "Pare, ladrão!" O policial leva o menino pelo colarinho de volta para a loja e pergunta à funcionária o que aconteceu. Ela explica que o garoto roubou a casquinha. Você testemunha tudo isso, coloca a mão no bolso e diz: "Espere um minuto, senhor. Por favor, não prenda esse menino. Não o denuncie. Eu pagarei os dois dólares." Desta vez, contudo, a vendedora não tem de aceitar o seu dinheiro: a dívida é moral, não apenas monetária.

Eu costumo usar essa ilustração para aprofundar nosso entendimento daquilo que se passou na cruz, quando o Filho pagou uma dívida que o Pai não era obrigado a aceitar, mas o fez em graça e misericórdia. A Bíblia emprega uma metáfora de dívida para descrever-nos como pecadores que não têm como quitá-la. Somos devedores que simplesmente não podem pagar o que devem.

Se alguém alegasse que devo US$ 10.000,00 e ameaçasse me prender a menos que eu conseguisse o dinheiro, acho que eu seria capaz de encontrar uma maneira de juntar a quantia para não ser preso. Todavia, se alguém dissesse que devo US$ 4 bi, eu não teria como pagar. Essa é uma analogia fraca, pois nossa obrigação para com Deus é muito maior do que isso. Ele nos mandou ser santos como ele é santo; ele nos ordena ser perfeitos como ele é perfeito. Estamos tão aquém de seu padrão, que é praticamente impossível pagarmos a dívida. Ouvimos por aí que todos têm o direito de errar uma vez, mas a única coisa a que realmente temos direito é de receber o castigo eterno no inferno. Em virtude de nosso pecado, estamos destinados a uma punição justa. Deus nunca disse que temos direito a um único erro; e, mesmo se tivéssemos, quanto tempo já faz que o cometemos? Nós pecamos contra Deus e contra sua perfeita santidade múltiplas vezes desde que levantamos da cama esta manhã e, quando pecamos contra Deus, adicionamos mais um pouco de ira à conta que temos com ele.

O apóstolo Paulo descreve os impenitentes como pessoas que acumulam ira para o dia da ira. A cada dia que você se permite passar pela vida sem se ajoelhar e pedir a Deus que perdoe suas dívidas, você aumenta esse repositório de ira. Jesus amava as pessoas o suficiente para alertá-las e ensiná-las a implorar pelo perdão de Deus. Nós somos devedores que não podem quitar as dívidas, e, quando o pagamento delas for exigido, enfrentaremos a crise mais grave que se pode imaginar se tivermos de pagá-la sozinhos. Temos assistido, nos últimos anos, à calamidade de numerosas hipotecas e financiamentos porque as pessoas não conseguem quitar as dívidas; mesmo assim, isto nada é em comparação com a dívida que temos com Deus. Por isso, Jesus disse que, quando orarmos, devemos pedir ao Pai que perdoe nossas dívidas.

Pecado é crime

Pecado também é crime. O Catecismo de Westminster pergunta:

“O que é pecado?”. A resposta que ele dá é: “Pecado é qualquer falta de conformidade com a lei de Deus, ou qualquer transgressão desta lei”. Imagine que um homem deve ser preso por homicídio em primeiro grau. Uma câmera registrou a ação sangrenta, e testemunhas dizem em depoimento que ele alardeou sua intenção homicida dias antes do ocorrido. A evidência é apresentada no tribunal, indicando a culpa do acusado de forma contundente. Não obstante, o réu alega inocência e pede para ser seu próprio advogado. Ele diz ao juiz: “Não posso ser culpado, pois não me sinto culpado.” Esta não é uma defesa legítima. A culpa não é uma questão de sentimento. Ela não é subjetiva, mas objetiva. É uma questão de saber se alguém, de fato, infringiu a lei. Se isso aconteceu, tal indivíduo transgrediu a lei e é, portanto, culpado.

Jeremias criticou o povo de Israel por endurecer o coração e adquirir a fronte de uma prostituta (Jr 3.3). O profeta estava dizendo às pessoas que elas haviam cauterizado a consciência a ponto de pecar sem sentir dores de culpa. Vale repetir que Deus não nos julgará por nossos sentimentos. Ele nos julgará por sua lei, e seu julgamento será perfeito e completamente justo. A única coisa que jamais desejaremos enfrentar é o justo juízo de Deus.

A única esperança que temos é sua graça e misericórdia. O cristianismo como um todo diz respeito ao perdão. O cristão é um indivíduo perdoado. Como alguém já expressou: “Não tenho qualquer justiça em mim. Quando proclamo o evangelho, sou apenas um mendigo dizendo aos outros onde encontrar comida.” Tal é o nosso estado. Como pessoas que violaram Deus, nós cometemos traição contra ele. Em cada pecado que cometemos, não importa o quão pequeno seja, asseveramos nossa autoridade e nossa vontade sobre as dele e desafiamos o seu poder com o nosso. Esta é a loucura do pecado.

Pecado é hostilidade

O pecado é também um ato de hostilidade. É um ato de separação

pelo qual ficamos seriamente necessitados de reconciliação. A Bíblia toda fala de reconciliação. A única condição necessária para que haja reconciliação é a separação. Aqueles que não estão separados não têm necessidade de ser reconciliados. Nós somos, por natureza, inimigos de Deus. Em nosso estado natural, estamos – conforme as Escrituras nos dizem – em guerra contra o próprio Deus. O homem em seu estado natural não acredita que é hostil a Deus, mas a Bíblia nos diz que ele, antes da regeneração, odeia Deus.

No sermão de Jonathan Edwards intitulado "O homem é naturalmente inimigo de Deus", ele analisou por que o homem, em seu estado natural, é hostil a Deus, e identificou alguns aspectos da natureza divina que incitam esta hostilidade em nós. Em primeiro lugar e acima de tudo, está o fato de que Deus é santo e nós não somos, e pessoas impuras não apreciam um padrão que revela suas próprias iniquidades. Se Deus não fosse tão santo e se nós não fôssemos tão pecadores, talvez poderíamos conviver, mas há uma fenda intransponível entre a humanidade caída e a eterna santidade de Deus que só pode ser reparada pela obra mediadora do Salvador e pelo perdão que ele oferece.

A segunda razão por que odiamos Deus por natureza, segundo Edwards, é o fato de que ele é onisciente; e, sendo este o caso, não há lugar onde possamos nos esconder dele. É possível ocultar-nos dos olhos humanos em nosso pecado particular, mas não há lugar algum onde possamos nos esconder de Deus. Davi disse:

> Para onde me ausentarei do teu Espírito?
> Para onde fugirei da tua face?
> Se subo aos céus, lá estás;
> se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também [...] (Sl 139.7-8).

Quando eu era garoto, minha mãe trabalhava no escritório com meu pai, e eu tinha muito tempo livre sem supervisão. Minha mãe dizia: "Não

vou poder tomar conta de você hoje, mas Deus está te vendo". Depois de crescer, fazer faculdade, frequentar o seminário e aprender um pouco de teologia, percebi que a forma simples com que minha mãe me falava a respeito de Deus estava perfeitamente correta. Nada escapa da atenção dele. Jesus disse que toda a palavra frívola que dissermos será julgada (Mt 12.36). Posso imaginar-me diante do tribunal da justiça de Deus ouvindo todas as coisas ofensivas que já disse enquanto ele reproduz um registro de minha vida. Eu não quero que isso aconteça. Eu quero que meu pecado seja encoberto muito antes de chegar a esse ponto.

A terceira coisa mencionada por Edwards que odiamos em Deus é sua onipotência. Se ele fosse impotente, nós nada teríamos com o que nos preocupar; porém, ele é todo-poderoso. Não há força no céu nem na terra que possa subjugar sua força. Conforme o salmista declara:

> Os reis da terra se levantam,
> e os príncipes conspiram
> contra o SENHOR e contra o seu Ungido, dizendo:
> Rompamos os seus laços
> e sacudamos de nós as suas algemas.
>
> Ri-se aquele que habita nos céus;
> o Senhor zomba deles.
> Na sua ira, a seu tempo, lhes há de falar
> e no seu furor os confundirá.
> Eu, porém, constituí o meu Rei
> sobre o meu santo monte Sião. [...]
>
> Agora, pois, ó reis, sede prudentes;
> deixai-vos advertir, juízes da terra.
> Servi ao SENHOR com temor
> e alegrai-vos nele com tremor.
> Beijai o Filho para que se não irrite,
> e não pereçais no caminho [...] (Sl 2.2-6,10-12).

Jeremias clamou a Deus: "Persuadiste-me, ó SENHOR, e persuadido fiquei; mais forte foste do que eu e prevaleceste" (Jr 20.7). Se Deus nos

subjuga, nada poderia ser mais tautológico do que afirmar que fomos subjugados. Nada que façamos pode derrotar o poder de Deus.

Edwards apresentou esses três motivos e, por fim, mais um. O quarto aspecto que odiamos em Deus é sua imutabilidade. Deus é imutável. Por que seríamos hostis à imutabilidade de Deus? Edwards previu nossa dúvida e explicou que, uma vez que Deus é imutável, ele não somente é absolutamente santo de eternidade a eternidade, como também não há esperança de que ele deixe de ser santo algum dia. Às vezes, torcemos para que os justos errem para que não sejamos envergonhados pela sua excelência. A santidade de Deus é uma santidade imutável. Não podemos esperar que, em algum dia no futuro, a onisciência de Deus falhe.

Quando falamos em perdão, dizemos que Deus não apenas perdoa nossos pecados, como também se esquece deles. Temos a tendência de considerar isso como uma espécie de lapso de memória por parte de Deus, como se, após nos perdoar, ele não conseguisse mais se lembrar de que pecamos. Não é isso o que o esquecimento de Deus significa. Ele continua sabendo de todos os pecados que já cometemos e foram perdoados. Ele sempre terá esse conhecimento porque tal conhecimento é imutável. Quando a Bíblia afirma que Deus se esquece dos nossos pecados, significa que ele não mais os usa contra nós. Ele está plenamente ciente das nossas transgressões, mas não nos lembra delas. Ele não as traz à lembrança nem nos acusa com base nelas. Essa é a essência do perdão, e nós temos de imitá-la neste mundo. Quando oferecemos perdão a alguém, estamos prometendo nunca mais mencionar o erro. Se a pessoa cometer o mesmo pecado novamente contra nós, ainda assim não podemos acusá-la daquele erro. Perdoar é apagar a lousa. Nossa cultura atual, entretanto, tem um entendimento banal sobre o perdão.

Por último, não há esperança de que Deus perca seu poder algum dia. Seu braço direito não será enfraquecido. Ele será tão onipotente na

eternidade como é hoje. Tudo isso nos ensina que Deus é um adversário formidável. Quando somos hostis a ele e estamos separados de sua presença, encontramo-nos em uma batalha que não podemos vencer. A única maneira de a batalha terminar é com a nossa rendição incondicional, e é isso o que fazemos quando nos ajoelhamos e dizemos: "Perdoa-nos as nossas dívidas". Trata-se de um ato de desistência, em que confessamos: "Deus, eu não posso brigar com o senhor. Não quero ficar separado de sua presença; desejo ser restaurado. Quero ser capaz de amá-lo, não odiá-lo, e gostaria que o senhor me amasse apesar da minha hostilidade."

Perdoa-nos as nossas dívidas

No que diz respeito a esta petição, somos instruídos a clamar a Deus da seguinte maneira: "perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores." Os melhores comentaristas afirmam, acerca deste ponto, que se tomássemos essas palavras literalmente, estaríamos perdidos. Se Deus fosse nos perdoar na proporção exata em que perdoamos os outros, pereceríamos. Graças a Deus que essa é uma aspiração em vez de uma condição. Jesus está nos ensinando a ter como anseio de vida refletir a bondade de Deus e estar prontos a perdoar quem pecar contra nós ou nos ofender, caso se arrependam.

Há muito a aprender com esta petição. Nós apenas arranhamos a superfície do que é o pecado e o que o perdão significa. Não há experiência mais grandiosa do que tirar os joelhos do chão sabendo que, aos olhos de Deus, estamos limpos, e que ele perdoou todos os pecados que já cometemos. Essa graça – esse perdão – é algo de que todos nós precisamos, e do qual precisamos desesperadamente.

NÃO NOS DEIXES CAIR EM TENTAÇÃO

Mateus 6.13a



E não nos deixes cair em tentação;
mas livra-nos do mal.

A petição no versículo 12 da oração do Pai nosso, "perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores", diz respeito aos nossos pecados passados. Aqui no versículo 13, a ênfase da oração passa a ser nossa vulnerabilidade a pecados além do hoje – no amanhã. A estrutura deste versículo segue uma estratégia literária característica do hebraico chamada "paralelismo", em que duas afirmações são ligadas de modo que a segunda esclarece o significado da primeira.

A primeira parte diz: **"não nos deixes cair em tentação"**. Essa simples ideia deveria, de certa forma, despertar nossa sensibilidade, pois nada poderia estar mais longe do caráter de Deus do que a atitude de nos incitar a pecar. Tiago ensina: "Ninguém, ao ser tentado, diga: Sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta" (Tg 1.3). Tiago prossegue explicando que a incitação e a tentação ao pecado vêm de dentro, de nossas próprias inclinações e desejos malignos. As tentações externas podem chegar até nós por outros pecadores ou por Satanás mesmo, que é mencionado com frequência na Bíblia como "o tentador". Uma maneira de entender esta

petição na oração do Pai nosso é por meio de uma tradução alternativa: "Não nos coloque em situações de teste." Jesus está nos ensinando a orar pedindo que o Pai jamais nos coloque em uma circunstância onde nossa fé ou nossa obediência tenham de ser submetidas a um teste difícil.

A segunda parte do versículo 13 diz: **"mas livre-nos do Maligno"** [Bíblia Viva]. Algumas traduções dizem "mas livra-nos do mal", porém o contexto e a gramática desta passagem tendem bastante para a outra tradução. Não devemos orar pedindo meramente para sermos preservados do mal de forma genérica, mas para sermos protegidos contra as ciladas de Satanás. Devemos orar pedindo para não sermos expostos ao massacre de seus ataques contra nós; isto é, às formas pelas quais ele tenta nos induzir ao pecado ou destruir nossa confiança no Salvador, acusando-nos com nossas falhas e imperfeições. O que está em vista nesta parte da oração do Pai nosso é sermos mantidos longe das situações de teste.

Situações de teste

Em Gênesis 1 e 2, lemos sobre a criação do universo e sobre como nossos primeiros pais, Adão e Eva, desfrutavam da pureza primitiva do jardim do Éden. No entanto, quando chegamos a Gênesis 3, temos uma sensação de mau presságio. Algo sombrio e ameaçador é introduzido na história da redenção com as seguintes palavras, aparentemente inofensivas: "a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos" (Gn 3.1). O que se segue na narrativa é a tentativa da Serpente de persuadir Adão e Eva a segui-la em lugar do Criador, e ela faz uma simples pergunta a respeito da autoridade de Deus: "É assim que Deus disse [...]?" (v. 1). O questionamento é imediatamente seguido por um ataque frontal: "É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal" (v. 4-5).

Da perspectiva teológica, vemos esse encontro como parte essencial do resultado da prova de Adão. Havia uma árvore da qual ele não tinha permissão para comer, mas Adão falhou no teste. Ele sucumbiu às ciladas sutis do Maligno, arruinando toda a raça humana e trazendo morte ao mundo. Esse foi um teste monumental, uma prova de extrema importância; e aquele que Deus havia criado à própria imagem falhou miseravelmente.

Jó, embora fizesse parte da raça caída de Adão, distinguiu-se pela retidão e obediência extraordinárias. Na cena inicial do livro, Deus refuta a acusação de Satanás com uma pergunta: "Observaste o meu servo Jó? Porque ninguém há na terra semelhante a ele, homem íntegro e reto, temente a Deus e que se desvia do mal" (Jó 1.8).

A resposta de Satanás é de desprezo em tom irônico:

"Porventura, Jó debalde teme a Deus? Acaso, não o cercaste com sebe, a ele, a sua casa e a tudo quanto tem? A obra de suas mãos abençoaste, e os seus bens se multiplicaram na terra. Estende, porém, a mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema contra ti na tua face" (v. 9-11).

Deus, então, responde desta forma: "Eis que tudo quanto ele tem está em teu poder; somente contra ele não estendas a mão" (v. 12).

Se houve um homem na história do mundo submetido alguma vez a todos os terríveis ataques que Satanás poderia engendrar, esse homem foi Jó. Ele perdeu os animais, a família e a reputação. Seus amigos o abandonaram. Seu corpo foi coberto de chagas, a ponto de ele se assentar angustiado sobre um monturo e amaldiçoar o dia em que nascera. No meio desse sofrimento infernal, sua esposa, acompanhando o horror que ele enfrentava, tornou-se instrumento da Serpente ao dizer: "Amaldiçoa a Deus e morre" (2.9).

Jó mal conseguia falar, mas, durante sua provação, afirmou: "Ainda que ele me mate, nele esperarei" (13.15 [ARC]). É isso o que significa ser

um servo de Deus. Ele também disse: "[…] eu sei que o meu Redentor vive e por fim se levantará sobre a terra" (19.25). Jó passou no teste, e Deus honrou-o, abençoou-o e restaurou as coisas que ele havia perdido.

Nosso pai Abraão, crendo apesar de todas as coisas visíveis, apegou-se firmemente à promessa divina de que seria pai de uma grande nação e teria um filho com sua esposa. Ele aguardou, e sua esposa riu com desprezo; porém, mesmo na velhice do casal, Deus cumpriu sua promessa, e a criança prometida nasceu. Houve júbilo imensurável no lar de Abraão e Sara. Eles se regozijaram com o menino até o dia terrível em que Deus colocou Abraão à prova: "Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que eu te mostrarei" (Gn 22.2).

Você consegue imaginar um teste mais aterrorizante do que este, aplicado a Abraão por Deus? Abraão levantou-se bem cedo, selou os animais de carga, tomou a madeira que ele mesmo havia cortado e levou seu filho em uma viagem ao monte Moriá. Depois, amarrou Isaque com cordas, colocou a lenha sobre o altar e ergueu a faca. No último segundo possível, lemos:

> Mas do céu lhe bradou o Anjo do SENHOR: Abraão! Abraão! Ele respondeu: Eis-me aqui! Então, lhe disse: Não estendas a mão sobre o rapaz e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho. Tendo Abraão erguido os olhos, viu atrás de si um carneiro preso pelos chifres entre os arbustos; tomou Abraão o carneiro e o ofereceu em holocausto, em lugar de seu filho. E pôs Abraão por nome àquele lugar — O SENHOR Proverá. Daí dizer-se até ao dia de hoje: No monte do SENHOR se proverá (v. 11-14).

Deus providenciou um substituto para ser imolado no lugar do filho de Abraão. A tradição indica que esse foi o local onde, 2.000 anos depois, Deus ofereceu seu único Filho, o Filho a quem amava, Jesus. O monte não se chamava mais Moriá, mas Calvário, e, dessa vez, não houve carneiro algum preso pelos chifres.

O pior teste já enfrentado por um ser humano foi aquele aplicado a Jesus, quando, imediatamente após sua unção como Messias de Israel, o Espírito de Deus conduziu-o ao deserto de Judá para ser tentado pelo diabo durante 40 dias. Nós já examinamos tal provação em um estudo anterior, mas, mesmo assim, ainda não fazemos ideia de tudo o que foi enfrentado por nosso Senhor. Ao passo que o primeiro Adão sucumbiu por causa de uma simples sugestão tentadora, o último Adão suportou tudo o que o inferno pôde lançar contra ele em uma prova isolada e solitária com duração de 40 dias. Somos informados por Lucas que, após Jesus passar no teste, "apartou-se dele o diabo, até momento oportuno" (Lc 4.13). Satanás continuou voltando para tentá-lo, para tentar fazê-lo cair.

A história da Igreja está repleta de exemplos de cristãos sendo colocados à prova. Às vezes, acreditamos estar sendo testados quando as pessoas zombam de nós por sermos cristãos, mas nenhum de nós foi provado como Adão, Abraão, Jó ou nosso Senhor. Hugh Latimer e Nicholas Ridley foram queimados vivos por ensinar a justificação somente pela fé, e, quando foram amarrados um ao outro na estaca, Latimer disse: "Sê forte, Sr. Ridley, e peleje varonilmente;* creio que hoje nós, pela graça de Deus, acenderemos uma vela na Inglaterra que nunca será apagada." John Huss foi queimado por causa da fé. Policarpo, o bispo de Esmirna, foi levado à arena com quase 90 anos de idade e recebeu a seguinte ordem do procônsul: "Renuncie a Jesus e aos ateus, e sua vida será poupada." (O imperador considerava os cristãos como ateus por não acreditarem em sua divindade.) Policarpo disse: "Cristo foi fiel a mim durante 86 anos, e eu o trairia agora?" Então, olhou para as arquibancadas da arena e para o cubículo onde estava o procônsul e disse: "Fora com os ateus!" Policarpo foi martirizado momentos depois.

Pergunto-me o que eu faria se enfrentasse um teste semelhante. Eu não sei e não quero descobrir. Sempre que faço a oração do Pai nosso, estou

pedindo para não ser colocado em uma situação como essa. Tal petição é a favor da proteção divina contra todas as forças do mal que nos rodeiam, e nós devemos proferi-la não apenas para nosso próprio benefício, mas também em prol das outras pessoas, a fim de que suportemos a prova caso ela venha.

* Referência a 2Samuel 10.12 (N. do E.).

TEU É O REINO

Mateus 6.13b



Pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre. Amém.

Meu procedimento normal ao preparar um sermão é: estudar o texto, analisá-lo com cuidado na versão em grego e latim e, em seguida, consultar quatro ou cinco comentários para ver quais ideias eu poderia aproveitar de outros estudiosos. Ao preparar este estudo, examinei nada menos que dez comentários, e fiquei pasmo ao descobrir que nenhum deles incluía mais de duas frases sobre este desfecho da oração do Pai nosso.

Há duas razões para a falta de espaço dedicada a ele nos comentários. A primeira diz respeito a um problema textual. Muitos manuscritos antigos incluem este final doxológico na oração, mas outros não o fazem; entre estes últimos, está o *Codex Vaticanus*, um dos mais importantes. Por conseguinte, há uma opinião generalizada entre os estudiosos de que o final não estava na oração original, sendo acrescentado logo depois por conta do costume judaico de concluir as orações com uma doxologia. Mesmo entre os estudiosos convencidos de que o trecho estava na oração original, pouca ou nenhuma atenção é dada a ele. A tendência é tratá-lo como uma espécie de pós-escrito, um verso não muito importante, especialmente à luz das grandes petições que o precedem. Incomodo-me com isso porque esta é uma das partes mais importantes da oração do Pai nosso, se não for *a* mais importante. Há quatro ou cinco coisas a serem observadas quando voltamos nosso coração a essas palavras.

Reverência

Em primeiro lugar, é provável que a grande maioria de nós tenha aprendido a recitar "Vosso é o reino" em vez de "Teu é o reino". Por um lado, não há diferença alguma, pois a palavra *vosso* significa a mesma coisa que a palavra *teu*. Por outro lado, isso faz toda a diferença do mundo. Nosso estudo de Mateus baseia-se na nova versão King James da Bíblia, a qual se distingue da antiga versão King James. A principal diferença entre as duas é que a nova versão King James, bem como outras traduções inglesas mais recentes, alteram todos os pronomes pessoais elisabetanos, porque eles são considerados obstáculos à nossa leitura do texto. As pessoas simplesmente não falam mais assim, e, a fim de tornar a Bíblia mais acessível, os tradutores modernizaram os pronomes pessoais. Em meus estudos linguísticos, tenho notado que quase todas as línguas do mundo ocidental fazem distinção clara entre os pronomes pessoais formais e informais. Quando eu estudei em uma cultura estrangeira, tive de aprender a diferença entre as duas formas. Se eu me dirigisse ao professor com o uso informal do pronome, "você", acho que teria sido expulso imediatamente, pois o uso formal existe na língua para transmitir respeito.

Da mesma forma, o culto deve ser marcado por um espírito de reverência e adoração. Devemos nos aproximar, por assim de dizer, de joelhos, em honra ao nosso Deus. Tradutores bem-intencionados alteraram os pronomes divinos para que ele pareça menos distante e mais acessível, mas, como se costuma dizer, a proximidade gera desrespeito. Há uma linha tênue aqui, pois a Bíblia nos incentiva a entrar com ousadia na presença de Deus. Somos instruídos até mesmo a nos dirigir a ele como "Aba, Pai". Ao mesmo tempo, contudo, nunca devemos ser informais em sua presença.

Eu gosto dos pronomes pessoais antigos porque eles me lembram, especialmente na oração, da pessoa com quem estou falando. Estou na

presença daquele que é Santo. Estou na presença da majestade transcendente de Deus, que merece todo o respeito que sou capaz de oferecer e muito mais. Por esse motivo, prefiro dizer: "*Vosso* é o reino."

Rei sobre tudo

Outro aspecto da palavra *vosso*, de importância igualmente vital, é sua dimensão possessiva. A oração do Pai nosso termina com um reconhecimento daquilo que é propriedade apenas de Deus. A primeira coisa que vemos nesta conclusão é que o reino pertence a ele: "Teu é o reino." Não é nosso reino; é dele.

Enquanto lia o jornal recentemente, deparei-me com um questionário de dez perguntas cuja finalidade era testar o conhecimento dos leitores a respeito da Guerra Revolucionária e da fundação dos Estados Unidos. Uma das perguntas me incomodou: "Que tipo de governo nós estabelecemos: uma oligarquia, uma aristocracia, uma democracia indireta ou uma democracia direta?" A resposta correta não fora fornecida como opção: nenhuma das alternativas acima. Os Estados Unidos da América não foram fundados como uma democracia, direta ou indireta. Eles foram fundados como uma república. Há uma enorme diferença entre as duas coisas. Outra pergunta pedia o nome dos pensadores que influenciaram os idealizadores da nossa Constituição e da Declaração de Independência. Entre as opções, havia o empirista britânico John Locke, que, juntamente com outros eruditos, contribuiu com a teoria política do contrato social. Em nosso país, os governantes governam com base no consentimento dos governados. Trata-se de um contrato social. É um governo do povo, pelo povo e para o povo. O reino de Deus não é assim. O reino de Deus não é do povo, pelo povo nem para o povo; é o reino de Deus. Ele não reina com o consentimento dos governados. Ele governa com sua autoridade soberana. Seu reino estende-se sobre nós, quer votemos nele ou não.

Poder de Deus

Martyn Lloyd-Jones foi um dos maiores pregadores do século 20. No auge de seu ministério em Londres, havia três pregadores mundialmente conhecidos da mesma cidade. Certa vez, um homem visitou a igreja de cada um desses pregadores em Londres e, depois, disse que o primeiro falava do amor de Deus, o segundo falava de Jesus, e o terceiro – Lloyd-Jones – falava de Deus. É isso o que a pregação deveria ser. Martyn Lloyd-Jones disse que não importa o quão eloquente e persuasivo o pregador seja; sem a presença do poder de Deus, o Espírito Santo, os sermões serão impotentes. É por isso que os sacerdotes do Antigo Testamento eram chamados a chorar entre o pórtico e o altar e a orar entre os estudos e o púlpito: a menos que o Espírito colocasse a palavra em seu coração, eles seriam completamente impotentes.

Escuto pessoas dizendo que foram a determinada igreja e não puderam aproveitar nada. Tenho vontade de responder: "E daí? O foco dela não é você." Como alguém consegue se assentar sob a Palavra de Deus e não aproveitar nada dela? Como poderíamos sequer ouvir a leitura da Palavra e não aproveitar nada dela? Se não aproveitamos nada, isto deveria soar um alarme em nosso cérebro de que talvez não sejamos convertidos. O convertido se regala com a Palavra de Deus, mesmo que seja deficientemente transmitida.

A palavra grega para "poder", no versículo 13, é *dynamis*. O Espírito Santo é frequentemente chamado de poder de Deus, o *Dunamis*. Desta palavra, deriva nosso vocábulo *dinamite*. Quando você ouve a Palavra, e o Espírito Santo leva-a até você, ela explode em sua alma. Todo cristão sabe que isso é verdade. O poder nunca vem do pregador ou dos ouvintes sentados nos bancos. A maior fraqueza da Igreja hoje é que ela não acredita mais na Escritura como o objeto onde Deus investe seu poder. Todos procuram poder em programas ou metodologias – em todos os

lugares, menos onde Deus o colocou: em sua Palavra. O poder da Palavra de Deus é o poder dele, somente dele.

Glória de Deus

Se recitássemos apenas o versículo final da oração do Pai nosso todos os dias, nossa vida seria transformada. Ao tomar consciência de que o reino, o poder e a glória são dele, entendemos o que Jesus está ensinando nesta oração. *Sola gratia* – nossa salvação é somente pela graça de Deus, e somente a Deus é a glória.

Ao final de todas as suas composições, Johann Sebastian Bach escrevia as iniciais *SDG* como lembrete para si e para quem as executasse de que a glória é somente a Deus. Ele não escrevia simplesmente *DG*, "glória a Deus"; mas sempre *SDG*, "glória somente a Deus". É isso o que devemos dizer ao final de nossa oração. "Deus, teu é o reino. Tu o possuis e o governas. Teu é o poder, sem o qual somos impotentes, e não temos glória alguma em nós. Sabemos que nunca dividirás tua glória com os homens." Também cantamos o *Gloria Patri*: "Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo", atribuindo glória à Divindade, pois é a ela que a glória pertence.

O tentação original no Éden estava relacionada à usurpação da glória de Deus. A serpente disse a Adão e Eva que eles não morreriam, mas, em vez disso, se tornariam semelhantes a Deus e participariam da deidade. Tal tentação está presente sempre que desejamos obter glória. Sim, devemos nos esforçar para alcançar valor e trazer relevância à nossa vida, mas a glória pertence somente a Deus.

O reino de Deus, seu poder e sua glória são para sempre. Eles não são temporários; estendem-se pela eternidade.

TESOUROS NO CÉU

Mateus 6.19-24



> Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam; porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração. São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão! Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.

Graças a um estranho conjunto de circunstâncias, pude apossar-me da edição latina de 1543 das *Institutas da religião cristã*, de João Calvino. Há apenas sete cópias conhecidas deste tesouro. Quando segurei o livro nas mãos e olhei para as páginas, dois problemas prementes surgiram em meu pensamento. O primeiro foi como poderíamos fazer um seguro para o livro, sabendo, naturalmente, que nenhuma quantia de dinheiro poderia substituí-lo caso fosse destruído. O segundo problema era onde guardá-lo para que os insetos não entrassem na encadernação e comessem a cola. Coincidentemente, ele chegou na mesma semana em que eu estava me preparando para pregar sobre o texto que agora está diante de nós: **"Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam, nem roubam"** (v. 19-20). Algumas traduções dizem "onde a traça e os bichos corroem",

porque, no mundo antigo, as pessoas escondiam os objetos de valor sob o chão de terra. As próprias casas eram feitas basicamente de tijolos de barro, e havia vários tipos de bichos que podiam roê-los até alcançar os bens armazenados e destruí-los. As roupas também eram facilmente destruídas. Um sinal distintivo da classe alta judaica era o vestuário fino e elegante. As pessoas, contudo, não guardavam as roupas em baús ou armários protegidos de cedro; seus adornos ficavam expostos à destruição provocada pelas traças. Por este motivo, Jesus lançou mão dos problemas da vida cotidiana enfrentados em relação aos bens mais preciosos.

Nosso tesouro

Alguém já roubou algo importante de você? Isso aconteceu comigo, e eu me lembro da sensação de violação pessoal resultante. O ladrão leva aquilo que outra pessoa conquistou e adquiriu por meio de trabalho. É por isso que Paulo escreve: "Aquele que furtava não furte mais" (Ef 4.28). Vivemos em um mundo onde qualquer coisa que possuímos pode ser perdida ou roubada, mas, aqui em Mateus, Jesus vira os valores do mundo de ponta cabeça. A vida não consiste nos tesouros que acumulamos, mas nos tesouros que temos no céu.

A Bíblia, entretanto, ensina-nos que devemos ser diligentes no sustento da família: "Ora, se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos da própria casa, tem negado a fé e é pior do que o descrente" (1Tm 5.8). Ademais, ela não ensina que os ricos são necessariamente maus. Jesus está falando sobre o nosso coração e aquilo que inflama nossas paixões. Sua preocupação é com o nosso nível mais profundo de interesse e empenho.

Na epístola de Paulo aos Romanos, ele alertou a respeito de outro tipo de entesouramento: "Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus" (Rm 2.5). O apóstolo estava dizendo

que todas as ofensas que cometemos contra Deus estarão em pauta quando formos levados ao seu tribunal. Somos advertidos a não depositar mais ira àquela que já está sendo acumulada contra nós. Estamos, portanto, ora armazenando tesouros ora armazenando ira. O que você está armazenando? Ira ou tesouros no céu?

Quando eu lecionava economia básica na Geneva School, em Orlando, falei aos meus alunos sobre o princípio da gratificação adiada, isto é, a importância de investir em vez de consumir os ganhos. Há um princípio que chamo de "oitavo mistério gozoso",* que é a lei dos juros compostos. Sempre devemos considerar onde estamos investindo. Creio que o melhor investimento que podemos fazer é no reino de Deus, pois, no céu, não há traças nem ladrões. É isso o que Jesus está dizendo aqui.

Como podemos acumular tesouros no céu? Alguns comentaristas acreditam que Jesus estava se referindo às boas obras, o que pode soar um pouco ofensivo – sabemos que a justificação é somente pela fé, e não pelas obras. A justificação é, de fato, somente pela fé, mas nossa recompensa no céu será de acordo com as nossas obras. Há pelo menos 25 passagens no Novo Testamento mostrando que a distribuição de recompensas celestiais será baseada em nossas boas obras. Elas nunca serão boas o suficiente para levar-nos ao céu ou conferir-nos o mérito da recompensa, pois estas gratificações são da graça. É isso é o que Agostinho chamou de coroação divina dos próprios dons. Ao mesmo tempo, somos chamados repetidamente nas Escrituras a produzir frutos de retidão e obediência. Quando somos obedientes a Cristo, acumulamos tesouros no céu. Não há nada mais valioso do que a nossa obediência, e seu valor é eterno. O mercado no céu nunca está em baixa. Não há recessões. A glória do reino de Deus é de eternidade a eternidade.

"[...] porque, onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração" (v. 21). Devemos nos perguntar com frequência onde nosso tesouro está e, da mesma forma, onde nosso coração está. Onde está aquele ponto de

interesse central que domina nossa vida? Essa é a pergunta diagnóstica que Jesus faz. Ele nos questiona: "Onde está o seu coração? Onde está o seu principal comprometimento? No prestígio, no sucesso, na riqueza ou no meu reino?" Ele está perguntando se tem a posse do nosso coração. Nosso tesouro está naquilo que estimamos.

Eu amo os votos tradicionais de casamento porque eles vão além da promessa de amar e honrar: eles incluem a promessa de estimar. Se tão somente mantivéssemos esta promessa, nunca machucaríamos uns aos outros como fazemos; as pessoas nunca prejudicam intencionalmente aquilo que estimam. Estimar algo é atribuir-lhe um valor elevado, valorizá-lo em grande medida. Quando nos casamos, é isso o que prometemos: valorizar nosso cônjuge acima de qualquer outra pessoa no mundo.

Luz e trevas

Jesus prossegue: **"São os olhos a lâmpada do corpo. Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso; se, porém, os teus olhos forem maus, todo o teu corpo estará em trevas. Portanto, caso a luz que em ti há sejam trevas, que grandes trevas serão!"** (v. 22-23). Nossos olhos são aquilo que abre a visão do mundo para nós. Ser destinado à cegueira é, portanto, ser destinado às trevas. Há algum tempo, ouvi o relato de um homem que havia perdido a visão e permanecido cego por 31 anos. Ele ficou sem ver a esposa durante todo esse tempo e nunca viu os filhos. Após receber um transplante de córnea, foi capaz de ver a esposa novamente e, pela primeira vez, os filhos. Podemos imaginar o que ele enfrentou apenas fechando os olhos e, assim, impedindo a entrada de luz.

Com esta metáfora, Jesus está fazendo a mesma pergunta que fez na metáfora do tesouro: o que há dentro de nossa alma? Se ela estiver cheia de trevas, que grandes trevas serão! A metáfora de luz e trevas é encontrada por todo o Novo Testamento. Quando uma pessoa vai a

Cristo, ela "vê a luz". No passado, ela nada via de especial em Jesus ou no evangelho. Se a luz de Cristo ainda não entrou pelos seus olhos, então sua alma está em trevas, e ele diz: "que grandes trevas serão!" Trata-se da mais terrível escuridão que alguém poderia suportar.

Jesus conclui esta parte dizendo: **Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro, ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas** (v. 24). Jesus não está dizendo que os ricos não podem ser filhos de Deus. Ele conhecia a riqueza de Abraão, de Jó e sabia que seria sepultado no túmulo de um homem rico. Todavia, nem Abraão nem Jó eram escravos das riquezas. Jó, quando perdeu tudo, disse: "Ainda que ele me mate, nele esperarei" (13.15, ARC). Você é escravo daquilo que serve. Se sua vida é consumida pela aquisição de riquezas, então você é um escravo; e, se você é escravo das riquezas, não pode ser servo de Deus. Os dois são absolutamente incompatíveis.

Todos nós precisamos de um alerta, pois é fácil sermos pegos buscando outras coisas que não o reino de Deus. Embora ainda estejamos no mundo, já tivemos um vislumbre do tesouro celestial. Todo cristão possui uma pérola de grande valor, a qual é muito mais valiosa do que a edição de 1543 das *Institutas da religião cristã.* Você trocaria sua alma por isso? Sua casa talvez, mas não sua alma. Busquemos tesouros. Busquemos o reino dos céus com fervor.

* Termo retirado do Rosário (N. do E.).

NÃO ANDEIS ANSIOSOS

Mateus 6.25-34



> Por isso, vos digo: não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes? Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves? Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida? E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham, nem fiam. Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé? Portanto, não vos inquieteis, dizendo: Que comeremos? Que beberemos? Ou: Com que nos vestiremos? Porque os gentios é que procuram todas estas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas; buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal.

Quando eu era jovem, vi meu pai morrer aos poucos. Ele teve quatro derrames graves, o que o deixou completamente incapacitado e fez com que passasse os últimos três anos de vida sentado em uma cadeira, inapto a trabalhar ou produzir qualquer renda. Ainda posso ouvi-lo dizer, com a voz grossa por causa da paralisia que os derrames lhe causaram: "Não se preocupe com o amanhã, com o que comer, com o que beber ou com o que vestir." Ele viveu e morreu segundo essas palavras, mas eu as odiava com todas as minhas forças. Até hoje, como cristão, tenho problemas com esse texto, pois é como se Jesus falasse comigo diretamente: "Se você acredita mesmo na

providência divina como diz acreditar, por que é tão ansioso?"

A futilidade da preocupação

É óbvio que aqui Jesus está ensinando a doutrina da providência ao seu povo. Quando falamos teologicamente sobre a providência de Deus, falamos sobre os meios pelos quais ele governa o universo inteiro; os meios pelo quais, em sua soberania, ele não permite que molécula alguma vagueie fora de sua autoridade soberana. A palavra *providência* vem da raiz *pronoeō*, que originalmente significava "ver antes" ou "ver de antemão". No entanto, *providência* refere-se a algo muito além do conhecimento que Deus tem do futuro. Essa palavra refere-se à provisão divina para o futuro, ao plano perfeito de Deus que não falha e que inclui cada um de nós e tudo o que nos diz respeito, até mesmo os fios de cabelo em nossa cabeça. "Este é o mundo de nosso Pai", diz o hino, e não há ninguém que eu preferisse ver governando este mundo do que o próprio Deus onipotente, que faz bem todas as coisas.

Jesus estava ciente disso, e de forma muito mais profunda do que nós. Ele entendia as implicações práticas da soberania de Deus e da providência divina. Ele nos advertiu contra servir a dois senhores e amontoar tesouros na terra, e, em vez disso, instruiu-nos a buscar os céus e o reino de Deus. Por este motivo, começou esta parte apresentando uma conclusão: **"Por isso, vos digo: não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes?"** (v. 25).

Uma das coisas que Jesus ressalta nesta admoestação contra a ansiedade é a inutilidade de tal sentimento. Toda a preocupação do mundo não seria capaz de mudar absolutamente nada. Tudo o que conseguimos fazer quando nos preocupamos é ficar angustiados, e as únicas mudanças acarretadas pela preocupação são alterações negativas

em nossa saúde. Jesus disse que é tolice se preocupar, pois este é um comportamento inútil.

Ele prossegue dizendo que a ansiedade é questão de falta de fé e caracteriza-se como uma atitude não apenas inútil, como também, em certo sentido, insensata. A despeito de suas palavras, nós ainda ficamos preocupados. Às vezes, parece que simplesmente não podemos evitar. A preocupação, entretanto, é um dos nossos maiores incentivos à oração, pois a oração é o maior antídoto contra a ansiedade. Quando me preocupo, sou imediatamente levado a ficar de joelhos, embora isto me lembre das palavras de Vesta: "Não deveríamos ficar de joelhos antes de nos preocupar, em vez de deixarmos a preocupação ser o gatilho para orarmos com mais fervor?"

Lição da vida selvagem

Jesus faz algumas perguntas retóricas: **"Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo, mais do que as vestes?"** (v. 25). É claro que a vida é mais do que o alimento, e o corpo é muito mais do que as vestes. Preocupar-se com os resultados de um exame médico não é o mesmo que se preocupar com o valor da próxima compra de roupas. Todos nós temos consciência de que nosso corpo humano é mais importante do que as coisas que utilizamos para vesti-lo.

Em seguida, Jesus nos diz para observarmos a natureza: "**Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste as sustenta** (v. 26). Há várias coisas na analogia de Jesus que não devemos deixar passar. Nunca vimos uma ave arar o campo, plantar sementes nos sulcos, adubar a terra e arrancar as ervas daninhas durante o processo de crescimento para que, quando o alimento brotar, ela possa levá-lo a um celeiro que construiu especialmente para épocas de vacas magras. O que vemos é o homem lavrando e semeando a terra, e, depois, as aves descendo para comer as sementes que ele lhes forneceu.

As aves não são como as pessoas; elas não têm de atentar para as épocas de cultivo. Como regra, Deus simplesmente cuida de suas necessidades sem que plantem, colham ou armazenem. Jesus diz: “vosso Pai celeste as sustenta”.

Acerca deste texto, alguns críticos dizem que Jesus aparentemente não estava bem informado sobre as catástrofes naturais que assolam a terra e matam milhares de aves. Pássaros morrem quando há escassez ou vazamento de óleo no mar. Por estas razões, tais críticos negam a veracidade das palavras de Jesus sobre as aves. No entanto, ele estava usando um fenômeno comum, corriqueiro, para ilustrar um argumento. Ele não estava apresentando a doutrina do cuidado providencial à vida selvagem. Lutero diz que Jesus estava nos apontando a natureza para que as aves nos ensinassem uma lição. John Stott, que era um ávido observador de pássaros na Inglaterra, disse que esta não é uma doutrina de ornitologia de Jesus, mas uma doutrina de orni-teologia. Temos uma lição a aprender com as operações normais da natureza. Jesus estava simplesmente dizendo que, quando vemos as aves extraindo minhocas da terra e sementes do nosso jardim, sabemos que elas não estão morrendo de fome.

A outra questão que desejo observar é o fato de Jesus dizer que o nosso Pai celestial é quem alimenta as aves. Nós costumávamos ter aqui em casa um comedouro para pássaros perto da garagem, e, todos os dias, eu colocava bastante alpiste nele e procurava manter os esquilos longe. Podíamos olhar pela janela e assistir às diversas espécies de aves sendo atraídas ao comedouro. Eu as alimentava, mas elas não eram minhas, e eu tampouco era pai delas. Meu Pai celestial as estava alimentando por intermédio das minhas mãos naquele caso. Eu pude participar da providência divina cuidando daquelas criaturas, mas devemos entender que é o nosso Pai quem cuida dos animais, das aves e dos peixes.

Depois, Jesus faz outra pergunta claramente retórica: **"Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves?"** (v. 26). Perguntar algo tão óbvio a um palestino do primeiro século não causaria discussão alguma. "Claro", diria ele. "Sim, nós, como seres humanos, somos mais valiosos do que as aves do céu." Até mesmo os pagãos daquele contexto compreendiam que a vida humana é mais valiosa do que ovos de tartaruga. Hoje, entretanto, vivemos em uma cultura tão invertida, que ovos de tartaruga são considerados mais valiosos do que embriões humanos. É por isso que, talvez, alguns leitores deste texto hoje não saibam do que Jesus estava falando. Deus não diz que devemos valorizar a vida humana e desprezar os animais. Pelo contrário, ele nos diz para valorizar as criaturas que colocou aqui; contudo, temos de valorizar a vida humana ainda mais. Há um cálculo de valor atribuído à natureza por Deus.

Providência de Deus

Jesus destaca mais uma vez a inutilidade e a tolice da ansiedade: **"Qual de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida?"** (v. 27). A principal inferência deste texto provavelmente não está relacionada à altura, mas à duração da vida. Nós nos preocupamos mais com a morte do que com qualquer outra realidade que enfrentamos. Todas as nossas reações de medo estão intrinsecamente ligadas ao medo da morte. Jesus está dizendo que a nossa vida está nas mãos do Pai, e, por isso, a ansiedade não tem poder para estendê-la. Nossos dias foram designados por Deus. Ele designou o dia de nosso nascimento, e, da mesma maneira, o dia de nossa partida deste mundo. O problema é que ele não nos forneceu essa informação; não sabemos o dia da nossa morte e, por isso, ficamos preocupados, muito embora tal preocupação não mude absolutamente nada.

“E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham, nem fiam. Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles” (v. 28-29). Por mais magnífico que fosse o vestuário do rei, ele não era, nem de perto, tão lindo quanto as cores em tons sutis das flores silvestres que brotam pelo caminho. Jesus não achava que a flores do campo evoluíam; ele acreditava que as roupas dignas de realeza usadas por elas eram resultado direto da providência divina mencionada. É o nosso Pai quem adorna as flores com a beleza que exibem.

Jesus, então, chega à sua conclusão: **“Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé?”** (v. 30). Ele destaca o “quanto mais” de Deus e conclui: **“Portanto, não vos inquieteis”** (v. 31). Em outras palavras, se Jesus diz que não há necessidade de ficarmos preocupados, então não precisamos nos preocupar. Este é o ponto final da questão.

“Porque os gentios é que procuram todas estas coisas; pois vosso Pai celeste sabe que necessitais de todas elas” (v. 32). Nosso Pai sabe daquilo que precisamos antes mesmo de pedirmos. Isso não significa, evidentemente, que não devemos pedir. Na verdade, ele não apenas nos encoraja a pedir; ele ordena que o façamos. Nós não o informamos de nossas necessidades, pois ele já as conhece. Somos chamados a ir até sua presença para que descansemos o coração, sabendo que falamos com o Pai sobre nossas preocupações. Trocando em miúdos, Deus diz: “Eu sei do que você precisa, mas venha aqui e me diga o que é.” É para o nosso benefício, não o dele.

Antídoto contra a preocupação

“Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (v. 33). No versículo que provavelmente representa o auge do discurso, Jesus oferece a alternativa à preocupação

com a vida. Este versículo talvez seja o mais importante de todo o sermão do monte. Jesus não nos diz para esquecermos nossas preocupações, mas, em vez disso, para focarmos nossas preocupações e nossos pensamentos no reino de seu Pai. Todas as coisas que nos forem acrescentadas serão consequência de canalizarmos nossos desejos em seu reino.

Certa vez, ofendi um membro da família com uma decisão que ele considerava irresponsável do ponto de vista financeiro: decidi vender todos os meus bens e dedicar-me aos estudos. Este homem questionou-me como eu pretendia sustentar minha família, e eu citei o seguinte versículo: "Fui moço e já, agora, sou velho, porém jamais vi o justo desamparado, nem a sua descendência a mendigar o pão" (Sl 37.25). Isso é um truísmo, mas não um absoluto universal. Os justos passam fome de vez em quando. O princípio que Davi estabeleceu no salmo é o mesmo que Jesus afirmou aqui. Se você buscar o reino de Deus em primeiro lugar, as demais coisas de que precisar serão acrescentadas. Você não terá de se preocupar com elas.

A força dessa ordem encontra-se na palavra *primeiro*. Ela vem do vocábulo grego *prōtos*, que, aqui, não indica o primeiro elemento de uma série cronológica. Em outras palavras, Jesus não está dizendo que devemos buscar o reino em primeiro lugar, as roupas em segundo, a casa em terceiro e assim por diante. Em vez disso, ele está falando de prioridades. Jesus está dizendo que o mais importante que podemos fazer é buscar o reino do Pai e sua justiça. Direcione seu coração a isso, e tudo o mais cuidará de si. A prioridade número um do cristão é buscar o reino de Deus.

Fico irritado quando incrédulos são descritos como indivíduos que "buscam a Deus". Nenhum incrédulo busca a Deus. Há milhões de incrédulos buscando benefícios que só Deus pode dar, mas eles insistem em fugir dele o tempo todo. Os cultos de adoração deveriam ser voltados

para crentes, não para incrédulos, pois a busca pelo reino de Deus não começa até que o encontremos por intermédio da conversão. Em nossa condição natural, como diz o apóstolo, não há quem busque a Deus (Rm 3.11). É por isso que Jonathan Edwards disse que buscar o reino de Deus é a principal ocupação do cristão. Nós não paramos de buscar o reino no dia em que nos convertemos; é neste dia que começamos a buscá-lo. A partir do dia da conversão, toda a nossa vida deve ser definida como uma busca pelo reino de Deus e sua justiça. Essa é a prioridade.

Por fim, Jesus diz: **"Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal"** (v. 34). Eu me preocupo com o dia de amanhã e me arrependo disto. Já com o ontem, eu nunca me preocupo, pois ele já se foi. Posso me preocupar com as consequências que haverão amanhã daquilo que aconteceu ontem, mas eu não me preocupo com o ontem. Jesus diz que temos o suficiente em nosso prato hoje para não nos preocupar com o amanhã. Ele não está dizendo que não devemos estudar para uma prova marcada, preparar um sermão ou fazer um orçamento para a compra dos mantimentos. Não devemos ser negligentes no que tange à provisão das coisas normais da vida. Temos de nos preparar para isso, mas sem um coração ansioso.

NÃO JULGUEIS

Mateus 7.1-6



> Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois, com o critério com que julgardes, sereis julgados; e, com a medida com que tiverdes medido, vos medirão também. Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão. Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e, voltando-se, vos dilacerem.

Quase todas as pessoas, cristãs ou não, sabem que estas palavras estão na Bíblia: **"Não julgueis, para que não sejais julgados"** (v. 1). A cultura em que vivemos afirma que todos têm o direito de fazer o que têm vontade, e, por isso, este versículo é citado sempre que a igreja faz um pronunciamento contra alguma forma de conduta pecaminosa.

Anos atrás, uma irmã da igreja trouxe o filho com problemas para falar comigo. O jovem usava drogas e tinha um estilo de vida desenfreado. Sua raiva ficou logo evidente para mim, e eu lhe perguntei com quem ele estava bravo.

— Estou bravo com a minha mãe. — disse ele.

— O que ela fez para te deixar tão bravo? — perguntei.

— Bem, ela é religiosa e tenta enfiar religião pela minha goela o tempo todo.

Perguntei-lhe:

— Qual é a ética da sua vida?

Ele disse:

— Eu acredito que as pessoas têm o direito de fazer o que quiserem.

— Bem, — disse eu — se esse é o caso, por que você está bravo com a sua mãe? E se o barato dela for enfiar religião goela abaixo das pessoas?

Nesse momento, ele começou a rir. Eu disse:

— Se você se apresentasse a mim como cristão e explicasse que está passando por momentos difíceis com a sua mãe porque ela é crítica, intolerante e ríspida, eu estaria disposto a marcar um horário com ela em seu favor; mas, segundo a sua ética, você não tem nada do que reclamar.

Julgamento certo

A história do rapaz incomodado ilustra a inconsistência da ética relativista do mundo atual e também o fato de que esta conhecida passagem, Mateus 7.1, é uma dos textos menos compreendidos das Escrituras. Em primeiro lugar, o alerta que Jesus dá – "Não julgueis, para que não sejais julgados" – é direcionado às relações entre cristãos. Em segundo lugar, o que está em vista quanto ao conceito de julgar não é o julgamento de discernimento. À luz da lei de Deus, somos chamados a avaliar o comportamento humano e determinar, ou discernir, se ele é bom ou mal, mas o que está em questão aqui não é esse tipo de julgamento. Em vez disso, é o julgamento de condenação. A palavra utilizada no texto é emprestada do vocabulário jurídico da época, e tem a ver com o movimento do martelo quando o juiz decreta a sentença de punição. Este é o julgamento de condenação. Logo, poderíamos interpretar as palavras de Jesus da seguinte maneira: "Não condeneis, para que não sejais condenados."

João, em seu Evangelho, fornece o relato da mulher flagrada em adultério. Os fariseus deixaram o transgressor livre, mas arrastaram a mulher em vergonha e humilhação até Jesus. Eles não estavam à procura de um julgamento legítimo; estavam usando a oportunidade para pegar Jesus em uma cilada. Eles lhe perguntaram: "E na lei nos mandou Moisés

que tais mulheres sejam apedrejadas; tu, pois, que dizes?" (Jo 8.5). Durante a ocupação romana, os judeus haviam sido proibidos de exercer a pena capital, mas, de acordo com a lei de Moisés, o apedrejamento era a pena por adultério. Portanto, Jesus estava entre a foice o martelo. Muitos não percebem que ele escolheu entre Moisés e César: ele escolheu Moisés. Jesus ajoelhou-se e começou a escrever na areia com o dedo. A Bíblia não nos diz o que ele escreveu, mas o meu palpite é que ele começou a listar os pecados dos acusadores da mulher. Em seguida, levantou-se e disse: "Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra" (v. 7). Um a um, os acusadores da mulher foram embora, deixando Jesus a sós com ela.

Nesse momento, ele lhe fez uma pergunta: "Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou?" Ela respondeu: "Ninguém, Senhor!", e Jesus disse: "Nem eu tampouco te condeno; vai e não peques mais" (v. 10-11). Jesus era o único homem ali que não tinha pecado e, portanto, o único que tinha o direito de apedrejá-la. Todavia, em vez de exercer justiça, ele mostrou misericórdia e benignidade – e o fez sem repudiar a lei contra o adultério. Jesus executou o julgamento do discernimento. Ele reconheceu o pecado da mulher, mas, mesmo assim, concedeu-lhe perdão.

O que define a vida do cristão é o perdão. De todas as pessoas neste mundo, nós somos as que menos têm o direito de julgar, ser ríspidas ou criticar. Os indivíduos com espírito crítico estão sempre implicando com algo. Eles não ficam satisfeitos a menos que estejam infelizes e criticando algo ou alguém.

Jesus não está defendendo uma cosmovisão polianista aqui em Mateus. Embora haja pessoas impossibilitadas de olhar para as coisas sem encontrar alguma falha, há também aquelas que contemplam o mundo através de lentes cor-de-rosa. Jesus está se manifestando contra o julgamento cruel de pessoas. Ele não está pedindo que seu povo seja

ingênuo; ele está pedindo que se faça um julgamento de caridade. Como cristãos, somos aqueles que se apressam em mostrar misericórdia e que demoram a condenar.

Um pastor que conheci anos atrás afirmava que não existe ressurreição dos mortos e que quem acredita nisso é tolo. Quando verbalizei meu pesar diante de tal afirmação, alguém me disse: "Esse irmão querido não pensa assim de verdade. Ele está apenas tentando fazer você refletir." A pessoa simplesmente não conseguia pensar mal do homem, e é isso o que devemos ser: indulgentes diante de uma falha. Fazer um julgamento de caridade significa interpretar as ações das outras pessoas, especialmente as ações voltadas a nós, da melhor maneira possível.

Julgamento errado

O julgamento da condenação faz exatamente o oposto. Ele interpreta as ações e motivações das pessoas da pior forma possível. Jesus chama a atenção à nossa tendência de aplicar o julgamento da caridade a nós mesmos, mas não aos outros. Nós interpretamos nossas falhas e nossos pecados da melhor maneira possível. Na maioria das vezes, nem sequer chamamos nosso pecado de "pecado"; fazemos referência a "enganos" e "más decisões". Nunca devemos julgar as razões do próximo, pois não temos como saber o que o motivou a menos que ele nos diga. O mais seguro é nem tentar descobrir seus motivos. Podemos observar o que foi feito e avaliar se a ação foi boa ou ruim, mas só Deus conhece a motivação por trás dela.

O argumento de Jesus é que nada divide a igreja com mais rapidez do que a ação daqueles que julgam duramente os demais. Ele está falando aqui de irmãos e irmãs em Cristo: **"Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a**

trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão" (v. 3-5). Jesus faz uso de uma hipérbole para explicar o assunto. Os dois objetos que utiliza para fazer o contraste radical em questão eram encontrados nas carpintarias da época. Os carpinteiros construíam casas, e muita força lhes era necessária para carregar as grandes vigas de madeira usadas na construção dos tetos. A palavra traduzida como "trave" refere-se a uma daquelas toras ou vigas imensas. Em contraste com esta viga, temos uma partícula de serragem. O argumento de Jesus é que um indivíduo cujos olhos estão cobertos por uma viga maciça não pode enxergar os outros com clareza. Ele está dizendo que, embora cada um de nós seja culpado de grandes pecados e falhas, com muita facilidade apontamos para uma minúscula mancha na vida do próximo.

Uma das razões por que voltamos a atenção para o argueiro no olho do próximo é para desviá-la da trave em nosso próprio olho. Quando temos toras nos olhos, consideramo-nas como simples farpas. Quando vemos farpas nos olhos dos outros, enxergamo-nas como toras. É assim que o pecado destrói as relações humanas e a comunidade, e é por isso que Jesus nos alerta a ter cuidado. Se adotarmos um espírito julgador em relação aos outros, aquilo que vai volta, e seremos julgados também.

Julgamento ponderado

Jesus faz distinção, em seus ensinos e em todo o Novo Testamento, entre aquilo que chamamos de pecados graves ou hediondos e aquilo que chamamos de ofensas menores ou pecadinhos. Somos chamados a demonstrar o tipo de amor que encobre uma multidão de pecados. Encobrir um grande pecado é sério, mas, se não estivermos considerando um pecado hediondo que afeta toda a igreja ou a comunidade, devemos encobrir uns aos outros com esse amor. Se eu notar um argueiro no olho de um irmão, devo encobri-lo em minha alma com amor. Se um irmão

notar um argueiro em meu olho, deve fazer o mesmo. Não devemos destruir o corpo de Cristo por causa de serragem, e é este o argumento de Jesus aqui.

O restante da passagem apresenta uma ironia, pois, a fim de obedecê-la, devemos exercer julgamento – não o julgamento de condenação, mas o julgamento de discernimento. Nosso Senhor acabou de dizer: "Não julgueis, para que não sejais julgados". Em seguida, conclui o discurso dizendo: **"Não deis aos cães o que é santo, nem lanceis ante os porcos as vossas pérolas, para que não as pisem com os pés e, voltando-se, vos dilacerem"** (v. 6). Para obedecer esta declaração, temos de, em primeiro lugar, ser capazes de discernir entre o que é santo e o que não é.

Os cães em Israel não eram animais de estimação fofos e dóceis. Eles eram animais desprezados que se alimentavam de restos e equivaliam a porcos no chiqueiro. Jesus está instruindo as pessoas a ter o bom senso de não oferecer coisas sagradas aos cães. Quem são estes cães? São indivíduos que se dedicam a odiar o reino de Deus. Jesus não nos aconselha a odiá-los. Quando despediu os discípulos à sua missão, ele disse: "E, em qualquer cidade ou povoado em que entrardes, indagai quem neles é digno; e aí ficai até vos retirardes. Ao entrardes na casa, saudai-a; se, com efeito, a casa for digna, venha sobre ela a vossa paz; se, porém, não o for, torne para vós outros a vossa paz. Se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés" (Mt 10.11-14). Embora seja correto nos importarmos com aqueles que são hostis ao reino, não devemos gastar todo o nosso tempo oferecendo-lhes coisas santas.

Paulo foi à colina de Marte, ao centro cultural de Atenas, e envolveu-se em uma discussão com os filósofos. Quando terminou, alguns aceitaram o que ele dissera, outros zombaram dele, e outros, ainda, queriam ouvir mais. Àqueles que responderam, Paulo ofereceu todo o tempo do mundo; àqueles que queriam ouvir mais, ele falou e respondeu

todas as perguntas possíveis; mas, àqueles que se recusaram abjetamente a ouvir o evangelho, ele não destinou mais tempo algum. Paulo entregou-os a Deus. Talvez ouvissem a verdade em outro momento de outra pessoa.

Em Mateus 7, Jesus faz um alerta. Ele nos concedeu uma pérola de grande valor, e nós não devemos tomar esta joia valiosa e lançá-la aos porcos. O porco, em meio a sua lavagem, não tem apreço pelo valor da pérola. Pelo contrário, ele acha que a bolota vale mais do que ela.

Mais uma vez, Jesus não está dizendo que devemos adotar uma atitude ríspida em relação ao incrédulo. Ele quer apenas que tenhamos discernimento na proclamação do evangelho. Devemos discernir a mente e, ao mesmo tempo, não julgar duramente com o coração. É a isso que somos chamados – um chamado, de fato, bem sério.

PEDI, E DAR-SE-VOS-Á

Mateus 7.7-12



> Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á. Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra? Ora, se vós, que sois maus, sabeis dar boas dádivas aos vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem? Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas.

Quando examinamos um texto das Escrituras, é imprescindível que consideremos o contexto em que ele se encontra. Isso se aplica de modo especial quando Jesus apresenta ensinamentos sob a forma de aforismos, isto é, afirmações concisas. Tais ditados pequenos e sucintos expressam truísmos, mas eles nunca devem ser considerados como fórmulas mágicas para a oração. O contexto em que Jesus fala aqui a respeito de pedir, buscar e bater é o sermão do monte, no qual ele concentrou bastante atenção no tema da oração.

Dois dos mais importantes meios de graça pelos quais crescemos espiritualmente são a Palavra de Deus e a oração. Os próprios discípulos, dedicados ao estudo diário da Palavra de Cristo, reconheciam a estreita ligação entre o poder sobrenatural que Jesus demonstrava e sua vida de oração excepcional. Lembremo-nos de quando os discípulos se aproximaram dele e pediram que lhes ensinasse algo fundamental. Eles não pediram para aprender a expulsar demônios, caminhar sobre as

águas ou transformar água em vinho. O pedido foi este: "Senhor, ensina-nos a orar" (Lc 11.1).

O intenso desejo de aprender a orar não terminou com a morte do último apóstolo. Cristãos de todas as gerações costumam ser frustrados com a falta de força em sua vida de oração. Todos nós sabemos que a oração é vital à vida espiritual e, por vezes, consideramo-la como uma mera obrigação a ser cumprida ou uma disciplina a ser seguida em vez de um privilégio, uma alegria e uma oportunidade indescritíveis que o Pai nos concedeu.

O que a oração não é

No contexto imediato, Jesus havia acabado de abordar o problema da preocupação e da ansiedade, dizendo aos discípulos que não se preocupassem com comida, bebida e vestimentas. Ele os havia lembrado de que o Pai celestial sabia que precisavam de todas essas coisas. Em seguida, reduziu a busca espiritual à sua prioridade mais importante: "buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas" (Mt 6.33). É neste contexto que Jesus acrescenta seu ensinamento sobre a oração. As três coisas que ele associa aqui são estas: pedir, buscar e bater. Temos a tendência de pensar que elas se referem a três aspectos distintos da vida cristã – como buscar uma meta a ser alcançada ou bater na porta do céu para que possamos entrar – mas todas elas dizem respeito ao tema geral da oração.

O objetivo do texto não é oferecer-nos um serviço de quarto com direito a um funcionário cósmico à disposição para trazer tudo o que quisermos. Faço essa advertência porque vivemos em uma cultura grandemente influenciada pelo pensamento da Nova Era. Até as pessoas que não possuem propositalmente uma cosmovisão segundo a Nova Era são, muitas vezes, influenciadas pelas ideias deste movimento. Seus adeptos praticam uma espécie de magia; a mesma magia contra a qual o povo de Israel foi alertado com muita clareza por Deus no Antigo

Testamento. O ponto fundamental dessa filosofia é que é possível, por meio de concentração e esforço interior, alterar o ambiente. Trata-se de dominar a matéria com a mente, o que é simplesmente uma forma de magia. Este conceito infiltrou-se na igreja, fazendo com que as pessoas pensem assim: *Se eu tão somente usar a fórmula correta na oração e pedir exatamente do jeito certo, crendo, posso fazer qualquer coisa acontecer.*

Jesus disse: "[…] se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai, que está nos céus" (Mt 18.19). Isso não significa que, por concordarmos que as guerras deveriam acabar amanhã, isto acontecerá se o pedirmos em oração. A fim de compreendermos o que Jesus quis dizer, temos de entender a totalidade de seu ensinamento sobre a oração, sem isolar declarações aforísticas e transformá-las em fórmulas mágicas.

Pedi, buscai, batei

Após o alerta sobre como não se deve interpretar as palavras de Jesus, vejamos o que ele diz aqui em Mateus 7: **"Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á. Pois todo o que pede recebe; o que busca encontra; e, a quem bate, abrir-se-lhe-á"** (v. 7-8). Para entender completamente o que Jesus está dizendo, precisamos estar cientes de que, quando pedimos, temos de pedir do jeito certo. Não devemos pedir por razões egoístas. Não devemos pedir com uma postura que blasfeme o Espírito Santo. Devemos pedir segundo aquilo que Deus aprova em sua santa Palavra. Ele poderia ter ampliado esse pequeno aforismo com mil especificações, mas não o fez porque está comunicando uma verdade geral. É importante compreendermos, sem quaisquer detalhamentos técnicos, que o desejo de Jesus é que vejamos nosso Pai como um Deus que ama dar a quem pede. Tiago escreveu: "Nada tendes, porque não pedis" (Tg 4.2).

Jesus havia acabado de dizer à multidão que nosso Pai sabe do que precisamos antes mesmo de pedirmos (Mt 6.32). Então por que agora ele acrescenta este convite para apresentarmos nossos pedidos diante de Deus? Nós não expandimos o conhecimento dele com nossas orações. Nossas orações *nos* beneficiam. Alguns calvinistas equivocados acreditam que, uma vez que Deus determina todas as coisas, nós não precisamos nos preocupar em orar. Esta, entretanto, é uma ofensa ao ensinamento bíblico. Somos informados, na epístola de Tiago, que "Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo" (Tg 5.16).

Jesus estipula em seu ensinamento: "buscai e achareis". Acredito que ele esteja falando de buscar no contexto de pedir. As Escrituras abordam de modo uniforme a necessidade que temos de aprender a pedir do jeito certo. Como podemos saber que nossas orações são legítimas e não apenas esforços egoístas em busca de ganho pessoal? Para saber como orar corretamente, temos de examinar as Escrituras. Nós não sabemos o que pedir em oração nem como orar.

Então o que fazemos? Examinamos a Palavra de Deus. Buscar não é algo que os incrédulos fazem; buscar é atividade dos crentes, e neste caso, somos chamados a analisar as Escrituras. Paulo escreveu: "[…] o Espírito a todas as coisas perscruta, até mesmo as profundezas de Deus. Porque qual dos homens sabe as coisas do homem, senão o seu próprio espírito, que nele está? Assim, também as coisas de Deus, ninguém as conhece, senão o Espírito de Deus" (1Co 2.10-11). O Espírito Santo não perscruta em benefício próprio. O Espírito Santo é Deus. O Espírito Santo conhece a mente de Deus perfeitamente. O que o Espírito faz é perscrutar a Palavra de Deus por nós. Esta é a sua obra de esclarecimento, com a qual derrama luz sobre o texto. Alguma vez você já leu uma passagem das Escrituras – que talvez já tenha lido dez, cinquenta ou cem vezes – a qual, de repente, saltou diante dos seus olhos de forma completamente nova? Isso é obra do Espírito Santo, que opera na Palavra de modo a penetrar

em seu coração. Isso é o Espírito Santo perscrutando a Palavra; e, conforme ele perscruta a Palavra de Deus, nós somos chamados a sondá-la também. Aqueles que têm a vida de oração mais poderosa são aqueles que dominam a Palavra de Deus.

Como pedir

Quando pedimos algo a Deus, as duas coisas que sempre devemos ter em mente é quem Deus é e quem nós somos. Nossos pedidos nunca podem ser exigências. Jesus não está determinando para nós uma mentalidade de concessão de direitos. Quando pedimos, temos de examinar as Escrituras e, quando fazemos um pedido a Deus, não devemos fazê-lo com grosseria. Ao entrar em sua presença, batemos à porta; ou seja, aproximamo-nos dele com polidez. Fazemos uma apresentação branda, e, se isto não abrir a porta, não devemos concluir que ele está ausente. Em outro texto, aprendemos com Jesus que, caso batamos e Deus não atenda, temos de insistir.

Na parábola do juiz injusto (Lc 18.1-8), Jesus fala sobre uma viúva que buscou insistentemente ter audiência com certo juiz, mas este não se importava com os homens nem com a justiça e não quis ser incomodado pela pobre viúva. Por fim, a persistência dela o incomodou tanto, que ele acabou julgando o caso. A aplicação de Jesus é que, se um juiz injusto e sem qualquer consideração por Deus ou pelos homens deu ouvidos a uma viúva apenas para que ela fosse embora, quanto mais nosso Pai celestial, que é justo e se importa conosco, não dará ouvidos às nossas orações? Jesus ensinou esta parábola "sobre o dever de orar sempre e nunca esmorecer" (Lc 18.1). Já vi respostas espetaculares a orações, e as mais espetaculares de todas foram dadas depois que orei com fervor e persistência extrema. Percebi uma correlação entre a oração efetiva que envolve buscar e bater, não apenas pedir.

Somos encorajados a fazer isso, segundo Jesus, porque Deus não é como um ser humano. Cristo faz uma analogia ao nosso estado natural

quando diz: **"Ou qual dentre vós é o homem que, se porventura o filho lhe pedir pão, lhe dará pedra? Ou, se lhe pedir um peixe, lhe dará uma cobra?"** (v. 9-10). Se o seu filho pequeno estivesse com fome e viesse até você pedindo não um bife ou uma lagosta, mas um simples pedaço de pão, você não lhe daria uma pedra e diria: "Mastigue isso e fique quieto." Certamente existem pais assim no mundo, mas eu nunca conheci alguém tão cruel. Jesus diz que, se até mesmo neste mundo natural de seres humanos caídos, nós damos aos nossos filhos pães e peixes em lugar de pedras e cobras, **"quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhe pedirem?"** (v. 11).

Regra de ouro

Por fim, no trecho que parece ser um pós-escrito, Jesus diz, **"Tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles; porque esta é a Lei e os Profetas"** (v. 12). Esta também é a regra de ouro: "Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles" (Lc 6.31). Jesus não inventou a regra de ouro. Esse princípio da reciprocidade já era encontrado na antiguidade, no Antigo Testamento e também entre outras nações.

Em certa ocasião, uma gentio sarcástico foi até o rabino Shamai e disse: "Rabino, ensina-me toda a Torá enquanto eu fico num pé só." Shamai empurrou-o para longe. Em seguida, o gentio foi até o rabino Hillel, que lhe disse: "Não faça ao próximo aquilo que lhe é detestável. Isto é toda a Torá; o restante é apenas comentário." Hillel, desta forma, declarou a regra de ouro em termos negativos.

Alguns dizem que a essência do cristianismo é esta: "Faça aos outros aquilo que você quer que os outros lhe façam", mas excluem a salvação pessoal e a cruz. A razão pela qual temos necessidade da cruz é que transformamos a regra de ouro em ferrugem. A razão pela qual temos necessidade da redenção é que não tratamos o próximo como

gostaríamos de ser tratados. Precisamos de salvação porque ofendemos uns aos outros e porque ofendemos a Deus. Contudo, se quisermos um simples resumo de como Deus deseja que seus redimidos vivam, o resumo é este: "Faça aos outros aquilo que você quer que os outros lhe façam." Não podemos controlar o que os outros dizem a nosso respeito ou fazem conosco, mas podemos controlar o que dizemos a respeito deles e fazemos com eles. Devemos pensar em fazer *por* eles em vez de fazer *com* eles.

A PORTA ESTREITA

Mateus 7.13-20



> Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela. Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores. Pelos seus frutos os conhecereis. Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons. Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis.

Eu tive uma professora de inglês que nunca perdia a chance de atacar a fé cristã. Ela sabia que eu era cristão, e, certa vez, perguntou-me durante a aula:

— Sproul, você acredita que Jesus é o único caminho para Deus?

Ainda me lembro do meu desconforto naquele momento. Eu sabia que, se respondesse a verdade, a raiva dela seria despejada sobre em mim, mas eu também sabia que, se falsificasse minha resposta, estaria negando meu Senhor. Então, respondi:

— Sim, eu creio que Jesus é o único caminho para Deus.

Tal como eu havia previsto, ela ficou enfurecida e falou:

— Jovem, essa foi a coisa mais arrogante que já ouvi de um aluno.

Pude sentir não apenas a hostilidade dela, mas também a hostilidade de meus colegas, que me consideravam um fanático bitolado por acreditar que Jesus era o único caminho para Deus.

Quando a aula acabou, aproximei-me da professora e falei:

— Eu sei que a senhora não acredita que Jesus é o Filho de Deus, mas eu acredito. Quero que entenda que, se eu acreditasse que Jesus é o único caminho para Deus simplesmente porque ele é o *meu* caminho, isso seria, sem dúvida, a coisa mais arrogante que alguém poderia dizer. Porém, eu acredito que Jesus é o único caminho para Deus porque ele nos ensinou que é o único caminho para Deus, e, portanto, não posso acreditar que há outros caminhos sem traí-lo. Não apenas *ele* disse isso, como também o Novo Testamento declara que "abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos" (At 4.12) e que "há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem" (1Tm 2.5).

Assim, pude compartilhar minha fé com aquela professora hostil à ideia de que há apenas um caminho para Deus.

As pessoas que odeiam essa ideia muitas vezes defendem a crença de que há muitos caminhos. Tal visão é exemplificada pela analogia da montanha, originada no século 19. Segundo esta analogia, Deus está no topo de uma montanha, por assim dizer, e há muitos caminhos que dão no topo. Alguns trilham caminhos tortuosos, e outros sobem de forma mais direta, mas, no final, todos os caminhos levam até ele, onde Deus está. Surgiu, então, a ideia de que Deus não seria justo se permitisse apenas um caminho para a salvação. Nas últimas décadas, este pensamento foi exagerado de forma exponencial, e, agora, em uma cultura que abraça o relativismo e seu irmão gêmeo, o pluralismo, nada parece ser mais ofensivo e politicamente incorreto do que o conceito de que só existe um caminho para Deus.

Duas portas, dois caminhos

Digo tudo isso como introdução porque, agora, nós nos deparamos com uma declaração no sermão do monte que é extremamente ofensiva àqueles que adotam o relativismo e o pluralismo. A maioria das pessoas

considera este um sermão agradável, voltado basicamente para a maneira como devemos nos relacionar uns com os outros. No entanto, Jesus nos dá esta ordem: **"Entrai pela porta estreita (larga é a porta, e espaçoso, o caminho que conduz para a perdição, e são muitos os que entram por ela), porque estreita é a porta, e apertado, o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela"** (v. 13-14).

Os seguidores de Cristo foram chamados de "cristãos" pela primeira vez em Antioquia, no primeiro século. O termo era aplicado de forma pejorativa. Antes disso, eles se chamavam e eram chamados de "pessoas do Caminho" (cf. At 9.2), porque Jesus havia utilizado várias vezes a metáfora do caminho com relação à vida cristã. Por exemplo:

> Em verdade, em verdade vos digo: eu sou a porta das ovelhas. Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e salteadores (Jo 10.7-8a).
>
> Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará, e sairá, e achará pastagem (Jo 10.9).
>
> Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim (Jo 14.6).

Logo, a ideia de exclusividade – de ele mesmo ser o único caminho para Deus – foi um importante ensinamento de Jesus. Então não surpreende, de fato, que ele tenha abordado o mesmo tema no sermão do monte.

Em seu ensinamento, Jesus apresentou um nítido contraste. Ele disse que existe uma porta estreita e uma porta larga. A porta estreita conduz para a vida, mas a porta larga conduz para a perdição. Ao dizer que a porta larga conduz para a perdição, Jesus estava falando com brandura, pois empregou o termo *perdição* como sinônimo de *inferno*. O problema é que é difícil passar pela porta estreita, e ela leva a um caminho difícil; por isso é que tão poucas pessoas a escolhem. Em contrapartida, é fácil passar pela porta larga, e ela dá em uma estrada extremamente ampla;

por esta razão, ela é apinhada de gente. Assim sendo, muitos estão no caminho que conduz para a perdição.

A maioria das pessoas supõe que a justificação aos olhos de Deus se dá pelas obras. Tais indivíduos acham que tudo o que precisam fazer para entrar no céu é levar uma boa vida. Se as obras boas excederem as más, eles conseguirão ir para o céu. Há, entretanto, uma doutrina de justificação ainda mais pérfida e difundida: a justificação pela morte. Há algum tempo, um comediante famoso morreu. Ao exaltar as virtudes do falecido, um comentarista disse: "O céu passou a ser um lugar muito mais divertido hoje." Eu não sei se o comediante era cristão, e duvido que o comentarista soubesse. Porém, ele simplesmente concluiu que, por ter morrido, o comediante tinha ido para o céu. Não vão todos para o céu quando morrem? De acordo com Jesus, não. Ele ensinou que a maioria das pessoas não vai para o céu; aqueles que são contados entre os remidos são poucos.

Alguns se apressam em dizer que, talvez, estas palavras de Jesus tenham sido pertinentes apenas à Palestina do primeiro século. Os que pensam assim atentam para o fato de que havia muita corrupção e que muitas pessoas tinham abandonado o judaísmo ortodoxo, restando apenas um remanescente – os poucos que aceitavam Jesus na época. Talvez esse seja o caso. Porém, aqueles que o aceitavam tinham muito mais evidências em primeira mão de sua identidade do que nós, e, se tais evidências produziram apenas um pequeno contingente de seguidores, não consigo conceber que os regenerados sejam maioria no mundo ocidental hoje. É emocionante ouvir a respeito de reavivamentos ocorrendo em locais como Coreia do Sul, China, África, América Latina e Oriente Médio. Multidões estão vindo a Cristo, e, talvez, em algumas nações, os redimidos até sejam maioria. Contudo, nos Estados Unidos, temo que a grande maioria se encontre no caminho espaçoso, o caminho para a perdição.

Profetas e charlatões

Jesus, então, identificou um dos problemas que tornam o caminho estreito difícil: falsos profetas. Ele disse: **"Acautelai-vos dos falsos profetas, que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores"** (v. 15).

No período do Antigo Testamento, a maior ameaça à sobrevivência de Israel não era o poder militar dos filisteus, amalequitas ou assírios. A maior ameaça ao bem-estar do povo de Deus sempre foi a presença de falsos profetas em seu meio. Este era um grande problema na época em que Deus enviou o profeta Jeremias para chamar seu povo ao arrependimento. Parecia que, a cada vez que Jeremias abria a boca e dizia aos israelitas o que Deus faria se não mudassem de atitude, cem falsos profetas davam um passo a frente para contradizê-lo. Jeremias falou claramente aos israelitas que Deus destruiria o templo (7.14; 9.11) e os exilaria na Babilônia durante 70 anos (cap. 25), mas os falsos profetas replicaram: "Não, Deus não é assim. Ele é um Deus de amor. Nada jamais acontecerá ao templo. Ele não permitiria que os filhos de Abraão fossem levados cativos em terra estrangeira. Não deem ouvidos a esse Jeremias, pois temos paz." (ver 6.14; 8.11; 14.13).

Jeremias, por fim, cansou-se disso. Ele foi até Deus e disse:

> […] sirvo de escárnio todo o dia;
> cada um deles zomba de mim.
> Porque, sempre que falo, tenho de gritar
> e clamar: Violência e destruição!
> Porque a palavra do SENHOR se me tornou
> um opróbrio e ludíbrio todo o dia.
> Quando pensei: não me lembrarei dele
> e já não falarei no seu nome,
> então, isso me foi no coração como fogo ardente,
> encerrado nos meus ossos;
> já desfaleço de sofrer
> e não posso mais (20.7b-9).

Você entende o que ele estava dizendo? Ele estava reclamando porque sua mensagem impopular a respeito do juízo iminente colocava-o constantemente sob o ataque dos falsos profetas e, por isso, tinha de suportar a reprovação do povo. Por esse motivo, ele decidiu parar; decidiu não falar mais em nome de Deus. Mas não conseguiu. Ele expressou: "isso me foi no coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; já desfaleço de sofrer e não posso mais." O profeta não podia parar de pregar a mensagem que Deus lhe transmitira.

No final, Deus consolou Jeremias com a promessa de dar conta dos falsos profetas. Ele lhe disse: "o caminho deles será como lugares escorregadios na escuridão; serão empurrados e cairão nele; porque trarei sobre eles calamidade, o ano mesmo em que os castigarei" (23.12).

Falsos profetas disfarçados

Os falsos profetas na época de Jeremias propagavam falsos ensinamentos abertamente, mas Jesus alertou contra um tipo mais insidioso de falso mestre: aquele que usa máscaras. Tais falsos profetas não se parecem com falsos profetas. Pelo contrário, parecem ser bondosos e gentis. Têm aparência de cordeiros. A realidade, entretanto, é que são lobos vorazes disfarçados de cordeiros. Eles sussurram no ouvido das pessoas na tentativa de fazê-las entrar pela porta larga.

Como eles podem ser identificados? Jesus revelou uma marca de identificação: **"Pelos seus frutos os conhecereis"** (v. 16a). Em outras palavras, eles podem ser reconhecidos por aquilo que produzem, pelas consequências que geram à vida da igreja. O liberalismo do século 19 foi possivelmente o maior lobo que a igreja já enfrentou. Embora poucos pudessem enxergá-lo na época, o fruto daqueles liberais é evidente agora. As grandes catedrais da Europa atualmente são, na maior parte, mausoléus. A pregação do liberalismo no século 19 esvaziou a igreja. Ela

não produziu valor algum, fruto algum. Esse é sempre o resultado de falsos ensinamentos na igreja.

Ao discorrer sobre o tema da frutificação, Jesus fez uma pergunta retórica cuja resposta é óbvia: **"Colhem-se, porventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos?"** (v. 16b). Em locais como Napa Valley, na Califórnia, vinícolas bem cultivadas estendem-se por quilômetros ao longo das colinas. Nessas vinhas, crescem cachos maravilhosos de uvas. Em nenhum lugar, entretanto, é possível ver uvas nascendo em espinheiros ou abrolhos. As uvas inevitavelmente indicam quais plantas são videiras. Se há uvas, a planta na qual elas crescem certamente não é um espinheiro nem um abrolho.

Jesus prosseguiu: **"Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus. Não pode a árvore boa produzir frutos maus, nem a árvore má produzir frutos bons"** (v. 17-18). O agricultor procura árvores produtivas, árvores que dão frutos; não árvores que produzem frutos corrompidos. Ele é capaz de diferenciar as árvores boas das árvores ruins pelo fruto que produzem, pois a qualidade da árvore determina a qualidade do fruto. Esta não é uma regra complexa de agronomia. Se a árvore estiver corrompida, seu fruto será corrompido. E, naturalmente, o agricultor não precisa de uma árvore assim para nada. Logo, **"Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo"** (v. 19).

Jesus resumiu seu ensinamento com estas palavras: **"Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis"** (v. 20). Temos de abrir os ouvidos ao ensinamento de Jesus e tapá-los ao ensinamento da cultura, que é totalmente desordenado. Se quisermos viver, precisamos permanecer longe do caminho espaçoso. Precisamos procurar a porta pela qual os homens devem entrar. Todas as outras portas conduzem para a perdição. Devemos buscar o caminho apertado, pois somente ele conduz à vida, independentemente do que os homens digam.

"SENHOR, SENHOR!"

Mateus 7.21-23



> Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade.

Nos versículos anteriores do Evangelho de Mateus, Jesus proferiu alertas solenes aos ouvintes a respeito do caminho que eles decidem seguir. O caminho para a perdição é espaçoso, a porta que leva a ele é larga, e, por isso, muitos seguem este rumo; já o caminho para a vida é difícil, e a porta é estreita, de modo que poucos a encontram. Em seguida, ele os advertiu para que ficassem vigilantes em relação aos lobos que se vestem com pele de ovelhas com o intuito de se aproximar e corromper a congregação. A impressão é que esses alertas são apresentados em ordem crescente, e tal progressão parece culminar no trecho que está diante de nós agora. Considero estas as palavras mais aterradoras que já saíram da boca de Jesus.

O alerta de Cristo parece ser bem objetivo: **"Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus […] Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?** (v. 21-22). Esta afirmação, entretanto, emprega uma estrutura literária hebraica incomum, encontrada na Bíblia apenas em

torno de 15 vezes. Trata-se de um tipo raro de expressão utilizada pelos judeus para demonstrar ênfase. Quando Jesus, ou qualquer outro indivíduo de procedência hebraica, desejava dar ênfase a algo que tinha dito, bastava repeti-lo. Por exemplo, Cristo frequentemente introduzia seus ensinamentos dizendo não apenas "*Em verdade*, vos digo", mas "*Em verdade, em verdade* vos digo" (ver Jo 1.51; 3.3; 5.24; 13.38), dando ênfase por repetição.

Da mesma forma, há trechos nas Escrituras com repetição de nomes, e devemos prestar atenção a tais ocorrências porque elas funcionam como expressões de profunda e intensa afeição pessoal. Quando alguém cumprimentava o próximo repetindo seu nome, isso mostrava que eles tinham não apenas uma relação casual, mas um vínculo muito profundo. Vale a pena dedicar algum tempo a uma breve sondagem da Bíblia em busca de exemplos deste fenômeno, de modo a não perdermos de vista o significado do que Jesus disse aqui no sermão do monte.

"Abraão! Abraão!"

Uma das ocorrências mais comoventes e dramáticas deste mecanismo literário no Antigo Testamento aparece em Gênesis 22. Abraão e sua esposa, Sara, haviam aguardado muitos anos pelo cumprimento da promessa de descendência que Deus lhes fizera. Depois de muito tempo, Isaque nasceu, mas Deus pediu que Abraão fizesse algo impensável. Ele disse: "Toma teu filho, teu único filho, Isaque, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá; oferece-o ali em holocausto, sobre um dos montes, que eu te mostrarei" (v. 2). Abraão levantou-se bem cedo, juntou lenha para o holocausto, selou os jumentos e iniciou a terrível viagem ao monte Moriá com Isaque. No caminho, Isaque olhou para o pai e perguntou: "Eis o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?" (v. 7b). Abraão respondeu: "Deus proverá para si, meu filho, o cordeiro para o holocausto" (v. 8). Por fim, eles chegaram ao monte Moriá. Abraão edificou um altar, colocou a lenha ao redor dele, amarrou a

Isaque e deitou-o ali. Em seguida, tomou uma faca e ergueu-a. Quando estava prestes a fincar a lâmina no peito do filho, no último segundo possível, Deus falou. Ele disse: "Abraão! Abraão!" […] Não estendas a mão sobre o rapaz e nada lhe faças; pois agora sei que temes a Deus, porquanto não me negaste o filho, o teu único filho" (v. 11-12). Isaque foi poupado. Jeová providenciou um substituto para ele (v. 13), assim como providenciaria um substituto mais importante 2.000 mil anos depois ao entregar seu Filho – seu único Filho, o Filho a quem amava, Jesus.

Posteriormente na história patriarcal, Isaque teve um filho chamado Jacó, que, por sua vez, também teve filhos. Um deles, José, foi assassinado segundo o relato dos irmãos. Em uma época de fome, Jacó enviou os filhos ao Egito para comprar alimentos estocados. Ali, eles encontraram o irmão há muito desaparecido, José, que, na verdade, estava vivo e ocupava o cargo de primeiro-ministro. José mandou que os irmãos voltassem e trouxessem o pai. Assim, eles foram a Jacó com a alegre notícia de que José ainda estava vivo e queria que a família se mudasse para o Egito, onde havia provisões abundantes e todos os alimentos de que viessem a precisar. Jacó, contudo, hesitou. Ele pensou: "Estou muito velho para isso. Não quero deixar esta terra que Deus prometeu à minha família." Nesse ponto, Deus apareceu a ele de noite e disse: "Jacó! Jacó! […] não temas descer para o Egito, porque lá eu farei de ti uma grande nação. Eu descerei contigo para o Egito e te farei tornar a subir, certamente" (Gn 46.2-4). Então, Jacó tomou seus bens e sua família e mudou-se para a terra de Gósen, no Egito, e ali prosperaram e se multiplicaram.

Anos se passaram, e um faraó que não conhecia José subiu ao poder. Todas as promessas foram esquecidas. Este faraó aproveitou a oportunidade para escravizar o povo estrangeiro e fazê-lo trabalhar em favor de sua própria economia. Ele foi cruel a ponto de não providenciar

sequer a palha para a fabricação de tijolos. Por este motivo, os descendentes de Jacó – os israelitas – choraram, gemeram e oraram, e Deus os ouviu.

"Moisés! Moisés!"

Enquanto isso, um bebê israelita foi deixado à deriva no Nilo para ser poupado da ira do faraó. Ele foi encontrado e adotado inadvertidamente pela família do próprio faraó, onde foi criado como príncipe do Egito. Um dia, já adulto, deparou-se com um egípcio maltratando um escravo hebreu. Ele ficou tão bravo, que atacou o egípcio e o matou. O príncipe, cujo nome era Moisés, escondeu o corpo do egípcio assassinado. Alguém, entretanto, havia testemunhado o crime, e Moisés teve de deixar o palácio do faraó e fugir para salvar a própria vida. Ele foi para a longínqua imensidão do deserto midianita, onde trabalhou por décadas como pastor de forma anônima e solitária. Certo dia, enquanto apascentava seus rebanhos, ele notou algo estranho: uma sarça que queimava, mas não era consumida. Ao se aproximar do fenômeno, Moisés ouviu uma voz saindo da sarça, chamando-o: "Moisés! Moisés! […] tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa" (Êx 3.4-5).

Em seguida, Deus identificou-se a Moisés, dizendo: "EU SOU O QUE SOU. […] este é o meu nome eternamente" (v. 14-15). Tendo dito isso, enviou-o de volta ao Egito para ordenar ao faraó que libertasse os israelitas da escravidão. Por intermédio de milagres grandiosos, Deus forçou o faraó a libertar o povo, e Moisés os conduziu para fora do Egito no evento de libertação mais importante de todo o Antigo Testamento – o êxodo.

Após muitos anos de peregrinação, os israelitas conquistaram a terra prometida de Canaã sob o comando de Josué. Eles se fortificaram, e as tribos foram estabelecidas. O povo era governado por homens e mulheres dotados de carisma excepcional, chamados juízes. Esse período durou

cerca de 400 anos. Ao final dessa época, um homem chamado Eli tornou-se juiz, o qual também era sacerdote. Seus filhos, que exerciam o sacerdócio com ele, profanaram a adoração do povo, mas Eli nada fez a respeito.

Enquanto isso, uma mulher estéril chamada Ana orou pedindo um bebê, e Deus lhe concedeu um filho de nome Samuel. Ana havia prometido que, se Deus lhe desse um filho, ela dedicaria a criança ao seu serviço durante toda a vida. Assim sendo, confiou Samuel aos cuidados de Eli, deixando-o sob sua tutela. Certa noite, o jovem ouviu uma voz chamando: "Samuel!" Ele foi até Eli, achando que o idoso o estava chamando. Eli, entretanto, assegurou Samuel de que não o havia chamado e mandou-o voltar para a cama. A voz chamou três vezes, e Samuel foi até Eli três vezes, mas este dizia que não o tinha chamado. Por fim, ao perceber que Deus poderia estar chamando o garoto, Eli instruiu Samuel a, caso ouvisse a voz novamente, dizer: "Fala, SENHOR, porque o teu servo ouve" (1Sm 3.9). Samuel voltou para a cama, e, mais uma vez, Deus o chamou – desta vez, porém, dizendo: "Samuel, Samuel!" (v. 10). O Senhor, então, contou-lhe a respeito do terrível juízo que estava prestes a trazer sobre a casa de Eli e seus filhos.

No momento oportuno, Samuel tornou-se juiz de Israel e profeta de Deus. Ele ungiu o primeiro rei de Israel, Saul, e o segundo, Davi, o qual inaugurou a idade de ouro de Israel. No entanto, em seus últimos anos, Davi teve de sofrer a afronta de uma revolta contra a coroa liderada pelo próprio filho, Absalão. Em determinada circunstância, o rei teve de fugir desacreditado do palácio. Por fim, uma batalha decisiva ocorreu entre os homens de Davi e Absalão. Os seguidores de Absalão foram derrotados, e este foi morto. Ao ouvir a notícia, Davi não se alegrou com o fim da rebelião. Ele chorou de agonia: "Meu filho Absalão, meu filho, meu filho Absalão! Quem me dera que eu morrera por ti, Absalão, meu filho, meu

filho!" (2Sm 18.33). Nem mesmo a traição de Absalão pôde apagar o amor e o afeto que Davi nutria por ele.

Mais tarde, a era dos grandes profetas foi introduzida por Elias. Ao se aproximar do fim de seus dias, Deus enviou-o em uma jornada para o lugar onde seria levado ao céu. O profeta disse ao seu discípulo, Eliseu, para não ir junto, mas Eliseu implorou para acompanhá-lo. Então, Elias cedeu e permitiu que ele fosse. Depois de percorrem uma longa distância, uma carruagem com cavalos de fogo apareceu de repente, sem aviso, e Elias foi trasladado ao céu diante dos olhos de Eliseu. Ao ver isso, o discípulo gritou: "Meu pai, meu pai, carros de Israel e seus cavaleiros!" (2Rs 2.12). Com isso, o amado mentor de Eliseu desapareceu, e este ficou para dar continuidade ao ministério profético.

"Marta! Marta!"

Avancemos agora para o Novo Testamento. Em certa ocasião durante seu ministério, Jesus foi a Betânia e ficou na casa de Lázaro e suas irmãs, Maria e Marta. Maria sentou-se aos pés de Jesus e fez-lhe todas as perguntas possíveis e imagináveis, mas Marta ficou confinada na cozinha. Ela estava preparando a comida, cuidando das louças e trabalhando sem parar enquanto a irmã se deleitava na glória do Cristo. Por fim, Marta cansou-se disso e foi se queixar com Jesus. Ele, por sua vez, repreendeu-a, mas com uma maravilhosa sensibilidade: "Marta! Marta! Andas inquieta e te preocupas com muitas coisas. Entretanto, pouco é necessário ou mesmo uma só coisa; Maria, pois, escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada" (Lc 10.41-42).

Logo em seguida, Jesus foi até a cidade santa, Jerusalém. Ao se aproximar da cidade, ele estava ciente da corrupção e do pecado presentes ali e começou a lamentar, dizendo: "Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir teus filhos como a galinha ajunta os do seu próprio ninho debaixo das asas, e vós não o quisestes!" (Lc 13.34). Mesmo

repreendendo Jerusalém por sua corrupção, Jesus expressou seu eterno afeto pela cidade de Deus.

Na noite em que foi traído, enquanto celebrava a Páscoa com os discípulos no cenáculo, Jesus anunciou ao grupo que um deles o trairia (referindo-se, obviamente, a Judas). Um por um, eles lhe perguntaram: "Porventura, sou eu, Senhor?" (Mt 26.22). Finalmente, Judas disse: "Acaso, sou eu, Mestre?", ao que Jesus respondeu: "Tu o disseste" (v. 25). Contudo, Jesus ainda não tinha terminado; ele precisava dizer aos discípulos que um deles o negaria publicamente. Assim, olhou para o indivíduo em questão e disse: "Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos" (Lc 22.31-32). Até mesmo quando anunciou a iminente negação de Pedro, Jesus dirigiu-se a ele em tom afetuoso.

Talvez o exemplo mais radical tenha ocorrido no dia seguinte, quando nosso Senhor estava na cruz, sob a maldição de Deus, recebendo a ira completa do Pai. Naquele inferno, ele clamou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Mt 27.46). Mesmo em meio ao abandono, chorando em seu tormento, ele se dirigiu ao Pai em termos de afeto pessoal.

Permita-me citar mais um exemplo. Saulo era o flagelo da Igreja Primitiva. Ele era tão comprometido em erradicar a fé cristã, que ia de casa em casa arrastando as pessoas, colocando-as na cadeia e enviando-as para execução. Saulo chegou até a pedir cartas de autoridade para que pudesse dar continuidade à perseguição na Síria. Todavia, enquanto viajava pela estrada do deserto em direção a Damasco, foi ofuscado por uma luz que brilhava mais do que o sol do meio-dia. Ele caiu ao chão e ouviu uma voz do céu que lhe falava: "Saulo, Saulo, por que me persegues?" (At 9.4). Saulo ficou em estado de choque e perguntou: "Quem és tu, Senhor?" A voz disse: "Eu sou Jesus, a quem tu persegues.

Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões" (v. 5, ARC). Mesmo enquanto Saulo assolava a Igreja, Jesus o chamou com profundo afeto.

Falsos tratamentos carinhosos

Esmiucei a história para que possamos sentir a importância do alerta feito por Jesus quase no fim do sermão do monte. Leia novamente o que ele disse: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus […] Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?" Essas palavras são atordoantes. Jesus estava dizendo que nem todos os que se dirigissem a ele com palavras de profundo afeto seriam salvos. Ele disse que alguns entrariam em sua presença no dia do juízo, e, tratando-o com intimidade, procurariam lembrá-lo de tudo o que haviam feito em seu benefício. Em termos atuais, diriam: "Amado Senhor, não pregamos nós em teu favor? Não demos testemunho por tua causa? Não ensinamos em escolas dominicais por tua causa? Não fomos aos campos missionários por tua causa? Não demos dízimos por tua causa?" Tais pessoas acreditariam sinceramente que estavam em um relacionamento íntimo com Jesus e que o haviam servido com fidelidade. Porém, ele afirmou que estariam enganadas. Jesus disse: **"Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade"** (v. 23).

Você consegue imaginar isso? Você consegue imaginar pessoas chegando ao tribunal de Cristo, clamando a ele como se fosse um amigo próximo, suplicando para que aceite toda a devoção e serviço prestados e, em resposta, ouvi-lo dizer, em outras palavras: "A questão não é se você me conhece, mas se eu te conheço"? Não creio que possa haver algo mais terrível do que se apresentar diante de Jesus e ouvi-lo dizer: "Eu não sei quem você é. Você não pertence a este lugar. Por favor, saia. Eu não te conheço e nunca te conheci."

Você entende agora por que eu digo que essas são as palavras mais terríveis que Jesus já pronunciou? Qualquer um pode dizer "Senhor, Senhor", mas muitos estão apenas o honrando com os lábios. Muitos fazem falsas profissões de fé e se enganam ao pensar que pertencem a Jesus, pois nunca se arrependeram, nunca colocaram a confiança em Cristo e nunca o aceitaram com o coração. Somente aqueles cujo coração foi mudado por Deus Espírito Santo podem dizer "Senhor, Senhor" de verdade.

Por outro lado, você consegue imaginar maior alegria do que estar diante de Cristo no final dos tempos e ouvi-lo pronunciar seu nome e dizer: "Venham, vocês que são abençoados pelo meu Pai! Venham e recebam o Reino que o meu Pai preparou para vocês desde a criação do mundo" (Mt 25.34)? Não há palavras mais reconfortantes do que essas. Portanto, eu o exorto a se certificar de que ele de fato o conhece.

UM FIRME FUNDAMENTO

Mateus 7.24-29



> Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha. E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína. Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina; porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.

No início da década de 1970, eu pregava e ensinava em uma igreja de Cincinnati, Ohio. Todos os anos, a igreja organizava um evento especial chamado missão de pregação, uma espécie de movimento de evangelismo, e um pregador renomado de fora da cidade era convidado para liderá-la. Certo ano, nós convidamos um pregador famoso da Califórnia, e ele ficou em nossa casa durante esse tempo. Ao término da missão, eu o levei ao aeroporto, e ele partiu em seu voo de volta à Califórnia. Porém, enquanto o avião estava a caminho, o sul daquele estado foi atingido por um forte terremoto, cujo epicentro estava perto da cidade de Glendale, onde o pregador pastoreava. Quando chegou em casa, ele ficou aliviado ao tomar conhecimento de que ninguém da congregação havia ficado ferido. Além disso, o suntuoso santuário não havia tido sequer uma janela quebrada. Tudo parecia estar intacto. Contudo, nas semanas seguintes, engenheiros

analisaram as diversas estruturas da cidade para verificar se elas ainda eram seguras após o terremoto e constataram que a fundação do templo havia sido deslocada. A cidade, portanto, condenou o prédio por não ser mais um local seguro.

Jesus finalizou o sermão do monte solicitando aos ouvintes que refletissem sobre alicerces firmes e alicerces frágeis. Especificamente, ele apresentou o exemplo de duas casas: uma que era capaz de resistir às forças catastróficas da natureza e outra que era incapaz disso. Tudo se resumia às fundações. Uma das casas estava construída sobre uma base sólida, mas a outra tinha um fundamento frágil. As decisões a respeito do local onde as fundações seriam estabelecidas determinaram o destino das casas.

Ouvir e praticar

Jesus disse: **Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica será comparado a um homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, que não caiu, porque fora edificada sobre a rocha. E todo aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica será comparado a um homem insensato que edificou a sua casa sobre a areia; e caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram com ímpeto contra aquela casa, e ela desabou, sendo grande a sua ruína** (v. 24-27).

Recentemente, eu estive em Phoenix, Arizona, uma cidade que surgiu nas areias do deserto. Ali, há muitos canais de concreto que ficam vazios durante a maior parte do ano. Nas raras ocasiões em que chove, a água é direcionada para esses canais, que, então, se transformam em torrentes volumosas. Grandes placas alertam as pessoas para que não dirijam dentro desses canais, pois eles não são seguros quando chove. A cidade de Phoenix tem um regulamento segundo o qual, se um indivíduo ficar

preso em um desses canais durante uma inundação, ele tem de pagar o custo do resgate mais uma multa. As pessoas, entretanto, são tão tolas, que ignoram os alertas e dirigem pelos canais mesmo assim. Por este motivo, não é incomum ver reportagens na CNN sobre o resgate de alguém que entrou em um dos canais e passou apuros quando começou a chover inesperadamente.

Em alguns lugares secos do mundo, há características naturais bem semelhantes aos canais de Phoenix. Nas regiões a sudoeste dos Estados Unidos, existem arroios, isto é, leitos que permanecem secos até a temporada de chuvas. Da mesma forma, no Oriente Médio – incluindo Israel – há os uádis, que são muito parecidos com arroios. Estas formações são tão comuns, que muitos lugares recebem seu nome de acordo com elas. Os uádis em Israel são secos, exceto duas vezes por ano quando chove. As chuvas são chamadas de primeiras, quando caem na primavera, e últimas, quando caem no outono. Quando chove, acontece a mesma coisa observada nos canais de Phoenix. A água escoa do deserto, enche os uádis e os transborda, e tudo o que estiver no caminho da enxurrada que corre por eles é imediatamente destruído.

Jesus certamente estava ciente de tais condições climáticas de sua terra natal. Além disso, como carpinteiro, ele estava familiarizado com o processo de construção de uma casa. Uma das partes mais importantes era a seleção de um bom local para a construção e, em seguida, o estabelecimento de uma fundação sólida. A localização e a fundação eram críticas por causa das chuvas. Se a casa não tivesse um alicerce seguro, estaria propensa a ser carregada quando as torrentes viessem e se alastrassem por toda a paisagem, destruindo tudo o que estivesse no caminho. Deste modo, Jesus concluiu o sermão com uma ilustração bem prática que comunica uma verdade profunda: a diferença entre o sábio e o tolo. Esta diferença tinha a ver com alicerces.

Quando lemos o Novo Testamento e vemos o ensinamento de Jesus e dos apóstolos a respeito da igreja, observamos que eles a descrevem por meio de muitas metáforas. Ela é chamada de povo de Deus. Ela é chamada de corpo. Ela é chamada de família. Ela é chamada de noiva de Cristo. Porém, uma das principais metáforas da igreja é uma construção. Os crentes são chamados de "pedras que vivem", as quais constituem uma "casa espiritual" (1Pe 2.5). A igreja também é chamada de santuário de Deus (1Co 3.16) e família de Deus (Ef 2.19).

Como parte dessa metáfora de construção, o Novo Testamento identifica o alicerce da igreja. Se eu fizesse uma enquete entre os cristãos perguntando o que ou quem é o alicerce da igreja, estou certo de que a maioria responderia: "Cristo". Nós cantamos assim: "O único fundamento da igreja é Jesus Cristo, seu Senhor"[1]. Todavia, este pode ser o caso de estarmos transmitindo teologia mais por nossa hinódia do que pelo próprio Novo Testamento. De acordo com este último, Jesus *não* é o fundamento da igreja. Jesus é a pedra angular. O fundamento é composto pelos profetas do Antigo Testamento e pelos apóstolos do Novo Testamento (Ef 2.20).

Em outro lugar, a Bíblia indica que os apóstolos são o elemento principal da fundação. Quando o apóstolo João teve a gloriosa visão da Nova Jerusalém – uma imagem da igreja glorificada – descendo do céu, ele pareceu ter dificuldades em descrever o quão gloriosa ela era. A cidade era tão extraordinária, que tinha não um, mas 12 fundamentos, e, segundo João, estes fundamentos carregavam o nome dos 12 apóstolos (Ap 21.14).

Rejeição do alicerce

Por que é tão importante compreendermos que os apóstolos são o fundamento da Igreja? Os apóstolos foram os homens que Jesus comissionou e aos quais concedeu sua autoridade. Os crentes da igreja

primitiva dedicavam-se ao estudo da doutrina dos apóstolos (At 2.42), e, com o tempo, seus escritos foram reunidos no Novo Testamento. No entanto, nos últimos 200 anos, houve uma agressão desenfreada, uma espécie de vandalismo, contra a confiabilidade, a suficiência e, acima de tudo, a autoridade do Novo Testamento. Ao atacar a Bíblia, os céticos atacaram a autoridade dos apóstolos. Este é um ataque contra o próprio fundamento da igreja. Infelizmente, temos visto igreja após igreja, denominação após denominação, repudiar a fundação dada por Deus. Isso significa que elas estão construindo sua casa sobre a areia. Tais igrejas e denominações não subsistirão em tempos de angústia pelo simples motivo de que elas não conseguem sequer ficar em pé. Quando a igreja se afasta de sua fundação apostólica, ela inevitavelmente cai.

O ataque à fundação da igreja não teve início no século 18 com o Iluminismo, no século 19 com o liberalismo europeu nem no século 20 com o neoliberalismo. Ele começou muito mais cedo. No segundo século, o ataque originou-se nos heréticos gnósticos. O termo *gnóstico* vem da palavra grega que significa conhecimento – *gnōsis*. Os gnósticos afirmavam ter conhecimentos secretos, percepções superiores ao ensinamento dos apóstolos. Eles queriam manter Jesus na igreja, mas livrar-se dos apóstolos. Nós ouvimos esse mesmo tipo de coisa das feministas radicais, que alegam amar Jesus, mas não suportar o apóstolo Paulo. Elas não gostam do que Paulo e os outros apóstolos ensinam a respeito do papel da mulher no lar e na igreja. Contudo, elas se esquecem de que nada sabemos sobre o que Jesus disse ou ensinou salvo por intermédio dos apóstolos.

No segundo século, Deus despertou um grande apologista de nome Irineu, o qual escrevia com a finalidade de combater os heréticos gnósticos. Irineu voltou-se para o Novo Testamento e lembrou o povo de como Jesus tinha de se defender contra os fariseus da época, mostrando-lhes que suas posições eram inconsistentes. Os fariseus afirmavam amar

Abraão, mas Jesus disse: “Abraão, vosso pai, alegrou-se por ver o meu dia, viu-o e regozijou-se” (Jo 8.56). Os fariseus afirmavam amar Moisés, mas Jesus disse: “Porque, se, de fato, crêsseis em Moisés, também creríeis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito” (Jo 5.46). Os fariseus alegavam amar Deus Pai, mas Jesus disse: “quem, porém, me rejeitar rejeita aquele que me enviou” (Lc 10.16b) e “Quem não honra o Filho não honra o Pai que o enviou” (Jo 5.23). Os fariseus não podiam rejeitar Jesus sem rejeitar Abraão, Moisés e até mesmo Deus Pai.

Você consegue perceber? Jesus estava refutando as religiões do mundo que alegam crer em Deus, mas rejeitam seu Filho unigênito. Quem tem o Pai, tem o Filho. Quem tem o Filho, tem o Pai. Não se pode ter um sem o outro.

Quando comissionou os apóstolos e despediu-os, Jesus outorgou-lhe sua autoridade. Assim como o Pai enviou o Filho, o Filho enviou os apóstolos. Ele lhes disse: “Quem vos der ouvidos ouve-me a mim; e quem vos rejeitar a mim me rejeita” (Lc 10.16a). Foi Cristo quem estabeleceu os apóstolos como o fundamento de sua igreja. Se alguém rejeita os escritos apostólicos, rejeita a autoridade de Cristo. Se alguém rejeita a autoridade de Cristo, rejeita o próprio Deus.

Portanto, a atitude mais sábia é crer e agir conforme as palavras de Jesus. Quem faz isso constata que sua vida está construída sobre uma fundação sólida. Os demais acabam descobrindo, em algum momento, que não construíram a vida sobre fundação alguma, e uma gota de chuva pode arrastá-los para longe.

Mateus nos diz: **Quando Jesus acabou de proferir estas palavras, estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina; porque ele as ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas** (v. 28-29). Quando Jesus abria a boca e pregava, ele não falava como alguém que simplesmente tinha opiniões. Ele falava como alguém que tinha autoridade. A palavra grega traduzida como “autoridade” aqui é

exousia. Ela também pode ser traduzida como "poder". Significa literalmente "do ser" ou "da substância". Sempre que Jesus falava, suas palavras eram substantivas. Não eram palavras triviais. Elas eram coativas na consciência de todos os que o ouviam. Não podemos fazer parte da Igreja se não submetermos nossa vida à autoridade de Jesus, pois o Pai outorgou-lhe toda a autoridade no céu e na terra (Mt 28.18).

[1] Retirado do hino *O único fundamento da Igreja*, de Samuel J. Stone, 1866.

A PURIFICAÇÃO DO LEPROSO

Mateus 8.1-4



> Ora, descendo ele do monte, grandes multidões o seguiram. E eis que um leproso, tendo-se aproximado, adorou-o, dizendo: Senhor, se quiseres, podes purificar-me. E Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe, dizendo: Quero, fica limpo! E imediatamente ele ficou limpo da sua lepra. Disse-lhe, então, Jesus: Olha, não o digas a ninguém, mas vai mostrar-te ao sacerdote e fazer a oferta que Moisés ordenou, para servir de testemunho ao povo.

Eu já conversei com muitas pessoas que se propuseram a ler a Bíblia. Com bastante frequência, elas relatam experiências como esta: "Eu comecei bem. Li todo o livro de Gênesis. Ele já era um pouco familiar para mim e foi uma leitura interessante, como um romance. Em seguida, passei ao livro de Êxodo. Foi como uma exibição de Cecil B. DeMille, e também me envolvi. Porém, quando cheguei em Levítico – com todas aquelas leis e todos aqueles detalhes das exigências para a adoração – tudo era tão estranho e chato, que perdi o interesse."

Talvez essa tenha sido sua experiência. Talvez seus esforços para ler a Bíblia inteira tenham sido interrompidos ao se deparar com passagens como esta:

> Disse o SENHOR a Moisés e a Arão: O homem que tiver na sua pele inchação, ou pústula, ou mancha lustrosa, e isto nela se tornar como praga de lepra, será levado a Arão, o sacerdote, ou a um de seus filhos, sacerdotes. O sacerdote lhe examinará a praga na pele; se o pelo na praga se tornou branco, e a praga parecer mais profunda do que a pele da sua carne, é praga de lepra; o sacerdote o examinará e o declarará imundo. Se a mancha lustrosa na pele for branca e não parecer mais profunda do que a pele, e o pelo não se tornou branco, então,

> o sacerdote encerrará por sete dias o que tem a praga. Ao sétimo dia, o sacerdote o examinará; se, na sua opinião, a praga tiver parado e não se estendeu na sua pele, então, o sacerdote o encerrará por outros sete dias. O sacerdote, ao sétimo dia, o examinará outra vez; se a lepra se tornou baça e na pele se não estendeu, então, o sacerdote o declarará limpo; é pústula; o homem lavará as suas vestes e será limpo. Mas, se a pústula se estende muito na pele, depois de se ter mostrado ao sacerdote para a sua purificação, outra vez se mostrará ao sacerdote (Lv 13.1–7).

O texto continua assim por três capítulos. Eu reconheço que é difícil nos empolgarmos com esse tipo de material bíblico, pois ele soa muito estranho à nossa experiência. Duvido que algum leitor, ao acordar pela manhã e encontrar uma lesão no corpo, tenha se perguntado se aquilo poderia ser lepra.

Por outro lado, se você ou um ente querido já fez uma biópsia por alguma razão e teve de esperar os resultados, sabe a ansiedade que isso provoca no coração. Há alguns anos, meu filho foi diagnosticado com linfoma de Hodgkin. A doença foi descoberta nos estágios iniciais, mas ele passou por toda a sequência de tratamentos quimioterápicos. Os médicos, entretanto, não fizeram radiação porque o declararam completamente livre do câncer. Recentemente, ele telefonou dizendo que havia descoberto um novo caroço e teria de fazer uma biópsia. Apesar disso, ele não estava nem um pouco preocupado. Disse-me:

— Pai, eu confio no Senhor quanto a essas coisas. Não estou preocupado com isso.

Pensei comigo: "Bom para você. Eu estou preocupado." Fiquei uma pilha de nervos durante três semanas, à espera do resultado da biópsia. Pela graça de Deus, ele estava completamente saudável. O sentimento de alívio quando recebemos um resultado bom de uma biópsia é maravilhoso.

Para um israelita da antiguidade, acordar com uma mancha estranha na pele e ter de fazer todos os exames prescritos pelo sacerdote era um exercício de terror, porque a pior doença que se podia contrair era a

lepra. Ela era a única doença em Israel que envolvia não somente um parecer médico, mas também um parecer eclesiástico. Não havia cura para a lepra nem qualquer medicamento capaz de sequer aliviar os sintomas. Por esse motivo, o tratamento clássico para essa doença em Israel, na época, era a quarentena. Assim que a pústula era considerada lepra, a pessoa era removida da família, do povoado e afastada de toda interação com seres humanos, exceto outros leprosos. O doente era declarado impuro, o que significava que ele não mais podia participar da comunidade religiosa israelita. Receber tal diagnóstico era, de fato, algo terrível.

Um leproso com fé

Isso me leva a Mateus 8. Nesse capítulo, Mateus apresenta relatos de vários milagres que Jesus realizou. O primeiro deles foi a cura de um leproso, o que, naquela época da história, era tão impressionante quanto levantar alguém dentre os mortos.

Mateus escreve: **Ora, descendo ele do monte, grandes multidões o seguiram** (v. 1). O sermão da montanha aumentou o número de seguidores de Jesus; ele passou o restante do ministério basicamente cercado por multidões. Mateus, então, observa: **E eis que um leproso, tendo-se aproximado, adorou-o, dizendo: Senhor, se quiseres, podes purificar-me** (v. 2). A palavra traduzida como "adorou" aqui não está clara no grego. Ela pode simplesmente significar que o homem prestou reverência a Jesus, como se faz diante de um rei ou outra pessoa digna de grande respeito.

Seja como for, o leproso prostrou-se perante Jesus e disse: "Senhor, se quiseres, podes purificar-me." Que incrível declaração de fé. Esse leproso claramente tinha ouvido falar de Jesus. Eu não sei como ele pôde receber qualquer tipo de notícia, visto que os leprosos ficavam extremamente isolados da vida comunitária. De alguma forma, entretanto, a fama que

percorria toda a terra a respeito daquele médico extraordinário havia alcançado os leprosos, e este homem foi convencido. Assim, ele se prostrou perante Jesus e confessou: "Eu não sei se o senhor me purificará, mas sei que é capaz disso."

Quando me ponho de joelhos diante de Deus por algo que está me preocupando, eu sei, sem sombra de dúvidas, que ele pode lidar com qualquer questão que lhe seja apresentada. No entanto, eu também tenho consciência suficiente da soberania de Deus para entender que, com muita frequência, ele ouve meus pedidos mas se recusa a atendê-los. Em outras palavras, ele não está sempre disposto a fazer o que eu peço. Quando ouvimos tal resposta de Deus, temos de prosseguir em nossa vida cristã, dizendo: "Deus, se não é isto o que agrada o senhor, se esta não é a sua vontade, tudo bem. Seja feita a sua vontade, não a minha." É assim que Jesus nos ensinou a orar (Mt 6.10) e é isso o que ele mesmo fez quando lutou com o Pai no jardim do Getsêmani, dizendo: "não seja como eu quero, e sim como tu queres" (Mt 26.39). O leproso parece ter entendido isso, pois expressou confiança de que Jesus *podia* curá-lo *se* esta fosse sua vontade.

Como Jesus respondeu? A primeira coisa que ele fez foi surpreendente: **E Jesus, estendendo a mão, tocou-lhe** (v. 3a). Ele colocou a mão no corpo repulsivo de um leproso. Isso violava todos os princípios da sociedade na época. Em seguida, disse: **Quero, fica limpo! E imediatamente ele ficou limpo da sua lepra** (v. 3b). Jesus restabeleceu completamente aquela criatura miserável. O homem, que nada podia fazer para purificar-se, foi purificado pelo toque de Jesus. Jesus fez por ele o que ninguém mais no mundo poderia fazer.

Mateus, em seguida, escreve: **Disse-lhe, então, Jesus: Olha, não o digas a ninguém** (v. 4a). Jesus não queria que toda a gente se aglomerasse ao seu redor em busca de cura, perdendo de vista o objetivo de seu ministério. Em vez disso, disse ao homem: **mas vai mostrar-te ao**

sacerdote e fazer a oferta que Moisés ordenou, para servir de testemunho ao povo (v. 4b). Ele o instruiu a fazer o que a lei de Deus exigia em Levítico. Ele precisava voltar ao sacerdote a fim de que este o examinasse. O sacerdote, então, poderia declará-lo limpo e permitir que retornasse ao seu vilarejo e à sua família.

O que Jesus quis dizer com "fazer a oferta que Moisés ordenou, para servir de testemunho ao povo"? A lei de Deus no Antigo Testamento exigia que as pessoas curadas da lepra oferecessem um sacrifício. Elas tinham de trazer uma oferta. Tais pessoas, entretanto, eram pobres. Afinal, que tipo de produtividade, que tipo de negócio ou comércio um leproso poderia ter na antiguidade? Uma vez que a pobreza dos leprosos costumava ser extrema, a lei de Deus apresentava disposições especiais. Se um indivíduo curado fosse especialmente pobre, ele era autorizado a oferecer um sacrifício inferior ao que era exigido da população geral.

Reação de gratidão

Nesta história, vemos maravilhosas demonstrações da compaixão de Jesus (ao tocar um leproso e estar disposto a curá-lo) e de seu poder (ao curar o homem de uma doença mortal). Contudo, há outra aplicação aqui que não podemos, de forma alguma, deixar passar.

Se você foi regenerado pelo poder do Espírito Santo, se você é convertido, então foi purificado de algo muito mais mortal do que a lepra. Você foi purificado de todos os seus pecados. Quando, pelo chamado do Espírito, você veio a Cristo e pediu humildemente para ser liberto da culpa e da vergonha do seu pecado, ele disse: "Quero, fica limpo!" Por isso, agora você pode se colocar diante de Deus, purificado do pecado e vestido com a perfeita justiça de Cristo. Se Jesus, entretanto, ordenava que o leproso fizesse uma oferta em resposta à sua cura, qual deveria ser então nossa resposta?

Quando Jesus nos salvou, ele nos comprou por um preço elevado (1Co 6.20; 7.23). Nós não somos donos de nós mesmos. Na verdade, não somos donos de nada. Ele é dono daquilo que somos e de tudo o que temos. Cristo, porém, nos deu uma pérola de grande valor (Mt 13.46) e, em troca, pede-nos uma simples declaração de gratidão: "Trazei todos os dízimos à casa do Tesouro" (Ml 3.10a). Ele nos pede para ofertar um décimo de tudo o que recebemos. Sim, isso pode ser difícil de fazer, mas é o que ele espera de nós. Não é apenas um clichê quando dizemos que o Senhor ama quem dá com alegria. Ele gosta muito quando uma pessoa se aproxima com sua oferta e diz: "Aqui está minha oferta, Senhor. Mal posso esperar para apresentá-la. Fico feliz por ter a oportunidade de entregá-la ao senhor, pois o que lhe dou nada mais é do que aquilo que o senhor já havia me dado."

Não consigo imaginar o leproso dizendo a Jesus: "Obrigado por me deixar são. Fico feliz em me apresentar ao sacerdote e quero que ele me conceda aquele certificado que levarei para casa, mostrarei à minha família e ao meu povoado e direi: 'Eis-me aqui. Estou curado. Não preciso mais gritar "Imundo! Imundo!" quando vocês se aproximarem.' Mas, por favor, não me peça uma oferta. Você realmente não espera que eu faça um sacrifício depois de tudo o que fez por mim, não é?" Posso apenas imaginar que o leproso fez a oferta com alegria, pois devia estar mais grato do que as palavras poderiam expressar. Portanto, nós, que fomos purificados de uma lepra muito pior, devemos estar dispostos a apresentar a oferta que nosso médico gracioso exige.

O CRIADO DO CENTURIÃO E A SOGRA DE PEDRO

Mateus 8.5-15



Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, apresentou-se-lhe um centurião, implorando: Senhor, o meu criado jaz em casa, de cama, paralítico, sofrendo horrivelmente. Jesus lhe disse: Eu irei curá-lo. Mas o centurião respondeu: Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; mas apenas manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado. Pois também eu sou homem sujeito à autoridade, tenho soldados às minhas ordens e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu servo: faze isto, e ele o faz. Ouvindo isto, admirou-se Jesus e disse aos que o seguiam: Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta. Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus. Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes. Então, disse Jesus ao centurião: Vai-te, e seja feito conforme a tua fé. E, naquela mesma hora, o servo foi curado. Tendo Jesus chegado à casa de Pedro, viu a sogra deste acamada e ardendo em febre. Mas Jesus tomou-a pela mão, e a febre a deixou. Ela se levantou e passou a servi-lo.

Em seu Evangelho, Mateus costuma organizar o material por assunto, e não por ordem cronológica. Podemos constatar esse fato nas seções imediatamente seguintes ao sermão do monte, em que ele reúne uma série de histórias milagrosas. Nós já analisamos o primeiro destes milagres no capítulo anterior, a respeito da cura de um leproso, e examinaremos mais dois neste capítulo. A primeira das duas curas, relativa ao criado do centurião, é muito importante para nós, pois fala muitíssimo sobre o que significa ser cristão. Conforme veremos, há um elemento de aplicação ligado bem ao cerne do cristianismo.

Mateus começa assim: **Tendo Jesus entrado em Cafarnaum, apresentou-se-lhe um centurião, implorando** (v. 5). Cafarnaum, a cidade onde Jesus viveu e estabeleceu sua base durante o ministério galileu, era um dos muitos municípios e povoados ao longo da costa noroeste do mar da Galileia. Ela possuía uma movimentada indústria de pesca, bem como numerosos mercadores, artesãos e escribas. Embora não fosse um forte posto avançado romano, havia alguns soldados estabelecidos ali. O centurião era um oficial no comando de cem soldados. É muito possível que, sendo tão pequena a guarnição em Cafarnaum, o homem que foi até Jesus nesta história fosse o oficial romano mais importante da cidade. Apesar disso, ele se apresentou com extrema humildade, não simplesmente pedindo ajuda a Jesus, mas implorando por ela.

Qual foi o pedido do centurião? Mateus conta-nos que ele disse: **Senhor, o meu criado jaz em casa, de cama, paralítico, sofrendo horrivelmente** (v. 6). O centurião não explicou por que o criado estava paralítico. Poderia ter sido consequência de um ferimento, de um derrame ou de alguma outra enfermidade. Infelizmente, naquela época, quando alguém sofria uma paralisia, esta era considerada uma condição permanente. O servo, porém, não estava somente paralisado; ele estava "sofrendo horrivelmente". Agora ficamos ainda mais no escuro, pois não nos é explicitado se o criado estava sofrendo por causa de dor ou algum outro motivo.

Quando analisamos a cura do leproso realizada por Jesus no capítulo anterior, vimos que o doente disse: "Senhor, se quiseres, podes purificar-me." Não havia dúvida em sua mente quanto à capacidade ou o poder de Jesus para curar a lepra; a única dúvida dele dizia respeito à vontade de Jesus para tanto. Cristo garantiu-lhe: "Quero", e purificou-o. Seu desejo de adentrar no tormento daqueles que o cercavam manifestou-se mais uma vez em sua resposta imediata ao rogo do centurião em favor do criado: **Eu irei curá-lo** (v. 7).

A fé de um gentio

Ora, eu esperaria que o centurião ficasse feliz com a resposta de Jesus e dissesse: "Ótimo, vamos lá. Vamos rápido. Não podemos perder um minuto, porque, enquanto conversamos, meu criado está sofrendo." Mas não foi isso o que ele disse. Em vez disso, **o centurião respondeu: Senhor, não sou digno de que entres em minha casa; mas apenas manda com uma palavra, e o meu rapaz será curado** (v. 8). O centurião respondeu: "Não, Jesus, o senhor não precisa vir comigo. Seria inapropriado entrar em minha casa. Não sou digno de recebê-lo ali."

Conforme já notamos no desejo de Jesus de tocar o leproso, as convenções sociais nada significavam para ele quando o assunto era redimir sofredores. Ele não hesitou em ir à casa do centurião romano, mas o centurião hesitou em receber Jesus sob o seu teto. Talvez ele estivesse ciente de que as regras e os regulamentos judaicos proibiam o povo de entrar na residência dos gentios, pois estes eram considerados cerimonialmente impuros. Talvez ele soubesse que os judeus odiavam os romanos como qualquer povo conquistado odeia seus conquistadores. Seja como for, ele ficou relutante com a ideia de Jesus entrar em sua casa.

O centurião prosseguiu: **Pois também eu sou homem sujeito à autoridade, tenho soldados às minhas ordens e digo a este: vai, e ele vai; e a outro: vem, e ele vem; e ao meu servo: faze isto, e ele o faz** (v. 9). O centurião alegou estar perfeitamente familiarizado com questões de autoridade, visto que ele próprio estava sob a autoridade de superiores e, ao mesmo tempo, exercia autoridade sobre os soldados. No entanto, eu acredito que existe aqui uma sugestão sutil de reconhecimento de que Jesus falava sob autoridade – a autoridade de Deus. Ele comunicava a autoridade de Deus sempre que falava, como vimos em Mateus 7.29. Além disso, o centurião reconheceu claramente que Jesus tinha autoridade para curar. Logo, ele simplesmente reconheceu a autoridade e a capacidade que Jesus tinha de curar o servo com apenas uma palavra.

Mateus, então, escreve: **Ouvindo isto, admirou-se Jesus** (v. 10a). Esta é uma das duas únicas vezes em todo o Novo Testamento que o verbo grego *thaumazō* é empregado com relação a Jesus. Ele significa "maravilhar-se" ou "admirar-se". Esta palavra é utilizada com frequência nos relatos dos milagres de Cristo, mas com a função de descrever a reação de quem testemunhava os sinais. A reação normal era de admiração ou espanto. Aqui, entretanto, Jesus é quem estava admirado; e o que o admirou foi a fé do gentio. Ele **disse aos que o seguiam: Em verdade vos afirmo que nem mesmo em Israel achei fé como esta** (v. 10b).

Jesus não parou por aí. Ele prosseguiu declarando as implicações maiores da existência de tal fé em um gentio, no lugar de um israelita: **Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente e tomarão lugares à mesa com Abraão, Isaque e Jacó no reino dos céus. Ao passo que os filhos do reino serão lançados para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes** (v. 11-12). Isto é incrível. Jesus diz que pessoas de toda a terra fariam parte do reino dos céus, ao passo que muitos israelitas seriam lançados fora, para o sofrimento eterno. Ele estava profetizando o acesso ao reino de Deus para os gentios, que se iniciou com a igreja primitiva, conforme registrado no livro de Atos.

A promessa de Deus

Um amigo meu, que mora no oeste dos Estados Unidos, escreveu-me recentemente dizendo que estava planejando uma festa surpresa para a esposa, que completaria 50 anos. Ele organizaria uma "festa bíblica". Eu nunca tinha ouvido falar de uma festa bíblica, mas ele explicou do que se tratava na carta. Durante o evento, cada convidado citaria seu versículo bíblico favorito e explicaria por que ele era tão importante. Meu amigo sabia que Vesta e eu não poderíamos comparecer, pois moramos muito longe, então ele nos pediu para gravar um vídeo com nosso versículo

preferido a fim de ser reproduzido na festa. Nós achamos essa ideia maravilhosa e, assim, gravamos um vídeo curto em que eu compartilhava meu versículo preferido e explicava o motivo. Em seguida, gravei um para Vesta, pois ela não conseguia falar sobre seu versículo favorito sem começar a chorar.

Meu versículo preferido das Escrituras é Gênesis 15.17: "E sucedeu que, posto o sol, houve densas trevas; e eis um fogareiro fumegante e uma tocha de fogo que passou entre aqueles pedaços." Em conferências, acontece de as pessoas me pedirem para autografar livros e até mesmo Bíblias, e, às vezes, elas me pedem para escrever o "versículo da minha vida". Eu não sei ao certo o que é um versículo de vida, mas passei a citar Gênesis 15.17 nessas situações. Praticamente todas as vezes em que acrescento essa passagem à minha assinatura, as pessoas voltam 10 ou 15 minutos depois e perguntam: "É esse versículo mesmo que o senhor pretendia citar?" Quando confirmo, elas questionam: "Esse é o seu versículo preferido?" Ao responder que sim, elas sempre indagam o motivo, e eu tenho de explicar.

Gênesis 15 relata a ocasião em que Deus renovou sua promessa de dar a Abraão a terra de Canaã. O patriarca perguntou: "como saberei que hei de possuí-la?" (v. 8). Deus condescendeu à fraqueza de Abraão – que, no fundo, era incredulidade. Ele o mandou tomar uma novilha, uma cabra, um cordeiro, uma rola e um pombo, cortá-los em pedaços e dispor as partes em duas fileiras, formando um caminho. Depois que Abraão obedeceu, Deus o fez cair em sono profundo, durante o qual "um fogareiro fumegante e uma tocha de fogo [...] passou entre aqueles pedaços".

O livro de Hebreus esclarece-nos esse estranho acontecimento: "Pois, quando Deus fez a promessa a Abraão, visto que não tinha ninguém superior por quem jurar, jurou por si mesmo, dizendo: Certamente, te abençoarei e te multiplicarei" (6.13-14). O autor de Hebreus

compreendeu que aquilo fora uma teofania, que Deus havia se manifestado no fogareiro fumegante e na tocha de fogo e que ali fizera uma aliança com Abraão, dizendo-lhe simbolicamente: "Se eu não cumprir minha palavra, que eu seja despedaçado, assim como você partiu esses animais em duas metades. Juro por mim mesmo, pelo meu caráter santo." Foi assim que Deus tranquilizou Abraão. E a tranquilidade que Deus transmitiu a Abraão tranquiliza-me. Ela me lembra de que Deus não pode quebrar sua palavra.

Os versículos favoritos de Vesta são 1João 3.1-2:

> Vede que grande amor nos tem concedido o Pai, a ponto de sermos chamados filhos de Deus; e, de fato, somos filhos de Deus. Por essa razão, o mundo não nos conhece, porquanto não o conheceu a ele mesmo. Amados, agora, somos filhos de Deus, e ainda não se manifestou o que haveremos de ser. Sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque haveremos de vê-lo como ele é.

Essa passagem lembra-nos de que, algum dia, teremos a visão beatífica. Veremos Deus face a face, e a luz de seu semblante nos inundará de glória.

Experiência versus Escritura

No início da década de 1960, o movimento carismático começou a se infiltrar nos círculos luteranos, anglicanos e até mesmo presbiterianos. No primeiro ano em que lecionei na faculdade, parecia-me que todos os alunos da turma de teologia haviam aderido à fé pentecostal. Eles falavam em línguas, tinham experiências exóticas e faziam todo o tipo de pergunta que eu não sabia responder. Aqueles alunos tornaram-se muito interessados no poder de Deus e se empolgavam com o assunto, a ponto de passarem a viver apenas por fé nele. Por exemplo, se por acaso acabasse a gasolina do carro em que estivessem, eles impunham as mãos no tanque, crendo que Deus faria o carro funcionar sem necessidade de combustível. Deixei-me levar pelo entusiasmo deles, mas, durante aquela

fase, eu era continuamente frustrado por expectativas não correspondidas. Felizmente, Deus me ajudou a ver que eu não podia viver minha vida cristã por sentimentos e experiências. Percebi que precisava da Palavra de Deus, pois é nela que encontro minha estabilidade, minha confiança, minha capacidade de perseverar e minha esperança. Se esta ou aquela experiência provêm do Espírito Santo, nunca sei ao certo. Mas isto eu sei: a Bíblia é a Palavra de Deus.

Em minha vida, eu já tive algumas experiências inefáveis de ser subjugado e envolto pela presença de Deus. Essas experiências foram tão profundas, tão agudas, que eu teria ficado satisfeito se morresse ali mesmo. Cheguei a dizer: "Basta. Não preciso de mais nada." Tenho certeza de que muitos de vocês, leitores, sabem do que estou falando, por terem vivenciado experiências semelhantes da doce presença de Jesus. Nada se assemelha a elas. Porém, em 50 anos de vida cristã, tais experiências foram muito raras, e elas não podem ser demandadas. Não existe fórmula para provocar uma manifestação soberana da presença de Deus.

No entanto, sempre posso confiar na Palavra de Deus. Não preciso ter uma experiência mística a fim de ouvir a Palavra. Ela está disponível a mim todos os dias. Tudo o que tenho de fazer é abrir o livro, pois, quando abro o livro, eu contemplo a Palavra de Deus. Sempre que sou tentado a buscar o êxtase das experiências, trago à memória a grande tentação e o grande teste de Jesus no deserto, ocasião em que Satanás lançou todos os horrores do inferno contra ele. Jesus respondeu ao diabo, dizendo: "Não só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus" (Mt 4.4). Nós desfrutaremos da presença imediata de Deus por toda a eternidade, mas, por agora, devemos viver pela sua Palavra.

Essa é a lição do centurião. Ele estava dizendo a Jesus: "O senhor não precisa vir. Apenas diga a palavra, e meu criado será curado. Eu conheço

o poder da sua palavra. Sei que o universo está aqui porque o senhor o trouxe à existência pela fala. O senhor disse: 'Haja luz', e houve luz. Eu creio que toda a autoridade no céu e na terra foi dada ao senhor."

Jesus maravilhou-se com a fé do romano. Então, disse: **Vai-te, e seja feito conforme a tua fé. E, naquela mesma hora, o servo foi curado** (v. 13). Jesus não tocou o paralítico como havia tocado o leproso. Ele simplesmente ordenou sua cura, e ela aconteceu.

É disso que trata a fé cristã: "Fala, SENHOR, porque o teu servo ouve" (1Sm 3.9). A Palavra de Deus tem poder para mudar nossa vida. Podemos depender dela e viver por ela.

Mateus diz: **Tendo Jesus chegado à casa de Pedro, viu a sogra deste acamada e ardendo em febre. Mas Jesus tomou-a pela mão, e a febre a deixou. Ela se levantou e passou a servi-lo** (v. 14-15). Jesus deixou o centurião e foi à casa de Pedro, onde encontrou a sogra deste acamada. Ele a curou também, e, como sinal de que a cura fora completa, ela se levantou da cama e serviu Jesus e aqueles que estavam com ele. O termo grego empregado aqui é *diakoneō*, do qual provém a palavra *diácono*. Ele é apropriado, visto que a única resposta legítima ao poder de cura de Jesus é servi-lo.

O MÉDICO QUE HAVIA DE VIR

Mateus 8.16-17



> Chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados; e ele meramente com a palavra expeliu os espíritos e curou todos os que estavam doentes; para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: Ele mesmo tomou as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças.

Após concluir o relato do sermão do monte, Mateus coloca diante de nós uma série de episódios mostrando Jesus envolvido na cura de pessoas doentes, sofredoras e à beira da morte. Vimos a cura do leproso (8.1-4), a cura do criado paralítico do centurião (v. 5-13) e a cura da sogra de Pedro, que tinha febre (v. 14-15). Os dois versículos seguintes no Evangelho de Mateus basicamente resumem o aspecto do ministério de Jesus relacionado à cura.

Mateus escreve: **Chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados; e ele meramente com a palavra expeliu os espíritos e curou todos os que estavam doentes** (v. 16). Depois de três relatos de curas específicas, Mateus fala sobre uma sessão de múltiplas curas, mostrando-nos o poder de Cristo para expulsar espíritos malignos e libertar pessoas de doenças.

Em seguida, Mateus explica por que Jesus fez isso. Certamente ele foi movido por compaixão diante da dor das pessoas a quem ministrava. Lemos repetidas vezes nos Evangelhos que Jesus se comovia profundamente com o sofrimento que observava entre o povo (Mt 14.14; 20.34; Mc 1.41; 6.34; Lc 7.13). Por causa do intenso sentimento de

compaixão, ele atendia às necessidades do povo. Mas havia algo além disso.

Conforme já vimos, Mateus costuma se esforçar para mostrar como o ministério de Cristo cumpriu profecias do Antigo Testamento, e ele o faz novamente nesta passagem. O evangelista diz que Jesus curava as pessoas **para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: Ele mesmo tomou as nossas enfermidades e carregou com as nossas doenças** (v. 17).

No grego, esse versículo apresenta um mecanismo literário chamado oração final; ou seja, a passagem comunica-nos o motivo maior por que Jesus fez aquelas coisas. Ele conscientemente desejava cumprir uma profecia muito especial do Antigo Testamento, uma profecia a respeito do Servo sofredor de Deus.

Em Isaías 53, o profeta escreveu:

> Quem creu em nossa pregação?
> E a quem foi revelado o braço do SENHOR?
> Porque foi subindo como renovo perante ele
> e como raiz de uma terra seca;
> não tinha aparência nem formosura;
> olhamo-lo,
> mas nenhuma beleza havia que nos agradasse.
> Era desprezado e o mais rejeitado entre os homens;
> homem de dores e que sabe o que é padecer;
> e, como um de quem os homens escondem o rosto,
> era desprezado, e dele não fizemos caso.
>
> Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades
> e as nossas dores levou sobre si;
> e nós o reputávamos por aflito,
> ferido de Deus e oprimido.
> Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões
> e moído pelas nossas iniquidades;
> o castigo que nos traz a paz estava sobre ele,
> e pelas suas pisaduras fomos sarados.
> Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas;

cada um se desviava pelo caminho,
mas o SENHOR fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos.

Ele foi oprimido e humilhado,
mas não abriu a boca;
como cordeiro foi levado ao matadouro;
e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores,
ele não abriu a boca.
[…] Porquanto foi cortado da terra dos viventes;
por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido.

[…] Todavia, ao SENHOR agradou moê-lo,
fazendo-o enfermar […].
[…] o meu Servo, o Justo, com o seu conhecimento, justificará a muitos,
porque as iniquidades deles levará sobre si.
Por isso, eu lhe darei muitos como a sua parte,
e com os poderosos repartirá ele o despojo,
porquanto derramou a sua alma na morte;
foi contado com os transgressores;
contudo, levou sobre si o pecado de muitos
e pelos transgressores intercedeu.

Se há algum texto no Antigo Testamento que a igreja do Novo Testamento utilizava para explicar o ministério de Jesus, o texto é esse. Não é difícil entender por quê – Isaías 53 tem como foco o fato de que Deus depositou os pecados do seu povo sobre seu Cordeiro sacrificial. Quando pensamos na morte expiatória de Jesus, fixamos nosso olhar quase exclusivamente em sua pessoa redimindo-nos do pecado e resgatando-nos da ira de Deus, que sobrevirá no juízo final. Mas, de certa forma, essa é uma compreensão simplista do ministério de Jesus.

Salvos do pecado e de suas consequências

Jesus salvou-nos não somente da ira de Deus, provocada pelo pecado, mas também das consequências do pecado. Naturalmente, a maior consequência é o juízo de Deus. Todavia, vivemos em um mundo caído, um mundo corrompido, um mundo corrupto, um mundo doente, um

mundo à beira da morte. É um mundo chamado de "vale de lágrimas" porque, no estado caído em que vivemos, a alegria da vida é constantemente arruinada por dor, enfermidade, sofrimento e morte. Se sua igreja apresenta pedidos de oração no boletim dos cultos, você vê semanalmente os nomes dos irmãos que estão sofrendo ou enlutados. Todas essas doenças, dores e mortes estão presentes no mundo, de acordo com a Bíblia, por causa do pecado.

Sem dúvidas, devemos ter cuidado para não concluir precipitadamente que existe uma correlação direta entre o pecado e o sofrimento. Não podemos pressupor que todos aqueles que sofrem com algum tipo de doença ou dor cometeram uma transgressão específica. Os amigos de Jó incorreram nesse erro ao dizer que ele certamente havia pecado, pois, caso contrário, não estaria enfrentando um sofrimento tão intenso. Da mesma forma, os discípulos de Jesus aproximaram-se dele e perguntaram: "Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?" (Jo 9.2). Jesus respondeu: "Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus" (v. 3). Cristo não quis dizer que o homem e seus pais jamais haviam pecado, mas que nenhum dos pecados deles fora a causa da cegueira. O homem tinha nascido cego para que Jesus fosse glorificado na cura. Assim, é provável que nem sempre saibamos o motivo por que o sofrimento está presente em nossa vida ou na vida dos outros.

O que de fato sabemos é que todo o sofrimento está, em última análise, relacionado com o pecado. Se não houvesse pecado no mundo, não haveria qualquer doença, sofrimento ou morte.

Paulo ensinou que, "assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram" (Rm 5.12). Quando a raça humana caiu com Adão, não só o pecado entrou no mundo, mas também a morte, e toda a criação foi trazida a um estado de sofrimento e dor. É

por isso que Paulo afirma que "toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias" (Rm 8.22), aguardando a redenção dos filhos de Deus para a consumação final do triunfo de Jesus.

Um dia em que não haverá mais lágrimas

O Livro de Apocalipse mostra-nos uma imagem encantadora de como a vida será quando o mundo for renovado. Lemos:

> Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. (21.1-4)

Quando a obra final da redenção divina for concluída e todas as coisas se tornarem novas, Deus habitará em meio ao seu povo no novo céu e na nova terra. Quando esse dia chegar, Deus "lhes enxugará dos olhos toda lágrima".

Quando eu era criança, sempre sofria pequenos ferimentos ao brincar na rua – ralava o cotovelo ou batia o dedão – e, então, começava a chorar. Quando isso acontecia, eu ia direto para casa, pois o que eu mais queria naquele momento era minha mãe. Ainda hoje, quando ouço uma criança chorar e dizer: "Eu quero a minha mãe", eu me lembro desse sentimento. Eu também queria a minha mãe. Nessas situações, eu ia até ela. Eu costumava encontrá-la na cozinha, e ela geralmente estava de avental. Enquanto me segurava, ela se inclinava, pegava a ponta do avental e enxugava minhas lágrimas. Eu ainda me lembro disso. Uma das experiências mais tenras pelas quais o ser humano pode passar é ter suas lágrimas enxugadas por alguém. Minha mãe dizia: "Deixe isso para lá e

me dê um sorriso." Após ser consolado, eu sorria e voltava para fora a fim de brincar mais um pouco.

É claro que, uma hora ou outra, eu me machucaria de novo. Uma hora ou outra, eu tornaria a procurar minha mãe, e ela enxugaria minhas lágrimas mais uma vez. No entanto, Deus diz que está chegando o dia em que ele enxugará as nossas lágrimas, e, quando ele enxugar nossas lágrimas, este será o fim delas. No novo céu e na nova terra, não haverá mais necessidade de lágrimas de tristeza, pois não haverá mais morte, doença ou dor.

Isso parece bom demais para ser verdade. Contudo, é verdade, pois Jesus cumpriu a profecia de Isaías a respeito do Servo sofredor de Jeová, o Servo que Deus enviaria ao mundo com o propósito explícito de sofrer no lugar de seu povo.

Quando olhamos para a cruz, vemos que Deus Pai colocou o pecado de todo o seu povo sobre o próprio Filho. Deus imputou o pecado cometido por mim e por você ao seu Servo. Enquanto se encontrava pendurado na cruz, Jesus estava sob a maldição de Deus por nossa traição universal. Mas isso não é tudo. Não somente o nosso pecado foi colocado em Jesus, mas também todas as nossas enfermidades. Deus colocou câncer nele. Colocou doença cardíaca. Colocou diabetes. Colocou lepra. Ele colocou em Jesus todas as doenças que afligem a raça humana. "Certamente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si." Não só o nosso pecado foi removido, mas também todas as consequências dele.

Pode ser que você se pergunte: "Se isso é verdade, por que então as pessoas adoecem e morrem?" Pelo mesmo motivo que ainda pecamos. A obra da redenção ainda não está completa. Porém, quando Deus terminar essa grande obra, o pecado não mais existirá e, por conseguinte, todas as suas consequências desaparecerão também. Está chegando o

tempo: não haverá mais doença, não haverá mais tristeza, não haverá mais dor, não haverá mais morte e não haverá mais lágrimas.

O CUSTO DO DISCIPULADO

Mateus 8.18-22



> Vendo Jesus muita gente ao seu redor, ordenou que passassem para a outra margem. Então, aproximando-se dele um escriba, disse-lhe: Mestre, seguir-te-ei para onde quer que fores. Mas Jesus lhe respondeu: As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça. E outro dos discípulos lhe disse: Senhor, permite-me ir primeiro sepultar meu pai. Replicou-lhe, porém, Jesus: Segue-me, e deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos.

Durante o ministério de Jesus, quase todos os escribas e fariseus eram extremamente hostis a ele e o resistiam a todo momento. É por isso que esta passagem do Evangelho de Mateus é tão extraordinária. Aqui, lemos sobre um escriba que, por incrível que pareça, se aproximou de Jesus com profundo entusiasmo e desejo de ser seu discípulo.

Mateus diz: **Vendo Jesus muita gente ao seu redor, ordenou que passassem para a outra margem** (v. 18). Talvez Jesus quisesse atravessar o mar da Galileia na tentativa de encontrar um lugar tranquilo que oferecesse descanso a ele e aos discípulos após uma temporada atarefada do ministério. Eles estavam prestes a partir quando, **aproximando-se dele um escriba, disse-lhe: Mestre, seguir-te-ei para onde quer que fores** (v. 19).

Esta é uma incrível afirmação e declaração de comprometimento. Quando lemos as páginas das Escrituras atentamente, encontramos declarações semelhantes de dedicação. No entanto, muitas vezes verificamos que essas grandiosas profissões de lealdade desvanecem

quando a tribulação vem. O apóstolo Paulo advertiu: “Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia” (1Co 10.12).

Imagine, por um momento, Pedro no cenáculo celebrando a ceia do Senhor com Jesus e os outros discípulos. Jesus olhou para ele e disse: “Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou para vos peneirar como trigo! Eu, porém, roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; tu, pois, quando te converteres, fortalece os teus irmãos” (Lc 22.31-32). Como foi que Simão Pedro respondeu quando Jesus olhou-o nos olhos e disse que Satanás o queria para si? Ele disse: “Senhor, estou pronto a ir contigo, tanto para a prisão como para a morte” (v. 33). As declarações de lealdade não conseguem ser muito mais fortes do que essa. Contudo, Jesus limitou-se a dizer: “Afirmo-te, Pedro, que, hoje, três vezes negarás que me conheces, antes que o galo cante” (v. 34). O resto, como se diz, é história.

Da mesma forma, na última carta de Paulo – sua segunda epístola a Timóteo – ele falou sobre Demas. Temos de acreditar que ele nunca teria levado Demas junto caso este não tivesse expressado um forte comprometimento com a iniciativa apostólica. Ele trabalhava lado a lado com Paulo. Porém, quando foi deixado sozinho na prisão, Paulo disse a Timóteo: “Porque Demas, tendo amado o presente século, me abandonou e se foi para Tessalônica” (2Tm 4.10).

Resposta ao chamado

Na época de minha conversão, eu fazia parte de um grupo de cristãos que se reunia frequentemente para estudar a Bíblia e cantar hinos em volta do piano, e foi então que aprendi alguns cânticos evangélicos antigos que nunca mais esqueci. Um deles foi “Para onde for, irei”. Eu o entoava toda semana, com entusiasmo e sinceridade. Ao longo dos anos de meu ministério, entretanto, houve muitos momentos em que Jesus foi por um caminho, e eu, por outro. Eu era, sem dúvida, sincero quando cantava as seguintes palavras: “Posso ouvir meu Salvador chamando:

toma a tua cruz e segue-me, segue-me. […] Eu o seguirei por onde me conduzir; eu irei com ele, irei com ele por todo o caminho." Todavia, eu era como Agostinho, que orou na juventude: "Senhor, dá-me castidade e comedimento, mas não agora." Infelizmente, eu acho que essa hesitação quando se trata de seguir Jesus é característica de muitos de nós.

Outro hino evangélico antigo é o "Manso e suave". Eu amo esse hino, ou, pelo menos, parte dele. Há um verso na versão inglesa de que não gosto. Ele diz: "Por que tardamos quando Jesus suplica, suplica por ti e por mim?" A imagem que essas palavras passam é de Jesus chamando os pecadores para irem até ele por fé, mas não simplesmente chamando – suplicando. Jesus Cristo nunca implora para que alguém vá até ele. Ele ordena que todos o façam. A única súplica que ele faz é quando intercede junto ao Pai em favor de seu povo. Na verdade, nenhum indivíduo vai até Jesus sem que ele interceda em seu favor.

A teologia reformada é muito cuidadosa ao distinguir o chamado externo do chamado interno. O chamado externo é o que as pessoas ouviram quando Jesus falou às multidões, dizendo: "Vinde a mim". Ele chamou as pessoas para si. Ele ainda emite esse chamado hoje quando o evangelho é proclamado. No entanto, as únicas pessoas que vão até Jesus e permanecem com ele são aquelas chamadas não apenas exteriormente, mas também interiormente por Deus Espírito Santo. A teologia predominante no mundo ocidental hoje é a de que Jesus convida as pessoas. Elas o escolhem, depositam a confiança nele e, como consequência direta de sua fé, nascem de novo. Contudo, essa não é a visão de Paulo, Agostinho e inúmeros outros gigantes da fé. A Bíblia ensina que o coração tem de ser transformado pelo chamado interno de Deus Espírito Santo, o qual, por sua vez, produz a fé. Depois disso, a pessoa pode ir a Cristo.

É fundamental que compreendamos a diferença entre fazer uma profissão de fé e ter fé. Há multidões em todo o mundo que afirmam crer

em Jesus. Talvez essas pessoas tenham ido à frente em um culto evangelístico, escrito o nome em cartões ou feito uma oração de arrependimento. Elas podem ter realizado uma série de ações associadas à profissão de fé, mas o coração continuou sem regeneração. Essas são as pessoas acerca das quais Jesus advertiu no final do sermão do monte, dizendo: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus" (Mt 7.21a). É vital termos consciência de que realmente ouvimos o chamado interno de Cristo, pois somente aqueles que o ouviram perseverarão até o fim.

Assim sendo, o escriba foi até Jesus com muita presunção. Como Cristo reagiu? Ele fez uma advertência severa: **Mas Jesus lhe respondeu: As raposas têm seus covis, e as aves do céu, ninhos; mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça** (v. 20). É como se Jesus olhasse para ele e dissesse: "Eu aprecio suas palavras, mas você tem certeza de que compreende no que está se envolvendo? Você já calculou o preço de ser um discípulo?"

No final da década de 1930, à iminência da Segunda Guerra Mundial, o pastor de nacionalidade alemã Dietrich Bonhoeffer redigiu um pequeno livro intitulado *O preço do discipulado.* Nele, escreveu sobre o surgimento difundido daquilo que chamava de graça barata na igreja europeia da época: a ideia de que a graça não requer a disposição de seguir Jesus até a prisão ou a morte. Bonhoeffer protestou publicamente contra as maldades cometidas por Adolf Hitler, chegando a participar de um complô para assassiná-lo. Por fim, ele mesmo foi executado por Hitler e, assim, pagou o preço máximo do discipulado. Jesus quer discípulos que o sigam até o fim, e Bonhoeffer foi um deles.

O Filho do Homem

Jesus disse: "o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça". Esta é a primeira vez no Evangelho de Mateus que vemos Jesus aplicar o

título “Filho do Homem” a si mesmo. De todos os títulos que o Novo Testamento dá a Jesus, Filho do Homem está em terceiro lugar na lista em termos de frequência numérica. O título mais empregado no Novo Testamento é “Cristo”. Cristo não é o sobrenome de Jesus. Este é um de seus títulos, que significa “Messias” ou “Ungido”. O segundo título mais utilizado com relação a Jesus no Novo Testamento é “Senhor”. No entanto, a autodesignação preferida de Jesus é, de longe, Filho do Homem. Esta era sua forma preferida de definir-se.

Por que ele a utilizava? Um equívoco comum é achar que Jesus se denominava Filho do Homem, em vez de Filho de Deus, movido por um espírito de humildade, que o fazia procurar não ser muito grandioso nas autodescrições. Esse equívoco tem como origem a declaração feita no Concílio de Calcedônia de que Jesus é verdadeiramente Deus e verdadeiramente homem; uma única pessoa com duas naturezas, divina e humana. Sabendo que isso é verdade, acabamos concluindo que o título Filho de Deus refere-se à natureza divina, e o título Filho do Homem refere-se à natureza humana. Porém, esse não é o caso.

Sim, o título Filho do Homem indica a identificação de Jesus conosco. Contudo, a ênfase maior está na divindade, não na humanidade dele. Sabemos disso porque Jesus tomou o título de Daniel 7, texto no qual o profeta relata uma impressionante visão do céu. Lemos:

> Continuei olhando, até que foram postos uns tronos,
> e o Ancião de Dias se assentou […]. (v. 9a)

Daniel viu o tribunal de Deus. O trono foi preparado, e o Ancião de Dias, que é Deus Pai, assentou-se em seu lugar. Ele é descrito em termos magníficos:

> […] sua veste era branca como a neve,
> e os cabelos da cabeça, como a pura lã;
> o seu trono eram chamas de fogo,
> e suas rodas eram fogo ardente.

Um rio de fogo manava
e saía de diante dele;
milhares de milhares o serviam,
e miríades de miríades estavam diante dele;
assentou-se o tribunal,
e se abriram os livros. (v. 9b-10)

Em seguida, outro ator sobe no palco:

Eu estava olhando nas minhas visões da noite,
e eis que vinha com as nuvens do céu
um como o Filho do Homem,
e dirigiu-se ao Ancião de Dias,
e o fizeram chegar até ele.
Foi-lhe dado domínio, e glória, e o reino,
para que os povos, nações e homens de todas as línguas o servissem;
o seu domínio é domínio eterno,
que não passará,
e o seu reino
jamais será destruído. (v. 13-14).

Essa é uma profecia do retorno de Jesus ao céu após seu ministério terreno. Ele é transportado ao palácio celestial com nuvens de glória *shekiná* a fim de receber domínio e honra para todo o sempre. É o Filho do Homem que é exaltado dessa maneira. Logo, o título claramente não é de humildade.

Houve momentos durante o ministério em que Jesus utilizou este título em declarações surpreendentes a respeito de si. Em uma das ocasiões, ele se envolveu em uma discussão com os fariseus acerca do sábado. Jesus declarou: "O Filho do Homem é senhor do sábado" (Lc 6.5). Como os judeus entenderam essa declaração? Eles sabiam quem havia criado o sábado e estabelecido regras para ele. Fora Deus, naturalmente. Assim sendo, embora Jesus se designasse Filho do Homem, ele alegava ser Deus. Não se tratava de um exercício de humildade.

Em outra ocasião, ele disse a um paralítico: “Filho, os teus pecados estão perdoados” (Mc 2.5b). Os judeus ficaram chocados. Eles disseram: “Por que fala ele deste modo? Isto é blasfêmia! Quem pode perdoar pecados, senão um, que é Deus?” (v. 7). Quando Jesus percebeu o que se passava no pensamento deles, disse: “Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados – disse ao paralítico: Eu te mando: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa” (v. 10-11). O emprego que Jesus faz do título Filho do Homem para afirmar seu direito e poder de perdoar pecados não foi um exemplo de humildade.

Sempre que você estiver lendo a Bíblia e se deparar com o título Filho do Homem, é bom parar e se perguntar: “De que maneira o emprego que Jesus faz do título neste texto revela quem ele é?” Apliquemos esse questionamento à resposta que Jesus deu ao escriba. Ele disse: “o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça”. É como se ele estivesse lembrando o escriba de sua humilhação. Ele, Deus encarnado, não tinha onde reclinar a cabeça. Ele possuía todas as riquezas do céu, mas deixara tudo para trás a fim de ser encarnado e viver sem um travesseiro sequer para dormir. Não é difícil captar a mensagem transmitida ao escriba: ele também deveria esperar humilhação. Seguir Jesus tem um preço.

Sepultar os mortos

Em seguida, Mateus escreve: **E outro dos discípulos lhe disse: Senhor, permite-me ir primeiro sepultar meu pai. Replicou-lhe, porém, Jesus: Segue-me, e deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos** (v. 21-22). O discípulo declarou-se pronto para unir-se à causa, mas tinha alguns assuntos urgentes para tratar antes de dar sua total atenção a Jesus. Especificamente, ele disse que precisava sepultar o pai. Na cultura judaica da época, quando o pai da família morria, era responsabilidade suprema do filho mais velho assegurar-lhe um sepultamento apropriado.

Além disso, segundo a lei judaica, o filho mais velho era dispensado de todas as outras obrigações a fim de cumprir essa responsabilidade. Até mesmo suas atribuições religiosas eram postas de lado enquanto ele não sepultasse o pai.

No entanto, Jesus não levou em conta o costume cultural. "Segue-me", disse ele, "e deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos". Se houve alguma vez em que Jesus pareceu não ter compaixão, foi aqui. Naturalmente, sabemos que isso não é verdade; Jesus estava repleto de compaixão pelas pessoas a quem ministrava. Ele estava simplesmente lembrando o homem de que o chamado de Deus em sua vida era absoluto e imediato. Não havia desculpa terrena que lhe possibilitaria evitá-lo. Jesus estava dizendo: "Se você não for a pessoa a enterrar seu pai, não se preocupe. Ele será enterrado de qualquer maneira. Há multidões mortas em pecados por aí. Deixe que elas cuidem desses assuntos terrenos. Eu quero você e quero agora. Siga-me."

Quando eu era pequeno, gostava de me divertir em uma caixa de areia que ficava no quintal. Eu brincava com meus carrinhos – que eram de ferro fundido, caso você queira saber minha idade – e me envolvia de verdade naquilo. Após algum tempo, minha mãe colocava a cabeça para fora da janela e dizia: "Filho, entre para jantar!" Eu respondia: "Estou indo, mãe", mas ainda tinha algumas coisas para fazer com os carrinhos. Alguns minutos mais tarde, havia uma segunda chamada. Minha mãe dizia: "Jovem, venha para dentro imediatamente!" Quando ela falava "imediatamente", a palavra parecia ter umas oito sílabas. Nessa hora, eu me dava conta de que estava bem encrencado. Eu sabia que, quando ela me mandava fazer algo imediatamente, eu precisava me mexer. Por isso, sei como é receber um chamado urgente.

O chamado urgente que eu ouvia na época era de alguém cuja autoridade não era absoluta. A autoridade da minha mãe não era soberana. A autoridade dela não era divina. Porém, quando Jesus nos

chama, trata-se de um chamado absoluto, um chamado soberano, um chamado divino. Tal chamado exige uma resposta imediata.

A BONANÇA DO MAR

Mateus 8.23-27



> Então, entrando ele no barco, seus discípulos o seguiram. E eis que sobreveio no mar uma grande tempestade, de sorte que o barco era varrido pelas ondas. Entretanto, Jesus dormia. Mas os discípulos vieram acordá-lo, clamando: Senhor, salva-nos! Perecemos! Perguntou-lhes, então, Jesus: Por que sois tímidos, homens de pequena fé? E, levantando-se, repreendeu os ventos e o mar; e fez-se grande bonança. E maravilharam-se os homens, dizendo: Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?

Durante os anos de meu ministério, lecionei não apenas teologia, mas também apologética e filosofia. Além disso, logo que comecei a dar aulas no seminário, na década de 1960, recebi a atribuição de ministrar um curso aos veteranos sobre ateísmo. Ao longo deste curso, solicitei aos alunos que estudassem as obras de grandes ateus dos últimos séculos, como Karl Marx, Ludwig Feuerbach, Friedrich Nietzsche, Jean-Paul Sartre e Sigmund Freud. Uma das coisas que eu e meus alunos reparamos foi que havia um tema recorrente no pensamento daqueles filósofos, especialmente dos que trabalharam no século 19: eles queriam saber por que a religião era tão difundida no mundo.

Havia uma razão para tal interesse entre os filósofos. No século 18, a civilização ocidental vivenciou o que os historiadores chamaram de Iluminismo, o *Aufklärung*, que começou na Alemanha e difundiu-se pela França e Inglaterra. Um dos temas centrais do Iluminismo foi a alegação de que a hipótese divina não era mais necessária para explicar a origem do mundo e da vida humana. Dizia-se que a ciência revelava como estas

coisas haviam surgido sem a necessidade de Deus. A descoberta científica aclamada como a sentença de morte à hipótese divina era, naturalmente, a geração espontânea. Esta crença era a de que as coisas poderiam vir à existência a partir do nada. Assim, o antigo axioma *Ex nihilo nihil fit* – "Nada vem do nada" – foi desprezado por esta nova teoria, considerada capaz de explicar a origem de todas as coisas.

A propósito, esta ideia tem sido contestada nos últimos anos. Alguns anos atrás, eu li um artigo de um físico ganhador do Prêmio Nobel dizendo que não podemos mais acreditar na geração espontânea. Ele afirmou que as coisas não podem vir do nada espontaneamente. Além disso, disse que nós temos de corrigir o paradigma e substitui-lo pela geração espontânea gradual. Eu não podia acreditar que as palavras que eu estava lendo haviam sido escritas por um cientista tão ilustre. Ele simplesmente afirmou que é muito difícil obter algo do nada, e, por isso, temos de ser pacientes. Isso só acontece gradualmente.

Seja como for, a ideia da geração espontânea foi aceita por tantas pessoas no século 18, que muitos pensadores chegaram à conclusão de que era desnecessário refutar a existência de Deus, uma vez que a ciência já o tinha feito. O que restou para os filósofos do século 19 não foi tanto a batalha contra a existência de Deus, mas a explicação do motivo por que, se não há Deus, a humanidade é quase universalmente religiosa. Em quase todos os lugares, encontramos pessoas envolvidas em alguma religião. Se não há Deus, quem é que gera o conceito de religião? De onde vem a ideia?

Essa era a questão que os ateus do século 19 esforçavam-se para solucionar, e quase todos chegaram à mesma conclusão. Eles disseram que o que gera a crença em Deus entre os seres humanos é o medo das forças da natureza que ameaçam nos destruir. A ideia era a de que os seres humanos, por viverem em um universo impróprio à vida humana, precisam de uma espécie de muleta para ajudá-los a lidar com o tormento

que a natureza lhes apresenta. Na verdade, o universo não era bem considerado hostil à humanidade, mas indiferente – o que era ainda pior. Os filósofos alegavam que o universo simplesmente não se preocupa com nosso destino. A qualquer momento, inundações, incêndios, terremotos, doenças e diversas outras forças da natureza podem varrer os seres humanos da face da terra.

Freud desenvolveu a teoria de que a religião teve início quando os seres humanos procuraram impor personalidade a forças impessoais da natureza. Ele disse que uma das ameaças ao nosso bem-estar são outras pessoas, mas nós desenvolvemos diversas maneiras de viver em segurança na presença de inimigos – é possível bajulá-los, suborná-los ou procurar aplacá-los de alguma outra forma. Seguindo essa linha de raciocínio, Freud afirmou que os seres humanos tentaram conceber uma forma de negociar com o câncer e lidar com as forças hostis de inundações, incêndios, terremotos e similares. Assim, eles acabaram inventando o animismo, isto é, a atribuição de personalidade às forças impessoais da natureza. Os humanos desenvolveram a teoria de que existe um deus na inundação, um deus no fogo, um deus no terremoto e um deus na doença. Se houvesse deuses habitando em todas essas forças, as pessoas poderiam dirigir-lhes orações, apresentar-lhes sacrifícios ou tentar apaziguá-las na esperança de anular seu antagonismo. Em suma, Freud alegava que a religião havia sido inventada por medo de forças da natureza aparentemente impessoais.

Terror na tempestade

O relato de Mateus sobre a ocasião em que Jesus acalmou a tempestade fornece-nos um exemplo do terror que pode sobrevir aos homens em decorrência dessas forças. O evangelista começa observando: **Então, entrando ele no barco, seus discípulos o seguiram** (v. 23). Conforme vimos no versículo 18, Jesus havia ordenado que eles navegassem para o

outro lado do mar da Galileia. Após ser brevemente detido por uma dupla de aspirantes a discípulos (v. 19-22), eles se puseram a caminho.

Há alguns anos, arqueólogos em Israel descobriram um navio de pesca submerso, datado da época de Jesus, e, agora, temos uma boa ideia do tipo de barco normalmente utilizado pelos pescadores no mar da Galileia. Muito provavelmente, este era o tipo de barco em que Jesus e seus discípulos estavam naquele dia. A embarcação tinha cerca de 8 metros de comprimento e 2,5 metros de largura. Não era minúscula, mas também não era extremamente grande.

Em seguida, Mateus escreve: **E eis que sobreveio no mar uma grande tempestade, de sorte que o barco era varrido pelas ondas. Entretanto, Jesus dormia** (v. 24). O mar da Galileia é cercado por montanhas, e os ventos às vezes saem do Mediterrâneo e descem pelos vales, transformando subitamente as águas calmas do lago em uma tempestade escumante e turbulenta. Foi isso o que aconteceu ali. O mar tornou-se tão revolto, que "o barco era varrido pelas ondas".

De alguma forma, Jesus conseguiu dormir durante a tempestade, mas os discípulos ficaram bem acordados – e apavorados. Pelo menos alguns deles eram pescadores experientes que passavam todos os dias no mar da Galileia e, portanto, estavam muito familiarizados com o lago e o clima. Mesmo assim, eles ficaram tão aterrorizados com a fúria da tempestade quanto os marinheiros inexperientes que também estavam ali. Mateus diz: **Mas os discípulos vieram acordá-lo, clamando: Senhor, salva-nos! Perecemos!** (v. 25). Bem como Freud disse, o medo das forças da natureza dominou esses homens. Então, eles foram até Jesus, sacudiram-no para que acordasse e clamaram: "Senhor, faça alguma coisa ou nós vamos morrer!"

Os discípulos certamente fizeram algo bom e sábio ao clamar a Jesus para que os resgatasse da tempestade. Quem me dera todas as pessoas do mundo fizessem isso. Todos precisam ir a Cristo e dizer: "Jesus, salve-me!

Se o senhor não me salvar, eu vou perecer!" Não existe nada mais certo do que essa verdade. Se Cristo não me salvar, eu certamente perecerei. Se ele não o salvar, você certamente perecerá. Não há outro Salvador que Deus nos tenha dado além de Jesus.

É nítido que Jesus estava cansado o suficiente para dormir no barco. Quando os discípulos o acordaram, ele pareceu se irritar um pouco com a interrupção de seu descanso por um grupo de homens histéricos de medo. Mateus escreve: **Perguntou-lhes, então, Jesus: Por que sois tímidos, homens de pequena fé?** (v. 26a). Ele logo repreenderia os ventos e o mar, mas, primeiro, repreendeu os discípulos, perguntando-lhes: "Vocês vão deixar que uma pequena tempestade como esta os amedronte? Onde está a fé de vocês?"

Nenhum dos evangelistas registra a resposta dos discípulos a essa pergunta, mas eu imagino Pedro dizendo: "Jesus, o que o senhor acha que somos? Olhe para essas ondas. Elas vão nos engolir. Por que não deveríamos ter medo? Em que devemos de ter fé? O senhor é um mestre fantástico, e o que faz com os demônios e os leprosos é incrível. Mas isto é diferente. Esta é uma tempestade terrível que vai nos levar para o fundo do mar."

Nova fonte de medo

Em todo caso, Mateus prossegue: **E, levantando-se […]** (v. 26b). Não é aconselhável ficar em pé em um barco com condições tempestuosas. Mesmo assim, Jesus pôs-se em pé e, em vez de falar com os discípulos, começou a falar com o vento e as ondas. Ele **repreendeu os ventos e o mar; e fez-se grande bonança** (v. 26c). Marcos diz que ele deu uma ordem: "Acalma-te, emudece!" e "O vento se aquietou" (4.39). Assim que Jesus deu o comando, o vento parou. Não havia a menor brisa no ar. O mar ficou como vidro.

Com o vento apaziguado, o mar sereno e a ameaça da natureza removida, poderíamos esperar que os discípulos o aplaudissem e dissessem: "Obrigado, Jesus. Este foi o melhor de todos os seus milagres. Nós apreciamos muito o que o senhor fez." Todavia, essa não foi a reação deles. Mateus escreve: **E maravilharam-se os homens, dizendo: Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?** (v. 27). Marcos, entretanto, expressa a reação de modo um pouco diferente: "E eles, possuídos de grande temor, diziam […]" (4.41a). Muito embora a ameaça da natureza tivesse sido removida súbita e completamente, houve um aumento evidente no medo daqueles homens.

Qual era a origem do medo intenso que havia surgido? Era o próprio Jesus. Ele os salvara da tempestade, e, como consequência, os homens tiveram mais medo dele do que da própria tempestade. Você consegue captar o sentido disso? Este é o ponto que Freud negligenciou completamente. Sim, os seres humanos temem inundações, incêndios, terremotos e doenças, mas, no coração de cada criatura feita à imagem de Deus, há um pavor muito maior do que o de todas essas coisas juntas. A razão para isso é que existe uma ameaça muito maior do que a apresentada por qualquer força da natureza. Trata-se da ameaça de cair nas mãos do Deus vivo.

Como se pode constatar repetidas vezes nas Escrituras, o aspecto de Deus que aterroriza o coração humano é sua santidade. Ele é santo, e nós não somos. Acima de qualquer outra coisa, as criaturas que não são santas temem a presença do Deus santo. Logo, penso que Freud e seus colegas ateus estavam completamente errados. Os seres humanos não inventaram a religião como uma muleta para ajudá-los a lidar com as forças impessoais da natureza. Conforme Paulo diz em Romanos 1, eles inventaram a religião para que pudessem escapar do único Deus verdadeiro.

Mateus diz que os discípulos "maravilharam-se" com o que Jesus fizera. Eles se perguntaram: "Quem é este que até os ventos e o mar lhe obedecem?" Aqueles homens estavam começando a entender que o único Deus verdadeiro era quem os havia chamado para segui-lo.

Em uma categoria própria

Como seres humanos, nós temos uma série de mecanismos de defesa. Uma dessas estratégias é categorizar as pessoas que encontramos. Nós fazemos julgamentos instantâneos. O indivíduo diante de nós é ameaçador ou pacífico? Se ele estiver sorrindo, temos a tendência de colocá-lo na categoria dos simpáticos. Se estiver de cara feia, nós o colocamos em uma categoria diferente e tentamos manter distância. Nós rotulamos todo mundo. No entanto, quando os discípulos vasculharam seus arquivos mentais, eles não conseguiram encontrar uma categoria para Jesus. Alguém capaz de dominar o vento e o mar ocupa uma categoria própria.

Apenas um homem já teve a capacidade de dominar a natureza. Por quê? A Bíblia nos diz que "dele, e por meio dele, e para ele são todas as coisas" (Rm 11.36). A segunda pessoa da Trindade havia criado aquele mar. A segunda pessoa da Trindade havia criado o vento. Ele é o Senhor do vento e do mar, de modo que pode dizer à sua obra de criação: "Faça o que eu mandar", e receber obediência imediata.

É irônico o fato de que o vento e o mar foram muito mais obedientes a Jesus do que os homens que estavam no barco com ele. Deus diz: "O boi conhece o seu possuidor, e o jumento, o dono da sua manjedoura; mas Israel não tem conhecimento, o meu povo não entende" (Is 1.3). As pessoas não conhecem a voz de seu Mestre.

Os seres humanos são afligidos por todos os tipos de fobias. Algumas pessoas têm medo de água (hidrofobia), espaços abertos (agorafobia) ou locais pequenos e apertados (claustrofobia). Um dos principais medos que nos atormentam é a xenofobia: medo de estranhos ou estrangeiros,

isto é, pessoas diferentes de nós, cuja cultura não compreendemos. Não podemos sequer contar quantos conflitos e guerras já foram provocados por esse medo.

Aquele dia no mar da Galileia, os discípulos conheceram um estranho diferente de todos os outros: Deus em carne. Em certo sentido, eles tinham razão em ter medo. Naquele dia, por apenas um momento, o véu que cobria e ocultava a plena divindade de Cristo foi retirado quando ele exerceu sua autoridade sobre o vento e o mar. Incomoda-me ouvir as pessoas falando com displicência sobre seu relacionamento com Jesus, como se ele fosse apenas um colega. Se Jesus aparecesse para mim ou para você neste instante, nós cairíamos com o rosto em terra. Sim, ele nos ama, nos redime e nos conforta, mas ele é o Senhor Deus onipotente. Em sua presença, nós conhecemos o temor do Senhor.

ANTES DO TEMPO

Mateus 8.28-34



> Tendo ele chegado à outra margem, à terra dos gadarenos, vieram-lhe ao encontro dois endemoninhados, saindo dentre os sepulcros, e a tal ponto furiosos, que ninguém podia passar por aquele caminho. E eis que gritaram: Que temos nós contigo, ó Filho de Deus! Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo? Ora, andava pastando, não longe deles, uma grande manada de porcos. Então, os demônios lhe rogavam: Se nos expeles, manda-nos para a manada de porcos. Pois ide, ordenou-lhes Jesus. E eles, saindo, passaram para os porcos; e eis que toda a manada se precipitou, despenhadeiro abaixo, para dentro do mar, e nas águas pereceram. Fugiram os porqueiros e, chegando à cidade, contaram todas estas coisas e o que acontecera aos endemoninhados. Então, a cidade toda saiu para encontrar-se com Jesus; e, vendo-o, lhe rogaram que se retirasse da terra deles.

Em 1521, Martinho Lutero foi intimado a comparecer à dieta imperial em Worms, convocada pelo sacro imperador romano Carlos V. Ao intimar Lutero a esse julgamento imperial – em que as maiores autoridades do Estado e da igreja estariam reunidas para examinar os escritos de Lutero quanto à presença de heresia – Carlos concedeu-lhe salvo-conduto, garantindo que nenhum mal lhe sucederia se ele fosse à reunião. Quando Lutero recebeu a convocação, todos os seus amigos e colegas de Wittenberg advertiram-no veementemente a não comparecer. Disseram que ele não deveria confiar no imperador, que o salvo-conduto era apenas uma farsa e que Worms estava repleta de demônios. Lutero, entretanto, declarou: "Irei a Worms, mesmo que haja ali tantos demônios quanto telhas nos telhados."[1]

Se você fosse convocado para comparecer a uma reunião perigosa hoje, duvido que pensaria em termos do número de demônios que poderiam estar presentes ali para prejudicá-lo. Nós quase nunca pensamos no diabo ou nos demônios, salvo se estivermos assistindo à última grande produção de Hollywood sobre exorcismo ou seres sobrenaturais. O conceito de seres espirituais malignos praticamente desapareceu da consciência da comunidade cristã.

Por quê? Creio que o motivo principal é o fato de a Igreja ter sido secularizada por completo. O termo *secular* em si é absolutamente inofensivo, mas, quando se acrescenta o sufixo *-ismo*, tem-se uma cosmovisão que vai de encontro ao cristianismo. O secularismo declara que a única coisa existente é o momento atual no mundo presente. Não há uma esfera transcendente. Não há um local de eternidade. Vivemos, morremos e acabou. O secularismo é uma extensão do naturalismo, o qual argumenta que não há nada além do natural, ou seja, que não há domínio sobrenatural algum.

Os cristãos alegam crer em Deus, que é supremamente sobrenatural, mas nós vivemos – do ponto de vista prático – como se ele não existisse. Vivemos como se não houvesse seres tais como os anjos, o diabo e sua legião de coortes, chamados demônios. No entanto, quando olhamos para a cosmovisão bíblica, vemos que as Escrituras declaram que este universo é habitado não só por animais e seres humanos, mas também por seres espirituais igualmente criados chamados anjos, sendo alguns deles bons e outros maus.

Talvez você se surpreenda ao saber que a palavra *anjo* aparece no Novo Testamento com mais frequência do que a palavra *amor* e a palavra *pecado*. Contudo, temos a tendência de ler o Novo Testamento com um pente em mãos, e, cada vez que vemos uma referência ao sobrenatural, a anjos ou a demônios, nós a colocamos de lado, assim como todos os bons secularistas fazem.

Lutero não fez isso. Ele acreditava muito na realidade de Satanás. Ele disse que Satanás havia lançado um ataque desenfreado contra ele quando defendeu o evangelho no século 16.

Necessidade de armadura

Em sua crença no sobrenatural, Lutero concordava com o apóstolo Paulo, o qual diz em sua carta aos Efésios: "tomai toda a armadura de Deus" (6.13a). Por que o apóstolo nos admoesta a vestir toda a armadura de Deus? Ele não nos deixa às escuras quanto à sua intenção. A admoestação aos crentes, para que tomem a armadura de Deus, é parte de uma passagem maior, que diz:

> ... a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes. Portanto, tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, depois de terdes vencido tudo, permanecer inabaláveis (v. 12-13).

Nós precisamos da armadura de Deus porque estamos em uma guerra contra as forças do mal no reino sobrenatural.

Você acredita no que Paulo diz aqui? Você concorda que há poderes e principados além das instituições deste mundo? Você acredita que há poderes das trevas que exercem um enorme impacto sobre indivíduos, sociedades e nações?

Em meados do século 20, o eminente teólogo suíço Oscar Cullmann escreveu uma trilogia de livros em que discutiu como os estudos atuais praticamente negligenciam o domínio sobrenatural. Ele fez a interessante observação de que não apenas indivíduos podem estar sob influência demoníaca, conforme as Escrituras indicam, como nações inteiras também. Ou seja, nações inteiras podem ser submetidas à autoridade e ao poder dos principados sobrenaturais provenientes das trevas e do mal.

Quando fui à Holanda para meu doutoramento na década de 1960, havia se passado 20 anos desde o fim da Segunda Guerra Mundial. Eu nunca conseguia passar por uma das livrarias de Amsterdã sem entrar para ver o que estava nas prateleiras – isso ainda acontece – e eu sempre achava interessante o fato de que entre 70 e 80 por cento dos títulos nas lojas diziam respeito à guerra. Naturalmente, a população havia sofrido durante anos sob a ocupação nazista, e, portanto, não era de admirar que uma parte tão grande de sua literatura pós-guerra fosse composta por reflexões sobre o conflito.

Um título em particular saltou-me aos olhos – *Hitler: O flagelo da Europa*. Tratava-se de um estudo sobre a vida de Adolf Hitler com base em muitos documentos recuperados no final da guerra. Uma página desse livro chamou minha atenção. Ali, havia a reprodução de um registro antigo no diário de Hitler. Ele tinha escrito: "Esta noite eu fiz um pacto com Satanás." Ele não estava falando de maneira hiperbólica. Seus partidários mais próximos estavam profundamente envolvidos em adoração satânica. A suástica era uma distorção proposital do símbolo cristão, a cruz, e o Terceiro Reich tinha o objetivo de suplantar o reino de Deus. Obviamente, entretanto, o envolvimento demoníaco com governos não começou com Hitler nem terminou com ele.

Aterrorizado pelo tormento

A atividade demoníaca era prevalente durante o ministério de Jesus, e Mateus registra um encontro particularmente marcante no capítulo 8 de seu Evangelho. Conforme já vimos, Jesus e seus discípulos haviam se colocado a caminho para atravessar o mar da Galileia (v. 18), e, durante a travessia, Cristo acalmou uma tempestade em resposta aos apelos dos discípulos (v. 23-27). Mateus, em seguida, escreve: **Tendo ele chegado à outra margem, à terra dos gadarenos, vieram-lhe ao encontro dois**

endemoninhados, saindo dentre os sepulcros, e a tal ponto furiosos, que ninguém podia passar por aquele caminho (v. 28).

Tanto Marcos (5.1-20) quanto Lucas (8.26-39) fornecem relatos mais longos desse incidente. Contudo, ao passo que Marcos e Lucas escrevem que havia apenas um endemoninhado, Mateus afirma que havia dois. Isso, é claro, dá aos críticos da Bíblia muito o que falar, pois eles alegam que as Escrituras claramente se contradizem. No entanto, não há contradição alguma. Se havia dois homens ali, certamente havia um. Se um autor menciona apenas um homem, e outro menciona dois, existe discrepância, mas não contradição.

Quando Jesus se deparou com os endemoninhados, eles estavam saindo dos sepulcros. Aqueles homens possivelmente se abrigavam nos túmulos vagos ou nas antecâmaras. Os demônios possuidores os haviam transformado em indivíduos extremamente violentos. Na verdade, eles ficaram tão enlouquecidos com a ocupação de sua alma pelo mal, que os habitantes da região foram forçados a abandonar o caminho que passava pelos túmulos. Os homens eram um perigo a qualquer um que se aproximasse deles. Jesus, porém, não teve medo de atracar seu barco ali.

Quando viram Jesus, **eis que gritaram: Que temos nós contigo, ó Filho de Deus!** (v. 29a). O interessante é que as primeiras criaturas a reconhecer a verdadeira identidade de Jesus, oculta por detrás do véu de sua humanidade, foram esses anjos caídos. Eles instantaneamente o reconheceram como Filho de Deus. E, por saberem quem era, sabiam que nada tinha em comum com ele. O domínio deles era totalmente alheio a tudo o que Jesus representava.

Então, os demônios fizeram uma pergunta curiosa: **Vieste aqui atormentar-nos antes do tempo?** (v. 29b). Os demônios que possuíam aqueles homens compreendiam a Palavra de Deus. Eles sabiam que seu destino era nas trevas exteriores, onde só há choro e ranger de dentes (Mt 25.30). Eles sabiam que seriam justamente submetidos ao tormento de

Deus no inferno para sempre (Mt 25.41). Alguma vez você já pensou em Deus como aquele que atormenta? Esses demônios sim, pois sabiam que o justo juízo de Deus, em decorrência da perversidade deles, seria o tormento eterno.

Contudo, havia algo que os demônios não compreendiam. Eles não conseguiam entender por que se encontravam na presença do Filho de Deus naquele dia e, por isso, perguntaram: "Vieste aqui atormentar-nos *antes do tempo*?" (ênfase acrescentada). Ora, a palavra grega traduzida como "tempo" aqui é *kairos* em vez de *chronos.* Ambas as palavras podem ser traduzidas como "tempo", mas elas têm significados bastante diferentes. *Chronos* descreve a passagem comum de tempo, momento a momento, conforme medida pelo relógio. *Kairos* refere-se a um momento especial que acontece no tempo e define o sentido e a importância desse tempo. Falta-nos um conjunto correspondente de termos em nossa língua que capte as diferentes nuances entre *chronos* e *kairos.* As palavras mais próximas que temos são *historial* e *histórico.* Todo evento que ocorre em algum lugar e em algum momento é historial. Porém, um acontecimento histórico tem tanta importância, que recebe destaque no calendário. É por isso que o dia 7 de dezembro de 1941 foi "uma data que viverá na infâmia", conforme o presidente Franklin D. Roosevelt o descreveu.

Os demônios compreendiam que, desde a eternidade, Deus havia designado o dia em que julgaria o mundo, o dia em que enviaria todos eles para o tormento do inferno. Foi exatamente isso que Paulo disse aos filósofos em Atenas: "Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos" (At 17.30-31).

Você acredita que realmente haverá um dia de juízo? Pois este dia está no calendário de Deus. Ele o estabeleceu e não o cancelará. Ele julgará o mundo inteiro – eu, você, todos – por meio daquele que foi designado para ser o Juiz: o próprio Jesus. Essa é uma notícia ruim para o incrédulo, mas muito boa para o cristão, uma vez que Jesus é também nosso advogado de defesa. Quando estivermos no juízo final, o Juiz será nosso advogado.

No entanto, poucas pessoas hoje em dia acreditam que haverá um dia de juízo. A grande maioria da população dos Estados Unidos da América certamente não aguarda um dia de juízo. De que maneira alguém que vive como a maioria dos norte-americanos poderia acreditar em um dia de juízo? Afinal de contas, matamos aproximadamente um milhão e meio de nascituros todos os anos. Nós acionamos exércitos para travar guerras contra o terrorismo porque os terroristas assassinaram cerca de 3.000 conterrâneos nossos, mas não travamos guerra contra o terrorismo ao ventre, pois não tememos o juízo de Deus. Nós simplesmente não acreditamos que precisaremos dar contas. Os Estados Unidos são um país bárbaro.

Sistema de valores de Jesus

Foi quase como se os demônios tivessem achado que poderiam negociar com Jesus ou como se pudessem exigir seus direitos. Em outras palavras, disseram-lhe: "Ainda não está na hora. O senhor veio cedo demais e não pode nos atormentar. Vá embora e deixe-nos em paz."

Evidentemente, tais argumentos eram inúteis, e os demônios sabiam disso. Então, tentaram fazer um acordo. Mateus diz: **Ora, andava pastando, não longe deles, uma grande manada de porcos. Então, os demônios lhe rogavam: Se nos expeles, manda-nos para a manada de porcos** (v. 30-31). O nosso pensamento é que Jesus não faria qualquer coisa sugerida pelos demônios. Todavia, apesar de ter recebido toda a

autoridade no céu e na terra – incluindo o poder para expulsar Satanás pelo dedo de Deus [Lc 11.20] a fim de anunciar e demonstrar a chegada do reino – a hora do juízo final realmente ainda não havia chegado. Assim, lemos: **Pois ide, ordenou-lhes Jesus** (v. 32a). Ele expulsou os demônios dos homens, e os demônios entraram nos porcos.

À nossa visão moderna, isso parece ser politicamente incorreto. Talvez estejamos nos perguntando por que Jesus teve tão pouca consideração com os porcos a ponto de permitir que os demônios entrassem neles. Em suma, Cristo tinha um sistema de valores. Ele acreditava que os animais haviam sido feitos para o homem, e não o homem para os animais. Ele não considerava baleias mais importantes do que nascituros. O motivo para isso é que Jesus era são, não estava preso à insanidade causada pelo pecado. Jesus queria redimir dois homens atormentados, e, se o custo disso fosse a manada de porcos, ele não consideraria o preço alto demais para ser pago.

Em seguida, Mateus escreve: **E eles, saindo, passaram para os porcos; e eis que toda a manada se precipitou, despenhadeiro abaixo, para dentro do mar, e nas águas pereceram** (v. 32b). Os demônios entraram nos porcos, e os porcos aparentemente ficaram tão enlouquecidos quanto os dois homens estavam. Eles se jogaram de uma encosta, mergulharam no mar da Galileia e se afogaram.

Essa história estranha tem um desfecho ainda mais estranho. Mateus escreve: **Fugiram os porqueiros e, chegando à cidade, contaram todas estas coisas e o que acontecera aos endemoninhados. Então, a cidade toda saiu para encontrar-se com Jesus; e, vendo-o, lhe rogaram que se retirasse da terra deles** (v. 33-34). Os tratadores dos porcos correram à cidade para contar o que tinham testemunhado. Eles não ficaram arrasados com a perda dos porcos a ponto de deixar de contar o que acontecera aos dois endemoninhados. Consequentemente, "a cidade toda" – toda a gente que habitava ali – foi até a área dos sepulcros para se encontrar com Jesus.

Mas, quando viram Cristo, bem como os dois homens redimidos e os corpos dos porcos ao pé do desfiladeiro, o que as pessoas fizeram? Elas imploraram para que Jesus fosse embora.

Eu sinceramente não sei por que elas lhe pediram para ir embora. Pode ser que tivessem ficado furiosas com o que havia acabado de acontecer à sua economia. Havia "uma grande manada de porcos"; Marcos indica o número de animais como sendo 2.000 (5.13). No entanto, o que eu considero mais provável é o povo ter reconhecido em Jesus a mesma coisa que os demônios haviam visto nele – e as pessoas não desejavam nada daquilo. Quando Jesus manifestava seu caráter santo, elas ficavam nervosas. Elas viam que o verdadeiro Jesus não era "gentil, manso e suave" – a ideia popular atual que se tem dele. Em vez disso, ele era o Santo de Israel. Confrontado por essa realidade, o povo queria que ele fosse embora.

E você? Você o manda embora ou lhe dá as boas-vindas? Somente quando temos consciência de que fomos vestidos pela justiça dele é que ficamos confortáveis em sua presença. Até que estejamos vestidos dessa forma, tremeremos diante dele como os demônios (Tg 2.19).

[1] Philip Schaff. *History of the Christian Church, Volume 7:* The German Reformation. 2ª ed. rev. Peabody, MA: Hendrickson, 1996, p. 298.

JESUS PERDOA O PECADO

Mateus 9.1-8



> Entrando Jesus num barco, passou para o outro lado e foi para a sua própria cidade. E eis que lhe trouxeram um paralítico deitado num leito. Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico: Tem bom ânimo, filho; estão perdoados os teus pecados. Mas alguns escribas diziam consigo: Este blasfema. Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Por que cogitais o mal no vosso coração? Pois qual é mais fácil? Dizer: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer: Levanta-te e anda? Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados – disse, então, ao paralítico: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa. E, levantando-se, partiu para sua casa. Vendo isto, as multidões, possuídas de temor, glorificaram a Deus, que dera tal autoridade aos homens.

Após a cura dos dois endemoninhados (8.28-34), Jesus deu ouvidos aos apelos do povo na terra dos gerasenos e deixou aquela região (Mc 5.1). Mateus escreve: **Entrando Jesus num barco, passou para o outro lado e foi para a sua própria cidade** (v. 1). Jesus havia deixado Cafarnaum (8.18) para atravessar o mar da Galileia, mas, ao ser rejeitado pelo povo, cruzou o mar de volta para "sua própria cidade". Poderíamos pensar que Mateus está falando de Nazaré aqui, o povoado em que Jesus cresceu. Contudo, ele está, na verdade, referindo-se a Cafarnaum, uma vez que esta cidade à beira-mar havia se tornado a base de Jesus nesta fase de seu ministério. Assim, após uma breve viagem para o outro lado do lago, ele retornou ao mesmo lugar que havia deixado.

Mencionei anteriormente que Mateus costuma ser mais sucinto do que Marcos e Lucas nas ocasiões em que os três evangelhos apresentam

relatos paralelos, e isto se aplica ao relato da cura do paralítico realizada por Jesus, o qual Mateus registra aqui no capítulo 9 de seu livro. Em seu relato, a história começa simplesmente assim: **E eis que lhe trouxeram um paralítico deitado num leito** (v. 2a). No entanto, lemos em Marcos (2.1-12) e Lucas (5.17-26) que, quando os homens responsáveis por levar o paralítico até Jesus chegaram, eles o encontraram em uma casa pregando a uma multidão tão grande, que não conseguiam sequer chegar até a porta. Esses homens, porém, (quatro, segundo Marcos) não desistiram; eles carregaram o amigo debilitado até o telhado, onde começaram a erguer as telhas e o material do teto. Por fim, abriram um orifício por onde o amigo foi baixado em seu leito até Jesus.

Você consegue imaginar o que as pessoas presentes no recinto com Jesus pensaram quando o teto começou a se abrir? Talvez elas tenham se esquivado para os lados por causa do pó e dos detritos que caíam. Alguns momentos depois, todos puderam avistar a luz do dia através do orifício que aumentava rapidamente e, então, viram uma maca sendo baixada para dentro da sala. Resta-nos imaginar que Jesus interrompeu o sermão para observar, como os outros, o que estava acontecendo.

Bem, eu não sei exatamente por que Mateus optou por não registrar esta parte da história. O motivo último, é claro, é que o Espírito Santo não o inspirou a escrever isso. Podemos agradecer a Deus por ter nos fornecido múltiplos registros dos acontecimentos da vida de Jesus para que pudéssemos estudar seu ministério através de várias lentes, por assim dizer.

Perdão inesperado

Mateus, então, continua: **Vendo-lhes a fé, Jesus […]** (v. 2b). Aqui Mateus obviamente faz alusão aos esforços extremos dos homens que haviam levado o amigo paralítico até Jesus. Eles acreditavam piamente

que, se tão somente conseguissem leva-lo até Cristo, seu corpo corrompido seria curado.

Quando Jesus viu essa fé, ele falou com o paralítico, mas não disse: "Esteja curado." Em vez disso, **Jesus disse ao paralítico: Tem bom ânimo, filho; estão perdoados os teus pecados** (v. 2c).

Em primeiro lugar, observe a forma carinhosa com a qual Jesus se dirigiu ao homem: "filho". Se Jesus o chamasse de "filho" ou "filha", você sentiria imediatamente o carinho sendo expresso por meio desta forma de tratamento. Em segundo lugar, entretanto, observe as palavras que Jesus disse ao homem: "Tem bom ânimo, filho; estão perdoados os teus pecados". Acho que podemos dizer com segurança que o homem e seus amigos não tinham ido até Jesus em busca de perdão dos pecados. Eles tinham ido simplesmente na esperança de que a paralisia fosse curada. Porém, Jesus fez esse comentário inesperado a respeito de perdão dos pecados.

Muitos de vocês, sem dúvida, já ouviram falar de Joni Eareckson Tada, que ficou tetraplégica há várias décadas e foi confinada a uma cadeira de rodas motorizada. Apesar disso, ela pinta com a boca, compõe músicas, escreve livros e fala em conferências, além de ter um testemunho glorioso e um ministério internacional. Joni diz estar ciente de que terá um corpo perfeito quando chegar ao céu e mal pode esperar por esse momento. Enquanto isso, ela confia no amor de Deus para sustentá-la durante este tempo terreno de lidas. Ela declarou que preferiria estar na cadeira de rodas sabendo que foi perdoada em Cristo do que ser saudável e não gozar de seu perdão.

Naturalmente, Jesus tem poder para curar a paralisia de Joni em um instante. Ele tinha o mesmo poder para curar o paralítico que haviam levado até sua presença. No entanto, em vez de resolver a condição física debilitante do homem, Jesus voltou sua atenção para a condição

espiritual dele, dizendo-lhe: “Tem bom ânimo, filho; estão perdoados os teus pecados”.

É tentador concluir, com base nessa afirmação, que o paralítico estava sofrendo daquele terrível mal por consequência direta de algum pecado cometido. Contudo, o texto não apresenta absolutamente motivo algum para se fazer tal inferência. Quando as pessoas iam até Jesus, não importava se elas iam em macas, se caminhavam com as próprias forças, se eram cegas, surdas, aleijadas ou completamente saudáveis – todas entravam em sua presença carregando um fardo de culpa. Ter esta carga removida era muito mais importante do que receber a cura física do corpo. Se Jesus não tivesse feito mais nada além de dizer: “Tem bom ânimo, filho; estão perdoados os teus pecados”, o homem não teria motivos para fazer qualquer outra coisa a não ser voltar para casa regozijando.

Você já passou pela experiência de ter os pecados perdoados? É uma coisa maravilhosa. Minha filha se converteu com sete ou oito anos em um apelo. Eu fiquei um pouco cético quanto a isso, pois achava que ela era muito jovem para entender o significado daquilo. Tive medo de ela não estar atentando para o verdadeiro significado do evangelho. Então, perguntei-lhe: “Por que você foi até a frente?” Ela respondeu: “Papai, não deu para segurar. Tive que ir. E agora estou me sentindo limpa como um bebê recém-nascido.” Eu entendi o que ela queria dizer. Ao explicar que se sentia limpa, revigorada e recém-nascida, vi que ela compreendera o que havia acabado de lhe acontecer. Ela tinha experimentado a graça do perdão.

O perdão é maravilhoso justamente porque o fardo da culpa é horrível. Há muitos anos, um amigo que não é cristão pediu-me para a deixar o ministério e trabalhar para ele em seu consultório psiquiátrico. Fiquei surpreso, pois eu não sei nada de psiquiatria. Assim sendo, perguntei-lhe por que ele desejava me contratar, e ele respondeu: “Você

pode não saber nada de psiquiatria, mas entende algumas coisas sobre culpa e perdão. Noventa e oito por cento das pessoas que vêm até mim não precisam de um psiquiatra. Elas precisam de um padre. Você não faz ideia de quanta gente há pelo mundo afora sendo consumida por culpas não resolvidas."

O grande reformador Martinho Lutero compreendia isso, e foi por este motivo que, após abandonar a Igreja Católica Romana, ele manteve o confessionário. Ele entendia como é importante para a vida do povo de Deus ouvir alguém dizer: "estão perdoados os teus pecados". Na realidade, os protestantes nunca consideraram a confissão um problema. Foi ao sacramento católico romano da penitência – segundo o qual as pessoas eram comissionadas a realizar obras de satisfação a fim de, supostamente, obter algum tipo de mérito diante de Deus – que os reformadores se opuseram. Eles reconheciam plenamente que as pessoas precisam se arrepender dos pecados, confessá-los e, em seguida, receber a garantia do perdão.

Você já recebeu essa garantia? Você está ciente de que seus pecados foram perdoados por Jesus?

Acusação injustificada

Assim que Jesus disse ao homem: "Tem bom ânimo, filho; estão perdoados os teus pecados", os pecados dele foram perdoados. Porém, os escribas – os teólogos judeus – que estavam assentados ali ouvindo Jesus ficaram indignados. Mateus escreve: **Mas alguns escribas diziam consigo: Este blasfema** (v. 3). Segundo os mestres judeus da época, blasfêmia era qualquer violação da majestade de Deus. Qualquer ação ou palavra que prejudicasse ou manchasse a magnificência e a santidade de Deus era considerada blasfêmia. Acredito que nenhum pecado seja cometido com mais frequência ou naturalidade na cultura ocidental hoje em dia do que

o pecado da blasfêmia. Nós mal piscamos quando a majestade de Deus é insultada. Para os judeus, entretanto, esta era uma questão grave.

O que exatamente Jesus fez para que os escribas considerassem como blasfêmia? Aqui, mais uma vez, os outros evangelhos ajudam-nos a compreender a raiz do problema. Lucas escreve o que eles disseram: "Quem é este que diz blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, senão Deus?" (5.21b). Eles achavam que, ao se apropriar de uma prerrogativa pertencente só a Deus – o direito e o poder de perdoar pecados – Jesus estava se colocando no lugar de Deus e, desta forma, reduzindo-o.

A Igreja, é claro, concorda com os escribas quanto ao fato de que só Deus pode perdoar pecados. Pense novamente na tradição católica romana do confessionário. Todos os dias e a todo instante em algum lugar do mundo, alguém está em um confessionário revelando seus pecados a um padre. Normalmente, após ouvir a confissão, o padre dá absolvição, dizendo: "*Te absolvo*". Muitos hoje em dia acreditam que os padres católicos romanos pecam ao pronunciar absolvição, pois tomam para si um privilégio que pertence somente a Deus. Mas, em seu favor, a Igreja Católica Romana sempre entendeu e ensinou que, no sacramento da penitência, quando o padre concede absolvição, esta absolvição não se baseia em uma autoridade intrínseca e inerente ao padre para perdoar pecados. A declaração de perdão é realizada por uma autoridade delegada, e o único que tem autoridade inerente para perdoar pecados é Deus.

Da mesma forma, os escribas concluíram que Jesus estava tomando para si um privilégio que pertencia somente a Deus. E, na verdade, eles estavam certos. Esta é uma das mais claras alegações de divindade feitas por Jesus. Por ser Deus encarnado, ele tinha todo o direito de declarar perdoados os pecados do paralítico. No entanto, os escribas não podiam enxergar além da carne, e, portanto, inferiram que ele era apenas um homem fazendo uma alegação presunçosa de divindade.

Mateus registra a resposta de Jesus: **Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Por que cogitais o mal no vosso coração? Pois qual é mais fácil? Dizer: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer: Levanta-te e anda?** (v. 4-5). Jesus, sendo Deus, sabia o que os escribas estavam pensando, e classificou o pensamento deles como "mal". Eles o estavam acusando de blasfêmia, e, desta maneira, cometendo blasfêmia. Cristo então fez uma pergunta curiosa: "Pois qual é mais fácil? Dizer: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer: Levanta-te e anda?" Jesus não forneceu a resposta a essa pergunta. Em certo sentido, ambas as declarações são fáceis de se fazer. Qualquer um pode dizer "Estão perdoados os teus pecados" e qualquer um pode dizer "Levanta-te e anda". No entanto, se eu disser a alguém: "Estão perdoados os teus pecados", não haverá evidência visível alguma de que aquilo que declarei foi realizado. Ninguém será capaz de me chamar de mentiroso, pois não se saberá, com base no que se pode ver, se os pecados da pessoa foram de fato perdoados. Todavia, se eu disser a alguém: "Levanta-te e anda", haverá uma validação ou refutação instantânea do meu poder. Se o indivíduo a quem eu disser isso permanecer em sua maca, todos saberão imediatamente que estou alegando ter poderes que não tenho. Logo, de certa maneira, é muito mais fácil dizer: "Estão perdoados os teus pecados".

Houve, entretanto, épocas em que indivíduos eram ungidos pelo poder do Espírito Santo para realizar curas físicas. Tanto Pedro (At 3.1-7) quanto Paulo (At 14.8-10) foram usados por Deus para curar coxos e aleijados. Apesar disso, Pedro e Paulo teriam preferido morrer a declarar perdoados os pecados de alguém à base de sua própria autoridade. Assim, por outro lado, é mais difícil dizer: "Estão perdoados os teus pecados", pois tudo está em jogo com essa declaração.

Demonstração poderosa

Como Jesus reagiu? Ele disse: **Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados – disse, então, ao paralítico: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa. E, levantando-se, partiu para sua casa** (v. 6-7). Jesus curou o homem a fim de mostrar que tinha poder para perdoar.

Eu não sei ao certo por que os tradutores optaram pela palavra *poder* aqui. O perdão dos pecados é uma questão de poder? A palavra grega empregada é traduzida com mais frequência como *autoridade* do que como *poder.* Porém, quando analisamos o termo em suas nuances, observamos que a autoridade em vista é uma autoridade poderosa, ou, então, que o poder em vista é um poder autoritário. Portanto, ambas as palavras são aceitáveis.

A mensagem de Jesus aos escribas era esta: "Vou mandar que este homem se levante e ande não apenas para que ele seja curado e tenha bom ânimo, mas para ensinar a vocês algo a meu respeito." Ele estava prestes a fazer uma demonstração de seu poder divino de cura para mostrar que também tinha poder e autoridade divinos para perdoar. Jesus fez isso para o benefício dos escribas e espectadores presentes aquele dia em Cafarnaum – e fez isso por nós também. Ele o fez para que, ao ler este relato 2.000 anos depois, nós soubéssemos que ele pode perdoar pecados e, de fato, os perdoa.

Na faculdade, eu lutava contra um pecado em minha vida. Então, fui até meu pastor e disse: "Eu já orei várias vezes sobre o assunto, mas não consigo ter paz." Ele me fez abrir a Bíblia em 1João 1.9, que diz: "Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça." Falei: "Sim, eu já confessei meus pecados, mas não tenho paz." Então, ele me fez ler o mesmo versículo novamente. Eu estava ficando cada vez mais exasperado enquanto tentava explicar que já havia confessado meus pecados e, apesar disso, não me sentia perdoado. Por fim, após me pedir para ler o

versículo mais ou menos cinco vezes, ele disse: “Você está confiando na sensação de perdão em vez de confiar na realidade do perdão. Deus diz que o perdoará se você confessar o pecado; portanto, se você o confessou, pode ficar tranquilo quanto a isso. Você está perdoado.”

O perdão não depende de nossos sentimentos. O perdão depende da autoridade de Deus para perdoar pecados. Jesus quis que todos soubessem que ele tem essa autoridade. Assim sendo, se os seus pecados não foram perdoados, pelo que você está esperando? Há alguém com autoridade para perdoá-los, pois este alguém tomou seu pecado, assumiu sua culpa e pagou por tudo isso. Ele tem poder e autoridade para perdoar você. Por que você hesita? O que o mantém longe do bom ânimo que o Filho do Homem tem reservado para você?

A cura do paralítico parece quase uma nota de rodapé na história. Não devemos esquecer que, quando Jesus deu a ordem para que se levantasse, ele, “levantando-se, partiu para sua casa”. Pela primeira vez desde que fora afligido pela paralisia, aquele homem levantou-se de seu leito, e ninguém precisou carregá-lo para casa.

Por fim, Mateus observa: **Vendo isto, as multidões, possuídas de temor, glorificaram a Deus, que dera tal autoridade aos homens** (v. 8). Assim como deve ser, o que Jesus fez resultou em louvor a Deus. Como devemos louvá-lo pela cura de nossa alma!

O CHAMADO DE MATEUS

Mateus 9.9-13



> Partindo Jesus dali, viu um homem chamado Mateus sentado na coletoria e disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e o seguiu. E sucedeu que, estando ele em casa, à mesa, muitos publicanos e pecadores vieram e tomaram lugares com Jesus e seus discípulos. Ora, vendo isto, os fariseus perguntavam aos discípulos: Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores? Mas Jesus, ouvindo, disse: Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes. Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos; pois não vim chamar justos, e sim pecadores [ao arrependimento].

Nas Escrituras, não é incomum ver os escritores bíblicos fazendo relatos de como Deus os chamou para o ministério. Muitos profetas do Antigo Testamento o fizeram, e Paulo também declarou seu chamado como apóstolo em várias cartas. Aqui no capítulo 9, Mateus, o único entre os quatro evangelistas, narra o chamado direto e imediato que recebeu de Jesus.

Como em muitos outros acontecimentos registrados por Mateus, este chamado também é relatado por Marcos e Lucas, embora ambos o chamem de Levi. Não era incomum que os homens no contexto judaico da época tivessem mais de um nome – exemplos no evangelho incluem Pedro (também conhecido como Simão) e Tomé (também conhecido como Dídimo) – e não há dúvidas de que todos os três evangelhos referem-se ao mesmo homem.

O relato de Mateus é simples e direto: **Partindo Jesus dali, viu um homem chamado Mateus sentado na coletoria e disse-lhe: Segue-me! Ele se**

levantou e o seguiu (v. 9). Mateus estava na coletoria porque era publicano por profissão. Os judeus eram chamados a dar dízimo a Deus, o que representava dez por cento de seu rendimento bruto anual. Mas, além do dízimo, eles tinham de pagar impostos para o governo civil, e Mateus era um dos que ajudavam a recolher estes impostos.

Hoje em dia, as pessoas envolvidas na cobrança de impostos não são muito populares entre aqueles que trabalham sob o fardo de pagá-los. Isso era ainda mais real no antigo Israel. Naquele ponto da história, os judeus estavam sob ocupação romana. No entanto, ao passo que a Judeia estava sob o domínio de um governador romano, a Galileia era governada por Herodes Antipas, um rei de fachada nomeado pelos romanos. Por este motivo, os impostos no norte eram pagos à sua administração. Entre outros impostos, Herodes cobrava uma taxa elevada sobre os bens importados, a qual era especialmente pesada em Cafarnaum. O motivo disto é que esta cidade era não só uma encruzilhada de rotas comerciais terrestres, como também o principal ponto de descarregamento das mercadorias trazidas pelo mar da Galileia. A coletoria de Mateus ficava à margem do mar da Galileia, e ali ele cobrava os impostos, que variavam entre dois e 12,5 por cento.

Os publicanos recebiam sua remuneração retendo uma parte dos impostos que conseguiam coletar. Do ponto de vista econômico, eles gozavam de uma posição econômica invejável, e muitos deles eram bem ricos. Mateus provavelmente era um homem rico, e o texto inclusive oferece indícios disso ao dizer-nos que, depois de ser chamado por Jesus, ele celebrou com uma festa em casa.

Chamado transformador

Seja como for, Mateus estava exercendo sua vocação na coletoria, como fazia todos os dias, quando Jesus passou ali. Cristo olhou para ele e disse: “Segue-me!” Com isso, Mateus levantou-se e seguiu-o. Esse foi

um momento que mudou a vida de Mateus para sempre. Jesus tinha o hábito de fazer isso naquela época, e ele tem o hábito de fazer isso hoje. Quando Jesus chama alguém – não apenas externamente, mas internamente – a vida da pessoa nunca mais permanece a mesma.

Parece provável que Mateus já soubesse quem Jesus era. Talvez ele não o conhecesse pessoalmente, mas Cristo não lhe era um completo estranho visto que, naquela altura, já havia se tornado uma espécie de celebridade local por causa das obras poderosas que tinha operado em Cafarnaum.

A ordem de Jesus a Mateus – "Segue-me" – tinha um sentido literal. Jesus era um rabino, um mestre, mas não tinha uma escola onde ministrar aulas. Em vez disso, ele era para os judeus aquilo que Aristóteles havia sido para os gregos: um filósofo peripatético, alguém que lecionava enquanto andava. Jesus estava constantemente em movimento, e, enquanto caminhava, seus discípulos – que eram seus alunos – seguiam-no de perto e ouviam seu ensinamento, tentando memorizar o que ele dizia. Uma das razões pelas quais Jesus falava em parábolas e aforismos era porque estes tipos de declaração podem ser memorizados com facilidade. Portanto, ser discípulo no grupo de um rabino peripatético significava literalmente segui-lo por todo lugar. Logo, quando Jesus disse a Mateus para segui-lo, ele estava dizendo: "Eu quero que você seja meu aluno. Quero que venha após mim, pois eu o instruirei, treinarei e prepararei para uma missão espiritual. Para isso, Mateus, você precisa deixar sua profissão atual. Você tem de abandonar todo o dinheiro que recebe como publicano e se juntar ao meu grupo de discípulos."

Quando Jesus chamou Pedro, seu irmão André, Tiago e seu irmão João, eles eram pescadores. Eles sabiam que, se as coisas não dessem certo em sua nova vocação ou se tivessem alguma desavença com Jesus, poderiam voltar para o mar da Galileia e retomar os negócios na

indústria de pesca. Mateus não tinha essa segurança. Assim que deixasse seu emprego como publicano, haveria 50 homens na fila para se candidatar ao cargo. Então, ele compreendeu que, quando Jesus disse "Segue-me", seria preciso abandonar sua segurança. Mateus precisaria abrir mão de tudo e entregar sua vida a Jesus. Era isso o que Jesus o estava mandando fazer.

Por incrível que pareça, Mateus estava disposto a isso. O chamado de Jesus foi tão irresistível, que ele "se levantou e o seguiu". Ele largou o livro-razão, pôs as moedas de lado, levantou-se da cadeira, encerrou os serviços como publicano e seguiu Jesus até a morte.

Suponho que, nesse dia, a última coisa em que Mateus pensou foi que pegaria uma caneta e redigiria um relato do ministério de Jesus em algum momento de sua vida. Estou certo de que ele jamais imaginou escrever algo que continuaria sendo estudado dois mil anos mais tarde. E, no entanto, na providência de Deus, foi isso o que Mateus foi chamado a fazer.

Com publicanos e pecadores

Mateus, em seguida, diz: **E sucedeu que, estando ele em casa, à mesa, muitos publicanos e pecadores vieram e tomaram lugares com Jesus e seus discípulos** (v. 10). Os publicanos estavam entre as pessoas mais desprezadas da comunidade. Eles eram considerados colaboradores do inimigo. Muito embora tivessem riquezas, sua posição social estava na base da pirâmide. Esses homens eram tão desprezados, que não podiam ter participação na sinagoga. Eles tinham uma reputação tão má, que não eram autorizados a testemunhar nos tribunais da época. Por este motivo, a expressão "publicanos e pecadores" havia se tornado um epíteto para a escória da sociedade.

Os judeus compreendiam, de certa forma, que todos eram pecadores. Contudo, quando chamavam alguém específico de pecador, eles estavam

falando de um indivíduo cuja vida era caracterizada por tanta imoralidade, que entrar em contato com ele significaria ser contaminado no âmbito espiritual e cerimonial. É por isso que os fariseus, os quais tentavam manter-se santos, faziam tudo o que estava ao seu alcance para se separar dos publicanos. Eles achavam que a salvação viria da segregação. Eles procuravam manter-se puros evitando qualquer contato com a escória da sociedade humana.

Há muitos anos, eu conversei com um jovem pastor episcopal que servia em uma paróquia de Clairton, na Pensilvânia, onde cursei o ensino médio. Clairton era uma cidade industrial, e, na época, as indústrias estavam sofrendo com enormes taxas de desemprego. O pastor perguntou-me: "O que faço para minha igreja crescer?" Ele explicou que estava pastoreando uma igreja missionária com apenas 25 membros, mais ou menos. Eu lhe disse que leva tempo para se construir uma igreja, especialmente quando ela começa com um número reduzido de pessoas, e, por isso, ele teria de ser paciente. Prossegui, dizendo: "Não adianta só colocar uma placa na frente da igreja. Se quiser ter um ministério nesta cidade, você precisará ir aonde a dor está. Se eu estivesse fundando uma igreja em Clairton, despenderia tempo todos os dias da semana no sindicato e nos bares, pois é ali que a dor da cidade se concentra. Se quiser construir uma igreja em Clairton, você precisa estar disposto a sujar as mãos." Ele engoliu em seco quando eu disse isso.

Sinceramente, não sei se ele aceitou meu conselho. Até onde sei, aquela igreja continua sendo uma igreja missionária, se é que ainda existe. Eu estava tentando convencê-lo a edificar sua igreja da maneira como Jesus edificou a igreja dele. Jesus saía por caminhos e atalhos [Lc 14.23] a fim de buscar e salvar aqueles que estavam perdidos e se associava a pessoas com as quais nenhum líder religioso da época seria visto conversando. Ele ia aonde a dor estava a fim de tocar leprosos,

libertar endemoninhados e consolar abatidos. Essa era sua missão, e foi assim que ele construiu sua igreja.

Médico misericordioso

Quando Jesus se aproximou intencionalmente da escória da sociedade, os fariseus notaram. Mateus escreve: **Ora, vendo isto, os fariseus perguntavam aos discípulos: Por que come o vosso Mestre com os publicanos e pecadores?** (v. 11). Antigamente, dividir a mesa com alguém era uma expressão de intimidade profunda. Mateus expressou seus sentimentos por Jesus e muitas outras pessoas desprezadas convidando-os para uma refeição em sua casa, e Jesus demonstrou amor e aceitação participando dessa refeição. Os fariseus, entretanto, ficaram escandalizados por ele se associar a tais pessoas. Assim, perguntaram aos discípulos por que ele havia feito aquilo.

Quando Jesus ouviu os fariseus fazendo essa pergunta, confrontou-os: **Mas Jesus, ouvindo, disse: Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes. Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos; pois não vim chamar justos, e sim pecadores [ao arrependimento]** (v. 12-13).

Essa é uma explicação multifacetada. Em primeiro lugar, Jesus explicou seus motivos em termos óbvios: os doentes precisam de médico, não os sãos. A implicação é a de que ele era um tipo de médico, e aqueles com quem se associava precisavam de seus préstimos. Eles estavam doentes e necessitados. Infelizmente, ninguém pode ser médico a menos que esteja disposto a sujar as mãos, pois as doenças e seus tratamentos envolvem um trabalho sujo. Jesus declarou-se disposto a sujar as mãos a fim de salvar alguns pecadores imundos.

Em seguida, ele citou o livro de Oseias – que fala de misericórdia – com o objetivo de mostrar que sua conduta deveria ser a norma para todo o povo de Deus. Em Oseias 6.6, Deus declara: “Pois misericórdia

quero, e não sacrifício, e o conhecimento de Deus, mais do que holocaustos". Ao citar esse versículo, Jesus estava dizendo, em outras palavras: "Eu estou em uma missão de misericórdia. Não vim para trazer juízo ao mundo. Meu pai é um Deus de justiça, e ele trará justiça a este mundo a seu tempo. Porém, ele sempre modera sua justiça com misericórdia. Não pensem que vocês satisfazem os desejos de meu Pai simplesmente indo à sinagoga, dando o dízimo e oferecendo sacrifícios. Quero que meu povo seja um povo de misericórdia." Cristo não nos mandou reprovar todos os pecadores e marginalizados de nossa sociedade. Ele nos chamou para um ministério de misericórdia. Foi isso o que ele fez, e é isso o que ele quer que façamos.

Por fim, Jesus disse: "pois não vim chamar justos, e sim pecadores [ao arrependimento]." Uma vez que veio levar homens ao arrependimento, é óbvio que ele tinha de ministrar aos pecadores; afinal, os justos não têm necessidade disso. Sem dúvida, ele poderia ter ministrado igualmente bem aos pecadores estando associado à alta sociedade judaica. A diferença, entretanto, era que as pessoas desta classe não sabiam que precisavam se arrepender, ao passo que os publicanos e outros indivíduos desprezados sabiam que necessitavam de um Salvador.

Em outras palavras, Jesus disse aos fariseus: "Vocês não gostam das pessoas que se reúnem ao meu redor? Estas são as pessoas que eu vim redimir. Estas são as pessoas que vim chamar ao arrependimento. Não estou envolvido com pecadores por querer estar em meio ao pecado. Eu estou aqui porque me importo com eles, porque estão perdidos e morrendo. Eu vim ser o Salvador deles."

A PRESENÇA DO NOIVO

Mateus 9.14-17



> Vieram, depois, os discípulos de João e lhe perguntaram: Por que jejuamos nós, e os fariseus [muitas vezes], e teus discípulos não jejuam? Respondeu-lhes Jesus: Podem, acaso, estar tristes os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles? Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o noivo, e nesses dias hão de jejuar. Ninguém põe remendo de pano novo em veste velha; porque o remendo tira parte da veste, e fica maior a rotura. Nem se põe vinho novo em odres velhos; do contrário, rompem-se os odres, derrama-se o vinho, e os odres se perdem. Mas põe-se vinho novo em odres novos, e ambos se conservam.

Não era de admirar que Jesus fosse criticado pelos fariseus por causa da prática de comer com "publicanos e pecadores" (Mt 9.10-11). Porém, no incidente registrado em seguida por Mateus, Jesus recebeu críticas de uma fonte muito surpreendente: os discípulos de João Batista.

Assim como Jesus, João reunia discípulos ao seu redor e ensinava sua forma rigorosa de piedade. A esta altura, ele provavelmente já estava preso, mas seus discípulos observavam Jesus porque João o havia identificado como o Cordeiro de Deus que removeria seus pecados (Jo 1.29). No entanto, ao observar Jesus e seus discípulos, os discípulos de João ficaram indignados, pois viram que eles não observavam a prática religiosa do jejum. Então, Mateus escreve: **Vieram, depois, os discípulos de João e lhe perguntaram: Por que jejuamos nós, e os fariseus [muitas vezes], e teus discípulos não jejuam?** (v. 14). Aqueles homens queriam saber por que Jesus não prescrevia tal disciplina a seus discípulos.

No Antigo Testamento, Deus ordenou que seu povo jejuasse apenas no Dia da Expiação [cf. Lv 23.27] e em algumas ocasiões especiais. Contudo, na época em que Jesus apareceu, os fariseus haviam dado início a uma tradição religiosa de jejuar duas vezes por semana. Aparentemente, João seguia esta tradição – ao menos em certa medida – de modo que ele e seus discípulos jejuavam mais do que a maioria dos judeus. Como os fariseus, eles estavam presos aos rituais da religião, ao aspecto externo da piedade. Logo, não surpreende que os discípulos de João tenham ficado escandalizados com a forma como Jesus instruía seus seguidores. Aqueles discípulos sacrificavam o próprio apetite regularmente, mas Jesus e seus discípulos faziam mais do que não jejuar: eles comiam e bebiam.

Tempo de fartura e tempo de jejum

Mateus diz que Jesus estava disposto a responder aos discípulos de João. Ele começou dizendo: **Podem, acaso, estar tristes os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles?** (v. 15a). Essa resposta metafórica estava intensamente carregada de história judaica. Muitas vezes, ao longo do Antigo Testamento, vemos o jejum associado à tristeza (2Sm 1.12; 1Rs 21.27; Ne 1.4; Et 4.3). Na extremidade oposta do espectro emocional, estavam as festas de casamento – momentos de alegria e celebração, manifestamente *sem* a prática de jejum. É nítido que, nesta metáfora, Jesus havia se colocado no lugar do noivo. Isto era apropriado, visto que Deus chama Israel de esposa (Is 62.5) e enviou seu Filho para ser o esposo. Assim, Jesus falou aos discípulos de João que o esposo estava presente, o que significava que não era hora de jejuar, mas de se regozijar. Jesus estava dizendo aos discípulos de João que, se eles verdadeiramente compreendessem o que estava acontecendo, não pensariam que o momento era de abnegação ou tristeza.

Jesus prosseguiu, dizendo: **Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o noivo, e nesses dias hão de jejuar** (v. 15b). Jesus logo começaria a informar seus discípulos a respeito de seu sofrimento e morte, mas, aqui, ele apenas insinuou. Haveria um tempo, ele disse, em que o noivo seria tirado, e este seria um momento oportuno para tristeza e jejum.

Em seguida, tomando algumas ilustrações da vida cotidiana da época, Jesus procurou oferecer aos discípulos de João uma compreensão mais profunda do que estava acontecendo. Segundo Mateus, ele disse: **Ninguém põe remendo de pano novo em veste velha; porque o remendo tira parte da veste, e fica maior a rotura** (v. 16). Jesus pediu que os homens imaginassem o que aconteceria se uma veste velha fosse remendada com um pedaço de pano novo. Quando a veste consertada fosse lavada, o pano novo encolheria pela primeira vez e, desta forma, rasgaria o tecido já encolhido da veste, aumentando ainda mais o furo. No entanto, Jesus reconheceu que ninguém faria uma coisa dessas, visto que o problema já era conhecido e evitado.

Então, ele disse: **Nem se põe vinho novo em odres velhos; do contrário, rompem-se os odres, derrama-se o vinho, e os odres se perdem. Mas põe-se vinho novo em odres novos, e ambos se conservam** (v. 17). Quando o vinho era produzido e começava a fermentar, ele era colocado em odres feitos de peles de animais – muitas vezes pele de bode, por ter certa elasticidade. Conforme a fermentação acontecia, os odres novos se expandiam para acomodar os gases resultantes do processo. Um odre velho, entretanto, já estava esticado à sua capacidade máxima, de modo que, se um vinho novo fosse colocado nele, não haveria elasticidade suficiente para suportar o processo de fermentação. Ele romperia, e tanto o vinho quanto o odre seriam perdidos. Mas, mais uma vez, Jesus reconheceu que ninguém faria uma coisa dessas. O problema já era conhecido, e, visto que o vinho novo era precioso, ninguém o colocava em odres velhos.

Meu melhor amigo na faculdade e no seminário era filho de um missionário e cresceu nos desertos da Etiópia, a 800 quilômetros de Adis Abeba. No povoado em que ministravam, as pessoas nunca haviam visto um homem branco antes. De vez em quando, eles precisavam ir a Adis Abeba para comprar suprimentos médicos. Eles tinham um jipe, mas não havia estrada; era preciso dirigir por terrenos esburacados, e a viagem costumava levar entre cinco e sete dias. Quando faziam o percurso, levavam alimento, gasolina, dois ou três pneus adicionais e um kit de reparos com remendos, pois o trajeto era extremamente acidentado para os pneus do jipe.

Em certa ocasião, meu amigo saiu em uma dessas viagens, mas o primeiro pneu furou logo no início. Ele o trocou, remendou o pneu furado e prosseguiu em seu caminho. Mais ou menos 30 quilômetros à frente, outro pneu furou. Isso aconteceu tantas vezes, que ele acabou usando todos os remendos do kit de reparos. Meu amigo continuou dirigindo com os pneus murchos, mas eles logo foram reduzidos a pedaços. Ele sabia que destruiria as rodas do jipe se tentasse terminar a viagem com elas expostas e, provavelmente, não conseguiria retornar. Para resolver o problema, atirou em um antílope, arrancou sua pele e, em seguida, cortou o couro em tiras longas, as quais costurou em volta das rodas e encheu com grama. Desta forma, ele consertou os quatro pneus e terminou sua viagem a Adis Abeba. Sua conclusão foi a de que reparar o problema superficialmente não adiantaria. Ele precisava de pneus novos. Ele precisava de um tipo completamente novo de pneu, um tipo que não fosse inflável para não ser perfurado. Meu amigo precisou ser inovador e criativo para fazer algo completamente novo e, assim, concluir sua missão.

Tempo de mudança fundamental

O que Jesus estava querendo dizer com respostas tão pitorescas aos discípulos de João? Qual era seu argumento? Ele estava lhes dizendo que

uma nova era e uma nova aliança haviam chegado. Ele viera para provocar uma mudança radical; tão radical, que não seria mais possível prosseguir com os antigos costumes.

Nos últimos anos, a política nos Estados Unidos foi dominada por pedidos de mudança. Quando ouço este tipo de linguagem política, tenho vontade de levantar a mão e perguntar: "Que tipo de mudança?" Em si, a mudança não é necessariamente algo bom. Quando alguém contrai uma doença fatal, há mudança em sua vida, mas não uma boa mudança. As mudanças podem ser para melhor ou para pior.

É claro, eu acho que os Estados Unidos precisam de uma mudança fundamental. Anos atrás, tive a oportunidade de jantar com um senador que presidia a comissão de orçamentos do senado. Eu o questionei quanto aos problemas da nação. Perguntei:

— Senador, o senhor não acha que devemos tomar tais e tais providências?

Ele respondeu:

— Ah, com certeza precisamos fazer isso, mas não este ano.

Quando perguntei o motivo, ele disse:

— Porque este é um ano eleitoral.

Levantei outra questão que considerava de vital importância, e ele respondeu:

— Ah, isso é urgentemente necessário em nosso país, e nós faremos isso, senhor RC, mas não podemos fazê-lo este ano porque é ano eleitoral.

Ele continuou respondendo a mesma coisa a umas dez perguntas. Era como se eu estivesse ouvindo um disco riscado. Cada vez que eu lhe perguntava sobre um problema enfrentado pela nação, ele concordava com a necessidade de que aquilo deveria ser resolvido, mas acrescentava que era preciso esperar. Por fim, indaguei:

— Existe alguém aqui na Colina do Capitólio, de qualquer partido que seja, que pense na próxima geração, e não na próxima eleição?

Temo pelos Estados Unidos, a menos que efetuemos mudanças fundamentais na maneira como as coisas são feitas neste país.

Jesus disse aos discípulos de João que uma mudança fundamental tinha ocorrido. Ele estava dizendo, de modo sutil, que o Messias pelo qual os judeus haviam orado durante milhares de anos finalmente chegara. Não era hora de se preocupar em fazer banquetes ou jejum.

Às vezes, durante a semana, eu encontro um membro da congregação e digo:

— Ei, onde você estava no último domingo? Senti sua falta.

Uma vez, me disseram:

— Há tantas pessoas na igreja Saint Andrew's, que o senhor não tem como saber se faltei domingo.

Respondi:

— Sim, eu tenho como saber.

Algumas pessoas em minha congregação estão presentes todos os domingos pela manhã. Se não estiverem, devem estar doentes ou viajando. Eu sei que, se estiverem na cidade e sem qualquer problema de saúde, irão à igreja domingo de manhã.

Porém, há pessoas que vejo mais ou menos uma vez por mês. Tenho até um amigo que vai à igreja apenas uma vez por ano – na véspera de Natal. Eu o vejo com frequência porque ele me ajuda com alguns problemas físicos, e, nessas ocasiões, sempre me pede para voltar na semana seguinte. Eu digo:

— Tem algo errado aqui. Eu preciso vê-lo toda semana, mas você só me visita uma vez por ano.

Nós rimos juntos por causa disso, mas, de minha parte, o riso tem um quê de tristeza. Fico feliz porque as pessoas vão à igreja pelo menos às vezes, sendo que poderiam simplesmente não ir, mas me pergunto por

que elas se dão ao trabalho. O que motiva alguém a ir à igreja uma vez por mês ou, como no caso do meu amigo, uma vez por ano? É como colocar remendo novo em roupa velha. É um cristianismo de retalhos. A pessoa imagina: "Vou consultar Deus esta semana; talvez eu ganhe algo com isso."

Isso não é cristianismo. Nós somos chamados a nos revestir de Cristo (Rm 13.14). Nosso Deus nos quer de corpo e alma. Ele não nos chama para que fiquemos apenas envolvidos em uma religião. Ele nos ordena a ter um compromisso com ele de toda a alma. O cristianismo não é uma atividade de meio período. Em certo sentido, ele é, de fato, tudo ou nada. No entanto, nem mesmo os discípulos de João Batista captaram isso. Eles não entendiam.

Havia um bispo anglicano na Austrália que contava com a ajuda de um jovem vigário. Certa manhã, quando o vigário chegou à cúria diocesana, estava evidente que ele não havia feito a barba. O bispo ficou um pouco surpreso e perguntou-lhe:

— Por que você não se barbeou esta manhã?

O vigário respondeu:

— Todas as manhãs, eu me levanto e espero o Espírito me conduzir. Se o Espírito me conduz a fazer a barba, eu faço a barba; se ele não me conduz a fazer a barba, eu não faço a barba.

O bispo disse:

— Deixe-me dar um conselho para diminuir o estresse que você enfrenta todas as manhãs enquanto aguarda a direção do Espírito Santo. Isso irá poupar esforços de sua parte e da parte do Espírito Santo. De agora em diante, por uma questão de princípios, eu quero que você decida se barbear todas as manhãs quando acordar.

Não foi uma ideia original? O bispo estava ajudando o vigário a entender que não era possível cuidar da higiene por retalhos. Tratava-se de uma questão de disciplina e hábito. A assiduidade na igreja é a mesma

coisa. Ela precisa ser um hábito. Nós precisamos ouvir a Palavra de Deus. Nós precisamos dos meios da graça. Nós precisamos de comunhão com os cristãos. E, naturalmente, esse tipo de disciplina deve marcar todos os aspectos de nossa vida cristã.

Você já se revestiu de Cristo por completo? Você já se comprometeu com ele de corpo e alma? É disso que estou falando aqui. Deus não está interessado em acrescentar religião à sua vida. Ele enviou um Salvador que é Cristo, o Senhor, e ele quer que você receba Cristo por completo e com todo o seu ser. Nada mais servirá.

DUAS FILHAS CURADAS

Mateus 9.18-26



> Enquanto estas coisas lhes dizia, eis que um chefe, aproximando-se, o adorou e disse: Minha filha faleceu agora mesmo; mas vem, impõe a mão sobre ela, e viverá. E Jesus, levantando-se, o seguia, e também os seus discípulos. E eis que uma mulher, que durante doze anos vinha padecendo de uma hemorragia, veio por trás dele e lhe tocou na orla da veste; porque dizia consigo mesma: Se eu apenas lhe tocar a veste, ficarei curada. E Jesus, voltando-se e vendo-a, disse: Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou. E, desde aquele instante, a mulher ficou sã. Tendo Jesus chegado à casa do chefe e vendo os tocadores de flauta e o povo em alvoroço, disse: Retirai-vos, porque não está morta a menina, mas dorme. E riam-se dele. Mas, afastado o povo, entrou Jesus, tomou a menina pela mão, e ela se levantou. E a fama deste acontecimento correu por toda aquela terra.

O desespero leva as pessoas a atitudes inesperadas. Nós vemos a realidade desta declaração duas vezes nesta passagem.

Mateus começa escrevendo: **Enquanto estas coisas lhes dizia, eis que um chefe, aproximando-se, o adorou e disse: Minha filha faleceu agora mesmo; mas vem, impõe a mão sobre ela, e viverá** (v. 18). Jesus mal havia terminado de responder aos discípulos de João Batista (9.15-17), quando um homem aproximou-se dele e pediu-lhe que ajudasse sua filha. Como de costume, o relato que Mateus faz deste incidente é mais resumido do que o de Marcos (5.22-43) e Lucas (8.41-56). Ao passo que Mateus diz apenas que o homem era um "chefe", os outros relatos dizem que ele era chefe de uma sinagoga. Isso não significa que ele era rabino, mas que era responsável pela manutenção do local e supervisionava as cerimônias e a seleção dos textos para a leitura das Escrituras. Em suma, esse homem,

cujo nome era Jairo, ocupava uma posição extremamente elevada na comunidade judaica. Ele fazia parte de um grupo muito resistente e hostil a Jesus. Normalmente, alguém em sua posição não teria se humilhado em busca da ajuda de Cristo, mas ele o fez porque estava desesperado.

É evidente, entretanto, que esse homem não estava meramente desesperado; ele estava transformado. Observe o que ele fez: "adorou" Jesus. Em seguida, note o que ele disse: "Minha filha faleceu agora mesmo; mas […] impõe a mão sobre ela, e viverá." Ele reconheceu que Jesus era mais do que um profeta, mais do que um bom mestre, mais do que um rabino sábio. Bem antes de Pedro confessar Jesus como Filho de Deus (16.16), esse homem vira a verdade. Ele sabia que Jesus era Deus em carne e que tinha o poder não só de curar os vivos, mas de ressuscitar os mortos. Não somos informados de como ele foi convencido disso, mas suas ações e palavras não deixam dúvidas de que ele era um homem transformado.

A cura da primeira filha

Mateus diz que Jesus atendeu à súplica de Jairo: **E Jesus, levantando-se, o seguia, e também os seus discípulos** (v. 19). Mas, antes de chegar à casa de Jairo, Jesus foi interrompido por uma segunda pessoa desesperada: **E eis que uma mulher, que durante doze anos vinha padecendo de uma hemorragia, veio por trás dele e lhe tocou na orla da veste; porque dizia consigo mesma: Se eu apenas lhe tocar a veste, ficarei curada** (v. 20-21).

Esta senhora é uma das minhas personagens favoritas do Novo Testamento. Eu a amo porque ela não estava tomada por uma sensação de merecimento – tão difundida na cultura ocidental de hoje, na qual todos parecem acreditar que o mundo lhes deve algo. Essa mulher não tentou agendar um encontro com Jesus. Ela nem sequer o interrompeu

para pedir ajuda. Seu desejo nada mais era do que tocar a orla da veste dele. Ela tinha fé que, se conseguisse fazê-lo, seria curada.

A mulher sofria de hemorragia havia doze anos. Não era uma situação de risco, mas era problemática porque a tornava cerimonialmente impura. Isso significava que, durante doze anos, ela havia sido impedida de participar ativamente na vida religiosa da comunidade. Marcos e Lucas dizem-nos que a mulher havia gasto todo o seu dinheiro em médicos em busca de ajuda, mas seu estado só piorava. Além do mais, ela estava desesperada.

Mais uma vez, o relato de Mateus é bem resumido. Marcos escreve que, ao tocar o manto de Jesus, "logo se lhe estancou a hemorragia, e sentiu no corpo estar curada do seu flagelo. Jesus, reconhecendo imediatamente que dele saíra poder, virando-se no meio da multidão, perguntou: Quem me tocou nas vestes? Responderam-lhe seus discípulos: Vês que a multidão te aperta e dizes: Quem me tocou? Ele, porém, olhava ao redor para ver quem fizera isto" (5.29-32).

Se houve alguma vez em que um incidente irritou os discípulos, o incidente foi este. Eles estavam indo à casa de Jairo, e uma "grande multidão" (Mc 5.24) seguia-os para ver o que Jesus faria, empurrando-o durante o caminho. Porém, quando a mulher tocou seu manto, ele soube que algo acontecera. Aquilo tinha sido mais do que um toque acidental. Portanto, ele parou e perguntou quem o havia tocado. Os discípulos consideraram a pergunta tola, mas ele explicou: "Alguém me tocou, porque senti que de mim saiu poder" (Lc 8.46). Jesus não era um mágico que realizava truques. O poder dele era de Deus, e ele sabia quando tal poder de cura emanava de sua pessoa.

Muito embora Jesus estivesse a caminho da casa de Jairo para ressuscitar sua filha, ele não estava tão preocupado com esta missão a ponto de não ter tempo para acudir a pobre mulher. Podemos aprender algo com este incidente: Jesus nunca está ocupado demais para nós. Ele

não tem gerentes e assistentes que impedem as pessoas de entrar em contato com ele. Ele sabe o número de fios de cabelo em nossa cabeça (Mt 10.30), o que significa que ele tem um conhecimento completo e abrangente de cada criatura deste mundo. Ele conhece todas as preocupações que pesam sobre nós. Ele conhece todas as dores que enfrentamos antes mesmo de lhe contarmos. Sim, ele governa, conserva e sustenta o vasto universo em toda a sua complexidade a cada momento; mas, ainda assim, ele nos conhece, importa-se conosco e ouve nossas orações. Quem sou eu para ser ouvido pelo Deus onipotente? Quem sou eu para que ele se importe, por um momento sequer, com meu bem-estar? Davi disse: "Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, e a lua e as estrelas que estabeleceste, que é o homem, que dele te lembres e o filho do homem, que o visites?" (Sl 8.3-4). Este cuidado é o que vemos nesta história, quando Jesus parou para ajudar uma mulher em sofrimento. A necessidade dela era pequena em comparação com a necessidade de Jairo e sua filha. Contudo, aquilo importava para ela; logo, importava para Jesus.

Mateus escreve: **E Jesus, voltando-se e vendo-a, disse: Tem bom ânimo, filha, a tua fé te salvou. E, desde aquele instante, a mulher ficou sã** (v. 22). Os outros evangelhos sinóticos dizem-nos que a mulher se apresentou em resposta à pergunta dele e, tremendo, prostrou-se a seus pés, provavelmente esperando uma repreensão (Mc 5.33). Todavia, Jesus acolheu-a com bondade. Observe como ele a chamou de "filha", exatamente da mesma forma como havia se referido ao paralítico: "filho" (Mt 9.2). Em seguida, ele a declarou curada e abençoou-a.

A cura da segunda filha

Jesus não se esqueceu de Jairo e sua filha. Mateus escreve: **Tendo Jesus chegado à casa do chefe e vendo os tocadores de flauta e o povo em alvoroço, disse: Retirai-vos, porque não está morta a menina, mas dorme.**

E riam-se dele (v. 23-24). Ao chegar à casa de Jairo, Jesus deparou-se com uma multidão reunida para consolar a família do chefe. O som de flautas e choros podia ser ouvido. Era costume, entre os judeus da época, o luto ser público, e não reservado, quando alguém morria. Na realidade, esperava-se até mesmo da família mais pobre que contratasse, no mínimo, dois flautistas e uma carpideira profissional no caso de alguma morte. A finalidade disso era garantir que ninguém se enlutasse sozinho. Este costume também lembrava o povo de Deus que ele era chamado a se alegrar com os que se alegravam e chorar com os que choravam (Rm 12.15). Jairo, entretanto, era um homem de recursos, e contava com um grande número de flautistas e carpideiras. Mateus diz, com todas as letras, que a cena era um "alvoroço".

Quando Jesus chegou, pediu à multidão que se "retirasse" – isto é, que o deixasse passar ao local onde estava o corpo da menina. Ele também afirmou que ela não estava morta, mas apenas dormindo. Com isso, as pessoas começaram a ridicularizá-lo. Afinal, sabiam reconhecer a morte quando a viam.

O comentário de Jesus aqui gerou todo o tipo de ideias estranhas a respeito da natureza da morte. No entanto, às vezes, a Bíblia utiliza o sono como metáfora para descrever a serenidade e tranquilidade que transparece em uma pessoa falecida. Além disso, Jesus afirmou que a menina estava dormindo porque sua morte não era definitiva. Ele a despertaria.

Mateus, em seguida, diz: **Mas, afastado o povo, entrou Jesus, tomou a menina pela mão, e ela se levantou** (v. 25). Apesar da zombaria, Jesus conseguiu fazer com que a multidão fosse retirada da casa – provavelmente à insistência de Jairo, o qual tinha fé que Cristo sabia o que estava fazendo. Jesus, então, foi até a menina e tomou-lhe a mão. Tanto Marcos quanto Lucas observam que ele ordenou que se levantasse. Ao fazê-lo, a garota voltou à vida.

Lucas acrescenta uma nota de rodapé: “Seus pais ficaram maravilhados” (8.56). Igualmente, Marcos escreve: “ficaram todos sobremaneira admirados” (5.42). O evangelista não nos diz quem eram “todos”, mas não há dúvidas de que incluíam os pais, bem como todos aqueles que haviam se reunido para prantear. Nos relatos de Marcos e Lucas, lemos que Jesus proibiu Jairo e sua esposa de contar aos outros sobre o ocorrido. Apesar disso, Mateus escreve: **E a fama deste acontecimento correu por toda aquela terra** (v. 26). Um milagre de tamanha magnitude não poderia ser mantido em segredo.

Aquilo que Jesus fez à filha de Jairo, ele fará por todos os que depositarem a fé nele. Ele tem poder não somente diante de tempestades, demônios, paralisias e hemorragias, como também diante da morte. Ele é o único que tem a chave da morte (Ap 1.18), pois a derrotou. Portanto, aquilo que mais tememos como seres humanos já perdeu seu aguilhão. A vida havia terminado para a filha de Jairo – até que Jesus a tocou. Esse é o Jesus que nós adoramos e servimos. Ele nos salva das consequências de nosso pecado. Quando ele nos ressuscitar para a nova vida, nós viveremos para sempre.

A COMPAIXÃO DE JESUS

Mateus 9.27-34



> Partindo Jesus dali, seguiram-no dois cegos, clamando: Tem compaixão de nós, Filho de Davi! Tendo ele entrado em casa, aproximaram-se os cegos, e Jesus lhes perguntou: Credes que eu posso fazer isso? Responderam-lhe: Sim, Senhor! Então, lhes tocou os olhos, dizendo: Faça-se-vos conforme a vossa fé. E abriram-se-lhes os olhos. Jesus, porém, os advertiu severamente, dizendo: Acautelai-vos de que ninguém o saiba. Saindo eles, porém, divulgaram-lhe a fama por toda aquela terra. Ao retirarem-se eles, foi-lhe trazido um mudo endemoninhado. E, expelido o demônio, falou o mudo; e as multidões se admiravam, dizendo: Jamais se viu tal coisa em Israel! Mas os fariseus murmuravam: Pelo maioral dos demônios é que expele os demônios.

Mateus continua demonstrando o poder de cura de Jesus no capítulo 9 de seu Evangelho. Aqui, vemos a cura de dois cegos e a libertação de um homem que era mudo por causa de possessão demoníaca. Ambos os incidentes são instrutivos em relação ao que Jesus era e é.

Jesus havia estado na casa do chefe da sinagoga, Jairo, onde ressuscitara sua filha. Em seguida, Mateus diz: **Partindo Jesus dali, seguiram-no dois cegos, clamando: Tem compaixão de nós, Filho de Davi!** (v. 27). No capítulo anterior, vimos como a mulher que sofria de hemorragia havia se aproximado de Jesus discretamente, com a única finalidade de tocar seu manto sem interromper o ministério com Jairo. Estes cegos, entretanto, aproximaram-se dele com ousadia – e até atrevimento – clamando por ajuda. Quando ouviram falar de Jesus e ficaram sabendo que ele havia ressuscitado a filha de Jairo, os homens

perceberam que ele tinha capacidade de fazê-los enxergar. À semelhança de Jairo e a mulher com hemorragia, eles estavam desesperados pela ajuda de Jesus.

Eu simplesmente não consigo imaginar como seria estar na pele desses homens, isto é, não poder enxergar. Todos os anos, na Conferência Nacional Ligonier em Orlando, Flórida, nós temos uma seção especial para os deficientes auditivos, e as mensagens são traduzidas a eles por pessoas fluentes na língua de sinais norte-americana. É sempre um prazer ver a reação dos surdos quando as palavras dos oradores são transmitidas a eles. No entanto, embora eu fique feliz por essas pessoas terem acesso às mensagens que são pregadas, eu sempre me entristeço um pouco porque elas não podem ouvir as gloriosas melodias que apreciamos na conferência. Pelo menos, elas podem ver o que acontece ao seu redor. Os cegos não veem. Eles tateiam na escuridão. Os cegos sempre correm o risco de colidir com algo ou alguém, de tropeçar e cair ou de se perder. A vida deles está em perigo a cada passo que dão.

Em determinados momentos do Antigo Testamento, houve profusões de milagres; contudo, não encontramos uma única ocorrência sequer de restauração de vista a um cego. Já os relatos dos Evangelhos mostram que Jesus curava cegos com certa regularidade. Em certa ocasião, João Batista – aparentemente em dúvida se Jesus era de fato o Cordeiro de Deus – enviou seus discípulos para perguntar-lhe: "És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?" (Mt 11.3). Jesus respondeu: "Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho" (v. 4-5). Estes feitos eram sinais que marcariam o ministério do Messias, conforme profetizado por Isaías (29.18; 35.4-6). O primeiro destes sinais era a restauração da vista aos cegos. Claramente servia ao propósito de

Mateus a menção deste tipo específico de cura como testemunho pungente de quem Jesus era.

O Filho de Davi

Os cegos clamaram: "Filho de Davi, tem misericórdia de nós!" [NVI]. Dois aspectos importantes deste clamor precisam ser destacados. Em primeiro lugar, observe o que eles pediram a Jesus: misericórdia. Na verdade, essa não é uma boa tradução. Eles não estavam pedindo misericórdia em lugar de justiça. Em vez disso, eles desejavam a piedade de Jesus. Este versículo seria mais bem traduzido assim: "Tem piedade de nós, Filho de Davi!" ou "Tem compaixão de nossa condição deplorável, Filho de Davi!". Em segundo lugar, observe como eles chamaram Jesus. Nos relatos das curas em Mateus 8 e 9, Jesus é abordado de diversas maneiras, tais como "Senhor" (8.2,6) e "Filho de Deus" (8.29), e ele faz referência a si mesmo como "Filho do Homem" (9.6). Porém, esta é a primeira vez no Evangelho de Mateus em que ele é chamado de "Filho de Davi". Este título é muito mais do que um simples reconhecimento da descendência davídica de Jesus. Ele está carregado de significados.

Davi foi o maior rei da história de Israel. Sob sua liderança, a nação viveu o período áureo. Como guerreiro, ele conquistou os inimigos de Israel e estendeu suas fronteiras. Ele era um excelente administrador. Além disso, era um músico notável e o poeta laureado do povo, tendo redigido a maioria dos salmos de nossa Bíblia. Mas acima de tudo isso, Deus havia prometido que, da linhagem de Davi, viria um Rei cujo reinado nunca teria fim (Is 9.7).

No entanto, o reinado de Davi *teve* um fim. A idade de ouro transformou-se em bronze no reinado de Salomão, seu filho; e, após o reinado de Salomão, o reino transformou-se em ferrugem ao ser dividido em dois. O registro dos reis de Israel e Judá é uma história da perversidade presente na vida e cultura do Antigo Testamento até ambos os reinos serem conquistados.

Contudo, Deus disse por intermédio do profeta Amós: "levantarei o tabernáculo caído de Davi, repararei as suas brechas; e, levantando-o das suas ruínas, restaurá-lo-ei como fora nos dias da antiguidade" (9.11). Esta era uma promessa de que o trono de Davi seria restabelecido e que um homem semelhante a Davi restauraria o reino de Deus. Como se sabe, muitos séculos antes de Amós profetizar, Jacó já havia afirmado: "O cetro não se arredará de Judá" (Gn 49.10a). O cetro, naturalmente, é o símbolo real. Jacó também disse: "Judá é leãozinho" (v. 9a). Portanto, o povo de Deus esperava pela vinda do "leão de Judá", o qual restauraria o reino de Davi e reinaria para sempre.

O relacionamento entre Davi e Jesus era especial. Por um lado, o Novo Testamento declara que Jesus era o Filho de Davi. Por outro lado, ele também era Senhor de Davi. O Salmo 110 começa assim: "Disse o SENHOR ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés" (v. 1). Logo, Davi, o autor deste salmo, estava escrevendo sobre uma conversa que havia presenciado, por assim dizer. Era Deus falando com outra pessoa. No hebraico, Davi escreve: "Jeová disse ao meu Adonai." A palavra *Adonai* significa "Senhor"; então, Jeová estava falando com aquele que Davi considerava soberano. Tratava-se de uma conversa entre a própria natureza divina, na qual Deus Pai dizia a Deus Filho: "Assenta-te à minha direita", que é a posição de autoridade suprema. A igreja cristã sempre creu, desde o início, que Jesus é aquele que se assenta à direita de Deus. É por isso que, no Credo Apostólico, nós confessamos que Jesus "subiu ao céu e está assentado à direita de Deus Pai todo-poderoso".

Em todas as eleições, as pessoas na igreja deixam-se levar pelas propagandas políticas e começam a falar e a se comportar como se todo o nosso futuro dependesse de quem será eleito presidente dos Estados Unidos. Em tais épocas, eu procuro enfatizar que Jesus é quem ocupa o cargo político mais elevado no universo neste momento. Jesus é o Rei

dos reis e o Senhor dos senhores. Todos os governantes terrenos deveriam ser submissos a ele, pois ele é o Filho de Davi e também o herdeiro do trono de Davi, o qual permanecerá para sempre. Portanto, Jesus é o Filho de Davi e o Senhor de Davi.

Será que os cegos entendiam tudo isso? Não sei. Porém, "Filho de Davi" era um título messiânico; os cegos, no mínimo, pensavam nele como o Salvador. É significativo o fato de Jesus não ter proibido que o abordassem desta maneira.

Um sinal metafórico

Mateus, em seguida, escreve: **Tendo ele entrado em casa, aproximaram-se os cegos, e Jesus lhes perguntou: Credes que eu posso fazer isso? Responderam-lhe: Sim, Senhor!** (v. 28). Jesus perguntou se eles realmente acreditavam que ele tinha capacidade de curar-lhes a visão ou se consideravam aquilo uma simples tentativa. Eles responderam: "Sim, Senhor!" Talvez estivessem dizendo apenas "Sim, senhor", mas, no contexto deste relato, o emprego do termo *Senhor* deve ser em sua forma imperial. Creio que os cegos entendiam que, se Jesus era o Filho de Davi, então era o Senhor; e, se ele era o Senhor, poderia restaurar-lhes a visão.

Mateus diz-nos: **Então, lhes tocou os olhos, dizendo: Faça-se-vos conforme a vossa fé. E abriram-se-lhes os olhos** (v. 29-30a). Nós não somos informados, em lugar algum, por quanto tempo esses homens haviam estado cegos. É possível que o momento em que Jesus tocou seus olhos tenha sido a primeira vez em que viram a luz do dia. Você consegue imaginar como seria se a primeira coisa que você visse na vida fosse a face de Jesus? Este pode ter sido o caso desses homens.

Há uma aplicação metafórica nesta passagem. Cada um de nós nasceu cego no que diz respeito às coisas de Deus. Por natureza, não podemos ver o domínio espiritual de Deus. Há escamas em nossos olhos. Podemos até enxergar muito bem com a visão biológica, mas não somos capazes

de enxergar além do plano deste mundo. Quando falamos com pessoas sobre Cristo, elas dizem: "Eu não vejo assim." Elas falam isso porque não enxergam, e não enxergam porque não podem enxergar. Não é porque há algo errado com seu nervo ótico; é porque há algo errado com sua alma. O pecado do nosso coração cega-nos às coisas de Deus. Até que ele abra os olhos do nosso coração, nós não poderemos vê-las. Se você distingue as coisas de Deus hoje, se você vê a doçura de Jesus, se você vê a excelência de Deus, esta não é uma visão natural própria. Este é um dom divino. É uma evidência de que Deus o tocou, assim como Jesus tocou os homens cegos. Porém, se você não vê, precisa clamar: "Senhor Deus, tem piedade de mim! Permita-me ver a doçura de Cristo."

Observe como o incidente termina: **Jesus, porém, os advertiu severamente, dizendo: Acautelai-vos de que ninguém o saiba. Saindo eles, porém, divulgaram-lhe a fama por toda aquela terra** (v. 30b-31). Jesus havia levado os homens para dentro da casa, retirando-os da multidão antes curá-los. Não obstante, ele sabia que os cegos estariam propensos a contar aos outros sobre o ocorrido e não queria que isso acontecesse. Assim sendo, proibiu-os de falar sobre o assunto. É a isto que chamamos de "segredo messiânico": o recorrente desejo que Jesus tinha de que as pessoas não espalhassem o que ele havia feito por elas.

Por que ele fazia isso? O motivo mais provável era a existência de um grave mal-entendido em toda a cultura judaica de como o Messias seria. Jesus sabia que as pessoas estavam esperando alguém que as livrasse do poder de Roma. Contudo, ele tinha a hora certa para comunicar sua identidade. Ele não queria instigar na multidão expectativas impróprias. Também é possível que ele estivesse exausto de todas as curas já realizadas e, por isso, não desejava que os cegos restabelecidos divulgassem que havia cura para todos, qualquer que fosse a dor ou o sofrimento. Mateus não fala exatamente por que Jesus deu esta ordem, mas ele nos diz que os homens não a obedeceram. Assim que se

afastaram, os cegos contaram a *todos* na região o que Jesus havia feito. Eles simplesmente não conseguiram ficar quietos.

Uma nota dissonante

Mateus, em seguida, faz um breve relato de mais uma cura: **Ao retirarem-se eles, foi-lhe trazido um mudo endemoninhado. E, expelido o demônio, falou o mudo; e as multidões se admiravam, dizendo: Jamais se viu tal coisa em Israel!** (v. 32-33). Aqui, mais uma vez, Jesus expulsou um demônio. Neste caso, o demônio estava impedindo o homem de falar, mas Cristo restabeleceu esta habilidade quando o espírito saiu. Assim como os cegos recuperaram o funcionamento dos olhos pelo poder de Jesus, este homem recuperou o uso da língua e das cordas vocais. Mas, ao contrário da cura dos cegos, este milagre parece ter sido realizado ao ar livre, e, como resultado, a multidão viu e se maravilhou. As pessoas declararam, com razão, que estavam vendo coisas nunca antes testemunhadas em Israel.

Os dois primeiros capítulos da Bíblia narram as diversas fases da criação. Em cada fase, Deus dá um passo para trás, avalia sua criação e considera-a boa (Gn 1.4,10,12,18,21,25,31). Porém, Gênesis 3 começa com uma observação funesta: "Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o SENHOR Deus tinha feito […]" (v. 1). Estas palavras introduzem uma nota dissonante ao relato da criação.

Há uma nota parecida, também dissonante e sombria, em Mateus 9. Enquanto as pessoas se maravilhavam com a cura do mudo endemoninhado realizada por Jesus, Mateus diz-nos: **Mas os fariseus murmuravam: Pelo maioral dos demônios é que expele os demônios** (v. 34). Esta questão surgiria de novo mais tarde e incitaria Jesus a fazer um discurso extremamente importante a respeito do pecado imperdoável: a blasfêmia contra o Espírito Santo. Como pode ter sido possível a alguém achar que o poder por trás da compaixão de Cristo fosse maligno? Não

havia mal algum nele. Apesar disso, todo o mal deste mundo e do inferno eram canalizados contra ele.

Em todo o ministério de Jesus, não houve neutralidade. As pessoas estavam ora com ele ora contra ele. Isto é tão verdadeiro hoje quanto era na época. Qual é a sua posição? Se disser: "Bem, estou pensando a respeito, mas ainda não cheguei a uma conclusão", tenho de dizer-lhe que você se encontra em oposição ao Ungido do Senhor. Não há neutralidade. Ou você está com ele ou está contra ele.

CAMPOS PRONTOS PARA A COLHEITA

Mateus 9.35-38



> E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades. Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor. E, então, se dirigiu a seus discípulos: A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara.

Com esses versículos, Mateus finaliza uma série de episódios que ressaltam o notável ministério de cura de Jesus. Ao fazê-lo, ele volta nossa atenção para o foco principal do ministério terreno de Cristo. Embora Jesus tivesse passado muito tempo curando enfermidades do povo, sua prioridade era pregar e ensinar; era proclamar a chegada do reino de Deus. Estas atividades vêm à tona conforme o relato de Mateus progride. Também nesta passagem, encontramos uma oração específica que o Senhor instruiu os discípulos a fazerem, a qual devemos continuar incluindo em nossas petições a Deus Pai.

Mateus escreve: **E percorria Jesus todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades. Vendo ele as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor** (v. 35-36). Três atividades são mencionadas aqui: ensinar, pregar e curar. Todas elas foram motivadas pela compaixão de Jesus pelas pessoas. Ele as via como ovelhas sem pastor.

Um dos nítidos contrastes existentes na apresentação que Mateus faz do ministério de Jesus é aquele entre a compaixão deste pelas pessoas e a atitude dos fariseus, os quais desprezavam as multidões. Eles não queriam ligação alguma com os judeus comuns. Os fariseus queriam distância do povo a fim de não serem contaminados pelo contato. Eles não tinham qualquer compaixão, embora devessem ser os pastores de que as pessoas tanto precisavam.

Mateus prossegue: **E, então, se dirigiu a seus discípulos: A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara** (v. 37-38). É interessante como a metáfora da seara difere no Antigo e no Novo Testamentos. No Antigo Testamento, as referências metafóricas à colheita quase sempre têm implicações negativas. Elas dizem respeito à vinda de Deus para julgar os iníquos no juízo final. No entanto, há uma ênfase totalmente diferente neste ensinamento de Jesus. Ao empregar a metáfora da colheita, ele estava falando sobre a reunião do povo de Deus em seu reino. Os fariseus consideravam o povo nada mais do que joio a ser queimado, mas Jesus via-o como o trigo que o Pai havia cultivado para o reino. Além disso, a seara estava pronta. Os campos estavam maduros. Deus havia preparado sua colheita – um povo a ser guardado em seu celeiro.

Contudo, embora a colheita fosse abundante, os trabalhadores eram poucos. De acordo com a metáfora de Jesus, entendemos que uma única pessoa não poderia ir a um campo enorme, com vários hectares de grãos, e trazer a colheita toda sozinha. Muitos trabalhadores seriam necessários para isso. Em outras palavras, Jesus estava dizendo: “Eu estou indo a todas as cidades, todos os vilarejos e todas as sinagogas. Além disso, estou pregando, ensinando e curando em todos os lugares aonde vou. Vocês, entretanto, precisam orar para que Deus chame outros trabalhadores dispostos a se juntar a mim nesta empreitada.” Não é por

acaso que encontramos este texto imediatamente antes de ele chamar os doze e dar-lhes a comissão de participar da colheita.

A mensagem é simples: o reino de Deus precisa de homens e mulheres que ajudem a trazer a colheita. Pregadores, professores, missionários e cristãos comuns – todos nós somos chamados a participar da colheita de uma forma ou de outra. Não podemos simplesmente nomear pastores para fazer este trabalho; eles precisam de pessoas como nós que estejam despertas e preparadas para ajudá-los.

Senhor da seara

Repare a quem os cristãos devem dirigir suas orações em favor dos trabalhadores: "ao Senhor da seara". Quem é o Senhor da seara? Certamente não é o pregador, o professor nem o missionário. Por mais que o pregador pregue, por mais que o professor ensine, por mais que o missionário realize sua missão, todos estes esforços são totalmente em vão a menos que Deus produza a colheita. Sempre que subo ao púlpito, tenho plena consciência de que, independentemente do que eu disser, minhas palavras serão desprovidas de poder e força a menos que Deus Espírito Santo as utilize para penetrar a alma dos meus ouvintes. Não há planos, técnicas nem habilidades que podem fazer isso, salvo se o próprio Deus produzir a colheita.

Em sua primeira epístola aos coríntios, o apóstolo Paulo abordou uma divisão que surgira na congregação entre os seus seguidores, os seguidores de Apolo, os seguidores de Pedro e os seguidores de Cristo. Paulo precisou repreender os membros da igreja de Corinto pelos partidarismos:

> Eu, porém, irmãos, não vos pude falar como a espirituais, e sim como a carnais, como a crianças em Cristo. Leite vos dei a beber, não vos dei alimento sólido; porque ainda não podíeis suportá-lo. Nem ainda agora podeis, porque ainda sois carnais. Porquanto, havendo entre vós ciúmes e contendas, não é assim que sois carnais e andais segundo o homem? Quando, pois, alguém diz: Eu sou de Paulo,

> e outro: Eu, de Apolo, não é evidente que andais segundo os homens? Quem é Apolo? E quem é Paulo? Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um. Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento (3.1-7).

Haveria como o apóstolo ser mais claro? Quando almas são levadas ao reino de Deus, somente Deus é quem recebe o crédito. Todo o conhecimento e todas as habilidades do apóstolo Paulo, bem como toda a eloquência de Apolo (o qual talvez tenha sido o orador mais eloquente da Igreja Primitiva) não poderiam produzir uma única conversão sequer. Eles faziam o que podiam. Um plantava. Outro regava a semente. O fruto, entretanto, surgia após o plantio e a rega porque Deus produzia o crescimento.

Vemos este tema expresso no Salmo 127. Ele começa com estas palavras: "Se o SENHOR não edificar a casa, em vão trabalham os que a edificam" (v. 1a). Quando a congregação à qual eu sirvo, a Saint Andrew's, estava construindo um novo templo alguns anos atrás, eu gostava de passar pelo local para ver o que estava acontecendo. No auge da obra, quase 100 homens trabalhavam ali diariamente. Era possível ver o esforço deles no projeto. Contudo, ao observar o templo sendo edificado, eu me lembrei deste salmo e sabia que o empenho dos trabalhadores, bem como todos os sacrifícios, todas as doações e todas as orações da congregação seriam em vão se Deus não agisse. E, naturalmente, isto também se aplica não somente aos templos da Igreja, mas à própria Igreja. Cristo está construindo sua Igreja (Mt 16.18), e, independentemente de quanto os fiéis cooperem, ela não crescerá nem avançará se Cristo não a edificar.

O salmista prossegue dizendo: "se o SENHOR não guardar a cidade, em vão vigia a sentinela" (v. 1b). Porventura isso significa que a sentinela que mantém os olhos abertos e realiza seu trabalho com diligência está envolvida em uma atividade fútil? Será que ela deveria simplesmente

dormir a noite toda? Não, essa não é a questão. A sentinela é chamada a exercer toda a vigilância que lhe for possível. Apesar disso, ela deve reconhecer que a segurança da cidade está, em última análise, não em suas mãos, mas nas mãos de Deus.

Relação entre fé e renascimento

Muitas pessoas acham que a teologia reformada pode ser reduzida aos famosos cinco pontos do calvinismo. No entanto, a teologia reformada é muito mais do que cinco pontos. Assim como há sistemas de doutrina que definem o luteranismo, o episcopalismo e o catolicismo romano, há um nítido sistema doutrinário que define a fé reformada. Porém, se existe uma doutrina da teologia reformada que a distingue de todas as outras teologias existentes na face da terra, a doutrina é esta: o relacionamento, na ordem da salvação, entre a fé e o renascimento. Este é o grande divisor. Este é o lugar onde muitas pessoas que afirmam amar o ensino reformado se perdem.

A diferença é esta: praticamente todas as teologias ensinam que, a fim de renascer do Espírito de Deus, é necessário ter fé. Como consequência da confiança em Cristo, Deus Espírito Santo opera um novo nascimento na alma da pessoa, e ela recebe uma nova vida espiritual. Já a teologia reformada ensina que, embora seja preciso ter fé e optar por crer em Cristo, nada disso acontece até que Deus Espírito Santo mude a disposição do coração. O ponto essencial da teologia reformada é este: o renascimento, ou a regeneração, vem *antes* da fé.

A ideia por trás desta doutrina é o princípio de que Deus é quem dá o crescimento. Eu posso fazer a escolha de confiar em Cristo, mas não posso fazê-lo a menos que Deus desperte meu coração antes. Ao mesmo tempo, todos os indivíduos vivificados por ele recebem a fé e são icluídos no reino de Deus.

Jesus explicou esta questão a um homem chamado Nicodemos, um fariseu. Nicodemos foi ter com Jesus à noite e elogiou-o, dizendo: “Rabi,

sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele" (Jo 3.2). No meio de toda esta bajulação, Jesus interrompeu Nicodemos, dizendo: "Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (v. 3). Nicodemos ficou perplexo. Ele perguntou: "Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?" (v. 4). Então, Jesus explicou em detalhes: "Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito" (v. 5-6).

Sabe o que você era quando nasceu? Carne. Você não era metade carne e metade espírito. Você não era nem 99 por cento carne e um por cento espírito. Você era 100 por cento carne. Jesus precisou explicar aos seus contemporâneos: "O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita" (Jo 6.63a). Todavia, milhões de cristãos acreditam que, embora Deus realize 99 por cento da obra de salvação, o voto decisivo é do pecador que está na carne. Ele ainda pode fazer algo. Ele ainda pode dizer sim ao convite do evangelho. Ele ainda pode aceitar a oferta da graça de Deus. No entanto, Jesus está dizendo que o pecador não pode fazer isso a menos que Deus Espírito Santo desperte sua alma primeiro.

Todo cristão já teve essa experiência. Todos os crentes já estiveram mortos em seus pecados, e foi enquanto estavam mortos neste estado, andando segundo o curso deste mundo, que Deus os despertou para a vida espiritual. No momento em que ele lhes concedeu essa vida, cada um deles disse: "Sim, eu creio". Talvez outras pessoas tenham plantado sementes. Outras podem tê-las regado. Ainda assim, elas estavam penduradas no caule até Deus vir. Este é o ponto fundamental da teologia reformada. Trata-se de quem é soberano e quem não é.

A soberania de Deus sobre todas as coisas, até mesmo sobre a salvação, define a teologia reformada.

Naturalmente, diante da pergunta "Você acredita na soberania de Deus?", todo cristão responde que sim. Porém, se começamos a especificar a questão, o "sim" muitas vezes se transforma logo em "não". Podemos perguntar: "Deus é soberano sobre a natureza?" Sim. "Deus tem o direito soberano de dar ordens?" Sim. "Deus outorga soberanamente sua graça salvífica a alguns, mas não a outros?" Não. Estes cristãos precisam de um entendimento mais bíblico a respeito de quem é o Senhor da colheita.

O fato de que somente Deus pode salvar uma alma não deve nos desanimar, mas nos incentivar significativamente. Se eu colocasse o foco em minha própria fraqueza e impotência para mudar a vida das pessoas, eu desistiria do ministério cristão. No entanto, sei que Deus prometeu que sua Palavra não voltará vazia (Is 55.11). Eu sei que Deus prometeu atribuir a Deus Espírito Santo a tarefa de acompanhar a pregação fiel e precisa de sua Palavra, a fim de que ela não seja inútil. Esta é a única razão pela qual posso ter esperança na eficácia da pregação. Minha única esperança está em Deus. Há algum lugar melhor onde ela poderia estar? Há algum poder maior em que poderíamos confiar do que o poder de Deus?

Jesus disse: "Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara." Temos de orar para que haja mais pregadores, mais professores e mais missionários; e para que eles trabalhem sabendo que a eficácia de seu empenho depende não deles, mas de Deus.

Stonewall Jackson, general confederado durante a Guerra Civil, dizia às suas tropas: "O dever é nosso; as consequências são de Deus." Ó, como precisamos compreender isso! Precisamos estar cientes de que não somos os senhores da seara. Nós somos os trabalhadores; ele é o Senhor.

O COMISSIONAMENTO DOS APÓSTOLOS

Mateus 10.1-4



> Tendo chamado os seus doze discípulos, deu-lhes Jesus autoridade sobre espíritos imundos para os expelir e para curar toda sorte de doenças e enfermidades. Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, por sobrenome Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem o traiu.

Quando nos deparamos com uma lista de nomes nas Escrituras, tal como esta lista dos doze apóstolos, é difícil ficarmos animados com as possibilidades de revelação. No entanto, o comissionamento destes homens para serem apóstolos de Jesus foi um dos eventos mais significativos do ministério terreno de Cristo. Assim sendo, fazemos bem em estudá-lo e aplicá-lo à nossa vida.

Imediatamente após exortar seus seguidores a orar pedindo que Deus Pai enviasse trabalhadores à colheita (no caso, o povo de Deus), o próprio Jesus tomou medidas para enviar homens aos campos. Mateus escreve: **Tendo chamado os seus doze discípulos, deu-lhes Jesus autoridade sobre espíritos imundos para os expelir e para curar toda sorte de doenças e enfermidades** (v. 1). Nós já vimos que os discípulos eram, em primeiro lugar e acima de tudo, alunos. Eles eram indivíduos vinculados a escolas rabínicas. Jesus tinha um bom número de alunos em sua escola rabínica – muito mais do que doze – mas, em meio ao corpo discente, doze deles tinham certa importância. Foram estes doze que Jesus chamou para si e

incumbiu de uma missão extremamente importante, alterando seu título de discípulos para apóstolos.

Há uma enorme diferença entre discípulo e apóstolo. Por definição, apóstolo é alguém enviado por um indivíduo poderoso que recebe dele autoridade. Como consequência, a pessoa enviada carrega a mesma autoridade de quem a enviou, e as ordens dela devem ser obedecidas como se viessem do próprio emissor.

O primeiro apóstolo do Novo Testamento – na realidade, o apóstolo supremo da igreja cristã – é o próprio Cristo, pois nosso Senhor foi enviado pelo Pai ao mundo. Jesus disse: "Porque eu não tenho falado por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, esse me tem prescrito o que dizer e o que anunciar" (Jo 12.49). Ele também disse: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra" (Mt 28.18).

Nós enfrentamos problemas de autoridade todos os dias. Muitas vezes, quando os pais dão alguma ordem aos filhos, eles não querem obedecer; em vez disso, querem fazer o que têm vontade. Se os pais dizem "Você *deve*" ou "Você *vai*", a criança pode fincar os pés no chão e retrucar: "Por que eu deveria fazer isso?". Às vezes, os pais são pacientes o bastante para explicar os motivos por que ela deve obedecer. Outras vezes, eles simplesmente impõem sua autoridade e dizem: "Você vai fazer isso porque eu mandei."

Esse tipo de coisa acontece não só na família, mas também no local de trabalho, onde há estruturas hierárquicas de autoridade. Acontece nas escolas, onde os diretores têm autoridade sobre alunos e professores. Acontece no exército, onde as duas primeiras palavras que o recruta aprende a dizer são: "Sim, senhor." Há inúmeros outros exemplos de situações nas quais alguém estabelece diretrizes a serem seguidas. No entanto, temos de compreender que ninguém, em qualquer posição de autoridade no mundo – seja esta pessoa o presidente dos Estados Unidos, o capataz, o diretor da escola ou o sargento instrutor dos

fuzileiros navais – possui qualquer autoridade inerente. Nenhuma autoridade encontrada neste mundo está enraizada e fundamentada na pessoa que a possui. Toda a autoridade neste mundo é delegada, pois o único que tem autoridade inerente, intrínseca e absoluta é o próprio Deus.

Não é por acaso que a palavra *autoridade* contém a palavra *autor.* Deus é o autor de tudo o que há. Foi ele quem nos fez, não nós mesmos (Sl 100.3). Em virtude de sua posição como Criador e Soberano sobre todas as coisas, Deus tem a autoridade inerente de ordenar às suas criaturas o que bem entender. Somente Deus tem autoridade para dominar sobre nossa consciência. Quaisquer outras autoridades derivam dele.

Poder ou autoridade?

Conforme observado anteriormente, a primeira grande delegação de autoridade no Novo Testamento foi feita do Pai para o Filho. Jesus podia afirmar: "Se o Pai diz, está resolvido." Havia um adesivo de carro que as pessoas costumavam colar por aí, com os dizeres: "Deus disse. Eu acredito. Está resolvido." Sempre que via um desses adesivos, eu tinha vontade de pegar uma caneta hidrográfica e riscar a frase do meio. As coisas são resolvidas assim que Deus fala, independentemente de minha aceitação ou crença. Tudo o que o Senhor Deus diz é lei, e esta autoridade foi delegada ao Filho.

No entanto, quando Jesus chamou os discípulos, ele criou outro nível de autoridade: ele lhes delegou a autoridade que havia recebido de Deus. De acordo com a tradução New King James, ele lhes concedeu "poder sobre espíritos imundos, para os expulsarem, e para curarem todo o tipo de enfermidade e todo o tipo de doença". Contudo, outras traduções bíblicas dizem que ele lhes deu não "poder", mas "autoridade". A razão desta variação é que a palavra grega empregada aqui é *exousia*, a qual, como vimos anteriormente, pode ser traduzida como "poder" ou

"autoridade". Nós encontramos esta palavra em Mateus 7.28-29, onde, após o sermão do monte, lemos: "estavam as multidões maravilhadas da sua doutrina; porque ele as ensinava como quem tem *autoridade* e não como os escribas" (ênfase acrescentada). Da mesma maneira, nós a encontramos em Mateus 9.6, onde o evangelista informa que Jesus disse: "Pois vou mostrar a vocês que eu, o Filho do Homem, tenho *poder* na terra para perdoar pecados. Então disse ao paralítico: – Levante-se, pegue a sua cama e vá para casa" (NTLH, ênfase acrescentada). Assim, vimos *exousia* traduzida das duas formas, e ambas são legítimas, uma vez que a palavra se refere àquilo que tem tanto poder quanto autoridade.

Pergunto-me, entretanto, por que os tradutores da versão New King James optaram pela palavra *poder* aqui em Mateus 10.1. Creio que a decisão deve ter tido a ver com o contexto. Jesus deu aos apóstolos poder sobre demônios e doenças. Expulsar demônios ou curar doenças exige um poder que, por natureza, os homens não têm. Trata-se de um poder sobrenatural. Jesus outorgou-o aos doze para que eles fossem capazes de realizar essas obras poderosas.

Ainda assim, eu prefiro a palavra *autoridade*, por duas razões. Em primeiro lugar, o poder que Jesus deu aos doze apóstolos sobre espíritos imundos era a autoridade para ordenar que saíssem das pessoas que estavam atormentando. Eles podiam expulsar demônios porque tinham autoridade. Em segundo lugar, embora o texto nos informe que Jesus delegou autoridade sobre demônios e doenças aos apóstolos, esta não era, de forma alguma, toda a autoridade concedida a eles; nem, em minha opinião, o tipo mais importante de autoridade. Creio que a autoridade mais importante concedida aos apóstolos foi a autoridade da Palavra.

A autoridade da Palavra

Na Saint Andrew's, a igreja a que sirvo, nós sempre colocamos a imagem de uma cruz celta na capa do boletim dominical. Essa cruz é

adornada por várias frases em latim – as "solas" da reforma protestante – sendo *Sola Scriptura*, ou "só a Escritura", os dizeres com mais destaque. Os historiadores afirmam que a reforma teve duas causas principais. Primeiro, teve a conhecida "causa material", a principal questão da divergência: como alguém pode ser justificado diante de um Deus santo. A posição protestante no conflito entre os reformadores e a Igreja Católica Romana no que tange a justificação pela fé foi resumida na expressão *Sola fide*, que significa "somente pela fé". No entanto, por trás de todas as discussões, pairava aquilo que os estudiosos chamam de "causa formal" da reforma: a questão da autoridade. Quando Martinho Lutero desafiou a igreja, a resposta foi, em outras palavras: "Quem você pensa que é? Você está falando contra o papa e os concílios ecumênicos." Ao que Lutero respondeu: "Essa não é a questão. A questão é: estou, por acaso, falando contra a Palavra de Deus?" Quando foi convocado à dieta de Worms e intimado a retirar suas opiniões, ele disse: "A menos que eu seja convencido pelas Escrituras e pela razão pura, não aceitarei a autoridade dos papas e dos concílios, pois eles se contradizem – minha consciência permanecerá cativa à Palavra de Deus. Não posso e não retirarei coisa alguma, porque ir contra a própria consciência não é certo nem seguro. Deus me ajude. Amém."[1]

Lutero foi confrontado pela mesma questão que Eva ouviu no jardim do Éden quando a serpente se aproximou: "É assim que Deus disse […]?" (Gn 3.1). Lutero declarou: "Eu respeito o Papa. Eu respeito os concílios ecumênicos. Eu respeito os teólogos da igreja. Eu os levo muito, muito a sério. Todavia, nenhum deles em si nem todos eles juntos podem dominar sobre a consciência. Somente a Palavra de Deus pode fazer isso." Ele estava chamando a atenção para a autoridade da Bíblia.

A autoridade da Bíblia repousa sobre a autoridade apostólica. Nos primeiros séculos da igreja, o grande teólogo Irineu precisou defender os escritos apostólicos dos hereges. Basicamente, eles alegavam respeitar

Deus e ter uma grande admiração por Jesus, mas não toleravam Paulo, Pedro nem João. Em resposta, Irineu fez uso de um argumento muito simples. Ele observou que, quando Jesus discutiu com os fariseus, eles disseram, em outras palavras: "Nós acreditamos em Moisés. É com você que temos problemas." Jesus respondeu: "se, de fato, crêsseis em Moisés, também creríeis em mim; porquanto ele escreveu a meu respeito" (Jo 5.46). Aqui, Cristo estava estabelecendo um princípio: "quem, porém, me rejeitar rejeita aquele que me enviou" (Lc 10.16). Jesus estava alegando ser o apóstolo do Pai, e, se sua alegação fosse verdadeira, rejeitar sua autoridade significaria rejeitar a autoridade de Deus. Porém, Irineu prosseguiu dizendo que quem rejeitasse os apóstolos estaria rejeitando Cristo, pois Cristo havia delegado sua autoridade aos apóstolos. Logo, quem rejeitava os apóstolos rejeitava, em última instância, o Pai.

Eu acho que Irineu estava totalmente certo, e também acho que Lutero estava absolutamente correto no século 16. Se rejeitamos a Bíblia, rejeitamos a autoridade apostólica. Se rejeitamos a autoridade apostólica, rejeitamos a autoridade de Cristo. Se rejeitamos a autoridade de Cristo, rejeitamos a autoridade de Deus. Portanto, se rejeitamos a Bíblia, rejeitamos a autoridade de Deus.

Apóstolos conhecidos e desconhecidos

Mateus, em seguida, escreve: **Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, por sobrenome Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem o traiu** (v. 2-4).

Nós sabemos muitas coisas a respeito de mais ou menos metade desses homens, pois eles aparecem com frequência no registro do Novo Testamento. A outra metade, entretanto, é composta praticamente por desconhecidos. Eles aparecem em listas aqui e ali, mas não sabemos

quase nada sobre eles, pois suas atividades como apóstolos na Igreja Primitiva permanecem ocultas em sua maior parte. No entanto, creio que as palavras de Winston Churchill – em resposta ao heroísmo dos pilotos da Força Aérea Real, os quais protegeram a nação na Batalha da Inglaterra no terrível início da Segunda Guerra Mundial – aplicam-se muito bem a todos os apóstolos: "Nunca […] tantos deveram tanto a tão poucos." Estes poucos a quem Jesus confiou sua missão e aos quais concedeu sua autoridade viraram o mundo de cabeça para baixo (At 17.6).

[1] BAINTON, Roland H. *Here I Stand: A Life of Martin Luther.* Nashville: Abingdon Press, 1950, p. 144.

O ENVIO DOS DOZE

Mateus 10.5-15



A estes doze enviou Jesus, dando-lhes as seguintes instruções: Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos; mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel; e, à medida que seguirdes, pregai que está próximo o reino dos céus. Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios; de graça recebestes, de graça dai. Não vos provereis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos; nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de sandálias, nem de bordão; porque digno é o trabalhador do seu alimento. E, em qualquer cidade ou povoado em que entrardes, indagai quem neles é digno; e aí ficai até vos retirardes. Ao entrardes na casa, saudai-a; se, com efeito, a casa for digna, venha sobre ela a vossa paz; se, porém, não o for, torne para vós outros a vossa paz. Se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés. Em verdade vos digo que menos rigor haverá para Sodoma e Gomorra, no Dia do Juízo, do que para aquela cidade.

Há certas passagens nas Escrituras por vezes chamadas de "palavras duras"; são declarações difíceis de ler e que podem soar um pouco ásperas. Esta passagem traz este tipo de conteúdo.

Depois de designar 12 discípulos para servir como apóstolos, Jesus enviou-os a uma missão experimental – mas não sem antes dar instruções detalhadas. Primeiro, disse-lhes aonde não ir. Mateus escreve: **A estes doze enviou Jesus, dando-lhes as seguintes instruções: Não tomeis rumo aos gentios, nem entreis em cidade de samaritanos; mas, de preferência, procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel** (v. 5-6). Quando Jesus proferiu estas palavras, ele e os apóstolos estavam na Galileia, a parte

norte de Israel. Assim, ele os proibiu de ir ao norte, ao leste e ao sul: só havia terras gentias ao norte e ao leste, e, ao sul, estava a região dos samaritanos (o mar Mediterrâneo ficava a oeste). Jesus estava dizendo: "Quero que concentrem a atividade missionária na Galileia, pois eu os estou enviando para procurar as ovelhas perdidas da casa de Israel." Em outras palavras, a primeira missão apostólica foi destinada aos judeus. Vemos esta prioridade refletida na carta do apóstolo Paulo aos romanos, onde ele escreve: "Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego" (1.16).

Assim, a prioridade para receber o reino de Deus era dos judeus. Por quê? Por que Jesus restringiu a iniciativa missionária primeiramente a Israel? Ele não disse o motivo; portanto, a resposta a esta pergunta envolve certa dose de especulação.

Martinho Lutero fez alguns ataques sérios e, por vezes, veementes contra os judeus da Alemanha em seus últimos anos de vida. Além de criticar os banqueiros judeus pelas taxas de juros abusivas que consumiam o povo da terra, ele também falou duramente contra os judeus por causa de sua hostilidade ao evangelho. Lutero é lembrado por tais posturas, e alguns chegam ao ponto de culpá-lo pelo holocausto por conta de suas fortes críticas aos judeus. No entanto, ele já havia redigido um tratado magnífico sobre os judeus, no qual lembrou a igreja cristã de que os gentios são ramos de oliveiras bravas (Rm 11.17-24) enxertados na árvore e que, biblicamente, a salvação é dos judeus. Foi Israel a nação que Deus chamou para ser uma bênção a todos os povos do mundo. Portanto, não há absolutamente qualquer fundamento na verdade bíblica a favor do antissemitismo. Nosso Senhor mesmo era judeu, e sua prioridade era alcançar o próprio povo. Também lemos: "Veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (Jo 1.11). De forma geral, isso é verdade; mas a grande maioria dos primeiros convertidos ao cristianismo

era composta por judeus que haviam esperado pela vinda do Messias. Diante disso, Jesus enviou os apóstolos e ordenou: "procurai as ovelhas perdidas da casa de Israel; e […] pregai que está próximo o reino dos céus."

Esta mensagem lhe soa familiar? A mensagem de João Batista foi a mesma no início de seu ministério terreno (Mt 3.2). Além disso, esta também foi a mensagem que Jesus pregou quando inaugurou seu ministério terreno (Mt 4.17). Ele estava dizendo aos apóstolos: "Quero que vocês preguem ao meu povo a mesma mensagem que tenho pregado. Digam-lhe que o tempo está próximo, que a maior crise da história está aqui: a chegada do reino de Deus. Digam-lhe que aquele a quem o Pai ungiu como Rei está em seu meio." Ao transmitir tal mensagem, eles receberam a ordem: **Curai enfermos, ressuscitai mortos, purificai leprosos, expeli demônios** (v. 8a), pois estes sinais comprovariam a autoridade que demonstravam.

Jesus acrescentou: **de graça recebestes, de graça dai** (v. 8b). Com isso, Cristo lembrou os apóstolos de que eles haviam recebido o reino – a salvação por seu intermédio – como um dom. Eles não o tinham comprado ou conquistado. Logo, deviam oferecê-lo também como um dom.

O que se aplicava aos apóstolos naquela época da história da redenção aplica-se igualmente a nós hoje. Se você é cristão, se você recebeu o maior benefício que um ser humano pode receber, precisa lembrar-se sempre de que não o conquistou. Você não o mereceu. Você não o comprou. Tal benefício foi um presente dado a você livremente pela graça de Deus, e, por este motivo, é seu dever apresentar o reino aos outros também de graça.

Confiança na provisão de Deus

Em seguida, Jesus deu instruções mais práticas: **Não vos provereis de ouro, nem de prata, nem de cobre nos vossos cintos; nem de alforje para o caminho, nem de duas túnicas, nem de sandálias, nem de bordão; porque digno é o trabalhador do seu alimento** (v. 9-10). Ele não queria que os apóstolos fossem sobrecarregados com o fardo dos interesses financeiros. Além disso, não queria que eles tivessem de carregar roupas ou alimentos em excesso ao longo da viagem. Seu desejo era de que eles viajassem com pouca carga, crendo que o povo de Deus forneceria as provisões, as vestimentas e o abrigo de que viessem a necessitar.

O suprimento dos ministros de Deus pelo seu povo é um princípio profundamente enraizado na verdade bíblica, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Uma das maiores vergonhas da igreja norte-americana é o fato de os ministros estarem entre os grupos profissionais mais mal pagos de todos. Isto mostra que os norte-americanos atribuem um valor muito baixo ao trabalho dos pastores. Não foi por acaso que Deus instituiu o dízimo no Antigo Testamento; seu objetivo era certificar-se de que os responsáveis pelas coisas sagradas recebessem provisões adequadas. Deus sabia que, se deixasse os cuidados de seus sacerdotes e ministros à dinâmica do mercado, eles morreriam de fome, pois as pessoas não valorizam o que eles fazem. Creio que isso é parte do motivo por que centenas de pastores abandonam o ministério a cada ano nos Estados Unidos.

Permita-me exortá-lo, caso você seja um ancião ou diácono, a se responsabilizar pelo sustento adequado de seu pastor à luz da Palavra de Deus. Nunca é nosso dever garantir o sacrifício de outra pessoa. Já ouvi cristãos falarem coisas em discussões sobre remuneração ministerial que me deixaram de cabelo em pé. Certa vez, ouvi alguém dizer: “Não podemos pagar tanto ao pastor, porque ele ganharia mais do que eu.” Em outra ocasião, ouvi isto: “Queremos que nosso pastor continue humilde.” O protestantismo nunca aceitou o tipo de misticismo, surgido

na Idade Média, que vê grande virtude espiritual na pobreza. Todos estes comentários visam a encobrir o fato de que apenas cerca de quatro por cento da congregação dá o dízimo – o que quase impossibilita aos pastores a compra dos livros de que precisam para estudar e, assim, pregar e ensinar a Palavra de Deus. Devemos mover céus e terra para assegurar que os pastores sejam bem recompensados.

Jesus prosseguiu: **E, em qualquer cidade ou povoado em que entrardes, indagai quem neles é digno; e aí ficai até vos retirardes. Ao entrardes na casa, saudai-a; se, com efeito, a casa for digna, venha sobre ela a vossa paz; se, porém, não o for, torne para vós outros a vossa paz** (v. 11-13). Com estas orientações, Jesus estava simplesmente reiterando princípios de hospitalidade estabelecidos na Palavra de Deus. Ele disse que, se os apóstolos encontrassem uma casa que os abrigasse, alimentasse e sustentasse em determinada cidade, deveriam oferecer sua paz – isto é, uma benção – a ela. Ao derramar sua bênção sobre uma casa, eles estariam derramando a bênção de Jesus. Porém, se alguma casa se mostrasse indigna, se não os recebesse adequadamente, os apóstolos deveriam reter a bênção de Jesus.

Por último, Jesus disse: **Se alguém não vos receber, nem ouvir as vossas palavras, ao sairdes daquela casa ou daquela cidade, sacudi o pó dos vossos pés** (v. 14). Da perspectiva judaica, os gentios eram cerimonialmente impuros, e tal impureza estendia-se às suas casas e terras. Se um judeu precisasse viajar por território gentio ou por Samaria, era costume sacudir as vestes e os pés ao voltar a Israel a fim de tirar deles o pó oriundo de locais impuros. Este era um gesto simbólico de repúdio a toda impureza. Jesus mandou que apóstolos fizessem este gesto caso determinada cidade ou casa não os acolhesse ou acreditasse neles.

Recompensas e castigos

Por fim, chegamos às palavras duras que mencionei anteriormente. Jesus disse: **Em verdade vos digo que menos rigor haverá para Sodoma e Gomorra, no Dia do Juízo, do que para aquela cidade** (v. 15). Será que Jesus estava falando de modo hiperbólico aqui para expressar um argumento? Acho que não. O que, então, essa afirmação significa?

O Antigo Testamento coloca as cidades de Sodoma e Gomorra no pior nível de corrupção e pecado humano. Elas foram as cidades mais perversas em toda a história bíblica e, por isso, receberam o juízo irascível de Deus. Jesus, então, utilizou-as para fazer uma comparação. Ele disse aos apóstolos que, se fossem a alguma cidade pregar a mensagem do reino de Deus e o povo não os recebesse, eles deveriam sacudir o pó dos pés porque o dia do juízo seria mais tolerável para Sodoma e Gomorra do que para tal cidade. Creio que esta declaração de Jesus é bem clara e deve ser entendida literalmente.

Temos de aprender duas coisas com esta passagem. Em primeiro lugar, ao contrário da suposição de muitas pessoas, haverá graus de recompensa e castigo no dia do juízo. No céu, alguns receberão grandes recompensas, e outros receberão recompensas menores. No inferno, alguns receberão grandes castigos, ao passo que outros receberão castigos mais leves. A ideia comum é que todos no céu receberão a mesma recompensa e todos no inferno receberão o mesmo castigo. No entanto, pelo menos 25 passagens no Novo Testamento informam que haverá níveis de recompensa no céu e níveis de castigo no inferno. Sem dúvida, entre o céu e o inferno existe um abismo intransponível (Lc 16.26), de modo que a pessoa na posição mais inferior do céu está em situação quase infinitamente melhor do que a aquela que se encontra no nível mais elevado do inferno. Entrar no céu é a maior bênção que podemos receber. Todavia, embora entremos no céu somente pela fé em Cristo, Deus, em sua graça, decidiu que nosso lugar no céu é

determinado por nossas obras, por nosso nível de obediência. Assim, a diferença de recompensas no céu também será algo gracioso.

Em contrapartida, os castigos no inferno serão rigorosamente aplicados segundo a justiça. Se uma pessoa assassina alguém nesta vida, ela receberá o castigo justo no inferno por isso. Se ela assassina cinco pessoas, seu julgamento será cinco vezes pior. Certa vez, um dos meus professores no seminário disse que um pecador no inferno seria capaz de qualquer coisa para que o número de pecados cometidos em vida fosse um a menos – tudo para que seu castigo diminuísse minimamente.

A triste verdade é que a maioria dos cristãos não acredita no inferno de forma prática. Sei que isto é verdade porque, se realmente crêssemos no inferno, nosso zelo por missões seria mil vezes mais forte. Nós nos envolvemos em todo o tipo de sofisma, argumentando que Deus não envia pessoas ao inferno e que, na verdade, elas mesmas decidem ir para lá com seus atos malignos. A Bíblia discorda. Ela ensina que ninguém leva a si mesmo para o inferno. É Deus quem manda pessoas para o inferno. Ele criou o inferno para o juízo. Não consigo pensar em algo mais aterrorizante neste mundo do que ir para o inferno.

Certa vez, enquanto caminhava por um corredor, passei por um espelho na parede. Parei e fitei meu reflexo ali. Naquele momento, uma dúvida terrível sobreveio à minha mente: "E se eu tiver me enganado todos estes anos? E se eu não for nascido de novo? E se minha profissão de fé for falsa? E se meu destino for uma eternidade no inferno?" Fiquei apavorado. A única coisa que pude fazer naquele momento foi correr para a cruz mais uma vez e me apegar em Cristo, dizendo: "Senhor, é somente a sua justiça que pode me levar em segurança para o reino. Nada trago em minhas mãos. Não há nada que eu possa fazer para merecer minha entrada ao céu. Se o senhor fosse exercer sua justiça sobre mim, eu seria enviado ao inferno para sempre. Sei disso." Conforme fui

me lembrando da graça de Deus, minha certeza de salvação foi restaurada.

Há uma segunda lição que temos de aprender com esta passagem. Jesus disse que o dia do juízo seria mais tolerável para Sodoma e Gomorra do que para a cidade que não recebesse os apóstolos. O motivo é simples: ao fazer isso, o povo da cidade estaria rejeitando o evangelho; e, ao rejeitar a mensagem do reino de Deus, ele estaria rejeitando Jesus.

Muitas pessoas hoje em dia acreditam que o evangelho é um convite que podem aceitar ou rejeitar, conforme sua vontade. Porém, Deus não convida pessoas a virem a Cristo; ele ordena que elas venham (At 17.30). Se alguém recusa a ordem, faz o inconcebível. A maioria das pessoas admite que não é perfeita, mas não faz ideia da gravidade do pecado. Acima de tudo, elas não conseguem ver que rejeitar Jesus é o pecado mais grave que podem cometer neste mundo.

Sempre parece haver alguém com a seguinte objeção: "A menos que eu seja eleito, a menos que o Espírito Santo me dê graça, eu não poderei ir a Jesus. Uma vez que eu não o desejo, então não sou eleito. Logo, a culpa não é minha. A culpa é de Deus." Não, Deus não deve graça a ninguém, e ele julgará todos com justiça. Quem se recusa a se submeter ao Rei nomeado por ele merece um castigo mais severo do que aquele aplicado a Sodoma e Gomorra.

Isso é duro. Mas eu creio, de todo o coração, de toda a mente e de toda a alma, que é a verdade. Esta é uma verdade que precisamos desesperadamente ouvir e receber.

PERSEGUIÇÕES

Mateus 10.16-23



> Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos; sede, portanto, prudentes como as serpentes e símplices como as pombas. E acautelai-vos dos homens; porque vos entregarão aos tribunais e vos açoitarão nas suas sinagogas; por minha causa sereis levados à presença de governadores e de reis, para lhes servir de testemunho, a eles e aos gentios. E, quando vos entregarem, não cuideis em como ou o que haveis de falar, porque, naquela hora, vos será concedido o que haveis de dizer, visto que não sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai é quem fala em vós. Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai, ao filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores e os matarão. Sereis odiados de todos por causa do meu nome; aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo. Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra; porque em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel, até que venha o Filho do Homem.

Após dar algumas instruções práticas aos apóstolos para a missão experimental, Jesus reconheceu implicitamente que algumas cidades e famílias não os acolheriam. Em tais casos, eles deveriam sacudir o pó dos pés ao partir. No entanto, Cristo prosseguiu advertindo os apóstolos de que eles enfrentariam algo muito pior do que a rejeição da mensagem: eles teriam de lidar com perseguições reais.

Segundo o registro de Mateus, Jesus disse: **Eis que eu vos envio como ovelhas para o meio de lobos** (v. 16a). O mais importante a ser observado neste versículo é quem deu início à operação missionária. Não tinha sido ideia dos apóstolos sair pelos povoados e pelas cidades de Israel. Jesus foi quem os enviara: “eu vos envio”.

Ao despedi-los, Cristo foi honesto: seus emissários seriam como ovelhas no meio de lobos. Ele não estava dizendo que os apóstolos seriam como ovelhas porque eram tolos. O que a metáfora quer dizer é que ele os estava enviando a um ambiente totalmente hostil. Eles eram como ovelhas se arriscando em uma alcateia de lobos vorazes que mal podiam esperar para atacá-las. Humanamente falando, os apóstolos não tinham a menor chance.

De que maneira isso se aplica aos cristãos do mundo ocidental no século 21? Existem focos de hostilidade contra o cristianismo, e parece haver um crescente desgosto por parte das autoridades diante de quaisquer influências da fé cristã em assuntos públicos. De modo geral, entretanto, o cristianismo é tolerado na comunidade, e nós não costumamos nos sentir como cordeiros prestes a serem devorados por lobos ferozes. Podemos até ser um pouco ridicularizados, mas ninguém ameaça mandar-nos ao Coliseu para lutar com gladiadores, atirar-nos aos leões ou usar-nos como tochas humanas para iluminar os jardins do imperador. Nós não estamos nessa situação. E, às vezes, eu me pergunto por que não vemos esse tipo de perseguição acontecendo. Por que a pregação do evangelho hoje em dia no ocidente não é, nem de perto, tão perigosa como era para os apóstolos em sua primeira missão apostólica?

No livro *Christless Christianity: The Alternative Gospel of the American Church*, Michael Horton demonstra como o evangelho tem sido diluído e radicalmente alterado por pregadores famosos da atualidade. A mensagem do evangelho tornou-se uma mensagem de terapia. Se não estivermos bem equilibrados, Deus pode ajudar-nos a levar uma vida bem-sucedida. Se tão somente exercitarmos nossas vontades e seguirmos alguns passos básicos, seremos ricos, saudáveis e felizes.

Em seu livro, Horton discorre sobre um dos homens que prega esse tipo de mensagem: Joel Osteen, provavelmente o pregador mais famoso

nos Estados Unidos hoje. Em uma entrevista na televisão, perguntaram a Osteen se ele utiliza a palavra *pecador*. Ele respondeu: "Não. Nunca pensei sobre isso, mas eu provavelmente não uso. Apesar disso, a maioria das pessoas já sabe o que está fazendo de errado. Quando eu as levo à igreja, quero dizer-lhes que é possível mudar."[1] Não admira que a igreja dele esteja abarrotada de gente. O que pode ser mais popular do que um cristianismo sem pecado? Depois, perguntaram a Osteen se judeus, muçulmanos e outros não cristãos estão errados em suas crenças. Ele disse: "Não sei se eu os considero errados. Eu acredito que aquilo que a Bíblia ensina está aqui e, com base na fé cristã, é nisto que creio. Porém, acho apenas que Deus julgará o coração de cada um."[2] Até o entrevistador, que não era cristão, percebeu algo de errado naquela mensagem, a qual carecia de qualquer noção de pecado e juízo.

Se Deus não fosse santo, não se irasse contra o pecado e não se preocupasse com justiça, o cristianismo seria completamente inútil e desnecessário. Se Deus não fosse santo, por que deveríamos nos preocupar com o pecado? Por que deveríamos nos preocupar com o fato de que estaremos diante dele no fim da vida? Se Deus não se irasse e fosse apenas um grande amontoado de amor celestial, quem precisaria de graça ou misericórdia?

O evangelho não é uma boa nova para as pessoas hoje em dia porque elas não estão em busca de boas novas. Elas estão em busca de bons conselhos. Conforme Horton aponta em seu livro, a maioria dos conselhos que as pessoas desejam – como ficar em paz com os filhos, como se dar bem no casamento, como ser bem sucedido nos relacionamentos profissionais – pode ser obtida na barbearia ou no cabeleireiro, sem a leitura de uma página sequer do Novo Testamento.

No entanto, se Deus é santo, se fica irado e se está preocupado com a retidão e a justiça (e ele está), nós precisamos da cruz. A melhor notícia que poderíamos ouvir é que Cristo veio para satisfazer as exigências da

retidão e da justiça de Deus, que ele tomou sobre si a plenitude da ira de Deus contra os nossos pecados e que ele nos vestiu com a própria justiça, a qual é suficiente para satisfazer as exigências de um Deus santo. Deus é santo, o que significa que nós não somos. Isto significa que nós precisamos de um Salvador. Nós precisamos da cruz.

O problema é que esta mensagem é repugnante para os lobos. Nenhum pecador quer ouvir sobre seu pecado. Eles não querem ouvir sobre um Deus santo. Contudo, Jesus deu esta mensagem aos apóstolos e enviou-os entre os lobos para que a pregassem – mas não sem antes alertá-los de que seriam desprezados por causa dela.

Prudentes e símplices

Jesus prosseguiu: **sede, portanto, prudentes como as serpentes e símplices como as pombas** (v. 16b). Este foi seu conselho às ovelhas para quando estivessem entre os lobos. Ora, a igreja hoje é, no geral, totalmente símplice – motivo pelo qual desfrutamos de paz e segurança. Mas o que Jesus quis dizer com esta declaração enigmática?

Em primeiro lugar, os apóstolos deveriam ser "prudentes como as serpentes". Em Gênesis 3, após a história da criação, lemos: "Mas a serpente, mais sagaz que todos os animais selváticos que o SENHOR Deus tinha feito […]" (v. 1a). A serpente era sutil e perspicaz, colocando laços e armadilhas para seduzir o povo de Deus; por esta razão, tornou-se uma metáfora da astúcia. Este é o atributo que Jesus desejava ver em seus apóstolos: astúcia, mas sem a malícia da serpente. Em outras palavras, ele disse: "Eu não quero que vocês sejam tolos como as ovelhas. Quero que sejam sensatos. Quero que estejam atentos ao que acontece em sua volta. Quero que sejam astutos como as serpentes." Mas, ao mesmo tempo, eles deveriam ser "símplices como as pombas". Os apóstolos não deveriam ter veneno algum sob a língua. Não deveriam guardar ódio destruidor no coração. Eles deveriam ser brandos, afáveis e símplices

como as pombas, que são símbolos da paz. Este é um contraste gritante: astutos como uma serpente, mas brandos como uma pomba.

Em seguida, Jesus disse: **E acautelai-vos dos homens; porque vos entregarão aos tribunais e vos açoitarão nas suas sinagogas; por minha causa sereis levados à presença de governadores e de reis, para lhes servir de testemunho, a eles e aos gentios** (v. 17-18). Naturalmente, os lobos sobre os quais Jesus falou eram homens, e homens com os quais ele queria que os apóstolos fossem cautelosos. Cristo alertou que, por hostilidade à mensagem do evangelho, estes homens iriam arrastá-los a concílios, açoitá-los e forçá-los a enfrentar julgamentos diante de governadores e reis.

Quase tudo o que Jesus mencionou aqui aconteceu com ele próprio. Ele foi levado diante do concílio judaico, o Sinédrio, foi açoitado e foi levado ao governador romano da Judeia, Pôncio Pilatos. É interessante notar que Jesus aqui parecia estar olhando adiante, muito além da missão inicial dos apóstolos na casa de Israel, pois falou sobre o testemunho que eles dariam aos gentios. Quando essa fase da missão chegasse, conforme está registrado no livro de Atos, todas essas coisas lhes aconteceriam também.

A ideia de serem levados diante de reis deve ter sido intimidadora para os apóstolos, pois muitos deles eram homens simples. Porém, Jesus aconselhou-os a não temer. Ele disse: **E, quando vos entregarem, não cuideis em como ou o que haveis de falar, porque, naquela hora, vos será concedido o que haveis de dizer, visto que não sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai é quem fala em vós** (v. 19-20).

Na sala da minha casa, há uma pintura de Richard Serrin que retrata o apóstolo Paulo diante do rei Agripa (At 25–26). Isso aconteceu quase no fim da vida do apóstolo, pouco antes de ele ser levado a Roma. Paulo contou abertamente a história de sua conversão dramática na estrada de Damasco. Lucas escreve:

> Dizendo ele estas coisas em sua defesa, Festo o interrompeu em alta voz: Estás louco, Paulo! As muitas letras te fazem delirar! Paulo, porém, respondeu: Não estou louco, ó excelentíssimo Festo! Pelo contrário, digo palavras de verdade e de bom senso. Porque tudo isto é do conhecimento do rei, a quem me dirijo com franqueza, pois estou persuadido de que nenhuma destas coisas lhe é oculta; porquanto nada se passou em algum lugar escondido. Acreditas, ó rei Agripa, nos profetas? Bem sei que acreditas. Então, Agripa se dirigiu a Paulo e disse: Por pouco me persuades a me fazer cristão. Paulo respondeu: Assim Deus permitisse que, por pouco ou por muito, não apenas tu, ó rei, porém todos os que hoje me ouvem se tornassem tais qual eu sou, exceto estas cadeias (26.24-29).

Duvido muito que Paulo estivesse esperando que o governante romano questionasse sua sanidade, mas ele respondeu com palavras eloquentes que nitidamente mexeram com o coração do rei Agripa. Este é o cenário que Serrin retrata em sua pintura: Paulo perante Agripa, algemado, suplicando ao rei para que cresse. Trata-se de uma cena extraordinária, mas ela não é a única cena deste tipo descrita no livro de Atos. Os apóstolos foram arrastados perante as autoridades, açoitados com varas, apedrejados, presos e apresentados diante de governantes e reis, onde o Espírito Santo os ungiu e lhes deu as palavras que deveriam dizer no meio da perseguição.

Nós não temos a supervisão do Espírito Santo para ser agentes da revelação, como os apóstolos foram. No entanto, há momentos ainda hoje em que os cristãos confrontados por crises em nome do evangelho recebem as palavras que precisam proferir em tais circunstâncias.

Traição e ódio

Jesus continuou: **Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai, ao filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores e os matarão** (v. 21). Jesus disse que o ódio contra o evangelho romperia laços familiares. Há muitos anos, li a história da opressão que o povo da Hungria sofreu após a Segunda Guerra Mundial, ao ser aprisionado pelos ocupantes russos. Na época, os húngaros foram proibidos de

adorar Cristo. Eles não tinham permissão para ler a Bíblia ou orar. Quando as crianças iam à escola, eram questionadas se os pais oravam ou liam a Bíblia com elas. Se dissessem que sim, a polícia secreta ia até a casa delas à noite e levava os pais embora. Alguns filhos mais velhos intencionalmente entregavam os pais, e alguns pais entregavam os filhos. Este foi um dos motivos da catastrófica insurreição de 1956, na qual pessoas desarmadas derrubaram o governo comunista. Infelizmente, a União Soviética invadiu e reinstituiu o comunismo depois de apenas alguns dias. Eu estive em Budapeste logo após a queda da União Soviética e vi as cicatrizes nos edifícios. Todavia, elas não se podiam comparar com as cicatrizes deixadas no povo.

Pergunto-me se alguém entregaria um discípulo de alguma igreja norte-americana em circunstâncias semelhantes. Será que um governo hostil ao cristianismo teria problemas com alguém que orienta as pessoas a ser tudo o que quiserem ou a ter um espírito positivo? Duvido, porque isso não é cristianismo.

Jesus ainda tinha mais alertas aos apóstolos: **Sereis odiados de todos por causa do meu nome; aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo** (v. 22). A perseguição não viria apenas de alguns homens ou do governo – os apóstolos seriam odiados por todos. Em tais circunstâncias, o ministério deles não seria fácil. Porém, Jesus fez uma promessa: se perseverassem até o fim, seriam salvos.

As epístolas do Novo Testamento estão repletas de palavras de encorajamento aos fiéis para que perseverassem em meio à perseguição. Nem todos perseveraram. Em sua última carta, enquanto aguardava a execução em Roma, Paulo suplicou a Timóteo para que fosse logo ter com ele, pois fora deixado sozinho. Neste contexto, ele menciona Demas, dizendo: “Porque Demas, tendo amado o presente século, me abandonou” (2Tm 4.10). Agora Demas ficou conhecido para sempre como o homem que abandonou o apóstolo Paulo por amor a este

mundo. Eu espero que este não seja o meu legado. Espero ser alguém que persevere até o fim. Naturalmente, sei que isso acontecerá apenas pela graça de Deus.

Por fim, Jesus disse: **Quando, porém, vos perseguirem numa cidade, fugi para outra; porque em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel, até que venha o Filho do Homem** (v. 23). A expectativa de Jesus era que, quando os apóstolos se deparassem com perseguições, eles simplesmente iriam para outro lugar, mas não abandonariam a missão. Em seguida, ele lhes fez uma promessa estranha que tem causado muita confusão. Aparentemente, Jesus estava dizendo que os apóstolos não terminariam de levar o evangelho a todas as cidades de Israel até que ele voltasse. Isso parece implicar um retorno breve. Ninguém esperava uma lacuna de dois mil anos (e contando) desde a época desta declaração até o retorno de Jesus. Esta é uma das referências temporais bastante problemáticas com relação à sua vinda. Eu não me ocuparei com esta questão aqui, mas dispensarei total atenção ao assunto quando chegarmos a Mateus 24, onde Jesus tem muito mais a dizer a respeito.

Ninguém ama a perseguição. No entanto, como cristãos, nós devemos estar preparados para sofrer perseguição e suportá-la – contanto que mantenhamos a cruz em nosso cristianismo. Se retirarmos a cruz da fé cristã, nós nos pouparemos de dificuldades, mas seremos infiéis à mensagem que nosso Senhor nos confiou. Não ousemos fazer isso.

[1] HORTON, Michael. *Christless Christianity: The Alternative Gospel of the American Church* (Grand Rapids: Baker, 2008), 75–76 [Lançado no Brasil pela Cultura Cristã com o título *Cristianismo sem Cristo* (N. do E.)].

[2] Ibid., p. 74

TEMOR DE DEUS

Mateus 10.24-33



> O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo, acima do seu senhor. Basta ao discípulo ser como o seu mestre, e ao servo, como o seu senhor. Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais aos seus domésticos? Portanto, não os temais; pois nada há encoberto, que não venha a ser revelado; nem oculto, que não venha a ser conhecido. O que vos digo às escuras, dizei-o a plena luz; e o que se vos diz ao ouvido, proclamai-o dos eirados. Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo. Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai. E, quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados. Não temais, pois! Bem mais valeis vós do que muitos pardais. Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus.

Pouquíssimas pessoas já ouviram falar de Alberto Magno – ou, como é conhecido por alguns, Alberto, o Grande. Contudo, seu lugar na história da igreja é muito importante, pois ele foi o mestre de Tomás de Aquino no século 13. Quando foi a Paris pela primeira vez e passou a ser mentoreado por Magno, Aquino era ridicularizado e provocado com frequência pelos colegas por ser um pouco desajeitado e lento. Chamavam-lhe de Boi Mudo de Aquino. Quando Magno ouviu isso, repreendeu os outros alunos e declarou que Aquino surpreenderia o mundo inteiro algum dia com seu conhecimento. Nos séculos seguintes, naturalmente, Aquino veio a ser conhecido como *Doctor Angelicus* (“Doutor Angélico”) entre os eruditos da Igreja

Católica Romana. Não Magno, mas Aquino foi condecorado com este epíteto por ter sido possivelmente o teólogo mais importante na história da igreja. Ele claramente excedeu seu mestre.

No entanto, segundo Mateus, Jesus ensinou: **O discípulo não está acima do seu mestre, nem o servo, acima do seu senhor** (v. 24). Como ele poderia dizer isso sendo que temos um exemplo tão claro a ser citado, entre muitos outros, de um aluno que ultrapassou o próprio mentor? Jesus não estava dizendo que aluno algum pode exceder as conquistas do mestre ao amadurecer e crescer em conhecimento. O que ele estava dizendo era que, enquanto alguém é aluno, enquanto alguém está em tal relação de subordinação a um mestre, existe uma hierarquia segundo a qual este alguém não tem autoridade sobre aquele que o instrui. A autoridade está do lado do mestre.

Eu sobrevivi à tumultuada década de 1960. Na época em que o movimento SDS (*Students for a Democratic Society*) estava tentando revolucionar a educação superior, eu era professor universitário de filosofia, e todos os *campi* estavam sujeitos a invasões e protestos no gabinete do presidente, onde os alunos exigiam o direito de determinar o próprio currículo. Na instituição onde eu lecionava, alguns calouros alegavam ser capazes de dizer à faculdade quais cursos precisavam cursar a fim de se formar em filosofia. Perguntei-lhes o que sabiam sobre filosofia, e as respostas deles demonstraram claramente sua total ignorância sobre o assunto. Apesar disso, estavam exigindo o direito de montar o próprio currículo. Era assim que o mundo estava na época, de cabeça para baixo. Os alunos acreditavam estar acima dos professores. Porém, Jesus disse que esta é uma atitude tola. O aluno não ensina o professor; o professor é quem ensina o aluno. O que poderia ser mais simples do que isso?

Por que Jesus gastou tempo ensinando uma lição tão óbvia? Nós devemos nos lembrar do contexto em que ele apresentou este

ensinamento. Cristo estava prestes a enviar os doze a uma missão experimental e, como vimos, ele os alertou para o fato de que seriam levados perante concílios, açoitados nas sinagogas e forçados a testemunhar diante de governadores e reis. Eles seriam perseguidos por propagar o evangelho. Jesus estava dizendo: "Eu sou o mestre e vocês são meus discípulos. Vocês sabem como os fariseus me odeiam, e eu os estou enviando para o meio destes lobos. Não pensem que escaparão do mesmo tipo de ódio – se eles me odeiam, odiarão vocês também. O discípulo não está acima do mestre."

Alguém já odiou você por ser cristão? Alguém já foi hostil a você por causa de sua fé em Cristo? Todo mundo enfrenta animosidade por parte de outras pessoas vez ou outra, mas você já enfrentou animosidade por ser discípulo de Cristo? Caso não tenha passado por isso, deveria perguntar-se por quê. Questione-se: "Será que estou me distanciando do meu Mestre? Será que sou um cristão trabalhando em segredo?" Jesus estava dizendo aos discípulos que existe animosidade contra ele por parte dos seres humanos caídos, e esta animosidade estende-se aos seus seguidores.

A Bíblia ensina que, em nossa humanidade inerente, nós temos um ódio natural contra Deus. É claro que, se eu parasse um não cristão qualquer na rua e perguntasse: "Por que você odeia Deus?", ele responderia, indignado: "Eu não odeio Deus. O que te faz pensar que eu odeio Deus?" Eu poderia dizer: "Deus me faz pensar que você o odeia", e, então, citar Romanos 8.7 ("o pendor da carne é inimizade contra Deus") ou João 3.20 ("todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz"). Se temos algum amor a Deus em nosso coração hoje, ele não entrou ali naturalmente. Por causa dessa hostilidade intrínseca contra Deus e seu Filho, nós também enfrentaremos a mesma inimizade por parte dos incrédulos.

Humilhação e exaltação

A maioria dos cristãos é batizada, seja na infância ou pouco após a profissão de fé. O batismo é um tipo de símbolo, mas o que ele simboliza? Entre outras coisas, simboliza a purificação de nosso pecado, e é por isso que utilizamos água nessa ocasião. Todavia, o batismo significa muito mais do que isso. Trata-se de um sinal da promessa que Deus fez de conceder todos os benefícios da obra de Jesus Cristo a todos os que creem. Naturalmente, ele não oferece estes benefícios automaticamente no momento em que o sinal é realizado. É por isso que as pessoas podem ser batizadas antes de crer ou depois de crer, assim como, no Antigo Testamento, elas eram circuncidadas antes de crer ou depois de crer – dependendo das circunstâncias.

Além disso, o batismo é um sinal de nossa identificação com a morte e a ressurreição de Jesus, isto é, sua humilhação e sua exaltação. Jesus prometeu aos discípulos que todos os que são dele participariam plenamente da glória a lhe ser concedida pelo Pai. Paulo escreve: "O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros com Cristo" (Rm 8.16-17a). Isto não é incrível? Somos coerdeiros com Cristo, o que significa que participaremos de sua exaltação. Não temos direito algum à exaltação de Cristo em e por nós mesmos. Não temos mérito algum pelo qual mereçamos participar de sua glória. Contudo, pela sua graça, nós experimentaremos essa glória.

Ao mesmo tempo, entretanto, nós somos chamados a participar da humilhação de Jesus, e o Novo Testamento diz que, se nos recusarmos a participar de sua humilhação, nunca participaremos de sua exaltação. Logo após afirmar que somos coerdeiros com Cristo, Paulo acrescenta uma qualificação: "se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados" (Rm 8.17b). Pedro escreve: "alegrai-vos na medida em que sois coparticipantes dos sofrimentos de Cristo, para que também, na

revelação de sua glória, vos alegreis exultando" (1Pe 4.13). Jesus reserva sua glória aos fiéis que recebem sua humilhação.

Todos nós queremos participar de sua glória, mas não queremos participar de sua humilhação, sua rejeição e seu sofrimento. É natural, até para os regenerados, tentar distanciar-se do Salvador no que tange à humilhação. Às vezes, pode ser vergonhoso ser cristão. Porém, Jesus disse que o discípulo não está acima do mestre, nem o servo acima do senhor. O fato não é que os alunos são inferiores aos professores ou que os escravos são inferiores aos senhores. Mais do que qualquer um, Jesus compreendia que a posição de alguém na sociedade não é o que determina seu valor ou sua dignidade como ser humano. Os discípulos devem estar preparados para passar pelo que o mestre passa. Conforme Jesus expressou, **Basta ao discípulo ser como o seu mestre, e ao servo, como o seu senhor** (v. 25a).

Em seguida, Jesus disse: **Se chamaram Belzebu ao dono da casa, quanto mais aos seus domésticos?** (v. 25b). Quem é Belzebu? Há certo questionamento quanto à etimologia do termo. Muitos acreditam que o nome Belzebu foi extraído de certos títulos empregados a deuses e deusas na antiga religião pagã. Uma das formas pela qual esta palavra foi traduzida é "senhor das moscas", título tomado por William Golding para seu conhecido romance. Outra tradução é "senhor do esterco". O judeus tomaram emprestado estes termos e aplicaram-nos a Satanás para fins de insulto. Deste modo, Belzebu fazia referência a Satanás.

Sabemos que Jesus é claramente o "dono da casa" neste versículo, e ele está dizendo que se ele mesmo, o Messias tão esperado, a segunda pessoa da Trindade, foi chamado de Satanás, os discípulos deveriam esperar ser chamados de nomes ainda piores. Isso significa que os cristãos podem esperar ser conhecidos na comunidade como pessoas que pertencem ao senhor do estrume. É esta dignidade que devemos esperar

receber se formos fiéis a Cristo. Tal prospecto é assustador. Ninguém gosta de ser tão malvisto.

Uma promessa de defesa

Jesus não deixou os apóstolos sem consolo. Ele disse: **Portanto, não os temais** (v. 26a). Mas, em seguida, acrescentou: **pois nada há encoberto, que não venha a ser revelado; nem oculto, que não venha a ser conhecido** (v. 26b), e este parece ser outro pensamento preocupante.

Conta-se uma história sobre certo indivíduo brincalhão que morava em uma pequena cidade. Ele enviou cartas idênticas para 20 empresários e líderes importantes da comunidade. A carta dizia, apenas: "Tudo foi descoberto. Fuja imediatamente." No dia seguinte, todos os 20 homens haviam deixado a cidade. A moral da história é que todo mundo esconde esqueletos no armário, coisas sobre as quais não gostaria que os outros soubessem. Nós fazemos o melhor possível para encobrir os lados mais desagradáveis de nossa vida, por isso é aterrorizante pensar que tudo o que está oculto será revelado.

As Escrituras indicam que todos os nossos segredos serão descobertos diante de Deus no juízo final (Ec 12.14; Rm 2.16; Mt 12.36-37), mas não é disso que Jesus estava falando aqui. Ele estava referindo-se à revelação completa dos planos, das tramas e das conspirações daqueles que odeiam Cristo e seu povo. Ele estava dizendo que todos os planos secretos dos fariseus seriam expostos. Todas as falsas acusações contra o povo de Deus seriam vistas como realmente são. Conforme Jesus disse na parábola da viúva insistente, "Não fará Deus justiça aos seus escolhidos, que a ele clamam dia e noite, embora pareça demorado em defendê-los?" (Lc 18.7).

Quando era jovem, Jonathan Edwards assumiu o pastorado da igreja em Northampton, Massachusetts, de seu avô Solomon Stoddard. Ele foi usado por Deus ali para ajudar a inflamar o Grande Despertamento do

século 18. Ele pastoreou aquela igreja por muitos anos, mas, no fim, foi removido do cargo e humilhado publicamente. Isso aconteceu porque havia um homem em Northampton que odiava o evangelho e, por conseguinte, odiava Edwards. Ele começou a espalhar rumores terríveis sobre o pastor. Não havia verdade alguma neles, mas Edwards recusava-se a negá-los. Quando os líderes da comunidade pressionaram-no a se defender, ele respondeu que Deus havia prometido vingar seu povo. Ele acreditava que, caso tentasse se defender, tal defesa seria tudo o que receberia; mas, se sofresse em silêncio e aguardasse Deus, ele seria defendido de forma total e final.

Não sei ao certo se o caminho escolhido por Edwards seria o mais sábio para todas as situações. No entanto, dez anos mais tarde, o mentiroso arrependeu-se e confessou publicamente que havia inventado todas aquelas histórias falsas por inveja de Edwards e inimizade contra ele. Deus defende seu povo.

Jesus estava dizendo aos apóstolos que eles não deveriam ter medo de quem falasse coisas más a seu respeito. Tudo o que estivesse encoberto seria revelado, tudo o que estivesse oculto seria conhecido. A falsidade por trás das coisas ditas contra os apóstolos seria revelada, pois Deus os defenderia.

A pessoa certa a ser temida

Jesus prosseguiu, dizendo: **O que vos digo às escuras, dizei-o a plena luz; e o que se vos diz ao ouvido, proclamai-o dos eirados. Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo** (v. 27-28). A mensagem de Jesus aqui era simples: temam a coisa certa. Era natural que os apóstolos tivessem medo dos fariseus e de outros que eram hostis a Jesus e a eles. Contudo, não eram tais pessoas que eles deveriam temer.

O pior que elas poderiam fazer era matar os apóstolos fisicamente; elas não poderiam tocar em sua alma.

Aleksandr Solzhenitsyn, um dos grandes dissidentes da União Soviética, passou anos nos *gulags* soviéticos. Após ser finalmente liberto, perguntaram-lhe como ele fora capaz de suportar o tormento e a tortura no cativeiro. Ele disse que, naquela situação, sabia que era indefeso contra a tortura do corpo, mas lembrava-se constantemente de que os soviéticos não tinham instrumentos de dor fortes o suficiente para penetrar sua mente e sua alma. Deste modo, concentrava-se no bem-estar de sua alma, não de seu corpo. Esta é uma lição prática para todos os cristãos que enfrentam perseguição.

Jesus disse que nós devemos temer aquele "que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo". Será que ele estava falando do diabo? Não, o diabo não pode tocar a alma do cristão. O único que pode lançar um ser humano no inferno, tanto corpo quanto alma, é Deus. Claramente, devemos ter certo medo, uma reverência saudável, diante do poder de Deus. Mas, de modo geral hoje em dia, há pouco temor a Deus no mundo ocidental. Não há um senso sagrado de respeito e reverência perante o nosso Criador. Apesar disso, "O temor do SENHOR é o princípio da sabedoria" (Sl 111.10a). Precisamos ter um temor saudável de Deus, não dos homens.

Então, Jesus disse: **Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai. E, quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados. Não temais, pois! Bem mais valeis vós do que muitos pardais** (v. 29-31). Depois de afirmar que os apóstolos deveriam temer a Deus, Jesus disse que eles não deveriam ter medo dele. Por quê? Deus supervisiona a vida e a morte do pardal, que praticamente não tem valor do ponto de vista humano. Este mesmo Deus onisciente e onipotente conhece o número de fios de cabelo na cabeça de todas as pessoas. Um ser humano é muito mais valioso do

que um pardal. Jesus estava dizendo que, por Deus valorizar tanto os apóstolos a ponto de inseri-los em sua própria família, eles não precisavam ter medo dele embora tivesse poder para lançá-los no inferno. Se nossa vida está escondida em Cristo, não precisamos temer o Deus soberano.

Depois, ele declarou: **Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus** (v. 32). Esta é uma notícia gloriosa. Imagine-se no céu. Os livros são abertos, o julgamento está pronto para começar, e você está ali em pé, com medo. Tudo o que você já fez em segredo está prestes a ser revelado. Seu registro certamente o condenará. Então, de repente, Jesus vem e diz: "Pai, ele é meu." Você consegue imaginar Cristo confessando-o diante do Pai? Foi isso o que ele prometeu fazer por todos aqueles que o confessarem diante dos homens. Porém, há um lado negativo: **mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus** (v. 33). Aqueles que ficarem constrangidos e se envergonharem de Cristo a ponto de não reconhecê-lo diante dos homens descobrirão que ele se envergonhará deles diante do Pai.

Que encorajamento para os apóstolos! Jesus disse que o mundo iria odiá-los, persegui-los e até matá-los. No entanto, eles poderiam suportar tudo isso sabendo que Cristo os confessaria diante do Pai. Nós também temos esta promessa, e não há maior consolo do que isso.

JESUS E AS DIVISÕES

Mateus 10.34-42



> Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra. Assim, os inimigos do homem serão os da sua própria casa. Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim. Quem acha a sua vida perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa achá-la-á. Quem vos recebe a mim me recebe; e quem me recebe recebe aquele que me enviou. Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá o galardão de profeta; quem recebe um justo, no caráter de justo, receberá o galardão de justo. E quem der a beber, ainda que seja um copo de água fria, a um destes pequeninos, por ser este meu discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão.

É de importância vital para nós compreender a missão de Jesus neste mundo. Porém, em vez de estudar os evangelhos e tentar determinar esta missão por nós mesmos, precisamos apenas ouvir Jesus, pois ele declarou seu propósito aos discípulos em várias ocasiões. Por exemplo, ele disse: "eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10.10). Em outro lugar, ele afirmou: "o Filho do Homem veio buscar e salvar o perdido" (Lc 19.10). Em seu julgamento de vida ou morte perante Pôncio Pilatos, Jesus disse: "Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade" (Jo 18.37). Estas diferentes declarações sobre o propósito de sua missão não são mutuamente exclusivas. Jesus enfatizava ora uma faceta, ora outra; mas todas são aspectos da missão que o Pai lhe deu.

Curiosamente, na passagem que estamos considerando neste capítulo, Jesus mencionou uma coisa que ele *não* veio fazer. Enquanto preparava os apóstolos para a missão experimental, ele lhes disse: **Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada** (v. 34). Estas palavras, assim como aquelas da declaração analisada no capítulo 50 deste livro, são palavras duras.

Ao procurar entender esta afirmação, devemos primeiro nos perguntar por que parece estranho Jesus negar que veio trazer paz à terra. Em outras palavras, por que deveríamos esperar que ele trouxesse paz? Talvez uma razão tenha sido aquilo que aconteceu nas planícies de Belém na noite de seu nascimento. Depois de um anjo anunciar o nascimento de Jesus aos pastores, um coro angélico apareceu e cantou: "Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens, a quem ele quer bem" (Lc 2.14). Da mesma maneira, no cenáculo na noite em que foi traído, Jesus disse: "Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou" (Jo 14.27a). Por fim, ele foi chamado de Príncipe da Paz pelo profeta Isaías séculos antes de nascer (Is 9.6). Sabendo destas coisas, é natural concluirmos que um dos aspectos fundamentais de sua missão neste mundo era trazer paz. Contudo, ele disse que não; ele não veio para trazer paz, mas espada.

Repare que, quando Jesus deu suas diversas explicações para a missão, ele disse repetidas vezes: "Vim" ou "o Filho do Homem veio". Ele não disse: "*Nasci* por este motivo", "Fui *treinado* por este motivo" ou "Fui *chamado* por este motivo". O fato de ele ter dito "Vim" é importante, pois mostra que ele veio *a* este mundo *de* outro lugar. Ele explicou esta verdade em outra passagem, na qual disse: "Ora, ninguém subiu ao céu, senão aquele que de lá desceu, a saber, o Filho do Homem [que está no céu]" (Jo 3.13). O fato de que ele veio do céu mostra quem ele é. Ele é o Filho do Homem, o Logos eterno, o Verbo de Deus, a segunda pessoa da Trindade.

Segundo os tipos bíblicos, a "espada" é símbolo de conflito e guerra. É significativo o fato de o símbolo universal do cristianismo ser a cruz, um símbolo de sofrimento e morte. Em contrapartida, o símbolo universal do islamismo é a cimitarra, um tipo de espada. Nada poderia estar mais longe da missão de Jesus do que uma imagem sua empunhando uma espada. No entanto, ele disse que veio para trazer espada. Acredito que ele estava falando metaforicamente aqui, mas ainda precisamos determinar em que sentido ele trouxe conflito.

Divisão de famílias

Lembre-se de como Jesus declarou sua missão a Pilatos: "vim […] a fim de dar testemunho da verdade." Jesus falou muitas vezes sobre a verdade. Ele disse que era "o caminho, e a verdade, e a vida" (Jo 14.6a). Naturalmente, o próprio Jesus foi motivo de divisão entre os judeus, e a verdade que ele ensinava também causava discórdia. Ele trouxe a verdade que provocou conflito, a verdade que provocou separação e divisão a ponto de romper laços familiares.

Jesus mostrou como sua verdade traz discórdia ao dizer: **Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra. Assim, os inimigos do homem serão os da sua própria casa** (v. 35-36). Aqui ele citou Miqueias 7.6, que fala sobre divisões entre membros da família em uma época de turbulência. Ele estava dizendo aos apóstolos que eles deveriam esperar o mesmo tipo de divisão em resposta à sua mensagem.

Jesus mesmo enfrentou essa divisão, pois seus irmãos não creram nele por um bom tempo (Jo 7.3-5). Muitos de vocês, lendo este livro, podem relatar tensões e conflitos semelhantes em sua própria família por professar a fé em Cristo. Eu também já sofri isso na pele.

Foi no primeiro ano de faculdade que me tornei cristão. Eu havia crescido na igreja, muito embora ela fosse bem liberal e ensinasse que os

milagres de Jesus na verdade não tinham acontecido e que ele não havia ressuscitado. Apesar disso, eu comparecia todos os domingos porque meus pais me obrigavam e porque aquele era o centro da vida social da comunidade. Quando voltei da faculdade certo dia, entusiasmado por ter me tornado cristão, achei que minha mãe ficaria contente em saber que seu filho havia nascido de novo. Porém, quando contei a respeito de minha nova fé, ela ficou furiosa. Por quê? Ela entendeu minha confissão de fé em Cristo como uma rejeição total de tudo o que ela, meu pai, e a igreja deles haviam me ensinado. Ela disse: "O que você quer dizer com 'virei cristão'? Você sempre foi cristão. Você cresceu sendo cristão. Todos nós somos cristãos aqui em casa. O que você quer dizer com isso, que só agora se tornou cristão?" Ela ficou muito brava comigo.

Sem dúvida, muitos cristãos enfrentam conflitos familiares bem piores quando recebem a fé. Quando um muçulmano se torna cristão, ele é expulso da família. Às vezes, as famílias judaicas realizam funerais para os parentes que adotam o cristianismo. Aqueles que são criados na Igreja Católica Romana e a abandonam para adotar o cristianismo evangélico com frequência enfrentam grave oposição familiar. Os cristãos têm uma unidade de fé em Cristo porque compartilham um só Senhor, uma só fé e um só batismo, mas a mesma verdade que os une separa-os daqueles que não creem.

Negação das diferenças

Aqueles que aceitam o pluralismo ou o relativismo são motivados pelo desejo de livrar-se deste tipo de conflito a todo o custo. Eles querem acabar com toda a desunião causada pela religião. Portanto, somos ensinados que todos, na realidade, acreditam na mesma coisa. Não importa qual caminho se siga; todos eles levam a Deus. Não faz diferença ser judeu, muçulmano, hindu, budista, cristão ou qualquer outra coisa, contanto que haja sinceridade. Que tolice! Se passarmos cinco minutos observando as teses básicas das grandes religiões do mundo, não

poderemos deixar de ver que elas se encontram em conflito irreconciliável. Ninguém pode ser judeu ortodoxo e acreditar que Jesus foi o Messias. Ninguém pode ser cristão ortodoxo e acreditar que ele não foi o Messias. Obviamente, Jesus não poderia ter sido o Messias e não ter sido o Messias ao mesmo tempo e da mesma maneira. O conflito é inevitável, mesmo com nosso esforço para tentar resolver as divisões.

Há alguns anos, conversei com um universitário muito preocupado com as minhas convicções cristãs e um tanto arrogante em relação a elas. Ele disse:

— Bom, deixe-me ver. O senhor acredita que existe um Deus.

Eu disse que sim.

— E essa fé que o senhor tem é significativa para sua vida?

— Sim.

— O senhor ora a Deus?

— Sim.

— O senhor canta hinos a Deus?

— Sim.

— O senhor vai à igreja e adora a Deus?

Eu lhe disse que fazia todas essas coisas. Então, o aluno disse:

— Bem, para o senhor, Deus existe. Mas eu não acho Deus nem um pouco importante. Eu não vou à igreja, não canto hinos, não oro e não sou devoto de qualquer tipo de divindade. Então, para mim, Deus não existe.

Respondi:

— Você não entende o que eu estou falando aqui. Não estou falando de um Deus para mim ou um Deus para você. Estou falando de um ser que existe independentemente de mim e de você. Eu estou falando de um ser que não surge por meu comprometimento, minhas orações, meus cânticos e minha devoção. Este ser realmente existe, e toda a infidelidade,

todo o desinteresse e toda a hostilidade que você mostra em relação a ele não são capazes de aniquilá-lo.

Sei que existe um sofisma do tipo ou/ou, também chamado de sofisma do falso dilema. Eu posso dizer que algo é vermelho, e você pode dizer que o mesmo objeto é laranja, mas ambos podemos estar errados porque nossa percepção pode estar incorreta. Todavia, há certas questões que são verdadeiras situações de ou/ou, e aquela que eu e o aluno estávamos debatendo era uma delas. Ou Deus existe ou ele não existe. Não há uma terceira alternativa. No entanto, os pluralistas e os relativistas desejam encontrar uma alternativa onde não há alternativas.

Francis Schaeffer, certa vez, lamentou o fato de a igreja do século 20 ter perdido o conceito de antítese. O que ele quis dizer? Ele estava simplesmente afirmando que, para cada verdade, há uma inverdade correspondente que é a antítese e a negação dela. Porém, a igreja parece ter esquecido disso no século 20 conforme os apelos à unidade passaram a falar mais alto. Cada indivíduo passou a ter a própria fé.

Nas décadas de 1970 e 1980, eu estive envolvido no *International Council on Biblical Inerrancy* (Conselho internacional sobre inerrância bíblica). Nós tivemos uma reunião de cúpula em Chicago, onde 200 estudiosos de todo o mundo reuniram-se para elaborar uma declaração sobre a natureza das Escrituras sagradas. O comitê de redação pediu-me para escrever o primeiro rascunho de nossas declarações, mas eu acreditava piamente que não bastava apenas colocar no papel os princípios que afirmávamos. Também era preciso registrar aquilo que negávamos. Em uma cultura comprometida com o pluralismo e o relativismo, não basta afirmar aquilo em que se crê; é preciso também estar disposto a negar a antítese. Assim sendo, nós explicitamos cerca de 20 afirmações e negações. Nós não apenas declaramos aquilo em que acreditávamos, como também negamos aquilo em que não acreditávamos. Quando alguém faz isso, estabelece limites; e, ao

estabelecê-los, encontra inevitavelmente a espada metafórica a respeito da qual Jesus advertiu.

É claro, existem pessoas que querem brigar por causa de cada detalhe. Elas não entendem a diferença entre os pontos principais e as questões de menor importância. Isso é pecaminoso; afinal, "o amor cobre multidão de pecados" (1Pe 4.8 citando Pv 10.12). Nós não somos chamados a bradar "Heresia!" diante de cada pequena diferença dentro da igreja. Porém, há algumas verdades tão fundamentais, que negá-las significaria negar Cristo.

Advertências finais

Jesus prosseguiu alertando os apóstolos de que as divisões familiares não deveriam fazê-los hesitar no compromisso que tinham com ele. **Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim** (v. 37). Os seguidores de Jesus devem amá-lo mais do que amam a própria mãe e o próprio pai, os próprios filhos e as próprias filhas. Devemos estar dispostos a sacrificar estes relacionamentos por ele. Além disso, devemos estar dispostos a sacrificar nossa própria vida: **e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim. Quem acha a sua vida perdê-la-á; quem, todavia, perde a vida por minha causa achá-la-á** (v. 38-39). Temos de estar prontos para fazer aquilo a que Martinho Lutero exortou os cristãos: "Se temos de perder, os filhos, bens, mulher; embora a vida vá, por nós Jesus está."[1] Somente assim poderemos encontrar verdadeira vida em Cristo.

Jesus concluiu os alertas aos apóstolos com estas palavras: **Quem vos recebe a mim me recebe; e quem me recebe recebe aquele que me enviou. Quem recebe um profeta, no caráter de profeta, receberá o galardão de profeta; quem recebe um justo, no caráter de justo, receberá o galardão de justo. E quem der a beber, ainda que seja um copo de água fria, a um destes**

pequeninos, por ser este meu discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá o seu galardão (v. 40-42). Mais uma vez, somos lembrados de que os apóstolos estavam vestidos com a autoridade do próprio Jesus, de tal forma que quem os recebesse e acreditasse na mensagem deles estaria recebendo o próprio Cristo. No entanto, Jesus advertiu os apóstolos a não se orgulharem desta autoridade, mas a sempre se lembrarem de servir até mesmo os "pequeninos", até mesmo os cristãos aparentemente insignificantes.

[1] Hino *Castelo forte*, escrito por Martinho Lutero em 1529.

A INDAGAÇÃO DE JOÃO BATISTA

Mateus 11.1-11



> Ora, tendo acabado Jesus de dar estas instruções a seus doze discípulos, partiu dali a ensinar e a pregar nas cidades deles. Quando João ouviu, no cárcere, falar das obras de Cristo, mandou por seus discípulos perguntar-lhe: És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro? E Jesus, respondendo, disse-lhes: Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho. E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço. Então, em partindo eles, passou Jesus a dizer ao povo a respeito de João: Que saístes a ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? Sim, que saístes a ver? Um homem vestido de roupas finas? Ora, os que vestem roupas finas assistem nos palácios reais. Mas para que saístes? Para ver um profeta? Sim, eu vos digo, e muito mais que profeta. Este é de quem está escrito:
>
> Eis aí eu envio diante da tua face
> o meu mensageiro,
> o qual preparará o teu caminho
> diante de ti.
>
> Em verdade vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista; mas o menor no reino dos céus é maior do que ele.

Considero esta passagem bem interessante e, ao mesmo tempo, bem difícil. Nela, Mateus nos conta a respeito de uma pergunta feita por João Batista a Jesus, a qual suscita toda espécie de questões.

Mateus escreve: **Ora, tendo acabado Jesus de dar estas instruções a seus doze discípulos, partiu dali a ensinar e a pregar nas cidades deles. Quando João ouviu, no cárcere, falar das obras de Cristo, mandou por seus**

discípulos perguntar-lhe: És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro? (v. 1-3). Nos últimos cinco capítulos, nós vimos a seleção dos 12 apóstolos feita por Jesus e as palavras de instrução e alerta que ele proferiu antes de enviá-los a uma missão experimental. Mateus diz que, em seguida, ele partiu para ensinar e pregar – e provavelmente os 12 seguiram por outras direções para fazer o mesmo (veja Mc 6.12; Lc 9.6). Foi durante este tempo, em que Jesus estava sem seus seguidores mais próximos, que João Batista enviou dois de seus próprios discípulos para fazer-lhe uma pergunta. Somos informados de que João "ouviu, no cárcere, falar das obras de Cristo". Mateus não explica se estas eram obras realizadas por Jesus naquela época específica ou se eram obras que ele estivera realizando ao longo de todo o seu ministério. Observe, entretanto, que Mateus não disse "as obras de *Jesus*". Em vez disso, ele falou sobre "as obras de *Cristo*", isto é, o Messias. Mateus não tinha dúvida alguma sobre quem Jesus era. João, porém, tinha. Ele queria saber: "És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?"

Você consegue sentir a emoção nesta pergunta? João estava padecendo na prisão e parece ter desenvolvido algumas dúvidas quanto a Jesus ser realmente o Messias, mas as coisas nem sempre haviam sido assim. Quando Jesus chegou ao rio Jordão para ser batizado, João viu-o se aproximar e clamou, com segurança: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" (Jo 1.29b). João compreendia que era o arauto do Messias nomeado por Deus e não hesitou em apontar Jesus como sendo este Messias. Isto sugere que João havia recebido um entendimento divino sobre a identidade de Jesus e a importância de sua missão.

No entanto, vemos ao longo da história bíblica que, quando Deus falava com os profetas, eles nem sempre tinham uma compreensão plena da mensagem que deviam transmitir. Esta falta de entendimento parece ter ocorrido no caso de João. Ele identificou Jesus como o Remidor, mas sua compreensão a respeito de sua obra evidentemente não era completa,

pois resistiu quando Cristo se apresentou para o batismo. Se João tivesse um entendimento completo de Jesus e das coisas às quais estava relacionado, teria ficado logo desejoso de batizá-lo por saber que, muito embora não tivesse pecado, ele precisava obedecer toda a lei de Deus. Contudo, João não sabia disso. Ele não pôde ver, naquele momento, por que era apropriado ao Cordeiro imaculado de Deus ser submetido a um ritual que envolvia purificação.

Esta falta de entendimento voltou a ficar evidente quando João foi colocado na prisão. Ele ouviu relatos de que Jesus estava pregando, ensinando e curando pessoas, mas estas atividades, de alguma forma, não atenderam às suas expectativas quanto ao que o Messias deveria fazer. Talvez ele pensasse como a maioria das pessoas da nação: que o Messias seria um Rei poderoso o qual se livraria dos romanos e daria início a um reino espiritual onde Deus estaria à frente, e não César. Todavia, Jesus não estava fazendo nada parecido. Por isso, João perguntou-se: "O que é que está acontecendo lá fora? Eu achava que o Cordeiro de Deus traria o reino de Deus que anunciei. Se este é o reino de Deus, o que eu estou fazendo aqui?"

Alguma vez você já se sentiu assim? Acho que todos nós estamos sujeitos a perguntar: "Se Deus é soberano, por que ele permitiu que isto acontecesse comigo?" Uma vez que compreendemos o fato de que Deus é soberano, imediatamente começamos a criar todo tipo de expectativas quanto ao que ele fará. Quando ele não age da forma que esperamos, ficamos um pouco desiludidos. Pergunto-me no que José ficava pensando enquanto padecia na prisão, no Egito. Acho que ele se perguntava se suas orações sequer passavam do teto. Ele não tinha a menor ideia do que Deus faria com ele no futuro – que se tornaria o primeiro-ministro da terra. Do mesmo jeito, Paulo definhava na prisão domiciliar em Roma. Eu não ficaria surpreso em saber que ele também se perguntava: "Onde está Deus?" Esta é uma típica fraqueza humana.

Por causa disso, eu não fico tão aborrecido com João Batista. Ele estava desnorteado. Ele tinha expectativas incorretas. Ele não conseguia entender o que estava acontecendo. Mas, para seu grande mérito, fez a coisa certa. Ele levou a pergunta a Jesus. João foi direto à fonte, enviando dois de seus discípulos que o haviam visitado na prisão para perguntar se ele era realmente o tão esperado Salvador.

Uma das grandes tragédias da história humana é que a vasta maioria do povo judeu na época acreditava saber a resposta para essa pergunta. Eles tinham plena certeza de que Jesus *não* era aquele que havia de vir e, por isso, estavam determinados a esperar outro. João escreve: "Veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (Jo 1.11). Hoje, 2.000 anos depois, os judeus ainda estão esperando o Messias. Ninguém ainda atendeu às suas expectativas. Eles deixaram passar aquele que, de fato, veio.

Cumprimento das profecias messiânicas

Como Jesus respondeu a pergunta de João? Mateus diz: **E Jesus, respondendo, disse-lhes: Ide e anunciai a João o que estais ouvindo e vendo: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho. E bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço** (v. 4-6). Isso quase soa como se Jesus estivesse meio irritado com a pergunta e desdenhasse um pouco dela. Ele parece ter mandado os discípulos de João de volta para contar-lhe a respeito dos vários tipos de obras que não estavam correspondendo às suas expectativas. No entanto, eu não acho que é isso o que Jesus estava dizendo. Acredito que ele estava simplesmente dizendo aos dois discípulos algo assim: "Voltem, digam a João para ler a Bíblia e, em seguida, verifiquem se ele ainda tem dúvidas sobre quem eu sou."

É significativo o fato de Jesus ter dito aos dois discípulos para relatar a João que ele estava dando vista a cegos, fazendo coxos andarem, purificando leprosos, restaurando a audição de surdos, ressuscitando mortos e pregando o evangelho a pobres. Estas coisas eram cumprimento direto de Isaías 35.5-6 e 61.1-2. Jesus citou, de modo específico, esta última passagem por ocasião de seu primeiro sermão, o qual talvez tenha sido o sermão mais breve feito por ele e possivelmente o sermão mais breve já pregado. Lucas diz:

> Indo para Nazaré, onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga, segundo o seu costume, e levantou-se para ler. Então, lhe deram o livro do profeta Isaías, e, abrindo o livro, achou o lugar onde estava escrito: O Espírito do Senhor está sobre mim, pelo que me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para proclamar libertação aos cativos e restauração da vista aos cegos, para pôr em liberdade os oprimidos, e apregoar o ano aceitável do Senhor. Tendo fechado o livro, devolveu-o ao assistente e sentou-se; e todos na sinagoga tinham os olhos fitos nele. Então, passou Jesus a dizer-lhes: Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de ouvir (4.16-21).

Isaías 61.1-2, o trecho lido por Jesus, fornece um retrato do Ungido que estava por vir. Quando ele disse: "O Espírito do Senhor está sobre mim", ele quis dizer que o Espírito do Senhor o havia ungido. Logo, esta passagem está falando do Messias, do Cristo. Esta é a descrição mais vívida do ministério dado por Deus Pai ao seu Ungido.

Quando Jesus foi à sinagoga naquele dia, essa havia sido a passagem selecionada para a leitura. Os judeus gostavam muito de ouvir esse trecho. O coração deles ardia quando ouviam a promessa de que Deus enviaria o seu Ungido, o qual proclamaria boas novas aos pobres, daria vista aos cegos, libertaria os presos e traria o ano aceitável do Senhor. Depois que Jesus o leu, foi convidado para apresentar o sermão, a exposição do sentido do texto. Então, ele se sentou para pregar. Todos os olhares estavam sobre ele, todos os ouvidos estavam atentos ao que ele iria dizer. Jesus, entretanto, não fez uma exposição detalhada do texto.

Ele não citou três pontos e fez uma série de aplicações. Jesus simplesmente olhou para o povo e disse: “Hoje este texto se cumpriu no meio de vocês. Amém.” Este foi o sermão dele.

O que ele estava dizendo? Ele estava dizendo ao povo reunido ali que a tão estimada descrição do Messias feita por Isaías fora cumprida ali, naquele momento. Ninguém precisava olhar em volta para procurar quem Jesus estava descrevendo. Todos entenderam que ele só poderia estar falando de si mesmo.

João Batista não entendeu. Portanto, Jesus enviou uma resposta à prisão: “Digam a João para ler Isaías 35 e 61, porque estas profecias lhe dirão qual é a missão do Messias. Depois, contem-lhe o que vocês viram com os próprios olhos e ouviram com os próprios ouvidos. Os cegos veem, os coxos andam, os leprosos estão purificados, e os surdos ouvem. Pessoas estão sendo levantadas dentre os mortos, e eu estou pregando o evangelho aos pobres. As profecias de Isaías estão sendo cumpridas. Anunciem tudo isto a João e vejam se ele ainda assim quer esperar outra pessoa.”

Em seguida, Jesus disse: “bem-aventurado é aquele que não achar em mim motivo de tropeço”. Era como se ele estivesse repreendendo João de leve, dizendo: “João, cuidado para que suas expectativas impróprias não o façam questionar-me.” Este é um bom conselho para nós hoje. Nós precisamos cuidar para não ficarmos insatisfeitos com aquilo que Jesus realizou em sua obra de redenção. Ele fez tudo o que era necessário para salvar-nos e garantir nossa eterna bem-aventurança, mas muitas vezes nós nos ressentimos de seu “fracasso” em atender outras expectativas que nutrimos. Precisamos lembrar que ele não tem qualquer obrigação para conosco. Se ele quisesse tirar nossa vida hoje, não teríamos razão para fazer qualquer outra coisa senão louvá-lo eternamente por aquilo que realizou por nós. Tenhamos cuidado para não ficarmos “ofendidos” com ele.

Um profeta profetizado

Se é que isso foi uma repreensão a João, foi uma repreensão leve, e Jesus imediatamente mostrou às multidões que o tinha em alta estima. Mateus escreve: **Então, em partindo eles, passou Jesus a dizer ao povo a respeito de João: Que saístes a ver no deserto? Um caniço agitado pelo vento? Mas para que saístes? Um homem vestido de roupas finas? Ora, os que vestem roupas finas assistem nos palácios reais** (v. 7-8).

Jesus perguntou às pessoas por que elas tinham ido ao rio Jordão e se apresentado a João para o batismo. Ele fez uma série de perguntas. Por acaso elas tinham ido ver "um caniço agitado pelo vento", isto é, alguém que poderia ser levado para cá e para lá conforme todos os ventos de doutrina, um mero religioso sem determinação? A resposta óbvia era não, elas não tinham ido ver algo tão irrelevante. Por acaso elas tinham ido ver "um homem vestido de roupas finas", isto é, um almofadinha da classe alta, do tipo encontrado em palácios reais? Mais uma vez, a resposta óbvia era não. João não era nada disso. Ele era um homem que pregava uma mensagem inflexível de arrependimento, um homem que usava "vestes de pelos de camelo e um cinto de couro" (Mt 3.4).

Em seguida, Jesus fez uma terceira pergunta: **Mas para que saístes? Para ver um profeta? Sim, eu vos digo, e muito mais que profeta** (v. 9). É óbvio que as pessoas iam até João porque ele se encaixava na descrição bíblica de profeta: pregava destemidamente e se vestia com roupas rústicas. Logo, todos o consideravam um profeta (Mt 21.26) – e com razão. Jesus afirmou que João era, de fato, um profeta de Deus, enviado com uma mensagem divina para o seu povo.

No entanto, Jesus disse que João era "muito mais que profeta". Ele acrescentou: **Este é de quem está escrito: Eis aí eu envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho diante de ti** (v. 10). João era um profeta cuja vinda fora profetizada de forma específica em

Malaquias 3.1. Ele foi o profeta designado para ser o arauto do reino de Deus, aquele viria e introduziria o Rei.

Por este motivo, Jesus enalteceu muito João Batista. Ele disse: **Em verdade vos digo: entre os nascidos de mulher, ninguém apareceu maior do que João Batista** (v. 11a). Pense no que Jesus estava dizendo. De todos os homens que já viveram – Abraão, Isaque, Jacó, José, Davi, Isaías, Jeremias – nenhum deles foi maior do que João Batista. Na verdade, absolutamente *ninguém* havia excedido a grandeza de João desde o início do mundo. Que testemunho! Às vezes, eu acho que João Batista é a pessoa mais subestimada em todo o Novo Testamento, isso se não o for em toda a Bíblia; mas certamente não foi subestimado na palavra de Jesus.

O menor é o maior

No entanto, não podemos perder de vista o que Jesus disse imediatamente após enaltecer João: **mas o menor no reino dos céus é maior do que ele** (v. 11b). Não estou certo do que Jesus quis dizer aqui. Eu não sei quem é a menor pessoa no reino de Deus. Jesus não identificou quem tinha em mente, se é que ele realmente estava pensando em alguém específico. Em certo sentido, todos nós deveríamos nos considerar os menores no reino de Deus (Fp 2.3). Contudo, de acordo com Jesus, seja quem for essa pessoa, ela é maior do que João Batista. Como pode ser isso? Jesus exaltou João dizendo que nenhum homem havia sido maior do que ele, mas, depois, afirmou que a menor pessoa do reino é ainda maior do que João.

Acredito que a chave para desvendar o significado desta curiosa declaração esteja em reconhecer a sutileza com que Jesus empregou a palavra *maior*. Na cultura ocidental de hoje, nós utilizamos esta palavra de forma muito superficial. Mohammad Ali, ex-campeão de boxe peso pesado, costumava dizer que era “o maior”. Com isso, ele queria dizer

que era a pessoa mais habilidosa em sua área. Porém, em termos bíblicos, ser maior não é simplesmente sobressair-se em algo; é estar em uma posição de bem-aventurança extraordinária.

Quando Noé pronunciou sua bênção patriarcal sobre os três filhos, ele abençoou Sem e amaldiçoou Canaã (filho de Cam, seu filho). Mas e quanto ao outro filho de Noé, Jafé? Noé orou pedindo que ele fosse engrandecido (Gn 9.25-27). Com isso, Noé não estava pedindo que Jafé engordasse ou que sua linhagem familiar aumentasse. O que ele estava pedindo em oração era que Jafé pudesse receber mais bem-aventuranças.

Uma vez que Deus determinou a nós viver nesta época específica, podemos receber mais bem-aventuranças do que João jamais recebeu. O mesmo se aplica a todos aqueles que viveram deste lado da cruz. É verdade que lemos a respeito de João Batista no Novo Testamento, mas ele viveu e ministrou na história do Antigo Testamento. A nova aliança não começou até Jesus inaugurá-la no cenáculo na noite em que foi traído. Portanto, a menor pessoa nascida desde a coroação do Rei está em situação de bem-aventurança maior até mesmo do que aquela desfrutada por João Batista em sua época.

Às vezes, pensamos em como teria sido maravilhoso viver enquanto Jesus ministrava, encarnado. Sim, isso teria sido maravilhoso em alguns aspectos, mas nós estamos em um estado melhor do que as pessoas que viveram naquela época. Afinal, estamos deste lado da cruz, deste lado da ressurreição e deste lado da vinda do Rei. João foi o maior de todos na antiga aliança, mas hoje nós temos uma bem-aventurança muito maior do que ele jamais sonhou ter.

A GRANDEZA DE JOÃO BATISTA

Mateus 11.12-19



Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele. Porque todos os Profetas e a Lei profetizaram até João. E, se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir. Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça. Mas a quem hei de comparar esta geração? É semelhante a meninos que, sentados nas praças, gritam aos companheiros:

Nós vos tocamos flauta,
e não dançastes;
entoamos lamentações,
e não pranteastes.

Pois veio João, que não comia nem bebia, e dizem: Tem demônio! Veio o Filho do Homem, que come e bebe, e dizem: Eis aí um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores! Mas a sabedoria é justificada por suas obras.

O profeta Malaquias havia predito a vinda de alguém que iria diante do Messias para preparar seu caminho, e Jesus confirmou que João Batista era o cumprimento desta profecia (Mt 11.10). Porém, na parte final do último capítulo de seu livro – que é também o último livro do Antigo Testamento – Malaquias fez outra profecia extraordinária. Ela diz: "Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR; ele converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais, para que eu não venha e fira a terra com maldição" (4.5-6). Jesus também tinha algumas coisas a dizer sobre João Batista à luz desta profecia.

Segundo Mateus, Jesus falou: **Desde os dias de João Batista até agora, o reino dos céus é tomado por esforço, e os que se esforçam se apoderam dele. Porque todos os Profetas e a Lei profetizaram até João** (v. 12-13). Com estas palavras, Jesus reconheceu que o reino de Deus, o qual havia sido proclamado por João e estava sendo pregado por ele mesmo, já estava enfrentando uma oposição violenta. A chegada do reino havia despertado a perversidade. O âmbito demoníaco estava agitado. Os ataques estavam acontecendo. João, inclusive, havia sido violentamente preso e lançado na prisão. João era um profeta, um canal de revelação divina, assim como "os Profetas e a Lei" – a revelação do Antigo Testamento – tinham sido no passado. No entanto, conforme Jesus deixou claro em outro texto, o estabelecimento religioso de Israel sempre fora intolerante com os profetas de Deus (Mt 23.37), e, por isso, o tratamento destinado a João não causou surpresa.

A oposição surgiu – ao menos, em parte – porque, na época do surgimento de João Batista, as profecias pareciam algo pertencente ao passado distante de Israel. Entre a última profecia de Malaquias e o aparecimento de João Batista, havia se passado 400 anos. Pense nisso. No momento em que escrevo este texto, ainda não se passaram 400 anos desde que os peregrinos chegaram ao Novo Mundo. Foi durante esse intervalo de tempo que os israelitas vigiaram e esperaram pelo cumprimento da profecia.

Todos os judeus em Israel sabiam algo sobre "o grande e terrível Dia do SENHOR". Conforme a profecia de Malaquias sugere, esse seria um dia de majestade e também de trevas. Seria um dia de redenção e um dia de juízo. Ele seria introduzido pela vinda do Messias do Senhor. As pessoas desejavam ardentemente que o Messias viesse e trouxesse o dia do Senhor. Todavia, elas sabiam que ele não viria antes que esta profecia de Malaquias se cumprisse. Elias viria antes do Messias. Depois que Malaquias fez esta profecia, os judeus, sempre que se reuniam para

celebrar a Páscoa, deixavam uma cadeira vazia na mesa para o caso de Elias vir naquela noite e se juntar à celebração. Até hoje, quando o povo judeu celebra o Sêder, os participantes deixam uma cadeira vazia para Elias, pois estão certos de que ele ainda não veio. E, por acreditarem que Elias não veio, eles acreditam que o Messias também não veio.

Assim, naqueles 400 anos entre a profecia de Malaquias e a vinda de João Batista, os judeus haviam aguardado ansiosamente o retorno de Elias. Contudo, além de Elias não aparecer, a voz da profecia cessou. Nenhum novo profeta surgiu em todo aquele tempo.

Diferentes perspectivas sobre João

Para o espanto de toda a nação, um homem surgiu do deserto – o ponto de encontro tradicional entre Deus e seus profetas. Ele usava peles de camelo, cinto de couro e comia gafanhotos e mel silvestre (Mt 3.4). Estas características eram uma reminiscência da descrição bíblica de Elias (2Rs 1.8). Além disso, aquela estranha figura começou a profetizar. Quando começaram os rumores de que a voz da profecia estava anunciando a Palavra de Deus novamente em Israel, as pessoas passaram a se aglomerar no rio Jordão para ver aquele homem estranho.

No entanto, João começou a causar controvérsia ao proclamar que o povo de Israel – e não os gentios cerimonialmente impuros – precisava se submeter a um ritual de purificação porque não estava pronto para a chegada do Messias. Os judeus tinham uma cerimônia para os estrangeiros que desejavam se juntar à comunidade da aliança de Israel, chamada batismo de prosélitos. João, entretanto, batizava israelitas. As autoridades religiosas de Jerusalém ficaram muito perturbadas com isso, e os fariseus enviaram uma delegação de sacerdotes e levitas para questionar o profeta e verificar o que ele estava fazendo. O apóstolo João conta-nos o que aconteceu:

> Este foi o testemunho de João, quando os judeus lhe enviaram de Jerusalém sacerdotes e levitas para lhe perguntarem: Quem és tu? Ele confessou e não negou; confessou: Eu não sou o Cristo. Então, lhe perguntaram: Quem és, pois? És tu Elias? Ele disse: Não sou. És tu o profeta? Respondeu: Não. Disseram-lhe, pois: Declara-nos quem és, para que demos resposta àqueles que nos enviaram; que dizes a respeito de ti mesmo? Então, ele respondeu: Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor, como disse o profeta Isaías (Jo 1.19-23).

João Batista primeiro negou ser o Messias. Então, fizeram-lhe uma pergunta direta: "És tu Elias?" O que João respondeu? Ele disse: "Não sou." Ele negou ser Elias.

Segundo Mateus, entretanto, Jesus tinha uma visão diferente de João Batista: **E, se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir. Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça.** (v. 14-15). Aqui Jesus afirmou que João *era* Elias, mas acrescentou um curioso prefácio – "se o quereis reconhecer" – e um interessante epílogo – "Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça" – à declaração. Jesus estava dizendo que João Batista era Elias em um sentido que ninguém esperava. Ele não era Elias no sentido literal, pois o profeta do Antigo Testamento que havia sido levado na carruagem de fogo não voltara à terra. Como precursor do Messias, ele ministrava "no espírito e poder de Elias", conforme o anjo dissera ao pai de João antes de seu nascimento (Lc 1.17). João foi ungido com o manto de Elias. Neste sentido, a profecia de Malaquias foi cumprida na missão de João Batista. Porém, havia muitas pessoas que não podiam tolerar isso – pessoas que não tinham ouvidos para ouvir.

Eu cresci na igreja, mas a igreja de minha comunidade era um clube social. Nós a chamávamos de clube de campo. Eu aprendi até a dançar naquela igreja, mas não aprendi nada sobre Jesus. Eu odiava ir ao culto matinal. Se é que alguma verdade era falada ali, tenho certeza de que não a ouvi. Afinal, quando fui apresentado ao evangelho pela primeira vez na vida, aos 18 anos de idade, eu não o reconheci. Pareceu-me que aquela era a primeira vez que eu o ouvia. Caso eu tenha sido exposto a ele antes,

não tive ouvidos para ouvi-lo na época. Algumas pessoas ouvem a Palavra de Deus; outras, não.

Quando Jesus disse "Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça", ele estava fazendo uma distinção. Ele sabia que havia pessoas ao seu redor que estavam surdas a tudo o que dizia. Talvez você esteja surdo à verdade enquanto lê este livro. Oro para que não esteja.

Expectativas e preferências

Após dizer à multidão o que pensava sobre João Batista, Jesus falou o que achava sobre a cultura, sobre o povo de Israel como um corpo. Mateus registra sua fala: **Mas a quem hei de comparar esta geração? É semelhante a meninos que, sentados nas praças, gritam aos companheiros: Nós vos tocamos flauta, e não dançastes; entoamos lamentações, e não pranteastes** (v. 16-17). Em suma, Jesus considerava aquela geração de judeus, especialmente os líderes, infantil.

A fim de elaborar seu argumento, Jesus fez uma comparação detalhada com base em uma cena da vida cotidiana. As praças não eram apenas o lugar onde as pessoas compravam e vendiam coisas; era onde todos os eventos sociais ocorriam. Era nelas que os funerais aconteciam. Era nelas que as festas eram dadas. Ali também era uma área de recreação infantil, pois, sempre que as pessoas se reuniam para negociar, levavam os filhos. Os jovens brincavam juntos enquanto os pais faziam negócios, e, às vezes, as brincadeiras envolviam música e cantoria. Porém, Jesus imaginou um cenário onde as crianças estavam infelizes e reclamavam porque ninguém dançava enquanto elas tocavam músicas alegres na flauta; e, quando cantavam músicas tristes, ninguém lamentava. Ninguém prestava atenção a elas ou fazia o que pediam; por este motivo, estavam irritadas e insatisfeitas.

O que Jesus estava dizendo? Ele prosseguiu explicando: **Pois veio João, que não comia nem bebia, e dizem: Tem demônio! Veio o Filho do**

Homem, que come e bebe, e dizem: Eis aí um glutão e bebedor de vinho, amigo de publicanos e pecadores! (v. 18-19a). João Batista surgira do deserto como um asceta, alguém entregue à abnegação. A reação das pessoas foi considerá-lo um lunático; talvez até mesmo vítima de possessão demoníaca. Elas sabiam, ou deveriam saber, que o deserto era o ponto de encontro tradicional entre Deus e seus profetas e que as roupas e a conduta de João eram uma reminiscência de Elias. Ele apresentava claramente todas as características de um profeta, o primeiro em 400 anos. Ele estava trazendo-lhes a Palavra de Deus, mas, em vez de recebê-lo, elas o caluniaram.

Em contrapartida, Jesus não era um ermitão. Ele comia e bebia normalmente. Ele comparecia a festas e jantares. Em suma, fazia coisas que João Batista era criticado por não fazer. Apesar disso, as pessoas não estavam satisfeitas, e Jesus foi acusado de gostar demais de comida e vinho. Em outras palavras, ele foi considerado um glutão e um beberrão. Isto também foi uma calúnia, pois Jesus nunca ficou bêbado na vida. Além disso, diziam que ele se associava com todo o tipo de pessoas erradas – coletores de impostos e pecadores. Ele não conseguia agradar o povo nem com as companhias que tinha.

O problema foi que as expectativas e preferências das pessoas não puderam ser satisfeitas. Eu vejo esse tipo de coisa às vezes após a Conferência Nacional Ligonier. Nós sempre pedimos que os participantes preencham a ficha de avaliação da conferência para dizer-nos do que gostaram e do que não gostaram. A equipe lê cada uma dessas fichas. Ela leva muito a sério as opiniões e procura implementar as mudanças solicitadas no planejamento da conferência seguinte. Contudo, às vezes ficamos com uma pilha inteira de formulários de avaliação com o comentário: "Teve muita música"; e outra pilha inteira de formulários com o comentário: "Teve pouca música". Como esse tipo de divergência pode ser resolvido? Não pode. É impossível satisfazer completamente

todas as pessoas que comparecem à conferência. De alguma maneira, a conferência não conseguirá atender às expectativas e preferências de todos.

Ações e consequências

Por fim, Jesus disse: **Mas a sabedoria é justificada por seus filhos** (v. 19b, ARC). Jesus não estava dizendo que a sabedoria tem seu relacionamento restaurado com Deus quando tem filhos. Ele estava afirmando que, se alguém toma um curso de ação, as consequências desta ação demonstrarão se o curso foi prudente ou não. Uma escolha sábia produzirá "filhos" positivos, isto é, resultados. Então, Jesus estava dizendo que o fruto gerado de seu ministério e do ministério de João demonstraria que eles eram homens de Deus.

É isso o que Tiago estava dizendo quando escreveu: "Verificais que uma pessoa é justificada por obras e não por fé somente" (2.24). Quando indivíduos tentam refutar a doutrina da justificação somente pela fé, eles recorrem a este versículo. É isso o que a Igreja Católica Romana fez no século 16. Os eruditos de Roma apontaram para este versículo na tentativa de convencer os reformadores de que a Bíblia diz que nós somos justificados pela fé *e* pelas obras. No entanto, quando Paulo fala sobre justificação em Romanos, ele está falando sobre como nós nos reconciliamos com Deus. Já Tiago está falando de uma situação diferente. Ele pergunta: "Meus irmãos, qual é o proveito, se alguém disser que tem fé, mas não tiver obras? Pode, acaso, semelhante fé salvá-lo?" (2.14). Ele passa quase um capítulo inteiro respondendo a esta pergunta com um enfático não, mostrando que a fé que não produz obras, a fé sem frutos, é uma fé morta. A fé que justifica é uma fé viva, a qual produz frutos de obediência. Esta obediência não salva. Contudo, se não estiver presente, tem-se a prova mais clara de que tal fé, na realidade, não é fé. Quando Tiago afirma que o homem é justificado pelas obras,

ele quer dizer que as obras do homem demonstram, ou confirmam, sua fé.

Jesus está falando aqui de pessoas que sempre têm uma reação errada diante da Palavra de Deus. Como você reage a ela? Você acata todo o conselho de Deus? Ou você se aproxima da Bíblia como se ela fosse um bufê, pegando um pouco de amor, um pouco de misericórdia e um pouco de graça, mas deixando a ira, a justiça e a santidade na mesa? Seu Deus é o Senhor onipotente que reina ou um ídolo de sua própria autoria? O Salvador que você aceitou é aquele que o chama para tomar a cruz e segui-lo ou simplesmente um Jesus manso e suave que não lhe pede nada? Nós precisamos ter ouvidos para ouvir a Palavra de Deus.

AIS DAS CIDADES

Mateus 11.20-24



> Passou, então, Jesus a increpar as cidades nas quais ele operara numerosos milagres, pelo fato de não se terem arrependido: Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza. E, contudo, vos digo: no dia do juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vós outras. Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno; porque, se em Sodoma se tivessem operado os milagres que em ti se fizeram, teria ela permanecido até ao dia de hoje. Digo-vos, porém, que menos rigor haverá, no dia do juízo, para com a terra de Sodoma do que para contigo.

Quando prego, eu costumo concluir a leitura das Escrituras com uma exortação: "Quem tem ouvidos para ouvir, ouça." Porém, se existe algum assunto nos ensinamentos de Jesus que nos faz tapar os ouvidos, é o assunto do juízo. Nosso coração é recalcitrante, e nossa cerviz é dura [cf. At 7.51]; logo, nossos ouvidos são surdos aos alertas de Jesus. No entanto, precisamos levar muito a sério estes ensinamentos, incluindo o trecho a ser considerado neste capítulo.

Mateus diz: **Passou, então, Jesus a increpar as cidades nas quais ele operara numerosos milagres, pelo fato de não se terem arrependido: Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza** (v. 20-21). As cidades de Corazim e Betsaida – e, mais tarde, Cafarnaum – foram criticadas por Jesus porque muitas obras poderosas – isto é, seus milagres – haviam sido realizadas

dentro de suas fronteiras, e, apesar disso, não houvera grandes arrependimentos ali.

O curioso nesta passagem é que, embora Mateus afirme que "numerosos" milagres de Jesus haviam sido realizados naquelas três cidades, duas delas são raramente mencionadas nos evangelhos. Das três cidades, a maioria das referências que encontramos é, de longe, a respeito de Cafarnaum, pois era ali que Pedro residia e onde Jesus estabelecera sua base para o ministério galileu. Todavia, a cidade de Corazim nunca é mencionada nos evangelhos, exceto aqui e em uma passagem paralela (Lc 10.13-16), e Betsaida é mencionada apenas algumas vezes.

O que sabemos sobre Corazim e Betsaida? Ambas tinham aproximadamente o mesmo tamanho de Cafarnaum. Em outras palavras, não eram cidades de pouca importância às margens do mar da Galileia. Corazim ficava na costa norte do mar, minimamente a oeste do local onde o rio Jordão desagua e a poucos quilômetros de Cafarnaum. Betsaida também estava situada na costa norte, mas ficava um pouco a leste do Jordão. Três discípulos de Jesus eram provenientes de Betsaida: Pedro, seu irmão André e Filipe (Jo 1.44).

Então, temos aqui uma sugestão de que Jesus realizou muitos milagres poderosos a respeito dos quais nada sabemos. Como vimos, o Evangelho de Mateus contém muitos relatos maravilhosos dos milagres de Jesus, mas este registro não é, absolutamente, exaustivo. Seu evangelho é um registro jornalístico seletivo das coisas que nosso Senhor fez. A bem da verdade, todos os outros Evangelhos são igualmente seletivos. João reconhece isso ao escrever: "Há, porém, ainda muitas outras coisas que Jesus fez. Se todas elas fossem relatadas uma por uma, creio eu que nem no mundo inteiro caberiam os livros que seriam escritos" (21.25). Os escritores dos Evangelhos simplesmente não conseguiriam registrar tudo o que Jesus fez.

Credenciais de Jesus

Jesus repreendeu essas três cidades porque, embora as pessoas que viviam ali tivessem visto muitos milagres, elas não se arrependeram. Na Igreja, as pessoas costumam ter grande interesse pelos milagres de Jesus, mas, muitas vezes, perdem de vista o propósito fundamental desses sinais. Certamente, um dos motivos que o levou a realizar milagres foi sua compaixão pelos necessitados. Porém, o mais importante foi o fato de que os milagres de Jesus eram suas credenciais. Eles o acreditavam como um agente de revelação, alguém que tinha o selo de aprovação de Deus Pai. Esta é a questão que Nicodemos parece ter entendido, pois disse a Jesus: "Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele" (Jo 3.2). Ele afirmou que Jesus fora enviado por Deus pois era capaz de operar obras maravilhosas. Neste aspecto, Nicodemos estava perfeitamente correto em seu pensamento.

Esta é uma das razões por que fico nervoso quando as pessoas alegam realizar milagres extravagantes hoje em dia. Se estão realizando milagres reais, então Deus está atestando que elas são agentes de revelação. Em minha opinião, muitos dos que alegam estas coisas nem sequer se qualificam como agentes de revelação, sendo, na verdade, falsos profetas. Um verdadeiro milagre é algo que só Deus pode fazer, e Deus concede este poder às pessoas apenas como credencial. Portanto, Jesus estava dizendo que havia apresentado suas credenciais naquelas cidades. Ele tinha realizado a maioria de seus milagres em Corazim, Betsaida e Cafarnaum. Apesar disso, as pessoas não se arrependeram – muito embora seja provável que tivessem ficado entusiasmadas com a demonstração de poder. Elas não reconheceram que os milagres demonstravam que Jesus era um mensageiro de Deus ordenando-lhes o arrependimento.

Lembre-se de que, quando João Batista surgiu do deserto, ele pregou: "Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus" (Mt 3.2).

Quando Jesus iniciou seu ministério público, ele proclamou a mesma mensagem: "Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus" (4.17). Seus milagres mostravam que ele era um mensageiro de Deus com autoridade para ordenar às pessoas que se arrependessem. Por alguma razão, elas não enxergaram isso.

Jesus voltou-se especificamente para Corazim e Betsaida com oráculos de ai. Quando estudamos as bem-aventuranças, observei que as declarações proféticas nos tempos bíblicos eram transmitidas por meio de um mecanismo literário chamado oráculo – um pronunciamento divino. Havia oráculos positivos, ou oráculos de bênção, e havia oráculos negativos, ou oráculos de maldição. Os oráculos positivos, que prometiam boas novas, eram introduzidos pela palavra *bem-aventurados.* Vimos exemplos de oráculos de bênção nas bem-aventuranças, onde Jesus disse: "Bem-aventurados os humildes de espírito […]. Bem-aventurados os que choram […]. Bem-aventurados os mansos […]" e assim por diante (Mt 5.3-11). Estas eram declarações proféticas, proclamações da bênção de Deus sobre certas pessoas. Contudo, o outro lado do oráculo de bênção era o oráculo de maldição, o pronunciamento do juízo divino sobre as pessoas. Este tipo de oráculo era precedido pela palavra *ai*.

A literatura profética do Antigo Testamento está repleta de ais: "Ai do perverso!" (Is 3.11); "Ai daquele que edifica a sua casa com injustiça" (Jr 22.13); "Ai dos profetas loucos" (Ez 13.3); "Ai dos que andam à vontade em Sião" (Am 6.1); "Ai daqueles que, no seu leito, imaginam a iniquidade" (Mq 2.1); "Ai daquele que ajunta em sua casa bens mal adquiridos" (Hc 2.9); e "Ai do pastor inútil" (Zc 11.17). Todavia, os oráculos de ai não são apenas uma característica do Antigo Testamento. No livro de Apocalipse, João testemunhou um anjo lamentando: "Ai! Ai! Ai dos que moram na terra" (8.13). E, é claro, temos os ais de Jesus em

relação aos fariseus e escribas. Conforme veremos no estudo de Mateus 23, ele pronunciou uma série de ais sobre estes líderes religiosos judaicos.

Assim, quando Jesus disse: "Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida!", ele estava pronunciando o juízo de Deus sobre estas cidades porque, mesmo tendo visto os milagres, elas não se arrependeram. A fim de mostrar como esse pecado era sério, Jesus fez uma comparação devastadora: "Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza."

Tiro e Sidom eram duas importantes cidades fenícias da antiguidade conhecidas pela hostilidade arrogante que demonstravam contra Deus e seu povo. Vários profetas de Israel profetizaram contra elas, as quais acabaram sendo conquistadas por Alexandre, o Grande. Porém, Jesus afirmou que, se tivesse operado em Tiro e Sidom os mesmos milagres que havia realizado em Corazim e Betsaida, aquelas cidades inteiras teriam se arrependido. Elas teriam expressado intensa contrição, humilhando-se com pano de saco e cinza – antigos símbolos de luto e tristeza. Por mais ímpias que fossem, elas teriam feito o que as cidades da Galileia não fizeram. Apesar da revelação divina presente em seu meio, o povo de Corazim e Betsaida não se arrependeu dos maus caminhos.

A realidade do juízo

Por este motivo, Jesus acrescentou: **E, contudo, vos digo: no dia do juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vós outras** (v. 22). Aqui encontramos o assunto que, com tanta frequência, nos faz tapar os ouvidos: o juízo. Jesus disse, de modo bem claro, que haverá um dia de juízo. Contudo, pouquíssimas pessoas levam a sério o ensinamento bíblico de que está chegando um dia em que Deus julgará o mundo – um dia em que Deus julgará pessoas como eu e você.

Um dos meus hinos preferidos é o *Rocha eterna.* A última estrofe diz assim:

> Quando eu der o suspiro fugaz,
> Quando minhas pálpebras fecharem-se para a morte,
> Quando eu voar para mundos desconhecidos,
> E vir-te em teu trono do juízo,
> Rocha eterna partida em meu benefício,
> Permite que eu me oculte em ti.[1]

Quando eu e você dermos nosso último suspiro neste planeta, quando nossas pálpebras se fecharem pela última vez na terra, nós voaremos para mundos desconhecidos, e a primeira coisa que veremos será Cristo sentado em seu trono de juízo. Naquele momento, teremos, mais do que nunca, vontade de entoar: "Rocha eterna partida em meu benefício, permite que eu me oculte em ti". Se não estivermos escondidos em Cristo, vestidos em sua justiça, o dia do juízo será uma calamidade absoluta. Não obstante, muitas pessoas neste mundo estão convictas de que não têm motivo algum para temer a Deus. Não há temor a ele em seus olhos. Seu coração está calejado, e elas desconsideram o alerta do Filho de Deus. Foi isso o que o povo de Corazim e Betsaida fez quando Jesus esteve ali e demonstrou ser o porta-voz de Deus, o Verbo de Deus encarnado, com o esplendor dos milagres realizados.

No entanto, Jesus não apenas declarou a existência do dia do juízo aqui. Muitos supõem que, após a morte, as pessoas vão para o céu ou para o inferno – e isso é tudo. Estaremos dentro ou fora, e não haverá qualquer diferença entre bem-aventuranças ou ais de uma pessoa para outra. Mas observe o que Jesus disse a Corazim e Betsaida: "no Dia do Juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vós outras". Assim como já vimos várias vezes em Mateus, Jesus indicou aqui que há graus de punição no inferno.

Eu já conversei com muitos homens que tiveram relações ilícitas com mulheres. Geralmente, o problema começa com luxúria, e eles dizem para si mesmos: "Bem, se já cobicei, não vejo por que não ir além." Não consigo entender onde este tipo de pensamento se origina. Quando chegarmos diante do tribunal de Deus, nós nos defrontaremos com a justiça perfeita e seremos condenados por cada pecado cometido durante a vida. Sem dúvida, é melhor se abster do adultério, mesmo que já se tenha cometido luxúria, pois o castigo por dois pecados será pior do que o castigo por apenas um.

Além disso, nós seremos julgados de acordo com a luz que recebemos. Cada vez que um pecador ouve a Palavra de Deus e a resiste, seu juízo aumenta. É melhor que ele fuja da igreja e nunca mais volte; assim, não receberá a luz que o tornará ainda mais culpado. Naturalmente, ele também não terá a luz de que precisa para ir ao céu.

O apóstolo Paulo escreve: "Tu, ó homem, que condenas os que praticam tais coisas e fazes as mesmas, pensas que te livrarás do juízo de Deus?" (Rm 2.3). Esta é a maior loucura que o ser humano pode cometer: pensar que escapará do juízo de Deus. Como ele conseguiria fazer isso? Pedindo que um carro de fuga espere por ele nos portões de pérola? Enganando Deus e mantendo seus pecados ocultos dele? Não há como escapar. O juízo de Deus é absolutamente inevitável.

Paulo continua: "Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento? Mas, segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas contra ti mesmo ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo o seu procedimento" (v. 4-6). As pessoas leem esta passagem e dizem: "Ah, eu achava que nós éramos justificados pela fé." Nós somos, mas todas as nossas obras serão julgadas. Aquele que for impenitente e não tiver a fé salvadora será julgado de acordo com suas obras pecaminosas. Deus concederá "a vida

eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade; mas ira e indignação aos facciosos, que desobedecem à verdade e obedecem à injustiça. Tribulação e angústia virão sobre a alma de qualquer homem que faz o mal" (v. 7-9a).

Podemos ser tentados a pensar que, por Jesus ter pronunciado ais sobre Corazim e Betsaida, ele odiava estas cidades. Pelo contrário, ele as amava. Foi por isso que ele lhes disse para despertar. O dia da salvação havia despontado sobre elas, e seu Salvador estava ali. Se as pessoas iníquas de Tiro e Sidom tivessem visto o que o povo de Corazim e Betsaida viu, elas teriam se arrependido em extrema humilhação.

Mais perversa do que Sodoma

Jesus também tinha uma palavra para Cafarnaum: **Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno; porque, se em Sodoma se tivessem operado os milagres que em ti se fizeram, teria ela permanecido até ao dia de hoje. Digo-vos, porém, que menos rigor haverá, no dia do juízo, para com a terra de Sodoma do que para contigo** (v. 23-24). As pessoas de Cafarnaum aparentemente nutriam pensamentos grandiosos em relação a si mesmas e à cidade, mas Jesus alertou-as de que corriam o risco de descer até o inferno, de receber o juízo. Assim como Corazim e Betsaida, elas haviam visto obras poderosas. Então, Jesus mencionou Sodoma, uma das cidades mais perversas do Antigo Testamento. Ele declarou que, se os sodomitas tivessem visto as obras que o povo de Cafarnaum viu, Sodoma ainda existiria, pois o povo teria se arrependido, e a cidade não teria sido destruída pelo juízo de Deus. Por conseguinte, os homens iníquos de Sodoma receberiam castigos mais leves do que o povo de Cafarnaum.

Imagine-se diante do tribunal de Cristo, ouvindo-o dizer: "Conheço a sua vida. Você recebeu luz. Você ouviu a Bíblia sendo pregada toda semana. Apesar disso, nunca se arrependeu. Portanto, seu castigo será

pior do que o castigo que derramei sobre Sodoma." Que coisa terrível seria ouvir uma condenação como esta!

Não se engane. Não pense que pode escapar do juízo. Se você nunca se aproximou da cruz como um indigente – sem nada nas mãos, sem desculpas e sem justificativas próprias – eu o exorto a não deixar mais um dia passar sem antes acertar sua vida com Deus. Caso já tenha feito isso, você terá alegria indizível. Caso não tenha, enfrentará tribulação e angústia inimagináveis.

[1] Versão inglesa do hino *Rocha eterna*, escrito por Augusto M. Toplady em 1776.

O JUGO DE CRISTO

Mateus 11.25-30



> Por aquele tempo, exclamou Jesus: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar. Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.

Depois que Jesus repreendeu as cidades de Corazim, Betsaida e Cafarnaum por não terem se arrependido, mesmo tendo visto tantos milagres que atestavam sua posição como agente de revelação do Pai, ele foi orar. Esta oração foi um agradecimento pelo modo como o Pai havia revelado sua identidade.

Mateus escreve: **Por aquele tempo, exclamou Jesus: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado** (v. 25-26). O sentido evidente destas palavras é que Deus é seletivo ao determinar a quem se revelará. Ele se oculta de alguns, mas revela-se graciosamente a outros. Deus faz uma revelação geral de si mesmo a todos os homens por meio da criação. Além disso, contanto que haja uma Bíblia disponível nos idiomas adequados, qualquer um pode ter acesso à sua revelação especial na Palavra. No entanto, há um tipo de revelação na qual Deus levanta o véu do pecado presente nos olhos das

pessoas e revela-se a elas, e Jesus afirmou aqui que Deus não concede esta revelação a todos.

Jonathan Edwards, o grande pregador da Nova Inglaterra no século 18, é bem conhecido pelo sermão *Pecadores nas mãos de um Deus irado*. Contudo, este não foi o sermão que colocou Edwards em destaque nacional. O sermão responsável por isso foi anterior àquele e era intitulado *Uma luz divina e sobrenatural*. Neste magnífico sermão, Edwards apresentou a maneira extraordinária pela qual Deus ilumina sobrenaturalmente nosso coração e nossa alma lá do céu, de modo a fazer-nos ver a doçura e a excelência de Cristo. Sem esta luz divina e sobrenatural, ninguém confiaria em Cristo. Mas, repito, Deus não a concede a todos.

Com a expressão "estas coisas", Jesus referia-se à própria identidade como Salvador e à chegada do reino de Deus, verdades que o povo de Corazim, Betsaida e Cafarnaum não haviam enxergado. Ele afirmou que o Pai escondera tais coisas dos "sábios e instruídos", isto é, daqueles que acreditavam entender Deus e seus caminhos com a própria sabedoria. Como vimos no capítulo anterior, Jesus disse que Cafarnaum estava elevada até o céu (v. 23), uma aparente referência ao orgulho e à arrogância daquela cidade. As palavras de Jesus nesta oração talvez indiquem que o Pai tenha negado a revelação do Filho ao povo de Cafarnaum por causa desse orgulho.

Ele prosseguiu agradecendo ao Pai por ter revelado essas coisas aos "pequeninos", isto é, àqueles que eram humildes de coração e estavam dispostos a receber Jesus pela fé. Não é difícil entender quem Jesus tinha em mente aqui. Observe os discípulos. Aqueles a quem Jesus chamou para serem seus seguidores não faziam parte da elite da comunidade. Eles não eram os intelectuais e eruditos. Eram os humildes – pescadores, cobradores de impostos e semelhantes. Houve, entretanto, algumas exceções. Creio que o homem mais instruído de toda a Palestina no

primeiro século tenha sido Saulo de Tarso, e Jesus o chamou e usou poderosamente. Apesar disso, Saulo, que se tornou o apóstolo Paulo, compreendia bem que havia recebido Cristo somente pela graça de Deus.

Jesus prosseguiu, dizendo: "Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado." Deus decreta e deseja apenas o que lhe apraz, e a única coisa que o agrada é aquilo que é correto. Se pareceu bom aos olhos de Deus esconder essas verdades de alguns e revelá-las a os outros, isto *foi* bom, pois Deus faz todas as coisas bem. Jesus agradeceu por essa expressão da soberania de Deus, e nós devemos fazer o mesmo.

Conhecimento do Pai e do Filho

Mateus diz que, em seguida, Jesus falou: **Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar** (v. 27). À primeira vista, estas declarações parecem estranhas, pois sugerem que o Pai e o Filho conhecem um ao outro, mas que ninguém conhece qualquer um dos dois. O que devemos entender destas palavras?

Na epístola aos romanos, Paulo diz que Deus se revelou a todos os homens por meio de sua criação (1.20), como mencionei anteriormente. Em seu estado caído, os homens não querem nada com Deus. Não obstante, as coisas que eles veem na criação são evidências claras de que existe um Deus; o conhecimento de Deus alcança todos, e esta é a base universal para o juízo divino sobre a raça humana carregada de culpa. O pecado fundamental do homem não é desconhecer Deus, mas conhecê-lo e recusar-se a honrá-lo como tal (1.21). Este é o estado natural da humanidade. Nós sabemos que Deus existe, mas não o honramos.

Na adolescência, eu costumava ter dificuldade para pegar no sono. Eu estava extremamente consciente da realidade de Deus mesmo não sendo cristão – nem mesmo religioso. Mas eu sabia que Deus existia e, em tempos de crise, deixava escapar uma ou duas orações. Porém, eu não

conseguia dormir à noite porque sabia que era pecador. Eu sabia que existia uma grave separação entre mim e o meu Criador. Todos nós sabemos disso.

A Bíblia, portanto, ensina que nós sabemos que Deus existe. Minha própria experiência confirma isso. O que, então, Jesus quis dizer quando fez aquelas declarações estranhas?

A palavra traduzida como "conhece" neste versículo foi utilizada em sua forma intensa. Isto quer dizer que Jesus estava falando algo assim: "Ninguém *realmente* conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém *realmente* conhece o Pai, senão o Filho." Em outras palavras, ele estava dizendo que o nosso conhecimento de Deus, mesmo como convertidos, é ínfimo. O conhecimento que obtemos das coisas de Deus neste mundo, mesmo se estudarmos diligentemente durante todos os dias de nossa vida, nada é em comparação com a profundidade e a riqueza de quem Deus é em si mesmo eternamente. Conhecer o Filho em sua plenitude é algo possível apenas ao Pai (e ao Espírito Santo, naturalmente). Da mesma forma, somente o Filho (e o Espírito) pode conhecer o Pai em sua totalidade.

No entanto, *alguns* seres humanos podem conhecer o Pai: aqueles "a quem o Filho o quiser revelar". Vimos anteriormente que o Pai oculta Jesus de alguns e revela-o a outros. Aqui Jesus disse que faz o mesmo em relação ao Pai. O Filho torna o Pai conhecido, mas não a todos.

Como veremos mais adiante no Evangelho de Mateus, Jesus explicou que utilizava parábolas para revelar a verdade a alguns e escondê-la de outros (13.11-17). Além disso, nós estudaremos o momento em que Pedro confessou Cristo em Cesareia de Filipe: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (16.16). Veremos que Jesus pronunciou uma bênção sobre Pedro por ter feito esta confissão, mas não por ter descoberto sozinho quem ele era. Afinal, "não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus" (v. 17). Deus Pai havia revelado a Pedro que Jesus era o Cristo. Assim sendo, se eu e você conhecemos o Pai e o Filho, não é

por causa de coisa alguma que fizemos; graça e misericórdia indizíveis foi o que nos permitiu conhecê-los.

Tomando o jugo de Jesus

Depois desta declaração de exclusividade, Jesus fez um convite geral: **Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei** (v. 28). Creio estar claro, com base no contexto da passagem, de qual fardo Jesus estava falando. Ele *não* estava falando dos fardos que carregamos no cotidiano: questões profissionais, atritos familiares e outras provações. Em vez disso, ele estava se referindo ao fardo do pecado.

Não há fardo mais esmagador para a alma humana do que a culpa. Quando carregamos culpas não resolvidas, culpas não perdoadas, elas nos oprimem e minam nossa alegria. Nossos passos ficam pesados por causa do peso deste fardo. Na magnífica alegoria *O peregrino*, de John Bunyan, quando Cristão saiu da Cidade da Destruição, ele carregou um peso enorme nas costas que o perturbou até que fosse descarregado na cruz. Esta bagagem que o oprimia era a culpa.

Ao observar as pessoas ao redor, Jesus pôde ver que elas estavam oprimidas pela culpa. Em sua compaixão, ele disse: "Vinde a mim". Aonde mais poderíamos ir com nossa culpa? Quem mais poderia removê-la? Em seguida, prometeu que todos aqueles que fossem até ele receberiam "alívio". Em termos bíblicos, entrar no céu é receber alívio permanente. O sábado de cada semana é destinado não apenas a dar-nos alívio dos labores terrenos, mas também a servir como antegozo do alívio permanente reservado à nossa alma.

Depois, Jesus utilizou uma metáfora bem vívida: **Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve** (v. 29-30). Quando penso na palavra *jugo*, imagino dois bois

unidos por um jugo pesado de madeira, cuja finalidade é fazê-los andar lado a lado. A Bíblia, às vezes, usa este tipo de jugo como metáfora. Por exemplo, somos instruídos a não nos colocar em "jugo desigual" com incrédulos no casamento, pois isto equivaleria a juntar dois bois totalmente incompatíveis e esperar que trabalhassem em equipe. Esta tentativa está condenada ao fracasso.

Todavia, Jesus não estava falando desse tipo de jugo. Antigamente, quando alguém transportava uma carga, podia usar um jugo sobre os ombros para sustentar o fardo de forma equilibrada. A água costumava ser transportada assim, com um balde em cada extremidade. Este é o tipo de jugo que Jesus tinha em mente, o qual foi prometido a todos os que fossem a ele. Este instrumento facilitaria o carregamento dos fardos que, de outra maneira, seria inviável.

Jesus disse que, quando levamos este jugo, aprendemos dele. Naturalmente, a principal coisa que aprendemos dele é ele mesmo; ele é tanto o Mestre quanto a lição. Aprender dele significa submeter-se à sua autoridade e tornar-se seu servo, como todos os discípulos fizeram. Paulo compreendia isso, e sua forma preferida de fazer referência a si nas cartas era como "servo de Jesus Cristo". Ele era feliz por ser escravo de Cristo. Afinal, a suprema ironia é que, até nos tornarmos escravos de Cristo, nós não conhecemos a liberdade. Nosso pecado e nossa culpa oprimem-nos e escravizam-nos, mas Jesus liberta-nos destes fardos. Ele é um Mestre manso e humilde que age de acordo com os melhores interesses de seus alunos.

Portanto, o jugo de Jesus é suave em comparação com o jugo da escravidão, sob o qual padecemos como pecadores não perdoados. Seu fardo é leve em comparação com o fardo de culpa que carregamos.

Sempre que leio esta passagem, eu penso: "Espere aí, Jesus, minha vida ficou muito mais complicada depois que tomei o seu jugo." A vida parecia simples antes. Eu apenas fazia a vontade de Satanás e seguia a

multidão. Porém, eu tinha um fardo terrível. Jesus nos chama a entregar nossa vida, dedicar-nos a ele e vender-nos de corpo e alma. Apesar disso, ele promete que, quando fizermos isso, consideraremos leve o fardo. É incrível, mas é verdade.

Você já encontrou o alívio para sua alma a respeito do qual Jesus estava falando aqui? Se já encontrou, então sabe que qualquer fardo colocado por Jesus é leve. Ele não é um tirano. Embora exija obediência e espera que nos entreguemos a ele por completo, ele nunca oprime seu povo. É sempre um enorme prazer levar o seu jugo.

O SENHOR DO SÁBADO

Mateus 12.1-8



Por aquele tempo, em dia de sábado, passou Jesus pelas searas. Ora, estando os seus discípulos com fome, entraram a colher espigas e a comer. Os fariseus, porém, vendo isso, disseram-lhe: Eis que os teus discípulos fazem o que não é lícito fazer em dia de sábado. Mas Jesus lhes disse: Não lestes o que fez Davi quando ele e seus companheiros tiveram fome? Como entrou na Casa de Deus, e comeram os pães da proposição, os quais não lhes era lícito comer, nem a ele nem aos que com ele estavam, mas exclusivamente aos sacerdotes? Ou não lestes na lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa? Pois eu vos digo: aqui está quem é maior que o templo. Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos, não teríeis condenado inocentes. Porque o Filho do homem é senhor do sábado.

Até este ponto do evangelho, Mateus não narrou grandes controvérsias entre Jesus e os líderes religiosos judeus. Ele registrou a advertência de Jesus para que a justiça do povo excedesse a dos escribas e fariseus (5.20), mostrou exemplos de escribas e fariseus murmurando entre si acerca de coisas ditas e feitas por Cristo (9.3,34) e mencionou um incidente no qual os fariseus perguntaram aos discípulos por que o mestre comia com publicanos e pecadores. Agora, entretanto, Mateus relata uma grande discussão em que os fariseus acusaram os discípulos – e, por inferência, o próprio Jesus – de violar a lei de Deus.

Mateus escreve: **Por aquele tempo, em dia de sábado, passou Jesus pelas searas. Ora, estando os seus discípulos com fome, entraram a colher espigas e a comer. Os fariseus, porém, vendo isso, disseram-lhe: Eis que os teus**

discípulos fazem o que não é lícito fazer em dia de sábado (v. 1-2). Era perfeitamente admissível à lei judaica, que, ao passarem perto de campos de grãos, os viajantes se servissem de uma pequena porção das plantações. Deus inclusive havia ordenado ao seu povo que não ceifasse os campos até as bordas com o intuito de deixar alguns grãos para os pobres e os peregrinos (Lv 19.9). Portanto, o fato de os discípulos de Jesus arrancarem espigas de campos alheios não era considerado transgressão ou roubo. O problema, aos olhos dos fariseus, era que eles faziam isso no sábado.

O sábado tinha extrema importância na devoção judaica – e com razão, pois Deus ordenara a observância do sábado nos Dez Mandamentos (Êx 20.8-11). Os judeus levavam tão a sério a observância do sábado, que estavam dispostos a entregar a si mesmos e os filhos à morte em vez de violar esse dia. Isto chegou a acontecer durante o ataque a Jerusalém pelo general romano Pompeu em 63 a.C.: os judeus recusaram-se a lutar no sábado por questão de dignidade nacional.

No entanto, apesar da ênfase de Deus sobre o sábado, o Antigo Testamento contém pouquíssimas regras comportamentais específicas para tal dia. Por este motivo, as autoridades religiosas judaicas estabeleceram todo o tipo de regulamento para o sábado. Cada regra impunha um novo fardo e tornava a observância do sábado ainda mais pesada. Foram estas regras artificiais que os discípulos de Jesus violaram quando arrancaram as espigas. Os fariseus consideram a atitude deles como uma violação do sábado, pois suas leis exigiam que os judeus se abstivessem de todo trabalho desnecessário naquele dia. Os fariseus acreditavam que o ato de arrancar uma espiga equivalia a colher, e que o ato de raspar o grão para separar o trigo do joio era o mesmo que debulhar. Assim, eles criticaram Jesus por permitir que os discípulos violassem o sábado.

Dois precedentes da Lei

Amo a maneira como Jesus respondeu: **Mas Jesus lhes disse: Não lestes o que fez Davi quando ele e seus companheiros tiveram fome? Como entrou na Casa de Deus, e comeram os pães da proposição, os quais não lhes era lícito comer, nem a ele nem aos que com ele estavam, mas exclusivamente aos sacerdotes? Ou não lestes na Lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa?** (v. 3-5). Jesus respondeu seus acusadores com dois precedentes extraídos das Escrituras. Foi como se ele dissesse: "Vocês nunca consultam a Bíblia ao formular tradições?"

Primeiro, Jesus referiu-se a um incidente na vida de Davi, na época em que o rei era praticamente um foragido. Samuel o havia ungido como segundo rei de Israel, mas Jônatas o avisara de que o rei Saul estava tentando matá-lo. Por isso, Davi e seus homens fugiram e acabaram ficando famintos. Davi foi para a cidade de Nobe e pediu comida ao sacerdote Aimeleque. Aimeleque, porém, não tinha comida, exceto o pão da proposição – um pão especial apresentado diante de Deus no santuário (veja Êx 25.30). Este pão era substituído regularmente por pão fresco, e os sacerdotes tinham o privilégio de comê-lo após o ritual. Davi explicou a situação a Aimeleque e pediu-lhe para comer aquele pão. O sacerdote, então, concordou de bom grado com o pedido.

Alguns comentaristas argumentam que Aimeleque permitiu a Davi tomar o pão porque era prerrogativa sua ter misericórdia de alguém que estivesse faminto. Outros dizem que ele permitiu tal exceção porque foi Davi quem pediu – pressupondo que Aimeleque soubesse que Davi era o rei ungido do Senhor e, por isso, estivesse disposto a alimentá-lo em respeito à sua posição.

Independentemente do motivo por que Aimeleque deu o pão para Davi, o incidente permitiu que Jesus elaborasse um argumento muito pertinente aos fariseus. Em primeiro lugar, foi um sacerdote, um dos líderes religiosos de Israel, que permitiu a violação da lei sagrada. Mas,

ainda mais importante, Jesus estava dizendo aos fariseus que a misericórdia é mais importante do que os rituais. É claro, os rituais não são irrelevantes, mas há ocasiões em que necessidades maiores precisam ser atendidas. Conforme Jesus expressou, **"Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos, não teríeis condenado inocentes"** (v. 7). Assim como Davi era inocente em uma aparente violação da lei sagrada, os discípulos eram inocentes em violar o sábado. A necessidade de misericórdia anulava o ritual.

Depois, Jesus citou um segundo precedente: "Ou não lestes na lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa?" Mais uma vez, ele perguntou: "Não lestes na lei que […]?" Deus havia ordenado que seu povo trabalhasse seis dias e descansasse no sétimo. Os sacerdotes, entretanto, naturalmente não podiam descansar nesse dia. Jesus estava dizendo aos fariseus que os sacerdotes estavam isentos da lei do sábado. Eles não eram considerados infratores ao realizar as tarefas ordenadas por Deus nesse dia.

Maior que o templo

Em seguida, Jesus fez uma declaração que agravou seriamente o confronto com os fariseus. Ao dar os exemplos de Davi e dos sacerdotes, ele havia montado o palco para expressar-se com um argumento que partia do elemento menos importante para o mais importante. Ele disse: **Pois eu vos digo: aqui está quem é maior que o templo** (v. 6).

A fim de compreender o significado destas palavras, é preciso entender a importância do templo na mente judaica. O templo, bem como o tabernáculo antes dele, representava a presença de Deus no meio do seu povo. Ele era o centro da vida religiosa dos judeus, o lugar central de adoração e sacrifício. Jesus, entretanto, disse que havia alguém "aqui" – ele claramente estava falando de si mesmo – maior que o templo. Os fariseus devem ter ficado absolutamente chocados quando ele disse isso.

Contudo, eles já deveriam saber. Tudo no tabernáculo – e, mais tarde, no templo – todo o simbolismo que Deus tão meticulosamente prescrevera para tais santuários magníficos, apontavam para além deles mesmos: para o templo vivo, para a presença viva de Deus no meio de seu povo, para seu Filho encarnado. Deus estava literalmente habitando no templo do corpo de Jesus (Jo 2.21), sendo que morava de forma apenas simbólica no templo feito de madeira e pedra. Jesus era aquele para quem o templo apontava. É por isso que João escreveu que "o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (1.14a). No idioma original, este versículo diz: "o Verbo se fez carne e *tabernaculou* entre nós". Jesus cumpriu o tabernáculo e o templo.

Assim, Jesus estava alegando ser maior que o templo, onde os sacerdotes serviam tão diligentemente aos sábados – e, consequentemente, seus discípulos tinham um serviço mais importante do que aqueles sacerdotes. Também por inferência, Jesus estava afirmando ser maior do que Davi. Logo, se era aceitável a Davi comer o pão da proposição no santuário, era aceitável aos discípulos de Jesus comer algumas espigas no sábado.

Em seguida, Jesus citou novamente o Antigo Testamento ao dizer: "Mas, se vós soubésseis o que significa: Misericórdia quero e não holocaustos, não teríeis condenado inocentes". Este versículo contém uma citação de Oseias 6.6. Porém, Deus não estava dizendo que o sistema sacrificial precisava ser abolido; ele estava estabelecendo uma hierarquia de valores. Ele estava dizendo: "Sim, eu quero sacrifícios. Sim, é importante oferecer sacrifícios como parte das obrigações religiosas. Porém, a misericórdia é muito mais importante do que os rituais. Quando houver conflito entre ritual e misericórdia, sempre escolham misericórdia." Jesus estava mostrando sutilmente aos fariseus que eles haviam tomado o sábado, um presente divino de refrigério e lazer ao povo, e transformado-o em um fardo pesado com várias restrições

detalhadas. Por causa disso, eles haviam condenado inocentes – os discípulos.

Senhor do sábado

Por fim, Mateus relata a afirmação de Jesus: **Porque o Filho do homem** é senhor do sábado (v. 8). Ao procurarmos compreender esta maravilhosa declaração, precisamos nos lembrar da origem do sábado. Sim, como já observei anteriormente, ele foi um dos dez mandamentos que Deus transmitiu ao povo por intermédio de Moisés no monte Sinai. Contudo, esta não foi a origem do sábado. No Sinai, Deus estava simplesmente dizendo aos israelitas para se lembrarem de algo já em vigor: um em cada sete dias era consagrado e não devia ser profanado. O dia de sábado foi instituído na criação. Deus formou os céus e a terra em seis dias e, no sétimo, descansou (Gn 2.2-3). Como Criador do sábado, Deus tinha autoridade absoluta para dizer como ele deveria ser observado. Portanto, esta declaração de Jesus era nada menos do que outra afirmação de sua divindade. Ele estava dizendo que havia instituído o sábado.

Logo, quando os fariseus foram ter com Jesus cheios de indignação neste incidente, ele se defendeu com destreza ao usar um argumento que deve tê-los deixado completamente chocados. Primeiro, disse que eles haviam perdido completamente de vista o objetivo do sábado. Os fariseus haviam transformado a maravilhosa provisão divina de descanso e adoração em um instrumento de escravidão para o povo de Deus. Depois, Jesus reivindicou o direito de fazer esta afirmação ao declarar que era o próprio criador do sábado e, por conseguinte, o senhor dele.

Sem dúvida, os fariseus compreenderam o que Jesus estava dizendo. A partir deste ponto na narrativa de Mateus, observaremos uma gradação na frequência e na intensidade dos confrontos. Na passagem

que estudaremos no próximo capítulo, veremos o início das conspirações dos fariseus para destruir Jesus.

O SERVO DO SENHOR

Mateus 12.9-21



Tendo Jesus partido dali, entrou na sinagoga deles. Achava-se ali um homem que tinha uma das mãos ressequida; e eles, então, com o intuito de acusá-lo, perguntaram a Jesus: É lícito curar no sábado? Ao que lhes respondeu: Qual dentre vós será o homem que, tendo uma ovelha, e, num sábado, esta cair numa cova, não fará todo o esforço, tirando-a dali? Ora, quanto mais vale um homem que uma ovelha? Logo, é lícito, nos sábados, fazer o bem. Então, disse ao homem: Estende a mão. Estendeu-a, e ela ficou sã como a outra. Retirando-se, porém, os fariseus, conspiravam contra ele, sobre como lhe tirariam a vida. Mas Jesus, sabendo disto, afastou-se dali. Muitos o seguiram, e a todos ele curou, advertindo-lhes, porém, que o não expusessem à publicidade, para se cumprir o que foi dito por intermédio do profeta Isaías:

Eis aqui o meu servo, que escolhi,
o meu amado, em quem
a minha alma se compraz.
Farei repousar sobre ele o meu Espírito,
e ele anunciará juízo aos gentios.
Não contenderá, nem gritará,
nem alguém ouvirá nas praças a sua voz.
Não esmagará a cana quebrada,
nem apagará a torcida que fumega,
até que faça vencedor o juízo.
E, no seu nome, esperarão os gentios.

Em todas as páginas das Escrituras, Deus Pai revela-nos algo a respeito de si mesmo e a respeito da pessoa e obra de seu Filho, a segunda pessoa da Trindade, nosso Senhor Jesus Cristo. A passagem diante de nós neste capítulo é especialmente reveladora quanto à identidade de Jesus.

Depois do primeiro confronto intenso com os fariseus – ocasião em que Jesus fez uma clara reivindicação de divindade ao afirmar que era o Senhor do sábado – ele partiu **dali, [e] entrou na sinagoga deles. Achava-se ali um homem que tinha uma das mãos ressequida; e eles, então, com o intuito de acusá-lo, perguntaram a Jesus: É lícito curar no sábado?** (v. 9-10). Como lhe era habitual, Jesus foi à sinagoga no sábado; os fariseus também foram, aparentemente ainda bravos com o confronto anterior. Lá dentro, ele encontrou um homem que tinha uma das mãos ressequida. Antes mesmo de poder fazer algo em seu favor e, ao que parece, antes até de o homem conseguir pedir ajuda, os fariseus já estavam implicando com Jesus, perguntando-lhe: "É lícito curar no sábado?"

A pergunta obviamente não foi motivada por um desejo sincero de conhecer os pensamentos de Jesus a respeito da possibilidade de cura aos sábados; foi, em vez disso, uma espécie de provocação sarcástica. Eles provavelmente deduziram a intenção dele e perguntaram, em outras palavras: "Você vai mesmo fazer *isso* também?" Os fariseus eram da opinião de que curar uma mão atrofiada não era questão de vida e morte, mas um trabalho desnecessário feito no sábado. No entanto, a pergunta também foi feita com malícia, na esperança de que Jesus dissesse algo teologicamente heterodoxo para justificar a cura no sábado e, assim, lhes fornecesse motivos para atacá-lo.

Mateus escreve: **Ao que lhes respondeu: Qual dentre vós será o homem que, tendo uma ovelha, e, num sábado, esta cair numa cova, não fará todo o esforço, tirando-a dali? Ora, quanto mais vale um homem que uma ovelha? Logo, é lícito, nos sábados, fazer o bem** (v. 11-12). Apesar de a resposta dos fariseus não ter sido sincera, Jesus despendeu tempo ensinando-os que curar aos sábados era, de fato, uma atividade lícita. Para tanto, imaginou uma situação hipotética: se um dos fariseus tivesse uma ovelha, e ela caísse em uma cova no sábado, ele certamente tomaria medidas para resgatá-la. Em seguida – mais uma vez apresentando um argumento

que ia do elemento menos importante ao mais importante – Jesus declarou que, se fosse aceitável resgatar uma ovelha no sábado, também seria aceitável curar um homem, pois um homem tem muito mais valor do que uma ovelha. O princípio é este: "é lícito, nos sábados, fazer o bem".

Então, disse ao homem: Estende a mão. Estendeu-a, e ela ficou sã como a outra (v. 13). Jesus curou a deformidade do homem, eliminando qualquer diferença aparente entre as duas mãos. Ele o fez bem na frente dos fariseus, os quais já estavam esperando por isso. Aqueles indivíduos deveriam ter caído de joelhos em arrependimento e adoração ao ver o milagre. Contudo, Mateus diz: **Retirando-se, porém, os fariseus, conspiravam contra ele, sobre como lhe tirariam a vida** (v. 14). Os fariseus eram escravos das tradições humanas e não podiam tolerar o fato de que Jesus não seguia seus ditames e, desta maneira, minava a autoridade que tinham. Por isso, começaram a conspirar uma forma de matá-lo.

Jesus busca o anonimato

Mateus escreve, em seguida: **Mas Jesus, sabendo disto, afastou-se dali** (v. 15a). De alguma maneira, Jesus sabia o que os fariseus estavam tramando. Será que este conhecimento lhe estava disponível graças à sua natureza divina onisciente? Ou será que algum fariseu solidário havia lhe contado? Nós não sabemos. Seja como for, Jesus deixou aquela região. Ele não fugiu da situação como um covarde. Ele sabia que morreria, mas também sabia que seu Pai é quem havia estabelecido o cronograma de sua missão, não os fariseus. Naquela ocasião, ele falou sobre o seu "tempo" (veja Mt 26.18; Jo 7.6), o auge de sua obra na terra. Esse tempo havia sido determinado e não podia ser alterado. Jesus sabia que tinha outras coisas ainda a fazer e, por este motivo, retirou-se para outro lugar. De modo semelhante, nós também nos deparamos com situações em que

temos de lutar e, em outros momentos, com situações das quais temos de fugir. Às vezes, a prudência é o melhor lado da coragem.

Mais uma vez, Mateus escreve: **Muitos o seguiram, e a todos ele curou, advertindo-lhes, porém, que o não expusessem à publicidade** (v. 15b-16). Jesus retomou seu ministério de sermões e curas, atraindo grandes multidões. Novamente, como já vimos antes, ele as advertiu para que não o alardeassem. Aqui, entretanto, Mateus oferece uma pista do motivo por que Jesus dava esta ordem misteriosa com tanta frequência. Era, diz Mateus, **para se cumprir o que foi dito por intermédio do profeta Isaías** (v. 17).

De novo, Mateus coloca a atividade de Jesus sob a luz das profecias do Antigo Testamento, conforme o temos visto fazer vez após vez neste evangelho. No Antigo Testamento, há mais de 300 profecias específicas sobre o Messias vindouro. Por exemplo, centenas de anos antes da encarnação de Jesus, foi profetizado que ele nasceria em Belém (Mq 5.2), que seria chamado do Egito (Os 11.1) e que seus carrascos lançariam sorte pelas suas vestes (Sl 22.18). As chances de uma única pessoa cumprir todas estas profecias são astronômicas. Curiosamente, entretanto, Mateus cita aqui uma profecia que declarava não o que o Messias faria, mas o que ele não faria.

A profecia é esta: **"Eis aqui o meu servo, que escolhi, o meu amado, em quem a minha alma se compraz. Farei repousar sobre ele o meu Espírito, e ele anunciará juízo aos gentios. Não contenderá, nem gritará, nem alguém ouvirá nas praças a sua voz. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumega, até que faça vencedor o juízo. E, no seu nome, esperarão os gentios** (v. 18-21).

A profecia começa com um chamado do Deus Pai: "Eis aqui o meu servo, que escolhi". Pode haver um duplo sentido nesta declaração. É evidente que Deus Pai escolheu o seu servo, a quem designou e ungiu como Messias. Contudo, eu acredito que há um nível mais profundo de

eleição em vista aqui. Na doutrina bíblica da eleição, o eleito supremo é o Filho. Todos os demais eleitos pelo Deus soberano são eleitos nele. Portanto, qualquer discussão sobre eleição deve começar com a eleição de Jesus Cristo.

Na profecia, o Pai também declara que o Messias é "o meu amado, em quem a minha alma se compraz". Os evangelhos testificam que o Pai falou audivelmente do céu três vezes durante o ministério de Jesus: em seu batismo (Mt 3.17), em sua transfiguração (17.5) e após sua oração pedindo que o Pai glorificasse o próprio nome (Jo 12.28). Nas duas primeiras ocasiões, o Pai disse: "Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo", uma repetição quase literal das palavras contidas na profecia de Isaías.

O Pai prossegue, dizendo: "Farei repousar sobre ele o meu Espírito". Isto aconteceu por ocasião do batismo de Jesus, quando os céus se abriram, e o Espírito Santo desceu sobre ele como uma pomba, ungindo-o para sua missão terrena. Além disso, "ele anunciará juízo aos gentios". A principal missão de Jesus era voltada aos judeus, mas ele interagiu com gentios em alguns momentos. Já na geração seguinte, ordenou que os apóstolos levassem o evangelho além do âmbito dos circuncidados: às multidões gentias.

Cana quebrada e torcida que fumega

A profecia de Isaías continua assim: "Não contenderá, nem gritará, nem alguém ouvirá nas praças a sua voz. Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumega, até que faça vencedor o juízo." É importante dar atenção especial a esta parte.

Em sua opinião, quem foi o homem mais inteligente que já existiu? E o homem mais forte? E o mais gentil? Eu daria a mesma resposta para todas as três perguntas: Jesus de Nazaré. Jesus deve ter sido o homem mais inteligente que já existiu pois, por não ter pecado, nunca sofreu aquilo que chamamos de efeitos noéticos do pecado – isto é, o efeito do

pecado na mente. Seu intelecto nunca ficou obscuro ou confuso. Ele nunca cometeu um erro lógico. Seu pensamento era absolutamente impecável. Além disso, Jesus foi o homem fisicamente mais forte que já existiu. Você consegue imaginar algum espécime que seja páreo para um homem cujos nervos, tendões e músculos nunca foram enfraquecidos pela devastação do corpo humano causada pelo pecado? Jesus foi um espécime humano perfeito.

Igualmente, não há concorrência ao título de homem mais gentil a pisar sobre a terra. Anos atrás, apresentei um seminário para mulheres sobre casamento, e fiz uma pesquisa com todas as participantes. Dei-lhes uma lista com aproximadamente 50 características e pedi que identificassem as duas principais qualidades de um marido ideal. A esmagadora maioria queria um homem que fosse viril e, ao mesmo tempo, sensível. Estas mulheres disseram-me que queriam um marido que as protegesse e honrasse. Infelizmente, tal combinação é raríssima. Muitos homens são viris, mas não sabem ser sensíveis. Da mesma maneira, muitos homens são sensíveis, mas não sabem oferecer proteção à esposa quando há necessidade. No entanto, ambas as qualidades estavam presentes em perfeita proporção na pessoa de Jesus, conforme Isaías mostra em sua profecia.

Quando Isaías diz "Não contenderá, nem gritará, nem alguém ouvirá nas praças a sua voz", ele está falando de discussão. Desentendimentos e discussões são uma realidade na existência humana. Com frequência, quando nos encontramos em circunstâncias controversas, ficamos bravos ou impacientes e levantamos a voz. Jesus discutia com os fariseus o tempo todo e, às vezes, sofria fortes provocações. Apesar disso, nunca se permitiu ficar de cabeça quente. Não consigo imaginá-lo levantando a voz, muito menos gritando, berrando ou esgoelando-se com seus adversários. Esse não era o estilo de Jesus. Jesus não precisava fazer isso com os fariseus, pois era mais inteligente e mais forte do que eles. Como

consequência, ele não contendia nem gritava, e ninguém o ouvia brigar nas praças.

E quanto à estranha declaração de Isaías: "Não esmagará a cana quebrada, nem apagará a torcida que fumega, até que faça vencedor o juízo"? O que devemos entender disso?

No mundo antigo, as pessoas utilizavam canas para fazer flautas, canetas e uma série de outras coisas. Muitas vezes, quando alguém coletava canas para um desses usos e inspecionava-as mais de perto, encontrava alguns exemplares quebrados e imperfeitos. Em tais casos, bastava parti-lo em dois e pegar outro. Uma dúzia de canas custa muito menos do que um centavo. O artesão simplesmente continuava procurando até encontrar uma cana adequada. Se necessário, saía para buscar mais.

Isaías cita essas canas como metáfora para pessoas. Ele está dizendo que, quando o Messias encontrasse pessoas machucadas e imperfeitas, ele não as destruiria e descartaria. Cada pessoa é uma cana quebrada, e todo cristão é uma cana quebrada que Jesus não descartou, mas redimiu. Nós não estamos no reino por sermos perfeitos. Nós estamos no reino porque Jesus se agrada em usar canas quebradas.

Há mais de 30 anos, quando o ministério *Prison Fellowship* – voltado para presidiários – estava apenas começando, eu fazia parte do conselho diretivo. Em uma reunião com Chuck Colson, ele disse:

— RC, precisamos de um logotipo para este ministério, um símbolo que todos consigam reconhecer.

Quase de imediato, eu tive uma ideia: uma cana quebrada. Falei, então:

— Estamos tentando servir às pessoas rejeitadas deste mundo. Esses homens e essas mulheres são pessoas quebradas. O ministério da Igreja não é destruí-las, pois Jesus não esmagaria uma cana quebrada.

Os olhos de Chuck brilharam, e ele disse:

— É isso!

Assim, ele contratou um artista para desenhar um símbolo que representasse uma cana quebrada. Este tem sido o logotipo da *Prison Fellowship* desde então.

Em seguida, Isaías disse a respeito do Messias: "nem apagará a torcida que fumega". Mais uma vez, o profeta toma imagens do mundo antigo para descrever o Messias. As luminárias dos antigos israelitas empregavam pavios feitos de linho, uma planta fibrosa. Se tentassem acender o candeeiro com um pedaço defeituoso de linho, a queima não seria intensa e pura. Em vez disso, provocaria fumaça e um cheiro ácido desagradável. Nestes casos, pressionava-se a ponta do pavio para extinguir a queima no linho e procurava-se um novo pedaço, a fim de que a lâmpada queimasse corretamente.

No entanto, Isaías declara que o Messias não faria isso em relação às pessoas. Obviamente, ele consideraria todas elas como pedaços fumegantes de pavio. Apesar disso, entretanto, não as descartaria. Ele as usaria, ainda que imperfeitas.

Missão em andamento

A melhor notícia de todas, segundo Isaías, é que o Messias continuará cuidando de canas quebradas e protegendo torcidas que fumegam "até que faça vencedor o juízo". Jesus continuará buscando e salvando os perdidos até que a cortina da história se feche, e Deus faça todas as coisas bem. Além disso, esta missão do Messias vai além da casa de Israel: "E, no seu nome, esperarão os gentios." Ele encontrará canas quebradas e torcidas que fumegam em todas as nações, tribos e línguas.

Esta é uma imagem maravilhosa de nosso Salvador, pintada para nós pelo profeta de Deus centenas de anos antes de Jesus nascer. Ela nos lembra de que Jesus nos encontrou quebrados, mas não nos esmagou. Ele nos encontrou queimando lentamente, mas não nos extinguiu. Apesar de todos os nossos defeitos, fragilidades, impurezas e

imperfeições, ele escolheu derramar seu amor sobre nós e transformar-nos em povo seu.

Jesus pedia às pessoas curadas que não falassem a seu respeito, a fim de que pudesse servir conforme o padrão descrito por Isaías. Existia o perigo muito real de que sua fama crescente causasse um frenesi entre o povo, levando a um movimento popular com o objetivo de transformá-lo em um líder militar que se opusesse aos romanos. De fato, João narra uma ocasião do tipo: "Sabendo, pois, Jesus que estavam para vir com o intuito de arrebatá-lo para o proclamarem rei, retirou-se novamente, sozinho, para o monte" (6.15). O povo, tendo sido mal instruído, não sabia o que esperar do Messias, mas Jesus estava determinado a cumprir seu ministério segundo o modelo bíblico. Ele queria permanecer desimpedido para servir aos falhos e imperfeitos com sua incomparável doçura.

GUERRA ENTRE OS REINOS

Mateus 12.22-30



> Então, lhe trouxeram um endemoninhado, cego e mudo; e ele o curou, passando o mudo a falar e a ver. E toda a multidão se admirava e dizia: É este, porventura, o Filho de Davi? Mas os fariseus, ouvindo isto, murmuravam: Este não expele demônios senão pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios. Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá. Se Satanás expele a Satanás, dividido está contra si mesmo; como, pois, subsistirá o seu reino? E, se eu expulso demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Por isso, eles mesmos serão os vossos juízes. Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós. Ou como pode alguém entrar na casa do valente e roubar-lhe os bens sem primeiro amarrá-lo? E, então, lhe saqueará a casa. Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha.

Nos dois capítulos anteriores, nós examinamos passagens de Mateus 12 que narram confrontos entre Jesus e os fariseus. Na passagem que estudaremos neste capítulo, a narrativa de Mateus parece inicialmente afastar-se desses conflitos. Ela começa com um milagre: a cura de um dos homens mais atormentados que Jesus ajudou. No entanto, Mateus fala pouco sobre o milagre propriamente dito. Em vez disso, ele registra a reação dos fariseus diante do ocorrido e o ensinamento transmitido por Jesus na ocasião. Portanto, os confrontos continuam.

Mateus diz: **Então, lhe trouxeram um endemoninhado, cego e mudo; e ele o curou, passando o mudo a falar e a ver** (v. 22). Este homem não tinha o sentido da visão nem a capacidade de fala, além de ser vítima de

possessão demoníaca. Mateus não fala explicitamente que o demônio era a causa da cegueira e da mudez do homem. Contudo, já estudamos um incidente no qual um homem mudo e endemoninhado fora trazido a Jesus, e, quando Jesus expulsou o demônio, ele passou a falar (9.32-33). Logo, parece razoável inferir que havia uma ligação entre a presença do demônio e o problema físico neste caso.

Jesus, segundo Mateus, "curou" o homem. Mateus não costuma se referir aos incidentes de libertação de demônios como "curas"; ele prefere dizer que o demônio foi expulso (veja 8.16). Neste caso, entretanto, tanto o poder de cura quanto o poder de redenção de Jesus agiram para resolver as múltiplas aflições do homem. Como consequência, ele ficou completamente são. Isto é característico da obra de Jesus; ele nunca toca apenas uma parte da pessoa, mas trata dela como um todo.

Este glorioso livramento provocou admiração e reflexão inusitadas nas multidões que a testemunharam: **E toda a multidão se admirava e dizia: É este, porventura, o Filho de Davi?** (v. 23). A forma como este versículo está estruturado na língua original diz-nos que a pergunta não foi sarcástica. As pessoas estavam começando a perceber a verdade. Elas estavam se perguntando: "Será que estamos na presença do Messias?" O Antigo Testamento havia predito que o Messias viria da linhagem de Davi e restauraria o seu reino. Mateus tinha, inclusive, o objetivo declarado de mostrar que Jesus *era* o Filho de Davi (1.1). Ao menos nesta ocasião, os indivíduos que estavam familiarizados com as profecias messiânicas foram obrigados a se perguntar se elas estavam se cumprindo diante de seus olhos.

Casa dividida?

A reação dos fariseus diante da especulação do povo foi desdenhosa e hostil: **Mas os fariseus, ouvindo isto, murmuravam: Este não expele demônios senão pelo poder de Belzebu, maioral dos demônios** (v. 24).

Enquanto as pessoas se perguntavam se Jesus poderia ser o tão esperado "Filho de Davi", os fariseus referiam-se a ele como "este", um termo nada carinhoso. Eles certamente não estavam prontos para reconhecê-lo como Filho de Davi; aos seus olhos, Jesus era apenas mais um mestre e médico autoaclamado.

Observe, entretanto, que, no que diz respeito aos milagres de Jesus, os fariseus não eram como os teólogos liberais modernos, os quais tentam reescrever a história e explicar como aqueles feitos não foram, na realidade, milagrosos. Os fariseus não contestaram a realidade da cura milagrosa oferecida ao homem endemoninhado, cego e mudo. Os fatos falavam por si, e os fariseus reconheciam que Jesus havia realizado um verdadeiro milagre. Contudo, ao passo que os estudiosos liberais modernos tendem a ser gentis com Jesus – muitas vezes descrevendo-o como o maior mestre moral que já existiu (mesmo negando suas obras) – os fariseus eram tudo, menos gentis. Eles reconheciam o poder de Jesus, mas atribuíam-no à fonte errada. Os fariseus afirmavam que ele expulsava demônios pelo maioral dos demônios, Belzebu – que, como já vimos, era um dos nomes de Satanás. Portanto, eles atribuíam o poder que Jesus tinha sobre os demônios a Satanás.

Nós já vimos os fariseus endossando essa teoria antes. Eles a expressaram no incidente anterior, quando Jesus curou um homem que era endemoninhado e mudo (9.34). Além disso, Jesus insinuou estar ciente de que eles o estavam comparando a Belzebu na ocasião em que transmitiu suas instruções aos apóstolos antes da missão experimental deles (10.25). Quando esta acusação difamatória surgiu novamente – após a cura do homem endemoninhado, cego e mudo – Jesus decidiu enfrentá-la.

Mateus escreve: **Jesus, porém, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá** (v. 25). Mais uma vez, conforme

vimos no capítulo anterior (Mt 12.15), Jesus sabia algo que supostamente lhe deveria ser oculto: o pensamento dos fariseus. Mal podemos imaginar o assombro deles quando Jesus começou a mencionar aquilo em que estavam pensando.

A primeira afirmação de Jesus foi esta: "Todo reino dividido contra si mesmo ficará deserto, e toda cidade ou casa dividida contra si mesma não subsistirá." Todos nós já ouvimos a frase: "A união faz a força." Há muita verdade neste ditado. Uma estratégia comum dos líderes militares é dividir os inimigos e, assim, conquistá-los. Se um general puder, de alguma forma, induzir os inimigos a brigarem entre si, a batalha estará 90 por cento ganha.

Jesus mencionou este truísmo pois os fariseus estavam sugerindo que o reino de Satanás estava dividido internamente – uma teoria que não fazia sentido. **Se Satanás expele a Satanás, dividido está contra si mesmo; como, pois, subsistirá o seu reino?** (v. 26). Você entende o que Jesus estava dizendo? Se o reino de Satanás estivesse tão dividido contra si mesmo como os fariseus aparentemente imaginavam estar, ele seria um reino extinto. Porém, todos sabiam que Satanás estava vivo e atuante no planeta terra.

Um inimigo bem real

Nós não podemos ler este texto e ignorar a realidade de Satanás. Contudo, o conceito do diabo parece muito antiquado em nossa época. Muitas pessoas esclarecidas recusam-se a acreditar em Satanás porque acham que a igreja transmite, como se fosse fato, uma caricatura do diabo originada na Idade Média – um sujeitinho chifrudo e engraçado que veste roupas vermelhas e carrega um tridente. É verdade que esta imagem se originou na igreja, mas não porque ela acreditava que Satanás é assim. A igreja medieval acreditava piamente no diabo e compreendia o poder que ele tinha de disfarçar-se de anjo de luz (2Co 11.14). Se a igreja

tivesse autorizado ilustrações de Satanás que refletissem seu aspecto real, elas provavelmente exibiriam uma figura agradável e atraente. Em vez disso, foi atribuída a ele uma aparência ridícula. As pessoas sabiam que o pecado fundamental do diabo era o orgulho, e elas procuraram tirar proveito disso ao ridicularizá-lo e fazê-lo parecer caricato para, assim, mantê-lo à distância. Ninguém achava que ele era realmente daquele jeito. Ele não é uma figura ridícula, mas um poderoso ser espiritual com intenções extremamente malignas contra Deus e seu povo.

Satanás tem duas maneiras de atingir o povo de Deus. A mais inteligente delas é convencer-nos de que ele não existe. Quando consegue fazer isso, nós baixamos a guarda contra seus ataques. Ninguém resiste a algo em que não acredita. Porém, se o diabo não consegue nos pegar desta forma, ele tenta nos deixar muito preocupados com ele, a ponto de o exaltarmos ao mesmo nível de Deus e, por consequência, igualarmos seus poderes aos de Deus. Quando isso acontece, nós começamos a enxergar demônios em todos os cantos.

Eu estava no seminário quando o presidente Kennedy foi baleado. Naquele dia e nos dias seguintes, nós acompanhávamos todos os noticiários que eram transmitidos enquanto as autoridades tentavam resolver a crise. Lembro-me de que os comentaristas empregavam termos peculiares para descrever a gravidade do assassinato, tais como: *diabólico*, *satânico*, *demoníaco* e *desumano*. Eu ficava me perguntando por que eles queriam trazer o diabo à discussão sobre as causas daquilo. Há, no coração humano, pecado mais do que suficiente para explicar o assassinato do presidente sem que se precise dizer que o diabo estava por trás de tudo. Todos nós somos capazes de tais coisas, e Satanás se aproveita desta capacidade que temos.

Há muitos anos, um comitê de nomeação pastoral entrou em contato comigo pedindo conselhos sobre como entrevistar pastores para a liderança da igreja. O grupo tinha ouvido histórias sobre candidatos ao

ministério que haviam se expressado bem e falado as coisas certas na entrevista, mas que, após serem contratados, demonstraram não acreditar muito no que a Bíblia ensina. Por isso, os membros do comitê desejavam saber quais perguntas precisavam ser feitas a fim de se descobrir as verdadeiras crenças do entrevistado. Recomendei que a primeira pergunta fosse: "Qual é sua opinião sobre os anjos?" É possível descobrir muitas coisas a respeito da teologia de alguém com base na resposta a esta pergunta. Hoje em dia, parece que quase ninguém acredita em anjos, mas o Novo Testamento fala muito mais sobre eles do que sobre amor ou pecado. Portanto, se decidirmos ignorar os ensinamentos do Novo Testamento sobre anjos, também devemos ignorar seus ensinamentos sobre amor e pecado. A bem da verdade, muitos pregadores famosos fazem justamente isso. Eles jogam no lixo todos os ensinamentos sobre anjos, inclusive aquele sobre o principal anjo caído: Satanás e seus súditos.

Observe que Jesus usou o termo reinos. Ele falou aqui sobre o reino de Satanás, assim como já havia falado muitas vezes sobre o reino de Deus. Este tema é recorrente nas Escrituras. Jesus referiu-se várias vezes a Satanás como o "príncipe deste mundo" (Jo 12.31; 14.30; 16.11). Paulo falou do "príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência" (Ef 2.2) e dos "dominadores deste mundo tenebroso" (Ef 6.12). Logo, Satanás é um príncipe, e isto significa que há dois reinos e dois monarcas. No entanto, os reinos não são, de forma alguma, iguais. Satanás não é páreo para Deus. Não obstante, uma intensa batalha é travada entre os dois reinos, e não há território neutro. Todos estão ora em um reino, ora no outro. Se você não está no reino de Deus, só existe um reino onde pode estar: no reino do maligno.

É chegado o reino

Mateus, em seguida, relata que Jesus disse: **E, se eu expulso demônios por Belzebu, por quem os expulsam vossos filhos? Por isso, eles mesmos serão os vossos juízes. Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós** (v. 27-28). Jesus, mais uma vez, fez uso de uma situação hipotética para elaborar um argumento. "Suponham", disse ele aos fariseus, "que vocês estejam certos, e eu esteja expulsando demônios por Belzebu. Por quem, então, seus filhos os expulsam?" Havia alguns judeus que praticavam exorcismo (veja At 19.13), e Jesus estava mostrando como não fazia sentido aceitar que esses judeus expulsavam demônios legitimamente e que ele o fazia pelo poder de Satanás.

Em seguida, ele declarou, de modo bem lógico: "Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós." Este foi um alerta grave. Jesus havia refutado o argumento de que expulsava demônios pelo poder de Satanás. Logo, ele o fazia pelo poder de Deus. Lucas registra as palavras de Jesus desta forma: "Se, porém, eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente, é chegado o reino de Deus sobre vós" (11.20). "Dedo de Deus" era uma metáfora para o Espírito Santo. O ponto aqui é que a capacidade que Jesus tinha de expulsar demônios "com a palavra" (Mt 8.16) foi uma demonstração inédita do poder divino e uma clara evidência de que o reino de Deus estava presente, exatamente como João Batista havia anunciado e exatamente como Jesus havia anunciado.

Vez ou outra, sugere-se a ideia de que o reino de Deus ainda não começou. Outros dizem que o reino já veio em sua plenitude, e nada mais falta acontecer. A posição do Novo Testamento é que o reino de Deus foi inaugurado, sendo seu advento a entrada de Jesus no mundo. Jesus foi elevado à direita do Pai e coroado como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Contudo, o reino ainda não foi consumado. Nós ainda temos uma esperança futura: o retorno de nosso Senhor Jesus Cristo, quando

todas as coisas serão entregues a ele. Assim, se há esta discórdia entre nós, talvez seja compreensível que os fariseus estivessem enganados a respeito do reino. Foi por isso que Jesus os advertiu de modo tão sério. É como se ele estivesse dizendo: "Acordem. Prestem atenção. Vocês não estão vendo o reino. Pior ainda; estão se opondo a ele. O reino está aqui. A demonstração do Meu poder é suficiente para eliminar qualquer dúvida disso."

Em seguida, Jesus apresentou outra ilustração para tentar aclarar a cegueira dos fariseus: **"Ou como pode alguém entrar na casa do valente e roubar-lhe os bens sem primeiro amarrá-lo? E, então, lhe saqueará a casa"** (v. 29). Ninguém entra na casa de um homem valente e diz: "Com licença, eu gostaria de apropriar-me de sua televisão *widescreen*, de suas joias e de qualquer outra coisa que pareça valiosa." Não. Quando alguém quer saquear a casa de um homem valente, primeiro precisa dominá-lo e imobilizá-lo para que ele não proteja seus bens. Jesus estava dizendo que o homem cego, mudo e endemoninhado havia estado sob a posse de um valente, Satanás, mas que ele o amarrara e saqueara.

Sem espaço para neutralidade

Por fim, Jesus descreveu a situação em termos bem claros: **Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha** (v. 30). Nós quase nunca ouvimos os incrédulos dizerem: "Sou contra Jesus". O que eles costumam dizer é: "Eu não acredito em Jesus" ou "Eu não preciso de Jesus". Eles acham que podem aceitá-lo ou apenas deixá-lo para lá, mas Jesus disse que isso não é possível. Todo aquele que não for ativamente a favor dele é contra ele. Mais uma vez, não existe neutralidade.

Nós precisamos ver como esse tipo de discurso é provocativo. O ministério de Jesus durou apenas três anos. Pergunto-me quanto tempo duraria se ele voltasse encarnado aos Estados Unidos no século 21. Haveria alguma coisa mais politicamente incorreta do que dizer: "Se

você não crê em mim, pertence ao reino de Satanás; se você não me segue, é meu inimigo; se você não é por mim, é contra mim"? Jesus estava dizendo que só há um caminho, e ele é o caminho. Um discurso como este atrairia uma oposição ainda mais furiosa hoje em dia do que em sua própria época.

Nosso evangelismo é, muitas vezes, brando demais. Com a preocupação de sermos politicamente corretos, nós convidamos as pessoas a virem a Jesus. Nós perguntamos se elas gostariam de receber Jesus e dizemos que serão felizes se o fizerem, pois crer nele enriquece a vida, atribui-lhe sentido e assim por diante. No entanto, Deus não convida pessoas a virem a Jesus; ele ordena que venham (At 17.30). É dever de toda pessoa submeter-se ao Senhor da glória. Aqueles que se recusam a vir a Cristo pecam gravemente contra o Filho de Deus e contra o próprio Deus. Eles estão em rebelião contra o Rei dos reis.

O PECADO IMPERDOÁVEL

Mateus 12.31-32



> Por isso, vos declaro: todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. Se alguém proferir alguma palavra contra o Filho do Homem, ser-lhe-á isso perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado, nem neste mundo nem no porvir.

No capítulo anterior, nós vimos que Jesus advertiu seriamente os fariseus por estarem se opondo ao reino de Deus. Esta atitude em si é um pecado grave. No entanto, na passagem deste capítulo, Mateus registra que Jesus alertou os fariseus para o fato de que eles estavam perigosamente perto de cometer um pecado muito pior; um pecado tão hediondo, que não poderia ser perdoado. Jesus traçou uma linha no limite do perdão divino. Ele estava dizendo que, muito embora Deus seja extremamente misericordioso, mostre graça profunda e conceda perdão abundante, há um limite para sua misericórdia.

Segundo Mateus, Jesus disse: **Por isso, vos declaro: todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoada. Se alguém proferir alguma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á isso perdoado; mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado, nem neste mundo nem no porvir** (v. 31-32). Mais uma vez, observamos uma seção do Evangelho de Mateus sendo iniciada com a expressão *por isso*, uma estranha anormalidade. Pelo menos, os editores que dividiram o texto em capítulos e versículos não deram início a um novo capítulo neste ponto. Algumas vezes, este é o

caso; uma decisão sempre lamentável, pois a expressão *por isso* liga aquilo que será dito ao que veio antes. Ela indica que uma conclusão está prestes a ser enunciada.

Esta conclusão é provavelmente o alerta mais severo que Jesus fez aos fariseus. Em outras palavras, ele estava dizendo: "Tenham muito cuidado. Eu tolerei suas mentiras e falsas acusações até aqui. Mas, agora, vocês estão perto de proferir uma calúnia tão grave, que Deus não a perdoará."

Ao estudarmos esta passagem, surge uma dúvida óbvia: qual é o pecado imperdoável? Esta é uma pergunta muito importante. Nós queremos saber qual pecado é este para que não o cometamos.

Existe toda sorte de teorias sobre o pecado imperdoável. Por exemplo, alguns afirmam ser ele o homicídio, pois a Bíblia ordena que os homicidas sejam executados. Contudo, há muitos exemplos nas Escrituras de homens que cometeram assassinato, mas que receberam o perdão de Deus, incluindo Moisés e Davi. Por esta razão, estou convencido de que homicídio não é o pecado imperdoável. Talvez a definição mais comum para pecado imperdoável seja a incredulidade persistente, que leva o indivíduo à morte sem aceitar Cristo. É óbvio que o arrependimento é impossível depois da morte, e, por este motivo, não acho que é isto o que Jesus tinha em mente.

Jesus disse que o pecado imperdoável tem a ver com blasfêmia. Blasfêmia é um pecado cometido com palavras, as quais podem ser ditas ou escritas. Além disso, trata-se de um pecado extremamente comum. Nós vivemos em uma cultura que blasfema rotineiramente o nome de Deus. As pessoas usam os nomes de Deus e de Jesus para praguejar. Blasfêmias são proferidas todos os dias na televisão, em filmes, livros, revistas, sites, blogs e outros meios. Certas palavras ainda são censuradas em transmissões públicas, mas blasfêmias contra Deus são sempre permitidas.

Deus realmente leva esse pecado muito a sério. Lembre-se do terceiro mandamento: "Não tomarás o nome do SENHOR, teu Deus, em vão, porque o SENHOR não terá por inocente o que tomar o seu nome em vão" (Êx 20.7). Da mesma forma, na oração do Pai nosso, a primeira súplica que Jesus instruiu os discípulos a fazer em oração foi: "santificado seja o teu nome" (Mt 6.9). Este é um reconhecimento de que o nome de Deus é tão sagrado, que deve ser posto à parte, consagrado. Por conta disso, nunca devemos usar o bendito nome de Deus de forma frívola. Precisamos vigiar nossa língua.

Jesus não disse que a blasfêmia de modo geral é imperdoável. Se este fosse o caso, pouquíssimas pessoas teriam a esperança de entrar no paraíso. Pelo contrário; Jesus falou especificamente que alguns tipos de blasfêmia podem ser perdoados. Ele disse: "Se alguém proferir alguma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á isso perdoado". Lembre-se de que ele estava falando aos fariseus, os quais haviam acabado de dizer algo muito sério contra o Filho do homem, difamando a fonte de seu poder. De forma mais generalizada, Jesus disse: "todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens". Presume-se, portanto, que podemos blasfemar o nome do Pai ou o nome de Jesus e ainda sermos perdoados por isso. (É claro que Jesus não estava dando permissão para tal atitude.)

Repúdio ao que foi revelado

Jesus identificou um tipo de blasfêmia que não pode ser perdoada: "blasfêmia contra o Espírito". Ele disse: "se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será isso perdoado, nem neste mundo nem no porvir". Esta proibição soa estranha demais aos ouvidos modernos. Poderíamos ser tentados a pensar que o mais grave seria blasfemar o Pai ou o Filho, pois sempre falamos a respeito deles e estudamos seus feitos,

além de termos a tendência de considerar o Espírito como alguém subordinado a ambos. Por que, então, Jesus fez esta curiosa distinção?

Se sondarmos as Escrituras, a resposta surge com bastante clareza. É função de Deus Espírito Santo aplicar a obra de redenção realizada por Deus Filho em nós e iluminar nossa mente para que entendamos a verdade de Cristo. Mas, se o Espírito Santo revelar a identidade de Jesus de modo a conscientizar alguém que Jesus é o Filho de Deus, e esta pessoa passar a insinuar que Jesus não é o divino Filho de Deus, ela comete o pecado imperdoável de repudiar a obra do Espírito em seu coração.

Por que eu digo isto? Antes de começar a explicar meu raciocínio, permita-me primeiro lembrá-lo de uma das súplicas que Jesus fez enquanto estava na cruz. Ele disse: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23.34). Perceba que Jesus não pediu um perdão irrestrito para seus executores. Ele acrescentou uma razão ao pedido. Ele falou: "Pai, peço que conceda seu perdão aos meus executores, pois eles me odeiam tanto, que não sabem o que estão fazendo." Em suma, ele orou pedindo o perdão daqueles que estavam tirando sua vida, pois estavam cometendo o terrível pecado em ignorância.

Na teologia moral, a igreja fez uma distinção histórica entre o que é chamado de "ignorância invencível" e "ignorância vencível". A diferença é simples. Ignorância invencível é a ignorância que não pode ser superada. Uma pessoa com ignorância invencível comete um pecado, pois não poderia agir de outra forma, e tal ignorância pode servir-lhe de desculpa. Porém, a ignorância vencível pode e deve ser superada. Há coisas que ignoro por ter sido totalmente omisso no estudo da verdade. Eu deveria saber certas coisas sobre Deus porque ele as revelou claramente a mim nas páginas da Bíblia, mas eu não despendi tempo abrindo as Escrituras e estudando-as. Portanto, não poderei dizer, no último dia: "Ó Deus, se tão somente o senhor tivesse dito algo a respeito,

eu não o teria feito." Deus responderá: "Eu *disse* algo a respeito. Está bem ali, escrito com palavras claras na Bíblia."

Os fariseus eram culpados de ignorância vencível no que dizia respeito a Jesus. Eles não tinham justificativas para deixar de perceber a vinda do Filho de Deus. As Escrituras ensinavam claramente o que o Messias faria; e lá estava Jesus, operando milagre após milagre bem diante dos olhos deles. Como eles deixaram de ver? Eles não queriam Deus em seus pensamentos. A mente deles estava cega pelo preconceito que tinham em relação a Jesus, e, assim, perderam-se em uma ignorância deliberada.

O apóstolo Pedro mencionou a ignorância dos fariseus no dia de Pentecostes, quando falou à multidão: "Vós, porém, negastes o Santo e o Justo e pedistes que vos concedessem um homicida. Dessarte, matastes o Autor da vida, a quem Deus ressuscitou dentre os mortos, do que nós somos testemunhas. […] E agora, irmãos, eu sei que o fizestes por ignorância, como também as vossas autoridades" (At 3.14-17). Assim, Pedro declarou que os fariseus e os demais líderes religiosos eram ignorantes.

No entanto, temos de lembrar o que o autor de Hebreus tinha a dizer sobre o assunto:

> ... se vivermos deliberadamente em pecado, depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade, já não resta sacrifício pelos pecados; pelo contrário, certa expectação horrível de juízo e fogo vingador prestes a consumir os adversários. Sem misericórdia morre pelo depoimento de duas ou três testemunhas quem tiver rejeitado a lei de Moisés. De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calcou aos pés o Filho de Deus, e profanou o sangue da aliança com o qual foi santificado, e ultrajou o Espírito da graça? (Hb 10.26-29).

O autor aqui sugere que "calcar aos pés o Filho de Deus" e "ultrajar o Espírito da graça" são pecados merecedores de castigo severo. Porém, perceba que tal castigo é aplicado quando estes pecados são cometidos "depois de termos recebido o pleno conhecimento da verdade". Na vida

de toda pessoa, existe um momento em que ela não compreende quem Jesus é; e, se o blasfema nesta fase, isto pode ser perdoado. Mas, se o Espírito de Deus revela a verdade à pessoa, e ela posteriormente calca aos pés o Filho de Deus e ultraja o Espírito, não há a nada a esperar senão o castigo. Isto faz com que eu e muitos outros concluamos que o pecado imperdoável é blasfemar o Espírito Santo ao blasfemar Cristo após o Espírito ter revelado que Jesus é o Filho de Deus.

Alerta gracioso

Agora é possível entender por que Jesus fez esse alerta naquele momento específico. Os fariseus haviam acabado de sugerir que ele expulsava demônios pelo poder de Satanás. Isto certamente era blasfêmia, mas, visto que tais afirmações haviam sido direcionadas a Jesus, eles tecnicamente não estavam blasfemando contra o Espírito. No entanto, conforme vimos no capítulo anterior, Jesus disse que expulsava demônios pelo "dedo de Deus" (Lc 11.20), que era uma metáfora para o Espírito. Deste modo, os fariseus estavam chegando perigosamente perto de caluniar o Espírito, e Jesus foi muito gracioso ao alertá-los.

Sempre que surge o assunto do pecado imperdoável, as pessoas naturalmente querem saber se os cristãos são capazes de cometê-lo. Alguns indivíduos escrevem-me cartas e abordam-me em conferências para dizer que temem ter cometido o pecado imperdoável, e pedem que eu os ajude a compreender sua condição perante Deus. Quando me perguntam se os cristãos estão sujeitos a cometer o pecado imperdoável, eu sempre respondo que sim e que não. Eu creio que nós, crentes, temos em nós mesmos a capacidade de blasfemar contra o Espírito Santo. Tal capacidade não é eliminada do coração pela conversão. Contudo, estou convencido de que Deus, em sua misericórdia e graça, não permite que os crentes cometam este pecado. O apóstolo Paulo diz que "aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus" (Fp 1.6). Parte desta boa obra envolve impedir-nos de cometer este

terrível pecado. Se Deus não o fizesse, nós estaríamos sujeitos a cometê-lo e, sem dúvida, o cometeríamos. Mas, porque ele nos impede, nós não o cometemos. Nisto reside nosso conforto: que a fraqueza da carne é vencida pela graça de Deus.

Blasfêmia é uma calúnia muito séria contra Deus. Toda blasfêmia é um pecado grave. Se você é culpado de blasfemar rotineiramente contra Deus usando o nome do Pai ou do Filho de forma banal, precisa implorar por perdão. Nesta passagem, Jesus nos assegura de que a blasfêmia contra o Pai ou o Filho será perdoada. Além do mais, eu acredito piamente que Deus impede todos os seus de cometerem o pecado imperdoável, isto é, de blasfemar contra o Espírito Santo. Portanto, se você confia em Jesus quanto à salvação, confie também que ele o impedirá de blasfemar contra o Espírito Santo.

A ÁRVORE E SEUS FRUTOS

Mateus 12.33-37



> Ou fazei a árvore boa e o seu fruto bom ou a árvore má e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore. Raça de víboras, como podeis falar coisas boas, sendo maus? Porque a boca fala do que está cheio o coração. O homem bom tira do tesouro bom coisas boas; mas o homem mau do mau tesouro tira coisas más. Digo-vos que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no dia do juízo; porque, pelas tuas palavras, serás justificado e, pelas tuas palavras, serás condenado.

Há alguns anos, para grande surpresa minha, alguns jovens me contaram que eu havia sido mencionado em um filme de Hollywood. Aquilo me deixou curioso. Eu me perguntei o que poderia ter dito de tão bom para ser digno de ser citado no cinema. Bem, acabei descobrindo que eu havia sido citado em um filme de vampiros chamado *O vício*, o que estragou boa parte do meu entusiasmo. Ao que parece, o filme é sobre uma estudante de filosofia que, após virar vampira, começa a buscar o sentido de sua condição. Os roteiristas citaram vários filósofos da história: Friedrich Nietzsche, Søren Kierkegaard, entre outros. Lá pelo final, umas das personagens faz uma citação minha: "RC Sproul disse que nós não somos pecadores porque pecamos, mas que pecamos porque somos pecadores." Quando ouvi isso, pensei: "Que bom que me deram crédito pela observação, mas eu poderia ser processado por plágio, já que essa ideia certamente não foi criação minha."

Quando afirmamos que não somos pecadores porque pecamos, mas que, em vez disso, pecamos porque somos pecadores, estamos simplesmente dizendo que cometemos pecado porque há algo essencialmente errado no âmago de nosso ser; isto é, que nossas ações pecaminosas são meras manifestações de um problema mais profundo. No contexto específico do discurso de Jesus sobre o pecado imperdoável e no contexto geral do ataque à sua integridade pelos fariseus – que o haviam acusado de expulsar demônios por Belzebu, o senhor dos demônios – Cristo falou sobre como o coração dita nossas ações.

Mateus diz que, após alertar os fariseus sobre o pecado imperdoável, Jesus falou: **Ou fazei a árvore boa e o seu fruto bom ou a árvore má e o seu fruto mau; porque pelo fruto se conhece a árvore** (v. 33). Jesus estava ciente, bem como toda aquela sociedade agrícola, que, se uma árvore está podre, seu fruto – se é que existe algum – não é adequado para o consumo humano. Se um fazendeiro quiser produzir bons frutos, deverá fertilizar a árvore, podá-la e cuidar dela. Somente quando mantém a árvore saudável é que ele pode colher bons frutos. Portanto, a qualidade de uma árvore pode ser conhecida pelo fruto que produz, mesmo que nenhum sinal de doença seja observado nela. A dedução de Jesus é que os fariseus estavam mostrando seu verdadeiro caráter por meio das coisas que diziam a seu respeito.

Em seguida, acrescentou: **Raça de víboras, como podeis falar coisas boas, sendo maus? Porque a boca fala do que está cheio o coração** (v. 34). Em Romanos 3, ao descrever o caráter do homem caído, o apóstolo Paulo cita uma série de passagens do Antigo Testamento, incluindo o Salmo 140.3: "veneno de víbora está nos seus lábios" (Rm 3.13b). As pessoas caídas estão repletas de ódio venenoso contra as coisas de Deus, e elas o expressam com palavras. É isso que os fariseus estavam fazendo com Jesus, especialmente ao sugerir que ele expulsava demônios pelo poder de Belzebu. O lógico, naturalmente, é que eles se comportassem

desta maneira; por serem maus, eram incapazes de dizer coisas boas. Não se podia esperar que falassem a verdade, que louvassem o bem. Eles podiam apenas falar segundo a própria natureza. Podiam apenas dizer coisas coerentes com o que eram por dentro: víboras.

Perceba que Jesus disse: "Porque a boca fala do que está cheio o coração." Temos a tendência de associar a boca mais ao cérebro do que ao coração. Achamos que nossas palavras refletem nossos pensamentos. Porém, Jesus disse que a força motriz por trás de nossas palavras não é o intelecto, mas o coração, o âmago do nosso ser. Há muita discussão sobre os "valores essenciais" [*core values*, em inglês] nas guerras culturais da atualidade. Quando traçamos a etimologia da palavra inglesa *core*, descobrimos que seu significado básico é "coração". Quando Jesus mencionou o coração, ele estava falando sobre o cerne de nossa existência, aquele lugar onde nossa verdadeira natureza pode ser encontrada. Portanto, as palavras não são tão insignificantes quanto costumamos achar que são. Pelo contrário; elas são um dos melhores "frutos" que indicam como somos por dentro.

Tiago observa que a língua é um "pequeno órgão" (3.5), mas que "põe em chamas toda a carreira da existência humana" (v. 6). Ela pode causar danos gigantescos. Quando eu era pequeno e alguém me provocava ou insultava, eu voltava chorando para casa em busca da minha mãe. Ela enxugava minhas lágrimas e dizia: "Da próxima vez que esse menino fizer comentários desagradáveis, fale assim: 'Paus e pedras podem quebrar meus ossos, mas palavras jamais me ferirão'." É claro que minha mãe tinha boa intenção, mas não demorou muito até que eu percebesse que esse pequeno provérbio não é verdadeiro. Se alguém me acertasse com um pau e quebrasse meu braço, o médico consertaria o osso, me imobilizaria e, algumas semanas depois, eu já estaria melhor. Se alguém me atingisse com uma pedra e nascesse um galo em minha testa, minha mãe colocaria um pouco de gelo e, algumas horas depois, tudo estaria

bem. No entanto, a dor causada por uma palavra tinha o poder de paralisar minha mente e meu coração pelo resto da vida. É por isso que o salmista fala sobre guardar a boca com uma mordaça (Sl 39.1). Os incrédulos não conseguem deixar de espalhar veneno com a língua, mas os cristãos podem e devem guardar suas palavras.

Tesouro bom e tesouro mau

Jesus prosseguiu insistindo no fato de que aquilo que há dentro do homem determina o que sai de sua boca: **O homem bom tira do tesouro bom coisas boas; mas o homem mau do mau tesouro tira coisas más** (v. 35). Assim como a árvore boa produz frutos bons, o homem bom – por possuir um bom tesouro em seu coração – produz coisas boas. Assim como a árvore má produz frutos maus, o homem mau – por possuir um mau tesouro em seu coração – produz coisas más.

Há uma ideia bem popular na atualidade de que o homem, embora seja capaz de fazer coisas más, é essencialmente bom. Isto é mentira. Não, não somos essencialmente bons. Pelo contrário, somos essencialmente maus. Na mesma passagem em que Paulo afirma que o homem natural tem veneno de víbora nos lábios, ele escreve: "Não há justo, nem um sequer" (Rm 3.10). É por isso que Jesus disse ao jovem rico: "Bom só existe um" (Mt 19.17b).

Um dos meus professores no seminário, Dr. John Gerstner, foi convidado para pregar em uma pequena igreja interiorana certo domingo pela manhã. Ao chegar lá, os anciãos o receberam e disseram que uma criança seria batizada naquele dia. Pediram-lhe que celebrasse o batismo, e ele concordou. Então, eles explicaram que a igreja tinha um ritual diferente ali: o pastor costumava fixar uma rosa branca nas vestes da criança antes de ela ser batizada. Meu professor pediu aos anciãos que explicassem o significado da rosa branca, e eles responderam que se tratava de um símbolo da inocência. Neste momento, ele falou:

— Entendo. Qual seria, então, o significado da água?

Esse foi o fim da tradição da rosa branca naquela igreja. Os anciãos perceberam que não fazia sentido declarar, por meio de um símbolo, a inocência de um bebê pouco antes de ele participar de um ritual que simboliza a purificação do pecado.

À luz dos claros e abundantes ensinamentos das Escrituras sobre o estado caído e o mal inerente do homem, por que Jesus falou aqui sobre pessoas "boas"? Ninguém é bom por natureza. Porém, aqueles que nasceram novamente do Espírito Santo nasceram em retidão. Um dos frutos do Espírito Santo na vida dos cristãos é a bondade (Gl 5.22). Conforme o Espírito Santo trabalha para nos conformar à imagem de Cristo, ele transforma nosso coração de modo a produzirmos bons frutos.

Jesus falou sobre "tesouros" no coração. Um tesouro é algo a que atribuímos grande valor e pelo qual muito nos esforçamos para proteger de ladrões e deterioração. Contudo, Jesus falou tanto de tesouros bons quanto de tesouros maus. Nós sempre enxergamos tesouros como algo bom. Como um tesouro poderia ser mau? Voltando para Romanos mais uma vez, vemos Paulo fazer um temível alerta aos incrédulos: "Mas, segundo a tua dureza e teu coração impenitente, entesouras ira para ti no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus" (2.5, ARC). Aqueles que não confiam em Cristo amontoam uma pilha de pecados, e isto os torna sujeitos a uma "profusão" de ira. Se há pecado oculto em seu coração, nada pode sair dele senão o mal.

Basicamente, Jesus estava dizendo que todos nós temos um tesouro. Portanto, todos precisamos parar e nos perguntar: "Qual é o meu tesouro? No que eu penso todos os dias? Quais são os meus desejos? Será que estou entesourando Cristo e a retidão que seu Espírito produz em mim? Ou será que estou entesourando o mal, e, desta forma, acumulando

ira?" Caso ache difícil responder essas perguntas, basta ouvir as palavras que saem de sua boca.

Palavras frívolas ou vazias

Jesus prosseguiu: **Digo-vos que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no dia do juízo** (v. 36). Esta declaração me faz tremer de medo por duas razões.

A primeira razão é que Jesus emprega a expressão *palavra frívola*. Aqui ele indica que toda palavra descuidada, impensada, que proferirmos será lembrada no dia do juízo. No entanto, alguns comentaristas discordam desta interpretação e afirmam que Jesus estava falando não sobre a linguagem displicente, mas sobre a linguagem vã, dizendo que toda *palavra vazia* será julgada. O que é uma palavra vazia? É uma promessa sem substância. Isto poderia incluir uma promessa muito séria, tal como um voto de casamento. Se você se apresenta diante de Deus e de um grupo de testemunhas no dia do seu casamento e promete ser fiel, mas não cumpre o que prometeu, o vazio desta promessa será revelado no dia do juízo. Porém, eu acredito que todas as promessas serão julgadas. Houve diversos momentos em minha vida em que eu disse aos outros que faria algo, mas não fiz. Nestes casos, minhas palavras foram vazias. Tais palavras serão trazidas perante Deus no dia do juízo, e eu serei solicitado a prestar contas.

A segunda razão por que este versículo me dá medo é o fato de Jesus ter mencionado um dia de juízo. Conforme eu disse anteriormente, se existe algo que tentamos apagar dos ensinamentos de Jesus é isto: seus constantes alertas sobre o juízo final. Uma verdade inevitável é que, ao final de nossa existência, cada um de nós terá de se apresentar diante de um Deus santo e onisciente para que ele avalie nossa vida. Nós não gostamos de pensar nisso, então agimos como se o juízo não fosse acontecer. Levianamente supomos que todos vão para o céu após a

morte – mas, de acordo com as Escrituras, não é bem assim. É absolutamente indispensável nos prepararmos para esse dia enquanto ainda estamos vivos.

Quando eu lecionava na faculdade, tive um aluno brilhante que posteriormente fez pós-graduação em Harvard. Ele foi estudar a fisiologia do cérebro, o que parece ser o último avanço nas investigações científicas. Certa vez, enquanto ele ainda estava cursando o programa, nós nos encontramos. Ele me disse:

— RC, acho que sei como será o juízo final.

Pedi-lhe que me explicasse, e ele respondeu:

— O cérebro é algo impressionante. É como se fosse um computador gigante que registra todos os pensamentos, impressões e eventos de nossa vida, seja enquanto dormimos ou enquanto estamos acordados. Está tudo ali, permanentemente gravado no cérebro. Eu li nas Escrituras que, no juízo final, todas as línguas serão silenciadas, e não haverá protestos quando o mundo inteiro for trazido diante de Deus e tiver a culpa revelada. Eu acho que Deus vai pegar o cérebro de cada um e apertar o "*play*" no controle, extraindo dele todas as memórias existentes. Nós ficaremos ali, ouvindo-nos condenar a nós mesmos.

Bem, essa é uma ideia interessante. Eu não acredito que Deus precise perscrutar nossa memória para saber o que fizemos, dissemos e pensamos durante toda a vida. Contudo, eu acho que meu amigo chegou perto da verdade ao dizer que nossas próprias palavras nos condenarão.

Justificado ou condenado

Por fim, Jesus disse algo muito estranho: **porque, pelas tuas palavras, serás justificado e, pelas tuas palavras, serás condenado** (v. 37). Eu ensino e prego incessantemente a doutrina bíblica da justificação somente pela fé. Isso significa que ninguém é justificado por aquilo que venha a fazer

ou dizer. Mas aqui Jesus disse que nós seremos justificados ou condenados por nossas palavras. O que ele quis dizer?

Seria possível que ele estivesse falando sobre nossa profissão de fé nele? Paulo escreve: "Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação (Rm 10.9-10). É verdade que nós devemos professar nossa fé, mas ninguém jamais é justificado por uma profissão de fé. Qualquer um pode dizer: "Eu creio em Jesus." Como vimos quando estudamos o sermão do monte, Jesus disse: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus" (Mt 7.21a). Ele deixou claro que é possível proferir palavras sem acreditar nelas.

Jesus não estava falando sobre a doutrina da justificação. Ele estava falando sobre a manifestação daquilo que está no coração. Quando estivermos diante de Deus no juízo final, ele reproduzirá gravações daquilo que saiu de nossa boca. Se, nesse registro, houver um fluxo contínuo de palavras vãs, elas nos condenarão. Por outro lado, se as palavras que saíram do tesouro de nosso coração revelarem nossa afeição por Cristo e nosso amor pelas coisas de Deus, nós seremos abençoados naquele dia.

PEDE-SE UM SINAL

Mateus 12.38-42



> Então, alguns escribas e fariseus replicaram: Mestre, queremos ver de tua parte algum sinal. Ele, porém, respondeu: Uma geração má e adúltera pede um sinal; mas nenhum sinal lhe será dado, senão o do profeta Jonas. Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do Homem estará três dias e três noites no coração da terra. Ninivitas se levantarão, no Juízo, com esta geração e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis aqui está quem é maior do que Jonas. A rainha do Sul se levantará, no juízo, com esta geração e a condenará; porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis aqui está quem é maior do que Salomão.

Por vários capítulos, nosso foco esteve sobre uma série de confrontos entre Jesus e os fariseus. Tudo começou quando os fariseus questionaram o motivo de Jesus ter permitido que os discípulos colhessem espigas no sábado (Mt 12.2). Depois, Jesus curou a mão ressequida de um homem também no sábado, enfurecendo os fariseus a ponto de eles começarem a tramar sua morte (v. 9-14). Por fim, os confrontos atingiram uma espécie de ápice quando os fariseus sugeriram que Jesus expelia demônios pelo poder de Belzebu, e isto o impeliu a alertá-los quanto ao pecado imperdoável e à importância de se ter um coração "bom" em vez de um coração mau (v. 22-37).

Na passagem analisada neste capítulo, o conflito continua. Mateus diz que ele foi retomado quando os escribas e fariseus se uniram e fizeram uma exigência extremamente ridícula a Jesus: **Então, alguns escribas e fariseus replicaram: Mestre, queremos ver de tua parte algum sinal** (v. 38).

Ao pedir um sinal, os escribas e fariseus estavam pedindo que Jesus fizesse aquilo que costumamos chamar de milagre. Porém, embora nossas versões da Bíblia empreguem a palavra *milagre* de vez em quando, esta não é uma palavra encontrada no idioma original. Não há uma palavra sequer que signifique milagre no Novo Testamento. Há, entretanto, três palavras utilizadas para descrever acontecimentos diversos, de cujos contextos é possível inferir o conceito de milagre. As três palavras são: *maravilha*, *poder* e, talvez a mais comum, *sinal*. João usa especialmente a palavra *sinal* em seu evangelho.

Um sinal aponta para algo além de si. Em outras palavras, quando Jesus curou, ressuscitou pessoas dentre os mortos, alimentou as 5.000, transformou água em vinho e outras coisas, ele realizou ações *sinal*izantes. Estas ações não apenas mostraram o poder de Jesus, como também revelaram que ele tinha permissão divina para executar as obras de Deus. Eu já mencionei a ocasião em que Nicodemos, ao ter com Jesus à noite, disse-lhe: "Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele" (Jo 3.2b). Havia muitas coisas que Nicodemos não compreendia, mas ele estava certo neste aspecto.

Então, por que os escribas e os fariseus pediram a Jesus que lhes mostrasse um sinal? Talvez esperássemos que ele respondesse: "Vocês querem ver um sinal? Por onde andaram esse tempo todo? Eu já fiz um monte de sinais, e vocês continuam não acreditando em mim. Além disso, vocês acham que eu sou servo de Satanás. Querem mesmo mais um sinal?" Eu creio que eles estavam pedindo um sinal maior do que aqueles já então realizados por Jesus; algo ainda mais significativo do que curar leprosos ou dar vista aos cegos. Talvez eles já estivessem fartos dos curandeiros ambulantes existentes no mundo antigo, dos charlatões que fingiam curar pessoas. Talvez suspeitassem de que Jesus fosse adepto do

mesmo tipo de farsa, e, por isso, pediram um sinal que nenhum outro curandeiro pudesse realizar.

Geração má e adúltera

Jesus respondeu dizendo qual tipo de pessoa pediria um sinal desses: **Ele, porém, respondeu: Uma geração má e adúltera pede um sinal** (v. 39a). Jesus disse que os escribas e fariseus demonstraram fazer parte de uma geração "má e adúltera" por terem pedido um sinal. Isso soa bastante ríspido, mas é um alerta que precisamos ouvir. Afinal de contas, vez ou outra pensamos em como seria bom se Deus nos mostrasse um sinal. Imaginamos como seria fácil ser fiel se tão somente presenciássemos um sinal desses. Porém, Deus não costuma atender tais pedidos. Por quê? Porque ele não está de prontidão para agir conforme nosso bel-prazer. Ele é Deus, e nós somos suas criaturas, e é errado de nossa parte exigir que ele nos prove alguma coisa.

Além disso, se quisermos um sinal de Deus, basta abrirmos a Bíblia. Se quisermos ver o poder transcendente do Deus todo-poderoso atuando diante dos nossos olhos, devemos ler e ouvir as Escrituras. Ela é a Palavra de Deus, e não há força neste planeta tão poderosa quanto esta palavra. Os críticos atacam-na dia sim, dia não, cometendo vandalismo ao tentar neutralizar, diminuir ou destruir o poder da Palavra. Apesar disso, ela não é exterminada, pois está repleta do poder de Deus. Ela transforma vidas completamente porque foi inspirada pelo Espírito Santo.

Durante a controvérsia da inerrância na década de 1980, eu fui convidado para representar o Concílio Internacional sobre Inerrância Bíblica (*International Council on Biblical Inerrancy*) ao corpo docente de um seminário que havia alterado sua posição perante as Escrituras. Eu fui sozinho e debati com todos os professores sobre o tema da

confiabilidade das Escrituras. Quando o debate terminou, o reitor da instituição acompanhou-me até o estacionamento. Ele disse:

— Sabe, eu não entendo por que isso significa tanto para você.

Respondi:

— Se o senhor acabar com este livro, estará acabando com a minha vida. Eu lutarei contra o que vocês estão tentando fazer até o meu último fôlego, pois estão sabotando a Palavra de Deus em vez de proclamá-la, obedecê-la e defendê-la.

As pessoas nitidamente não enxergam como a Bíblia em si é um sinal inacreditável. Os livros são considerados objetos muito comuns, mesmo aqueles com capa de couro e algumas letras vermelhas. As pessoas querem olhar para cima e ver uma mensagem de Deus escrita no céu, mas é claro que isso também não faria diferença. James Montgomery Boice costumava dizer: "Se Deus decidisse dar ao mundo inteiro um sinal de Jesus, ele poderia dispor as estrelas no céu de modo a soletrar a mensagem: 'Jesus é o meu Filho unigênito.' Mas, se Deus fizesse isso, as pessoas simplesmente diriam: 'Qual terá sido a perturbação astronômica responsável por esse alinhamento aleatório das estrelas?'" Ele estava certo. Ninguém daria mais crédito a uma mensagem escrita nas estrelas do que atualmente dá à Bíblia, pois esta é uma geração má e adúltera. As pessoas não acreditam porque não *querem* acreditar.

O sinal de Jonas

Jesus disse: **nenhum sinal lhe será dado [a esta geração], senão o do profeta Jonas** (v. 39b). O que ele quis dizer? Jonas estava morto havia séculos. Como ele poderia dar um sinal? Jesus não quis dizer que Jonas daria um sinal, mas que Deus daria um sinal *semelhante* ao que sucedera com Jonas. Ele explicou um pouco melhor: **Porque assim como esteve Jonas três dias e três noites no ventre do grande peixe, assim o Filho do homem estará três dias e três noites no coração da terra** (v. 40).

Os críticos hoje em dia olham para este texto e objetam, e eu imagino que os fariseus teriam feito o mesmo. Eles dizem que, se Jesus estava prevendo sua ressurreição aqui, então cometeu um equívoco; afinal, ele morreu na tarde de sexta-feira e ressuscitou no domingo pela manhã. Isso não dá três dias e três noites. Logo, os críticos dizem: "Sproul, você diz às pessoas que esta é a Palavra de Deus e que ela é inerrante e infalível, mas eis aqui um erro gritante."

A fim de compreender adequadamente este texto, precisamos conhecer um detalhe sobre a linguagem corriqueira dos hebreus no primeiro século. Quando diziam "três dias e três noites", eles queriam dizer três dias no calendário. Jesus passou parte da sexta-feira, o sábado inteiro e uma pequena parte do domingo no sepulcro, mas, na cultura hebraica, isto era considerado três dias inteiros – ou "três dias e três noites". Jesus não viu necessidade de alterar o vocabulário que utilizava para se comunicar com as pessoas no primeiro século a fim de calar rebeldes no século 21. Um fato ainda mais importante é o livro de Jonas afirmar que o profeta esteve na barriga do peixe por "três dias e três noites" (Jn 1.17), pois Jesus disse que ele ficaria no "coração da terra" pelo mesmo período.

Quando eu estava no último ano do seminário, tive de fazer um trabalho sobre exegese hebraica. Eu me esforcei para demonstrar que a maior parte do livro de Jonas pertence ao gênero literário histórico. Acabei tirando nota máxima, e meu professor chamou-me ao seu escritório. Ele disse:

— Esta é a primeira vez que vejo alguém argumentar, de modo razoável, que a maior parte do livro de Jonas é do gênero narrativo histórico, e não poético. Isso precisa ser publicado.

Eu não podia acreditar no que ele estava dizendo. Nada havia naquele papel que não houvesse sido dito milhares de vezes por eruditos ortodoxos ao longo de dois milênios. Eu não disse, mas pensei: "Por

onde o senhor andou todo esse tempo?" Na verdade, eu sabia por onde ele havia andado. Ele havia cursado uma faculdade liberal, um seminário liberal e em uma pós-graduação liberal. Ele nunca havia sido exposto a uma interpretação ortodoxa do livro de Jonas. Bastou um trabalho escrito por um aluno para convencê-lo do gênero literário daquela porção do Antigo Testamento.

Os eruditos críticos fazem a festa com o livro de Jonas, mas eles possivelmente nem leem o texto. Eis um exemplo: Jonas 2.5 diz: "As águas me cercaram até à alma, o abismo me rodeou; e as algas se enrolaram na minha cabeça." Os estudiosos críticos leem isso e dizem: "Não pode haver algas marinhas dentro do ventre de um peixe. Isso, portanto, só pode ser mitologia." A questão é que Jonas não estava reclamando das algas marinhas no ventre do peixe. Ele estava reclamando das algas marinhas no mar. Era o mar, e não o peixe, que ameaçava sua vida. Ele estava se afogando. Ele estava afundando no mar, e algas marinhas se enrolavam em sua cabeça. Naquele momento, Deus enviou um peixe a fim de engoli-lo e, três dias depois, vomitá-lo em terra seca. O peixe foi instrumento do livramento de Jonas, não do seu tormento. Eu me pergunto como é que surgem certas interpretações acadêmicas.

Assim como Jonas foi lançado ao mar para que os marinheiros a bordo fossem salvos, Jesus foi lançado às profundezas da terra para nossa redenção. Ele ficou em silêncio por três dias. Então, na manhã do terceiro dia, Deus Pai tomou a terra em sua mão e sacudiu-a, trazendo seu Filho de volta à vida. Este foi o sinal de todos os sinais – a ressurreição de Cristo.

Paulo lidou com esse tipo de ignorância quando debateu com filósofos em Atenas. Ele viu o monumento deles a um deus desconhecido e disse:

> ... esse que adorais sem conhecer é precisamente aquele que eu vos anuncio. O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da

> terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas. Nem é servido por mãos humanas, como se de alguma coisa precisasse; pois ele mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais; […]. Sendo, pois, geração de Deus, não devemos pensar que a divindade é semelhante ao ouro, à prata ou à pedra, trabalhados pela arte e imaginação do homem. Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos (At 17.23b-31).

Quando Paulo falou de "tempos da ignorância", ele estava se referindo aos filósofos de Atenas, que adoravam ídolos construídos com suas próprias mãos. Paulo alertou-os de que Deus havia transigido aquela estupidez durante séculos, mas que os dias de sua tolerância haviam terminado: ele agora ordenava que todos se arrependessem. O que, afinal, mudou? Por que Deus tolerou algo durante milhares de anos e, um belo dia, declarou que não mais o faria? Porque ele "estabeleceu um dia em que [julgaria] o mundo com justiça, por meio de um varão que [havia destinado]". Além disso, tinha "[acreditado] diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos".

Nenhum sinal valida a pessoa de Cristo de forma mais completa e poderosa do que sua ressurreição dentre os mortos. Nós simplesmente não receberemos nada maior do que esse sinal. Se não o aceitarmos, não nos beneficiaremos do ministério de Jesus. Permaneceremos na categoria dos escribas e fariseus, a "geração má e adúltera".

O testemunho dos pagãos

Mateus, então, registra que Jesus disse aos escribas e fariseus: **Ninivitas se levantarão, no juízo, com esta geração e a condenarão; porque se arrependeram com a pregação de Jonas. E eis aqui está quem é maior do que Jonas. A rainha do Sul se levantará, no juízo, com esta geração e a condenará; porque veio dos confins da terra para ouvir a sabedoria de Salomão. E eis aqui está quem é maior do que Salomão** (v. 41-42). Ele

estava dizendo que as pessoas da cidade pagã de Nínive testemunhariam contra eles no juízo perante o trono de Deus, pois tinham tido o bom senso de se arrependerem com a pregação de Jonas. Elas tinham dado ouvidos a Jonas, mas os escribas e os fariseus não ouviam Jesus, que era "maior do que Jonas". Da mesma forma, a rainha de Sabá testemunharia contra eles no juízo, pois havia feito uma longa e árdua viagem para ouvir a sabedoria de Salomão, ao passo que os escribas e fariseus exigiam que Jesus, alguém "maior do que Salomão", fizesse algo por eles.

Aquele homem não tinha parte com Belzebu. Aquele homem era o Filho de Deus, o qual os escribas e fariseus estavam rejeitando, negando, odiando e insultando ao exigir que realizasse sinais. A dureza do coração deles é algo terrível de se ver.

QUEM SÃO MEUS IRMÃOS?

Mateus 12.43-50



> Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos procurando repouso, porém não encontra. Por isso, diz: Voltarei para minha casa donde saí. E, tendo voltado, a encontra vazia, varrida e ornamentada. Então, vai e leva consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro. Assim também acontecerá a esta geração perversa. Falava ainda Jesus ao povo, e eis que sua mãe e seus irmãos estavam do lado de fora, procurando falar-lhe. E alguém lhe disse: Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar-te. Porém ele respondeu ao que lhe trouxera o aviso: Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? E, estendendo a mão para os discípulos, disse: Eis minha mãe e meus irmãos. Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe.

Eu sou um grande defensor da pregação expositiva, a qual consiste em pregar sobre todos os livros da Bíblia, versículo por versículo. Um dos aspectos mais valiosos deste tipo de pregação, em minha opinião, é que ele impede o pregador de bater na mesma tecla domingo após domingo e força-o a discorrer sobre a totalidade dos conselhos de Deus. O pastor que pratica a pregação expositiva não folheia a Bíblia selecionando o que pregar a cada semana. Pelo contrário, o texto seguinte já está escolhido para ele, e o tópico, ou os tópicos, que devem ser pregados estão bem ali; basta abordá-los na ordem em que aparecem.

Uma das desvantagens da pregação expositiva é que, às vezes, o pastor se depara com um texto de difícil compreensão. A passagem que estamos analisando neste capítulo é, para mim, um desses textos. Eu não estou totalmente certo de que compreendi o que Jesus estava querendo

dizer aqui em relação ao demônio que deixa uma pessoa, vagueia por um tempo no deserto e, depois, retorna a ela. Li o que outros disseram e escreveram sobre esta passagem, mas eu ainda não estou convencido de seu significado.

O problema é que, nesta passagem, estamos lidando com o tema extremamente espinhoso da demonologia. O Antigo e o Novo Testamento não oferecem ensinamentos extensos sobre a natureza e o comportamento dos demônios. Sabemos que eles são reais. Sabemos que o exorcismo foi de suma importância no ministério de Jesus, e ele obviamente sabia muito mais sobre os hábitos dos demônios do que nós. De qualquer forma, nosso conhecimento na área permanece muito superficial.

Jesus proferiu estas palavras no contexto de uma série de discussões com os fariseus. Conforme vimos há vários capítulos, os fariseus acusaram Jesus de expelir demônios pelo poder de Belzebu, isto é, Satanás. Isto o impeliu a alertá-los contra o pecado imperdoável – a blasfêmia contra o Espírito Santo. Então, vimos no capítulo anterior que os escribas e fariseus exigiram que ele lhes fizesse "um sinal", ou um milagre. Em resposta, Jesus disse que eles faziam parte de "uma geração má e adultera" e que o único sinal que veriam seria o do profeta Jonas. Ele recordou que os pagãos de Nínive se arrependeram com a pregação de Jonas, e aquele que estava com eles agora era maior do que Jonas. Portanto, Jesus estava chamando os fariseus ao arrependimento, ao reconhecimento de que o reino de Deus estava bem ali diante deles e que corriam o risco de perdê-lo. Desconfio que, com estas palavras a respeito do demônio, Jesus estava ainda chamando os fariseus ao arrependimento.

Um demônio inquieto

Mateus relata que, logo após repreender os fariseus por exigirem um sinal, Jesus disse: **Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos procurando repouso, porém não encontra. Por isso, diz: Voltarei para minha casa donde saí. E, tendo voltado, a encontra vazia, varrida e ornamentada** (v. 43-44). Neste cenário descrito por Jesus, um "espírito imundo", ou um demônio, sai de um homem – aparentemente não como consequência de exorcismo, mas por vontade própria. O evangelista relata que o demônio vagueia por "lugares áridos" (pelo que tudo indica, um deserto). Este cenário se encaixa com uma associação feita no Antigo Testamento entre demônios e lugares áridos. Parece ter existido a ideia de que os desertos eram lugares aos quais as bênçãos de Deus, representadas pela chuva, eram negadas (veja Is 13.19-22; Jr 17.6; Ml 1.3).

O propósito do demônio ao vaguear é encontrar repouso, mas ele falha nesta busca. Eu acho interessante o fato de ele demonstrar uma inquietude característica dos homens caídos. Agostinho é famoso por esta oração: "Fizeste-nos para ti, e inquieto permanecerá nosso coração enquanto em ti não repousar."[1] Ele estava fazendo uma profunda observação sobre os seres humanos não convertidos. As pessoas podem ser bem sucedidas, poderosas, atraentes, muito ricas e possuir todos os bens que o mundo oferece, mas, se não tiverem Cristo, sua alma será atormentada pela sensação de vazio e inquietude. A maioria das pessoas passa toda a vida nesse estado de desassossego. Obviamente, os demônios têm esta sensação porque nada há de Deus em sua vida. Eles se encontram completamente alienados de seu Criador. Como é horrível pensar que os seres humanos não salvos estão na mesma condição dos demônios!

Por fim, na cena descrita por Jesus, o demônio decide retornar ao homem que havia deixado, a quem chama de "minha casa". Ele o considera como sua habitação legítima. Quando volta, entretanto,

encontra-a “vazia, varrida e ornamentada”. Esta é uma das partes mais difíceis da passagem. As palavras de Jesus ilustram uma mudança positiva, mas o homem ainda se encontra suscetível à possessão demoníaca. Logo, eu acredito que ele está sem a presença do demônio, mas também sem a presença do Espírito de Deus, o único que poderia impedir o retorno do maligno. Talvez o homem tenha colocado a vida em ordem, feito uma reforma pessoal. Talvez ele tenha abandonado um vício ou dois. Contudo, não há salvação nisto. Um vácuo permanece em sua alma, e, ao passo que a natureza abomina vazios, este demônio os aprecia.

Abundam concepções erradas sobre a salvação, sendo uma delas a de que, quando nascemos de novo, somos restaurados à condição de inocência da qual Adão e Eva desfrutavam antes da queda. De acordo com esta ideia, salvação é a reconquista imediata do paraíso. Afinal de contas, Jesus pagou por nossos pecados, então deveríamos ser inocentes à vista de Deus. No entanto, se a única coisa que tiver ocorrido em nossa vida for a expiação de nossos pecados por Jesus, nós não entraremos no céu. A morte expiatória de Jesus cuidou do problema do nosso pecado; porém, Deus requer não apenas que sejamos inocentes do pecado, mas que venhamos à sua presença em verdadeira retidão. É por isso que enfatizo a dupla transferência envolvida em nossa salvação: nossos pecados são imputados a Jesus na cruz, e sua retidão nos é transferida pela fé. Desta forma, quando deposito minha confiança em Cristo, ele leva meus pecados e me concede sua retidão para que, quando for me apresentar diante de Deus, eu esteja revestido nela.

Isso, entretanto, não resume tudo o que acontece conosco. Quando somos convertidos, o Espírito de Deus passa a viver dentro de nós. Todo crente é habitado pelo Espírito Santo, e, onde vive o Espírito de Deus, nenhum demônio pode se estabelecer. Eu não creio que os demônios têm permissão para possuir cristãos verdadeiros. Eles podem perturbar,

tentar e irritar cristãos, mas não podem possuí-los. Na vida cristã, não existe vácuo, pois o próprio Deus entrou nessa vida.

No entanto, algumas pessoas têm um falso senso de arrependimento, um arrependimento da carne – realizam uma reforma pessoal, se assim preferir. É quanto a isso que Jesus estava alertando os fariseus. É como se ele estivesse dizendo: "Vocês se dedicam a alcançar santidade e retidão, mas acham que podem ser retos por conta própria. Se existe um mau hábito, vocês o confessam e abandonam, mas nunca vêm a mim. Vocês se fiam na própria retidão, na própria capacidade e se igualam a este homem endemoninhado. O demônio saiu, e ele limpou a casa; contudo, não pôde impedir que o espírito mau retornasse. Vocês são este homem. Vocês estão vazios por dentro."

Então, Jesus explicou o perigo de deixar a casa vazia: **Então, vai e leva consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro. Assim também acontecerá a esta geração perversa** (v. 45). Jesus não disse por que o demônio leva consigo outros sete, ainda piores do que ele; não há indícios de que o demônio precise de ajuda para voltar ao homem do qual saiu. Seja como for, o indivíduo acaba ficando bem pior do que antes. Em seguida, Jesus acrescentou: "Assim também acontecerá a esta geração perversa", isto é, aos fariseus. A mensagem óbvia é que uma reforma pessoal não basta. Os fariseus precisavam de uma reforma vinda do alto, uma conversão, um novo nascimento. Logo, este foi um grave alerta, um chamado assertivo ao arrependimento.

Nós devemos ser muito cuidadosos quanto ao tipo de arrependimento que manifestamos. Ele não pode ser um mero arrependimento da carne. Deve vir do coração. Porém, ele virá do coração somente se o Espírito Santo tiver feito sua morada ali.

Mãe e irmãos de Jesus

Desejo concluir nossas considerações sobre Mateus 12 analisando brevemente um incidente registrado pelo evangelista no final do capítulo. Trata-se de um acontecimento bem instrutivo para o discipulado, muito embora não esteja relacionado à discussão sobre espíritos malignos nem ao contexto mais amplo dos confrontos entre Jesus e os fariseus.

Mateus escreve: **Falava ainda Jesus ao povo, e eis que sua mãe e seus irmãos estavam do lado de fora, procurando falar-lhe. E alguém lhe disse: Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e querem falar-te** (v. 46-47). Esta é a primeira menção que Mateus faz aos irmãos de Jesus, os quais também são mencionados nos outros três Evangelhos e em Atos. O fato de Jesus ter tido irmãos e Maria obviamente ter sido mãe deles foi motivo de uma confusão bem grande para nossos amigos da Igreja Católica Romana. Eles têm uma doutrina chamada virgindade perpétua de Maria. Segundo este ensinamento, após o nascimento de Jesus por parte da virgem Maria, ela permaneceu virgem até o dia de sua morte. Esta ideia não possui qualquer fundamento bíblico; pelo contrário, as evidências, incluindo estes versículos de Mateus, refutam fortemente a posição de Roma.

O protestantismo reconhece historicamente que a mãe de nosso Senhor foi uma das mulheres mais importantes que já pisaram sobre a face da terra, mas nós ensinamos que ela não deve ser objeto de adoração. Roma, por sua vez, possui templos dedicados a Maria por todo o mundo, e seus padres rezam missas em homenagem a ela. As autoridades católicas romanas insistem em dizer que a igreja venera Maria, mas não a adora. João Calvino, entretanto, afirmou que não existe diferença na distinção romana entre veneração e adoração. Se você faz parte da Igreja Católica Romana, eu o desafio a ler o Novo Testamento e tentar encontrar um exemplo de veneração à Maria tal como é praticada por Roma ou, então, qualquer trecho que incentive isso. Você não encontrará em lugar algum.

Alguns estudiosos da Igreja Católica Romana dizem que esses "irmãos" de Jesus eram, na verdade, frutos de um casamento anterior de José. Outros argumentam que a palavra aqui traduzida como "irmãos" (*adelphos*) também pode se referir a primos, e, portanto eles não seriam necessariamente irmãos de Jesus. Não acho que isso faz sentido algum. Parece estar muito claro que aqueles homens eram consanguíneos de Jesus.

Jesus não foi ter com sua mãe e seus irmãos, nem os convidou para entrar – pelo menos não de imediato. Mateus diz: **Porém ele respondeu ao que lhe trouxera o aviso: Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? E, estendendo a mão para os discípulos, disse: Eis minha mãe e meus irmãos. Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe** (v. 48-50).

À primeira vista, a resposta aos familiares soa grosseira e indecorosa, mas eu não acho que esta tenha sido a intenção. Jesus estava cuidando dos assuntos do Pai, e sua mãe e seus irmãos tentavam interrompê-lo no meio da pregação. Marcos diz que "os parentes de Jesus" chegaram à conclusão de que ele estava "fora de si" (3.21), e foi logo depois disso que sua família apareceu e perguntou por ele (v. 31). Talvez eles quisessem levá-lo para casa, tentar trazê-lo de volta à razão.

Jesus viu nisso uma oportunidade valiosa para ensinar. Ele perguntou: "Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?" Com um aceno de mão, identificou seus discípulos como mãe e irmãos, dizendo: "Porque qualquer que fizer a vontade de meu Pai celeste, esse é meu irmão, irmã e mãe." Dois pontos precisam ser destacados aqui.

Em primeiro lugar, estas declarações de forma alguma diminuem a importância das relações familiares. Elas mostram, mais uma vez, que Jesus considerava o amor a ele mais importante do que o amor à família. Anteriormente, o vimos dizer: "Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do

que a mim não é digno de mim" (10.37). Ele estava apresentando um argumento semelhante ao identificar seus discípulos como irmãos, irmãs e mãe.

Em segundo lugar, estas palavras de Jesus apontam para a bela doutrina da adoção à família de Deus. Sim, Jesus era o filho terreno de Maria, e ele a honrava e amava; quando estava pendurado na cruz, chegou até mesmo a mandar que João cuidasse dela (Jo 19.26-27). No entanto, em um sentido mais elevado, ele compreendia que era o Filho de Deus, e estava declarando aqui que todos aqueles que nele depositam a confiança tornam-se seus irmãos e suas irmãs. Somente quando uma pessoa realmente se converte é que tem a capacidade de fazer a vontade de Deus. Ela o faz porque foi adotada pelo Pai.

[1] AGOSTINHO. *Confessions*. Harmondsworth, Inglaterra: Penguin Books: 1961, p. 21.

A PARÁBOLA DO SEMEADOR, PARTE 1

Mateus 13.1-17



Naquele mesmo dia, saindo Jesus de casa, assentou-se à beira-mar; e grandes multidões se reuniram perto dele, de modo que entrou num barco e se assentou; e toda a multidão estava em pé na praia. E de muitas coisas lhes falou por parábolas e dizia: Eis que o semeador saiu a semear. E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e, vindo as aves, a comeram. Outra parte caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra. Saindo, porém, o sol, a queimou; e, porque não tinha raiz, secou-se. Outra caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e a sufocaram. Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto: a cem, a sessenta e a trinta por um. Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça. Então, se aproximaram os discípulos e lhe perguntaram: Por que lhes falas por parábolas? Ao que respondeu: Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas àqueles não lhes é isso concedido. Pois ao que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Por isso, lhes falo por parábolas; porque, vendo, não veem; e, ouvindo, não ouvem, nem entendem. De sorte que neles se cumpre a profecia de Isaías:

Ouvireis com os ouvidos e de nenhum modo entendereis;
vereis com os olhos e de nenhum modo percebereis.
Porque o coração deste povo está endurecido,
de mau grado ouviram com os ouvidos
e fecharam os olhos;
para não suceder que vejam com os olhos, ouçam com os ouvidos,
entendam com o coração, se convertam
e sejam por mim curados.

Bem-aventurados, porém, os vossos olhos, porque veem; e os vossos ouvidos, porque ouvem. Pois em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram; e ouvir o que ouvis e não ouviram.

Nós analisamos uma série de confrontos entre Jesus e os fariseus (narrados por Mateus no capítulo 12 de seu Evangelho), um prenúncio do conflito titânico que viria em seguida. Estes confrontos começaram em uma seara, ou nas proximidades de uma (12.1-8), e continuaram em uma sinagoga (v. 9-14). O auge deu-se após Jesus curar um homem endemoninhado, cego e mudo, o que levou os fariseus a afirmarem que ele expulsava demônios pelo poder de Satanás (v. 22-45). Mateus não especifica o local deste último conflito, mas, ao que tudo indica, foi em uma casa. No início do capítulo 13, ele escreve: **Naquele mesmo dia, saindo Jesus de casa, assentou-se à beira-mar** (v. 1). Jesus, ao que parece, estivera ministrando em uma casa e, quando finalmente disse tudo o que precisava dizer aos fariseus, foi caminhando até a praia.

Apesar disso, ele não conseguiu ter momentos de solidão ali. Mateus diz: **e grandes multidões se reuniram perto dele, de modo que entrou num barco e se assentou; e toda a multidão estava em pé na praia** (v. 2). Multidões foram até Jesus novamente, ávidas por ouvir seus ensinamentos. A fim de acomodá-las, ele entrou em um barco e afastou-se um pouco da praia, e as pessoas permaneceram ali para ouvi-lo. Era costume, na época, o povo de Deus ficar em pé por longos períodos para valer-se de suas instruções.

Em seguida, Mateus observa: **E de muitas coisas lhes falou por parábolas** (v. 3a). O que vem depois disto é a primeira parábola de Jesus registrada por Mateus, mas muitas outras são narradas imediatamente a seguir, conforme ele profere o terceiro grande discurso encontrado no livro. Todas as parábolas de Jesus são importantes e úteis, mas a primeira registrada por Mateus – a parábola do semeador – é, talvez, a mais importante de todas por ter certo valor crítico.

Temos a tendência de pensar que as parábolas eram meras ilustrações empregadas por Jesus para ajudá-lo a apresentar seus argumentos. Em certo sentido, isso é fato, mas é também uma simplificação excessiva da

verdadeira função das parábolas. A palavra *parábola* é composta por um prefixo, *para*, e uma raiz, o verbo *ballō*. *Para* significa "ao lado". Um paralegal é alguém que fica junto ao advogado para prestar ajuda jurídica. Um ministério paraeclesiástico trabalha ao lado da igreja para auxiliá-la em sua missão. *Baleo* significa "lançar ou atirar". Logo, uma parábola é literalmente algo lançado ao lado de outra coisa. No caso de Jesus, as parábolas eram uma ilustração ou uma reafirmação de determinadas verdades que ele "lançava" com seu ensinamento.

Neste capítulo, quero me concentrar em Mateus 13.10-17, que registra a resposta de Jesus à pergunta dos discípulos quanto à finalidade das parábolas. Depois, munidos desta compreensão, passaremos a uma reflexão sobre a parábola do semeador e à interpretação de Jesus nos dois capítulos seguintes.

A doutrina da eleição

Mateus diz: **Então, se aproximaram os discípulos e lhe perguntaram: Por que lhes falas por parábolas?** (v. 10). Os discípulos estavam fazendo uma pergunta a Jesus sobre sua metodologia. Algo nessa técnica de ensino chamou a atenção deles, mas o propósito de Jesus ao empregá-la não lhes era claro naquele momento. A resposta causa uma espécie de choque em muitos leitores hoje, e ela talvez tenha sido chocante para os discípulos também.

Segundo Mateus: **Ao que respondeu: Porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas àqueles não lhes é isso concedido. Pois ao que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. Por isso, lhes falo por parábolas; porque, vendo, não veem; e, ouvindo, não ouvem, nem entendem** (v. 11-13).

Esta resposta é pura doutrina da eleição. Não há como fugir. Algumas pessoas acreditam que a doutrina da eleição pode ser encontrada apenas na carta de Paulo aos romanos ou em sua carta aos efésios, mas, se

prestarmos bem atenção às Escrituras, veremos que ela aparece várias vezes. Aqui, ela é explicitada com toda clareza, pois Jesus afirmou que alguns têm permissão para compreender "os mistérios do reino dos céus", e outros, não. Aqueles que receberam um novo coração a fim de compreender as coisas de Deus continuam sendo instruídos, mas a verdade divina é negada àqueles que não receberam a capacidade de compreender. Este segundo grupo tem olhos e ouvidos completamente funcionais, mas não pode entender o significado por trás do ensinamento bíblico.

Neste ponto, é possível que alguém objete, argumentando que nada na passagem aponta para a eleição divina e que os discípulos viam e ouviam simplesmente porque haviam estado com Jesus e aprendido muitas coisas; ou seja, que eles eram amplamente expostos ao seu ensinamento e estavam começando a compreender quem ele era. Os demais, por outro lado, não haviam sido seus alunos, então não tiveram o benefício de ouvir os mistérios do reino de Deus sendo explicados pelo próprio Rei. Talvez Jesus estivesse empregando parábolas para que eles também pudessem entender. Se você pensa assim, peço que continue atento, pois há mais coisas por vir.

Mateus diz que Jesus prosseguiu, dizendo: **De sorte que neles se cumpre a profecia de Isaías:**

> **Ouvireis com os ouvidos e de nenhum modo entendereis;**
> **vereis com os olhos e de nenhum modo percebereis.**
> **Porque o coração deste povo está endurecido,**
> **de mau grado ouviram com os ouvidos**
> **e fecharam os olhos;**
> **para não suceder que vejam com os olhos, ouçam com os ouvidos,**
> **entendam com o coração, se convertam**
> **e sejam por mim curados (v. 14-15).**

Repetidas vezes neste Evangelho, vemos Mateus associar coisas que Jesus fez e disse às profecias do Antigo Testamento. Aqui, o evangelista

não precisou fazê-lo, pois Jesus mesmo se encarregou disso. Ele disse aos discípulos que utilizava parábolas porque alguns eram eleitos, e outros não – tal como havia sido profetizado pelo profeta Isaías.

Um profeta do juízo

Essa citação aparece no sexto capítulo da profecia de Isaías, o qual narra a dramática visão que o profeta teve de Deus, elevado e exaltado no trono celeste enquanto os serafins clamavam: "Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos; toda a terra está cheia da sua glória" (Is 6.3). Após contemplar este esplendor, Isaías clamou: "ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!" (v. 5). Ele abominou a si mesmo quando contemplou o Deus santo.

Enquanto estava nesse estado de miséria, subjugado pelo peso da própria culpa e indignidade, um dos serafins tirou uma brasa quente do altar com uma tenaz, voou até Isaías e tocou seus lábios com ela, dizendo: "Eis que ela tocou os teus lábios; a tua iniquidade foi tirada, e perdoado, o teu pecado" (v. 7b). Depois disso, ele ouviu Deus perguntar: "A quem enviarei, e quem há de ir por nós?" (v. 8b). Isaías respondeu (provavelmente com os lábios cheios de bolhas): "eis-me aqui, envia-me a mim" (v. 8c). Assim, naquele dia, ele foi nomeado profeta.

No entanto, as instruções que Deus lhe deu são muito interessantes:

> Então, disse ele: Vai e dize a este povo:
> Ouvi, ouvi e não entendais;
> vede, vede, mas não percebais.
> Torna insensível o coração deste povo,
> endurece-lhe os ouvidos
> e fecha-lhe os olhos,
> para que não venha ele a ver com os olhos,
> a ouvir com os ouvidos
> e a entender com o coração,

e se converta, e seja salvo (v. 9-10).

Que missão Isaías recebeu! Você consegue imaginar como seria receber ordens para dizer às pessoas: "Olhem, mas não vejam; ouçam, mas não entendam"? Você consegue imaginar como seria se esforçar para endurecer o coração das pessoas, tapar seus ouvidos e cobrir seus olhos – tudo isso para que elas *não* entendessem? Deus estava enviando Isaías como um profeta de juízo, pois estava farto de pessoas que não queriam ouvir nem ver a verdade.

O Novo Testamento diz que nós nascemos com uma inclinação para excluir Deus dos nossos pensamentos. Nós não queremos nada com ele. Nossa postura básica é a mesma de Adão e Eva depois que pecaram: eles se esconderam de Deus. Eles tentaram escapar da presença de Deus. Muitas pessoas são assim hoje em dia. Elas podem até frequentar cultos e sentar-se para ouvir a pregação da Palavra de Deus, mas não se importam com o que escutam e nada querem ter com Deus e Cristo.

Ao ouvir essas instruções para seu ministério, Isaías clamou: "até quando, Senhor?" (v. 11a). Deus respondeu:

> Até que sejam desoladas as cidades e fiquem sem habitantes,
> as casas fiquem sem moradores,
> e a terra seja de todo assolada,
> e o SENHOR afaste dela os homens,
> e no meio da terra seja grande o desamparo.
> Mas, se ainda ficar a décima parte dela,
> tornará a ser destruída.
> Como terebinto e como carvalho,
> dos quais, depois de derribados, ainda fica o toco,
> assim a santa semente é o seu toco (v. 11b-13).

Você consegue perceber o que Deus estava dizendo aqui? Ele estava explicando a Isaías que havia guardado para si um remanescente – "a décima parte" – do qual levantaria seu povo novamente. Contudo, a

missão do profeta era destinada ao restante: ele tinha de tapar os ouvidos e fechar os olhos dos demais.

A bênção dos discípulos

Mateus, em seguida, diz que Jesus falou aos discípulos: **Bem-aventurados, porém, os vossos olhos, porque veem; e os vossos ouvidos, porque ouvem. Pois em verdade vos digo que muitos profetas e justos desejaram ver o que vedes e não viram; e ouvir o que ouvis e não ouviram** (v. 16-17). Aqui os discípulos receberam uma pista da bênção que possuíam: eles eram capazes de ver e ouvir a verdade de Deus, uma verdade que muitos profetas e homens justos esperaram avidamente ver, mas não viram. Abraão ansiava por ver aquilo, mas nunca viu. Moisés teria dado qualquer coisa para ver o que os discípulos estavam vendo, mas morreu sem realizar esta aspiração. E Davi? E Isaías? E Jeremias? E Amós? E Oseias? Todos aqueles que viveram em épocas passadas aguardavam o futuro, aguardavam as promessas que Deus lhes havia feito; porém, morreram na fé, sem ver e sem ouvir. Os discípulos, entretanto, viram e ouviram.

Em resposta à pergunta dos discípulos, Jesus explicou que utilizava parábolas para revelar e, ao mesmo tempo, ocultar. Para aqueles que tinham "ouvidos para ouvir", as parábolas eram palavras de vida. Para aqueles de coração endurecido que não podiam ouvir e entender, as parábolas eram histórias indecifráveis, mistérios insondáveis. A primeira delas foi a parábola do semeador.

A PARÁBOLA DO SEMEADOR, PARTE 2

Mateus 13.1-9,18-23



Naquele mesmo dia, saindo Jesus de casa, assentou-se à beira-mar; e grandes multidões se reuniram perto dele, de modo que entrou num barco e se assentou; e toda a multidão estava em pé na praia. E de muitas coisas lhes falou por parábolas e dizia: Eis que o semeador saiu a semear. E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e, vindo as aves, a comeram. Outra parte caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra. Saindo, porém, o sol, a queimou; e, porque não tinha raiz, secou-se. Outra caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e a sufocaram. Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto: a cem, a sessenta e a trinta por um. Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça. […] Atendei vós, pois, à parábola do semeador. A todos os que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, vem o maligno e arrebata o que lhes foi semeado no coração. Este é o que foi semeado à beira do caminho. O que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza. O que foi semeado entre os espinhos é o que ouve a palavra, porém os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera. Mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve a palavra e a compreende; este frutifica e produz a cem, a sessenta e a trinta por um.

A parábola do semeador apresenta uma estrutura especial. Normalmente, a interpretação de parábolas resume-se a uma mensagem básica, não a alegorias compostas por vários argumentos. Procurar interpretações alegóricas na maioria das parábolas de Jesus pode gerar diversos tipos de problemas. A tentação é tratá-las como argila, moldando-as de modo a ensinar a verdade que se deseja

transmitir. No entanto, a parábola do semeador *tem* uma interpretação alegórica, e nós aprendemos isso quando Mateus nos fornece a explicação feita por Jesus (v. 18-23).

Esta parábola ilustra quatro respostas diferentes à pregação da Palavra de Deus, sendo apenas uma delas positiva no final das contas. Por este motivo, a parábola do semeador é extremamente reconfortante para mim, e creio que ela também o deve ser para todos os que são chamados a pregar o evangelho. A história fala de um homem que semeia em um campo; o homem representa Cristo, e a semente é o evangelho do reino de Deus. No entanto, nem todas as sementes geram frutos, e este certamente foi o caso no ministério de Jesus. Logo, encontro consolo no fato de Jesus – o maior pregador da história do mundo, cujo poder de persuasão era sem par, cuja eloquência nunca foi maculada pelas influências do pecado – ter sido rejeitado pela grande maioria daqueles que o ouviam pregar e ensinar. Não que essa ampla rejeição tenha sido algo bom em si, mas ela me lembra de que o poder da pregação não está no pregador nem no ouvinte; ele reside somente no Espírito do Deus todo-poderoso.

A fim de mostrar as variadas reações à Palavra, Jesus elaborou sua ilustração com base em uma economia agrícola. Ele começou dizendo: **Eis que o semeador saiu a semear** (v. 3b). Em outras palavras, um agricultor saiu para plantar sementes. Observe, entretanto, que Jesus nada mencionou sobre a preparação da terra antes. A razão disso é que o método de semeadura no mundo antigo era muito diferente dos métodos normalmente empregados no ocidente hoje. Os agricultores modernos costumam lavrar o campo e preparar o solo meticulosamente antes de plantar as sementes. Os agricultores da antiguidade, por sua vez, espalhavam as sementes primeiro e, depois, enterravam-nas. Era assim que se fazia em Israel. No entanto, este método era ineficiente, pois as sementes às vezes caíam em locais muito desfavoráveis.

Em sua parábola, Jesus mencionou os diversos locais onde as sementes do agricultor foram parar. Algumas caíram sobre os caminhos, formados conforme as pessoas andavam pelo campo e, assim, comprimiam o solo. Outras atingiram áreas rochosas. Já algumas sementes caíram em regiões onde havia espinhos. Se fosse na agricultura moderna, os lugares mais sólidos teriam sido sulcados, as pedras teriam sido removidas, e os espinhos teriam sido erradicados antes de as sementes serem lançadas; porém, como já observei, os antigos agricultores aravam a terra somente após a semente estar no solo. É claro que, conforme Jesus indicou, algumas sementes foram parar em terra boa, e depois de serem enterradas, produziram uma colheita significativa.

Uma vez que os ouvintes de Jesus já estavam familiarizados com esses detalhes sobre a atividade rural no antigo Oriente Próximo, eles tinham a base ideal para receber uma parábola alegórica. Como já observei anteriormente, esta parábola fala sobre quatro tipos de pessoas que esboçam diferentes reações à pregação da Palavra de Deus. Estes quatro tipos não eram exclusividade de Israel no tempo de Jesus; eles podem ser encontrados em todos os lugares e em todas as épocas. Por natureza, nós não somos diferentes das pessoas que ouviram Jesus ensinar esta parábola. Cada um de nós poderia fazer parte de qualquer um dos quatro grupos identificados. Minha esperança é que todos os leitores estejam incluídos no quarto tipo de ouvinte, onde a Palavra de Deus cria raízes e produz frutos no tempo devido.

Sementes à beira do caminho

Vamos dar uma olhada mais de perto em cada um dos grupos. Jesus disse: **E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e, vindo as aves, a comeram** (v. 4). Na metáfora de Jesus, estas sementes caíram em uma área de terra pisada. Portanto, permaneceram sobre a superfície em vez de afundar em um solo macio e fofo. Isso significa que elas eram

facilmente identificadas e consumidas pelas aves; por isso, nunca tinham a chance de germinar e crescer.

Quando as pessoas pediram que Jesus explicasse o significado deste tipo de solo, ele disse: **A todos os que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, vem o maligno e arrebata o que lhes foi semeado no coração. Este é o que foi semeado à beira do caminho** (v. 19). Ele estava falando de indivíduos com coração de pedra, de pessoas que não querem ouvir a Palavra de Deus. As boas novas do evangelho ricocheteiam sobre elas como sementes em um caminho endurecido. Em seguida, Satanás vem, assim como as aves do céu, e as arrebata.

Dureza é um termo empregado com frequência nas Escrituras como metáfora para a condição caída do homem. Somos informados de que o nosso coração é recalcitrante, como se houvesse pedras incrustadas em nosso peito (Jó 41.24; Ez 11.19; 36.26). Obviamente, pedras não são capazes de bombear sangue no ser humano. Quando esta imagem é utilizada na Bíblia, ela diz respeito não à vida biológica, mas à vida espiritual. Nosso coração é endurecido para as coisas de Deus.

O primeiro grupo, portanto, é composto por pessoas que ouvem a Palavra de Deus e imediatamente a desprezam. Elas não têm interesse na Palavra. Pelo contrário; são hostis a ela. Todos nós conhecemos indivíduos assim. Além disso, nós mesmos éramos desse jeito até o Espírito de Deus abrandar a dureza de nosso coração. Portanto, é fácil compreender este grupo do ponto de vista teológico.

Sementes em solo rochoso

Jesus prosseguiu: **Outra parte caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra. Saindo, porém, o sol, a queimou; e, porque não tinha raiz, secou-se** (v. 5-6). A imagem aqui é de sementes caindo sobre uma área cheia de pedras e uma fina camada de terra espalhada por cima. Neste solo raso, as sementes receberam água;

então, brotaram rapidamente, prometendo de início um crescimento saudável e uma colheita no tempo devido. Contudo, por causa das pedras que estavam embaixo, as sementes não conseguiram aprofundar as raízes. Quando o sol nasceu, o calor fez com que elas murchassem.

Ao explicar este tipo de solo, Jesus disse: **O que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza** (v. 20-21). Estas são as pessoas que fazem uma profissão de fé em Cristo em determinado momento de emoção, mas, quando todas as implicações de sua decisão tornam-se aparentes – incluindo a perseguição – elas abandonam a fé. Tais indivíduos tratam seu flerte com o cristianismo como uma descarga momentânea de entusiasmo na vida e, depois, não pensam mais no assunto.

Na noite em que me converti a Cristo, eu estava com meu colega de quarto da faculdade, e ele também fez uma profissão de fé. Mais tarde naquela mesma noite, ambos nos sentamos à mesa e escrevemos cartas às nossas namoradas dizendo que havíamos nos tornado crentes. Quando acordei na manhã seguinte, eu ainda estava cheio de alegria e felicidade pelo perdão dos meus pecados. Meu colega de quarto, por outro lado, não estava interessado mais nisso. Ele havia esboçado uma reação inicial positiva, mas, em menos de 24 horas, seu entusiasmo murchou. É por isso que eu sempre saliento que ninguém é justificado pela *profissão* de fé. Em vez disso, nós somos levados a um relacionamento justificado com Cristo por meio da *possessão* da fé. Nós não somos salvos simplesmente por responder a um apelo na igreja, por assinar um cartão de oração ou por recitar uma oração de arrependimento. Este tipo de técnica é o que está por trás de pessoas que demonstram uma reação positiva ao evangelho, mas que, em um piscar de olhos, afastam-se dele. Uma profissão de fé superficial, rasa, não é garantia de uma fé verdadeira.

Sementes entre espinhos

Em seguida, Jesus disse: **Outra caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e a sufocaram** (v. 7). Estas sementes criaram raízes e começaram a crescer. No entanto, os espinhos presentes naquela área haviam nascido primeiro e, conforme cresciam, sobrepujavam e comprimiam as sementes que germinavam. Por fim, elas não conseguiram mais crescer e morreram. Jesus explicou o significado deste tipo de solo: **O que foi semeado entre os espinhos é o que ouve a palavra, porém os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera** (v. 22). O amor ao mundo e principalmente às riquezas demonstra ser mais forte nestas pessoas do que o amor a Cristo e aos tesouros do seu reino.

Anos atrás, eu lecionava no instituto Young Life, no Colorado. Certa vez, elogiei os líderes por estabelecer o que era, na minha opinião, o programa evangelístico mais sofisticado e eficaz para alunos do ensino médio que eu já tinha visto. Porém, senti que precisava também fazer um alerta. Na época, acontecia um fenômeno ali: os jovens esboçavam uma reação positiva a Cristo, passavam a fazer parte do grupo, ficavam ativamente envolvidos durante dois ou três anos e, depois, abandonavam tanto o instituto Young Life quanto a própria fé. Eles rejeitavam a profissão de fé que haviam feito.

Esta é uma questão difícil. Creio piamente que, uma vez na graça, o indivíduo permanece para sempre nela. A Bíblia está cheia de promessas afirmando que os salvos não podem perder a salvação. Paulo diz: "aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus" (Fp 1.6). No entanto, vemos pessoas como aqueles jovens do instituto Young Life tendo reações intensas ao evangelho, participando de estudos bíblicos – até mesmo tornando-se líderes destes estudos –, sendo ativas na igreja e, depois de um tempo, simplesmente abandonando Deus e todo o tipo de envolvimento com ele. Essas pessoas

rejeitaram a salvação? Creio que a única explicação possível é que elas nunca foram convertidas de verdade. Acerca de alguns indivíduos que abandonaram a fé, o apóstolo João disse: "Eles saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco" (1Jo 2.19a). Aqueles homens haviam aparentado ter vínculo apostólico, mas, quando os cuidados do mundo lhes sobrevieram, eles foram embora. Acredito que algo parecido tenha acontecido com os jovens do instituto Young Life.

Ora, eu não sei dizer por que alguém que não é convertido de verdade teria vontade de ficar na igreja ou no meio de cristãos. Talvez estas pessoas tenham algum prazer na comunhão e no estímulo intelectual. Seja qual for o motivo, eu fiz o seguinte alerta aos líderes do Young Life: "Tenham cuidado para que, quando os jovens forem convertidos, eles sejam convertidos a Cristo e não apenas ao instituto." Afinal, é possível converter-se a um movimento e perder de vista o objeto da fé.

Esta verdade é ilustrada na vida do próprio Jesus. Conforme vimos no capítulo anterior, ele ensinou esta parábola enquanto estava sobre um barco, pois uma enorme multidão havia se reunido na praia para ouvi-lo. É possível que muitos o seguissem por onde ele ia. Aquelas pessoas provavelmente foram contadas entre o grupo que deitou ramos de palmeiras diante dele no domingo de ramos e clamou: "Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas!" (Mt 21.9). Mas, quando foram pressionadas, quando a crise veio, foram elas mesmas que clamaram: "Seja crucificado!" (27.22b).

Uma grave controvérsia que surgiu no último quarto de século no mundo evangélico foi o tema da salvação por senhorio. A questão central era esta: quando uma pessoa é salva, ela deve receber Jesus como Salvador *e* Senhor ou pode ser salva apenas recebendo Jesus como Salvador? Um grupo insistia em afirmar que não é possível ter Jesus como Salvador sem, ao mesmo tempo, ajoelhar-se diante dele como

Senhor. O outro grupo dizia que fazer isso significa acrescentar algo ao evangelho da graça, e que uma pessoa precisa receber Cristo apenas como Salvador.

Esta segunda opinião gerou o conceito de cristão carnal, segundo o qual é possível a alguém receber Cristo como Salvador sem oferecer-lhe o trono sobre a própria vida. No caso, Jesus está presente na vida e no coração do homem, tornando-o verdadeiramente salvo, mas este não dá evidências de salvação. Ele não obedece a Cristo de forma ativa e continua a pecar livremente. Ele é cristão, mas se comporta com carnalidade; logo, é um cristão carnal.

Naturalmente, todos os cristãos verdadeiros têm um elemento carnal na alma até que sejam totalmente glorificados no céu. Quando somos convertidos, o Espírito de Deus passa a viver em nós. Depois disso, nossa vida torna-se um campo de batalha entre a carne e o Espírito; mas, com o passar do tempo, o Espírito ganha terreno, e a carne recua. Contudo, nenhum cristão verdadeiro é totalmente carnal – um pensamento permitido por essa doutrina.

Ao mencionar os três primeiros tipos de solo na parábola do semeador, Jesus estava falando de indivíduos, em última análise, não convertidos. Não é que eles são cristãos lutando contra a carnalidade; eles, na verdade, não são cristãos, pois é impossível a alguém ser convertido e não produzir frutos. Ao dizer isso, eu não estou pregando a justificação pelas obras. Nós somos justificados somente pela fé, mas não por uma fé desacompanhada. A verdadeira fé sempre produz o fruto da obediência em certo grau. A variação deste grau é um assunto que Jesus abordou no quarto tipo de solo mencionado na parábola, tema do próximo capítulo.

A PARÁBOLA DO SEMEADOR, PARTE 3

Mateus 13.8-9,18-23



> Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto: a cem, a sessenta e a trinta por um. Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça. […] Atendei vós, pois, à parábola do semeador. A todos os que ouvem a palavra do reino e não a compreendem, vem o maligno e arrebata o que lhes foi semeado no coração. Este é o que foi semeado à beira do caminho. O que foi semeado em solo rochoso, esse é o que ouve a palavra e a recebe logo, com alegria; mas não tem raiz em si mesmo, sendo, antes, de pouca duração; em lhe chegando a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza. O que foi semeado entre os espinhos é o que ouve a palavra, porém os cuidados do mundo e a fascinação das riquezas sufocam a palavra, e fica infrutífera. Mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve a palavra e a compreende; este frutifica e produz a cem, a sessenta e a trinta por um.

Após ter analisado, no último capítulo, a porção da parábola do semeador que tem como foco os três tipos de solos infrutíferos, pretendo agora considerar o quarto tipo de solo: o que produz frutos em graus variados. Mateus relata que Jesus disse: **Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto: a cem, a sessenta e a trinta por um. Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça.** (v. 8-9). Em seguida, ao explicar este tipo de solo, ele disse: **Mas o que foi semeado em boa terra é o que ouve a palavra e a compreende; este frutifica e produz a cem, a sessenta e a trinta por um** (v. 23).

Seria fácil ler esta parábola e inferir que a terra boa faz referência às pessoas boas. Isto, entretanto, levaria à terrível conclusão de que os crentes são salvos por serem inteligentes ou justos o bastante para ouvir a

Palavra de Deus e, também, por compreenderem-na o suficiente para reagir de maneira positiva. No entanto, qualquer um que conheça minimamente a Palavra de Deus deve rejeitar tal pensamento. Jesus não estava falando de pessoas boas aqui.

Alguém poderia objetar: "Mas RC, você disse que os diversos tipos de solo na parábola de Jesus representam os tipos de pessoas. A terra boa, portanto, não deveria representar as pessoas boas?" É verdade que Jesus chama este grupo de "boa terra", mas o que será que a tornou boa? Sabemos, por meio das Escrituras, que a Palavra de Deus alcança pessoas que não são boas, pessoas que estão mortas em ofensas e pecados (Ef 2.1). Todos nós estamos nesta condição por natureza, mas alguns escutam a Palavra de Deus. Por quê? Por que alguns indivíduos mortos em ofensas e pecados ouvem a Palavra de Deus ao passo que outros, também mortos em ofensas e pecados, a rejeitam? Será que aqueles que a escutam são pessoas melhores?

É óbvio que, se uma pessoa estiver espiritualmente morta, algo deve acontecer a ela para que possa se apoderar da Palavra e reagir com frutos à pregação do reino de Deus. Se nada acontecer para mudar sua condição, ela permanecerá morta neste sentido, com ouvidos que não podem ouvir e olhos que não podem ver.

Certo dia, quando eu estava no seminário, um dos meus professores escreveu cinco palavras no quadro negro, as quais mudaram minha teologia para sempre. Ele escreveu: *a regeneração precede a fé*. Se existe alguma afirmação que distingue a teologia reformada de todos os outros sistemas de crença do mundo, é esta. Nem mesmo a grande maioria dos cristãos evangélicos acredita nesta declaração. Eles invertem a ordem das palavras, deixando-as assim: *a fé precede a regeneração*. Tais cristãos acreditam que o indivíduo nasce de novo pelo exercício da fé no coração. Eu pensei assim por, pelo menos, cinco anos, até aquele dia de aula no

seminário em que meu professor escreveu as cinco palavras no quadro negro e explicou o que queria dizer com elas.

A ordem da salvação

Quando eu falo sobre a precedência da regeneração à fé, estou falando sobre aquilo que, na teologia, chamamos de *ordo salutis*; isto é, a ordem da salvação, a ordem em que as coisas acontecem para nos levar a um estado de salvação. Paulo faz uma breve síntese desta ordem: "Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou" (Rm 8.29-30). Como você pode ver, existe uma ordem, uma sequência.

Quando falamos sobre a ordem destas coisas, estamos discutindo não tanto uma ordem temporal, mas uma ordem lógica. Qual é a diferença? Quando alegamos ser justificados pela fé, queremos dizer que, na ordem da salvação, a fé vem antes da justificação. Quanto tempo antes? Por quanto tempo devemos exercer fé salvadora antes que Deus nos justifique? Cinco minutos? Cinco dias? Cinco meses? Cinco anos? Nenhuma destas opções. No momento em que a verdadeira fé passa a existir em nossa alma, a justificação já está presente ali. No entanto, do ponto de vista lógico, a fé vem antes da justificação no sentido que a justificação depende da fé. Da mesma forma, eu não creio que haja um intervalo entre a regeneração e a fé. Contudo, se estivermos falando sobre qual elemento depende de qual, a grande maioria dos cristãos acredita que a fé logicamente precede a regeneração.

Quando me tornei cristão, comecei a ler o Novo Testamento pela primeira vez. Em pouco tempo, cheguei a João 3, ao relato do apóstolo sobre Nicodemos indo ter com Jesus à noite, dizendo-lhe: "Rabi, sabemos que és Mestre vindo da parte de Deus; porque ninguém pode

fazer estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele" (v. 2). Jesus respondeu a Nicodemos: "Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus" (v. 3). Nicodemos, confuso, perguntou: "Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?" (v. 4). Neste ponto, eu pensei: "O que há de errado com você, Nicodemos?" Quando li o texto pela primeira vez, meu coração pulou de alegria. Eu disse para mim mesmo: "Eu sei do que Jesus está falando aqui. Eu sei o que significa nascer de novo. Eu já passei por isso, e minha vida inteira mudou." Mesmo assim, se você me perguntasse na época o que havia ocasionado meu novo nascimento, eu responderia: minha crença na Palavra de Deus e minha fé em Cristo. Eu teria contado o que eu mesmo havia feito.

Então, chegou aquele dia de aula no seminário em que eu tive a oportunidade de estudar João 3 sob a tutela de um dos maiores teólogos dos Estados Unidos na época. Ele me mostrou que o novo nascimento é obra de Deus Espírito Santo sozinho; não se trata de uma iniciativa conjunta do crente e de Deus. A regeneração é um ato sobrenatural imediato pelo qual Deus muda a disposição do coração do homem e desperta-o para a vida espiritual. As pessoas espiritualmente mortas não são capazes de sequer participar desta operação. É algo que somente Deus pode fazer.

Portanto, Jesus estava dizendo a Nicodemos que, se ele não nascesse de novo, não veria o reino de Deus e muito menos entraria nele. O primeiro passo de todos é uma iniciativa divina, uma obra sobrenatural da graça. Paulo descreve esta obra: "Ele vos deu vida, estando vós mortos nos vossos delitos e pecados" (Ef 2.1).

Esta é a questão. Por natureza, não há terra fértil em nosso coração. Nada há em nós que possibilite às sementes da Palavra de Deus germinar

e criar raízes. A única coisa que temos para oferecer é a carne, e a carne para nada aproveita (Jo 6.63).

Voltando a João 3, observe como Jesus continuou sua discussão com Nicodemos: "Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espírito é espírito" (v. 5-6). Jesus não estava tentando ser redundante ao dizer: "O que é nascido da carne é carne". Ele estava mostrando a Nicodemos que aquilo que é nascido da carne não é uma mistura de espírito e carne. É apenas carne; é natureza humana caída, corrupta, sem qualquer traço de bondade em si. O Espírito é quem deve efetuar o novo nascimento.

Mais tarde, Jesus disse: "ninguém poderá vir a mim, se, pelo Pai, não lhe for concedido" (6.65b). Ele explicou a situação humana no que tange à capacidade de receber as sementes da Palavra e produzir uma safra frutífera. Ao afirmar que "ninguém *poderá*", Jesus estava falando de capacidade. Ninguém tem o poder ou a capacidade de ir a Cristo a menos que algo lhe aconteça primeiro. O Pai precisa conceder a capacidade de crer. Em suma, o Pai torna a terra boa a fim de que ela seja receptiva às sementes.

Se você foi até Cristo, ouviu sua voz e aceitou-o como Salvador, fez tudo isso não na carne, não por ser "boa terra" em si mesmo; mas porque Deus, em sua misericórdia e graça, agradou-se em transformar seu coração e conceder-lhe fé, com a qual você pôde crer. A boa terra é o coração regenerado pelo Espírito Santo. Quando o Espírito opera esta obra, o coração ouve a Palavra de Deus, a qual cria raízes e produz frutos.

Santificação: uma atividade conjunta

Ao concluir a explicação da parábola, Jesus fez referência à santificação. Isto se deu quando ele falou sobre os diferentes graus em que a semente frutifica quando cai em terra boa. Todo aquele que recebe

a Palavra de Deus produz frutos. Quem é verdadeiramente regenerado, quem realmente tem fé, é frutífero. Contudo, nem todos os regenerados produzem os mesmos frutos. É por isso que Jesus distinguiu três níveis diferentes de fertilidade: "a cem, a sessenta e a trinta por um" (v. 23b).

Por que existe essa variação? Por culpa de Deus? Sua obra de regeneração é mais extensiva em alguns do que em outros? De modo algum. A obra de regeneração do Espírito é uniforme; ela não difere de pessoa para pessoa. Ela simplesmente leva o indivíduo da morte espiritual para a vida espiritual. Há duas posições e nada entre elas.

A regeneração, entretanto, é apenas o primeiro passo. O restante do viver cristão, à medida que crescemos na graça e na santificação, é uma atividade conjunta. Deus trabalha, e nós trabalhamos com ele. Vemos isso claramente quando Paulo escreve: "desenvolvei a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a sua boa vontade" (Fp 2.12b-13). Neste cenário, fica claro que Deus está trabalhando e que nós também estamos. Isso acontece porque Paulo está falando sobre santificação, que é um processo cooperativo, e não de regeneração, uma obra somente de Deus.

Com base nisso, é fácil entender por que algumas pessoas são mais frutíferas do que outras. Algumas cooperam com Deus em sua santificação mais do que outras. Algumas são mais disciplinadas do que outras. Algumas são mais diligentes do que outras. Algumas se esforçam mais para crescer como cristãs do que outras. Algumas sementes produzem 30 alqueires de frutos para cada alqueire plantado, mas outras produzem 60 alqueires; outras, ainda, produzem a fantástica quantia de 100 alqueires. Assim acontece com os crentes. Por outro lado, alguns cristãos limitam-se a produzir uma quantidade ínfima de frutos.

Um dos fatores-chave que influenciam o grau de nossa fertilidade é o uso que fazemos dos meios da graça. Cada vez que faltamos por vontade própria à classe dominical, perdemos a graça que Deus estende aos seus

adoradores, e isso nos afeta em termos de produtividade. Cada vez que desperdiçamos uma oportunidade de ser alimentados pela graça de Deus na oração, no estudo bíblico, na comunhão ou nos sacramentos, há consequências eternas. Haverá uma quantia equivalente de frutos a menos em nossa vida.

Deve ser nosso desejo e prazer, como cristãos, frutificar o máximo possível. Nós nos reunimos para ter comunhão, adorar e receber instruções quanto à verdade e à retidão a fim de sermos produtivos e frutíferos, agradando e glorificando nosso Deus.

A PARÁBOLA DO JOIO

Mateus 13.24-30,36-43



> Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo; mas, enquanto os homens dormiam, veio o inimigo dele, semeou o joio no meio do trigo e retirou-se. E, quando a erva cresceu e produziu fruto, apareceu também o joio. Então, vindo os servos do dono da casa, lhe disseram: Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Donde vem, pois, o joio? Ele, porém, lhes respondeu: Um inimigo fez isso. Mas os servos lhe perguntaram: Queres que vamos e arranquemos o joio? Não! Replicou ele, para que, ao separar o joio, não arranqueis também com ele o trigo. Deixai-os crescer juntos até à colheita, e, no tempo da colheita, direi aos ceifeiros: ajuntai primeiro o joio, atai-o em feixes para ser queimado; mas o trigo, recolhei-o no meu celeiro. […] Então, despedindo as multidões, foi Jesus para casa. E, chegando-se a ele os seus discípulos, disseram: Explica-nos a parábola do joio do campo. E ele respondeu: O que semeia a boa semente é o Filho do homem; o campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do maligno; o inimigo que o semeou é o diabo; a ceifa é a consumação do século, e os ceifeiros são os anjos. Pois, assim como o joio é colhido e lançado ao fogo, assim será na consumação do século. Mandará o Filho do homem os seus anjos, que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes. Então, os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça.

Após a parábola do semeador, Jesus contou outra parábola com base em uma metáfora agrícola. No entanto, nesta segunda parábola – sobre o trigo e o joio – Jesus introduziu um elemento que, conforme veremos, será repetido várias vezes no restante do Evangelho de Mateus. Ele começou dizendo: "O reino dos céus é semelhante a […]". Desde o início de seu ministério, Jesus pregou sobre

tal reino (4.17), e este foi um tema importante no sermão do monte (5.3,10,19-20; 7.21). A partir daqui, entretanto, o reino passa a ser o foco principal das parábolas.

Diante desse novo enfoque, permita-me lembrá-lo de que as expressões "reino dos céus" e "reino de Deus" são sinônimas. Por ser judeu, Mateus era excessivamente consciencioso quanto ao uso do nome de Deus e, por este motivo, preferia referir-se ao reino dos céus. Por que, entretanto, esta expressão foi escolhida, e não outra? O reino de Deus é o domínio sobre o qual ele reina como Monarca soberano, mas o local original desse reino é o céu. Quando Jesus veio, ele anunciou a chegada do reino celestial a este mundo. Foi como se ele estivesse invadindo território inimigo, expandindo as fronteiras do céu. Logo, foi apropriado falar sobre a chegada desse reino.

Mateus diz: **Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um homem que semeou boa semente no seu campo; mas, enquanto os homens dormiam, veio o inimigo dele, semeou o joio no meio do trigo e retirou-se** (v. 24-25). A ação sobre a qual Jesus falou aqui – de semear joio, ou erva daninha, no campo de outro agricultor – era uma forma que as pessoas no mundo antigo tinham de se vingar dos inimigos. Além de semear ervas daninhas, elas, às vezes, salgavam o campo; tudo na tentativa de atrapalhar a colheita. Este tipo de atividade era um problema tão grande, que o governo romano estipulou punições para aqueles que fossem pegos no ato.

Em seguida, Jesus disse: **E, quando a erva cresceu e produziu fruto, apareceu também o joio** (v. 26). Os agricultores vingativos costumavam semear uma espécie de erva daninha cuja semente era quase idêntica à do trigo. No início, todos os brotos aparentavam ser iguais, de modo que não era possível discernir a presença do joio no meio do trigo a olho nu. Porém, conforme as plantas se desenvolviam, as ervas daninhas logo se tornavam aparentes.

O servos levaram a má notícia ao mestre: **Então, vindo os servos do dono da casa, lhe disseram: Senhor, não semeaste boa semente no teu campo? Donde vem, pois, o joio? Ele, porém, lhes respondeu: Um inimigo fez isso** (v. 27-28a). Os servos não conseguiram entender o que estava acontecendo, mas o mestre, sim. Ele sabia que havia semeado boas sementes; logo, as ervas daninhas só poderiam ser obra de um inimigo.

Jesus prosseguiu, dizendo: **Mas os servos lhe perguntaram: Queres que vamos e arranquemos o joio? Não! Replicou ele, para que, ao separar o joio, não arranqueis também com ele o trigo. Deixai-os crescer juntos até à colheita, e, no tempo da colheita, direi aos ceifeiros: ajuntai primeiro o joio, atai-o em feixes para ser queimado; mas o trigo, recolhei-o no meu celeiro** (v. 28b-30). O mestre não fez qualquer tentativa de resolver o problema durante o crescimento da safra, a fim de que as plantas boas não fossem danificadas. Ele resolveu separar as espécies somente por ocasião da colheita, quando armazenaria o trigo e queimaria o joio.

O mundo ou a igreja?

Então, qual é o objetivo desta parábola? Felizmente, não precisamos adivinhar – assim como havia feito com a parábola do semeador, Jesus apresentou uma explicação para a parábola do trigo e do joio. Mateus escreve: **Então, despedindo as multidões, foi Jesus para casa. E, chegando-se a ele os seus discípulos, disseram: Explica-nos a parábola do joio do campo** (v. 36). Ao que parece, os discípulos ainda estavam se habituando a interpretar parábolas. Por isso, pediram-lhe uma explicação.

Mateus relata: **E ele respondeu: O que semeia a boa semente é o Filho do Homem; o campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do maligno; o inimigo que o semeou é o diabo; a ceifa é a consumação do século, e os ceifeiros são os anjos. Pois, assim como o joio é colhido e lançado ao fogo, assim será na consumação do século. Mandará o Filho do homem os seus anjos, que ajuntarão do seu reino todos os**

escândalos e os que praticam a iniquidade e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes. Então, os justos resplandecerão como o sol, no reino de seu Pai. Quem tem ouvidos [para ouvir], ouça. (v. 37-43). O que temos aqui, portanto, é uma imagem da obra de Jesus ("o Filho do homem"), um breve vislumbre de seu conflito com o diabo e algumas informações sobre o fim dos tempos.

Embora já tenhamos esta interpretação, existe um conflito milenar quanto ao verdadeiro significado da parábola. Será que ela se refere ao mundo em geral ou será que ela está falando especificamente sobre a igreja? Quando olhamos para os termos empregados na parábola, entendemos por que é difícil escolher entre estas duas opções. Não há qualquer argumento indicando que o semeador da parábola seja o próprio Cristo. Porém, lemos em seguida que "o campo é o mundo", o que leva alguns comentaristas a afirmar que Jesus estava falando sobre semear a semente do reino de Deus – a semente que produz o fruto da salvação – ao mesmo tempo em que o diabo semeia sua semente para atrapalhar o reino de Deus e estancar seu crescimento.

Esta é uma interpretação possível, mas o restante da parábola é nitidamente semelhante ao ensinamento de Jesus a respeito de um problema que sempre existirá dentro da igreja nesta era. Nós já vimos este terrível alerta no sermão do monte: "Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus" (7.21a). A muitos que o chamam de Senhor, ele dirá: "Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade" (v. 23). Este alerta foi claramente feito àqueles que professam a fé e, logo, fazem parte da igreja visível. No entanto, embora estejam dentro da igreja, não estão realmente no reino.

O problema passa a ser menos significativo quando nos damos conta de que, seja qual for o caso – mesmo se a parábola fizer referência ao plantio do reino no mundo ou ao plantio dentro na igreja – a aplicação é basicamente igual. A igreja é o lugar onde o reino de Deus é manifesto no

mundo. Quando Jesus deixou este mundo e ascendeu ao céu, a última pergunta que os discípulos lhe fizeram foi esta: "Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?" (At 1.6b). Jesus respondeu: "Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade" (v. 7). Em outras palavras, ele falou que a hora exata dos acontecimentos futuros não era da conta deles. A tarefa principal dos discípulos como parte da igreja visível era testificar a presença do reino de Deus (v. 8).

É importante notar que o diabo não precisa plantar novas sementes a fim de frustrar e obscurecer a presença do reino de Deus no mundo. O joio já está cobrindo o mundo. Parece, então, que Jesus quis dizer que o esforço de Satanás é no sentido de minar o reino ao plantar joio dentro da igreja.

No meu primeiro ano de cristianismo, aprendi uma poesia satírica que era mais ou menos assim:

> Sempre que Deus uma casa de oração edifica,
> O diabo também constrói uma capela.
> E, conforme depois se verifica,
> Esta tem congregação maior que aquela.[1]

Esses dois fatores, então, pesam na balança para mim, a saber: o que a Bíblia diz sobre pessoas na igreja que honram o Senhor com os lábios, mas cujo coração está longe dele, e aquilo que a parábola diz sobre a atividade do diabo. Creio que a parábola está falando principalmente sobre a presença do trigo e do joio dentro da igreja visível.

Igreja: um corpo misto

O grande Agostinho afirmava que a igreja presente no mundo é sempre um *corpus permixtum*, o que significa simplesmente "corpo misto". Ele estava dizendo que a igreja é uma mistura de cristãos verdadeiros e indivíduos que fizeram uma profissão de fé, mas que não

são realmente regenerados ou contados entre os eleitos. Por causa desta realidade, Agostinho também introduziu a importante distinção entre igreja visível e igreja invisível. A igreja visível refere-se a todas as pessoas cujo nome aparece nos registros de determinada congregação. Já a igreja invisível refere-se àquelas que são verdadeiramente salvas.

Muitas pessoas imaginam que, quando Agostinho apresentou o conceito de igreja invisível, ele estava falando dos indivíduos que consideram desnecessário fazer parte de uma igreja local. Há pessoas que alegam ser capazes de adorar a Deus sozinhas e, por isso, nunca são visíveis – isto é, nunca são vistas dentro de uma igreja. Talvez seja possível ser cristão e, ao mesmo tempo, demonstrar tamanho desprezo pela igreja local, mas tenho dúvidas a respeito disso. Todos os cristãos são chamados a ser membros de congregações, a se envolverem no corpo visível de Cristo. Naturalmente, há casos extremos de pessoas que fazem parte da igreja invisível, mas que não podem estar presentes na igreja visível. Um exemplo disso é alguém que se converte sozinho em um campo de prisioneiros, onde nenhuma expressão da igreja visível é permitida. No entanto, Agostinho argumentava que a igreja invisível existe substancialmente e principalmente dentro da igreja visível.

A igreja invisível é chamada de invisível porque o verdadeiro estado do coração, a verdadeira condição da alma – seja ela regenerada ou não – está além do escopo da visão, salvo da visão de Deus. Nós enxergamos as aparências, mas Deus vê o coração (1Sm 16.7). Ele conhece os que são seus. Logo, Agostinho afirmou que a igreja invisível é composta pelos eleitos de Deus, a quem ele ajuntou para si quando o Espírito Santo os regenerou e passou a transformá-los em conformidade com o Filho.

Se nós fazemos parte da igreja invisível, Deus ordena que demonstremos isso. Lemos: “Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis” (Mt 7.20). Podemos gerar frutos que indiquem nossa verdadeira presença no reino de Deus, mas, às vezes, o fruto produzido é

falso. Todos nós conhecemos alguém que, embora parecesse ser um cristão dedicado, acabou se desviando da fé e rejeitando tudo relacionado a ela. Como João diz, tais pessoas "saíram de nosso meio; entretanto, não eram dos nossos; porque, se tivessem sido dos nossos, teriam permanecido conosco" (1Jo 2.19a). A possibilidade de decepção sempre existe, pois não temos como saber o que há na alma dos outros.

Arrancar o joio?

Se a igreja é, de fato, composta por trigo e joio, logo nos deparamos com a questão da disciplina. Às vezes, na St. Andrew's (a congregação onde sirvo), o boletim inclui o aviso de que alguém foi excluído. Talvez você esteja coçando a cabeça neste momento e dizendo: "Eu achava que só a Igreja Católica Romana excomungava pessoas." Na verdade, toda igreja é responsável perante Deus por praticar tanto a autodisciplina quanto a disciplina interpessoal (veja Mateus 18). Quando a disciplina particular falha, a disciplina da igreja deve ser exercida, mesmo em igrejas protestantes e especialmente nos casos que envolvam um pecado muito público, escandaloso e prejudicial tanto aos próprios pecadores quanto às outras pessoas e ao corpo de Cristo.

Naturalmente, a disciplina da igreja não deve ser aplicada a cada transgressão ou falha dos membros. A igreja é feita de pecadores, então já se espera a ocorrência de um pecado ou outro. Além disso, somos informados, no Novo Testamento, de que "o amor cobre multidão de pecados" (1Pe 4.8). Nós devemos exercer tolerância e paciência uns em relação aos outros, sem aplicar a disciplina da igreja de imediato por sermos contenciosos e críticos. Estamos aqui para encorajar uns aos outros, orar uns pelos outros e edificar uns aos outros, não para destruir uns aos outros.

O objetivo da disciplina na igreja é duplo. Por um lado, ela é praticada a fim de purificar a igreja do escândalo. Mas, ainda mais importante, ela é praticada para recuperar irmãos que caíram em pecado grave por

muito tempo. Muitas transgressões diferentes podem exigir disciplina na igreja, mas existe apenas um pecado pelo qual alguém pode ser excluído do corpo de Cristo: a impenitência. Sempre que uma pessoa é disciplinada, há etapas ao longo do processo, e ela recebe oportunidades de se arrepender e ser restaurada a uma situação positiva na igreja. Caso não se arrependa durante as etapas da disciplina ou após múltiplas advertências, então – e somente então – ela é excluída. É claro, entretanto, que nem mesmo uma exclusão é definitiva. Se a pessoa eliminada do corpo de Cristo vier a se arrepender, ela poderá ser restaurada.

Podemos traçar a disciplina à igreja de Corinto, na época do Novo Testamento, a fim de saber como o processo se dava. Certa vez, houve um escândalo no qual um homem estava tendo relações sexuais com a mulher de seu pai, mas a congregação nada fez a respeito (1Co 5.2-3). Aparentemente, não houve qualquer exortação, admoestação ou exercício de disciplina. Quando o apóstolo Paulo ficou sabendo disso, escreveu aos coríntios e mandou-os lidar com a questão. Então, o homem incestuoso foi disciplinado. Ele foi entregue a Satanás; isto é, foi eliminado da igreja visível. Em outras palavras, foi excluído (v. 4-5). Depois disso, o homem se arrependeu, mas os coríntios proibiram-no de voltar à igreja. Paulo, portanto, precisou escrever outra carta. Ele disse, em outras palavras: “Primeiro, vocês foram frouxos demais; agora, estão sendo muito duros. O propósito da exclusão já foi alcançado. O homem arrependeu-se. Agora, restaurem-no à comunhão” (veja 2Co 2.5-11).

Esse é como se fosse um resumo da história da igreja. Às vezes, a igreja torna-se permissiva e faz vista grossa a qualquer tipo de comportamento. Em outras épocas, ela aperta as rédeas e executa uma verdadeira caça às bruxas. Foi por isso que, na parábola de Jesus, o proprietário proibiu os servos de separar o trigo e o joio antes do tempo da colheita: ele não queria que o trigo fosse prejudicado. Apenas em

circunstâncias extremas é que arrancamos o joio. Nós não procuramos arrancá-lo, muito embora saibamos que ele está ali.

O fato de haver tanto salvos quanto não salvos nos bancos da igreja aos domingos é um dilema para os pastores. Eles se perguntam em qual grau deve haver evangelismo na pregação e em qual grau deve haver alimento. Algumas igrejas fazem apelo todos os domingos de manhã. No entanto, a finalidade da adoração nesse momento é a comunhão dos santos. Essa não é uma hora destinada aos incrédulos; há outras oportunidades e programas de evangelismo. Com isso em mente, eu enfatizo a exposição bíblica em minha pregação, a fim de que o trigo que está sob meus cuidados possa crescer em santificação e compreensão das coisas de Deus.

Contudo, à luz desta parábola, eu reconheço que há joio presente na igreja todos os domingos e que ele precisa ouvir o evangelho. Por esta razão, procuro incluir elementos de evangelismo em minha pregação de vez em quando. Se o Senhor quiser, espero conseguir tanto alimentar o trigo quanto ver o joio ser convertido.

[1] DANIEL DEFOE (1661-1731). *The True-Born Englishman*: A Satire.

O GRÃO DE MOSTARDA E O FERMENTO

Mateus 13.31-35



> Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e plantou no seu campo; o qual é, na verdade, a menor de todas as sementes, e, crescida, é maior do que as hortaliças, e se faz árvore, de modo que as aves do céu vêm aninhar-se nos seus ramos. Disse-lhes outra parábola: O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado. Todas estas coisas disse Jesus às multidões por parábolas e sem parábolas nada lhes dizia; para que se cumprisse o que foi dito por intermédio do profeta:
>
> Abrirei em parábolas a minha boca;
> publicarei coisas ocultas desde a criação [do mundo].

Estamos no meio de uma seção do Evangelho de Mateus que registra uma série de parábolas de Jesus cujas palavras iniciais são: "O reino dos céus é semelhante a […]." Eu esperava que Jesus comparasse o reino a coisas nobres e grandiosas. Ele poderia ter dito: "O reino dos céus é como uma imensa cordilheira em sua força" ou "O reino dos céus é como o oceano em largura e profundidade". Em vez disso, ele escolheu compará-lo a coisas inesperadamente comuns. As duas breves parábolas que pretendo considerar no presente capítulo são exemplos disso: Jesus compara o reino a grãos de mostarda e a fermento. À primeira vista, estas parecem ser escolhas muito estranhas para uma comparação ao reino de Deus, mas, com um pouco de reflexão, é possível ver a genialidade por trás delas.

Mateus diz: **Outra parábola lhes propôs, dizendo: O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e plantou no seu campo; o qual é, na verdade, a menor de todas as sementes** (v. 31-32a). Os críticos têm censurado duramente esta declaração de Jesus nos últimos anos, utilizando-a para questionar a autoridade e a infalibilidade da Bíblia, bem como a confiabilidade dos ensinamentos de Cristo. Segundo eles, esta é uma ocasião em que o próprio Jesus – e não somente as Escrituras – cometeu um erro grave. Qual seria o erro terrível? Jesus afirmou que a semente de mostarda é a menor de todas, mas sabemos que há sementes menores do que ela.

Antes de jogarmos a Bíblia no lixo por causa do tamanho relativo de uma semente, quero me certificar de que nós não estamos perdendo de vista o que Jesus está dizendo aqui. É possível classificar as sementes em três categorias: sementes pequenas, sementes menores e sementes mínimas. A semente de mostarda pertence à terceira categoria, a categoria do menor tamanho. Ela é, sem dúvida, uma das menores sementes de todas, mesmo não sendo *a* menor. Porém, Jesus referiu-se a ela como a menor porque estava empregando um mecanismo literário conhecido como hipérbole, o uso intencional de exagero para elaborar um argumento. Ele fez isso muitas vezes ao longo de seu ministério.

Nós ouvimos, lemos e até mesmo usamos hipérbole o tempo todo, sem escrúpulos. Por exemplo, quando um time profissional ganha o campeonato e volta para casa, ele costuma fazer um desfile pela cidade de origem. Nestas ocasiões, os jornais locais escrevem coisas do tipo: "Toda a cidade parou para receber o time". Ninguém cancela a assinatura do jornal ao ler isso por considerá-lo culpado de imprecisão intencional. Qualquer ser humano sensato que lê uma notícia dessas compreende que o jornalista está querendo dizer outra coisa com "toda a cidade". Ele não está afirmando que até o último habitante foi assistir ao desfile, mas apenas que um grande número compareceu.

Jesus estava dizendo aos ouvintes que o reino o qual viera anunciar e inaugurar era minúsculo naquele momento. Seus cidadãos resumiam-se a Jesus e seus discípulos. Em comparação com as outras religiões e seitas do império romano na época – os deuses e as deusas do Panteão de Roma, a seita de Mitra, as religiões de mistério que abundavam na região do Mediterrâneo (todos os quais desapareceram da face da terra) – o reino dos céus parecia insignificante. Ele era tão pequeno, que era quase invisível. Esta foi a intenção de Jesus ao comparar o reino a uma semente de mostarda.

Pequeno, mas em crescimento

No entanto, Jesus acrescentou: **"e, crescida, é maior do que as hortaliças, e se faz árvore, de modo que as aves do céu vêm aninhar-se nos seus ramos"** (v. 32b). Era como se Jesus estivesse dizendo: "Sim, o reino é minúsculo agora, mas esperem. A semente de mostarda mal pode ser vista quando colocada na terra; porém, depois, começa a crescer e se expandir até se tornar uma árvore grande o suficiente para servir de ninho às aves. Assim será o reino de Deus."

No final da década de 1990, eu e minha esposa, Vesta, dirigíamos um estudo bíblico em casa. Menos de dez pessoas compareciam regularmente. Certa noite após o estudo, algumas delas vieram até mim e perguntaram:

— RC, por que não fundamos uma igreja e colocamos você como pastor?

Eu dei risada. Respondi:

— Eu tenho um emprego. Na verdade, tenho dois; leciono no seminário em tempo integral e trabalho, também em tempo integral, no ministério Ligonier. Há um limite de empregos em tempo integral que uma única pessoa pode ter. Desculpem-me, mas isso simplesmente não é uma opção.

Então, elas disseram:

— Bem, você poderia pelo menos orar sobre o assunto?

É isso o que dizemos a alguém quando pedimos algo, e a pessoa diz não. Eu concordei. Quanto mais orava e pensava sobre aquilo, entretanto, mais percebia como minha vida era vazia por estar envolvido apenas no ensino da verdade de Deus e não na pregação regular da Palavra a uma congregação. Uma semana depois, quando nos reunimos mais uma vez para o estudo bíblico, elas me perguntaram se eu tinha orado sobre o assunto e se estava disposto a exercer a função. Respondi que sim, mas sob a condição de ser responsável apenas pela pregação e pelo ensino, deixando a outros o pastorado, a fim de que eu tivesse tempo para minhas outras responsabilidades. Além disso, sugeri:

— Não vamos chamar o lugar de igreja. Vamos chamar de capela, porque ele tem de permanecer pequeno.

Assim, a capela St. Andrew's foi fundada com mais ou menos 30 membros.

Existe o seguinte conceito no mundo dos negócios: ao planejar o que farão, as pessoas tendem a sobrestimar o que conseguem realizar em um ano e a subestimar o que conseguem realizar em cinco anos. Eu não tinha ideia do que aconteceria à capela St. Andrew's cinco ou dez anos depois, mas, desde então, nós já construímos um santuário, ficamos grandes demais para ele e tivemos de edificar outro. Temos mais de 1.000 membros hoje. Nunca, em meus mais ousados sonhos, eu havia imaginado tal coisa. Em 2011, acabei sugerindo que retirássemos a palavra *capela* do nome porque, apesar das minhas intenções, aquele lugar não permaneceria pequeno.

O crescimento da St. Andrew's nada acrescenta à cronologia da história da igreja. Em termos cósmicos, seu crescimento é insignificante. No entanto, ele reflete a verdade daquilo que Jesus disse. Embora tenha começado pequena, nossa igreja cresceu além do que eu poderia

imaginar. É isso o que Jesus estava dizendo aos discípulos: que o reino dos céus se tornaria algo inimaginável.

Se considerarmos a situação do reino de Deus sob a perspectiva da cultura ocidental no século 21, ele pode aparentar estar em declínio, não em crescimento. Na Europa ocidental, a média de comparecimento aos cultos dominicais é de aproximadamente dois por cento da população. As grandes catedrais tornaram-se, nas palavras dos céticos, mausoléus de um Deus morto. Dizem os historiadores que os Estados Unidos entraram na era pós-cristã e que o cristianismo, se não estiver morto, é irrelevante. O governo federal norte-americano declarou independência de Deus, pois interpretou a separação entre a igreja e o Estado como a autonomia do Estado em relação a Deus. Por isso, os assuntos divinos são banidos das praças públicas, das escolas, dos salões do Congresso e dos tribunais. A igreja parece ter caído no esquecimento, salvo quando ocorre uma catástrofe nacional com as proporções dos ataques terroristas de 11 de setembro. Em tais situações, as igrejas são revisitadas por um breve período até o pânico diminuir.

No entanto, nós não podemos obter uma imagem real da saúde do cristianismo no século 21 olhando apenas para o ocidente. Temos de olhar para outros lugares. O reino dos céus está experimentando um crescimento explosivo em locais como China, Coreia, Japão, América do Sul, Europa oriental, Austrália e muitas regiões da África. Em muitas destas localidades, o cristianismo tornou-se uma influência dominante na cultura, tal como aconteceu no ocidente durante 2.000 mil anos.

Lembrei disso alguns anos atrás quando visitei o Rijksmuseum em Amsterdã, nos Países Baixos, um dos meus museus preferidos do mundo inteiro. Ali está a maior coleção de Rembrandt de todas. Em suas pinturas, e, a bem da verdade, em todas as coleções de arte clássica do Rijksmuseum, a maioria dos temas é de natureza bíblica. O mesmo

ocorre no Louvre, em Paris: vemos paisagens maravilhosas, pinturas de natureza morta e esculturas, mas a maioria dos temas é bíblica.

A contribuição dos cristãos na arte é enorme, bem como na música e na literatura. Sem a igreja cristã, não teria havido Bach, Mozart, Beethoven ou Händel. O cristianismo foi o berço da música erudita, a qual influenciou o mundo ocidental. Da mesma maneira, se excluíssemos a Bíblia de Genebra, talvez não teria havido Shakespeare, os peregrinos, a colônia de Plymouth ou o pacto do Mayflower. Será que os Estados Unidos da América existiriam? Quem saberá dizer?

O que podemos afirmar, sem qualquer sombra de dúvida, é que o reino dos céus começou pequeno, mas cresceu enormemente nos últimos 2.000 anos. Ele se expandiu para todas as nações presentes na face da terra – e continua a crescer.

Escondido, mas em ação

Mateus, em seguida, escreve: **Disse-lhes outra parábola: O reino dos céus é semelhante ao fermento que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até ficar tudo levedado** (v. 33). Nesta breve parábola, Jesus comparou o reino dos céus ao fermento no contexto da culinária. Os judeus costumavam pegar um pedaço de pão e colocá-lo em uma porção de massa nova, o que provocava fermentação o suficiente para que o bolo todo crescesse. Jesus falou sobre uma mulher que estava realizando esta tarefa, mas observe a palavra empregada: ele disse que ela "escondeu" o fermento na massa. Com isso, Jesus expressava que o reino dos céus estava escondido à vista da maioria das pessoas naquele momento, mas que, apesar disso, estava atuando.

Mateus, em seguida, afasta-se de seu papel de relator e volta a assumir a função de comentarista: **Todas estas coisas disse Jesus às multidões por parábolas e sem parábolas nada lhes dizia; para que se cumprisse o que foi dito por intermédio do profeta: Abrirei em parábolas a minha boca;**

publicarei coisas ocultas desde a criação [do mundo] (v. 34-35). Mateus quis enfatizar como Jesus dependia imensamente da utilização de parábolas naquele ponto de seu ministério. Nas palavras do evangelista, *todos* os ensinamentos de Jesus na época eram transmitidos por intermédio de parábolas. Além disso, ele faz mais uma associação para mostrar como Jesus cumpriu as profecias – neste caso, com o uso de parábolas. Ele nos diz que esta metodologia de ensino foi um cumprimento do Salmo 78.2.

Você já ficou desanimado por causa da secularização da sociedade ao seu redor? Você, às vezes, se sente deslocado por estar na igreja aos domingos pela manhã enquanto seus amigos e vizinhos estão no campo de golfe, na praia ou dormindo? Eles não sabem o que estão perdendo. Você está no meio do reino dos céus. Sempre que os crentes se reúnem em nome de Cristo com o propósito de adoração pública, nós experimentamos um pouco do reino de Deus. Em breve, provaremos o banquete todo.

TRÊS PARÁBOLAS

Mateus 13.44-58



O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo. O reino dos céus é também semelhante a um que negocia e procura boas pérolas; e, tendo achado uma pérola de grande valor, vende tudo o que possui e a compra. O reino dos céus é ainda semelhante a uma rede que, lançada ao mar, recolhe peixes de toda espécie. E, quando já está cheia, os pescadores arrastam-na para a praia e, assentados, escolhem os bons para os cestos e os ruins deitam fora. Assim será na consumação do século: sairão os anjos, e separarão os maus dentre os justos, e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes. Entendestes todas estas coisas? Responderam-lhe: Sim! Então, lhes disse: Por isso, todo escriba versado no reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu depósito coisas novas e coisas velhas. Tendo Jesus proferido estas parábolas, retirou-se dali. E, chegando à sua terra, ensinava-os na sinagoga, de tal sorte que se maravilhavam e diziam: Donde lhe vêm esta sabedoria e estes poderes miraculosos? Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas? Não vivem entre nós todas as suas irmãs? Donde lhe vem, pois, tudo isto? E escandalizavam-se nele. Jesus, porém, lhes disse: Não há profeta sem honra, senão na sua terra e na sua casa. E não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles.

Em janeiro de 1980, nós morávamos nas montanhas da região oeste da Pensilvânia. Um amigo meu, corretor de imóveis, contou-me que havia cerca de 25 hectares de terra arborizada nas proximidades que estavam sendo praticamente doados por causa de um processo de divórcio. O preço oferecido era de US$ 80 por hectare. Ele me convidou a dividir aquele terreno, e eu concordei. Algumas semanas depois da compra, colocamos uma placa de "vende-se" pedindo US$ 160

por hectare e esperamos para ver o que aconteceria.

Certa noite, bateram à porta. Abri e deparei-me com dois desconhecidos vestindo uniforme de trabalho. Por estar muito frio do lado de fora, convidei-os para entrar. Após trocarmos amenidades, eles me disseram que estavam interessados na propriedade. Explicaram que estavam envolvidos em operações de mineração a céu aberto e que haviam encontrado uma imensa camada de carvão que saía de West Virginia, passava por Pittsburgh e ia até as montanhas onde morávamos. Eles nos disseram que estavam praticamente certos de que havia duas grandes camadas de carvão abaixo da propriedade que estávamos tentando vender. Então, se sentaram no tapete da minha sala de estar com suas pranchetas e seus papeis e fizeram um esboço do terreno, mostrando as camadas de carvão de cuja existência estavam certos. Eles queriam minha permissão para perfurar o solo a fim de confirmar suas expectativas. Além disso, explicaram-me que, caso encontrassem mesmo aquelas camadas, minha parte no lucro equivaleria a US$ 2 milhões. Eu, portanto, prontamente lhes dei permissão para fazer o teste.

Alguns dias depois, eles me chamaram, disseram que estavam prontos para dar início à perfuração e convidaram-nos para acompanhar o acontecimento. Eu e meu amigo tivemos de nos arrastar através de uma camada de 60 cm de neve até chegar ao local onde eles haviam montado a aparelhagem. A máquina estava em pleno funcionamento, e terra espirrava do chão conforme a broca penetrava cada vez mais a fundo. De repente, um material preto começou a jorrar em abundância do meio do solo. O operador desligou a broca, desceu da máquina e pegou um punhado daquele material. Em seguida, levou um pouco à boca e o mordeu. Naquele instante, começou a dançar e gritar:

— É carvão! Achamos carvão!

Como você pode imaginar, eu assisti a tudo aquilo muito feliz por ser o mais novo membro do clube dos milionários.

Minha experiência como milionário, entretanto, durou apenas cerca de 15 minutos. Depois que os homens terminaram a perfuração, a broca logo começou a lançar terra de novo em vez de carvão. O operador desceu, analisou a situação e, então, me disse:

— Desculpe, mas esta camada de carvão tem apenas 2,5 cm de espessura. Aquela que havíamos encontrado deve ter se aprofundado e não emergiu nesta propriedade.

Eles me agradeceram por permitir a perfuração, guardaram seus equipamentos e foram embora.

Então, eu e meu amigo deixamos aquilo para lá. Algumas semanas depois, vendemos o lote a US$ 160 por hectare. Eu obtive um bom lucro com a venda, mas muito menos do que os US$ 2 milhões mencionados pelos homens do carvão.

Cerca de um mês depois, passei de carro pela propriedade. Notei que ela estava coberta por escavadeiras gigantes e caminhões enormes, cheios de carvão. Eu disse à minha esposa:

— Fomos enganados.

O operador havia comprado a terra para ter toda a posse do carvão, o qual estava escondido sob a superfície.

O verdadeiro tesouro

Conto essa história porque ela é a única em minha vida parecida com a parábola de Jesus sobre o tesouro escondido no campo. Segundo Mateus, ele disse: **O reino dos céus é semelhante a um tesouro oculto no campo, o qual certo homem, tendo-o achado, escondeu. E, transbordante de alegria, vai, vende tudo o que tem e compra aquele campo** (v. 44). No mundo antigo, não havia bancos, cofres ou afins. O procedimento normal para se esconder e proteger objetos de valor era enterrá-los em um lugar secreto. A lei da terra previa que, caso uma pessoa se deparasse com bens enterrados, ela teria direito à propriedade onde os encontrara –

a menos que estivesse a serviço do proprietário do lote. Neste caso, a única forma de colocar as mãos nos objetos de valor seria comprando o terreno. Este é o cenário a que Jesus se referia na parábola. Por ter encontrado um tesouro escondido no campo, o homem vendeu tudo o que tinha a fim de conseguir fundos para adquirir o terreno e, assim, obter posse do tesouro.

No capítulo anterior, nós examinamos duas parábolas que falam sobre crescimento. Jesus afirmou que o reino dos céus é como um grão de mostarda e como o fermento. Com isso, ele estava dizendo que o reino era pequeno e oculto, mas que, além de estar atuando, cresceria além de todas as expectativas no devido tempo. Já o tema da parábola do tesouro escondido é valor. Jesus explicou que o reino dos céus é um tesouro pelo qual vale a pena abrir mão de tudo o que se tem. Tudo o que o homem possui – suas propriedades, a riqueza que acumulou durante a vida inteira – nada vale em comparação ao reino.

Em seguida, Jesus contou outra parábola que transmite a mesma mensagem: **O reino dos céus é também semelhante a um que negocia e procura boas pérolas; e, tendo achado uma pérola de grande valor, vende tudo o que possui e a compra** (v. 45-46). Aqui, o homem é um comerciante no ramo de compra e venda de pérolas. Na antiguidade, não havia pérolas artificiais como é comum hoje em dia; logo, as pérolas eram uma mercadoria extremamente rara e preciosa. Somos informados de que cada um dos portões da nova Jerusalém será feito de uma única pérola (Ap 21.21), por causa do extremo valor deste tipo específico de pedra preciosa. O comerciante na parábola de Jesus procura em todos os lugares uma pérola excelente que, de tão lustrosa e magnífica, supere todas as outras pérolas em valor. Quando a encontra, está disposto a se desfazer de tudo o que possui a fim de obtê-la. Mais uma vez, o argumento de Jesus era que aquilo que o homem faz por uma pérola

valiosa é exatamente o que o crente deve fazer para ganhar o reino. O reino vale muito mais do que tudo o que se possa ter.

Na economia, existe uma teoria conhecida como teoria subjetiva do valor. De acordo com ela, o valor não é inerente ao objeto, mas é atribuído pelo indivíduo. Em outras palavras, uma pessoa não pode dizer a outra quão valioso determinado objeto é, pois as duas necessariamente atribuirão valores diferentes a ele. É isto o que possibilita os negócios. Quando o comerciante valoriza seus calçados mais do que eu os valorizo, eu não os compro. É simples assim. Não existe valor objetivo para um par de sapatos.

Eu me lembrei dessa teoria quando estava comprando um carro recentemente. Encontrei um modelo de que gostei e conversei com o vendedor. Quando estávamos prestes a concluir a venda, entretanto, fomos ver o valor de troca do meu carro, e eu não fiquei feliz com o preço oferecido. Então, ele pegou um livrinho e mostrou:

— Este é o valor do seu carro.

Respondi:

— Esse pode ser o valor do meu carro para *você*, mas não é o valor do meu carro para *mim*.

Continuei andando e encontrei uma concessionária que oferecia US$ 2.000 a mais pelo meu carro do que a primeira. Veja, portanto, que o valor de um objeto tem a ver com o grau de estima e apreço que temos por ele.

Análise de valores

Tenho notado uma confusão cada vez maior em nossa cultura entre os termos ética e *valor*. Ética tem a ver com os padrões objetivos do que é bom. Contudo, vivemos em uma cultura que repudia qualquer objetividade no que diz respeito à ética. As pessoas dizem que não há absolutos, que não há normas transcendentes ditando o que é certo e errado. Pelo contrário, o que é certo e errado é determinado pelas

preferências individuais, ou seja, pelo sistema de valores de cada um. No entanto, ética e valores se cruzam na mente de Deus, e nossa tarefa como cristãos durante todo o curso de nossa santificação é ajustar nosso sistema de valores ao sistema de valores de Deus. Quando a Bíblia nos diz para buscarmos a mente de Cristo (1Co 2.16), ela quer dizer que nós devemos apreciar aquilo que ele aprecia e abominar aquilo que ele abomina. Segundo estas parábolas, uma das coisas que ele mais aprecia é o reino dos céus. Ele é tão precioso à vista de Deus, que as pessoas em perfeito juízo fazem bem em vender tudo o que possuem para obtê-lo.

À luz deste ensinamento de Jesus, fica evidente que somos chamados a rever nossos valores, a considerar aquilo que mais apreciamos. Eu o incentivo a se questionar da seguinte forma: "O que será que eu mais aprecio no mundo? Minha esposa? Meu marido? Meus filhos? Minha casa? Meu carro? Meu trabalho? Minha redenção?" Em outra ocasião, Jesus fez alguns questionamentos sérios sobre valor: "Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?" (Mt 16.26). Os protagonistas nas parábolas do tesouro escondido e da pérola de grande valor alcançaram aquilo que desejavam ao abrir mão de todos os bens que possuíam. No entanto, não há bens suficientes no mundo para pagar a alma de um homem. O que você daria em troca de sua alma? Qual o preço você atribuiria a ela?

Sempre que vou a algum lugar, gosto de observar as pessoas. Eu gosto de imaginar no que elas estão pensando. Às vezes, quando as vejo apressadas, concentradas e cheias de energia, penso: "Será que elas já ouviram falar sobre o reino dos céus? Será que se importam com ele? Ou será que estão tão tomadas pelas pressões, pelas responsabilidades e pelos fardos da vida, que nunca pararam para se perguntar por que estão aqui, por que estão vivas?" Esta é a pergunta mais antiga dos filósofos: "Por que estou aqui?" Todavia, há milhões de pessoas no mundo que

não têm a menor ideia da existência do reino de Deus. Ele permanece tão oculto quanto o tesouro da parábola antes de ser descoberto. Essas pessoas não fazem ideia da preciosidade que estão deixando passar.

Qual reino?

Mateus diz que Jesus, em seguida, mudou o foco. Ele contou uma terceira parábola cujo objetivo básico era exortar e fazer um alerta: **O reino dos céus é ainda semelhante a uma rede que, lançada ao mar, recolhe peixes de toda espécie. E, quando já está cheia, os pescadores arrastam-na para a praia e, assentados, escolhem os bons para os cestos e os ruins deitam fora. Assim será na consumação do século: sairão os anjos, e separarão os maus dentre os justos, e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes** (v. 47-50).

Jesus estava falando sobre um dos métodos utilizados pelos pescadores no mar da Galileia: eles às vezes usavam redes verticais que eram estendidas atrás de um barco ou esticadas entre duas embarcações, as quais capturavam grandes quantidades de peixes. Havia 20 variedades de peixes no mar da Galileia. Algumas delas eram comestíveis, outras, não; mas a rede não fazia distinção de espécies. Ela pegava tudo o que cruzava seu caminho. Logo, após ser arrastada e ficar repleta, a rede era trazida à praia, e os pescadores separavam os peixes. Alguns podiam ser levados ao mercado, mas outros não eram comestíveis. Portanto, eles empilhavam os peixes bons e os peixes ruins em montes diferentes.

Jesus disse que o reino dos céus é semelhante. Na igreja visível, acerca da qual falei no capítulo 68, há tanto crentes quanto incrédulos – trigo e joio, segundo os termos da parábola de Jesus (Mt 13.24-30). Porém, no último dia, os anjos de Deus separarão os salvos dos não salvos, os justos dos injustos, aqueles que aceitam o reino proclamado por Jesus daqueles que o ignoram ou rejeitam. Nessa ocasião, os iníquos serão punidos.

Mais uma vez, vemos Jesus falar sobre um dos assuntos mais negligenciados de seus ensinamentos: o juízo final. Ele estava dizendo que todos os seres humanos prestarão contas de suas ações. Ao final de nossos dias, todos nós estaremos diante de Deus, e haverá uma avaliação quanto a qual reino escolhemos fazer parte. Encontrar o reino dos céus equivale a encontrar o bem mais valioso que se pode achar no mundo. Negligenciá-lo é uma tragédia indescritível.

Mateus, em seguida, diz: **Entendestes todas estas coisas? Responderam-lhe: Sim, Senhor!** (v. 51). Jesus queria se certificar de que os discípulos não estavam tendo dificuldades para compreender o que ele dizia, como havia acontecido com a parábola do joio e do trigo (veja v. 36). Em resposta, eles lhe asseguraram de que haviam entendido a mensagem. Então, Jesus contou outra breve parábola – não sobre o reino, mas sobre aqueles que são instruídos a seu respeito: **Então, lhes disse: Por isso, todo escriba versado no reino dos céus é semelhante a um pai de família que tira do seu depósito coisas novas e coisas velhas** (v. 52). Ele estava dizendo aqui que quem encontra o reino deve mostrá-lo aos outros, como se compartilhasse um tesouro.

Profeta negligenciado

Ao final desta maravilhosa série de parábolas, Mateus escreve: **Tendo Jesus proferido estas parábolas, retirou-se dali. E, chegando à sua terra, ensinava-os na sinagoga, de tal sorte que se maravilhavam e diziam: Donde lhe vêm esta sabedoria e estes poderes miraculosos? Não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria, e seus irmãos, Tiago, José, Simão e Judas? Não vivem entre nós todas as suas irmãs? Donde lhe vem, pois, tudo isto? E escandalizavam-se nele** (v. 53-57a).

Segundo Mateus, Jesus foi "à sua terra". Embora houvesse ministrado em Cafarnaum, no mar da Galileia, o evangelista parece referir-se aqui a Nazaré, a verdadeira terra natal de Jesus e o lugar onde ele crescera. Por

que ele foi para lá? Sabemos que sua mãe e seus irmãos haviam tentado falar-lhe recentemente (12.46), e talvez ele tenha ido a Nazaré em resposta a um pedido deles. Seja como for, enquanto estava ali, ele ensinou na sinagoga – para o espanto de todos aqueles que o haviam visto crescer. Foi este conhecimento de longa data que causou o problema. Por conhecer a origem humilde de Jesus e sua educação, o povo de Nazaré concluiu que ele não tinha o direito de atuar como mestre. Sua suposta autovalorização ofendeu as pessoas.

Quando isso aconteceu, **Jesus […] lhes disse: Não há profeta sem honra, senão na sua terra e na sua casa** (v. 57b). Naturalmente, o chamado e a unção de um profeta por parte de Deus era algo sobrenatural e nada tinha a ver com a capacidade humana. Logo, faz todo o sentido que as pessoas que o conheciam bem, com todos os seus defeitos e todas as suas limitações, fossem as mais céticas diante da alegação de que ele falava por Deus. Jesus não foi uma exceção. Ao fazer tal afirmação, ele estava se colocando na mesma classe dos profetas do Antigo Testamento – uma comparação mais do que suficiente para que os habitantes de Nazaré passassem a desprezá-lo.

Mateus conclui este episódio observando que Jesus **não fez ali muitos milagres, por causa da incredulidade deles** (v. 58). Isso não significa que a falta de fé das pessoas obstruiu seu poder de alguma forma. Ele simplesmente se absteve de realizar sinais porque sabia que isso seria desperdício. Infelizmente, o povo da cidade natal de Jesus perdeu o tesouro, a pérola de grande valor, muito embora estivesse bem diante de seus olhos.

A MORTE DE JOÃO BATISTA

Mateus 14.1-12



> Por aquele tempo, ouviu o tetrarca Herodes a fama de Jesus e disse aos que o serviam: Este é João Batista; ele ressuscitou dos mortos, e, por isso, nele operam forças miraculosas. Porque Herodes, havendo prendido e atado a João, o metera no cárcere, por causa de Herodias, mulher de Filipe, seu irmão; pois João lhe dizia: Não te é lícito possuí-la. E, querendo matá-lo, temia o povo, porque o tinham como profeta. Ora, tendo chegado o dia natalício de Herodes, dançou a filha de Herodias diante de todos e agradou a Herodes. Pelo que prometeu, com juramento, dar-lhe o que pedisse. Então, ela, instigada por sua mãe, disse: Dá-me, aqui, num prato, a cabeça de João Batista. Entristeceu-se o rei, mas, por causa do juramento e dos que estavam com ele à mesa, determinou que lha dessem; e deu ordens e decapitou a João no cárcere. Foi trazida a cabeça num prato e dada à jovem, que a levou a sua mãe. Então, vieram os seus discípulos, levaram o corpo e o sepultaram; depois, foram e o anunciaram a Jesus.

Conforme vimos no capítulo anterior, Jesus disse: "Não há profeta sem honra, senão na sua terra e na sua casa" (Mt 13.57). Este certamente foi o caso quando ele retornou a Nazaré – e, em última análise, isto se aplica em relação a toda a nação dos judeus. Esta também foi a situação de João Batista, o profeta que veio antes de Jesus e restaurou a voz da profecia em Israel após 400 anos de silêncio. Embora tivesse sido muito estimado por algum tempo, Mateus diz que João foi friamente assassinado por um governante dissoluto.

Mateus começa seu relato escrevendo: **Por aquele tempo, ouviu o tetrarca Herodes a fama de Jesus** (v. 1). Traçar a árvore genealógica da família de Herodes, o Grande, é uma tarefa extremamente difícil. Ele era um rei subordinado do Império Romano e governou a Judeia de 37 a.C.

até sua morte, em 4 a.C. Depois, o reino foi dividido em várias partes. Seu filho Arquelau tornou-se etnarca da Judeia (isto é, o governante da nação logo abaixo do rei), território onde Jerusalém estava situada. Antipas, outro filho de Herodes, conhecido como Herodes Antipas, era chamado de tetrarca (o governante logo abaixo do etnarca). Ele dominava sobre uma área a oeste do mar da Galileia e outra a leste do Jordão, conhecida como Pereia. Embora fosse oficialmente um tetrarca, ele se apropriou do título de rei. Outro filho de Herodes, Filipe, meio-irmão de Arquelau e Herodes Antipas, recebeu um território a norte e leste do mar da Galileia.

O Herodes de quem Mateus está falando nesta passagem é Herodes Antipas. Uma vez que ele governava a Galileia, o território onde Jesus realizou grande parte de seu ministério, era natural que tivesse ouvido falar a seu respeito e de seus grandes milagres. Porém, quando o tetrarca ouviu falar dele pela primeira vez, ficou aterrorizado: **e [Herodes Antipas] disse aos que o serviam: Este é João Batista; ele ressuscitou dos mortos, e, por isso, nele operam forças miraculosas** (v. 2). Mateus indica que João Batista estava morto, mas Herodes Antipas era da opinião de que Jesus, na verdade, era João ressurreto, e que tal ressurreição lhe havia concedido poderes sobrenaturais. Por que Antipas chegou a essa conclusão? Podemos apenas conjecturar, mas ela pode ter surgido de um profundo senso de superstição e, principalmente, de uma consciência pesada. Conforme veremos, o próprio Herodes Antipas havia sido a causa da morte de João. Portanto, ele talvez temesse que o profeta tivesse voltado à vida para trazer a vingança de Deus.

A voz de um profeta

Após essa introdução, Mateus começa a preencher as lacunas, explicando o que havia acontecido a João Batista. Ele escreve: **Porque Herodes, havendo prendido e atado a João, o metera no cárcere, por causa**

de Herodias, mulher de Filipe, seu irmão; pois João lhe dizia: Não te é lícito possuí-la (v. 3-4). Herodias era filha de Aristóbulo, também filho de Herodes, o Grande. Ela havia se casado com o meio-tio Herodes Filipe, mas acabou se envolvendo em um relacionamento adúltero com o tio Herodes Antipas. Antipas, por sua vez, era casado com uma princesa, Fasélia, filha do rei Aretas, que dominava a Nabateia – uma região fronteiriça ao território de Pereia, governada por Herodes Antipas. Contudo, ele se divorciou de Fasélia para se casar com Herodias, sua sobrinha e esposa de seu meio-irmão.

Quando isso aconteceu, dois homens em especial ficaram extremamente aborrecidos e incomodados com a situação. O primeiro foi o rei Aretas, que não gostou de ver a filha sendo rejeitada pelo tetrarca da Galileia e de Pereia, Herodes Antipas. Por este motivo, ele travou uma guerra contra Antipas, derrotando seu exército e conquistando alguns territórios ao longo do rio Jordão. O outro indivíduo que ficou incomodado com o casamento foi o profeta João Batista. Ele admoestou e repreendeu Herodes publicamente por quebrar a lei de Deus – não somente ao cometer adultério, mas ao se envolver em um casamento ilegal. Por causa desta indiscrição, Herodes Antipas mandou prender João.

Ao criticar Herodes por sua imoralidade, João Batista estava seguindo uma antiga tradição dos profetas. O principal cargo de profeta no Antigo Testamento foi ocupado por Moisés, o qual Deus enviou a Faraó para dizer: "Deixa ir o meu povo" (Êx 5.1). Depois veio Elias, o qual perseguiu o rei Acabe por sua impiedade e suas transgressões (1Rs 18.18). Isaías esteve muitas vezes nos palácios dos reis, e foi ele quem informou Ezequias que Judá seria exilada após o rei ter exibido seus tesouros aos mensageiros da Babilônia (2Rs 20.12-18). Daniel apresentou-se diante do rei Nabucodonosor, da Babilônia, e alertou-o

sobre sua futura humilhação (Dn 4). Amós criticou os pecados do rei Jeroboão II, de Israel (Am 7.10-11).

Desde Israel no Antigo Testamento até a igreja no Novo Testamento, passando por toda história reformada no mundo ocidental, a Igreja tem afirmado ser uma instituição criada por Deus e por ele incumbida de uma missão, a saber: pregar o evangelho, administrar os sacramentos, cuidar dos doentes e necessitados e assim por diante. Contudo, ela também ensina que Deus criou outra instituição para um tipo diferente de ministério – o governo, ao qual ele deu o poder da espada (Rm 13.1-4). É responsabilidade dos magistrados civis promover justiça e retidão na terra. Tanto a igreja quanto o Estado foram instituídos por Deus, devem servir como ministros de Deus e estão sob a autoridade de Deus. O Estado deve promover uma cultura segura e justa onde a igreja possa prosperar; e a igreja deve atuar como consciência do Estado e da cultura. Em outras palavras, a igreja às vezes precisa executar uma função profética quando o Estado passa dos limites.

Infelizmente, assim como Herodes Antipas não gostava de ouvir as admoestações de João Batista, o Estado moderno também não gosta de acatar as correções da igreja. O salmista escreve:

> Por que se enfurecem os gentios
> e os povos imaginam coisas vãs?
> Os reis da terra se levantam,
> e os príncipes conspiram
> contra o SENHOR e contra o seu Ungido, dizendo:
> Rompamos os seus laços
> e sacudamos de nós as suas algemas (Sl 2.1-3).

O que vemos neste salmo? Vemos reis declarando independência de Deus. Este é o mantra constantemente entoado nos Estados Unidos da América quando as autoridades seculares insistem que deve haver separação entre a igreja e o Estado. Creio que esta é simplesmente uma

maneira agradável de dizer que o Estado deve permanecer separado de Deus – ou de declarar independência de Deus.

O brado de separação entre a Igreja e o Estado torna-se particularmente intenso quando a igreja critica leis injustas, como aquelas que permitem o aborto. Quando isso acontece, os jornais logo ficam repletos de editoriais denunciando a igreja, e os programas de entrevistas convidam vários especialistas para opinar: "Isso não é da conta da igreja. A igreja não deveria se envolver na legislação. Ela não deveria agir como um *lobby.* Os cristãos precisam cuidar da própria vida. Eles podem pregar o evangelho, orar e cantar hinos em particular, mas devem manter sua religião fora do comércio, das escolas, dos tribunais e do governo."

Certa vez, quando fui entrevistado sobre a luta contra o aborto, perguntaram-me:

— Você está tentando dominar o Estado?

Respondi:

— Não. Eu não quero que a igreja seja o Estado. Estou pedindo que o Estado seja o Estado. Estou pedindo que o Estado faça o que Deus ordenou que ele fizesse: que promova e proteja a santidade de vida, a justiça e a retidão.

Apresentei o mesmo argumento vários anos atrás quando fui convidado para fazer um discurso na refeição de posse do governador da Flórida. No discurso, eu me dirigi a ele assim:

— O senhor está aqui para sua posse. Porém, eu considero este momento como sua ordenação para ministrar, pois Deus estabeleceu o Estado para atuar como ministro de justiça e retidão.

Eu lembrei o governador que, em última análise, ele era responsável perante o próprio Deus.

Observe a resposta divina aos esforços dos reis da terra para depor seu governo: "Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles"

(Sl 2.4). Uma coisa é *declarar* independência de Deus; outra coisa é *obter* independência dele. Não há magistrado algum no mundo que esteja livre do governo soberano do Deus todo-poderoso. As pessoas gostam de pensar que podem fazer separação entre o governo e Deus, mas ele não permite isso. Ele usa a Igreja como voz de crítica profética para falar ao governo.

Infelizmente, a Igreja nem sempre exerce crítica profética, pois pode ser perigoso fazê-lo. João Batista foi encarcerado e assassinado porque chamou o rei ao arrependimento. Ele não pediu que Herodes se tornasse sacerdote ou profeta; apenas pediu-lhe que fosse um tetrarca piedoso, que se submetesse à lei de Deus, segundo o chamado de todos os magistrados civis. O mesmo destino terrível sobrevém a muitos cristãos hoje que se manifestam contra a injustiça e a iniquidade de governos e governantes.

A morte de um profeta

Mateus prossegue: **E, querendo matá-lo, temia o povo, porque o tinham como profeta** (v. 5). Herodes Antipas queria livrar-se de João, queria remover o espinho de sua carne. Todavia, não o matou porque estava um pouco preocupado com a reação do povo, visto que João era considerado um profeta pela maioria. Vê-lo preso, entretanto, não era suficiente para Herodias – ela o queria morto.

Lemos: **Ora, tendo chegado o dia natalício de Herodes, dançou a filha de Herodias diante de todos e agradou a Herodes. Pelo que prometeu, com juramento, dar-lhe o que pedisse. Então, ela, instigada por sua mãe, disse: Dá-me, aqui, num prato, a cabeça de João Batista** (v. 6-8). Herodes Antipas deu uma festa pelo seu aniversário, e muitos dignitários estavam presentes. No meio da festa, ele chamou sua enteada para dançar diante dele e dos convidados. Tenho certeza de que a dança foi, no mínimo, provocativa. O rei se agradou e prometeu recompensá-la com qualquer

coisa que desejasse. Ela, naturalmente, pediu conselho à sua mãe a respeito de como aproveitar aquela oferta fantástica da melhor forma possível, e Herodias viu ali uma oportunidade. A mãe instruiu a garota a pedir que João Batista fosse decapitado e que sua cabeça fosse trazida em um prato.

Mateus, em seguida, escreve: **Entristeceu-se o rei, mas, por causa do juramento e dos que estavam com ele à mesa, determinou que lha dessem** (v. 9). De uma hora para outra, Herodes Antipas preocupou-se em obedecer a lei de Deus – a lei que regia os juramentos. Ele sabia que o descumprimento de promessas previa castigos graves. Sem dúvida, entretanto, é possível que ele estivesse mais motivado pelo desejo de que seus convidados não o vissem voltar atrás naquela extravagante promessa. Seu orgulho estava em jogo, e isto bastou para que ele superasse suas preocupações quanto à reação do povo diante da execução de João. Assim, ele deu a ordem para que o pedido da menina fosse atendido: **e deu ordens e decapitou a João no cárcere. Foi trazida a cabeça num prato e dada à jovem, que a levou a sua mãe** (v. 10-11).

A narrativa termina com uma observação triste, mas esperançosa: **Então, vieram os seus discípulos, levaram o corpo e o sepultaram; depois, foram e o anunciaram a Jesus** (v. 12). Os leais seguidores de João recolheram seu corpo e realizaram um funeral adequado. Em seguida, foram dar a notícia a Jesus. Mas por que eles foram até Jesus? Será que estavam buscando consolo? Nós não sabemos o motivo, mas eu não duvido de que a dor deles foi atenuada por aquele que seu mestre identificara como "Cordeiro de Deus" (Jo 1.36). No luto, na dor e na perda, não há lugar melhor para ir senão à presença de Jesus.

ALIMENTO PARA 5.000 PESSOAS

Mateus 14.13-21



> Jesus, ouvindo isto, retirou-se dali num barco, para um lugar deserto, à parte; sabendo-o as multidões, vieram das cidades seguindo-o por terra. Desembarcando, viu Jesus uma grande multidão, compadeceu-se dela e curou os seus enfermos. Ao cair da tarde, vieram os discípulos a Jesus e lhe disseram: O lugar é deserto, e vai adiantada a hora; despede, pois, as multidões para que, indo pelas aldeias, comprem para si o que comer. Jesus, porém, lhes disse: Não precisam retirar-se; dai-lhes, vós mesmos, de comer. Mas eles responderam: Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes. Então, ele disse: Trazei-mos. E, tendo mandado que a multidão se assentasse sobre a relva, tomando os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos ao céu, os abençoou. Depois, tendo partido os pães, deu-os aos discípulos, e estes, às multidões. Todos comeram e se fartaram; e dos pedaços que sobejaram recolheram ainda doze cestos cheios. E os que comeram foram cerca de cinco mil homens, além de mulheres e crianças.

O movimento do século 18 conhecido como Iluminismo alterou o curso da civilização ocidental para sempre. Ele o fez ao, entre outras coisas, criar uma escola filosófica conhecida como naturalismo. Como a própria palavra sugere, o naturalismo afirma que nada existe além do que pode ser encontrado na natureza. Segundo esta escola de pensamento, não há uma esfera transcendente nem algo que seja sobrenatural ou esteja além da natureza.

Obviamente, essa nova filosofia apresentou uma crise para a igreja cristã, pois o cristianismo histórico está atrelado ao sobrenatural. Se o naturalismo fosse verdade, então todo o sobrenaturalismo encontrado nas Escrituras sagradas deveria ser descartado – e, por conseguinte, o cristianismo também. Algumas pessoas chegaram a, de fato, abandonar a

fé. Outras, entretanto, procuraram ler a Bíblia através das lentes do naturalismo na tentativa de preservar algum sentido e significado para a igreja. Este esforço desesperado por reconstruir o cristianismo deu origem ao liberalismo teológico no século 19, o qual surgiu na Alemanha, alastrou-se pelo restante da Europa Ocidental e cruzou o oceano, chegando à América.

Uma das principais preocupações dos liberais era revisitar os milagres de Jesus, isto é, as obras sobrenaturais que ele realizou. Uma vez que esperavam preservar alguns vestígios do cristianismo em face do naturalismo, os liberais não descartaram os milagres completamente. Em vez disso, abordaram-nos como mitos que tinham a realidade como base. Porém, eles acreditavam que não era possível recuperar esta base apenas pela leitura do texto das Escrituras.

Por exemplo, alguns dos liberais mais extremos do século 19 estudaram a passagem que estamos analisando neste capítulo – a que narra o milagre de Jesus alimentando 5.000 homens – e deram-lhe uma explicação natural. Eles disseram que o lugar deserto para onde Jesus se retirou após tomar conhecimento da morte de João Batista estava repleto de cavernas. Em uma delas, os discípulos haviam escondido uma provisão de pães e peixes com bastante antecedência. Quando o povo ficou com fome, Jesus pôs-se em frente à entrada oculta da caverna, e os discípulos entregaram-lhe secretamente pães e peixes pela parte de trás de seu manto. Ele, por sua vez, fazia-os escorregar pelas mangas, dando a aparência de que os alimentos estavam sendo criados em suas próprias mãos. Esta explicação do milagre obviamente reduzia a alimentação dos 5.000 homens a uma fraude inescrupulosa.

Já outros sugeriram interpretações menos literais. Durante minha juventude em Pittsburgh, o pastor da minha igreja disse à mocidade certa vez que o que realmente acontecera naquela ocasião é que algumas pessoas haviam levado alimento, e outras, não. As que haviam levado

não queriam compartilhar com quem havia sido negligente. Então, Jesus pediu que, caso algum precavido estivesse disposto a compartilhar seu alimento, que fosse à frente. Um garotinho apresentou-se e ofereceu seus pães e seus peixes. Esta generosidade envergonhou as pessoas que estavam sendo egoístas, e, deste modo, Jesus foi capaz de convencer os "que tinham" a compartilhar com os que "não tinham". Meu pastor chamava isso de milagre ético.

Outro grupo sugeriu que Jesus estava preparando as pessoas para a instituição da ceia do Senhor, bem como para sua perpétua celebração, ao partir o pão em pedaços minúsculos e distribuí-los à multidão – assim como nós hoje distribuímos os elementos quando celebramos a ceia. Contudo, ainda soa milagroso o fato de Jesus ter sido capaz de dividir cinco pães em um número suficiente de fragmentos para todos os 5.000 homens presentes (além das mulheres e das crianças, o que significa que a multidão provavelmente ultrapassava 10.000 pessoas). Seriam necessários muitos pedaços para satisfazer tantas pessoas, sem contar os 12 cestos cheios de sobras.

Quando consideramos tais tentativas de conciliação entre o cristianismo e o naturalismo, vemos pessoas se curvando tanto a ponto de quase quebrar o pescoço. As supostas explicações não passam de pura desonestidade. Indo ainda mais longe, Emil Brunner, teólogo suíço do século 20, escreveu um livro intitulado *Der Mittler* (O mediador), no qual afirma que o liberalismo do século 19 e seus movimentos sucessores não passam de incredulidade. Acredito que Brunner estava certo. Tenho muito mais respeito por céticos do que por quem torce e distorce a Palavra de Deus a fim de fazê-la acomodar um sistema filosófico incompatível.

Naturalmente, eu acredito que o relato bíblico é nada menos do que a verdade do Deus todo-poderoso e que as palavras registradas por Mateus compõem um relato fiel e exato do ocorrido. Em suma, não

tenho dúvida alguma de que a distribuição dos alimentos para 5.000 homens foi um verdadeiro milagre. Este, a propósito, é um dos dois únicos milagres mencionados em todos os quatro evangelhos, sendo o outro a ressurreição de Jesus. É evidente que o Espírito Santo considerou este episódio de enorme importância para os santos que viveriam em gerações futuras.

Um milagre de compaixão

Mateus começa seu relato escrevendo: **Jesus, ouvindo isto, retirou-se dali num barco, para um lugar deserto, à parte; sabendo-o as multidões, vieram das cidades seguindo-o por terra** (v. 13). Jesus tomou conhecimento da morte de João Batista por intermédio dos discípulos dele. A notícia fê-lo partir de barco para um lugar deserto, algum local às margens do mar da Galileia, aparentemente a fim de lamentar pelo primo e arauto. No entanto, seu paradeiro foi descoberto, e pessoas de toda a região do mar da Galileia foram até lá.

Se eu estivesse na pele de Jesus, precisando ficar um pouco sozinho para lamentar a morte de João Batista, teria me irritado com a chegada daquelas multidões. Ele, porém, não demonstrou incômodo: **Desembarcando, viu Jesus uma grande multidão, compadeceu-se dela e curou os seus enfermos** (v. 14). Ele viu as necessidades daquela gente e teve compaixão; por isso, curou os que estavam doentes. Ao que tudo indica, Jesus ficou fazendo isso até anoitecer, gerando certa ansiedade nos discípulos: **Ao cair da tarde, vieram os discípulos a Jesus e lhe disseram: O lugar é deserto, e vai adiantada a hora; despede, pois, as multidões para que, indo pelas aldeias, comprem para si o que comer** (v. 15). De certa forma, os discípulos também estavam sendo compassivos, pois se preocuparam em como as pessoas encontrariam alimento caso permanecessem com Jesus naquele lugar deserto até tarde da noite. Por

este motivo, sugeriram educadamente que ele as despedisse a fim de que pudessem comprar mantimentos nos povoados vizinhos.

Jesus não deu ouvidos à sugestão: **porém, lhes disse: Não precisam retirar-se; dai-lhes, vós mesmos, de comer** (v. 16). Estou certo de que ele surpreendia os discípulos muito frequentemente com as coisas que dizia e fazia, e esta deve ter sido uma dessas ocasiões. Naquelas circunstâncias, a ideia de que eles deveriam alimentar a imensa multidão soava ridícula. E, em outras palavras, foi bem isso o que os discípulos lhe disseram: **Mas eles responderam: Não temos aqui senão cinco pães e dois peixes** (v. 17). João acrescenta o detalhe de que foi André quem encontrou a pequena quantia, pertencente a um rapaz, e não pôde deixar de questionar: "mas isto que é para tanta gente?" (6.8-9).

Conforme constatamos depois, os cinco pães e os dois peixes foram suficientes nas mãos do Filho de Deus: **Então, ele disse: Trazei-mos. E, tendo mandado que a multidão se assentasse sobre a relva, tomando os cinco pães e os dois peixes, erguendo os olhos ao céu, os abençoou. Depois, tendo partido os pães, deu-os aos discípulos, e estes, às multidões. Todos comeram e se fartaram; e dos pedaços que sobejaram recolheram ainda doze cestos cheios. E os que comeram foram cerca de cinco mil homens, além de mulheres e crianças** (v. 18-21). Com seu imenso poder, Jesus multiplicou o alimento de modo a satisfazer o apetite de toda aquela vasta multidão após um longo dia em sua companhia.

Questão de capacidade

Após Jesus ser batizado (Mt 3.13-17) e antes de dar início ao ministério público (4.12), o Espírito Santo conduziu-o ao deserto para ser tentado por Satanás (4.1-11). Durante quarenta dias, ele ficou sem comida. O inimigo, então, surgiu em meio à sua fome e começou a tentá-lo, dizendo: "Se és Filho de Deus, manda que estas pedras se transformem em pães" (v. 3). Como Jesus respondeu? "Está escrito: Não

só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus" (v. 4). Ele se recusou a abandonar a confiança de que Deus o sustentaria. No entanto, o ponto que quero salientar é que Jesus *poderia* ter transformado as pedras em pão. Ele tinha capacidade para fazê-lo. Se podia multiplicar cinco pães e dois peixinhos gerando uma quantia suficiente para alimentar 5.000 homens, fora mulheres e crianças, não há dúvida de que ele poderia ter transformado algumas pedras em uma refeição para si.

A questão da capacidade é o cerne da polêmica entre o sobrenaturalismo e o naturalismo. Os naturalistas dizem que nenhum ser humano tem a capacidade ou o poder para multiplicar pães e peixes de modo a alimentar miríades de pessoas. De uma perspectiva natural, eles têm razão. Mas o que acontece se alguém tiver poderes sobrenaturais, poderes acima e além da natureza? A bem da verdade, sem o sobrenatural (ou seja, sem Deus), o mundo natural não existiria nem teria como existir. Os naturalistas querem negar este fato mais do que tudo e, para isso, apegam-se a dilemas filosóficos.

Em contrapartida, o cristianismo declara que toda a natureza é resultado daquele que é eterno e existe por si mesmo, daquele que tem em si próprio a capacidade de ser e que, sozinho, é capaz de criar algo a partir do nada. Somente Deus tem este poder. Se ele não tivesse exercido este poder ao criar tudo o que existe agora, eu não estaria escrevendo este livro, e você não o estaria lendo. Acredite: é absolutamente impossível obter algo do nada por meios naturais. Se tivesse havido algum momento sem a presença de coisa alguma, nada existiria agora também. Não haveria pessoas. Não haveria igrejas. Não haveria Bíblias. Não haveria filósofos e cientistas. A menos que algo exista eternamente por si e em si mesmo e que tenha o poder de criar outras coisas, nada existiria.

O naturalismo é uma insensatez, e o Novo Testamento vai de encontro a esse tipo de pensamento. Se alguém conseguisse me convencer do

naturalismo em todo o seu ceticismo, eu não me daria ao trabalho de levantar amanhã cedo, pois não teria motivo algum para sair da cama. Se os naturalistas estivessem corretos, a conclusão de Jean-Paul Sartre seria precisa: a humanidade é uma paixão inútil. Isso significaria que tudo aquilo com o que nos importamos, todos os nossos sentimentos de amor, esperança, aspiração, honra e alegria seriam fúteis e sem sentido. Se os naturalistas tivessem razão, haveria mais sentido em uma formiga caminhando sobre a terra do que nos desejos do nosso coração.

Apesar disso, sempre vejo os naturalistas com a cabeça na lua. Eles nos dizem que tudo o que possuímos é a natureza, muito embora também tenhamos dignidade, importância e significado. Esta alegação não tem base alguma se, segundo eles, o homem não passa de um acidente biológico.

Eu não poderia ser um naturalista. Eu acredito que Jesus alimentou as pessoas naquele dia por ser o Filho de Deus encarnado, o qual também me criou e exerce autoridade absoluta sobre mim. É por isso que eu o chamo de Senhor.

JESUS CAMINHA SOBRE A ÁGUA

Mateus 14.22-36



Logo a seguir, compeliu Jesus os discípulos a embarcar e passar adiante dele para o outro lado, enquanto ele despedia as multidões. E, despedidas as multidões, subiu ao monte, a fim de orar sozinho. Em caindo a tarde, lá estava ele, só. Entretanto, o barco já estava longe, a muitos estádios da terra, açoitado pelas ondas; porque o vento era contrário. Na quarta vigília da noite, foi Jesus ter com eles, andando por sobre o mar. E os discípulos, ao verem-no andando sobre as águas, ficaram aterrados e exclamaram: É um fantasma! E, tomados de medo, gritaram. Mas Jesus imediatamente lhes disse: Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais! Respondendo-lhe Pedro, disse: Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas. E ele disse: Vem! E Pedro, descendo do barco, andou por sobre as águas e foi ter com Jesus. Reparando, porém, na força do vento, teve medo; e, começando a submergir, gritou: Salva-me, Senhor! E, prontamente, Jesus, estendendo a mão, tomou-o e lhe disse: Homem de pequena fé, por que duvidaste? Subindo ambos para o barco, cessou o vento. E os que estavam no barco o adoraram, dizendo: Verdadeiramente és Filho de Deus! Então, estando já no outro lado, chegaram a terra, em Genesaré. Reconhecendo-o os homens daquela terra, mandaram avisar a toda a circunvizinhança e trouxeram-lhe todos os enfermos; e lhe rogavam que ao menos pudessem tocar na orla da sua veste. E todos os que tocaram ficaram sãos.

Logo após alimentar os 5.000 homens, Jesus operou outro milagre que aterrorizou os discípulos. Com o terror, entretanto, surgiu também um profundo senso de reverência, bem como um novo reconhecimento e uma nova confissão de quem ele era.

Mateus diz: **Logo a seguir, compeliu Jesus os discípulos a embarcar e passar adiante dele para o outro lado, enquanto ele despedia as multidões** (v. 22). Os discípulos haviam instado Jesus a despedir a multidão conforme a noite se aproximava, mas ele decidiu alimentá-la de forma

milagrosa antes. Só depois disso, ordenou que os discípulos fossem para o outro lado do mar da Galileia e que a multidão voltasse para casa.

Por que Jesus foi tão abrupto ao despedir o povo? Mateus não nos diz, mas João, sim. Ele escreve: "Vendo, pois, os homens o sinal que Jesus fizera, disseram: Este é, verdadeiramente, o profeta que devia vir ao mundo. Sabendo, pois, Jesus que estavam para vir com o intuito de arrebatá-lo para o proclamarem rei, retirou-se novamente, sozinho, para o monte" (6.14-15). As pessoas ficaram muito impressionadas com o poder demonstrado na multiplicação milagrosa dos alimentos e, por isso, estavam prestes a exigir que ele reinasse sobre elas. Jesus saiu depressa a fim de evitar a continuidade daquela campanha. As ambições políticas da multidão não estavam em sintonia com sua missão, de modo que ele a despediu com pressa e firmeza. Talvez os discípulos estivessem sendo levados pelo delírio do povo e esta tenha sido a razão por que Jesus também os despediu.

Mateus prossegue: **E, despedidas as multidões, subiu ao monte, a fim de orar sozinho** (v. 23a). Esta foi uma das várias ocasiões na vida de Jesus em que ele se retirou, de propósito, para orar. Nenhum motivo claro é fornecido para este momento de prece, embora uma missão em terras gentias fosse acontecer no futuro próximo (15.21), e sua paixão estivesse se aproximando. Após permanecer ali por várias horas, ele e os discípulos foram separados por uma grande distância e pela imensidão do mar: **Em caindo a tarde, lá estava ele, só. Entretanto, o barco já estava longe, a muitos estádios da terra, açoitado pelas ondas; porque o vento era contrário** (v. 23b-24). Ao que parece, os discípulos estavam indo a oeste, conforme os ventos dominantes, o que indica que Jesus estava em algum lugar na costa oriental do mar da Galileia.

Certo verão, quando eu estava na faculdade, servi como conselheiro em um acampamento para meninos em Ohio. O local tinha um lago com cerca de 300 metros de comprimento por 250 metros de largura. Era um

lago pequeno, mas grande o suficiente para que os meninos se divertissem. Durante uma tarde, houve uma tempestade violenta. O sistema de alarme soou por todo o acampamento a fim de sinalizar que as crianças deveriam se reunir no refeitório para a contagem – uma forma de nos certificarmos de que todas estavam sãs e salvas. Após enumerarmos os presentes, ficamos horrorizados ao concluir que dois garotos estavam faltando. Eu e mais alguns conselheiros vasculhamos todo o acampamento, mas não obtivemos sucesso. Por fim, olhei sem querer em direção ao lago e avistei, na outra extremidade, dois garotos em uma canoa. Eles estavam tentando desesperadamente fugir da tempestade, mas, para que conseguissem voltar aos alojamentos, precisavam remar contra o vento. A cada vez que tentavam cruzar o lago, o vento empurrava a canoa para trás. Eles não conseguiam avançar.

Como eu era responsável pela área do lago e pelas canoas, corri até lá e pulei dentro de uma delas. Não tive dificuldade para chegar até os meninos porque o vento estava a meu favor. Porém, quando cheguei ali para ajudá-los, deparei-me com o mesmo problema que eles estavam enfrentando: era quase impossível cruzar o lago de volta contra o vento. Nunca vou me esquecer daquela situação. Demorou quase uma hora para finalmente chegarmos a um lugar seguro, longe do estrondo dos trovões e do clarão dos relâmpagos. Tivemos de usar todas as nossas forças para conseguir atravessar aqueles poucos metros e finalmente estar em segurança.

Sempre penso nesse incidente quando leio a história que estamos estudando, pois os discípulos não eram crianças. Eles eram veteranos experientes no mar da Galileia. Eram homens fortes e estavam em grupo. Mesmo assim, embora houvessem passado horas no barco, estavam presos no meio do mar da Galileia. A força que eles aplicavam nos remos simplesmente não fazia diferença; o vento soprava-os de volta.

Uma surpresa aterrorizante

Observei, no capítulo anterior, que Jesus gostava de surpreender os discípulos. Ele os havia surpreendido ao sugerir que deveriam alimentar uma enorme multidão por conta própria. Isso, porém, não se compara ao que ele fez depois para se juntar aos discípulos a caminho da margem ocidental: **Na quarta vigília da noite, foi Jesus ter com eles, andando por sobre o mar. E os discípulos, ao verem-no andando sobre as águas, ficaram aterrados e exclamaram: É um fantasma! E, tomados de medo, gritaram** (v. 25-26). Os discípulos não ficaram apenas surpresos desta vez; eles ficaram aterrorizados.

Lembre-se: era noite quando os discípulos sugeriram a Jesus que despedisse o povo (v. 15). Ele não se aproximou deles até a "quarta vigília", isto é, entre 3 e 6 horas da manhã – e as entrelinhas da história sugerem que ele foi até o barco em um momento mais próximo do amanhecer. Logo, os discípulos deveriam estar muito cansados após remar em vão quase a noite toda. A exaustão era provavelmente maior do que o medo.

Tente imaginar a experiência do ponto de vista dos discípulos. A atenção deles estava voltada para frente, para o oeste, enquanto se esforçavam para fazer o barco avançar. Do nada, porém, eles avistaram algo no mar atrás de si. Ao olhar mais de perto, acabaram discernindo a figura de um homem, o qual não estava nadando ou vadeando; estava *andando* sobre a superfície do mar tempestuoso. Naquele momento, os discípulos consultaram rapidamente as opções oferecidas pela razão para explicar o fenômeno extraordinário que se apresentava diante deles e logo chegaram a uma conclusão: "É um fantasma!" O que mais poderia ser? Eles conheciam os princípios básicos da flutuação. Sabiam que os seres humanos não podem permanecer na superfície da água sem afundar. Já os fantasmas, espíritos desencarnados, não teriam problema algum em se locomover sobre ela. Duvido que tenha passado pela mente

deles, naquele instante, que poderiam estar vendo Jesus. Assim sendo, além do estresse causado pela tempestade, da exaustão e da estranha visão de uma figura humana caminhando sobre a água, eles achavam que estavam vendo um fantasma. Não admira que tenham gritado de medo.

Jesus, entretanto, não deixou os discípulos nesse estado de terror: **Mas Jesus imediatamente lhes disse: Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais!** (v. 27). Por que ele disse "Tende bom ânimo"? Friedrich Nietzsche foi um dos gigantes da filosofia no século 19. Ele desprezava a Europa daquele século pois achava que o cristianismo havia enfraquecido a cultura ocidental e transformado-a em algo temível. Ele afirmava que a única esperança do mundo seria o surgimento do *übermensch*, o sobrehumano. O *übermensch* construiria sua casa perigosamente sobre as encostas do Vesúvio e velejaria até mares desconhecidos, pois sua principal qualidade seria aquilo que o filósofo chamava de "coragem dialética". Esta era uma maneira sofisticada de denominar a coragem absurda, irracional ou ilógica. Com esta coragem, o *übermensch* desafiaria a insignificância da vida. Logo, a mensagem de Nietzsche era basicamente esta: a vida não tem sentido, mas devemos ter bom ânimo mesmo assim.

Jesus não pediu que seus discípulos desafiassem a insignificância ou que dessem um salto cego de fé. Ele disse: "tende bom ânimo; eu venci o mundo" (Jo 16.33b). Enquanto caminhava em direção aos discípulos no barco, eles puderam perceber que aquele não era um homem comum. Eles viram que o sobrenatural é real. Eles constataram que existe um Deus. Logo, a vida não é desprovida de sentido.

Talvez a melhor notícia para os discípulos tenha sido a voz do próprio Jesus dizendo: "Sou eu." Esta breve declaração está carregada de significado. Uma das características fascinantes do Evangelho de João é o registro das declarações de Jesus que contêm a expressão "Eu sou". Cristo fez várias metáforas de si mesmo: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida" (14.6), "Eu sou a videira, vós, os ramos" (15.5), "Eu sou o bom

pastor" (10.11,14), "Eu sou a porta" (10.9), "Eu sou o pão da vida" (6.48) e assim por diante. Sempre que Jesus dizia "Eu sou", ele empregava uma combinação singular de palavras gregas: *egō eimi*. Tanto a palavra *ego* quanto a palavra *eimi* significam "eu sou", então é como se Jesus estivesse dizendo: "Eu sou, eu sou". No entanto, esta mesma combinação de palavras, *egō eimi*, foi utilizada na Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento, para expressar o nome inefável de Deus: "EU SOU O QUE SOU" (Êx 3.14). Deste modo, sempre que Jesus dizia "Eu sou", ele estava se igualando a Deus. A expressão *ego eimi* é raramente encontrada fora do Evangelho de João, mas ela está presente aqui em Mateus, na fala de Jesus: "Sou eu." Estou certo de que os discípulos notaram isso e se sentiram consolados.

Breve caminhada de Pedro

Pedro, sempre impulsivo, ainda não tinha certeza do que estava vendo. Então, Mateus diz: **Respondendo-lhe Pedro, disse: Se és tu, Senhor, manda-me ir ter contigo, por sobre as águas. E ele disse: Vem! E Pedro, descendo do barco, andou por sobre as águas e foi ter com Jesus** (v. 28-29). Pedro passou pela incrível experiência de andar sobre a água, desafiando as leis da gravidade e da flutuação.

Este episódio é uma metáfora para o ministério dos apóstolos após a ascensão de Jesus ao céu. Pedro não tinha poder em si mesmo para caminhar sobre a água. Se ele tivesse escalado a amurada do barco antes de Jesus dar permissão, certamente teria afundado no mar. Mas, quando Jesus o capacitou, ele pôde caminhar sobre as águas. Da mesma forma, os apóstolos operaram muitos milagres após serem capacitados pelo Espírito Santo, e não por terem em si o poder para tanto. Eles realizaram aqueles feitos porque Jesus concedeu-lhes sua autoridade sobre as coisas da natureza.

O passeio de Pedro pelo mar não durou muito: **Reparando, porém, na força do vento, teve medo; e, começando a submergir, gritou: Salva-me, Senhor!** (v. 30). Milhares de sermões já foram pregados sobre este versículo, e a aplicação básica é esta: devemos manter os olhos fixos em Jesus. Enquanto Pedro direcionou o olhar para o Mestre, ele andou sobre a água. Porém, seus olhos vaguearam. Sua atenção desviou-se de Jesus. Ele tirou o olhar do sobrenatural e voltou-o para o natural – isto é, quando viu o vento impetuoso e o mar agitado, sua fé abandonou-o, e ele começou a afundar.

Todos nós somos como Pedro. Nossa fé é firme até a adversidade aparecer. Quando vemos os obstáculos que enfrentamos e as ameaças que se apresentam diante de nós, nosso coração começa a afundar, nossa confiança desaparece, e precisamos clamar por socorro. A natureza é demais para nós. Ao menos, Pedro teve o bom senso de clamar do jeito certo: "Salva-me, Senhor!" Este é o clamor mais importante que o ser humano pode fazer.

Tornei-me cristão basicamente com essas palavras. Eu sabia qual rumo minha vida estava tomando e também sabia que não poderia sair de onde estava por meus próprios esforços. Portanto, minha conversão foi um clamor desesperado pela ajuda de Cristo. Algumas pessoas não exprimem esse clamor até começar a afundar, e outras não o fazem até de fato afundar. Há, contudo, multidões que não clamam nem mesmo quando já se encontram no fundo do mar. Vemos indivíduos cuja vida naufragou e que não querem ser ajudados, nem quando oferecemos socorro. Pedro fez uma escolha melhor. Ele sabia qual era seu destino e não esperou chegar ao fundo do mar para pedir ajuda.

Como Jesus reagiu ao clamor do discípulo? Ele repreendeu Pedro por distrair-se? Deixou Pedro afogar-se para ensinar-lhe uma lição? Não. Mateus escreve: **E, prontamente, Jesus, estendendo a mão, tomou-o e lhe disse: Homem de pequena fé, por que duvidaste?** (v. 31). Sim, Jesus

censurou Pedro por duvidar, mas somente depois de "prontamente" o erguer pela mão.

Por fim, lemos: **Subindo ambos para o barco, cessou o vento. E os que estavam no barco o adoraram, dizendo: Verdadeiramente és Filho de Deus!** (v. 32-33). Jesus e Pedro entraram no barco, e, no mesmo segundo, o vento cessou – tal como havia ocorrido após a ordem de Cristo em uma travessia anterior (Mt 8.23-27). Este milagre, acompanhado pelo domínio sobrenatural de Jesus sobre as águas, fez com que os discípulos se prostrassem. Eles o adoraram e confessaram-no como Filho de Deus. Esta foi uma importante confissão, embora não tão extensa quanto a grande confissão de Pedro, ainda a ser feita (Mt 16.16).

Mateus 14 termina com uma breve menção dos acontecimentos ocorridos após a grandiosa travessia do mar: **Então, estando já no outro lado, chegaram a terra, em Genesaré. Reconhecendo-o os homens daquela terra, mandaram avisar a toda a circunvizinhança e trouxeram-lhe todos os enfermos; e lhe rogavam que ao menos pudessem tocar na orla da sua veste. E todos os que tocaram ficaram sãos** (v. 34-36). Eles chegaram a Genesaré, uma região no lado ocidental do mar da Galileia, ao sul de Cafarnaum. Logo correu a notícia de que Jesus estava ali, e muitas pessoas levaram parentes e amigos enfermos para que ele os curasse. Tal como a mulher que sofria de hemorragia (Mt 9.20-21), todos os doentes que tocaram a orla de sua veste foram curados.

Eu imagino que as pessoas curadas tenham ficado profundamente gratas a Jesus, mas duvido que tenham compreendido plenamente quem ele era. Elas não haviam sido beneficiadas pela mesma experiência dos discípulos, de vê-lo demonstrar sua soberania sobre a natureza e ouvi-lo declarar-se como o *Ego eimi*, "Eu sou". Elas ainda não o reconheciam como Filho de Deus. A cada expressão de seu poder, entretanto, este reconhecimento crescia nos discípulos. Este é um reconhecimento que deve estar presente em todos nós.

CONTAMINAÇÃO INTERIOR

Mateus 15.1-20



Então, vieram de Jerusalém a Jesus alguns fariseus e escribas e perguntaram: Por que transgridem os teus discípulos a tradição dos anciãos? Pois não lavam as mãos, quando comem. Ele, porém, lhes respondeu: Por que transgredis vós também o mandamento de Deus, por causa da vossa tradição? Porque Deus ordenou: Honra a teu pai e a tua mãe; e: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte. Mas vós dizeis: Se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: É oferta ao Senhor aquilo que poderias aproveitar de mim; esse jamais honrará a seu pai ou a sua mãe. E, assim, invalidastes a palavra de Deus, por causa da vossa tradição. Hipócritas! Bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo:

Este povo honra-me com os lábios,
mas o seu coração está longe de mim.
E em vão me adoram,
ensinando doutrinas que são preceitos de homens.

E, tendo convocado a multidão, lhes disse: Ouvi e entendei: não é o que entra pela boca o que contamina o homem, mas o que sai da boca, isto, sim, contamina o homem. Então, aproximando-se dele os discípulos, disseram: Sabes que os fariseus, ouvindo a tua palavra, se escandalizaram? Ele, porém, respondeu: Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada. Deixai-os; são cegos, guias de cegos. Ora, se um cego guiar outro cego, cairão ambos no barranco. Então, lhe disse Pedro: Explica-nos a parábola. Jesus, porém, disse: Também vós não entendeis ainda? Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce para o ventre e, depois, é lançado em lugar escuso? Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem. Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos não o contamina.

Logo no início de Mateus 15, encontramos o último episódio significativo do ministério de Jesus na Galileia registrado neste evangelho. Ele estava prestes a deixar a região para passar um breve período no norte antes de descer a Jerusalém. As coisas que Jesus disse nesta ocasião são alguns de seus ensinamentos mais importantes. Consigo identificar uma série de episódios lamentáveis na história da igreja que teriam sido evitados se ela tão somente houvesse dado ouvidos a estas palavras. É importante ouvirmos as palavras de nosso Senhor aqui com atenção, compreendê-las e obedecê-las.

Mateus começa escrevendo: **Então, vieram de Jerusalém a Jesus alguns fariseus e escribas e perguntaram: Por que transgridem os teus discípulos a tradição dos anciãos? Pois não lavam as mãos, quando comem** (v. 1-2). Um grupo de escribas e fariseus foi até Jesus, e é significativo o fato de que eles não eram das redondezas: tinham vindo de Jerusalém. Evidentemente essa era uma delegação oficial enviada com o propósito de investigar Jesus, assim como um comitê fora enviado antes para analisar o ministério de João Batista (Jo 1.19). No entanto, os escribas e fariseus em questão não se contentaram em ouvir Jesus e apresentar um relatório aos seus superiores em Jerusalém. Eles notaram algo que lhes suscitou dúvidas a respeito da ortodoxia do Senhor e, por este motivo, decidiram fazer-lhe uma pergunta. Eles queriam saber por que os discípulos não lavavam as mãos antes de comer o pão, uma vez que, segundo as tradições, não fazer isso constituía transgressão.

O que é transgressão? Em termos bíblicos, é ultrapassar um limite, e este limite é a lei de Deus. Em suma, transgressão é pecado. Todavia, aquilo que os discípulos transgrediam aqui não é uma ordem encontrada no Antigo Testamento. O Antigo Testamento apresenta leis abundantes relativas à purificação ritual, e elas exigiam que os sacerdotes lavassem as mãos e os pés antes de ministrar no tabernáculo (Êx 30.20-21). No entanto, nenhuma exigência semelhante era feita ao público geral no que

diz respeito ao consumo de alimentos. Os rabinos haviam feito um acréscimo à lei de Deus. A *halachá*, tradição oral, fora codificada no *mishná*, escritos dos escribas e rabinos, e ali estava escrito que cabia a todos os judeus, antes de comer qualquer coisa, lavar as mãos. Jesus e seus discípulos, entretanto, não atentavam a esta tradição.

A palavra grega para tradição, *paradosis*, refere-se literalmente àquilo que é transmitido de pessoa para pessoa, de grupo para grupo. *Tradição* não é uma palavra negativa na Bíblia. Por exemplo, o apóstolo Paulo fala sobre a tradição apostólica que Jesus transmitiu à igreja e que foi preservada nas Escrituras pelos apóstolos (1Co 11.2; 2Ts 2.15; 3.6). Logo, a própria Bíblia é uma espécie de tradição. Ela é, contudo, uma tradição inspirada, uma tradição divina.

Toda igreja, toda família e toda nação tem tradições. A título de exemplo: em nossa congregação, a St. Andrew's, há várias janelas com vitrais que retratam a imagem de um homem, um leão, um boi e uma águia. Por que escolhemos vitrais com esta imagem? Ela é uma tradição que se originou logo no início da história da Igreja. As criaturas representadas no vidro eram utilizadas para simbolizar os quatro evangelistas: Mateus, Marcos, Lucas e João, respectivamente. Estes símbolos podem ser encontrados na arte cristã em toda a história da igreja. No entanto, Deus não ordena que a igreja os utilize.

Outro exemplo: nós nos reunimos para adorar porque Deus mandou. Porém, ele não disse, em lugar algum, que o culto deve acontecer às 11 horas da manhã aos domingos. Este horário em particular, o mais comum para o início dos cultos nos Estados Unidos, é uma tradição da igreja. Não há nada de errado em adorar às 11 horas, mas também não há qualquer regra que o obrigue.

Escritura e tradição?

Assim sendo, as tradições não são negativas em si. O problema ocorre quando elas suplantam ou sobrepujam a lei de Deus. Era exatamente isso

o que acontecia no judaísmo rabínico; as tradições humanas inventadas pelos rabinos substituíam a lei de Deus em alguns casos.

Um dos lemas da Reforma era *sola Scriptura*, isto é, "só a Escritura". O conceito de *sola Scriptura* não nega o valor das tradições que enriquecem a adoração do povo de Deus. Ele não nega a importância das confissões de fé humanas, tais como o Catecismo de Heidelberg, a confissão de fé de Westminster ou o Credo Niceno. O que a expressão *sola Scriptura* afirma é que só existe uma única fonte de revelação com autoridade sobre a consciência dos seres humanos e com poder para impor obrigação absoluta. Esta fonte é a Palavra de Deus.

Em 1521, Martinho Lutero foi convocado a comparecer diante da dieta imperial de Worms e obrigado, pela igreja e pelo Estado, a retirar seu ensinamento – sobretudo a doutrina da justificação somente pela fé. Lutero declarou: "A menos que eu seja convencido pelas Escrituras e pela razão pura, não aceitarei a autoridade dos papas e dos concílios, pois eles se contradizem – minha consciência permanecerá cativa à Palavra de Deus. Não posso e não retirarei coisa alguma, porque ir contra a própria consciência não é certo nem seguro. Deus me ajude. Amém."[1] Ao se opor desta forma, Lutero exprimia a doutrina da *sola Scriptura* antes mesmo de ela ter um nome.

No entanto, a Igreja Católica Romana recusou-se a dar ouvidos a Lutero. Em meados do século 16, na quarta sessão do Concílio de Trento, a igreja declarou que a revelação especial da verdade de Deus é encontrada nas Escrituras *e* na tradição da igreja, uma dupla fonte de autoridade máxima confirmada em cerca de 1950 na encíclica papal *Humani Generis* ("Da raça humana"). Assim, este tem sido um ponto de discórdia há séculos. A Bíblia é a fonte absoluta da verdade divina, ou as tradições da igreja estão no mesmo patamar das Escrituras? A Reforma disse *sola Scriptura*.

O mesmo tipo de controvérsia aconteceu em Israel quando as tradições dos rabinos começaram a receber a mesma autoridade que a Palavra de Deus e, em alguns casos, a literalmente desdizer a autoridade das Escrituras, visto que os líderes da igreja preferiam as *suas* tradições aos mandamentos de Deus. Assim, os escribas e os fariseus estavam questionando Jesus acerca da violação não de uma injunção bíblica, mas de uma tradição criada por homens.

Transgressão da lei de Deus

Jesus respondeu com um exemplo o qual mostrava aos líderes religiosos judeus que eles também eram transgressores (não de uma mera tradição humana, mas da lei de Deus). **Ele, porém, lhes respondeu: Por que transgredis vós também o mandamento de Deus, por causa da vossa tradição? Porque Deus ordenou: Honra a teu pai e a tua mãe; e: Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte. Mas vós dizeis: Se alguém disser a seu pai ou a sua mãe: É oferta ao Senhor aquilo que poderias aproveitar de mim; esse jamais honrará a seu pai ou a sua mãe. E, assim, invalidastes a palavra de Deus, por causa da vossa tradição** (v. 3-6). Do que Jesus estava falando aqui?

O quinto mandamento, "Honra teu pai e tua mãe" (Êx 20.12a), instituiu às famílias a obrigação de cuidar dos pais idosos. Porém, acontecia de as pessoas tentarem contornar esta obrigação penhorando seus bens ao templo. Isto significava que, enquanto estivessem vivas, não poderiam gastar um centavo sequer com o cuidado dos pais, uma vez que seu dinheiro estava prometido ao templo quando morressem. Por meio deste método de subterfúgio e evasão da responsabilidade atribuída por Deus, as pessoas guardavam o dinheiro para si. Jesus estava dizendo aos escribas e fariseus que a tradição deles sancionava comportamentos censuráveis como este e permitia a violação do mandamento de Deus. Em suas próprias palavras, "invalidastes a palavra de Deus, por causa da

vossa tradição". Ele estava dizendo: "Não há qualquer lei de Deus que obrigue meus discípulos a lavar as mãos antes de comer um pedaço de pão, mas existe uma lei de Deus ordenando que as pessoas façam algo em relação aos seus próprios pais. Cuidemos de obedecer a Deus em vez de obedecer aos homens."

Um dos meus primeiros compromissos como professor universitário deu-se em uma faculdade cristã. No dia em que eu e Vesta chegamos ao campus, antes do início do ano letivo, estava havendo um piquenique para todos ao ar livre. Vimos alguns alunos sentados à margem do lago, os quais haviam estendido um lençol e estavam jogando baralho. Eu e Vesta gostávamos de bridge, então nos aproximamos para ver o que os jovens estavam jogando. Perguntei qual era a partida, e eles me disseram que era de *rook*. Fiquei surpreso, pois *rook* era um jogo que jogávamos quando tínhamos seis anos de idade. Então, questionei por que estavam jogando *rook*, e eles responderam:

— É o único jogo de cartas que podemos jogar.

Quando perguntei se já haviam jogado bridge alguma vez, eles exclamaram:

— Não! Seríamos expulsos se alguém nos pegasse jogando isso.

Acabei descobrindo que os alunos eram proibidos de ir ao cinema ou dançar. A faculdade tinha listas de regras e normas que definiam o que é um cristão. Aquilo partiu meu coração, porque estavam ensinando aos jovens uma completa distorção do que realmente significa ser cristão. O que é mais fácil: cultivar o fruto do Espírito ou abster-se de ir ao cinema? Tais tradições banalizam o reino de Deus e geram um sentimento de culpa que nada tem a ver com a vida cristã.

Os escribas e fariseus faziam a mesma coisa. Eles tornavam as tradições dos homens mais importantes do que os mandamentos de Deus.

Fonte da contaminação

Jesus sempre chamava as coisas pelo nome. Segundo Mateus, ele disse: **Hipócritas! Bem profetizou Isaías a vosso respeito, dizendo: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens** (v. 7-9). Primeiro, ele declarou que os escribas e fariseus eram culpados de hipocrisia. Em seguida, afirmou que eles eram o cumprimento de Isaías 29.13. Na passagem citada, o profeta descreve o povo de Deus adorando-o apenas com os lábios – louvando seu nome, cantando hinos e orando, mas sem amá-lo de coração. As pessoas obedeciam às tradições externas, mas, por dentro, nada havia além de decadência e morte espiritual. Além disso, elas transmitiam regras inventadas por homens como se fossem mandamentos de Deus. Em suma, Jesus disse aos escribas e fariseus que sua espiritualidade era inútil e vazia.

Depois, Mateus acrescenta: **E, tendo convocado a multidão, lhes disse: Ouvi e entendei: não é o que entra pela boca o que contamina o homem, mas o que sai da boca, isto, sim, contamina o homem** (v. 10-11). Podemos levar à boca toda sorte de coisas prejudiciais ao corpo, mas nada que entra nos contamina diante de Deus. É o que sai de nós que nos contamina: a imundície, as blasfêmias e as calúnias transmitidas por nossas palavras.

Jesus aprofundou-se no assunto quando os discípulos o procuraram em busca de clareza: **Então, aproximando-se dele os discípulos, disseram: Sabes que os fariseus, ouvindo a tua palavra, se escandalizaram? Ele, porém, respondeu: Toda planta que meu Pai celestial não plantou será arrancada. Deixai-os; são cegos, guias de cegos. Ora, se um cego guiar outro cego, cairão ambos no barranco** (v. 12-14). Os discípulos queriam que Jesus soubesse que havia ofendido os fariseus, mas ele os aconselhou a não se preocupar com isso. Ele observou que toda planta que não tenha sido plantada pelo Pai será arrancada – uma reminiscência da parábola do trigo e do joio (veja 13.30). Em seguida, Jesus fez a conhecida

caracterização dos fariseus como guias cegos de homens cegos, uma situação que terminaria com todos caindo em um barranco – um completo fracasso de liderança.

Diante da solicitação de Pedro, Jesus falou mais sobre a origem da contaminação: **Então, lhe disse Pedro: Explica-nos a parábola. Jesus, porém, disse: Também vós não entendeis ainda? Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce para o ventre e, depois, é lançado em lugar escuso? Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem. Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos não o contamina** (v. 15-20).

O problema, segundo Jesus, é o coração. Ali nascem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias, os quais são expressos em palavras e ações pecaminosas aos olhos de Deus. É pelo pecado que o homem é contaminado, ou seja, colocado sob o juízo de Deus. Conforme Tiago disse, "Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte" (Tg 1.15).

Regras externas – não comer, não tocar, não mexer – não são capazes de resolver o verdadeiro problema, a saber, o mal presente no coração dos homens. Só Jesus, operando pelo poder de seu Espírito Santo, pode transformar o coração. Esta mudança é essencial para que haja obediência aos mandamentos de Deus.

[1] Martinho Lutero, citado em: BAINTON, Roland H. *Here I Stand:* A Life of Martin Luther. Nashville: Abingdon Press, 1950, p. 144.

UMA MULHER GENTIA

Mateus 15.21-39



> Partindo Jesus dali, retirou-se para os lados de Tiro e Sidom. E eis que uma mulher cananeia, que viera daquelas regiões, clamava: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada. Ele, porém, não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, aproximando-se, rogaram-lhe: Despede-a, pois vem clamando atrás de nós. Mas Jesus respondeu: Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel. Ela, porém, veio e o adorou, dizendo: Senhor, socorre-me! Então, ele, respondendo, disse: Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos. Ela, contudo, replicou: Sim, Senhor, porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos. Então, lhe disse Jesus: Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres. E, desde aquele momento, sua filha ficou sã. Partindo Jesus dali, foi para junto do mar da Galileia; e, subindo ao monte, assentou-se ali. E vieram a ele muitas multidões trazendo consigo coxos, aleijados, cegos, mudos e outros muitos e os largaram junto aos pés de Jesus; e ele os curou. De modo que o povo se maravilhou ao ver que os mudos falavam, os aleijados recobravam saúde, os coxos andavam e os cegos viam. Então, glorificavam ao Deus de Israel. E, chamando Jesus os seus discípulos, disse: Tenho compaixão desta gente, porque há três dias que permanece comigo e não tem o que comer; e não quero despedi-la em jejum, para que não desfaleça pelo caminho. Mas os discípulos lhe disseram: Onde haverá neste deserto tantos pães para fartar tão grande multidão? Perguntou-lhes Jesus: Quantos pães tendes? Responderam: Sete e alguns peixinhos. Então, tendo mandado o povo assentar-se no chão, tomou os sete pães e os peixes, e, dando graças, partiu, e deu aos discípulos, e estes, ao povo. Todos comeram e se fartaram; e, do que sobejou, recolheram sete cestos cheios. Ora, os que comeram eram quatro mil homens, além de mulheres e crianças. E, tendo despedido as multidões, entrou Jesus no barco e foi para o território de Magadã.

epois de mais um conflito com os fariseus – no caso, com uma delegação vinda de Jerusalém – e um breve discurso sobre a fonte da contaminação (o coração, e não as coisas externas), Jesus deixou a região da Galileia e

Deseguiu por uma direção totalmente inesperada: **Partindo Jesus dali, retirou-se para os lados de Tiro e Sidom** (v. 21).

Tiro e Sidom eram cidades antigas situadas na costa do mar Mediterrâneo, ao norte e a oeste da Galileia. Elas haviam sido grandes cidades da Fenícia, uma importante civilização que floresceu em Canaã séculos antes de Cristo. Na época de Jesus, a Fenícia já havia desaparecido há muito tempo, e Tiro e Sidom faziam parte da província romana da Síria. Estas cidades eram centros culturais por serem grandes portos marítimos, uma importante herança do passado fenício. Ambas ainda existem e fazem parte do Líbano.

Por que Jesus se aventurou por essa região, a qual estava situada fora do território judaico e era, portanto, gentia e pagã em grande parte? Talvez ele simplesmente estivesse procurando o anonimato a fim de descansar um pouco da atividade ministerial que o seguia por toda a Galileia. Ou, talvez, quisesse escapar do perigo iminente apresentado pelos oficiais judeus. Nós não sabemos por que ele foi até lá, mas sabemos que esta foi a única ocasião durante todo o ministério em que Jesus deixou as antigas fronteiras de Israel e pisou em terra pagã.

Se é que Jesus estava buscando anonimato e um desligamento temporário do ministério, ele não conseguiu encontrá-los. Mateus diz: **E eis que uma mulher cananeia, que viera daquelas regiões, clamava: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de mim! Minha filha está horrivelmente endemoninhada** (v. 22). Uma mulher cananeia, isto é, uma mulher pagã da região, reconheceu Jesus. Não podemos deixar de inferir que a reputação do Senhor havia se espalhado por toda aquela área do mundo antigo. Parece provável que suas habilidades de cura fossem especialmente comentadas, pois a mulher lhe suplicou que curasse sua filha, assim como muitos já haviam feito na Galileia. Ela não descreveu os sintomas daquela experiência específica de possessão demoníaca, como acontece às vezes nos relatos dos Evangelhos, mas indicou que a

filha estava *horrivelmente* endemoninhada. Então, pediu-lhe que tivesse misericórdia da menina.

Quase tudo no clamor desta mulher a Jesus é notável, a começar pelo fato de que ela o abordou dizendo: "Senhor, Filho de Davi". Neste caso, "Senhor" pode ter sido simplesmente um tratamento respeitoso, mas ela também o chamou de "Filho de Davi". Nós já vimos que este era um título extremamente significativo de Jesus, pois, no passado, havia sido profetizado que um rei da linhagem de Davi reinaria para sempre (Is 9.7). Mateus identifica Jesus como "filho de Davi" desde o início de seu Evangelho (1.1). Dois cegos também clamaram a Jesus praticamente com as mesmas palavras da mulher cananeia: "Tem compaixão de nós, Filho de Davi!" (9.27). Depois, em sua entrada triunfal, as multidões o enalteceram como "Filho de Davi" (21.9). Este era um título messiânico. Não temos como saber de que maneira a mulher pagã tomou conhecimento deste título de Jesus e veio a utilizá-lo, mas é interessante o fato de que ela estava disposta a identificá-lo como Messias enquanto tantas pessoas em Israel não o faziam.

Súplicas insistentes

O clamor inicial da mulher foi notável, mas a resposta inicial de Jesus foi mais notável ainda: **Ele, porém, não lhe respondeu palavra** (v. 23a). Este silêncio não tinha absolutamente nada a ver com Jesus. Havia um padrão constante em seu ministério terreno: sempre que alguém buscava sua ajuda, ele interrompia o que estava fazendo a fim de atender à necessidade da pessoa. Seu ministério foi marcado, acima de tudo, pela compaixão. No entanto, parece – pelo menos à primeira vista – que Jesus ignorou a mulher cananeia.

Em seguida, Mateus observa: **E os seus discípulos, aproximando-se, rogaram-lhe: Despede-a, pois vem clamando atrás de nós** (v. 23b). Será que os discípulos estavam insistindo com Jesus para que curasse logo a filha

da mulher a fim de que, assim, ela parasse de chorar e chamar atenção? Será que estavam sendo tão frios quanto Jesus, simplesmente instando-o a despedi-la por estarem cansados de ouvir seus rogos? Eu gosto de pensar que os discípulos estavam fazendo um pedido implícito para que ele ajudasse a mulher.

No entanto, Jesus deu outra resposta estranha. Ele disse que não era sua função ajudar uma mulher cananeia: **Mas Jesus respondeu: Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel** (v. 24). O que devemos entender desta declaração? Jesus não estava dizendo que exerceria seu poder apenas dentro dos limites de Israel. O que ele estava dizendo era isto: "Eu sou um missionário. Fui enviado por Deus a determinado lugar em determinado momento para desempenhar determinada tarefa. Fui enviado às ovelhas perdidas da casa de Israel. Esta mulher não é uma das ovelhas perdidas. Ela não se enquadra no escopo da minha missão." Acredito ser isso o que Jesus estava querendo dizer. Mesmo assim, parece que ele estava ficando cada vez mais insensível.

Como a mulher reagiu? Surpreendentemente, Mateus diz: **Ela, porém, veio e o adorou, dizendo: Senhor, socorre-me!** (v. 25). Jesus havia acabado de dizer que ela não estava no escopo de sua missão, mas, mesmo assim, ela o adorou. Em seguida, falou três das palavras mais importantes que o ser humano poderia pronunciar na presença de Jesus: "Senhor, socorre-me!" Ela o reconheceu como Deus encarnado e clamou por ajuda, sem desejar qualquer tipo de reconhecimento. Aquela mulher não se importava com o que Jesus lhe dizia nem com a forma como parecia tratá-la. Estava convencida de que ele era a única esperança para sua filha e, por este motivo, continuou implorando por socorro.

Eu gosto muito de conversar com cristãos e ouvir o testemunho de como eles vieram a Cristo. Há um padrão que já identifiquei: as pessoas costumam chegar ao fim de si mesmas antes de se voltar para Cristo. Quando chegam ao fim da linha, elas não procuram Jesus para negociar

ou discutir; elas vão de joelhos e clamam por ajuda. Foi isso o que aconteceu comigo quando me converti, ao lado da cama em um dormitório universitário há mais de 50 anos. Apoiei a cabeça sobre a cama e bradei aos céus: "Deus, me ajude!" Em algum momento da vida, todos nós temos de chegar a esse ponto. Ouço muitas palavras tolas de incrédulos por aí, mas nenhuma delas é mais insensata do que estas: "Eu não preciso de Jesus." Quando escuto alguém dizer isso, tenho vontade de agarrar o indivíduo pelo colarinho e dizer: "Qual é o seu problema? Por acaso não sabe que não existe nada neste mundo de que você precise *mais* do que Jesus?"

A mulher cananeia sabia que precisava de Jesus; por esta razão, aproximou-se com um pedido simples, porém urgente. Jesus, entretanto, hesitou. Depois, proferiu aquilo que parece ter sido sua declaração mais insensível de todas: **Então, ele, respondendo, disse: Não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos** (v. 26). Antigamente em Israel, uma das piores formas de insultar alguém era chamá-lo de cachorro. Os comentaristas indicam que Jesus falava aqui sobre "cachorrinhos", isto é, pequenos cães criados como animais de estimação, não cães selvagens de rua. Além disso, o cenário descrito era de uma refeição familiar, com crianças sentadas à mesa e cãezinhos andando ao redor. Ele disse, com razão, que não seria justo se os pais tomassem o alimento destinado às crianças e o oferecesse aos cães. Mas, independentemente de nosso olhar sobre o ocorrido, o fato é que Jesus chamou a mulher de "cachorrinho".

Autoconhecimento adequado

Eu acho que essa mulher é uma das pessoas mais incríveis que podemos encontrar em toda a Escritura. Fico sinceramente pasmo com o fato de ela não ter ficado brava neste ponto e acusado Jesus de difamação. Pelo contrário, ela respondeu com muito humildade: **Ela,**

contudo, replicou: Sim, Senhor, porém os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos (v. 27).

Nós já vimos que a mulher sabia quem Jesus era. Ela sabia que ele era o Senhor e o Filho de Davi, isto é, o Messias. Porém, um fato igualmente importante é que ela sabia quem ela era. É por isso que, quando Jesus comparou-a a um cão (mesmo que o tenha feito em relação a uma raça doméstica), não houve protesto. Este era um reconhecimento tácito de que ela não fazia parte do povo de Jesus e que ele, portanto, nada lhe devia. Em suma, a mulher não havia se aproximado com um senso de merecimento.

Nos Estados Unidos hoje, há uma crescente sensação de mérito entre a população. Temos a impressão de ouvir todos os dias pessoas alegando que a sociedade ou o governo lhes deve alguma coisa. Todos nós estamos suscetíveis a esta mentalidade, mas temos de resisti-la com todas as forças. O problema de tal pensamento é que ele pode crescer ao ponto de nos fazer acreditar que o próprio Deus nos deve algo – saúde, riqueza, felicidade e uma infinidade de coisas.

O décimo mandamento diz: "Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo" (Êx 20.17). A pergunta 113 do Catecismo de Heidelberg é esta: "O que Deus exige no décimo mandamento?" A resposta dada é: "Jamais pode surgir em nosso coração o menor desejo ou pensamento que vá contra um mandamento de Deus. Pelo contrário, devemos sempre, de todo o coração, odiar todos os pecados e amar toda justiça." Quando cobiçamos o que outra pessoa tem, pecamos contra ela. Todavia, o pecado contra o homem não se compara ao pecado contra Deus, pois, quando cobiçamos aquilo que pertence a outra pessoa, estamos dizendo a ele: "O senhor não é justo. O senhor deu àquele indivíduo o que deveria ter dado a mim. Eu mereço aquilo tanto quanto

ele. O senhor me roubou aquilo que mereço." É isso o que o senso de merecimento pode causar.

Caso os Estados Unidos decidissem se livrar da Constituição e jogar fora a Declaração de Direitos em favor de um código jurídico simplificado com apenas dez leis, quais regras você gostaria de ver registradas ali? Certamente esperaria que houvesse uma lei que protegesse a santidade da vida, proibindo assassinatos. Eu também acho que você pediria uma lei que protegesse os direitos de propriedade, proibindo furtos, roubos e assaltos. Além disso, você provavelmente gostaria de preservar a santidade do matrimônio, da família e do lar por meio de uma lei que proibisse o adultério. Estas leis parecem escolhas bastante óbvias, pois tratam de questões importantes. Todavia, será que você incluiria uma lei contra a inveja? Deus incluiu-a ao fundar uma nação e fornecer um resumo da lei, dividido em dez partes. A proibição da cobiça era uma delas. Talvez ele tivesse alguma ideia de como a inveja, o ciúme e o senso de mérito podem ser destrutivos.

No entanto, não havia qualquer senso de merecimento no coração daquela mulher cananeia. Ela não se aproximou de Jesus ressentida, exigindo a ajuda dele como se fosse uma obrigação. Ela sabia que não tinha direito ao seu auxílio. Além disso, reconhecia que era um "cachorrinho" e afirmou estar apenas esperando algumas migalhas caírem perto dela, tal como qualquer animal doméstico faria.

Mateus escreve: **Então, lhe disse Jesus: Ó mulher, grande é a tua fé! Faça-se contigo como queres. E, desde aquele momento, sua filha ficou sã** (v. 28). Jesus encontrou fé na mulher cananeia. Os olhos dela haviam sido abertos para conhecê-lo e crer nele. Por este motivo, ele atendeu ao seu pedido.

Essa mulher é um exemplo de como um cristão deveria ser. Todos nós somos tentados, vez ou outra, a achar que Deus nos deve um pouco mais do que já nos concedeu e que nós merecemos aquilo que recebemos dele.

Este pensamento é fatal. O único mérito que temos diante de um Deus santo é demérito. Nossa única esperança de estar diante de um Deus santo e justo é se antes suplicarmos por sua graça e misericórdia, pois é somente por meio delas que podemos entrar no reino.

Milagres em terras gentias

Mateus prossegue dizendo: **Partindo Jesus dali, foi para junto do mar da Galileia; e, subindo ao monte, assentou-se ali. E vieram a ele muitas multidões trazendo consigo coxos, aleijados, cegos, mudos e outros muitos e os largaram junto aos pés de Jesus; e ele os curou. De modo que o povo se maravilhou ao ver que os mudos falavam, os aleijados recobravam saúde, os coxos andavam e os cegos viam. Então, glorificavam ao Deus de Israel** (v. 29-31). Após deixar a região de Tiro e Sidom, Jesus passou algum tempo nos territórios gentios ao norte do mar da Galileia. Multidões aproximaram-se dele em busca de cura, e o Senhor atendeu a todos os pedidos, fazendo com que elas se maravilhassem e glorificassem a Deus.

O que vem em seguida é praticamente uma repetição do episódio em que 5.000 homens foram alimentados, conforme estudamos em Mateus 14. Aqui, o evangelista escreve: **E, chamando Jesus os seus discípulos, disse: Tenho compaixão desta gente, porque há três dias que permanece comigo e não tem o que comer; e não quero despedi-la em jejum, para que não desfaleça pelo caminho** (v. 32). Jesus estava preocupado porque as pessoas, por incrível que pareça, haviam estado com ele durante três dias e, naquele período, não haviam comido nada (ou o alimento que tinham havia acabado). Ele não queria despedi-las com fome.

Neste ponto, eu esperaria que um dos discípulos o interrompesse e dissesse: "Por que o senhor não multiplica alguns pães e peixes como da outra vez?" Porém, eles pareciam ter se esquecido daquele incidente: **Mas os discípulos lhe disseram: Onde haverá neste deserto tantos pães para fartar tão grande multidão?** (v. 33). Sou absolutamente incapaz de

explicar por que eles, ao que tudo indica, não se lembraram de uma demonstração tão vívida do poder de Jesus.

O Senhor conduziu-os com paciência ao longo de um processo muito semelhante ao do milagre anterior: **Perguntou-lhes Jesus: Quantos pães tendes? Responderam: Sete e alguns peixinhos. Então, tendo mandado o povo assentar-se no chão, tomou os sete pães e os peixes, e, dando graças, partiu, e deu aos discípulos, e estes, ao povo. Todos comeram e se fartaram; e, do que sobejou, recolheram sete cestos cheios. Ora, os que comeram eram quatro mil homens, além de mulheres e crianças. E, tendo despedido as multidões, entrou Jesus no barco e foi para o território de Magadã** (v. 34-39).

Assim como Jesus havia alimentado 5.000 judeus, além de mulheres e crianças, ele alimentou também 4.000 gentios, além de mulheres e crianças. Este era um indício da futura expansão do reino de Deus para além das fronteiras de Israel – para os gentios.

O FERMENTO DOS FARISEUS

Mateus 16.1-12



> Aproximando-se os fariseus e os saduceus, tentando-o, pediram-lhe que lhes mostrasse um sinal vindo do céu. Ele, porém, lhes respondeu: Chegada a tarde, dizeis: Haverá bom tempo, porque o céu está avermelhado; e, pela manhã: Hoje, haverá tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio. Sabeis, na verdade, discernir o aspecto do céu e não podeis discernir os sinais dos tempos? Uma geração má e adúltera pede um sinal; e nenhum sinal lhe será dado, senão o de Jonas. E, deixando-os, retirou-se. Ora, tendo os discípulos passado para o outro lado, esqueceram-se de levar pão. E Jesus lhes disse: Vede e acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus. Eles, porém, discorriam entre si, dizendo: É porque não trouxemos pão. Percebendo-o Jesus, disse: Por que discorreis entre vós, homens de pequena fé, sobre o não terdes pão? Não compreendeis ainda, nem vos lembrais dos cinco pães para cinco mil homens e de quantos cestos tomastes? Nem dos sete pães para os quatro mil e de quantos cestos tomastes? Como não compreendeis que não vos falei a respeito de pães? E sim: acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus. Então, entenderam que não lhes dissera que se acautelassem do fermento de pães, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus.

À primeira vista, os versículos iniciais de Mateus 16 parecem estar repetindo relatos anteriores. Em outra ocasião, alguns escribas e fariseus haviam pedido a Jesus que mostrasse um sinal, mas ele lhes respondera dizendo que veriam apenas o sinal do profeta Jonas (12.38-39). Em outro incidente, uma delegação de fariseus vinda de Jerusalém havia questionado o motivo de os discípulos transgredirem uma tradição judaica (15.1-2). Aqui no capítulo 16, estando Jesus aparentemente de volta à terra dos judeus, parece que outra delegação de líderes religiosos fora pedir mais um sinal. Sim, este evento é, de certa forma, semelhante àqueles que haviam ocorrido anteriormente, mas também é singular em

alguns aspectos. A bem da verdade, existe algo bem diferente nele que pode passar despercebido com facilidade se a passagem for lida muito depressa.

Mateus começa assim: **Aproximando-se os fariseus e os saduceus, tentando-o, pediram-lhe que lhes mostrasse um sinal vindo do céu** (v. 1). De imediato, vemos uma importante diferença em relação aos incidentes anteriores: esta delegação não era composta por fariseus e *escribas*, mas por fariseus e *saduceus*. Este é o primeiro confronto registrado por Mateus entre Jesus e os saduceus. É estranho o fato de os saduceus terem ido junto com os fariseus, pois estes eram dois grupos de judeus que não se davam bem. Para que representantes de ambos fossem ter com Jesus em uma delegação conjunta, é porque algo lhes preocupava seriamente. O motivo, é claro, era a desconfiança e o ódio mútuos que nutriam contra ele. Portanto, fizeram uma aliança profana para colocá-lo à prova.

O primeiro passo foi pedir a Jesus um sinal do céu. Os fariseus já haviam pedido a mesma coisa antes. Eles queriam algo mais grandioso do que os sinais milagrosos já vistos – as curas, as libertações de possessão demoníaca e as multiplicações de pães e peixes – pois sabiam que os profetas antigos também haviam operado curas e outros sinais prodigiosos. Eles pediram um sinal que viesse indiscutivelmente do céu, um sinal que encerrasse a questão de sua identidade de uma vez por todas. Os fariseus queriam ver o próprio Deus atestando Jesus por meio de uma espécie de milagre que transcendesse tudo o que já haviam sido capazes de observar. Em outras palavras, estavam pedindo que Jesus apresentasse credenciais divinas.

Jesus deu uma resposta muito interessante: **Ele, porém, lhes respondeu: Chegada a tarde, dizeis: Haverá bom tempo, porque o céu está avermelhado; e, pela manhã: Hoje, haverá tempestade, porque o céu está de um vermelho sombrio** (v. 2-3a). Há um ditado que diz: "À tarde, o céu

vermelho agrada o marinheiro; de manhã, a mesma cor é motivo de temor." Este provérbio reflete o truísmo de que, se o céu estiver vermelho ao pôr do sol, o tempo será bom no dia seguinte; mas, se o céu estiver vermelho ao amanhecer, o tempo provavelmente fechará em instantes. A resposta de Jesus indica que este conhecimento popular já existia na época, e os próprios fariseus e saduceus utilizavam-no para prever o tempo.

No entanto, Jesus era da opinião de que aqueles homens se saíam melhor como meteorologistas do que como teólogos e estudiosos das Escrituras. Ele prosseguiu, dizendo: **Sabeis, na verdade, discernir o aspecto do céu e não podeis discernir os sinais dos tempos?** (v. 3b). É como se ele estivesse perguntando: "Como vocês podem ter deixado de ver os sinais inconfundíveis da chegada do reino de Deus, feitos em seu meio?" Eles tinham ouvido o ensinamento de João Batista e o ensinamento do próprio Jesus, além de terem visto os poderosos sinais operados por ele em nítido cumprimento das profecias, mas não compreenderam o que aquelas coisas indicavam nem acreditaram nelas.

Anseio por um sinal

Então, segundo Mateus, Jesus disse: **Uma geração má e adúltera pede um sinal; e nenhum sinal lhe será dado, senão o de Jonas. E, deixando-os, retirou-se** (v. 4). Primeiro Jesus disse aos fariseus e saduceus que o fato de procurarem um sinal mostrava que eles eram parte de uma geração má e adúltera, uma geração infiel a Deus. Ele estava falando sobre pessoas de coração duro, as quais acham que Deus deve realizar milagres especialmente para elas. No entanto, aqueles homens já haviam recebido o sinal mais estupendo de todos, o sinal de Jonas: assim como o profeta esteve três dias no ventre do peixe, também Cristo ficou três dias na terra e, depois, ressuscitou (12.40).

O mundo de hoje está cheio de pessoas idênticas aos fariseus e saduceus. Elas dizem: "Sei o que o Novo Testamento diz, mas eu não estava lá quando aquelas coisas aconteceram. Logo, a menos que eu veja Jesus com meus próprios olhos e o toque com minhas próprias mãos, não lhe darei qualquer crédito ou consideração." Apesar do testemunho concedido por Deus em sua Palavra acerca da identidade de Jesus, o qual deveria convencer qualquer criatura sensata de que ele de fato é o Filho de Deus, as pessoas querem mais. Elas querem ver Jesus vivo e operando milagres.

Após ressuscitar, o Senhor apareceu à maioria dos apóstolos, mas Tomé não o viu. Ao ouvir a notícia depois, ele disse: "Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, e ali não puser o dedo, e não puser a mão no seu lado, de modo algum acreditarei" (Jo 20.25). Dias depois, Jesus foi ao cenáculo quando Tomé estava presente e falou: "Põe aqui o dedo e vê as minhas mãos; chega também a mão e põe-na no meu lado; não sejas incrédulo, mas crente" (v. 27). João não nos informa se Tomé chegou a tocar nas chagas de Jesus. Tudo o que ele nos diz é que Tomé exclamou: "Senhor meu e Deus meu!" (v. 28), e isso levou Jesus a declarar: "Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram" (v. 29). Nem todos têm o privilégio de ver as chagas de Jesus a fim de reforçar a fé e, mesmo assim, creem.

Lembre-se do que Paulo disse aos filósofos céticos em Atenas: "Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam; porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou e acreditou diante de todos, ressuscitando-o dentre os mortos" (At 17.30-31). As pessoas podem até querer mais de Deus, mas não vão atrás. Ele já forneceu evidência o suficiente para tornar todos os seres humanos culpáveis diante dele ressuscitando Jesus dentre os mortos. Logo, todos os indivíduos, de todos os lugares, têm a

obrigação divina de ir até Jesus. Ir até ele não é uma opção; é uma exigência que o próprio Deus fez ao mundo.

Fermento perigoso

Após repreender os fariseus e saduceus, Jesus partiu. Mateus acrescenta: **Ora, tendo os discípulos passado para o outro lado, esqueceram-se de levar pão. E Jesus lhes disse: Vede e acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus** (v. 5-6). Quando Mateus disse que Jesus e os discípulos passaram para "o outro lado", ele provavelmente quis dizer que eles deixaram mais uma vez o território judaico para adentrar em uma região gentia. Isto condiz com o fato de que os acontecimentos seguintes ocorreram nas redondezas de Cesareia de Filipe e do monte Hermom, uma região gentia ao norte do mar da Galileia. Somente quando chegaram às terras gentias foi que os discípulos perceberam que haviam esquecido de levar pão. Ao que parece, eles haviam conversado sobre isso em voz alta, pois Jesus fez uma exortação solene e inesperada a respeito do fermento dos fariseus e saduceus. Este é um alerta ao qual também nós devemos dar atenção, conforme explicarei a seguir.

Os discípulos, como acontecia com frequência, ficaram confusos com o que Jesus dissera: **Eles, porém, discorriam entre si, dizendo: É porque não trouxemos pão** (v. 7). Eles pensaram que, por estarem falando sobre pão, Jesus lhes alertava para ter cuidado com o fermento dos fariseus e saduceus. Além do mais, visto que o fermento era um ingrediente essencial, eles acharam que Jesus poderia estar ensinando-os a assar pães da maneira correta ou proibindo que os comprassem de determinadas procedências. Por mais que se esforçassem, os discípulos não conseguiam saber com certeza o que ele lhes falava.

Mateus, em seguida, escreve: **Percebendo-o Jesus, disse: Por que discorreis entre vós, homens de pequena fé, sobre o não terdes pão? Não**

compreendeis ainda, nem vos lembrais dos cinco pães para cinco mil homens e de quantos cestos tomastes? Nem dos sete pães para os quatro mil e de quantos cestos tomastes? Como não compreendeis que não vos falei a respeito de pães? E sim: acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus (v. 8-11). Jesus, percebendo a confusão dos discípulos, explicou que seu comentário nada tinha a ver com a falta de pão. Ele salientou que eles deveriam ter fé o suficiente naquele momento para conhecer sua capacidade de fornecer-lhes alimento, se necessário fosse. Em seguida, o Senhor repetiu o alerta para que os discípulos percebessem que, em momento algum, havia empregado a palavra *pão*; o que ele havia falado era sobre o *fermento* dos fariseus e saduceus.

Finalmente, os discípulos entenderam que Jesus estava falando de forma metafórica: **Então, entenderam que não lhes dissera que se acautelassem do fermento de pães, mas da doutrina dos fariseus e dos saduceus** (v. 12). Jesus estava lhes dizendo para tomar cuidado com as más doutrinas, as quais podem envenenar a mente, o coração e a alma.

Exaltação da doutrina

Hoje, com muita frequência, *qualquer* doutrina é considerada ruim. Eu escuto este tipo de coisa o tempo todo: "Não quero aprender doutrina. Tudo o que preciso é de Jesus. A doutrina, além de dividir as pessoas, é desnecessária. Jesus é minha única doutrina." Considero esta uma atitude perigosa. Por isso, quando as pessoas me dizem que a única doutrina de que precisam é Jesus, eu pergunto: "Bem, quem é Jesus?" Se a resposta tiver uma única palavra sequer, elas já estão expressando doutrina. A Bíblia é doutrina quase em sua totalidade. Por acaso nos atreveremos a dizer ao autor das Escrituras Sagradas que doutrina não é importante? Deveríamos dizer aos apóstolos, que morreram em favor de seu ensinamento, que doutrina não é importante? Deveríamos dizer a Jesus

que não nos importamos com doutrina? Uma atitude deste tipo é má e tola.

No século 16, o humanista holandês Erasmo de Rotterdam escreveu uma sátira intitulada *Elogio da loucura*, a qual se tornou um dos clássicos da literatura ocidental. Ela era dirigida contra a imoralidade que contagiara o sacerdócio da Igreja Católica Romana e até mesmo o papado dos Bórgia, extremamente corrupto. Quando Martinho Lutero leu a obra *Elogio da loucura*, ele disse que Erasmo havia atacado o papa na barriga e que ele, por sua vez, o atacara na doutrina. Com isso, Lutero estava expressando que a Reforma não abordava a imoralidade do clero em Roma, mas a corrupção do verdadeiro evangelho com falsas doutrinas.

Por que doutrina é importante? Ela é importante porque não se trata de um conjunto abstrato de axiomas filosóficos ou teológicos. Doutrina tem como conteúdo a natureza e o caráter de Deus Pai, Filho e Espírito Santo. O modo como entendemos o caráter de Deus exerce profundo impacto sobre a maneira como vivemos a vida cristã.

Os fariseus eram dedicados à obediência da lei de Deus. Eles acreditavam que toda a Escritura judaica – o Antigo Testamento – era a Palavra de Deus. Eles acreditavam em milagres. Acreditavam na ressurreição dos mortos e em vida após a morte. Aqueles homens eram os conservadores de Israel no primeiro século. O problema deles, tal como costuma ser o problema de conservadores e fundamentalistas em geral, era o fato de não estarem satisfeitos com o que Deus havia revelado nas Escrituras Sagradas. Eles acrescentavam suas próprias regras e normas. Os saduceus, em contrapartida, eram liberais. Eles afirmavam que a única parte do Antigo Testamento constituída de fato por Escrituras Sagradas eram os primeiros cinco livros, o Pentateuco. Eles não reconheciam os livros dos profetas como Palavra de Deus. Não acreditavam em milagres. Tampouco acreditavam na ressurreição ou em

vida após a morte. Eles lembravam os liberais do século 19 nas igrejas históricas. Jesus disse aos discípulos que ambos os grupos continham fermento venenoso. Eles precisavam ter cuidado tanto com os conservadores, que acrescentavam informações à Bíblia, quanto com os liberais, que retiravam informações dela. O dever deles era manter os olhos fixos na Palavra de Deus e acreditar em cada letra nela contida.

Se quisermos saber quem Deus é, bem como crescer na vida cristã, temos de estudar doutrina, porque este é o conteúdo da Bíblia. Conheço organizações de estudo bíblico que dizem o seguinte aos participantes: "Nós não vamos entrar em doutrina. Tudo o que faremos é olhar para o texto." Infelizmente, se quisermos permanecer longe das doutrinas, não poderemos analisar o texto das Escrituras com muita profundidade. A melhor abordagem é aproximar-nos das Escrituras Sagradas a fim de *obter* nossa doutrina, pois é isto o que as Escrituras são. A doutrina não deve vir de qualquer outro lugar.

A GRANDE CONFISSÃO

Mateus 16.13-20



> Indo Jesus para os lados de Cesareia de Filipe, perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do homem? E eles responderam: Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias ou algum dos profetas. Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou? Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo. Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus. Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus. Então, advertiu os discípulos de que a ninguém dissessem ser ele o Cristo.

Chegamos aqui ao relato de Mateus sobre um dos grandes momentos do ministério de Jesus: a ocasião em que Simão Pedro confessou-o como "o Cristo", o Messias. O entusiasmo de Jesus diante desta confissão é visível na passagem, e, portanto, nós também devemos nos entusiasmar com ela. O motivo do júbilo, segundo a explicação do próprio Senhor, é que foi sobre esta confissão de fé que ele edificou a igreja.

Mateus começa assim: **Indo Jesus para os lados de Cesareia de Filipe, perguntou a seus discípulos: Quem diz o povo ser o Filho do homem?** (v. 13). Cesareia de Filipe era uma cidade cerca de 40 quilômetros ao norte do mar da Galileia. Ela fora construída por um dos filhos de Herodes, o Grande – a saber, Filipe, tetrarca de Itureia, um território a norte e leste do mar. Ele batizou a cidade de Cesareia em homenagem a

César Augusto, mas, como já havia uma cidade chamada Cesareia na costa do Mediterrâneo, ele acrescentou o próprio nome para diferenciar as duas. Conforme indicado em Mateus 16.5, Jesus e seus discípulos estavam de volta a terras gentias.

No entanto, o local não é tão importante quanto o que aconteceu ali. Jesus fez uma pesquisa entre os discípulos, perguntando: "Quem diz o povo ser o Filho do homem?" Ele pediu que eles lhe contassem o que andavam ouvindo de entes queridos, amigos e outros a seu respeito; que resumissem a opinião pública sobre sua pessoa. Acho interessante o fato de Jesus não ter simplesmente perguntado: "Quem diz o povo ser eu?" Na própria pergunta dirigida aos discípulos, ele forneceu a resposta que as pessoas deveriam dar: "O Filho do homem". Como já vimos, esta era a designação preferida de Jesus. Trata-se de um título tomado do livro de Daniel, o qual faz referência a um ser celestial que havia sido enviado ao mundo pelo Pai e que, depois, retornara para receber um reino (Dn 7.9-14).

Os discípulos deram a Jesus uma breve lista das teorias existentes entre o povo: **E eles responderam: Uns dizem: João Batista; outros: Elias; e outros: Jeremias ou algum dos profetas** (v. 14). Estas respostas podem nos deixar intrigados. Primeiro, por que alguém pensaria que Jesus era João Batista? Lembre-se de que, sem os meios de comunicação modernos (com os quais já estamos acostumados), a notícia sobre a morte de João poderia muito bem não ter alcançado a todos. Além disso, provavelmente poucos sabiam como era a aparência física exata de João. Logo, quando Jesus apareceu na Galileia e começou a pregar e ministrar como um profeta, algumas pessoas acreditavam ter finalmente encontrado o profeta a respeito do qual haviam ouvido falar há algum tempo. Segundo, por que alguns indivíduos acharam que Jesus era Elias? Conforme vimos, o último profeta do Antigo Testamento, Malaquias, havia predito o retorno de Elias, dizendo: "Eis que eu vos enviarei o

profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR" (4.5). Jesus era claramente um homem de Deus com dons sobrenaturais, então é compreensível que alguns se perguntassem se ele era o cumprimento da profecia. Terceiro, por que outros acreditavam que ele era Jeremias? O Antigo Testamento nada diz a respeito de um regresso prometido de Jeremias, mas algumas tradições judaicas ensinavam que ele reapareceria na época do Messias. Jeremias era considerado o cabeça de uma importante série de profetas; por este motivo, fazia sentido que Jesus fosse Jeremias. Quarto, por que certas pessoas achavam que ele poderia ser outro profeta? Esta parece ter sido a posição neutra daqueles que não estavam tão certos quanto às demais teorias.

Acho interessante essa última ideia. Até no mundo de hoje, as pessoas que não confessam o senhorio de Cristo costumam exaltá-lo dizendo: "Jesus foi um grande profeta". O problema em honrá-lo desta forma é evidente: se ele fosse apenas um profeta e não o Filho de Deus, seria um falso profeta – afinal, em suas declarações, ele alegava ser muito mais do que isso.

Confissão inspirada

Após ouvir os relatos dos discípulos, Jesus direcionou-lhes uma pergunta muito mais pessoal: **Mas vós, continuou ele, quem dizeis que eu sou?** (v. 15). A palavra *vós* aqui é plural; Jesus estava pedindo que cada um dos discípulos declarasse sua opinião quanto à sua identidade. Pedro, entretanto, respondeu em nome de todos: **Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo** (v. 16). Podemos ver, ao longo dos evangelhos, que Pedro tinha dias bons e dias ruins. Em alguns aspectos, ele era o mais forte dos discípulos; em outros, era o mais fraco. Ele chegou a negar Jesus em seu julgamento (embora depois tenha sido tomado pela sensação de vergonha e constrangimento ao perceber o que fizera). Tenho de afirmar, entretanto, que este foi o momento mais

excelente da vida de Pedro – ao menos antes do Pentecostes. Suas palavras em resposta à pergunta de Jesus foram imortalizadas na história da igreja: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo."

Talvez você esteja se perguntando o que há de tão impressionante nesta confissão. Nós já vimos indicações e sugestões de que a identidade de Jesus como o Messias prometido de Israel era reconhecida por algumas pessoas. No entanto, o ensino do Antigo Testamento sobre o Messias era complexo, e havia discórdia e incerteza quanto a Jesus ser o cumprimento do que estava escrito ali. Conforme vimos, mesmo após ter declarado Jesus como "o Cordeiro de Deus" (Jo 1.29), João Batista perguntou-lhe: "És tu aquele que estava para vir ou havemos de esperar outro?" (Mt 11.3). O motivo deste questionamento era o fato de Jesus não estar cumprindo aquilo que João entendia do Antigo Testamento.

Muitos judeus colocavam o foco na ideia de que o Messias seria o rei responsável por livrá-los da opressão romana. Sim, o Messias livraria o povo – mas de seus pecados. Ele seria não apenas o Rei sucessor de Davi, mas também o Sacerdote, o Servo sofredor de Israel, o qual ofereceria o sacrifício perfeito de uma vez por todas em favor do povo: ele mesmo. Pouquíssimas pessoas compreendiam essa função sacerdotal a ser exercida pelo Messias ou o fato de que ele haveria de sofrer. Além disso, a ideia de que o Messias seria divino era algo que praticamente ninguém entendia. Diante de toda essa confusão, levou algum tempo para os discípulos enxergarem a verdade, mas eles finalmente compreenderam: Jesus era, de fato, o Messias profetizado pelo Antigo Testamento.

A confissão de Pedro é gloriosa, mas também é muito importante que prestemos atenção à resposta de Jesus: **Então, Jesus lhe afirmou: Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus** (v. 17). Ao ouvir a confissão de Pedro, Jesus considerou-o bem-aventurado porque Deus Pai havia feito algo maravilhoso em sua vida: revelara-lhe a verdade. Jesus afirmou que

a confissão feita pelo discípulo não era resultado de uma simples reflexão com base em observações pessoais; não era produto de mera percepção humana. Era, em vez disso, uma conclusão à qual ele jamais poderia ter chegado sozinho. Deus havia revelado-a. Deus trabalhara de forma sobrenatural na mente de Pedro a fim de capacitá-lo a ver que Jesus era realmente o cumprimento das profecias do Antigo Testamento acerca do Messias que havia de vir.

Você provavelmente já ouviu falar de Jonathan Edwards, um magnífico pregador da Nova Inglaterra no século 18, e de seu famoso sermão *Pecadores nas mãos de um Deus irado*. Porém, conforme já mencionei no capítulo 57, não foi esse sermão que conferiu fama e notoriedade nacional a Edwards; foi, na verdade, um sermão anterior chamado *Luz divina e sobrenatural*, no qual ele expôs a ideia de que nós somos cegos às verdades de Deus em nossa humanidade caída e que, a menos que Deus Espírito Santo abra nossos olhos espirituais, nós não poderemos ver a beleza de Cristo. Isso significa que, se consideramos Jesus como "um grande homem" ou "um profeta", estamos cegos. Perdemos de vista a verdade mais importante que poderia ser dita a seu respeito. Vê-lo em sua verdadeira dignidade e supremacia exige uma obra divina e sobrenatural em nossa alma por parte de Deus Espírito Santo. Todos nós precisamos desta obra. Com ela, somos capazes de confessá-lo como Cristo, tal como Pedro fez.

Lembro-me claramente da noite em que o Espírito Santo removeu as escamas dos meus olhos e eu me dei conta, pela primeira vez, de que Jesus era o Filho de Deus. Sei que essa percepção não foi resultado de minhas próprias investigações. Ela foi um dom; foi o presente mais doce que já recebi. Quem sou eu, para que o Senhor abrisse meus olhos? Quem somos nós, para que sejamos visitados pela graça de vê-lo em sua excelência?

Como eu disse, Edwards ficou conhecido pelo sermão *Pecadores nas mãos de um Deus irado*. Em grande parte por conta desse sermão, ele ganhou a reputação de ser um pregador austero, malvado e insensível que só falava sobre inferno, fogo e perdição, assustando as pessoas com imagens vívidas da ira e do juízo. No entanto, eruditos que se dedicam a estudar sua obra completa afirmam que as duas palavras mais recorrentes em seus escritos são *doçura* e *excelência*. Por causa da luz divina e sobrenatural de Deus, a mente e a alma de Edwards foram tomadas pela doçura e excelência de Cristo.

A pedra e as chaves

Jesus prosseguiu dizendo: **Também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela** (v. 18). Há provavelmente pouquíssimos versículos em todo o Novo Testamento mais controversos do que este. Este é o texto ao qual a Igreja Católica Romana recorre para sustentar a opinião de que ela deve ser liderada pelo sucessor de Pedro, o papa em Roma. Roma afirma que a igreja está edificada sobre um único apóstolo, Pedro. Por outro lado, estudiosos argumentam que a compreensão da Igreja Católica Romana acerca das palavras de Jesus perde completamente de vista o sentido do que ele estava dizendo. Eles insistem no fato de que Pedro era a pedra por causa de sua confissão, e é sobre esta confissão que a igreja está edificada – a convicção de que Jesus é o Cristo, o Filho do Deus vivo. Uma igreja que se esquece desta confissão ou a nega não é, absolutamente, uma igreja.

Em algumas traduções, o versículo menciona "portas do inferno". Contudo, a palavra *Hades* é o termo empregado em grego, e *Hades* não tem a mesma conotação de *inferno*. Essa era a palavra grega utilizada para referir-se ao submundo aonde todos iam após a morte. Ali não havia distinção entre as pessoas destinadas à bem-aventurança e aquelas

destinadas ao castigo eterno. Jesus estava simplesmente dizendo que nem mesmo a morte, o "último inimigo" (1Co 15.26), seria capaz de dominar a igreja, seu povo congregado.

Por último, o Senhor disse: **E eu te darei as chaves do reino dos céus; e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus** (v. 19, ARC). Esta parte do texto é igualmente controversa. Qualquer tentativa de traduzir este versículo encontra dificuldades por causa do tempo peculiar do verbo no idioma original. Uma tradução mais precisa seria assim: "tudo o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e tudo o que desligares na terra terá sido desligado nos céus". Em vista aqui está o ministério eclesiástico da disciplina.

Na época da Reforma, no século 16, uma questão muito importante surgiu enquanto novas igrejas e comunhões apareciam: "Quais são as marcas de uma igreja autêntica?" Em resposta, os reformadores identificaram três marcas principais. Eles afirmaram que uma verdadeira igreja é o lugar onde o Evangelho é pregado, os sacramentos são administrados e o discipulado é praticado. A terceira marca raramente é encontrada como deveria. Às vezes, as igrejas são duras e intolerantes, punindo membros por pequenas infrações. Outras, por sua vez, permitem quase todo o tipo de comportamento. Já as verdadeiras igrejas exercem a justa disciplina dos membros, ensinando-os a crescer na caminhada com Cristo e chamando-os ao arrependimento quando caem em pecados graves.

Quando Jesus terminou de transmitir esses ensinamentos importantes, Mateus relata: **Então, advertiu os discípulos de que a ninguém dissessem ser ele o Cristo.** Ele desejava que os discípulos mantivessem sua identidade em segredo por algum tempo. Aqui, mais uma vez, vemos o "segredo messiânico": o frequente desejo que Jesus tinha de que as pessoas não falassem muito a seu respeito.

Eu gostaria de encerrar este capítulo com uma pergunta importante: quem você diz ser Jesus? A resposta não é apenas uma questão de teologia. Ela determina onde você passará a eternidade: na eterna bem-aventurança daqueles que conhecem a doçura e a excelência de Cristo ou na companhia dos malditos que se recusam a submeter-se ao único Filho de Deus.

A SOMBRA DA CRUZ

Mateus 16.21-28



> Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia. E Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo, dizendo: Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá. Mas Jesus, voltando-se, disse a Pedro: Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens. Então, disse Jesus a seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me. Porquanto, quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á. Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma? Porque o Filho do homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras. Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do homem no seu reino.

Mateus havia acabado de registrar um dos momentos gloriosos do ministério de Jesus, a ocasião em que Simão Pedro confessou-o – "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (v. 16) – e Jesus respondeu: "Bem-aventurado és, Simão Barjonas, porque não foi carne e sangue que to revelaram, mas meu Pai, que está nos céus" (v. 17). É emocionante ver os discípulos finalmente compreendendo e enunciando a natureza de Jesus com precisão, além de observar a nítida empolgação e deleite do Senhor diante da confissão de Pedro.

No entanto, logo após este maravilhoso acontecimento, a narrativa de Mateus fica escura e sombria. Ele escreve: **Desde esse tempo, começou Jesus Cristo a mostrar a seus discípulos que lhe era necessário seguir para**

Jerusalém e sofrer muitas coisas dos anciãos, dos principais sacerdotes e dos escribas, ser morto e ressuscitado no terceiro dia (v. 21). Visto que agora sua identidade estava clara na mente dos discípulos, Jesus começou a esclarecê-los quanto ao que estava por vir: o sofrimento e a morte no auge de seu ministério como Messias.

Às vezes, nossas palavras não conseguem expressar todas as ideias contidas nas línguas bíblicas originais. Neste versículo, a palavra *necessário* está aquém do grau de intensidade indicado por Jesus ao explicar a seus discípulos que algo *tinha* de acontecer. Ele não estava falando sobre uma necessidade de ordem humana, mas de ordem divina. Logo, tratava-se de algo inegociável e impossível de ser alterado. Jesus estava dizendo: "Eu *preciso* ir a Jerusalém e, em Jerusalém, eu *preciso* ser entregue nas mãos das autoridades religiosas judaicas a fim de ser julgado pelo Sinédrio e sofrer muitas coisas. Eu *preciso* passar pela minha grande paixão e ser morto. Porém, serei ressuscitado no terceiro dia."

Considero muito significativo o fato de Jesus ter falado sobre essas coisas imediatamente após a magnífica confissão de Pedro. Embora os discípulos o reconhecessem como o Messias, eles ainda tinham uma compreensão muito limitada do que ele deveria fazer. Eles não esperavam que Jesus enfrentasse sofrimento e morte. Como já vimos, o Senhor ficou nitidamente satisfeito com a confissão de Pedro, mas havia muito mais coisas que os discípulos deveriam aprender e compreender.

Observe a maneira como Jesus formulou a parte final da profecia: "serei ressuscitado no terceiro dia." Ele não disse: "ressuscitarei no terceiro dia." Ele empregou a voz passiva. Jesus estava dizendo que não permaneceria morto; não porque ressuscitaria a si mesmo da sepultura, mas porque o Pai o ressuscitaria. Ele não seria abandonado à morte. O Pai haveria de trazê-lo de volta à vida.

Ao que parece, os discípulos ficaram tão chocados com a profecia de Jesus acerca de sua morte, que não o ouviram anunciar a própria

ressurreição. A promessa de que a vida superaria a morte deveria ter lhes causado alegria mais do que suficiente para compensar a tristeza diante do sofrimento e da morte do Senhor. Contudo, eles aparentemente não a levaram a sério naquele momento e, por esta razão, ficaram surpresos quando ela de fato ocorreu.

Momento oportuno de Satanás

Os versículos seguintes, se não fossem trágicos, seriam cômicos. Mateus diz: **E Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo, dizendo: Tem compaixão de ti, Senhor; isso de modo algum te acontecerá** (v. 22). Você consegue imaginar uma coisa dessas? Pedro havia acabado de fazer sua grande confissão de fé, e Jesus o chamara de "pedra". Em questão de minutos, entretanto, a pedra começou a virar pó. Talvez por se sentir um tanto orgulhoso após fazer a confissão e receber o louvor de Jesus, Pedro achou que tinha o direito de *repreender* o Senhor Jesus Cristo. A fim de enfatizar suas instruções, ele disse: "Tem compaixão de ti, Senhor". Outra tradução para isso seria: "Deus queira que isso não lhe aconteça." Deus queira? Como Pedro pôde sugerir que conhecia a mente de Deus a esse ponto? Como ele pôde fazer uma declaração tão equivocada e, ao mesmo tempo, de tamanha arrogância? Deus não proibiria a cruz, pois ele mesmo havia ordenado a cruz. Se Jesus não fosse para a cruz, não seria capaz de concluir sua missão como Messias. Se Jesus não fosse para a cruz, não haveria salvação do pecado, incluindo o pecado de arrogância que Pedro estava cometendo. Pedro estava se colocando contra o eterno desígnio de Deus.

Jesus logo apresentou ao discípulo a gravidade daquele erro, repreendendo-*o*: **Mas Jesus, voltando-se, disse a Pedro: Arreda, Satanás! Tu és para mim pedra de tropeço, porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens** (v. 23). Eu gostaria de analisar, com atenção, vários aspectos desta enfática repreensão.

Primeiro, Jesus falou: “Arreda”. O que ele estava querendo dizer era: “Saia do meu caminho! Não se coloque na minha frente para me contestar!” Ele estava encarregado de uma missão e não queria ser impedido de levá-la a cabo. É interessante notar que, quando nós somos chamados a realizar uma tarefa com potencial para colocar-nos em perigo ou expor-nos a aflição e sofrimento, as pessoas que mais se esforçam para dissuadir-nos geralmente são as que mais nos amam. Nossos entes queridos e melhores amigos aconselham-nos a tomar cuidado, e isso pode dificultar bastante a obediência ao chamado de Deus em nossa vida. Neste aspecto, as coisas não foram diferentes com Jesus. Quando ele anunciou que seu destino era ir a Jerusalém e morrer, seus amigos mais próximos quiseram impedi-lo. Porém, o Senhor recusou-se a ouvir as súplicas deles.

Segundo, Jesus chamou Pedro de “Satanás”. Ele agora equiparava ao Maligno o homem que tão recentemente chamara de “pedra”. Por que será que ele escolheu esse epíteto? Acredito que podemos encontrar a resposta ao relembrar sua tentação no deserto, ocasião em que o Senhor enfrentou o ataque desenfreado do diabo dia após dia. A principal tentação no ataque de Satanás durante aquele período foi oferecer-lhe a possibilidade de ser o Salvador sem sofrimento. Satanás sugeriu que Jesus marchasse pela rota triunfal. Ele desafiou Jesus a transformar pedras em pão. Tentou-o para que se lançasse do templo a fim de que os anjos o apanhassem. Ofereceu-lhe todos os reinos do mundo sem ter de sentir um pingo de dor, contanto que tão somente se prostrasse e adorasse o príncipe das trevas. Satanás estava disposto a dar qualquer coisa a Jesus sob a condição de que ele não percorresse o caminho de sofrimento que levava à cruz. Cristo, entretanto, rejeitou todas as ofertas de Satanás, o qual se retirou “até momento oportuno” (Lc 4.13b). Este momento chegou quando Pedro decidiu se opor ao plano de Jesus de ir a Jerusalém. O discípulo o fez ao sugerir – assim como Satanás no deserto

– que o Senhor deveria evitar dor e sofrimento. Pedro estava se opondo à missão divina de Jesus, tal como o diabo fizera. Pouco admira, portanto, que Cristo o tenha chamado de "Satanás".

Terceiro, Jesus disse que Pedro era uma "pedra de tropeço". A palavra grega empregada aqui é *skandalon*. Originalmente, ela se referia à parte das armadilhas onde a isca é fixada, mas, no Novo Testamento, costuma transmitir um significado mais amplo, referindo-se de forma metafórica a algo que causa obstáculo. Jesus estava repreendendo Pedro por ser um obstáculo à sua missão mortal, por oferecer-lhe a armadilha tentadora de abandoná-la.

Quarto, Jesus disse: "porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens." Pedro estava considerando as coisas de uma perspectiva humana, partindo do princípio de que ter Jesus vivo seria melhor do que vê-lo sofrendo e agonizando. Há uma enorme diferença entre as coisas de Deus e as coisas dos homens. Faz parte da nossa natureza, do nosso hábito, colocar a atenção nas coisas deste mundo e pensar pouco nas coisas de Deus. Isso não deveria ser assim. Os cristãos, de modo especial, deveriam saber bem disso. Somos chamados a alinhar nossos pensamentos com os de Deus, a pensar como ele pensa (Rm 12.1-2).

Negar-se a si, seguir a Cristo

Em seguida, Mateus diz: **Então, disse Jesus a seus discípulos: Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me** (v. 24). Esta é uma das declarações mais claras e fortes de toda a Escritura a definir a vida cristã. Seguir a Cristo é viver à sombra da cruz. Se quisermos nos unir a ele em sua glória, se quisermos ter parte em sua exaltação, primeiro devemos nos unir a ele em sua desonra, vergonha e humilhação. Nós precisamos estar dispostos a morrer. É isso o que significa ser um seguidor de Cristo.

Quando tentamos ganhar almas para o cristianismo, fazemos tudo o que está ao nosso alcance para convencer as pessoas dos benefícios que terão se entregarem a vida a Jesus. No entanto, Cristo falou sobre o custo de ser um seguidor. Não havia graça barata em seu evangelismo.

Isso, entretanto, não significa que a vida cristã é uma perda. Ironicamente, ao perder, temos um ganho enorme. Jesus disse: **Porquanto, quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por minha causa achá-la-á** (v. 25). Em outras palavras, Jesus estava dizendo que nós não podemos nos salvar por esforços próprios. Porém, se entregarmos tudo a ele, ganharemos tudo em troca.

Em seguida, empregando a linguagem dos negócios, Jesus disse: **Pois que aproveitará o homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma? Ou que dará o homem em troca da sua alma?** (v. 26). Jesus estava falando de valores finais, de valores eternos. Evidentemente, é melhor escolher o caminho do sofrimento agora se, por meio dele, obteremos glória por toda a eternidade. Escolher ganhar nesta vida e perder a própria alma – isto é, sofrer condenação eterna – é um mau negócio.

Com o que você sonha? Com um emprego melhor, uma casa mais bonita, um carro mais potente, uma conta bancária mais gorda? E se você pudesse ter tudo isso em troca de uma única coisa – sua alma? Isso lhe pareceria um bom negócio? Ou você consideraria esse preço muito alto, mesmo se, em troca, ganhasse o mundo inteiro? Jesus valorizou muito as almas de seu povo, a ponto de derramar o próprio sangue para adquiri-las. Ele dá mais valor a elas do que nós damos. Todos precisamos pensar seriamente naquilo que mais valorizamos e certificar-nos de que nossas prioridades estão em ordem.

Jesus prosseguiu: **Porque o Filho do Homem há de vir na glória de seu Pai, com os seus anjos, e, então, retribuirá a cada um conforme as suas obras** (v. 27). Diversas vezes ao longo do nosso estudo de Mateus, deparamo-nos com este conceito de recompensas celestiais, e é possível

encontrá-lo também em outras partes do Novo Testamento. Conforme vimos anteriormente, Jesus explicou que todos serão recompensados pelas obras realizadas em vida. É claro que as obras não nos levam para o céu; o Novo Testamento nega veementemente essa ideia em muitas passagens. Somente as obras de Cristo são boas o suficiente para nos levar ao céu. Porém, uma vez que estivermos lá, nossa posição na eternidade terá sido determinada por nossas obras. Por esta razão, somos encorajados por Jesus e pelos escritores do Novo Testamento a trabalhar pelo prêmio que nos foi oferecido, a ajuntar "tesouros no céu" (Mt 6.20) em vez de acumular castigos no inferno. Este é um chamado para colocarmos nossa mente não na terra, mas no céu; não no âmbito natural, mas no sobrenatural. Nós precisamos pensar em onde estaremos daqui a 1.000 anos.

Jesus encerrou este breve discurso com uma das mais enigmáticas declarações já vistas no Evangelho, uma declaração que gera todo tipo de confusão entre os comentaristas. Ele disse: **Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do homem no seu reino** (v. 28). Ao dizer "em verdade", Jesus estava enfatizando aos discípulos que a declaração prestes a ser proferida era totalmente confiável; eles poderiam acreditar nela de olhos fechados. Então, afirmou que alguns não morreriam até que ele viesse "no seu reino". O que isso significa e a qual época faz referência? Será que ele estava se referindo à transfiguração, que havia de acontecer em poucos dias? Será que estava se referindo à sua ascensão? Será que estava se referindo ao Espírito Santo, que viria em poder no Pentecostes? Será que estava se referindo à destruição de Jerusalém em 70 d.C.? Ou será que estava se referindo à sua última vinda, no futuro? Todas estas são opções propostas pelos estudiosos a fim de interpretar o versículo. Tentarei examinar as diversas

interpretações quando chegarmos a Mateus 24, o qual também apresenta uma referência cronológica controversa.

Enquanto aguardamos sua última vinda, não sejamos pessoas que ousam repreender o Senhor, agir como seu conselheiro ou orientá-lo. Sejamos cuidadosos quanto às coisas de Deus, não quanto às coisas dos homens.

A TRANSFIGURAÇÃO

Mateus 17.1-9



> Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro e aos irmãos Tiago e João e os levou, em particular, a um alto monte. E foi transfigurado diante deles; o seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz. E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele. Então, disse Pedro a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, farei aqui três tendas; uma será tua, outra para Moisés, outra para Elias. Falava ele ainda, quando uma nuvem luminosa os envolveu; e eis, vindo da nuvem, uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi. Ouvindo-a os discípulos, caíram de bruços, tomados de grande medo. Aproximando-se deles, tocou-lhes Jesus, dizendo: Erguei-vos e não temais! Então, eles, levantando os olhos, a ninguém viram, senão Jesus. E, descendo eles do monte, ordenou-lhes Jesus: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do homem ressuscite dentre os mortos.

É sempre uma alegria e um prazer para mim estudar os relatos dos Evangelhos e reler os registros dos grandes acontecimentos que marcaram a vida e o ministério de Jesus: seu nascimento em Belém, seus milagres impressionantes, sua entrada triunfal em Jerusalém, sua crucificação no Gólgota, sua ressurreição, sua ascensão à direita de Deus e tantos outros. Às vezes eu me pergunto: se tivesse vivido na época de Jesus, quais destes episódios eu mais gostaria de ter testemunhado? Seria extremamente difícil não escolher a ressurreição. Porém, de todos os eventos da vida de Jesus anteriores à sua morte e ressurreição, aquele que eu mais gostaria de ter presenciado seria a transfiguração. Acho que, se tivesse vivido naquele tempo e visto a transfiguração, eu seria capaz de entoar hinos de louvor enquanto os leões aguardavam para me devorar no Coliseu. Como seria maravilhoso contemplar Jesus revelado em sua

glória!

Fica evidente para nós que os três homens presentes ali – Pedro, Tiago e João – nunca conseguiram superar aquilo. Ao redigir seu Evangelho, João disse: "E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai" (1.14). Da mesma forma, Pedro escreveu: "Porque não vos demos a conhecer o poder e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo seguindo fábulas engenhosamente inventadas, mas nós mesmos fomos testemunhas oculares da sua majestade" (2Pe 1.16). Diante do que eles haviam testemunhado no monte, realmente não surpreende que tenham decidido virar o mundo de cabeça para baixo (At 17.6).

Mateus diz: **Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro e aos irmãos Tiago e João e os levou, em particular, a um alto monte. E foi transfigurado diante deles** (v. 1-2a). *Transfigurado* é uma palavra fraca, mas talvez a mais adequada em nosso idioma para traduzir o termo grego empregado por Mateus: uma forma passiva do verbo *metamorphoō*. Este verbo significa literalmente "alterar a forma". Em nossa língua, ele se transformou na palavra *metamorfose*, utilizada para descrever a incrível transformação de lagartas em borboletas. Todavia, o vocábulo *transfiguração* inclui o prefixo *trans*, que significa "através". O que foi atravessado na transfiguração? Poderíamos dizer que Jesus atravessou a fronteira entre o natural e o sobrenatural, o humano e o divino, uma vez que o manto da humanidade que ocultava sua verdadeira glória foi removido, e a sua glória tornou-se visível.

Observe a afirmação de Mateus de que Jesus "foi transfigurado diante deles". Em outras palavras, sua figura foi alterada bem diante dos olhos dos discípulos. O que foi que esses homens testemunharam e, mais tarde, relataram aos escritores dos evangelhos para que ficasse registrado?

O brilho de sua glória

Mateus escreve: **o seu rosto resplandecia como o sol, e as suas vestes tornaram-se brancas como a luz** (v. 2b). A primeira coisa que os discípulos notaram foi uma mudança no rosto de Jesus: ele brilhava como o sol. Ao descrever algo intensamente brilhante, os escritores bíblicos costumam recorrer à metáfora do sol. Quando um eclipse solar total está para acontecer, os meios de comunicação sempre nos alertam para tomar muito cuidado, pois, conforme a lua passa na frente do grande astro, sua luz ofuscante volta a brilhar de repente e pode danificar nossos olhos. A fim de estudar o sol, os astrônomos precisam observá-lo através de lentes que filtram os raios. Este foi o tipo de brilho intenso que, do nada, começou a emanar do rosto de Jesus ali no monte. Seu semblante tornou-se refulgente.

Quando Saulo estava a caminho de Damasco para perseguir cristãos, "subitamente uma luz do céu brilhou ao seu redor" (At 9.3b). A intensidade desta luz fez com que ele caísse ao chão e ficasse cego. Foi o esplendor de Jesus glorificado que apareceu no caminho de Damasco, e foi esta glória que os três discípulos testemunharam no monte.

Enquanto Moisés conversava com Deus no monte Sinai, ele pediu a bênção suprema: "Rogo-te que me mostres a tua glória" (Êx 33.18). Deus respondeu que nenhum homem poderia olhar para o seu rosto e sobreviver, porém acrescentou: "Eis aqui um lugar junto a mim; e tu estarás sobre a penha. Quando passar a minha glória, eu te porei numa fenda da penha e com a mão te cobrirei, até que eu tenha passado. Depois, em tirando eu a mão, tu me verás pelas costas; mas a minha face não se verá" (v. 21-23). Conforme prometido, Deus deu a Moisés um vislumbre de suas costas (34.6-7). Ao contemplar a visão, o profeta foi transfigurado. Quando desceu do monte Sinai, o povo fugiu dele aterrorizado: seu rosto resplandecia, embora ele mesmo não o soubesse (34.29-30). A glória do rosto de Moisés era um mero reflexo da glória de

Deus, mas, mesmo assim, foi o suficiente para aterrorizar o povo de Israel.

A glória que Pedro, Tiago e João contemplaram no monte da transfiguração não era um reflexo; ela vinha de dentro do próprio Senhor. A fonte era o ser de Cristo, descrito pelo autor de Hebreus como "o resplendor da glória [de Deus]" (1.3). O que os discípulos testemunharam foi a glória de Deus. Assim, este episódio apresentou uma revelação da natureza de Cristo, que é o próprio Deus, a segunda pessoa da Trindade.

Há, em Apocalipse, outro vislumbre de Cristo glorificado. Quase no fim do livro, João descreve a Nova Jerusalém. Uma característica interessante mencionada por ele é que a "cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada" (21.23). A cidade não precisa de sol nem de lua porque há uma luz maior: a glória de Deus, vista no Cordeiro.

Mateus também diz: "suas vestes tornaram-se brancas como a luz". Marcos amplia a descrição: "as suas vestes tornaram-se resplandecentes e sobremodo brancas, como nenhum lavandeiro na terra as poderia alvejar" (9.3). Você não tem a impressão de que os fabricantes de sabão anunciam uma novidade a cada ano? Todos os comerciais, todos os anúncios impressos e todas as embalagens parecem conter as palavras "novo" e "lançamento". Isso nos leva a pensar que os produtos eram de má qualidade há apenas poucos anos. É claro que, depois de um tempo, torna-se difícil encontrar novos superlativos, então vemos as empresas alegarem que seus produtos deixam o "branco mais branco". Ao escutarmos isso, sabemos que se trata de uma linguagem publicitária e não de um fato, pois não existe uma cor mais branca do que o branco. Uma vez que o branco é expresso em sua pureza, não há como aprimorá-lo.

Ao explicar a transfiguração para crianças, eu costumava fazer uma pergunta simples:

— De que cor é o limão?

Elas sempre respondiam corretamente:

— Verde.

Em seguida, eu perguntava:

— De que cor é um limão no escuro?

Algumas diziam que continuava sendo verde, outras diziam que é preto, e o restante dava diversos outros palpites. Então, eu explicava que, no escuro, o limão não tem cor, pois a cor não é uma qualidade primária dos objetos; é uma qualidade secundária. A cor é manifesta quando a luz está presente, e, sem luz, todos os tons desaparecem. Já a pureza da cor, a plenitude da cor, é a perfeita brancura. Todas as cores do arco-íris são encontradas no branco puro.

Foi isso o que os discípulos testemunharam. Conforme a glória de Jesus irradiava de sua pessoa, suas vestes brilhavam em total brancura. Não havia qualquer vestígio de cinza, sombra ou trevas; apenas um branco puro e imaculado. Os olhos dos discípulos nunca haviam contemplado algo tão branco em toda a sua vida.

A Lei e os Profetas

Mateus, em seguida, registra: **E eis que lhes apareceram Moisés e Elias, falando com ele** (v. 3). Moisés, o mediador da antiga aliança, não havia sido autorizado a entrar na Terra Prometida, mas acabou pisando nela nesse momento. Como já vimos também, Deus tinha prometido que Elias retornaria por ocasião da vinda do Messias (Ml 4.5). Não é difícil descobrir sobre o que eles estavam conversando, visto que os livros da Lei e dos Profetas no Antigo Testamento apontavam para Cristo e seu ministério. Sem dúvida, estavam discutindo o que estava prestes a acontecer-lhe em Jerusalém como auge do plano de Deus, profetizado

havia tantos séculos. De fato, Lucas diz que eles falavam sobre "sua partida, que ele estava para cumprir em Jerusalém" (9.31b), isto é, as provações e a morte que ele enfrentaria em breve. Talvez Moisés e Elias estivessem lembrando Jesus: "Foi para isso que o senhor nasceu. Este é o fim da maldição da lei. Este é o cumprimento de todas as profecias." Em outras palavras, a Lei e os Profetas foram ter com Jesus no monte para incentivá-lo em sua missão.

Mateus também nos diz: **Então, disse Pedro a Jesus: Senhor, bom é estarmos aqui; se queres, farei aqui três tendas; uma será tua, outra para Moisés, outra para Elias** (v. 4). Pedro expressou sua satisfação em estar presente naquela magnífica exibição de glória ao oferecer-se para montar três tendas – de modo que Jesus, Moisés e Elias pudessem permanecer ali, tudo em um esforço para prolongar aquela experiência transcendental. Contudo, é difícil fugirmos da simples conclusão de que Pedro estava apenas tagarelando, sem ter noção do que dizia.

Seja como for, **Falava ele ainda, quando uma nuvem luminosa os envolveu; e eis, vindo da nuvem, uma voz que dizia: Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo; a ele ouvi.** (v. 5). A nuvem *shekinah* da glória de Deus surgiu e cercou-os, e uma voz falou de dentro dela. Esta voz era o Pai expressando o amor e o deleite que nutria em relação ao Filho. Ele também proferiu uma exortação, claramente dirigida aos discípulos: "a ele ouvi." Não surpreende que, **Ouvindo-a os discípulos, caíram de bruços, tomados de grande medo** (v. 6). Aquela voz era demais para eles. Contudo, em meio ao terror, **Aproximando-se deles, tocou-lhes Jesus, dizendo: Erguei-vos e não temais! Então, eles, levantando os olhos, a ninguém viram, senão Jesus** (v. 7-8). Jesus estava novamente coberto por sua humanidade, a nuvem *shekinah* havia se dissipado, e Moisés havia partido na companhia de Elias. A transfiguração havia acabado.

Em uma breve nota de acréscimo, Mateus escreve: **E, descendo eles do monte, ordenou-lhes Jesus: A ninguém conteis a visão, até que o Filho do**

homem ressuscite dentre os mortos (v. 9). Assim como já havia ordenado a muitas pessoas curadas que não falassem a seu respeito, Jesus instruiu os discípulos a não dizer coisa alguma sobre a transfiguração até que ressuscitasse. Mais uma vez, de forma indireta, Cristo indicou-lhes que morreria, mas não permaneceria morto. Eles, entretanto, aparentemente não captaram a mensagem.

Nós temos a tendência de pensar na transfiguração como uma epifania momentânea da verdadeira identidade de Jesus. No entanto, ela foi um vislumbre do céu, local onde viveremos eternamente com Jesus, glorificados como ele é glorificado (1Jo 3.2). Aquele não foi um estado temporário de Cristo, porque, desde sempre e para sempre, ele é o Senhor da glória. Não admira que os discípulos tenham sido tomados de paixão pela obra do reino após testemunharem o que havia acontecido no monte. Que Deus nos conceda a mesma paixão pelo seu reino.

A VINDA DE ELIAS

Mateus 17.10-13



> Mas os discípulos o interrogaram: Por que dizem, pois, os escribas ser necessário que Elias venha primeiro? Então, Jesus respondeu: De fato, Elias virá e restaurará todas as coisas. Eu, porém, vos declaro que Elias já veio, e não o reconheceram; antes, fizeram com ele tudo quanto quiseram. Assim também o Filho do homem há de padecer nas mãos deles. Então, os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista.

Se eu tivesse estado com Jesus no monte da transfiguração, creio que teria feito milhares de perguntas no caminho de volta. No entanto, eu sinceramente não sei se uma delas teria sido sobre a base do ensinamento dos escribas judeus em relação ao retorno de Elias – mesmo se tivesse acabado de vê-lo conversando com Jesus no monte. Contudo, Mateus diz que Pedro, Tiago e João fizeram essa pergunta específica.

Acredito que os três discípulos devem ter enchido Jesus de questionamentos – afinal, não devemos supor que as conversas registradas nos Evangelhos tenham sido as únicas de fato ocorridas. João diz: "Na verdade, fez Jesus diante dos discípulos muitos outros sinais que não estão escritos neste livro" (20.30). Os escritores dos Evangelhos foram seletivos, e João identifica seu principal critério para isso: "Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome" (v. 31). Uma vez que Mateus, assim como João, foi inspirado pelo Espírito Santo, nós devemos abordar o texto partindo do princípio de que tanto a pergunta

sobre Elias quanto a resposta de Jesus foram registradas neste Evangelho para que nossa fé no Senhor fosse fortalecida.

A pergunta era simples: **Mas os discípulos o interrogaram: Por que dizem, pois, os escribas ser necessário que Elias venha primeiro?** (v. 10). Os escribas eram teólogos, peritos na lei do Antigo Testamento, e ensinavam que Elias tinha de vir antes do Messias. A implicação na pergunta dos discípulos é o fato de os escribas afirmarem que, por Elias não ter vindo, o Messias também não poderia estar ali. Logo, qualquer alegação que Jesus viesse a fazer de que era o Messias deveria ser considerada inválida.

Conforme observei anteriormente, a profecia sobre a vinda de Elias é a última registrada no Antigo Testamento. Nós a encontramos no último livro do Antigo Testamento, o livro de Malaquias, ao final do último capítulo. Lemos ali: "Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível Dia do SENHOR; ele converterá o coração dos pais aos filhos e o coração dos filhos a seus pais, para que eu não venha e fira a terra com maldição" (Ml 4.5-6). Com esta profecia em mente, o povo judeu havia aguardado o retorno de Elias durante 400 anos. Sempre que celebravam a Páscoa, as pessoas deixavam uma cadeira vazia para o caso de ele chegar. Os judeus ainda fazem isso quando celebram o sêder. Eles ainda estão esperando Elias.

No entanto, Pedro, Tiago e João estavam em uma situação diferente. Eles estavam convencidos de que Jesus era o Messias. Como vimos no capítulo 77, Pedro, ao falar em nome de todos os discípulos, confessou: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16.16). Além disso, conforme estudamos no capítulo anterior, todos os três tinham visto Jesus transfigurado no monte e contemplado sua glória divina. Agora eles estavam se perguntando por que os escribas insistiam tanto na ideia de que Elias precisava vir antes do Messias. Em seu entendimento, o Messias já tinha vindo, mas Elias não havia chegado antes dele.

Agora, porém, o profeta aparecera no monte junto com Moisés na transfiguração de Jesus. Conforme observamos no capítulo anterior, Moisés e Elias surgiram ali com o Messias. Os discípulos obviamente viram ambos e, de alguma forma, reconheceram-nos, visto que Pedro chamou-os pelo nome (Mt 17.4). Por essa razão, aquele encontro extraordinário entre Moisés, Elias e Jesus gerou dúvidas na mente dos discípulos, incluindo uma dúvida específica sobre o ensinamento transmitido pelos escribas de que Elias deveria vir antes do Messias.

Elias mal recebido

Mateus diz: **Então, Jesus respondeu: De fato, Elias virá e restaurará todas as coisas. Eu, porém, vos declaro que Elias já veio, e não o reconheceram; antes, fizeram com ele tudo quanto quiseram. Assim também o Filho do homem há de padecer nas mãos deles. Então, os discípulos entenderam que lhes falara a respeito de João Batista** (v. 11-13). Em outras palavras, Jesus disse: "Os escribas estão certos." Contudo, acrescentou que "Elias" já tinha vindo, o qual era, na verdade, João Batista. O que ele quis dizer com isso?

Nós estudamos o relacionamento entre Elias e João Batista nos capítulos anteriores, então recapitularei resumidamente os fatos que já descobrimos. Quando João surgiu do deserto, vestindo pelos de camelo com cinto de couro e comendo gafanhotos e mel silvestre, foi comparado a Elias (2Rs 1.8), o qual passou grande parte da vida como fugitivo no deserto, chegando ao ponto de ser alimentado por corvos em determinada ocasião (1Rs 17.4-6). Por isso, as autoridades religiosas judaicas de Jerusalém enviaram uma delegação a João e perguntaram, de forma específica: "És tu Elias?", ao que ele respondeu: "Não sou" (Jo 1.21). No entanto, vimos anteriormente em Mateus que, ao comentar sobre a grandeza de João, Jesus disse: "E, se o quereis reconhecer, ele mesmo é Elias, que estava para vir" (11.14). Em certo sentido, portanto,

João era o cumprimento da profecia de Malaquias. Esta ligação entre João e Elias é explicada pelas palavras do anjo Gabriel, ao profetizar o nascimento de João ao pai da criança, Zacarias: "E irá adiante do [Messias] no espírito e poder de Elias" (Lc 1.17a). Logo, a profecia de Malaquias não foi cumprida por uma segunda vinda do próprio Elias, mas pela vinda de alguém com o mesmo espírito e poder dele: João Batista. É por isso que Jesus disse: "Elias já veio, e não o reconheceram".

Em seguida, Jesus acrescentou: "antes, fizeram com [João] tudo quanto quiseram." João enfrentou perseguição, assim como Elias – o qual fora perseguido pela idólatra rainha Jezabel por ter corajosamente aniquilado os profetas de Baal. Este emocionante episódio da história de Israel é narrado em 1Reis 18. Ali, lemos que Elias desafiou os profetas de Baal a uma competição: todos eles prepariam novilhos para sacrifício, deitariam os animais sobre a lenha e clamariam, cada um ao seu deus, pedindo fogo. Os profetas de Baal começaram, mas, mesmo com súplicas, nada aconteceu. Elias, então, pôs-se a escarnecer deles, dizendo: "pode ser que esteja meditando, ou atendendo a necessidades, ou de viagem, ou a dormir e despertará" (v. 27). Os profetas passaram a se cortar com facas, mas, mesmo assim, nada acontecia.

Por fim, Elias construiu um altar, preparou seu novilho para o sacrifício e colocou-o sobre a lenha. Depois, ordenou que derramassem água ali – não uma, mas três vezes. Quando o profeta orou, veio fogo do céu consumindo o novilho, a lenha ensopada, as pedras do altar e a própria água. As pessoas imediatamente proclamaram que Deus era Deus, e Elias ordenou que prendessem e executassem todos os profetas de Baal.

Quando chegamos a 1Reis 19, descobrimos que este incidente gerou graves consequências para Elias:

> Acabe fez saber a Jezabel tudo quanto Elias havia feito e como matara todos os profetas à espada. Então, Jezabel mandou um mensageiro a Elias a dizer-lhe:

> Façam-me os deuses como lhes aprouver se amanhã a estas horas não fizer eu à tua vida como fizeste a cada um deles. Temendo, pois, Elias, levantou-se, e, para salvar sua vida, se foi, e chegou a Berseba, que pertence a Judá; e ali deixou o seu moço. Ele mesmo, porém, se foi ao deserto, caminho de um dia, e veio, e se assentou debaixo de um zimbro; e pediu para si a morte e disse: Basta; toma agora, ó SENHOR, a minha alma, pois não sou melhor do que meus pais. Deitou-se e dormiu debaixo do zimbro; eis que um anjo o tocou e lhe disse: Levanta-te e come. Olhou ele e viu, junto à cabeceira, um pão cozido sobre pedras em brasa e uma botija de água. Comeu, bebeu e tornou a dormir. Voltou segunda vez o anjo do SENHOR, tocou-o e lhe disse: Levanta-te e come, porque o caminho te será sobremodo longo. Levantou-se, pois, comeu e bebeu; e, com a força daquela comida, caminhou quarenta dias e quarenta noites até Horebe, o monte de Deus. Ali, entrou numa caverna, onde passou a noite; e eis que lhe veio a palavra do SENHOR e lhe disse: Que fazes aqui, Elias? Ele respondeu: Tenho sido zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel deixaram a tua aliança, derribaram os teus altares e mataram os teus profetas à espada; e eu fiquei só, e procuram tirar-me a vida (v. 1-10).

Este é o texto clássico que expressa aquilo que eu chamo de "síndrome de Elias". Trata-se da condição que aflige quem acredita ser o único homem fiel, o único que ainda serve a Deus em meio ao mal e à apostasia desenfreada. Deus logo corrigiu a percepção equivocada de Elias, dizendo: "Também conservei em Israel sete mil, todos os joelhos que não se dobraram a Baal, e toda boca que o não beijou" (v. 18). Mesmo assim, é fato que Elias foi implacavelmente acossado e perseguido por homens maus durante grande parte de seu ministério.

Assim como Elias, João Batista foi desprezado e, por fim, morto por um rei iníquo. Ele veio como precursor do Messias e ministrou no espírito e no poder de Elias. Contudo, as autoridades fizeram com ele o que bem entenderam: Herodes Antipas encarcerou-o e decapitou-o durante uma festa.

Por que Elias passou por tamanho sofrimento? Por que o rei Acabe chamou-o de "perturbador de Israel" (1Rs 18.17), sendo que ele mesmo e Jezabel eram os verdadeiros perturbadores da nação? Porque o profeta trouxe a verdade de Deus a uma nação mergulhada em corrupção. Como

consequência dessa verdade, Elias foi odiado, exilado e perseguido. Por que João Batista foi lançado na prisão e executado? Porque falou a verdade ao homem que estava no poder, admoestando o rei pelo adultério cometido e pelo matrimônio impróprio.

Filho mal recebido

Jesus também advertiu os discípulos: "Assim também o Filho do homem há de padecer nas mãos deles." Assim como Elias fora perseguido e João Batista, assassinado, Jesus seria maltratado e morto pelos líderes religiosos judeus. À semelhança deles, seu único crime seria falar a verdade.

Muitas pessoas hoje não hesitam em louvar a Jesus, mas apenas até certo ponto. Elas dizem: "Jesus foi um grande mestre, um indivíduo maravilhosamente inovador, um verdadeiro homem de paz. Ele estava séculos à frente de seu tempo. Eu não acredito que ele tenha sido um ser divino, mas, sem dúvida, foi um dos homens mais importantes que já existiram." Quando ouço isso, tenho vontade de perguntar: por que praticamente ninguém na época de Jesus considerava-o um grande homem? Por que tantas pessoas o odiavam? Por que elas o assassinaram?

Jonathan Edwards, certa vez, proferiu um sermão intitulado "Os homens são inimigos de Deus por natureza". Neste sermão, Edwards aprofundou-se no ensinamento do Novo Testamento de que, em nossa condição caída, todos temos inimizade com Deus. Ninguém nasce neste mundo com uma mentalidade neutra. Nossa disposição natural é de antagonismo e antipatia contra o Deus que nos fez. Nós simplesmente não queremos restrições divinas ao nosso comportamento, pensamento ou qualquer outro aspecto da vida.

Certa vez, fui convidado para falar a uma associação universitária de ateus. Os membros haviam esperado que eu apresentasse uma defesa filosófica das alegações do cristianismo. Porém, ofereci apenas uma dose pesada do livro de Romanos, onde Paulo declara que Deus revelou-se

para todos os seres humanos com extrema clareza, mas a resposta universal dos homens caídos é a supressão deste conhecimento (1.19). Paulo diz: "Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças" (v. 20b-21a). O pecado mais básico, fundamental e primitivo que habita no coração de todos os seres humanos por natureza é a recusa em honrar a Deus, de cuja existência estão cientes.

Ao finalizar minha palestra à associação ateísta, eu disse: "Se o apóstolo Paulo estiver correto, e eu creio que ele está, parece-me que a questão da existência de Deus não é uma questão intelectual. Trata-se de uma questão moral. O problema não é que vocês não sabem que Deus existe; vocês sabem que ele existe. O problema é que vocês odeiam o Deus existente. Vocês têm, por natureza, inimizade contra Deus." Como você pode imaginar, eles não ficaram muito contentes com essa conclusão.

Se Deus resolvesse descer do céu e colocar-se nas mãos dos homens, não sobreviveria nem cinco minutos; os seres humanos caídos nada querem com ele. Ele não é bem-vindo no mundo das ideias. A cosmovisão teísta, enraizada e alicerçada na afirmação central da existência suprema de Deus e sua soberania sobre todas as coisas é completamente rejeitada. É por isso que, cada vez mais no ocidente, os cristãos são orientados a se manter reservados em relação às suas crenças. As pessoas dizem: "Você é bem-vindo para orar a Deus, entoar-lhe cânticos e adorá-lo, mas mantenha suas crenças dentro da igreja ou na sua casa." Assim que trazemos Deus a público, o ódio natural contra ele – a respeito do qual Edwards pregou – manifesta-se, e nós passamos a correr perigo.

As palavras de Jesus foram um alerta grave para Pedro, Tiago e João. "Assim como João foi tratado, eu serei tratado pelos judeus", disse ele. "Portanto, apesar da glória que vocês acabaram de ver no monte, este

não é o momento para uma teologia da glória; é o momento para uma teologia da cruz. Foi assim que meu Pai ordenou que a restauração de todas as coisas acontecesse." Desta maneira, Jesus fez seu rosto como um seixo em direção a Jerusalém (Is 50.7).

GERAÇÃO INCRÉDULA

Mateus 17.14-21



> E, quando chegaram para junto da multidão, aproximou-se dele um homem, que se ajoelhou e disse: Senhor, compadece-te de meu filho, porque é lunático e sofre muito; pois muitas vezes cai no fogo e outras muitas, na água. Apresentei-o a teus discípulos, mas eles não puderam curá-lo. Jesus exclamou: Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-me aqui o menino. E Jesus repreendeu o demônio, e este saiu do menino; e, desde aquela hora, ficou o menino curado. Então, os discípulos, aproximando-se de Jesus, perguntaram em particular: Por que motivo não pudemos nós expulsá-lo? E ele lhes respondeu: Por causa da pequenez da vossa fé. Pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível. [Mas esta casta não se expele senão por meio de oração e jejum.]

Após a gloriosa experiência da transfiguração, Jesus, juntamente com Pedro, Tiago e João, desceram do monte, a fim de que ele pudesse realizar sua jornada rumo a Jerusalém e às provações que o aguardavam ali. Foi uma descida da glória e da transcendência para a normalidade da vida e do ministério, e Jesus teria de voltar a lidar com uma "geração incrédula e perversa".

Quando leio esta passagem, não consigo deixar de pensar em uma experiência semelhante, na qual alguém também desceu de um monte em direção a uma geração corrompida, perversa e degradada, marcada por incredulidade. Lemos isso no livro de Êxodo:

> E, voltando-se, desceu Moisés do monte com as duas tábuas do Testemunho nas mãos, […]. Ouvindo Josué a voz do povo que gritava, disse a Moisés: Há alarido de guerra no arraial. Respondeu-lhe Moisés: Não é alarido dos vencedores nem

> alarido dos vencidos, mas alarido dos que cantam é o que ouço. Logo que se aproximou do arraial, viu ele o bezerro [de ouro] e as danças; então, acendendo-se-lhe a ira, arrojou das mãos as tábuas e quebrou-as ao pé do monte; e, pegando no bezerro que tinham feito, queimou-o, e o reduziu a pó, que espalhou sobre a água, e deu de beber aos filhos de Israel (32.15-20).

O que Moisés viu quando desceu do monte Sinai foi provavelmente o culto de adoração mais popular já realizado. Todos estavam presentes, uma vez que a finalidade da reunião era satisfazer os desejos do povo, não o desejo de Deus. A cantoria era tão vigorosa, que soava como a eclosão de uma guerra a quilômetros de distância, e o foco principal era a imagem de um bezerro produzido com brincos de ouro fornecidos pelo povo.

O mediador da antiga aliança subiu ao monte, onde se encontrou com Deus e recebeu a Lei; contudo, ao descer daquele lugar santo, viu a nação de Israel totalmente entregue à idolatria. Séculos mais tarde, nosso Senhor subiu ao monte da transfiguração, onde sua glória foi manifesta; ao descer, deparou-se com uma geração incrédula e perversa.

Ausência de fé

Mateus diz: **E, quando chegaram para junto da multidão, aproximou-se dele um homem, que se ajoelhou e disse: Senhor, compadece-te de meu filho, porque é lunático e sofre muito; pois muitas vezes cai no fogo e outras muitas, na água** (v. 14-15). O termo *epiléptico* é utilizado por alguns tradutores com base nos sintomas mencionados aqui: o garoto tinha convulsões e, muitas vezes, caía no fogo ou na água. No entanto, o texto afirma literalmente que o menino era um lunático. Para nós, este estado equivale à insanidade, mas, no mundo antigo, aqueles que se comportavam de modo estranho e excêntrico eram considerados "perturbados". Por esta razão, eram chamados de lunáticos, um termo que vem da palavra latina *luna*, que significa "lua". Todavia, embora os

sintomas indicassem que ele sofria de uma doença, Mateus logo nos informa que o verdadeiro problema era uma possessão demoníaca.

O pai do menino disse: **Apresentei-o a teus discípulos, mas eles não puderam curá-lo** (v. 16). Jesus tinha concedido aos discípulos poder e autoridade sobre os demônios (Lc 9.1), e eles haviam se alegrado no poder recebido (10.17). Não há qualquer registro de que tivessem enfrentado problemas com a expulsão de demônios antes desta ocasião, mas seus esforços foram frustrados ao ajudar este rapaz. Eles provavelmente fizeram tudo o que sabiam; mesmo assim, suas tentativas fracassaram. Posso apenas imaginar a frustração do pai, diante da incapacidade dos discípulos, transformando-se em alegria ao avistar Jesus. Ele correu em sua direção, ajoelhou-se e implorou que tivesse misericórdia do rapaz.

Mateus registra a resposta de Jesus: **Jesus exclamou: Ó geração incrédula e perversa! Até quando estarei convosco? Até quando vos sofrerei? Trazei-me aqui o menino** (v. 17). Se alguma vez ouvimos Jesus clamando por pura frustração, é aqui nesta passagem. Ele descreveu aquela geração – as pessoas vivas naquele momento – como incrédula e perversa. Estas palavras, *incrédula* e *perversa*, estão ligadas. Ser incrédulo é ser desprovido de confiança na verdade de Deus, é não ser comprometido de alma e coração com os caminhos de Deus. A palavra traduzida como "perversa" significa literalmente "distorcida ou torcida". O senso de certo e errado do povo estava distorcido. Eles admitiam o mal e ridicularizavam a virtude. Seus valores estavam de cabeça para baixo. Em suma, eram perversos. Isto soa familiar para você? Nós vivemos em uma época em que o mal é celebrado, e a justiça é ridicularizada. Isto acontece porque vivemos em uma época marcada pela ausência de fé.

Àquela altura de seu ministério, Jesus já estava farto de tamanha perversidade. A frustração fez com que lamentasse: "Por quanto tempo terei de tolerar isso? Por quanto tempo terei de aturar esta geração?"

Mesmo assim, Jesus ordenou que o pai trouxesse o garoto e, então, **repreendeu o demônio, e este saiu do menino; e, desde aquela hora, ficou o menino curado** (v. 18).

A capacidade de Jesus de expulsar o demônio com facilidade naturalmente fez com que os discípulos se perguntassem o que haviam feito de errado. Por isso, questionaram-no a respeito: **Então, os discípulos, aproximando-se de Jesus, perguntaram em particular: Por que motivo não pudemos nós expulsá-lo? E ele lhes respondeu: Por causa da pequenez da vossa fé** (v. 19-20a). Como devemos entender tal diagnóstico para o motivo do fracasso? Poucos dias antes, Pedro, falando em nome de todos eles, fizera uma sublime e gloriosa confissão de fé: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16.16). Eles tinham fé, mas ela era frágil. Ela estava misturada com dúvida. Ela estava diluída no pensamento do mundo.

Nós somos chamados a viver uma vida de fé em uma sociedade ímpia. Todos os dias, toda hora, deparamo-nos com pontos de vista que estão em rota de colisão com o conteúdo da nossa fé, pontos de vista que agridem, minam e sabotam as preciosas verdades a que tentamos ser fiéis – por vezes, com muita dificuldade. Nós cremos, mas nossa fé é frequentemente superada pela incredulidade. Jesus afirmou ser este o motivo por que os discípulos haviam sido incapazes de derrotar o inimigo naquela ocasião, e é por isso que, muitas vezes, nós não conseguimos levar a vida fiel que almejamos ter.

Jesus prosseguiu dizendo: **Pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará. Nada vos será impossível** (v. 20b). Na tradição judaica da época, a ideia de mover montanhas por meio da fé fazia parte da compreensão metafórica do poder existente na confiança em Deus. Jesus disse que, se os discípulos tivessem fé verdadeira, seriam capazes de

mover montanhas – e certamente poderiam expulsar um pequeno demônio de uma pobre alma.

Necessidade de oração fervorosa

Por fim, Mateus diz que Jesus concluiu a explicação com uma declaração curiosa: **[Mas esta casta não se expele senão por meio de oração e jejum.]** (v. 21). Existe certo questionamento quanto a esta frase pertencer de fato ao texto original de Mateus, pois ela não está presente em todos os manuscritos primitivos. No entanto, a afirmação está presente no Evangelho de Marcos (9.29); logo, parece ter feito realmente parte do que Jesus disse na ocasião. A questão mais pertinente para nós é o que ele quis dizer com estas palavras.

Creio que Jesus estava dizendo aos discípulos que, quando acrescentamos jejum à oração, o ato de nos abster dos alimentos enfatiza a importância e a gravidade daquilo que estamos pedindo ao Pai. Quando nos aproximamos de Deus com oração e jejum, fazemo-lo com um senso de urgência. Eu acredito que a maioria dos crentes hoje ora, mas penso também que a maior parte das nossas orações tem caráter superficial. Muitos, na infância, aprendem a recitar: "Querido Deus, por favor, abençoe a mamãe, o papai, o tio Sam, a tia Gert e o resto da família. Também peço que me guarde esta noite. Amém." Para muitos de nós, a oração nunca avança muito além desse ponto. Nossas petições são marcadas por uma natureza mecânica, desprovida de paixão.

Quando lemos as páginas do Antigo Testamento, encontramos um estilo muito diferente de oração. Eis apenas um exemplo:

> Levantou-se naquela mesma noite, tomou suas duas mulheres, suas duas servas e seus onze filhos e transpôs o vau de Jaboque. Tomou-os e fê-los passar o ribeiro; fez passar tudo o que lhe pertencia, ficando ele só; e lutava com ele um homem, até ao romper do dia. Vendo este que não podia com ele, tocou-lhe na articulação da coxa; deslocou-se a junta da coxa de Jacó, na luta com o homem. Disse este: Deixa-me ir, pois já rompeu o dia. Respondeu Jacó: Não te deixarei ir

> se me não abençoares. Perguntou-lhe, pois: Como te chamas? Ele respondeu: Jacó. Então, disse: Já não te chamarás Jacó, e sim Israel, pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens e prevaleceste. Tornou Jacó: Dize, rogo-te, como te chamas? Respondeu ele: Por que perguntas pelo meu nome? E o abençoou ali (Gn 32.22-29).

Essa foi a maior luta de todas – afinal, ao lutar com um anjo, Jacó estava praticamente lutando com Deus. Jacó, a despeito da identidade de seu oponente, não o deixou ir embora. Este é o tipo de oração acerca do qual Jesus estava falando, o tipo de oração necessário para se vencer as forças do inferno. É uma oração com premência e persistência. É uma oração semelhante às súplicas da mulher que não desistiu até o juiz dar ouvidos ao seu caso (Lc 18.1-5). É lutar durante toda a noite em oração, se necessário.

Sou cristão há mais de 50 anos, e, neste tempo, Deus me abençoou com muitas respostas incríveis, maravilhosas e impressionantes às minhas orações. Nenhuma oração ficou sem resposta, pois não existe oração sem resposta. Muitas vezes, a resposta de Deus é não – e esta é uma resposta. Jesus compreendia isso. Quando orou no jardim do Getsêmani pedindo que o cálice da ira do Pai passasse dele, o Pai disse não, e Jesus bebeu o cálice (Mt 26.39-44). No entanto, Deus já respondeu positivamente aos meus pedidos de formas maravilhosas. Também observei uma forte ligação entre as respostas mais extraordinárias às orações que fiz ao longo da vida e a paixão e premência com que eu as proferi. Sem dúvida, eu me importo com tudo aquilo pelo que oro, mas não oro com a mesma paixão e com o mesmo fervor em todos os casos.

O autor da epístola de Tiago, no Novo Testamento, não foi o apóstolo Tiago, irmão de João, mas um dos irmãos de Jesus (Mt 13.55). Ao que parece, ele só se converteu após a ressurreição; porém, tornou-se um líder na igreja de Jerusalém (At 15.13; Gl 2.9) e era conhecido como um homem particularmente justo. Seu apelido era “joelhos de camelo”, pois seus joelhos eram sobremaneira calejados, como os de um camelo,

por passar muito tempo em oração. Havia algo que ele sabia sobre oração, e isto redigiu em sua epístola:

> Está alguém entre vós sofrendo? Faça oração. Está alguém alegre? Cante louvores. Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e estes façam oração sobre ele, ungindo-o com óleo, em nome do Senhor. E a oração da fé salvará o enfermo, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados. Confessai, pois, os vossos pecados uns aos outros e orai uns pelos outros, para serdes curados. Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo. Elias era homem semelhante a nós, sujeito aos mesmos sentimentos, e orou, com instância, para que não chovesse sobre a terra, e, por três anos e seis meses, não choveu. E orou, de novo, e o céu deu chuva, e a terra fez germinar seus frutos (5.13-18).

Mais uma vez, aqui no exemplo de Elias, vemos um exemplo de oração fervorosa.

Há uma pergunta que sempre me fazem em palestras e conferências: "RC, as orações são capazes de fazer Deus mudar de ideia?" Se existe alguma ocasião em que me identifico com a frustração de Jesus diante de uma geração incrédula, é quando ouço essa pergunta. A própria pergunta já fornece a resposta. Sou capaz de fazer o Todo-Poderoso mudar de ideia? Será que vou acrescentar informações que lhe eram desconhecidas até o momento em que me ajoelhei e o coloquei a par de minha situação? Ele sabe do que eu preciso antes que eu conte. Será que posso corrigir seus conselhos emprestando a minha sabedoria às suas intenções? A oração *não* faz Deus mudar de ideia. Assim que afirmo isso, entretanto, as pessoas perguntam: "Bem, então, por que orar?" Dizer que a oração não faz Deus mudar de ideia não significa que a oração seja inútil. Ela *nos* muda. Além disso, Deus usa a oração para concretizar seus conselhos secretos. Ele nos concede o privilégio indescritível de ser parte dos meios utilizados para que sua graça salvífica se aplique a nossa vida.

Devemos, então, orar? Sim, e com o maior fervor possível. Como Tiago diz, "*Muito* pode, por sua eficácia, a súplica do justo".

Se você realmente quiser ver a mão invisível de Deus operando em sua vida, trabalhando em tempos de crise e emergência, coloque premência em suas orações. Coloque fervor em suas orações. Não permita que elas sejam declarações superficiais; esforce-se para segurar Deus como Jacó fez. Lute com ele dia afora, noite afora. Não pare até que ele te abençoe. É disso que a verdadeira oração é feita. É isso o que move montanhas. É isso o que muito pode.

PAGAMENTO DE IMPOSTOS

Mateus 17.22-27



> Reunidos eles na Galileia, disse-lhes Jesus: O Filho do Homem está para ser entregue nas mãos dos homens; e estes o matarão; mas, ao terceiro dia, ressuscitará. Então, os discípulos se entristeceram grandemente. Tendo eles chegado a Cafarnaum, dirigiram-se a Pedro os que cobravam o imposto das duas dracmas e perguntaram: Não paga o vosso Mestre as duas dracmas? Sim, respondeu ele. Ao entrar Pedro em casa, Jesus se lhe antecipou, dizendo: Simão, que te parece? De quem cobram os reis da terra impostos ou tributo: dos seus filhos ou dos estranhos? Respondendo Pedro: Dos estranhos, Jesus lhe disse: Logo, estão isentos os filhos. Mas, para que não os escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, e o primeiro peixe que fisgar, tira-o; e, abrindo-lhe a boca, acharás um estáter. Toma-o e entrega-lhes por mim e por ti.

Depois da transfiguração, Jesus e seus discípulos foram para o sul, de volta à Galileia. Mateus diz: **Reunidos eles na Galileia, disse-lhes Jesus: O Filho do Homem está para ser entregue nas mãos dos homens; e estes o matarão; mas, ao terceiro dia, ressuscitará. Então, os discípulos se entristeceram grandemente** (v. 22-23). Esta foi a segunda vez que Jesus predisse o que lhe aconteceria no futuro próximo; ele já havia feito isso logo após a grande confissão de fé proferida por Pedro (16.21). Mais uma vez, Jesus disse aos discípulos que morreria e ressuscitaria, mas eles parecem ter colocado o foco apenas na morte, uma vez que "se entristeceram grandemente".

Após registrar a profecia de Jesus sobre seu sofrimento, Mateus relata um episódio que aparenta ser muito menos importante. Eu me pergunto por que Mateus decidiu manter um registro desse incidente; ele é o único

evangelista a fazê-lo. Creio que o episódio chamou sua atenção, em parte, por causa de seu passado como cobrador de impostos (9.9). Seja como for, o principal interesse de Mateus ao redigir seu Evangelho era contar aos outros sobre o seu Mestre, e esta breve passagem nos diz muito sobre a identidade de Jesus.

Mateus escreve: **Tendo eles chegado a Cafarnaum, dirigiram-se a Pedro os que cobravam o imposto das duas dracmas e perguntaram: Não paga o vosso Mestre as duas dracmas?** (v. 24). O imposto do templo havia sido legislado no livro de Êxodo para a manutenção do tabernáculo e, posteriormente, do templo (Êx 30.11-16). Todos os homens eram obrigados a pagar o imposto, que equivalia a metade de um siclo por censo. Mais tarde, os sacerdotes e os líderes da nação passaram a exigi-lo anualmente. Uma das razões para a presença de cambistas no templo (motivo de grande aborrecimento para Jesus, 21.12-13) era o fato de muitos peregrinos que iam a Jerusalém durante a Páscoa precisarem pagar o imposto do templo. Para tanto, era-lhes necessário trocar sua moeda nativa pela moeda local, mediante pagamento de tarifa.

Ao que tudo indica, alguns responsáveis pela cobrança do imposto aproximaram-se de Pedro para perguntar se era verdade que Jesus não o pagava. Talvez eles nunca o tivessem visto pagar ou talvez tivessem ouvido rumores de que ele não o fazia. Por motivos não especificados, os cobradores não se aproximaram do próprio Jesus. É possível que fossem desprovidos da autoridade dos sacerdotes e fariseus, os quais se sentiram no direito de abordá-lo pessoalmente. Seja como for, eles foram questionar Pedro.

Mateus escreve que, quando os homens interrogaram Pedro, ele respondeu que **Sim** (v. 25a). O que essa resposta significa? Pedro estava dizendo que Jesus pagava, sim, o imposto? Alguns estudiosos interpretam a resposta dessa forma. Ou será que ele estava dizendo que aquilo que eles haviam observado ou ouvido falar estava correto, isto é,

que Jesus não pagava o imposto? Não podemos ter certeza, embora as ações subsequentes de Jesus para quitá-lo sugerem que ele não o tinha pago, ao menos, naquele ano. Mas por que ele não teria pago? Afinal, era apenas metade de um siclo. O pagamento do imposto não lhe teria sido um grande revés financeiro.

Podemos apenas especular os possíveis motivos para Jesus não ter pago o imposto antes. Para começar, ele sabia que toda a função do templo em breve seria irrelevante e obsoleta; afinal, em poucos dias, ele ofereceria o sacrifício perfeito de uma vez por todas e, em decorrência deste sacrifício, o véu que separava o Santo Lugar do Santo dos Santos no templo seria rasgado. Com isso, todo o objetivo da adoração no tempo seria cumprido. Além disso, enquanto aquela geração vivesse, nenhuma pedra do templo seria deixada sobre a outra (Mt 24.2), pois ele seria destruído em 70 d.C. Assim, talvez Jesus não visse propósito em investir em uma oferta perdida, considerando um desperdício doar para algo que já não era mais útil. No entanto, ele não forneceu um motivo explícito para o não pagamento do imposto – se é que ele, de fato, não o pagava.

Questão adiáfora

Mateus nada mais diz sobre o diálogo de Pedro com os coletores de impostos do templo, voltando-se a uma discussão subsequente entre Jesus e Pedro. Ele escreve: **Ao entrar Pedro em casa, Jesus se lhe antecipou, dizendo: Simão, que te parece? De quem cobram os reis da terra impostos ou tributo: dos seus filhos ou dos estranhos? Respondendo Pedro: Dos estranhos, Jesus lhe disse: Logo, estão isentos os filhos** (v. 25b-26).

Pedro, que obviamente fora detido pela inquisição dos coletores de impostos, juntou-se depois a Jesus e aos outros discípulos em uma casa. Ao que parece, ele mal podia esperar para questionar Jesus acerca do ocorrido. Cristo, entretanto, já conhecendo o que se passava em sua

mente, abordou o assunto de forma curiosa, perguntando a Pedro se os reis tributavam os membros da própria família ou estranhos. Pedro deu a resposta óbvia: o rei tributava estranhos. Jesus afirmou que os filhos, portanto, estavam isentos. O que devemos concluir desse diálogo? Jesus estava afirmando que o Rei do templo é Deus; por conseguinte, Jesus, como Filho de Deus e Filho do Rei, estava legalmente isento de pagar o imposto do templo. Com esta declaração, ele afirmava mais uma vez sua identidade como Filho de Deus.

Em seguida, Jesus disse algo de importância crucial: **Mas, para que não os escandalizemos, vai ao mar, lança o anzol, e o primeiro peixe que fisgar, tira-o; e, abrindo-lhe a boca, acharás um estáter. Toma-o e entrega-lhes por mim e por ti** (v. 27). Jesus não era obrigado a pagar o imposto. Todavia, ele se submetera a todas as leis que Deus havia instituído a Israel, e era importante que se submetesse a esta também. Havia, entretanto, outro princípio em jogo neste episódio.

Observe estas palavras: "para que não os escandalizemos". Submetendo-se ao pagamento do imposto, Jesus ilustrava um princípio que o apóstolo Paulo ensina em Romanos e 1Coríntios: como lidar com aquilo que é chamado de *adiáforo*, isto é, aquilo que não possui em si qualquer moral inerente. Paulo discorre extensivamente sobre o exemplo da carne oferecida aos ídolos (1Co 8,10). A posição dele é a de que não há nada de errado em comprar e comer a carne oferecida a ídolos em adoração pagã. Paulo diz que isso é adiáforo. No entanto, se houver pessoas na família, na igreja ou no círculo social que o consideram errado, é melhor se abster de comer a carne em vez de fazê-las tropeçar. Assim sendo, Jesus decidiu sujeitar-se e pagar o imposto, muito embora não fosse obrigado a isso.

Esvaziamento e submissão

A transigência de Jesus constituía o cerne da encarnação. No texto conhecido como "hino quenótico" (da palavra grega *kenōsis*, que significa "esvaziamento") em Filipenses 2 – o qual alguns acreditam ter sido uma canção entoada na igreja primitiva – Paulo escreve:

> Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes, a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte e morte de cruz. Pelo que também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai (v. 5-11).

É muito importante entendermos o que Jesus pôs de lado quando foi encarnado. No século 19, surgiu uma heresia conhecida como heresia quenótica. De acordo com ela, quando Jesus tomou sobre si a natureza humana, ele abandonou seus atributos divinos – a onipotência, a onisciência, a imutabilidade e assim por diante. Esta é uma heresia perniciosa, mas nós a ouvimos todos os dias em programas televisivos supostamente cristãos e em muitos púlpitos por todo o mundo. Porém, Deus é imutável. Deus nunca deixa de ser Deus. E, quando Deus encarnou, a natureza divina não deixou de ser divina. Jesus não pôs de lado qualquer elemento de sua deidade. Ele assumiu a natureza humana que tinha limites, mas a natureza divina permaneceu intacta.

O que foi, então, que Jesus deixou para trás na encarnação? No hino natalino intitulado "*Hark! The Herald Angels Sing*", uma das estrofes diz: "Manso, ele abandonou sua glória e nasceu para que o homem não mais precisasse morrer".[1] O Filho eterno de Deus, a segunda pessoa da Trindade, não abandonou sua deidade, mas pôs de lado a glória que a acompanhava e escolheu a humilhação, a ignomínia, o sofrimento e a morte, despindo-se de qualquer reputação. Ele até mesmo submeteu-se

ao simples pagamento do imposto do templo, o que representava um insulto à sua glória.

Na oração sacerdotal, proferida no cenáculo na noite anterior à sua morte, Jesus disse estas palavras:

> Pai, é chegada a hora; glorifica a teu Filho, para que o Filho te glorifique a ti, assim como lhe conferiste autoridade sobre toda a carne, a fim de que ele conceda a vida eterna a todos os que lhe deste. E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste. Eu te glorifiquei na terra, consumando a obra que me confiaste para fazer; e, agora, glorifica-me, ó Pai, contigo mesmo, com a glória que eu tive junto de ti, antes que houvesse mundo (Jo 17.1b-5).

Você notou? Jesus estava pronto para concluir a obra que o Pai lhe havia confiado, mas ele também queria receber de volta a glória que pusera de lado na encarnação. Foi disso que ele se esvaziou, não de sua deidade.

Portanto, Jesus submeteu-se ao pagamento do imposto. Seu método para fazê-lo mostrou, mais uma vez, quem ele era: ordenou que Pedro fosse até o lago e lançasse um anzol, com o qual fisgaria um peixe com um estáter na boca – o suficiente para pagar o imposto dos dois. Desta forma, ele demonstrou sua divindade e forneceu um indício de sua verdadeira glória, que seria restaurada na ascensão ao Pai e em sua coroação como Rei sobre todas as coisas.

[1] Do hino "*Hark! The Herald Angels Sing*", escrito por Charles Wesley em 1739.

O MAIOR NO REINO DOS CÉUS

Mateus 18.1-5



> Naquela hora, aproximaram-se de Jesus os discípulos, perguntando: Quem é, porventura, o maior no reino dos céus? E Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles. E disse: Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus. Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus. E quem receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe.

Recentemente, enquanto relembrava os mais de 50 anos que passei ensinando e pregando, tentei calcular o número de mensagens que já preguei. Meu melhor palpite – levando em conta palestras na faculdade e no seminário, bem como mensagens radiofônicas – foi algo entre 25.000 e 30.000 sermões.

Enquanto refletia sobre esse número surpreendente, eu não pude deixar de admitir que preguei alguns sermões muito, muito ruins. Sei dizer até qual foi meu pior sermão: foi a primeira mensagem que preguei, em 1958, quando estava no segundo ano da faculdade. Eu escrevi o texto e memorizei-o palavra por palavra. Depois, ensaiei à moda do antigo orador grego Demóstenes, que falava com pedras na boca para superar um problema de dicção. No fim, entretanto, não foi a oratória que foi tão mal – embora seja muito provável que ela também não tenha sido boa. Conforme compreendi mais tarde, minha abordagem ao texto bíblico foi o que tornou esse sermão o pior de todos que já preguei. Eu mutilei e retalhei completamente a passagem básica. Como muitos

jovens, eu julgava conhecer praticamente tudo, mas tinha pouquíssimo entendimento bíblico e teológico.

O texto que tanto descaracterizei naquele primeiro sermão foi Mateus 18.1-5, o mesmo texto que considerarei neste capítulo. Minha esperança e oração é que eu possa explicá-lo de maneira mais apropriada agora.

Em Mateus 18, encontramos o quarto discurso de uma série de cinco grandes discursos contidos neste Evangelho. Ele começa com uma pergunta dos discípulos: **Naquela hora, aproximaram-se de Jesus os discípulos, perguntando: Quem é, porventura, o maior no reino dos céus?** (v. 1).

Lembre-se do contexto deste discurso. Poucos dias antes, Jesus havia perguntado aos discípulos: "quem dizeis que eu sou?", e Pedro respondera: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (16.15-16). Portanto, os discípulos compreendiam que ele era o Messias profetizado no Antigo Testamento. Jesus posteriormente os alertou de que iria a Jerusalém a fim de sofrer, morrer e ressuscitar (16.21; 17.22-23), mas os discípulos, ao que parece, ainda não haviam aceitado a ideia de um Salvador sofredor; ainda estavam esperando que ele inaugurasse o reino divino na terra. Ao pensar nisso, é possível que eles tivessem entrado em uma discussão quanto às suas posições na administração real de Jesus, perguntando-se quem se sentaria à direita dele. Com efeito, Marcos e Lucas informam que este incidente deu-se após uma rixa entre os discípulos acerca de qual deles deveria ser considerado o maior no reino (Mc 9.33-37; Lc 9.46-48). Eles consideravam a grandeza em termos de capacidade humana. Por fim, segundo Mateus, eles simplesmente pediram que Jesus resolvesse a questão.

Jesus fez algo que eles não esperavam: **E Jesus, chamando uma criança, colocou-a no meio deles** (v. 2). Esta criança provavelmente não tinha mais de dois ou três anos de idade. Ele a chamou e colocou-a em pé onde todos os discípulos podiam vê-la. Então, disse: **Em verdade vos digo que,**

se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus (v. 3).

Talvez eu deva compartilhar com você como foi que eu mutilei este texto em 1958. Na ocasião, eu o utilizei para articular uma ideia perniciosa que tem invadido igrejas de todo o mundo: a ideia de que ser cristão é ter uma fé simples. O Novo Testamento, naturalmente, é claro quanto a isto: se somos chamados por Deus, se somos crentes nele, não devemos ficar satisfeitos com o leite do evangelho; devemos crescer à plenitude de maturidade como povo de Deus, consumindo a carne que ele nos concedeu em sua Palavra. Todavia, eu disse aos meus ouvintes, naquele dia, que nós não precisamos gastar enormes quantias de tempo e energia debruçados sobre as Escrituras. Eu afirmei que não precisamos de muita teologia e doutrina; declarei que tudo aquilo de que precisamos é Jesus. Temos de ser pessoas simples com uma fé simples. Porém, não é isso o que Jesus estava querendo dizer quando falou aos discípulos que eles deveriam se converter e se tornar como crianças.

Necessidade de conversão

O que, então, ele quis dizer? Ao darmos início à análise das intenções de Jesus, é crucial observarmos o emprego que ele faz da palavra *se.* Sempre que nos deparamos com este termo, sabemos que haverá a introdução de uma condição necessária para que o resultado desejado se concretize. A condição que Jesus alegou ter de ser satisfeita para que se entre no reino de Deus é a conversão.

Eu gostaria de encorajá-lo, neste momento, a se perguntar com toda franqueza: "Sou uma pessoa convertida ou não convertida?" Se você não for convertido e permanecer nessa condição, Jesus diz que não há forma alguma de entrar no reino de Deus. Eu ouço pessoas dizendo: "Nasci cristão." Contudo, as Escrituras dizem que todo ser humano (exceto Jesus Cristo) nasce, neste mundo, em um estado de morte espiritual (Ef

2.1). Neste sentido, ninguém nasce cristão. Para ser cristão, é preciso *renascer*. Precisamos nascer não da carne, mas do Espírito de Deus. A menos que renasçamos, conforme Jesus disse a Nicodemos, não seremos capazes de ver o reino de Deus – muito menos entrar nele (Jo 3.3,5). Os seres humanos foram criados para refletir a santidade de Deus, mas nós pecamos contra ele desde a mais tenra idade.

Em Romanos 1, o apóstolo Paulo diz que Deus revelou claramente seu eterno poder e sua deidade a todas as pessoas do mundo por meio das coisas que fez (v. 20). Todavia, os homens reprimem essa verdade universalmente, trocando a verdade por uma mentira e adorando e servindo as coisas criadas em vez do Criador (v. 21-23). Paulo escreve:

> Por isso, Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seu próprio coração, para desonrarem o seu corpo entre si; pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém! Por causa disso, os entregou Deus a paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contato natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro. E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes, cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade; sendo difamadores, caluniadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, insensatos, pérfidos, sem afeição natural e sem misericórdia. Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem (v. 24-32).

Esta é uma descrição sombria da condição natural dos seres humanos não convertidos, que estão mortos em pecados e ofensas. Eles rejeitam a revelação divina por "haverem desprezado o conhecimento de Deus" por

natureza. Não é difícil ver que precisam ser convertidos e tirados de tal estado terrível.

Humildade de uma criança

Jesus também disse que a conversão é no sentido de se tornar como uma criança. Isso, entretanto, pode ser entendido de várias maneiras. Felizmente, Jesus explicou o que queria dizer: **Portanto, aquele que se humilhar como esta criança, esse é o maior no reino dos céus. E quem receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe** (v. 4-5).

Jesus não colocou uma criança em meio aos discípulos para dizer-lhes que, a fim de entrar no reino de Deus, deveriam ser inocentes como ela. Jesus sabia que as crianças não são anjinhos. Ele sabia como elas podem ser egocêntricas e exigentes. O que ele estava ordenando era que os discípulos se tornassem como crianças em humildade. Uma criança pequena não acha que sabe mais do que os pais. Pelo contrário, ela acredita que a mãe e o pai sabem tudo. Se a mãe diz ao filho de dois anos de idade que X, Y ou Z é verdade, ele acredita nela. Ele tem aquilo que se chama, em linguagem técnica, *fides implicitum*, isto é, fé implícita. Ele confia na mãe implicitamente. Tudo o que ela diz, para ele, é verdade.

É assim que devemos nos relacionar com Deus. A fé verdadeira, evidentemente, não é uma fé cega. Não se trata de dar um salto no escuro e esperar que Jesus nos segure. A fé verdadeira em Deus é uma fé implícita: uma vez que somos reconciliados com ele e conhecemos quem ele é, sabemos que Deus é onisciente. Seu conhecimento é perfeito. Seu conselho é absolutamente sensato. Um crente verdadeiro confia em Deus de modo implícito, pois sabe que ele é totalmente fidedigno.

Por conseguinte, o cristão deseja aprender o máximo possível. Ele se alimenta da Palavra de Deus e não se satisfaz em ouvir um sermão por semana. O Salmo 1 diz: “Bem-aventurado o homem que não anda no

conselho dos ímpios, não se detém no caminho dos pecadores, nem se assenta na roda dos escarnecedores. Antes, o seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite" (Sl 1.1-2). Temos de fechar a mente para o conselho dos ímpios, o qual nos confronta todos os dias, e colocar nosso foco na lei de Deus, sua Palavra.

O salmista prossegue descrevendo como é um homem que faz isso: "Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem-sucedido" (v. 3). Ele não é como uma criança pequena. Em vez disso, assemelha-se a uma árvore que nasce à margem do rio e, como consequência, torna-se grandiosa, robusta, forte e inabalável; além disso, produz frutos.

Em seguida, o salmista contrasta esse homem com o ímpio: "Os ímpios não são assim; são, porém, como a palha que o vento dispersa" (v. 4). Na antiguidade, os agricultores colhiam os grãos e, então, empilhavam-nos. Depois, o trigo tinha de ser separado da palha, isto é, de caules, vagens das sementes e outros. Para tanto, o agricultor não se ajoelhava com uma pinça e separava as sementes uma a uma. Ele remexia a pilha para separar o trigo do joio e, então, usava a joeira para lançar ao ar montes de trigo e palha que estavam misturados. Desta forma, a brisa soprava a palha para longe enquanto o trigo caía de volta na pilha. O salmista disse que os ímpios são como a palha em sua leveza, que é dispersa com facilidade. Com isso, ele tencionou dizer que os incrédulos são tão ingênuos quanto simples crianças.

Jesus entendia que os seres humanos têm aquilo que eu chamo de primazia da mente e primazia do coração. Como pode haver duas primazias? É porque existe uma primazia de importância e uma primazia de cronologia. A primazia de importância para o cristão é o coração. É possível obter nota máxima em uma prova de teologia mesmo se o coração estiver longe de Deus. Em última análise, a principal coisa que

Deus considerará ao julgar o indivíduo será o coração. Seu coração está com ele? Seu coração bate por Cristo e seu reino? Já a primazia de cronologia é a mente, pois, antes que qualquer coisa sólida possa enraizar-se no coração, é preciso passar pela mente. Ninguém pode ter um coração piedoso sem que antes tenha uma mente piedosa. As Escrituras dizem: "Porque, como imagina em sua alma, assim ele é" (Pv 23.7). O pensamento no coração surge apenas após o pensamento na mente, ao se obter entendimento da Palavra de Deus.

Jesus quer que cresçamos em nossos pensamentos, mas, ao mesmo tempo, quer que manifestemos o senso de dependência, fragilidade e humildade das crianças. Se tiver esse tipo de humildade, você será grande no reino de Deus. O maior conhecedor de teologia, o maior ganhador de almas ou o mártir mais valente não são, necessariamente, os maiores no reino. O maior no reino é quem mais se assemelha a uma criança.

LIDANDO COM A TENTAÇÃO

Mateus 18.6-9



> Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundeza do mar. Ai do mundo, por causa dos escândalos; porque é inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual vem o escândalo! Portanto, se a tua mão ou o teu pé te faz tropeçar, corta-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida manco ou aleijado do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno. Se um dos teus olhos te faz tropeçar, arranca-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida com um só dos teus olhos do que, tendo dois, seres lançado no inferno de fogo.

Na passagem deste capítulo, Jesus introduziu uma nota ameaçadora de juízo. Veremos mais pronunciamentos do tipo – alguns deles ainda mais assustadores – ao longo dos capítulos seguintes do Evangelho de Mateus. Estas são palavras duras, difíceis de serem aceitas. Visto, entretanto, que saíram dos lábios do próprio Cristo, o qual é verdadeiro e justo em tudo o que diz, nós somos obrigados a recebê-las como a verdade de Deus.

Essa passagem deve ser lida no contexto da pergunta feita pelos discípulos a Jesus: "Quem é, porventura, o maior no reino dos céus?" (18.1). Como vimos no capítulo anterior, quando os discípulos lhe fizeram esta pergunta, Jesus chamou uma criança pequena – provavelmente com menos de dois ou três anos de idade – e colocou-a no meio deles. Então, disse: "Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus" (18.3). Ele estava enfatizando a forma como

as criancinhas confiam nos pais implicitamente e, assim, ensinava aos discípulos que eles deveriam ter o mesmo tipo de confiança no Pai celestial e a mesma humildade vista nos pequenos. Na passagem à qual nos voltamos agora, Jesus ampliou este ensinamento com alertas graves e até mesmo um pronunciamento de juízo.

Mateus registra as seguintes palavras de Jesus: **Qualquer, porém, que fizer tropeçar a um destes pequeninos que creem em mim, melhor lhe fora que se lhe pendurasse ao pescoço uma grande pedra de moinho, e fosse afogado na profundeza do mar. Ai do mundo, por causa dos escândalos; porque é inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual vem o escândalo!** (v. 6-7). É evidente que, ao mencionar os "pequeninos", Jesus não estava falando de crianças em geral; ele estava falando daqueles que haviam sido convertidos e se tornado semelhantes a crianças, isto é, crentes novos ou jovens. Sabemos disso porque ele disse "pequeninos *que creem em mim*". Seu ensinamento, entretanto, não diz respeito aos crentes jovens, mas aos indivíduos que se relacionam com eles. De modo mais específico, ele proferiu um alerta àqueles que levam crentes novos a pecar. Ele também reconheceu que "escândalos", ou tentações, sempre acontecerão neste mundo caído, mas afirmou que quem causa tais tentações é merecedor de ais, e o mundo é merecedor de ais por sua plena devoção ao pecado.

No mundo antigo, os grãos eram processados em moinhos, onde pedras grandes e redondas eram utilizadas para esmagá-los e produzir farinha. Em alguns deles, a pedra de trituração era pequena o bastante para que uma única pessoa conseguisse empurrá-la por um trajeto circular, mas as pedras maiores e mais pesadas eram movidas por bois. Foi a esta pedra que Jesus se referiu. Segundo ele, quem induz novos crentes a pecar comete um pecado tão hediondo, que melhor seria ter uma dessas pedras pendurada sobre o pescoço e ser atirado ao mar, onde

certamente se afogaria. Em outras palavras, melhor seria *morrer* a continuar conduzindo novos cristãos ao pecado.

Conduzindo pequeninos à tentação

A palavra grega traduzida por "ofensas" em algumas versões é de onde vem nossa palavra *escândalo*. Nós já nos deparamos com esta palavra antes, quando Jesus afirmou que Pedro era uma pedra de tropeço (16.23). Eu também mencionei que ela estava originalmente relacionada a um dispositivo utilizado no mundo antigo cuja finalidade era capturar animais ou aves selvagens. A palavra referia-se à isca presa a uma vara, a qual sustentava um cesto e era puxada quando a caça se aproximava. Jesus aplicou esta imagem à tentação voltada para crentes novos, repreendendo aqueles que lhes preparavam armadilhas, pegavam-nos desprevenidos e conduziam-nos ao pecado.

Os turistas que visitam a Europa, em especial o Leste Europeu, costumam ser alertados para vigiar seus pertences pessoais, principalmente a carteira. O motivo é que, muitas vezes, há ladrões agindo à solta em locais públicos. A maioria dos que praticam a atividade do "Trapaceiro Astuto"* é composta por crianças forçadas pelos próprios pais. Quando presenciei tal situação na Europa, fui tomado por um sentimento de tristeza. Em termos espirituais, é a esse tipo de coisa que Jesus fazia referência: levar intencionalmente crentes jovens e impressionáveis a realizar atos pecaminosos.

Após ser ordenado, eu fui encarregado do ministério de ensino, não do ministério de púlpito, ou pastoral. Minha primeira atribuição foi atuar como professor de filosofia em uma faculdade cristã. Mais tarde, lecionei teologia filosófica no seminário. Entre essa época e a fundação do ministério Ligonier, passei alguns anos trabalhando em uma igreja em Cincinnati, Ohio, onde dei aulas de teologia. Uma das minhas turmas era o grupo universitário da igreja, cuja grande maioria era composta por

alunos da Universidade de Cincinnati. Ali eu recebia inúmeras perguntas sobre a confiabilidade histórica dos documentos do Novo Testamento. Certa vez, tive de interromper a aula para perguntar por que aquela dúvida sempre surgia. Um dos alunos explicou que havia um professor de história na universidade que nunca perdia a oportunidade de ridicularizar quem acreditava nos documentos bíblicos. Segundo ele, os livros bíblicos eram completamente falíveis sob a perspectiva histórica. Em seguida, um outro aluno me perguntou se eu estaria disposto a debater com esse professor acerca da confiabilidade histórica dos documentos do Novo Testamento, e eu respondi que sim.

Na mesma semana, recebi um convite para participar de um programa de entrevistas local apresentado por Phil Donahue, que, na época, ainda não havia lançado seu programa a nível nacional. Ele queria discutir a credibilidade das alegações de verdade feitas pelo cristianismo. Eu recusei o convite. Havia muitas razões por trás dessa decisão, mas eu senti uma obrigação e uma urgência muito maiores de confrontar o professor responsável por desencaminhar meus alunos, o qual os ensinava que o Novo Testamento não era confiável.

Com frequência, ouço pais confusos dizendo que enviaram os filhos para faculdades que julgavam ser instituições cristãs, as quais os expuseram a uma avalanche de críticas céticas sobre a fé cristã. Não devemos supor que, só porque uma faculdade foi alguma vez comprometida com o cristianismo, ela continua sendo assim. Muitas escolas aceitam alunos com base em seu histórico muito embora tenham abandonado qualquer compromisso com a fé cristã. Temos de ser extremamente cautelosos ao monitorar a educação de nossos filhos a fim de que não se desviem. Foi, em parte, devido a esse perigo, que meu filho e sua falecida esposa educaram seus filhos em casa, assim como muitos outros pais cristãos o fazem. Certa vez, ele me disse:

— As pessoas nos recriminam, dizendo que estamos poupando nossos filhos. Só falta agora nos acusarem de alimentá-los e vesti-los também.

Assim como é correto e adequado que os pais alimentem e vistam os filhos, é correto e adequado que eles os protejam daqueles que poderiam desencaminhá-los. Como pais, temos o dever de defender nossos filhos das armadilhas colocadas em seus caminhos.

Ao analisarmos o sermão do monte, nós estudamos as bem-aventuranças (5.3-11). Estas expressões de bênção eram formuladas por meio do mecanismo profético conhecido como oráculo – um pronunciamento vindo do alto. Na Bíblia, há dois tipos de oráculo: oráculos de salvação, que são pronunciamentos de bem-aventurança, felicidade ou prosperidade; e oráculos de ai, que são pronunciamentos de juízo e maldição. Em geral, a palavra empregada para introduzir um anúncio de juízo divino é *ai*.

Aqui em Mateus 18, vemos Jesus pronunciando um oráculo de ai, isto é, uma mensagem de juízo sobre o mundo inteiro: "Ai do mundo, por causa dos escândalos". O mundo está repleto de escândalos, de armadilhas para os santos, de pecados. Jesus alegou compreender que "é inevitável que venham escândalos, mas ai do homem pelo qual vem o escândalo!" A Bíblia diz que poucos deveriam ensinar, pois aqueles que ensinam enfrentarão um juízo mais rigoroso (Tg 3.1). Quando penso nos professores universitários que se divertem tentando destruir a fé dos alunos, tremo ao imaginar o que eles terão de enfrentar no último dia.

Medidas contra a tentação

Em seguida, Jesus especificou seu ensinamento sobre os escândalos: **Portanto, se a tua mão ou o teu pé te faz tropeçar, corta-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida manco ou aleijado do que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo eterno. Se um dos teus olhos te faz tropeçar,**

arranca-o e lança-o fora de ti; melhor é entrares na vida com um só dos teus olhos do que, tendo dois, seres lançado no inferno de fogo (v. 8-9).

Na igreja primitiva, alguns indivíduos acreditavam que Jesus estava falando de maneira absolutamente literal neste ensinamento alarmante. Há casos conhecidos em que, por exemplo, um batedor de carteiras tornou-se cristão, e, a fim de combater a tentação de empregar sua habilidade em roubos, ele cortou as próprias mãos. Alguns santos que sofriam tentações sexuais submeteram-se voluntariamente à castração com base nesta passagem. Hoje em dia, a maioria dos estudiosos concorda que este é apenas mais um exemplo do uso da hipérbole, um exagero intencional para a elaboração de um argumento. Jesus estava indicando um valor comparativo; ele estava afirmando que, caso exista algo em sua vida que esteja destruindo sua alma, você deve livrar-se disso custe o que custar.

Em nossa época, há um vício epidêmico em pornografia. Desconheço o número de famílias e lares que já vi, pessoalmente, sendo destruídos por esse problema. Ele tem sido enormemente exacerbado pela internet, um meio que lhe permite o acesso na privacidade de nossa própria casa. Caso você esteja lutando contra o vício de assistir pornografia na internet, meu conselho é este: livre-se de seu acesso a ela ou do próprio computador. Não estou brincando. Se Jesus o abordasse em termos modernos, ele diria que é muito melhor viver sem acesso à internet ou sem computador do que passar a eternidade no inferno. É isso que está em jogo.

Neste ensinamento, Jesus mencionou um assunto que surge repetidas vezes no Evangelho de Mateus: a doutrina do inferno. Um em cada 100 cristãos, se é que chega a isso, leva realmente a sério seus alertas sobre o inferno. Nós fazemos todo o possível para evitar o assunto. Abrandamos as palavras dele e reduzimos o inferno a um mero simbolismo ou a uma simples metáfora. Contudo, Jesus ensinou mais coisas sobre o inferno do

que sobre o céu. A maior parte da doutrina sobre o inferno contida no Novo Testamento saiu dos lábios de Jesus. Conforme já disseram, se não tivesse sido Jesus a nos ensinar tais coisas terríveis sobre o inferno, ninguém acreditaria.

Quando Jesus falou de "fogo eterno" e "inferno de fogo", ele estava utilizando uma metáfora tomada de sua própria cultura. Marcos diz que Jesus descreveu o inferno como um lugar "onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga" (9.44). Há uma tradição segundo a qual, na época romana, o depósito de lixo de Jerusalém estava situado no vale de Hinom, fora da cidade. Não só o lixo, como também cadáveres de criminosos e corpos de animais eram depositados ali. Por que o verme não morre? Vermes são parasitas que se apegam ao corpo de uma pessoa ou de um animal e, assim que terminam de devorar a carne, morrem. Naquele depósito de lixo, entretanto, havia um afluxo constante de novos cadáveres, então os vermes não morriam. Além disso, mantinha-se o fogo em queima contínua no depósito com a finalidade de consumir os restos descartados. Esta é a terrível imagem do inferno que Jesus pintou.

As pessoas quase sempre têm curiosidade de saber se Jesus estava valendo-se de simbolismo quando mencionou o inferno como um lugar de fogo. Eu costumo dizer-lhes que existe a possibilidade de o fogo ser simbólico, e, diante disso, elas geralmente suspiram de alívio. Porém, eu completo dizendo que Jesus empregava as imagens e os símbolos mais aterradores de que dispunha por uma razão específica – e tenho para mim que é porque a realidade era muito pior do que qualquer símbolo seria capaz de expressar.

Nesta passagem, Jesus forneceu um breve prenúncio de seu ensinamento futuro acerca do juízo final. Este juízo foi determinado pela providência de Deus e jamais poderá ser negociado. Cada um de nós estará lá. Logo, é melhor chegar sem mãos, sem olhos e sem

computadores, mas com um coração puro, do que chegar com mãos, olhos, computadores e um histórico de pecado.

[*] Personagem da obra *Oliver Twist*, de Charles Dickens (N. do E.).

A PARÁBOLA DA OVELHA PERDIDA

Mateus 18.10-14



> Vede, não desprezeis a qualquer destes pequeninos; porque eu vos afirmo que os seus anjos nos céus veem incessantemente a face de meu Pai celeste. [Porque o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido.] Que vos parece? Se um homem tiver cem ovelhas, e uma delas se extraviar, não deixará ele nos montes as noventa e nove, indo procurar a que se extraviou? E, se porventura a encontra, em verdade vos digo que maior prazer sentirá por causa desta do que pelas noventa e nove que não se extraviaram. Assim, pois, não é da vontade de vosso Pai celeste que pereça um só destes pequeninos.

No início de Mateus 18, em resposta à dúvida dos discípulos quanto a qual deles era o maior, Jesus salientou a necessidade daqueles que desejam ser seus seguidores de serem convertidos e se tornarem como crianças (v. 3). Em seguida, ele falou sobre o terrível juízo que sobrevirá aos que desencaminharem seus pequeninos – as crianças não no sentido físico, mas no sentido espiritual; isto é, as pessoas novas à fé cristã. Na passagem a ser examinada neste capítulo, Jesus continua discutindo como os "pequeninos" devem ser considerados, proferindo uma das mais curiosas declarações de seu ministério.

Segundo Mateus, Jesus disse: **Vede, não desprezeis a qualquer destes pequeninos; porque eu vos afirmo que os seus anjos nos céus veem incessantemente a face de meu Pai celeste** (v. 10). Nesta frase, o Senhor Jesus Cristo asseverou claramente a existência do domínio sobrenatural. Isso é importante, pois a cultura ocidental de hoje em dia faz tudo o que

pode para "desmitificar" os ensinamentos do Novo Testamento e situar nosso ponto de referência cultural em uma filosofia de puro naturalismo. Por este motivo, ela busca rejeitar qualquer coisa que cheire a sobrenatural, que venha do alto e que se encontre além do âmbito natural. Este é o ponto de conflito entre o cristianismo e todas as formas de secularismo. Do início ao fim, a fé cristã está ancorada e enraizada no contexto do sobrenatural. Se excluirmos o sobrenatural, eviscераremos a fé.

O aspecto mais impressionante deste ensinamento é a menção de Jesus aos anjos. A Bíblia diz que os anjos são criaturas (Ne 9.6; Sl 148.2,5; Cl 1.16-17). Sua principal tarefa é atuar como mensageiros de Deus; a palavra grega *angelos* significa "mensageiro". A Bíblia denomina-os "espíritos ministradores" (Hb 1.14), indicando que eles não têm corpo físico, embora possam se manifestar às vezes por meio de aparições. Com base nessa descrição, nós também aprendemos que os anjos são responsáveis por ministrar ao povo de Deus em tempos de angústia e crise. Estou certo de que a maioria dos cristãos já colheu os benefícios da ministração dos anjos de Deus, apesar de quase sempre não notarem estas ocasiões.

Em suas palavras aos discípulos, Jesus apontou para o papel dos anjos no cuidado dos mais fracos, das crianças espirituais presentes ali. Ele alertou aqueles que poderiam "desprezá-los", prejudicá-los ou corrompê-los a lembrar-se de que os anjos de tais pequeninos estão céu, onde contemplam a face de Deus. Não consigo ler esse versículo sem pensar em Isaías 6, o maravilhoso relato da visão que o profeta teve da sala do trono celestial, onde os serafins voavam ao redor do trono de Deus, cantando: "Santo, santo, santo é o SENHOR dos Exércitos" (v. 3). Que vocação tremenda os anjos têm: eles foram criados para ministrar na presença imediata de Deus, vendo coisas que nenhum de nós jamais viu neste mundo.

Por causa deste texto e de alguns outros, as pessoas concluem que cada cristão tem um anjo da guarda específico, encarregado de protegê-lo e cuidar dele em momentos de perigo ou risco. Este pode até ser o caso, mas eu pessoalmente não acho que tais versículos fornecem informações suficientes para que se chegue a esta conclusão com segurança. Creio que, com base nessa passagem, um argumento mais sólido a se sustentar seria o de que os anjos em geral, ou pelo menos alguns deles, são encarregados de proteger um grupo específico de pessoas – a saber, os pequeninos que possam estar em perigo.

Naturalmente, nunca devemos esquecer que há outros anjos nos observando, mas não para o nosso bem. Trata-se dos anjos caídos, os demônios. Foi do grupo dos anjos que Satanás e suas forças caíram. O apóstolo Paulo alerta-nos que, em nossas lutas espirituais, nós não pelejamos simplesmente contra a carne; nossa batalha é contra potestades, dominadores das trevas e forças espirituais do mal nas regiões celestes (Ef 6.12).

Um pastor em busca do perdido

Em seguida, Jesus disse: **Porque o Filho do Homem veio salvar o que estava perdido** (v. 11). Este versículo não é encontrado em todos os manuscritos primitivos e, por esta razão, é excluído de algumas traduções modernas. Não obstante, ele está plenamente de acordo com palavras de Jesus registradas em outras passagens (Lc 19.10).

A questão é saber por que esta declaração aparece aqui. Ela não parece estar relacionada à afirmação anterior de Jesus quanto ao desprezo de pequeninos. À primeira vista, ela parece se encaixar com a parábola que vem em seguida, sobre um pastor à procura de uma ovelha perdida. No entanto, esta parábola – ao menos conforme Mateus a apresenta – não diz respeito ao evangelismo, mas ao pastoreio dos discípulos. Esta parábola também é encontrada no Evangelho de Lucas

(15.4-7), e a versão de Lucas *fala* de evangelização. Nela, a ovelha perdida representa claramente o incrédulo. Contudo, aqui em Mateus, a ovelha perdida não representa o indivíduo que nunca veio à fé, mas aquele que já faz parte do rebanho de Deus e se desviou. Esta ovelha é alguém que lhe pertence.

Como seria de se esperar, os críticos atacam esta diferença, alegando haver uma clara contradição entre o contexto da parábola em Mateus e em Lucas. Eu considero essas acusações muito engraçadas. Os críticos claramente não são pregadores nem professores, pois qualquer pregador ou professor sabe que é possível fazer uso de uma ilustração em mais de uma ocasião e até mesmo com diferentes aplicações. Há um grande número de ilustrações que eu empreguei mais de uma vez, e, visto que Jesus discursava e ensinava com tanta frequência, podemos concluir seguramente que ele fez o mesmo.

Creio que, quando Jesus falou sobre sua vinda para salvar o que se havia perdido e, em seguida, apresentou uma parábola acerca de um pastor à procura da ovelha perdida, ele estava indicando a preocupação pastoral que ele mesmo tinha em relação ao seu povo. Quando uma das ovelhas desaparece, a reação natural do dono do rebanho é fazer tudo o que está em seu poder para procurá-la e salvá-la. Jesus estava dizendo que, se seus pequeninos fossem desencaminhados, ele iria atrás deles e os traria de volta. Ninguém, sendo verdadeiramente dele, permanece desviado. Ele mantém os seus a salvo no aprisco. No entanto, como disse antes, "ai do homem pelo qual vem o escândalo!" (v. 7).

Perdidos e achados

Esta parábola é simples, porém profunda. Jesus começou com duas perguntas: **Que vos parece? Se um homem tiver cem ovelhas, e uma delas se extraviar, não deixará ele nos montes as noventa e nove, indo procurar a que se extraviou? E, se porventura a encontra, em verdade vos digo que**

maior prazer sentirá por causa desta do que pelas noventa e nove que não se extraviaram (v. 12-13). As ovelhas, sem dúvida, necessitam de pastor, pois são propensas a vaguear de forma aleatória e arbitrária. Elas se perdem com facilidade, arriscando ser capturadas por predadores, cair em correntezas ou ribanceiras e sofrer com fenômenos da natureza. É esta a ideia que Jesus estava transmitindo aqui.

Certa vez, eu me perdi nas montanhas da Pensilvânia ocidental. Eu estava a quilômetros de distância da estrada mais próxima e tentava identificar a direção correta pela qual seguir olhando para a posição do sol. Quando ficava com sede, eu procurava água; além disso, eu tinha um rifle potente comigo com o qual atirava para o alto na esperança de que alguém do meu grupo ouvisse os disparos e fosse ao meu encontro. Fiquei perdido durante horas, e esta foi uma das experiências mais assustadoras da minha vida. No entanto, eu *sabia* que estava perdido e *queria* ser encontrado.

Em qualquer uma das versões da parábola, seja a de Mateus ou a de Lucas, parece-me seguro afirmar que a ovelha perdida não sabe que está perdida. Todos os dias, nós interagimos com pessoas que estão perdidas no pecado sem saber. Tenho um amigo que sempre me provoca por eu ser pastor. Quando o encontrei recentemente, ele disse:

— Louvado seja o Senhor!

Em seguida, acrescentou:

— Vamos, Sproul, diga algo religioso.

Então, olhei para ele e disse:

— Está bem. Você vai para o inferno.

Não era isso o que meu amigo estava esperando, e ele quase caiu da cadeira. Durante uma hora, ele deve ter feito umas dez vezes a seguinte pergunta:

— Você disse mesmo que eu vou para o inferno?

Por fim, respondi:

— Eu não quero que você vá para o inferno, mas é para lá que está indo. Você está perdido, mas não sabe disso.

Igualmente, homens incrédulos não querem ser encontrados por Deus. Uma das minhas maiores implicâncias é com igrejas cujos cultos de adoração são voltados para "aqueles que buscam". Elas querem que os cultos matinais de domingo sejam atraentes para os incrédulos, que sejam momentos reconfortantes para as pessoas que estão buscando Deus. Eu não consigo entender como tais igrejas não enxergam aquilo que a Bíblia afirma: ninguém busca a Deus (Rm 3.11). Os seres humanos, em seu estado natural, não regenerado, fogem de Deus – e, mesmo assim não conseguem se afastar dele o quanto gostariam. O primeiro pecado da raça humana resultou em esconde-esconde, mas não foi uma brincadeira. Adão e Eva foram tomados de vergonha e procuraram esconder-se da presença de Deus. Desde então, homens e mulheres passaram a ser fugitivos de sua presença. Nada queremos ter com ele. Ninguém o busca.

Joe Louis foi campeão de boxe peso-pesado entre 1937 e 1949. Certa vez, quando estava prestes a enfrentar um adversário conhecido pela velocidade e técnica dos pés, ele disse:

— Ele pode até fugir, mas não pode se esconder.

Assim é com os seres humanos e Deus. Sejamos nós incrédulos perdidos ou ovelhas desgarradas, não podemos nos esconder de Deus. Davi disse: "Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face? Se subo aos céus, lá estás; se faço a minha cama no mais profundo abismo, lá estás também; se tomo as asas da alvorada e me detenho nos confins dos mares, ainda lá me haverá de guiar a tua mão, e a tua destra me susterá" (Sl 139.7-10). É inútil fugir da presença de Deus. É ele quem nos busca.

Vontade de Deus e salvação

Por fim, Jesus disse: **Assim, pois, não é da vontade de vosso Pai celeste que pereça um só destes pequeninos** (v. 14). Se você luta contra a doutrina bíblica da eleição – o ensinamento de que Deus elege para si um povo e indivíduos específicos de modo soberano – será atraído a textos como este, os quais parecem sugerir que Deus não quer que ninguém pereça e, assim, refutar a ideia de que ele friamente elege alguns e ignora outros. Se você pensa desta forma, precisa ter cuidado, pois a Bíblia fala sobre a vontade de Deus de mais de uma maneira.

Primeiro, ela fala sobre a vontade preceptiva de Deus – a vontade que ele declara em suas ordens, em sua lei. Por exemplo, é sua vontade que as pessoas não tenham outros deuses diante dele (Êx 20.3). Esta é sua lei. Mesmo assim, esta lei pode ser quebrada. A vontade preceptiva de Deus pode ser e é violada pelos seres humanos sempre que pecamos.

Segundo, existe a vontade determinante de Deus – as coisas que ele decreta e que obrigatoriamente acontecerão. Quando o universo estava vazio, e havia trevas sobre a face do abismo, Deus desejou a criação da luz. Quando disse: "Haja luz" (Gn 1.3), ele não estava dizendo para algum poder cósmico acima e além dele: "Por favor, gere a luz". A linguagem contida na expressão "Haja luz" mostra que se trata de um imperativo, um comando. Quando ele enunciou a palavra, as luzes surgiram. As luzes não podiam recusar-se a brilhar; quando Deus soberanamente deseja e ordena que algo venha à existência, isto sempre acontece.

Terceiro, existe sua vontade de disposição. Deus não tem prazer na morte do ímpio (Ez 33.11). Deus não sente uma alegria sádica ao enviar pessoas para o inferno. No entanto, ele as envia para lá porque também deseja justiça. Ele é como um juiz chamado para proferir a sentença do próprio filho, condenado pelo júri. Se ele for um juiz justo, um juiz honesto, um juiz com integridade, mandará o próprio filho para a cadeia. Contudo, fará isso com lágrimas. É isso o que a Bíblia está dizendo ao

declarar que Deus não tem prazer na morte do ímpio. Ele não tem prazer no seu juízo.

Aqui em Mateus, Jesus não estava falando sobre a vontade preceptiva de Deus. É possível que ele estivesse falando sobre a vontade determinante, afirmando que Deus não permite que ninguém de seu povo eleito se perca (um argumento apresentado por muitas outras passagens). A Bíblia diz: "aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus" (Fp 1.6). Portanto, se você for uma pessoa regenerada que decidiu tirar férias da vida espiritual, se você realmente estiver em Cristo Jesus, mas se desviou de Deus, ele não deixará que permaneça onde está. Ele o trará de volta. Há também a possibilidade de que Jesus estivesse falando sobre a vontade de disposição, afirmando que Deus não deseja que nenhuma de suas ovelhas pereça.

Jesus identificou-se não só como Filho do Homem, mas também como o bom pastor (Jo 10.11,14), o qual não se limita a procurar as ovelhas perdidas, mas dá sua vida por elas. Nós somos as ovelhas do seu pasto, porque ele nos comprou pelo terrível preço de seu sangue. Depois de pagar um preço tão elevado, ele não permitirá que nos desgarremos.

DISCIPLINA

Mateus 18.15-20



> Se teu irmão pecar [contra ti], vai argui-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão. Se, porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça. E, se ele não os atender, dize-o à igreja; e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano. Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos céus. Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai, que está nos céus. Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles.

O assunto da disciplina na igreja sempre foi uma luta para os crentes ao longo da história da cristandade, e seu padrão oscila de um extremo ao outro. Em determinada época, dispositivos de tortura, tais como o cavalete, eram utilizados pela inquisição espanhola. Em outros tempos, a igreja caiu em liberdade total, permitindo que qualquer heresia ou padrão pecaminoso fosse praticado sem correção alguma – e a atualidade se enquadra nesta categoria. Creio que há certo grau de veracidade nos relatos de que a igreja recorreu à tortura em alguns momentos, uma vez que seus líderes acreditavam ser melhor suportar a dor física e, assim, ser resgatado do pecado, do que enfrentar uma eternidade de sofrimento no inferno. Igualmente, uma das razões por que nos tornamos tão negligentes nos padrões disciplinares é o fato de não levarmos o inferno a sério o suficiente. Seja como for, Jesus fornece à igreja um procedimento claro para a disciplina aqui em Mateus

18. Precisamos apenas segui-lo.

Mateus registra as seguintes palavras de Jesus: **Se teu irmão pecar [contra ti], vai arguí-lo entre ti e ele só. Se ele te ouvir, ganhaste a teu irmão** (v. 15). Outras traduções dizem: "Se teu irmão te ofender […]". Quando isto acontece, devo ir a quem pecou contra mim e dizer-lhe, em particular, o que ele fez. Este é o primeiro passo na resolução de problemas entre os crentes.

Antes de podermos compreender o significado e a aplicação desta diretriz, devemos entender qual tipo de pecado ou ofensa está em questão. Este texto não é uma licença para que os cristãos se tornem litigiosos, processando os irmãos a cada experiência insignificante ou infeliz. Em outra passagem, a Bíblia diz que "o amor cobre multidão de pecados" (1Pe 4.8). Isto significa que eu não preciso iniciar o processo de reconciliação a cada vez que meu irmão me aborrecer, desagradar ou irritar de forma mínima. As ofensas pequenas devem ser cobertas por graça e caridade. Se meu irmão me dirigir uma ofensa pequena, eu devo amortecê-la, e não fazer tempestade em um copo d'água. Os pecados e as ofensas que Jesus tinha em mente aqui eram os maiores.

Ora, mas todos os pecados são graves, não são? Na época medieval, a Igreja Católica Romana fez uma distinção entre pecados veniais e pecados mortais. Os pecados veniais são as ofensas contra Deus que não são mortais, isto é, que não exterminam a graça da justificação infundida na alma do crente pelos sacramentos. Os pecados mortais, entretanto, exterminam esta graça, exigindo que o crente tome parte no sacramento da penitência a fim de ser restaurado a um estado de salvação. Ao fazer tal distinção entre pecados muito graves e pecados menores, Roma estava reagindo a princípios ensinados no Novo Testamento, o qual, em determinados momentos, fornece listas de pecados mais graves do que outros (veja Rm 1.28-31; 1Co. 6.9-10; Ef 5.3-5). João Calvino, em resposta a esta distinção na época da Reforma, ofereceu uma perspectiva

muito equilibrada, afirmando que todo pecado é mortal no sentido de merecer a morte, mas que nenhum pecado é mortal no sentido de poder destruir a graça da justificação que desfrutamos em Cristo.

Considerações iniciais

Também é importante distinguirmos ofensa cometida de ofensa recebida. Quem me dera se todos dominassem esta distinção. Se eu proferir um insulto, uma calúnia ou uma mentira contra você, eu certamente *cometi* uma ofensa. No entanto, você pode ou não optar por *receber* a ofensa. Da mesma forma, é possível que eu diga ou faça algo que não seja pecaminoso, mas que você considere ofensivo. Neste caso, eu não *cometi* uma ofensa contra você, mas você escolheu *receber* uma ofensa. Os pregadores se deparam com esta situação com frequência. Eu tenho a responsabilidade de pregar todo o conselho de Deus; logo, se abordo um texto no qual Jesus ensina sobre o inferno, eu tenho de pregar sobre isso. Parece que, sempre que eu prego sobre o inferno, alguém me procura e diz: "A mensagem me ofendeu". Esta é uma ofensa recebida, mas não uma ofensa cometida, visto que não é pecado proclamar a verdade de Deus com precisão ao seu povo. Na verdade, eu estaria pecando contra Deus e ofendendo Cristo se eu não anunciasse todo o conselho de Deus.

Naturalmente, nem todos os confrontos que parecem se aplicar ao modelo de Jesus são legítimos. Alguém já se aproximou de você alguma vez e disse: "Sinto que devo dizer a verdade a você em amor" (veja Ef 4.15)? Eu aprendi, ao longo dos anos, que, quando um irmão me diz isso, devo ficar alerta. Sem dúvida, essa frase pode ser o prelúdio de uma queixa legítima quanto a alguma ofensa que cometi. Se pequei contra um irmão, e ele vem até mim para tornar a ofensa conhecida, é apropriado que fale em verdade e amor. Com muita frequência, entretanto, quando uma pessoa diz que precisa me falar a verdade em amor, ela recebeu uma

ofensa que eu não cometi. Devemos ouvir com atenção quando somos confrontados dessa maneira.

Por fim, este texto não nos proíbe de usar intermediários quando apropriado. Se eu sofrer uma ação penal, mesmo se for por parte de outro membro da igreja, tenho todo o direito de apelar às autoridades, visto que esta é a responsabilidade que Deus lhes conferiu. Assim sendo, Jesus estava claramente falando das ofensas pequenas demais para uma ação penal que exige a assistência imediata das autoridades.

Quando Jesus disse: "Se teu irmão pecar [contra ti], vai arguí-lo entre ti e ele só", ele estava estabelecendo um procedimento para evitar que o povo espalhasse boatos a terceiros quando houvesse ofensas. Não devemos apresentar nossas queixas a terceiros antes de ir àqueles que nos magoaram. É muito difícil fazer isso. Se alguém me machuca de modo significativo, sinto a enorme tentação de, em vez de ir ter com a pessoa, procurar fazer uma aliança com um terceiro que me apoie e concorde comigo. Faz parte da natureza humana evitar o confronto e buscar apoio. Todavia, Jesus disse que nós não devemos fazer isso. Tal comportamento é destrutivo. A maneira de salvar um relacionamento é ir até a pessoa que cometeu a ofensa e explicar o problema.

Em algumas ocasiões, só isso basta. Se a outra pessoa for cristã e tiver uma consciência sensível, é possível que escute a repreensão e diga: "Você está absolutamente certo. Eu não deveria ter feito isso. Peço desculpas. Por favor, me perdoe." Se esta for a resposta, você deve perdoar e, então, o assunto estará encerrado. Conforme Jesus disse: "ganhaste a teu irmão". Você restaurou o relacionamento.

Passos secundários

No entanto, Jesus sabia que, em alguns casos ou talvez na maioria deles, esse passo inicial não resolve o problema, pois as pessoas detestam admitir que estão erradas e pedir desculpas. Para tais casos, ele disse: **Se,**

porém, não te ouvir, toma ainda contigo uma ou duas pessoas, para que, pelo depoimento de duas ou três testemunhas, toda palavra se estabeleça (v. 16). A ideia é que, indo àquele que pecou contra você na companhia de uma ou duas pessoas, ele seja tocado pela sabedoria dos vários conselheiros.

Jesus indicou ainda mais um passo caso o segundo falhe: **E, se ele não os atender, dize-o à igreja** (v. 17a). Isso não significa trazer o pecado e a falta de arrependimento ao conhecimento público da igreja. Significa apresentar o assunto aos anciãos, os quais têm a responsabilidade de administrar a disciplina. Eles geralmente tomam algumas medidas: primeiro, podem falar com o ofensor, mostrando o conselho bíblico; segundo, podem repreendê-lo. Se o indivíduo ainda assim não quiser se arrepender, eles podem bani-lo temporariamente de participar da santa ceia, na esperança de que a perda do acesso à mesa do Senhor e à graça nela contida abrande seu coração e lhe mostre a gravidade do pecado.

Às vezes, nem mesmo essas atitudes sérias conseguem produzir arrependimento. Portanto, Jesus disse: **e, se recusar ouvir também a igreja, considera-o como gentio e publicano** (v. 17b). Ele estava falando aqui sobre a excomunhão, a remoção de uma pessoa da comunhão da igreja. Em última análise, existe apenas um pecado pelo qual se pode ser excluído: a contumácia, isto é, quando o indivíduo se recusa obstinadamente a arrepender-se do pecado que o levou a ser disciplinado. A excomunhão é uma questão muito séria. A pessoa é tirada da igreja e simbolicamente entregue nas mãos de Satanás. Para um cristão, isso é horrível. Geralmente quando isso acontece, o pecador encontra outra igreja que se alegra em ganhar um novo membro e não tem interesse em honrar a disciplina administrada pela primeira igreja. Por vezes, entretanto, o horror da excomunhão é o golpe final que quebranta o coração endurecido e traz o pecador ao arrependimento.

Algumas igrejas evangélicas excluem membros com muita rapidez. Na maior parte delas, porém, a exclusão é o último recurso. A igreja toma diversas atitudes antes de remover alguém do corpo de Cristo. Quando tem de tomar esta medida drástica, ela o faz com tristeza, mas também com a esperança de que a exclusão leve a pessoa ao arrependimento – a qual, neste caso, estará livre para voltar e ser restituída ao rol de membros.

Podemos ver um exemplo desse processo na carta do apóstolo Paulo aos coríntios. Paulo tinha ouvido falar de um homem na igreja em Corinto que estava vivendo abertamente em pecado, mas os líderes da igreja nada faziam a respeito (1Co 5.2-3). O apóstolo, então, disse que eles precisavam discipliná-lo (v. 4-5). Os líderes assim fizeram, e, como consequência, o homem acabou sendo removido da igreja (2Co 2.6). No final das contas, a exclusão trouxe o homem ao arrependimento, mas a igreja de Corinto recusou-se a aceitá-lo de volta (v. 7). Por esta razão, Paulo precisou escrever à igreja novamente, pedindo-lhe que recebesse o irmão arrependido (v. 8).

Ligar e desligar

Segundo Mateus, Jesus prosseguiu dizendo: **Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra terá sido ligado nos céus, e tudo o que desligardes na terra terá sido desligado nos céus** (v. 18). Nós já vimos que, poucos dias antes, Jesus havia falado aos discípulos: "Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; o que ligares na terra terá sido ligado nos céus; e o que desligares na terra terá sido desligado nos céus" (16.19). A Igreja Católica Romana acredita que estas palavras foram dirigidas especificamente a Pedro e, por esta razão, apresenta as referências a ligar e desligar como um ensinamento de que o papa, considerado por ela como o sucessor de Pedro, detém as chaves do reino. Os protestantes, contudo, entendem que Jesus estava outorgando tal poder aos apóstolos,

dando-lhes o direito de "abrir" o reino àqueles que partilham da confissão de Pedro (16.16) e de "trancá-lo" àqueles que rejeitam Jesus como Messias. Em outras palavras, pela autoridade apostólica, os anciãos podem admitir e excluir pessoas da igreja.

Jesus acrescentou: **Em verdade também vos digo que, se dois dentre vós, sobre a terra, concordarem a respeito de qualquer coisa que, porventura, pedirem, ser-lhes-á concedida por meu Pai, que está nos céus. Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles** (v. 19-20). Ambos os versículos são extremamente mal compreendidos com muita frequência. Em primeiro lugar, a simples atitude de encontrar duas pessoas na terra que concordam a respeito de algo não é garantia de que Deus o realizará. Se este fosse o caso, poderíamos apaziguar todas as guerras, aniquilar o câncer e acabar com a pobreza em um piscar de olhos. Lembre-se de que Jesus disse isso no contexto de seu ensinamento sobre a disciplina na igreja. Ele estava basicamente reafirmando o versículo 18, declarando que a disciplina na igreja, se efetuada de acordo com os procedimentos bíblicos, é reconhecida no céu.

Em segundo lugar, os cristãos muitas vezes se consolam pensando que, embora as reuniões de adoração, estudo bíblico, oração ou comunhão tenham um número pequeno de frequentadores, basta haver apenas dois ou três para que Jesus esteja presente. Isso é certamente um fato, mas, mais uma vez, o contexto deste versículo é a disciplina na igreja. Jesus estava dizendo que se faz presente em meio aos líderes da igreja para validar suas decisões quanto à disciplina, da mesma forma como Paulo disse que estaria com os coríntios "em espírito" quando disciplinassem o homem que vivia em pecado (1Co 5.3-5).

Em certa ocasião, eu precisei ir, na companhia de outro pastor, confrontar uma mulher casada que estava com um amante. É apavorante passar por esse tipo de situação, a de confrontar pessoas na prática de seu pecado. Contudo, Jesus disse que, se dois ou três estiverem reunidos

em seu nome, ele estará presente ali. Nas difíceis situações de disciplina na igreja, é extremamente reconfortante saber que Jesus está conosco.

No capítulo anterior, Jesus contou a parábola da ovelha perdida, mostrando como ele opera para recuperar integrantes desgarrados de seu povo. Uma das maneiras pelas quais ele faz isso é a disciplina da igreja. Por mais desagradável e aterradora que seja, nós devemos exercer a disciplina com diligência quando ela for necessária segundo os fundamentos bíblicos. Felizmente, temos a certeza de que Jesus, o bom pastor, está conosco neste angustiante processo.

O SERVO NÃO PERDOADOR

Mateus 18.21-35



> Então, Pedro, aproximando-se, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete. Por isso, o reino dos céus é semelhante a um rei que resolveu ajustar contas com os seus servos. E, passando a fazê-lo, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. Não tendo ele, porém, com que pagar, ordenou o senhor que fosse vendido ele, a mulher, os filhos e tudo quanto possuía e que a dívida fosse paga. Então, o servo, prostrando-se reverente, rogou: Sê paciente comigo, e tudo te pagarei. E o senhor daquele servo, compadecendo-se, mandou-o embora e perdoou-lhe a dívida. Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem denários; e, agarrando-o, o sufocava, dizendo: Paga-me o que me deves. Então, o seu conservo, caindo-lhe aos pés, lhe implorava: Sê paciente comigo, e te pagarei. Ele, entretanto, não quis; antes, indo-se, o lançou na prisão, até que saldasse a dívida. Vendo os seus companheiros o que se havia passado, entristeceram-se muito e foram relatar ao seu senhor tudo que acontecera. Então, o seu senhor, chamando-o, lhe disse: Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste; não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti? E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida. Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão.

Quando consideramos as instruções de Jesus para nossa reação diante de uma ofensa grave feita por um irmão, eu mencionei que o procedimento descrito não deve ser posto em ação a cada pequena irritação ou incômodo. O processo disciplinar é reservado para assuntos sérios. Nós devemos mostrar aos irmãos amor suficiente para cobrir uma multidão de pecados (1Pe 4.8), especialmente as ofensas mínimas ou insignificantes.

No entanto, a igreja está tomada pelo equívoco de que os cristãos são chamados a perdoar unilateralmente *todos* os pecados ou transgressões que sofrem nas mãos de outros crentes, e até mesmo de incrédulos, e que devem conceder este perdão automaticamente, sem a necessidade de qualquer confronto pessoal. Creio que este engano surge, em parte, do exemplo de nosso próprio Senhor, o qual orou com generosidade pelos inimigos que o haviam pendurado na cruz, dizendo: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23.34). Este poderoso exemplo ensina que nós certamente temos o direito de, a qualquer momento, conceder perdão unilateral àqueles que pecaram contra nós, mas não devemos confundir isso com uma exigência divina. Sim, quando as pessoas transgridem contra nós e se arrependem, não devemos recusar o perdão. Se nos recusarmos a perdoar aqueles que nos machucaram, mas que depois se arrependeram, corremos o risco de receber o não de Deus ao perdão de nossos próprios pecados (Mc 11.26). Todavia, se fôssemos sempre obrigados a conceder perdão a quem pecou contra nós, então o ensinamento de Jesus sobre a disciplina da igreja (18.15-20) – segundo o qual devemos confrontar os indivíduos que nos ofenderam e, se necessário, levá-los à igreja – não faria sentido.

Depois que Jesus transmitiu suas instruções para a disciplina da igreja, Pedro fez uma pergunta que o levou a falar sobre o alcance do perdão a ser concedido pelos cristãos. Mateus diz: **Então, Pedro, aproximando-se, lhe perguntou: Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe? Até sete vezes?** (v. 21). Pedro estava perguntando: "Qual é o limite do perdão? Qual é o tamanho da multidão de pecados que o amor pode cobrir?" No judaísmo da antiguidade, os rabinos ensinavam que o perdão de três ofensas era o suficiente. Ao sugerir que devesse perdoar até sete ofensas, Pedro provavelmente supôs que estava sendo generoso.

Porém, Jesus introduziu Pedro a um padrão completamente diferente de generosidade na questão do perdão: **Respondeu-lhe Jesus: Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete** (v. 22). Isso não significa que Jesus estava estabelecendo um limite de 490 ofensas. Em outras palavras, ele estava dizendo que não deve haver limite para o perdão (pelo menos quando houver arrependimento). O perdão deve ser um estilo de vida para os cristãos.

Dívida impagável

A fim de reforçar essa mensagem, Jesus contou a extraordinária parábola do servo não perdoador, que é bastante intimidadora em alguns aspectos. Encontramos nela mais uma parábola que descreve o reino dos céus, ou a forma como ele funciona. Jesus começou dizendo: **Por isso, o reino dos céus é semelhante a um rei que resolveu ajustar contas com os seus servos** (v. 23). Ele empregou a palavra *servos*, mas nós não devemos imaginar um rei ajustando contas com seus escravos. Em um reino, qualquer pessoa que esteja sob o domínio do monarca é considerada um servo do rei. Evidentemente, nenhum escravo teria como acumular uma dívida no valor de 10.000 talentos. Para que um indivíduo estivesse tão endividado com um soberano, seria necessário que ocupasse uma posição altíssima na hierarquia da terra, sendo talvez um duque, um conde ou algum outro tipo de aristocrata.

Seja como for, Jesus disse que o rei decidiu acertar algumas contas, ou talvez todas elas, e **passando a fazê-lo, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos** (v. 24). Naquela época em Israel, um denário era o pagamento normal para um dia de trabalho, e um talento era composto por 600 denários – cerca de dois anos de salário. Estudiosos da Bíblia pegaram a calculadora e tentaram descobrir qual seria o equivalente a 10.000 talentos na economia atual, mas a maioria entrou em desespero e desistiu. O grande problema é que a tradução “dez mil talentos” não faz

jus ao termo grego utilizado no original. Na verdade, ele diz "miríades de talentos", que é algo indefinido. Assim sendo, as estimativas dos comentaristas quanto ao valor equivalente na moeda atual vão desde US$ 1 bi até números muito superiores. Em suma, o homem devia ao rei mais dinheiro do que ele mesmo ou qualquer outra pessoa seria capaz de contar.

Talvez você se pergunte como, em um reino moderno, um duque ou um conde poderia chegar ao ponto de dever tanto dinheiro ao rei. É verdade que tamanho endividamento seria muito raro, mas esta é uma parábola, e Jesus tinha liberdade para dispor os detalhes de formas que não refletissem necessariamente a vida real. A fim de construir seu argumento, ele disse que o servo devia ao rei mais dinheiro do que Pedro poderia imaginar.

Foi um dia sombrio para o servo quando o rei convocou sua presença e exigiu que ele quitasse sua dívida: **Não tendo ele, porém, com que pagar, ordenou o senhor que fosse vendido ele, a mulher, os filhos e tudo quanto possuía e que a dívida fosse paga** (v. 25). O rei estava pronto para colocar o homem e toda a sua família em servidão contratual e também para confiscar e liquidar todos os seus bens a fim de quitar a dívida.

O servo não tinha recurso algum senão implorar por misericórdia: **Então, o servo, prostrando-se reverente, rogou: Sê paciente comigo, e tudo te pagarei** (v. 26). O servo estava pedindo ao rei uma boa dose de paciência. Não havia como pagar aquela dívida. Sua melhor esperança era fazer alguma contabilidade criativa, talvez tomando emprestado o montante de outras pessoas para, assim, pagar o rei. Ele implorou para que o monarca lhe desse tempo a fim de arranjar o dinheiro.

O rei foi misericordioso, superando todas as expectativas: **E o senhor daquele servo, compadecendo-se, mandou-o embora e perdoou-lhe a dívida** (v. 27). O rei fez mais do que atender ao pedido do servo quanto à extensão de tempo para conseguir o dinheiro; ele tomou nas mãos uma

dívida de bilhões de dólares, rasgou-a e queimou os pedacinhos. Ele anulou a dívida em sua totalidade e liberou o devedor. Que ato de misericórdia e compaixão!

Falta de compaixão

O servo deve ter saído confuso da presença do rei. Em um momento, estivera diante de um futuro de servidão e da perda de todos os seus bens. No outro, estava livre, e sua dívida esmagadora não mais existia. É isso o que torna sua atitude seguinte tão intrigante. Jesus disse: **Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem denários; e, agarrando-o, o sufocava, dizendo: Paga-me o que me deves** (v. 28). Talvez houvesse alguma história entre esses dois homens. Talvez o servo recém-perdoado tivesse simplesmente decidido seguir os conselhos de Polônio, da obra *Hamlet*, de Shakespeare: "Não empreste nem tome emprestado", estando determinado a cobrar seus devedores a fim de pagar outros credores. Seja como for, ele exigiu que o homem pagasse o que devia: 100 denários. Esta não era uma quantia insignificante; equivalia a vários meses de salário. No entanto, era um valor irrisório se comparado à dívida que havia sido perdoada. Infelizmente, o próprio perdão recebido não havia gerado qualquer compaixão no espírito daquele homem.

Jesus prosseguiu: **Então, o seu conservo, caindo-lhe aos pés, lhe implorava: Sê paciente comigo, e te pagarei** (v. 29). Foi com quase as mesmas palavras que o servo havia suplicado ao rei anteriormente (v. 26), conseguindo o perdão. Não obstante, ele se recusou a atender ao rogo do homem: **Ele, entretanto, não quis; antes, indo-se, o lançou na prisão, até que saldasse a dívida** (v. 30).

As atitudes insensíveis do servo não passaram despercebidas, de acordo com Jesus: **Vendo os seus companheiros o que se havia passado, entristeceram-se muito e foram relatar ao seu senhor tudo que acontecera.**

Então, o seu senhor, chamando-o, lhe disse: Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste; não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti? E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida (v. 31-34). Os servos "entristeceram-se" com as atitudes do homem. Não há evidência de que tivessem qualquer ligação com ele; ao que parece, estavam simplesmente transtornados com o espírito não perdoador daquele que havia recebido o perdão de uma dívida tão grande. Pergunto-me se os outros ficam tristes comigo quando demonstro um espírito não perdoador. Tamanha frieza deveria entristecer todos nós, que amamos e valorizamos a misericórdia e a graça.

Em seguida, os outros servos foram contar ao rei o que havia acontecido. O monarca convocou o homem e chamou-o, muito apropriadamente, de "servo malvado" – em outras palavras, chamou-o de salafrário. Depois, ordenou que fosse torturado e reinstaurou sua dívida.

Perceba que o rei não entregou o servo aos torturadores por não ter pagado o que devia. O que provocou a ira do rei não foi a maneira como o servo havia administrado seu dinheiro, mas a forma como havia administrado sua misericórdia. Ele não tinha sido um bom mordomo da graça do rei. A única coisa que possibilitara ao servo continuar desfrutando da liberdade e da vida havia sido a graça do rei. Porém, quando este lhe perdoou tudo o que devia, o servo não demonstrou graça nem misericórdia a outras pessoas, e o rei não estava disposto a tolerar isso.

Jesus concluiu a parábola dizendo: **Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão** (v. 35). Não é necessário muito raciocínio para aplicar esta parábola à nossa redenção. A dívida que temos com Deus não é uma dívida pecuniária, que pode ser

medida em dólares e centavos. Trata-se de uma dívida moral. Todos os pecados que cometemos são depositados no tesouro da ira, o qual constitui nossa dívida para com Deus – a menos que recebamos a misericórdia de Cristo. Na cruz, toda essa dívida de pecado foi paga por nosso Salvador.

Eu sinceramente não consigo acreditar no número de pessoas que julgam ser capazes de pagar as dívidas que têm com Deus. Elas acham que podem realizar 10.000 atos de justiça para compensar suas 10.000 dívidas de pecado. Isso é tolice. A dívida é enorme demais, e nossas supostas boas obras são, na verdade, trapos de imundícia (Is 64.6) – de nada servem. Nós absolutamente precisamos de graça. Uma vez que a recebemos, devemos ser os últimos a agarrar nossos irmãos à força e exigir que paguem as dívidas que têm conosco.

Como eu disse no início do capítulo, nós não somos obrigados a conceder perdão unilateralmente, mas devemos estar prontos para perdoar a cada segundo. Como cristãos, devemos ser as pessoas mais misericordiosas de todas.

Alguém, certa vez, disse que os cristãos são mendigos que contam a outros mendigos onde encontrar pão. Essa comparação é um tanto banal, mas as coisas tendem a se tornar banais quando são repetidas com frequência; e, às vezes, as coisas são repetidas com frequência porque são verdadeiras. Nada temos diante de Deus exceto sua misericórdia. Nenhum de nós sequer começou a compreender a profundidade de tal misericórdia. Cantamos o hino "Graça maravilhosa", mas não estamos maravilhados de verdade. Nós não gostamos de pensar na enormidade da dívida que foi anulada pela compaixão do Pai. No entanto, precisamos pensar nessa dívida para compreendermos como fomos perdoados pela misericórdia e graça divinas.

Não devemos pensar no perdão em termos de limites arbitrários, como Pedro fez. Uma vez que fomos perdoados de maneira tão

grandiosa, temos de estar prontos para perdoar sempre. Se alguém o ofende, e, mesmo se desculpando, você não concede o perdão, precisa mudar esta atitude. Caso não mude, haverá uma câmara de tortura à sua espera.

CASAMENTO E DIVÓRCIO

Mateus 19.1-12



E aconteceu que, concluindo Jesus estas palavras, deixou a Galileia e foi para o território da Judeia, além do Jordão. Seguiram-no muitas multidões, e curou-as ali. Vieram a ele alguns fariseus e o experimentavam, perguntando: É lícito ao marido repudiar a sua mulher por qualquer motivo? Então, respondeu ele: Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem. Replicaram-lhe: Por que mandou, então, Moisés dar carta de divórcio e repudiar? Respondeu-lhes Jesus: Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossa mulher; entretanto, não foi assim desde o princípio. Eu, porém, vos digo: quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra comete adultério [e o que casar com a repudiada comete adultério]. Disseram-lhe os discípulos: Se essa é a condição do homem relativamente à sua mulher, não convém casar. Jesus, porém, lhes respondeu: Nem todos são aptos para receber este conceito, mas apenas aqueles a quem é dado. Porque há eunucos de nascença; há outros a quem os homens fizeram tais; e há outros que a si mesmos se fizeram eunucos, por causa do reino dos céus. Quem é apto para o admitir admita.

O texto que consideraremos neste capítulo certamente não é a parte mais inspiradora ou emocionante do Evangelho de Mateus. No entanto, as palavras que Jesus proferiu neste diálogo com os fariseus fornecem instruções extremamente importantes relacionadas à instituição sagrada do matrimônio e sua santidade, conforme decretadas por Deus. Tais instruções são bastante relevantes para a cultura ocidental da atualidade, a qual praticamente despreza o casamento.

Ao iniciar o estudo deste texto, é muito importante nos achegarmos com os ouvidos abertos para o que ele tem a dizer, sem a intenção de moldá-lo segundo nossos próprios pré-julgamentos. Em outras palavras, devemos cuidar para fazer uma exegese, e não uma eisegese. Exegese é o processo de olhar para o texto e extrair o que ele, de fato, diz. Eisegese é a prática de ver, no texto, coisas que gostaríamos que ele dissesse, mas que não diz. Infelizmente, um grande número de igrejas e estudiosos submetem o texto deste capítulo ao que eu chamaria de tortura bíblica, muitas vezes tornando quase impossível ouvir o que Jesus estava realmente dizendo. Nosso objetivo aqui é ouvi-lo na forma original.

Jesus e seus discípulos haviam concluído o ministério na Galileia. Ele anunciara, após a grande confissão de Pedro, que seguiriam para o sul, à Judeia e, por fim, a Jerusalém – e é exatamente isso o que ele estava fazendo aqui. Mateus escreve: **E aconteceu que, concluindo Jesus estas palavras, deixou a Galileia e foi para o território da Judeia, além do Jordão. Seguiram-no muitas multidões, e curou-as ali** (v. 1-2). O mais provável é que Jesus estivesse na Pereia naquele momento, uma região judaica a leste do rio Jordão. As notícias acerca de seu ministério haviam corrido para o sul, desde a Galileia, e as pessoas se amontoaram em busca de cura.

Em seguida, Mateus diz: **Vieram a ele alguns fariseus e o experimentavam, perguntando: É lícito ao marido repudiar a sua mulher por qualquer motivo?** (v. 3). Mateus quis que soubéssemos que os fariseus não estavam interessados em ser instruídos por Jesus. A finalidade da pergunta era testá-lo e pegá-lo em uma armadilha; afinal, assim como abundam opiniões sobre casamento e divórcio hoje em dia, a comunidade judaica do primeiro século era profundamente dividida quanto a este assunto também. Os fariseus sabiam que qualquer resposta de Jesus à pergunta sobre matrimônio e divórcio indisporia muitos. Eles

procuravam diminuir a atração popular que Cristo exercia naqueles que se aglomeravam para segui-lo.

Os fariseus estavam pedindo que Jesus comentasse o seguinte texto de Deuteronômio:

> Se um homem tomar uma mulher e se casar com ela, e se ela não for agradável aos seus olhos, por ter ele achado coisa indecente nela, e se ele lhe lavrar um termo de divórcio, e lho der na mão, e a despedir de casa; e se ela, saindo da sua casa, for e se casar com outro homem; e se este a aborrecer, e lhe lavrar termo de divórcio, e lho der na mão, e a despedir da sua casa ou se este último homem, que a tomou para si por mulher, vier a morrer, então, seu primeiro marido, que a despediu, não poderá tornar a desposá-la para que seja sua mulher […] (24.1-4a).

Nesta passagem, Moisés estava transmitindo o mandamento de Deus segundo o qual, caso alguém se divorciasse, casasse com outra pessoa e se separasse de novo, não poderia voltar para o cônjuge inicial. Isso não era permitido pela lei de Deus no Antigo Testamento. Contudo, os rabinos estavam divididos quanto à razão do primeiro divórcio apresentado no texto: a "coisa indecente" na esposa. Este é o único motivo para o divórcio mencionado no Antigo Testamento, então era importante compreendê-lo com clareza. Havia duas escolas de pensamento – a dos conservadores e a dos liberais. Os conservadores tomavam a posição de que a coisa indecente era o adultério. Os liberais acreditavam que não poderia ser o adultério, visto que já existia uma pena declarada para este pecado, a saber, a execução (Lv 20.10). Logo, a coisa indecente devia ser algo menos grave do que adultério. Grosso modo, os liberais concluíram que se tratava de qualquer coisa desagradável ao marido. Isso significava, em outras palavras, que o marido podia divorciar-se da esposa por qualquer motivo.

Ordem e permissão

Jesus deu uma resposta maravilhosa: **Então, respondeu ele: Não tendes lido que o Criador, desde o princípio, os fez homem e mulher e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem** (v. 4-6).

A primeira parte da resposta de Jesus levou os fariseus de volta à instituição do casamento na criação. Ele os lembrou de que Deus criou homem e mulher, que Deus instituiu a união sagrada do matrimônio e que Deus declarou que, quando um homem e uma mulher são unidos, eles se tornam uma só carne. Logo, disse ele, os seres humanos não têm permissão para separar aquilo que Deus uniu.

Uma vez que Jesus baseou sua resposta na criação, muitas pessoas e igrejas chegaram à conclusão de que a Bíblia não faz qualquer provisão quanto ao divórcio. Creio que quem toma essa posição é bem-intencionado e deseja compreender o que Jesus tinha em vista da melhor forma possível, mas acho que este é um daqueles casos em que o texto das Escrituras é tão distorcido, que se torna praticamente irreconhecível. Se Jesus tivesse concluído o comentário sobre casamento neste ponto, sem dúvida seria verdade que seu ensinamento proíbe o divórcio. Porém, ele disse mais coisas; não ousemos ignorá-lo.

A primeira parte da resposta de Jesus suscitou uma réplica dos fariseus: **Replicaram-lhe: Por que mandou, então, Moisés dar carta de divórcio e repudiar?** (v. 7). Eles desafiaram seu ensinamento com base na própria compreensão da Palavra de Deus. Se o divórcio não é permitido, disseram, por que Moisés deu instruções quanto à maneira de colocá-lo em prática?

Neste ponto, Jesus precisou corrigir seus antagonistas: **Respondeu-lhes Jesus: Por causa da dureza do vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossa mulher; entretanto, não foi assim desde o princípio** (v. 8).

Moisés não *ordenou* que o marido repudiasse a esposa caso ela fizesse algo impuro; ele *permitiu* que o fizesse. Há uma enorme diferença entre receber ordem e receber autorização para realizar alguma coisa. Moisés, conforme Jesus completou, permitiu o divórcio "por causa da dureza do vosso coração". Esta foi uma medida para atenuar os prejuízos que pudessem advir de um casamento devastado pelo pecado; foi o desdobramento natural da dureza de coração produzida pela queda. Contudo, "não foi assim desde o princípio"; isto é, o divórcio não havia sido a primeira opção de Deus.

Assim sendo, Moisés forneceu uma provisão para o divórcio, e a lei do Antigo Testamento permitia este procedimento em certas circunstâncias. A questão, portanto, não era saber se as pessoas tinham permissão para se divorciar no Antigo Testamento; a questão era saber por quais motivos o divórcio era permitido. Felizmente, Jesus deu prosseguimento à resposta. Ele disse: **Eu, porém, vos digo: quem repudiar sua mulher, não sendo por causa de relações sexuais ilícitas, e casar com outra comete adultério [e o que casar com a repudiada comete adultério]** (v. 9). Aqui Jesus forneceu o que passou a ser conhecido como cláusula excetiva: "não sendo por causa de relações sexuais ilícitas". Esta era uma exceção à proibição divina do divórcio, ou o único motivo legítimo para colocá-lo em prática.

A palavra grega traduzida como "relações sexuais ilícitas" é *porneia.* Esta é a palavra da qual derivou nosso vocábulo *pornografia*. Os estudiosos discordam quanto ao significado preciso de *porneia* na época de Jesus. Será que ela significava apenas adultério ou incluía formas menores de imoralidade sexual? Eu pessoalmente sou da opinião de que "relações sexuais ilícitas" é algo é mais amplo do que o adultério em si. Por exemplo, eu acredito que o vício em pornografia viola esta passagem e é motivo para divórcio.

Seja como for, Jesus estava falando sobre como a união de duas pessoas pode ser violada e quebrada pela imoralidade sexual. Se isso acontecer, disse ele, o divórcio é permitido. No entanto, não significa que o divórcio *deve* acontecer.

Culpa e perdão

É neste ponto que a passagem costuma ser distorcida pela igreja. Perdi as contas de quantas mulheres já me disseram que se sentiram violadas pelo corpo diretivo da igreja. O que geralmente acontece é que, quando problemas conjugais são apresentados aos líderes da igreja (formados, quase sempre, por homens nas igrejas conservadoras), eles tomam o lado do homem. Por exemplo, se um homem comete adultério, e a esposa descobre e pede o divórcio, os anciãos da igreja lhe dizem:

— Você tem o direito de divorciar-se. Porém, você é cristã. Jesus te convida a passar por cima disso.

Então, a mulher se sente absolutamente culpada caso decida seguir adiante com o divórcio, muito embora o homem tenha quebrado seus votos e desonrado-a. Ou seja, ele destruiu a confiança sobre a qual todo casamento tem de ser construído, mas ela é chamada a passar por cima disso. O próprio Senhor deu a alguém na mesma situação todo o direito de abandonar o relacionamento; portanto, a mulher deve ser livre para escolher esta opção. É errado fazer sua consciência pesar sendo que o próprio Jesus não o fez.

Às vezes, evidentemente, quando um homem comete adultério e a mulher fica sabendo, ele se põe de joelhos, chora e implora por perdão. Neste caso, ela tem de permanecer casada com ele? Acho que não. Porém, ele se arrependeu, e, como vimos no capítulo anterior, Jesus quer que seu povo seja perdoador (Mt 18.35). Se o marido se arrepender, portanto, ela tem de perdoá-lo. Se ele cometer adultério 70 vezes sete e se arrepender 70 vezes sete, ela deve perdoá-lo e recebê-lo como irmão em Cristo. No entanto, perdoá-lo não significa que ela tem de permanecer

casada com ele. Com muita frequência, o cônjuge traído que optou pelo divórcio carrega um estigma pelo resto da vida por supostamente não ter perdoado. Contudo, um homem ou uma mulher pode perdoar o cônjuge que pecou contra ele ou ela e, mesmo assim, preferir divorciar-se.

A imoralidade sexual é o único motivo mencionado por Jesus para o divórcio, mas o apóstolo Paulo acrescenta mais um: a atitude do cônjuge incrédulo de apartar-se (1Co 7.15). Assim como há discussão quanto ao que está incluso na expressão "relações sexuais ilícitas", também há discussão quanto ao termo "apartar-se". Se um dos cônjuges deixa a cama do casal e se recusa a exercer os direitos conjugais por dez anos, mesmo vivendo na mesma casa, isso é apartar-se? Creio que sim. Naturalmente, devemos ter cuidado para não construir uma definição de "apartar-se" tão ampla, a ponto de a motivação para o divórcio ser totalmente livre. A deserção, entretanto, é um motivo legítimo e bíblico para o divórcio.

O que Jesus quis dizer quando falou: "quem repudiar sua mulher […] e casar com outra comete adultério [e o que casar com a repudiada comete adultério]"?

Ele estava dizendo que, se um casal se divorcia em oposição à lei divina, os cônjuges permanecem casados aos olhos de Deus mesmo se o Estado tiver dissolvido o casamento. Logo, alguém que se divorcia de forma não bíblica e se casa novamente entra em um relacionamento adúltero.

O ensinamento de Jesus ocasionou um diálogo interessante entre ele e os discípulos: **Disseram-lhe os discípulos: Se essa é a condição do homem relativamente à sua mulher, não convém casar. Jesus, porém, lhes respondeu: Nem todos são aptos para receber este conceito, mas apenas aqueles a quem é dado. Porque há eunucos de nascença; há outros a quem os homens fizeram tais; e há outros que a si mesmos se fizeram eunucos, por causa do reino dos céus. Quem é apto para o admitir admita** (v. 10-12). Os

discípulos responderam com palavras que parecem expressar desespero, questionando se o casamento era sequer viável. Jesus não se opôs ao fato de que, às vezes, é melhor não se casar, mas indicou sutilmente que discordava do pessimismo deles quanto ao casamento em si. O que ele fez foi observar que a decisão de não se casar pode ser boa se, deste modo, o indivíduo puder contribuir mais com o reino dos céus. Alguns têm um dom especial para dispensar o casamento a fim de se dedicar à obra.

Compreender os princípios do casamento e do divórcio que Jesus definiu aqui é relativamente fácil. Aplicá-los a situações da vida real, entretanto, exige frequentemente a sabedoria de Salomão. Eu acho que nunca vi dois casos de divórcio exatamente iguais ao longo de todo o meu ministério. Em alguns momentos, conjecturei a possibilidade de a igreja estabelecer um grupo de teólogos e estudiosos de ética cristã com o objetivo de servir como uma comissão de recurso para aplicar esses princípios a situações reais.

É importante analisar este texto com cuidado e nunca julgar precipitadamente quando nos deparamos com casos complexos e difíceis. Acima de tudo, precisamos lembrar que, quando entramos na aliança sagrada do matrimônio, o intuito é permanecer nela para sempre. Precisamos ser extremamente cuidadosos para não fazer algo que possa destruí-la.

JESUS E AS CRIANÇAS

Mateus 19.13-15



> Trouxeram-lhe, então, algumas crianças, para que lhes impusesse as mãos e orasse; mas os discípulos os repreendiam. Jesus, porém, disse: Deixai os pequeninos, não os embaraceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus. E, tendo-lhes imposto as mãos, retirou-se dali.

Chegamos a um trecho curto que narra um incidente mencionado em todos os três evangelhos sinóticos. Trata-se de um acontecimento interessante, mas eu normalmente não dedicaria um capítulo inteiro a uma passagem tão pequena. Aqui, entretanto, pretendo abandonar a abordagem versículo por versículo do Evangelho de Mateus e tratar de um assunto que tange a relação entre as crianças e Jesus – a saber, o batismo infantil. Este é, obviamente, um assunto controverso, mas creio que existem argumentos bíblicos para discuti-lo. Eu não serei capaz de abordar todos os aspectos da questão, mas destacarei alguns pontos.

Mateus escreve: **Trouxeram-lhe, então, algumas crianças, para que lhes impusesse as mãos e orasse; mas os discípulos os repreendiam** (v. 13a). Conforme vimos em Mateus, era muito comum ver Jesus tocando as pessoas, e elas com frequência procuravam tocá-lo ou pediam que ele as tocasse (8.3,15; 9.20,29; 14.36). Geralmente, aqueles que o faziam sofriam de alguma enfermidade, mas Mateus não nos diz que estas crianças tinham necessidades específicas. Parece que os pais simplesmente queriam que Jesus as tocasse e orasse por elas,

abençoando-as. No entanto, **os discípulos os repreendiam** (v. 13b). Aparentemente, eles consideravam desperdício de tempo para o mestre tocar aquelas crianças saudáveis e, por isso, repreenderam os pais.

Jesus, entretanto, não queria ser tão protegido. Mateus diz: **Jesus, porém, disse: Deixai os pequeninos, não os embaraceis de vir a mim, porque dos tais é o reino dos céus. E, tendo-lhes imposto as mãos, retirou-se dali** (v. 14-15). Marcos acrescenta que Jesus "indignou-se" com o fato de os discípulos terem repreendido os pais. Ele os mandou deixar as crianças se aproximarem, dizendo: "porque dos tais é o reino dos céus". Ao dizer isso, Jesus estava repetindo o argumento que havia apresentado após a discussão dos discípulos sobre qual deles era o maior: "Em verdade vos digo que, se não vos converterdes e não vos tornardes como crianças, de modo algum entrareis no reino dos céus" (v. 3). Em outras palavras, ele estava declarando que seus seguidores deveriam confiar nele com uma fé simples e pueril, uma fé implícita, assim como as crianças confiam implicitamente nos pais. Com isso, ele, de bom grado, tocou a crianças e deu prosseguimento à sua jornada para Jerusalém.

Entendendo o batismo

Há muitos anos, eu lecionava teologia na Conwell School, parte da Temple University, na Filadélfia. Havia alunos de muitas denominações; a maioria era composta por episcopalianos e presbiterianos, mas alguns eram de igrejas batistas e outros grupos. Parte de minha responsabilidade era ensinar Teologia Sistemática 3, uma aula de teologia voltada para os veteranos na qual abrangíamos as doutrinas da igreja e os sacramentos. Na parte do curso dedicada aos sacramentos, nós estudávamos primeiro a ceia do Senhor e, depois, o batismo; uma das últimas coisas que abordávamos antes da formatura era o batismo infantil. Assim, eu tinha de ensinar a doutrina do batismo infantil nas últimas semanas de educação no seminário, e alguns alunos não a aceitavam. Este conjunto

de circunstâncias criou um dilema moral para mim. Comecei a me questionar: "E se eu os convencer? Muitos já estão com a data da ordenação marcada. Se eles forem convencidos do batismo infantil, isso poderia ter um impacto significativo em seu futuro e em suas perspectivas de emprego."

Então, decidi dar aos alunos uma tarefa personalizada segundo a posição de cada um a respeito do batismo infantil. A tarefa para os que acreditavam neste tipo de batismo era fazer um trabalho final descrevendo as razões por que os cristãos *não* deveriam praticá-lo. Em outras palavras, pedi que defendessem a posição do batismo de arrependimento. A tarefa para os defensores do batismo de arrependimento era redigir um trabalho final explicando por que tantas igrejas ao longo da história praticaram o batismo infantil. Eu fiz isso pelo seguinte motivo: muitos de nós adquirimos nossa teologia de vínculos afetivos – isto é, dos pais, de pastores queridos, de professores da escola dominical, das igrejas em que crescemos – sem analisar as questões envolvidas com cuidado. Eu queria que os alunos que acreditavam no batismo infantil soubessem o porquê disso, e eu queria que os alunos que não acreditavam no batismo infantil também soubessem o porquê disso. Eu enfatizei que este debate em especial, dentre todos os debates existentes na igreja, exige certa paciência com aqueles que diferem de nós, visto que em nenhum lugar do Novo Testamento há uma ordem explicita para a prática do batismo infantil ou uma proibição dele. Diante da ausência de qualquer ensinamento explícito no Novo Testamento sobre o assunto, o caso deve ser determinado por uma análise de inferências das Escrituras.

Para um de meus amigos, um conhecido líder cristão, o assunto já está resolvido pelo fato de não haver referências explícitas no Novo Testamento à prática do batismo infantil nem ordens claras neste sentido. Segundo a opinião dele, o debate está resolvido pela inexistência

de tais referências ou ordens; afinal, não devemos batizar bebês sem um exemplo ou uma ordem clara. Eu, por outro lado, creio que a prática do batismo infantil pode ser inferida a partir do ensinamento das Escrituras. No restante deste capítulo, desejo fornecer um rápido levantamento das principais razões e inferências para o meu ponto de vista. Há motivos para que a maioria das igrejas na história tenha praticado o batismo infantil.

Primeiro, há a relação entre o batismo e a circuncisão como sinais da aliança. O batismo, de acordo com o Novo Testamento, é o sinal da nova aliança. O sinal da antiga aliança era a circuncisão. Ambos os sinais significam benefícios recebidos unicamente pela fé. Isso equivale a dizer que as pessoas no Antigo Testamento eram justificadas da mesma forma que as pessoas no Novo Testamento são justificadas. Paulo elabora este argumento em Romanos 3 e 4, usando Abraão como exemplo supremo. No Antigo Testamento, os adultos que se convertiam ao judaísmo precisavam fazer uma profissão de fé antes de receber o sinal da circuncisão, mas seus filhos recebiam o sinal da aliança antes mesmo de ter fé. O exemplo clássico é o de Abraão e seu filho Isaque: Abraão creu em Deus e então recebeu o sinal da circuncisão, mas Deus ordenou que ele circuncidasse seu filho Isaque antes mesmo que este cresse.

Assim, o princípio, ao menos no Antigo Testamento, era que o sinal da fé podia ser administrado antes que ela estivesse, de fato, presente. A questão é saber se este princípio se aplica ao Novo Testamento.

Batismo no Novo Testamento

Isso leva ao meu segundo ponto, o ensinamento do Novo Testamento sobre o batismo. Uma passagem que lança um pouco de luz sobre a questão é encontrada na carta do apóstolo Paulo aos colossenses. Ele escreve: “Nele, também fostes circuncidados, não por intermédio de mãos, mas no despojamento do corpo da carne, que é a circuncisão de Cristo, tendo sido sepultados, juntamente com ele, no batismo, no qual

igualmente fostes ressuscitados mediante a fé no poder de Deus que o ressuscitou dentre os mortos" (2.11-12). Neste texto, Paulo não iguala a circuncisão ao batismo, mas mostra claramente que há uma continuidade entre eles. Além disso, ele deixa claro que a circuncisão feita não por intermédio de mãos é uma circuncisão espiritual representada pelo batismo. Em sua epístola aos romanos, ele se opõe àqueles entre os fariseus e rabinos que acreditavam no poder da circuncisão de colocar as pessoas automaticamente em um estado de salvação (2.25-29). Muitos, na história da cristandade, alegaram que o batismo põe o indivíduo em um estado de salvação por meio da regeneração batismal. Por exemplo, na Igreja Católica Romana, se diz que a regeneração batismal acontece para todos os que recebem o sacramento. Uma das principais razões por que os batistas sempre rejeitaram o batismo infantil foi o desejo de anular esta ideia. Logo, a preocupação de Paulo com a circuncisão deve ser compartilhada por todos os cristãos no que se refere ao batismo: o batismo não salva. Nós somos ordenados a recebê-lo – certamente como adultos, possivelmente como crianças – mas, seja como for, o sacramento em si não nos salva.

Voltando-nos para a primeira carta de Paulo aos coríntios, encontramos uma declaração de difícil compreensão. Ele diz: "e a mulher que tem marido incrédulo, e este consente em viver com ela, não deixe o marido. Porque o marido incrédulo é santificado no convívio da esposa, e a esposa incrédula é santificada no convívio do marido crente" (7.13-14a). Você consegue sentir o peso disso? Como evangélicos, compreendemos a santificação como o processo que segue a justificação. Primeiro, somos justificados; depois, começa o processo de conformação à imagem de Cristo, processo este que continua por toda a nossa vida cristã. Aqui em 1Coríntios, entretanto, Paulo fala de incrédulos sendo santificados. Como pode ser isso? Ele fala de uma mulher cristã casada com um homem não cristão. O apóstolo diz que, apesar disso, o marido

incrédulo é santificado pela fé da mulher ou vice-versa. Será que ele está dizendo que existe mais de uma forma de ser santificado e, portanto, mais de uma forma de ser justificado? Será que ele está dizendo que é possível ser justificado pelo casamento? É evidente que Paulo não quer dizer isso. Muitas outras passagens das Escrituras descartam tal interpretação.

A fim de começarmos a entender o que Paulo quis dizer, devemos lembrar que os termos *santificar* e *santificação* na Bíblia referem-se não só ao processo pelo qual o Espírito Santo nos molda à imagem de Cristo, mas também ao ato ou estado de *ser separado*. A bem da verdade, este é o significado principal de *santificação* na Bíblia. Para os judeus, esta ideia tinha forte significado com relação à aliança. Ser santificado significava ser separado a um estado consagrado. Assim, Paulo estava dizendo que um incrédulo é separado – não salvo – por meio da fé da esposa.

Mas por que razão isso aconteceria? Paulo responde explicitamente: "Doutra sorte, os vossos filhos seriam impuros; porém, agora, são santos" (v. 14b). Será que "santo" tem sentido de justo? Não. Mais uma vez, Paulo está usando um linguajar da aliança. No Antigo Testamento, o homem circuncidado era marcado como membro da casa de Israel, membro da antiga aliança. Aqueles que estavam fora da aliança, os gentios, eram considerados imundos. Isto é, não tinham qualquer parte na aliança de salvação que Deus estabelecera com os israelitas. Então, Paulo diz que se apenas um dos pais for cristão, homem ou mulher, marido ou esposa, o outro cônjuge é santo ou separado, e, por isso, os filhos não são imundos, mas santos. Este, portanto, é um ensinamento explícito no Novo Testamento de que os filhos de, pelo menos, um crente são considerados santos e puros. Se esta for realmente uma linguagem relativa à aliança – e não consigo ver como poderia ser qualquer outra coisa – isso significa que os filhos de um único crente são membros da

comunidade da aliança. E, se são membros da comunidade da aliança, por que não deveriam receber o sinal da aliança?

Durante mais de 2.000 anos em Israel, quando as pessoas eram inseridas no relacionamento de aliança com Deus, não só os adultos eram considerados, mas todas as crianças também, inclusive os bebês. Poderia ser verdade que, no Novo Testamento, este princípio de inclusão à aliança, de unidade coletiva, de santificação e consagração familiar foi subitamente abandonado e anulado, sem uma única palavra que o indicasse? É praticamente impensável para mim que este princípio de inclusão de bebês na aliança tenha sido revogado em silêncio. Logo, a principal razão por que os cristãos deram prosseguimento à prática de dar aos filhos pequenos o sinal da aliança é o fato de as coisas terem sido assim desde o início da aliança de Deus com Abraão, o pai de todos os que creem (Rm 4.11).

Nossos amigos batistas indicam que as pessoas que foram batizadas no livro de Atos creram antes. Eles também observam que todos os exemplos de batismo encontrados no livro de Atos são de batismos de indivíduos adultos os quais, primeiro, fizeram uma profissão de fé; não vemos um único bebê sendo batizado. Esta é outra das principais razões por que os batistas rejeitam o batismo infantil: não há qualquer exemplo em Atos e nenhuma ordem específica no Novo Testamento a este respeito.

No entanto, não há qualquer motivo para crer que os indivíduos batizados em Atos fizessem parte de uma segunda geração de cristãos. Eles eram novos convertidos provenientes do mundo que seguiram a prática vigente em Israel havia 2.000 anos: o adulto que se convertia precisava, primeiro, fazer uma profissão de fé. É por isso que todas as igrejas que conheço que praticam o batismo infantil também praticam o batismo adulto, ou o batismo de arrependimento; e, no caso dos adultos,

elas exigem uma profissão de fé antes. Este é o modelo que temos no livro dos Atos.

Além disso, precisamente um quarto dos exemplos de batismo encontrados no livro de Atos é de "batismo da casa" (10.44-48; 11.14; 16.15,31,34). Não apenas o crente que fazia a profissão era batizado, mas toda a sua família também. Oscar Cullmann, o grande estudioso do Novo Testamento e historiador eclesiástico, disse que a palavra grega *oikos*, traduzida como "casa", indica a presença de crianças, provavelmente crianças pequenas. Deste modo, vemos o princípio passar, intacto, do Antigo Testamento ao Novo Testamento. Assim como a circuncisão envolvia famílias inteiras, inclusive crianças, o batismo no Novo Testamento certamente incluía o batismo da família, que, com toda probabilidade, também continha crianças pequenas. Se pudéssemos encontrar qualquer evidência de alguém no livro de Atos que, sendo filho de cristãos, ainda não tivesse sido batizado na infância ou juventude, precisaríamos questionar a prática do batismo infantil. Contudo, não vemos exemplos disso.

O Novo Testamento deixa muito claro que a nova aliança é melhor do que a antiga (Hb 7.22; 8.6). Uma aliança melhor deve ser mais, e não menos, inclusiva. Se impedirmos nossos filhos pequenos de receber o sinal da aliança até que tenham idade suficiente para fazer uma profissão de fé, tornamos a nova aliança menos inclusiva – ao menos no que se refere às nossas crianças – do que a aliança vigente durante 2.000 anos em Israel. Creio que este é um argumento importante a se ter em mente quando confrontamos o assunto.

Batismo na história da igreja

Em terceiro lugar, há a questão histórica. Eu costumava lembrar meus alunos que não praticavam o batismo infantil de que a grande maioria dos cristãos na história da igreja acreditava que ele devia ser praticado. Eu não me valerei do falacioso *argumentum ad populum*, por meio do

qual se determina a verdade de um princípio pela contagem de seus defensores. O fato de que muitos cristãos e grupos cristãos praticaram o batismo infantil ao longo da história não o torna válido; porém, coloca o fardo, sobre aqueles que consideram o batismo infantil um procedimento impróprio, de demonstrar como a igreja esteve errada durante centenas de anos.

No que tange a evidência histórica, o estudioso alemão Joachim Jeremias escreveu um tomo sobre a história do batismo nos primeiros quatro séculos da cristandade. No livro, ele indica que o primeiro questionamento sobre a legitimidade do batismo infantil na literatura surgiu em meados do segundo século, quando um dos pais da igreja o desaprovou. Em sua objeção, ele admitiu que o batismo infantil era a prática universal da igreja. Isto significa que, nos numerosos volumes de literatura cristã desde o final do primeiro século e início do segundo, quando os pais da igreja enfrentavam todos os tipos de controvérsias teológicas, nunca houve qualquer controvérsia sobre o batismo infantil.

Nenhum desses fatos prova que a igreja do primeiro século praticava universalmente o batismo infantil. Porém, eles nos dizem que, se o batismo infantil fosse um desvio da prática apostólica, tal desvio teria atingido níveis extremos de participação no segundo século; isto é, praticamente toda a igreja teria cometido o erro de batizar crianças. Embora seja certamente possível que um desvio da ortodoxia tenha se alastrado e se tornado universal no segundo século, isso não é algo provável, o que sustenta a antiga prática do batismo infantil. Mais uma vez, é possível que toda a literatura com discussões sobre o assunto tenha se perdido e que nós simplesmente não tenhamos mais qualquer registro delas. No entanto, as chances de que nenhuma literatura tenha sobrevivido parecem muito remotas.

Com isso, estou dizendo que o peso esmagador da evidência inferencial – proveniente da relação entre a antiga e a nova aliança, do

Novo Testamento e da história eclesiástica – em minha opinião, é um forte argumento a favor de que a igreja não apenas pode, como deve incluir os filhos dos crentes no sacramento do batismo.

Visto que Jesus recebeu as crianças em sua presença e abençoou-as, por que não daríamos nós o sinal da promessa de Deus a elas? Lembre-se, este é um sinal de que, caso o bebê venha a crer, ele receberá todos os benefícios da promessa da nova aliança, a saber, todos os benefícios da pessoa e da obra de Cristo. Estes benefícios não são recebidos pelo ato do batismo. Eles não são recebidos até que a criança tenha fé. Porém, colocando o sinal na criança, os pais declaram sua esperança na futura fé do bebê. O que torna o sinal sagrado não é a integridade dos pais nem a integridade do pastor que administra o batismo. O que torna o sinal sagrado é a integridade de Deus. O batismo é o sinal da promessa de Deus a todos os que creem e aos filhos destes. É promessa de Deus para os nossos filhos que, se eles vierem a crer, receberão todos os benefícios que lhes foram alcançados por Cristo.

O JOVEM RICO

Mateus 19.16-22



> E eis que alguém, aproximando-se, lhe perguntou: Mestre, que farei eu de bom, para alcançar a vida eterna? Respondeu-lhe Jesus: Por que me perguntas acerca do que é bom? Bom só existe um. Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos. E ele lhe perguntou: Quais? Respondeu Jesus: Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho; honra a teu pai e a tua mãe e amarás o teu próximo como a ti mesmo. Replicou-lhe o jovem: Tudo isso tenho observado; que me falta ainda? Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me. Tendo, porém, o jovem ouvido esta palavra, retirou-se triste, por ser dono de muitas propriedades.

Creio ser significativo o fato de este encontro entre Jesus e o indivíduo conhecido como jovem rico estar registrado em todos os três evangelhos sinóticos (Mc 10.17-30; Lc 18.18-30). Muito embora o rapaz da história tenha sido um indivíduo real que viveu no primeiro século, nós poderíamos, em certo sentido, chamá-lo de Todo Mundo. As falhas e os erros que ele cometeu em suas suposições diante de Cristo são os mesmos que incontáveis milhões cometem todos os dias.

Quando comparamos o relato que Mateus faz deste encontro com os relatos contidos nos evangelhos de Marcos e Lucas, descobrimos que o homem foi até Jesus com afã e urgência. Era óbvio que ele admirava muito Jesus e considerava-o alguém cuja opinião era importante. Assim sendo, aproximou-se com um elogio e uma pergunta. Mateus escreve: **E eis que alguém, aproximando-se, lhe perguntou: Mestre, que farei eu de bom, para alcançar a vida eterna?** (v. 16). Ele chamou Jesus de "Mestre" e

perguntou-lhe o que tinha de fazer de bom para "alcançar a vida eterna", isto é, para entrar no reino dos céus.

Antes de responder à pergunta, Jesus voltou-se para o elogio. Mateus diz: **Respondeu-lhe Jesus: Por que me perguntas acerca do que é bom? Bom só existe um** (v. 17a). Segundo a análise de alguns críticos, a resposta de Jesus mostra que ele não se considerava Deus, visto que negou a própria excelência. No entanto, quando lemos o texto atentamente, vemos que Jesus não negou a própria excelência e, por conseguinte, não negou a própria deidade. Ele estava ciente de que o jovem não sabia com quem estava falando. O rapaz não conhecia a identidade de Jesus. "Mestre" era apenas uma forma de tratamento educada. Ele estava reconhecendo que Jesus era um rabino e um homem justo. Jesus, porém, usou o elogio como uma oportunidade de abordar a falta de excelência do próprio rapaz.

A palavra *bom* é relativa. As coisas são boas ou más em relação, ou se comparadas, a algum padrão. Sempre que eu perguntava a um amigo meu se ele estava bem, ele respondia, brincando: "Comparado a quê?". Eu tinha de explicar: "Bem, comparado a como você estava ontem." Era preciso fornecer algum padrão para que ele respondesse a uma simples saudação. Quando algo é considerado bom ou mau, deve haver alguma norma, algum critério de medição, para que se determine isso.

De acordo com a Bíblia, o padrão de bondade é Deus. O Novo Testamento diz: "pois todos pecaram e carecem da glória de Deus" (Rm 3.23). Nenhum de nós se iguala ao padrão de sua gloriosa justiça. O apóstolo Paulo, citando um salmo do Antigo Testamento, diz: "Não há justo, nem um sequer, […] não há quem faça o bem, não há nem um sequer" (Rm 3.10b,12b).

Naturalmente, nós não achamos que somos maus. Acreditamos que fazemos muitas boas obras, e estamos convencidos de que os outros também fazem coisas boas. Nosso problema, como Paulo diz em outra

passagem, é que nós nos julgamos segundo nosso próprio padrão (Rm 2.1). Deus, entretanto, não nos julga com base em uma curva, comparando-nos aos outros. Ele sabe quem é bom e quem não está de acordo com o padrão de seu caráter. Evidentemente, ninguém no mundo pode ser considerado bom em comparação ao padrão da justiça de Deus. Portanto, é inútil tentar determinar a excelência de algo pelos padrões deste mundo.

Guardando os mandamentos

Em seguida, Jesus voltou-se para a pergunta do jovem. Ele disse: **Se queres, porém, entrar na vida, guarda os mandamentos** (v. 17b). A lei de Deus é simplesmente uma declaração de seu caráter santo, o padrão ao qual temos de nos igualar. Porém, como vimos, não podemos nos igualar a esse padrão. Isto significa que não podemos guardar os mandamentos de Deus. Há um axioma em nossa cultura segundo o qual "errar é humano", como se o erro fosse necessário para nossa caracterização como seres humanos. Apesar disso, as pessoas se apegam à esperança de que suas boas obras compensarão as más e, deste modo, entrarão no paraíso. No entanto, a verdadeira boa obra é aquela que está em conformidade com a lei de Deus e é executada com um coração completamente tomado por amor a ele. Além disso, todas as obras que realizamos deveriam ser deste tipo caso quiséssemos entrar no céu por nossas próprias obras, pois a conformidade com o caráter de Deus implica perfeita obediência. Logo, deveria ser óbvio que é impossível a qualquer um alcançar tal padrão.

Jesus já havia mostrado ao jovem rico que ele nada compreendia acerca da verdadeira excelência. Ao responder à pergunta, Jesus mostrou-lhe o padrão de excelência: o próprio Deus. A implicação era que ele deveria ter, dentro de si, uma justiça que se conformasse perfeitamente a esse padrão; caso contrário, deveria adquirir, de alguma

forma, uma justiça fora de si, a justiça de alguém que fosse capaz de guardar todas as exigências de Deus.

A justiça de Cristo encontra-se no cerne de nossa salvação. Vivemos em uma época na qual até mesmo os professores de seminários evangélicos questionam a ideia da perfeita obediência de Cristo, isto é, seu cumprimento de todas as exigências da lei de Deus, pela qual alcançou a perfeita justiça oferecida a todos os que nele confiam. Quando alegamos ser justificados pela fé, sem as obras da lei (Rm 3.28), não queremos dizer que a fé é uma boa obra que compensa todas as nossas obras más. Dizer que somos justificados somente pela fé é uma forma simples de dizer que somos justificados somente por Cristo. A única justiça pela qual seremos declarados justos aos olhos de Deus é a justiça imputada de Jesus Cristo.

Em 1936, J. Gresham Machen, um dos fundadores do Seminário Teológico de Westminster, na Filadélfia, estava palestrando nos estados norte-americanos de Dakota do Norte e Dakota do Sul durante as férias de Natal do seminário. Nesse tempo, ele ficou extremamente doente, com pneumonia, e logo ficou claro que estava morrendo. Pouco antes de partir, no primeiro dia de janeiro de 1937, ele ditou o seguinte telegrama ao amigo e colega de seminário John Murray: "Muito grato pela obediência diligente de Cristo. Nenhuma esperança sem ela." Ele morreu na fé, apegado à justiça de Cristo.

Até compreendermos que nada temos de bom em nós mesmos para apresentar diante de Deus, não entenderemos o quão desesperadora é nossa necessidade do evangelho. Se acreditamos ser capazes de merecer a vida eterna sem a perfeita justiça de Cristo, é porque não enxergamos nossa necessidade de Cristo.

Revelação do ídolo

A menção de Jesus aos mandamentos gerou uma dúvida no jovem rico. Mateus escreve: **E ele lhe perguntou: Quais? Respondeu Jesus: Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho; honra a teu pai e a tua mãe e amarás o teu próximo como a ti mesmo** (v. 18-19).

Muitas vezes, eu me questiono por que Jesus respondeu à pergunta voltando-se para os dez mandamentos e, mais especificamente, para aquilo que costumamos chamar de segunda tábua da lei. Os quatro primeiros mandamentos definem nossas obrigações para com Deus, ao passo que os outros seis definem nossas obrigações para com o próximo. Por que Jesus começou com estes últimos? Tenho para mim que ele simplesmente apresentou uma amostra dos mandamentos. O triste é que algumas pessoas leem sua resposta e dizem: "Tudo o que temos de fazer para entrar no céu é evitar os pecados maiores. Contanto que eu não mate ninguém nem roube nada, ficarei bem."

Infelizmente, é nítido que o jovem rico pensava dessa forma. Mateus diz: **Replicou-lhe o jovem: Tudo isso tenho observado; que me falta ainda?** (v. 20). Ele foi tomado de alívio. O jovem disse a Jesus que havia aprendido os mandamentos na infância e que, desde então, os guardara. Porém, só para ter certeza, perguntou-lhe se havia alguma pendência à qual precisava atentar-se.

Vemos aqui a profunda paciência de Jesus. Se eu estivesse presente e ouvisse o jovem dizer "Tudo isso tenho observado", perderia a paciência no mesmo instante. Eu diria: "O quê? Você não conseguiu obedecer a todos esses mandamentos nem sequer do momento em que saiu da cama pela manhã até agora!" Da mesma maneira, Jesus poderia ter dito: "Creio que você não estava presente quando eu proferi o sermão do monte e expliquei as implicações mais profundas dos mandamentos. Quando você se irrita com seu irmão ou odeia seu irmão, viola o mandamento que proíbe o homicídio. Quando você tem lascívia no coração, viola a proibição contra o adultério. Quando você acusa

falsamente seu irmão, não apenas em um tribunal de justiça, mas no tribunal da opinião pública, dá falso testemunho contra ele. Se tivesse estado ali, você não teria a audácia de vir até mim e dizer que observa todas estas leis desde a meninice."

Há, por toda parte, pessoas que realmente acham que guardam a lei de Deus. Todavia, como observei acima, para que uma obra seja caracterizada como boa do ponto de vista bíblico, ela deve não somente estar externamente em conformidade com a lei, como também ser internamente motivada pelo amor de Deus. Quando perguntaram a Jesus qual é o maior mandamento, ele respondeu: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento" (Mt 22.37, citando Dt 6.5). Ninguém jamais amou a Deus perfeitamente, nem mesmo por um único segundo.

Contudo, Jesus não repreendeu o jovem por presumir que podia guardar a lei. Marcos diz que, quando o jovem falou aquilo, "Jesus, fitando-o, o amou" (10.21). Creio que Jesus sentiu compaixão dele, a compaixão que o pastor sente pela ovelha perdida, errante, confusa. Portanto, **Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me** (v. 21).

Os comentaristas concordam que, com esta resposta, Jesus não estava estabelecendo uma lei para o mundo segundo a qual, se alguém quiser entrar no céu, deve livrar-se de todos os bens. Ele estava colocando o dedo no principal problema daquele homem: o amor ao dinheiro. Este amor ao dinheiro estava afetando o jovem na obediência a todos os outros mandamentos. Jesus poderia ter dito: "Certo, você alega guardar todos os mandamentos. Então, vamos começar pelo número um: 'Não terás outros deuses diante de mim' (Êx 20.3). Jovem, seu dinheiro é o seu deus. Sua riqueza é seu ídolo. Você não pode amar o dinheiro mais do que ama a Deus e esperar entrar no reino dele." Ele poderia ter feito o mesmo com os outros mandamentos. O jovem precisava pôr seu ídolo de

lado e seguir Jesus de modo a obter um tesouro que nunca enferrujaria ou se esgotaria.

O jovem não ficou bravo. Ele não contestou Jesus, dizendo: "Isso não é justo. Eu trabalhei duro para receber meu dinheiro e o tenho administrado bem. Não o desperdiço. Não vivo de forma desenfreada. Quem você pensa que é?" Não, sua resposta foi muito diferente. Seu coração estava quebrantado. Ele havia corrido até Jesus para descobrir como entrar no céu. Porém, ao dizer o que ele deveria fazer, Jesus pôs o dedo na alma do jovem. Mateus diz: **Tendo, porém, o jovem ouvido esta palavra, retirou-se triste, por ser dono de muitas propriedades** (v. 22).

Este é um dos comentários mais tristes que lemos em toda a Escritura Sagrada. O homem afastou-se de Jesus porque não estava disposto a trocar suas riquezas pela pérola de grande valor. Ele se retirou com seu dinheiro, deixando sua alma e seu Salvador para trás. No entanto, conforme mencionei no início, o jovem rico representa todas as pessoas, e esta mesma troca acontece todos os dias. Os cristãos têm o grande chamado de mostrar ao mundo que Jesus é um tesouro muito melhor do que qualquer riqueza que a vida possa oferecer.

TUDO É POSSÍVEL

Mateus 19.23-30



Então, disse Jesus a seus discípulos: Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no reino dos céus. E ainda vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus. Ouvindo isto, os discípulos ficaram grandemente maravilhados e disseram: Sendo assim, quem pode ser salvo? Jesus, fitando neles o olhar, disse-lhes: Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível. Então, lhe falou Pedro: Eis que nós tudo deixamos e te seguimos; que será, pois, de nós? Jesus lhes respondeu: Em verdade vos digo que vós, os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel. E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe [ou mulher], ou filhos, ou campos, por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais e herdará a vida eterna. Porém muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros.

Quando estudamos os ensinamentos contidos nas passagens das Escrituras, é importante procurarmos o contexto em que eles foram transmitidos. No caso da passagem diante de nós agora, basta lembrarmo-nos do texto que examinamos no capítulo anterior, a respeito do jovem rico que se aproximou de Jesus e perguntou: "Mestre, que farei eu de bom, para alcançar a vida eterna?" (19.16). Vimos que o rapaz tinha uma compreensão lamentavelmente inadequada do que é bom e uma visão lamentavelmente exagerada da própria justiça. Jesus precisou esvaziá-lo de sua pretensão e desafiá-lo em relação ao amor pelo dinheiro. Nosso Senhor disse-lhe: "Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-me" (v. 21). Neste ponto, o homem afastou-se de Jesus "por ser dono de

muitas propriedades" (v. 22).

Os discípulos testemunharam esse episódio, e Jesus logo fez bom proveito dele, aplicando-o como ferramenta de ensino. Mateus diz: **Então, disse Jesus a seus discípulos: Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no reino dos céus. E ainda vos digo que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus** (v. 23-24). Ao tecer estes comentários, Jesus não estava fazendo um pronunciamento ético sobre o mal da riqueza. Ele estava simplesmente salientando que as pessoas dotadas de riquezas têm dificuldade para entrar no reino de Deus. O jovem rico foi um excelente exemplo desta verdade. A riqueza pode ser um deus e, como tal, deve ser posta de lado caso se decida seguir a Deus. Este passo não é fácil.

Jesus reiterou este ponto com uma metáfora que soa estranha aos nossos ouvidos: "é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus". Alguns comentaristas dizem que, além dos diversos portões de Jerusalém, existia uma pequena entrada conhecida como fundo de agulha. Ela não costumava ser utilizada por caravanas de comerciantes, mas, se necessário, o comerciante poderia usar a abertura para entrar na cidade forçando seu camelo a ajoelhar-se e empurrando-o para frente. Essa é uma ótima história, mas não há absolutamente qualquer confirmação científica da existência de um portão com este nome dentro ou nos arredores de Jerusalém. Creio que Jesus estava apenas usando uma hipérbole, isto é, um exagero intencional para elaborar um argumento. Ele escolheu o maior animal existente nas imediações dos discípulos e a menor abertura que lhe veio à mente. Jesus afirmou que era mais fácil passar um enorme camelo pelo minúsculo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.

Visão bíblica sobre a riqueza

Naturalmente, sabemos que é impossível a um camelo passar pelo fundo de uma agulha. Logo, parece que a inevitável moral do ensinamento de Jesus é que todos os ricos, em última análise, não conseguirão entrar no reino de Deus. É fácil chegar à conclusão de que Jesus estava dizendo que há algo intrinsecamente errado ou mau no acúmulo de riquezas. No entanto, tal interpretação de suas palavras entraria em conflito com o ensinamento presente no restante das Escrituras Sagradas.

A Bíblia é desprovida de qualquer cosmovisão que exalte a virtude da pobreza ou despreze o vício das riquezas. Pelo contrário, o Antigo Testamento retrata quatro grupos distintos que se encontram em situação de pobreza, sendo o maior deles composto por aqueles que são pobres por causa de preguiça e repulsa ao trabalho. Todavia, é um erro terrível, cometido por muitos hoje em dia, concluir que as pessoas só são pobres porque são preguiçosas. Tal opinião é um ultraje a multidões que são pobres, mas não por culpa própria. A Bíblia deixa claro que alguns são pobres porque foram vítimas de grandes calamidades que lhe fugiram ao controle, tais como uma escassez que destruiu as plantações. Outros são pobres porque foram explorados por poderosos sem escrúpulos ou governantes injustos. Há outros, ainda, que são pobres voluntariamente por causa da justiça.

Da mesma forma, existem vários grupos de pessoas ricas. Primeiro, há aqueles que são ricos por serem desonestos, inescrupulosos e impiedosos com os outros. Há, porém, os que são ricos porque foram diligentes e administraram bem suas riquezas, sem esbanjá-las em consumo exagerado. Também há aqueles que são ricos por causa de herança. O Antigo Testamento ordenava que os israelitas fossem produtivos e administrassem bem o que ganhavam a fim de sustentar a família. O apóstolo Paulo estava refletindo sobre esta ética quando escreveu: “se alguém não tem cuidado dos seus e especialmente dos da própria casa,

tem negado a fé e é pior do que o descrente" (1Tm 5.8). Ademais, não se exigia deles apenas que sustentassem a família; os israelitas tinham de fazer tudo o que estivesse em seu alcance para acumular uma herança para os filhos. Ao ler as narrativas do período patriarcal em Gênesis, vemos que os patriarcas sempre cuidavam de transmitir uma herança aos filhos. Em todo o Antigo Testamento, observamos a santidade da herança.

Imagine que seu bisavô tenha sido extremamente produtivo e um bom gestor de seus bens, morrendo com um excedente e deixando, assim, um legado significativo para o seu avô. Imagine que seu avô tenha aumentado a herança recebida e valorizado-a ainda mais, além de ter seguido os passos do pai exercendo responsabilidade e uma boa administração do dinheiro; e que, assim, ao morrer, tenha deixado uma herança ainda maior do que aquela que recebera. Imagine, então, que seu pai, sendo diligente e capaz de evitar crises catastróficas no mercado e assim por diante, tenha aumentado a riqueza que recebera usando de sabedoria, trabalho e diligência; e, ao morrer, os bens do seu bisavô tenham centuplicado, e você não tivesse precisado começar do zero. Não seria maravilhoso se todos desfrutassem do trabalho diligente e da boa administração das gerações passadas? Infelizmente, a maioria de nós, creio eu, teve de começar quase do zero, pois vivemos em um mundo entregue ao consumo exagerado, um mundo de pessoas que querem gastar a herança dos netos no momento presente.

A Bíblia nada reserva além de louvor à diligência, à produtividade e à boa gestão. É por isso que, em parte, a declaração de Jesus foi tão chocante e surpreendente para seus discípulos. Na perspectiva bíblica, a diligência, o trabalho duro e a boa administração são vistos como virtudes geralmente acompanhadas pela bênção de Deus. Portanto, se alguém tivesse qualquer direito de contar com uma entrada certa no

reino de Deus, seriam aqueles que administram bem os dons concedidos por ele.

Bênção e maldição

No entanto, Jesus disse que isso não é possível. Por quê? Ele estava mostrando aos discípulos que, embora a riqueza seja uma bênção, ela também é uma maldição, uma vez que pode transformar-se em um impedimento à entrada no reino de Deus. Muitos problemas acompanham a riqueza, três dos quais valem a pena ser mencionados.

Primeiro, uma das grandes barreiras à entrada no reino de Deus não é possuir muita riqueza, mas um senso de autossuficiência. Quanto mais rico alguém se torna, menos dependente fica de outras coisas. Quanto menos dependente fica no que diz respeito às preocupações cotidianas deste mundo, também menos dependente supõe ser do relacionamento com Deus. O indivíduo conclui que o dinheiro pode resolver qualquer problema que vier a enfrentar na vida. Porém, não há fiança para o inferno. Dinheiro algum pode tirar alguém de lá. Logo, esta falsa sensação de autossuficiência pode roubar das pessoas o senso de dependência da graça de Deus para tudo, desde a vida eterna até a refeição seguinte. Uma falsa autossuficiência é um sério obstáculo para as pessoas em seu relacionamento com Deus.

Segundo, a obtenção de riquezas e sua administração exigem uma dedicação quase total. A riqueza obriga as pessoas a manter os olhos nos negócios, nas responsabilidades, nas aquisições e assim por diante. Em outras palavras, ser rico toma muito tempo e energia. As pessoas podem ser tão absorvidas pelos negócios deste mundo, que deixam de dominar a própria riqueza, sendo, em vez disso, por ela dominadas. Contudo, Jesus disse: “Não podeis servir a Deus e às riquezas” (Mt 6.24b). Em outras palavras, ninguém pode dedicar-se à aquisição de riquezas e, ao mesmo tempo, dedicar-se ao serviço de Deus. Todo cristão precisa perguntar a si mesmo com frequência: “Quanto pensamento, quanto planejamento,

quanto esforço e quanta preocupação tenho direcionado ao dinheiro e não às coisas de Deus?"

Terceiro, a aquisição de riquezas pode tornar-se uma obsessão. O que motiva o vício da ganância? A ganância aflige as pessoas quando elas nunca parecem ter o suficiente. Lembro-me de, há muitos anos, ter uma conversa com um amigo, e ele mencionou quanto um de seus colegas ganhava por ano. Começamos a sonhar juntos, dizendo:

— Não seria bom se ganhássemos tanto dinheiro assim?

Bem, com a bênção de Deus, meus rendimentos ultrapassaram aquele valor que, na época, parecia inatingível. Mesmo assim, eu às vezes me pego pensando no que poderia fazer, ou com o que não teria de me preocupar, se ganhasse um pouco mais. Por algum motivo, com o acúmulo de riquezas, a meta fica cada vez mais longe. As pessoas nunca estão satisfeitas. Eu observo isso todos os dias na minha vida, e você também. A riqueza torna-se um laço, uma obsessão.

A Bíblia nos manda ser produtivos, construir uma herança e sustentar a família. Mas, acima de todas as coisas, devemos buscar o reino de Deus (Mt 6.33). Se a nossa busca por riquezas entrar no caminho de nossa busca pelo reino, estaremos na mesma posição do jovem rico, que abandonou Jesus.

Primeiros e últimos

Mateus diz: **Ouvindo isto, os discípulos ficaram grandemente maravilhados e disseram: Sendo assim, quem pode ser salvo? Jesus, fitando neles o olhar, disse-lhes: Isto é impossível aos homens, mas para Deus tudo é possível** (v. 25-26). Os discípulos ficaram chocados ao ouvir Jesus dizer estas coisas e tiraram a conclusão óbvia: se ser salvo é difícil para um homem abençoado por Deus com riquezas, então isso deve ser algo praticamente impossível para uma pessoa comum. Jesus, entretanto, advertiu-os a não deixar Deus fora da equação. Ele tinha dito que era

difícil para um homem rico ser salvo, não *impossível*, pois, para Deus, tudo é possível.

Os discípulos fizeram outra pergunta: **Então, lhe falou Pedro: Eis que nós tudo deixamos e te seguimos; que será, pois, de nós? Jesus lhes respondeu: Em verdade vos digo que vós, os que me seguistes, quando, na regeneração, o Filho do homem se assentar no trono da sua glória, também vos assentareis em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel. E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe [ou mulher], ou filhos, ou campos, por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais e herdará a vida eterna. Porém muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros** (v. 27-30). Pedro parece ter perguntado como os discípulos seriam gratificados por sua pobreza voluntária, já que os ricos podiam desfrutar de sua riqueza no mundo e, ainda por cima, ser salvos depois. Jesus respondeu dizendo que os discípulos seriam recompensados na "regeneração", isto é, no novo céu e na nova terra. Ele lhes garantiu que reinariam ao seu lado e receberiam muitas vezes mais o que tinham deixado por sua causa. Eles *seriam* recompensados pelo sacrifício. Eles mesmos, aqueles simples trabalhadores – não os ricos do mundo – julgariam as 12 tribos de Israel.

Assim é no reino dos céus: muitos daqueles que são grandes aos olhos do mundo serão os "últimos", e muitos humildes e negligenciados serão os "primeiros". Temos de manter as "prioridades do reino" em vista enquanto lidamos com questões como a riqueza.

A PARÁBOLA DOS TRABALHADORES

Mateus 20.1-16



> Porque o reino dos céus é semelhante a um dono de casa que saiu de madrugada para assalariar trabalhadores para a sua vinha. E, tendo ajustado com os trabalhadores a um denário por dia, mandou-os para a vinha. Saindo pela terceira hora, viu, na praça, outros que estavam desocupados e disse-lhes: Ide vós também para a vinha, e vos darei o que for justo. Eles foram. Tendo saído outra vez, perto da hora sexta e da nona, procedeu da mesma forma, e, saindo por volta da hora undécima, encontrou outros que estavam desocupados e perguntou-lhes: Por que estivestes aqui desocupados o dia todo? Responderam-lhe: Porque ninguém nos contratou. Então, lhes disse ele: Ide também vós para a vinha. Ao cair da tarde, disse o senhor da vinha ao seu administrador: Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos, indo até aos primeiros. Vindo os da hora undécima, recebeu cada um deles um denário. Ao chegarem os primeiros, pensaram que receberiam mais; porém também estes receberam um denário cada um. Mas, tendo-o recebido, murmuravam contra o dono da casa, dizendo: Estes últimos trabalharam apenas uma hora; contudo, os igualaste a nós, que suportamos a fadiga e o calor do dia. Mas o proprietário, respondendo, disse a um deles: Amigo, não te faço injustiça; não combinaste comigo um denário? Toma o que é teu e vai-te; pois quero dar a este último tanto quanto a ti. Porventura, não me é lícito fazer o que quero do que é meu? Ou são maus os teus olhos porque eu sou bom? Assim, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos [porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos].

Após a discussão com os discípulos sobre as dificuldades que os ricos têm de entrar no reino dos céus, Jesus contou mais uma parábola do reino – a parábola dos trabalhadores na vinha. Embora seja um tanto enigmática em uma leitura inicial, ela nos ensina uma profunda lição sobre a natureza da graça de Deus.

Jesus começou dizendo: **Porque o reino dos céus é semelhante a um dono de casa que saiu de madrugada para assalariar trabalhadores para a sua vinha** (v. 1). Havia chegado a hora de o proprietário da vinha colher as uvas, mas os trabalhadores fixos da fazenda não eram em número suficiente para concluir a colheita a tempo. Assim, quando chegou a hora, ele saiu à procura de homens que pudesse contratar, tal como muitos agricultores costumavam fazer no mundo antigo e ainda hoje o fazem. Era comum que os trabalhadores ficassem na praça esperando ser escolhidos para alguma tarefa e, assim, receber o pagamento padrão de uma diária em Israel, equivalente a um denário. Então, Jesus disse: **E, tendo ajustado com os trabalhadores a um denário por dia, mandou-os para a vinha** (v. 2).

No entanto, parece que sua primeira visita à praça aconteceu antes de todos os trabalhadores disponíveis estarem presentes, e o proprietário não conseguiu homens suficientes para concluir a colheita no tempo esperado. Assim, Jesus disse: **Saindo pela terceira hora, viu, na praça, outros que estavam desocupados e disse-lhes: Ide vós também para a vinha, e vos darei o que for justo. Eles foram. Tendo saído outra vez, perto da hora sexta e da nona, procedeu da mesma forma** (v. 3-5). O proprietário continuou verificando a praça ao longo do dia e, sempre que encontrava trabalhadores disponíveis, mandava-os para a vinha com a promessa de pagar-lhes "o que for justo".

Ele estava tão desejoso de concluir a colheita, que, **saindo por volta da hora undécima, encontrou outros que estavam desocupados e perguntou-lhes: Por que estivestes aqui desocupados o dia todo? Responderam-lhe: Porque ninguém nos contratou. Então, lhes disse ele: Ide também vós para a vinha** (v. 6-7). A "hora undécima" era cerca de 17h, quase o fim do dia útil. Mesmo assim, o proprietário encontrou alguns homens disponíveis neste horário, os quais não haviam sido contratados para trabalho algum

durante todo o dia. Ele, então, enviou-os à vinha com a mesma promessa de pagamento.

Até agora, esta é uma história feliz. O sistema econômico da época aparentemente funcionava com perfeição. Havia trabalhadores disponíveis em abundância, e o proprietário da vinha empregava-os regularmente. A colheita progredia, e os trabalhadores recebiam o pão de cada dia. Um final feliz parecia certo.

Contudo, não foi. Jesus disse: **Ao cair da tarde, disse o senhor da vinha ao seu administrador: Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos, indo até aos primeiros. Vindo os da hora undécima, recebeu cada um deles um denário. Ao chegarem os primeiros, pensaram que receberiam mais; porém também estes receberam um denário cada um** (v. 8-10). O proprietário da vinha pagou a todos exatamente o mesmo salário. Aqueles que haviam trabalhado uma hora receberam um denário. Aqueles que haviam trabalhado três horas receberam um denário. Aqueles que haviam trabalhado seis horas receberam um denário. E aqueles que haviam passado o dia todo trabalhando receberam um denário.

Isso pareceu injusto àqueles que tinham trabalhado mais tempo: **Mas, tendo-o recebido, murmuravam contra o dono da casa, dizendo: Estes últimos trabalharam apenas uma hora; contudo, os igualaste a nós, que suportamos a fadiga e o calor do dia** (v. 11-12). Os homens que passaram o dia inteiro ali consideraram os salários injustos, pois haviam realizado o grosso do trabalho sob o calor do sol enquanto os outros haviam trabalhado durante apenas um curto período no frescor da tarde. Eles acreditavam que, se os retardatários fossem receber um denário, eles mereciam mais.

Por este motivo, o proprietário dirigiu-se aos resmungões e insatisfeitos: **Mas o proprietário, respondendo, disse a um deles: Amigo, não te faço injustiça; não combinaste comigo um denário? Toma o que é teu**

e vai-te; pois quero dar a este último tanto quanto a ti. Porventura, não me é lícito fazer o que quero do que é meu? Ou são maus os teus olhos porque eu sou bom? (v. 13-15). O proprietário simplesmente pontuou que havia cumprido sua parte no acordo feito pela manhã. Eu imagino que ele tenha lembrado os trabalhadores de como eles haviam ficado felizes de manhã por ter um dia de trabalho pela frente além da promessa de ganhar um denário. Eles tinham ficado satisfeitos com o acordo naquele momento e foram trabalhar por vontade própria. Porém, quando viram outros receber o mesmo salário por menos trabalho, a questão da justiça veio à tona com animosidade.

Uma parábola sobre a graça soberana

Esta parábola não é sobre uvas. É sobre graça. É sobre a misericórdia do Deus vivo. É sobre a graça daquele que possui uma vinha e que, em sua misericórdia, concede benefícios às pessoas que não os merecem. Na parábola, aqueles que chegaram ao final do dia não tinham como atender às exigências normais para ganhar um denário. Mesmo assim, o proprietário da vinha deu-lhes o denário. O primeiro grupo recebeu justiça. Todos os grupos que vieram depois receberam graça e misericórdia. Aqueles, entretanto, que receberam justiça queixaram-se de ter sido vítimas de injustiça, alegando que o proprietário não era justo.

Além disso, creio que esta parábola é sobre *graça soberana*, isto é, a doutrina bíblica da eleição. Lemos, nas Escrituras, que Deus, desde toda a eternidade, decretou salvar certas pessoas dos pecados somente por sua graça – não porque elas mereceram ou se esforçaram, mas para que sua misericórdia pudesse ser manifesta. Ele escolhe salvar alguns e deixa outros na condição perdida em que se encontram para que recebam aquilo que a justiça exige.

O apóstolo Paulo desenvolve esta doutrina com clareza nos capítulos 8 e 9 de Romanos, quando cita o exemplo de Jacó e Esaú. Deus decretou

que o mais velho (Esaú) serviria ao mais novo (Jacó) antes mesmo de terem nascido ou feito qualquer coisa boa ou má. Isso aconteceu "para que o propósito de Deus, quanto à eleição, prevalecesse" (9.11).

Tendo dito isso, o apóstolo antecipa uma resposta, a saber, a objeção que todo pecador faz à graça eletiva de Deus: "Isso não é justo". Paulo pergunta retoricamente: "Há injustiça da parte de Deus?" (v. 14). Como ele responde? Porventura ele diz: "Bem, talvez haja um pouco de injustiça. Talvez Deus cometa, de vez em quando, alguma injustiça, mas no geral ele é um Deus muito bom"? Você sabe que não é isso o que Paulo diz. Ele responde a própria pergunta retórica com uma enfática negação: "De modo nenhum!" Outras traduções dizem: "De maneira nenhuma!" e "Claro que não" [Bíblia Viva]. O que poderia ser mais impensável do que imaginar, por um segundo apenas, que é possível haver uma falha na justiça de Deus, como se, de alguma forma, a perfeita justiça de Deus pudesse ser defeituosa? Paulo, em seguida, recorda os leitores daquilo que Deus revelou no Antigo Testamento por meio de Moisés: "Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão" (v. 15). Ele conclui: "Assim, pois, não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia" (v. 16).

Na *Saint Andrew*, congregação onde prego, incluímos os cinco "solas" da Reforma no boletim toda semana. Estes grandes lemas dos reformadores são: *sola fide*, justificação somente pela fé; *sola Scriptura*, autoridade somente das Escrituras; *soli Deo gloria*, glória somente a Deus; *solus Christus*, salvação somente por Cristo; e *sola gratia*, salvação somente pela graça. Nós não compreendemos o evangelho de verdade até entendermos que somos salvos somente pela graça – não por graça mais mérito, não por fé mais obras, não pela justiça de Cristo mais nossa própria justiça. Se não aceitamos o princípio de *sola gratia*, a salvação somente pela graça, também não aceitamos o princípio de *sola fide*, a

justificação somente pela fé, porque a fé pela qual somos justificados é o dom gracioso de Deus (Ef 2.8), não algo que produzimos com nossa própria carne pecaminosa.

No entanto, nós temos a ideia de que, se Deus concede sua graça salvífica a alguém, ele também deve conceder a mesma graça aos demais a fim de ser justo. Mas se Deus fosse obrigado a conceder sua graça a qualquer um, não seria graça. Esta é a mensagem da parábola. O proprietário disse: "Porventura, não me é lícito fazer o que quero do que é meu?" Em outras palavras, "Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia".

Graça e justiça, não injustiça

Na parábola, um grande grupo de trabalhadores recebeu graça. Outro grupo recebeu justiça. Ninguém, entretanto, recebeu injustiça. Todavia, os trabalhadores que se esforçaram o dia todo *acharam* que receberam injustiça. Eles achavam que o proprietário lhes devia algo.

Se fôssemos enumerar tudo o que Deus nos deve, esta seria a tarefa mais fácil de todas, pois poderíamos concluí-la em tempo recorde. A verdade é que ele nada nos deve, exceto sua ira como punição por todos os nossos pecados. Uma tarefa muito mais desafiadora seria escrever todas as coisas que devemos a Deus. Nós nunca a concluiríamos. Temos uma dívida enorme para com ele pelas ofensas que cometemos contra sua justiça. Apesar disso, ele nos concede dons excelentes livremente a cada dia, a cada momento. Tudo o que temos vem dele, não porque merecemos, mas porque ele nos provê em misericórdia.

Se há algum sentimento que não deve ter lugar no coração do cristão é o sentimento de que Deus lhe deve algo. Ele não nos deve nada. A única posse que temos é do nosso pecado, a menos que, em sua misericórdia, Deus nos conceda livremente a posse de seu reino. É isso o que ele fez por todos os que creram.

Por fim, Jesus atingiu o ápice da parábola, dizendo: "Assim, os

últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos [porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos] (v. 16). Primeiro, ele repetiu o argumento que havia apresentado no final do ensinamento sobre os ricos: no reino, muitos que agora são os últimos serão os primeiros, e muitos que agora são os primeiros serão os últimos (19.30). Em seguida, declarou: "porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos". O chamado geral do evangelho é direcionado a todas as nações, tribos e línguas, mas apenas aqueles que são regenerados pelo Espírito respondem a ele. Estes são os escolhidos antes da fundação do mundo. Estes são os que recebem a graça imerecida de Deus.

SERVIR

Mateus 20.17-34



Estando Jesus para subir a Jerusalém, chamou à parte os doze e, em caminho, lhes disse: Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas. Eles o condenarão à morte. E o entregarão aos gentios para ser escarnecido, açoitado e crucificado; mas, ao terceiro dia, ressurgirá. Então, se chegou a ele a mulher de Zebedeu, com seus filhos, e, adorando-o, pediu-lhe um favor. Perguntou-lhe ele: Que queres? Ela respondeu: Manda que, no teu reino, estes meus dois filhos se assentem, um à tua direita, e o outro à tua esquerda. Mas Jesus respondeu: Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu estou para beber? Responderam-lhe: Podemos. Então, lhes disse: Bebereis o meu cálice; mas o assentar-se à minha direita e à minha esquerda não me compete concedê-lo; é, porém, para aqueles a quem está preparado por meu Pai. Ora, ouvindo isto os dez, indignaram-se contra os dois irmãos. Então, Jesus, chamando-os, disse: Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiorais exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo; tal como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos. Saindo eles de Jericó, uma grande multidão o acompanhava. E eis que dois cegos, assentados à beira do caminho, tendo ouvido que Jesus passava, clamaram: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de nós! Mas a multidão os repreendia para que se calassem; eles, porém, gritavam cada vez mais: Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de nós! Então, parando Jesus, chamou-os e perguntou: Que quereis que eu vos faça? Responderam: Senhor, que se nos abram os olhos. Condoído, Jesus tocou-lhes os olhos, e imediatamente recuperaram a vista e o foram seguindo.

Enquanto estava a caminho de Jerusalém – na verdade, ao aproximar-se da cidade – Jesus alertou os discípulos pela terceira vez sobre o que lhe aconteceria ali (veja 16.21; 17.22-23). Mateus

escreve: **Estando Jesus para subir a Jerusalém, chamou à parte os doze e, em caminho, lhes disse: Eis que subimos para Jerusalém, e o Filho do homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas. Eles o condenarão à morte. E o entregarão aos gentios para ser escarnecido, açoitado e crucificado; mas, ao terceiro dia, ressurgirá** (v. 17-19). A nova informação contida neste alerta era que os judeus logo entregariam Jesus aos gentios, os quais, conforme explicou, escarneceriam dele, o açoitariam e o executariam por crucificação. Mateus não registra qualquer reação dos discípulos, mas deve ter sido doloroso ouvir os novos detalhes, que eram tristes e aterradores.

Eu não creio, de modo algum, que este alerta precede "por acaso" o relato que Mateus faz em seguida. Enquanto Jesus revelava aos discípulos que estava prestes a realizar seu ato supremo de servidão, dois deles mostraram que servidão era a última coisa que tinham em mente. Parece claro que Mateus sobrepôs estes incidentes a fim de realçar o coração servil de Jesus.

Mateus diz: **Então, se chegou a ele a mulher de Zebedeu, com seus filhos, e, adorando-o, pediu-lhe um favor** (v. 20). Zebedeu era o pai de dois homens que compunham o núcleo do grupo de discípulos de Jesus – Tiago e João. O nome da mãe não é citado aqui, mas muitos acreditam que era Salomé (ver Mc 15.40; 16.1) e que se tratava da irmã de Maria, mãe de Jesus (veja Jo 19.25); neste caso, Tiago e João seriam primos dele. Seja como for, ela veio na companhia dos filhos e ajoelhou-se diante de Jesus, mostrando respeito por ele e reconhecendo sua autoridade. Então, declarou que tinha um favor a pedir.

Mateus prossegue: **Perguntou-lhe ele: Que queres? Ela respondeu: Manda que, no teu reino, estes meus dois filhos se assentem, um à tua direita, e o outro à tua esquerda** (v. 21). Há um lado bom e um lado ruim neste pedido. O lado bom é que a mulher entendia e acreditava que Jesus estava prestes a entrar em seu reino. Ela confiava nele quanto ao futuro.

Apesar das palavras de tristeza e morte que Jesus acabara de proferir, ela estava convencida de que o reino sobre o qual ele havia pregado durante todo o seu ministério terreno não era algo improvável, mas uma realidade prestes a ser manifesta.

O lado ruim é que a mulher não estava preocupada, antes e acima de tudo, com a glória de Jesus, mas com a glória dos filhos. Ela queria que um deles se assentasse à direita de Jesus em seu reino e que o outro se assentasse à sua esquerda. A glória daqueles que se encontram em posição de poder sempre transborda, atingindo os mais próximos; por esta razão, quando alguém ocupa uma posição importante, seja ele um rei, um presidente ou um superior no trabalho, as pessoas se esforçam para ficar perto. Logo, era natural para a mulher concluir que quem se assentasse à direita e à esquerda de Jesus ocuparia as posições mais elevadas de poder e glória em todo o reino, superadas apenas pela posição do próprio Rei. Então, ela disse aos filhos: "Meninos, eu vou falar com Jesus. Vou falar com aquele que, em breve, será o Rei para garantir que vocês ocupem as posições de poder mais elevadas no reino dele."

Cálice amargo

A resposta de Jesus parece ter um tom de compaixão: **Mas Jesus respondeu: Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que eu estou para beber? Responderam-lhe: Podemos** (v. 22). A palavra *sabeis* está no plural; logo, as palavras de Jesus foram direcionadas a Tiago e João, não à mãe deles. É como se ele estivesse dizendo: "Vocês não têm ideia do que estão pedindo. Caso soubessem, se levantariam e sairiam correndo para salvar a própria vida. Afinal, quem se assenta à minha direita e à minha esquerda recebe, em um primeiro momento, não glória, mas infâmia, sofrimento e humilhação." Foi a eles que Jesus se referiu quando perguntou: "Podeis vós beber o cálice que eu estou para beber?"

Há alguns anos, eu escrevi um livro para crianças intitulado *O príncipe e a taça de veneno*. O objetivo dele é falar às crianças não sobre um príncipe imaginário, mas sobre o Príncipe da Paz, o qual, a fim de redimir-nos, recebeu ordem do Pai para beber a taça mais horripilante já servida a qualquer mortal na história deste mundo. A taça estava cheia de ira, sofrimento e dores. Este era o cálice do qual Jesus tentava se afastar, horrorizado, no jardim do Getsêmani, orando: "Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice!" (Mt 26.39b). Com isso, ele perguntava se havia outra maneira de redimir seu povo. O Pai disse que não; Jesus tinha de beber o cálice. Era sua vocação bebê-lo e, no fim, ele o bebeu.

Então, Jesus sabia o que estava se aproximando. Ele sabia o que havia na taça que teria de beber. Ele olhou para Tiago e João e indagou: "Vocês também podem beber esta taça?"

Algumas pessoas dizem que não existem perguntas tolas. Acho isso extremamente discutível, mas de uma coisa temos certeza: existem respostas tolas. Um exemplo disso foi a resposta dada por Tiago e João à pergunta de Jesus: "Podemos." Eles não tinham ideia do sofrimento e da humilhação que estavam por vir.

Mateus, em seguida, escreve: **Então, lhes disse: Bebereis o meu cálice; mas o assentar-se à minha direita e à minha esquerda não me compete concedê-lo; é, porém, para aqueles a quem está preparado por meu Pai** (v. 23). Evidentemente, nenhum desses homens, sozinhos ou juntos, poderia provar a plenitude do cálice que Jesus estava prestes a beber. Não obstante, este cálice seria derramado sobre seus seguidores em menor medida. Ele estava alertando: "Vocês querem me seguir? Querem se assentar, em glória, à minha direita ou à minha esquerda? Então preparem-se, pois participarão do meu sofrimento primeiro." Como disse o apóstolo Paulo, "se perseveramos, também com ele reinaremos" (2Tm 2.12a).

No entanto, Jesus prosseguiu dizendo que não lhe competia determinar quem se assentaria à sua direita e à sua esquerda na glória, visto que tal privilégio era "para aqueles a quem está preparado por meu Pai". Qual é o rei que não tem autoridade para dizer quem se sentará à sua direita e à sua esquerda? Qualquer rei tem o poder de conceder posições em seu reino. Jesus, entretanto, é o Rei ungido do Pai que, mesmo entronizado, ainda é subordinado a ele. Assim como o Pai determinou, desde a fundação do mundo, que seu Filho se assentaria como Rei em seu reino, ele também determinou quem se assentaria à direita e à esquerda de Jesus. Nosso Senhor estava simplesmente dizendo a Tiago e João que era inútil pedir tais posições, visto que o Pai já havia determinado a quem elas seriam concedidas. A decisão não cabia a Jesus. Tiago e João deveriam submeter-se ao Pai, assim como Jesus havia feito.

Grandeza por meio da servidão

Mateus, em seguida, escreve aquele que foi talvez seu maior eufemismo: **Ora, ouvindo isto os dez, indignaram-se contra os dois irmãos** (v. 24). Tente imaginar como Pedro se sentiu quando ficou sabendo daquilo: "O quê? Eu sou o líder deste grupo. Como assim você está tentando ficar à direita de Jesus?" Não apenas Pedro; todos ficaram muito indignados. Afinal, dois deles haviam tentado passar na frente dos demais.

Aqui houve outro momento de ensino para Jesus: **Então, Jesus, chamando-os, disse: Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiorais exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo** (v. 25-27). Os governadores dos gentios comportavam-se de maneira autocrática, "dominando" os subordinados. Isto, entretanto, não deveria ser exemplo para os discípulos. Na Igreja, o mais elevado de todos seria aquele com o

coração mais servil. Além disso, o "primeiro" seria o "servo". Duas vezes, em passagens recentes, vimos Jesus dizer que, em seu reino, "muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros" (19.30; 20.16). Aqui ele mostrou que quem quiser ser o primeiro deve *tornar-se* um servo para os irmãos. O verdadeiro seguidor de Cristo não se prende à glória; ele se humilha como um servo.

Por último, Jesus disse: **tal como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos** (v. 28). Há apenas algumas ocasiões nos evangelhos em que Jesus explica por que veio a este mundo. Em uma passagem, ele disse: "o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido" (Lc 19.10). Em outro trecho, disse: "eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância" (Jo 10.10b). Em seu julgamento perante Pôncio Pilatos, este lhe perguntou se ele era rei, ao que respondeu: "Eu para isso nasci e para isso vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade" (Jo 18.37b). Todavia, aqui no Evangelho de Mateus, Jesus fornece uma explicação diferente para sua vinda. Por que havia descido do céu e vivido no mundo por 33 anos? Ele declarou: "o Filho do homem […] não veio para ser servido, mas para servir". Ele foi o Servo do Senhor a respeito do qual lemos em Isaías 53.

Além disso, ele disse que veio para "dar a sua vida em resgate por muitos". Alguns estudiosos afirmam que Jesus pagou um resgate ao diabo para nos libertar, mas esta não é a imagem bíblica. É verdade que os resgates eram pagos em tribunais militares antigamente para garantir a soltura dos homens mantidos em cativeiro pelo inimigo. Contudo, era mais frequente o caso de os resgates serem pagos para garantir a liberdade de quem não podia pagar as próprias dívidas e que, por isso, encontrava-se preso à uma servidão contratual. Jesus pagou um resgate para adquirir seu povo amado da servidão do pecado. Não admira que o apóstolo Paulo diga: "fostes comprados por preço" (1Co 6.20).

Esta é uma das principais razões por que Jesus veio. Agora, tendo sido comprados pelo Filho do Homem, somos chamados a refletir seu coração servil. A ninguém devemos dominar; temos de servir a todos.

O "Filho de Davi"

Mateus encerra o capítulo com o breve relato de uma cura: **Saindo eles de Jericó, uma grande multidão o acompanhava. E eis que dois cegos, assentados à beira do caminho, tendo ouvido que Jesus passava, clamaram: Senhor, Filho de Davi, tem compaixão de nós! Mas a multidão os repreendia para que se calassem; eles, porém, gritavam cada vez mais: Senhor, Filho de Davi, tem misericórdia de nós! Então, parando Jesus, chamou-os e perguntou: Que quereis que eu vos faça? Responderam: Senhor, que se nos abram os olhos. Condoído, Jesus tocou-lhes os olhos, e imediatamente recuperaram a vista e o foram seguindo** (v. 29-34).

Este incidente é bastante semelhante à cura registrada em Mateus 9.27-34, a qual estudamos no capítulo 47. Por este motivo, não repetirei os detalhes. É interessante notar, entretanto, que Jesus estava em Jericó naquele momento. Esta não era a cidade do Antigo Testamento, que Josué conquistou quando os israelitas entraram na terra prometida, mas outra Jericó, situada em torno de um oásis aproximadamente 30 quilômetros ao norte de Jerusalém. É nítido que Jesus estava chegando ao fim de sua jornada a Jerusalém.

Mais um aspecto de ambas as curas é importante para aquilo que vem a seguir. Tanto em Mateus 9 quanto em Mateus 20, os cegos referem-se a Jesus como "Filho de Davi", um título messiânico. Nós já vimos este título sendo utilizado em várias ocasiões de Mateus (9.27; 12.23; 15.22) e, no próximo capítulo, veremos que ele também saiu dos lábios daqueles que receberam Jesus em sua entrada triunfal (21.9,15). No capítulo seguinte, Jesus pergunta aos fariseus como é possível que Davi,

escrevendo o Salmo 110, pôde falar de seu Filho como sendo Senhor (22.41-46). Estes são outros indícios da verdadeira identidade de Jesus.

A ENTRADA TRIUNFAL

Mateus 21.1-11



Quando se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, ao monte das Oliveiras, enviou Jesus dois discípulos, dizendo-lhes: Ide à aldeia que aí está diante de vós e logo achareis presa uma jumenta e, com ela, um jumentinho. Desprendei-a e trazei-mos. E, se alguém vos disser alguma coisa, respondei-lhe que o Senhor precisa deles. E logo os enviará. Ora, isto aconteceu para se cumprir o que foi dito por intermédio do profeta:

Dizei à filha de Sião:
Eis aí te vem o teu Rei,
humilde, montado em jumento,
num jumentinho, cria de animal de carga.

Indo os discípulos e tendo feito como Jesus lhes ordenara, trouxeram a jumenta e o jumentinho. Então, puseram em cima deles as suas vestes, e sobre elas Jesus montou. E a maior parte da multidão estendeu as suas vestes pelo caminho, e outros cortavam ramos de árvores, espalhando-os pela estrada. E as multidões, tanto as que o precediam como as que o seguiam, clamavam:

Hosana ao Filho de Davi!
Bendito o que vem em nome do Senhor!
Hosana nas maiores alturas!

E, entrando ele em Jerusalém, toda a cidade se alvoroçou, e perguntavam: Quem é este? E as multidões clamavam: Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galileia!

Foi pouco depois da transfiguração que Jesus fez seu rosto "como um seixo" (Is 50.7) e passou a avançar resolutamente para o sul, em direção a Jerusalém. Nós acompanhamos seu progresso ao longo de vários capítulos do Evangelho de Mateus, desde quando deixou

a região gentílica ao norte da Galileia, passou por Cafarnaum e chegou à Judeia. Por fim, no texto do presente capítulo, testemunhamos sua chegada a Jerusalém, um acontecimento tradicionalmente conhecido como entrada triunfal. Este episódio é, por vezes, obscurecido pelos eventos extremamente importantes que o seguem, mas ele foi um divisor de águas não só na vida de Jesus, como também na história do mundo, uma vez que constituiu um dos grandes momentos da história da redenção.

Mateus diz: **se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, ao monte das Oliveiras** (v. 1a). Acredita-se que Betfagé ficava no monte das Oliveiras, do outro lado do vale do Cedrom e menos de um quilômetro e meio a leste de Jerusalém. É provável que este local pudesse ser visto da cidade. Naquele ponto, **enviou Jesus dois discípulos, dizendo-lhes: Ide à aldeia que aí está diante de vós e logo achareis presa uma jumenta e, com ela, um jumentinho. Desprendei-a e trazei-mos** (v. 1b-2). Jesus deu instruções específicas a dois de seus discípulos, ordenando que fossem a uma aldeia, encontrassem uma jumenta com um jumentinho e os trouxesse, muito embora não tivesse explicado por que precisava deles. Aqui, mais uma vez, temos um vislumbre da onisciência divina de Jesus, por meio da qual ele sabia onde os animais poderiam ser encontrados.

Mateus é o único evangelista a mencionar a mãe do jumentinho. Talvez ele quisesse enfatizar como o animal era novo, informando os leitores que ainda não era desmamado. Um jumento tão jovem não poderia possivelmente ter sido montado antes. Além disso, manter a mãe junto ao filhote pode ter servido para mantê-lo calmo. Podemos apenas imaginar como o jumentinho deve ter ficado arisco, especialmente em meio a enormes multidões gritando e sacudindo ramos.

"O Senhor precisa deles"

Jesus também deu aos dois discípulos uma palavra de segurança: **E, se alguém vos disser alguma coisa, respondei-lhe que o Senhor precisa deles. E logo os enviará** (v. 3). Jesus declarou que, caso alguém desafiasse o direito deles de tomar emprestado os animais, seria necessário apenas dizer que "o Senhor" os queria. É interessante o fato de Jesus ter instruído os discípulos a empregar esta palavra para identificá-lo. É possível que o dono dos jumentos soubesse que "o Senhor" era Jesus, mas ele também poderia ter entendido o título como referência a Deus Pai. Nesse caso, teria achado que os discípulos estavam dizendo: "Deus precisa deles." Na verdade, ele não estaria errado em interpretar as palavras desta forma, e eu realmente acho que Jesus queria que o proprietário entendesse "o Senhor" como o Pai. Jesus compreendia que sua entrada em Jerusalém daquela maneira fazia parte do plano de Deus; foi, portanto, por ordem divina que os discípulos buscaram os jumentos.

Nós sabemos que a entrada de Jesus em Jerusalém montado sobre um jumento foi plano divino porque Deus o havia declarado. Mais uma vez, como tantas outras vezes, Mateus destaca como as ações de Jesus cumpriram profecias do Antigo Testamento. Ele escreve: **Ora, isto aconteceu para se cumprir o que foi dito por intermédio do profeta: Dizei à filha de Sião: Eis aí te vem o teu Rei, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de animal de carga** (v. 4-5). Jesus estava cumprindo conscientemente uma profecia messiânica, não porque desejava ficar famoso ao realizar aquilo que o Antigo Testamento havia predito, mas porque era submisso à Palavra de Deus e ávido por fazer o que ela exigia do Messias.

Mateus cita a profecia com estas palavras: "Dizei à filha de Sião: Eis aí te vem o teu Rei, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de animal de carga". Isso é basicamente uma fusão de dois textos do Antigo Testamento – Isaías 62.11 e Zacarias 9.9. O contexto destes

versículos esclarece o que estava acontecendo naquele dia no monte das Oliveiras.

O capítulo 62 de Isaías começa assim: "Por amor de Sião, me não calarei e, por amor de Jerusalém, não me aquietarei, até que saia a sua justiça como um resplendor, e a sua salvação, como uma tocha acesa" (v. 1). Deus estava dizendo: "Estou determinado que minha justiça e minha salvação brilharão como uma tocha no meio do povo." Então, no versículo 11, ele disse: "Dizei à filha de Sião: Eis que vem o teu Salvador […]."

Zacarias 9.9 menciona especificamente a chegada do rei sobre um jumento: "Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis aí te vem o teu Rei, justo e salvador, humilde, montado em jumento, num jumentinho, cria de jumenta." Os israelitas entendiam isso como uma profecia do Messias. Portanto, ao longo de centenas de anos, o povo de Israel havia aguardado a chegada deste Rei. Ele não seria um guerreiro a vir com a pompa e a circunstância de um conquistador. Ele viria em humildade, montado em um jumento, trazendo salvação.

Jesus sabia o que o aguardava em Jerusalém. Ele tinha plena consciência da hostilidade dos líderes religiosos judeus presentes ali. Jesus também sabia que as pessoas as quais, em breve, exultariam ao seu redor e celebrariam sua chegada tinham uma compreensão bastante errada de quem ele era. Elas queriam um rei em uma carruagem. Elas queriam um rei que expulsasse os ocupantes romanos. Elas queriam um rei que as libertasse de questões mundanas, não do pecado. Em suma, não estavam essencialmente interessadas em um Rei que trouxesse salvação. Portanto, era duplamente importante, na perspectiva de Jesus, cumprir esta profecia.

Além de ter cumprido a profecia montando em um jumento, Jesus reproduziu um acontecimento significativo do Antigo Testamento. Quando o rei Davi envelheceu e ficou fraco, seu filho Adonias tramou

um plano para que o proclamassem rei de Israel. Davi, entretanto, havia prometido a Bate-Seba que seu filho Salomão seria rei depois dele. A solução foi proclamar Salomão como herdeiro do trono, fazê-lo ir a Jerusalém montado em uma mula e ungi-lo (1Rs 1).

"Hosana nas maiores alturas!"

Mateus prossegue dizendo: **Indo os discípulos e tendo feito como Jesus lhes ordenara, trouxeram a jumenta e o jumentinho. Então, puseram em cima deles as suas vestes, e sobre elas Jesus montou** (v. 6-7). Os discípulos realizaram a tarefa que lhes fora atribuída, trazendo a jumenta e o jumentinho. Em seguida, puseram suas capas sobre eles, e Jesus montou. Quando Mateus diz que "sobre *elas* Jesus montou", referia-se às vestes que foram colocadas sobre as costas do jumentinho, não aos animais; Jesus não montou no jumentinho e no jumento.

Então, lemos: **E a maior parte da multidão estendeu as suas vestes pelo caminho, e outros cortavam ramos de árvores, espalhando-os pela estrada** (v. 8). Ao estender as vestes pelo caminho onde Jesus passaria, o povo simbolizava sua submissão a ele como Messias. Também havia um precedente no Antigo Testamento para esta atitude (2Rs 9.13). Além disso, os ramos eram um símbolo judaico comum.

Mateus prossegue: **E as multidões, tanto as que o precediam como as que o seguiam, clamavam: "Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas maiores alturas!"** (v. 9). Enormes multidões haviam se aglomerado para ver Jesus entrar em Jerusalém. Mateus diz que havia gente tanto na frente quanto atrás dele. Algumas pessoas, naturalmente, o tinham seguido desde a Galileia, e outras tinham se juntado em povoados vizinhos. No meio tempo, as notícias já haviam chegado a Jerusalém, e um vasto número de pessoas deixara a cidade para ir ao seu encontro.

Conforme Jesus avançava, a multidão clamava: “Hosana!” Esta palavra significa “Salve agora”. O povo reconhecia que Jesus estava trazendo salvação, mas, repito, ele entendia esta salvação em termos de libertação dos romanos. As pessoas também clamavam: “Hosana ao Filho de Davi!” Como vimos, este era claramente um título messiânico, um reconhecimento, por parte do povo, de que o Messias havia de vir da linhagem de Davi, o maior rei de Israel. Por último, exultaram: “Bendito o que vem em nome do Senhor!” Com estas palavras, o povo confessava que Jesus estava vindo com a autoridade do próprio Deus, que ele era um emissário ou representante divino. As pessoas estavam declarando que Jesus tinha sido enviado por Deus: “Este é o Enviado de Deus! Este é o nosso Messias! Este é o nosso Rei!”

Mateus apresenta uma conclusão um tanto curiosa para o episódio: **E, entrando ele em Jerusalém, toda a cidade se alvoroçou, e perguntavam: Quem é este? E as multidões clamavam: Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galileia!** (v. 10-11). A chegada de Jesus gerou um tumulto tão grande, que a atenção de toda a cidade foi atraída para ele. Neste caso específico, eu não acho que Mateus estava utilizando uma hipérbole. Jerusalém ainda era relativamente pequena, e a chegada de Jesus era significativa o bastante para que se tornasse o assunto principal. No entanto, embora alguns estivessem ativamente empenhados em recebê-lo, outros não estavam cientes de quem ele era. Eles indagavam: “Quem é este?” Ao que o povo infelizmente respondia: “Este é o profeta Jesus, de Nazaré da Galileia!” Sim, Jesus era um profeta, mas era muito mais do que isso. Apesar de as pessoas terem acolhido Jesus em termos messiânicos, parece que muitas delas não o reconheciam como Filho de Deus.

Lucas acrescenta um detalhe interessante à história. Alguns fariseus instavam-no a repreender os discípulos pelo linguajar messiânico, mas Jesus respondeu: “Asseguro-vos que, se eles se calarem, as próprias pedras clamarão” (Lc 19.40). Com isso, ele afirmava que o ato de

silenciar os discípulos e a multidão seria inútil, pois a própria criação, enferma e cansada de gemer, estava pronta para celebrar a chegada do Salvador.

Este momento foi um divisor de águas. Jesus entrou em Jerusalém, antiga capital do povo de Deus, e foi abertamente proclamado como Messias. O palco estava montado para os acontecimentos de sua última semana de vida, que o conduziria ao sofrimento, à crucificação, à morte e à ressurreição.

A PURIFICAÇÃO DO TEMPLO

Mateus 21.12-17



> Tendo Jesus entrado no templo, expulsou todos os que ali vendiam e compravam; também derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. E disse-lhes: Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, a transformais em covil de salteadores. Vieram a ele, no templo, cegos e coxos, e ele os curou. Mas, vendo os principais sacerdotes e os escribas as maravilhas que Jesus fazia e os meninos clamando: Hosana ao Filho de Davi!, indignaram-se e perguntaram-lhe: Ouves o que estes estão dizendo? Respondeu-lhes Jesus: Sim; nunca lestes:
>
> Da boca de pequeninos e crianças de peito
> tiraste perfeito louvor?
> E, deixando-os, saiu da cidade para Betânia, onde pernoitou.

É fácil ler superficialmente a conhecida história da purificação do templo por Jesus, sem dispensar-lhe muita reflexão. Todavia, ela é rica em revelação do caráter do Senhor, e nós, portanto, fazemos bem em considerá-la com atenção.

Mateus diz que, logo após a entrada triunfal, **entrou Jesus no templo de Deus** (v. 12a, ARC). Acho interessante o fato de Mateus ter se referido ao templo como "templo de Deus". O templo original em Jerusalém havia sido construído por Salomão, filho de Davi; por esta razão, era conhecido popularmente como "templo de Salomão". Em 586 a.C., ele foi destruído pelos babilônios. Depois do exílio babilônico, o templo foi reconstruído e passou a ser chamado de "templo de Zorobabel", em homenagem a um dos homens que lideraram a iniciativa de construção. Ele existiu por mais de 500 anos até que Herodes, o Grande, começou a

demoli-lo em 21 a.C. a fim de construir um novo. Este novo templo, presente na época de Jesus, era conhecido como "templo de Herodes". No entanto, cada um desses templos era, antes e acima de tudo, um santuário e uma morada simbólica de Deus, isto é, uma casa em meio ao seu povo. O templo havia sido estabelecido para honra e glória de Deus, bem como para culto, adoração, sacrifício, louvor e oração. Mateus estava absolutamente certo ao se referir a ele daquela forma.

Tendo Jesus entrado no templo, expulsou todos os que ali vendiam e compravam; também derribou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. E disse-lhes: Está escrito: A minha casa será chamada casa de oração; vós, porém, a transformais em covil de salteadores (v. 12b-13). Jesus entrou no complexo do templo passando através de um pesado portão que dava acesso a uma série de pátios. Um dos pátios mais externos era chamado de pátio dos gentios. Foi ali – e não no templo propriamente dito nem nas proximidades dele – que Jesus encontrou pessoas comprando moedas e vendendo animais. Qual era a razão destas atividades?

Quando Jesus chegou a Jerusalém, a cidade havia iniciado a celebração da Páscoa, que tinha duração de uma semana. O historiador judeu Josefo diz que literalmente milhões de pessoas de todo o mundo romano iam para Jerusalém todos os anos a fim de celebrar a Páscoa, de modo que a pequena cidade fervilhava de gente. Os numerosos estrangeiros na cidade precisavam trocar seu dinheiro pela moeda vigente para pagar o imposto do templo, equivalente a meio siclo (Êx 30.11-16; cf. Mt 17.22-27), e os cambistas estavam ali para atender a esta necessidade. Além disso, algumas pessoas que iam a Jerusalém desejavam oferecer holocaustos, mas, em muitos casos, elas preferiam comprar os animais para o sacrifício na própria cidade em vez de enfrentar o trabalhoso processo de trazer os animais consigo na viagem. Muitos compravam ovelhas, mas os mais pobres podiam sacrificar pombas. Foi

por isso que Jesus encontrou homens vendendo pombas no pátio dos gentios.

A prática de câmbio e comercialização de animais para cerimônias religiosas havia começado com boas intenções. Tratava-se de um serviço aos peregrinos, especialmente aos pobres, com o propósito de ajudá-los a cumprir suas obrigações. Porém, aquilo que havia surgido como um serviço legítimo para o povo transformou-se em um meio de exploração, extorsão e roubo descarado. A fim de trocar sua moeda pela moeda local, o peregrino era obrigado a pagar uma taxa de seis por cento do valor total. Além disso, se ele não tivesse a quantia exata, deveria pagar mais seis por cento para resolver o problema. Havia também a questão dos preços dos animais. O preço de uma pomba dentro do complexo do templo era 50 vezes maior do que seu preço comum na rua. Sabemos que Jesus estava descontente com tais práticas injustas e exploratórias porque afirmou que o templo havia se transformado em um "covil de salteadores".

"Casa de oração" maculada

Esta, entretanto, não era a única razão por que Jesus estava infeliz. Ele também estava aborrecido porque a função do templo como "casa de oração" estava sendo obstruída e posta de lado. Na tradição protestante, temos a tendência de achar que a função básica – e talvez a única função realmente significativa – do templo da igreja é ser um lugar onde nos reunimos para ouvir a Palavra de Deus sendo proclamada. Este é, sem dúvida, um uso extremamente importante da igreja. Contudo, Jesus não se referiu ao templo como "casa de pregação". Ele a chamou de "casa de oração".

Recentemente, conversei com um amigo católico romano que costuma frequentar igrejas católicas para rezar. Ele me disse que tinha ouvido falar do belo santuário construído na *Saint Andrew* e decidiu visitar nossa igreja para rezar um pouco. Porém, quando chegou ali, deparou-se

com as portas trancadas. Ao compartilhar a experiência comigo, eu logo tentei arranjar uma explicação. Mencionei questões de segurança, preocupações com roubo e assim por diante. Falei, inclusive, que ele era bem-vindo para ir ao escritório e solicitar acesso ao santuário, pois a equipe destrancaria as portas e o deixaria entrar. Contudo, eu sabia que minhas palavras não passavam de desculpas. Eu sabia que não era certo que a igreja ficasse trancada o dia todo. Naquele mesmo momento, decidi que as portas da igreja ficariam abertas para oração todos os dias, independentemente do custo com despesas de segurança. Desejo ver a congregação, seja no caminho para o trabalho ou no trajeto de volta para casa, seja individualmente ou em grupos, entrando no santuário e passando tempo em oração. A menos que isso aconteça, teremos apenas um prédio bonito. O povo de Deus deve ir à casa de Deus para adoração, edificação e instrução, mas também para oração.

Não estou dizendo que o único lugar legítimo para orar é a igreja. É evidente que somos livres para orar em casa, em nosso aposento particular ou onde quer que estejamos. Porém, o santuário de nossa igreja deve ser conhecido como uma casa de oração.

Quando Jesus viu as práticas extorsivas dos cambistas e dos comerciantes de animais e constatou que a casa de oração de Deus estava sendo destinada a atividades que praticamente impossibilitavam a oração, ele tomou medidas a respeito. Segundo João, ele fez um açoite de cordas (2.15) e usou-o para expulsar os comerciantes de lá. Ele virou as mesas dos cambistas, espalhando suas moedas pelo piso do templo, e derrubou as cadeiras dos que vendiam pombas, fazendo os pássaros voarem por toda parte. Foi o caos. No meio de tudo aquilo, repleto de justa indignação, estava o Filho de Deus.

O que isso nos diz sobre Jesus? Entre outras coisas, que ele foi capaz não só de sentir raiva, mas de demonstrá-la. No entanto, sua ira era santa. Se algum homem na história teve realmente o direito de ficar

bravo, este homem foi Jesus, pois testemunhou a profanação da casa de Deus, a casa de seu Pai.

Nos capítulos iniciais do livro de Hebreus, o autor compara e contrasta Jesus com os profetas, os anjos e Moisés. Lemos: "Por isso, santos irmãos, que participais da vocação celestial, considerai atentamente o Apóstolo e Sumo Sacerdote da nossa confissão, Jesus, o qual é fiel àquele que o constituiu, como também o era Moisés em toda a casa de Deus" (3.1-2). Jesus era o supremo Apóstolo de Deus, nosso grande Sumo Sacerdote, designado pelo Deus onipotente. Ele foi fiel àquele que o designou, assim como o foi "Moisés em toda a casa de Deus". Moisés foi o mediador da antiga aliança, e Jesus é o Mediador da nova aliança. Assim como Moisés foi obediente a Deus na antiga aliança, Jesus foi fiel ao seu posto como Mediador da nova aliança. Portanto, o autor de Hebreus inicialmente coloca Jesus no mesmo nível de Moisés.

Mas ele não para por aí. O autor prossegue dizendo: "Jesus, todavia, tem sido considerado digno de tanto maior glória do que Moisés, quanto maior honra do que a casa tem aquele que a estabeleceu. Pois toda casa é estabelecida por alguém, mas aquele que estabeleceu todas as coisas é Deus. E Moisés era fiel, em toda a casa de Deus, como servo, para testemunho das coisas que haviam de ser anunciadas; Cristo, porém, como Filho, em sua casa, cuja casa somos nós, se guardarmos firme, até ao fim, a ousadia e a exultação da esperança" (v. 3-6). Você consegue ver a diferença? Moisés era um servo na casa de Deus; Jesus é o Filho do Pai, aquele a quem o Pai transfere a propriedade da casa. Deste modo, ao defender a casa do Pai, Jesus estava, em última análise, defendendo a própria casa.

Louvores das crianças

Após a purificação do templo, Mateus escreve que cegos e coxos aproximaram-se de Jesus no templo, e ele os curou (v. 14). Logo que

chegou a Jerusalém e ao templo, Jesus passou a ministrar ao povo, curando os cegos e os coxos.

Foi então que um curioso incidente aconteceu: **Mas, vendo os principais sacerdotes e os escribas as maravilhas que Jesus fazia e os meninos clamando: Hosana ao Filho de Davi!, indignaram-se e perguntaram-lhe: Ouves o que estes estão dizendo?** (v. 15-16a). Aparentemente, quando as coisas se acalmaram no templo, algumas crianças que brincavam ali começaram a repetir as palavras que os adultos haviam exclamado momentos antes: "Hosana ao Filho de Davi!" Isso, acompanhado das curas que Jesus estivera realizando, levou os fariseus a reprimi-lo. Como vimos no capítulo anterior, Lucas menciona alguns fariseus repreendendo-o pelas palavras da multidão na entrada triunfal (Lc 19.39-40), e a queixa deste texto parece ser semelhante. Os fariseus achavam que Jesus devia proibir os discípulos de tratá-lo por termos messiânicos.

Segundo seu costume, Jesus respondeu com palavras da Escritura: **Respondeu-lhes Jesus: Sim; nunca lestes: Da boca de pequeninos e crianças de peito tiraste perfeito louvor?** (v. 16b). Esta era uma citação do Salmo 8.2, que fala sobre Deus suscitando louvor das crianças. Desta maneira, Jesus não apenas recusou-se a silenciar aqueles que o chamavam de Messias, como também aceitou o louvor e justificou-o com as Escrituras, dizendo que a atitude das crianças de louvá-lo como Deus era correta.

Por último, Mateus diz: **E, deixando-os, saiu da cidade para Betânia, onde pernoitou** (v. 17). Jesus recusou-se a pernoitar em Jerusalém, provavelmente hospedando-se na casa de seus amigos Maria, Marta e Lázaro em Betânia. No entanto, ele voltaria ao templo todos os dias naquela semana, onde ensinaria e discutiria com os escribas e fariseus, conforme veremos adiante.

A MALDIÇÃO DA FIGUEIRA

Mateus 21.18-22



> Cedo de manhã, ao voltar para a cidade, teve fome; e, vendo uma figueira à beira do caminho, aproximou-se dela; e, não tendo achado senão folhas, disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti! E a figueira secou imediatamente. Vendo isto os discípulos, admiraram-se e exclamaram: Como secou depressa a figueira! Jesus, porém, lhes respondeu: Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não somente fareis o que foi feito à figueira, mas até mesmo, se a este monte disserdes: Ergue-te e lança-te no mar, tal sucederá; e tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis.

O Centro de Estudos de Ligonier Valley, precursor do Ministério Ligonier, foi inaugurado no oeste da Pensilvânia no início da década de 1970 graças à generosa ajuda da Sra. Dora Hillman, que doou o terreno de 21 hectares onde ele foi estabelecido. A Sra. Hillman nutria um amor profundo por árvores e estava sempre plantando alguma na propriedade. Em certas ocasiões, ela pediu que eu fizesse o plantio e, por isso, ensinou-me como proceder da forma correta, pois eu não sabia. Ela explicou que, se tivermos uma árvore que custa 10 dólares, devemos cavar um buraco que comporte uma árvore de 100 dólares, porque o buraco deve ser dez vezes maior do que a árvore.

Evidentemente, uma vez que as árvores estavam plantadas, elas precisavam ser regadas. Contudo, algumas delas estavam em locais que a mangueira não alcançava, e dependíamos da Providência para enviar chuva. Certa vez, acompanhei uma dessas belas árvores murchar e morrer ainda nova. Quando contei à Sra. Hillman, ela foi até o centro de

estudos em seu jipe levando o encarregado da fazenda para tentar salvar a árvore. Ela falou:

— Quero que você regue esta árvore e certifique-se de que ela fique saudável novamente.

Porém, depois de examinar a árvore, o funcionário voltou e disse:

— Ela morreu, senhora.

Ele estava certo. Nada havia que ele pudesse fazer para trazer a árvore de volta à vida.

Na passagem que consideraremos neste capítulo, testemunhamos a morte de outra árvore, uma figueira. No entanto, ela morreu não por falta de água, mas por causa de uma palavra de Jesus. Ele a amaldiçoou quando viu que não produzia figos. De acordo com o relato que Marcos faz deste incidente, não era época de figos (11.13). Mediante tais fatos, a atitude de Jesus de amaldiçoar a árvore pode parecer despótica e arbitrária. Os críticos do Novo Testamento e de Jesus apontam para esta situação a fim de mostrar que ele nem sempre se comportava com piedade. Eles acreditam que Jesus agiu como uma criança petulante, que faz pirraça quando não recebe o que quer e desconta a frustração em objetos inanimados. É evidente que tal opinião não faz justiça ao texto nem ao próprio Jesus. O que, então, devemos entender dessa estranha cena?

Figueira enganosa

Mateus escreve: **Cedo de manhã, ao voltar para a cidade, teve fome; e, vendo uma figueira à beira do caminho, aproximou-se dela; e, não tendo achado senão folhas, disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti! E a figueira secou imediatamente** (v. 18-19). Há muitos anos, quando ainda era um jovem cristão, eu tinha dificuldades com esta passagem. Então, tive a oportunidade de estudar no seminário sob a orientação de um dos três maiores arqueólogos do século 20. Eram eles: William Foxwell Albright,

John Bright e James Kelso. O Dr. Kelso, que havia trabalhado com Albright e Bright, era um professor emérito no seminário que frequentei. Ele estava na casa dos 80 anos de idade na época e lecionava apenas um curso: "Geografia e costumes da Palestina". Este foi um dos cursos mais rigorosos que tive de encarar em todos os meus anos de estudo. Tínhamos de memorizar a precipitação média anual no deserto do Neguebe e muitos fatos similares concernentes a todas as regiões da Palestina. Resumindo, era um curso chato. No entanto, quando o Dr. Kelso nos explicava os costumes, os rituais e as práticas do povo da antiga Palestina, ele apresentava as Escrituras de formas que nunca antes havíamos considerado. Uma destas ocasiões foi quando ele falou sobre a figueira que Jesus amaldiçoou.

Na aula, o Dr. Kelso falou sobre como a produção de figos era de vital importância para a vida e a cultura do povo judaico, sobre como a época de figos era um momento de grande alegria por causa da produção deste fruto e sobre como muitas espécies diferentes eram cultivadas na Palestina. Ele observou que a maioria das espécies amadurecia em determinado período do ano, mas as demais amadureciam em épocas diferentes. Não surpreende que, quando estas árvores produziam figos fora da temporada normal, o fruto era particularmente gratificante e agradável. Uma vez que havia variedades que frutificavam em épocas diferentes, a melhor indicação da existência de figos maduros em uma árvore não era a época do ano, mas a abundância de folhas. Quando as pessoas viam uma figueira coberta de folhas, podiam ter certeza de que havia figos ali.

Isso me traz de volta ao relato de Mateus. Lemos ali que Jesus estava voltando para Jerusalém depois de passar a noite em Betânia e que estava com fome. De repente, avistou uma figueira ao lado do caminho e notou que a árvore estava coberta de folhas – o sinal certo da presença de figos. Então, ele interrompeu sua viagem a fim de colher alguns figos

para o café da manhã. Ao aproximar-se da figueira, entretanto, Jesus não encontrou figo algum apesar da abundância de folhas. Sua reação foi uma atitude comum na tradição profética de Israel no Antigo Testamento: ele usou a circunstância para ensinar uma lição prática de aspecto dramático e profético, para contar uma parábola não com palavras, mas com ações. Ele pronunciou juízo sobre a árvore, declarando que ela nunca mais geraria fruto, e, sob o poder desta maldição divina, a árvore murchou e morreu.

Juízo em decorrência da hipocrisia

Jesus, portanto, não amaldiçoou a figueira por petulância. Ele fez isso para declarar o que estava acontecendo ao seu redor na cidade de Jerusalém na época. Em outras palavras, foi uma lição prática, e sua mensagem era simples. Tratava-se de uma imagem do juízo de Deus em decorrência da hipocrisia.

O hipócrita é um farsante, alguém que vive fingindo ser algo que não é. Os maiores hipócritas com quem Jesus teve de lidar foram os líderes religiosos da época, os fariseus e os saduceus. Eles eram fraudes espirituais. Nos dias que estavam por vir, Cristo denunciaria a hipocrisia deles com palavras extremamente fortes, conforme veremos adiante. Na verdade, ele os amaldiçoaria, fazendo uso da linguagem imprecatória do Antigo Testamento: "Ai de vós!" Porém, antes de fazer isso com as pessoas, ele fez com a figueira. De acordo com todas as aparências externas, a figueira deveria estar coberta de frutos. Ela apresentava todos os indícios de vida, vigor e fertilidade. A figueira era, entretanto, uma fingidora, uma fraude. Aquilo que ela prometia na superfície não equivalia à realidade. Por esta razão, Jesus tirou vantagem da lição prática disponível – isto é, aproveitou o momento – e declarou juízo sobre a árvore por causa de sua hipocrisia.

A hipocrisia é um dos pecados mais insidiosos que afeta a igreja, e todos nós estamos expostos à sua sedução. Por quê? Uma vez que

tomamos o nome de Cristo, uma vez que declaramos ser cristãos, as exigências subitamente aumentam. O mundo que nos observa espera, com razão, ver pureza, humildade e justiça em nós, mas muitas vezes damos pouca demonstração de tais atributos. É claro que não existe cristão sem pecado no mundo. Todos os cristãos puros estão reunidos na glória. Enquanto estivermos aqui, lutaremos contra as contínuas influências do pecado em nossa vida e, evidentemente, isso é algo que nos envergonha. Visto que não podemos alcançar o nível de santificação que desejamos ou que é esperado de nós, construímos nossas próprias auréolas e passamos a fingir, fazendo de conta que somos mais santos do que realmente somos.

Este texto, entretanto, não fala sobre estar aquém da perfeição que designa o padrão divino de justiça para nós. Deus não ameaça enviar juízo sobre nós caso sejamos incapazes de ser tão puros como deveríamos ser ou caso produzamos menos frutos do que deveríamos produzir. O julgamento de Deus está reservado àqueles não produzem fruto algum, e estes são os indivíduos cujo testemunho cristão é apenas fingimento. Mais uma vez, recordo as palavras assustadoras de Jesus no sermão do monte, quando afirmou que muitos se aproximarão no último dia e dirão: "Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?" Ao que Jesus responderá: "nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade" (Mt 7.22-23). Era estes indivíduos que Jesus estava condenando, os que davam a impressão de ser seguidores de Cristo e que inclusive acreditavam ser cristãos, mas que desconheciam totalmente o Senhor.

Uma heresia perniciosa foi difundida no cristianismo evangélico durante certo tempo nas últimas décadas, chamada doutrina do cristão carnal. De acordo com este ensinamento, é possível receber Jesus como Salvador sem demonstrar frutos de uma vida transformada. Segundo ele,

o indivíduo que se encontra em tal situação é nascido de novo pelo Espírito Santo mas permanece carnal. Ora, nós somos todos carnais no sentido de que permanecemos com uma tendência ao pecado por toda a vida. Porém, é loucura falar em um cristão nascido de novo em quem não há mudança nem manifestação de fruto. Esta é uma doutrina perigosa porque dá às pessoas uma falsa sensação de segurança espiritual.

Certo estudante universitário fez uma profissão de fé em Cristo, mas morava com a namorada e estava envolvido em tráfico de drogas. Seu pastor confrontou-o, dizendo:

— A vida que você vive não é coerente com sua profissão de fé em Cristo.

O jovem sorriu e respondeu:

— Está tudo bem, pastor. É que eu sou um cristão carnal.

Creio que ele estava completamente iludido quanto ao estado de sua alma. Se alguém julga estar em estado de graça e inserido no reino de Deus mesmo sem produzir frutos, está apenas se enganando.

Se eu de fato conheço alguma coisa sobre Jesus, tenho certeza de que, quando se aproximou da figueira e olhou para ela de cima a baixo, nenhuma maldição teria saído de seus lábios se ele tivesse encontrado um único figo que fosse. Ele não amaldiçoou a árvore porque não havia figos o *suficiente*. Ele a amaldiçoou porque não havia figo *algum*, porque ela fingia ter algo que, na verdade, não tinha.

Orar com fé

Mateus prossegue: **Vendo isto os discípulos, admiraram-se e exclamaram: Como secou depressa a figueira!** (v. 20). Eles ficaram impressionados. Lembre-se de que eles já tinham visto o poder de Jesus sobre a natureza quando ele acalmou as ondas do mar (8.23-27). Mesmo assim, ficaram maravilhados por Cristo ter feito uma árvore murchar.

Quando os discípulos expressaram seu espanto, **Jesus, porém, lhes respondeu: Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não somente fareis o que foi feito à figueira, mas até mesmo, se a este monte disserdes: Ergue-te e lança-te no mar, tal sucederá; e tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis** (v. 21-22). Ele estava falando sobre o poder da fé que se concentra na natureza de Deus, que está em tanta sintonia com a mente de Cristo, que é catalisadora de proezas incríveis.

Segundo um estudioso bíblico, o contexto dessa declaração era o trabalho que Herodes, o Grande, tivera para construir sua fortaleza ao lado do complexo do templo. O rei havia deslocado tanta terra de uma colina para um vale, que literalmente moveu uma montanha. Pode até ser que isso tenha acontecido, mas acho que tal argumento nada tem a ver com a questão. Desconheço um santo na história da igreja que, ao dizer a uma montanha: "Ergue-te e lança-te no mar", tenha realmente presenciado isso. Creio estar claro que Jesus estava falando de forma metafórica aqui. Ele estava dizendo que quem ora pedindo coisas grandes vê grandes coisas acontecerem.

Cristo quer que seu povo seja tão confiante no poder de Deus, que ore pedindo coisas maravilhosas; e ele promete que, ao orar desta forma, coisas maravilhosas *acontecerão*. A história demonstra a veracidade desta declaração. Os cristãos realizaram coisas incríveis ao longo das épocas: grandes iniciativas missionárias, a abolição da escravatura, obras de caridade como hospitais e orfanatos, entre outros. Por trás destas conquistas, houve alguém que orou com extremo fervor, pedindo que, apesar de todos os obstáculos aparentes, o objetivo em questão fosse alcançado. Jesus estava declarando aos discípulos sua vontade de que orássemos assim. Ele quer que seu povo ore e se esforce por aquilo que os demais consideram causas perdidas.

Quando Jesus disse: "tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis", ele estava claramente fazendo uma declaração hiperbólica.

Certas pessoas dizem que, se acreditamos que alguma coisa pode acontecer, ela acontecerá pela força da nossa convicção. A oração é a força mais poderosa que temos ao nosso dispor, mas não é mágica. O que Jesus ensinou aqui sobre oração deve ser compreendido à luz de tudo o que ele ensinou sobre oração de modo geral. Ele não estava dizendo que, se pedirmos qualquer coisa crendo em seu nome, ela acontecerá. Ele estava incentivando seu povo a fugir da indolência, a ser corajoso, a ser audaz, a procurar fazer aquilo que poucos sequer sonham em tentar.

A AUTORIDADE DE JESUS

Mateus 21.23-32



> Tendo Jesus chegado ao templo, estando já ensinando, acercaram-se dele os principais sacerdotes e os anciãos do povo, perguntando: Com que autoridade fazes estas coisas? E quem te deu essa autoridade? E Jesus lhes respondeu: Eu também vos farei uma pergunta; se me responderdes, também eu vos direi com que autoridade faço estas coisas. Donde era o batismo de João, do céu ou dos homens? E discorriam entre si: Se dissermos: do céu, ele nos dirá: Então, por que não acreditastes nele? E, se dissermos: dos homens, é para temer o povo, porque todos consideram João como profeta. Então, responderam a Jesus: Não sabemos. E ele, por sua vez: Nem eu vos digo com que autoridade faço estas coisas. E que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Chegando-se ao primeiro, disse: Filho, vai hoje trabalhar na vinha. Ele respondeu: Sim, senhor; porém não foi. Dirigindo-se ao segundo, disse-lhe a mesma coisa. Mas este respondeu: Não quero; depois, arrependido, foi. Qual dos dois fez a vontade do pai? Disseram: O segundo. Declarou-lhes Jesus: Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus. Porque João veio a vós outros no caminho da justiça, e não acreditastes nele; ao passo que publicanos e meretrizes creram. Vós, porém, mesmo vendo isto, não vos arrependestes, afinal, para acreditardes nele.

No capítulo anterior, nós consideramos a atitude de Jesus de amaldiçoar a figueira, o que, conforme vimos, foi uma lição prática e profética que criticava a hipocrisia e uma indicação de que a ira de Deus é acumulada contra este pecado grave. O trecho do presente capítulo e os textos que o seguem continuam a abordar o tema da hipocrisia, mais especificamente a hipocrisia do clero dominante na época de Jesus. Os constituintes deste clero seriam os principais responsáveis, humanamente falando, pela rejeição e execução de Jesus.

Mateus começa escrevendo: **Tendo Jesus chegado ao templo, estando já ensinando, acercaram-se dele os principais sacerdotes e os anciãos do povo, perguntando: Com que autoridade fazes estas coisas? E quem te deu essa autoridade?** (v. 23). Jesus entrou no templo, provavelmente logo após amaldiçoar a figueira, e começou a ensinar o povo. Contudo, os principais sacerdotes e os anciãos interromperam-no. Ao que parece, eles não queriam que aquele profeta rústico da Galileia tivesse livre acesso aos recintos do templo. Havia sido apenas alguns dias antes, no máximo, que eles o viram derrubar as mesas dos cambistas e expulsar os comerciantes que traficavam aves para o sacrifício e exploravam os pobres. Eles não tinham como saber o que Jesus faria em seguida ou quais falhas na liderança e no estilo de vida deles ainda poderia expor. Então, como pretexto para encerrar ou interromper seu ministério de ensino, aqueles homens pediram para ver as credenciais dele a fim de saber qual era sua fonte de autoridade para ensinar o povo.

Toda autoridade neste mundo – a autoridade que os pais têm sobre os filhos, que os empregadores têm sobre os empregados, que o governo tem sobre os cidadãos, que os policiais têm sobre as pessoas, que a carrocinha tem sobre os cães – é delegada. Ninguém tem uma autoridade inerente ou intrínseca; ela tem de ser concedida por alguém. O único, em toda a existência, que possui autoridade em si mesmo é Deus. Seja qual for a autoridade que tenhamos, ela vem por uma corrente que começa nele. Os principais sacerdotes e os anciãos entendiam isso, pois perguntaram a Jesus: "Quem te deu essa autoridade?"

Jesus poderia ter dito: "Alguns de vocês já têm idade suficiente para lembrar que eu estive aqui com 12 anos de idade, deixando todos boquiabertos com meu entendimento e minhas perguntas. Conforme expliquei aos meus pais na época, eu tinha de estar na casa de meu Pai [Lc 2.41-50]. O mesmo acontece agora. A autoridade com a qual faço estas coisas é proveniente da fonte e origem de toda a autoridade no

universo: o próprio Deus. Ele me deu a autoridade que possuo." Evidentemente, não foi isso o que Jesus disse.

Ele também poderia ter dito: "Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra" (Mt 28.18). Ou, então: "Porque eu não tenho falado por mim mesmo, mas o Pai, que me enviou, esse me tem prescrito o que dizer e o que anunciar" (Jo 12.49). Contudo, ele guardou estas observações para outras circunstâncias.

Sacerdotes e anciãos com um dilema

De forma muito inteligente, Jesus virou o jogo, respondendo aos homens que acreditavam ser donos de toda autoridade: **Eu também vos farei uma pergunta; se me responderdes, também eu vos direi com que autoridade faço estas coisas. Donde era o batismo de João, do céu ou dos homens?** (v. 24-25a). Em outras palavras, ele queria que os sacerdotes e os anciãos lhe dissessem qual era a fonte da autoridade de João para batizar – Deus ou os homens. Esta pergunta apresentava às autoridades religiosas um dilema e tanto: **E discorriam entre si: Se dissermos: do céu, ele nos dirá: Então, por que não acreditastes nele? E, se dissermos: dos homens, é para temer o povo, porque todos consideram João como profeta** (v. 25b-26).

Jesus sabia que eles não atribuiriam o batismo e o ministério de João a Deus. João era um profeta, e ninguém poderia ser um profeta verdadeiro sem ser chamado e separado pela autoridade de Deus. Logo, o céu estava por trás do ministério de João Batista. Contudo, se os sacerdotes e os anciãos admitissem isso, a discussão terminaria, pois Jesus os lembraria de que João havia apontado para ele e declarado: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" (Jo 1.29b). Se os sacerdotes e os anciãos atribuíssem a autoridade de João ao céu, não teriam fundamento para desafiar a autoridade de Jesus.

Os líderes religiosos, entretanto, também não podiam atribuir a autoridade de João aos homens. Embora seja estranho pensar neste sentido, é possível que João ainda fosse mais famoso do que Jesus naquele momento. João era reconhecido como profeta por praticamente todos os judeus, o primeiro desde que a voz profética em Israel havia sido silenciada 400 anos antes. O instante em que João Batista entrou em cena fora o mais emocionante em todos aqueles quatro séculos. Assim sendo, se os sacerdotes e os anciãos falassem que João realizava seu ministério com autoridade própria, estariam afirmando que ele não era um profeta verdadeiro; e, se dissessem isso, toda a população se voltaria contra eles.

Observe que, quando se afastaram para deliberar sobre a pergunta de Jesus, eles não se questionaram: "O que vocês acham? Será que João foi enviado de Deus?" Em vez disso, disseram: "Se falarmos que foi do céu, Jesus nos perguntará por que não acreditamos em João. Se dissermos que foi dos homens, teremos atrito com o povo." Não houve discussão quanto à pergunta em si, quanto à opção verdadeira, porque eles não se importavam com a verdade. Eles estavam tentando descobrir qual era a resposta mais conveniente para o momento, a resposta que em nada prejudicaria a posição que ocupavam.

No fim, eles simplesmente desistiram: **Então, responderam a Jesus: Não sabemos** (v. 27a). Eles perceberam que estavam diante de uma proposição que os faria sair perdendo de qualquer maneira e que, portanto, era melhor simplesmente admitir que não sabiam. Então Jesus disse**, por sua vez: Nem eu vos digo com que autoridade faço estas coisas** (v. 27b). Ao mostrar para os sacerdotes e anciãos que era capaz de desmascarar, com facilidade, sua hipocrisia e falta de preocupação com a verdade, Jesus assegurou o próprio direito de ensinar na casa do Pai. Os homens que haviam exigido suas credenciais calaram-se.

Dois filhos com respostas diferentes

Jesus imediatamente retomou o ensino no templo, começando com a parábola dos dois filhos. Ao que tudo indica, esta parábola era destinada aos mesmos homens com quem ele estivera discutindo momentos antes. Segundo Mateus, Jesus disse: **E que vos parece? Um homem tinha dois filhos. Chegando-se ao primeiro, disse: Filho, vai hoje trabalhar na vinha. Ele respondeu: Sim, senhor; porém não foi. Dirigindo-se ao segundo, disse-lhe a mesma coisa. Mas este respondeu: Não quero; depois, arrependido, foi** (v. 28-30). Mais uma vez, o tema da parábola é hipocrisia. Dois filhos deram respostas diferentes ao pedido do pai: um disse que não iria, mas arrependeu-se e foi; o outro concordou em ir, mas não foi. O objetivo da parábola é mostrar que os líderes religiosos não respondiam de forma adequada ao ministério de João Batista.

Depois de apresentar o exemplo dos dois filhos, Jesus perguntou: **Qual dos dois fez a vontade do pai? Disseram: O segundo** (v. 31a). Esta não era uma pergunta capciosa. Os sacerdotes e os anciãos não tiveram dificuldade para respondê-la: disseram que o segundo filho fez a vontade do pai. Ora, o segundo filho disse que não obedeceria ao pai. Ele estava relutante. Porém, embora hesitasse, acabou obedecendo. No momento necessário, ele estava na vinha, trabalhando. Já o primeiro filho parecia estar com muito boa vontade inicialmente, concordando em ir à vinha; porém, assim que o pai virou as costas, seguiu pelo caminho oposto.

Ao ouvir a resposta deles, **Declarou-lhes Jesus: Em verdade vos digo que publicanos e meretrizes vos precedem no reino de Deus. Porque João veio a vós outros no caminho da justiça, e não acreditastes nele; ao passo que publicanos e meretrizes creram. Vós, porém, mesmo vendo isto, não vos arrependestes, afinal, para acreditardes nele** (v. 31b-32). O que Jesus estava dizendo aqui?

Os principais sacerdotes e os anciãos eram como o filho que disse que iria, mas não foi. Quando o Pai mandou que fossem ao rio Jordão a fim de serem batizados, eles não foram. Isso lhes feriria a dignidade. Por que

deveriam se arrepender? Eles não estavam dispostos a admitir publicamente que eram pecadores. Estes líderes haviam recebido a ordem de ser representantes de Deus, de ser filhos que trabalhassem pelo reino, mas não a obedeceram.

Os publicanos e as meretrizes de Jerusalém, por sua vez, foram até o rio e submeteram-se ao batismo de João em arrependimento. Quando ouviram falar do homem que parecia um profeta e se comportava como um, convocando todos a ir ao rio a fim de se arrependerem e serem purificados do pecado sob a justificativa de que o reino de Deus estava para chegar a qualquer minuto, eles não deram ouvidos logo de cara. O publicano falou:

— Eu é que não vou. Estou muito ocupado. Preciso ganhar dinheiro.

A meretriz disse:

— Você está brincando? Está pedindo que eu faça algo religioso? Você acha mesmo que eu vou até lá confessar que sou pecadora na frente de todo mundo e deixar que esse homem me batize?

Porém, naquela mesma noite, quando o publicano colocou a cabeça no travesseiro, pensou:

— Preciso fazer algo a respeito do meu pecado, pois o sentimento de culpa está me matando.

A meretriz também não tinha ilusões quanto à sua integridade ou pureza. Ela disse:

— Estou me afogando em pecado e culpa. Será que existe alguém capaz de purificar-me?

Então, o publicano e a meretriz dirigiram-se ao rio e foram batizados. Jesus disse que estes foram os que fizeram a coisa certa. Eles se submeteram ao batismo de João. Por conseguinte, entrariam no reino de Deus em lugar dos sacerdotes e anciãos.

Costuma-se dizer que a igreja está cheia de hipócritas. Não, a igreja está cheia de pecadores. Apenas aqueles que alegam não ser pecadores

são hipócritas. Eu desconheço outra organização, além da igreja, que exige dos candidatos a declaração pública de serem pecadores como condição para que se tornem membros.

Há mais um aspecto desta parábola que não devemos negligenciar. Ninguém, jamais, é salvo por uma profissão de fé. Incontáveis milhões já foram a reuniões evangelísticas e, após o apelo, levantaram-se do banco e dirigiram-se à frente para receber Cristo – ou, então, levantaram a mão, assinaram uma ficha ou repetiram uma oração. No dia seguinte, entretanto, voltaram a mergulhar no pecado. Ninguém, jamais, foi justificado por dizer: "Eu, neste momento, tomo a decisão de seguir a Jesus." Os justificados, os salvos, são os que seguem a Jesus. Eles não apenas dizem que vão segui-lo – eles não se limitam a professar a fé – mas o fazem porque têm fé de verdade.

Quantas vezes você já fez uma promessa ao seu cônjuge, aos seus filhos ou à igreja e não a cumpriu? O primeiro filho fez isso. Ele disse:

— É claro que eu vou, pai. Estarei na vinha logo cedo. Pode contar comigo.

No entanto, quando a hora chegou, ele não apareceu. Você é este tipo de pessoa, que promete, mas nunca cumpre?

Quando o pai pede: "Você pode ir à vinha?", o ideal é responder: "Claro que posso" e, de fato, ir. Somos o povo de Deus, remido por sua graça e misericórdia mediante o sangue de seu Filho. Ele nos chama, como seu povo, a trabalhar por ele em seu reino todos os dias. É terrível dizer que vamos servir a Deus em seu reino e nunca fazê-lo.

A PARÁBOLA DA VINHA

Mateus 21.33-46

Atentai noutra parábola. Havia um homem, dono de casa, que plantou uma vinha. Cercou-a de uma sebe, construiu nela um lagar, edificou-lhe uma torre e arrendou-a a uns lavradores. Depois, se ausentou do país. Ao tempo da colheita, enviou os seus servos aos lavradores, para receber os frutos que lhe tocavam. E os lavradores, agarrando os servos, espancaram a um, mataram a outro e a outro apedrejaram. Enviou ainda outros servos em maior número; e trataram-nos da mesma sorte. E, por último, enviou-lhes o seu próprio filho, dizendo: A meu filho respeitarão. Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; ora, vamos, matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança. E, agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e o mataram. Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores? Responderam-lhe: Fará perecer horrivelmente a estes malvados e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos. Perguntou-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras:

A pedra que os construtores rejeitaram,
essa veio a ser a principal pedra, angular;
isto procede do Senhor
e é maravilhoso aos nossos olhos?

Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos. Todo o que cair sobre esta pedra ficará em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó. Os principais sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas parábolas, entenderam que era a respeito deles que Jesus falava; e, conquanto buscassem prendê-lo, temeram as multidões, porque estas o consideravam como profeta.

Era comum para Jesus citar atividades agrícolas em suas parábolas, e a passagem que examinaremos neste capítulo apresenta um exemplo disso. Assim como várias outras parábolas, esta fala de uma vinha. O emprego de tal imagem era coerente porque as uvas eram uma cultura importante na Palestina. Além disso, a vinha era uma imagem do reino de Deus, pois o Antigo Testamento retratava a nação de Israel como sua vinha. Com esta metáfora vívida, Jesus fez uma breve recapitulação da história da redenção.

Mateus diz que Jesus, dando continuidade ao ensinamento após contar a parábola dos dois filhos e interagir com os principais sacerdotes e os anciãos (v. 23-32), prosseguiu dizendo: **Atentai noutra parábola. Havia um homem, dono de casa, que plantou uma vinha. Cercou-a de uma sebe, construiu nela um lagar, edificou-lhe uma torre e arrendou-a a uns lavradores. Depois, se ausentou do país** (v. 33). Jesus falou sobre um proprietário de terras que havia se esforçado para produzir uma vinha fértil. Ele fez o cultivo, plantou uma cerca viva ao redor da vinha para protegê-la, cavou um lagar que seria usado quando as uvas amadurecessem e construiu uma torre de onde os vigias poderiam avistar possíveis ladrões ou animais destruidores. Por fim, quando a vinha estava pronta, ele a arrendou para um grupo de vinheiros – homens contratados para cultivá-la – e foi para outro país. É importante observar que o Novo Testamento não vê com bons olhos os "contratados", pois eles não têm o mesmo cuidado do dono (veja João 10.12-13), e a parábola reforça esta ideia.

No geral, os donos de vinhas eram ricos, pois a cultura exigia um investimento inicial pesado que só dava retorno após vários anos. Hoje não é diferente. Nas grandes regiões produtoras de uva na Califórnia, como Napa Valley e Sonoma, diz-se que as vinhas geram uma pequena fortuna – contanto que se invista uma grande fortuna primeiro. No antigo Israel, porém, os ricos estavam dispostos a investir em vinhas porque o clima era muito adequado e a economia dependia demais da produção de vinho. O proprietário da parábola, então, era um homem rico que havia investido uma quantia considerável para cultivar sua vinha.

Jesus disse: **Ao tempo da colheita, enviou os seus servos aos lavradores, para receber os frutos que lhe tocavam** (v. 34). O proprietário estava naturalmente ansioso por saber como a vinha estava progredindo. Assim que o primeiro lote de vinho ficou pronto para consumo, ele enviou

alguns servos aos lavradores, solicitando que lhe enviassem amostras do vinho produzido. Aqui, porém, a história toma um rumo estranho e chocante: **E os lavradores, agarrando os servos, espancaram a um, mataram a outro e a outro apedrejaram. Enviou ainda outros servos em maior número; e trataram-nos da mesma sorte** (v. 35-36). Os lavradores não apenas se recusaram a enviar o vinho solicitado, como também maltrataram os servos do proprietário, chegando a matar um deles. Quando tomou conhecimento da atrocidade, o dono enviou outro grupo de servos, maior do que o primeiro, mas eles foram alvo do mesmo tratamento terrível.

Confrontado por este comportamento dos lavradores renegados, o proprietário decidiu enviar seu filho: **E, por último, enviou-lhes o seu próprio filho, dizendo: A meu filho respeitarão. Mas os lavradores, vendo o filho, disseram entre si: Este é o herdeiro; ora, vamos, matemo-lo e apoderemo-nos da sua herança. E, agarrando-o, lançaram-no fora da vinha e o mataram** (v. 37-39). O proprietário acreditava que os lavradores respeitariam seu filho, pois este estaria revestido de sua autoridade. No entanto, eles o trataram exatamente da mesma forma como haviam tratado os servos. Por algum motivo, chegaram à conclusão de que, se matassem o herdeiro, receberiam posse total da vinha. Assim sendo, assassinaram o filho do proprietário a sangue frio.

Inimizade contra Deus

Não há como deixar passar a mensagem óbvia da parábola. Primeiro, a vinha é a nação de Deus, Israel. Vemos isto claramente nos versículos iniciais de Isaías 5, onde o profeta escreve a respeito de Deus:

> Agora, cantarei ao meu amado
> o cântico do meu amado a respeito da sua vinha.
>
> O meu amado teve uma vinha
> num outeiro fertilíssimo.

> Sachou-a, limpou-a das pedras
> e a plantou de vides escolhidas;
>
> edificou no meio dela uma torre
> e também abriu um lagar.
> Ele esperava que desse uvas boas,
> mas deu uvas bravas.
>
> Agora, pois, ó moradores de Jerusalém e homens de Judá,
> julgai, vos peço, entre mim e a minha vinha.
> Que mais se podia fazer ainda à minha vinha,
> que eu lhe não tenha feito?
> E como, esperando eu que desse uvas boas,
> veio a produzir uvas bravas? […]
>
> Porque a vinha do SENHOR dos Exércitos é a casa de Israel (v. 1-4,7a).

Deus adotou o povo de Israel, tirou-o do Egito e "plantou-o" em Canaã. Ele o alimentou, cuidou dele e fê-lo crescer. Ele esperava que o povo fosse frutífero, que manifestasse os frutos da santidade: "Santos sereis, porque eu, o SENHOR, vosso Deus, sou santo" (Lv 19.2). Israel deveria manifestar a glória de Deus a todas as nações do mundo. Contudo, em vez de produzir o bom fruto da santidade, o povo produziu uvas bravas, estragadas e podres quando caiu em idolatria e outros pecados.

Segundo, voltando ao significado da parábola, vemos a nítida intenção de Jesus de que os servos representassem o tratamento dispensado aos profetas do Antigo Testamento. Eles raramente haviam sido bem-vindos, suas mensagens geravam escárnio e descrença, e, com frequência, eram extremamente maltratados. Por exemplo, a rainha Jezabel massacrava profetas (veja 1Rs 18.4) e tentou, a todo custo, fazer o mesmo com Elias. Jeremias foi espancado e colocado no tronco (Jr 20.1-2). Jesus fez alusão até mesmo ao assassinato de profetas anônimos (Lc 11.47). Por fim, o filho na parábola é uma clara referência ao próprio

Cristo. Ele foi enviado pelo Pai, desrespeitado por aqueles que deveriam tê-lo honrado e, depois, morto.

A rejeição do Filho

Para se certificar de que os líderes religiosos haviam captado a mensagem, Jesus fez algumas perguntas: **Quando, pois, vier o senhor da vinha, que fará àqueles lavradores? Responderam-lhe: Fará perecer horrivelmente a estes malvados e arrendará a vinha a outros lavradores que lhe remetam os frutos nos seus devidos tempos** (v. 40-41). Em sua ignorância, eles deram uma resposta quase profética à pergunta de Jesus: o proprietário (Deus) destruiria os lavradores (líderes religiosos) e entregaria a vinha a outros.

Jesus, em seguida, remeteu-os ao Antigo Testamento, mais especificamente ao Salmo 118.22-23: **Perguntou-lhes Jesus: Nunca lestes nas Escrituras: A pedra que os construtores rejeitaram, essa veio a ser a principal pedra, angular; isto procede do Senhor e é maravilhoso aos nossos olhos?** (v. 42). A referência aqui é à indústria da construção. Os construtores iam até o monte de pedras e selecionavam os melhores exemplares a fim de empregá-los em suas construções mais excelentes, desprezando as peças defeituosas. O salmista, porém, retrata um construtor que se aproxima do monte e observa uma das pedras que os colegas haviam descartado. Ele não somente a utiliza em sua casa, como faz dela a pedra angular. A referência aqui era, novamente, ao Filho. Embora fosse ser rejeitado e maltratado à semelhança do filho na parábola, embora fosse ser descartado como algo defeituoso por aqueles que supostamente conheciam tais coisas, ele viria a ser a pedra angular, a figura crucial no plano do Pai.

Com isso, Jesus falou abertamente às autoridades religiosas: **Portanto, vos digo que o reino de Deus vos será tirado e será entregue a um povo que lhe produza os respectivos frutos. Todo o que cair sobre esta pedra ficará**

em pedaços; e aquele sobre quem ela cair ficará reduzido a pó (v. 43-44). Por causa de sua hipocrisia, esses sacerdotes, anciãos e outros perderiam a tarefa privilegiada de cuidar da vinha de Deus. Uma vez que estavam tropeçando em Jesus (a pedra angular), eles cairiam e seriam esmagados por ele.

Às vezes, chegamos facilmente à conclusão de que os líderes religiosos com quem Jesus discutia eram muito obtusos. Neste caso, entretanto, eles captaram a mensagem. Mateus diz: **Os principais sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas parábolas, entenderam que era a respeito deles que Jesus falava; e, conquanto buscassem prendê-lo, temeram as multidões, porque estas o consideravam como profeta** (v. 45-46). Jesus havia deixado dolorosamente óbvio que a crítica era direcionada a eles, os quais, por sua vez, entenderam isso muito bem. Contudo, em vez de se arrepender, eles procuraram silenciá-lo. Os principais sacerdotes e os fariseus foram impedidos apenas por temer as multidões, pois elas ainda estavam entusiasmadas com Jesus naquele momento. Mesmo assim, começaram a planejar uma forma de se livrar do Filho do Proprietário da vinha.

A PARÁBOLA DAS BODAS

Mateus 22.1-14



De novo, entrou Jesus a falar por parábolas, dizendo-lhes: O reino dos céus é semelhante a um rei que celebrou as bodas de seu filho. Então, enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas; mas estes não quiseram vir. Enviou ainda outros servos, com esta ordem: Dizei aos convidados: Eis que já preparei o meu banquete; os meus bois e cevados já foram abatidos, e tudo está pronto; vinde para as bodas. Eles, porém, não se importaram e se foram, um para o seu campo, outro para o seu negócio; e os outros, agarrando os servos, os maltrataram e mataram. O rei ficou irado e, enviando as suas tropas, exterminou aqueles assassinos e lhes incendiou a cidade. Então, disse aos seus servos: Está pronta a festa, mas os convidados não eram dignos. Ide, pois, para as encruzilhadas dos caminhos e convidai para as bodas a quantos encontrardes. E, saindo aqueles servos pelas estradas, reuniram todos os que encontraram, maus e bons; e a sala do banquete ficou repleta de convidados. Entrando, porém, o rei para ver os que estavam à mesa, notou ali um homem que não trazia veste nupcial e perguntou-lhe: Amigo, como entraste aqui sem veste nupcial? E ele emudeceu. Então, ordenou o rei aos serventes: Amarrai-o de pés e mãos e lançai-o para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes. Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos.

Durante a semana santa, aquela que precedeu a traição, a prisão, o julgamento, a crucificação e a morte de Jesus, nosso Senhor ensinou extensivamente nos recintos do templo. Anos mais tarde, quando Mateus pôs-se a redigir seu evangelho e, para tanto, selecionou textos concernentes àquela semana decisiva, ele optou por incluir muitos ensinamentos que haviam sido direcionados especialmente aos líderes religiosos judeus e também alguns diálogos entre Jesus e eles. Grande parte do que Cristo disse naqueles dias visava a confrontar,

desafiar e expor os líderes, e a parábola que estudaremos neste capítulo – a parábola das bodas – era parte deste desígnio.

Já vimos, ao longo de nosso estudo sobre Mateus, que muitas parábolas de Jesus falam sobre o reino dos céus. Ele costumava começá-las dizendo: "O reino dos céus é semelhante a […]". O início de seu ministério público foi anunciado por João Batista, que clamou ao povo: "Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus" (3.2). Jesus iniciou sua pregação com a mesmíssima mensagem: "Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus" (4.17). Ao longo de seu ministério de ensino, muitas parábolas tinham como foco a realidade urgente de se entrar no reino de Deus, e a parábola das bodas também servia a este propósito.

Mateus diz: **De novo, entrou Jesus a falar por parábolas, dizendo-lhes: O reino dos céus é semelhante a um rei que celebrou as bodas de seu filho** (v. 1-2). Está claro que o filho para quem o rei organizou o casamento e as bodas era o príncipe herdeiro. Não consigo imaginar um evento social mais significativo em um reino do que o casamento do príncipe herdeiro. Em uma situação como esta, o que o rei deseja é honrar o filho com um banquete que supere todos os outros banquetes. Receber um convite do palácio para comparecer à cerimônia de casamento e participar da celebração é uma honra inimaginável. Assim, Jesus iniciou a parábola retratando a aproximação de um evento jubiloso.

Todavia, ele introduziu uma reviravolta quase inacreditável à história: **Então, [o rei] enviou os seus servos a chamar os convidados para as bodas; mas estes não quiseram vir** (v. 3). Os servos foram chamar as pessoas que haviam recebido o convite. Elas não estavam incapacitadas ou ocupadas demais para comparecer. Em outras palavras, não é que elas *não puderam* ir; elas simplesmente *não quiseram* ir.

Podemos introduzir ramificações teológicas neste ponto. Sabemos, por meio de outras passagens das Escrituras, que quem recusa o convite

de Deus para as bodas de seu Filho realmente não pode ir; afinal, está morto em ofensas e pecados (Ef 2.1). O próprio Senhor Jesus disse, em certa ocasião: "Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer" (Jo 6.44a). Logo, seria fácil concluir que, na parábola, a recusa não era motivada por má vontade dos convidados; eles não podiam comparecer porque seu coração precisava ser transformado antes. Só então, teriam desejo ou disposição para ir. Tudo isso é verdade, mas também é verdade que não podemos fazer aquilo que não queremos fazer. Portanto, em certo sentido, aquelas pessoas não puderam ir às bodas justamente porque não quiseram.

Já frisei inúmeras vezes que todo ser humano, em todas as decisões que tem de tomar, faz a escolha de acordo com sua inclinação mais forte no momento. Isto é, ninguém jamais faz algo que, em última análise, não quer fazer. Mesmo se apontarem uma arma e pedirem nosso dinheiro, não temos, necessariamente, de obedecer. Podemos deixar que o assaltante atire e roube o quiser, arriscando nossa vida. Ou, então, podemos entregar o dinheiro na esperança de que ele o leve e fuja sem fazer uso de violência. Isso não é exatamente livre arbítrio, mas a vontade não é omitida em sua totalidade. Seja como for, as pessoas que haviam sido convidadas para as bodas do rei não estavam dispostas a comparecer.

A prática habitual do evangelismo moderno envolve convidar pessoas a colocar a confiança em Cristo. Todavia, este conceito é praticamente estranho às Escrituras. Deus não convida pessoas a ir a Cristo; ele ordena que o façam. O convite na parábola de Jesus não foi diferente. Os convidados haviam recebido uma convocação real.

Indiferença e hostilidade

Jesus prosseguiu: **Enviou ainda outros servos, com esta ordem: Dizei aos convidados: Eis que já preparei o meu banquete; os meus bois e cevados já**

foram abatidos, e tudo está pronto; vinde para as bodas. Eles, porém, não se importaram e se foram, um para o seu campo, outro para o seu negócio (v. 4-5). O rei era paciente e enviou outros servos para convocar, mais uma vez, os convidados. Porém, muito embora fosse o próprio rei quem os estivesse chamando, alguns "não se importaram". Não era uma questão relevante para eles. Eles simplesmente não ligavam. Aquelas pessoas estavam mais preocupadas com suas fazendas e seus negócios, isto é, com os assuntos cotidianos da vida. Outras, entretanto, reagiram de forma mais negativa: **e os outros, agarrando os servos, os maltrataram e mataram** (v. 6). Eles odiavam tanto o rei, que maltrataram e assassinaram seus servos.

Se você é um ministro do evangelho ou se costuma compartilhar a fé com os demais, sabe bem que muitos daqueles que ouvem as boas novas simplesmente as desprezam. Eles parecem não se importar com o que ouvem. Já outros ficam irritados com a mensagem, demonstrando o ódio natural do homem contra Deus e seus mensageiros. Nestes casos, a oferta graciosa de salvação nada causa além de enfurecimento.

A paciência do rei esgotou-se diante da violência exercida contra os servos: **O rei ficou irado e, enviando as suas tropas, exterminou aqueles assassinos e lhes incendiou a cidade** (v. 7). Deus tem uma tropa? Sim. A Bíblia o chama de "o SENHOR dos Exércitos" (Sl 24.10; Is 1.9; Ml 1.4). Esses exércitos são tropas, forças celestiais, legiões angélicas que estão sob seu comando em todos os momentos.

Jesus deu prosseguimento à parábola, dizendo: **Então, disse aos seus servos: Está pronta a festa, mas os convidados não eram dignos. Ide, pois, para as encruzilhadas dos caminhos e convidai para as bodas a quantos encontrardes. E, saindo aqueles servos pelas estradas, reuniram todos os que encontraram, maus e bons; e a sala do banquete ficou repleta de convidados** (v. 8-10). O rei não admitiu ser contrariado. Era desejo dele que seu filho fosse honrado e que todos os assentos fossem ocupados nas

bodas. Se os convidados iniciais não estavam interessados em comparecer ou se resistiam com violência, o rei encontraria quem fosse.

Um dos momentos mais marcantes que já vivi em campanhas evangelísticas aconteceu quando eu liderava um grupo de fiéis de uma igreja em Cincinnati, Ohio. Nós costumávamos sair pela comunidade todas as terças-feiras à noite em grupos de três. Certo dia, chegou a vez de um dos idosos fazer sua primeira apresentação do evangelho. Nós batemos à porta de um apartamento, e uma das duas moças solteiras que moravam ali nos recebeu. Foi um dos lugares mais estranhos e assustadores que eu já vi. As paredes eram pintadas de preto, e havia luzes estroboscópicas por todo canto. Então, o senhor que estava comigo começou a apresentar o evangelho para a moça. Na metade do discurso, ela o interrompeu:

— Pare agora mesmo. Eu já ouvi isso mil vezes. Não estou interessada. Não quero ouvir o que o senhor tem a dizer.

Eu treinava meu pessoal para não ser agressivo nem insistente quando apresentasse o evangelho. Tendo isso em mente, o idoso falou, em voz baixa:

— Bem, obrigado por ouvir até agora e por nos deixar entrar. Espero, um dia, poder continuar nossa conversa.

Neste momento, eu me manifestei. Falei para a moça:

— Se você realmente já ouviu isso mil vezes, será que doeria ouvir só mais uma vez?

Ela respondeu:

— Acho que não.

Então, perguntei:

— Você me daria só cinco minutos para terminar a conversa?

A jovem aceitou. Eu concluí a apresentação do evangelho, mas não lhe pedi que tomasse uma decisão. Simplesmente agradeci pela paciência que tivera conosco e despedi-me. Seis semanas depois, ela apareceu na

classe de novos membros da igreja. A mulher contou a todos os que estavam ali que, após nossa visita naquela noite, ela foi para o quarto, desmanchou-se em lágrimas, ajoelhou-se ao lado da cama e entregou sua vida a Cristo. Ela precisou ouvir o evangelho mil e uma vezes antes de o Espírito tocar seu coração com a Palavra de Deus.

Esta parte da parábola tem muito em comum com alguns ensinamentos que Jesus transmitiu desde sua entrada triunfal. Ela mostra, mais uma vez, que aqueles a quem o reino havia sido confiado – os sacerdotes, os anciãos, os escribas e assim por diante – perderam seu lugar ao rejeitar o Rei, o próprio Jesus. Por conseguinte, o reino seria tomado deles e entregue a outros.

Traje adequado de casamento

Jesus concluiu a parábola com uma informação que, embora se assemelhe a uma nota de rodapé, é muito significativa. Ele disse: **Entrando, porém, o rei para ver os que estavam à mesa, notou ali um homem que não trazia veste nupcial e perguntou-lhe: Amigo, como entraste aqui sem veste nupcial? E ele emudeceu** (v. 11-12). Lembre-se de que o último grupo de servos tinha ido para as encruzilhadas dos caminhos a fim de convidar qualquer um que encontrasse pela frente para o banquete do rei. Estas pessoas ficaram felizes com o convite e arrumaram-se às pressas. Quando os convidados estavam reunidos, entretanto, o rei chegou e encontrou um homem que não estava com os trajes adequados.

Qual é a vestimenta adequada que a parábola menciona? Agostinho, bispo de Hipona do quinto século no norte da África, estava convencido de que é a justiça de Cristo. Se não estivermos vestidos nesta justiça, não seremos bem-vindos nas bodas do Cordeiro no céu; toda a nossa justiça, segundo a Bíblia, é como um trapo de imundícia (Is 64.6). Podemos entrar no reino dos céus somente se estivermos vestidos na justiça de

Jesus, a qual é imputada a todos os que creem (Zc 3.3-4). Outros estudiosos discordam de Agostinho, afirmando que não há qualquer indicação direta na parábola de que o traje adequado para as bodas aponte para a justiça de Cristo. Ora, eu leio o que estes comentaristas escrevem e penso: "O que há de errado com vocês? A que mais o texto poderia estar se referindo?"

Quando o rei notou a presença do homem com roupas impróprias e o questionou a respeito, o que ele respondeu? Por acaso ele disse: "Desculpe, Vossa Alteza. Eu estava tão atarefado, que não tive tempo de ir para casa me arrumar. Vim diretamente para cá em resposta ao convite dos seus servos"? Ou será que ele disse: "Que diferença faz a forma como estou vestido? Por que o senhor é tão esnobe, rei? Eu não achei que fosse necessário me empetecar para ser bem-vindo à sua festa"? Não. Jesus falou que o homem não conseguiu pensar em nada para dizer. Em vez disso, "ele emudeceu".

Isso está de acordo com o ensinamento bíblico universal sobre as respostas humanas no dia do juízo, ocasião em que todos os seres humanos serão levados ao tribunal de Deus, e os pecados de cada um deles será manifesto. Somos informados, nas Escrituras, que todas as pessoas ficarão em silêncio diante dele (Sl 76.8-9; Sf 1.7; Zc 2.13). Quando estivermos perante um Deus onisciente, que conhece tudo o que já fizemos ou pensamos, qual desculpa poderíamos dar-lhe? Qualquer um diante de Deus no juízo final terá ao menos o bom senso de manter a boca fechada, pois nada haverá a dizer.

Diante do silêncio do homem que estava desprovido de trajes apropriados, **ordenou o rei aos serventes: Amarrai-o de pés e mãos e lançai-o para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes** (v. 13). Sem a vestimenta adequada, ele simplesmente não podia permanecer no banquete; seu lugar era nas trevas exteriores, no lugar de sofrimento e tormento.

Por fim, Jesus disse: **Porque muitos são chamados, mas poucos, escolhidos** (v. 14). Este versículo é motivo de grande embaraço para muitas pessoas, pois é pura doutrina da eleição. Ele afirma que muitos recebem o chamado externo do evangelho, mas que nem todos o escutam internamente. O apóstolo Paulo fala sobre o "chamado eficaz" do evangelho, feito apenas aos eleitos: "E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou" (Rm 8.30). Muitos ouvem o evangelho, e alguns fazem falsas profissões de fé. No entanto, Deus chama pessoas de todas as nações não apenas externamente, mas, pelo poder de seu Santo Espírito, chama-as internamente, alterando as disposições do coração. Assim, aqueles que antes não estavam dispostos a entrar na presença do Rei e do seu Filho passam, de repente, a estar dispostos e ávidos por isso.

Nenhum de nós pode transformar o próprio coração assim. Somente o Espírito Santo pode. Ele torna dispostos aqueles que antes não tinham vontade. Ele torna interessados aqueles que antes não se importavam. Ele faz isso porque Deus determinou que Seu Filho será honrado. Todos aqueles que o Pai concedeu ao Filho vão a ele com alegria.

DAI A CÉSAR

Mateus 22.15-22



Então, retirando-se os fariseus, consultaram entre si como o surpreenderiam em alguma palavra. E enviaram-lhe discípulos, juntamente com os herodianos, para dizer-lhe: Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus, de acordo com a verdade, sem te importares com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens. Dize-nos, pois: que te parece? É lícito pagar tributo a César ou não? Jesus, porém, conhecendo-lhes a malícia, respondeu: Por que me experimentais, hipócritas? Mostrai-me a moeda do tributo. Trouxeram-lhe um denário. E ele lhes perguntou: De quem é esta efígie e inscrição? Responderam: De César. Então, lhes disse: Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus. Ouvindo isto, se admiraram e, deixando-o, foram-se.

Do momento de sua entrada triunfal em Jerusalém em diante, Jesus confrontou os líderes religiosos do povo judeu. Ele purificou o templo do comércio que havia sido permitido ali, discutiu com eles quanto à fonte de sua autoridade (21.23-27) e, acima de tudo, transmitiu ensinamentos direcionados especialmente a esses homens, expondo sua hipocrisia. Mateus disse que "Os principais sacerdotes e os fariseus, ouvindo estas parábolas, entenderam que era a respeito deles que Jesus falava" (v. 45). Eles não podiam colocar as mãos no Senhor porque ele era uma figura popular entre o povo (v. 46). Logo, como podemos ver na passagem deste capítulo, eles começaram a pensar em formas de prejudicá-lo.

Mateus escreve: **Então, retirando-se os fariseus, consultaram entre si como o surpreenderiam em alguma palavra** (v. 15). Quando leio esta frase introdutória, tenho vontade de rir. Acho engraçado o fato de os líderes

religiosos – homens que obviamente haviam recebido uma educação além do que sua inteligência fora capaz de absorver – terem tentado encontrar uma forma de apanhar Jesus em uma cilada. É evidente que eles não compreendiam com quem estavam lidando. Aquele era o único Homem a pisar na terra cujo cérebro não fora turvado pelos efeitos do pecado. O Deus-homem era o gênio mais brilhante que já havia visitado este planeta, mas os homens julgavam ser capazes de fazê-lo cair em uma armadilha. A esperança deles era empalar Jesus nos chifres de um dilema, confrontá-lo com uma pergunta que o colocasse em conflito com alguém, independentemente da resposta que desse.

Acho interessante a atitude dos fariseus de assumir a liderança nesta iniciativa para pegar Jesus. Desde a entrada triunfal, ele havia interagido com "os principais sacerdotes e os escribas" (21.15), "os principais sacerdotes e os anciãos" (21.23) e "os principais sacerdotes e os fariseus" (21.45). É possível que algumas destas descrições sejam intercambiáveis, mas, conforme lemos nos Evangelhos, parece que os fariseus costumavam liderar a oposição a Jesus. Este parece ter sido o caso aqui.

Mateus prossegue: **E enviaram-lhe discípulos, juntamente com os herodianos, para dizer-lhe: Mestre, sabemos que és verdadeiro e que ensinas o caminho de Deus, de acordo com a verdade, sem te importares com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens** (v. 16). Assim que formularam uma pergunta para Jesus, os fariseus enviaram seus discípulos juntamente com os herodianos – um pequeno grupo que apoiava o governo de Herodes (e que geralmente estava em conflito com os fariseus). Eles se aproximaram de Jesus com os lábios cheios de louvor e cobriram-no de lisonjas. Chamaram-no de "Mestre", muito embora tivessem questionado sua autoridade poucos dias antes, e disseram que ele era verdadeiro, algo totalmente diferente da opinião que tinham a seu respeito – de que era falso. Igualmente, afirmaram que ele ensinava o caminho de Deus de acordo com a verdade, sendo que haviam desafiado

seu ensinamento várias vezes ao longo do ministério. Em seguida, disseram: "sem te importares com quem quer que seja". Com isso, eles não estavam dizendo que Jesus era desprovido de compaixão ou afeto pelas pessoas. Em vez disso, professavam crer que ele não era tendencioso nem parcial no ensino ou no tratamento dispensado às pessoas. Por último, alegaram que ele não olhava "a aparência dos homens". Em grego, o significado literal disso é que Jesus não era "alguém que olha rostos". Ou seja, ele não escolhia as palavras de acordo com as reações dos ouvintes.

Esta última parte da bajulação aponta para um dos tormentos dos pregadores. Como todos os outros pastores, quando estou no púlpito, eu vejo cada bocejo, cada olhar hostil, cada sorriso forçado. Às vezes, quando observo este tipo de reação dos ouvintes, eu penso que deveria suavizar um pouco a mensagem para que eles não joguem tomates em mim. Jesus, entretanto, era diferente. Ele falava a verdade. Ele nunca se afastava dela, nem mesmo por um momento.

Embora os fariseus não acreditassem no que seus discípulos disseram sobre Jesus, tudo aquilo era verdade. Eles queriam lisonjeá-lo, mas, para isso, tiveram de falar coisas reais a seu respeito. Aqueles homens deveriam ter admirado tais qualidades em vez de procurar destruir o Senhor.

Dúvida sobre impostos

Por fim, os discípulos dos fariseus e os herodianos chegaram ao ponto principal da questão: **Dize-nos, pois: que te parece? É lícito pagar tributo a César ou não?** (v. 17). Basicamente, eles estavam perguntando: "É certo, segundo a lei mosaica, pagar impostos aos governantes estrangeiros?" A Bíblia deixa muito claro que pagar impostos é uma atitude legítima. O apóstolo Paulo diz que devemos pagar impostos a quem eles são devidos (Rm 13.7). Portanto, é claramente a vontade de Deus que

paguemos impostos. Aqueles homens, então, não estavam perguntando se é lícito pagar impostos. O que eles estavam perguntando era: "É apropriado?" Os judeus da Palestina no primeiro século foram um dos povos mais tributados em toda a história do mundo. Após conquistá-los, os romanos passaram a fazer todo tipo de cobrança. Evidentemente, os judeus não estavam felizes por pagar impostos àqueles que haviam roubado sua liberdade. Eles não queriam apoiar o regime romano. Além disso, desejavam oferecer seus dízimos e suas ofertas a Deus, mas os pesados encargos dificultavam isso. Por estas razões, os tributos romanos eram profundamente malquistos. Vemos, assim, que os discípulos dos fariseus e os herodianos estavam perguntando o seguinte a Jesus: "Será que isso é algo que devemos fazer, visto que os impostos exigidos são abusivos, confiscatórios, opressivos e injustos?"

A armadilha estava montada. Se Jesus dissesse que os judeus *deveriam* pagar impostos a César, o povo reagiria negativamente, pois odiava os impostos. Se dissesse que os judeus *não deveriam* pagar impostos a César, os fariseus o denunciariam imediatamente aos romanos, acusando-o de fomentar rebelião contra o governo.

No entanto, Mateus diz: **Jesus, porém, conhecendo-lhes a malícia, respondeu: Por que me experimentais, hipócritas? Mostrai-me a moeda do tributo. Trouxeram-lhe um denário** (v. 18-19). Jesus percebeu a armadilha. É óbvio que, em sua natureza divina, ele era onisciente, mas também tinha percepções profundas sobre a natureza humana. Não foi preciso usar poderes divinos para detectar a cilada. Desde quando os fariseus pediam a opinião dele sobre qualquer assunto? O fato de os discípulos dos fariseus e os herodianos terem se aproximado dele com bajulações e uma pergunta supostamente séria bastou para que ele percebesse tudo. Assim sendo, Jesus repreendeu-os pela atitude hipócrita de testá-lo.

É evidente que perceber a armadilha e escapar dela são coisas diferentes. Jesus ainda precisava responder à pergunta com um sim ou

um não. Como ele poderia não ofender as pessoas ou as autoridades? Por ser o Filho de Deus, não precisou ficar arquitetando uma resposta que fosse segura. Ele sabia o que era certo aos olhos de Deus. Então, pediu imediatamente que lhe mostrassem a moeda usada para o pagamento do imposto, ao que lhe trouxeram um denário.

Mateus, em seguida, diz: **E ele lhes perguntou: De quem é esta efígie e inscrição? Responderam: De César** (v. 20-21a). O denário era uma pequena moeda de prata cunhada em Roma. A imagem que o denário trazia na época era o imperador Tibério, que reinou depois de Augusto, entre 14 e 37 d.C. Junto à imagem, havia uma inscrição: "Tibério César, filho do divino Augusto". Do outro lado da moeda, havia a inscrição: "Sumo Sacerdote". O imperador carregava este título por ser não apenas o líder político supremo do Império Romano, mas também o líder religioso supremo. Ele era considerado um deus. Os judeus sabiam muito bem quem estava retratado na moeda, pois abominavam a ideia de Tibério ser considerado divino. Aos olhos do povo, o fato de a moeda trazer a imagem de alguém que fora declarado Deus tornava o denário um ídolo pagão, uma violação do segundo mandamento.

A posição de César trouxe grandes dificuldades e provações para os fiéis da igreja primitiva. Todo cristão era obrigado a fazer o seguinte juramento: "César é senhor". A pena para quem se recusasse era a morte. Mesmo assim, muitos, quando solicitados a dizer "César é senhor", respondiam: "Jesus é Senhor", e esta afirmação passou a ser a primeira confissão da igreja primitiva. O que estes crentes diziam era: "César, nós podemos orar por você. Podemos honrá-lo. Podemos pagar os impostos. Podemos ser bons cidadãos. Mas você não é senhor. Jesus é Senhor. Nós, portanto, não o adoraremos."

Duas esferas divinamente instauradas

Quando Jesus ouviu a resposta, **disse: Dai, pois, a César o que é de César e a Deus o que é de Deus** (v. 21b). A moeda carregava a imagem de César; logo, pertencia a César. Como governante suscitado por Deus, ele tinha o direito de exigir das pessoas que se encontravam sob seu domínio aquilo que lhe pertencia. Jesus estava dizendo que era obrigação dos judeus, por mais que desprezassem César e seu regime, pagar os impostos. Ao mesmo tempo, entretanto, eles tinham de dar a Deus aquilo que era dele: o dízimo e a obediência em todas as áreas. Então, apesar de os fariseus terem formulado uma pergunta que demandava uma resposta "ou/ou", Jesus deu uma resposta no formato "e/e".

É evidente que a ordem se estende a nós também. Conforme vimos, toda a Bíblia respalda o pagamento de impostos. Podemos não gostar deles, mas temos de pagá-los. Não devemos defraudar o governo. E, é claro, sempre devemos nos lembrar de cumprir nossas obrigações bíblicas para com Deus. O Novo Testamento faz distinção entre duas esferas: a igreja e o magistrado civil, ou o Estado. A Igreja recebeu uma tarefa a cumprir, e o Estado recebeu uma tarefa a cumprir. Os cristãos devem apoiar o estabelecimento divino de ambas as instituições.

Todos nós sabemos que existem penas severas para o não pagamento de impostos. Se isso acontece, um auditor fiscal pode aparecer para cobrá-los. Entendemos que a obrigação de pagar impostos é fundamentada pela força total do governo, mas a situação costuma ser diferente na igreja. Sei de algumas congregações que fazem auditoria das ofertas dos membros e, caso descubram que alguns deles não estão dando o dízimo, os líderes aplicam disciplina ou trazem o fato a público para envergonhá-los. A maior parte das igrejas, entretanto, não faz isso. Na maioria dos casos, a questão do dízimo permanece estritamente entre o crente e Deus. O assunto fica na consciência de cada um. Apesar disso, o dízimo não é menos importante do que os impostos. Ambos precisam ser pagos.

Todavia, nossa obrigação para com Deus vai muito além do dízimo. Jesus mandou que os fariseus e os herodianos dessem a César o que era de César – o que, naquele caso, significava o imposto, visto ser o rosto de César o que estava estampado no denário. Mas qual imagem nós levamos? De quem é a imagem que carregamos? De quem é a imagem estampada em nossa alma? Nós somos portadores da imagem de Deus. Pertencemos a ele. Devemos a ele não somente o dízimo, mas a própria vida.

Ao final do relato, Mateus escreve: **Ouvindo isto, se admiraram e, deixando-o, foram-se** (v. 22). Os discípulos dos fariseus e os herodianos ficaram abalados, pois haviam despendido muito tempo formulando uma pergunta que parecia ser inteligente e, mesmo assim, Jesus desviou da armadilha com facilidade. Depois de o plano brilhante ser frustrado, eles logo fugiram. Mateus diz que eles, "deixando-o, foram-se"; ou seja, não seguiram pelo caminho de Deus. Devemos sondar nosso coração e certificar-nos de que estamos seguindo o caminho de Deus, não apenas no pagamento dos impostos e dízimos, mas em todas as outras coisas também.

A RESSURREIÇÃO

Mateus 22.23-33



> Naquele dia, aproximaram-se dele alguns saduceus, que dizem não haver ressurreição, e lhe perguntaram: Mestre, Moisés disse: Se alguém morrer, não tendo filhos, seu irmão casará com a viúva e suscitará descendência ao falecido. Ora, havia entre nós sete irmãos. O primeiro, tendo casado, morreu e, não tendo descendência, deixou sua mulher a seu irmão; o mesmo sucedeu com o segundo, com o terceiro, até ao sétimo; depois de todos eles, morreu também a mulher. Portanto, na ressurreição, de qual dos sete será ela esposa? Porque todos a desposaram. Respondeu-lhes Jesus: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus. Porque, na ressurreição, nem casam, nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos no céu. E, quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é Deus de mortos, e sim de vivos. Ouvindo isto, as multidões se maravilhavam da sua doutrina.

No capítulo anterior, vimos o grupo dos fariseus assumir a liderança da conspiração contra Jesus. Na passagem deste capítulo, homens de um grupo diferente, os saduceus, é que tentam emboscá-lo. Os saduceus foram mencionados poucas vezes no Evangelho de Mateus até este ponto, muito menos vezes do que os fariseus. Contudo, nós os vimos concatenados com os fariseus uma vez, quando tentaram fazer Jesus cair em uma cilada (16.1 em diante), o que levou o Senhor a proferir o seguinte alerta aos discípulos: "Vede e acautelai-vos do fermento dos fariseus e dos saduceus" (16.6). Quando estudamos esta passagem no capítulo 76, constatamos que o fermento mencionado por Jesus era a má doutrina. Assim, ele estava alertando os discípulos a ter cuidado com o erro em ambas as extremidades do

espectro doutrinário.

Os fariseus e os saduceus diferiam em quase tudo no ponto de vista teológico. Os fariseus aceitavam todos os livros do nosso Antigo Testamento como Escrituras Sagradas. Os saduceus, por sua vez, restringiam a Bíblia à Torá, os cinco primeiros livros do Antigo Testamento. Os fariseus acreditavam na ressurreição dos mortos; isto é, acreditavam que existe um céu e que pessoas estarão junto a Deus ali. O Antigo Testamento apresenta escassas referências ao céu, mas há, sim, algumas. Os saduceus, entretanto, negavam os conceitos de ressurreição e céu, pois acreditavam que estes ensinamentos inexistiam na Torá. Em um sentido muito real, os saduceus eram os secularistas da época. Eles acreditavam que o único domínio em que a vida humana existe é o aqui e agora. Para eles, quando alguém morre, a alma perece com o corpo. Logo, toda a atenção deles estava voltada a este mundo, sem vistas para o mundo vindouro. Não admira que desgostassem de Jesus, cujo ensinamento público incluía múltiplas referências ao juízo final, ao céu e ao inferno.

Os fariseus odiavam os saduceus, e os saduceus odiavam os fariseus. No entanto, é comum na história os inimigos se tornarem amigos instantaneamente diante de um ódio mútuo. No caso dos fariseus e dos saduceus, o objeto do ódio mútuo era Jesus. Por isso, ambos os grupos estavam decididos a arruiná-lo e livrar-se dele. É por isso que, depois que Jesus se esquivou da armadilha dos fariseus e dos herodianos, os saduceus aproximaram-se dele com um tipo de argumento conhecido como *reductio ad absurdum* ("redução ao absurdo"), que consiste em resumir a posição do adversário à sua conclusão lógica a fim de mostrar o absurdo que ela representa.

Mateus diz: **Naquele dia, aproximaram-se dele alguns saduceus, que dizem não haver ressurreição, e lhe perguntaram: Mestre, Moisés disse: Se alguém morrer, não tendo filhos, seu irmão casará com a viúva e suscitará**

descendência ao falecido (v. 23-24). Esta é uma alusão à lei do "casamento levirato", apresentada por Moisés em Deuteronômio 25.5. De acordo com ela, se um homem morre sem filhos e deixa um irmão solteiro, é obrigação deste tomar a viúva como esposa a fim de que o falecido tenha descendentes. Esta era uma lei importante para os saduceus, os quais acreditavam que o único tipo de vida existente após a morte é a que permanece nos descendentes. Logo, morrer sem filhos significava estar morto para sempre. Em outras palavras, o único consolo na morte encontrava-se no legado dos filhos que ficavam.

Sabemos que houve alguns casos na história judaica em que o princípio do levirato foi seguido ao pé da letra, mas parece que, ao longo do tempo, este procedimento caiu em desuso entre o povo judeu. Os saduceus, entretanto, armados com a Palavra de Deus, desenterraram o princípio e utilizaram-no para formular uma pergunta que, segundo acreditavam, deixaria Jesus perplexo. **Ora, havia entre nós sete irmãos. O primeiro, tendo casado, morreu e, não tendo descendência, deixou sua mulher a seu irmão; o mesmo sucedeu com o segundo, com o terceiro, até ao sétimo; depois de todos eles, morreu também a mulher. Portanto, na ressurreição, de qual dos sete será ela esposa? Porque todos a desposaram** (v. 25-28). O que eles estavam dizendo era: "Olhe, Jesus, nós praticamos o casamento levirato ao pé da letra. Fizemos o que Moisés mandou. Você, porém, diz que haverá uma ressurreição. Se assim for, qual dos sete irmãos será o marido da mulher? Como Deus vai lidar com todos esses casamentos?" Por apresentar um cenário absurdo, eles acreditaram ter encurralado Jesus e, assim, forçado-o a admitir que a ressurreição era um disparate.

Como os anjos de Deus

Com frequência, eu escuto a pergunta: "Haverá pessoas casadas no céu?" Existem algumas teorias sobre isso. Alguns dizem que não haverá

casamento no céu e que não seremos casados lá. Outros acreditam que seremos casados com todos os cônjuges que tivemos em vida, e esta ideia é um consolo para os viúvos que se casaram novamente. No entanto, eu creio que Jesus dá uma resposta clara a esta pergunta.

Mateus diz: **Respondeu-lhes Jesus: Errais, não conhecendo as Escrituras nem o poder de Deus** (v. 29). Jesus iniciou a resposta repreendendo os saduceus pela compreensão falha das Escrituras (eles não entendiam a doutrina da ressurreição) e pela falta de conhecimento do poder de Deus, o qual era capaz tanto de governar e reinar sobre a eternidade, quanto de criar uma existência muito mais satisfatória e maravilhosa do que o mundo caído onde eles viviam. Em seguida, ele disse: **Porque, na ressurreição, nem casam, nem se dão em casamento; são, porém, como os anjos no céu** (v. 30). Este é um versículo-chave, muitas vezes mal interpretado; por isso, temos de analisá-lo com cuidado.

Primeiro, atente para o que Jesus não disse. Ele não disse que, no céu, nós nos *tornaremos* anjos. Nós não somos anjos agora e, portanto, não seremos anjos no futuro. Os anjos são uma ordem diferente da criação, são seres diferentes. Contudo, Jesus disse que nós seremos *como* os anjos em um único aspecto: não seremos casados, assim como os anjos não são casados.

Existe uma teoria segundo a qual a expressão "nem casam, nem se dão em casamento" é um ditado judaico que se refere não à instituição do matrimônio em si, mas à proliferação do divórcio. Em outras palavras, Jesus estaria dizendo que não haverá divórcio no céu. Esta teoria baseia-se na afirmação de Jesus que, na época de sua segunda vinda, as condutas na terra serão como nos dias de Noé (Mt 24.37). Ele explicou: "Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca" (v. 38). De acordo com a teoria, as palavras "casavam e davam-se em casamento" indicam que a sagrada instituição do

matrimônio havia sido prejudicada pelo pecado e que o divórcio tinha se tornado um comportamento desenfreado. As pessoas casavam-se e divorciavam-se repetidas vezes. Não existia respeito pelo matrimônio nem qualquer compromisso a longo prazo. Assim, segundo a teoria, o divórcio será inexistente na ressurreição, e o casamento, sacrossanto.

Creio que essa teoria não é muito relevante. Acho que Jesus estava simplesmente dizendo que, quando o juízo de Deus vier, a vida estará seguindo como de costume. As pessoas estarão se casando e dando suas filhas em casamento como acontece todos os dias. Em outras palavras, as pessoas esperarão um futuro pela frente até o momento em que o fim dos tempos chegar.

Portanto, está evidente o que Jesus quis dizer – que o céu será uma ordem diferente daquilo a que estamos habituados aqui. Não devemos supor que a vida no céu será como a vida na terra. Um dos propósitos do casamento é a propagação das espécies por meio da geração de filhos, algo que será completamente desnecessário no céu. Outra razão para a instituição do matrimônio é o fato de não ser bom para o homem estar só (Gn 2.18). Os seres humanos precisam de relacionamentos íntimos neste mundo, mas, no céu, Deus desempenhará tal papel.

Eis as boas novas: mesmo se o casamento deixar de ser uma instituição no céu, o amor continuará existindo. É assim que vejo. Neste mundo caído, o relacionamento mais próximo que tenho com outro ser humano é com minha esposa. Eu não acho que o amor que sinto por ela ou o amor que ela sente por mim, tampouco a proximidade de que desfrutamos, serão dissipados no céu. Pelo contrário; acho que ficarão maiores. Eu acredito que meu relacionamento com Vesta será superior no céu ao que é na terra. Porém, a glória é que teremos este tipo de comunhão e relacionamento com todos os santos de Deus. A única esposa no céu será a Igreja, a esposa de Cristo. Todas as pessoas que fizerem parte da esposa de Cristo na glorificação desfrutarão da

comunhão a um grau tão elevado de felicidade e bem-aventurança, que o casamento parecerá um substituto ou uma imitação muito ruim daquela realidade. Assim sendo, não haverá perda quando chegarmos ao céu, mas ganho.

Jesus estava dizendo aos saduceus: "Vocês realmente acham que Deus não consegue lidar com o fato de uma mulher ter sido casada com sete homens diferentes? Isto não é problema para Deus." Será que nós acreditamos nisso? Sabemos o que devemos falar: Deus é onipotente, ele pode operar milagres, ele pode realizar coisas maravilhosas. Contudo, nós não somos capazes de compreender minimamente o tipo de poder presente no Ser eterno, o qual existe por si só e pode formar um universo apenas pela sua palavra. As pessoas que duvidam disso hoje são exatamente como os saduceus. Elas não têm noção do poder de Deus, que é a fonte de todo poder existente. Nunca devemos limitar Deus em nosso pensamento, pois seu poder não é limitado de forma alguma.

Deus dos vivos

Para Jesus, não bastou responder à pergunta absurda dos fariseus. Ele passou alguns momentos confrontando-os por negar a ressurreição: **E, quanto à ressurreição dos mortos, não tendes lido o que Deus vos declarou: Eu sou o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó? Ele não é Deus de mortos, e sim de vivos** (v. 31-32). É muito significativo o fato de, ao fornecer evidência bíblica para a ressurreição, Jesus não ter feito referência aos Livros Históricos, aos Profetas ou aos Escritos. Ele não fez uso dos livros do Antigo Testamento que apontam com clareza para a vida após a morte nem recorreu às ressurreições que já havia realizado pessoalmente em seu ministério terreno: a filha de Jairo (9.18-26), o filho da viúva de Naim (Lc 7.11-17) ou Lázaro (Jo 11.1-44). Em vez disso, Jesus defendeu a ressurreição lançando mão da Torá. Lembre-se de que esta era a única parte do Antigo Testamento que os saduceus

reconheciam como Escritura Sagrada. E, se havia alguma frase na Torá que os saduceus sabiam de cor, era este refrão: "o Deus de Abraão, o Deus de Isaque e o Deus de Jacó". Logo, não há dúvida de que Jesus defendeu a ressurreição com base na autoridade que os saduceus reconheciam.

É possível que Jesus estivesse apenas chamando a atenção para o fato de que, quando Deus é identificado na Bíblia, isso sempre é feito no tempo presente. Talvez com isso ele estivesse deduzindo que, se não houvesse ressurreição dos mortos, Deus teria dito que *era* o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó. Então, fazendo uso do tempo presente, Jesus estaria declarando que os patriarcas ainda estão vivos e que, portanto, existe ressurreição.

É possível, entretanto, que haja mais coisas a serem levadas em consideração aqui. O relacionamento de Deus com Abraão, Isaque e Jacó tinha como fundamento uma aliança eterna feita por ele. A aliança que Deus fez com Abraão não foi uma aliança que findou com a morte de Abraão nem com a morte de Isaque ou Jacó. O relacionamento que Deus iniciara com os patriarcas era eterno, incapaz de ser anulado pela morte. Esta ideia tem implicações maravilhosas para nós, pois participamos de uma aliança ainda melhor (Hb 7.22; 12.24). Aquele que é o primogênito dos mortos (Cl 1.18) será o primogênito de muitos irmãos (Rm 8.29). Embora passemos pelo vale da sombra da morte, a ressurreição de Cristo é a garantia divina de que viveremos por toda a eternidade.

Mateus escreve: **Ouvindo isto, as multidões se maravilhavam da sua doutrina** (v. 33). As pessoas simplesmente assentiram. Jesus havia silenciado os fariseus e agora fizera o mesmo com os saduceus, utilizando as próprias Escrituras deles. Seu ensinamento foi maravilhoso aos olhos das multidões.

O PRIMEIRO MANDAMENTO

Mateus 22.34-40



> Entretanto, os fariseus, sabendo que ele fizera calar os saduceus, reuniram-se em conselho. E um deles, intérprete da lei, experimentando-o, lhe perguntou: Mestre, qual é o grande mandamento na lei? Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas.

A sabedoria de Jesus foi demais para os fariseus e os saduceus em suas tentativas de fazê-lo tropeçar. Porém, o ódio dos adversários era tamanho, que eles ainda não estavam dispostos a se render. Mesmo assim, podemos notar uma nítida sensação de desespero no relato que Mateus faz do último questionamento deles.

Mateus escreve: **Entretanto, os fariseus, sabendo que ele fizera calar os saduceus, reuniram-se em conselho** (v. 34). Jesus frustrara facilmente a armadilha que os fariseus haviam criado com tanto cuidado (22.15-22), e, diante disso, eles parecem ter colocado a esperança nos saduceus. Quando o esforço destes para enredá-lo também falhou (v. 23-33), os fariseus reuniram-se para discutir qual seria o próximo passo. Quase podemos ouvi-los, frustrados, perguntando uns aos outros: "O que faremos agora?"

O curso de ação escolhido, se é que podemos chamar assim, foi mais uma pergunta: **E um deles, intérprete da lei, experimentando-o, lhe perguntou: Mestre, qual é o grande mandamento na lei?** (v. 35-36). De

novo, Jesus foi confrontado por uma pergunta que visava testá-lo ou fazê-lo cair, mas agora ela não foi apresentada por um grupo, e sim por um único homem. Ele é identificado aqui como um intérprete da Lei, o que significa que era um escriba, uma autoridade na lei de Deus. Os rabinos haviam contado e catalogado todas as leis do Antigo Testamento, chegando a um total de 613 leis. Eles acreditavam que havia uma distinção entre os mandamentos "menores" e os "maiores" e passavam horas intermináveis discutindo em qual categoria cada um deles se encaixava. O intérprete da lei pediu A PALAVRA DE JESUS quanto ao maior mandamento de todos – obviamente esperando que ele dissesse algo que os fariseus pudessem contradizer com seus conhecimentos jurídicos supostamente extensos e, assim, também impressionar e influenciar o povo.

É claro que toda a discussão sobre o mandamento mais importante foi totalmente acadêmica e formal, tendo pouco ou nada a ver com a obediência fiel à lei. Considero extremamente irônico o fato de aquele homem, o qual deveria ser um perito na lei de Deus, ter confrontado a única pessoa em toda a história humana que cumpriu os 613 mandamentos de Deus. Comparado a Jesus, o especialista vivia totalmente fora da lei.

Devo dizer algo neste ponto sobre o conceito de alguns mandamentos serem mais importantes do que outros. Existe um pensamento amplamente difundido no mundo cristão segundo o qual todas as leis de Deus têm o mesmo peso. Talvez uma das motivações para ele seja o ensinamento de Tiago, que escreve: "Pois qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos" (2.10). No entanto, Tiago não quer dizer que, quando violamos um ponto da lei, violamos também todos os outros. Além disso, há exemplos frequentes nas Escrituras em que as gradações do pecado são apresentadas. Deus considerou algumas leis tão importantes, que especificou pena de morte

para a violação delas, mas não impôs penas tão graves para outras. Evidentemente, portanto, a proibição do homicídio (Êx 20.13) era mais importante do que a lei que proibia o cozimento do cabrito no leite da mãe (Êx 23.19). Até mesmo Jesus reconhecia a hierarquia das leis. Ele disse: "Aquele, pois, que violar um destes mandamentos, *posto que dos menores* […] será considerado mínimo no reino dos céus" (Mt 5.19, ênfase acrescentada).

Naturalmente, qualquer lei que sai da boca de Deus é grave o suficiente para justificar a pena de morte em caso de violação. A menor transgressão da menor lei que sai da boca de Deus já é um ato de traição cósmica, um ato de rebeldia contra o Senhor Deus, o qual governa todas as coisas. No menor pecado que cometemos, nós exaltamos nossas preferências sobre a vontade do Criador. Isto não é apenas insensato; é hediondo. O fato de nem todos os mandamentos da lei no Antigo Testamento exigirem pena de morte é uma expressão da misericórdia de Deus.

Amor a Deus

Como, então, Jesus respondeu ao intérprete da lei? Mateus diz: **Respondeu-lhe Jesus: Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento** (v. 37-38). Ele remeteu o estudioso ao *Shemá* de Deuteronômio 6, que era recitado em voz alta duas vezes ao dia por todos os judeus piedosos: "Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força" (v. 4-5). Por razões desconhecidas, Jesus mudou ligeiramente o texto quando citou o *Shemá*, substituindo a palavra *força* pela palavra *entendimento*. Não tenho como explicar esta alteração, mas ela certamente fala ao nosso estado caído de povo pecador.

Nós somos chamados de pecadores porque pecamos, mas há mais precisão em dizer que pecamos porque somos pecadores. Isto é, pecamos porque nossa natureza é pecar. O que é pecado? O Breve Catecismo de Westminster fornece uma resposta sucinta: "Pecado é qualquer falta de conformidade com a lei de Deus, ou qualquer transgressão desta lei" (Pergunta 14). Menciono esta declaração catequética porque temos de compreender a relação entre o pecado e a lei. Onde não há lei, não há pecado. Porém, onde há lei, se a lei é violada, há pecado.

Jesus não citou os 613 mandamentos, um por um, dizendo ao intérprete da lei: "Você é culpado deste, deste e deste". Se tivesse feito isso, teria-o declarado "culpado" em todos. Anteriormente, nós examinamos a discussão de Jesus com o jovem rico, o qual acreditava ter guardado todos os mandamentos de Deus desde a juventude; na realidade, entretanto, ele não tinha cumprido um único mandamento desde que se levantara da cama naquela manhã (19.16-22). Nós, da mesma forma, não conseguimos obedecer a nenhum dos dez mandamentos desde que acordamos hoje. Temos uma percepção terrivelmente módica do que a lei de Deus exige e uma visão exageradamente elevada de nosso próprio desempenho. Se fôssemos ajustar a compreensão que temos tanto da lei quanto da nossa capacidade de cumpri-la, veríamos que existe uma lacuna intransponível entre o nosso desempenho e as exigências da lei de Deus.

Mas e quanto ao mandamento que Jesus identificou como o maior de todos, o mandamento de amar a Deus de todo o nosso coração, de toda a nossa alma e de todo o nosso entendimento? Como nos saímos na obediência a este mandamento? Certa vez, pedi a um grupo de alunos em uma aula de teologia que listasse os pecados humanos mais graves e sórdidos de todos, os piores pecados que um ser humano poderia cometer. Os estudantes começaram a sugerir várias atrocidades, tais

como assassinato, traição e adultério. Eu escrevi todas elas no quadro negro, virei-me para a turma e falei:

— Nenhum destes pecados é o pior.

Então eu disse que, se o mandamento mais importante que Deus já deu ao seu povo é o de amá-lo de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento, parece-me que a maior transgressão de todas é deixar de amá-lo de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento.

No entanto, nós não sentimos uma culpa especial por não amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento. Por quê? Creio que é por estarmos cientes de que ninguém consegue amar a Deus com todo o ser. Posso ter algum afeto por Deus, mas meu coração não é inteiramente tomado por amor a ele. Sem dúvida, minha alma pode ter algumas inclinações positivas em relação a Deus, mas ela não está repleta de afeição por ele. E, se eu amasse Deus de todo o meu entendimento, dominaria sua Palavra muito mais a fundo do que, de fato, domino. Minha mente costuma estar ocupada devaneando sobre uma série de outras coisas e atém-se a ideias que pouco ou nada têm a ver com Deus.

Mente caída

Quando Paulo descreve nossa condição caída, ele argumenta que nós não queremos Deus em nosso pensamento. Por termos rejeitado o conhecimento de Deus, nossa mente foi obscurecida, e isto produz todo tipo de maldade:

> E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes, cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade; sendo difamadores, caluniadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, insensatos, pérfidos, sem afeição natural e sem misericórdia. Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de

> morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem (Rm 1.28-32).

Este é um catálogo dos vícios de todos os seres humanos caídos. Um dos resultados de nossa condição caída é que somos "aborrecidos de Deus". Não somos apenas indiferentes. Temos o desejo profundamente enraizado de fazer nossa própria vontade em vez da vontade de Deus. Ele permanece sendo o obstáculo supremo à nossa busca por prazer e, por este motivo, queremos livrar-nos dele.

Jesus disse que o mandamento número um é: "Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu entendimento." Eu não consegui cumprir este mandamento nem mesmo por cinco segundos durante toda a minha vida. Nunca amei a Deus com todo o meu ser. Ninguém amou. É evidente que este é um grande problema, pois Deus não nos avaliará fazendo uma média. Ele não é relativista; ele lida com absolutos. Ele julgará todos nós de acordo com estes mandamentos.

Vejamos o outro lado disso. Por que devemos amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento? Nós nunca o vimos nem ouvimos sua voz. Contudo, sabemos como ele é. Ele revelou a si mesmo a cada um de nós, inclusive seu eterno poder e sua divindade (Rm 1.20). O que sabemos dele é que ele é totalmente amável. Logo, Deus não está pedindo que amemos alguém que não é amável. Ele faz isso porque nos ama no desamor do nosso pecado. Ele nos manda direcionar-lhe nosso amor porque nos amou primeiro (1Jo 4.19).

Esta é uma ideia que devemos compreender bem. Nós devemos amar Deus não apenas pelo que ele faz. Há inúmeras razões para eu e você o amarmos de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento quando consideramos o que ele já fez e ainda faz por nós. Jesus disse que quem é muito perdoado também muito ama (Lc 7.47). Deus me perdoou de muitas coisas, e este perdão deveria ser o suficiente para produzir um

profundo amor por ele em meu coração, em minha alma e em meu entendimento. No entanto, nós só aprendemos de verdade o que significa ser cristão quando sentimos amor por Deus não apenas pelo que ele tem feito por nós, mas por quem ele é. Quando pensamos nele, em suas perfeições, em sua santidade, em seu poder, em seu conhecimento e assim por diante, estes atributos de Deus devem ser como fósforos que inflamam nosso ser com amor.

Quando lemos Salmos, sabemos que cada um deles foi escrito por um homem pecador, como Davi. Porém, ao lê-los, o que ouvimos é a efusão dos sentimentos de seres humanos inebriados pelo amor a Deus. Eles manifestam amor até por sua lei: "Quanto amo a tua lei! É a minha meditação, todo o dia! […] Lâmpada para os meus pés é a tua palavra e, luz para os meus caminhos" (Sl 119.97,105). O salmista entendia que a lei revela toda a excelência, sabedoria e justiça de Deus. Contudo, o que ele estava realmente dizendo era: "Quanto amo a tua Palavra!" Será que nós somos pessoas que amam a Bíblia? Deveríamos ser, pois é nela que podemos ouvi-lo e é ali que ele se revela. Quanto mais a estudarmos e aprendermos dela, mais nosso coração será inflamado por amor a ele.

Amor ao próximo

Jesus não se limitou a identificar o maior mandamento de todos. Ele também indicou qual é o segundo maior: **O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo** (v. 39). Como vimos, a Bíblia não ensina que todos são irmãos, mas ensina que devemos tratar todas as pessoas como próximo. Todos são o meu próximo. Logo, tenho a obrigação de amar todos os homens. Isto significa que eu não posso dizer que amo a Deus de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento se desconsidero seu mandamento de amar as outras pessoas. Posso amar as pessoas e não amar Deus, mas não posso amar Deus e desprezar o próximo.

Por último, Jesus disse: **Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas** (v. 40). Agostinho expressou isso da seguinte forma: "Ame a Deus e aja como bem entender." Ele quis dizer que o amor a Deus encontra-se tão no cerne de sua lei, que, se realmente o amamos de todo o coração, de toda a alma e de todo o entendimento, não precisamos dos outros 613 mandamentos. Se verdadeiramente amamos Deus desta maneira, estaremos tão dominados pelo desejo de agradá-lo, que seremos capazes de viver em retidão.

FILHO E SENHOR DE DAVI

Mateus 22.41-46



Reunidos os fariseus, interrogou-os Jesus: Que pensais vós do Cristo? De quem é filho? Responderam-lhe eles: De Davi. Replicou-lhes Jesus: Como, pois, Davi, pelo Espírito, chama-lhe Senhor, dizendo:

Disse o Senhor ao meu Senhor:
Assenta-te à minha direita,
até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés?

Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é ele seu filho? E ninguém lhe podia responder palavra, nem ousou alguém, a partir daquele dia, fazer-lhe perguntas.

Nos últimos capítulos, nós analisamos passagens em que os inimigos de Jesus, os líderes religiosos judeus, apresentaram-lhe algumas questões. Estes homens acreditavam que suas perguntas, cuidadosamente formuladas, poderiam enredar ou confundir o Senhor, forçando-o a dar uma resposta que o colocaria em conflito – ora com o povo, ora com as próprias autoridades romanas. Todavia, eles ficaram chocados diante da facilidade com que Jesus respondeu e, desta maneira, escapou do terreno perigoso e fez todos eles parecerem tolos.

Na passagem que está diante de nós neste capítulo, Jesus mostrou que era não apenas perito em responder perguntas supostamente complexas, como também inigualável em sua capacidade de formular perguntas difíceis. Se suas respostas faziam os líderes religiosos parecer tolos, suas perguntas eliminavam qualquer dúvida de que eles eram, de fato, tolos.

Jesus questionou os fariseus sobre o Salmo 110.1, o texto do Antigo Testamento mais citado no Novo Testamento. Ele é muito citado porque fornece percepções profundas acerca da identidade de Jesus. Cabe a nós, portanto, dispensar bastante atenção a esta passagem a fim de que possamos extrair as preciosidades nela contidas.

Filho de Davi

Mateus diz: **Reunidos os fariseus, interrogou-os Jesus: Que pensais vós do Cristo? De quem é filho? Responderam-lhe eles: De Davi** (v. 41-42). Vimos, no capítulo anterior, que os fariseus se reuniram para discutir o que fazer depois que Jesus silenciou os saduceus (v. 34). Neste ponto, um dos membros, um intérprete da lei, disparou uma pergunta que Jesus tratou de forma muito direta (v. 35-40). Em seguida, com os fariseus ainda reunidos em sua presença, o Senhor pediu a opinião deles sobre o Cristo e perguntou-lhes de quem ele seria Filho, isto é, de qual linhagem familiar em Israel ele viria.

Christos, ou Cristo, é a palavra do Novo Testamento equivalente à palavra *Messias* do Antigo Testamento. Então, quando Jesus perguntou: "Que pensais vós do Cristo?", ele estava se referindo ao Messias. O conceito do Messias existia na mente de todas as pessoas no primeiro século. Todos os que ocupavam posições de autoridade preocupavam-se com as profecias do Antigo Testamento relativas à vinda futura daquele a quem Deus ungira como Messias de Israel.

Fazer uma pergunta dessa aos fariseus, os quais estavam entre as pessoas mais versadas nas Escrituras do Antigo Testamento e na teologia judaica, era como perguntar a alguém com doutorado algo que uma criança no jardim de infância poderia responder. Todos em Israel sabiam a resposta para a pergunta de Jesus: o Messias viria da linhagem de Davi, o maior rei de Israel, aquele que inaugurara a idade de ouro da nação. Além disso, Deus havia iniciado uma aliança com Davi, prometendo-lhe

que haveria um rei de sua linhagem no trono para sempre (2Sm 7.12-16). No entanto, pouco tempo após a morte de Davi, a idade de ouro começou a perder o brilho sob o reinado de seu filho Salomão; e, quando Salomão morreu, o reino davídico transformou-se em ferrugem com a divisão entre Roboão e Jeroboão (1Rs 12).

A maior parte da história de Israel e Judá, a partir de então, é composta por corrupção e apostasia até ambos os reinos serem tomados por potências estrangeiras. O povo ansiava pelo dia em que a casa caída de Davi seria reerguida e a idade de ouro seria restaurada com a vinda de um homem semelhante a Davi. Na época de Jesus, especialmente, a esperança e a expectativa quanto à vinda do Messias eram intensas porque o povo judeu gemia sob o domínio de Roma. Durante o reinado de Davi, Israel havia sido um dos grandes e poderosos impérios do mundo antigo. Na época de Jesus, entretanto, Israel vivia um de seus momentos mais fracos na história, pois era impotente em força militar. O povo almejava ver a renovação da glória perdida.

Quando morei na Holanda durante minha graduação, eu sempre ouvia as pessoas falando sobre a glória daquele país no século 17. Aquela minúscula nação, mais ou menos do tamanho do estado norte-americano de Maryland, era uma potência mundial, em grande parte graças à marinha e ao comércio internacional. Ela também deu ao mundo grandes artistas, os quais lideraram a estética com suas pinturas. Hoje, porém, eu não acho que a Holanda seria capaz de ganhar uma guerra sequer contra o departamento de polícia da cidade de Nova York. Assim como Israel no primeiro século, a Holanda despencou da posição de liderança mundial para uma posição de pouca importância no cenário global.

Portanto, o sonho de todo judeu era que um guerreiro como Davi chegasse; que um herói forte e bravio liderasse uma revolução contra o Império Romano e lançasse fora o jugo da servidão que tanto pesava sobre o pescoço do povo. Todas as esperanças foram colocadas no Filho

de Davi, o qual realizaria mais uma vez as façanhas do rei. Por este motivo, os fariseus mal precisaram pensar para responder à primeira parte da pergunta de Jesus.

O Adonai de Davi

Jesus, então, fez uma pergunta muito mais difícil, exigindo que os fariseus revelassem seu conhecimento e sua compreensão das Escrituras: **Replicou-lhes Jesus: Como, pois, Davi, pelo Espírito, chama-lhe Senhor, dizendo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés? Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como é ele seu filho?** (v. 43-45). Nesta pergunta, Jesus citou o primeiro versículo do Salmo 110, um salmo em que Davi fala do Messias como seu "Senhor". Na perspectiva judaica, o filho nunca é maior do que o pai; o descendente é sempre subordinado ao mais velho. Portanto, Jesus perguntou como poderia ser possível a Davi chamar seu Filho de Senhor.

É importante observar como Jesus referiu-se ao fato de Davi ter chamado o Messias de Senhor. Temos aqui um vislumbre da percepção de Jesus sobre a transmissão das Escrituras Sagradas. Ele indica que, ao escrever o Salmo 110, Davi não estava meramente exercendo seus dons poéticos; ele estava escrevendo "pelo Espírito", isto é, sob a direção e supervisão do Espírito Santo. A respeito deste processo, o apóstolo Paulo diz: "Toda a Escritura é inspirada por Deus" (2Tm 3.16a). Outra tradução apresenta este versículo de forma um pouco diferente: "Toda a Escritura é soprada por Deus" (Versão Padrão Inglesa). Logo, as Escrituras têm Deus como autor supremo, apesar de terem sido redigidas por autores humanos. Ao que parece, nesta discussão com os fariseus, Jesus quis dar uma indireta. Ele lhes trouxe à memória o fato de que Davi não redigiu o texto a partir de seu próprio conhecimento humano, mas o fez sob a inspiração do Espírito Santo de Deus, que é o Espírito da

verdade. Foi sob esta inspiração que Davi referiu-se ao Messias como Senhor.

No Salmo 110.1, Davi escreveu: "Disse o SENHOR ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés." Há uma diferença importante na forma como as duas ocorrências da palavra *Senhor* aparecem em nossa versão da Bíblia. A primeira ocorrência é "SENHOR", com todas as letras maiúsculas. Esta foi a maneira encontrada pelo tradutor para alertar-nos que a palavra traduzida aqui é o nome sagrado de Deus, *Jeová*. Quando Deus falou a Moisés na sarça ardente do deserto midianita, o patriarca perguntou quem ele deveria dizer que o enviara aos israelitas no Egito. Deus respondeu: "EU SOU O QUE SOU" (Êx 3.14). A palavra hebraica *Jeová* significa "eu sou". No salmo 110, *Jeová* conversa com alguém distinto de si, alguém identificado por Davi como "meu Senhor". Nesta ocorrência, a palavra *senhor* aparece com letras minúsculas. Isto nos diz que o termo hebraico traduzido aqui é *Adonai*, o qual significa literalmente "Soberano". Logo, Deus está falando com o "Soberano".

O Salmo 110 retrata dois indivíduos distintos: *Jeová* e *Adonai*, isto é, o "Soberano". Já o Salmo 8 mostra uma imagem diferente. Lemos ali: "Ó SENHOR, Senhor nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome!" (v. 1a). Vemos, mais uma vez, as diferentes grafias da palavra *Senhor.* Tendo a diferença em mente, podemos observar que o significado literal deste versículo é: "Ó *Jeová*, *Adonai* nosso, quão magnífico em toda a terra é o teu nome!" Ambas as palavras estão presentes – *Jeová* e *Adonai* – e ambas se referem à mesma pessoa, a saber, Deus. *Adonai* é talvez o título mais significativo concedido a Deus no Antigo Testamento. *Jeová* é o seu nome; *Adonai* é o seu título. Trata-se de um título supremo que pertence exclusivamente a Deus. Assim sendo, o que o salmista está dizendo no Salmo 8 é: "Ó *Jeová*, Soberano nosso."

O Salmo 110 fala sobre Deus conversando com o *Adonai* de Davi. Este *Adonai* é o próprio Deus, mas uma pessoa diferente – e esta pessoa só pode ser o Senhor Jesus Cristo. O Filho de Davi é o Senhor de Davi. O Filho de Davi é o Soberano de Davi. Aquele que vem da linhagem de Davi é o rei de Davi.

Perceba que, no Salmo 110 – o salmo que Davi escreveu sob a inspiração do Espírito – *Jeová* disse ao *Adonai* do salmista: "Assenta-te à minha direita". Deus Pai estava convidando Deus Filho para ocupar o assento da autoridade cósmica. O Pai estava prometendo colocar o Filho à sua destra como Rei dos reis e Senhor dos senhores. Davi compreendia que seu Filho seria Rei sobre todas as coisas, até sobre ele mesmo.

Onde Jesus estava querendo chegar? Por que ele enfatizou este salmo? Ele conhecia plenamente as expectativas dos fariseus e saduceus quanto ao Messias; logo, sabia que a percepção deles sobre o assunto era pequena demais. Eles estavam à procura de um conquistador humano, não de um Senhor soberano que fosse exaltado à direita do Pai na ascensão. Aqueles homens precisavam tirar os romanos da cabeça e pensar sobre o reino de Deus, o qual estavam negligenciando completamente.

Mateus diz: **E ninguém lhe podia responder palavra, nem ousou alguém, a partir daquele dia, fazer-lhe perguntas** (v. 46). Os fariseus não sabiam explicar o Salmo 110. Eles não podiam sequer arriscar uma resposta às perguntas astutas de Jesus. Daquele ponto em diante, os interrogatórios terminaram. Os líderes religiosos estavam cansados de passar vergonha diante da sabedoria superior de Jesus. O constrangimento, entretanto, só alimentou a raiva que sentiam – tragicamente, não os humilhou nem quebrantou.

AIS DOS FARISEUS, PARTE 1

Mateus 23.1-12



> Então, falou Jesus às multidões e aos seus discípulos: Na cadeira de Moisés, se assentaram os escribas e os fariseus. Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem, porém não os imiteis nas suas obras; porque dizem e não fazem. Atam fardos pesados [e difíceis de carregar] e os põem sobre os ombros dos homens; entretanto, eles mesmos nem com o dedo querem movê-los. Praticam, porém, todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens; pois alargam os seus filactérios e alongam as suas franjas. Amam o primeiro lugar nos banquetes e as primeiras cadeiras nas sinagogas, as saudações nas praças e o serem chamados mestres pelos homens. Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos. A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está nos céus. Nem sereis chamados guias, porque um só é vosso Guia, o Cristo. Mas o maior dentre vós será vosso servo. Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado.

Uma das grandes preocupações dos nossos antepassados puritanos era com aquilo que chamavam de "clero não convertido". Um pastor de Nova Jersey chamado Gilbert Tennent (1703-1764) pregou um sermão intitulado "O perigo de um ministério não convertido", e outros também pregaram e ensinaram sobre o mesmo tema. No entanto, este problema está quase ausente das discussões nas igrejas evangélicas contemporâneas. Temos a tendência de inferir que, se uma pessoa é ordenada ao ministério, ela certamente é convertida. Nós nos perguntamos por que alguém passaria pelo laborioso processo de educação na faculdade e no seminário e, depois, enfrentaria os exames da ordenação a fim de ser separado para o

ministério cristão se não tivesse o desejo de obedecer e agradar a Deus. Porém, posso garantir que há inúmeras razões pelas quais as pessoas entram no ministério mesmo sem ter qualquer afeto verdadeiro pelas coisas de Deus ou por Cristo.

Na época em que eu cursava a faculdade, havia uma fraternidade pré-ministerial composta pelos alunos que planejavam fazer seminário. Embora eu não pudesse ler mentes, parecia-me que a maioria dos membros daquele clube era bem contrária a tudo o que estava relacionado ao cristianismo. Eu coçava a cabeça e me perguntava: "Por que essas pessoas estão se preparando para o ministério sendo que são tão hostis às coisas de Cristo?" Com o tempo, ficou evidente para mim que uma das razões pelas quais os indivíduos optam pelo ministério é refutar as alegações de verdade do cristianismo. Tornar-se pastor é uma das maneiras mais fáceis de ganhar um público; afinal, o pregador tem a liberdade de expor seus pontos de vista para uma audiência cativa durante uma hora todos os domingos pela manhã. No entanto, os homens (às vezes, mulheres) incrédulos que são ordenados geralmente acham difícil sustentar um ministério viável na igreja local por qualquer período que seja. Assim, tendem a gravitar para cargos administrativos e, antes que se perceba, há incrédulos controlando denominações inteiras.

Era precisamente esta a situação de Israel na época de Jesus. As principais personalidades religiosas eram os escribas e os fariseus. Os escribas eram peritos na interpretação da lei do Antigo Testamento; basicamente, eram estudiosos da Bíblia. Os fariseus eram teólogos, mas também participavam de uma seita religiosa dedicada ao fomento da lei de Deus na vida do povo. Esta seita originou-se em algum ponto do período de 400 anos entre o fim do Antigo Testamento e o início do Novo Testamento, o qual chamamos de período intertestamentário. Após a campanha de helenização liderada por Alexandre, o Grande – seu esforço para difundir a cultura grega – um sério secularismo cultural

invadiu Israel. A lei de Deus estava em desuso e era desrespeitada. Em resposta a isso, um grupo de judeus piedosos comprometeu-se a buscar uma renovação do interesse geral pela lei do Antigo Testamento. Estes homens foram muito devotos, mas apenas no início. Seu zelo pela recuperação da lei virou cinzas com o passar das gerações. Eles se tornaram cada vez mais moralistas, hipócritas e divergentes da lei de Deus, distorcendo-as a fim de adequá-las a cada situação.

Os escribas e fariseus deveriam ter tomado a frente do povo a fim de conduzi-lo ao reino de Deus. Contudo, em vez de tomar a frente, eles serviram de barreira entre o povo e o reino, pois eram abertamente hostis Àquele a quem o Pai havia designado como Rei. Desde o dia em que Jesus caminhou às margens do rio Jordão e João Batista o proclamou como Cordeiro de Deus (Jo 1.29), os líderes em Jerusalém ficaram indignados com João Batista e com o próprio Jesus. Durante toda a semana santa, eles tentaram pegar o Senhor com palavras, procurando uma forma de comprometê-lo e desacreditá-lo. Jesus, por sua vez, contou várias parábolas que revelavam a hipocrisia dos líderes religiosos e, por fim, passou a expô-los diretamente. No capítulo 23 de seu evangelho, Mateus registra as denúncias que Jesus fez desses charlatões, e é aqui que encontramos possivelmente as palavras mais duras que já ouvimos sair dos lábios do Senhor. Ele pronunciou uma série de ais sobre os escribas e fariseus – mas somente depois de ter alertado as multidões e os discípulos a tomar muito cuidado com eles.

Quando estudamos as bem-aventuranças no sermão do monte (5.3-12), vimos que Jesus iniciava cada uma delas com a palavra *bem-aventurado*. É por isso que estes ensinamentos incisivos são chamados de bem-aventuranças – a palavra "bem-aventurado" no Novo Testamento em latim é *beati*. Jesus estava conscientemente utilizando uma figura de linguagem associada aos pronunciamentos feitos pelos profetas do Antigo Testamento. Estes pronunciamentos eram conhecidos como

oráculos. Eles eram mensagens de Deus e dividiam-se em dois tipos. Os oráculos de salvação anunciavam prosperidade ou ventura, boas novas da bênção divina. As bem-aventuranças eram oráculos deste tipo. Já os oráculos de ai anunciavam a condenação de Deus, declarações do juízo divino. Existem muitos pronunciamentos proféticos de ai no Antigo Testamento, mas um dos mais memoráveis encontra-se em Isaías 6, quando o profeta teve uma visão da sala celestial do trono de Deus, o qual estava assentado em esplendor. Diante desta imagem magnífica, Isaías clamou: "ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!" (v. 5). Este foi um pronunciamento de maldição.

É exatamente isso o que temos em Mateus 23. No texto, consta o registro das denúncias de Jesus feitas contra o clero da época por meio de oráculos de maldição. Porém, antes de falar-lhes diretamente, ele falou ao povo e aos discípulos.

Bom ensinamento, mau exemplo

Mateus escreve: **Então, falou Jesus às multidões e aos seus discípulos: Na cadeira de Moisés, se assentaram os escribas e os fariseus** (v. 1-2). O que Jesus quis dizer com estas palavras? Ao contrário de como as aulas são normalmente ministradas hoje – com o professor em pé na frente dos alunos – o mestre, no mundo antigo, sentava-se em uma cadeira, e os alunos sentavam-se no chão ao seu redor. Eles literalmente se sentavam aos pés do mestre. A cadeira do professor era conhecida como assento do ensino. Era tarefa dos escribas e fariseus ensinar e explicar a lei transmitida por Moisés; logo, eles figuradamente ocupavam o assento de Moisés. Aquilo era, na realidade, a cadeira da teologia. É por esta razão que, na universidade e no seminário, certas posições são chamadas de "cátedra de filosofia" ou "cátedra de teologia".

Uma vez que os escribas e os fariseus gozavam desta posição e responsabilidade, Jesus reconheceu que certo respeito lhes era devido. Ele disse: **Fazei e guardai, pois, tudo quanto eles vos disserem** (v. 3a). Ele estava dizendo que os mestres conheciam a lei de Deus e a doutrina que dela derivava. Portanto, o povo deveria seguir as instruções bíblicas que recebiam dos escribas e fariseus. Todavia, Jesus acrescentou: **porém não os imiteis nas suas obras; porque dizem e não fazem** (v. 3b). O problema com o ensinamento dos escribas e fariseus era que eles mesmos não seguiam as próprias lições. Eles ensinavam a lei ao povo, mas acreditavam estar acima dela. Jesus alertou: "Façam o que eles dizem, mas não façam o que eles fazem."

Jesus prosseguiu: **Atam fardos pesados [e difíceis de carregar] e os põem sobre os ombros dos homens; entretanto, eles mesmos nem com o dedo querem movê-los** (v. 4). Aqui Jesus utilizou uma imagem de sua própria cultura, na qual se empregava animais de carga para o transporte de mercadorias. As pessoas da época obviamente não dispunham de trens, aviões ou caminhões para transportar produtos, então utilizavam burros, camelos e outros animais. Elas eram muito cuidadosas ao embalar os bens, pois havia toda uma metodologia para isso. Além do mais, elas atentavam para o bem-estar do animal, visto que a sobrecarga poderia prejudicá-lo. Os transportadores tinham de equilibrar o peso uniformemente de modo a colocar o peso ideal nas costas do quadrúpede.

Assim, Jesus estava dizendo que os comerciantes que atavam fardos pesados em jumentos e camelos eram mais compassivos do que os escribas e fariseus. Estes não se importavam com o peso do fardo que colocavam sobre as costas do povo. Além de sobrecarregá-lo com os detalhes da lei transmitida por Moisés, eles também adicionavam todos os tipos de regras e regulamentos que não constavam na lei original. Em

outras palavras, aprisionavam o povo em aspectos que Deus o havia libertado.

Busca pelo aplauso dos homens

Jesus continuou: **Praticam, porém, todas as suas obras com o fim de serem vistos dos homens; pois alargam os seus filactérios e alongam as suas franjas** (v. 5). Os escribas e fariseus faziam demonstrações ostentosas de piedade, procurando atrair a atenção dos compatriotas e, assim, receber aplauso dos homens. Os filactérios eram pequenas caixas de couro que continham passagens das Escrituras. Eles eram usados na testa ou no braço, em um cumprimento literal de Deuteronômio 11.18: "Ponde, pois, estas minhas palavras no vosso coração e na vossa alma; atai-as por sinal na vossa mão, para que estejam por frontal entre os olhos." As "franjas" eram uma referência às borlas que pendiam na bainha das vestes, cujo objetivo era lembrar o povo de obedecer à lei de Deus (veja Nm 15.37-41). Estas borlas eram parte legítima do vestuário naquela época, mas os escribas e os fariseus tentavam superar uns aos outros usando franjas cada vez maiores. Ao seguir estas instruções bíblicas com mais alarde do que o necessário, os escribas e os fariseus buscavam o louvor dos homens, não o de Deus. É contra este tipo de comportamento que o apóstolo Paulo alerta: "Se agradasse ainda a homens, não seria servo de Cristo" (Gl 1.10b).

Jesus prosseguiu, dizendo: **Amam o primeiro lugar nos banquetes e as primeiras cadeiras nas sinagogas, as saudações nas praças e o serem chamados mestres pelos homens** (v. 6-7). Todas estas eram formas de honra: a cabeceira da mesa nos jantares, assentos distintos na sinagoga, reconhecimento público e títulos ilustres. A palavra *mestre* significava literalmente "meu senhor", embora costumasse ser aplicada àqueles que ensinavam a lei. Os escribas e fariseus viviam em busca de honra pessoal aos olhos dos homens.

Jesus, então, fez uma aplicação para o povo e os discípulos, mostrando-lhes como o justo deve viver. Primeiro, falou: **Vós, porém, não sereis chamados mestres, porque um só é vosso Mestre, e vós todos sois irmãos. A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está nos céus. Nem sereis chamados guias, porque um só é vosso Guia, o Cristo** (v. 8-10). Esta é uma passagem difícil. Será que Jesus estava proibindo o ofício de mestre? Será que ele estava dizendo que nós não podemos sequer chamar nosso pai terreno de "pai"?

Devemos interpretar esta passagem em seu contexto: o ensinamento de Jesus sobre os erros dos escribas e fariseus. Ele não estava literalmente proibindo o cargo de mestre nem o emprego do título *mestre*; afinal de contas, até Paulo reconhecia a função de mestre como um dom espiritual (1Co 12.28). Ele estava dizendo que seus discípulos não deveriam ater-se a títulos e à autoridade implícita que eles conferem. É fútil e ímpia a atitude de buscar títulos e honras para sermos exaltados acima dos homens. Além disso, é crucial lembrar que Deus é nosso Pai e que Cristo é nosso mestre; nunca devemos mostrar a qualquer pastor, pregador, mestre, escritor ou palestrante o mesmo tipo de respeito e obediência que devemos mostrar ao Pai e ao Filho.

Em seguida, Jesus trouxe à memória dos discípulos uma lição que já havia ensinado anteriormente, quando a mãe de Tiago e João lhe pediu que os deixasse sentar à sua direita e à sua esquerda no reino (20.20-28). Ele falou: **Mas o maior dentre vós será vosso servo. Quem a si mesmo se exaltar será humilhado; e quem a si mesmo se humilhar será exaltado** (v. 11-12). Os líderes religiosos não tinham coração de servo. Eles não desejavam servir a ninguém. Queriam, em vez disso, ser servidos por todos. Aqueles homens não estavam interessados em ser humilhados; apenas em ser exaltados. Em contrapartida, a essência da obra de Jesus foi sua submissão voluntária à humilhação. Sua comida era ser obediente e fazer a vontade do Pai (Jo 4.34). Ele se humilhou e assumiu a forma de

servo (Fp 2.5-8). Por este motivo, “também Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu o nome que está acima de todo nome, para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é Senhor, para glória de Deus Pai” (v. 9-11).

Temos uma promessa maravilhosa aqui: se seguirmos o exemplo de Jesus e nos humilharmos agora, seremos exaltados depois. No entanto, ele também faz um alerta: se nos exaltarmos agora, seremos humilhados depois. Uma vez que os escribas e fariseus estavam tão empenhados em exaltar-se, Jesus tinha apenas oráculos de ai para eles. É isso o que veremos no próximo capítulo.

AIS DOS FARISEUS, PARTE 2

Mateus 23.13-22



> Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois vós não entrais, nem deixais entrar os que estão entrando! [Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque devorais as casas das viúvas e, para o justificar, fazeis longas orações; por isso, sofrereis juízo muito mais severo!] Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito; e, uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós! Ai de vós, guias cegos, que dizeis: Quem jurar pelo santuário, isso é nada; mas, se alguém jurar pelo ouro do santuário, fica obrigado pelo que jurou! Insensatos e cegos! Pois qual é maior: o ouro ou o santuário que santifica o ouro? E dizeis: Quem jurar pelo altar, isso é nada; quem, porém, jurar pela oferta que está sobre o altar fica obrigado pelo que jurou. Cegos! Pois qual é maior: a oferta ou o altar que santifica a oferta? Portanto, quem jurar pelo altar jura por ele e por tudo o que sobre ele está. Quem jurar pelo santuário jura por ele e por aquele que nele habita; e quem jurar pelo céu jura pelo trono de Deus e por aquele que no trono está sentado.

Os primeiros 12 versículos de Mateus 23, analisados anteriormente, são uma espécie de preâmbulo para o verdadeiro núcleo do capítulo, onde Jesus profere uma série de ais contra os escribas e fariseus. Conforme já mencionei, este episódio apresenta provavelmente as palavras mais duras que saíram da boca do Senhor em todo o seu ministério. Elas são tão duras, que algumas pessoas chegaram a afirmar que Jesus passou dos limites e pecou ao insultar os líderes religiosos de forma tão profunda. No entanto, este tipo de linguagem polêmica é uma característica dos debates teológicos há séculos. Além disso, não podemos ter a ousadia de atribuir pecado àquele que empregou essa linguagem, pois as Escrituras são claras quanto a ele ser o

Filho santo de Deus. Ele falou estas palavras aos escribas e fariseus movido por uma justa indignação.

Segundo Mateus, Jesus começou dizendo: **Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque fechais o reino dos céus diante dos homens; pois vós não entrais, nem deixais entrar os que estão entrando!** (v. 13). Conforme observei anteriormente, os fariseus deveriam ter guiado o povo em direção ao reino. Eles deveriam ter sido, à semelhança de João Batista, arautos do Messias. Eles deveriam ter falado às multidões: "Deem ouvidos a Jesus. Aprendam com Jesus. Jesus é o Messias e está pregando sobre o reino de Deus." Em vez disso, eles se colocaram como impedimentos e barreiras à entrada do povo no reino. Aqueles homens não somente se recusaram a receber Cristo, como também, em sua hostilidade, fizeram tudo o que estava ao seu alcance para desencorajar o povo de aproximar-se dele.

Muitas lideranças ministeriais hoje são assim. Elas são sofisticadas demais para falar sobre arrependimento e a necessidade de ir a Cristo a fim de receber redenção. Tais lideranças procuram lançar a religião mais no nível do humanitarismo do que no domínio da redenção pessoal, o qual inclui aceitar e adorar Jesus. O cristianismo, entretanto, resume-se a Jesus – Aquele a quem o Pai enviou ao mundo para redimir o povo do pecado e da morte. As pessoas podem até obter o título de doutorado em teologia e estudar todos os tipos de questões sofisticadas e técnicas, mas nada disso deve prevalecer sobre a mensagem fundamental, a saber: a vinda do reino de Deus na pessoa de Cristo. Assim como Jesus proferiu um oráculo de maldição sobre os escribas e os fariseus por estes terem fechado a porta que dá acesso ao reino de Deus e, assim, impedido o povo de entrar, também ele se enfurece quando os pastores de hoje em dia deixam de conduzir o povo à presença de seu Filho.

Variante textual

Jesus, em seguida, disse: **"Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque devorais as casas das viúvas e, para o justificar, fazeis longas orações; por isso, sofrereis juízo muito mais severo!** (v. 14). Este versículo foi extraído da versão *New King James*,* tradução utilizada neste comentário. Porém, caso você procure a passagem em outras versões, pode ser que não a encontre. A razão disso é simples: existe uma variante textual neste ponto no Evangelho de Mateus.

Nós não temos a cópia original deste Evangelho. Ela foi perdida há muitos séculos. Contudo, os cristãos da igreja primitiva não se limitaram a receber o manuscrito original de Mateus, lê-lo uma vez, agradecer a Deus pelo documento e, então, jogá-lo fora. Eles passaram pelo escrupuloso processo de produzir cópias exatas para outras pessoas e gerações futuras. Durante centenas de anos, cópias do manuscrito original foram preservadas com extremo cuidado por escribas e monges, os quais tiveram o meticuloso trabalho de copiar cada letra do textos antigos. Todavia, até mesmo o copista mais cuidadoso deixava passar uma letra ou um versículo aqui ou ali; por isso, temos hoje um pequeno número de discrepâncias entre as diversas cópias existentes.

Existe uma ciência chamada crítica textual, por meio da qual os estudiosos do Novo Testamento e do idioma grego analisam as milhares de cópias existentes dos textos antigos, examinando-os em termos de precisão. Na maioria dos casos, eles conseguem atingir até 99% de precisão na reconstrução do texto original. Mas, às vezes, há passagens cuja evidência não é totalmente conclusiva, e os estudiosos precisam fazer escolhas. No caso do Evangelho de Mateus, o texto de 23.14 está ausente nos melhores manuscritos da antiguidade. Assim, se há um consenso, é que este versículo não constava no texto original. Portanto, muito embora ele esteja presente na versão *New King James*, eu não o comentarei aqui.

Zelo pelo evangelismo

Jesus prosseguiu: **Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito; e, uma vez feito, o tornais filho do inferno duas vezes mais do que vós!** (v. 15). Historicamente, o povo judeu não tinha tanto interesse pelo evangelismo, isto é, em ganhar gentios para a fé judaica. Em certo ponto, ele chegou a aceitar amplamente a ideia de que a salvação era encontrada na segregação, na ausência de contato com pecadores, e por isso se isolava. Houve, entretanto, um zelo sem precedentes pelo proselitismo no primeiro século. Os fariseus queriam ganhar pessoas para o judaísmo deles, para o farisaísmo, e Jesus comentou a este respeito: "rodeais o mar e a terra para fazer um prosélito".

Eu recebo muitos convites para palestrar. As pessoas me escrevem, dizendo: "Gostaríamos que o senhor viesse e discursasse a tal e tal audiência; haverá 5.000 presentes." No entanto, eu nunca fui convidado para pregar a um único ouvinte. Se isto acontecesse, eu pensaria: "Eles acham mesmo que eu vou pegar um avião e atravessar o país ou o oceano para pregar a uma única pessoa?" Porém, o que os fariseus faziam era basicamente isso. Eles caminhavam. Eles andavam de jumento. Eles viajavam a camelo. Eles eram zelosos por fazer prosélitos.

Ao estudarmos as denúncias contra os fariseus, é bom termos em mente algo que Jesus falou no sermão do monte. Trata-se, creio eu, de uma das declarações mais assustadoras que ele já fez: "Porque vos digo que, se a vossa justiça não exceder em muito a dos escribas e fariseus, jamais entrareis no reino dos céus" (5.20). Ao proferir os ais, Jesus deixou claro que os escribas e fariseus faziam algumas coisas certas, pelas quais os elogiou. Uma das coisas certas que eles faziam era o evangelismo. Aqueles homens eram capazes de qualquer coisa para que os demais tivessem o mesmo comprometimento com a lei de Deus. À luz de Mateus 5.20, temos de nos perguntar se nosso zelo pelo evangelismo excede ou sequer se aproxima do zelo que os fariseus tinham.

Infelizmente, os fariseus tinham a tendência de transformar atitudes boas em más, e este foi o caso do evangelismo. Jesus disse que, após empregar esforços extremos para fazer um prosélito, eles o transformavam em "filho do inferno duas vezes mais", como eles mesmos eram. Não ignore este linguajar – Jesus disse que os escribas e fariseus eram "filhos do inferno". Eles eram cegos, hipócritas e insensatos, e aqueles que "convertiam" estavam na mesma condição. Quem falou nesse momento não foi o Jesus "manso e suave". Ele empregou uma linguagem muito dura para dar o nome aos bois quando conversou com os escribas e fariseus. Ele não mediu as palavras nem as abrandou.

Quando leio este versículo, sou obrigado a me perguntar: "Do que Jesus vai me chamar?" Nós queremos ser chamados de filhos e filhas do céu, não filhos e filhas do inferno. Porém, o Novo Testamento ensina que somos filhos e filhas de quem obedecemos, e nós obedecemos a quem amamos. Se amamos a Deus e o obedecemos, o termo apropriado pelo qual devemos ser conhecidos é filhos de Deus, pois fomos adotados à família divina. Contudo, se formos indiferentes ou hostis às coisas de Deus, não podemos achar que fazemos parte de sua família. A cultura secular ensina que todos nós somos filhos de Deus, mas isso simplesmente não é verdade. Ninguém nasce como filho de Deus. A única maneira de nos tornarmos filhos de Deus é sendo adotados à sua família pela obra de seu Filho, nosso Irmão mais velho, Jesus Cristo.

Votos e juramentos apropriados

Jesus, então, proferiu um oráculo a respeito de votos e juramentos: **Ai de vós, guias cegos, que dizeis: Quem jurar pelo santuário, isso é nada; mas, se alguém jurar pelo ouro do santuário, fica obrigado pelo que jurou! Cegos! Pois qual é maior: o ouro ou o santuário que santifica o ouro?** (v. 16-17). Neste pronunciamento, em vez de dirigir-se aos ouvintes como "escribas

e fariseus, hipócritas", ele os chamou de "guias cegos". De que adianta um guia que é cego? Em outra passagem, Jesus disse que, se um cego guiar outro cego, ambos cairão no barranco (15.14). Isso não é uma crítica aos cegos, pois eles são capazes de realizar coisas maravilhosas. No entanto, uma das atividades em que não costumam se sobressair é a de guiar outras pessoas. Jesus afirmou que os fariseus eram guias em virtude da sua posição, mas cegos no sentido de não compreenderem o verdadeiro significado da lei de Deus.

Então, Jesus começou a explicar um aspecto muito significativo da lei de Deus que havia sido mal compreendido, mal interpretado e distorcido pelos fariseus. Estes haviam elaborado todo tipo de regras e normas para a formulação correta de votos, além de terem determinado quais juramentos precisavam ser mantidos e quais podiam ser violados. Eles forneciam brechas ao povo, isto é, formas de escapar das obrigações assumidas.

Por exemplo, eles ensinavam que, se alguém fizesse um juramento pelo templo, não era necessário cumpri-lo. Contudo, se jurasse pelo ouro do templo, então era preciso respeitá-lo. No pensamento dos fariseus, o ouro do templo tinha muito mais valor do que o próprio templo. Jesus virou este raciocínio de cabeça para baixo com uma pergunta retórica: "Pois qual é maior: o ouro ou o santuário que santifica o ouro?" A resposta óbvia era o templo, a casa de Deus. O templo santificava o ouro, e não o contrário.

Jesus deu outro exemplo: **E dizeis: Quem jurar pelo altar, isso é nada; quem, porém, jurar pela oferta que está sobre o altar fica obrigado pelo que jurou. Cegos! Pois qual é maior: a oferta ou o altar que santifica a oferta?** (v. 18-19). Igualmente, os fariseus consideravam os sacrifícios mais importantes e significativos do que o altar sobre o qual estes eram apresentados a Deus. Portanto, Jesus destacou mais uma vez que o altar

santificava o sacrifício; logo, o altar era o objeto mais significativo pelo qual deveriam jurar.

Por fim, Jesus apresentou uma deslumbrante conclusão para seu argumento: **Portanto, quem jurar pelo altar jura por ele e por tudo o que sobre ele está. Quem jurar pelo santuário jura por ele e por aquele que nele habita; e quem jurar pelo céu jura pelo trono de Deus e por aquele que no trono está sentado** (v. 20-22). Ao jurar pelo altar, eles também juravam pelos sacrifícios. Ao jurar pelo templo, eles também juravam por "aquele que nele habita", a saber, o próprio Deus. Ao jurar pelo céu, eles também juravam pelo trono de Deus no céu e por "aquele que no trono está sentado", a saber, o próprio Deus. Era, sem dúvida, extremamente insensato e arrogante por parte dos escribas e fariseus ensinar que o povo poderia fazer votos pelo altar ou pelo templo sem a intenção de cumpri-los. As pessoas precisavam conhecer todas as implicações de se jurar por esses objetos sagrados, mas a triste verdade é que nem mesmo os fariseus, os guias do povo, conheciam-nas. Eles eram cegos.

Há teologia envolvida no ato de fazer votos ou juramentos para enfatizar promessas. Você já ouviu alguém dizer: "Juro pelo túmulo de minha mãe que vou fazer tal coisa" ou "Juro pelo túmulo de minha mãe que estou falando a verdade"? Você percebe como isso é blasfemo? Se eu fizer um voto desses e não cumprir, o que o túmulo de minha mãe poderá fazer a respeito? Ele é um objeto inanimado. Posso ficar o dia inteiro no cemitério jurando pelo túmulo dela, mas ele nunca me responsabilizará por coisa alguma. Logo, se eu quebrar minha promessa, não precisarei me preocupar com castigos. Porém, se eu fizer um voto diante de Deus – como fazemos por ocasião do casamento ou da entrada no rol de membros de uma igreja – estou pedindo ao Senhor Deus que seja testemunha daquela promessa. Sei que ele pode ouvir minhas palavras e ver se estou cumprindo meu voto. Não somente isso, como ele também tem a autoridade e o poder para castigar-me por quebrar o voto. É por

essa razão que, no Antigo Testamento, os votos eram feitos em nome de Deus. Eles eram considerados um apelo a Deus. O indivíduo que fazia o voto estava dizendo: "Coloco-me diante da justiça e do juízo de Deus caso eu viole a verdade em meu testemunho ou em minha promessa." Todavia, os fariseus banalizavam a seriedade dos votos inventando brechas absurdas.

Há ainda mais quatro ais a serem considerados, e nós o faremos nos próximos dois capítulos. Não ousemos, entretanto, abstrair esses juízos de Jesus e simplesmente reprovar os fariseus por sua hipocrisia sem sentir o peso destas questões em nossa própria vida. Precisamos ter muito cuidado para que nossa religião não seja ostentosa, falsa e hipócrita, mas autêntica e sincera.

* A Cultura Cristã adota a ARA, mas nesse caso específico o texto é da ARC (N. do E.).

AIS DOS FARISEUS, PARTE 3

Mateus 23.23-28



> Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas! Guias cegos, que coais o mosquito e engolis o camelo! Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque limpais o exterior do copo e do prato, mas estes, por dentro, estão cheios de rapina e intemperança! Fariseu cego, limpa primeiro o interior do copo, para que também o seu exterior fique limpo! Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que, por fora, se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia! Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas, por dentro, estais cheios de hipocrisia e de iniquidade.

Dando continuidade aos oráculos de maldição contra os escribas e fariseus, Jesus censurou-os por banalizar a religião e ser hipócritas. Não ousemos menosprezar estas críticas, visto que podem aplicar-se a nós atualmente.

Mateus relata as seguintes palavras de Jesus: **Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque dais o dízimo da hortelã, do endro e do cominho e tendes negligenciado os preceitos mais importantes da lei: a justiça, a misericórdia e a fé; devíeis, porém, fazer estas coisas, sem omitir aquelas!** (v. 23). Já observei no capítulo anterior que, ao longo destes pronunciamentos de ais, Jesus elogiou os escribas e os fariseus por diversas coisas certas que eles faziam, e este é mais um exemplo: eles eram dizimistas rigorosos. O último estudo que vi sobre o dízimo nos Estados Unidos mostrava que apenas cerca de quatro por cento dos

cristãos professos são dizimistas. Mais uma vez, precisamos considerar as palavras de Jesus sobre a necessidade de nossa justiça exceder a dos escribas e fariseus (5.20).

No Antigo Testamento, Deus ordenou que seu povo desse o dízimo – um décimo da produção ou um décimo do crescimento do gado (Lv 27.30-32). Os judeus piedosos separavam religiosamente estes dez por cento à obra de Deus. Os escribas e fariseus, entretanto, eram extraordinariamente escrupulosos a este respeito, dando o dízimo de qualquer incremento que viessem a ter. Eles eram tão meticulosos, que, caso tivessem uma pequena floreira com ervas como hortelã, anis e cominho, eles davam dez por cento de tudo o que brotasse. A postura deles equivaleria a uma pessoa hoje que, ao encontrar dez centavos na rua, dissesse a si mesma: "Preciso lembrar de adicionar um centavo no próximo dízimo." Desconheço alguém que seja tão detalhista com o dízimo, mas os escribas e fariseus eram assim.

Apesar disso, Jesus prosseguiu dizendo que os líderes religiosos haviam "negligenciado os preceitos mais importantes da Lei: a justiça, a misericórdia e a fé", sendo que deveriam "fazer estas coisas, sem omitir aquelas!" Ele não os chamou de tolos por dar o dízimo. A implicação é que eles faziam a coisa certa ao dar o dízimo com tanto cuidado. Contudo, havia "preceitos mais importantes" – justiça, misericórdia e fé – aos quais eles não haviam dispensado atenção especial. Em outras palavras, os escribas e os fariseus estavam dando prioridade às coisas menores – menores em comparação, pelo menos. A atitude adequada seria realizar os deveres menores e, ao mesmo tempo, procurar cumprir os preceitos mais importantes, e nós temos de fazer o mesmo. Estes preceitos importantes incluem: a justiça, que envolve o cumprimento da lei com equidade; a misericórdia, que envolve compaixão, tolerância e sabedoria na atenuação dos castigos; e a fé, ou fidelidade, que envolve lealdade ao chamado ou às responsabilidades recebidas.

Então, Jesus proferiu uma de suas mais memoráveis declarações: **Guias cegos, que coais o mosquito e engolis o camelo!** (v. 24). Para os judeus, o mosquito era o menor animal impuro, e o camelo, o maior. Os escribas e fariseus coavam o vinho para evitar a ingestão de mosquitos, mas, no sentido figurado, eles engoliam camelos. O significado das palavras de Jesus é claro: em sua preocupação extrema com assuntos menores, eles ignoravam questões importantes. Este versículo é parecido com a pergunta incisiva de Jesus feita no sermão do monte: "Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio?" (7.3).

Exterior e interior

Nos outros dois ais, Jesus também chamou os escribas e fariseus de hipócritas, mas, além disso, detalhou a natureza desta hipocrisia. Ele afirmou que, embora fossem peritos no cumprimento de costumes, formalidades e rituais da religião judaica, eles estavam corrompidos no que tangia a substância destas convenções.

Se há alguma coisa que a história do povo de Deus no Antigo Testamento nos ensina é que Deus não é indiferente a formalidades. Quando o povo de Israel estava escravizado no Egito, sofrendo sob a tirania de Faraó, as pessoas clamaram a Deus, e Deus as ouviu e libertou. Contudo, ele não apenas destruiu o poder de Faraó, libertou os israelitas, capacitou-os a ir para onde bem entendessem e permitiu que desfrutassem da liberdade; ele também declarou que os estava redimindo para que saíssem e o adorassem (Êx 3.12,18). No devido tempo, ele forneceu instruções detalhadas sobre a maneira como deveriam adorá-lo. Quando lemos as instruções de Deus para a construção do tabernáculo, vemos uma atenção quase infinitesimal aos detalhes da arquitetura, do mobiliário, do vestuário e dos rituais, e todos eles apontam para realidades espirituais de importância eterna e transcendente. Por que

havia um véu entre o Santo Lugar e o Santo dos Santos? Por que somente o sumo sacerdote podia entrar no Santo dos Santos para derramar o sangue sobre o propiciatório – e apenas uma vez por ano, após rituais elaborados de purificação? Por que havia uma pia no pátio externo para purificação, um altar para holocaustos, uma mesa para a exibição dos pães e assim por diante? Estes eram costumes, formalidades, rituais. No entanto, tais costumes, formalidades e rituais foram concebidos por Deus para transmitir verdades profundamente importantes. Toda formalidade é uma forma de arte, e cada forma de arte comunica alguma coisa. Cada um desses rituais e objetos apontava para algo além de si, como todo bom símbolo; eles apontavam para a realidade que seria concretizada de forma magnífica na pessoa e na obra de Cristo, o qual é a própria encarnação do tabernáculo do Antigo Testamento.

Os escribas e os fariseus compreendiam que agir de acordo com os costumes, prestar atenção às formalidades e seguir os rituais era importante. No entanto, eles ficaram tão focados no aspecto externo, que sua religião virou formalismo, externalismo e ritualismo. Eles acreditavam que, se tão somente prestassem atenção às coisas exteriores, estariam fazendo o que agrada a Deus. Porém, estavam perdendo completamente de vista a verdade, a realidade por trás dos costumes, das formalidades e dos rituais.

Pouco tempo após a expulsão de Adão e Eva do jardim do Éden, lemos sobre o primeiro ato de adoração, aquele em que Caim e Abel trouxeram sacrifícios. O autor de Hebreus diz que Abel apresentou a oferta por fé, mas Caim, não (11.4). Por este motivo, Abel recebeu o louvor e a aceitação de Deus, ao passo que Caim foi rejeitado pela adoração hipócrita (Gn 4.4-5) – e, por causa disso, assassinou seu irmão (v. 8). Ambos observaram o costume da adoração. Ambos prestaram atenção à formalidade da adoração. Ambos seguiram o ritual da

adoração. Todavia, a adoração de Caim foi vazia por ter sido *apenas* costumeira, *apenas* formal, *apenas* ritualista. A dimensão interna, a substância, estava ausente. Os escribas e fariseus tinham o mesmo problema.

Este comportamento provocou a ira de Jesus: **Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque limpais o exterior do copo e do prato, mas estes, por dentro, estão cheios de rapina e intemperança! Fariseu cego, limpa primeiro o interior do copo, para que também o seu exterior fique limpo!** (v. 25-26).

Você consegue imaginar algo mais insensato do que lavar cuidadosamente a superfície externa de uma xícara sem atentar às borras de café e outras sujeiras no lado de dentro? No dia seguinte, a pessoa colocaria o café em uma xícara imunda e, à noite, esfregaria com muito cuidado o exterior da louça mais uma vez, sem prestar atenção ao que está dentro dela. Este comportamento é absurdo porque está invertido. É o interior da xícara o lado mais usado e, portanto, o que deve ser limpo com mais cuidado.

Jesus estava usando esta imagem para revelar o problema na vida dos escribas e fariseus. Eles eram obcecados por obedecer corretamente às formalidades, por fazer tudo de acordo com elas. No entanto, sua vida interior era estéril. Jesus acusou-os de "rapina e intemperança". Não sei ao certo o que ele quis dizer com estes termos, mas o significado geral está claro: os escribas e fariseus precisavam acertar seu coração com Deus. Mais uma vez, pode ser que haja um elogio implícito aqui. Afinal, Deus não estipulou os rituais de adoração sem esperar que eles fossem seguidos, e os escribas e fariseus empenhavam-se para cumpri-los à risca. Contudo, Deus havia falado muitas vezes no Antigo Testamento sobre como o coração de um homem justo deveria ser, e os escribas e fariseus prestaram pouca atenção a isso.

Anteriormente em Mateus, nós vimos um incidente em que os escribas e fariseus repreenderam Jesus por permitir que os discípulos comessem sem antes lavar as mãos. Depois, ele disse:

Não é o que entra pela boca o que contamina o homem, mas o que sai da boca, isto, sim, contamina o homem. […] Não compreendeis que tudo o que entra pela boca desce para o ventre e, depois, é lançado em lugar escuso? Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem. Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem; mas o comer sem lavar as mãos não o contamina (15.11,17-20).

Práticas exteriores nunca podem mudar um homem. Apenas a renovação do coração produz verdadeira mudança.

O ai seguinte que Jesus proferiu transmitia uma mensagem semelhante: **Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que, por fora, se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda imundícia! Assim também vós exteriormente pareceis justos aos homens, mas, por dentro, estais cheios de hipocrisia e de iniquidade** (v. 27-28). Os judeus tinham cemitérios, mas muitos enterravam os entes queridos em lotes privados. Naturalmente, Deus havia transmitido aos israelitas leis muito severas quanto à purificação ritual, e estas leis ditavam que o povo não podia ter contato com jazigos, túmulos ou sepulcros. Quem tivesse contato com um destes elementos ficava cerimonialmente impuro, e precisava cumprir rituais de purificação por vários dias a fim de retomar a adoração com o povo de Deus e a participação em outras atividades (Nm 19.11-16). Assim, os proprietários de túmulos e jazigos caiavam regularmente suas superfícies para que os passantes logo soubessem que se encontravam nas proximidades de uma sepultura. Nenhum grupo em Israel era mais criterioso na obediência a este princípio do que os escribas e os fariseus.

Porém, o argumento de Jesus era que os próprios escribas e fariseus eram semelhantes a sepulcros caiados. Em sua observância rigorosa dos rituais judaicos, eles pareciam ser autênticos homens de Deus. À semelhança de sepulcros caiados, eles eram belos no exterior. No entanto, conforme Jesus observou, até mesmo os sepulcros mais bonitos continham ossos e restos de cadáveres, os quais causavam contaminação pelo toque. Os escribas e fariseus eram assim. Embora tivessem uma aparência de zelo, fé e piedade, eles estavam espiritualmente mortos por dentro. Segundo as palavras de Jesus, eles estavam cheios de hipocrisia e iniquidade, e João diz que "pecado é iniquidade" (1Jo 3.4b, ARC).

Formalidades e realidades

Jesus não estava dizendo aos escribas e fariseus que se deve abolir os costumes, as formalidades e os rituais. Porém, não basta seguirmos os ritos exteriores; devemos dar atenção especial aos aspectos interiores, às realidades espirituais.

No período do Antigo Testamento, a religião de Israel decaiu, transformando-se em puro formalismo, externalismo e ritualismo. As pessoas simplesmente agiam de maneira automática, fazendo sacrifícios, recitando orações e entoando hinos; porém, sem fé, sem paixão, sem amor e sem alegria. Elas saudavam as coisas de Deus por fora, mas perdiam completamente de vista sua essência. Por este motivo, Deus vociferou ao povo pela voz dos profetas, ordenando que ele o amasse novamente. Os profetas, entretanto, nunca disseram que Deus o abandonaria caso ele violasse as formalidades. Os costumes, as formalidades e os rituais não eram o problema; o problema estava no coração do povo.

Eu constantemente ouço pessoas dizerem: "Não há liturgia na minha igreja." Como uma igreja pode não ter liturgia? Toda igreja tem alguma liturgia. O culto segue uma ordem; ele não é caótico. Na verdade, este tipo de igreja apenas trocou uma formalidade por outra, um costume por

outro. Devemos lembrar que o próprio Deus concebeu o culto para o seu povo e, quando o fez, ordenou que as pessoas o adorassem com os costumes, as formalidades e os rituais por ele estabelecidos. Fazemos bem em lembrar de Caim e Abel. Não basta adorarmos apenas com formalidades; devemos adorar com fé, em espírito e em verdade. Nunca devemos negligenciar as realidades internas, a começar com um amor sincero por Deus.

AIS DOS FARISEUS, PARTE 4

Mateus 23.29-39



> Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque edificais os sepulcros dos profetas, adornais os túmulos dos justos e dizeis: Se tivéssemos vivido nos dias de nossos pais, não teríamos sido seus cúmplices no sangue dos profetas! Assim, contra vós mesmos, testificais que sois filhos dos que mataram os profetas. Enchei vós, pois, a medida de vossos pais. Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno? Por isso, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas. A uns matareis e crucificareis; a outros açoitareis nas vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade; para que sobre vós recaia todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o santuário e o altar. Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre a presente geração. Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta. Declaro-vos, pois, que, desde agora, já não me vereis, até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor!

Conforme já disse em muitas ocasiões, eu às vezes me pergunto se as divisões da Bíblia em versículos e capítulos foram feitas por um pregador itinerante como forma de passar o tempo enquanto cavalgava de cidade em cidade. Eu me faço essa pergunta porque, em algumas situações, as divisões em versículos e capítulos parecem fazer pouco sentido. Estamos nos aproximando de uma dessas divisões: a separação entre os capítulos 23 e 24 do Evangelho de Mateus. O capítulo 24 contém aquilo que conhecemos como sermão profético, um dos discursos mais importantes registrados pelos evangelistas, no qual Jesus faz algumas profecias muito significativas. Ele também tem sido uma das

seções mais controversas do Novo Testamento há séculos. No entanto, Mateus 23 e 24 encaixam-se como duas peças de um quebra-cabeça, e eu fico intrigado quanto ao motivo de um novo capítulo ser iniciado no começo desse discurso de Jesus.

Seja como for, ao estudar o último oráculo de ai que Jesus proferiu contra os escribas e fariseus, é bom começarmos a pensar no que vem adiante. O ensinamento de Jesus no sermão profético sobre a destruição do templo, a destruição de Jerusalém e sua vinda em glória não deve ser isolado das coisas que ele ensinou no último ai aos escribas e fariseus. Estas passagens estão estreitamente relacionadas, como veremos nos capítulos a seguir.

Segundo Mateus, Jesus concluiu seus ais dizendo: **Ai de vós, escribas e fariseus, hipócritas, porque edificais os sepulcros dos profetas, adornais os túmulos dos justos e dizeis: Se tivéssemos vivido nos dias de nossos pais, não teríamos sido seus cúmplices no sangue dos profetas!** (v. 29-30). No primeiro século a.C., o povo judeu zelava pela honra de heróis dos séculos passados, especialmente aqueles que haviam sido mártires em prol da verdade de Deus. As pessoas procuravam os túmulos e construíam monumentos com o intuito de declarar a grandeza dos profetas a gerações futuras. Quem liderava a iniciativa de honrar os profetas e adornar suas sepulturas eram os escribas e fariseus. Jesus notou este zelo, dizendo: "edificais os sepulcros dos profetas, adornais os túmulos dos justos". Mais uma vez, vemos o Senhor elogiando algo que os escribas e fariseus faziam.

Mas, como sempre, os escribas e fariseus estavam preocupados em chamar atenção para si. Ao que tudo indica, eles faziam discursos com o intuito de exaltar-se quando os sepulcros eram edificados e dedicados, dizendo: "Se tivéssemos vivido nos dias de nossos pais, não teríamos sido seus cúmplices no sangue dos profetas!" O que eles alegavam era que não teriam desprezado e matado os profetas como seus antepassados fizeram.

Em outras palavras, afirmavam ser mais sábios, mais humildes e mais piedosos do que seus ancestrais. Os escribas e fariseus diziam que, se tivessem estado na pele deles, teriam recebido os homens enviados por Deus e dado ouvidos às mensagens que traziam.

Jesus acrescentou: **Assim, contra vós mesmos, testificais que sois filhos dos que mataram os profetas. Enchei vós, pois, a medida de vossos pais. Serpentes, raça de víboras! Como escapareis da condenação do inferno?** (v. 31-33). Apesar das palavras deles, as ações falavam mais alto. Ao conspirar contra Jesus, eles mostraram que eram exatamente como os ancestrais que haviam assassinado os profetas de Deus. Além disso, demonstrariam mais tarde que eram tão culpados quanto eles.

Jesus nada reteve quando chamou os escribas e fariseus de "serpentes, raça de víboras". Ao chamá-los de serpentes, ele os igualou a Satanás, o qual tinha a astúcia de uma serpente (Gn 3.1) e uma picada venenosa. Outro profeta também os havia chamado de raça de víboras: João Batista (veja 3.7). O próprio Jesus também já tinha usado o termo antes (12.34). Diante de tal caráter, a resposta clara à pergunta retórica – "Como escapareis da condenação do inferno?" – é que eles simplesmente não podiam escapar dela. Este era, de fato, um oráculo de ai.

Alerta de juízo

Em seguida, Jesus profetizou sobre os anos seguintes e as décadas vindouras: **Por isso, eis que eu vos envio profetas, sábios e escribas. A uns matareis e crucificareis; a outros açoitareis nas vossas sinagogas e perseguireis de cidade em cidade; para que sobre vós recaia todo o sangue justo derramado sobre a terra, desde o sangue do justo Abel até ao sangue de Zacarias, filho de Baraquias, a quem matastes entre o santuário e o altar** (v. 34-35). Jesus Cristo prometeu enviar "profetas, sábios e escribas" durante o ministério dos escribas e fariseus. Esta parece ser uma clara referência aos apóstolos e seus colaboradores, os quais difundiriam o

evangelho e edificariam a igreja. Alguns deles, segundo Jesus, seriam mortos e crucificados pelos escribas e fariseus, ao passo que outros seriam açoitados e perseguidos de cidade em cidade. Vemos a maior parte desta profecia sendo cumprida no livro de Atos.

Jesus, então, advertiu-os: "sobre vós recaia todo o sangue justo derramado sobre a terra". Ele mencionou primeiro "o sangue do justo Abel". O primeiro homicídio foi um fratricídio, quando Caim levantou-se e matou seu irmão Abel por ciúme e inveja (Gn 4.8). Deus aproximou-se de Caim e perguntou: "Onde está Abel, teu irmão?", ao que Caim respondeu: "Não sei; acaso, sou eu tutor de meu irmão?" Então, Deus falou: "A voz do sangue de teu irmão clama da terra a mim" (v. 9-10). Este clamor pela retribuição divina não havia sido totalmente satisfeito. O sangue de Zacarias também não fora vingado. No Antigo Testamento, os judeus colocavam Gênesis no início e 2Crônicas, o último livro histórico, no final. Em 2Crônicas, está registrado o martírio de Zacarias, que foi morto na casa de Deus entre o pórtico e o altar (2Cr 24.20-22). Ao mencionar esses dois martírios, Jesus englobou todas as mortes profanas do cânon hebraico. Ele estava dizendo que, de Abel a Zacarias, de A a Z, a história tinha sido a mesma: as autoridades religiosas judaicas assassinaram os homens de Deus enviados para transmitir sua palavra, pois não queriam ser dominadas por ele.

Então, lemos uma palavra assustadora: **Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre a presente geração** (v. 36). A retribuição divina, de acordo com Jesus, viria sobre aquela geração. Todo o mal feito na história da redenção, toda rejeição dos profetas de Deus pelo seu povo, seriam julgados em um futuro muito próximo. O ponto crítico de toda a história da redenção estava às portas.

No início do século 20, havia um grupo de teólogos conhecidos como "teólogos da crise". O nome era derivado parcialmente da palavra grega *krisis*, termo empregado pelo Novo Testamento para "juízo". Estes

homens entendiam que o advento de Jesus Cristo – o período em que ele veio a este mundo – representou a crise suprema da humanidade por ter sido uma época de juízo. Ele veio para dividir e separar, para trazer não a paz, mas a espada (10.34-36). O destino eterno das pessoas seria determinado pela forma como elas reagiam a Jesus. A crise continua até os dias de hoje, visto que o lugar onde passaremos a eternidade é determinado pela forma como respondemos a ele.

Conforme veremos no estudo de Mateus 24, há grande controvérsia quanto ao significado específico do termo *geração*, mas o testemunho esmagador da interpretação judaica e o estudo da língua mostram que esta palavra se refere a qualquer grupo de pessoas em um período de aproximadamente 40 anos. Mencionamos hoje gerações mais jovens ou gerações mais velhas, e identificamos o termo como segmentos da população com idade próxima. Assim, quando Jesus mencionou o juízo de Deus contra "a presente geração", ele estava se referindo às pessoas vivas na época. Ele não estava falando sobre algo que aconteceria 2.000 anos depois. A crise, o juízo, chegaria muito em breve. João Batista havia iniciado seu ministério declarando ao povo de Israel: "Já está posto o machado à raiz das árvores" (3.10), e o que Jesus disse foi praticamente a mesma coisa. Este foi o primeiro vislumbre das profecias que ele faria no sermão profético.

Lamento por Jerusalém

Após dirigir suas palavras aos escribas e fariseus, Jesus voltou-se para a cidade de Jerusalém, proferindo um lamento repleto de emoção: **Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!** (v. 37).

Quando estudamos Mateus 7.21-23 (capítulo 35), eu disse que as declarações de Jesus naquela passagem parecem ser umas das mais

terríveis que já saíram de seus lábios. Ele anunciou àqueles que ouviam o sermão do monte que muitos se aproximariam dele no último dia e diriam: “Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres?” Porém, Jesus responderia: “nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade”. Quando analisamos esse texto, eu ressaltei o fato de que Jesus utilizou um mecanismo literário extremamente raro nas Escrituras: a repetição de um vocativo. Este mecanismo ocorre em torno de 15 vezes apenas: “Abraão, Abraão”, “Jacó, Jacó”, “Moisés, Moisés”, “Marta, Marta”, “Simão, Simão”, “Meu Deus, meu Deus”. Eu expliquei que, quando vemos um nome repetido desta forma, trata-se de uma insinuação de intimidade. Jesus estava dizendo que pessoas irão a ele no último dia e o chamarão de “Senhor, Senhor”, como se dissessem: “Jesus, eu o conheço. Conheço-o intimamente. Tenho um relacionamento profundo e pessoal com o senhor.” Infelizmente, elas estarão enganadas. Elas não o conhecerão de modo algum. Ou melhor, ele não as conhecerá. É por isso que suas palavras são tão terríveis.

Menciono isso porque, quando Jesus lamentou por Jerusalém, ele se dirigiu à cidade fazendo uso desta expressão de intimidade: “Jerusalém, Jerusalém”. Ele, evidentemente, era íntimo da cidade. O ponto focal da ação divina na história da redenção era Jerusalém, a Cidade Santa, Sião, a cidade do templo. Ao contemplá-la, o coração de Jesus ficou pesaroso, pois ela havia rejeitado resolutamente os profetas responsáveis por trazer a Palavra de Deus, apedrejando-os e matando-os. Tamanho era seu amor pelo povo de Jerusalém, que ele ansiava por reuni-lo da mesma maneira que a galinha ajunta seus pintinhos, mas as pessoas não o desejavam. Jesus queria ter intimidade com seu povo, mas este rejeitava suas iniciativas.

Tal rejeição seria custosa. Jesus disse: **Eis que a vossa casa vos ficará deserta. Declaro-vos, pois, que, desde agora, já não me vereis, até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor!** (v. 38-39). Imagine a cena. Jesus disse ao povo: "vossa casa vos ficará deserta". Todas as cabeças viraram para olhar em volta. As pessoas observaram os muros imponentes, o templo e as casas; tudo estava em perfeitas condições. O templo estava firme e forte. A cidade sobre a qual Jesus chorou estava fervilhando com as atividades comerciais frenéticas do dia a dia. Nada parecia diferente. Não havia qualquer aparência de desolação. Porém, Jesus disse que a desolação estava próxima. Esta foi outra prévia do sermão profético, no qual ele anunciaria a destruição do templo e da cidade, bem como sua própria vinda em juízo.

O que Jesus quis dizer quando falou: "já não me vereis, até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor!"? O povo de Jerusalém havia clamado estas palavras por ocasião de sua entrada na cidade alguns dias antes (21.9). Jesus parece ter profetizado seu retorno futuro, ocasião em que seu povo estaria verdadeiramente pronto para recebê-lo.

Como adendo, devo observar que este lamento é citado por muitos com o intuito de contestar a doutrina bíblica da eleição. O argumento é este: Jesus quis reunir as pessoas como a galinha ajunta os pintinhos; isto é, elas não estavam dispostas a ir até ele, e ele não as forçou. No entanto, este versículo nada nos ensina sobre eleição; apenas sobre o estado natural de todos, que é a indisposição. Sim, nós temos força de vontade para o que quisermos fazer, mas não para obedecer a Deus. Não podemos desejar ir a Cristo. Jesus explicou esta verdade quando disse: "ninguém poderá vir a mim, se, pelo Pai, não lhe for concedido" (Jo 6.65). O povo de Jerusalém recusou-se a ir a Jesus por simples falta de vontade. Ninguém vai a Cristo a menos que Deus, em sua misericórdia, abrande a dureza do coração de modo a tornar a pessoa disposta, e até

mesmo ávida por se achegar a ele. Ele nos redime de nossa própria liberdade corrupta – que, na realidade, é servidão – porque fazemos o que queremos, não o que Deus quer que façamos.

Cristo, mesmo ciente de tudo isso, chorou por aqueles que não queriam. Nós também devemos chorar por eles.

A DESTRUIÇÃO DO TEMPLO

Mateus 24.1-3,32-35



> Tendo Jesus saído do templo, ia-se retirando, quando se aproximaram dele os seus discípulos para lhe mostrar as construções do templo. Ele, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada. No monte das Oliveiras, achava-se Jesus assentado, quando se aproximaram dele os discípulos, em particular, e lhe pediram: Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século. […] [Jesus disse:] Aprendei, pois, a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão. Assim também vós: quando virdes todas estas coisas, sabei que está próximo, às portas. Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça. Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão.

Imagine que você é um membro da minha congregação na *Saint Andrew's Chapel* em Sanford, Flórida. Certo domingo pela manhã, enquanto estou no púlpito pregando, você me ouve fazer a seguinte declaração: — Ontem à noite, recebi uma revelação especial de Deus. Tive uma visão na qual ele me contou as coisas que em breve hão de acontecer. Em algum momento dentro dos próximos 12 meses, os Estados Unidos serão arruinados como nação. O Capitólio e a Casa Branca serão destruídos. A união dos 50 estados será dissolvida, e os Estados Unidos como nação independente não mais existirão. Porém, eu não sei a data exata disso tudo. Não sei dizer o dia, a semana nem mesmo o mês. Mas sei que, dentro dos próximos 12 meses, todas estas coisas vão acontecer.

Sugiro este cenário hipotético como forma de ajudá-lo a se colocar no lugar dos discípulos de Jesus, os quais ouviram as palavras de Mateus 24 sendo consideradas neste capítulo, bem como a totalidade do conteúdo do sermão profético, presente em todos os três evangelhos sinóticos. Eu não consigo pensar em alguma profecia, seja no Antigo ou no Novo Testamento, mais impressionante do que a profecia proferida por nosso Senhor Jesus no monte das Oliveiras a respeito do templo e de Jerusalém. Ele reuniu os discípulos e disse, acerca do templo: "não ficará aqui pedra sobre pedra". Jesus também falou que a própria cidade seria destruída: "até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles" (Lc 21.24b). Além disso, ele afirmou que o povo de Israel seria disperso pelo mundo: "serão levados cativos para todas as nações" (v. 24a).

Ao ouvir isso, os discípulos devem ter ficado tão atônitos quanto você ficaria se eu lhe dissesse que os Estados Unidos estão fadados à ruína. Nenhum judeu na época de Jesus poderia imaginar que o templo seria destruído. O templo anterior, de Salomão, havia sido destruído pelos babilônios, mas fora reconstruído após o exílio babilônico no final do sexto século a.C. Apesar disso, ele nunca mais teve o mesmo esplendor do templo original de Salomão e, no final do primeiro século a.C., encontrava-se em mau estado de conservação. Por este motivo, o rei Herodes, o Grande, lançou um programa de reconstrução que durou cerca de 46 anos. Herodes ficou provavelmente mais conhecido por seu talento arquitetônico, fator responsável pela renovação, fortificação e expansão do templo. Se houve alguma construção na face da terra considerada inexpugnável no primeiro século, esta construção foi o templo em Jerusalém, graças aos esforços do rei. Ninguém podia imaginar que um edifício tão magnífico pudesse ser destruído ao ponto de não restar pedra sobre pedra.

Eu ouso afirmar que nenhuma profecia de Jesus feita durante seu ministério prova sua identidade com tanta perfeição e valida a inspiração das Escrituras pelo Espírito Santo de forma tão completa como esta profecia. Sabemos, com base na história, que os eventos profetizados por ele se cumpriram nos mínimos detalhes. Temos relatos de uma testemunha ocular, o historiador judeu Josefo, sobre o cerco de Jerusalém realizado pelos romanos e a subsequente destruição da cidade, inclusive a demolição do próprio templo. Este texto deveria calar os obstinados e silenciar a língua dos céticos e cínicos em relação a Jesus e à Bíblia.

Ironicamente, entretanto, eu desconheço alguma passagem do Novo Testamento que seja mais utilizada para negar a precisão das declarações proféticas de Jesus e para atacar a credibilidade das Escrituras Sagradas do que o sermão profético. Por exemplo, Bertrand Russell escreveu um artigo intitulado "Por que não sou cristão", no qual citou o sermão profético como uma das principais razões por que estava convencido de que Cristo não é o Filho de Deus e a Bíblia não é a Palavra de Deus. Quando eu estava no seminário, os maiores estudiosos críticos da faculdade também apresentavam, com frequência, o mesmo argumento contra a identidade de Jesus e a inspiração da Bíblia, citando o sermão profético.

Se o cumprimento da profecia foi tão claro e dramático, qual é a razão de todo o ceticismo? O motivo está no versículo 34, e é por isso que desejo analisá-lo no início de nossas considerações sobre o sermão profético.

Sinais para a geração

Mateus diz: **Tendo Jesus saído do templo, ia-se retirando, quando se aproximaram dele os seus discípulos para lhe mostrar as construções do templo** (v. 1). Certo dia, ao sair do templo na semana que precedia sua

crucificação – talvez voltando a Betânia para passar a noite – seus discípulos lhe apontaram as belas e grandes construções do complexo do templo, edificadas por Herodes. Porém, Jesus deu uma resposta inesperada: **Ele, porém, lhes disse: Não vedes tudo isto? Em verdade vos digo que não ficará aqui pedra sobre pedra que não seja derribada** (v. 2). Esta é a profecia específica sobre o templo; Jesus disse que ele seria totalmente destruído, que todas as pedras seriam derrubadas e que não restaria qualquer ruína.

Como seria de se esperar, este comentário despertou a curiosidade dos discípulos. Mateus escreve: **No monte das Oliveiras, achava-se Jesus assentado, quando se aproximaram dele os discípulos, em particular, e lhe pediram: Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século** (v. 3). Em um momento particular de Jesus, enquanto contemplava Jerusalém assentado no monte das Oliveiras, os discípulos pediram-lhe que contasse mais sobre o que aconteceria no futuro. Mais especificamente, eles perguntaram quando seria a destruição do templo e quais sinais específicos anunciariam sua vinda e o final daquela era. Jesus respondeu com uma longa discussão sobre os sinais dos tempos e, depois, com descrições de uma época de tribulação a ser seguida pela vinda do Filho do homem.

Esse discurso tem servido de estímulo para especulações dispensacionalistas, tais como o livro *A agonia do grande planeta Terra* e a série *Deixados para trás*. Alguns professores bíblicos têm muito interesse nas coisas que Jesus disse aqui e estão sempre chamando atenção para os acontecimentos em Israel e no mundo que parecem alinhar-se com suas profecias. Eles querem acreditar que estamos nos aproximando da consumação do reino, da época do retorno glorioso de Cristo.

Todavia, os críticos concentram-se em uma pequena seção do discurso, onde, segundo Mateus, Jesus disse: **Aprendei, pois, a parábola**

da figueira: quando já os seus ramos se renovam e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão. Assim também vós: quando virdes todas estas coisas, sabei que está próximo, às portas. Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça. Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão (v. 32-35). Aqui, Jesus disse aos discípulos que as coisas mencionadas até aquele ponto do discurso (v. 4-31) seriam sinais de que sua vinda era iminente. Ele também fez uma promessa: "não passará esta geração sem que tudo isto aconteça".

Para os judeus, uma geração abrangia cerca de 40 anos. Como vimos no capítulo anterior, quando Jesus concluiu os oráculos de ai contra os escribas e fariseus, ele disse que a justiça por todo o sangue inocente derramado pelos líderes religiosos judeus viria sobre "a presente geração" (23.36). Isto é, os líderes dos judeus que conspiravam para destruir Jesus receberiam tal julgamento. Da mesma forma, em resposta à pergunta dos discípulos: "quando sucederão estas coisas?", Jesus disse que tudo aconteceria antes de aquela geração morrer. Ele estava afirmando que toda a profecia feita ali – a destruição do templo, a destruição de Jerusalém e sua vinda – aconteceria dentro de 40 anos.

Você entende o peso desse problema? Os críticos colocam o foco nesta declaração, dizendo: "Jesus falou que voltaria em 40 anos. Ele afirmou que o fim do mundo seria naquela mesma geração e que a consumação de seu reino estaria completa em apenas algumas décadas." Eles também observam que Jesus proferiu coisas semelhantes em outras passagens. Conforme vimos anteriormente no Evangelho de Mateus, ele disse: "em verdade vos digo que não acabareis de percorrer as cidades de Israel, até que venha o Filho do homem" (Mt 10.23), e: "Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do homem no seu reino" (16.28). Com base nestas declarações, os críticos afirmam que as próprias

profecias de Jesus minam sua credibilidade, pois, além de não ter regressado naquela mesma geração, ele *ainda* não voltou.

Soluções propostas

Estudiosos conservadores afirmam que, na última profecia (16.28), Jesus referia-se à vinda do reino quando o poder do Espírito Santo seria derramado sobre os discípulos no dia de Pentecostes. Eu não tenho como concordar com esta interpretação. Não faria sentido algum para Jesus dizer que *alguns* discípulos testemunhariam um acontecimento que seria concretizado dali a poucas semanas. A história mostra que apenas um deles morreu antes do Pentecostes, a saber, Judas.

Outros tentam lidar com a dificuldade apresentada por estas declarações sugerindo que Jesus não tinha em mente o significado literal da palavra geração; afinal, posteriormente em seu discurso, ele afirmou que ninguém conhecia a hora de sua vinda, nem ele mesmo (v. 36). No entanto, o fato de Jesus não saber exatamente o dia, a semana ou o mês de sua vinda não prova que ele desconhecia o que estava para acontecer na geração seguinte. Ele tinha uma margem de 40 anos para que sua profecia fosse cumprida.

Outros dizem que a profecia de Jesus estava completamente correta e que tudo o que ele havia profetizado aconteceu no primeiro século, incluindo sua vinda. Por vezes, meu nome é vinculado a esse grupo de estudiosos, mas eu não estou de acordo com esta interpretação, visto que acredito em uma consumação futura do reino de Deus. Já segundo outro ponto de vista, a palavra *geração* refere-se não a um período, mas a um tipo de pessoa; a um tipo perverso e cético como os escribas e fariseus. Assim, Jesus estaria simplesmente dizendo que homens perversos e céticos ainda estariam no mundo quando ele retornasse. Alguns acreditam que, quando Jesus se referiu a "todas estas coisas", ele estava falando sobre a destruição do templo e da cidade, não sobre seu retorno em juízo. Por último, há quem defenda que esta profecia tinha tanto um

cumprimento preliminar quanto um cumprimento final, como é típico de muitas profecias na Bíblia. Desta forma, a destruição de Jerusalém já teria acontecido, mas o retorno de Jesus ainda não. Esta ideia tem algum valor, mas, se a Bíblia é a Palavra de Deus e se estes são os ensinamentos de Jesus, algum aspecto de todas estas coisas deveria ter acontecido nos 40 anos seguintes à profecia.

Ao estudarmos o discurso nos próximos capítulos, tomarei como base a convicção de que Jesus falava acerca de um juízo que sobreviria à nação no final da era judaica, com a destruição de Jerusalém e a dispersão dos judeus, inaugurando aquilo que o Novo Testamento chama de época dos gentios, ainda em curso. Quero interpretar o sermão profético de uma forma consistente com o modo como os discípulos de Jesus o ouviram. Eles fizeram uma pergunta simples: "Quando sucederão estas coisas?" Em resposta, ele afirmou que certas coisas aconteceriam ainda na geração seguinte.

OS SINAIS DO FIM

Mateus 24.3-14



> No monte das Oliveiras, achava-se Jesus assentado, quando se aproximaram dele os discípulos, em particular, e lhe pediram: Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século. E ele lhes respondeu: Vede que ninguém vos engane. Porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos. E, certamente, ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares; porém tudo isto é o princípio das dores. Então, sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do meu nome. Nesse tempo, muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros; levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos. Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo. E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim.

No capítulo anterior, quando começamos a examinar este impressionante ensinamento de Jesus conhecido como sermão profético, eu ressaltei que o texto apresenta grandes dificuldades para os estudiosos da Bíblia. Não há dúvida de que a destruição do templo e de Jerusalém aconteceu exatamente como Jesus profetizou e ao longo daquela mesma geração. Porém, outros acontecimentos profetizados, tais como sua vinda, não parecem ter se concretizado naquele período. Será que tudo se deu no prazo especificado por Jesus? Ou será que ele estava errado? Como podemos solucionar tais dificuldades?

Temos de avançar com muito cuidado nas tentativas de responder a essas perguntas. Quando sugiro possíveis maneiras de compreender o texto, não significa que estou em pé no monte Olimpo proferindo um decreto de autoridade final. Eu tenho procurado entender esta passagem há muitos anos, e alguns pontos de vista meus já precisaram sofrer correções e mudanças ao longo do tempo. Portanto, ainda não me encontro em uma posição de segurança para declarar dogmaticamente a interpretação correta desta parte das Escrituras Sagradas. Peço que você participe do meu esforço enquanto procuro discernir a mente de nosso Deus em relação a estes assuntos.

Jesus havia falado aos discípulos que o templo, o qual parecia ser tão imponente e inabalável, seria totalmente destruído, a ponto de nem sequer uma pedra restar sobre outra (v. 2). Isto fez com que eles se aproximassem do Senhor em busca de uma explicação mais completa: **No monte das Oliveiras, achava-se Jesus assentado, quando se aproximaram dele os discípulos, em particular, e lhe pediram: Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século.** (v. 3).

Antes de considerar a resposta de Jesus, quero refletir sobre a pergunta dos discípulos. A maior parte do questionamento está clara, mas o que eles quiseram dizer com "consumação do século"? Qual século eles tinham em mente? Quando as pessoas leem esse texto hoje, costumam pensar que "consumação do século" é a conclusão da história por ocasião do retorno triunfante de Jesus, quando ele consumará seu reino. Será que existe outra interpretação possível?

Muitos estudiosos observaram que o Novo Testamento faz uma distinção entre a época ou o tempo dos judeus e a época ou o tempo dos gentios. Um dos textos onde encontramos tal distinção é a versão de Lucas do sermão profético. Lemos ali:

> Quando, porém, virdes Jerusalém sitiada de exércitos, sabei que está próxima a sua devastação. Então, os que estiverem na Judeia, fujam para os montes; os que se encontrarem dentro da cidade, retirem-se; e os que estiverem nos campos, não entrem nela. Porque estes dias são de vingança, para se cumprir tudo o que está escrito. Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Porque haverá grande aflição na terra e ira contra este povo. Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles (Lc 21.20-24).

Jesus exortou seus discípulos a precaver-se contra os exércitos que estariam ao redor de Jerusalém. Suas instruções quanto ao que eles deveriam fazer naquela situação eram totalmente contrárias aos procedimentos normais em casos de invasão. Geralmente, quando uma nação era invadida, o povo fugia dos povoados em direção à cidade com os maiores muros. A cidade era o local de refúgio, uma vez que suas muralhas eram construídas especificamente para impedir a entrada dos invasores. Os muros de Jerusalém na época tinham 45 metros de altura. Até mesmo o exército romano, com todos os seus equipamentos bélicos e suas táticas militares, enfrentaram uma tarefa hercúlea para violar os muros de Jerusalém em 70 d.C., bem como outros invasores em séculos anteriores. O cerco em 70 d.C. durou seis meses. Assim sendo, a cidade geralmente era o lugar aonde se ia durante a invasão de uma potência estrangeira. Jesus, entretanto, instruiu os discípulos a não irem para lá; em vez disso, exortou-os a fugir para as montanhas. Por quê? Porque Jerusalém não seria um lugar seguro em 70 d.C. Ela seria destruída. O historiador judeu Josefo relata que, quando Jerusalém caiu e foi destruída pelos romanos, mais de um milhão de judeus foram mortos, mas pouquíssimos cristãos pereceram. Eles haviam seguido o conselho de Jesus, fugindo para as montanhas e não para a cidade.

Segundo o relato de Lucas, Jesus referiu-se à destruição de Jerusalém como "dias de vingança". Aquela seria uma época em que Deus derramaria sua ira sobre o povo. Vimos anteriormente que Jesus havia lamentado por Jerusalém, dizendo: "Eis que a vossa casa vos ficará

deserta" (23.38). Deus castigaria seu povo por rejeitar seu Filho. Deste modo, a destruição de Jerusalém seria o fim de uma antiga economia.

Por último, observe que Jesus disse: "até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles". Ele fez uma distinção entre os tempos dos gentios e, por inferência, os tempos dos judeus. Semelhantemente, no livro de Romanos, Paulo fala da "plenitude dos gentios" (11.25), o que parece indicar um final para os tempos dos gentios.

Em junho de 1967, minha atenção ficou completamente voltada para a cobertura dos noticiários sobre a Guerra dos Seis Dias, durante a qual os israelitas lutaram pela cidade de Jerusalém. Quando os soldados israelitas chegaram ao monte do Templo, muito embora houvesse um tiroteio em andamento, eles soltaram as armas e correram em direção ao Muro das Lamentações – a única parte restante do muro que circundava o pátio do templo na antiga Jerusalém – e começaram a orar. Como você pode imaginar, eu fiquei muito emocionado ao assistir a esses acontecimentos. Eu não conseguia acreditar no que via e não podia deixar de me perguntar se os "tempos dos gentios" estavam sendo "cumpridos" bem diante dos meus olhos. Perceba que a palavra *até*, dita por Jesus, indica um ponto terminal. Ele estava dizendo que Jerusalém não ficaria devastada para sempre. Haveria um fim para o domínio gentílico da cidade. Por esta razão, em 1967, os estudiosos seguravam a Bíblia em uma mão e o jornal na outra, perguntando a si mesmos se este ponto terminal já havia chegado. Evidentemente, esta questão ainda é debatida.

Menciono tudo isso porque acho provável Jesus não ter tido em mente o fim do mundo quando disse aos discípulos o que esperar na "consumação do século". Creio que ele estava pensando no fim da era judaica, que ocorreu com a queda de Jerusalém. Este foi o início dos tempos dos gentios.

O princípio das dores

Mateus diz que, quando os discípulos fizeram estas perguntas sérias, Jesus **lhes respondeu: Vede que ninguém vos engane** (v. 4). Ele primeiro os alertou para que se acautelassem contra o engano, de modo a não acharem que o fim havia chegado antes do tempo. Em seguida, passou a listar diversos acontecimentos que se concretizariam antes do fim: **Porque virão muitos em meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo, e enganarão a muitos. E, certamente, ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares; porém tudo isto é o princípio das dores** (v. 5-8).

Mais uma vez, quando a maioria das pessoas hoje lê este trecho de Mateus, conclui apressadamente que Jesus estava descrevendo as coisas que acontecerão pouco antes da consumação final de seu reino. Por este motivo, elas se mantêm atualizadas com os noticiários para saber se tais eventos já estão acontecendo no mundo. No entanto, eu penso que, se olharmos atentamente para esta passagem, veremos que Jesus estava falando sobre os acontecimentos que tinham de transcorrer antes da destruição de Jerusalém. Nestes versículos, ele instruiu os discípulos a atentarem-se para cinco sinais específicos:

- Pessoas alegando falsamente ser Cristo;
- Guerras e rumores de guerras;
- Fomes;
- Pestilências;
- Terremotos.

Ao ler esta lista, eu me pergunto como tais coisas podem ser consideradas sinais de qualquer anormalidade. Em minha opinião, tais acontecimentos poderiam servir como sinais apenas se ocorressem de

forma significativa e em um intervalo de tempo preciso. Permita-me explicar o que quero dizer.

Em nosso mundo atual, as notícias viajam a uma velocidade incrível. Se acontece um terremoto, mesmo se for no outro extremo do planeta, nós ficamos sabendo em questão de minutos. Da mesma forma, fomes e pestilências, mesmo em locais remotos, são reportadas no noticiário. Grandes guerras e pequenos conflitos são divulgados. E, uma vez que tantas informações são transmitidas, ouvimos falar até mesmo de pessoas que alegam ser o próprio Jesus encarnado. Sabemos, portanto, que tais coisas são lugar-comum no grande mundo que Deus criou. Quando é que *não* há pessoas alegando ser Jesus? Quando é que *não* há guerras e rumores de guerras? Quando é que *não* há fomes, pestilências e terremotos no mundo? As notícias correm com tanta velocidade em nosso planeta, que tais acontecimentos, por mais importantes que sejam em si e por si mesmos, parecem insignificantes.

Porém, Jesus estava falando a um pequeno grupo de pessoas que vivia em uma região do tamanho do estado norte-americano de Maryland. Era relevante dizer-lhes, naquela época, que elas poderiam esperar uma infestação de falsos cristos, uma quantidade incomum de guerras e rumores de guerras e numerosos casos de fomes, pestilências e terremotos. Naquele tempo, com a capacidade limitada de se receber notícias longínquas, seria muito significativo observar todos esses acontecimentos.

Perceba, entretanto, que Jesus disse: "tudo isto é o princípio das dores". A palavra traduzida como "dores" aqui significa literalmente "dores de parto". Aqueles não eram sinais de que o fim estava iminente; eram apenas os desconfortos das primeiras "contrações" que levam ao nascimento. Havia mais por vir.

Sinais antes do fim

Jesus prosseguiu, fornecendo aos discípulos sinais mais pessoais a

serem observados: **Então, sereis atribulados, e vos matarão. Sereis odiados de todas as nações, por causa do meu nome** (v. 9). O livro de Atos mostra que os apóstolos sofreram grandes perseguições por parte dos líderes religiosos judeus e, mais tarde, dos romanos. Eles realmente parecem ter sido odiados em quase todos os lugares aonde iam, e a tradição diz que todos – exceto um dos 12 (menos Judas, é claro) – morreram como mártires.

Jesus, em seguida, disse: **Nesse tempo, muitos hão de se escandalizar, trair e odiar uns aos outros; levantar-se-ão muitos falsos profetas e enganarão a muitos. E, por se multiplicar a iniquidade, o amor se esfriará de quase todos** (v. 10-12). Estes sinais parecem envolver relacionamentos dentro da igreja. Jesus disse que muitos "hão de se escandalizar" (ou "vão abandonar a sua fé", NTLH) e que haverá traições entre os irmãos. O amor esfriará, e o ódio tomará seu lugar. Haverá engano com o surgimento de falsos profetas e iniquidade em abundância. Jesus estava descrevendo um colapso na vida do corpo. Todavia, ele disse: **Aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo** (v. 13). Jesus não estava dizendo que a perseverança alcançará salvação, mas que ela é um indicador da fé verdadeira. O "fim" aqui pode significar ora o fim da perseguição ora o fim da vida.

Por último, Jesus disse aos discípulos: **E será pregado este evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a todas as nações. Então, virá o fim** (v. 14). Aqui está outro versículo que parece indicar um significado futuro do "fim". Certamente, pensamos, o evangelho ainda não foi pregado a todas as nações – afinal de contas, ainda enviamos missionários – então o "fim" deve estar por vir. Contudo, "nações" aqui não significa *países*, mas *povos* ou *raças*.

Esta parte da profecia de Jesus foi cumprida no primeiro século, como Paulo testifica: a "palavra da verdade do evangelho […] chegou até vós; como também, em todo o mundo" (Cl 1.5b-6). Lembre-se de que os

estudiosos acreditam que Colossenses foi escrita em aproximadamente 62 d.C., oito anos antes de Jerusalém ser destruída. Paulo não queria dizer que o evangelho havia sido pregado em todos os cantos do globo. Ele estava se referindo ao mundo conhecido na época, às regiões em torno do mar Mediterrâneo. O evangelho foi, de fato, pregado em todo aquele mundo no primeiro século, antes mesmo da queda de Jerusalém.

Assim, entre estes sinais preliminares, este "princípio das dores", não parece existir algo a ser concretizado após 70 d.C. nem muito mais tarde na história da redenção. Todos os sinais sobre os quais Jesus fala aqui podem ter acontecido antes da destruição de Jerusalém. Até este ponto do sermão profético, nós não encontramos qualquer motivo para duvidar de que o "fim" refere-se à destruição do templo.

No entanto, Jesus tinha muito mais a contar aos discípulos, incluindo o anúncio sobre um tempo de tribulação e sua própria "vinda". Nós examinaremos estes tópicos nos próximos capítulos.

A GRANDE TRIBULAÇÃO

Mateus 24.15-28



> Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda), então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes; quem estiver sobre o eirado não desça a tirar de casa alguma coisa; e quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa. Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Orai para que a vossa fuga não se dê no inverno, nem no sábado; porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais. Não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém seria salvo; mas, por causa dos escolhidos, tais dias serão abreviados. Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis; porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos. Vede que vo-lo tenho predito. Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto!, não saiais. Ou: Ei-lo no interior da casa!, não acrediteis. Porque, assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do homem. Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres.

Daremos prosseguimento ao estudo do desafiador sermão profético, no qual Jesus predisse a destruição de Jerusalém e do templo, bem como a vinda do Filho do homem. Conforme já observamos, Jesus indicou que todas as coisas profetizadas no discurso aconteceriam antes que "esta geração" passasse (Mt 24.34). A declaração é problemática para muitos estudiosos da Bíblia, e, segundo alguns deles, ela mostra que Jesus não era um profeta verdadeiro, visto que não retornou no período prometido. Nós ainda não abordamos esta questão em particular, mas, no início de nosso estudo sobre os acontecimentos específicos profetizados por Jesus no capítulo anterior, vimos que todos

os eventos preliminares denominados por ele como “princípio das dores” (v. 4-14) poderiam ter ocorrido durante a vida dos discípulos e antes de 70 d.C., ano em que Jerusalém caiu e o templo foi destruído.

Conforme avançamos, chegamos a uma seção do discurso que muitas versões da Bíblia identificam como um ensinamento sobre a “grande tribulação”. Muitos defensores da teologia dispensacionalista acreditam que o mundo enfrentará um período de intensa tribulação pouco antes da conclusão da história. Portanto, uma vez mais, nossa tarefa nesta seção do sermão profético é procurar discernir se Jesus estava falando de eventos que aconteceram pouco antes de 70 d.C. ou de eventos que ainda estão por vir.

De acordo com Mateus, Jesus disse: **Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda)** (v. 15). Alguns acreditam que esta e outras passagens apontam para o futuro aparecimento do anticristo (veja 2Ts 2.4; Ap 13.14). No entanto, ela não precisa ser separada do contexto do sermão profético de forma tão radical. Como eu já observei, a seção anterior do discurso de Jesus tratava de acontecimentos preliminares que anunciariam a destruição de Jerusalém. Aqui, ele mencionou um sinal futuro ainda mais crítico, o qual mostraria aos discípulos que a crise pairava diretamente sobre eles.

Jesus estava fazendo referência a uma profecia messiânica do profeta Daniel, que fala sobre a destruição do templo e de Jerusalém. Os dois últimos versículos dizem:

> Depois das sessenta e duas semanas, será morto o Ungido e já não estará; e o povo de um príncipe que há de vir destruirá a cidade e o santuário, e o seu fim será num dilúvio, e até ao fim haverá guerra; desolações são determinadas. Ele fará firme aliança com muitos, por uma semana; na metade da semana, fará cessar o sacrifício e a oferta de manjares; sobre a asa das abominações virá o assolador, até que a destruição, que está determinada, se derrame sobre ele (9.26-27).

Os estudiosos têm muitas opiniões sobre o que é exatamente o abominável da desolação, mas muitos concordam que Daniel estava profetizando algum tipo de profanação pagã do templo. Um versículo posterior no mesmo livro sustenta esta conclusão: "Dele sairão forças que profanarão o santuário, a fortaleza nossa, e tirarão o sacrifício diário, estabelecendo a abominação desoladora" (11.31).

Eruditos judeus no mundo antigo acreditavam em pelo menos um cumprimento preliminar desta profecia: a ocasião, no ano de 168 a.C., em que Antíoco Epifânio, rei do Império Selêucida, conquistou Jerusalém e edificou um altar pagão no templo. Em vez de sacrificar touros, bodes ou cordeiros, ele agravou ainda mais o ultraje sacrificando um porco no Santo Lugar. Esta profanação do Santo Lugar foi tão infame, que provocou uma das mais importantes revoluções dos judeus contra invasores estrangeiros. O povo judeu considerava o templo um lugar sagrado não por causa dos materiais empregados na construção, mas porque ali era o lugar onde o Santo de Israel habitava e se reunia com eles. Nenhum local no mundo era mais sagrado do que o templo. Logo, profaná-lo com sacrifícios pagãos era o maior insulto que os selêucidas poderiam cometer contra Israel.

No entanto, é evidente que Jesus estava falando de algo que ainda não havia acontecido, de algo que seria o sinal supremo do cumprimento iminente de sua profecia. Estudiosos do Novo Testamento sugerem várias ideias sobre isso. Alguns apontam para o ano 40 d.C., quando o imperador romano Caio ordenou que uma estátua sua fosse construída e colocada no interior do templo. Isto foi uma enorme provocação para o povo de Israel, mas, pela bondade de Deus, Caio morreu antes que a profanação se concretizasse.

Outro possível cumprimento da profecia ocorreu em 69 d.C. Em 66, os judeus rebelaram-se contra os romanos, o que provocou uma resposta militar liderada pelo general Vespasiano e seu filho Tito. Eles começaram

a invadir o país pelo norte em 67, avançando em direção a Jerusalém. No final de 68, o imperador Nero suicidou-se, e o império entrou em guerra civil para decidir sua sucessão. Vespasiano envolveu-se nas lutas políticas e distraiu-se da campanha judaica. Por fim, acabou tornando-se imperador em 69. Durante esta calmaria nos combates na Judeia, os judeus zelotes invadiram o templo. Eles expulsaram os sacerdotes e transformaram o templo em um acampamento militar, onde cometeram todo tipo de atrocidade. O historiador judeu Josefo é extremamente emotivo no relato da terrível profanação cometida pelos zelotes no lugar sagrado. É possível que Jesus tivesse em mente este evento.

Outro possível cumprimento envolve a conquista de Jerusalém sob a liderança de Tito. Quando as legiões romanas marchavam, elas carregavam estandartes que tinham estatuetas em forma de águia em sua extremidade. Em 70 d.C., quando os romanos finalmente conquistaram Jerusalém, eles entraram no templo com esses estandartes. Os judeus acharam que as estatuetas eram ídolos e, portanto, consideraram a incursão como mais um episódio de profanação.

Não temos como saber ao certo para qual evento Jesus apontava, mas parece provável que estava associado à destruição do templo em 70. Não há necessidade de considerarmos esta passagem como uma referência a acontecimentos em um futuro distante.

A necessidade de fuga urgente

Jesus deu conselhos firmes para quando os discípulos vissem o abominável da desolação: **os que estiverem na Judeia fujam para os montes; quem estiver sobre o eirado não desça a tirar de casa alguma coisa; e quem estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa** (v. 16-18). Vimos, no capítulo anterior, que o curso de ação normal durante uma invasão no mundo antigo era fugir para as cidades. Jesus, porém, aconselhou o contrário. Se entendermos esta passagem como uma

referência a 70 d.C., é fácil ver por que ele indicou tal procedimento: a principal cidade da Judeia, Jerusalém, seria o foco do ataque e não resistiria.

Além disso, quando o abominável da desolação viesse, a fuga seria urgente. Jesus disse que quem estivesse no telhado não deveria perder tempo entrando em casa para salvar os pertences. As casas dos judeus tinham telhados planos utilizados como pátios, lugares para relaxar e socializar ao final do dia. Ele estava dizendo: "Se você estiver descansando à noite no telhado e ver ou ouvir estes sinais, saia da cidade imediatamente! Não arrume as malas. Apenas vá embora." Igualmente, ele disse que quem estivesse nos campos não deveria voltar para casa com o intuito de pegar uma muda de roupas. Mesmo se estivessem sujos por conta do trabalho agrícola, aqueles homens deveriam sair correndo. O surgimento do abominável da desolação exigiria uma fuga imediata, urgente.

Jesus, então, acrescentou duas advertências curiosas. Primeiro, ele disse: **Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias!** (v. 19). Gestantes e lactantes não conseguiriam correr muito, e talvez um grande número delas fosse tragado na turbulência. Segundo, Jesus falou: **Orai para que a vossa fuga não se dê no inverno, nem no sábado** (v. 20). Mais uma vez, ele parece estar pensando nos obstáculos a uma fuga veloz. É mais difícil locomover-se com rapidez no frio, em condições invernais. Fora isso, os judeus podiam apenas percorrer trajetos curtos aos sábados. Este, então, era um jeito de os discípulos se preparem para o desastre: orar por circunstâncias ideais. Com estas palavras, Jesus conscientizou-os sobre a gravidade da catástrofe vindoura e a necessidade de fuga.

Ele também disse: **porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido e nem haverá jamais. Não tivessem aqueles dias sido abreviados, ninguém seria salvo; mas, por**

causa dos escolhidos, tais dias serão abreviados (v. 21-22). A história mostra que o cerco de Jerusalém gerou condições horríveis dentro da cidade. Tito permitiu que os peregrinos judeus entrassem nela para celebrar a Páscoa, mas recusou-se a deixá-los sair. Como consequência, a cidade ficou superlotada. Os suprimentos logo acabaram, e muitos morreram de fome. Depois houve, naturalmente, um massacre terrível quando os romanos conseguiram violar os muros, segundo Josefo. A captura e o despojamento de Jerusalém trouxeram, de fato, uma terrível tribulação àqueles que se encontravam na cidade.

Contudo, Josefo relata diversos fatos que abreviaram o cerco, o que provavelmente possibilitou um número maior de sobreviventes do que se poderia esperar naquelas condições. Seu testemunho sustenta a declaração de Jesus de que aqueles dias de tribulação haviam sido abreviados por Deus para o bem de seus eleitos.

A meu ver, quem deseja considerar estas palavras de Jesus como a profecia de uma grande tribulação ainda por vir deve concordar que houve ao menos um cumprimento inicial em 70 d.C. Jesus estava claramente alertando seus contemporâneos sobre uma catástrofe que estava às portas.

Nenhuma necessidade de acreditar em relatos

Jesus prosseguiu: **Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis; porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos. Vede que vo-lo tenho predito. Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto!, não saiais. Ou: Ei-lo no interior da casa!, não acrediteis** (v. 23-26). Aqui, Jesus voltou ao problema dos falsos cristos e falsos profetas, mencionados anteriormente (v. 5). Estes homens, de acordo com ele, operariam sinais e prodígios tão grandes, que até mesmo os eleitos poderiam ser enganados se não fossem guardados pelo poder de

Deus. Contudo, o Senhor exortou seriamente os discípulos a não dar qualquer crédito às alegações de que ele havia retornado.

Existe, na igreja hoje, a ideia predominante de que Satanás é tão poderoso, que pode operar milagres como se fosse o próprio Deus. Sou minoria neste ponto, e não creio que Satanás já teve ou terá algum dia a capacidade de realizar um milagre legítimo. Seus sinais e prodígios mentirosos não são sinais e prodígios autênticos a serviço de suas mentiras; em vez disso, são falsos sinais e prodígios, isto é, meros truques com o intuito de enganar. Eu costumo ser veemente a este respeito porque os livros do Novo Testamento utilizam os milagres de Jesus e os milagres dos apóstolos como prova de que estes homens eram verdadeiros agentes de revelação. Em outras palavras, a credencial que Deus concedeu aos seus agentes de revelação foi o poder de operar milagres. Se Satanás pode operar milagres, as menções que o Novo Testamento faz aos milagres dos apóstolos como forma de autorizá-los são inválidas. Alguém que opera um milagre poderia ser ora um representante de Deus ora um representante de Satanás.

Lembre-se do clássico embate entre Moisés e os magos da corte de Faraó (Êx 7.8-13). À primeira vista, parecia que os mágicos eram capazes de se igualar ao poder sobrenatural que Deus havia concedido a Moisés. Quando Arão lançou seu bordão ao chão, ele se transformou em uma serpente. Os magos de Faraó, por sua vez, jogaram seus bordões ao chão, os quais também se transformaram em serpentes. Todavia, a serpente de Arão devorou as serpentes dos mágicos. Então, os "milagres" dos encantadores foram revelados como "ciências ocultas" (v. 11) – isto é, truques. Diferentemente desses truques, o milagre de Arão não fracassou, pois havia sido capacitado por Deus.

Jesus afirmou que os discípulos poderiam ignorar os relatos sobre seu retorno porque **assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do Homem** (v. 27). Sua vinda

seria visível e evidente para todos, tal qual um relâmpago riscando o céu. Ela não seria secreta, um assunto para rumores.

Por fim, ele disse: **Onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres** (v. 28). Uma das razões por que profecias são tão difíceis de serem interpretadas é o uso de imagens simbólicas. A forma mais segura de se interpretar imagens utilizadas na literatura apocalíptica é observar como elas são empregadas em toda a Bíblia. Infelizmente, isso nem sempre resolve o problema, e este é o caso aqui.

Eu não estou bem certo do que Jesus quis dizer com estas palavras. No entanto, alguns dos melhores estudiosos do Novo Testamento entendem este versículo como uma referência aos judeus e aos romanos. Uma carcaça, naturalmente, é o corpo de um animal morto. No contexto da profecia de Jesus, o que estava morrendo era Israel. A nação estava sendo massacrada pela mão punitiva de Deus, e o instrumento de vingança era o exército romano. O principal símbolo das forças romanas era a águia, e havia um modelo desta ave no estandarte de cada legião. Talvez, como alguns estudiosos sugerem, Jesus estava dizendo que pouco antes do auge do juízo, os discípulos veriam os abutres ajuntando-se em torno da carcaça quando as legiões de Roma rodeassem Jerusalém.

Nós passamos dois capítulos analisando metodicamente a profecia de Jesus sobre uma série de acontecimentos terríveis, e todos eles parecem estar relacionados à queda de Jerusalém. Na próxima parte do sermão profético, Jesus fala sobre sua própria vinda, descrita em linguagem altamente figurada envolvendo perturbações astronômicas. É fácil entender por que muitos estão convencidos de que este é um vislumbre de seu retorno final, quando ele virá para fechar a cortina da história. No entanto, temos de ponderar cuidadosamente sobre suas palavras no contexto do discurso, e é esta tarefa que iniciaremos no próximo capítulo.

A VINDA DO FILHO DO HOMEM

Mateus 24.29-31



> Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados. Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória. E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus.

Ao estabelecer sua Academia nos arredores de Atenas, Platão foi impulsionado por uma única paixão: ele queria, em suas palavras, "salvar os fenômenos". O que isso quer dizer? Platão estava procurando um fundamento da verdade que possibilitasse à ciência dar sentido a todos os fenômenos observados no mundo. Em outras palavras, ele estava buscando uma teoria máxima, um paradigma que esclarecesse todos os mistérios e enigmas da vida.

Já foi dito que toda a história da filosofia nada mais é do que uma nota de rodapé nas teorias de Platão e Aristóteles, os grandes pensadores da Grécia antiga. Constatamos a verdade desta declaração no fato de que filósofos e cientistas seguem a busca de Platão há séculos, procurando formas de explicar todas as coisas. Paradigmas são apresentados, mas, diante da descoberta de anomalias que não se encaixam neles, os estudiosos buscam novos sistemas de explicação. Por exemplo, Stephen Hawking, o físico britânico, anunciou recentemente que nós não precisamos de Deus para explicar a criação. Sua forma de salvar o

fenômeno foi alegar a geração espontânea, um processo pelo qual o universo teria criado a si mesmo. Naturalmente, para que algo se crie, precisa ter existido antes de passar a ser. Nada viola a lei da contradição de modo mais radical do que este conceito. O paradigma de Hawking não durará muito.

O que tudo isso tem a ver com o sermão profético? Nos comentários deste capítulo, eu tentarei salvar o fenômeno. Comecei o estudo desta seção de Mateus afirmando que nenhuma parte do Novo Testamento demonstra com mais clareza sua própria inspiração e o conhecimento sobrenatural de Jesus, pois fornece descrições incrivelmente precisas da destruição de Jerusalém e do templo. No entanto, nenhuma parte do Novo Testamento é mais utilizada pelos céticos do que esta para negar a precisão profética de Cristo e a autoridade e confiabilidade do Novo Testamento. A razão disso, como já vimos, é o intervalo de tempo mencionado por Jesus. Ele disse aos discípulos que o templo seria destruído, que haveria uma época de perturbação e tribulação e que o Filho do homem viria sobre as nuvens do céu. Então, acrescentou: "não passará esta geração sem que tudo isto aconteça" (v. 34). Minha missão é encontrar um paradigma que explique todos estes "fenômenos" aparentemente contraditórios.

Vimos que o templo foi destruído em 70 d.C. e que houve grandes tribulações pouco tempo antes. Mas e quanto à vinda do Filho do homem, o próprio Jesus? Os críticos acusam-no de não ter sido um profeta verdadeiro porque não regressou naquela mesma geração.

É preciso reconhecer que a descrição da vinda do Filho do homem nesta passagem apresenta semelhanças em relação a outro texto do Novo Testamento. Paulo escreve:

> ... o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descerá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os vivos, os que ficarmos, seremos

> arrebatados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor... (1Ts 4.16-17).

É amplamente aceita a ideia de que esta passagem fala do retorno final de Jesus. Todavia, não precisamos concluir que a vinda mencionada por ele no sermão profético e aquela sobre a qual Paulo fala são o mesmo evento. Temos de abordar o regresso narrado em Mateus 24 em seu próprio contexto e à luz da Escritura como um todo.

Chegamos agora à parte de Mateus 24 em que Jesus profetiza a vinda do Filho do homem. Creio que este é o trecho mais difícil do sermão profético. Precisamos analisá-lo com cuidado.

Fenômenos cósmicos metafóricos

Segundo Mateus, Jesus disse: **Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados. Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; todos os povos da terra se lamentarão e verão o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória** (v. 29-30). Repare na primeira coisa que Jesus falou aqui: *logo em seguida*. Ele havia acabado de instruir os discípulos a atentar para uma série de acontecimentos que sinalizariam a destruição do templo. Então, falou que logo após tribulação – não um ano, não 100 anos, não 2.000 anos depois ou mais – ele viria. Conforme vimos no capítulo anterior, muitas coisas que Jesus profetizou – falsos cristos, guerras, fome, terremotos, a profanação do templo, tribulações – tiveram seu cumprimento documentado entre o momento em que foram proferidas e 70 d.C. Portanto, a expressão *logo em seguida* indica que essa vinda de Jesus também se deu naquela época, isto é, que ela também aconteceu naquela mesma geração. Como pode ser isso?

Há basicamente duas soluções. Uma maneira de resolver o problema é tratando a referência de tempo no discurso – "não passará esta geração

sem que tudo isto aconteça" (v. 34) – no sentido figurado e as descrições da vinda de Jesus no sentido literal. Alguns comentaristas fazem exatamente isso. Eles afirmam que a palavra *geração* indica um tipo de pessoa, não um intervalo de aproximadamente 40 anos. Em outras palavras, Jesus estava dizendo que indivíduos perversos, céticos, como os escribas e os fariseus sempre existiriam, desde a época da profecia até seu retorno milhares de anos depois. De acordo com este ponto de vista, o regresso de Jesus será acompanhado por sinais astronômicos reais, mas eles ainda não aconteceram.

A outra opção é tratar a linguagem que Jesus empregou na descrição de sua vinda no sentido figurado e a referência de tempo no sentido literal. Isto é, Jesus realmente voltou em 70 d.C., mas o sol e a lua não escureceram literalmente, as estrelas não caíram, e os poderes dos céus não foram abalados. Os sinais não aconteceram de modo literal; Jesus estava falando de forma figurada enquanto descrevia um evento real.

A fim de decidir qual opção é a melhor, devemos utilizar princípios sólidos de interpretação bíblica. O que a Bíblia diz? Encontramos linguagem semelhante em outras passagens da Escritura? Em caso afirmativo, em que contexto ela aparece?

Nas profecias do Antigo Testamento, há um emprego muito evidente de fenômenos cósmicos em descrições de juízo. Em outras palavras, quando Deus prometia enviar julgamento, ele costumava utilizar linguagem altamente figurada. Por exemplo, Isaías 13 fala sobre o juízo divino que sobreviria à Babilônia. Deus disse:

> Eis que vem o Dia do SENHOR,
> dia cruel, com ira e ardente furor,
> para converter a terra em assolação
> e dela destruir os pecadores.
> Porque as estrelas e constelações dos céus
> não darão a sua luz;
> o sol, logo ao nascer, se escurecerá,
> e a lua não fará resplandecer a sua luz. […]

> Portanto, farei estremecer os céus;
> e a terra será sacudida do seu lugar,
> por causa da ira do SENHOR dos Exércitos
> e por causa do dia do seu ardente furor (v. 9-10,13).

Igualmente, Isaías 34 fala sobre o juízo que viria sobre Edom. Deus disse:

> Todo o exército dos céus se dissolverá,
> e os céus se enrolarão como um pergaminho;
> todo o seu exército cairá,
> como cai a folha da vide
> e a folha da figueira (v. 4).

Vemos aqui uma linguagem muito semelhante às palavras que Jesus empregou em Mateus 24: descrições do sol, da lua e das estrelas sendo escurecidos, as hostes do céu sendo dissolvidas e os céus sendo enrolados como um pergaminho. Evidentemente, sabemos que o sol e a lua não deixaram de brilhar e que os céus não foram enrolados como um pergaminho – mesmo assim, o juízo de Deus aconteceu. Profecias desta natureza eram, com frequência, comunicadas por meio de metáforas e imagens a fim de transmitir sua importância cósmica. É por isso que Jesus empregou uma linguagem assim no sermão profético.

Creio que a presença desse tipo de linguagem associada às profecias de juízo do Antigo Testamento é uma forte indicação de que as palavras de Jesus eram figuradas, mas ele descreveu um juízo que aconteceu literalmente naquela mesma geração. Ao mencionar "o Filho do homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e muita glória", ele estava dizendo aos discípulos que traria juízo sobre Jerusalém em 70 d.C. Jesus não estava se referindo à sua vinda final. Portanto, isso aconteceu de fato naquela mesma geração.

Fenômenos cósmicos literais

Curiosamente, entretanto, os registros históricos incluem alguns relatos de fenômenos astronômicos reais. Josefo escreve que alguns sinais foram observados entre os anos 60 e 70 d.C., sendo um deles um cometa flamejante. As pessoas no mundo antigo eram muito supersticiosas em relação a cometas. Os adivinhadores pagãos interpretavam-nos como anúncios de uma reviravolta política radical ou a substituição de um rei. O imperador Nero tinha tanto medo desta possibilidade, que mandou matar todos os descendentes para se certificar de que nenhum deles tentaria usurpar o trono. Ele ficou profundamente paranoico depois disso e cometeu suicídio em 68.

Josefo relata um fenômeno ainda mais estranho. Ele lutou na revolta judaica e foi testemunha ocular da destruição de Jerusalém após ser capturado. Mais tarde, escreveu sobre essa experiência na obra *Guerras judaicas*. Em um trecho extraordinário, ele diz:

> Poucos dias após aquela festa, no dia 21 do mês de Artemísio, houve um fenômeno incrível e grandioso. Creio que o relato pareceria fábula não fosse o testemunho daqueles que o viram e os acontecimentos que se seguiram, os quais estavam à altura dos sinais. Antes do pôr do sol, carruagens e tropas armadas foram vistas correndo entre as nuvens e circundando as cidades. Além disso, na festa que chamamos de Pentecostes, os sacerdotes que entravam à noite [ao átrio interno do templo] segundo o costume, para executar suas funções sagradas, disseram que primeiro perceberam um tremor e um grande barulho e, depois, ouviram um som semelhante a uma grande multidão dizendo: "Saiamos daqui".[1]

Segundo este relato, multidões testemunharam carruagens e soldados rodeando a cidade nas nuvens mais ou menos na época da destruição de Jerusalém. Neste caso, então, pode ter havido manifestações literais de perturbações celestes e astronômicas.

Por fim, Jesus disse: **E ele enviará os seus anjos, com grande clangor de trombeta, os quais reunirão os seus escolhidos, dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus** (v. 31). Esta declaração é muito similar à descrição que Paulo faz do retorno final de Cristo e do arrebatamento

dos crentes (1Ts 4). Precisamos lembrar, entretanto, que a palavra grega traduzida aqui como "anjo" é *angelos*, que significa literalmente "mensageiro". Portanto, Jesus poderia estar falando sobre os esforços missionários dos discípulos após a destruição de Jerusalém, quando estes homens reuniram os eleitos por meio da pregação do evangelho.

Reconheço, mais uma vez, que o sermão profético inteiro é muito difícil, especialmente esta passagem. Contudo, continuo acreditando que a maneira mais natural de compreendê-lo é situando o cumprimento de tudo o que Jesus disse naquela mesma geração, incluindo sua vinda em juízo sobre a nação de Israel.

[1] JOSEFO, Flávio. *The Jewish Wars [Guerras judaicas].* 6.5.3.

O DIA E A HORA

Mateus 24.36-44



> Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai. Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem. Então, dois estarão no campo, um será tomado, e deixado o outro; duas estarão trabalhando num moinho, uma será tomada, e deixada a outra. Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor. Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa. Por isso, ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do homem virá.

O sermão profético, como vimos, é uma passagem de difícil interpretação. No trecho a ser considerado neste capítulo, ele se torna ainda mais complexo. Parece haver uma alteração no ensinamento de Jesus, e estudiosos do Novo Testamento divergem quanto ao significado e propósito desta mudança.

Alguns argumentam que, até o versículo 28, Jesus estava falando sobre a destruição de Jerusalém e do templo – seu juízo contra a nação judaica – e que depois mudou de assunto, passando a abordar questões relativas à sua última vinda na consumação do reino (v. 29-31). Outros alegam que ele falou sobre os acontecimentos de 70 d.C. até o versículo 35 e que, no versículo 36 – o início da passagem que está diante de nós neste capítulo – ele começou a ensinar sobre sua última vinda. Estou inclinado a concordar com esta última interpretação, mas as palavras de

Jesus nesta passagem são aplicáveis tanto a sua vinda em juízo sobre Jerusalém em 70 d.C. quanto a sua vinda final na consumação da história.

Lembre-se de que todo este discurso começou porque Jesus havia anunciado que o templo seria destruído, e isto levou os discípulos a fazer duas perguntas: "Dize-nos quando sucederão estas coisas e que sinal haverá da tua vinda e da consumação do século" (v. 3b). Seria muito mais fácil entender a passagem se Jesus tivesse respondido à primeira pergunta com todas as indicações fornecidas – falsos cristos, guerras, fomes, terremotos, tribulações – e concluído dizendo: "não passará esta geração sem que tudo isto aconteça", passando, então, a falar sobre sua vinda. Infelizmente, para a tarefa de interpretação, ele anunciou a destruição de Jerusalém e do templo, fez o anúncio sobre a vinda do Filho do homem sobre as nuvens do céu e, só então, disse: "não passará esta geração sem que tudo isto aconteça".

Uma vez que ele falou sobre a destruição de Jerusalém, a destruição do templo, sua vinda e, então, mencionou "tudo isto", a interpretação natural parece ser a de que "tudo isto" inclui todos estes acontecimentos. Porém, conforme vimos, esta é a questão que tem suscitado muito ceticismo e crítica em relação a Jesus e a Bíblia. O argumento favorito dos cínicos para atacar Jesus e a Escritura é a aparente não concretização de "tudo isto" – em especial, sua vinda – dentro do intervalo daquela geração, que durou cerca de 40 anos.

No entanto, alguns estudiosos afirmam que podemos escapar do problema porque, embora Jesus tenha predito que sua vinda aconteceria durante aquela geração, isto foi negado pelo que ele mesmo ensinou no texto do presente capítulo. Vejamos o que ele disse.

Falta de conhecimento de Jesus

Segundo Mateus, Jesus disse: **Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai** (v. 36). No relato de Marcos, Jesus também disse, de modo específico, "nem o Filho" (13.32). Portanto, de acordo com alguns, a integridade de Jesus permanece intacta, e ele não pode ser acusado de falsa profecia por afirmar que sua vinda aconteceria durante aquela geração. Sinceramente, tal ideia me apraz, pois o que eu ouço Jesus dizer é apenas isto: "Afirmo que todas estas coisas acontecerão nos próximos 40 anos, mas eu não sei exatamente o ano, o mês, o dia nem a hora". O fato de Jesus ter qualificado a profecia, dizendo que desconhecia a hora exata de seu cumprimento, não contradiz o intervalo de tempo já mencionado. Estas palavras de Jesus não representam a anulação da primeira previsão, sobre o cumprimento daquilo que fora profetizado.

O fato de Jesus ter admitido que desconhecia algo incomoda muitos cristãos. Eles pontuam que Cristo precisava ter conhecimento sobrenatural para profetizar com tamanha precisão a destruição de Jerusalém e do templo, bem como todos os acontecimentos que a precederam. Além disso, o fato de saber que sua vinda aconteceria em até 40 anos mostrava que ele tinha conhecimento sobrenatural. Por que, então, Jesus voltou atrás e alegou não poder indicar o dia e a hora exata de sua vinda? Como seu conhecimento poderia ter qualquer limitação quanto ao que aconteceria no futuro?

Até mesmo Tomás de Aquino, o grande teólogo da Igreja Católica Romana, atrapalhou-se com esta passagem. Ele disse que Jesus é o Filho de Deus, a segunda pessoa da Trindade. Além disso, Deus é onisciente; não há limites ao seu conhecimento. Logo, se Deus e o homem são perfeitamente unidos na encarnação, segundo Tomás, Jesus *tinha* de saber o dia e a hora. Por que, então, ele disse que não sabia? Para responder a esta pergunta, o teólogo desenvolveu aquilo que chamou de teoria da acomodação. Segundo ele, Jesus, sabia; porém, tal

conhecimento era demais para o povo. Por esta razão, a fim de adaptar-se à fraqueza das pessoas, Cristo simplesmente falou que não sabia. Esta explicação preserva a onisciência de Jesus a um preço muito elevado. Ela entende que o Filho de Deus proferiu falsidades por ser oportuno. Tal falsidade pode até ser uma mácula ínfima na perfeição de Jesus, mas é o suficiente para desqualificá-lo como Cordeiro imaculado, como sacrifício perfeito aos pecados do povo. Prefiro muito mais ter de lidar com limitações ao conhecimento de Jesus a ter de lidar com limitações à sua santidade.

Como resolvemos este problema? Na verdade, não há nada a ser resolvido se tivermos uma compreensão ortodoxa da encarnação. No Concílio de Calcedônia, em 451 d.C., a Igreja reconheceu o mistério da encarnação, observando que ninguém é capaz de compreender totalmente a maneira como as duas naturezas de Jesus são unidas em uma única pessoa. O concílio assumiu uma posição firme, afirmando que Jesus é *vera homo, vera Deus*, isto é, "verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus". Em Jesus, a verdadeira humanidade é unida à verdadeira divindade da segunda pessoa da Trindade. No entanto, o Concílio de Calcedônia estabeleceu limites à especulação sobre o assunto ao afirmar que a união entre Deus e o homem acontece sem mistura, confusão, separação ou divisão; isto é, cada natureza retém seus próprios atributos. Toda essa linguagem teológica significa simplesmente que a encarnação não resultou em uma natureza teantrópica, na qual a divindade e a humanidade estão fundidas de tal forma que o divino não é realmente divino e o humano não é realmente humano. Uma natureza humana deificada deixaria de ser humana, e uma natureza divina humanizada deixaria de ser divina. Ao afirmar que cada natureza reteve seus próprios atributos, o concílio quis dizer que, na encarnação, os atributos da divindade permaneceram na natureza divina e os atributos da humanidade permaneceram na natureza humana.

Houve momentos no ministério terreno de Jesus em que sua natureza humana se manifestou. Quando teve fome, isto foi evidência de sua humanidade, pois Deus nunca tem fome. Quando suou no Getsêmani, isto foi evidência de sua humanidade, pois a divindade não transpira. Além disso, na natureza humana, Jesus não dispunha de onisciência. É evidente, entretanto, que a natureza divina podia transmitir conhecimentos sobrenaturais à natureza humana de Jesus, e com frequência o fazia. Houve ocasiões em que Jesus falou sobre assuntos que nenhum ser humano poderia conhecer por si mesmo. No entanto, a natureza divina não comunicava tudo o que sabia à natureza humana. Logo, quando Jesus disse que não sabia o dia nem a hora de sua vinda, ele estava falando em relação à sua humanidade. Sua natureza divina havia comunicado à sua natureza humana que seria dentro de 40 anos, mas não havia especificado a hora exata. É muito simples. As únicas pessoas que têm problemas com isso são aquelas que desejam deificar a natureza humana de Jesus. As duas naturezas devem ser mantidas separadas. A natureza humana de Jesus não sabia o dia nem a hora, mas sabia a época: aquela mesma geração.

Vida normal

Jesus, então, começou a descrever quais seriam as circunstâncias no momento de sua vinda. Mais uma vez, não temos como saber ao certo se ele falava sobre a situação na época da destruição de Jerusalém ou da sua vinda final. Contudo, a descrição vale para ambos os cenários. Ele disse: **Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do homem** (v. 37). Aqui Jesus disse que a época de sua vinda seria análoga à época de Noé. O que estava acontecendo ao povo na época do dilúvio que também aconteceria na época da vinda de Cristo?

A principal semelhança era o fluxo normal da vida: **Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se**

em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do homem (v. 38-39). Deus mandou Noé construir uma arca, e isto levou muitos anos. As pessoas riam do lunático que estava construindo um barco. Elas não ligavam para o juízo que se aproximava e continuaram comendo e bebendo, casando e dando-se em casamento; isto é, vivendo a vida normalmente, até o dia em que Noé entrou na arca. Naquele dia, começou a chover. Choveu o dia todo, e as pessoas que não estavam na arca ficaram incomodadas. Os planos e o trabalho sofreram alterações. Até o comer e o beber foram interrompidos pela tempestade. Continuou chovendo, e, em pouco tempo, o nível dos riachos elevou-se, deixando as pessoas nervosas. Talvez algumas delas tenham tentado entrar na arca com Noé e sua família, mas a porta estava fechada. As águas foram subindo tanto, que a arca começou a flutuar. O nível continuou subindo até cobrir as montanhas. Noé, sua família e os animais que ele colocara na arca foram os únicos sobreviventes.

O mundo está repleto de pessoas assim. Nosso Senhor alertou a todos que seremos julgados ao final da vida, e ninguém sabe o dia e a hora que isto acontecerá. No entanto, o povo encontra-se tranquilo em Sião. Muitos zombam daqueles que anunciam o juízo de Deus. Eles dizem que Deus não julga ninguém porque ama a todos, e acreditam que ele fará vista grossa. Como foi nos dias de Noé, assim será na vinda do Filho do homem.

Jesus prosseguiu dizendo: **Então, dois estarão no campo, um será tomado, e deixado o outro; duas estarão trabalhando num moinho, uma será tomada, e deixada a outra** (v. 40-41). Novamente, a imagem aqui é de vida normal. Jesus pediu que os discípulos imaginassem dois homens trabalhando no campo e duas mulheres produzindo farinha de trigo no moinho. Em ambos os casos, ele disse, um seria tomado e o outro seria deixado. Ele estava dizendo que, no momento de sua vinda, haveria uma

separação como quando a arca separou Noé e sua família do restante da raça humana.

Esta ideia de separação é politicamente incorreta e ofensiva para a cultura pluralista e relativista em que vivemos hoje. Antes de morrer, Francis Schaeffer observou que o maior problema na igreja é a perda do senso de antítese. Schaeffer entendia que, se afirmamos uma verdade, nós automaticamente negamos seu oposto, sua antítese. Queremos ambos os caminhos. Queremos ter fé em Cristo e brincar com o anticristo. Queremos falar que há um único caminho para o Pai, mas talvez outros caminhos sejam válidos também. Iludimo-nos ao abafar o conflito da divisão, ao fugir dele. Precisamos reconhecer que a verdade divide. Ela sempre o fez e sempre o fará. A verdade de Jesus Cristo é a grande divisão de toda a história. Jesus disse: "Quem não é por mim é contra mim; e quem comigo não ajunta espalha" (Lc 11.23). Não há meio termo.

A necessidade de vigiar

Jesus acrescentou um alerta que, assim como a descrição dos tempos, aplica-se tanto à nossa época quanto à dos discípulos. Jesus disse: **Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor. Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa. Por isso, ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do homem virá** (v. 42-44). Imagine receber uma ligação de alguém dizendo: "Quero apenas avisá-lo que vou invadir sua casa amanhã ao meio-dia para roubá-lo". Se fosse levar a pessoa a sério, o que você faria? Provavelmente chamaria o departamento de polícia inteiro para aguardar o assaltante ou arranjaria uma arma. Contudo, não há muitos criminosos tão tolos a ponto de anunciar o dia e a hora de uma invasão. Da mesma forma, Jesus não indicou o dia e a hora de sua vinda. Foi por

isso que ele aconselhou os discípulos a vigiar, pois viria em um momento inesperado – um momento em que o mundo estaria levando uma vida normal.

De vez em quando, lemos sobre pregadores ou prognosticadores que anunciam o dia e a hora do retorno de Jesus. Eles têm tudo calculado. Eles fazem tabelas. Eles sabem de todos os sinais que acontecem no Oriente Médio. Assim, afirmam que Jesus está chegando e definem uma data e um horário para isso. Não sei quantas vezes na vida eu já ouvi tais previsões, mas todas elas estavam erradas. Tais pessoas supõem ter um calendário que nem mesmo Jesus tinha. Ele não nos forneceu um dia e uma hora exatos; ele só nos mandou vigiar e estar prontos.

Jesus concluiu a parábola da viúva persistente com uma pergunta incisiva: "quando vier o Filho do homem, achará, porventura, fé na terra?" (Lc 18.8b). Se é que ele estava falando sobre seu retorno final, e caso ele venha antes de eu morrer, desejo que encontre fé em mim. E você? Independentemente de ele voltar durante a sua vida ou de você encontrá-lo na morte, haverá um ajuste de contas do qual nenhum ser humano pode escapar. Temos de estar prontos.

SERVOS FIÉIS E MAUS

Mateus 24.45-51



> Quem é, pois, o servo fiel e prudente, a quem o senhor confiou os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo? Bem-aventurado aquele servo a quem seu senhor, quando vier, achar fazendo assim. Em verdade vos digo que lhe confiará todos os seus bens. Mas, se aquele servo, sendo mau, disser consigo mesmo: Meu senhor demora-se, e passar a espancar os seus companheiros e a comer e beber com ébrios, virá o senhor daquele servo em dia em que não o espera e em hora que não sabe e castigá-lo-á, lançando-lhe a sorte com os hipócritas; ali haverá choro e ranger de dentes.

Quando eu estava no seminário em Pittsburgh, um de meus professores era o doutor Markus Barth, filho de Karl Barth, teólogo suíço mundialmente conhecido. Como estudante, fiquei pasmo quando Markus Barth redigiu um trabalho acadêmico de 200 páginas sobre uma única palavra da epístola do apóstolo Paulo aos romanos. Paulo começa a epístola dizendo: "Paulo, servo de Jesus Cristo" e, então, dá prosseguimento à sua apresentação e identifica sua missão. O manuscrito do professor Barth não tinha como foco o nome *Paulo*. Nada haveria de estranho em um trabalho de 200 páginas sobre Paulo; muitos volumes poderiam ser e já foram escritos sobre a pessoa, o ministério e a teologia do apóstolo Paulo. O doutor Barth também não produziu um trabalho sobre as palavras *Jesus* ou *Cristo.* Centenas de milhares de títulos volumosos também já foram escritos sobre o nome *Jesus* e o título *Cristo*; não teria sido motivo de surpresa para ninguém o fato de um estudioso ter sido capaz de redigir um trabalho de 200 páginas sobre qualquer uma das duas palavras. O foco do manuscrito do

professor Barth foi a palavra *servo*, termo escolhido pelo apóstolo Paulo para identificar-se quanto ao seu relacionamento com Jesus. A palavra grega traduzida como "servo" é *doulos*, a qual não se refere a um empregado contratado, mas a um escravo.

O doutor John MacArthur lançou um livro com um título muito simples: *Escravo*. Quando o li, lembrei-me de Markus Barth. Na obra, MacArthur concentra-se exclusivamente no significado da palavra *escravo* nas ocorrências do Novo Testamento. Mais ou menos no início do livro, ele questiona por que a maioria das traduções do Novo Testamento apresenta *doulos* como "servo" em vez de "escravo". Ele opina que talvez isso seja parte de uma consciência nacional de vergonha pela participação ocidental nas maldades do tráfico de escravos, no qual os comerciantes invadiam povoados na África a fim de literalmente roubar homens e mulheres, colocá-los em navios e levá-los para a Inglaterra ou para as colônias com o intuito de vendê-los. Talvez, conforme o doutor MacArthur sugere, nós tenhamos vergonha da palavra *escravo.*

Seja qual for o motivo, podemos constatar este fenômeno na versão *New King James* de Mateus 24.45. Esta versão da Bíblia emprega a palavra *servo* na passagem em questão, mas a palavra grega é *doulos*. Jesus não utilizou a palavra *servo*. Ele utilizou a palavra *escravo*.

Uma das grandes ironias na doutrina do Novo Testamento é a afirmação de que ninguém é verdadeiramente livre até ser escravo de Jesus Cristo. Talvez nunca precisemos sofrer o ultraje de ser comprados ou vendidos no tráfico de escravos neste mundo, mas todos nós somos escravos de um forma ou de outra. Somos escravos ora de Cristo ora do pecado. Não há outra opção para a humanidade caída. É por isso que Paulo escreve: "não sois de vós mesmos" (1Co 6.19b). O que ele quis dizer com isso? Em nossa cultura, ouvimos pessoas falando que desejam se encontrar. Que tolice! Paulo diz que os cristãos não pertencem a si

mesmos. Nós não somos independentes. Não podemos fazer o que quisermos na hora em que bem entendermos. Por que não? Conforme Paulo prossegue explicando, "Porque fostes comprados por preço" (v. 20a). Nós pertencemos a alguém. Não somos donos de nós mesmos. Fomos comprados, e o preço pago por nós foi o sangue de Cristo. Quando ele nos redimiu, ele nos comprou. Portanto, esta é uma metáfora com a qual nós não devemos brincar.

Um escravo fiel e prudente

No capítulo anterior, vimos que Jesus alertou seus discípulos a estarem prontos para o seu retorno, pois não sabiam o dia e a hora exata em que isto aconteceria. Na continuação de seu ensinamento no sermão profético, ele fez outro alerta, proibindo os discípulos de ser preguiçosos ou descuidados nas tarefas durante sua ausência. O alerta para que seus seguidores vigiassem aplicava-se tanto aos discípulos quanto a nós hoje, e também devemos atentar para o aviso desta passagem como os discípulos fizeram.

Jesus disse: **Quem é, pois, o servo fiel e prudente, a quem o senhor confiou os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo?** (v. 45). A primeira questão levantada por Jesus foi a fidelidade. Ele perguntou: "Quem é um escravo fiel?" *Fiel* é uma palavra estranha para se usar em relação a um escravo, a alguém que não é dono de si. Mas um escravo fiel, segundo o significado mais simples do termo, é alguém cheio de fé, alguém confiável, alguém que mostra lealdade constante ao seu senhor. Jesus estava perguntando: "Quem é o escravo fiel? Quem é o escravo confiável?" Ele também perguntou: "Quem é o escravo prudente?", ou seja, quem é aquele que trabalha com discernimento?

Fornecendo um pouco mais de informação sobre o escravo hipotético, Jesus acrescentou: "a quem o senhor confiou os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo?" O senhor partiu em uma viagem, mas,

antes, chamou um de seus escravos e atribuiu-lhe a função de governar a casa. Governar significa administrar a casa na ausência do senhor. O escravo seria responsável por certificar-se de que todos os outros servos eram alimentados e recebiam cuidados na hora certa.

Jesus prosseguiu dizendo: **Bem-aventurado aquele servo a quem seu senhor, quando vier, achar fazendo assim** (v. 46). A ideia aqui é que se o senhor retornasse e encontrasse o escravo fazendo o serviço solicitado, este seria "bem-aventurado" – isto é, desfrutaria da confiança e estima de seu senhor. O escravo fiel e prudente, aquele que fizesse tudo o que o senhor tivesse mandado, seria um escravo bem-aventurado.

Como ele seria bem-aventurado? Jesus disse: **Em verdade vos digo que lhe confiará todos os seus bens** (v. 47). O senhor daria ao escravo fiel ainda mais responsabilidades, ainda mais estima, por ter demonstrado fidelidade. Há aqui um eco da parábola dos talentos, a qual estudaremos em Mateus 25, onde o senhor disse a um dos servos prudentes: "foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor" (v. 21). Quem quiser ter mais responsabilidades no reino de Deus deve ser fiel nas pequenas coisas; assim, o Senhor o colocará sobre as grandes coisas.

Um escravo infiel e insensato

Jesus apresentou, então, um cenário muito diferente: **Mas, se aquele servo, sendo mau, disser consigo mesmo: Meu senhor demora-se, e passar a espancar os seus companheiros e a comer e beber com ébrios, virá o senhor daquele servo em dia em que não o espera e em hora que não sabe e castigá-lo-á, lançando-lhe a sorte com os hipócritas** (v. 48-51a).

Nesta cena, o escravo pensou: "Meu senhor se foi. Quem é que sabe quando ele vai voltar? Quem é que sabe *se* ele vai voltar? Estou livre para desfrutar de minha autoridade sobre a casa." É interessante notar que o escravo disse estas coisas consigo mesmo, isto é, no mais profundo do seu

ser. A Bíblia diz: “Porque, como imagina em sua alma, assim ele é” (Pv 23.7). O texto não está confundindo a alma com a mente. Quando os judeus falavam de alguém imaginando em sua alma, não se referiam a uma ideia momentânea que passa pela mente, mas a uma ideia que cria raízes no âmago do ser. O escravo, então, começou a espancar os demais servos do senhor e a ficar à vontade, passando tempo na companhia de bêbados e negligenciando suas tarefas.

A maioria das pessoas tem emprego e um patrão. Com o trabalho, vêm certas responsabilidades. Faça estas perguntas a si mesmo: Como você trabalha quando ninguém está vendo? Você continua executando a tarefa? Você cumpre a responsabilidade que lhe foi atribuída e pela qual está sendo compensado? Ou você aproveita as brechas na supervisão do chefe para fazer o que tem vontade? Eu tenho histórias horríveis sobre isso para contar. Já me deparei com funcionários vendo pornografia na internet durante o expediente, já encontrei um empregado comprando e vendendo ações no computador do trabalho, dentre outras situações. O computador oferece todo o tipo de oportunidade para que as pessoas se envolvam em atividades diferentes daquelas que deveriam estar realizando. É muito fácil abrir um jogo, fazer compras on-line ou simplesmente navegar na internet quando o chefe não está olhando.

Por que nosso comportamento muda quando ninguém está vendo? Por que empresas, fábricas e similares têm relógios onde os trabalhadores batem cartão diariamente? Por que não podemos esperar que as pessoas entrem no trabalho quando têm de trabalhar e saiam do serviço quando têm de sair, em vez de esperar que entrem atrasadas e saiam mais cedo? Por que os empregadores precisam monitorar isso? Por causa do pecado. Em nosso pecado, somos naturalmente preguiçosos e egocêntricos, e temos a tendência de satisfazer tais inclinações quando não estamos sendo observados.

Sempre me chamou a atenção o fato de que, quando o filho pródigo da parábola recebeu a herança do pai, ele não a desperdiçou vivendo dissolutamente em sua cidade natal. Em vez disso, ele foi para uma terra distante. Ninguém o conhecia ali. Ninguém estava observando seu comportamento. Ele estava livre de toda a repressão. Como consequência, viveu de forma tão desregrada, que acabou em meio aos porcos.

Neste cenário, o escravo não foi nem fiel nem sensato. Ele foi infiel e insensato. Foi como o tolo de quem o salmista fala: "Diz o insensato no seu coração: Não há Deus" (Sl 14.1). A ilusão mais grave e fatal do ímpio provavelmente é crer que, porque Deus não o julgou até o ponto atual de sua vida, isso nunca acontecerá. Conheço inúmeras pessoas que nunca param para pensar no fato de que morrerão e estarão diante do Juiz do céu e da terra. A Bíblia diz que Deus é longânimo e paciente, dando-nos tempo para nos arrepender e nos achegar a Cristo (2Pe 3.9). No entanto, o efeito contrário é frequente. Quando Deus, em sua misericórdia, é paciente, muitas pessoas endurecem o coração e a cerviz. Elas pensam: "Posso comer, beber e ser feliz. Deus não vai me julgar. Ele faz vista grossa a todos." Este é o auge da tolice.

Choro e ranger de dentes

Jesus estava falando sobre pessoas que se comportariam desta forma em *sua* ausência, pessoas que, por ele estar em um lugar distante e demorando a vir, concluiriam que Cristo nunca mais haveria de voltar e, então, poderiam fazer o que bem entendessem. Com base neste pensamento, elas espancariam os outros escravos e comeriam e beberiam com os ébrios.

Porém, Jesus tinha um alerta para tais pessoas: "virá o senhor daquele servo em dia em que não o espera e em hora que não sabe e castigá-lo-á, lançando-lhe a sorte com os hipócritas". Jesus será o visitante

inesperado. O escravo ouvirá a chave girando na porta e perguntará quem está entrando. Então, a porta se abrirá, e Jesus é quem estará ali.

Mencionei, no capítulo anterior, que Jesus concluiu a parábola da viúva persistente com uma pergunta muito incisiva: "quando vier o Filho do homem, achará, porventura, fé na terra?" (Lc 18.8b). Será que ele encontrará seu povo vivendo fielmente? Cristo nos comprou para si e deu-nos tarefas a desempenhar, esteja ele presente ou não. Isto é discipulado. Sem dúvida, sabemos que Deus é onisciente e que não há lugar algum onde possamos nos esconder dele. Estamos sempre à sua vista. Logo, é tolice achar que podemos fazer qualquer coisa às escondidas.

Jesus disse que cortará o escravo infiel ao meio – não literalmente, mas figuradamente – e "lhe dará a sua parte com os hipócritas" [Almeida atualizada], isto é, o lugar de juízo. Além disso, Jesus disse que naquele lugar **haverá choro e ranger de dentes** (v. 51b). Você já viu alguém chorando e rangendo os dentes? Certa vez, testemunhei um cristão professo que estava envolvido em um pecado grave ser levado ao arrependimento pelo Espírito Santo. Quando percebeu o que havia feito, ele começou a chorar e gemer. Seu pranto também foi acompanhado de ranger de dentes enquanto falava consigo mesmo: "Como eu pude fazer isso?" Este será o comportamento daqueles que acham que o Senhor não retornará.

Não devemos jamais cometer o erro do escravo nesta passagem. Jesus *vai* voltar. Até que ele venha, é nosso chamado ser fiéis ao Senhor. Se assim fizermos, seremos bem-aventurados.

A PARÁBOLA DAS VIRGENS PRUDENTES E NÉSCIAS

Mateus 25.1-13



> Então, o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram a encontrar-se com o noivo. Cinco dentre elas eram néscias, e cinco, prudentes. As néscias, ao tomarem as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo; no entanto, as prudentes, além das lâmpadas, levaram azeite nas vasilhas. E, tardando o noivo, foram todas tomadas de sono e adormeceram. Mas, à meia-noite, ouviu-se um grito: Eis o noivo! Saí ao seu encontro! Então, se levantaram todas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas. E as néscias disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão-se apagando. Mas as prudentes responderam: Não, para que não nos falte a nós e a vós outras! Ide, antes, aos que o vendem e comprai-o. E, saindo elas para comprar, chegou o noivo, e as que estavam apercebidas entraram com ele para as bodas; e fechou-se a porta. Mais tarde, chegaram as virgens néscias, clamando: Senhor, senhor, abre-nos a porta! Mas ele respondeu: Em verdade vos digo que não vos conheço. Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora.

Quando estudamos a conclusão do sermão do monte, em Mateus 7, eu observei que o texto contém um alerta de Jesus aos discípulos que considero o mais assustador de todos os alertas já proferidos por ele: "Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade" (v. 22-23). Algumas pessoas com certeza absoluta de que pertencem a Cristo constatarão que isso não é verdade no último dia – e esta é uma ideia aterradora. Contudo, se

existe uma passagem à altura deste alerta de Mateus 7 no quesito terror, é a parábola das virgens prudentes e néscias, nos primeiros versículos de Mateus 25.

Apesar de estarmos iniciando um novo capítulo do evangelho de Mateus, continuamos no sermão profético, e a passagem que consideraremos agora tem o mesmo tema daquela que estudamos no capítulo anterior. Ali, Jesus ensinou aos discípulos a necessidade de estarem vigilantes quanto ao seu retorno, uma lição que é tão válida para nós quanto foi para eles. Aqui, Jesus salienta a necessidade de uma preparação para sua vinda, utilizando uma parábola muito eficaz na apresentação de seu argumento.

Espera do noivo

Segundo Mateus, Jesus iniciou a parábola dizendo: **Então, o reino dos céus será semelhante a dez virgens que, tomando as suas lâmpadas, saíram a encontrar-se com o noivo** (v. 1). As virgens estavam participando de uma festa de casamento. Elas não eram meras convidadas provenientes de lugares diversos para as bodas; eram amigas da noiva. De acordo com a parábola, a cerimônia já estava pronta. Todos os preparativos haviam sido feitos, o tipo de festa já havia sido decidido, e as dez virgens seriam ajudantes da noiva: elas participariam da celebração e do tributo ao noivo. No mundo antigo, as amigas da noiva iam até a casa dela para aguardar a chegada do noivo. Ninguém sabia exatamente quando ele chegaria, mas, quando isso acontecia, dava-se início a uma procissão gloriosa da casa da noiva até a casa do noivo. Era uma grande honra e um grande privilégio participar da festa de casamento e marchar na procissão com o noivo até sua casa, onde o banquete era realizado. As dez virgens, então, estavam prontas para receber o noivo e dar-lhe as boas vindas.

Qual é o significado desta parábola? Evidentemente, o simbolismo aponta para as bodas do Cordeiro no fim dos tempos (Ap 19.7,9), quando Cristo virá buscar sua esposa, a Igreja (Ef 5.25-32; Ap 21.2,9). A pergunta mais difícil é esta: quem as virgens representam? Na ocasião, Jesus não estava falando sobre as pessoas que nunca fizeram uma profissão de fé nele. As virgens eram uma figura de seus seguidores, ao menos exteriormente. Logo, elas representam os membros da igreja, aqueles que professam crer e confiar nele, pessoas que se consideram cristãs e discípulos fiéis de Jesus. Todavia, como veremos, embora todas as dez virgens estivessem participando das bodas e tivessem saído ao encontro do noivo, havia uma enorme diferença entre elas. Igualmente, há uma enorme característica distintiva entre os membros da igreja. Jesus falou sobre o trigo e o joio que crescem no mesmo campo (13.24-30), e havia trigo e joio entre as dez virgens assim como há trigo e joio dentro de cada igreja.

Jesus acrescentou: **Cinco dentre elas eram néscias, e cinco, prudentes** (v. 2). Acho que a escolha dos tradutores aqui foi motivada, ao menos em parte, por delicadeza, visto que as outras possibilidades de tradução das palavras gregas são os termos “estúpidas” e “sensatas”. A meu ver, não há razão para deixarmos de traduzi-las corretamente: cinco virgens eram estúpidas. Mas por que elas mereciam ser chamadas de estúpidas e por que as virgens prudentes mereciam ser chamadas de sensatas? Jesus disse: **As néscias, ao tomarem as suas lâmpadas, não levaram azeite consigo; no entanto, as prudentes, além das lâmpadas, levaram azeite nas vasilhas** (v. 3-4). Sim, esta foi a estupidez. Você consegue imaginar alguém que fará parte uma cerimônia de casamento comparecendo sem os preparativos necessários?

Luz e azeite

Uma dificuldade no texto dividiu os tradutores em dois grupos. Ela diz respeito ao significado da palavra que, nesta versão, foi traduzida como “lâmpadas”. Na Palestina, durante a época de Jesus, as pessoas utilizavam pequenas candeias de barro que continham um pouco de azeite. Dentro delas, havia um pavio flutuante que, quando aceso, queimava até todo o azeite ser consumido. Logo, se um indivíduo estivesse prestes a iniciar uma longa viagem à noite e precisasse de iluminação, ele não somente se certificaria de encher a lâmpada com azeite, como também de levar consigo um recipiente extra, caso o suprimento da candeia acabasse. No entanto, a mesma palavra grega também pode ser traduzida como “tochas” em vez de “lâmpadas”. Para fazer uma tocha, as pessoas enrolavam panos em torno de uma haste e mergulhavam-nos em azeite. Quando os panos encharcados eram acesos, a tocha fornecia iluminação durante cerca de 15 minutos. Depois, era preciso embebê-los novamente para que a tocha continuasse iluminando. Pessoalmente, eu acho que Jesus tinha tochas em mente, visto que o contexto era uma procissão noturna.

Seja como for, lâmpadas ou tochas, o problema era o mesmo: as virgens néscias não haviam levado azeite suficiente. Foi como se elas tivessem levado lanternas sem pilhas. Este teria sido um verdadeiro exemplo de estupidez, uma vez que lanternas são completamente inúteis se não tiverem carregadas com pilhas.

Eu observei, no estudo de outras parábolas no Evangelho de Mateus, que a maioria das parábolas de Jesus não é alegórica. Isto é, um significado único e simples costuma ser atribuído a elas. O objetivo de Jesus não era que os ouvintes procurassem correspondências exatas entre cada elemento de uma parábola e aspectos da vida real. É possível que a parábola das virgens prudentes e néscias tenha elementos alegóricos ou não. Caso tenha, e se houver um significado simbólico específico para o azeite, não é difícil constatar a que ele se refere. No contexto bíblico, o

principal referente do azeite como símbolo é o Espírito Santo. Se o Espírito estiver mesmo em vista aqui, a parábola possivelmente significa que as cinco virgens néscias não tinham o Espírito Santo. Elas desfrutavam de um bom relacionamento com a noiva, haviam sido convidadas e tinham trajes adequados para o casamento. As virgens néscias tinham tudo o que as virgens prudentes tinham – exceto o essencial à participação nas bodas.

O significado para nós é claro: se não tivermos o Espírito, concedido àqueles que confiam em Jesus com fé salvadora, não seremos admitidos à ceia das bodas do Cordeiro. Eu sempre rogo à minha congregação para que diferencie bem a fé salvadora de sua simples profissão. Ninguém é salvo por uma mera profissão de fé. A menos que a fé que professamos seja autêntica, a menos que tenha criado raízes em nosso coração, a menos que esteja ali pelo poder de Deus Espírito Santo, ela não nos salvará. Jesus estava claramente falando sobre a diferença entre cristãos nominais, aqueles que são cristãos apenas de nome, e cristãos genuínos, aqueles que são cristãos de verdade.

Muitos pregadores ao longo da história ficaram conhecidos por algum sermão específico que pregaram. Um grande exemplo é "Pecadores nas mãos de um Deus irado", de Jonathan Edwards. Meu mentor, o doutor John Gerstner, também tinha um sermão famoso, cujo assunto era justamente a parábola das virgens. Era um sermão aterrorizante, e a parte mais assustadora provavelmente era quando ele citava 1Coríntios 13 – onde Paulo aborda o amor bíblico – a fim de mostrar as coisas maravilhosas que uma pessoa desprovida de amor pode fazer. Ela pode falar em línguas de homens e anjos. Pode profetizar e compreender todos os mistérios e todas as ciências. Pode até mesmo abrir mão de todos os seus bens terrenos e submeter-se a uma morte de mártir. Ela pode realizar todas essas ações magníficas e, mesmo assim, não ter a fé

salvadora que se manifesta no amor. Assim eram as virgens néscias. Elas não tinham o essencial.

Falta de preparação

Jesus prosseguiu: **E, tardando o noivo, foram todas tomadas de sono e adormeceram** (v. 5). A chegada do noivo tardou por motivos desconhecidos. Todas as virgens ficaram cansadas e foram dormir, o que era algo sensato a se fazer, mesmo para as néscias. Ele acrescentou: **Mas, à meia-noite, ouviu-se um grito: Eis o noivo! Saí ao seu encontro! Então, se levantaram todas aquelas virgens e prepararam as suas lâmpadas** (v. 6-7). Quando o noivo estava prestes a chegar, as virgens puseram-se a acender as lâmpadas, ou tochas, para recebê-lo.

Foi então que as virgens néscias notaram o erro cometido: **E as néscias disseram às prudentes: Dai-nos do vosso azeite, porque as nossas lâmpadas estão-se apagando. Mas as prudentes responderam: Não, para que não nos falte a nós e a vós outras! Ide, antes, aos que o vendem e comprai-o** (v. 8-9). As virgens prudentes não tinham problema algum, pois dispunham de azeite em abundância e acenderam as tochas imediatamente. Já as virgens néscias não tinham como acender suas tochas. Desesperadas, imploraram às amigas por um pouco do azeite estocado que haviam trazido. A parábola, entretanto, não é sobre a atitude de compartilhar; é sobre o dever de estarmos prontos para a vinda do noivo – e a virgens prudentes estavam prontas. Assim, elas disseram que não poderiam compartilhar o que tinham, pois isto prejudicaria sua participação no casamento. O conselho às virgens néscias foi que comprassem azeite dos comerciantes.

Não podemos compartilhar o Espírito Santo com aqueles que não o têm. Em outras palavras, ninguém pode entrar no reino de Deus pegando carona com quem tem fé genuína. Todos precisam acreditar por si; não é

possível confiar na fé do pai, da mãe, da esposa ou de qualquer outra pessoa.

Neste ponto, a parábola torna-se muito triste. Jesus disse: **E, saindo elas para comprar, chegou o noivo, e as que estavam apercebidas entraram com ele para as bodas; e fechou-se a porta** (v. 10). As virgens néscias evidentemente correram em busca de azeite, mas, mesmo assim, perderam a chegada do noivo. Aqueles que estavam prontos, incluindo as cinco virgens prudentes, juntaram-se ao noivo na nobre procissão até sua casa, onde deram início à celebração. Em seguida, a porta foi fechada.

Houve, entretanto, ainda mais frustração: **Mais tarde, chegaram as virgens néscias, clamando: Senhor, senhor, abre-nos a porta! Mas ele respondeu: Em verdade vos digo que não vos conheço** (v. 11-12). As virgens néscias aparentemente conseguiram comprar o azeite e correram rumo à casa do noivo. Elas ficaram desapontadas por terem perdido sua chegada e a procissão, mas ainda estavam ansiosas por participar da festa. Contudo, quando chegaram, foram barradas na entrada. As virgens dirigiram-se ao noivo respeitosamente: "Senhor, Senhor". Porém, o noivo pronunciou palavras terríveis, as quais Jesus dissera que ele mesmo proferiria no último dia: "não vos conheço".

A mensagem desta parábola é simples. Jesus disse que o reino dos céus é semelhante à situação descrita. Quando ele vier, as pessoas da igreja ficarão exultantes. Haverá professores de escola dominical, anciãos, diáconos, pastores, missionários, dizimistas fiéis e frequentadores. Infelizmente, muitos deles não terão azeite, isto é, o Espírito. Serão cristãos apenas de nome. Não serão aceitos à celebração. É extremamente importante estarmos prontos para a sua vinda, pois, assim como a chegada do noivo, a hora do retorno de nosso Senhor é incerta. Por este motivo, Jesus exortou os discípulos: **Vigiai, pois, porque não sabeis o dia nem a hora** (v. 13).

Todas as virgens, as néscias e as prudentes, achavam que seriam recebidas pelo noivo e que participariam da grande festa. Todavia, metade delas estava enganada. Eu não sei por que Jesus dividiu as virgens desta maneira – metade néscias e metade prudentes. Esta é uma percentagem aterrorizante. Queira Deus que o retorno de Cristo não seja um dia de trevas sem luz para 50 por cento daqueles que hoje se assentam nos bancos das igrejas. Eu encorajo você a analisar seu coração e certificar-se de que a fé que professa é genuína. Não seja uma virgem néscia.

A PARÁBOLA DOS TALENTOS

Mateus 25.14-30



> Pois será como um homem que, ausentando-se do país, chamou os seus servos e lhes confiou os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro, dois e a outro, um, a cada um segundo a sua própria capacidade; e, então, partiu. O que recebera cinco talentos saiu imediatamente a negociar com eles e ganhou outros cinco. Do mesmo modo, o que recebera dois ganhou outros dois. Mas o que recebera um, saindo, abriu uma cova e escondeu o dinheiro do seu senhor. Depois de muito tempo, voltou o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles. Então, aproximando-se o que recebera cinco talentos, entregou outros cinco, dizendo: Senhor, confiaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que ganhei. Disse-lhe o senhor: Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. E, aproximando-se também o que recebera dois talentos, disse: Senhor, dois talentos me confiaste; aqui tens outros dois que ganhei. Disse-lhe o senhor: Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. Chegando, por fim, o que recebera um talento, disse: Senhor, sabendo que és homem severo, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste, receoso, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu. Respondeu-lhe, porém, o senhor: Servo mau e negligente, sabias que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei? Cumpria, portanto, que entregasses o meu dinheiro aos banqueiros, e eu, ao voltar, receberia com juros o que é meu. Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem dez. Porque a todo o que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. E o servo inútil, lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes.

Logo após a parábola das virgens prudentes e néscias, por meio da qual Jesus instruiu os discípulos a estarem preparados para sua vinda, ele contou a parábola dos talentos a fim de ensiná-los que deveriam ser diligentes enquanto o aguardassem. Como já vimos diversas vezes no sermão profético, esta mesma lição aplica-se a nós, discípulos de

Jesus no século 21. Infelizmente, os princípios básicos vão de encontro a tudo o que ouvimos na cultura contemporânea. Se alguma vez Jesus contou uma parábola politicamente incorreta aos padrões da América atual, a parábola é esta. Temos de fechar os ouvidos às vozes sedutoras da cultura pagã em que vivemos e ouvir atentamente o ensinamento de nosso Senhor e Salvador.

Segundo Mateus, Jesus disse aos discípulos: **Pois será como um homem que, ausentando-se do país, chamou os seus servos e lhes confiou os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro, dois e a outro, um, a cada um segundo a sua própria capacidade; e, então, partiu. O que recebera cinco talentos saiu imediatamente a negociar com eles e ganhou outros cinco. Do mesmo modo, o que recebera dois ganhou outros dois. Mas o que recebera um, saindo, abriu uma cova e escondeu o dinheiro do seu senhor** (v. 14-18).

Jesus contou a história de um homem rico que partiu em uma longa viagem. Antes de ir, confiou parte de suas riquezas a três servos, dando-lhes "talentos". Estes talentos não eram habilidades, mas unidades de peso. No mundo antigo, um talento podia ser uma unidade de ouro, prata ou bronze. Jesus não especificou o tipo de metal precioso confiado aos servos pelo senhor, mas um talento de ouro ou prata era muito valioso.

O senhor deu cinco talentos ao primeiro servo, dois talentos ao segundo servo e um talento ao terceiro servo. Ele distribuiu os talentos de acordo com seu parecer em relação à capacidade que cada servo tinha de administrá-los. Foi por isso que a distribuição não foi igual. Então, após a partida do senhor, o homem que recebera cinco talentos dobrou esta quantia. Da mesma maneira, o homem que recebera dois talentos também produziu um aumento de 100 por cento. O terceiro servo, entretanto, preocupado em perder o único talento que recebera e arranjar sérios problemas com seu senhor, preferiu não arriscar, enterrando o ouro ou a prata na terra.

Capitalismo de mordomia

À primeira vista, a interpretação da parábola é a mais simples possível. Ela tem como foco a produtividade do povo do Senhor, sua frutificação. Isto é, Jesus estava instruindo os discípulos a realizar atividades produtivas até a hora de seu retorno.

O que encontramos inicialmente nesta simples parábola é uma lição sobre mordomia. No mundo antigo, o mordomo era um servo que recebia autoridade para se certificar de que tudo transcorria adequadamente na casa de seu senhor. A palavra grega que carrega o sentido de "mordomia" no Novo Testamento é *oikonomia*, e é dela que vem nossa palavra *economia*. *Oikonomia* é uma combinação de duas palavras: *oikos*, que significa "casa", e *nomos*, que significa "lei". Então, a mordomia relaciona-se às leis da casa, ou às regras da casa – ou seja, a maneira como os assuntos da casa são tratados.

No entanto, eu acho que esta parábola aponta para algo além da questão da mordomia, e o que direi agora será politicamente incorreto: eu acredito que Jesus estava falando não apenas sobre mordomia, mas sobre um tipo específico de mordomia, a qual chamo de "capitalismo de mordomia". O termo *capitalismo* virou um palavrão na cultura ocidental. Evidentemente, o capitalismo pode assumir todo tipo de forma e aparência e, por vezes, ser implacável e voraz. Porém, a Bíblia apresenta uma imagem do capitalismo de mordomia e fornece princípios básicos extremamente importantes.

O primeiro destes princípios é o de que nós nada possuímos. Tudo o que acreditamos ter é, na verdade, de Deus; ele é dono de tudo, e todas as coisas que temos estão em nosso poder para que as administremos em seu lugar. Segundo, Deus nos dá o capital não para desperdiçarmos, ajuntarmos ou enterrarmos, mas para produzirmos. Quando colocamos nosso capital para trabalhar, ele lucra enquanto dormimos. Terceiro, o capitalismo de mordomia inclui o princípio da gratificação adiada.

Quando recebemos o salário, não gastamos tudo o que ganhamos para satisfazer nossos desejos. Em vez disso, freamos o consumo e investimos parte daquilo que trazemos para casa no futuro.

Eu testemunhei os benefícios da gratificação adiada em minha juventude em Pittsburgh, a cidade que mais fabrica aço no mundo. Pittsburgh e todas as cidades vizinhas eram caracterizadas pela fumaça produzida pelas usinas siderúrgicas na Pensilvânia ocidental. Infelizmente, quando os sinais tocavam nas fábricas sinalizando o fim do expediente às sextas-feiras, os empregados dirigiam-se à tesouraria para receber o salário, e, depois, a maioria dirigia-se aos bares mais próximos. Apenas cerca de um em cada dez funcionários ia para casa e entregava o pagamento à esposa a fim de que ela o depositasse no banco. Adivinhe quais deles conseguiram colocar os filhos na faculdade? Os filhos dos homens que adiaram sua gratificação, investindo no futuro dos descendentes, tornaram-se médicos, advogados e engenheiros.

A Bíblia também se preocupa muito com o bem-estar material dos seres humanos. Ela não é um livro gnóstico preocupado apenas com a nossa alma. Nosso Senhor Jesus tinha profunda preocupação em saber se as pessoas dispunham de alimento suficiente para comer, de roupas para vestir e de uma casa para morar. Todas estas coisas custam dinheiro. Meu sogro costumava dizer que, se fosse preciso, ele preferiria me ajudar com vestimentas a me ajudar com alimentos – segundo ele, eu esvaziava a despensa da casa sempre que ia visitar sua filha. Deus, entretanto, está preocupado com todas as necessidades humanas.

Assim sendo, qual é o fator mais importante para o bem-estar material das pessoas? A resposta a esta pergunta é simples: produção. A menos que alimentos sejam produzidos, as pessoas morrem de fome. A menos que roupas sejam produzidas, as pessoas congelam. A menos que casas sejam construídas, as pessoas ficam desabrigadas. Logo, o fator mais importante para a melhora do bem-estar dos seres humanos é o aumento

da produtividade. No âmbito individual, é extremamente importante sermos produtivos.

Qual é o fator mais importante para ao aumento da produtividade? A resposta é muito simples: ferramentas. Permita-me dar um exemplo. Se você tem um gramado no quintal, sabe que a manutenção dele exige o equilíbrio de três fatores: trabalho, tempo e dinheiro. A grama precisa ser cortada. Qual é a maneira mais barata de fazer isso? Você poderia ficar de joelhos e arrancar folha por folha com os dentes. Isso provavelmente nunca terminaria e seria extremamente trabalhoso, mas seria barato – contanto que você não precisasse deste tempo para realizar uma atividade remunerada. A produtividade poderia ser aumentada com a substituição dos dentes por uma tesoura. Seria um pouco mais caro usar uma tesoura em vez dos dentes e continuaria sendo trabalhoso, mas seria um pouco mais eficiente. A produtividade poderia ser aumentada ainda mais com a compra de um cortador de grama manual. Isso pouparia tempo, mas seria mais caro. Caso quisesse economizar mais tempo e trabalho, você poderia comprar um cortador de grama automático. Isso custaria mais dinheiro, mas certamente pouparia tempo e trabalho porque você teria uma ferramenta melhor. Quanto melhor as ferramentas, mais produtivos podemos ser.

Em 1989, logo após a queda de Nicolae Ceausescu, eu tive o privilégio de visitar a Romênia. Enquanto viajávamos de trem, observei milhares de *babushkas*, "vovós", com vestidos pretos que iam até os tornozelos. Elas estavam nos campos com enxadas e rastelos de madeira colocando a colheita em carrinhos puxados por bois ou jumentos. Era uma agricultura muito primitiva e improdutiva. Por que os agricultores romenos não conseguiam produzir tanto quanto os agricultores norte-americanos? Será por que os romenos não eram tão fortes fisicamente quanto os norte-americanos? Não. Será por que eles não eram tão inteligentes? Não. Será por que eles não tinham conhecimentos

específicos sobre agricultura? Não; todos os melhores métodos para o cultivo de vegetais estavam disponíveis na língua deles. A única coisa que os agricultores romenos não tinham que os agricultores norte-americanos tinham era ferramentas. Eles não tinham tratores nem colheitadeiras mecânicas. Esta era a razão por que os agricultores norte-americanos produziam mil vezes mais em um mês do que os agricultores romenos. Tudo se resumia a ferramentas.

Qual é o fator mais importante para a aquisição de ferramentas? A resposta é uma palavra nada popular: lucro. A fim de comprar ferramentas, precisamos ter capital excedente. Se não tivermos capital excedente, teremos de usar enxadas e rastelos de madeira. Lucro nada mais é do que aquilo que sobra da receita após o pagamento das despesas. Por alguma razão, nós passamos a odiar o conceito de lucro. Contudo, se não tivermos lucro, não teremos ferramentas. E, se não tivermos ferramentas, não teremos produção. E, se não tivermos produção, não teremos roupa sobre o corpo, pão para comer nem casa onde morar.

Então, Jesus quer que seu povo seja produtivo com as coisas que Deus lhe deu. Em outras palavras, ele quer que façamos uso proveitoso delas a fim de que se multipliquem.

Servos bons e um servo preguiçoso

Jesus, em seguida, relatou o que aconteceu quando o senhor retornou: **Depois de muito tempo, voltou o senhor daqueles servos e ajustou contas com eles. Então, aproximando-se o que recebera cinco talentos, entregou outros cinco, dizendo: Senhor, confiaste-me cinco talentos; eis aqui outros cinco talentos que ganhei. Disse-lhe o senhor: Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei; entra no gozo do teu senhor. E, aproximando-se também o que recebera dois talentos, disse: Senhor, dois talentos me confiaste; aqui tens outros dois que ganhei. Disse-lhe o senhor: Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei;**

entra no gozo do teu senhor (v. 19-23). Quando o senhor tomou conhecimento de como os dois primeiros servos haviam sido produtivos, exclamou: "Muito bem. Você é um servo bom, um servo fiel. Por ter sido fiel no pouco, eu lhe darei responsabilidade sobre muito mais coisas." Ele expressou a mesma mensagem ao homem que dobrou os dois talentos. Este segundo servo havia recebido menos talentos, mas fora tão produtivo com eles quanto o primeiro servo.

E quanto ao terceiro servo, o homem que havia recebido um único talento? Jesus disse: **Chegando, por fim, o que recebera um talento, disse: Senhor, sabendo que és homem severo, que ceifas onde não semeaste e ajuntas onde não espalhaste, receoso, escondi na terra o teu talento; aqui tens o que é teu** (v. 24-25). Ele não apresentou um relatório de sua produtividade; o que ele apresentou foram desculpas. O servo falou: "Eu sabia que o senhor é um homem duro. O senhor é o tipo de pessoa que colhe onde não plantou." De que tipo de pessoa o servo estava falando? Ele estava descrevendo um capitalista, alguém que compra terras e contrata outras pessoas para plantar e colher. Estas pessoas recebem um salário, mas o dono fica com a maior parte do lucro porque seu capital trabalhou por ele.

Essa desculpa não abrandou o senhor. Jesus disse aos discípulos: **Respondeu-lhe, porém, o senhor: Servo mau e negligente, sabias que ceifo onde não semeei e ajunto onde não espalhei? Cumpria, portanto, que entregasses o meu dinheiro aos banqueiros, e eu, ao voltar, receberia com juros o que é meu. Tirai-lhe, pois, o talento e dai-o ao que tem dez** (v. 26-28). O senhor repreendeu o servo porque este era mau, e tal maldade havia se manifestado na preguiça. A preguiça é sempre problemática, especialmente quando afeta a administração daquilo que nos foi confiado por nosso Senhor.

Eu tive um professor de economia na faculdade que pesava mais de 100 quilos. No primeiro dia de aula, ele subiu na mesa e falou: — Vou

lhes dizer qual é a única lei da economia: é preciso trabalhar! Ele estava certo, naturalmente. No entanto, podemos trabalhar e, mesmo assim, não sermos bons administradores. Mas não temos como ser bons administradores sem trabalhar.

Jesus concluiu a parábola dizendo: **Porque a todo o que tem se lhe dará, e terá em abundância; mas ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. E o servo inútil, lançai-o para fora, nas trevas. Ali haverá choro e ranger de dentes** (v. 29-30). Quando Jesus retornar para o juízo, aqueles que não o serviram perderão tudo o que lhes havia sido confiado e, além disso, serão lançados nas trevas exteriores por terem sido "servos inúteis". Já aqueles que o serviram bem receberão muito mais: entrarão no gozo do Senhor Jesus.

Jesus estava dizendo que nós seremos julgados de acordo com a sabedoria e a diligência com que administramos aquilo que ele nos deixou. Ele nos perguntará se investimos naquilo que mais beneficia as pessoas. Evidentemente, o que mais melhora o bem-estar das pessoas neste mundo é a obra do reino de Deus. É nisso que o nosso principal investimento deve ser.

Cristãos, leiam o que as Escrituras dizem sobre a administração daquilo que Deus nos deu. Então, procurem ser produtivos. Só assim receberemos a bênção inestimável de ouvi-lo dizer: "Muito bem, servo bom e fiel".

O JUÍZO DE CRISTO

Mateus 25.31-46



> Quando vier o Filho do homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória; e todas as nações serão reunidas em sua presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda; então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me. Então, perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E quando te vimos enfermo ou preso e te fomos visitar? O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes. Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; sendo forasteiro, não me hospedastes; estando nu, não me vestistes; achando-me enfermo e preso, não fostes ver-me. E eles lhe perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso e não te assistimos? Então, lhes responderá: Em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer. E irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna.

Se alguém me perguntasse quais são as três doutrinas bíblicas mais odiadas, eu diria que são o inferno, a predestinação e o juízo final. Imagine só como seria detestável uma passagem bíblica que apresentasse todas estas três doutrinas ao mesmo tempo! Isto, entretanto, é o que encontramos no trecho diante de nós agora.

Este capítulo concluirá nosso estudo do sermão profético, situado em Mateus 24 e 25. Nas últimas passagens analisadas, Jesus havia ensinado aos seus discípulos algumas lições importantes sobre o modo como deveriam aguardar sua vinda. Primeiro, aconselhou-os a ser vigilantes (24.45-51), pois, segundo ele, ninguém sabe o dia nem a hora de sua vinda exceto Deus Pai (24.36). Segundo, por meio da parábola das virgens prudentes e néscias, Jesus instruiu-os a estar preparados para sua vinda (25.1-13). Terceiro, na parábola dos talentos, ele ordenou que os discípulos fossem diligentes e produtivos durante a espera (25.14-30). Mais uma vez, não temos certeza se ele os estava instruindo naquele momento a se preparar para sua vinda em juízo sobre Jerusalém em 70 d.C. ou para sua vinda final, que ainda está para acontecer. Isto, porém, pouco importa; assim como os discípulos precisavam estar preparados e ser produtivos enquanto aguardavam a destruição de Jerusalém, também nós precisamos estar preparados e ser produtivos enquanto aguardamos o retorno culminante do Senhor.

Na conclusão do discurso, Jesus parece estar se referindo ao retorno final, pois profetizou o que acontecerá no fim dos tempos. Todas as nações serão reunidas diante dele, e haverá uma separação. Isto é, ele julgará cada um dos seres humanos. Infelizmente, encontrará alguns que não estavam vigilantes – que estavam despreparados – e que não haviam sido produtivos antes de seu retorno.

Separação de ovelhas e cabritos

Segundo Mateus, Jesus disse: **Quando vier o Filho do homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória** (v. 31). Esta é a primeira vez em toda a Escritura que Jesus faz clara referência a si mesmo não apenas como Filho do homem, mas também como Rei, pois afirmou que se assentará no "trono da sua glória". Depois, acrescentou: **e todas as nações serão reunidas em sua**

presença, e ele separará uns dos outros, como o pastor separa dos cabritos as ovelhas; e porá as ovelhas à sua direita, mas os cabritos, à esquerda (v. 32-33). O trono de Jesus será um trono de juízo. A primeira coisa que ele fará quando vier em glória será reunir todas as pessoas, de todas as nações, diante do seu trono. O ajuntamento será imediatamente seguido por uma separação.

Este tipo de ensinamento é muito difícil para aqueles que estão imersos na cultura ocidental moderna, a qual defende o pluralismo, o relativismo e o universalismo e que sofre de uma alergia incurável a qualquer insinuação de exclusão. A ideia de separação vai totalmente contra a natureza da nossa cultura, especialmente porque esta separação específica significa que alguns entrarão na bem-aventurança da vida eterna no céu e que o restante entrará no sofrimento perpétuo do juízo no inferno. A maioria dos ocidentais, mesmo nas igrejas, acredita que será fácil passar pelo juízo final, pois estará caminho do céu. Fazemos piadas com São Pedro nos portões de pérola, e, nelas, ele sempre fecha os olhos para qualquer pecado que pudesse impedir a entrada de alguém no céu. Vivemos em um mundo e em uma nação que acredita na salvação pela morte: tudo o que precisamos fazer para entrar no céu é morrer.

Quando Jesus falou sobre a separação, ele usou uma metáfora de ovelhas e cabritos. Nela, comparou seu juízo a um pastor de ovelhas que faz divisão entre as duas espécies de animais. Eu e Vesta crescemos no subúrbio de Pittsburgh, bem perto das fazendas da região. A apenas dois ou três quilômetros da cidade, já podíamos avistar pastos. As vacas ficavam em um campo só para elas; as ovelhas, em outro; e os cabritos, em outro campo separado. Nós nunca víamos esses três tipos de animais pastando juntos, então não era difícil distinguir ovelhas de cabritos. Alguns anos atrás, entretanto, estávamos em viagem a um país do terceiro mundo, e o guia turístico apontou para um pasto com ovelhas e cabritos. Nós não conseguimos diferenciá-los, pelo menos não de onde

estávamos. Teria-nos sido necessário chegar muito mais perto e ter um conhecimento detalhado da anatomia de ovelhas e cabritos a fim de distingui-los.

Na antiga nação de Israel, assim como naquele país do terceiro mundo, era comum ovelhas e cabritos serem criados juntos. Contudo, os animais tinham de ser separados diariamente. Quando a noite começava a cair, o pastor ia até o campo e recolhia todos os cabritos, pois eles não tinham a formidável camada de lã para protegê-los da queda de temperatura. Os cabritos precisavam de mais calor, e, por esta razão, o pastor fazia esta separação, conduzindo-os a um local mais quente. O pastor, é claro, estava intimamente familiarizado com seus animais, então tinha total capacidade para fazer esta separação.

No entanto, Jesus não disse que separará as ovelhas dos cabritos – ambos metafóricos – por alguma razão funcional, como os pastores de Israel faziam. Ele os separará a fim de colocar as ovelhas à sua direita e os cabritos à sua esquerda, isto é, no lugar de honra e de desonra respectivamente.

Ovelhas benditas

Jesus, então, pôs-se a contar aos discípulos o que dirá aos dois grupos, a começar pelo das ovelhas: **então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai! Entrai na posse do reino que vos está preparado desde a fundação do mundo. Porque tive fome, e me destes de comer; tive sede, e me destes de beber; era forasteiro, e me hospedastes; estava nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; preso, e fostes ver-me** (v. 34-36).

Ele dirá que as ovelhas são "benditos de meu Pai" e que, por isso, herdarão o "reino que [lhes] está preparado desde a fundação do mundo". A bênção máxima que o Pai pode dar ao ser humano é a bênção de ser um presente dele para o Filho. Em outro lugar, Jesus

afirmou: “Todo aquele que o Pai me dá, esse virá a mim; e o que vem a mim, de modo nenhum o lançarei fora” (Jo 6.37). Em sua oração sacerdotal, na noite em que foi traído, ele falou: “Quando eu estava com eles, guardava-os no teu nome, que me deste, e protegi-os, e nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, para que se cumprisse a Escritura” (Jo 17.12). Os indivíduos que o Pai deu ao Filho foram predestinados para herdar o reino de Deus desde a fundação do mundo.

Quando o Pai nos adota à sua família, nós nos tornamos, por assim dizer, irmãos mais novos de Jesus, o único herdeiro do Pai (Gl 4.5; Ef 1.5). Desta forma, passamos a ser coerdeiros do Pai com ele (Rm 8.17). No juízo final, Jesus dirá: “Você está no testamento. Foi colocado nele desde a fundação do mundo.” Seu nome não foi inserido no testamento porque Deus previu, em sua onisciência, o que você faria quando ouvisse o evangelho. Antes de você nascer, antes até de fazer qualquer coisa boa ou má – para que os propósitos da graça soberana de Deus pudessem ser estabelecidos e o Filho de Deus pudesse ser honrado por toda a eternidade – Deus ordenou que você fosse seu herdeiro e escreveu seu nome no livro da vida do Cordeiro (Rm 9.10-13).

Sempre que meus netos fazem algo que me desagrada minimamente (sim, isso acontece às vezes), minha resposta padrão é: “Você está fora do testamento.” Sabemos como é doloroso ser deserdado neste mundo. Ser excluído da herança do reino de Deus, porém, é a pior tragédia que pode sobrevir a um ser humano.

Esta doutrina, a da predestinação, causa não apenas confusão e alvoroço, como também furor – até mesmo entre cristãos professos. Isto sempre me deixa perplexo. Não há maior demonstração de graça do que esta doutrina, pois não posso alegar motivo algum para eu estar no reino de Deus e outra pessoa não estar. Certamente não é por causa de algo que eu tenha feito.

Neste ponto, você pode estar pensando: "A passagem inteira fala sobre obras. Fala sobre alimentar os famintos, dar de beber a quem tem sede, acolher estrangeiros, vestir quem está nu e visitar os doentes ou os presos. Por acaso isso não demonstra que há obras envolvidas na salvação?" Pode parecer assim, mas somos informados repetidas vezes nas Escrituras de que a justificação é unicamente pela fé. Logo, as obras não desempenham papel algum na salvação. No entanto, a justificação não é por fé desacompanhada; isto é, não é por uma mera profissão de fé. Todos os que têm fé salvadora passam imediatamente a realizar boas obras. Nós não somos justificados *por* nossas obras, de qualquer forma que seja, mas somos justificados *para* as boas obras. Assim sendo, o maior teste que determina se estamos ou não em Cristo é a presença ou a ausência de frutos. No último dia, nossas profissões de fé serão julgadas pelas obras que realizamos. Mais uma vez, não somos justificados por nossas obras, mas, se não tivermos obras, haverá uma clara evidência de que não temos fé salvadora.

Jesus mostrou que as boas obras vêm naturalmente àqueles que são justificados. Ele disse: **Então, perguntarão os justos: Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer? Ou com sede e te demos de beber? E quando te vimos forasteiro e te hospedamos? Ou nu e te vestimos? E quando te vimos enfermo ou preso e te fomos visitar? O Rei, respondendo, lhes dirá: Em verdade vos afirmo que, sempre que o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes** (v. 37-40). As ovelhas não estariam cientes de que, quando servissem ao próximo, era Jesus a quem na verdade estariam servindo. Elas simplesmente estariam fazendo o que o Espírito colocou em seu coração. Com isto, porém, estariam obedecendo a Cristo.

Cabritos malditos

Jesus disse aos discípulos que sua mensagem aos cabritos será muito diferente. Ele falou: **Então, o Rei dirá também aos que estiverem à sua esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos. Porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; sendo forasteiro, não me hospedastes; estando nu, não me vestistes; achando-me enfermo e preso, não fostes ver-me** (v. 41-43). Eles receberão ordem para se afastar de Jesus e entrar no fogo eterno porque são malditos, não benditos. Por quê? Porque estes indivíduos não conseguiram fazer as coisas que os justos fizeram: alimentar os famintos, dar de beber aos que têm sede, acolher os estrangeiros e assim por diante.

Jesus acrescentou: **E eles lhe perguntarão: Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso e não te assistimos?** (v. 44). A implicação aqui parece ser a de que, se eles tivessem *mesmo* visto Jesus com tais necessidades, certamente o teriam servido. Mas, por cometerem o pecado de não servir o povo de Jesus, incluindo os menores dentre os que lhe pertencem, eles o desapontaram. Conforme o Senhor disse, **Então, lhes responderá: Em verdade vos digo que, sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer** (v. 45). Os cabritos não terão as obras para mostrar que são justificados. Portanto, **irão estes para o castigo eterno, porém os justos, para a vida eterna** (v. 46).

Não há purgatório. "[…] aos homens está ordenado morrerem uma só vez, vindo, depois disto, o juízo" (Hb 9.27). Não há uma segunda chance. Não há reencarnação para uma nova vida na terra. A única reencarnação é a ressurreição do corpo para o céu ou para o inferno. Por isso é tão perigoso fugir do assunto, desviar-se da questão. Há um juízo aguardando cada um de nós, um juízo segundo os padrões da justiça de Deus. Recorde-se do que Paulo disse aos atenienses: "Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos

homens que todos, em toda parte, se arrependam" (At 17.30). Por quê? "[…] porquanto estabeleceu um dia em que há de julgar o mundo com justiça, por meio de um varão que destinou" (v. 31a).

Faça um favor a si mesmo. Antes de ir para a cama hoje à noite, antes de ir dormir, pergunte-se: "Será que sou uma ovelha? Será que sou um cabrito? Será que minha fé é real? Qual é o meu destino?" Jesus voltará algum dia, e, quando voltar, haverá julgamento. Certifique-se de que você está preparado.

A UNÇÃO EM BETÂNIA

Mateus 26.1-13



Tendo Jesus acabado todos estes ensinamentos, disse a seus discípulos: Sabeis que, daqui a dois dias, celebrar-se-á a Páscoa; e o Filho do homem será entregue para ser crucificado. Então, os principais sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram no palácio do sumo sacerdote, chamado Caifás; e deliberaram prender Jesus, à traição, e matá-lo. Mas diziam: Não durante a festa, para que não haja tumulto entre o povo. Ora, estando Jesus em Betânia, em casa de Simão, o leproso, aproximou-se dele uma mulher, trazendo um vaso de alabastro cheio de precioso bálsamo, que lhe derramou sobre a cabeça, estando ele à mesa. Vendo isto, indignaram-se os discípulos e disseram: Para que este desperdício? Pois este perfume podia ser vendido por muito dinheiro e dar-se aos pobres. Mas Jesus, sabendo disto, disse-lhes: Por que molestais esta mulher? Ela praticou boa ação para comigo. Porque os pobres, sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes; pois, derramando este perfume sobre o meu corpo, ela o fez para o meu sepultamento. Em verdade vos digo: Onde for pregado em todo o mundo este evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua.

Ao entrarmos em Mateus 26, cruzamos uma fronteira. Em certo sentido, tudo muda neste ponto do Evangelho. Mateus diz: **Tendo Jesus acabado todos estes ensinamentos […]** (v. 1a). Este é o fim do registro que Mateus fez dos ensinamentos de Jesus. Quando lemos os evangelhos sinóticos, observamos que cada um deles relata essencialmente os mesmos acontecimentos, mas, por vezes, em pontos muito diferentes da narrativa. Isto é, palavras específicas de Jesus podem aparecer em momentos diferentes nos livros de Mateus, Marcos e Lucas. A opinião quase universal dos estudiosos da Bíblia é que os evangelistas tomaram como ponto de partida um conjunto de dizeres de Jesus chamado *logia* (“palavras”), os quais foram preservados pela tradição

oral sem qualquer preocupação com o contexto sequencial. Portanto, a obra dos evangelistas consistiu em passar estes ensinamentos à forma escrita, e, neste processo, eles eram livres para usar sua criatividade literária com o objetivo de situar os dizeres onde fosse mais apropriado segundo sua própria perspectiva. Foi isso o que Mateus fez até aqui.

Agora, entretanto, seu foco muda completamente para a narrativa da paixão de Jesus – o sofrimento e a morte de Cristo. Mateus começa a conduzir seu relato a um clímax, a saber, o auge da atividade redentora de Jesus. A cruz avulta-se logo adiante.

Conspiração às vésperas da Páscoa

O próprio Jesus, de modo apropriado, montou o palco para a cena final: **[ele] disse a seus discípulos: Sabeis que, daqui a dois dias, celebrar-se-á a Páscoa; e o Filho do homem será entregue para ser crucificado** (v. 1a-2).

Jesus sabia o que estava para acontecer. Ele conhecia seu destino; aliás, conhecia-o desde o princípio e já o havia contado aos discípulos diversas vezes (16.21; 17.22-23; 20.17-19). O Senhor sabia que já estava às portas a hora que estivera se aproximando (Jo 13.1; 17.1). Ele também sabia que todas as coisas prestes a acontecer encontravam-se inteiramente sob a ordem soberana do Pai; ninguém poderia tomar sua vida dele. Cristo sabia muito bem que todas as conspirações dos escribas, dos fariseus, dos saduceus, do sinédrio e até de seu próprio discípulo Judas não teriam qualquer poder a menos que ele mesmo permitisse ser levado pelas autoridades judaicas e ser entregue aos romanos. Ele declarou ter autoridade e capacidade para convocar legiões de anjos com o propósito de interromper o andamento daquele drama e poupá-lo do sofrimento que estava prestes a enfrentar (26.53). Porém, como vimos, Jesus havia feito seu rosto como um seixo para ir a Jerusalém (Is 50.7) a

fim de que pudesse cumprir a missão aceita na aliança da redenção, firmada na eternidade passada.

Jesus associou o momento de sua paixão à Páscoa, que seria dali a dois dias. A Páscoa era a festa mais importante do calendário judaico. Ela estava ligada à Festa dos Pães Asmos, e juntas, as duas duravam sete dias completos. Literalmente centenas de milhares de peregrinos iam até Jerusalém para esta celebração.

Na economia do plano de Deus, era absolutamente apropriado que o Cordeiro fosse sacrificado na época da Páscoa. A identidade nacional do povo judeu foi estabelecida naquele momento da antiguidade em que ele foi poupado da ira de Deus no Egito e, então, livrado pelo êxodo. Você se lembra da história. Deus já tinha enviado nove pragas ao Egito quando Faraó desobedeceu à sua ordem direta para libertar os israelitas (Êx 7–10). Por esta razão, ele jurou enviar mais uma praga. Deus disse que sairia pelo Egito matando os primogênitos dos mais poderosos, dos escravos mais humildes e até mesmo dos animais (Êx 11.4-5). Contudo, ele prometeu que, se os israelitas passassem sangue de cordeiro nas ombreiras de suas casas, seus primogênitos seriam poupados (Êx 12.1-13). E assim foi. O povo de Deus foi liberto da ira divina quando ele atacou os egípcios. Ao avistar sangue de cordeiro nas ombreiras, Deus passava reto. O Egito foi subjugado, e os israelitas, libertos; por este motivo, a Páscoa tornou-se uma época de celebração ímpar. Logo, era oportuno que esta festa fosse a ocasião para a expiação máxima, o sacrifício do Cordeiro, cujo sangue livra da ira de Deus.

Mateus, então, acrescenta mais uma breve observação ao montar o palco para o ápice de seu relato: **Então, os principais sacerdotes e os anciãos do povo se reuniram no palácio do sumo sacerdote, chamado Caifás; e deliberaram prender Jesus, à traição, e matá-lo. Mas diziam: Não durante a festa, para que não haja tumulto entre o povo** (v. 3-5). Esses não eram chefes da máfia reunidos em uma mansão de Nova Jersey. Esses

eram os homens mais consagrados dos judeus, incluindo os principais sacerdotes, escribas, anciãos e até mesmo o sumo sacerdote Caifás, em cujo palácio eles se reuniram. Os líderes, supostamente religiosos, congregaram-se com uma única finalidade: encontrar uma forma de capturar Jesus e executá-lo, a fim de se livrar dele de uma vez por todas.

Pare e pense por um momento no que estava acontecendo aqui. Os sacerdotes da nação estavam tentando achar um jeito de matar o Filho de Deus. Eu não acho que nós conseguimos compreender completamente a gravidade do que eles estavam fazendo. O próprio Deus havia assumido a natureza humana e aparecido na história para resgatar seu povo. Ele tinha vindo para dar sua vida em resgate por muitos (20.28). Todavia, aquelas pessoas o odiavam com todo o seu ser. Elas eram unânimes: Jesus tinha de ir embora. Porventura houve, alguma vez, uma conspiração literalmente mais diabólica do que essa em toda a história do mundo?

Os homens disseram uns aos outros: "Não durante a festa, para que não haja tumulto entre o povo". Eles sabiam que muitas pessoas da Galileia estariam em Jerusalém para a festa, e também que Jesus tinha muitos seguidores e uma ótima reputação. Portanto, concordaram em esperar até o final da Páscoa para montar a armadilha. Naturalmente, Deus tinha outros planos. Era vontade dele que o Cordeiro morresse durante a Páscoa. Era ele quem decidiria a hora da morte de seu Filho, não os religiosos de Israel.

Jesus ungido para o sepultamento

Mateus, então, muda bruscamente de assunto. Em vez de nos contar mais sobre os planos feitos pelos líderes religiosos e sobre como eles haviam armado sua cilada, ele escreve: **Ora, estando Jesus em Betânia, em casa de Simão, o leproso, aproximou-se dele uma mulher, trazendo um vaso de alabastro cheio de precioso bálsamo, que lhe derramou sobre a cabeça,**

estando ele à mesa (v. 6-7). Isto aconteceu em Betânia, um povoado vizinho a Jerusalém, situado do outro lado do vale do Cedrom sobre o monte das Oliveiras. Mateus diz que Jesus estava na casa de um homem conhecido como Simão, o leproso. Nós não sabemos quem era este Simão. É improvável, entretanto, que sofresse de lepra naquele momento, pois parecia estar ativamente envolvido na vida social da cidade, e não isolado como os doentes da época. Talvez ele tivesse sido curado pelo Senhor. Alguns especulam que Simão era o pai de Maria, Marta e Lázaro, amigos queridos de Jesus que moravam em Betânia (Jo 11.3). Cristo já havia passado muito tempo na casa daquela família, e talvez tenha sido ali que esta notável situação aconteceu. Mateus também não identifica a mulher que se aproximou com o bálsamo precioso, mas João identifica-a como Maria, presumivelmente irmã de Lázaro e Marta.

Mateus acrescenta alguns detalhes interessantes ao relato. Ele nos diz que Maria trouxe "precioso bálsamo", e o fato de que este bálsamo estava contido em um vaso de alabastro demonstra que se tratava de um bem extremamente valioso. Alabastro é um mineral e, neste caso, provavelmente gesso. Tanto Marcos quanto João relatam que o vaso e o bálsamo valiam 300 denários (Mc 14.5; Jo 12.5). Esta era a média de salário que uma pessoa comum recebia em dez meses. Pense em quanto dinheiro você consegue ganhar em dez meses e, então, pergunte a si mesmo se gastaria esta quantia em um frasco de perfume.

A mulher não identificada foi até à mesa onde Jesus estava reclinado com Simão e seus discípulos e derramou o frasco de bálsamo sobre sua cabeça. Ela o ungiu com óleo. Ao que tudo indica, ela o reconheceu como o Ungido que, em grego, é a palavra *Christos*, de onde deriva nossa palavra *Cristo.* A mulher reconheceu que quem estava reclinado à mesa era o seu Messias, o qual havia sido ungido pelo Espírito Santo no batismo (3.16).

Esta cena estabelece um contraste gritante com o que estava acontecendo a portas fechadas no palácio de Caifás. Ali, os líderes judeus confabulavam sobre como poderiam matar Jesus. Em Betânia, uma mulher não identificada realizava um ato extravagante de amor, devoção e adoração voltado para seu Messias.

Tal atitude extravagante, porém, foi interrompida pelos discípulos. Mateus relata: **Vendo isto, indignaram-se os discípulos e disseram: Para que este desperdício? Pois este perfume podia ser vendido por muito dinheiro e dar-se aos pobres** (v. 8-9). Os discípulos ficaram chocados ao ver aquele perfume valioso sendo derramado de maneira tão copiosa. Como a mulher se atrevia a despejar todo aquele bálsamo sobre Jesus? Por acaso ela não sabia quanto dinheiro estava desperdiçando? Por acaso ela não sabia quantas ações benéficas poderiam ter sido realizadas se o perfume tivesse sido vendido, e os lucros, distribuído aos pobres? Eu não sei se aquela mulher havia feito as contas, mas, para ela, nada era bom o bastante para Jesus. Com sua atitude de devoção e sacrifício, ela envergonhou os discípulos. Eles deveriam tê-la elogiado, dizendo: "Que coisa magnífica você fez pelo nosso Messias!" Em vez disso, contudo, ficaram indignados.

A postura dos discípulos não passou despercebida por Jesus: **Mas Jesus, sabendo disto, disse-lhes: Por que molestais esta mulher? Ela praticou boa ação para comigo. Porque os pobres, sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes; pois, derramando este perfume sobre o meu corpo, ela o fez para o meu sepultamento** (v. 10-12). Jesus defendeu a mulher. Ele falou que ela havia feito "boa ação para comigo". Acho que uma tradução melhor seria uma "bela ação para comigo". O que ela fez, os materiais que utilizou e sua motivação por trás daquilo foram todos belos. E qual foi sua motivação? Jesus disse que ela o fez com o objetivo de prepará-lo para seu sepultamento. Os cadáveres costumavam ser ungidos com perfumes preciosos como demonstração de

respeito. Uma vez que Jesus seria enterrado às pressas após a morte na cruz e ressuscitaria no primeiro dia da semana, antes que as mulheres pudessem ungir seu corpo com especiarias, esta foi a única unção de sepultamento que ele haveria de receber.

Como parte da repreensão aos discípulos, Jesus proferiu uma frase que é, com frequência, mal compreendida e mal aplicada: "Porque os pobres, sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes". Há muitos anos, eu preguei em uma igreja localizada na região pobre de Cleveland, uma área afligida por todas as pragas urbanas: abuso de drogas, criminalidade e assim por diante. O pastor estava à frente da igreja há muitos anos, mas ele me contou que já havia tido mais de quinze copastores ao seu lado durante o ministério. Quando lhe perguntei o motivo de tamanha rotatividade, ele explicou que os jovens pastores concluíam o seminário com zelo pelas boas obras, mas, quando chegavam à região pobre de Cleveland, raramente duravam muitos anos – eram derrotados pela pobreza, pela miséria, pelo crime e pela desesperança. Isso me deixou curioso por saber como ele havia conseguido permanecer ali durante tanto tempo. Quando lhe perguntei a respeito, ele explicou: — Por causa daquilo que Jesus disse: "os pobres, sempre os tendes convosco". Eu não vim aqui para eliminar a pobreza; eu sabia que isso não ia acontecer. Eu vim aqui para ministrar às pessoas que se encontram nessa situação.

É exatamente isso o que Jesus quis dizer. Ele não estava dizendo que temos liberdade para ignorar os pobres. Ele estava mostrando aos discípulos uma imagem realista do ministério. Nós não vamos nos livrar da pobreza. Nós não vamos nos livrar da dor. Nós não vamos nos livrar do sofrimento. Porém, vamos ministrar em meio a tudo isso. Assim sendo, a venda de um único vaso de alabastro cheio de perfume não teria resolvido o problema da pobreza.

Por fim, Jesus disse aos discípulos: **Em verdade vos digo: Onde for pregado em todo o mundo este evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua** (v. 13). Jesus sabia que o evangelho seria pregado no mundo inteiro. Ele sabia que as boas novas proclamadas não seriam aniquiladas em uma cruz próximo a Jerusalém. Em vez disso, elas se alastrariam por toda parte, e quando isso acontecesse, a atitude de devoção daquela mulher seria contada para sua memória. Ela seria aclamada pelo presente extravagante que oferecera em honra ao Senhor Jesus Cristo.

Os homens mais importantes do povo judeu reuniram-se no palácio do sumo sacerdote para maquinar planos grandiosos. A maioria deles já caiu no esquecimento, e suas conspirações são desconhecidas à história. A atitude de uma simples mulher que amava a Jesus, entretanto, é contada por todo o mundo até hoje juntamente com a pregação do evangelho.

A TRAIÇÃO DE JUDAS

Mateus 26.14-25



Então, um dos doze, chamado Judas Iscariotes, indo ter com os principais sacerdotes, propôs: Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei? E pagaram-lhe trinta moedas de prata. E, desse momento em diante, buscava ele uma boa ocasião para o entregar. No primeiro dia dos pães asmos, vieram os discípulos a Jesus e lhe perguntaram: Onde queres que te façamos os preparativos para comeres a Páscoa? E ele lhes respondeu: Ide à cidade ter com certo homem e dizei-lhe: O Mestre manda dizer: O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a Páscoa com os meus discípulos. E eles fizeram como Jesus lhes ordenara e prepararam a Páscoa. Chegada a tarde, pôs-se ele à mesa com os doze discípulos. E, enquanto comiam, declarou Jesus: Em verdade vos digo que um dentre vós me trairá. E eles, muitíssimo contristados, começaram um por um a perguntar-lhe: Porventura, sou eu, Senhor? E ele respondeu: O que mete comigo a mão no prato, esse me trairá. O Filho do homem vai, como está escrito a seu respeito, mas ai daquele por intermédio de quem o Filho do homem está sendo traído! Melhor lhe fora não haver nascido! Então, Judas, que o traía, perguntou: Acaso, sou eu, Mestre? Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste.

Dizem que leva muito tempo, geralmente anos, para se desenvolver uma profunda confiança nos relacionamentos humanos, mas apenas alguns momentos para destrui-la. Quem nunca enfrentou a dor e o choque de ser traído por um amigo, um cônjuge ou um irmão? Palavras simplesmente não são suficientes para descrever a dor da traição.

Nós podemos encontrar traições nas páginas das Escrituras. O rei Davi traiu a confiança de seu fiel soldado, Urias, o heteu, ao cometer adultério com sua mulher, Bate-Seba, e planejar a morte dele (2Sm 11). Igualmente, Paulo foi traído por um companheiro. Ele escreveu, na

prisão, as seguintes palavras a Timóteo: "Porque Demas, tendo amado o presente século, me abandonou" (2Tm 4.10a). Os anais da história estão repletos de relatos de traições semelhantes. Em minha primeira visita à Abadia de Westminster, em Londres, fiquei pasmo ao descobrir que Benedict Arnold tivera um funeral de herói naquele santuário. Eu podia entender que, da perspectiva da Inglaterra, ele havia sido um herói; mas, na história norte-americana, o nome dele é sinônimo da palavra *traição*. Em todos estes casos, a confiança foi quebrada, e pessoas foram lesadas.

No entanto, todos estes incidentes são insignificantes diante da traição do próprio Filho de Deus. Mateus fornece um breve registro das conspirações de Judas Iscariotes, um dos 12 homens mais próximos de Jesus, para trair seu Senhor. O evangelista já havia relatado como os escribas, os fariseus, os saduceus e outros tramaram a morte de Jesus. Porém, neste momento crítico, quando Jesus estava prestes a entrar em sua paixão, o espectro da traição invadiu seu círculo íntimo. É por este motivo que a noite anterior à crucificação de Jesus é conhecida como a "noite em que foi traído" (1Co 11.23). Isso demonstra a relevância deste terrível acontecimento.

Um traidor entre os 12

Mateus escreve: **Então, um dos doze, chamado Judas Iscariotes, indo ter com os principais sacerdotes, propôs: Que me quereis dar, e eu vo-lo entregarei?** (v. 14-15a). Os líderes religiosos não procuraram Judas. Ele se ofereceu. Foi ele quem decidiu ver o que poderia ganhar traindo Jesus. Em outras palavras, Judas perguntou: "Quanto vocês me pagariam se eu o entregasse em suas mãos?" Em resposta, **pagaram-lhe trinta moedas de prata** (v. 15b), o preço normal de um escravo à venda no comércio. Mateus, então, acrescenta: **E, desse momento em diante, buscava ele uma boa ocasião para o entregar** (v. 16). Judas aceitou a compensação

financeira oferecida pelos principais sacerdotes e passou a procurar uma oportunidade para realizar o combinado.

Ao analisar esta transação, alguns estudiosos tentam transformar Judas em herói sob a alegação de que ele estava tentando forçar a inauguração do reino de Deus. O discípulo sabia que o reino não viria até o confronto final entre Jesus e as forças do mal em Jerusalém. Logo, Judas estaria simplesmente tentando acelerar as coisas ao fechar este acordo clandestino para entregar Jesus. Outros dizem que ele ficou frustrado porque contava com Jesus para livrar o povo dos romanos e, quando finalmente entendeu que Cristo seria um Salvador sofredor em vez de um herói conquistador, não conseguiu lidar com o fato. Tudo isso é pura especulação. O único motivo fornecido pelas Escrituras para o ato de traição de Judas é dinheiro.

Não posso deixar de notar todos esses planejamentos e conspirações em curso na mente dos homens maus. Sabemos que os principais sacerdotes, os escribas e os anciãos reuniram-se no palácio do sumo sacerdote para tramar uma forma de pegar Jesus e matá-lo (v. 3-5). Evidentemente, eles estavam preocupados em não provocar um protesto por parte das pessoas que haviam ido da Galileia a Jerusalém, as quais, por terem se beneficiado do ministério de cura e ensinamento de Jesus, o amavam. Agora vemos Judas ganhando um papel nas conspirações. À primeira vista, pode parecer que o pobre e inocente Jesus era vítima de tais tramas e maquinações, mas não é assim que o Novo Testamento trata a situação. Pedro pôs um fim a essa ideia no sermão que pregou no dia de Pentecostes:

> Varões israelitas, atendei a estas palavras: Jesus, o Nazareno, varão aprovado por Deus diante de vós com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou por intermédio dele entre vós, como vós mesmos sabeis; sendo este entregue pelo determinado desígnio e presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o por mãos de iníquos; ao qual, porém, Deus ressuscitou,

> rompendo os grilhões da morte; porquanto não era possível fosse ele retido por ela (At 2.22-24).

Pedro não disse que Jesus foi entregue graças às armações malignas do sumo sacerdote e à traição perniciosa de Judas Iscariotes. Ele atribuiu a prisão, o julgamento e a execução de Jesus pelos romanos ao "determinado desígnio e presciência de Deus". Quem era soberano sobre a traição do Filho do homem e sua entrega às mãos dos inimigos? Deus Pai, o qual, desde toda a eternidade, decretou soberanamente que faria bom uso dos desejos maus dos homens para concretizar seu plano de redenção em determinado ponto da história.

Conforme observamos no capítulo anterior, Jesus não ficou surpreso com nada disso. Ele sabia que a cruz era vontade do Pai. Ele já havia falado sobre isso com os discípulos semanas antes: "O Filho do homem está para ser entregue nas mãos dos homens; e estes o matarão; mas, ao terceiro dia, ressuscitará" (17.22b-23a). Jesus estava consciente do que lhe aconteceria e satisfeito com isso.

Mateus prossegue com a observação: **No primeiro dia da Festa dos Pães Asmos, vieram os discípulos a Jesus e lhe perguntaram: Onde queres que te façamos os preparativos para comeres a Páscoa? E ele lhes respondeu: Ide à cidade ter com certo homem e dizei-lhe: O Mestre manda dizer: O meu tempo está próximo; em tua casa celebrarei a Páscoa com os meus discípulos. E eles fizeram como Jesus lhes ordenara e prepararam a Páscoa** (v. 17-19). Em algum momento daquela quinta-feira, os discípulos perguntaram a Jesus onde deveriam preparar a refeição da Páscoa. Ele os instruiu a procurar determinado homem em Jerusalém e dizer-lhe que celebrariam a Páscoa em sua casa. Os discípulos fizeram conforme a instrução do Senhor e preparam a refeição ali. Marcos acrescenta o detalhe de que o dono da casa conduziu-os a um cenáculo mobilado (14.15). Assim, **Chegada a tarde, pôs-se ele à mesa com os doze discípulos** (v. 20).

Mateus, em seguida, diz: **E, enquanto comiam, declarou Jesus: Em verdade vos digo que um dentre vós me trairá. E eles, muitíssimo contristados, começaram um por um a perguntar-lhe: Porventura, sou eu, Senhor?** (v. 21-22). Você consegue imaginar o choque que os discípulos devem ter sentido quando Jesus fez este anúncio? Anteriormente, ele havia afirmado: "O Filho do homem está para ser entregue nas mãos dos homens", mas não dera qualquer indicação de quem o trairia. Agora, ele especificava que o traidor seria um *deles*. Nas palavras de Mateus, eles ficaram "muitíssimo contristados". Um por um, provavelmente com grande hesitação, os discípulos começaram a perguntar: "Porventura, sou eu, Senhor?" Eu imagino que eles tenham feito esta pergunta com muito medo, mas precisavam saber.

Jesus não deu uma resposta direta. Em vez disso, **ele respondeu: O que mete comigo a mão no prato, esse me trairá** (v. 23). Todos os discípulos estavam mergulhando pedaços de pão e carne na mesma tigela de molho, então esta declaração não identificava ninguém. Ela era, contudo, mais um lembrete da gravidade da traição. Jesus estava tendo comunhão à mesa com o homem que o trairia.

Vontade maligna do homem e vontade divina de Deus

Então, Jesus fez uma observação muito interessante: **O Filho do homem vai, como está escrito a seu respeito, mas ai daquele por intermédio de quem o Filho do homem está sendo traído! Melhor lhe fora não haver nascido!** (v. 24). Ele estava afirmando que seu caminho até a cruz havia sido traçado por Deus e anunciado nos profetas. Aquele fora o plano de Deus desde a eternidade passada. Não obstante, traí-lo era um ato horrendo de pecado. O traidor não teria como dizer a Deus que estava apenas colaborando com a concretização do plano divino. Posso até ouvir Judas, no dia do juízo, falando para o Pai: "Deus, por que o senhor quer me castigar? Se não fosse por mim, a expiação não teria acontecido.

Se não fosse por mim, seu plano de redenção teria fracassado. Eu simplesmente realizei a tarefa que o senhor me atribuiu desde a fundação do mundo. Como posso ainda ser achado culpado?" Se Judas realmente alegar isso, este argumento não terá peso algum. Jesus pronunciou um ai sobre Judas e disse que teria sido melhor se ele não tivesse nascido; afinal, embora um grande bem tenha sucedido por meio deste ato maligno, o ato não deixava de ser maligno.

Esta questão sempre surge nas Escrituras quando a soberania de Deus e as escolhas pecaminosas dos seres humanos se cruzam. No livro de Jó, vemos que tudo o que ele tinha – gado, filhos e saúde – foi tomado de diferentes formas (Jó 1–2). Por exemplo, seus bois e jumentos foram roubados pelos sabeus (1.14-15). Por acaso Satanás forçou os sabeus a tomar seu gado? Não. A história começa com Satanás se queixando de que o único motivo de Jó para louvar a Deus era a barreira divinamente posicionada em torno dele, a qual o protegia de todos os ataques do inimigo. Satanás falou: "Estende, porém, a mão, e toca-lhe em tudo quanto tem, e verás se não blasfema contra ti na tua face" (1.11). Então, Deus concedeu-lhe permissão para afligir Jó. O que aconteceu? Satanás possuiu os sabeus e forçou-os a tomar o gado? Não. Os sabeus, por si mesmos, em nada pensavam além de roubar gados. Durante décadas, eles haviam abominado a riqueza de Jó, mas tinham de observá-lo através da barreira. Assim que Deus a removeu, estes homens iníquos puderam colocar em prática sua iniquidade, inconscientemente servindo ao justo propósito de Deus.

A isso chamamos doutrina da concorrência. Podemos vê-la com mais clareza em Gênesis 37–50, no relato da história de José e seus irmãos. Tomados por inveja de José porque seu pai lhe favorecia, os irmãos venderam-no a comerciantes midianitas. Em seguida, mancharam sua túnica colorida com sangue de animal e levaram-na a Jacó, sugerindo que o irmão havia sido morto por uma fera. José foi vendido como

escravo e, mais tarde, lançado na prisão por ter sido falsamente acusado de atacar a esposa de um homem. Ele suportou injustiça após injustiça – tudo por causa da traição de seus irmãos. No entanto, pela providência de Deus, José foi liberto da prisão e elevado ao cargo de primeiro-ministro do Egito. Quando houve fome na terra, Jacó enviou seus filhos ao Egito em busca de alimento para que a família não perecesse. Chegando ali, eles se reuniram com o primeiro-ministro, mas não o reconheceram, pois ele usava vestes egípcias e falava o idioma egípcio. No fim, José acabou revelando a própria identidade e perdoando-os, mas os irmãos continuaram temerosos de que ele pudesse se vingar algum dia. Após a morte do pai, os irmãos disseram: "É o caso de José nos perseguir e nos retribuir certamente o mal todo que lhe fizemos. Portanto, mandaram dizer a José: Teu pai ordenou, antes da sua morte, dizendo: Assim direis a José: Perdoa, pois, a transgressão de teus irmãos e o seu pecado, porque te fizeram mal; agora, pois, te rogamos que perdoes a transgressão dos servos do Deus de teu pai" (50.15-17). O que José falou? "Não temais; acaso, estou eu em lugar de Deus? Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida" (v. 19-20).

Na interseção entre a vontade divina e a vontade humana, duas forças agiram de modo totalmente intencional. Uma delas era a força dos irmãos maus. Segundo José, as coisas que eles fizeram tinham motivação maligna. Porém, enquanto faziam o mal, eles realizavam a vontade de Deus. Em sua soberania, Deus usou o pecado deles. Ele usou a maldade deles para trazer salvação à família de José. Será que, então, os irmãos estavam desculpados? Não. Eles sabiam o que estavam fazendo. Além disso, estavam fazendo de propósito. Eles fizeram o que queriam fazer. Envolveram-se livremente em um ato traiçoeiro. No entanto, acima deles, estava o Soberano, o qual tomou este mal e usou-o para seus justos propósitos.

A mesma coisa aconteceu quando Judas vendeu Jesus. Judas fez o que queria fazer. Ele fez aquilo que suas intenções malignas o levaram a fazer. Deus, entretanto, sobrepujou-o. É por isso que o apóstolo Paulo escreve: "Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito" (Rm 8.28). Se Deus não fosse soberano, não teríamos a esperança da vitória final da justiça. Mas, por ser soberano, ele pode usar até mesmo os atos maus dos homens para realizar sua vontade. Deste modo, realmente teria sido melhor para Judas não ter nascido. A traição de Jesus foi um mal inenarrável.

Mateus escreve: **Então, Judas, que o traía, perguntou: Acaso, sou eu, Mestre? Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste** (v. 25). Judas fez como os outros discípulos, perguntando se ele mesmo era o traidor. No entanto, sua dúvida não era sincera. Talvez ele esperasse esconder seus planos aparentando estar tão angustiado quanto os outros discípulos. A resposta de Jesus à sua pergunta, entretanto, foi diferente: "Tu o disseste". Esta era uma expressão grega que transferia a responsabilidade de volta ao inquiridor. Ou seja, Jesus identificou Judas como seu traidor. No Evangelho de João, somos informados de que Jesus ofereceu-lhe um pedaço de pão como forma de identificação. Naquele instante, Satanás entrou no discípulo, ao que Cristo falou: "O que pretendes fazer, faze-o depressa" (13.26-27). Conforme veremos, Judas fez exatamente isso: traiu seu Senhor naquela mesma noite.

A CEIA DO SENHOR

Mateus 26.26-35



> Enquanto comiam, tomou Jesus um pão, e, abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo. A seguir, tomou um cálice e, tendo dado graças, o deu aos discípulos, dizendo: Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados. E digo-vos que, desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco no reino de meu Pai. E, tendo cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras. Então, Jesus lhes disse: Esta noite, todos vós vos escandalizareis comigo; porque está escrito:
>
> Ferirei o pastor,
> e as ovelhas do rebanho ficarão dispersas.
>
> Mas, depois da minha ressurreição, irei adiante de vós para a Galileia. Disse-lhe Pedro: Ainda que venhas a ser um tropeço para todos, nunca o serás para mim. Replicou-lhe Jesus: Em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo cante, tu me negarás três vezes. Disse-lhe Pedro: Ainda que me seja necessário morrer contigo, de nenhum modo te negarei. E todos os discípulos disseram o mesmo.

Gosto de considerar a cena que testemunhamos nesta passagem do Evangelho de Mateus como o nascimento da igreja no Novo Testamento. Evidentemente, não é o dia oficial do nascimento da igreja, o qual é datado da época do Antigo Testamento, quando Deus estabeleceu sua aliança com um povo específico. No entanto, a igreja do Novo Testamento, a igreja da nova aliança, começou em determinado ponto no tempo – embora nem todos os estudiosos sejam unânimes quanto a este ponto. Alguns acreditam que ela teve início com o

ministério terreno de Jesus. Um número maior de pessoas acredita que ela teve início no Pentecostes, quando o Espírito Santo foi derramado em poder. Eu, entretanto, estou convencido de que a igreja nasceu no cenáculo durante a celebração da Páscoa, porque foi nesse momento que o Senhor Jesus Cristo, o Mediador da nova aliança, instituiu-a – e, no dia seguinte, ratificou-a com seu sangue. Assim, quando lemos sobre a celebração no cenáculo e a instituição da ceia, é importante compreendermos que este não foi apenas mais um momento na vida de Jesus e seus discípulos. Foi um momento de significado extraordinário tanto na vida deles quanto na história da redenção.

O contexto óbvio da instituição da ceia foi a Páscoa, celebração anual dos judeus pelo livramento do Egito milhares de anos antes. Na noite em que o próprio Deus passou pela terra do Egito e matou todos os primogênitos na décima e última das terríveis pragas enviadas a Faraó, ele poupou as casas dos israelitas em cujos umbrais avistou sangue de cordeiro. Depois disso, os judeus passaram a celebrar este maravilhoso livramento todos os anos por ordem divina. Deus ordenou-lhes que, quando celebrassem a Páscoa, dissessem aos filhos: "É isto pelo que o SENHOR me fez, quando saí do Egito" (Êx 13.8).

Quando garoto, Jesus certamente participou da celebração da Páscoa e, sem dúvida, tinha uma consciência cada vez maior de que era seu destino ser o cumprimento supremo do significado daquela festa. Ele era o Cordeiro de Deus a ser imolado, cujo sangue colocaria à parte todos os que o recebessem para que não sofressem juízo nas mãos de Deus por seus pecados.

Jesus institui a ceia

Mateus começa este importante relato escrevendo: **Enquanto comiam, tomou Jesus um pão, e, abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, dizendo: Tomai, comei; isto é o meu corpo** (v. 26). Jesus e seus discípulos

estavam celebrando a Páscoa com a refeição cerimonial quando ele introduziu uma mudança drástica na liturgia. Seguindo o curso normal da celebração, ele tomou o pão, abençoou-o e partiu-o. Mas, então, mudou o costume, dizendo: "isto é o meu corpo".

Lucas acrescenta mais alguns detalhes a esta declaração de Jesus: "Isto é o meu corpo oferecido por vós; fazei isto em memória de mim" (22.19). Curiosamente, quando o apóstolo Paulo discorre sobre a ceia, ele cita essa frase de forma um pouco diferente: "isto é o meu corpo que é *partido* por vós; fazei isto em memória de mim" (1Co 11.24 ARC, ênfase acrescentada). Alguns estudiosos fazem grande alvoroço discutindo se ele afirmou que seu corpo foi "oferecido" pelos discípulos ou "partido" por eles. Aqueles que desaprovam o emprego da palavra *partido* baseiam-se no fato de que, segundo o Evangelho de João, nenhum osso de Jesus foi quebrado em cumprimento da profecia (19.31-36). É verdade que seus ossos não foram quebrados, mas seu corpo foi partido. Foi partido pelos espinhos contidos na coroa pressionada sobre sua cabeça. Foi partido pelos açoites que dilaceraram a pele de suas costas. Foi partido pelos cravos que perfuraram suas mãos e seus pés e pela lança que traspassou seu lado. Os homens o partiram quando o mataram, assim como ele partiu o pão no cenáculo.

Mateus prossegue: **A seguir, tomou um cálice e, tendo dado graças, o deu aos discípulos, dizendo: Bebei dele todos; porque isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados** (v. 27-28). Mais uma vez, Jesus deu graças, mas alterou a liturgia. Ele disse aos discípulos que o cálice não mais representaria o sangue do cordeiro que os israelitas escravizados no Egito haviam passado nos umbrais das portas, mas seu próprio sangue. De modo mais específico, o cálice representaria seu sangue "da [nova] aliança, derramado em favor de muitos, para remissão de pecados". Foi neste momento, creio eu, que a Igreja de Jesus Cristo nasceu, pois foi neste

instante que ele instituiu a nova aliança. Em certo sentido, o que Jesus fez aqui espelhou o estabelecimento da aliança no Antigo Testamento, mas também a cumpriu completamente e instituiu a plenitude do relacionamento de aliança que temos hoje com Deus em Jesus Cristo.

Seria proveitoso relembrar o início da aliança de Deus com Israel no Sinai. Lemos, no livro de Êxodo:

> Disse também Deus a Moisés: Sobe ao SENHOR, tu, e Arão, e Nadabe, e Abiú, e setenta dos anciãos de Israel; e adorai de longe. Só Moisés se chegará ao SENHOR; os outros não se chegarão, nem o povo subirá com ele. Veio, pois, Moisés e referiu ao povo todas as palavras do SENHOR e todos os estatutos; então, todo o povo respondeu a uma voz e disse: Tudo o que falou o SENHOR faremos. Moisés escreveu todas as palavras do SENHOR e, tendo-se levantado pela manhã de madrugada, erigiu um altar ao pé do monte e doze colunas, segundo as doze tribos de Israel. E enviou alguns jovens dos filhos de Israel, os quais ofereceram ao SENHOR holocaustos e sacrifícios pacíficos de novilhos. Moisés tomou metade do sangue e o pôs em bacias; e a outra metade aspergiu sobre o altar. E tomou o livro da aliança e o leu ao povo; e eles disseram: Tudo o que falou o SENHOR faremos e obedeceremos. Então, tomou Moisés aquele sangue, e o aspergiu sobre o povo, e disse: Eis aqui o sangue da aliança que o SENHOR fez convosco a respeito de todas estas palavras (24.1-8).

Nesta cerimônia, Moisés, o mediador da antiga aliança, confirmou a aliança que Deus havia feito com seu povo. Primeiro, ele aspergiu o sangue sobre o altar. Depois, aspergiu-o sobre o povo. Isso significava o estabelecimento da aliança, a solene consagração do povo que Deus escolhera para si por remissão e que estava sendo posto à parte em um rito de sangue.

No cenáculo, na noite em que foi traído, Jesus afirmou que seu sangue estava sendo derramado "para remissão de pecados". Quando os pecados são redimidos, eles desaparecem. São removidos. Você consegue entender como isso é fundamental? O problema básico da raça humana é que Deus é santo, e nós, não. Todos pecamos. Nós violamos a lei de Deus. Há algum livramento para isso? Como lidamos com o pecado?

Anos atrás, participei de uma palestra sobre apologética e defesa racional das alegações do cristianismo no campus de uma faculdade. Depois da apresentação, conversei com um jovem que se pôs a disparar argumentos racionais contra o cristianismo, um após o outro. Eu orava pedindo a Deus que me desse paciência para lidar com a hostilidade, o cinismo e o ceticismo daquele rapaz. Ele fazia uma pergunta e eu me esforçava para responder, mas, em vez de se concentrar na mesma questão e perseverar nela, ele pulava para a próxima. Quando eu respondia, ele passava para outra e assim por diante. Aquilo não tinha fim. Depois de um tempo, comecei a questionar a sinceridade de suas objeções. Em determinado momento, interrompi-o: — Antes de irmos para a próxima dúvida, deixe-me perguntar algo. O que você faz com sua culpa? Eu não perguntei se ele sentia culpa, pois sabia que sentia – e também sabia que ele sabia que sentia. Não houve necessidade de discutir este ponto. Por isso, não me surpreendeu o fato de ele ficar em silêncio diante da minha indagação.

O que você faz com sua culpa? Respostas comuns incluem negá-la, explicá-la, escondê-la ou, talvez, admitir parte dela, mas não sua totalidade. Todavia, nenhuma dessas técnicas pode livrar-se dela. Todos nós somos como Lady Macbeth, gritando: "Sai, mancha maldita!" Não conseguimos ficar de mãos limpas. Só há um remédio para a culpa debaixo do céu: o perdão. O pecado pode ser remetido apenas se for perdoado. Os cristãos são simplesmente uma sociedade de pessoas perdoadas. Sempre que celebramos a ceia, celebramos o nascimento da igreja do Novo Testamento, a instituição da nova aliança e o dia em que nosso Salvador anunciou que derramaria seu sangue para remover nossos pecados.

Em seguida, Jesus disse: **E digo-vos que, desta hora em diante, não beberei deste fruto da videira, até aquele dia em que o hei de beber, novo, convosco no reino de meu Pai** (v. 29). Aparentemente, o Senhor estava

referindo-se à ceia das bodas do Cordeiro (Ap 19.9), mas não está claro por que ele planejou abster-se de vinho até esse momento.

Jesus prediz as negações de Pedro

Mateus escreve: **E, tendo cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras** (v. 30). Jesus e seus discípulos concluíram a liturgia da Páscoa com um hino, talvez o Halel (Sl 113–118). Então, deixaram o cenáculo e saíram da cidade rumo ao monte das Oliveiras. Como veremos no próximo capítulo, Jesus estava buscando comunhão com o Pai no Getsêmani, uma vez que a hora de sua prisão estava próxima.

O Senhor tinha dado más notícias aos discípulos durante a celebração da Páscoa, afirmando que um deles o trairia (v. 21). No monte das Oliveiras, ele continuou a anunciá-las: **Então, Jesus lhes disse: Esta noite, todos vós vos escandalizareis comigo; porque está escrito: e as ovelhas do rebanho ficarão dispersas. Mas, depois da minha ressurreição, irei adiante de vós para a Galileia** (v. 31-32). Segundo Jesus, como se não bastasse o fato de que um deles o trairia, *todos* eles se escandalizariam por sua causa naquela noite. Assim como as ovelhas vagueiam quando o pastor está ferido, os discípulos "vaguearíam" quando Jesus fosse preso. Porém, ele também prometeu conduzi-los ao norte, para a Galileia, quando ressuscitasse.

Pedro, sempre impetuoso, não gostou da conversa: **Disse-lhe Pedro: Ainda que venhas a ser um tropeço para todos, nunca o serás para mim** (v. 33). Ele estava convencido de que era mais forte do que os outros discípulos e, portanto, apoiaria Jesus a qualquer preço. Contudo, o Senhor não quis que ele tivesse tamanha autoconfiança. Mateus escreve: **Replicou-lhe Jesus: Em verdade te digo que, nesta mesma noite, antes que o galo cante, tu me negarás três vezes** (v. 34). Você consegue imaginar como foi para Pedro ouvir esta profecia? De acordo com ela, o discípulo não somente "tropeçaria", mas negaria seu Senhor; e não apenas uma vez,

mas três vezes. No entanto, Pedro, de alguma forma, encontrou forças para contestar o que Jesus dissera: **Disse-lhe Pedro: Ainda que me seja necessário morrer contigo, de nenhum modo te negarei. E todos os discípulos disseram o mesmo** (v. 35). Pedro rejeitou enfaticamente a palavra profética de Jesus, e todos os discípulos fizeram o mesmo. Eu não tenho dúvida de que eles amavam a Jesus e queriam tomar seu lado. Porém, as pressões daquela noite seriam demais para a débil fé daqueles homens.

Nunca devemos superestimar nossa coragem e devoção a Cristo. Nenhum de nós sabe como se comportará na hora da crise, e precisamos orar pedindo forças para perseverarmos sob pressão. No entanto, podemos nos regozijar porque aquele que nos concede a fé, pela qual cremos, haverá de fortalecê-la no momento oportuno.

O JARDIM DO GETSÊMANI

Mateus 26.36-46



Em seguida, foi Jesus com eles a um lugar chamado Getsêmani e disse a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar; e, levando consigo a Pedro e aos dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se. Então, lhes disse: A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo. Adiantando-se um pouco, prostrou-se sobre o seu rosto, orando e dizendo: Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres. E, voltando para os discípulos, achou-os dormindo; e disse a Pedro: Então, nem uma hora pudestes vós vigiar comigo? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca. Tornando a retirar-se, orou de novo, dizendo: Meu Pai, se não é possível passar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a tua vontade. E, voltando, achou-os outra vez dormindo; porque os seus olhos estavam pesados. Deixando-os novamente, foi orar pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras. Então, voltou para os discípulos e lhes disse: Ainda dormis e repousais! Eis que é chegada a hora, e o Filho do homem está sendo entregue nas mãos de pecadores. Levantai-vos, vamos! Eis que o traidor se aproxima.

Uma das primeiras heresias que assolaram a igreja foi o docetismo. Este nome deriva do verbo grego *dokeō*, que significa parecer, pensar ou aparecer. Os docéticos eram fortemente influenciados pelas ideias dos gregos, os quais consideravam impensável que o eterno pudesse se unir a qualquer elemento físico, material ou temporal. O grande escândalo para os gregos não era a ressurreição de Cristo, mas sua encarnação. A ideia de que Deus poderia assumir um corpo humano, unindo-se à carne, era-lhes absolutamente repugnante. Sob a influência deste ponto de vista, os docéticos ensinavam que Jesus não tinha um corpo humano nem uma natureza

humana. Ele apenas parecia ter um corpo; na verdade, era um fantasma. Em suma, esta heresia negava e obscurecia a verdadeira humanidade de Jesus.

Embora a igreja repudiasse este movimento herético nos primeiros séculos, ele nunca desapareceu por completo. Elementos de docetismo ainda contaminam nosso modo de pensar sobre Jesus. Temos a tendência de divinizar sua natureza humana e de negar a realidade plena de sua humanidade. Felizmente, há passagens como a que temos diante de nós neste capítulo, que demonstram a autenticidade da humanidade de Jesus como poucas outras.

Eu já preguei sobre este episódio da vida de Jesus muitas vezes. Sempre que o abordo, procuro fazê-lo em espírito de temor e tremor. Quando olho para este texto, sinto como se estivesse diante de um abismo e, se der um passo em falso, cairei para minha completa destruição. Eu simplesmente não consigo entender direito o que se passa aqui. Ao lermos esta passagem, estamos, por assim dizer, entreouvindo a oração mais intensa, literalmente excruciante, já proferida por lábios mortais.

Às vezes, na teologia, fazemos perguntas frívolas. Por exemplo, quando considero a humanidade de Jesus, perguntas como estas vêm à minha mente: Será que Jesus tinha dor de cabeça? Será que Jesus pegou gripe alguma vez? Será que ele teve outras doenças? Por que perguntas como estas me vêm à mente? Eu pondero sobre estas coisas porque nosso Senhor nasceu sem o pecado original e, por conseguinte, nunca cometeu pecado algum. Se, em sua perfeita humanidade, ele se encontrava fora do alcance dos impulsos do pecado, como poderia ter sido afetado pelas consequências do pecado? Somos informados, nas Escrituras, de que doenças e outros males físicos entraram no mundo como resultado direto da pecaminosidade humana, mas Jesus não tinha pecado. Então isso significa que ele não tinha dor de cabeça? Eu não sei a resposta para essa

pergunta. Meu palpite, entretanto, é que ele *teve* dor de cabeça e outras doenças. Por quê? Muito embora tenha nascido sem pecado, ele adentrou na situação humana caída. Vimos que, durante sua tentação no deserto, ele sentiu as dores da fome (4.2). Na cruz, exclamou: "Tenho sede!" (Jo 19.28). Se a dor fosse totalmente incompatível com uma humanidade sem pecado, como Jesus poderia ter sentido fome ou sede? Acho que, mesmo sem ter pecado algum, ele foi exposto a todo tipo de dor, tristeza, aflição e sofrimento que acompanham a condição caída da humanidade, e creio que há um vislumbre disso nesta passagem.

O Salvador pesaroso

Nós já vimos que, após a última ceia, Jesus e seus discípulos saíram para o monte das Oliveiras (v. 30), onde ele declarou que todos "se escandalizariam" naquela noite por sua causa (v. 31) e que Pedro o negaria três vezes antes do amanhecer (v. 34). Mateus, em seguida, diz: **Em seguida, foi Jesus com eles a um lugar chamado Getsêmani e disse a seus discípulos: Assentai-vos aqui, enquanto eu vou ali orar; e, levando consigo a Pedro e aos dois filhos de Zebedeu, começou a entristecer-se e a angustiar-se. Então, lhes disse: A minha alma está profundamente triste até à morte; ficai aqui e vigiai comigo** (v. 36-38).

Eles chegaram a um jardim conhecido como Getsêmani, onde as azeitonas eram espremidas para a coleta do azeite destinado ao uso e à venda. Jesus solicitou aos discípulos que esperassem enquanto ele se afastava um pouco para orar, mas pediu a Pedro, Tiago e João que o acompanhassem. Quando os quatro se distanciaram dos demais, Jesus começou a "entristecer-se e a angustiar-se". Foi como se ele sentisse mais liberdade para baixar a guarda na companhia daqueles três homens do que na presença do grupo todo. Ele descreveu seus sentimentos, dizendo-lhes que estava "profundamente triste até à morte". Claramente, ele estava muito, muito angustiado e perturbado. Não se tratava de uma

simples angústia mental. Era um pesar, uma tempestade de dor que traspassava sua alma.

No entanto, Jesus não pediu que os três discípulos orassem com ele. Ele não estava iniciando uma reunião de oração. Ninguém mais poderia juntar-se a ele. O que estava diante do Senhor era uma tarefa solitária, para a qual ele era o único ser humano qualificado em toda a história humana. Ele precisava orar sozinho, precisava expressar suas lutas mais profundas ao Pai. Jesus já havia se afastado do restante do grupo e agora precisava afastar-se de seu círculo íntimo, embora desejasse que aqueles homens permanecessem por perto. Ele pediu que ficassem e vigiassem.

Estou certo de que nenhuma oração em toda história humana foi pronunciada com maior intensidade, maior agonia, maior comoção ou maior fervor do que a oração feita por Jesus naquele momento em que se afastou dos discípulos. Lucas narra que, enquanto o Senhor orava, "o seu suor se tornou como gotas de sangue caindo sobre a terra" (22.44). A intensidade de sua oração foi tamanha, que os vasos de sua testa romperam-se. Antes mesmo de a coroa de espinhos ser colocada em sua fronte, rios de sangue escorreram pelo seu rosto enquanto ele lutava com a tristeza pelo sofrimento que estava prestes a enfrentar.

Você entende por que tenho uma sensação de desespero quando tento compreender o que estava acontecendo aqui? Não sei quantas vezes já li a oração que Martinho Lutero escreveu na prisão uma noite antes de enfrentar os poderosos da igreja e do Estado na Dieta Imperial (assembleia geral) em Worms, Alemanha, onde sua vida estava em jogo. Posso imaginar a agonia de Lutero, mas o tormento de Jesus foi algo completamente diferente. Ele não era apenas mais um homem enfrentando a morte. Se a única coisa diante de Jesus no dia seguinte fosse a experiência da morte, ele o teria enfrentado com mais serenidade do que Sócrates antes de beber a cicuta. Inúmeros homens e mulheres corajosos ao longo da história enfrentaram a morte com serenidade.

Todavia, não foi o prospecto da morte que provocou este sofrimento na alma de Jesus, mas a experiência que teria de enfrentar antes da morte: o abandono por parte do Pai.

"Se possível, passe de mim este cálice"

Mateus diz: **Adiantando-se um pouco, prostrou-se sobre o seu rosto, orando** (v. 39a). De vez em quando, nas narrativas dos evangelhos, vemos pessoas correndo em direção a Jesus a fim de suplicar-lhe ou agradecê-lo, as quais se prostram sobre o rosto em sujeição para honrá-lo (Lc 5.12; 17.6). Pedro, Tiago e João prostraram-se quando o Pai falou do céu na transfiguração (Mt 17.6). No entanto, esta é a única vez em toda a Escritura que vemos Jesus prostrando-se sobre o próprio rosto, curvando-se em expressão máxima de humildade perante o Pai.

Nesta postura, ele orou: **Meu Pai, se possível, passe de mim este cálice! Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres** (v. 39b). Cada palavra proferida foi vital. Ele começou com um chamado sincero: "Meu Pai". Depois, pediu: "se possível […]". Este rogo veio da natureza humana de Jesus. Sua natureza divina era onisciente, pois compartilhava de todos os atributos da divindade. Deus conhece todas as coisas, bem como todas as possibilidades, todas as contingências. Ele não precisa acompanhar o que acontece na terra para deduzir as consequências. Não existe *se* no vocabulário de Deus. Porém, aqui era a natureza humana de Jesus falando. A natureza humana não tem onisciência. Ela não sabe tudo o que é possível e impossível. A natureza humana de Jesus estava atordoada em face do que estava por vir, então ele perguntou: "Ó meu Pai, será que é possível? Será que existe outra forma de fazermos isso?"

Sua esperança, se possível, era esta: "passe de mim este cálice". Ele não estava se referindo ao cálice da tristeza, do sofrimento e da angústia. A imagem do cálice na Bíblia, no contexto do Antigo Testamento, está ligada à ira de Deus. O cálice do juízo de Deus sobre o pecado humano

estava sendo colocado diante de seu Filho. Jesus estava clamando: "Ó Pai, existe outra maneira? Eu concordo em ir para a cruz. Concordo em entregar minha vida. Concordo em derramar meu sangue. Posso enfrentar a cruz. Posso suportar a ira dos romanos. Posso aguentar a fúria dos líderes do Sinédrio. Mas será que preciso mesmo ser completamente exposto à tua ira implacável contra o pecado cometido pelo teu povo?"

Jesus, entretanto, ainda não havia terminado. Ele orou: "Todavia, não seja como eu quero, e sim como tu queres". Ele estava dizendo: "Pai, eu evitaria este cálice com todo o meu ser. Eu não quero bebê-lo. Porém, existe algo muito pior: deixar de obedecer à tua vontade. Se é tua vontade que eu beba este cálice, se não houver outra forma de resolver isso, então me dê o cálice e eu beberei até à última gota."

Espírito pronto, carne fraca

Mateus prossegue: **E, voltando para os discípulos, achou-os dormindo** (v. 40a). Foi como se Jesus estivesse muito agitado para permanecer no mesmo lugar. Ele precisava caminhar, por assim dizer, ou talvez precisasse de companhia naquele momento. Seja como for, ele voltou ao local onde deixara Pedro, Tiago e João. No entanto, em vez de estarem vigiando como o Senhor pedira, eles estavam dormindo. Não obstante terem testemunhado como Jesus estava angustiado – o que certamente não lhe era habitual – eles estavam indiferentes o bastante para tirar um cochilo. Obviamente a última ceia havia se estendido até tarde da noite, e este episódio no Getsêmani, decorrido pouco antes da prisão de Jesus, aconteceu nas primeiras horas da manhã. Mesmo assim, acho difícil entender como eles foram capazes de dormir sendo que a hora da crise parecia estar tão próxima. Em minha opinião, podemos supor com segurança que Jesus teria de beber o cálice dentro das próximas 12 horas. Ele estava nos momentos finais de sua vida pré-ressurreição e nos últimos

minutos de liberdade como Homem neste planeta antes de ser detido, e seus amigos mais chegados haviam adormecido na vigília.

Isso levou Jesus a dirigir-lhes uma leve repreensão. Ele falou para Pedro: **Então, nem uma hora pudestes vós vigiar comigo? Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca** (v. 40b-41). Jesus expressou surpresa ao ver que os discípulos não puderam ficar acordados com ele durante uma hora. Ele os aconselhou a "vigiar e orar" a fim de que fossem livrados da tentação de adormecer e, deste modo, deixar de assistir seu Senhor. Jesus reconheceu que "o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca". Com isso, ele afirmava estar ciente de que os discípulos desejavam apoiá-lo, segui-lo e ficar ao seu lado, mas, na fraqueza da carne, estavam cansados e tristes, não podendo vigiar com ele nem mesmo por uma hora.

Mateus, então, relata: **Tornando a retirar-se, orou de novo, dizendo: Meu Pai, se não é possível passar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a tua vontade** (v. 42). Lendo as entrelinhas aqui, tenho a sensação de que Deus já havia respondido à sua primeira oração; isto é, que ele já tinha dito: "Não! Não passarei o cálice."

Com frequência, ouço pessoas dizendo: "Sinto-me tão frustrado em minha vida de oração às vezes, pois parece que Deus não me responde". Elas estão erradas; Deus *sempre* responde nossas orações, cada uma delas. Às vezes, ele diz que sim, mas, muitas vezes, a resposta é não. Nosso problema é que, quando ele diz não – quando ele decide, em sua sabedoria, não conceder aquilo que pedimos – achamos que ele não respondeu. No entanto, orar a Deus não é como fazer um pedido no restaurante, onde temos o direito de ficar descontentes se a refeição não for trazida à mesa. Deus é livre para nos responder como bem entender, mas temos a certeza de que, independentemente de sua resposta, ela será

para sua glória e para nosso bem. Ele certamente ouviu a oração de seu Filho, mas disse não – e este foi, com absoluta certeza, um grande bem.

Jesus, entretanto, não parou de orar. Ele disse: "Meu Pai, se não é possível passar de mim este cálice sem que eu o beba, faça-se a tua vontade". Ele estava falando: "Pai, está claro que esta é a tua vontade, mas preciso da tua ajuda para realizá-la. Só posso cumpri-la se me ajudares".

Ainda inquieto, **voltando, achou-os outra vez dormindo; porque os seus olhos estavam pesados** (v. 43). A repreensão anterior não os fizera encontrar uma forma de permanecer acordados, mas Jesus nada mais falou a respeito. Em vez disso, **Deixando-os novamente, foi orar pela terceira vez, repetindo as mesmas palavras** (v. 44). Por fim, após derramar toda a sua agonia diante do Pai, Jesus **voltou para os discípulos e lhes disse: Ainda dormis e repousais! Eis que é chegada a hora, e o Filho do homem está sendo entregue nas mãos de pecadores. Levantai-vos, vamos! Eis que o traidor se aproxima** (v. 45-46).

Este episódio muito nos ensina sobre Jesus, especialmente sobre a autenticidade de sua realidade humana. Ele não era um fantasma orando no Getsêmani, mas um homem de carne e osso, singularmente habitado pela natureza divina, que estava em agonia antes mesmo de um cravo perfurar sua carne. A razão de sua luta íntima e de sua súplica ao Pai constitui a própria essência do evangelho. Tal conflito dá-nos um vislumbre de nossa salvação. Se ele tivesse recusado-se a beber o cálice até a última gota, não haveria salvação para nós. Tudo o que receberíamos seria a ira, pois nós mesmos teríamos de beber o cálice.

Devo observar que, embora Jesus tenha concordado em beber o cálice, ele não concordou em bebê-lo por todos. Ele bebeu o cálice somente por aqueles que o Pai havia designado. Se ele bebesse o cálice da ira de Deus por todas as pessoas no mundo indiscriminadamente, todas seriam salvas. A Bíblia deixa claro que nem todos são salvos. Toda a ira que

Deus havia acumulado contra os que precisam de expiação foi tomada por Jesus no cálice. Ele havia acabado de dizer aos discípulos que derramaria seu sangue da nova aliança para a remissão dos pecados. Se você é cristão, seus pecados estavam naquele cálice. A ira de Deus por sua desobediência estava naquele cálice.

Eu me pergunto se conseguiria ter ficado acordado naquela noite. Provavelmente não. Já acho difícil ficar acordado no serviço do reino de Deus todos os dias. Acho difícil ficar ao seu lado. Acho difícil vigiar com ele até mesmo durante uma hora. Felizmente, embora Jesus desejasse a presença de seus amigos, ele não precisava deles. Ele também não precisa de nós. Contudo, amou-nos o suficiente para morrer por nós, bebendo o cálice sozinho até o fim.

A PRISÃO DE JESUS

Mateus 26.47-56



> Falava ele ainda, e eis que chegou Judas, um dos doze, e, com ele, grande turba com espadas e porretes, vinda da parte dos principais sacerdotes e dos anciãos do povo. Ora, o traidor lhes tinha dado este sinal: Aquele a quem eu beijar, é esse; prendei-o. E logo, aproximando-se de Jesus, lhe disse: Salve, Mestre! E o beijou. Jesus, porém, lhe disse: Amigo, para que vieste? Nisto, aproximando-se eles, deitaram as mãos em Jesus e o prenderam. E eis que um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, sacou da espada e, golpeando o servo do sumo sacerdote, cortou-lhe a orelha. Então, Jesus lhe disse: Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada à espada perecerão. Acaso, pensas que não posso rogar a meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos? Como, pois, se cumpririam as Escrituras, segundo as quais assim deve suceder? Naquele momento, disse Jesus às multidões: Saístes com espadas e porretes para prender-me, como a um salteador? Todos os dias, no templo, eu me assentava [convosco] ensinando, e não me prendestes. Tudo isto, porém, aconteceu para que se cumprissem as Escrituras dos profetas. Então, os discípulos todos, deixando-o, fugiram.

Eu já observei que a disposição dos versículos e capítulos nas Escrituras não costuma fazer sentido, visto que as narrativas são, por vezes, divididas em pontos cruciais onde não existe pausa na ação. No entanto, sou agora provavelmente culpado da mesma prática que critiquei, pois concluí o capítulo anterior e iniciei esta nova seção em um ponto onde não há qualquer interrupção no relato de Mateus. O evangelista escreve: **Falava ele ainda** (v. 47a), referindo-se às palavras de Jesus analisadas no final do último capítulo: "Levantai-vos, vamos! Eis que o traidor se aproxima" (v. 46). Enquanto Jesus proferia estas palavras, Judas apareceu. Portanto, por favor entenda que, embora

estejamos iniciando um novo capítulo, os acontecimentos da paixão de Jesus estavam avançando com rapidez, e não existiu praticamente qualquer lapso entre o fim de sua oração angustiosa no jardim do Getsêmani e a chegada dos homens enviados para prendê-lo.

Mateus diz: **e eis que chegou Judas, um dos doze, e, com ele, grande turba com espadas e porretes, vinda da parte dos principais sacerdotes e dos anciãos do povo** (v. 47b). Judas foi até o jardim. Sabemos que ele estivera procurando uma oportunidade para trair Jesus (v. 16) e também que estava familiarizado com o Getsêmani, pois João escreve: "E Judas, o traidor, também conhecia aquele lugar, porque Jesus ali estivera muitas vezes com seus discípulos" (18.2). Assim, o Getsêmani era, de fato, um local provável onde Judas poderia ir procurá-lo.

O discípulo não foi sozinho. Tampouco surgiu com uma pequena delegação ou alguns oficiais do Sinédrio para prender Jesus. Em vez disso, aproximou-se com uma grande multidão levando espadas e porretes. Ao que parece, toda a guarda do templo foi ao jardim do Getsêmani com o objetivo de prender uma única pessoa. Os líderes religiosos dos judeus não queriam arriscar; queriam ter certeza de que Jesus não escaparia. Esta preocupação em não cometer erro algum foi a razão de terem pagado 30 moedas de prata a Judas. Eles queriam alguém que pudesse identificar Jesus no escuro, mesmo em meio às profundas sombras dos olivais, a fim de não prenderem a pessoa errada quando o momento oportuno chegasse.

Sem dúvida, eles também estavam plenamente conscientes do poder extraordinário que Jesus havia manifestado em mais de uma ocasião. Talvez eles se lembrassem de quando uma multidão enfurecida em Nazaré estava prestes a atirá-lo de um penhasco, mas ele "passando por entre eles, retirou-se" (Lc 4.30). Era ainda mais provável que tivessem em mente o dia em que estavam prontos para apedrejá-lo, mas "Jesus se ocultou e saiu do templo" (Jo 8.59). Do ponto de vista das autoridades

de Jerusalém, enviar uma multidão para prender Jesus não era um exagero.

O beijo da morte

Mateus prossegue: **Ora, o traidor lhes tinha dado este sinal: Aquele a quem eu beijar, é esse; prendei-o. E logo, aproximando-se de Jesus, lhe disse: Salve, Mestre! E o beijou** (v. 48-49).

Há muitas coisas erradas nesta cena. Primeiro, Judas foi até Jesus, dizendo: "Salve, Mestre!" e, então, o beijou. No contexto judaico antigo, havia certos protocolos a serem observados no relacionamento entre mestres e alunos, os quais nunca deviam ser desobedecidos. Uma destas regras era a seguinte: se o mestre encontrasse um aluno na rua, era ele quem falava primeiro, cumprimentando o aluno, pois o aluno não estava acima do mestre. Era considerado extremamente rude, presunçoso e arrogante o aluno falar com o mestre antes que este lhe dirigisse a palavra. O mestre era quem deveria iniciar o cumprimento. Em sua traição, Judas violou esta regra fundamental de educação.

Segundo, Judas deu uma demonstração de afeto ao beijar Jesus. No entanto, Mateus afirma não havia qualquer afeto envolvido ali; o beijo era apenas o sinal combinado para identificar Jesus aos homens na multidão que não estavam familiarizados com sua aparência. É deste episódio que vem a expressão "beijo da morte", quando o louvor ou o elogio feito a uma pessoa tem, na verdade, o intuito de destrui-la. A ocasião mais grave em que alguém fingiu amar foi esta, quando nosso Senhor foi saudado com o beijo da morte.

Vemos esta prática ao longo de toda a Escritura Sagrada. Os maiores e mais prejudiciais inimigos do justo são, com frequência, os mais próximos: amigos, parentes ou discípulos. O mesmo se aplica à história da igreja. Muitos heróis da cristandade foram mortos com setas nas costas, atingidos por quem menos esperavam.

Naturalmente, não estou aconselhando uma postura de desconfiança em relação aos familiares e irmãos em Cristo. Contudo, precisamos ter cautela em certo sentido. Por exemplo, todos nós sabemos que a Bíblia nos manda falar a verdade uns aos outros em amor (Ef 4.15). Porém, muitas vezes, observo que quando um cristão diz a outro: "Eu gostaria de dizer-lhe algo em amor", aquilo que ele tem a dizer não é nada amoroso. Seu sorriso e seu cumprimento meloso apenas escondem as palavras cruéis que vêm em seguida. Assim, se alguém se aproximar de você e disser: "Deixe-me dizer algo em amor", escute, mas esteja atento.

Evidentemente, Jesus não foi enganado pelas expressões de amor demonstradas por Judas. Ele já sabia o que Judas faria e inclusive lhe havia dito isso (Mt 26.25). Na última ceia, ele anunciara que seria traído (v. 21) e despedira Judas para que realizasse esta tarefa (Jo 13.27,30). Na escuridão do Getsêmani, quando Jesus avistou Judas e sua horda de soldados, ele sabia exatamente o que estava acontecendo. O beijo do discípulo em seu rosto não o enganou.

Podemos ver como Jesus estava consciente do propósito de Judas nas palavras que lhe dirigiu. Mateus prossegue: **Jesus, porém, lhe disse: Amigo, para que vieste?** (v. 50a). A palavra traduzida aqui como "amigo" não carrega o significado de proximidade e afeto, mas apenas de familiaridade. Muito embora Judas tivesse passado três anos com ele, Jesus sabia que não havia qualquer afeto em seu coração. Além disso, o fato de esta versão da Bíblia dispor as palavras de Jesus em formato de pergunta não significa que o Senhor ignorava o motivo de Judas estar ali. Outras versões traduzem a declaração assim: "Amigo, o que você vai fazer faça agora" (NTLH). Você consegue enxergar a ironia nas palavras de Jesus? Ele sabia que Judas não era seu amigo e também sabia por que viera.

A prisão de Jesus

Mateus, em seguida, diz: **Nisto, aproximando-se eles, deitaram as mãos em Jesus e o prenderam. E eis que um dos que estavam com Jesus, estendendo a mão, sacou da espada e, golpeando o servo do sumo sacerdote, cortou-lhe a orelha** (v. 50b-51). Não há dúvida de que o diálogo entre Judas e Jesus foi muito rápido. Assim que o discípulo o beijou, a multidão avançou e o agarrou – assim Jesus foi detido.

Naquele momento, um dos discípulos tomou uma atitude: sacou a espada e preparou-se para lutar pelo mestre. Mateus não nos diz quem foi, mas João afirma que foi Pedro, sempre impetuoso. Ele estava pronto para defender Jesus e lutar sozinho contra a guarda do templo. Todavia, ele era pescador, não soldado. Pedro levou a espada em direção ao servo do sumo sacerdote, e o nome do servo era Malco (Jo 18.10), mas o golpe foi mal calculado. Ele não acertou os órgãos vitais; em vez disso, resvalou na lateral da cabeça e cortou fora uma das orelhas do servo.

Por este motivo, Jesus precisou repreender Pedro mais uma vez: **Então, Jesus lhe disse: Embainha a tua espada; pois todos os que lançam mão da espada à espada perecerão** (v. 52). A resistência de Pedro não tinha nexo; além de as chances de sucesso serem mínimas, aquilo seria contraproducente. Como vimos, e como Jesus haveria de reiterar em breve, o que estava acontecendo *tinha* de acontecer, pois era a vontade do Pai e o destino de Jesus. Ele disse a Pedro que seus discípulos não deveriam lutar por ele e pelo reino com espada. Em seguida, de acordo com Lucas, Jesus tocou a ferida de Malco e curou-o (22.51). Esta foi sua última cura antes de ser preso.

Jesus prosseguiu, dizendo: **Acaso, pensas que não posso rogar a meu Pai, e ele me mandaria neste momento mais de doze legiões de anjos?** (v. 53). Ele estava dizendo a Pedro que, se quisesse escapar, isto seria a coisa mais fácil do mundo. Bastaria pedir ajuda ao Pai, e mais de 12 legiões de anjos chegariam em instantes. Legião era a unidade básica do exército romano, composta por milhares de homens. Tudo o que Jesus tinha de

fazer era clamar ao Pai no silêncio de seu coração, e milhares de milhares de anjos poderosos estariam às suas ordens, muito mais do que o suficiente para subjugar aquele bando enviado para prendê-lo.

Este comentário de Jesus faz-me lembrar de Eliseu e seu servo em Dotã. O rei da Síria estava tentando capturar o profeta porque ele informava o rei de Israel sobre a movimentação de suas tropas. Certa manhã, o servo de Eliseu descobriu que um exército sírio havia cercado a cidade durante a noite. Em pânico, ele acordou o profeta e gritou: "Ai! Meu senhor! Que faremos?" Eliseu orou calmamente: "SENHOR, peço-te que lhe abras os olhos para que veja." Quando o servo olhou de novo, lemos: "viu que o monte estava cheio de cavalos e carros de fogo, em redor de Eliseu" (2Rs 6.8-17). Miríades de anjos estavam ali para proteger o profeta do Senhor. Se um exército celestial daquele estava disponível para Eliseu, quanto mais não haveria anjos disponíveis para defender Jesus!

Também me recordo da experiência de tentação que Jesus enfrentou nas mãos de Satanás. O diabo levou-o ao pináculo do templo em Jerusalém e falou: "Se és Filho de Deus, atira-te abaixo, porque está escrito: Aos seus anjos ordenará a teu respeito que te guardem; e: Eles te susterão nas *suas* mãos, para não tropeçares nalguma pedra" (Mt 4.6). No entanto, Jesus sabia que não precisava pular do templo para constatar que os anjos estavam cuidando dele. Ele não cedeu às tentações do diabo; e, frustrado, Satanás o deixou. O que aconteceu em seguida? "E eis que vieram anjos e o serviram" (v. 11). Eles estavam lá o tempo todo. Da mesma forma, os anjos estavam com ele no Getsêmani, e Cristo poderia ter pedido ao Pai que os enviasse em seu socorro.

Contudo, Jesus decidiu não fazer esse pedido por uma razão muito importante: **Como, pois, se cumpririam as Escrituras, segundo as quais assim deve suceder?** (v. 54). Vez após vez ao longo do evangelho de Mateus, nós vimos o evangelista enfatizar como as palavras e as ações de

Jesus cumpriam profecias do Antigo Testamento. Nós até vimos o Senhor agir de modo intencional para cumprir profecias, em especial quando insistiu em montar um jumento por ocasião de sua entrada triunfal em Jerusalém (21.1-5). Agora, o vemos proibindo Pedro de tomar um curso de ação que iria contra as profecias do Antigo Testamento, segundo as quais o Messias deveria sofrer e morrer. Jesus sabia que o episódio da cruz *deveria* acontecer. Deus o havia decretado e anunciado por intermédio de seus profetas, e estas profecias tinham de ser cumpridas a fim de que ele não fosse considerado mentiroso. Quando Deus, em sua soberania, decreta que algo acontecerá, isto não somente acontecerá, como tem a obrigação de acontecer.

Este fato é maravilhoso, pois se aplica não somente às más notícias que os profetas trazem, como também a cada promessa que Deus faz ao seu povo. As promessas do Senhor serão cumpridas sem falta. Por exemplo, Jesus está no céu agora, preparando-nos um lugar – se nossa fé estiver nele – para que, quando morrermos, estejamos ali em sua companhia (Jo 14.2-3). Isto *tem* de acontecer. Jesus prometeu, o que significa que Deus decretou.

Antes de ser levado pela multidão, Jesus dirigiu-se a ela. Mateus escreve: **Naquele momento, disse Jesus às multidões: Saístes com espadas e porretes para prender-me, como a um salteador? Todos os dias, no templo, eu me assentava [convosco] ensinando, e não me prendestes. Tudo isto, porém, aconteceu para que se cumprissem as Escrituras dos profetas** (v. 55-56a). O que ele disse estava perfeitamente claro. Jesus não havia evitado as autoridades; ele sempre circulava em locais públicos e poderia ter sido preso a qualquer momento. Agora, entretanto, estava sendo emboscado na escuridão da noite. Por que o sigilo? Conforme Jesus observou mais uma vez, as coisas estavam progredindo exatamente como as Escrituras haviam predito (veja Sl 22; Is 53; Zc 12–13). Foi quase como se ele

estivesse lembrando os guardas do templo de que eles estavam apenas desempenhando papéis em uma grande peça escrita muito tempo atrás.

Naquele momento, **os discípulos todos, deixando-o, fugiram** (v. 56b). Aqui mais uma profecia foi cumprida, tal como Jesus havia declarado (v. 31). Embora os acontecimentos registrados nesta passagem sejam tristes em si, temos vislumbres da mão de Deus operando nos bastidores, guiando todas as coisas em direção ao fim desejado: a expiação de seu povo.

JESUS PERANTE CAIFÁS

Mateus 26.57-68



E os que prenderam Jesus o levaram à casa de Caifás, o sumo sacerdote, onde se haviam reunido os escribas e os anciãos. Mas Pedro o seguia de longe até ao pátio do sumo sacerdote e, tendo entrado, assentou-se entre os serventuários, para ver o fim. Ora, os principais sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam algum testemunho falso contra Jesus, a fim de o condenarem à morte. E não acharam, apesar de se terem apresentado muitas testemunhas falsas. Mas, afinal, compareceram duas, afirmando: Este disse: Posso destruir o santuário de Deus e reedificá-lo em três dias. E, levantando-se o sumo sacerdote, perguntou a Jesus: Nada respondes ao que estes depõem contra ti? Jesus, porém, guardou silêncio. E o sumo sacerdote lhe disse: Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus. Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste; entretanto, eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu. Então, o sumo sacerdote rasgou as suas vestes, dizendo: Blasfemou! Que necessidade mais temos de testemunhas? Eis que ouvistes agora a blasfêmia! Que vos parece? Responderam eles: É réu de morte. Então, uns cuspiram-lhe no rosto e lhe davam murros, e outros o esbofeteavam, dizendo: Profetiza-nos, ó Cristo, quem é que te bateu!

Após a prisão de Jesus na escuridão do jardim do Getsêmani, as autoridades judaicas defrontaram-se com um sério dilema. Sob o domínio romano, elas podiam resolver a maioria de seus assuntos internos, especialmente os de natureza religiosa, mas os romanos não lhes concediam a liberdade para executar os criminosos em sua posição de vassalos. Isto só podia ser realizado com o consentimento das autoridades romanas. Portanto, as autoridades judaicas estavam limitadas quanto ao que podiam fazer para se livrar de Jesus.

O primeiro passo foi a organização de um tribunal irregular, um julgamento semioficial. Alguns argumentam que isso foi apenas uma audiência preliminar, pois violava praticamente todas as leis que regiam o sistema judicial do povo judeu. Por exemplo, era contra a lei judaica realizar julgamentos à noite. Da mesma forma, era contra a lei judaica dar um veredito de culpa no mesmo dia do julgamento; a lei exigia, pelo menos, 24 horas de consideração antes que se pudesse emitir um veredito de culpa. Talvez essa tenha sido uma simples audiência preliminar, mas a antipatia do Sinédrio era tamanha, que não vejo qualquer razão para concluir que não tenha sido um julgamento de verdade, conduzido sem consideração pelos procedimentos preestabelecidos. Logo, creio que esse é o registro de um dos momentos mais degradantes na história da humanidade, quando os mais altos oficiais da Igreja de Deus no Antigo Testamento repudiaram seu Filho.

Mateus escreve: **E os que prenderam Jesus o levaram à casa de Caifás, o sumo sacerdote, onde se haviam reunido os escribas e os anciãos** (v. 57). Os outros evangelhos também dizem que Jesus foi levado à casa do sumo sacerdote. Os escribas e os anciãos estavam aguardando ali, pois haviam sido informados de que Judas e seu bando tinham saído para capturar o Senhor.

O fato de Caifás ser identificado como sumo sacerdote apresenta um pequeno problema. No Antigo Testamento, o sumo sacerdote recebia nomeação vitalícia; naquele momento, entretanto, o ex-sumo sacerdote, Anás, sogro de Caifás (Jo 18.13), ainda era vivo. De acordo com a tradição judaica, Anás é quem deveria ouvir o caso, não Caifás. No entanto, os romanos aparentemente haviam deposto Anás por razões desconhecidas e permitido que Caifás tomasse seu lugar. Mesmo assim, o fato de João narrar que a guarda do templo levou Jesus a Anás antes de conduzi-lo a Caifás mostra que ele ainda era influente apesar de não mais ser oficialmente o sumo sacerdote.

Mateus acrescenta uma observação interessante: **Mas Pedro o seguia de longe até ao pátio do sumo sacerdote e, tendo entrado, assentou-se entre os serventuários, para ver o fim** (v. 58). Naquele momento, o Sinédrio evidentemente não estava preocupado em prender todos os seguidores de Jesus e julgá-los. Caso estivessem, poderiam tê-los levado todos no Getsêmani. Pedro, entretanto, embora precisasse saber como as coisas terminariam, manteve distância por segurança.

Quando lemos esses textos, não estamos interessados apenas em lições de história, por mais importantes que sejam. Quando lemos a Palavra de Deus, sempre devemos procurar entender como o texto das Escrituras aplica-se a nós hoje. Era – e é – típico dos seguidores de Jesus distanciar-se dele no momento da crise. Quando nosso bem-estar é ameaçado, é fácil recuarmos. Portanto, temos de nos perguntar: se fizéssemos parte do grupo de seguidores de Jesus no momento de sua prisão, será que teríamos fugido? Será que teríamos mantido uma distância segura dele?

O Salvador julgado

Mateus diz: **Ora, os principais sacerdotes e todo o Sinédrio procuravam algum testemunho falso contra Jesus, a fim de o condenarem à morte. E não acharam, apesar de se terem apresentado muitas testemunhas falsas** (v. 59-60a). Mateus não faz rodeios: as autoridades religiosas judaicas foram atrás de pessoas dispostas a perjurar contra Jesus, a fazer falsas acusações, a fim de fornecer ao Sinédrio as provas necessárias para justificar sua sentença contra o Senhor. Inicialmente, entretanto, não conseguiram encontrar alguém cujo falso testemunho servisse. Muitas testemunhas falsas apresentaram-se, mas seus depoimentos eram tão inadequados, que não podiam ser aproveitados. **Mas, afinal, compareceram duas, afirmando: Este disse: Posso destruir o santuário de Deus e reedificá-lo em três dias** (v. 60b-61). Isto obviamente era uma distorção da verdadeira declaração de Jesus quanto a destruir e

reconstruir o templo – embora esta fosse, de fato, enigmática. Somente João, dentre os evangelistas, registra a afirmação original, além de fornecer sua interpretação: Jesus estava falando do templo do seu corpo e profetizando sua ressurreição (Jo 2.19-21).

Ao que parece, Jesus recebeu uma oportunidade para responder a essa falsa acusação e às outras que haviam sido apresentadas, mas recusou-se a falar. Por este motivo, escreve Mateus, **levantando-se o sumo sacerdote, perguntou a Jesus: Nada respondes ao que estes depõem contra ti? Jesus, porém, guardou silêncio** (v. 62-63a). Mentira após mentira, perjúrio após perjúrio, falsa acusação após falsa acusação – tudo isso foi proferido contra Jesus na audiência, mas ele nada disse em defesa própria, cumprindo profecias a seu respeito: "como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca" (Is 53.7b). Jesus conhecia seu destino. Ele sabia que seria totalmente inútil apresentar qualquer defesa naquelas circunstâncias. Além disso, sabia que, ao se defender, estaria se opondo à vontade do Pai. Assim sendo, permitiu que as calúnias prosseguissem sem contestação, ciente de que precisava sofrer e morrer – mas que seria vindicado na manhã da ressurreição.

Caifás não aguentou mais. Ele se levantou e perguntou por que Jesus não se defendia; provocou-o, por assim dizer. Mesmo assim, o Senhor permaneceu calado. Então, Caifás tentou uma tática diferente: **E o sumo sacerdote lhe disse: Eu te conjuro pelo Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus** (v. 63b). Finalmente Caifás foi direto ao ponto. Ele queria saber se Jesus era o Cristo, o Messias, e queria ouvir isso de sua própria boca. Desta forma, colocou o Senhor sob juramento. Esta foi a ferramenta judicial mais forte que ele encontrou para forçá-lo a abordar a questão crucial: sua própria identidade.

Neste ponto, em obediência à lei de Deus com relação aos juramentos, **Respondeu-lhe Jesus: Tu o disseste** (v. 64a). O grego neste texto é

complicado e recebeu várias traduções. Uma delas mostra Jesus respondendo simplesmente assim: "Bem, isso é o que você diz", como se ele estivesse afirmando: "Foi você quem falou, não eu." Ou, talvez, é possível que estivesse dizendo: "Eu não alegarei ser o Messias porque vocês não têm noção do que o Messias é; além disso, não compreendem o que significa ser o Filho de Deus. Por isso, não preciso usar esse tipo de linguagem com vocês."

Autoridade e poder

Então, Jesus acrescentou: **entretanto, eu vos declaro que, desde agora, vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo sobre as nuvens do céu** (v. 64b). Esta declaração foi equivalente a uma confissão direta de que ele era o Messias. Jesus estava reconhecendo que os líderes religiosos judeus tinham autoridade e poder neste mundo – os quais, entretanto, estavam abaixo dos dele. Assim que tomasse seu assento à direita de Deus, todo o poder no céu e na terra seria dado a ele, e os principais sacerdotes e escribas seriam submetidos ao seu juízo. Em suma, Jesus estava alegando ser não somente o Messias, como também o Rei, o próprio Deus.

Isso foi mais do que Caifás podia tolerar. Mateus diz: **Então, o sumo sacerdote rasgou as suas vestes, dizendo: Blasfemou! Que necessidade mais temos de testemunhas? Eis que ouvistes agora a blasfêmia! Que vos parece? Responderam eles: É réu de morte** (v. 65-66). Rasgar as vestes era uma forma de o sacerdote declarar aversão a algo terrível que acontecera ou que fora dito. Neste caso, Caifás estava indignado com as palavras de Jesus, as quais rotulou como blasfêmia. Jesus, entretanto, não havia cometido blasfêmia. Na lei judaica, blasfêmia era usar o nome de Deus de modo blasfemo. Jesus não tinha feito isso. Ele nada mais havia falado além da verdade, mas os líderes religiosos judeus simplesmente optaram

por não acreditar nela. Logo, até mesmo esta acusação era falsa; o próprio sumo sacerdote havia cometido perjúrio.

Evidentemente, Caifás e os outros líderes religiosos não estavam tão preocupados em saber se Jesus havia blasfemado ou não. Eles queriam livrar-se dele, e uma acusação de blasfêmia não resolveria o problema porque, segundo a lei romana, blasfêmia não era crime. Os judeus não conseguiriam convencer os romanos a executar Jesus por blasfêmia. Eles simplesmente queriam certificar-se de que tinham motivos suficientes para entregar Jesus aos romanos. Em outras palavras, o primeiro problema era atender à lei judaica. Assim que isso fosse resolvido, eles precisariam descobrir uma forma diferente de mostrar que Jesus havia violado a lei romana. Caifás estava simplesmente propondo uma maneira de satisfazer a lei judaica.

Então, o sumo sacerdote fez sua acusação e exigiu um veredito. Os outros líderes religiosos responderam: "É réu de morte". Eles, finalmente, tinham Jesus sob seu poder e puderam pronunciar a sentença de morte.

Maus-tratos ao Filho de Deus

Como se o tribunal irregular, os falsos testemunhos e os vereditos ilícitos não fossem maus o suficiente, os líderes dos judeus passaram a tripudiar e maltratar Jesus. Mateus escreve: **Então, uns cuspiram-lhe no rosto e lhe davam murros, e outros o esbofeteavam, dizendo: Profetiza-nos, ó Cristo, quem é que te bateu!** (v. 67-68). Esta zombaria tinha o intuito de humilhá-lo.

A ação que mais me chama a atenção neste texto é a primeira registrada por Mateus: eles cuspiram no rosto de Jesus. Você consegue imaginar isso? Assim como hoje em dia, cuspir na cara de alguém naquela época era a expressão máxima de insulto e desprezo. Ao cuspir no rosto de Jesus, os líderes religiosos judeus estavam repudiando sua

autoridade por completo. Isto foi um insulto à sua pessoa e ao seu posto como Cristo e Filho de Deus. Eles cuspiram no rosto do Deus-homem.

Penso que, como seres humanos caídos, nós estamos propensos a quase todo tipo de pecado, mesmo na posição de cristãos convertidos. Porém, cuspir no rosto de Cristo é uma atitude impensável. Creio, entretanto, que nós fazemos isso, ao menos de forma figurada, cada vez que pecamos contra Deus.

Nunca ficaremos sem pecar enquanto estivermos na carne. Contudo, somos ordenados a combater o bom combate todos os nossos dias, em busca da santidade. Precisamos ver que nosso pecado é um crime hediondo, e eu acredito que os maus-tratos dispensados a Jesus pelos líderes religiosos judeus são uma boa imagem de nossa iniquidade. Devemos recuar, horrorizados, diante daquilo que eles fizeram – e diante daquilo que nós fazemos todos os dias. Ao contemplar nosso coração desprezível, devemos orar pedindo ajuda para nos prostrarmos perante ele e obedecermos às suas ordens, reconhecendo-o como nosso legítimo Rei.

123

A NEGAÇÃO DE PEDRO

Mateus 26.69-75



> Ora, estava Pedro assentado fora no pátio; e, aproximando-se uma criada, lhe disse: Também tu estavas com Jesus, o galileu. Ele, porém, o negou diante de todos, dizendo: Não sei o que dizes. E, saindo para o alpendre, foi ele visto por outra criada, a qual disse aos que ali estavam: Este também estava com Jesus, o Nazareno. E ele negou outra vez, com juramento: Não conheço tal homem. Logo depois, aproximando-se os que ali estavam, disseram a Pedro: Verdadeiramente, és também um deles, porque o teu modo de falar o denuncia. Então, começou ele a praguejar e a jurar: Não conheço esse homem! E imediatamente cantou o galo. Então, Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe dissera: Antes que o galo cante, tu me negarás três vezes. E, saindo dali, chorou amargamente.

Após as autoridades religiosas judaicas proferirem o veredito e condenarem Jesus à morte, os líderes passaram alguns minutos espancando-o, insultando-o e zombando dele, como vimos no capítulo anterior. Uma das afrontas foi esbofeteá-lo e provocá-lo com as seguintes palavras: "Profetiza-nos, ó Cristo, quem é que te bateu!" (v. 68). Eles estavam ridicularizando a suposta habilidade sobrenatural de Jesus, como Filho de Deus, de falar profeticamente.

A grande ironia, entretanto, é que uma de suas profecias estava sendo cumprida enquanto aqueles homens escarneciam dele. A profecia em questão foi a que Jesus proferiu no cenáculo acerca de Pedro, segundo a qual o discípulo o negaria três vezes antes que o galo cantasse naquela noite (v. 34). Pedro, naturalmente, havia objetado, afirmando que jamais negaria seu Senhor (v. 35). Apesar disso, as coisas aconteceram

exatamente conforme a profecia de Jesus, e Mateus registra este triste momento na vida do apóstolo.

A negação está registrada em todos os quatro evangelhos, os quais foram escritos quando Pedro já havia ascendido à liderança da igreja cristã em Jerusalém – e, talvez, no mundo todo. Apesar disso, os evangelistas não deixaram de registrar este comportamento vergonhoso do apóstolo. Marcos provavelmente ficou sabendo do episódio em primeira mão. Mas por que Pedro concordaria em noticiá-lo? Sabemos como ele se envergonhou ao perceber o que fizera (v. 75). Contudo, também sabemos que Jesus o perdoou, o restaurou e o tornou líder dos apóstolos (Jo 21.15-19). Assim, a história da negação de Pedro mostra-nos como somos propensos a negar nosso Senhor, mas que nem mesmo o pecado mais hediondo pode por fim à nossa jornada cristã ou à nossa utilidade no reino de Deus.

Três negações

Conforme Mateus observou anteriormente, todos os discípulos fugiram quando Jesus foi preso (v. 56), mas Pedro seguiu a guarda do templo enquanto ela conduzia Jesus à casa do sumo sacerdote Caifás, para que pudesse "ver o fim" (v. 58). Mateus nota: **Ora, estava Pedro assentado fora no pátio** (v. 69a). Ele procurava acompanhar o processo da melhor forma possível e estar por perto quando o veredito contra Jesus fosse divulgado. No entanto, havia outras pessoas no pátio, e isso logo gerou um problema para Pedro.

Mateus diz: **e, aproximando-se uma criada, lhe disse: Também tu estavas com Jesus, o galileu. Ele, porém, o negou diante de todos, dizendo: Não sei o que dizes** (v. 69b-70). Enquanto Pedro estava sentado no pátio, uma criada aproximou-se e afirmou que ele tinha estado com Jesus. Talvez ela tivesse visto Pedro na companhia de Jesus durante suas andanças por Jerusalém ou seus ensinamentos no templo. Seja como for,

ela estava certa da ligação entre os dois. A moça não perguntou se Pedro estava com Jesus; ela simplesmente declarou que estava. Todavia, não podemos ter certeza de que a criada estava acusando Pedro de algum crime. Talvez ela estivesse simplesmente querendo falar com ele sobre Jesus. Pedro, entretanto, estava desconfiado, e disparou as seguintes palavras: "Não sei o que dizes". Desta forma, negou aquilo que a criada havia declarado como fato: que ele estivera "com" Jesus, que era um discípulo de Jesus.

Devemos lembrar que este episódio ocorreu na antiguidade, em uma época na qual as mulheres desfrutavam de quase nenhuma autoridade e pouquíssimos direitos. Elas certamente não precisavam ser temidas. Além disso, esta moça era jovem; era apenas uma garota. Como se não bastasse, era uma criada. De todas as pessoas que estavam circulando pelo pátio em Jerusalém naquela noite, a última pessoa que Pedro precisava temer era esta menina. Apenas mais ou menos uma hora depois de desembainhar a espada e cortar a orelha do servo do sumo sacerdote em um ato corajoso, dramático e desafiador contra a guarda do templo, o apóstolo acovardou-se diante de uma criada.

Mateus prossegue: **E, saindo para o alpendre, foi ele visto por outra criada, a qual disse aos que ali estavam: Este também estava com Jesus, o Nazareno. E ele negou outra vez, com juramento: Não conheço tal homem** (v. 71-72). Alguns instantes após seu encontro com a primeira criada, Pedro saiu para o alpendre. Ali, aconteceu praticamente a mesma coisa. Outra moça o avistou e reconheceu como um dos seguidores de Jesus. Desta vez, entretanto, Mateus registra que ela declarou a ligação do discípulo com Jesus na presença de outras pessoas, as quais talvez fossem mais poderosas do que uma mera criada. Portanto, Pedro não se limitou a fingir que não entendia o que ela dizia. Ele negou claramente que conhecia Jesus.

Além disso, Pedro negou Jesus com um juramento. Qual era a função dos juramentos na cultura judaica? A Bíblia diz que todos os homens são mentirosos (Sl 116.11). Não podemos acreditar em tudo o que as pessoas nos dizem. Até mesmo quando nos casamos e fazemos uma promessa ao nosso cônjuge na cerimônia, nós a selamos com um voto. Basicamente, fazemos juramentos sagrados para enfatizar que estamos falando a verdade, e eles eram usados para o mesmo propósito em Israel. Então, quando Pedro negou Jesus com um juramento, foi como se ele estivesse dizendo: "Deus é testemunha de que eu não conheço esse homem!" Em outras palavras, ele recorreu a Deus para testemunhar sua mentira. Nos tribunais judaicos, isto seria considerado perjúrio. Aqui podemos ver a que ponto chega o coração humano para sustentar uma mentira.

No entanto, o comportamento vergonhoso de Pedro não parou por aí. Mateus escreve: **Logo depois, aproximando-se os que ali estavam, disseram a Pedro: Verdadeiramente, és também um deles, porque o teu modo de falar o denuncia. Então, começou ele a praguejar e a jurar: Não conheço esse homem!** (v. 73-74a). O sotaque de Pedro revelou que ele era galileu. É claro que nem todos os galileus presentes em Jerusalém naquela noite eram seguidores de Jesus, mas o ministério do Senhor havia se concentrado na Galileia; assim, esta conexão foi o suficiente para que suspeitassem de Pedro. Quando sua ligação com Jesus foi apontada pela terceira vez, Pedro ficou bravo – ou, pelo menos, fingiu ter ficado bravo. Mateus diz que ele começou "a praguejar e a jurar", insistindo veementemente que não conhecia Jesus. O verbo grego traduzido aqui como "praguejar" tem relação com a palavra grega *anathema*, que significa "maldição". Pedro estava, em outras palavras, proferindo uma maldição sobre aqueles o associavam a Jesus, dizendo que tais acusadores mereciam ser amaldiçoados. Ele disparou uma série de insultos diante da sugestão de que era um seguidor de Jesus, insistindo que não conhecia seu Senhor.

Assim que esta veemente negação saiu da boca de Pedro, duas coisas aconteceram. Primeiro, conforme Mateus relata, **imediatamente cantou o galo** (v. 74b). Ao que parece, a manhã se aproximava, e, como geralmente acontece, um galo cantou em algum lugar no pátio ou nas proximidades da cidade. Jesus dissera que Pedro o negaria três vezes antes de o galo cantar, e isto se deu quase de imediato.

Segundo, conforme Lucas relata, no momento em que o galo cantou, "voltando-se o Senhor, fixou os olhos em Pedro" (22.61a). Os olhares se cruzaram. Eu me atreveria a sugerir que este foi o momento mais horrível na vida de Pedro. Lembre-se de que, em Cesareia de Filipe, quando Jesus perguntou aos discípulos "quem dizeis que eu sou?", Pedro respondeu: "Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo" (Mt 16.15-16). Ele sabia quem Jesus era; como o Senhor explicara, o Pai lhe havia revelado sua identidade (v. 17). Agora, entretanto, o apóstolo dizia: "Não conheço esse homem!" Jesus, então, virou-se e olhou para ele. Não há qualquer registro de que o Senhor tenha dito alguma coisa, mas não havia necessidade de falar. Você gostaria de estar na pele de Pedro quando ele levantou o olhar logo após negar Jesus e viu seu Senhor virando a cabeça, açoitado e machucado, e olhando dentro de seus olhos – e de sua alma? Não consigo imaginar como este momento deve ter sido horrível.

Mateus diz que foi neste instante que Pedro se deu conta: **Então, Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe dissera: Antes que o galo cante, tu me negarás três vezes. E, saindo dali, chorou amargamente** (v. 75). De repente, ele se lembrou de tudo e pensou: "Foi bem isso o que ele disse que eu faria. Eu jurei que nunca iria acontecer, mas fiz exatamente o que ele falou." Pedro ficou tomado de vergonha. Suas maldições deram lugar a lágrimas amargas que começaram a jorrar.

Nossa vez

Creio que todos nós podemos nos identificar com a experiência de Pedro. É fácil reconhecer Jesus na igreja, quando estamos entre nossos irmãos no Senhor. Contudo, confessá-lo diante de um mundo que lhe é hostil, declarar que somos seguidores de Jesus perante aqueles que odeiam Deus e seu Filho, é outra história. Nossa tendência é permanecer à paisana, é comportar-nos como agentes cristãos secretos. Parece ser mais fácil não contar a ninguém que somos crentes. Todavia, somos chamados a confessar Jesus abertamente. De alguma forma, temos de superar nossos temores. Devemos declarar com o apóstolo Paulo: "não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê" (Rm 1.16a).

Antes de me converter ao cristianismo, no início da faculdade, eu desprezava os cristãos. Eu achava que os homens cristãos não tinham como ser completamente viris, que eram necessariamente perdedores e fracotes por viverem sob o manto da religião. Eu imaginava que eles simplesmente não tinham estrutura para lidar com as dificuldades da vida neste mundo. Então, tornei-me cristão e passei a enxergar as coisas de outro ângulo.

Quando nasci de novo, senti uma fome extrema de comunhão cristã. Fiquei sabendo que um grupo de oração reunia-se no campus da faculdade, e eu fui convidado a participar. Ali, descobri que os estudantes que se reuniam para orar não estavam entre os mais populares da escola. Eles eram os humildes, os fracos e os loucos [cf. 1Co 1.27-28] segundo a cultura do campus. Porém, eu me aproximei de alguns alunos do grupo. Lembro-me de, algum tempo depois, andar pelo campus e pensar: "Preciso contar aos meus amigos: os dois colegas mais próximos que tenho aqui são provavelmente os maiores fracotes da faculdade!" Isso pode ter sido verdade, mas eles eram fortes para Cristo. Eles não se envergonhavam do evangelho, e eu me orgulhava de estar na presença deles.

Você esconde seu cristianismo no escritório, em festas e em outras situações? Por acaso, quando alguém pergunta se você é crente, sua resposta é: “Não sei do que você está falando”? Você tem vontade de dizer: “Não conheço esse homem”? Precisamos nos lembrar das palavras de Jesus: “Porque qualquer que de mim e das minhas palavras se envergonhar, dele se envergonhará o Filho do homem, quando vier na sua glória e na do Pai e dos santos anjos” (Lc 9.26).

A Igreja cristã foi construída sobre os ombros de homens e mulheres heroicos que não se envergonharam de ser identificados com o Senhor Jesus Cristo. Agora é nossa vez de ficarmos ao seu lado em nossa geração. Eu o exorto a nunca se envergonhar de sua identidade com Jesus. Esteja disposto a ser chamado de louco por Cristo. Esteja disposto a ser humilhado no círculo social em que você vive. Este é o custo de ser cristão, mas é infinitesimal em comparação ao custo que ele pagou por nossa redenção.

O REMORSO DE JUDAS

Mateus 27.1-10



> Ao romper o dia, todos os principais sacerdotes e os anciãos do povo entraram em conselho contra Jesus, para o matarem; e, amarrando-o, levaram-no e o entregaram ao governador Pilatos. Então, Judas, o que o traiu, vendo que Jesus fora condenado, tocado de remorso, devolveu as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e aos anciãos, dizendo: Pequei, traindo sangue inocente. Eles, porém, responderam: Que nos importa? Isso é contigo. Então, Judas, atirando para o santuário as moedas de prata, retirou-se e foi enforcar-se. E os principais sacerdotes, tomando as moedas, disseram: Não é lícito deitá-las no cofre das ofertas, porque é preço de sangue. E, tendo deliberado, compraram com elas o campo do oleiro, para cemitério de forasteiros. Por isso, aquele campo tem sido chamado, até ao dia de hoje, Campo de Sangue. Então, se cumpriu o que foi dito por intermédio do profeta Jeremias: Tomaram as trinta moedas de prata, preço em que foi estimado aquele a quem alguns dos filhos de Israel avaliaram; e as deram pelo campo do oleiro, assim como me ordenou o Senhor.

Conforme a longa noite da traição, da prisão, do julgamento e da condenação de Jesus chegava ao fim, os líderes religiosos judeus preparavam-se para levá-lo ao governador romano a fim de obter uma pena formal de morte. Mateus relata este detalhe na passagem que está diante de nós agora, mas, antes de dizer o que aconteceu no palácio de Pôncio Pilatos, ele conclui a triste história de Judas Iscariotes.

O evangelista escreve: **Ao romper o dia, todos os principais sacerdotes e os anciãos do povo entraram em conselho contra Jesus, para o matarem; e, amarrando-o, levaram-no e o entregaram ao governador Pilatos** (v. 1-2). Como vimos, os principais sacerdotes e os anciãos primeiro se certificaram de que Jesus era digno de morte, condenando-o como

blasfemo por alegar ser Filho de Deus. No entanto, eles não podiam executá-lo; os romanos não lhes concediam este direito e tampouco executariam alguém por cometer blasfêmia aos olhos dos judeus. Por esta razão, os sacerdotes e os anciãos conspiraram uma forma de convencer o governador romano a assinar a sentença de morte de Jesus.

A fim de levar o Senhor da casa do sumo sacerdote, Caifás, ao palácio do governador, os sacerdotes e anciãos acharam necessário amarrá-lo. Mateus não nos diz como eles fizeram isso, mas o costume era usar correntes. Após cuspirem nele, ridicularizarem-no e esbofetearem-no, as autoridades judaicas fizeram-no sofrer ainda mais esta indignidade: conduziram Jesus acorrentado pelas ruas. No momento de sua prisão no Getsêmani, Cristo não oferecera qualquer resistência nem esboçara qualquer tentativa de fuga. Pelo contrário, até repreendera Pedro por golpear o servo do sumo sacerdote com uma espada (26.52). Não havia motivo algum para seus apreensores terem medo de que ele tentasse escapar. Contudo, aqueles homens não poderiam resistir a mais uma oportunidade de humilhá-lo e lembrá-lo de que, finalmente, estavam no controle.

Em seguida, somos informados de que eles "o entregaram" ao governador. Esta simples declaração não é apenas um detalhe histórico; ela é muito significativa. Quando estudamos o drama do dia anterior à crucificação, vimos que Jesus profetizou a traição de Judas e a negação de Pedro, a qual era também um tipo de traição. Agora, vemos mais uma traição cometida contra Cristo. Em certo sentido, o pior ato de traição foi cometido pelos líderes espirituais mais importantes dos judeus: os sacerdotes e anciãos do Sinédrio. A palavra grega traduzida como "entregaram" aqui é *paradidōmi*, frequentemente traduzida no Novo Testamento como "traíram". Esses homens, a quem Deus havia atribuído a responsabilidade de manter a integridade da vida espiritual de seu povo, decidiram entregar Jesus – cumprindo, assim, profecias do

Antigo Testamento e do próprio Senhor. É quase inconcebível cogitar que eles pudessem se rebaixar a ponto de trair o Filho de Deus, entregando-o às mãos de pagãos. Porém, é assim que Mateus descreve a atitude deles de levar Jesus a Pôncio Pilatos.

Remorso, não arrependimento

Mateus, mudando de assunto, escreve: **Então, Judas, o que o traiu, vendo que Jesus fora condenado, tocado de remorso, devolveu as trinta moedas de prata aos principais sacerdotes e aos anciãos, dizendo: Pequei, traindo sangue inocente. Eles, porém, responderam: Que nos importa? Isso é contigo** (v. 3-4). Nós não sabemos onde Judas estava durante o julgamento de Jesus. Talvez estivesse presente na casa do sumo sacerdote, observando o escárnio da justiça em primeira mão. Não tenho como saber qual resultado ele esperava com sua traição, mas, ao que tudo indica, Judas não havia previsto a condenação de Jesus. Segundo Mateus, quando viu que os sacerdotes e anciãos o tinham condenado, ele ficou imediatamente repleto de remorso. Creio que foi tomado por um sentimento de culpa.

No entanto, não devemos confundir remorso com arrependimento verdadeiro. As 30 moedas de prata em seu bolso o condenavam, mas ele não correu para a presença de Deus em busca de misericórdia. Ele não se apresentou diante do Senhor, como Davi (Sl 51). Em vez disso, Judas devolveu o dinheiro aos sacerdotes e anciãos e confessou: "Pequei, traindo sangue inocente". Ele sabia que tinha pecado, mas não foi pedir perdão a Deus. Ele procurou uma maneira de se livrar da culpa.

Judas poderia ter recebido misericórdia de Deus caso tivesse se arrependido; os líderes religiosos, por sua vez, não tiveram misericórdia alguma. Eles falaram: "Que nos importa? Isso é contigo." Em outras palavras, disseram que o remorso e a culpa eram problema dele. Eles não

davam a mínima. Isto é o que acontece quando traidores se unem: no fim, tendem a ficar um contra o outro.

Mateus diz: **Então, Judas, atirando para o santuário as moedas de prata, retirou-se e foi enforcar-se** (v. 5). Judas não entregou o dinheiro de forma tranquila. Ele o atirou no santuário do jeito mais violento possível e foi embora. Então, em uma nota final de acréscimo, Mateus conta que ele saiu dali e "foi enforcar-se". Judas estava com ódio não somente das moedas de prata, mas dele próprio. Portanto, decidiu dar cabo não só delas, como também de si mesmo.

Mateus é o único evangelho que descreve a morte de Judas, mas não fornece detalhes sobre o enforcamento. Alguns estudiosos fazem grande alarde por conta de uma suposta discrepância entre o relato de Mateus e o de Lucas, contido no livro de Atos, sobre a morte de Judas. Lemos neste último registro:

> Naqueles dias, levantou-se Pedro no meio dos irmãos (ora, compunha-se a assembleia de umas cento e vinte pessoas) e disse: Irmãos, convinha que se cumprisse a Escritura que o Espírito Santo proferiu anteriormente por boca de Davi, acerca de Judas, que foi o guia daqueles que prenderam Jesus, porque ele era contado entre nós e teve parte neste ministério. (Ora, este homem adquiriu um campo com o preço da iniquidade; e, precipitando-se, rompeu-se pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram; e isto chegou ao conhecimento de todos os habitantes de Jerusalém, de maneira que em sua própria língua esse campo era chamado Aceldama, isto é, Campo de Sangue.) Porque está escrito no Livro dos Salmos: Fique deserta a sua morada; e não haja quem nela habite […] (At 1.15-20a).

Os críticos questionam se devemos entender que Judas se enforcou ou se precipitou – tendo, neste caso, as entranhas expostas. As duas opções, entretanto, não são incompatíveis. Judas pode ter colocado um laço no pescoço, amarrado-o a uma árvore e pulado; neste momento, a corda pode ter se rompido, fazendo com que seu corpo se esfacelasse na queda. Também pode ter acontecido de ninguém ter retirado seu corpo após o enforcamento, o qual, com o passar do tempo, teria se aberto no

processo de decomposição. Seja como for, sua morte foi humilhante. Seu fim foi uma desolação total.

Queira Deus que nenhum de nós seja como Judas. É claro, todos caímos em pecado, e, às vezes, permanecemos nele por um tempo, hostis às coisas de Deus. Contudo, se estivermos realmente em Cristo, o Espírito Santo enternecerá nosso coração e nos trará ao arrependimento no devido tempo – e, assim, nosso destino não será o mesmo de Judas. Nosso fim não será desolação, mas glória.

Aquele que foi estimado

Mateus escreve: **E os principais sacerdotes, tomando as moedas, disseram: Não é lícito deitá-las no cofre das ofertas, porque é preço de sangue** (v. 6). De uma hora para a outra, os sacerdotes passaram a se preocupar com o cumprimento da lei. Segundo alguns estudiosos, eles devem ter concluído que seria ilegal devolver o dinheiro ao cofre com base em Deuteronômio 23.18, que diz: "Não trarás salário de prostituição nem preço de sodomita à Casa do SENHOR, teu Deus, por qualquer voto; porque uma e outra coisa são igualmente abomináveis ao SENHOR, teu Deus." As 30 moedas de prata haviam garantido a morte de Jesus; portanto, eram "preço de sangue". Na realidade, o sangue estava nas mãos daqueles homens, não no dinheiro, pois eles haviam usado o dinheiro para comprar a morte de Jesus.

Não obstante, a devolução das 30 moedas de prata por Judas foi uma sorte inesperada para os sacerdotes, e eles logo sugeriram uma maneira de usá-las: **E, tendo deliberado, compraram com elas o campo do oleiro, para cemitério de forasteiros. Por isso, aquele campo tem sido chamado, até ao dia de hoje, Campo de Sangue** (v. 7-8). Eles compraram um campo para servir de cemitério aos estrangeiros. O campo recebeu o apelido de "Campo de Sangue" porque havia sido comprado com o dinheiro sujo de Judas. Isto talvez indique que a traição dos sacerdotes, ao contratar

Judas para entregar Jesus, fosse conhecida por, pelo menos, alguns do povo.

Este incidente aparentemente insignificante foi o notável cumprimento de uma profecia. Mateus explica: **Então, se cumpriu o que foi dito por intermédio do profeta Jeremias: Tomaram as trinta moedas de prata, preço em que foi estimado aquele a quem alguns dos filhos de Israel avaliaram; e as deram pelo campo do oleiro, assim como me ordenou o Senhor** (v. 9-10). Mateus atribui a profecia ao profeta Jeremias, mas o que o evangelista cita aqui é, na verdade, um mosaico de referências tanto a Jeremias quanto a Zacarias (Jr 32.6-9; Zc 11.12-13). Este fato perturba um pouco algumas pessoas. No entanto, este tipo de citação do Antigo Testamento não era incomum nos tempos bíblicos. Há evidências de que os judeus mantinham as cópias do Antigo Testamento em vários rolos e que cada um deles comportava diversos livros de profecia, tanto dos profetas maiores quanto dos profetas menores. Os rolos recebiam o nome do autor do primeiro livro neles contido. Neste caso, é possível que o rolo de Jeremias incluísse não apenas profecias de Jeremias, mas também de Zacarias. Não há problema textual algum aqui.

Precisamos observar a sutil, porém significativa, acusação de Mateus contra os líderes religiosos. Ele diz que as 30 moedas de prata foram o "preço em que foi estimado aquele a quem alguns dos filhos de Israel avaliaram". Trinta moedas de prata foi o valor que os sacerdotes e anciãos deram pela vida de Jesus. Ele, a pérola de grande valor [cf. Mt 13.46], estava no meio deles, e eles o estimaram como algo praticamente sem valor algum. Como seu sistema de valores estava deturpado!

Ao lermos este episódio, precisamos refletir sobre nosso próprio sistema de valores. Quão valioso é Jesus para nós? O cristianismo resume-se a ele. Ele é o Filho amado do Pai. Ele é o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último. Ele é tudo. Devemos estimá-lo acima de tudo e, por conseguinte, servi-lo, obedecê-lo e adorá-lo.

JESUS PERANTE PILATOS

Mateus 27.11-26



> Jesus estava em pé ante o governador; e este o interrogou, dizendo: És tu o rei dos judeus? Respondeu-lhe Jesus: Tu o dizes. E, sendo acusado pelos principais sacerdotes e pelos anciãos, nada respondeu. Então, lhe perguntou Pilatos: Não ouves quantas acusações te fazem? Jesus não respondeu nem uma palavra, vindo com isto a admirar-se grandemente o governador. Ora, por ocasião da festa, costumava o governador soltar ao povo um dos presos, conforme eles quisessem. Naquela ocasião, tinham eles um preso muito conhecido, chamado Barrabás. Estando, pois, o povo reunido, perguntou-lhes Pilatos: A quem quereis que eu vos solte, a Barrabás ou a Jesus, chamado Cristo? Porque sabia que, por inveja, o tinham entregado. E, estando ele no tribunal, sua mulher mandou dizer-lhe: Não te envolvas com esse justo; porque hoje, em sonho, muito sofri por seu respeito. Mas os principais sacerdotes e os anciãos persuadiram o povo a que pedisse Barrabás e fizesse morrer Jesus. De novo, perguntou-lhes o governador: Qual dos dois quereis que eu vos solte? Responderam eles: Barrabás! Replicou-lhes Pilatos: Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo? Seja crucificado! Responderam todos. Que mal fez ele? Perguntou Pilatos. Porém cada vez clamavam mais: Seja crucificado! Vendo Pilatos que nada conseguia, antes, pelo contrário, aumentava o tumulto, mandando vir água, lavou as mãos perante o povo, dizendo: Estou inocente do sangue deste [justo]; fique o caso convosco! E o povo todo respondeu: Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos! Então, Pilatos lhes soltou Barrabás; e, após haver açoitado a Jesus, entregou-o para ser crucificado.

Todos os quatro evangelistas relatam algo sobre a apresentação de Jesus ao governador romano da Judeia, Pôncio Pilatos. No entanto, nenhum deles fornece um registro completo das interações ocorridas naquele dia. Obtemos algumas informações em Marcos, algumas em Lucas, algumas em João e outras aqui em Mateus. Ao considerarmos todos estes relatos, um fato fica evidente: Pilatos

temia que Jesus realmente pudesse ser algum tipo de rei.

Coloque-se no lugar de Pilatos. Ele fora nomeado pelo imperador Tibério como quinto governador romano da Judeia, e sua administração durou de 26 a 37 d.C. Era de conhecimento comum, no regime romano, que a Judeia estava entre as províncias mais difíceis de se manter a paz e a ordem. Em outras palavras, os judeus eram excepcionalmente insurgentes e revoltosos. Por esta razão, governar a Judeia não era o sonho dos oficiais romanos ambiciosos; pelo contrário, receber tal incumbência era-lhes quase um castigo. Por ocasião do julgamento de Jesus, o mandato de Pilatos na Judeia tinha se estendido mais do que o habitual, e parecia que sua carreira havia estagnado. Ele já havia irritado o imperador anteriormente por lidar com o povo de forma rígida demais e, no futuro próximo, seria chamado de volta a Roma, desacreditado pela reação severa esboçada diante de uma rebelião de samaritanos. Portanto, naquele momento, ele se encontrava em uma situação delicada: não queria ser muito ofensivo com as autoridades judaicas nem contrariar o povo e provocar uma revolução popular. Por outro lado, o governador não queria que, em Roma, dissessem que ele estava sendo brando com alguém que alegava ser rei. Assim, do ponto de vista político, Pilatos encontrava-se em uma posição muito difícil.

Isso talvez explique, ao menos em parte, a primeira pergunta de Pilatos a Jesus. Mateus relata: **Jesus estava em pé ante o governador; e este o interrogou, dizendo: És tu o rei dos judeus? Respondeu-lhe Jesus: Tu o dizes** (v. 11). Esta pergunta oferecia muitos perigos para Jesus. Se respondesse que sim, estaria aceitando as acusações dos líderes judeus de envolvimento em sedição e, assim, afirmando ser inimigo do Império Romano. Se respondesse que não, estaria negando a missão que o Pai lhe atribuíra, de ser o Messias e o Rei da linhagem de Davi. No entanto, Jesus esquivou-se com destreza de ambos os problemas, respondendo

simplesmente: “Tu o dizes”. Com isso, o Senhor quis dizer que cabia a Pilatos decidir, em sua posição oficial, quem e o que ele era.

Mateus prossegue: **E, sendo acusado pelos principais sacerdotes e pelos anciãos, nada respondeu** (v. 12). Os sacerdotes e anciãos apresentaram falsas acusações civis que eles mesmos haviam inventado, mas Jesus não fez qualquer protesto. Este silêncio começou a irritar Pilatos: **Então, lhe perguntou Pilatos: Não ouves quantas acusações te fazem? Jesus não respondeu nem uma palavra, vindo com isto a admirar-se grandemente o governador** (v. 13-14). O Senhor não falou sequer quando o governador encorajou-o a se defender. Neste ponto, Pilatos ficou admirado. Ele claramente desconhecia a profecia de Isaías: “Ele foi oprimido e humilhado, mas não abriu a boca; como cordeiro foi levado ao matadouro; e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a boca” (53.7).

No Evangelho de João, somos informados de que, após este interrogatório inicial, Pilatos levou Jesus para fora, onde a multidão estava, e clamou: “Eis o homem! […] eu não acho nele crime algum” (19.5-6). Por quê? Porque não havia crime algum em Jesus. Pilatos falou a verdade. Neste momento, ele estava atuando não apenas como governador da Judeia, mas como *persona publica*, a “pessoa pública” que pronunciava a sentença sobre Jesus. De modo realmente involuntário e inconsciente, Pilatos proclamou a verdade de Deus.

Jesus e Barrabás

Pilatos tinha um plano para se livrar desta difícil situação política. Mateus escreve: **Ora, por ocasião da festa, costumava o governador soltar ao povo um dos presos, conforme eles quisessem** (v. 15). Ao que tudo indica, Pilatos ou um de seus antecessores havia instituído o costume de libertar um prisioneiro escolhido pelo povo na Páscoa, provavelmente como forma de conquistar apoio popular. O governador decidiu oferecer

Jesus à multidão como candidato à liberdade. Talvez ele conhecesse a enorme popularidade do Senhor e estivesse certo de que o povo não deixaria passar a oportunidade de vê-lo livre. Desta maneira, Pilatos poderia sair de sua difícil situação e, de quebra, ser bem visto pelo povo judeu.

No entanto, havia outro prisioneiro famoso: **Naquela ocasião, tinham eles um preso muito conhecido, chamado Barrabás** (v. 16). O Novo Testamento em grego diz que Barrabás era, na realidade, o sobrenome dele. Seu primeiro nome era Jesus, e "Barrabás" significa "filho do pai". Assim, de um lado, havia Barrabás – filho do pai – e, de outro, Jesus – o Filho do Pai. Somos informados de que Barrabás era um salteador (Jo 18.40) e que havia cometido homicídio durante um tumulto (Mc 15.7; Lc 23.19). Por ter se envolvido em rebelião, talvez fosse um herói popular. A disposição de Pilatos em libertar um homem que desafiara o poder imperial mostra como ele estava desesperado por manter a paz.

Prosseguindo, Mateus diz: **Estando, pois, o povo reunido, perguntou-lhes Pilatos: A quem quereis que eu vos solte, a Barrabás ou a Jesus, chamado Cristo? Porque sabia que, por inveja, o tinham entregado** (v. 17-18). Pilatos deixou que a multidão escolhesse entre Jesus ou Barrabás. Mateus fornece um pequeno, porém significativo, detalhe: o governador estava tentando soltar Jesus porque sabia que os principais sacerdotes estavam simplesmente com inveja. Ele era um político astuto e tinha conhecimento, até certo ponto, do que estava acontecendo. Ele sabia que Jesus nada havia feito de errado, mas não dispunha de coragem ou margem para manobras políticas o suficiente para soltá-lo de uma vez. Portanto, ofereceu à multidão a chance de fazer a coisa certa com esta escolha.

Mateus, em seguida, relata uma estranha reviravolta no episódio: **E, estando ele no tribunal, sua mulher mandou dizer-lhe: Não te envolvas com esse justo; porque hoje, em sonho, muito sofri por seu respeito** (v. 19). Será

que foi Deus quem concedeu este sonho à mulher de Pilatos? Não podemos ter certeza, mas ela aparentemente estava convencida – com base no sonho – de que Jesus era um Homem justo, e instou o marido a não se envolver com ele. Isto parece ter servido de incentivo para que Pilatos não tomasse qualquer ação contra o Senhor.

Enquanto isso, **os principais sacerdotes e os anciãos persuadiram o povo a que pedisse Barrabás e fizesse morrer Jesus. De novo, perguntou-lhes o governador: Qual dos dois quereis que eu vos solte? Responderam eles: Barrabás! Replicou-lhes Pilatos: Que farei, então, de Jesus, chamado Cristo? Seja crucificado! Responderam todos** (v. 20-22). Posso até imaginar os sacerdotes e os anciãos circulando energicamente no meio da multidão e sussurrando instruções: "Peçam que ele solte Barrabás e matem Jesus." Eu não sei quais ameaças ou promessas eles utilizaram para motivar as pessoas, mas, quando Pilatos citou os dois prisioneiros e pediu que as pessoas escolhessem um deles, elas obedientemente pediram a soltura de Barrabás.

É evidente que Pilatos ficou chocado: **Que mal fez ele? Perguntou Pilatos. Porém cada vez clamavam mais: Seja crucificado!** (v. 23). O governador jamais havia esperado que o povo exigiria a morte de Jesus. Acho improvável que ele não tivesse conhecimento do enorme alvoroço ocorrido durante a entrada triunfal do Senhor poucos dias antes – Mateus diz que "toda a cidade se alvoroçou" (21.10) – e da razão por trás daquilo. Ele só podia esperar que o povo implorasse pela libertação de Jesus, mas a multidão, em vez disso, pediu que Cristo fosse morto de uma forma horrível. Quando Pilatos questionou esta escolha, solicitando que as pessoas explicassem qual mal Jesus havia cometido, elas simplesmente clamaram de novo: "Seja crucificado!"

Neste ponto, Pilatos estava perdendo o controle da situação – e isto era o que ele mais temia. Então, Mateus diz: **Vendo Pilatos que nada conseguia, antes, pelo contrário, aumentava o tumulto, mandando vir água,**

lavou as mãos perante o povo, dizendo: Estou inocente do sangue deste [justo]; fique o caso convosco! (v. 24). Pilatos fez um gesto dramático: lavou as mãos diante da multidão para mostrar que se considerava livre da responsabilidade pela morte de Jesus. A culpa, em vez disso, recairia sobre as pessoas que haviam exigido sua crucificação.

Por incrível que pareça, **o povo todo respondeu: Caia sobre nós o seu sangue e sobre nossos filhos!** (v. 25). Se, alguma vez, clamores de multidões revoltosas incluíram uma linguagem mais mortal, mais destrutiva, do que esta, eu desconheço. As pessoas tiveram a audácia de assumir total responsabilidade pela condenação do Salvador e também de colocar esta responsabilidade sobre seus filhos. Por acaso elas não sabiam o que estavam dizendo? Será que não acreditavam ser responsáveis por condenar um homem inocente? Não consigo entender como esses indivíduos puderam assumir, de propósito, a responsabilidade e até mesmo colocar a culpa em seus filhos. Infelizmente, Deus ouviu – e exigiu deles e de seus filhos o pagamento pelo sangue de Cristo. Como já vimos, mais de um milhão de judeus morreram em Jerusalém quando a cidade foi tomada pelos romanos em 70 d.C.

Por fim, Mateus escreve: **Então, Pilatos lhes soltou Barrabás; e, após haver açoitado a Jesus, entregou-o para ser crucificado** (v. 26). Pilatos cedeu a todos os pedidos. Libertou Barrabás e deu andamento ao processo de execução de Jesus. O primeiro passo foi açoitá-lo, um procedimento habitual antes da crucificação. Muitos presos morriam nesta etapa, pois eram chicoteados com cordas em cuja extremidade havia pedaços de metal, os quais arrancavam grandes pedaços de pele. Esta tortura tanto humilhava o prisioneiro quanto o enfraquecia, acelerando sua morte na cruz. Jesus passou por esta agonia, e, então, Pilatos "entregou-o para ser crucificado".

Filho de Deus preterido

No primeiro capítulo de sua epístola aos romanos, o apóstolo Paulo fala da ira de Deus revelando-se do céu contra toda a impiedade e injustiça dos homens (v. 18). O principal ato maligno que o apóstolo tem em vista é a supressão da verdade de Deus. Paulo afirma que Deus se revelou claramente nas coisas criadas a fim de que todos no planeta saibam que ele existe e conheçam seu eterno poder e divindade, ficando, assim, indesculpáveis (v. 20). Ninguém jamais poderá dizer: "Nós não éramos ateus, ó Deus; éramos apenas agnósticos, sem conhecimento." A alegação de ignorância não se sustentará no juízo final.

Contudo, Paulo prossegue dizendo que Deus se irou não só porque os homens rejeitaram sua manifestação, mas "porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato" (v. 21). O principal pecado da raça humana é recusar-se a dar glória a Deus. Isto é, em outras palavras, recusar-se a adorá-lo. Logo após este pecado, vem a ingratidão. Todo o bem que recebemos vem das mãos do Deus benevolente, mas ninguém é agradecido o bastante. Nossa natureza induz-nos a pensar que temos algum direito cósmico, ou seja, que Deus nos deve os dons que recebemos dele. Deixamos de considerar aquilo que ele nos dá como algo totalmente misericordioso. Por causa destes dois pecados gêmeos – a recusa em glorificar a Deus e a recusa em dar-lhe graças – o pensamento das pessoas é nulo, e seu coração insensato está obscurecido.

A situação é ainda pior: "Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis" (v. 22-23). O maior insulto a Deus é a idolatria. Em nossa condição caída, somos produtores em massa de ídolos. A idolatria não é ateísmo; é falsa religião, é troca. Nós trocamos a glória do verdadeiro

Deus pela corrupção da criatura. Nas palavras de Paulo, nós mudamos a verdade de Deus em mentira (v. 25). Esta é a nossa natureza.

Eu não creio que esta imagem da humanidade tenha sido, alguma vez, demonstrada com mais clareza do que naquele dia em Jerusalém, na frente do palácio do governador, quando as pessoas tiveram a oportunidade de fazer uma troca. Tragicamente, elas preferiram um criminoso insensível ao Filho de Deus. Eles trocaram o unigênito do Pai por um impostor, o Filho do Pai pelo filho do pai.

Muitas pessoas já me disseram: "Se você acredita em Cristo, tudo bem. Eu respeito sua opinião. Porém, eu não tenho necessidade de Jesus." Este é um caso claro de uma mente que, por ter sido obscurecida, tornou-se insensata. Eu não creio que ser humano algum poderia fazer uma declaração mais insensata do que esta. Não há nada de que as pessoas mais precisem do que Jesus. Todos os seres humanos estão destinados a receber a plena medida da ira do Criador; e, sem Jesus e sua obra salvífica, eles não terão desculpas.

Quando alguém diz: "Eu não tenho necessidade de Jesus", está, na verdade, dizendo: "Eu não quero Jesus". É por isso que tal indivíduo se recusa a crer nele e segui-lo. E por que ele não quer Jesus? Porque não gosta dele. As criaturas pecadoras não gostam do Deus santo. Nada é mais repugnante para a humanidade caída do que um Redentor sem pecado.

Diante destas verdades, o fato de o povo ter escolhido Barrabás fica bem menos chocante. Teria sido insensato perder tempo com uma enquete antes de se apresentar a decisão final, visto que Barrabás era a escolha do povo. O que precisamos compreender é que, em nossa condição natural, em nosso estado não regenerado, essa também é a nossa escolha. Eu consigo me imaginar no meio daquela multidão, gritando com todas as minhas forças: "Dá-nos Barrabás! Dá-nos qualquer um, menos Jesus."

Meu desejo é que essa não seja a escolha do seu coração. Espero que, em vez disso, você possa clamar com todas as suas forças: “Dá-me Jesus para que eu não morra!”

A CRUCIFICAÇÃO

Mateus 27.27-44



Logo a seguir, os soldados do governador, levando Jesus para o pretório, reuniram em torno dele toda a coorte. Despojando-o das vestes, cobriram-no com um manto escarlate; tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça e, na mão direita, um caniço; e, ajoelhando-se diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, rei dos judeus! E, cuspindo nele, tomaram o caniço e davam-lhe com ele na cabeça. Depois de o terem escarnecido, despiram-lhe o manto e o vestiram com as suas próprias vestes. Em seguida, o levaram para ser crucificado. Ao saírem, encontraram um cireneu, chamado Simão, a quem obrigaram a carregar-lhe a cruz. E, chegando a um lugar chamado Gólgota, que significa Lugar da Caveira, deram-lhe a beber vinho com fel; mas ele, provando-o, não o quis beber. Depois de o crucificarem, repartiram entre si as suas vestes, tirando a sorte. E, assentados ali, o guardavam. Por cima da sua cabeça puseram escrita a sua acusação: ESTE É JESUS, O REI DOS JUDEUS. E foram crucificados com ele dois ladrões, um à sua direita, e outro à sua esquerda. Os que iam passando blasfemavam dele, meneando a cabeça e dizendo: Ó tu que destróis o santuário e em três dias o reedificas! Salva-te a ti mesmo, se és Filho de Deus, e desce da cruz! De igual modo, os principais sacerdotes, com os escribas e anciãos, escarnecendo, diziam: Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se. É rei de Israel! Desça da cruz, e creremos nele. Confiou em Deus; pois venha livrá-lo agora, se, de fato, lhe quer bem; porque disse: Sou Filho de Deus. E os mesmos impropérios lhe diziam também os ladrões que haviam sido crucificados com ele.

A *Saint Andrew's Chapel*, igreja onde sirvo como pastor e professor, realiza um culto especial todas as sextas-feiras santas. Nos sermões que prego nesta data, eu considero aspectos da narrativa da crucificação e morte de Jesus. Mesmo se tivesse uma vida inteira só de sextas-feiras santas para analisar estes assuntos, eu não poderia sequer começar a arranhar a superfície do significado destes

acontecimentos. No presente capítulo, analisarei os episódios que ocorreram em torno da crucificação de Jesus, conforme registrados por Mateus. No capítulo seguinte, veremos sua morte propriamente dita.

Os evangelistas fornecem pouquíssima interpretação para a crucificação, concentrando-se, em vez disso, em registrar o que de fato aconteceu. A interpretação encontra-se nas epístolas. O apóstolo Paulo, por exemplo, diz: "Porque decidi nada saber entre vós, senão a Jesus Cristo e este crucificado" (1Co 2.2). Isto é, sem dúvida, uma hipérbole apostólica, mas o apóstolo está comunicando aos leitores como a morte de Cristo foi de extrema importância na definição de sua pessoa e obra. O ministério de Maomé é simbolizado pela cimitarra, um tipo de espada. O símbolo universal do cristianismo é a cruz, pois foi enquanto estava pendurado nesta ferramenta romana de execução que nosso Salvador pagou o preço pelos nossos pecados.

Mateus começa dizendo: **Logo a seguir, os soldados do governador, levando Jesus para o pretório, reuniram em torno dele toda a coorte** (v. 27). O evangelista já nos mostrou como os sacerdotes e anciãos abusaram e zombaram de Jesus após sua condenação (26.67-68). Assim que Pilatos ordenou sua morte, Cristo recebeu tratamento semelhante dos soldados romanos incumbidos de crucificá-lo. Havia provavelmente entre 200 e 600 soldados reunidos em volta de Jesus naquele momento.

Mateus diz que, primeiro, **Despojando-o das vestes, cobriram-no com um manto escarlate** (v. 28). Em um ato de extrema humilhação, eles tiraram a roupa de Jesus e vestiram-no com um manto vermelho, ou escarlate, como símbolo jocoso de realeza. Em seguida, o evangelista acrescenta: **tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça e, na mão direita, um caniço; e, ajoelhando-se diante dele, o escarneciam, dizendo: Salve, rei dos judeus!** (v. 29). Aqueles homens colocaram nele uma coroa falsa feita de espinhos, a qual deve ter causado muita dor, e deram-lhe um caniço para simbolizar um cetro. Eles fingiam curvar-se

diante dele e saudavam-no como rei dos judeus, título que Pilatos ouvira como sendo a descrição de Jesus (27.11). Imagino que eles tenham rolado no chão de tanto rir com aquela cena. Todavia, aquele que estavam ridicularizando como rei era, de fato, o Rei. Eles estavam fazendo aquilo com o Filho de Deus, o Deus encarnado, o Rei eterno, Aquele que haveria de sentar-se à destra de Deus com autoridade sobre cada um daqueles soldados.

Depois de todo esse escárnio, o tratamento dispensado a Jesus ficou ainda mais cruel. Mateus escreve: **E, cuspindo nele, tomaram o caniço e davam-lhe com ele na cabeça** (v. 30). Com estas ações, eles o insultavam e maltratavam, mas acabaram se cansando da diversão: **Depois de o terem escarnecido, despiram-lhe o manto e o vestiram com as suas próprias vestes. Em seguida, o levaram para ser crucificado** (v. 31). Havia chegado a hora de dar prosseguimento ao serviço.

Para o Lugar da Caveira

Mateus continua: **Ao saírem, encontraram um cireneu, chamado Simão, a quem obrigaram a carregar-lhe a cruz** (v. 32). Era costume os presos serem forçados a carregar a cruz na qual morreriam – ou pelo menos, as vigas horizontais – enquanto eram levados para o local da crucificação. Assim, o fato de os soldados terem obrigado um homem chamado Simão, um nativo de Cirene (região no norte da África com uma população significativa de judeus), para carregar a cruz sugere que Jesus estava fraco demais para esta tarefa. O Senhor já havia sido açoitado, e é possível que tivesse perdido muito sangue.

Marcos acrescenta um detalhe interessante ao episódio. Ele escreve: "E obrigaram a Simão Cireneu, que passava, vindo do campo, pai de Alexandre e de Rufo, a carregar-lhe a cruz" (15.21). Marcos menciona que Simão tinha dois filhos, Alexandre e Rufo, e escreve como se os leitores de seu evangelho estivessem familiarizados com eles. Isto sugere

que Simão, depois daquele encontro, teve fé em Jesus e criou seus filhos na igreja. Se este foi mesmo caso, é interessante refletir sobre como a providência de Deus interrompeu seja lá o que Simão estivesse fazendo naquele dia a fim de que seu caminho cruzasse com o de Jesus, enquanto este se dirigia ao Gólgota. Contudo, podemos apenas conjecturar qual papel a função de carregar a cruz desempenhou no destino eterno de Simão.

Mateus, em seguida, diz: **E, chegando a um lugar chamado Gólgota, que significa Lugar da Caveira, deram-lhe a beber vinho com fel; mas ele, provando-o, não o quis beber** (v. 33-34). Existem diversas teorias quanto à origem do nome Lugar da Caveira. Alguns acreditam que se tratava de um afloramento rochoso cuja aparência se assemelhava a uma caveira. Outros postulam que o nome foi escolhido por causa da presença de túmulos na área. A explicação mais plausível, entretanto, talvez seja simplesmente a de que aquele era o lugar onde as pessoas eram mortas.

Quando Jesus chegou ali, os soldados deram-lhe "vinho com fel". Fel é uma referência a ervas amargas. Embora alguns comentaristas acreditem que esta mistura servia como um tipo de anestésico para ajudar o condenado a suportar a dor inicial da crucificação, é possível que ela fosse apenas mais uma humilhação. Jesus estava com sede, mas o fel deixou o vinho intragável, com um gosto "mortificante", e ele se recusou a bebê-lo.

Então, com eloquente simplicidade, Mateus escreve apenas: **Depois de o crucificarem […]** (v. 35a). Cravos atravessaram as mãos, ou os pulsos, de Jesus e foram cravados na madeira da viga transversal. Outros cravos também perfuraram seus pés. Quando a cruz foi levantada e posta na posição vertical, o peso de seu corpo forçou as mãos empaladas para baixo. Ao tentar aliviar esta dor, ele involuntariamente colocava pressão nos pés. Este era um método de execução extremamente doloroso.

Além disso, esse tipo de morte era terrivelmente humilhante. Mateus conta que os soldados **repartiram as suas vestes, lançando sortes, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: Repartiram entre si as minhas vestes, e sobre a minha túnica lançaram sortes** (v. 35b ARC). Os soldados já haviam despido Jesus temporariamente a fim de se divertir no pretório (v. 27), mas, quando chegaram ao Gólgota, tiraram as vestes dele de novo porque os criminosos eram executados nus. As pinturas clássicas da crucificação sempre retratam Jesus vestindo uma espécie de tanga, mas, com quase toda certeza, ele não tinha peça de roupa alguma na cruz. Isto era intencional, pois os romanos queriam que o prisioneiro se sentisse humilhado e desonrado.

Certa vez, conversei com o saudoso Charles Colson sobre seu primeiro dia na prisão. Ele me disse que a primeira coisa pela qual os presos têm de passar é a revista pessoal; depois disso, recebem o uniforme. Um dos aspectos mais difíceis desta parte do processo é receber roupas de baixo usadas por outros presos. Colson explicou que isto não é feito por razões econômicas, mas para humilhar os novatos. É uma forma de envergonhá-los, de desonrá-los, e o mesmo tipo de procedimento foi realizado no caso de Jesus.

Mateus é perspicaz o suficiente para notar que até este ato de humilhação específico havia sido predito em uma profecia do Antigo Testamento. Ele nos diz que os soldados não se limitaram a descartar as vestes de Jesus. Era uma prerrogativa deles tomar para si o que quisessem dos bens do prisioneiro. Neste caso, lançaram sortes para determinar quem ficaria com os as peças de roupa de Jesus, e isto havia sido profetizado no Salmo 22.18.

Mateus acrescenta: **E, assentados ali, o guardavam** (v. 36). Depois da crucificação, a principal tarefa dos soldados era ficar de guarda até que Jesus morresse. Contudo, eles tinham pelo menos mais uma tarefa para executar: **Por cima da sua cabeça puseram escrita a sua acusação: ESTE É**

JESUS, O REI DOS JUDEUS (v. 37). Era costume colocar uma placa na cruz, sobre a cabeça do condenado, indicando o crime pelo qual ele estava morrendo. Esta iniciativa tinha em vista os transeuntes, e seu objetivo era conscientizá-los do que estava acontecendo e adverti-los a não cometer o mesmo delito. João relata que Pilatos foi quem escreveu esta inscrição e que ela incomodou os sacerdotes e anciãos. Eles lhe pediram que alterasse os dizeres para: "*Ele disse:* Eu sou o Rei dos judeus", mas Pilatos se recusou (19.19-21, ênfase acrescentada). Mateus também observa: **E foram crucificados com ele dois ladrões, um à sua direita, e outro à sua esquerda** (v. 38). Dois ladrões foram executados ao mesmo tempo que ele. Curiosamente, Mateus, que costuma ser tão atento a cumprimentos proféticos, nada diz sobre este aspecto da crucificação de Jesus, mas Marcos observa que este fato também cumpriu uma profecia: a de Isaías 53.12 (veja Mc 15.28).

Chuva de escárnios

Mateus volta a descrever as zombarias que Jesus enfrentou, as quais parecem ter causado uma profunda impressão no evangelista. Aqueles homens não deram trégua alguma ao Senhor, nem mesmo enquanto estava pendurado diante do mundo, na vergonha de sua nudez. Primeiro, ele teve de suportar os insultos dos transeuntes: **Os que iam passando blasfemavam dele, meneando a cabeça e dizendo: Ó tu que destróis o santuário e em três dias o reedificas! Salva-te a ti mesmo, se és Filho de Deus, e desce da cruz!** (v. 39-40). Aqueles que, por causa da rotina, precisavam passar pelo Gólgota não ficavam satisfeitos apenas em olhar. Eles não resistiam à oportunidade de blasfemar Jesus e, para isso, caluniavam-no por causa de seu comentário a respeito da destruição do templo. Além disso, desafiavam-no a provar que era o Filho de Deus descendo da cruz. Em outras palavras, os transeuntes estavam pedindo que ele fizesse a mesma coisa que Satanás o havia desafiado a fazer, ao

que Jesus respondera: “Também está escrito: Não tentarás o Senhor, teu Deus” (4.7). Assim como Cristo se recusara a ceder à tentação de Satanás, também ele rejeitou as provocações dos curiosos que passavam pelo Gólgota.

Segundo, os sacerdotes, os escribas e os anciãos não paravam de ridicularizá-lo: **De igual modo, os principais sacerdotes, com os escribas e anciãos, escarnecendo, diziam: Salvou os outros, a si mesmo não pode salvar-se. É rei de Israel! Desça da cruz, e creremos nele. Confiou em Deus; pois venha livrá-lo agora, se, de fato, lhe quer bem; porque disse: Sou Filho de Deus** (v. 41-43). Eles insinuaram que Jesus não tinha o poder que alegava ter e, assim como os transeuntes, desafiaram-no a descer da cruz, prometendo crer nele se o fizesse. Eu não sei quantas vezes já ouvi pessoas falarem como esses homens, dizendo: “Se Deus fizesse isso ou aquilo, eu creria nele.” Se estiver lendo este livro e não for um crente em Jesus Cristo, o que mais Deus precisa fazer para que você se prostre diante dele? Deus confirmou perfeitamente a identidade de seu Filho. Ele já fez tudo o que precisava fazer, mas muitas pessoas escolhem zombar e blasfemar como aqueles líderes religiosos.

Terceiro, Mateus relata: **E os mesmos impropérios lhe diziam também os ladrões que haviam sido crucificados com ele** (v. 44). Muito embora estivessem à beira da morte, eles participaram do escárnio. Felizmente, sabemos que um dos dois mudou de ideia e colocou sua fé em Jesus antes de morrer (Lc 23.39-43).

Esta passagem é um registro de vários tipos de dor e tormento incessantes: escárnio, abuso, humilhação, dor física intensa, provocação e desdém. Este foi um suplício terrível para Jesus, mas algo muito pior estava por vir.

A MORTE E O SEPULTAMENTO DE JESUS

Mateus 27.45-66



Desde a hora sexta até à hora nona, houve trevas sobre toda a terra. Por volta da hora nona, clamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lamá sabactâni? O que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste? E alguns dos que ali estavam, ouvindo isto, diziam: Ele chama por Elias. E, logo, um deles correu a buscar uma esponja e, tendo-a embebido de vinagre e colocado na ponta de um caniço, deu-lhe a beber. Os outros, porém, diziam: Deixa, vejamos se Elias vem salvá-lo. E Jesus, clamando outra vez com grande voz, entregou o espírito. Eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes de alto a baixo; tremeu a terra, fenderam-se as rochas; abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram; e, saindo dos sepulcros depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos. O centurião e os que com ele guardavam a Jesus, vendo o terremoto e tudo o que se passava, ficaram possuídos de grande temor e disseram: Verdadeiramente este era Filho de Deus. Estavam ali muitas mulheres, observando de longe; eram as que vinham seguindo a Jesus desde a Galileia, para o servirem; entre elas estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mulher de Zebedeu. Caindo a tarde, veio um homem rico de Arimateia, chamado José, que era também discípulo de Jesus. Este foi ter com Pilatos e lhe pediu o corpo de Jesus. Então, Pilatos mandou que lho fosse entregue. E José, tomando o corpo, envolveu-o num pano limpo de linho e o depositou no seu túmulo novo, que fizera abrir na rocha; e, rolando uma grande pedra para a entrada do sepulcro, se retirou. Achavam-se ali, sentadas em frente da sepultura, Maria Madalena e a outra Maria. No dia seguinte, que é o dia depois da preparação, reuniram-se os principais sacerdotes e os fariseus e, dirigindo-se a Pilatos, disseram-lhe: Senhor, lembramo-nos de que aquele embusteiro, enquanto vivia, disse: Depois de três dias ressuscitarei. Ordena, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia, para não suceder que, vindo os discípulos, o roubem e depois digam ao povo: Ressuscitou dos mortos; e será o último embuste pior que o primeiro. Disse-lhes Pilatos: Aí tendes

uma escolta; ide e guardai o sepulcro como bem vos parecer. Indo eles, montaram guarda ao sepulcro, selando a pedra e deixando ali a escolta.

Os quatro evangelhos, conforme observamos no capítulo anterior, fornecem-nos um registro mais objetivo dos acontecimentos que envolveram a crucificação e morte de nosso Senhor Jesus Cristo. É especialmente nas epístolas – cartas do Novo Testamento escritas por apóstolos e seus companheiros – que encontramos explicações sobre o significado e a importância daqueles eventos, e estes homens só foram capazes de fornecer tais explicações por causa da inspiração do Espírito Santo. Assim sendo, uma pessoa qualquer que estivesse presente no Gólgota naquela primeira sexta-feira santa e visse a crucificação de Cristo não teria entendido que se tratava de um evento de suprema importância, de uma transação cósmica. O Homem na cruz estava oferecendo um sacrifício perfeito e definitivo, uma propiciação da ira de Deus, uma expiação pelos pecados de seu povo. Os ensinamentos dos apóstolos eram – e são – necessários à compreensão destas verdades.

No entanto, Mateus fornece alguns detalhes muito interessantes sobre aquele dia, os quais estão ausentes nos outros evangelhos sinóticos e oferecem, no mínimo, indícios do significado da morte de Jesus. Como veremos neste capítulo, esses acontecimentos impressionaram profundamente um grande número de pessoas na época, as quais têm muito a nos ensinar em nossa leitura destes registros 20 séculos depois.

A morte do Salvador

Primeiro, Mateus relata os detalhes dos momentos finais de Jesus. Ele escreve: **Desde a hora sexta até à hora nona, houve trevas sobre toda a terra** (v. 45). No auge do dia, entre meio-dia e 15h, houve trevas. A luminosidade não apenas diminuiu, como em um dia nublado; tudo ficou escuro como na mais profunda noite. Algumas pessoas especulam

que um eclipse solar aconteceu ao mesmo tempo da crucificação de Jesus. Pessoalmente, acredito que esta foi uma escuridão sobrenatural, um "eclipse divino" por assim dizer. Eu entendo que foi durante este período que Deus Pai imputou os pecados do povo ao seu Filho, e a imagem de Jesus levando todas essas iniquidades foi tão repugnante, que o Pai se afastou dele. Para pagar o pecado de seu povo, Jesus precisava ser amaldiçoado; e ser amaldiçoado significava ser enviado para as trevas, para fora do arraial, para fora da cidade santa. As trevas foram um sinal do juízo divino sobre o pecado que Jesus estava carregando, pois Deus é santo demais até mesmo para olhar em direção ao pecado. Aquele que viera ao mundo como encarnação da luz passou a ser, naquele momento, a encarnação das trevas.

Isso explica o que aconteceu em seguida. Mateus diz: **Por volta da hora nona, clamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lamá sabactâni? O que quer dizer: Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?** (v. 46). Estas são as únicas palavras de Jesus na cruz registradas por Mateus. Ele estava no final da vida e quase não tinha mais fôlego. Faltavam poucos momentos para sua morte. Seria de se esperar que qualquer coisa que ele dissesse neste ponto fosse murmurado ou sussurrado, mas não foi o que aconteceu. A fim de que todos conseguissem ouvir suas palavras, nosso Senhor usou o que lhe restava de forças em seu ser e clamou, com grande voz: "Eli, Eli, lamá sabactâni?", uma mistura de hebraico com aramaico que significa: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"

Por que ele disse isso? Alguns afirmam que Cristo estava citando o Salmo 22.1, onde esta declaração aparece, mas eu duvido. Outros alegam que ele estava se sentindo desamparado. Creio que isto é verdade, mas ele não estava simplesmente *se sentindo* desamparado; ele *estava* desamparado. Ele foi desamparado não por seus melhores amigos, não por sua mãe, não por seus irmãos, mas por seu Pai celeste. Deus o havia desamparado porque precisa desamparar o pecado. Se não tivesse

desamparado Jesus, teria de desamparar todos os seres humanos que não estão cobertos pelo sangue de Cristo. É somente por causa de seu desamparo que podemos ser recebidos em sua família. É somente por meio de sua rejeição que podemos ser adotados ao lar de Deus.

Segundo Mateus, alguns presentes não entenderam o que Jesus disse: **E alguns dos que ali estavam, ouvindo isto, diziam: Ele chama por Elias** (v. 47). Eles achavam que Cristo estava implorando pela ajuda de Elias, embora não haja qualquer razão bíblica para esperar que ele o fizesse. Assim que isso aconteceu, **um deles correu a buscar uma esponja e, tendo-a embebido de vinagre e colocado na ponta de um caniço, deu-lhe a beber. Os outros, porém, diziam: Deixa, vejamos se Elias vem salvá-lo** (v. 48-49). Ao que parece, pelo menos um dos espectadores sentiu certa compaixão de Jesus e ofereceu-lhe algo para beber – ou talvez simplesmente quisesse que ele continuasse falando. Outros, porém, o dissuadiam para ver se Elias de fato viria.

Enquanto esperavam, lemos: **E Jesus, clamando outra vez com grande voz […]** (v. 50a). Mateus não nos diz o que ele falou. Pode ser que tenha apenas emitido um brado gutural. Já Lucas relata que Jesus clamou as seguintes palavras: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito!" logo antes de morrer (23.46), e, segundo João, ele disse: "Está consumado!" no momento da morte (19.30). Mateus escreve simplesmente que Jesus **entregou o espírito** (v. 50b).

O que estava consumado? O desamparo. Se o tempo do desamparo não estivesse completo, entregar a alma nas mãos do Pai teria sido inútil para Jesus. Naquele ponto, entretanto, ele sabia que podia fazê-lo. A expiação terminara. Ele realizara a obra para a qual o Pai o havia enviado. A obra da redenção estava concluída. Portanto, Jesus entregou-se ao Pai e aguardou até a manhã de domingo.

Manifestações significativas

Mateus, em seguida, relata várias manifestações estranhas que ocorreram após a morte de Jesus. Ele escreve: **Eis que o véu do santuário se rasgou em duas partes de alto a baixo** (v. 51a). Esta versão da Bíblia menciona um "véu", mas Mateus referia-se a uma cortina pesada, espessa, que ficava no templo; não a um tecido fino e transparente. Esta era a cortina do Santo dos Santos, o lugar mais sagrado para o judaísmo, situado no interior do templo. Originalmente, a arca da aliança era guardada no Santo dos Santos do tabernáculo e do templo de Salomão, mas foi perdida mais ou menos na época da conquista de Jerusalém pela Babilônia. Só o sumo sacerdote podia entrar no Santo dos Santos – e apenas uma vez por ano, no Dia da Expiação. Depois de vários atos de purificação, ele levava o sangue do sacrifício oferecido para o Santo dos Santos e o aspergia sobre o propiciatório – a tampa da arca – que era considerado o trono de Deus. Este ritual fora estabelecido por ordem divina logo após o êxodo do Egito na época de Moisés e continuou sendo realizado anualmente durante 1.500 anos.

Evidentemente, a aspersão do sangue sacrificial de touros e bodes no propiciatório não tinha eficácia espiritual alguma. Este procedimento não era capaz de remover o pecado (Hb 10.4). O ritual tinha apenas o intuito de prefigurar a vinda daquele que ofereceria a si mesmo como sacrifício perfeito e definitivo, dando, ao seu povo, acesso à presença de Deus.

Quando o pecado entrou na criação pela primeira vez no jardim do Éden, Deus baniu a raça humana da comunhão com ele e colocou um anjo com uma espada flamejante na entrada do jardim para que as criaturas caídas não voltassem àquele lugar e à sua presença imediata (Gn 3.23-24). Assim, com o pecado, veio também a barreira que bloqueou o acesso direto do homem à presença de Deus. Esta barreira era simbolizada pela cortina pesada que encerrava a sala do trono do Deus santo.

Por fim, após 1.500 anos de sacrifícios simbólicos, aquilo que estava sendo simbolizado aconteceu literalmente na cruz, quando o Cordeiro de Deus foi oferecido de uma vez por todas como expiação pelos pecados do povo. Imediatamente após sua morte, Deus fez com que a cortina de 25 metros de altura, cuja função era separar o povo de sua presença, fosse rasgada – e, a fim de indicar que a ação tinha origem divina, ela foi rasgada de cima para baixo. Esta foi uma declaração simbólica de que a barreira havia sido removida. Portanto, quando vamos à igreja para adorar a Deus, não há cortina alguma separando-nos dele. Nós nos reunimos em sua presença todos os domingos e desfrutamos de comunhão pessoal. Jesus pôs fim à separação sacrificando a si mesmo.

Mateus acrescenta: **tremeu a terra, fenderam-se as rochas** (v. 51b). Assim como houve trevas na terra enquanto Jesus estava pendurado na cruz (v. 45), outro fenômeno natural aconteceu no momento de sua morte: um terremoto que fendeu as rochas. Terremotos não são incomuns na Palestina, mas o momento da ocorrência revela que sua origem foi sobrenatural.

Por último, Mateus relata um episódio ainda mais estranho: **abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos, que dormiam, ressuscitaram; e, saindo dos sepulcros depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos** (v. 52-53). Mateus é o único evangelista a fornecer este detalhe, e esta é a única menção dele em todo o Novo Testamento – razão pela qual alguns céticos o descartam como mera mitologia. Porém, estamos lidando aqui com a Palavra de Deus e devemos considerar este relato como factual e verdadeiro. Assim sendo, como devemos entender isso?

Os judeus não enterravam pessoas na terra. Eles as enterravam em túmulos geralmente escavados nas rochas, semelhantes àquele em que Jesus foi sepultado. Talvez como consequência do terremoto, muitos túmulos localizados nos arredores de Jerusalém tenham sido abertos,

ocasionando a exposição dos corpos. No entanto, os túmulos foram abertos não só na sexta-feira santa; no domingo, com a ressurreição de Jesus, vários mortos ressuscitaram e dirigiram-se a Jerusalém, onde foram vistos por muitas pessoas.

Não sabemos se esta ressurreição foi como a de Jesus (e como aquela que vivenciaremos na ressurreição final), o qual recebeu um corpo glorificado, ou se foi mais parecida com a ressurreição de Lázaro, o qual recebeu uma prolongação da vida neste planeta e, mais tarde, morreu de novo para aguardar a ressurreição final. Seja como for, por que Deus fez isso?

Uma das obras clássicas da teologia cristã chama-se *The Death of Death in the Death of Christ*, escrita pelo puritano John Owen. O título expressa a verdade bíblica de que uma das dimensões da morte expiatória de Cristo foi a conquista do último inimigo: a morte propriamente dita (1Co 15.21,26; 2Tm 1.10; Hb 2.14). Em sua morte, Jesus removeu o aguilhão do túmulo, de modo que a morte agora não é o castigo pelo pecado, mas a transição para uma dimensão melhor.

O apóstolo Paulo escreveu que estava dividido entre duas coisas: permanecer com seus entes queridos para o bem deles ou partir e estar com Cristo, o que, em sua opinião, era muito melhor (Fp 1.23-24). Eu não acho que a igreja realmente compreendeu isso. Nós nos agarramos à vida neste planeta como se não houvesse nada além dela. No entanto, a mensagem do evangelho é que Jesus ressuscitou e venceu este inimigo; graças a isso, a morte é uma mera transição, e nós temos uma continuidade da existência pessoal, uma continuidade da consciência. Quando morremos, nós não dormimos. Nosso espírito vai imediatamente para a presença de Cristo, cuja existência é muito melhor do que aquilo que temos neste mundo (Lc 23.43; 2Co 5.8).

Neste incidente, vemos como se fosse um penhor, um sinal, uma promessa de que, na morte e ressurreição de Cristo, a morte foi

derrotada. As sepulturas foram abertas, e as pessoas saíram vivas. Esta é a mensagem da fé cristã.

Tais episódios não passaram despercebidos, e Mateus relata: **O centurião e os que com ele guardavam a Jesus, vendo o terremoto e tudo o que se passava, ficaram possuídos de grande temor e disseram: Verdadeiramente este era Filho de Deus** (v. 54). O centurião e os soldados romanos que crucificaram Jesus perceberam o que aconteceu. Eles o haviam ridicularizado em sua condenação e, depois, procedido com a execução. Aquilo tudo estava sendo apenas mais uma pena de morte para eles – até o momento em que Jesus morreu. Quando a cortina se rasgou, a terra tremeu e as sepulturas foram abertas, o centurião e seus homens foram tomados de pavor. Eu me atreveria a estimar que eles já haviam testemunhado centenas de crucificações antes, mas nunca tinham visto a morte de um prisioneiro ocasionar tais manifestações. Aquelas coisas os fizeram declarar: "Verdadeiramente este era Filho de Deus". Jesus fora rejeitado pelo seu próprio povo, mas um pagão romano observou a forma como ele morreu e fez uma profissão de fé sobre a personalidade e a natureza do crucificado.

Mateus observa também que um bom número de pessoas reparou nas manifestações: **Estavam ali muitas mulheres, observando de longe; eram as que vinham seguindo a Jesus desde a Galileia, para o servirem; entre elas estavam Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, e a mulher de Zebedeu** (v. 55-56). Estas mulheres estavam presentes na crucificação e viram tudo o que aconteceu.

O princípio da exaltação

Conforme estudamos a vida de Cristo, observamos uma gradação que vai desde a exaltação até a humilhação. Há uma espiral descendente que atinge, na cruz, o ápice da vergonha, do sofrimento, do tormento e da humilhação. Porém, depois disso, há uma exaltação novamente. Eu

costumava perguntar aos meus alunos no seminário: "Onde foi a transição entre a humilhação e a exaltação no ministério de Jesus?" Todos eles davam a mesma resposta: na ressurreição. Na realidade, entretanto, a mudança de humilhação para exaltação começou no sepultamento de Jesus.

Este sepultamento foi predito na profecia do Antigo Testamento sobre o Servo sofredor, em Isaías 53. O profeta escreveu:

> Ele foi oprimido e humilhado,
> mas não abriu a boca;
> como cordeiro foi levado ao matadouro;
> e, como ovelha muda perante os seus tosquiadores,
> ele não abriu a boca.
> Por juízo opressor foi arrebatado,
> e de sua linhagem, quem dela cogitou?
> Porquanto foi cortado da terra dos viventes;
> por causa da transgressão do meu povo, foi ele ferido.
> Designaram-lhe a sepultura com os perversos,
> mas com o rico esteve na sua morte,
> posto que nunca fez injustiça,
> nem dolo algum se achou em sua boca (v. 7-9).

Segundo esta profecia, o fato de a sepultura do Servo sofredor estar em meio aos ricos é um indício da sua vindicação. Esta foi uma honra concedida a ele, pois o Senhor jamais cometeu violência alguma. Normalmente, os corpos dos criminosos executados sob a lei romana em Jerusalém eram arrastados e lançados no lixão da cidade sem qualquer cerimônia. Isto fazia parte da desonra da execução por crucificação. Todavia, de acordo com a profecia, Jesus foi poupado desta ignomínia, sendo sepultado "com o rico".

Mateus escreve: **Caindo a tarde, veio um homem rico de Arimateia, chamado José, que era também discípulo de Jesus. Este foi ter com Pilatos e lhe pediu o corpo de Jesus. Então, Pilatos mandou que lho fosse entregue. E José, tomando o corpo, envolveu-o num pano limpo de linho e o depositou**

no seu túmulo novo, que fizera abrir na rocha; e, rolando uma grande pedra para a entrada do sepulcro, se retirou. Achavam-se ali, sentadas em frente da sepultura, Maria Madalena e a outra Maria (v. 57-61).

José de Arimateia não era apenas um homem rico; era um "senador honrado" (Mc 15.43 ARC), provavelmente membro do Sinédrio, o órgão dirigente dos judeus. Além disso, ele era discípulo de Jesus, embora o ocultasse por medo dos outros líderes judeus (Jo 19.38). Sua riqueza e posição davam-lhe acesso ao governador, e ele fez uso deste privilégio para pedir o corpo de Jesus a Pilatos, o qual atendeu ao seu pedido. José, então, envolveu o corpo do Senhor em um tecido limpo de linho e deitou-o em no sepulcro que possuía, recentemente escavado na rocha de um jardim próximo (Jo 19.41). Maria Madalena e "a outra Maria" (possivelmente mãe de Jesus) observaram seu sepultamento após terem seguido o corpo desde o local da crucificação.

Jesus foi sepultado em grande estilo, no túmulo particular de um dos homens mais ricos da cidade. Alguns acreditam que o sepultamento foi registrado nos evangelhos apenas para que as pessoas entendessem que Cristo estava realmente morto. Este pode até ter sido um dos motivos, mas eu acho que a verdadeira razão tem a ver com o início de sua exaltação. Na cruz, ao final do tormento de ser desamparado pelo Pai, ele disse: "Está consumado!" (Jo 19.30). Jesus concluíra a obra e pagara o preço. A humilhação havia terminado. A partir daquele momento, Deus estava determinado que seu único Filho deveria ser exaltado para todo o sempre.

Por fim, Mateus relata mais um acontecimento breve, porém significativo: **No dia seguinte, que é o dia depois da preparação, reuniram-se os principais sacerdotes e os fariseus e, dirigindo-se a Pilatos, disseram-lhe: Senhor, lembramo-nos de que aquele embusteiro, enquanto vivia, disse: Depois de três dias ressuscitarei. Ordena, pois, que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia, para não suceder que, vindo os**

discípulos, o roubem e depois digam ao povo: Ressuscitou dos mortos; e será o último embuste pior que o primeiro. Disse-lhes Pilatos: Aí tendes uma escolta; ide e guardai o sepulcro como bem vos parecer. Indo eles, montaram guarda ao sepulcro, selando a pedra e deixando ali a escolta (v. 62-66).

Os sacerdotes e fariseus queriam se certificar de que os discípulos não teriam qualquer oportunidade de alegar que Jesus ressuscitara. Ele havia afirmado que voltaria à vida em três dias, e eles sabiam disso. Logo, se mantivessem o corpo trancado no túmulo durante esse período, poderiam refutar qualquer alegação de que Cristo havia ressuscitado. Por este motivo, aqueles homens pediram a Pilatos que posicionasse guardas no túmulo até o terceiro dia. O governador concordou, e as autoridades judaicas juntamente com os soldados romanos inspecionaram a pedra que fechava a entrada do sepulcro, selaram-no e ficaram de guarda. Eles acreditavam estar preparados para qualquer possibilidade; no entanto, estavam lidando com um poder irrefreável.

A RESSURREIÇÃO

Mateus 28.1-15



No findar do sábado, ao entrar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro. E eis que houve um grande terremoto; porque um anjo do Senhor desceu do céu, chegou-se, removeu a pedra e assentou-se sobre ela. O seu aspecto era como um relâmpago, e a sua veste, alva como a neve. E os guardas tremeram espavoridos e ficaram como se estivessem mortos. Mas o anjo, dirigindo-se às mulheres, disse: Não temais; porque sei que buscais Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui; ressuscitou, como tinha dito. Vinde ver onde ele jazia. Ide, pois, depressa e dizei aos seus discípulos que ele ressuscitou dos mortos e vai adiante de vós para a Galileia; ali o vereis. É como vos digo! E, retirando-se elas apressadamente do sepulcro, tomadas de medo e grande alegria, correram a anunciá-lo aos discípulos. E eis que Jesus veio ao encontro delas e disse: Salve! E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés e o adoraram. Então, Jesus lhes disse: Não temais! Ide avisar a meus irmãos que se dirijam à Galileia e lá me verão. E, indo elas, eis que alguns da guarda foram à cidade e contaram aos principais sacerdotes tudo o que sucedera. Reunindo-se eles em conselho com os anciãos, deram grande soma de dinheiro aos soldados, recomendando-lhes que dissessem: Vieram de noite os discípulos dele e o roubaram enquanto dormíamos. Caso isto chegue ao conhecimento do governador, nós o persuadiremos e vos poremos em segurança. Eles, recebendo o dinheiro, fizeram como estavam instruídos. Esta versão divulgou-se entre os judeus até ao dia de hoje.

No início de 2011, eu acompanhei, com atenção especial, a cobertura televisiva de uma série de manifestações e revoltas no Cairo, Egito. Observei como a multidão ficou completamente chocada e desanimada ao saber que seus desejos não seriam realizados, mas, depois, foi tomada por uma alegria delirante quando o presidente do Egito resignou e deixou o Cairo. Também foi interessante ouvir os comentaristas e especialistas refletindo sobre o significado daqueles

eventos. Enquanto ponderavam sobre o que estava acontecendo e conjecturavam sobre as consequências daquilo, um deles falou: — O que estamos vendo aqui é o progresso da história. As consequências desta revolução podem repercutir não só no Oriente Médio, mas em todo o mundo, visto que cada vez mais pessoas que vivem sob a opressão de ditadores se inspirarão neste exemplo e iniciarão seus próprios movimentos para expulsar aqueles que as oprimem.

As opiniões confiantes daqueles comentaristas me fizeram pensar na ressurreição de Jesus por um momento. *Aquilo*, sim, foi um divisor de águas na história, pois a ressurreição foi impactante não apenas por uma semana, um ano ou uma geração, mas por toda a história humana. A ressurreição de Cristo é celebrada não só anualmente no domingo de Páscoa, mas todos os dias do Senhor, todos os domingos. O que mais poderia ter convencido a igreja primitiva a alterar o dia de culto público do sétimo dia da semana para o primeiro dia da semana salvo um acontecimento tão importante quanto o retorno de Jesus dentre os mortos? Tudo o que havia sido celebrado e anunciado aos sábados durante milênios foi cumprido de forma significativa no primeiro dia da semana. Todas as promessas de Deus quanto ao repouso de seu povo foram validadas e confirmadas com a ressurreição do Messias. Não há como superestimar a importância e o significado deste evento para nós. Trata-se de algo em que precisamos pensar o tempo todo.

Eu fico irritado quando as pessoas querem unir todas as religiões do mundo, conferindo-lhes a mesma validade e veracidade. Nos Estados Unidos, todas as religiões desfrutam de proteção legal, mas isso não significa que a validade ou veracidade delas seja a mesma. Portanto, fico ofendido quando o nome de Maomé, Confúcio, Buda ou o de qualquer outro fundador de religiões mundiais é mencionado junto com o nome de Jesus. Disto sei: Maomé morreu e continua morto. Confúcio também. Buda, por mais esclarecido que tenha sido, morreu e ainda está morto.

Nenhum destes outros líderes providenciou expiação para os pecados daqueles que depositam sua confiança neles. Todos estão mortos, exceto Um, o Senhor Jesus Cristo, o único que fez expiação pelos nossos pecados e foi ressuscitado para nossa justificação.

Chegamos, então, à passagem no evangelho de Mateus onde está registrada a ressurreição de Jesus. Este relato é breve, bem como tantos outros relatos de Mateus, mas é intenso em sua simplicidade.

Medo e grande alegria

Mateus diz: **No findar do sábado, ao entrar o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o sepulcro** (v. 1). Os demais evangelistas dizem que as mulheres foram ao sepulcro com aromas para ungir o corpo de Jesus (veja Mc 16.1). Após sua morte e sepultamento, o dia já se aproximava do pôr do sol e do início do sábado judaico. José de Arimateia fez tudo o que pôde para que Jesus recebesse um funeral adequado, mas uma unção completa do corpo não seria possível sob a lei judaica. Aquelas mulheres queriam demonstrar honra e devoção a Jesus preparando seu corpo para o sepultamento e, por isso, foram ao túmulo na primeira oportunidade que tiveram: assim que o dia raiou no domingo pela manhã.

Marcos registra que, enquanto se aproximavam do túmulo, as mulheres conversavam entre si acerca de um problema que poderiam enfrentar: "Quem nos removerá a pedra da entrada do túmulo?" (16.3). Elas não sabiam se conseguiriam ter acesso ao corpo, mas estavam certas de que encontrariam alguém para mover a pesada pedra de entrada. Assim sendo, dirigiram-se ao sepulcro.

A fé delas foi recompensada, mas de uma maneira que nunca imaginariam: **E eis que houve um grande terremoto; porque um anjo do Senhor desceu do céu, chegou-se, removeu a pedra e assentou-se sobre ela** (v. 2). Como vimos no capítulo anterior, houve um terremoto no

momento da morte de Jesus (27.51). Aqui, outro terremoto ocorreu quando um anjo removeu a pedra e abriu o túmulo de Jesus. É interessante notar que Mateus e Marcos mencionam um único anjo, mas Lucas e João mencionam dois. Não precisamos ficar incomodados com esta aparente contradição. Se havia dois anjos, certamente havia um; além disso, o fato de dois evangelistas terem decidido relatar ações e palavras de apenas um dos anjos não significa que ele era o único anjo presente.

Após remover a pedra para abrir o túmulo, o anjo sentou-se sobre ela. Mateus descreve-o da seguinte forma: **O seu aspecto era como um relâmpago, e a sua veste, alva como a neve** (v. 3). A característica distintiva deste ser celestial era o brilho; seu rosto era tão brilhante como um relâmpago, e sua veste era alva como a neve, tal como convém a um anjo com acesso à presença de Deus. Não admira que sua aparência tenha surpreendido os soldados que vigiavam o túmulo. Eles não estavam dormindo. Estavam de plantão, preparados para expulsar qualquer um que ousasse se aproximar com o intuito de roubar o corpo de Jesus. Eles estavam armados e prontos para qualquer coisa – exceto um anjo vindo do céu. Por esta razão, Mateus escreve: **E os guardas tremeram espavoridos e ficaram como se estivessem mortos** (v. 4). Eles simplesmente desmaiaram de medo quando viram aquela figura resplandecente.

As mulheres, não. Elas suportaram a visão do anjo sem desmaiar, embora estivessem muito temerosas. Mateus diz: **Mas o anjo, respondendo, disse às mulheres: Não tenhais medo; pois eu sei que buscai a Jesus, que foi crucificado** (v. 5 ARC). Perceba que, segundo o evangelista, o anjo lhes *respondeu*. Elas devem ter dito algo. Talvez perguntaram: "Quem é você? Vai fazer conosco o mesmo que fez com os guardas?" Em sua resposta, o anjo tranquilizou a mulheres. Ele disse que não havia motivo algum para temerem, pois sabia que elas haviam ido até o túmulo

para procurar Jesus, e não para manter as pessoas longe dele, como os guardas.

Em seguida, o anjo deu uma notícia surpreendente e maravilhosa para as mulheres: **ele não está aqui; já foi ressuscitado, como tinha dito. Venham ver o lugar onde ele foi posto** (v. 6 NTLH). A viagem até o túmulo para ungir o corpo de Jesus havia sido infrutífera, pois ele não estava lá. Porém, sua ausência não era fruto de um roubo. Ele não estava no túmulo simplesmente porque o lugar de homens vivos não é no túmulo. Jesus havia ressuscitado, embora o verbo aqui esteja na voz passiva – o que significa que isso aconteceu não por seu próprio poder, mas que ele foi ressuscitado por alguém. Jesus foi ressuscitado pelo Espírito Santo sob a autoridade do Pai.

A fim de convencer as mulheres de que Jesus estava vivo novamente, o anjo convidou-as para ver o local onde seu corpo havia sido posto. Elas sabiam como ele tinha sido preparado, pois viram José de Arimateia colocando-o ali (27.61). Então, contemplaram o túmulo vazio, provavelmente repletas de admiração e alegria crescentes.

Neste ponto, permita-me fazer uma pausa para dizer que nossa fé não é baseada em um túmulo vazio. Poderia haver mil razões para o túmulo estar vazio, e a maioria delas nada ter a ver com ressurreição ou qualquer fator sobrenatural. Nossa fé é baseada nas aparições de Jesus após a ressurreição, no testemunho de centenas de pessoas que o viram em seu estado ressurreto. O túmulo vazio é um símbolo poderoso e significativo da vitória de Jesus sobre a sepultura, mas só recebe este poder e significado porque Cristo foi visto vivo.

Depois que as mulheres contemplaram o sepulcro, o anjo deu-lhes uma ordem: **Ide, pois, depressa e dizei aos seus discípulos que ele ressuscitou dos mortos e vai adiante de vós para a Galileia; ali o vereis. É como vos digo!** (v. 7). O anjo encarregou as mulheres de anunciar a ressurreição para os onze discípulos, os quais estavam escondidos com

medo de serem presos também (veja Jo 20.19). Eles deveriam ir à Galileia, o foco de grande parte do ministério de Jesus, onde o anjo prometeu que o veriam.

As mulheres obedeceram sem hesitação: **E, retirando-se elas apressadamente do sepulcro, tomadas de medo e grande alegria, correram a anunciá-lo aos discípulos** (v. 8). Eis uma interessante combinação de emoções: medo e grande alegria. Elas não sabiam se riam ou choravam. Queriam, ao mesmo tempo, tremer e pular de felicidade. Foi assustador ver um anjo, mas emocionante ouvir um anúncio daquele. Nada poderia alegrá-las mais do que saber que seu amado Senhor estava vivo novamente, não morto como o haviam visto. Tal notícia não tinha como ser contida, então elas se apressaram a contá-la aos discípulos.

Motivo para regozijo

Em pouco tempo, a alegria ficou ainda maior. Mateus escreve: **E eis que Jesus veio ao encontro delas e disse: Salve!** (v. 9a). Jesus disse uma única palavra. Se ele alguma vez proferiu uma palavra que não precisava ser proferida, foi esta. Ele não as cumprimentou formalmente. Não falou: "Sou eu" nem disse palavras que o identificassem, pois, ao que parece, elas o reconheceram. Cristo disse apenas: "Salve!", e eu imagino que, naquele momento, a alegria tenha tomado conta completamente do coração das mulheres, fazendo com que elas esquecessem todo o medo que sentiam.

Por que Jesus disse: "Salve!"? Ele havia vencido a morte. Ele tinha conquistado o grande e último inimigo que assusta a todos nós. Não importa o que aconteça neste mundo, não importa a dor e o sofrimento que nos sobrevenha, estas coisas não são dignas de serem comparadas à alegria que está diante do povo de Deus (Rm 8.18) porque ele vive. Deus o ressuscitou dentre os mortos não só para vindicá-lo, mas para torná-lo o primogênito de muitos irmãos (Rm 8.29). Ele foi ressuscitado por nós

com a promessa de que, se crermos nele, também seremos ressuscitados. Os cristãos têm motivo para extremo regozijo (2Co 7.4,13).

Repare no que as mulheres fizeram: **E elas, aproximando-se, abraçaram-lhe os pés e o adoraram** (v. 9b). Seus pés estavam no chão. Logo, para abraçá-los, elas tiveram de se abaixar. Elas se prostraram no chão e abraçaram os pés do Senhor. Este era o tipo de coisa que as pessoas da antiguidade faziam apenas com reis. As mulheres, entretanto, foram além. Elas o reconheceram primeiro como Rei e, depois, como Deus. Elas sabiam que, embora grandes honras fossem devidas aos reis, eles nunca deveriam ser adorados. Mesmo o maior rei do mundo é uma mera criatura, e adorá-lo seria um ato de idolatria. Contudo, as mulheres não refrearam sua adoração. Elas reconheceram Jesus como seu Deus.

Mateus, em seguida, diz: **Então, Jesus lhes disse: Não temais! Ide avisar a meus irmãos que se dirijam à Galileia e lá me verão** (v. 10). Jesus encorajou as mulheres a não ter medo – mais uma vez, posso apenas imaginar como esta exortação foi extremamente desnecessária – e depois repetiu a ordem dada pelos anjos, de pedir aos discípulos que fossem à Galileia, onde o veriam. Assim, elas o deixaram e foram correndo contar aos discípulos as novas maravilhosas e gloriosas de que seu Senhor e Salvador estava vivo novamente.

Mateus acrescenta uma observação ao relato a fim de explicar o que aconteceu com os guardas desmaiados no túmulo, esclarecendo uma das principais mentiras sobre a ressurreição. Ele escreve: **E, indo elas, eis que alguns da guarda foram à cidade e contaram aos principais sacerdotes tudo o que sucedera. Reunindo-se eles em conselho com os anciãos, deram grande soma de dinheiro aos soldados, recomendando-lhes que dissessem: Vieram de noite os discípulos dele e o roubaram enquanto dormíamos. Caso isto chegue ao conhecimento do governador, nós o persuadiremos e vos poremos em segurança. Eles, recebendo o dinheiro, fizeram como estavam**

instruídos. Esta versão divulgou-se entre os judeus até ao dia de hoje (v. 11-15).

Ao que tudo indica, após terem desmaiado diante da visão do anjo, os guardas recobraram os sentidos enquanto as mulheres se dirigiam aos discípulos. Eles constataram que o túmulo estava vazio, então nada havia a fazer exceto relatar a situação aos sacerdotes. Quando os guardas narraram o ocorrido, os sacerdotes e anciãos subornaram-nos para que espalhassem uma falsa história, segundo a qual eles teriam dormido em serviço no túmulo e os discípulos teriam roubado o corpo de Jesus durante a noite. O problema era que dormir em vigília representava um grave abandono de serviço, pelo qual os soldados poderiam ser mortos. A fim de deixá-los despreocupados quanto a esta possibilidade, os sacerdotes e anciãos prometeram atenuar a situação caso a história chegasse aos ouvidos do governador. Deste modo, os guardas aceitaram o suborno e difundiram a mentira. De acordo com Mateus, ela ainda era divulgada na época em que ele escreveu seu evangelho, anos depois.

Na realidade, esta história é repetida até hoje. Contudo, a ideia de que os discípulos roubaram o corpo de Jesus e proclamaram que ele estava vivo é plausível apenas se a evidência da ressurreição consistir em nada mais do que um túmulo vazio. Os líderes religiosos judeus não tinham dinheiro suficiente para encobrir o fato de que Jesus havia ressuscitado. Além disso, não puderam evitar que ele aparecesse para centenas de seguidores, muitos dos quais estavam dispostos a morrer em seu nome. A história da ressurreição não é uma mentira, mas a verdade – e também motivo de imensa alegria para aqueles que amam o Cristo ressurreto.

A GRANDE COMISSÃO

Mateus 28.16-20



Seguiram os onze discípulos para a Galileia, para o monte que Jesus lhes designara. E, quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram. Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século.

Chegamos aos últimos versículos do Evangelho de Mateus, e aqui, em certo sentido, o livro fecha um ciclo. Mateus começou apresentando uma genealogia de Jesus, mas, ao contrário de Lucas, que traça a ascendência de Jesus até Adão (Lc 3.23-38), Mateus registra-a até Abraão (1.1-17). Conforme já vimos, ele estava escrevendo para os judeus e, visto que estas questões lhes eram muito importantes, o evangelista preocupou-se muito com as origens e credenciais genealógicas de Jesus. Logo, era perfeitamente natural que traçasse a ascendência de Jesus até Abraão, o pai da nação judaica, o qual Deus chamou de uma terra pagã e com quem fez uma aliança, cumprida na vinda de Cristo.

Considere novamente a grande promessa que Deus fez a Abraão:

> Ora, disse o SENHOR a Abrão:
> Sai da tua terra,
> da tua parentela
> e da casa de teu pai
> e vai para a terra que te mostrarei;
> de ti farei uma grande nação,

e te abençoarei,
e te engrandecerei o nome.
Sê tu uma bênção!
Abençoarei os que te abençoarem
e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem;
em ti serão benditas todas as famílias da terra (Gn 12.1-3).

Nesta promessa, Deus disse que abençoaria Abraão e todos os que o abençoassem. Contudo, observe que ele também falou que Abraão seria "uma bênção" e que nele seriam "benditas todas as famílias da terra". Deus estava dizendo que faria de Abraão uma nação e que, por meio dela, o mundo inteiro seria abençoado.

O relato de Mateus sobre a vida e o ministério de Jesus revela que o Senhor passou quase a vida inteira em um raio de aproximadamente 160 quilômetros do lugar onde nasceu. Exceto por um período em que foi levado ao Egito quando criança para fugir da ira do rei Herodes (2.13-15) e alguns dias em que cruzou a fronteira ao norte de Israel (15.21), ele nunca saiu daquele minúsculo país – que não é maior do que o estado norte-americano de Maryland. Seu foco foi muito limitado, voltado principalmente aos judeus. Onde, então, estava a bênção universal prometida a Abraão?

Jesus não levou o evangelho a todas as nações do mundo pessoalmente. Ele deixou esta tarefa para sua noiva, a igreja. Constatamos isto no trecho que está diante de nós neste capítulo, bem como no relato paralelo de Atos 1.4-8. Pouco antes de Jesus ascender ao céu, os discípulos perguntaram: "Senhor, será este o tempo em que restaures o reino a Israel?" (v. 6b). Eu não me surpreenderia se Jesus tivesse ficado frustrado e respondido: "Quantas vezes tenho de dizer que eu não vou fazer isso?" Porém, ele não respondeu assim. Ele simplesmente falou: "Não vos compete conhecer tempos ou épocas que o Pai reservou pela sua exclusiva autoridade" (v. 7). Em outras palavras, os discípulos estavam perguntando algo que não era da conta deles.

O Senhor, então, passou a explicar a tarefa com a qual eles precisavam de fato se preocupar: “mas recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra” (v. 8).

Este era o projeto da construção de sua Igreja, o plano da propagação do evangelho. Observe como ele parte de Jerusalém. Os discípulos deveriam aguardar em Jerusalém até que o Espírito Santo descesse sobre eles. Depois, começariam a pregar ali mesmo. Em seguida, sairiam por toda a Judeia. Dali, deveriam prosseguir, indo até mesmo a Samaria, região de etnia mista tão desprezada pelos judeus. Como se não bastasse, a Samaria não seria o limite dos discípulos: eles teriam de ir até aos confins da terra. Deveriam pregar por toda parte.

O livro de Atos mostra que os discípulos seguiram esta ordem. Eles começaram em Jerusalém no dia de Pentecostes. Então, saíram para a Judeia. Depois, levaram as boas novas para os samaritanos. Em seguida, o apóstolo Paulo iniciou sua luta para levar o evangelho a todo o mundo mediterrâneo: Ásia Menor, Grécia, Roma e além. Com isso, a promessa que Deus fizera a Abraão começou a ser cumprida – e ainda está sendo cumprida hoje conforme a igreja dá prosseguimento à sua missão.

Apóstolo supremo

Partindo desse contexto, vejamos agora o relato de Mateus sobre a última interação de Jesus com seus discípulos. Ele escreve: **Seguiram os onze discípulos para a Galileia, para o monte que Jesus lhes designara** (v. 16). Mateus não especifica o monte que Jesus designou nem quando ele o designou. Tudo o que sabemos é que Jesus mandou os discípulos irem para a Galileia (v. 7,10), mas ele, sem dúvida, especificou o local bem antes de morrer ou em uma conversa após a ressurreição que não foi registrada para nós. Os discípulos fizeram aquilo que haviam sido instruídos a fazer, dirigindo-se ao norte para encontrá-lo no monte.

Mateus prossegue, dizendo: **E, quando o viram, o adoraram; mas alguns duvidaram** (v. 17). O fato de que eles o adoraram é muito importante. Eles não apenas o cumprimentaram e ouviram. Assim como as mulheres que o haviam procurado no túmulo, eles o adoraram. A divindade de Cristo não é uma doutrina inventada no quarto século no Concílio de Niceia. Ela está claramente estabelecida no Novo Testamento, e o comportamento de seus seguidores confirma sua propriedade. Se Jesus não fosse Deus encarnado, este ato de adoração teria sido o epítome da idolatria. Os discípulos estariam adorando a criatura em vez do Criador. No entanto, eles prontamente o adoraram, e Jesus recebeu esta adoração sem repreendê-los.

Perceba, entretanto, o que Mateus acrescenta: "alguns duvidaram". Outras traduções dizem: "alguns hesitaram". Os estudiosos debatem se foi alguns dos 11 que duvidaram ou se outros estavam presentes na reunião e tiveram dúvidas. Sabemos que, certa vez, Jesus já ressurreto apareceu para mais de 500 pessoas de uma só vez (1Co 15.6), mas não podemos ter certeza de que esta foi a mesma ocasião. Seja como for, houve uma hesitação inicial por parte de algumas pessoas presentes no grupo dos discípulos, muito embora o estivessem vendo com os próprios olhos. Esta dúvida lembra o ceticismo de Tomé, que disse: "Se eu não vir nas suas mãos o sinal dos cravos, e ali não puser o dedo, e não puser a mão no seu lado, de modo algum acreditarei" (Jo 20.25b).

Você sente alguma hesitação em aceitar Jesus como Deus? Você fica balançado, esperando que ele seja o Filho de Deus, mas sem ter certeza disso? Há um ditado antigo em nossa cultura, um provérbio, que certamente se aplica a este caso: "Quem hesita está perdido". Jesus veio a um povo que estava perdido. Ele vem a nós quando estamos perdidos e, quando ele vem, não é hora de hesitarmos. É hora de nos prostrarmos e aceitá-lo como Senhor e Deus. Foi isso o que Tomé fez. Sua hesitação sumiu quando Cristo apareceu. Ele exclamou: "Senhor meu e Deus

meu!" (v. 28). Ele imediatamente começou a adorar Jesus, e eu o encorajo a fazer o mesmo.

Mateus, em seguida, diz: **Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra** (v. 18). Jesus afirmou ser o supremo Apóstolo da fé cristã.

No seminário, eu costumava perguntar aos meus alunos: — Quem foi o maior apóstolo do Novo Testamento? Eles começavam a debater, sugerindo Pedro, Paulo ou outros, então eu interferia: — Não, não, não. Pedro, Paulo, João e todos os outros não são dignos de ser mencionados junto com o supremo Apóstolo do Novo Testamento.

A palavra grega *apostolos*, da qual deriva nossa palavra *apóstolo*, significa "aquele que é enviado". Um apóstolo é um enviado do rei que recebe autoridade real para falar em seu nome. Logo, o Apóstolo supremo do Novo Testamento é Jesus, a quem o Pai deu toda a autoridade no céu e na terra. Não há limite para a autoridade de Jesus como Senhor. Ele, por sua vez, disse aos discípulos: "Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio" (Jo 20.21b). Os discípulos tornaram-se apóstolos do Apóstolo supremo.

Temos de compreender que, quando falamos da grande comissão, não estamos falando de uma grande sugestão. Tampouco de uma grande ideia ou de um ensaio sobre o destino manifesto. Estamos falando de uma ordem do Rei dos reis, o qual possui toda a autoridade no céu e na terra. Nós afirmamos que Jesus é o Senhor da Igreja e que acreditamos nele. Isto significa que temos de obedecer a este mandamento que ele nos deu.

A grande comissão

Segundo Mateus, Jesus disse aos discípulos: **Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho**

ordenado (v. 19-20a). Há quatro imperativos nesta comissão: (1) ir, (2) fazer discípulos, (3) batizar e (4) ensinar.

Nos registros dos evangelhos, vemos Jesus chamando pessoas em alguns momentos. Em um de seus convites mais conhecidos, ele disse: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei" (Mt 11.28). Ele chamava as pessoas a fim de que encontrassem descanso, vida, provisão, conforto e ajuda de qualquer espécie. Porém, vemos também que, quando iam até ele, o Senhor muitas vezes as despedia com uma missão. Assim foi com os discípulos. Ele ordenou que saíssem por aí. A primeira ordem da grande comissão é "ir".

No início de 2010, um terremoto devastador atingiu as proximidades de Porto Príncipe, no Haiti. Um conhecido falou-me a respeito de um médico que estava reunindo uma equipe com o objetivo de dar assistência aos haitianos gravemente feridos ou à beira da morte. Eu apresentei a situação à minha igreja, a Saint Andrew's, e, em uma única manhã de domingo, arrecadamos mais de 10.000 dólares para aquela missão de socorro no Haiti. Recentemente, conversei com o médico, e ele falou: — Sproul, eu voltei ao Haiti na semana passada e encontrei muitas pessoas que eu achava que não conseguiriam sobreviver. Então ele me mostrou fotos de alguns indivíduos com quem havia trabalhado e começou a me contar sobre eles. Enquanto falava, entretanto, começou a chorar. Ele disse: — Eu não consigo acreditar no que Deus fez ali, e sua igreja foi uma parte importantíssima dessa obra. Este é o tipo de coisa que acontece quando decidimos ir.

Contudo, não devemos apenas ir; devemos fazer discípulos. Constatei que é relativamente fácil arrecadar fundos para sustentar missões focadas no evangelismo. As pessoas enxergam a importância de converter outras a Cristo. Da mesma forma, é fácil arrecadar dinheiro para ajudar crianças famintas ou outros tipos de ministério de misericórdia, pois necessidades assim são bem evidentes. Porém, nunca é fácil arrecadar

dinheiro para missões que envolvem educação cristã. As pessoas não acham que educação cristã é tão importante. No entanto, quando um indivíduo se converte, seja com 10, 50 ou 90 anos de idade, ele é espiritualmente um recém-nascido. Precisa ser alimentado no aspecto espiritual e receber amadurecimento na fé.

Eu me lembro de ler uma biografia de Billy Graham na qual ele comenta que, com frequência, ficava acordado à noite pensando nas pessoas que tomaram uma decisão a favor de Cristo em suas reuniões. Ele se perguntava se havia alguém acompanhando-as, ensinando e ajudando a se firmar na fé. Fico feliz por ele ter esta preocupação, pois é uma preocupação bíblica. A grande comissão nos chama a ser mais do que instrumentos para a conversão de pessoas. Ela nos chama a ensiná-las, a firmá-las, a ajudá-las a crescer em conformidade com Cristo. Esta é a nossa missão.

Jesus também comissionou sua igreja a batizar. Por que ele achou apropriado incluir este ritual na grande comissão? Assim como a aliança que Deus fez com Abraão foi selada com o sinal pactual da circuncisão, a nova aliança que Cristo fez com a igreja é selada com o sinal do batismo. O batismo comunica que nós fomos unidos a Jesus Cristo. Ele mostra que fomos purificados do pecado, regenerados pelo Espírito Santo, sepultados e ressuscitados com Jesus Cristo, dentre muitos outros significados. Deus promete que aqueles que têm fé no seu Filho, Jesus Cristo, participarão de todas as promessas, de todos os benefícios que Cristo garantiu. O batismo não é um sinal de fé; é um sinal da fidelidade de Deus em conceder seu Filho a todos os que creem. É por isso que os apóstolos não apenas pregavam, mas também batizavam pessoas e lares inteiros, isto é, todos aqueles que passavam a fazer parte do corpo de Cristo na igreja do primeiro século. Também é muito importante o fato de o batismo ser realizado na fórmula trinitária: Pai, Filho e Espírito Santo.

Por último, devemos ensinar. Jesus mandou que os discípulos ensinassem os outros a "guardar" – isto é, obedecer – "todas as coisas" que ele havia ordenado. Temos de tornar conhecido todo o conselho de Deus, inculcando-o no coração e na mente das pessoas.

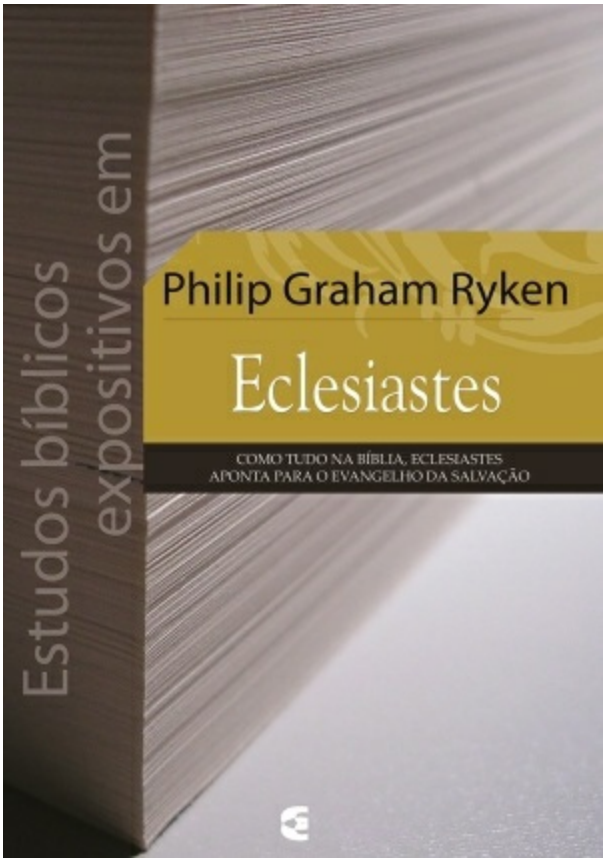
A presença de Cristo

Jesus não concluiu a grande comissão com esta admoestação final. Ele a finalizou com uma das promessas mais incríveis de todas: **E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século** (v. 20b). Ele garantiu aos discípulos que, aonde quer que fossem para cumprir sua missão, independentemente das fronteiras que viessem a cruzar – físicas, culturais, raciais, socioeconômicas e assim por diante – ele estaria junto. Embora tenha retornado ao céu, ele permaneceu com os discípulos em um sentido real. No que diz respeito à sua natureza humana, Jesus não está mais presente conosco. Ele está no céu, à direita de Deus. Contudo, no que se refere à sua natureza divina, a qual está perfeitamente unida à sua natureza humana em todos os momentos, ele nunca está longe de nós.

Cientes de que Jesus está sempre conosco, nenhum lugar deste planeta deveria nos amedrontar. Se ele estivesse ao nosso lado e dissesse: "Venha comigo", nós iríamos aonde quer que ele nos conduzisse. No entanto, por não podermos vê-lo, nem sempre vivemos como se Cristo estivesse conosco. Esta, entretanto, é sua promessa. Se ele a quebrasse, seria a primeira vez, pois Jesus não pode descumprir sua palavra. Ele não está presente apenas em nosso coração, em nossa consciência ou em nossas memórias. Ele está presente de verdade. O Senhor está sempre conosco.

Esta é a grande comissão. Qualquer igreja que aceita a comissão e trabalha para executá-la, confiando na promessa que ela contém, será um corpo abençoado de crentes.

Por último, Mateus encerra seu Evangelho com uma simples palavra: **Amém!** (v. 20c ARC). Assim como empregamos esta simples palavra para concluir nossas orações, Mateus também a utiliza para concluir seu Evangelho. Ela significa, basicamente: “Assim seja”. Esta é a declaração final do evangelista de que tudo o que ele escreveu é verdadeiro, e fazemos bem em aceitar a veracidade de seus registros.


Estudos bíblicos expositivos em
Philip Graham Ryken
Eclesiastes
COMO TUDO NA BÍBLIA, ECLESIASTES
APONTA PARA O EVANGELHO DA SALVAÇÃO

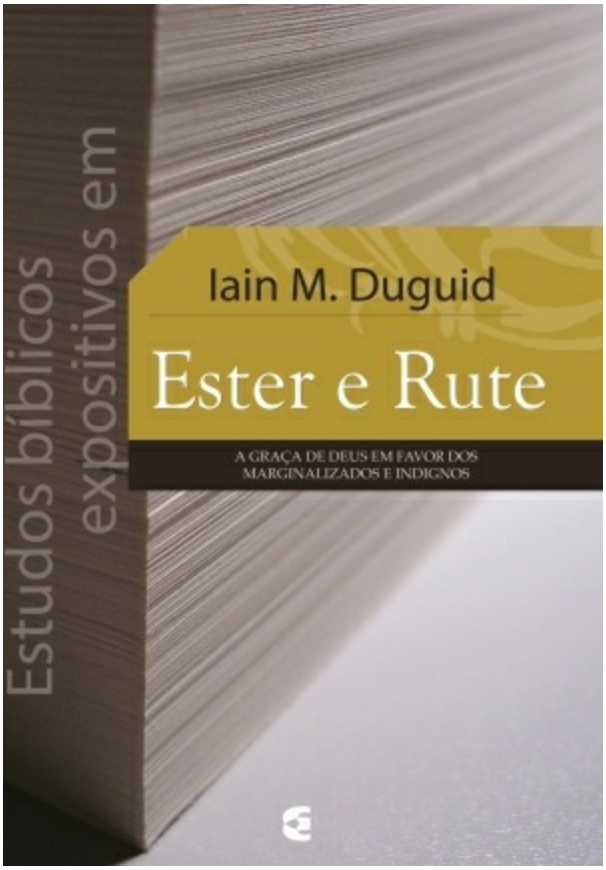
Estudos bíblicos expositivos em Eclesiastes

Graham Ryken, Philip
9788576228448
320 páginas

Compre agora e leia

Ao aconselhar-nos a não depositar nossa esperança em prazeres terrenos e em tesouros mundanos, Eclesiastes nos ensina a depositar nossa esperança em Deus. O livro nos lembra também, especialmente em seus últimos versículos, que o dia do juízo está se aproximando. Como tudo na Bíblia, portanto, Eclesiastes aponta para o evangelho da salvação. Nossa única segurança está na misericórdia de Jesus Cristo.

Compre agora e leia


Estudos bíblicos expositivos em
Iain M. Duguid
Ester e Rute
A GRAÇA DE DEUS EM FAVOR DOS MARGINALIZADOS E INDIGNOS

Estudos bíblicos expositivos em Ester e Rute

Duguid, Iain M.
9788576227090
192 páginas

Compre agora e leia

"Esta exposição é um favo de mel, doçura para a alma e cura para os ossos. O autor dá-nos uma boa dose de teologia saudável de modo relevante. De agora em diante vou exigir meus alunos a ler este comentário envolvente para sua edificação e alegria." Bruce Waltke

Compre agora e leia


"UM CLÁSSICO ESPIRITUAL"
J. I. PACKER
O CONHECIMENTO DE
DEUS
PARA UMA MAIOR COMPREENSÃO DE DEUS
PARA UM RELACIONAMENTO MAIS PRÓXIMO COM ELE
COM GUIA DE ESTUDO
UM DOS LIVROS CRISTÃOS MAIS IMPORTANTES E POPULARES DE NOSSO TEMPO

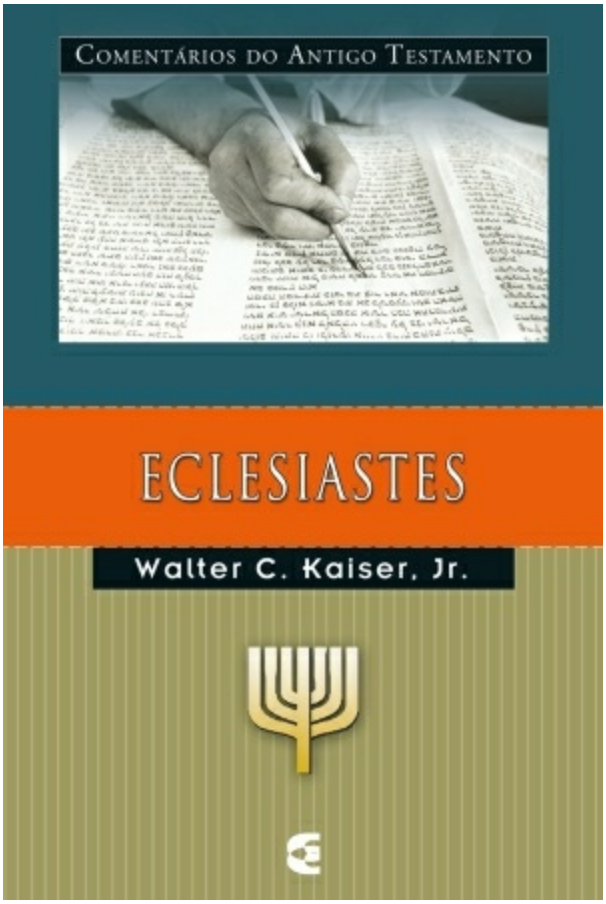
O conhecimento de Deus

Packer, J. I.
9788576226147
288 páginas

Compre agora e leia

O livro transformador de vidas de J. I. Packer tem aprofundado a fé o entendimento de milhões de pessoas em todo o mundo. Explicando quem é Deus e como podemos nos relacionar com ele, Packer divide seu livro em três partes: A primeira dirige nossa atenção para como e por que conhecemos a Deus. A segunda destaca os atributos de Deus. A terceira os benefícios usufruídos por aqueles que o conhecem intimamente.

Compre agora e leia


Comentários do Antigo Testamento
ECLESIASTES
Walter C. Kaiser, Jr.

Comentários do Antigo Testamento - Eclesiastes

Kaiser Jr., Walter C.
9788576225805
176 páginas

Compre agora e leia

O enfrentamento das mudanças. Talvez o aspecto mais importante da abordagem de Kaiser seja ele acreditar que Eclesiastes tem um esboço discernível e uma argumentação rastreável, e que o Pregador não era um velho rabugento e cínico que bebia vinagre no café da manhã. E isso faz diferença na maneira como entendemos Eclesiastes. Compre o seu exemplar e descubra como. - Dale Ralph Davir, Autor e expositor bíblico reconhecido, Tennessee.

Compre agora e leia


Paul David Tripp
Como viver com
esperança em Deus
neste mundo falido
Abrigo no temporal
Meditações sobre
Deus e o sofrimento
a partir do salmo 27

Abrigo no temporal

Tripp, Paul David
9788576226086
160 páginas

Compre agora e leia

"Um salmo pode realmente mudar a sua vida? Pode, se você se aprofundar o bastante em seu estudo. Abrigo no Temporal é Paul Tripp em sua melhor fase – escavando o salmo 27 com clareza, vigor e relevância conectada diretamente ao coração. Quando os problemas baterem à porta, faça um favor a si mesmo: deixe este livro ensiná-lo como entesourar nada menos que 52 verdades transformadoras de vida vindas deste salmo repleto de graça." Dave Harvey

Compre agora e leia